

TESE DE DOUTORAMENTO

**EDUCAÇÃO E SUBJETIVIDADE: AS
REPRESENTAÇÕES DE
PROFESSORES E ALUNOS SOBRE O
PROCESSO ENSINO
APRENDIZAGEM, ENCONTROS E
DESENCONTROS**

Emerson Miguel da Cruz

ESCOLA DE DOUTORAMENTO INTERNACIONAL DA UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

PROGRAMA DE DOUTORAMENTO EN EDUCACIÓN

SANTIAGO DE COMPOSTELA

2021





DECLARACIÓN DEL AUTOR DE LA TESIS

EDUCAÇÃO E SUBJETIVIDADE: AS REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM, ENCONTROS E DESENCONTROS.

Emerson Miguel da Cruz

Presento mi tesis, siguiendo el procedimiento adecuado al Reglamento, y declaro que:

- 1) La tesis abarca los resultados de la elaboración de mi trabajo.*
- 2) En su caso en la tesis se hace referencia a las colaboraciones que tuvo este trabajo.*
- 3) La tesis es la versión definitiva presentada para su defensa y coincide con la versión enviada en formato electrónico.*
- 4) Confirmo que la tesis no incurre en ningún tipo de plagio de otros autores ni de trabajos presentados por mí para la obtención de otros títulos.*

En Santiago de Compostela, ---- de ----- de 202--.

Asdo.

AUTORIZACIÓN DEL TITOR Y DIRECTOR DE LA TESIS

EDUCAÇÃO E SUBJETIVIDADE: AS REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM, ENCONTROS E DESENCONTROS.

Dr. Miguel Angel Zabalza Beraza (USC/España)

INFORMA:

*Que la presente tesis, corresponde con el trabajo realizado por **Emerson Miguel da Cruz**, bajo nuestra dirección, y autorizamos su presentación, considerando que reúne los requisitos exigidos en el Reglamento de Estudios de Doctorado de la USC, y que como director de ésta no incurre en las causas de abstención establecidas en Ley 40/2015.*

En Santiago de Compostela, -- de ---- de 202--.

Asdo.

Dr. Miguel Angel Zabalza Beraza

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família: a minha esposa Kiara, aos meus filhos Emerson Felipe e Joýo Victor, ao meu pai Joýo Miguel, a minha mýe Aniroazi e aos meus irmýos Anderson, Wellerson e Andréa.

Esta dedicatória a minha família (pude ver isso mais claramente por ter me dedicado a estudar a subjetividade) se justifica por este coletivo de pessoas serem os principais responsáveis por eu ser a pessoa que sou hoje. A meu pai Joýo Miguel esta dedicatória reside, principalmente, no fato dele ter me servido de inspiraçýo ao me mostrar que o conhecimento é uma forma de poder; e, também, pelo seu exemplo de ser uma pessoa sempre disposta a aprender; sou especialmente grato por ele ter dividido comigo essas atitudes e o gosto em comprar livros. A ele também atribuo uma máxima que até hoje é referência para minha forma de olhar o mundo: ***“Se for fazer alguma coisa sempre faça o melhor possível!”***. A minha mýe esta dedicatória se reside no fato dela ter nos habituado a ler e a nos empenhar nos estudos, por mais que, ela própria, nýo tenha tido essa oportunidade; o carinho e o apoio que ela sempre nos deu (e algumas varadas de amora), foram uma forte sustentaçýo para nos mantermos firmes e superarmos as dificuldades do processo educativo e da própria vida. Aos meus irmýos, esta dedicatória é por termos dividido uma infinidade de aprendizados e histórias que nos marcaram como sujeitos e nos fizeram ser quem somos hoje.

A minha esposa Kiara esta dedicatória é por ela estar do meu lado desde que eu concluí meu mestrado e continuar me dando apoio para que eu pudesse concluir meu doutorado; mas especialmente por crescermos juntos como pessoas enquanto realizamos nossa tarefa de educarmos nossos filhos, sempre tentando dividir com eles tudo o que pudemos aprender. E para o meus filhos Emerson Felipe e Joýo Victor esta dedicatória é porque eles sýo, um dos principais motivos, que me levam a querer continuar melhorando profissionalmente e como pessoa; eles servem de inspiraçýo para tudo o que eu aprendo e penso sobre educaçýo; pois fico analisando as formas pelas quais eles aprendem e tentando achar formas de dividir meus aprendizados com eles. Acredito que o conhecimento e o acesso à educaçýo podem de fato tornar as pessoas melhores e abrir espaço para seu desenvolvimento cultural e social, pois pude ver isso se materializar na minha história e na da minha esposa. Espero que a educaçýo também possa fazer a diferença na vida dos meus filhos.

AGRADECIMENTOS

Quero deixar registrado para posteridade a história de como eu cheguei ao privilégio de ter tido a orientação do meu trabalho feita pelo Doutor Miguel Zabalza. A uns sete anos atrás quando decidi que iria fazer um doutorado, mesmo que para isso tivesse que deixar de ser professor da PUC, comecei a cursar uma disciplina do programa de doutorado da referida universidade, para, assim, começar a sistematizar meu projeto de pesquisa. Nesta disciplina (Metodologia do ensino superior) um dos livros indicados era “O ensino universitário: seus cenários e seus protagonistas”, do qual o autor era Miguel Zabalza. Anos depois, quando já havia sido aprovado para cursar o doutorado na USC (Universidade de Santiago de Compostela), fui assistir a uma palestra do Doutor Miguel Zabalza na UFG (Universidade Federal de Goiás), e lá lhe contei que iniciaria o curso na USC; lhe pedi o autógrafo, naquele livro, da disciplina que eu havia cursado anos atrás. Neste dia ele me perguntou quem seria meu orientador, e eu disse que ainda não tinha um. Meses depois quando fui para Espanha iniciar meus estudos, a direção do programa de doutoramento nos solicitou que sugeríssemos o nome, de um professor da USC, para nos orientar em nosso trabalho; eu sugeri o nome do Dr. Miguel Zabalza e ele aceitou. Portanto, agradeço sinceramente, ao meu diretor de tese, Doutor Miguel Zabalza, por ter me aceitado como orientando, sem mesmo me conhecer, e por ter me dado autonomia para desenvolver o trabalho, mas uma autonomia sempre acompanhada de orientações que me mantiveram no rumo certo. Obrigado e espero que possamos continuar trabalhando juntos.

Agradeço também aos diretores do IFG (Instituto Federal de Goiás) e da USC (Universidade de Santiago de Compostela) pela parceria que foi firmada entre estas importantes instituições de ensino, parceria esta que me possibilitou realizar este projeto.

Agradeço aos doutores: Alcir Vianna Alves, Frederico Jorge Saad Guirra, Guillermo de Ávila Gonçalves, Made Junior Miranda, Tadeu João Ribeiro Baptista por suas valiosas contribuições como pareceristas dos meus instrumentos de pesquisa, obrigado pela atenção e pela presteza.

E um agradecimento especial a todos os professores e alunos que se dispuseram a participar da pesquisa; as suas ideias ficarão registradas para posteridade; espero que sejam úteis para contribuir com o aprendizado de outras pessoas.

EPÍGRAFE

A fé remove montanhas

O conhecimento nos abre túneis

Nos revela as profundezas dos mares

Nos transporta aos lugares mais distantes do espaço

Nos leva ao âmago da alma, para conhecermos mais de nós mesmos

Para construirmos um mundo melhor é preciso ter fé no que nós ainda podemos

APRENDER

(Mhesço 1555)



RESUMO:

As cuestións planeadas por nós como obxecto de investigación xorden das nosas experiencias como profesor de educación física. Esta área de coñecemento, en termos didácticos, presenta metodoloxías diferentes ás empregadas tradicionalmente polo profesorado noutras materias de educación básica. Cada un dos alumnos coas súas características peculiares, ao expresar a súa unidade corpo / mente, presenta diferentes xeitos de reaccionar ao proceso de ensino-aprendizaxe. As diversas reaccións presentadas forman parte dun proceso complexo que non se limita á recepción pasiva de contidos mediados polos profesores. Cando me fixen docente en educación superior, traballando coa formación do profesorado durante case quince anos na PUC Goiás (Pontificia Universidade Católica de Goiás), puiden ver que esta apaixonada relación co proceso de ensino-aprendizaxe tamén se producía dentro da "aula" da universidade; aínda que dun xeito máis restrinxido, os aprendices amosaron diferentes comportamentos en relación coa disciplina e os contidos desenvolvidos: pracer, noxo, adhesión, indiferenza, negación etc.

Esta percepción empírica presentada anteriormente apareceu tamén nos conceptos de praxe pedagóxica que estudamos nos libros de texto sobre didáctica; destas ideas, destacamos o feito de que a aprendizaxe pasa polo corpo físico e, certamente, non ten lugar só en procesos cognitivos. Os resultados da aprendizaxe realízanse dentro da aula, a través das relacións establecidas entre os participantes neste proceso (estudantes, profesores e comunidade académica) e entre todos eles no marco do proceso de ensino-aprendizaxe. Motivado por estas percepcións, decidín rastrexar no meu itinerario formativo fóra da especificidade da educación física e centrarme nas áreas de didáctica e metodoloxía. Varias preguntas seguen a instigarme, pero neste complexo contexto que é a educación, onde converxen, dialogan ou se opoñen varias áreas do coñecemento, chamoume máis a atención unha liña temática: quen son estes individuos que aprenden? Por que o mesmo "coñecemento" e o mesmo profesor presentaron reaccións tan diferentes?

A perspectiva desde a que abordaremos o tema da educación e do proceso de ensino-aprendizaxe e, dentro disto, a relación profesor / alumno. Baseámonos teoricamente nos achegas de Freire (1987) e Libâneo (2014). Entendemos que a cultura, en todos os seus matices, é a expresión da acción do ser humano sobre a natureza e esta acción, obxectivada de varias maneiras, é a referencia a partir da cal se constitúe subxectivamente este mesmo ser humano. Neste movemento hai unha dialéctica clara entre construír e deconstruír, unha dialéctica que caracteriza o proceso histórico de transformación, tanto da cultura como do propio ser humano.

Esta dinámica entre ser suxeito e obxecto da cultura é a nosa primeira referencia epistemolóxica; entendemos que implica a dialéctica entre obxectividade e subxectividade, representada polos aspectos subxectivos que caracterizan as particularidades de cada individuo na súa relación coa obxectividade do mundo que o rodea. A dialéctica entre obxectividade / subxectividade é a nosa segunda referencia epistemolóxica. Tamén temos como condicionante a formación da identidade do individuo e da propia cultura, as

relacións intersubxectivas que caracterizan a vida nos grupos humanos, e esta é a nosa terceira referencia epistemolóxica.

Entendemos a educación como un elemento central na constitución cultural do ser humano, xa que ensinar e aprender, en todas as súas formas e posibilidades, é o motor do proceso de hominización, é o medio desde o que compartimos os coñecementos acumulados polas xeracións anteriores coas novas xeracións, e así damos sentido e movemento á historia humana.

Dentro de toda esta lóxica sistémica que representa a organización formal do ensino, é necesario considerar que nela se desenvolve unha intensa relación humana, que se concreta a partir da intersección de diferentes culturas. O profesor é un dos axentes deste universo multicultural e, en esencia, é o encargado de executar o proceso intencional da educación. Proceso no que necesita interactuar con dúcias de estudantes, cada un deles coas súas particularidades: intelectual, emocional, cultural e social. Interacción entre suxeitos e cultura que da identidade á escola, á aula e, polo tanto, ao proceso de ensino-aprendizaxe.

Nos paradigmas tradicionais de educación o proceso educativo é pensado a partir da no persoalización das relacións e da imposición dos contidos a un suxeito pasivo. As percepcións, emocións, motivacións e actitudes dos suxeitos implicados son negligenciadas ou até desconsideradas. O paradigma que utilizamos para dar sustento ao noso traballo busca evidenciar exactamente o contrario: para nós, esa impersoalidade e pasividade non existen, entendemos que os suxeitos que protagonizan o proceso de ensino e aprendizaxe, tanto profesores como alumnos, son únicos, asumen de forma activa e persoal a tarefa de ensinar e aprender, e manteñen cada un deles a súa maneira peculiar de enxergar o mundo.

O problema:

A nosa investigación ten como foco principal a expectativa de comprender como cada un destes suxeitos se presenta e representa a si mesmo como participante do proceso de ensino-aprendizaxe e como compoñen ou se opoñen á construción das realidades obxectivadas na aula. Estas realidades constrúense a partir dos enfrontamentos e diálogos desenvolvidos en varios niveis e direccións: profesor-alumno, alumno-profesor, alumno-alumno, profesor-profesor. Así, o noso problema de investigación pode concretarse en: cales son as principais representacións que fan alumnos e profesores sobre o proceso de ensino-aprendizaxe no ensino medio?; cales son as converxencias e diverxencias entre elas?; como interveñen estas representacións na interacción entre estes suxeitos?; como interfere iso no proceso de ensino-aprendizaxe?

Obxectivos:

A nosa investigación ten como obxectivo xeral analizar aspectos da subxectividade e das representacións sociais dos alumnos e profesores sobre o proceso de ensino / aprendizaxe. En particular: as súas percepcións, as súas motivacións e as súas actitudes ante este contexto.

E temos como obxectivos específicos:

- Analizar a importancia que os estudantes e os profesores conceden á educación.
- Investigar o que motiva aos estudantes a estudar.
- Investigar o que motiva os profesores a ensinar.
- Investigar o que as diversas materias destacan como puntos positivos e negativos no proceso de ensino-aprendizaxe.
- Investigar se houbo persoas ou institucións que influíron positivamente ou negativamente na relación do alumno coa docencia.
- Investigar o que os alumnos entenden como un bo profesor e o que os profesores entenden como un bo alumno.
- Investigar se os profesores poden entender aos seus alumnos e se saben axudalos a aprender.
- Investigar as características da relación entre profesores e alumnos.

O estado da arte:

Mesmo que utilizando diferentes enfoques e metodoloxías de análise, as relacións entre educación, subxectividade e representacións sociais constitúen un espazo científico que, cada vez máis, atrae o interese da comunidade académica. As publicacións de artigos sobre esta temática comezaron a multiplicarse a partir dos anos noventa, sendo o maior número de producións no ano dous mil oito.

Os fondos de produción científica da USC utilizáronse como fontes de investigación, especialmente a base de datos Dialnet, a biblioteca electrónica SciELO (Scientific Electronic Library) e tamén o Google Scholar. Ao realizar a busca con 3 palabras clave (educación, subxectividade e representacións sociais) conseguimos unha lista de aproximadamente 200 artigos. Tras un primeiro proceso de revisión rápida e triaxe, seleccionáronse sesenta artigos para continuar cunha análise máis profunda. Deses artigos, 28 estaban en lingua portuguesa, 24 en español e 8 en inglés. Cremos que unha das razóns que xustifican o feito de que obtivemos un número menor de artigos en lingua inglesa débese a un problema terminolóxico, xa que as palabras clave empregadas nas buscas non se usaban habitualmente nos artigos producidos en lingua inglesa.

Metodoloxía:

Temos claro que as representacións sociais e a subxectividade son elementos complexos a investigar, xa que son fenómenos que están en constante cambio. A nosa investigación analiza esta relación dialéctica entre obxectividade e subxectividade dentro da educación. Xa que logo, optamos por un enfoque dentro do paradigma interpretativo cun corte transversal e con características cuantitativas e cualitativas. O noso traballo desenvolveuse a partir da investigación de campo, que se dividiu en dúas fases. A primeira fase se concretou na aplicación dun cuestionario para estudantes; a segunda fase dividiuse en dúas partes: entrevistas con profesores e entrevistas con alumnos.

Decidimos iniciar o proceso de investigación cun cuestionario aos estudantes co obxectivo de establecer unha perspectiva expandida sobre o problema (motivo polo que empregamos un enfoque máis cuantitativo). Tras esa primeira aproximación para definir as

temáticas e os asuntos a considerar, iniciamos a segunda fase destinada a construír unha visión máis profunda das percepcións de docentes e estudantes (empregamos un método máis cualitativo). Entendemos que, deste xeito, podíamos reflexionar sobre as posicións individuais con respecto a cada tema sen perder a noción de totalidade. Ese foi o motivo para empregar dous tipos de instrumentos de investigación mencionados: cuestionarios e entrevistas. A través dos cuestionarios chegamos a un total de 140 suxeitos que, nesta primeira fase da investigación eran estudantes. A través das entrevistas, que corresponden á segunda fase da investigación, chegamos a 36 suxeitos, sendo 16 profesores e 20 alumnos. Todos os instrumentos de investigación, tanto o cuestionario como os guións da entrevista, foron desenvolvidos polo propio investigador e revisados por xuíces. Os datos cuantitativos organizáronse utilizando follas de cálculo de Microsoft Excel e as entrevistas organizáronse e clasificáronse mediante o software NVivo.

Marco teórico, algúns conceptos centrais:

Aquí presentaremos algúns conceptos centrais para o desenvolvemento do noso proxecto: *educación, aprendizaxe, motivación, valores / actitudes e representacións sociais*.

A educación, como un amplo e multidimensional proceso de formación humana, ten lugar en todo momento e en diferentes lugares; sen dúbida é o elemento central do noso proceso de construción da identidade persoal e cultural. Como referencia conceptual da nosa perspectiva sobre a educación, presentaremos algunhas das teses de Libáñez:

A educación é un concepto amplo que se refire ao proceso de desenvolvemento "integral" que implica a formación de cualidades humanas - física, moral, intelectual, estética - á vista da orientación da actividade humana na súa relación co medio social, nun contexto determinado de relacións sociais. A educación corresponde, xa que logo, a calquera modalidade de influencias e interrelacións que converxa na formación de trazos de personalidade e carácter social, o que implica unha concepción do mundo, ideas, valores, formas de actuar, que se traducen en conviccións ideolóxicas, morais, políticas, etc. principios de acción ante situacións reais e retos da vida práctica. (Libáñez 1994, pp. 22-23)

Os nosos conceptos sobre a aprendizaxe tamén están apoiados polas teorías de Libáñez (1994, 2013 e 2014);

A aprendizaxe escolar ten un vínculo directo co ambiente social que circunscribe non só ás condicións de vida dos nenos, senón tamén a súa relación coa escola e o estudo, a súa percepción e a comprensión dos temas. A consolidación do coñecemento depende do significado que levan en relación coa experiencia social de nenos e mozos na familia, no ambiente social, no traballo. (Libáñez, 2013, p. 94)

A aprendizaxe escolar está influenciada por factores afectivos e sociais, como os que motivan o estudo, os que afectan ás relacións profesor-alumno, os que interfiren coas disposicións emocionais dos alumnos para afrontar as tarefas escolares, os que contribúen ou dificultan a formación de actitudes positivas por parte dos estudantes fronte ás súas capacidades e fronte aos problemas e situacións da realidade e ao proceso de ensino e aprendizaxe. (Libáñez, 2013, p. 93)

A aprendizaxe escolar tamén está ligada á motivación dos estudantes que indica os obxectivos que están a buscar. A motivación é intrínseca cando se trata de obxectivos internos, como a satisfacción de necesidades orgánicas ou sociais, a curiosidade, a aspiración ao coñecemento; a motivación é extrínseca cando se estimula a acción desde fóra, como os requirimentos da escola, a expectativa de

beneficios sociais que pode traer o estudo, a estimulación da familia, do profesor ou doutros colegas. (Libáncio, 2013, p. 95)

En resumo, temos factores externos e internos relacionados mutuamente en situacións didácticas. . . . Os estudantes, á súa vez, teñen no seu organismo físico-psicológico medios internos de asimilación activa, medios que constitúen o conxunto das súas habilidades cognitivas, tales como: percepción, motivación, comprensión, memoria, atención, actitudes, coñecemento xa dispoñible. (Libáncio, 2013, p. 90)

Traeremos aquí algúns conceptos sobre a motivación e a súa relación co proceso educativo. Pintrich e Schunk (2006) preséntanos unha análise de como o ambiente concreto da aula e outros factores relacionados con este contexto poden modelar ou influír na motivación dos alumnos. Estes autores observan que os estudos sobre este tema deixaron de centrarse na perspectiva de resposta ao estímulo e comezaron a investigar a intervención de: crenzas, cognicións, afectos e valores nos procesos motivacionais. Os autores consideran que a motivación impregna todos os aspectos do proceso de ensino-aprendizaxe e que os profesores non só deben preocuparse por impartir coñecementos e habilidades docentes, senón que tamén deben promover un ambiente motivador para a aprendizaxe. A perspectiva desde a que os autores abordan o tema da motivación e da aprendizaxe considera que os alumnos son axentes activos, creadores de coñecemento e non receptores pasivos. Os autores consideran que a motivación afecta á maioría dos aspectos relacionados coa escolarización e, en boa medida, determinan o rendemento dos alumnos. Pintrich e Schunk (2006) entenden que a motivación pode afectar a nova aprendizaxe, a implementación de habilidades xa aprendidas, as estratexias e comportamentos dos aprendices. E que inflúe así mesmo no "que", no "cando" e no "como" aprendemos. Cren que os estudantes, cando están motivados, son máis propensos a comprometerse co proceso de aprendizaxe. Entenden que hai unha acción recíproca entre a aprendizaxe e a motivación, onde a motivación inflúe na aprendizaxe e a aprendizaxe afecta á motivación.

Traeremos aquí algúns conceptos sobre valores e actitudes e a súa relación co proceso educativo. Escámez Sánchez (2007, a nosa tradución) considera que o estudo dos valores detrás das actitudes ligadas aos procesos de aprendizaxe poden ser as pontes que faltan para entender ben as relacións entre sentimento e intelixencia, entre acción e emoción e entre xuízos e sentimento. Comprende que os valores se aprenden observando a conduta dos membros da familia, dos socios ou dos líderes sociais. O autor considera que as culturas difiren entre si, exactamente, polos valores que asumen e o grao de relevancia que se dan entre si. O autor entende que os valores son crenzas duradeiras, pero non inamovibles. Observa que, polo tanto, os sistemas de valores, a pesar das variacións en duración, son flexibles ata o punto de proxectar as súas prioridades fronte a unha nova aprendizaxe.

Presentamos aquí algunhas ideas que nos permiten compor un concepto amplo do que sexan os valores:

O valor é unha concepción do que é preferible ao contrario ou ao contradictorio. . . . Aprende o suxeito dentro do seu grupo ou sistema social ao que pertence. . . . O que é preferible é sempre unha concepción persoal, é a concepción dun suxeito, aínda que a súa atribución pode estar relacionada co propio individuo, cos demais ou cun grupo social. . . . Aínda que o valor ten a súa orixe nunha influencia social, é

o suxeito quen o adoptou; algo que foi elaborado e asumido persoalmente como preferible, a partir do seu contexto social. (Escámez Sánchez 2007, pp. 24 e 25, a nosa tradución)

Observamos que segundo Zabalza (2000), os valores teñen unha estreita conexión coas actitudes. Considera que as actitudes teñen un compoñente de valor que se corresponde coa cristalización dos valores asumidos por un individuo. O autor entende que as actitudes son un conxunto sistemático de crenzas e cognicións que teñen unha carga afectiva e que se colocan a favor ou en contra dun obxecto social específico e que predispón a unha acción coherente con estas crenzas, cognicións e afectos.

Aínda segundo Zabalza (2000, p. 23);

Cando falamos de actuar, referímonos non só a facer cousas, senón tamén a expresar e desenvolver certos movementos ou comportamentos vinculados ao obxecto da actitude (ás veces poden ser inconscientes, como por exemplo, avermellarse a cara dunha persoa cando se fala cunha persoa do sexo oposto ou poñerse a tremer diante dun can). Por outra banda, esta actuación tende a expresar movementos de pracer ou desagrado (ou de aproximación - retirada; aceptación - rexeitamento, etc.). Isto significa que sempre hai un aspecto emocional que converte a reacción en algo cargado de enerxía positiva ou negativa. Por iso, as actitudes adoitan presentarse como procesos dicotómicos, con tensións bipolares que ás veces tenden a achegarse e outras a afastarse do obxecto sobre o que se proxecta a actitude.

Nesta parte do noso texto presentaremos algúns conceptos sobre as representacións sociais, mostrando o movemento que fai cada suxeito entre a súa capacidade de percibir o mundo e a forma en que o representa.

Empregaremos as teses de Moscovici como referencia para o noso concepto de representacións sociais. Segundo Moscovici (2015), as representacións sociais están apoiadas pola comunicación e constitúen a realidade da nosa vida diaria. O autor entende as representacións sociais como unha forma de estudar: como e por que a xente comparte coñecemento e crea así as súas realidades comúns e como transforman as ideas en prácticas. O autor considera que o coñecemento nunca é unha simple descrición da realidade, senón que o coñecemento sempre se produce dun xeito interactivo e exprésase en función dos intereses que nel están implicados; "O coñecemento xorde das paixóns humanas e como tal nunca é desinteresado".

Para Moscovici (2015), as representacións sociais son case tanxibles. No seu desenvolvemento circulan, entrelazan, transforman e cristalizan dentro da nosa vida diaria. O autor explica que este xeito de analizar a sociedade busca avanzar en relación aos enfoques que miraban a un suxeito individual, illado dun contexto, para entendelo como parte dun contexto social e, neste sentido, descubrir como se replica esta sociedade ou xiros. O autor entende que as representacións sociais son produtos dun grupo específico que se dedica a elas e considera que a diversidade de representacións reflicte a heteroxeneidade da sociedade moderna e que isto está ligado a unha distribución desigual do poder dentro destas sociedades.

Resultados:

Nesta táboa a continuación presentamos algúns factores que interveñen na construción das actitudes dos alumnos cara á educación con respecto á motivación. A intención é definir cales son os máis motivadores e os que máis desaniman aos alumnos.

Táboa 1.
Factores que máis motivan e factores que máis desincentivan o compromiso do alumno no proceso de ensino-aprendizaxe.

% FACTORES POSITIVOS		% FACTORES NEGATIVOS	
21,01	Busca unha boa carreira.	21,11	Desinterese polo contido.
15,87	Busca un bo adestramento persoal.	15,16	Falta de empatía do profesor.
12,94	Calidade do profesorado.	13,48	Falta de empatía co profesor.
11,59	Interese polo contido.	12,75	Mala institución educativa.
10,91	Aprobación no curso académico.	12,63	Cobrando os resultados.
10,6	A calidade da institución educativa.	10,18	Sen saber o que queres do futuro.
8,91	sacar boas notas.	7,68	Desinterese polos estudos.
8,17	Motivación propia.	7,02	Falta de empatía cos compañeiros.

Fonte: Elaboración propia.
Nota: os factores sitúanse nunha orde xerárquica de relevancia e á esquerda deles os seus valores porcentuais.

Nesta figura presentamos a autopercepción do alumno en relación co proceso de ensino-aprendizaxe, xa que, como a educación é un proceso que presupón, cando menos, a interacción entre dúas persoas, o alumno, certamente, ten a súa responsabilidade na calidade con que se desenvolve o proceso. Pareceunos relevante, polo tanto, investigar como os estudantes se avalían a si mesmos.

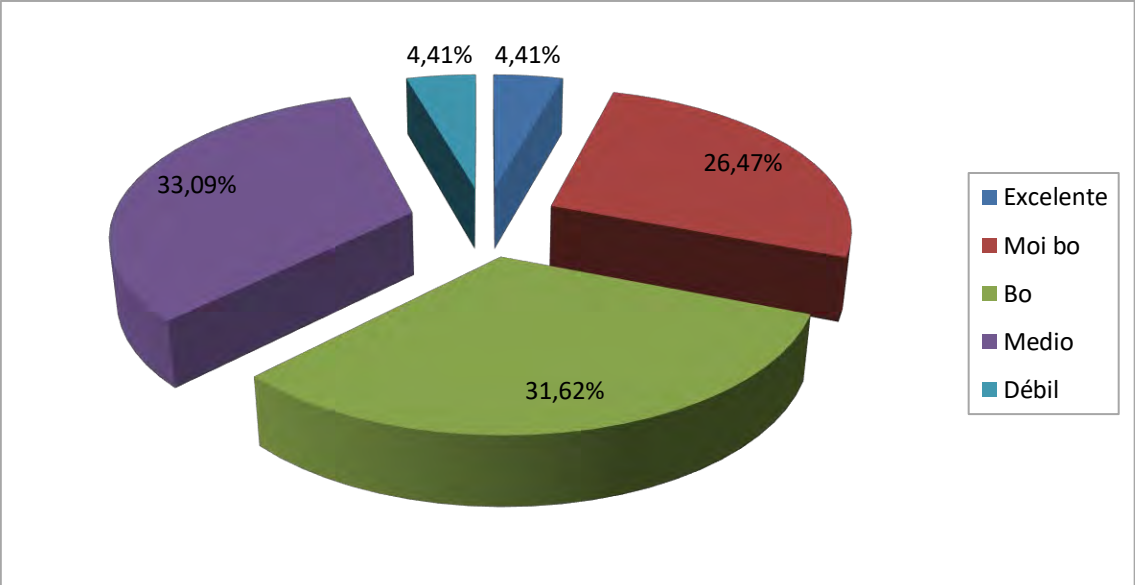


Figura 1. Autoavaliación dos suxeitos da investigación sobre a súa calidade como aprendiz.
Fonte: Elaboración propia.

Xa se esperaba a dirección positiva en relación á importancia do profesor, pero o que nos chama a atención é como foi case unánime e tamén o grao de intensidade desta importancia.

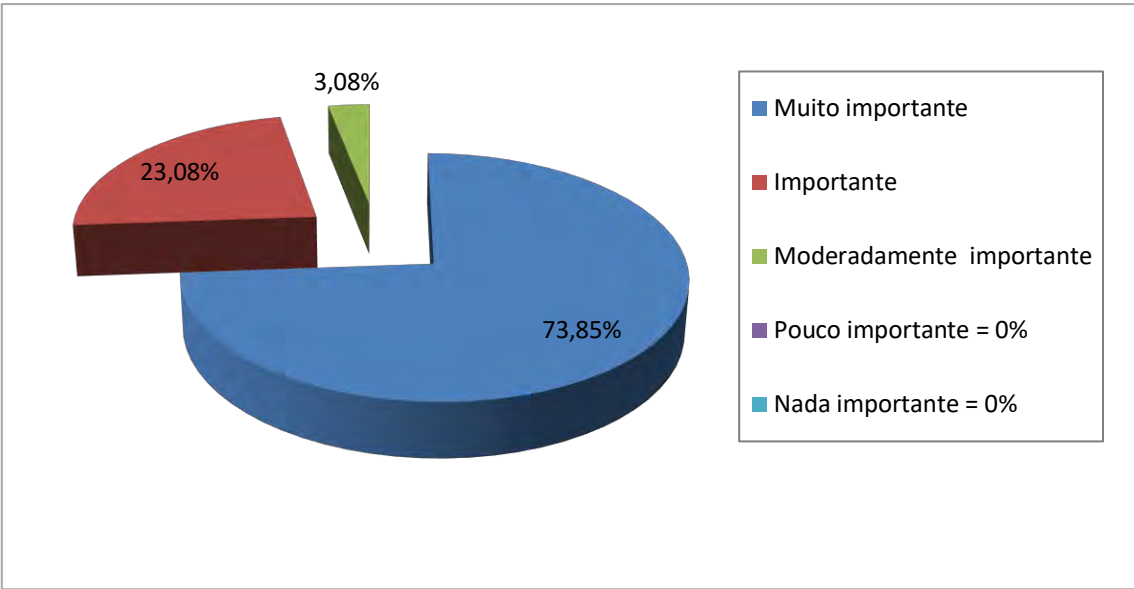


Figura 2. Nivel de importancia atribuído ao papel do profesor no proceso de ensino-aprendizaxe.
Fonte: Elaboración propia.

En canto aos resultados obtidos na fase 2 da investigación, presentaremos en resumo as ideas dos profesores e alumnos entrevistados.

De xeito hexemónico, os profesores entrevistados presentan as seguintes concepcións sobre a educación, aínda que o digan con palabras diferentes: a educación pode ser o tema da cidadanía e da vida na sociedade, sen aceptar que se limite a unha acumulación de contido ou coñecemento científico, senón un medio de formación humana; 15 dos nosos suxeitos entrevistados presentáronnos ideas ao respecto. Dous suxeitos destacaron a ambivalencia contida no proceso educativo, xa que entenden que pode ser transformador, pero ao mesmo tempo pode servir como instrumento de control. Outros dous suxeitos consideran que este modelo educativo é un medio para perpetuar as desigualdades sociais. Catro dos nosos entrevistados sinalan que a familia, como un dos principais grupos sociais responsables da calidade da educación, non está estruturada e entenden que isto é negativo; e un deles considera que a sociedade intentou trasladar ao colexio e ao profesor a responsabilidade de proporcionar aos alumnos a formación educativa que debería proceder do ámbito familiar.

Os estudantes presentáronnos algunhas concepcións sobre a educación que, incluso con diferentes enfoques, demostraron ser hexemónicas. Entenden a educación como un desenvolvemento humano e testemuñan que este proceso lles ocorreu a eles porque tiveron acceso a ela; 14 dos 20 estudantes entenden a educación como un proceso que dalgún xeito lles permitiu ver o mundo doutro xeito, permitíndolles unha evolución como suxeito, desde a capacidade de comprender mellor o mundo ata o desenvolvemento dun sentido crítico. A educación tamén se ve como un proceso de formación para o traballo (14 suxeitos); deste grupo, 3 consideran que non os preparou para o traballo, 3 cren que están preparados e outros 3 pensan que esta preparación é parcial; os outros 5 suxeitos, a pesar de considerar que un dos obxectivos principais do proceso educativo é a preparación para o traballo, non deixaron claro se realmente se consideran preparados ou non. Entenden que o proceso educativo non é unha preparación restrinxida aos contidos escolares, senón que é unha

preparación para a vida (11 suxeitos); os outros suxeitos deixaron esta idea implícita nos seus discursos. Só un dos 20 suxeitos considera que a educación recibida non contribuíu nada á súa vida fóra da escola. Outro elemento que se destaca como importante no proceso educativo é a formación do suxeito para vivir en sociedade (10 respostas). O principal efecto percibido neste contexto é a capacidade de entender ao outro e a súa forma de ver o mundo. Outro aspecto moi rechamante é que consideran que a educación pública, especialmente nos sistemas estatais e municipais, non é de boa calidade (8 suxeitos); tres subliñan que esta calidade pode ser boa ou mala segundo a clase social do aprendiz e as escolas ás que ten acceso. Un suxeito considera a educación pública de calidade media e só un considerada boa a educación pública; os outros non fixeron unha análise directa da calidade das escolas, pero deixan implícito nas súas afirmacións que deixa bastante que desexar.

Consideracións finais:

Os nosos resultados foron capaces de cumprir practicamente todos os obxectivos que enumerabamos ao comezo do noso traballo e, ao enfrontalos cos nosos supostos de investigación, puidemos ver que algúns deles estaban confirmados totalmente, outros parcialmente e nalgúns estamos os resultados contradín o suposto inicial.

A forma en que os suxeitos participantes representan a educación trae elementos moi similares tanto para profesores como para estudantes: a entenden como algo valioso e importante; co potencial de transformar cada estudante individualmente e a sociedade no seu conxunto. Corroborouse, por tanto, en varios momentos do noso traballo a nosa suposición de que profesores e estudantes consideran a educación como importante para o futuro persoal e profesional dos estudantes. Non podemos deixar de sinalar que esta avaliación positiva pode diluírse debido a situacións obxectivas como a percepción dos estudantes en relación ao abandono co que os poderes públicos tratan a educación ou, incluso, por problemas de relación entre profesor e alumno.

As principais influencias dos alumnos para constituír as súas representacións, as súas actitudes e comportamentos cara á educación proceden de pais e profesores e o grao de importancia atribuído ás influencias causadas polos profesores foi moito maior do que inicialmente imaxinabamos.

Concluímos que profesores e estudantes mostran máis converxencias que diverxencias nas súas representacións sobre a educación; dálle un alto valor á educación; considéranla transformadora; están motivados para participar no proceso de ensino-aprendizaxe; e considérano importante para o futuro dos estudantes.

Consideramos que o exercicio académico de extraer conclusións dunha investigación de campo que empregou máis de cen cuestionarios e máis de catrocentas páxinas de transcripción de entrevistas non foi unha tarefa doada; cremos que conseguimos chegar a un bo porto, pero tamén temos claro que a riqueza que nos trouxeron as entrevistas non podería contemplarse plenamente neste traballo e que moitos elementos que neste momento non se empregaron poden servir para outras producións científicas.

RESUMO

O nosso trabalho investiga as representações de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem. O objetivo geral de nosso trabalho foi investigar aspectos da subjetividade e das representações de professores e alunos sobre o processo de ensino-aprendizagem; especialmente suas: percepções, motivações e atitudes frente a esse contexto. Nossa pesquisa foi dividida em duas fases. Na primeira fase foi aplicado um questionário a 140 alunos. A segunda fase foi dividida em duas partes: na parte um realizamos entrevistas com 16 professores; e na parte dois realizamos entrevistas com 20 alunos. Os sujeitos da pesquisa foram alunos e professores do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Dos 140 questionários aplicados na primeira fase da pesquisa utilizamos 129 para compor nossos resultados; sendo 59 mulheres e 70 homens, com média de idade de 16,8 anos. Da parte um, da segunda fase, participaram 16 professores; sendo: 5 mulheres e 11 homens, 11 doutores e 5 mestres; com tempo de experiência de trabalho variando entre 10 e 35 anos. Da parte dois, da segunda fase, participaram 20 alunos; sendo: 11 homens e 9 mulheres, com média de idade de 17,6 anos. Tanto professores quanto alunos atribuem muito valor a educação, consideram-na como um instrumento de mudança social; consideram que a educação no Brasil não é de boa qualidade; para os professores os elementos que mais lhes motivam são: a percepção de que seu trabalho contribui para a evolução dos alunos e a inter-relação com os alunos; para os alunos os elementos mais motivadores para se engajarem no processo ensino aprendizagem são: a expectativa de melhoria da qualidade de vida, e os exemplos e apoio, de pais e professores. Concluímos que professores e alunos apresentam mais convergências do que divergências nas suas representações sobre educação; atribuem alto valor a educação; consideram-na transformadora; são motivados para se engajarem no processo ensino aprendizagem; e consideram que ela seja importante para o futuro dos alunos.

Palavras-chave: Educação. Subjetividade. Representações sociais.

RESUMEN

Nuestro trabajo investiga las representaciones de profesores y estudiantes sobre el proceso de enseñanza-aprendizaje. El objetivo general de nuestro trabajo fue investigar aspectos de la subjetividad y de las representaciones de profesores y estudiantes sobre el proceso de enseñanza-aprendizaje; especialmente sus: percepciones, motivaciones y actitudes hacia este contexto. Nuestra investigación se dividió en dos fases. En la primera fase se aplicó un cuestionario a 140 estudiantes. La segunda fase se dividió en dos partes: en la primera parte realizamos entrevistas con 16 profesores; y en la segunda parte realizamos entrevistas con 20 estudiantes. Los participantes de la investigación fueron estudiantes y profesores del Instituto Federal de Ciencia y Tecnología de la Educación de Goiás (IFG). De los 140 cuestionarios aplicados en la primera fase de la encuesta, usamos 129 para componer nuestros resultados; 59 mujeres y 70 hombres, con una edad media de 16,8 años. De la primera parte, de la segunda fase, participaron 16 profesores; siendo: 5 mujeres y 11 hombres; 11 tienen doctorados y 5 tienen másteres, con experiencia laboral de 10 a 35 años. De la segunda, parte de la segunda fase, participaron 20 estudiantes; siendo: 11 hombres y 9 mujeres, con una edad media de 17,6 años. Tanto los profesores como los estudiantes atribuyen un gran valor a la educación, considérala un instrumento de cambio social; consideran que la educación en Brasil no es de buena calidad; para los profesores los elementos que más los motivan son: la percepción de que su trabajo contribuye a la evolución de los estudiantes y a la interrelación con los estudiantes; para los estudiantes los elementos más motivadores para su participación en el proceso de enseñanza-aprendizaje son: la expectativa de mejora de la calidad de vida, y los ejemplos y el apoyo, de los padres y profesores. Concluimos que los profesores y estudiantes presentan más convergencias que divergencias en sus representaciones sobre la educación; la educación es muy valorada por ellos; considerarla como un instrumento de cambio social; están motivados para participar en el proceso de enseñanza-aprendizaje; y considerarla importante para el futuro de los estudiantes.

Palabras clave: Educación. Subjetividad. Representaciones sociales.

ABSTRACT

Our work investigates the representations of teachers and students about the teaching-learning process. The general objective of our work was to investigate the aspects of subjectivity and the representations of teachers and students about the teaching-learning process; especially yours: perceptions, motivations, and attitudes towards this context. Our research was divided into two phases. In the first phase, a questionnaire was applied to 140 students. The second phase was divided into two parts: in part one, we interview 16 teachers; and in part two, we interview 20 students. The research subjects were students and teachers from the Federal Institute of Education Science and Technology of Goiás (IFG). Of the 140 questionnaires applied in the first phase of the survey, we used 129 to compose our results; 59 women and 70 men, with an average age of 16.8 years. Part one of the second phase involved 16 teachers; Of which: 5 women and 11 men, 11 doctors and 5 masters and with working experience ranging from 10 to 35 years. In part two of the second phase, 20 students participated; Of which: 9 women and 11 men, with an average age of 17.6 years. Student and teachers place a high value on education, consider it as an instrument of social change; considers that education in Brazil is not of good quality; for teachers, the elements that most motivate them are: the perception that their work contributes to the evolution of students and the inter-relationship with students; for students, the most motivating elements for engaging in the teaching-learning process are: an expectation of improving the quality of life, and the, examples and support, of parents and teachers. We conclude that teachers and students show more convergences than divergences in their representations about education; attach high value to education; considers it transformative; they are motivated to engage in the teaching-learning process; and considers it to be important for the future of students.

Keywords: Education. Subjectivity. Social representations.

Lista de Figuras

Figura 1- Imagem representativa da teia de relações estabelecidas entre professores e alunos dentro da sala de aula e destes com o processo ensino aprendizagem.....	44
Figura 2- Quantidade de artigos por área temática.....	60
Figura 3- Número de artigos organizados por ano de publicação.....	61
Figura 4- Número de artigos organizados por país de publicação.....	61
Figura 5- Modelo representativo dos elementos envolvidos no processo ensino aprendizagem.....	67
Figura 6- Modelo de interrelação entre pessoa e meio ambiente (físico e social).....	68
Figura 7- Imagem representativa dos vários espaços sociais onde a educação se processa e as zonas de confluência entre elas.....	71
Figura 8- Determinantes subjetivos e objetivos da ação (adaptado de Samulski 1992 apud Nitsch 1986).....	74
Figura 9- Quantitativo de homens e mulheres participantes da pesquisa.....	88
Figura 10- Quantidade de sujeitos que retornaram questionários válidos por curso....	89
Figura 11- Número de alunos que participaram das entrevistas distribuídos por suas áreas dos cursos técnicos integrados ao ensino médio.....	91
Figura 12- Renda familiar dos sujeitos da pesquisa.....	95
Figura 13- Nível de escolaridade dos pais ou responsáveis.....	96
Figura 14- Nível de importância atribuída à formação escolar.....	97
Figura 15- Elementos influenciadores nos valores, atitudes e comportamentos dos aprendizes em relação ao processo de aprendizagem.....	98
Figura 16- Níveis de motivação para aprendizagem.....	101
Figura 17- Autoavaliação dos sujeitos da pesquisa quanto à sua qualidade como aprendiz.....	107
Figura 18- Comparação dos perfis dos alunos autoavaliados como EXCELENTES e os autoavaliados MUITO BONS.....	109
Figura 19- Comparação dos perfis dos alunos autoavaliados como EXCELENTES e os autoavaliados BONS.....	110
Figura 20- Comparação dos perfis dos alunos autoavaliados como EXCELENTES e dos autoavaliados MEDIANOS.....	110
Figura 21- Comparação dos perfis dos alunos autoavaliados como EXCELENTES e dos autoavaliados FRACOS.....	111
Figura 22- Nível de importância atribuída ao papel do professor no processo ensino aprendizagem.....	113
Figura 23- Características de um bom professor.....	114
Figura 24- Características de um bom aluno.....	115
Figura 25- Nível de influência da formação escolar no desenvolvimento pessoal do aprendiz.....	115

Figura 26- Elementos influenciados pela formação recebida pelo aprendiz..... 116

Figura 27– Nível e importância da formação escolar recebida para o futuro do
aluno..... 117

Figura 28- Elementos sobre os quais se espera que a educação possa contribuir para
o futuro do aprendiz..... 117



Lista de Tabelas

Tabela 1 - Detalhamento das fases da pesquisa.....	88
Tabela 2 - Grupos de renda da população brasileira.....	95
Tabela 3 - Fatores positivos e negativos intervenientes no engajamento do aluno em relação ao processo ensino aprendizagem.....	100
Tabela 4 - Fatores que mais motivam e fatores que mais desmotivam o engajamento do aprendiz no processo ensino aprendizagem.....	102
Tabela 5 - Fatores que levaram a autoavaliação apresentada na figura 13, divididos por níveis: Excelente, Muito bom, Bom, Mediano e Fraco.....	108
Tabela 6 - Comparação entre os fatores motivantes dos aprendizes autoavaliados excelentes e os autoavaliados fracos.....	111
Tabela 7 - Comparação entre os fatores desmotivantes dos aprendizes autoavaliados excelentes e os autoavaliados fracos.....	112
Tabela 8 - Resumo da entrevista do sujeito 1.....	125
Tabela 9 - Resumo da entrevista do sujeito 2.....	132
Tabela 10 - Resumo da entrevista do sujeito 3.....	137
Tabela 11 - Resumo da entrevista do sujeito 4.....	143
Tabela 12 - Resumo da entrevista do sujeito 5.....	148
Tabela 13 - Resumo da entrevista do sujeito 6.....	155
Tabela 14 - Resumo da entrevista do sujeito 7.....	162
Tabela 15 - Resumo da entrevista do sujeito 8.....	168
Tabela 16 - Resumo da entrevista do sujeito 9.....	173
Tabela 17 - Resumo da entrevista do sujeito 10.....	181
Tabela 18 - Resumo da entrevista do sujeito 11.....	189
Tabela 19 - Resumo da entrevista do sujeito 12.....	198
Tabela 20 - Resumo da entrevista do sujeito 13.....	209
Tabela 21 - Resumo da entrevista do sujeito 14.....	218
Tabela 22 - Resumo da entrevista do sujeito 15.....	222
Tabela 23 - Resumo da entrevista do sujeito 16.....	230
Tabela 24 - Resumo das ideias das entrevistas dos professores - eixo 1.....	231
Tabela 25 - Resumo das ideias das entrevistas dos professores - eixo 2.....	234
Tabela 26 - Resumo das ideias das entrevistas dos professores - eixo 3.....	238
Tabela 27 - Resumo das ideias das entrevistas dos professores - eixo 4.....	241
Tabela 28 - Resumo das ideias das entrevistas dos alunos - eixo 1.....	318
Tabela 29 - Resumo das ideias das entrevistas dos alunos - eixo 2.....	322
Tabela 30 - Resumo das ideias das entrevistas dos alunos - eixo 3.....	327

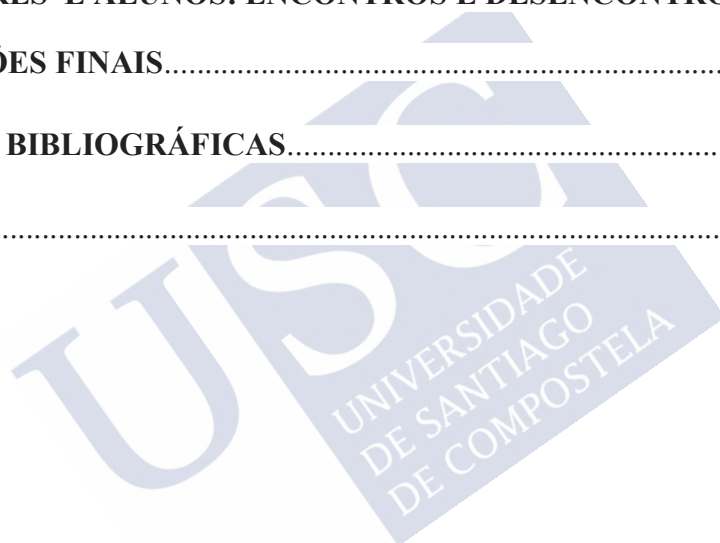


1.3.6.	A aprendizagem e as capacidades cognoscitivas.....	75
1.3.7.	A motivação no processo ensino aprendizagem.....	77
1.3.8.	Os valores e as atitudes.....	78
1.3.9.	Das percepções às representações sociais.....	80
2.0 -	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	85
2.1 -	Paradigma de Investigação.....	85
2.2 -	Descrição da metodologia.....	85
2.3 -	Sujeitos da pesquisa.....	87
2.4 -	Métodos e procedimentos.....	88
2.4.1 -	Primeira fase: Aplicação de questionário aos alunos.....	88
2.4.2 -	Segunda fase: Entrevista com professores e alunos.....	89
2.4.2.1 -	Segunda fase - parte 1 - Entrevista com os professores.....	89
2.4.2.2 -	Segunda fase - parte 2 - Entrevista com os alunos.....	91
2.5.	Das análises das informações pesquisadas.....	92
3.0 -	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS - PRIMEIRA FASE DA PESQUISA.....	94
3.1 -	Apresentação e discussão dos resultados da primeira fase da pesquisa....	94
3.1.1.	A motivação.....	101
3.1.2.	A auto percepção do aluno.....	107
4.0 -	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS - SEGUNDA FASE - PARTE 1 - OS PROFESSORES.....	119
4.1.	Síntese do discurso do sujeito 1.....	120
4.1.1.	Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 1.....	125
4.2.	Síntese do discurso do sujeito 2.....	126
4.2.1.	Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 2.....	132
4.3.	Síntese do discurso do sujeito 3.....	133
4.3.1.	Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 3.....	137

4.4. Síntese do discurso do sujeito 4.....	138
4.4.1. Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 4.....	142
4.5. Síntese do discurso do sujeito 5.....	144
4.5.1. Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 5.....	148
4.6. Síntese do discurso do sujeito 6.....	149
4.6.1. Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 6.....	155
4.7. Síntese do discurso do sujeito 7.....	156
4.7.1. Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 7.....	162
4.8. Síntese do discurso do sujeito 8.....	163
4.8.1. Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 8.....	168
4.9. Síntese do discurso do sujeito 9.....	169
1.1.1. Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 9.....	173
4.10. Síntese do discurso do sujeito 10.....	174
4.10.1. Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 10.....	181
4.11. Síntese do discurso do sujeito 11.....	182
4.11.1. Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 11.....	189
4.12. Síntese do discurso do sujeito 12.....	190
4.12.1. Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 12.....	198
4.13. Síntese do discurso do sujeito 13.....	199
4.13.1. Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 13.....	209
4.14. Síntese do discurso do sujeito 14.....	210
4.14.1. Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 14.....	218
4.15. Síntese do discurso do sujeito 15.....	219
4.15.1. Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 15.....	222
4.16. Síntese do discurso do sujeito 16.....	223
4.16.1. Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 16.....	229
4.17. Análise do conjunto das entrevistas dos professores.....	230

4.17.1. Conjunto dos resumos das entrevistas dos professores e uma breve análise das principais representações - eixo 1.....	231
4.17.2. Conjunto dos resumos das entrevistas dos professores e uma breve análise das principais representações - eixo 2.....	234
4.17.3. Conjunto dos resumos das entrevistas dos professores e uma breve análise das principais representações - eixo 3.....	239
4.17.4. Conjunto dos resumos das entrevistas dos professores e uma breve análise das principais representações - eixo 4.....	241
5.0 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS - SEGUNDA FASE - PARTE 2 - OS ALUNOS.....	246
5.1. Síntese do discurso do sujeito 1.....	246
5.2. Síntese do discurso do sujeito 2.....	252
5.3. Síntese do discurso do sujeito 3.....	255
5.4. Síntese do discurso do sujeito 4.....	261
5.5. Síntese do discurso do sujeito 5.....	265
5.6. Síntese do discurso do sujeito 6.....	268
5.7. Síntese do discurso do sujeito 7.....	271
5.8. Síntese do discurso do sujeito 8.....	274
5.9. Síntese do discurso do sujeito 9.....	276
5.10. Síntese do discurso do sujeito 10.....	280
5.11. Síntese do discurso do sujeito 11.....	284
5.12. Síntese do discurso do sujeito 12.....	286
5.13. Síntese do discurso do sujeito 13.....	290
5.14. Síntese do discurso do sujeito 14.....	293
5.15. Síntese do discurso do sujeito 15.....	297
5.16. Síntese do discurso do sujeito 16.....	301
5.17. Síntese do discurso do sujeito 17.....	305
5.18. Síntese do discurso do sujeito 18.....	308

5.19.Síntese do discurso do sujeito 19.....	312
5.20.Síntese do discurso do sujeito 20.....	315
5.21.Análise do conjunto das entrevistas dos alunos.....	318
5.21.1. Conjunto dos resumos das entrevistas dos alunos e uma breve análise das principais representaçõe s - eixo 1.....	318
5.21.2. Conjunto dos resumos das entrevistas dos alunos e uma breve análise das principais representaçõe s - eixo 2.....	322
5.21.3. Conjunto dos resumos das entrevistas dos alunos e uma breve análise das principais representaçõe s - eixo 3.....	327
5.21.4. Conjunto dos resumos das entrevistas dos alunos e uma breve análise das principais representaçõe s - eixo 4.....	332
6.0 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS - AS REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS: ENCONTROS E DESENCONTROS.....	341
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	347
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	352
APÊNDICES.....	355



INTRODUÇÃO

A GÊNESE DA TESE

As questões levantadas como objeto de investigação emergem de nossas vivências enquanto professor de educação física. Esta área de conhecimento, em termos didáticos, apresenta metodologias diferentes das que tradicionalmente são utilizadas pelos professores das demais disciplinas do ensino básico. O nosso trabalho, a partir do movimento humano, coloca-nos diretamente em contato com o corpo do aprendiz, e por meio dele, com seus sentimentos e sensações em relação ao aprendizado desenvolvido. A partir desse mover-se proposto nas aulas, constatamos a indissociabilidade existente entre este “corpo” que se move e esse “cérebro” que pensa e sente.

Os alunos cada qual com suas características peculiares, ao expressarem esta unidade corpo/mente, apresentam distintas formas de reação ao processo ensino aprendizagem. As várias reações apresentadas fazem parte de um complexo processo que não se limita a uma recepção passiva dos conteúdos mediados pelos professores, pois os alunos respondem ativamente às atividades desenvolvidas. Esse corpo em movimento também expressa emoções, as quais, muitas vezes, traduzem-se em comportamentos passionais: paixões inexplicáveis pelos exercícios físicos (especialmente pelos desportos), a ponto de alguns alunos quererem praticá-los pelo maior tempo possível, ou aversões profundas por parte de outros, chegando ao extremo de simularem doenças ou alguma incapacidade para não participarem das aulas. De onde vem tanto prazer ou tanto desgosto pela prática de exercícios físicos?

Nesses mais de 30 anos de trabalho como professor de ensino médio pude constatar, por meio de vários diálogos com meus alunos, que muito desse prazer ou desprazer em relação às atividades desenvolvidas nas aulas vêm de experiências de ensino/aprendizagem anteriores e de conceitos ou pré-conceitos forjados principalmente no ambiente familiar e na escola. Constatamos essa que não é nenhuma novidade, mas me instigou a questionar a causa das diferentes atitudes apresentadas, e como intervir para melhorar a relação dos alunos com o aprendizado.

Ao me tornar docente no ensino superior, trabalhando com a formação de professores por quase quinze anos na PUC Goiás (Pontifícia Universidade Católica de Goiás), pude constatar que essa relação passional com o processo ensino aprendizagem também se dava dentro da “sala de aula” da universidade, ainda que de forma mais contida; os aprendizes apresentavam distintos comportamentos em relação à disciplina e aos conteúdos desenvolvidos: prazer, desgosto, adesão, indiferença, negação etc.

Esta percepção empírica acima apresentada evidenciou em nossa prática pedagógica conceitos por nós estudados em compêndios sobre didática; desses, destacamos o fato de que a aprendizagem não passa somente pelo corpo físico e, certamente, não se concretiza tendo como base apenas processos cognitivos. Os resultados da aprendizagem se concretizam dentro da sala de aula, por meio das relações estabelecidas entre os participantes desse processo (alunos, professores e comunidade acadêmica) e de todos eles com o processo ensino aprendizagem. As políticas educacionais, as condições econômicas, os aspectos culturais, os aspectos humanos, todos esses elementos constituintes dessa organização social chamada escola, são pontos de conexão entre o aprendiz e o conteúdo e desse com sua formação, portanto, construtores das afinidades e/ou descontentamentos que se desenvolvem dentro do processo ensino aprendizagem.

Durante minha trajetória profissional e acadêmica, desenvolvi um processo constante de observação e análise das características individuais dos alunos, aliando essas análises a um sistemático estudo sobre pedagogia, didática e metodologia, busquei desenvolver novas abordagens de ensino que colocassem o aprendiz no centro do processo ensino aprendizagem e também que humanizassem mais as relações professor aluno. Imbuído desses princípios busquei usar e desenvolver métodos que permitissem maior diálogo com o aprendiz e futuro professor, criando situações onde ele pudesse expressar seus pontos de vista e sua personalidade, inclusive incentivando-o a entender como o modo de se relacionar com a sua formação universitária poderia ser melhor se ele se reconhecesse nesse processo.

Essas experiências me trouxeram várias contribuições para melhorar a minha prática profissional, mas também revelaram muitas questões que precisavam ser respondidas. Motivado por essas indagações resolvi traçar minha verticalização formativa fora da especificidade da educação física e me concentrar nas áreas de didática e metodologia. Várias perguntas continuam a me instigar, mas nesse contexto complexo que é a educação, onde convergem, dialogam ou se contrapõem várias áreas de conhecimento, uma linha temática me chamou mais a atenção: quem são esses indivíduos que aprendem? Por que frente ao mesmo “conhecimento” e ao mesmo professor reações tão distintas são apresentadas?

Então a temática ora proposta emerge desta intensa relação entre teoria e prática, representa em essência as curiosidades científicas de um profissional da educação estudioso da didática.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Com o intuito de situar a ótica pela qual olhamos nosso objeto apresentamos o contexto no qual estão inseridos os sujeitos da nossa investigação e também o paradigma teórico a partir do qual desenvolvemos nossa pesquisa.

O Contexto político

Em um país marcado por profundas desigualdades: econômicas, sociais, políticas e educacionais, onde dez por cento da população mais rica detém quarenta e três por cento da renda nacional e apenas quinze por cento tem formação de nível superior (IBGE); a educação é historicamente colocada como “tábua de salvação” para todo esse quadro, é considerada como a principal ferramenta capaz de reduzir as desigualdades sociais e promover uma diminuição no abismo que há entre pobres e ricos. Até o momento o projeto histórico de desenvolver um sistema educativo que possa transformar a realidade social do país não mostrou os resultados desejados, mas esse ideal continua sendo central dentro dos debates políticos e econômicos.

O tema educação ocupa, com certa centralidade, a cena política, mas, na maioria das vezes, apenas como um discurso vazio e com fins meramente eleitorais. Políticos e gestores de vários cargos de direção, nas várias esferas da administração pública (federal, estadual ou municipal), assumem e/ou repetem um discurso em prol de uma educação de qualidade, propondo: revisões das leis que regem a educação; políticas para melhoria dos salários dos professores; ações para melhorar as condições de trabalho; e também projetos em favor da ampliação e recuperação da estrutura física das escolas; isso, entre várias outras bandeiras, mas o fato é que na maioria das vezes, isso não passa de um discurso sem ações efetivas. As boas propostas, neste sentido, acabam se perdendo nas mudanças de governo, à medida que a cada uma delas, em especial quando se mudam os partidos políticos no poder, os projetos são abandonados ou desconstruídos, sejam eles bons ou não; e assim começa se tudo novamente, ou seja, a pretensa educação de qualidade é uma eterna promessa em função da ineficiência da organização político administrativa.

Por certo esse quadro político e estrutural não passa despercebido aos alunos e a seus responsáveis. Uma das principais consequências dessa ineficiência no sistema de ensino é promover uma cisão na sua estrutura, a divisão entre escola pública e escola privada, divisão essa que, em linhas gerais apresenta a escola privada como de excelência e a escola pública como falida e ineficiente. Essa representação se constitui em mais um agente de aprofundamento da estratificação social, pois a escola privada, em tese, é desenvolvida para as classes mais abastadas e a escola pública para as camadas menos favorecidas.

Apresentamos aqui uma visão macro do sistema escolar, mas, se fizermos uma análise mais criteriosa desse, veremos que temos escolas privadas com diferentes níveis de qualidade de ensino, e que muitas não têm boa qualidade, e as melhores se limitam às classes mais altas em função dos altos preços das mensalidades; e temos dentro da grande quantidade de escolas públicas, aquelas que de fato não têm uma boa qualidade de ensino, mas temos também aquelas com boa qualidade; portanto, essa visão maniqueísta é construída a partir do senso comum, mas lamentavelmente é o rótulo que representa esses espaços educacionais.

Esse projeto contraditório e mal executado influencia na percepção que os aprendizes têm do sistema escolar; e, em muitos casos eles expressam essa percepção pela negação da escola e a tudo o que ela representa; isso fica evidenciado na dificuldade que têm em entender o papel da mesma e de se engajarem no processo ensino aprendizagem.

E a realidade posta é que essa macroestrutura político-econômica que define os rumos da organização educacional do país, ao invés de valorizar e potencializar as capacidades dos alunos e professores, serve como elemento desaglutinador, e perpetua significativas ineficiências nesse sistema.

Para finalizarmos este assunto, apresentamos como síntese da nossa análise de conjuntura os principais elementos que contribuem para o quadro negativo da educação no país: a ineficiência da organização política, a baixa qualidade de gestão, a divisão dos espaços educacionais em classes sociais, a baixa valorização do profissional da educação. Esses dentre outros fatores, culturais e sociais se traduzem em: um alto nível de evasão escolar, um alto nível de repetência e, muitas vezes, em um baixo nível de aprendizagem. E os dois protagonistas desse processo, professor e aluno, são colocados em um campo de batalha, e na maioria das vezes, em lados opostos.

Contextos e paradigmas sobre a educação.

Apresentaremos aqui a perspectiva a partir da qual abordaremos: o tema educação, o processo ensino aprendizagem e, dentro deste, a relação professor/aluno; falaremos também sobre a questão da dialética entre objetividade e subjetividade. Nessa breve introdução, apresentaremos alguns conceitos dos autores que mais influenciaram nossa pesquisa, assunto que será retomado no nosso capítulo sobre o marco teórico.

A cultura, em todas as suas nuances, é a expressão da ação do ser humano sobre a natureza, e essa ação, objetivada de várias formas, é a referência a partir da qual este mesmo ser humano se constitui subjetivamente. Há nesse movimento uma clara dialética entre: construir e construir-se, dialética essa que caracteriza o processo histórico de transformação, tanto da cultura quanto do próprio ser humano.

Segundo Freire (1987):

Os homens ao terem consciência de sua atividade e do mundo em que se encontram, ao atuar em função de finalidades que lhes são propostas e que eles mesmos se propõem, ao ter a referência para as decisões de sua busca em si mesmo e em suas relações com o mundo e com os outros, ao impregnar o mundo de sua presença criadora através da transformação que nele realiza, na medida em que dele pode separar-se e separando-se pode se representar nele, os homens, contrariamente ao animal, não somente vivem, mas existem, e sua existência é histórica. . . . dado que são conscientes de si e assim são também conscientes do mundo, vivem uma relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade.

Essa dinâmica entre ser sujeito e objeto da cultura é a nossa primeira referência epistemológica; entendemos que nela está implícita a dialética entre objetividade e subjetividade, representada pelos aspectos subjetivos que caracterizam as particularidades de cada indivíduo em sua relação com a objetividade do mundo que o rodeia. A dialética entre objetividade/subjetividade é a nossa segunda referência epistemológica. Temos também como fator condicionante na formação da identidade do indivíduo e da própria cultura, as relações intersubjetivas que caracterizam a vida em grupos humanos, e esta é nossa terceira referência epistemológica.

Para o nosso processo investigativo, serviu como base filosófico-conceitual, várias das teorias desenvolvidas por Paulo Freire, em especial, o pressuposto apresentado abaixo:

A educação como prática de liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. . . . Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa (Freire, 1987, p. 70)

Entendemos a educação como elemento central na constituição cultural do ser humano, pois o ensino-aprendizagem, em todas as suas formas e possibilidades, é a mola propulsora do processo de humanização, é o meio a partir do qual dividimos com as novas gerações os conhecimentos até então acumulados pelas gerações pregressas, e assim damos sentido e movimento à história humana.

Na educação “formal” também estão presentes as dialéticas entre: construção cultural e formação humana (sujeito/objeto), entre objetividade e subjetividade e entre o particular e o universal; e, quando falamos em educação formal, estamos nos referindo àquela que é desenvolvida nas instituições que fazem parte do sistema educacional do país, espaços esses que foram historicamente e culturalmente constituídos para a “socialização do saber”.

Como referência para a nossa perspectiva sobre a educação apresentamos um conceito de Libâneo (1994, pp. 22-23):

Educação é um conceito amplo que se refere ao processo de desenvolvimento “integral”, envolvendo a formação de qualidades humanas – físicas, morais, intelectuais, estéticas – tendo em vista a orientação da atividade humana na sua relação com o meio social, num determinado contexto de relações sociais. A educação corresponde, pois, a toda modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação de traços de personalidade social e do caráter, implicando uma concepção de mundo, ideias, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática.

Na organização da instituição escolar existem elementos que a condicionam e determinam suas características; há nela uma relação de poder, onde um sistema central determina o que deve ser ensinado e a quem deve ser ensinado. Essa lógica é operacionalizada dentro do sistema nacional de educação, a partir do qual as diretrizes são definidas e propostas (ou podemos dizer impostas) para toda a rede de ensino; tendo como pretensão política a democratização do acesso à educação. Todo esse conjunto: de leis, normas, diretrizes, livros didáticos etc. são marcos que acabam por moldar as características das relações que se estabelecem no “interior” da sala de aula. O professor como trabalhador representante desse sistema, aplica os conteúdos de aprendizagem e o aluno, sujeito para o qual todo esse sistema é construído, deve realizar a tarefa de apreender os conhecimentos apresentados.

Portanto a instituição escolar se propõe a ser o lugar onde saberes são socializados, na perspectiva de que todos, democraticamente, tenham acesso a eles.

Na escola, trata-se, portanto, de introduzir os alunos no mundo do conhecimento e do aprimoramento de sua capacidade de pensar e, ao mesmo tempo, à medida que a

escola lida com sujeitos diferentes, considera no ensino a coexistência das diferenças, a interação entre indivíduos de identidades culturais distintas. Eis, então, três ingredientes absolutamente imprescindíveis para que o ensino esteja à altura dessa missão da escola: a) o desenvolvimento das capacidades intelectuais por meio dos conteúdos; b) as características individuais e sociais do aluno; c) os fatores socioculturais e institucionais da aprendizagem. (Libâneo, 2014, p. 8)

Por um lado, trata-se de assegurar o direito à semelhança, vale dizer, à igualdade, pelo provimento da formação cultural e científica a todos como condição para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, moral, estético. Por outro, trata-se de considerar a diferença, pois a formação cultural e científica se destina a sujeitos diferentes. A diferença aqui é encarada não como uma excepcionalidade, mas como condição concreta do ser humano e das situações educativas, ponto de partida para uma aprendizagem com sentido para o sujeito que aprende. (Libâneo, 2014, p. 8)

Dentro de toda essa lógica sistêmica que representa a organização formal do ensino, há que se considerar que nela se desenvolve uma intensa relação humana, que se concretiza a partir do entrecruzamento de distintas culturas. O professor é um dos sujeitos desse universo multicultural, e em essência, é o encarregado de executá-lo, e nesse processo precisa interagir com dezenas de alunos, cada qual com suas particularidades: intelectuais, emocionais, culturais e sociais; esse coletivo de sujeitos confere identidade à escola, à sala de aula e, por conseguinte, ao processo ensino aprendizagem. Ao focarmos nessas interações como objeto de nossa investigação, especialmente nos aspectos subjetivos que caracterizam a percepção de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem, sentimos a necessidade de definir os conceitos a partir dos quais discutimos a objetividade e subjetividade; assim tomamos como nossa referência conceitual as ideias de Freire (1987, p. 37);

Não se pode pensar em objetividade sem subjetividade. Não há uma sem a outra. . . . A objetividade dicotomizada da subjetividade, a negação desta na análise da realidade ou na ação sobre ela, é objetivismo. Da mesma forma, a negação da objetividade, na análise como na ação, conduz ao subjetivismo que se alonga em posições solipsistas, nega a ação mesma, por negar a realidade objetiva, desde que esta passa a ser criação da consciência. Nem objetivismo, nem subjetivismo ou psicologismo, mas subjetividade e objetividade em permanente dialeticidade.

Fizemos questão de trazer para nossa introdução alguns breves conceitos que situam nosso paradigma investigativo por acreditar que, assim, o nosso leitor poderá entender melhor como chegamos ao nosso problema de pesquisa e como, a partir dele, definimos nossos objetivos.

FINALIDADE DA INVESTIGAÇÃO

Nos paradigmas tradicionais de educação o processo educativo é pensado a partir da impessoalidade das relações e da imposição dos conteúdos a um sujeito passivo, as percepções, emoções, motivações e atitudes dos sujeitos envolvidos são negligenciadas ou até desconsideradas. O paradigma que utilizamos para dar sustento ao nosso trabalho busca evidenciar exatamente o contrário; para nós, essa impessoalidade e passividade não existem, entendemos que os sujeitos que protagonizam o processo ensino aprendizagem, tanto professores como alunos, são únicos, assumem de forma ativa e pessoal a tarefa de ensinar e aprender, tendo cada um deles sua maneira peculiar de enxergar o mundo.

Consideramos que seja importante estudarmos melhor essa “multiculturalidade” que se representa na escola; entendemos que certamente ali haverão distintas percepções de mundo e de educação que precisam harmonizar-se para que uma relação produtiva possa ocorrer; mas, antes de pensarmos em como desenvolver essa pretensa harmonia precisamos saber, a partir de uma investigação sistematizada, quem são esses sujeitos e quais são as visões de mundo que se fazem representar nesse espaço da sala de aula.

Pretendemos em nossa investigação, dar voz aos professores e aos alunos, pois entendemos que, mesmos sendo esses os principais atores do processo ensino aprendizagem, normalmente suas opiniões não são ouvidas.

O PROBLEMA

Nossa pesquisa tem como principal foco a sala de aula; a questão central de nossa investigação será esta aparente “invisibilidade” de professores e alunos dentro do processo ensino aprendizagem.

O processo educativo se efetiva dentro da sala de aula da escola sendo este o microambiente social onde objetivamente se dá o encontro entre professores e alunos, encontro esse que está imerso em um macro universo sociocultural que o condiciona. Como a construção do conhecimento se dá na relação: consigo mesmo, com o mundo ao seu redor e com o outro, partimos da ideia de que cada concepção particular de mundo influencia e é influenciada pelos vários outros sujeitos com os quais estabelece nexos culturais.

Tomamos como pressupostos teóricos para desenvolver nossas questões investigativas as palavras de Freire, levando em consideração o fato de que o homem se faz homem pela sua atuação no mundo, e o representa e nele se representa pela sua palavra; sendo essa sua forma de interação com seus pares.

Ninguém se conscientiza separadamente dos demais. A consciência se constitui como consciência do mundo. . . . A intersubjetivação das consciências é tão originária quanto sua mundanidade ou sua subjetividade. . . . Na intersubjetivação, as consciências também se põem como consciências de um certo mundo e, nesse mundo, se põem como consciência de si e consciência do outro. Comunicamo-nos na oposição, que é a única via de encontro para consciências que se constituem na mundanidade e na intersubjetividade. . . . A intersubjetividade, em que as consciências se enfrentam, dialetizam-se, promovem-se é a tessitura última do processo histórico de humanização. (Freire, 1987, pp. 15-17)

A objetividade na sua relação direta e dialética com a subjetividade também expressa a relação entre o eu e o outro, assim sendo entendemos também que o sujeito se “faz” nas relações sociais que estabelece, portanto, a intersubjetividade é parte deste movimento, que constrói cada sujeito e que por ele também é construído, enquanto cada indivíduo põe e embate suas perspectivas de mundo com as de outros sujeitos. Mas quem são estes sujeitos? Quais suas perspectivas sobre o processo ensino aprendizagem?

Na organização educacional do Brasil tem-se como finalidade central o ensino de distintos conteúdos científicos, conteúdos estes que são organizados em disciplinas: Matemática, Português, História, Geografia, Educação física entre outras; consideramos

que esta estrutura organizacional priorize apenas a formação cognitiva dos aprendizes; será que as aprendizagens desenvolvidas estão restritas apenas a aspectos cognitivos?

Cada professor ensina a partir de sua concepção de mundo, de sua identidade, sustentado pelos conhecimentos didáticos e metodológicos que possui; esse processo de ensino é condicionado pelas características materiais e estruturais da escola em que ele ensina e, de alguma forma, também fica subordinado às características epistemológicas da sua disciplina. O Aluno apreende o conhecimento a partir da sua visão de mundo, da sua cultura, e tenta ler e interpretar essas ideias a partir dos limites conceituais até então desenvolvidos. Portanto, a cultura com a qual o aluno chega à sala de aula e os aspectos subjetivos que o caracterizam enquanto indivíduo: suas crenças, seus desejos, seus motivos, suas atitudes, suas relações afetivas com a educação etc., não podem ser negligenciadas.

A atividade do aluno consiste no enfrentamento da matéria por suas próprias forças cognitivas, porém dirigida e orientada de fora pelo professor. A interrelação entre os dois momentos do processo de ensino – transmissão e assimilação ativa – supõe a confrontação entre os conteúdos sistematizados (trazidos pelo professor) e a experiência sociocultural concreta dos alunos, isto é, a experiência que trazem do seu meio social, os conhecimentos que já dominam, as motivações e expectativas a percepção que eles têm da matéria de ensino. (Libâneo, 2013, p. 95)

Nossa investigação tem como foco principal a expectativa de compreender como cada um destes sujeitos se apresenta e se representa enquanto participante do processo ensino aprendizagem e como compõem ou quicá se opõem à construção das realidades objetivadas em sala de aula. Essas realidades são construídas a partir dos embates e diálogos desenvolvidos em várias direções e sentidos: professor-aluno, aluno-professor, aluno-aluno, professor-professor; por entendermos que essas interrelações sejam relevantes para o desenvolvimento de um processo ensino aprendizagem eficiente nossa pesquisa se organiza na intenção de entender como essas interações intervêm no processo ensino aprendizagem. Apresentamos, assim, nosso problema de investigação: quais são as principais representações que alunos e professores fazem sobre o processo ensino aprendizagem no ensino médio? Quais as convergências e divergências entre os mesmos? Como essas representações intervêm na inter-relação entre estes sujeitos? Como isso interfere no processo ensino aprendizagem?

OBJETIVOS

Dentro do processo educacional, existem dois momentos claramente distintos:

- 1- O ensino. A ação de ensinar fica a cargo do professor que nesse contexto é o profissional responsável por tornar real o projeto formativo concebido pelo sistema educacional. Destacamos que, apesar de todos os condicionamentos postos por essa estrutura hierarquicamente organizada é o professor que confere “identidade” a esta ação, pois ele imprime nela suas características “culturais” e subjetivas.
- 2- A aprendizagem. A ação de aprender é o outro lado desse processo e é desenvolvida pelos alunos; que apesar de todo o planejamento e de todas as expectativas que a sociedade coloca sobre o processo ensino aprendizagem ele só assimila o que seu

interesse e capacidade pessoal lhe permitem, portanto, os aspectos subjetivos desse sujeito também precisam ser postos no debate sobre a educação.

Considerando nosso problema de pesquisa, usaremos alguns conceitos de Libâneo (2013) para determinarmos quais aspectos dessa subjetividade serão centralmente destacados enquanto objetivos de nossa investigação:

A aprendizagem escolar se vincula também com a *motivação* [grifo nosso] dos alunos, que indicam os *objetivos* [grifo nosso] que procuram. A motivação é intrínseca quando se trata de objetivos internos, como a satisfação de necessidades orgânicas ou sociais, a curiosidade, a aspiração pelo conhecimento; é extrínseca, quando a ação é estimulada de fora, como as exigências da escola, a expectativa de benefícios sociais que o estudo pode trazer, a estimulação da família do professor ou dos demais colegas. (Libâneo, 2013, p. 95)

Para que se realize na escola o processo de assimilação ativa de novos conhecimentos e, por meio dele, o desenvolvimento das forças cognoscitivas dos alunos, é preciso a *ação externa do professor* [grifo nosso], isto é, o ensino e seus componentes: objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas. . . . Em síntese, temos nas *situações didáticas fatores externos e internos mutuamente relacionados* [grifo nosso]. . . . Os alunos, por sua vez, dispõem em seu organismo físico-psicológico de *meios internos de assimilação ativa* [grifo nosso], meios esses que constituem o conjunto de suas *capacidades cognoscitivas* [grifo nosso], tais como: *percepção* [grifo nosso], *motivação* [grifo nosso], compreensão, memória, atenção, *atitudes* [grifo nosso], *conhecimentos já disponíveis* [grifo nosso]. (Libâneo, 2013, p. 90)

Na aprendizagem escolar há a influência de *fatores afetivos e sociais* [grifo nosso], tais como os que suscitam a *motivação* [grifo nosso] para o estudo, os que afetam as *relações professor-alunos* [grifo nosso], os que interferem nas *disposições emocionais dos alunos para enfrentar as tarefas escolares* [grifo nosso], os que contribuem ou dificultam a formação de *atitudes positivas* [grifo nosso] dos alunos frente às suas capacidades e frente aos problemas e situações da realidade e do processo ensino e aprendizagem. (Libâneo, 2013, p. 93)

A aprendizagem escolar tem um *vínculo direto com o meio social que a circunscreve* [grifo nosso], não só as condições de vida das crianças, mas também a sua relação com a escola e o estudo, *sua percepção* [grifo nosso] e compreensão das matérias. A consolidação dos conhecimentos depende do *significado* [grifo nosso] que eles carregam em relação à experiência social das crianças e jovens na família, no meio social, no trabalho. (Libâneo, 2013, p. 94).

Os nossos grifos nas citações acima têm como intuito destacar os elementos que tomaremos como norteadores para nossa investigação e para definição de nossos objetivos; das questões subjetivas que pretendemos investigar destacamos: as percepções, as motivações e as atitudes de professores e alunos. E como entendemos que dentro das situações didáticas vivenciadas no interior da escola exista a uma relação de tensão entre ensino e aprendizagem, portanto entre professor e aluno, buscamos investigar também como esses sujeitos percebem um ao outro.

Nossa investigação tem como objetivo geral analisar aspectos da subjetividade e das representações sociais de alunos/professores sobre o processo de ensino/aprendizagem; em especial: suas percepções, suas motivações e suas atitudes frente a esse contexto.

E temos como objetivos específicos:

- Analisar qual a importância que discentes e docentes atribuem à educação.

- Investigar o que motiva os alunos a estudarem.
- Investigar o que motiva os professores a ensinarem.
- Investigar o que os sujeitos destacam como pontos positivos e negativos no processo ensino aprendizagem.
- Investigar se houve pessoas ou instituições que influenciaram positiva ou negativamente a relação do aprendiz com o ensino.
- Investigar o que os alunos entendem como um bom professor e o que os professores entendem como um bom aluno.
- Investigar se os professores conseguem entender seus estudantes e se sabem como ajudá-los a aprender.
- Investigar as características do relacionamento entre professores e alunos.

PRESSUPOSTOS DE INVESTIGAÇÃO

Ao analisarmos a educação no Brasil, os nossos vários anos de experiência docente juntamente com nossa formação acadêmica, faz-nos pressupor que: o nível de engajamento e de satisfação de professores e alunos dentro do processo ensino aprendizagem é baixo. Consideramos que um dos principais motivos que os levam a essa atitude seja o fato de não se sentirem respeitados e representados nesse contexto onde, em tese são os principais atores, pois em grande medida, dentro de nosso sistema educativo, o que eles pensam ou sentem não é objeto de atenção. O processo ensino/aprendizagem normalmente se constrói a partir da negação e da invisibilidade desses sujeitos e esses acabam desenvolvendo certa “resistência” ao mesmo; temos aí uma forte contradição a ser resolvida: “os principais atores do processo ensino aprendizagem não são os protagonistas dele”.

Na especificidade do nosso trabalho e a partir das questões levantadas em nossos objetivos, partimos dos seguintes pressupostos de pesquisa:

1. O nível de motivação dos alunos para o estudo é baixo, e o que mais os motiva é a nota e a possibilidade futura de conseguir um bom emprego.
2. Muitos professores não têm muita motivação para ensinar, apenas cumprem uma obrigação profissional.
3. As principais influências para um bom engajamento no processo ensino aprendizagem vem de casa ou de um professor que marcou a vida do aprendiz.
4. Os alunos não sabem muito bem dizer o que é um bom professor e confundem um bom professor com um professor bonzinho.
5. Para a maioria dos professores, o bom aluno é representado simplesmente pelas notas altas, preferencialmente que seja comportado e não questionador.
6. Existe, na maioria dos casos, um abismo entre professores e alunos: um não sabe o que o outro pensa e, por isso, falta empatia entre eles.
7. Os alunos não têm boa identificação com as estratégias de ensino, principalmente a aulas expositivas onde só o professor fala.

8. Acreditamos que alunos e professores ainda considerem que a educação seja um fator importante para a construção de um futuro melhor.
9. Os padrões tradicionais de relação professor aluno não são motivantes a ponto de fazerem os alunos se interessarem pelo aprendizado, ou os professores serem mais empáticos com seus alunos.
10. Os alunos não têm claro quais os motivos que lhes levam a gostar ou não de estudar e desenvolvem aversão aos estudos sem conseguirem entender qual a causa.

LIMITES DA INVESTIGAÇÃO

Entendemos que pela própria característica de nossa metodologia de pesquisa, onde, intencionalmente os universos particulares e subjetivos ganham centralidade, as representações apresentadas por cada sujeito participante da investigação, que são os dados a partir dos quais fazemos nossas análises e discussões precisam ser analisadas com muita atenção, pois temos clareza de que essas nos trazem apenas as percepções particulares daqueles sujeitos, o que nos limita a usarmos as informações apenas como referências ou reflexões sobre o tema e, portanto, as generalizações não são esperadas nem recomendadas.

As discrepâncias entre as percepções dos distintos indivíduos, podem ser vistas como um limite, mas também como uma possibilidade de um “novo olhar”, mais amplo, à medida que considera estabelecer um retrato de um determinado universo social a partir de uma colcha de retalhos de informações individuais: às vezes, coincidentes; às vezes, semelhantes; e às vezes, antagônicas. A tentativa de captar a dinâmica histórica do movimento de construção dessas representações é limitado pela própria capacidade dos sujeitos de apresentar suas ideias com a profundidade necessária, e também dos próprios instrumentos de pesquisa à medida que tentam manter um objetivo e um objeto em foco, podendo criar assim pontos cegos para questões quicá importantes. A análise do conjunto dos dados de pesquisa que foi feita pelo pesquisador é a forma metodológica que usamos para contornar essa situação, mas também tem suas limitações à medida que o pesquisador analisa o objeto de investigação em questão a partir de sua particularidade cultural e acadêmica e de sua concepção pessoal de mundo.

Mesmo considerando esses limites entendemos que a pesquisa poderá contribuir para futuras intervenções que permitam tornar melhor e mais eficiente o nosso processo ensino aprendizagem.

JUSTIFICATIVA

O processo ensino aprendizagem só pode ser analisado como uma unidade, pois ensino e aprendizagem são faces de uma mesma moeda; nessa unidade a relação interpessoal professor-aluno é um fator determinante. Esses atores são concretos, históricos, trazendo a bagagem de vida que o meio lhes ofereceu até então; como seres históricos estão em constante mudança; não chamarei de desenvolvimento ou evolução, pois entendo que a aprendizagem não segue necessariamente uma trajetória linear, às vezes há: estagnações,

avanços lentos, avanços rápidos e até retrocessos, portanto a palavra desenvolvimento, talvez não represente a ideia que defendemos, mas o fato é que a aprendizagem sempre pode causar impacto em um processo que é aberto e permanente.

Dentro do processo educativo, o aluno aprende e apreende os conteúdos enquanto conhecimentos científicos, mas também desenvolve uma perspectiva sobre: o que é aprender, o porquê aprender e o como aprender; e consciente ou inconscientemente reflete as representações de seus professores, pais (ou responsáveis), amigos, tutores etc. Nos dias atuais também não podemos negligenciar a influência dos meios de comunicação sobre as percepções dos alunos. Acreditamos que o processo de formação de atitudes e as reflexões e conceituações sobre o que aprender e por que aprender, ficam à margem do processo educacional formal; esses elementos são desenvolvidos de forma “aleatória” (ou não dirigida), simplesmente, a partir da interpretação que os alunos fazem dos “exemplos e modelos” que lhes são apresentados.

Entendemos que seja natural que um sujeito ao ser alijado do direito de ser protagonista do seu trabalho e do seu processo de aprendizagem venha a se rebelar contra os agentes que lhe restringem este direito.

O caminho apontado pela nossa investigação pode apresentar subsídios para ações pedagógicas que busquem reconhecer no contexto da sala de aula os aspectos subjetivos que a constituem, mas, que não são normalmente levados em consideração. Acreditamos que o tipo de investigação que propomos pode contribuir para melhoria do processo ensino aprendizagem, a partir da inclusão das identidades de seus personagens como elementos centrais para organização das intervenções didáticas e como ponto de referência para o desenvolvimento de novas ferramentas pedagógicas.

Acreditamos que esse estudo também possa contribuir como instigador de uma concepção pedagógica em que os professores e alunos desenvolvam o hábito do autoconhecimento e a partir disso possam desenvolver atitudes empáticas entre eles. Acreditamos que a partir deste autoconhecimento e dessa empatia seja possível estabelecer relações psicologicamente mais saudáveis e mais produtivas entre professores e alunos e deles com o processo ensino aprendizagem.

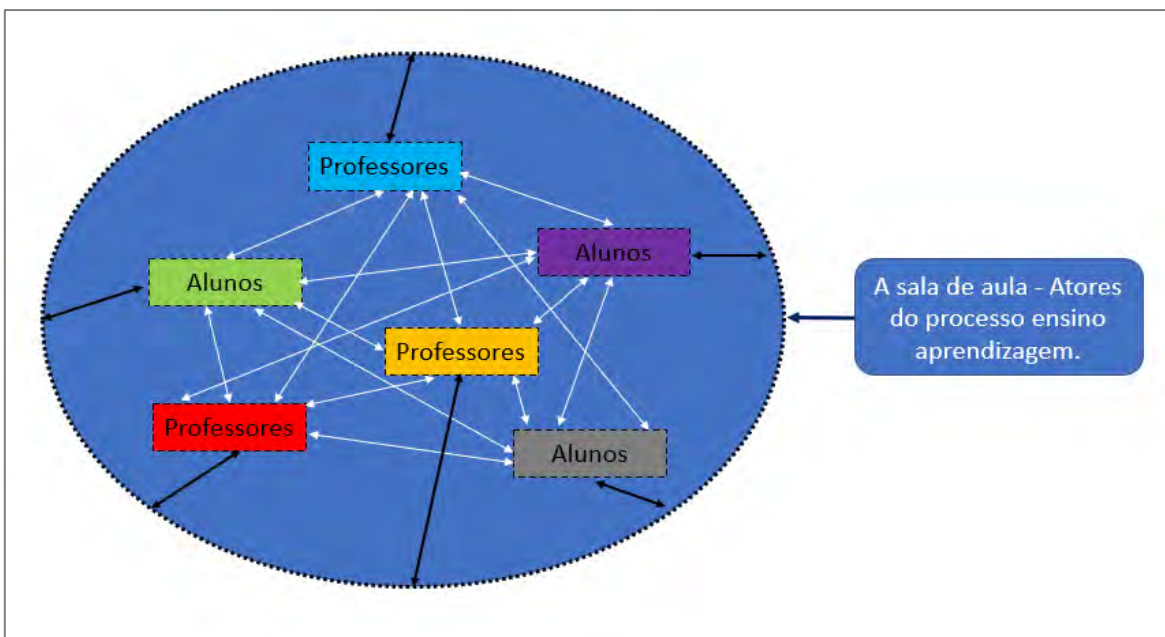


Figura 1. Imagem representativa da teia de relações estabelecidas entre professores e alunos dentro da sala de aula e destes com o processo ensino aprendizagem.

Fonte: Elaboração própria.

Nota. A imagem representa a sala de aula como um ambiente multicultural onde cada aluno e cada professor se apresentam como sujeitos únicos; neste espaço estabelecem interações com os demais sujeitos, relações estas onde exercem influência sobre os demais e também são influenciados por eles. Dentro e a partir destas relações constroem suas representações sobre o processo ensino aprendizagem. Destacamos que a sala de aula, enquanto espaço central do processo ensino aprendizagem, também, dialeticamente, interage com a sociedade onde está inserida.

Mesmo entendendo que não seja possível uma identificação total entre os sujeitos envolvidos nesse contexto educativo e nem deles com o processo ensino aprendizagem, acreditamos que, a partir de estudos como o nosso, podemos abrir caminho para tornar mais claras as finalidades e possibilidades do processo educativo e, assim, a partir de uma perspectiva mais realista e menos idealizada, os alunos possam ter um maior engajamento na sua tarefa de aprender, e os professores, mais empenho e satisfação na sua tarefa de ensinar. O desafio e a possibilidade que se apontam a partir desse tipo de investigação, é entendermos que apesar das diferenças existentes entre professores e alunos e entre os próprios alunos, é possível desenvolver relações respeitadas que possibilitem aprendizagens significativas para “todos” e para “cada um dos sujeitos” envolvidos.

DESENVOLVIMENTO

1.0 - MARCO TEÓRICO

Este capítulo, onde apresentamos o nosso marco teórico, está sistematizado em três eixos, eixo um: o contexto da tese, eixo dois: as produções científicas sobre o tema, eixo três: paradigmas da investigação.

1.1 - O contexto da tese.

Dentro desta parte da revisão, sentimos a necessidade de apresentar um breve histórico do processo de sistematização da educação e da instituição escolar no país; isto se mostrou necessário por entendermos que esse processo histórico afetou e afeta diretamente as construções subjetivas e as representações dos sujeitos da pesquisa.

Ainda apresentaremos, de forma igualmente breve, a forma como se estrutura o sistema educacional no Brasil; dentro deste sistema destacamos as particularidades que caracterizam a rede e a instituição onde foi desenvolvido o nosso estudo. Neste eixo iremos apresentar também uma caracterização de alguns elementos que são centrais em nosso trabalho: os professores, os alunos e o sistema educativo.

1.1.1 - A gênese do povo brasileiro e suas raízes culturais.

Nesta parte do capítulo do marco teórico, que chamamos de contexto da tese, apresentamos um breve histórico do processo de colonização do Brasil, a intenção é que possamos entender um pouco do processo da constituição cultural do país. Entendemos que essa exposição seja necessária, pois as marcas que essa história deixou ainda são muito presentes na realidade brasileira, e aparecem recorrentemente nas falas e nas representações de nossos sujeitos de pesquisa; em função disso, entendemos ser necessário esse aporte teórico para melhor refletirmos sobre as informações obtidas na investigação.

O Brasil é uma nação que nasce de uma intensa mistura cultural e étnica, entre: índios, negros e brancos, essa característica histórica foi a base humana social e cultural da qual surgiu o povo brasileiro; essa constituição enquanto povo não foi feita de forma tranquila e pacífica, pelo contrário, ela foi recheada de processos violentos e desumanos, e a educação sempre foi tida como um campo de poder, material e simbólico, para a superação das desigualdades entre os sujeitos que constituíram essa nação, e essa representação é ainda hoje uma marca muito forte na cultura nacional.

Entendemos que as características trazidas por essa lógica de organização social certamente foram determinantes na definição dos paradigmas a partir dos quais o sistema educacional foi organizado. As diversas concepções sobre educação e os modelos de sistema educacional que foram propostos e implantados durante toda a nossa história, impactaram e impactam a vida política, econômica e cultural do país e têm sido um campo de disputa político ideológica desde a descoberta do Brasil até os dias de hoje.

Nesse sentido, esse breve histórico que ora apresentamos, tem a intenção de lançar o olhar sobre o trajeto histórico percorrido para entendermos melhor a realidade que vivemos. O texto busca apresentar da forma o mais sucinta possível, os principais elementos que contribuíram para a formação do povo brasileiro e como isso se reflete nas concepções sobre educação no país. A apresentação deste processo dentro da nossa pesquisa, tem o objetivo de situar em qual contexto sociocultural nossa pesquisa está inserida e, desse modo, ter parâmetros para refletir sobre os elementos objetivos e subjetivos que, de alguma forma intervêm na nossa concepção de educação.

Considerando a especificidade do nosso tema, “educação e subjetividade”, entendemos que esse universo macrocultural sobre o qual falaremos, forjou as várias representações coletivas sobre o que é educação; representações essas que trazem a identidade dos grupos sociais nos quais foram gestadas. Essa relação intercultural entre esses diversos grupos resulta no contexto social que temos hoje. Esse conjunto de influências age sobre os indivíduos e são a base de sustentação dos seus valores, atitudes e comportamentos.

1.1.2 – A composição étnica e cultural do povo brasileiro.

A chegada dos colonizadores a essas terras foi no ano de mil e quinhentos. Depois do uso de diferentes nomes, a então colônia foi batizada com o nome Brasil, nome esse que segundo Ribeiro (1995), já aparecia como ilha Brasil em cartas e lendas de pescadores ibéricos de antes dessas terras serem oficialmente descobertas, mas que, segundo os relatos da história oficial, teve o nome dado em função de uma árvore da qual se extraía um pigmento corante que foi uma das primeiras riquezas exploradas pelos conquistadores.

A terra em questão, que então entra definitivamente no processo de expansão mercantil da época, foi colonizada por portugueses; esse é um fato mundialmente conhecido, mas o que, às vezes, passa despercebido do relato histórico é que “neste território já habitavam em torno de 3 milhões de nativos, de aproximadamente mil etnias diferentes, sendo que em torno de dois milhões deles habitavam as regiões litorâneas e um milhão habitava o interior Fundação Nacional do Índio (FUNAI)”, o que não era pouca coisa visto que o país colonizador à época tinha uma população em torno de um milhão de habitantes.

Uma pequena quantidade de colonizadores chegou ao território nas primeiras caravelas, segundo Ribeiro (1995):

O primeiro governador chega ao Brasil em 1549, em três naus, duas caravelas e um bergantim. Traziam funcionários civis e militares, soldados e artesãos. Mais de mil pessoas ao todo, principalmente degredados. Com ele vieram novos colonos, bem como os primeiros jesuítas. Nóbrega, mais velho e experiente, à frente, e mais três padres e dois irmãos; Anchieta, um rapazão de dezenove anos, veio na leva seguinte. . . . não vieram mulheres solteiras, exceto, ao que se sabe, uma escrava provavelmente moura, que foi objeto de viva disputa. Consequentemente, os recém-chegados acasalaram-se com as índias, tomando, como era uso na terra, tantas quantas pudessem, entrando a produzir mais mamelucos. Os jesuítas, preocupados com tamanha pouca-vergonha, deram para pedir socorro do reino. Queriam mulheres de toda a qualidade, até meretrizes, porque "há aqui várias qualidades de homens . . . e deste modo se evitarão pecados e aumentará a população no serviço de Deus" (carta de 1550 in Nóbrega 1955:79-80). Queriam, sobretudo, as órfãs del-

rei, que se casariam, aqui, com os bons e os ricos. Poucas conseguiram. Em 1551, chegaram três irmãs; em 1553, vieram mais nove; em 1559, mais sete. Essas pouquíssimas portuguesas pouco papel exerceram na constituição da família brasileira.

Ribeiro (1995) relata que, neste processo de colonização uma pequena quantidade de europeus, majoritariamente portugueses, vieram para o território com a função de explorar, fazer fortuna para si mesmo e para o seu rei. Estes tinham como aliados os jesuítas que vinham com o objetivo de converter mais almas para a fé católica, mas que, em essência, também buscavam manter e ratificar a influência da igreja junto à Coroa portuguesa e, também, sobre suas possessões. O processo foi bastante traumático, uma vez que houve um grande choque cultural entre as pessoas que chegavam e os habitantes locais, pois os colonizadores buscavam fazer dos indígenas seus escravos, e muitas lutas foram travadas, e de modo que muitas mortes aconteceram de ambos os lados.

Segundo Faria Filho (2016), Hansen (2016), Paiva (2016) e Saviani (2013) nesse movimento de fazer dos índios escravos os colonizadores usaram de vários artifícios: a guerra pura e simples, a manipulação de tribos rivais colocando-as às umas contra as outras e outro elemento fortemente influenciador no processo de dominação das populações indígenas foi a “guerra bacteriológica”, a despeito de não ter sido de forma proposital, uma quantidade enorme de nativos morreram ao ter contato com as várias e diferentes doenças trazidas pelo europeu, doenças para as quais eles não tinham imunidade.

Sem embargo, mais ainda que as espadas e os arcabuzes, as grandes armas da conquista, responsáveis principais pela depopulação do Brasil, foram as enfermidades desconhecidas dos índios com que os invasores os contaminaram. A magnitude desse fator letal pode ser avaliada pelo registro dos efeitos da primeira epidemia que atingiu a Bahia. Cerca de 40 mil índios reunidos insensatamente pelos jesuítas nas aldeias do Recôncavo, em meados do século XVI, atacados de varíola, morreram quase todos, deixando os 3 mil sobreviventes tão enfraquecidos que foi impossível reconstituir a missão. (Ribeiro 1995, p. 52)

De acordo com Faria Filho (2016), Hansen (2016), Paiva (2016) e Saviani (2013) este movimento de escravidão e extermínio dos povos indígenas permaneceu por séculos e, nesse período, dada a forçosa convivência dos povos aqui estabelecidos e, portanto, a coexistência de diferentes culturas, a necessidade de comunicação entre os mesmos, acabou por forjar uma nova língua, o “nheengatu”, que era uma variante da língua tupi, língua essa que se constitui a partir da necessidade dos colonizadores em se comunicarem com os nativos.

Esse processo de expansão mercantil e de colonização levados a cabo pela Coroa portuguesa contava com o aval da igreja:

Por nossa mera liberalidade, e de ciência certa, e em razão da plenitude do poder Apostólico, todas ilhas e terras firmes achadas e por achar, descobertas ou por descobrir, para o Ocidente e o Meio-Dia, fazendo e construindo uma linha desde o polo Ártico. . . . quer sejam terras firmes e ilhas encontradas e por encontrar em direção à Índia, ou em direção a qualquer outra parte, a qual linha diste de qualquer das ilhas que vulgarmente são chamadas dos Açores e Cabo Verde cem léguas para o Ocidente e o Meio-Dia. . . . A Vós e a vossos herdeiros e sucessores (reis de Castela e Leão) pela autoridade do Deus onipotente a nós concedida em S. Pedro, assim como do vicariato de Jesus Cristo, a qual exercemos na terra, para sempre, no teor das presentes, vo-las doamos, concedemos e entregamos com todos os seus

domínios, cidades, fortalezas, lugares, vilas, direitos, jurisdições e todas as pertencas. (Baião 1939 citado por Ribeiro 1995)

Segundo Faria Filho (2016), Hansen (2016), Paiva (2016) e Saviani (2013) depois de aproximadamente duzentos anos deste processo de extermínio e escravização dos índios mudanças na conjuntura política e econômica levaram à redução da escravidão indígena. Podemos elencar três fatores preponderantes: as influências do iluminismo, que chegam até a colônia por intermédio do Marquês de Pombal; em certa medida, a tomada de consciência de alguns jesuítas sobre a sua responsabilidade nesse processo; e o fato de os nativos conhecerem melhor a vegetação e a topografia locais e, portanto, serem mais difíceis de capturar e mais eficazes em fugir. Todo este conjunto de fatores possibilitou que então a colônia receba novos atores, foram introduzidos os escravos trazidos da África.

Faria Filho (2016), Hansen (2016), Paiva (2016) e Saviani (2013) nos dão informação de que a escravidão negra, que se firmou como outro braço do expansionismo mercantil, fez recair sobre o povo africano o principal papel nos trabalhos da colônia. Foram trazidos, durante o período do tráfico, em torno de quatro milhões de escravos. Essa foi a nova matriz humana e cultural que compôs o conjunto dos povos que se fundiram para constituir a identidade do povo brasileiro. Dessa forma, temos representadas: a cultura europeia, na versão portuguesa, a cultura indígena, que a despeito de contar com várias etnias ficou mais evidente a partir da influência dos índios tupis e os negros africanos, que agregaram várias nuances a essa composição cultural dada às várias regiões e tribos das quais eles eram trazidos.

Os relatos de Faria Filho (2016), Hansen (2016), Paiva (2016) e Saviani (2013) esclarecem que a extrema violência com que eram tratados os índios e os negros era a principal maneira de manter essas populações sob controle. Para evitar possíveis fugas e rebeliões dos escravos africanos, eles eram vendidos em lotes sistematizados a partir da mistura de várias etnias, vindas de diferentes regiões e que falavam línguas distintas; tudo isso visava impedir ou dificultar sua organização coletiva. Por serem um produto caro, portanto, muito valioso comercialmente, eram mantidos sob intensa vigilância e, muitas vezes, acorrentados e mantidos nas senzalas.

No período colonial, de acordo com Faria Filho (2016), Hansen (2016), Paiva (2016) e Saviani (2013), a partir desse processo de mistura de povos, estima-se que a população brasileira chegou a contar com catorze milhões de pessoas; sendo que a constituição étnica era principalmente, de filhos de: mamelucos (filhos de índios com portugueses); cafuzos (filhos de índios com negros); e mulatos (filhos de negros com brancos), além é claro das pessoas das três raças fundantes. Os portugueses exerciam o papel de dominadores e buscavam impor sua cultura sobre esses outros dois grupos, seja pelo poder financeiro, pela extrema violência ou pela aculturação imposta pelos jesuítas no esforço de converter esses povos à fé católica; aos outros dois grupos sobrava a servidão que lhes era imposta.

Faria Filho (2016), Hansen (2016), Paiva (2016), Ribeiro (2015) e Saviani (2013) nos informam, também, que em função da dominação estabelecida pelos portugueses a cultura hegemônica era a trazida pelos colonos, mas a realidade dos fatos e do dia-a-dia das

relações estabelecidas pelos índios, negros e portugueses que fizeram parte desse processo histórico, forjaram uma nova matriz cultural, por meio de uma intensa mistura: de hábitos, de crenças, de idiomas, de culinária etc. o que foi gradativamente formando os primeiros traços de um povo genuinamente brasileiro, tendo como principal marca a miscigenação.

No plano étnico-cultural, essa transfiguração se dá pela gestação de uma etnia nova, que foi unificando, na língua e nos costumes, os índios desengajados de seu viver gentílico, os negros trazidos de África, e os europeus aqui querenciados. Era o brasileiro que surgia, construído com os tijolos dessas matrizes à medida que elas iam sendo desfeitas. (Ribeiro 2015, p.30)

1.1.3 – O Brasil, aspectos históricos da organização da educação

Faremos neste trecho alguns recortes históricos com o intuito de evidenciar alguns momentos que marcaram a sistematização da educação no Brasil. Considerando as palavras de Paiva (2016) “escola, escolarização, alfabetização têm um sentido típico em cada época, em cada contexto social”, tentaremos então apresentar alguns marcos para entendermos melhor como chegamos ao momento atual.

Segundo Paiva (2016) “Os portugueses, povo responsável pela colonização do Brasil, tinham uma organização social muito rígida e hierarquizada, fundada na religião, e tinham como máxima “*O serviço a Deus e o serviço d’El-Rei*””[grifo nosso], a sociedade que se estabelece segue essas características de forte hierarquização, centradas nas figuras de poder da sociedade da época: os donatários de terras e os religiosos, por trás dos quais estavam a Coroa portuguesa e a igreja católica.

Durante o processo de colonização do país, e até mesmo depois de sua independência, os principais responsáveis por desenvolver uma educação com alguma organização sistêmica, foi a igreja; várias ordens religiosas tiveram sua influência e sua atuação, mas a que mais fortemente deixou sua marca foi a jesuítica.

Desde que chegaram ao Brasil os jesuítas estabeleceram escolas e começaram a ensinar a ler, a escrever, a contar e cantar. Nóbrega, em sua primeira carta do Brasil, o atesta: “O irmão Vicente Rijo ensina a doutrina aos meninos cada dia e também tem escola de ler e escrever”. O colégio contudo era o grande objetivo, porque com ele preparariam novos missionários. . . . já em 1551 se dizia: “este colégio será bom para recolher os filhos dos gentios e cristãos para os ensinar e doutrinar”. (Paiva 2016, p. 43)

Em um primeiro momento, o projeto educacional da época tinha a clara intenção de converter os índios à fé católica, dessa forma, reafirmando o poder de influência da igreja junto a Coroa portuguesa, e para a Coroa portuguesa, essa ação tinha a intenção de reafirmar um domínio não só territorial, mas também cultural.

O que representava a alfabetização para os jesuítas a ponto de quererem, desde o início, alfabetizar os índios, quando nem em Portugal o povo era alfabetizado? . . . As letras deviam significar adesão plena à cultura portuguesa. . . . Não se trata, a meu ver, de possibilitar o acesso ao livro, ao livro sagrado: nem estamos na Alemanha, nem a leitura da Bíblia estava na linha do devocionismo então vigente. Trata-se de uma atitude cultural de profundas raízes: pelas letras se confirma a organização da sociedade. Essa mesma organização vai determinar os graus de acesso às letras a uns mais, a outros menos. A certa altura da catequese dos índios, os próprios jesuítas vão julgá-las desnecessárias. E os colégios, estes sobretudo, se voltam para os filhos dos principais. A cultura hegemônica assim o dispunha. (Paiva 2016, p. 44)

Depois de um longo tempo nessa ação de domínio, tanto pela servidão escrava, como pela aculturação desenvolvida pela igreja, de acordo com Hansen (2016), Paiva (2016) e Saviani (2013), entendeu-se que a educação escolar que era oferecida para os nativos indígenas já não era mais necessária, e esse esforço se transfere para o ensino dos filhos da elite, para os quais seriam designados: as heranças das terras, os cargos de importância política, as profissões mais relevantes no então quadro social; e, certamente, também, para a formação de novos sacerdotes. Dentro do projeto civilizador, pensado para a colônia, o colégio tinha a função de formar as pessoas que iriam ocupar o lugar de defensores e mantenedores da cultura; de uma cultura que interessava aos colonizadores e à igreja. Este poder cultural, conferido pelo conhecimento, aliava-se ao poder econômico, e era efetivamente exercido de forma hierárquica, especialmente por meio da ascendência das lideranças sobre seus dependentes e subalternos.

De acordo com os mesmos autores, a principal marca do sistema educativo levado a cabo pelos jesuítas foi o Ratio Studiorum, que definia a estruturação dos estudos da Companhia de Jesus, e estabelecia em pormenores: todo o currículo, todo o sistema de organização e toda a hierarquia dos colégios. Essas normas vinham do poder central da igreja, e nelas também estava implícito para qual grupo social esse trabalho seria mais relevante dentro do projeto de poder da igreja.

O desenvolver desse processo educacional traz um traço muito interessante: a vida e o ensino dentro dos muros dos colégios eram quase um universo à parte. Faziam questão de não ver, ou de negar todos os fatos com os quais não concordassem ou que não respaldassem o conhecimento e a moral que eles traziam nos seus ensinamentos, mesmo considerando as características das relações da época que tinham como marcas principais: a miscigenação étnica, o choque de culturas diferentes, o choque cultural da moral religiosa europeia e da cultura das tribos indígenas.

A vida no colégio parecia continuar impávida, como se não estivesse envolvida pelo mesmo ambiente colonial. . . . A educação e o ensino se pautavam por princípios que, *ipsis litteris*, não prevaleciam extra muros. . . . Implantava-se, assim, culturalmente, o formalismo pedagógico. . . . O que chamei de formalismo pedagógico – resultado do contraste entre prática e princípios – não deve ser atribuído ao estilo jesuítico: era validado pela aprovação social; correspondia à interpretação que a sociedade fazia de seus próprios comportamentos. A sociedade portuguesa, aqui assentada, assim pensava, assim agia. Para além de pedagógico, tratava-se de um formalismo cultural. (Paiva 2016, pp. 45-48)

Hansen (2016), Paiva (2016) e Saviani (2013) asseveram que as três principais etnias que formavam o povo brasileiro eram totalmente carentes da instrução escolar, os portugueses, no seu próprio país de origem, tinham um alto índice de analfabetos; os índios possuíam apenas sua cultura de povos tribais, baseados na transmissão oral e, portanto, não dominavam nem a escrita, e nem a leitura; o mesmo se dava com os negros africanos que também vinham, em sua grande maioria, de culturas tribais apenas de tradição oral, sem domínio da escrita ou da leitura. Então, a ação da igreja tinha uma função e um poder ímpares, visto que era um dos poucos meios possíveis de se desenvolver a educação da população. Como dito anteriormente, essa educação foi permitida aos índios durante várias décadas, porém, depois de algum tempo ficou estritamente reservada aos filhos das elites,

mas os negros, durante praticamente todo o período colonial e monárquico, não tiveram nenhum acesso à educação.

Conforme o relato de Paiva (2016) no caso dos portugueses também não era para todos que a educação era acessível, os que tinham maiores condições financeiras mandavam seus filhos para o colégio e, quando terminavam essa fase, muitas vezes, seguiam para a Europa com o intuito de dar continuidade aos seus estudos. Durante muito tempo, o acesso à educação ficou limitado aos filhos dos portugueses da elite, pois muitos dos colonizadores com menor poder financeiro também não tinham acesso.

De acordo com estudo de Hansen (2016) os indígenas viviam uma situação complexa e particular, alguns eram mantidos nas missões sob a falsa promessa de serem reconhecido como iguais pelos colonizadores, caso assumissem a fé cristã, o que na verdade nunca se deu. Muitos tentavam voltar para suas tribos ou se refugiavam nas missões; muitos outros tentaram se incluir na sociedade da época, fazendo parte assim da baixa classe social. Muitos dos filhos de brancos e índios foram de certa forma aceitos pelas famílias como ajudantes de confiança. A mesma coisa não acontecia com os filhos de negros e brancos, ou negros e índios porque a cor da pele era mais escura e isso os identifica com a escravidão negra.

A educação para a população negra foi outra questão marcante na nossa história, se para os índios houve em primeiro momento os colégios, e certa complacência por parte dos jesuítas e de algumas famílias, para os negros enquanto escravos, esses eram tratados apenas como mão de obra, e a educação nunca foi pensada para eles. Em determinado momento da história os jesuítas tentaram se contrapor à escravidão dos indígenas, quanto aos negros africanos, eles nunca se posicionaram, mais do que isto eles próprios tinham seus escravos.

Os próprios jesuítas, acompanhando as necessidades da época, defendiam a escravidão negra. . . . Como se aquietava a consciência, agindo o homem diversamente da letra dos princípios professados? O formalismo decorria dos próprios princípios da cultura, o colégio sendo apenas um instrumento mais refinado. . . . Daí a importância dos letrados e canonistas: eles jogavam com os argumentos e recompunham a ação em termos de validade, segundo os princípios. Daí, indiscutivelmente, a importância do colégio. O colégio plasmava o estudante para desempenhar, no futuro, o papel de vigilante cultural, de forma que a prática, mesmo desviante, pudesse ser recuperada (Paiva 2016, p. 48)

Saviani (2013) certifica que, mesmo com todas as falhas que o sistema pudesse possuir, a educação oferecida nos colégios, principalmente pelos jesuítas, era quase a única forma sistematizada de organização da educação na colônia; mas diante da conjuntura socioeconômica e política da época, por volta de 1759, o Marques de Pombal, um eminente diplomata e estadista, acabou por expulsar os jesuítas de todo o território de Portugal e posteriormente de suas colônias. No Brasil, a principal colônia portuguesa, também ocorreu a expulsão dos jesuítas também, a desestruturação dos seus colégios não foi substituída por outro sistema organizado, então por um certo espaço de tempo a colônia viveu um vazio estrutural no que diz respeito à educação. As ideias iluministas do Marquês de Pombal trouxeram nova organização política para colônia, e impunham a necessidade de se

organizar um sistema educacional que desse conta de acompanhar a nova realidade cultural e econômica.

Nos anos seguintes ao ano de 1800, principalmente com a chegada da família real ao Brasil, alguns progressos na área da educação foram percebidos, começa a se desenvolver um processo de organização cultural no país e a educação é um desses elementos.

Podemos estudar ainda no século XIX iniciativas voltadas para a educação de adultos. Criaram-se, assim os cursos noturnos, pelo Decreto 7.031 de 6 de setembro de 1878. No ano seguinte, a Reforma do Ensino Primário e Secundário proposta por Leôncio Carvalho completava o projeto educacional do império: instituiu a obrigatoriedade do ensino dos 7 aos 14 anos e eliminava a proibição de escravos frequentarem as escolas públicas. (Gonçalves 2016, p. 327)

Esta necessidade de organização do sistema educacional ganha novas cores com a independência do Brasil em setembro de 1822, pois a nova nação precisava seguir sua história sem a dependência de Portugal, então precisava de qualificar seu povo para se inserir na realidade econômica da época.

A abolição da escravidão foi outro momento marcante da história do país, pois de alguma forma alterava completamente a organização produtiva, novas formas de organização do trabalho precisavam ser pensadas, especialmente em uma economia centralmente baseada na agricultura, e que dependia do trabalho escravo.

Segundo Gonçalves (2016), a libertação dos escravos, que seguiu alguns passos antes de chegar à abolição definitiva da escravidão, tais como: a proibição do tráfico de escravos; a Lei dos Sexagenários e a Lei do Ventre Livre, mesmo com o empenho de uma parte da sociedade que era abolicionista, não foi capaz de pensar em um sistema educativo que incluísse a população negra, então após a abolição os escravos foram deixados à sua própria sorte, à margem da sociedade. Ainda em conformidade com Gonçalves (2016, p. 336) “revoltas e rebeliões que dominavam praticamente todo o período da escravidão negra no Brasil, dando à luz modelos de organizações sociais forjadas pelos escravos rebeldes, conhecidas como quilombos, reapareceram na era republicana sob a forma de movimentos sociais”.

De acordo com Gonçalves (2016) uma das poucas formas de organização social que se preocupavam com a realidade dos negros eram as várias irmandades que surgiram por todo o país, estas organizações eram espaços onde os negros, agora livres, se encontravam-se, para discutir e pensar sobre suas realidades, eram espaços de desabafo e de lamento, mas também de ações efetivas para mudar as condições da população negra, um dos elementos que buscavam desenvolver como forma de ter melhores condições sociais era a educação.

Segundo Gonçalves (2016, p. 332) relata que, “constrangidos pela hierarquia eclesiástica a catequizar seus escravos e a introduzi-los no mundo cristão, os escravocratas viram nas irmandades uma ótima oportunidade para separar de uma vez por todas as igrejas dos brancos da igreja dos negros”.

Entretanto, apesar dessa válvula de escape encontra pela elite brasileira, segundo Gonçalves (2016, p. 334) “como autodefesa, proibiam, por meio de leis, qualquer iniciativa que oferecesse aos negros educação; vetavam-lhes o direito de se organizarem sem a vigilância dos brancos”.

Embora tenham constituído suas irmandades, os negros e os mulatos continuavam subordinados ao controle dos brancos; eram organizações leigas, mas “tinham sua direção subordinada ao vigário que controlava as decisões”. . . . Esse processo ficou conhecido como “romanização do catolicismo brasileiro”. . . . coube ao clero elaborar textos eclesiásticos consistentes, separando o cristianismo da liberdade civil. . . . Embora supervisionadas por brancos, elas incorporaram elementos africanos, o que fez com que o catolicismo negro brasileiro tivesse algo de original. . . . Como se pode ver, o conceito de educação que aqui adotamos exclui prudentemente todas as formulações idealizadoras de pedagogia humanista, tão em voga na segunda metade do século XIX europeu. (Gonçalves 2016, pp. 333/335)

Mas para grande parte da sociedade brasileira, durante todo esse processo, a educação sempre representou a possibilidade de ascensão social, uma maneira de se equiparar aos portugueses ou à elite dominante.

Talvez essa constatação explique porque no ideário de luta dos negros brasileiros a educação sempre ocupou lugar de destaque: ora vista como estratégia capaz de equiparar os negros aos brancos, dando-lhes oportunidades iguais no mercado de trabalho; ora como veículo de ascensão social e por conseguinte de integração; ora como instrumento de conscientização por meio do qual os negros aprenderiam a história de seus ancestrais, os valores e a cultura de seu povo, podendo a partir deles reivindicar direitos sociais e políticos, direito à diferença e respeito humano. . . . A educação, apesar das diferentes situações em que é reivindicada, aparece como um valor. (Gonçalves 2016, p. 337)

A Proclamação da República que ocorreu após a abolição da escravidão aconteceu no ano de 1889. Assim, extingue-se então a monarquia, e uma nova conjuntura de forças passa a comandar o país, mas a organização social continuava hierarquizada e elitista, e segundo Gonçalves (2016, p. 328): “a república não expandiu os direitos políticos imediatamente após sua proclamação, nem garantiu o acesso de todos à educação durante muitas décadas”.

Kreutz, (2016) aponta que um outro fator que é relevante na constituição da população brasileira, e que também tem seus impactos na educação foram as migrações. Para atender à demanda de mão de obra para as lavouras, especialmente as de café, principalmente a partir do ano de 1850, depois da proibição do tráfico negreiro, lançou-se mão do trabalho dos imigrantes. Esses eram de vários países: italianos, alemães, japoneses e poloneses que se instalaram mais nas zonas rurais, e os portugueses e espanhóis que se instalaram mais nas zonas urbanas, além de outros povos que vieram em menor quantidade.

Ainda de acordo com o mesmo autor, a desenvolvimento rápido dos Estados Unidos que, historicamente, teve muito afluxo de imigrantes, passou a ser o modelo a ser seguido. Esses eram incentivados a vir, principalmente para o trabalho nas lavouras, mas, no ideário político dos governantes, também tinham outras funções: garantir a ocupação dos territórios, principalmente os do Sul, em constante disputa de fronteiras com os países da região do Prata e também “branquear” a população que, na ótica dos então governantes, possui muitos mulatos e negros.

No século XIX, o Brasil teve um afluxo pequeno de imigrantes em relação a um contexto mais amplo de imigração europeia para a América. Dessa imigração, 24% foi para a América do Sul, e 68% para a América Anglo-Saxônica. De 1820 a 1861, mais de 5 milhões de pessoas, provenientes principalmente da Europa, dirigiram-se para os Estados Unidos. E até 1850 menos de 50.000 imigrantes haviam entrado no Brasil. Na América do Sul, o maior contingente optou pela Argentina, que, de 1856 a 1932 recebeu 6.405.000 de imigrantes. O Brasil, em segundo recebeu 4.903.991 de imigrantes entre 1819 e 1947. (Kreutz, 2016, p. 350)

Segundo Kreutz (2016) o governo do Brasil, apesar do incentivo, tentava evitar grandes extensões de colônias de imigrantes da mesma etnia, buscando separá-las por terras particulares, de posse de brasileiros ou de luso-brasileiros, essa era uma estratégia para evitar que esses grupos se organizassem. Porém, por outro lado, os grupos de imigrantes, apesar da diversidade que estes possuíam, por terem vindo de regiões com microculturas diferentes, ainda assim houve uma tendência de formação de núcleos. Em termos quantitativos em ordem decrescente tivemos: os alemães, os japoneses, os portugueses, os espanhóis, e os italianos. Os grupos que se concentraram mais nos espaços urbanos acabaram por se misturar em maior proporção com a população nativa, os que foram mais para o interior, principalmente para os estados do Sul e Sudeste, para o trabalho na agricultura, acabaram por estabelecer núcleos populacionais etnicamente mais homogêneos; é o caso dos alemães, dos poloneses e parte dos italianos e japoneses.

Conforme relata o mesmo autor apesar da heterogeneidade desses grupos, a questão étnica acabou por reuni-los, e esses buscavam conservação as suas características de identidade cultural. Uma boa parte desses imigrantes provinham de países que já possuíam um sistema escolar mais organizado e, por isso, muitos já eram alfabetizados e tinham consciência da importância da escola, porém, no Brasil não encontraram escolas públicas. Um dos resultados da organização desses grupos, e que foi um marco importante para a educação no país, foram as escolas étnicas. As escolas dos imigrantes eram geralmente comunitárias, particulares e ou pertencentes a uma congregação religiosa.

O grau de alfabetização por grupo étnico foi: imigrantes alemães 91,1%, imigrantes japoneses 89,9%, imigrantes portugueses 51,7%, imigrantes espanhóis 46,3%. Estes dados referem-se somente aos imigrantes que entraram pelo porto de Santos e não podem ser tomados como representação completa de cada grupo étnico. . . . No período de maior entrada dos mesmos, na década de 1890, o Brasil tinha um sistema escolar altamente deficitário, com uma população de mais de 80% de analfabetos. Esse quadro levou alguns grupos de imigrantes a pressionarem o Estado em favor de escolas públicas. Outros, especialmente os que haviam se estabelecido em núcleos mais homogêneos, investiam em escolas étnicas. . . . os do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo. (Kreutz, 2016, p. 353)

Depois de muito tempo do início deste sistema escolar, e de muitas etnias contarem com estarem bastante organizados e com uma quantidade significativa de escolas, o poder público, principalmente em função da onda nacionalista da época, que desencadeava um movimento de afirmação da unidade nacional, começou a interpor ações que levariam esta rede de escola praticamente à extinção.

Tentava-se assegurar a lealdade dos cidadãos difundindo e legitimando uma concepção de mundo semelhante, imposta pelo Estado e transmitida especialmente pelo sistema escolar. A escola foi chamada a ter um papel na configuração de uma identidade nacional, sendo ao mesmo tempo um elemento de incentivo, à exclusão

de processos identitários étnicos. . . . Independentemente de origem social e cultural, de experiências vivenciadas, o aluno era simplesmente aluno, retratando pouco a diversidade. . . . Assim, ao se promover a escolarização na modernidade, sob o movimento de formação dos Estados Nacionais, essa mesma escolarização tornou-se fortemente um fator de imposição da língua nacional e desautorização e desencorajamento de expressões regionais e dialetos. . . . A escola deveria ser ativada em perspectiva monocultural, tratando as diferenciações culturais como algo a ser superado. O estado situava-se no centro de formação da identidade nacional. (Kreutz, 2016, pp. 351/352)

Segundo Kreutz (2016) a partir desse movimento coordenado pelo poder público, principalmente depois da Primeira Guerra Mundial, o processo de reafirmação a identidade nacional passa pela organização do sistema escolar. Na década de 1930, as escolas étnicas passaram a ser vistas com restrição e várias ações foram sistematizadas para que elas deixassem de existir. Em 1938-1939, num período compulsório de nacionalização, essas escolas foram fechadas ou transformadas em escolas públicas, por meio de uma sequência de decretos de nacionalização.

Num sistema que tinha como base a doutrina liberal, a vinda desses imigrantes foi uma forte concorrência para toda a população brasileira, principalmente para os mais pobres, pois a maioria dessa população era alijada da educação. Em contraponto com os brasileiros, muitos imigrantes já vinham de sistemas educacionais mais estruturados e já tinham forte formação escolar, e essa cultura que foi transmitida para os seus descendentes; assim, esses puderam conseguir se desenvolver melhor dentro da nova sociedade onde passavam a habitar.

Se a mistura de etnias é a marca do povo brasileiro, que inicia sua constituição a partir de três povos fundantes: índios, portugueses e negros africanos, este processo migratório completa a constituição dessa multiplicidade étnica e de nossa pluralidade cultural. Por certo, essas características estão impressas de várias formas na nossa organização educativa, mas uma lógica social, uma representação coletiva que esteve sempre presente em vários momentos da nossa história foi o fato de “entender a educação como uma possibilidade de superar os limites da nossa rígida hierarquia social”; isso pelo lado das classes menos favorecidas; pelo lado das elites, a educação, não raras vezes, coloca-se como: uma possibilidade de se igualar aos europeus, tidos como superiores em termos de educação (já tivemos também os Estados Unidos da América como modelo de educação); e, internamente nossa organização política mantém a educação como um eterno campo de disputas ideológicas, para uns tentam garantir o atual modelo (que privilegia determinadas classes sociais) e outros buscam mudanças na intenção de que haja igualdade de qualidade e de acesso.

1.1.4 - O Sistema educativo e seus atores.

Para contextualizarmos a educação no Brasil apresentaremos alguns aspectos que são centrais na LDB (Lei de diretrizes e bases da educação) e uma breve análise de como essas regulamentações se materializam na nossa realidade social. As concepções aqui expostas estão ancoradas em publicações ligadas a educação. As produções científicas que referendam a nossa exposição, em sua grande maioria, foram produzidas nas universidades brasileiras, especialmente nas públicas; os autores destes trabalhos, em geral, fazem parte

de núcleos constituídos dentro dos cursos de pós-graduação em educação, e se dedicam a discutir as políticas públicas dessa área.

Apresentaremos as ideias de alguns destes autores para contribuir na contextualização que ora desenvolvemos, nos limitando a trabalhos que abordam assuntos que dialogam diretamente com nosso tema. Não temos como objeto de nossa investigação a questão das políticas públicas, entretanto acreditamos que seja importante compreendermos esse universo onde habitam os sujeitos de nossa pesquisa. Na maioria dos trabalhos nesta área temos como consenso o fato de que a educação no Brasil faz parte de um contexto macro econômico complexo e recheado de interesses político-ideológicos que nela são projetados.

Apresentamos então a concepção de educação que está expressa na LDB: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”; este conceito retrata de forma ampla os vários espaços sociais onde a educação se efetiva, mas apresenta apenas de forma vaga o que é educação, e a define apenas como “processos formativos”, sem se preocupar em aprofundar neste conceito.

É importante esclarecer que a lei em questão disciplina e regulamenta apenas a educação realizada nas instituições que fazem parte do sistema nacional de ensino; e tem como metas principais a vinculação desta educação com a vida social e o mundo do trabalho. Segundo esta lei, a educação escolar obrigatória e gratuita, deve ser oferecida pelo poder público durante todo ensino básico.

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) o sistema educacional brasileiro está legalmente organizado em: educação básica e superior. A educação básica divide-se em três níveis: educação infantil, que compreende formalmente a faixa de 0 a 5 anos de idade; ensino fundamental, de 6 a 14 anos de idade; e ensino médio, de 15 a 17 anos de idade. Na organização administrativa deste sistema a oferta e a gestão da educação infantil e do ensino fundamental são de responsabilidade dos municípios, enquanto o ensino médio é, prioritariamente, de responsabilidade dos estados e do Distrito Federal. Ao governo federal cabe, dentre outras atribuições, atuar no ensino superior e prestar assistência técnica e financeira às esferas estaduais e municipais, buscando garantir a equidade dos investimentos nas diferentes Unidades da Federação.

Segundo Saviani (1987), não podemos falar em sistema de educação no Brasil, mas sim em sistemas. A forma de estruturação do ensino no país deixa margem a variações significativas; levando-se em consideração a dimensão continental do território brasileiro e as distintas características culturais e econômicas de seus vários estados e municípios, podemos compreender por que não podemos considerar que exista apenas um sistema de ensino. Então de acordo com cada realidade se desenvolve uma sistematização do processo educativo, e dentro desta pluralidade de sistemas as premissas de igualdade de condições de acesso e a garantia do padrão de qualidade expressas na LDB, não são de fato postas em prática.

Outra questão complexa, política e socialmente falando, abordada por Libâneo (2012) e Saviani (1987), refere-se a distinção entre: escolas públicas e escolas privadas; as escolas da rede privada, que em tese conseguem realizar o processo formativo com mais qualidade, são destinadas aos filhos da classe rica, e as escolas públicas, as quais teoricamente têm menor qualidade de ensino, são destinadas as classes mais baixas. Esta divisão em escolas públicas e privadas é uma característica marcante da desigualdade econômica e educacional no país. Não acreditamos que os rótulos imputados a estas duas redes de ensino sejam verdades absolutas, pois devido à diversidade dos sistemas educativos que coexistem no país, podemos inferir que existam escolas privadas de baixa qualidade e escolas públicas de alta qualidade, fato que não resolve o problema desta divisão.

2.1.4.1. Os docentes

O docente é um dos principais atores do processo educativo, a LDB define que, na educação básica, este profissional tenha formação à nível superior, em cursos de licenciatura plena, sendo admitido para atuar na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a formação a nível de magistério. Admite-se também profissionais graduados que tenham feito complementação pedagógica segundo o que define o conselho nacional de educação.

No Brasil o trabalho docente tem sido objeto de constantes debates que refletem: sobre sua importância, sobre a competência destes profissionais, sobre as condições de trabalho, sobre o seu papel no avanço da sociedade, etc. Apresentaremos uma síntese desses múltiplos olhares para caracterizarmos quem é esse sujeito que nos apresenta sua visão acerca da educação e sobre seu próprio trabalho.

Segundo Batista, Carlotto, Coutinho, Pereira e Augusto (2010), Catani (2000), de Moura Abreu e Landini (2003), Jacomini e Penna (2016) e Nardi e Schneider (2014), o trabalho docente no Brasil vive uma crise, que se desenvolveu ao longo de toda sua história, mas apresenta aspectos mais acentuados na atualidade. O trabalhador da educação é submetido a uma infinidade de exigências que o tem levado ao adoecimento: jornadas exaustivas, baixos salários, falta de condições materiais e estruturais para realizar seu trabalho, violência física e simbólica por parte dos alunos e também por parte da gestão da escola etc. Este quadro pouco atrativo tem afastado as novas gerações da profissão de professor, os poucos que ainda fazem a escolha por essa carreira normalmente são oriundos de classes sociais que tiveram maior dificuldade de acesso à educação, e assim a buscam nem sempre por uma identificação profissional, mas sim por terem maior probabilidade de aprovação no processo seletivo das universidades, pois os cursos de formação de professores são historicamente menos concorridos. Ainda dentro deste contexto da formação dos profissionais da educação temos outro agravante: muitos destes futuros professores já vêm de formações escolares deficitárias, e acabam tendo de fazer sua formação superior em universidades privadas, onde recorrentemente, a qualidade de ensino é baixa. Neste mesmo processo de mercantilização da educação promovido pelas universidades privadas, o ensino à distância (EAD) vêm assumindo cada vez maior

protagonismo nas licenciaturas, o que tende a reduzir ainda mais o nível de qualidade de formação dos futuros professores.

Considerando esta pluralidade de sistemas que coexistem no país, percebemos que em alguns deles os professores têm condições de realizar seu trabalho com qualidade e têm sua profissão valorizada; mas esta não é a realidade de grande parte dos profissionais da educação. O sistema educativo do país, portanto, ainda não conseguiu colocar efetivamente os pressupostos da LDB em prática, elementos como: a valorização do profissional, os padrões de qualidade do ensino, a estrutura das escolas e a equidade na formação, dentre outros elementos, ainda estão longe de serem atingidos. A grande ironia é que esse mesmo poder público que deveria dar as devidas condições para o funcionamento das escolas e para o trabalho docente, realiza avaliações em massa onde detecta que a qualidade não é adequada, e em linhas gerais na maioria dos sistemas, a resposta a tal situação passa basicamente pela culpabilização da própria escola e especialmente do professor. Esta propaganda negativa coloca a instituição escolar e o professor em descrédito frente a sociedade. Esta é a maior agressão realizada contra a escola e seus agentes, pois é mais que a violência física e material fartamente documentada, ela enseja também uma violência simbólica, que atinge os sujeitos na sua subjetividade.

2.1.4.2. Os discentes

O aluno, que é outro ator principal no processo educativo, na particularidade de nossa investigação é um adolescente. No ensino médio, que é a fase formativa onde buscamos os sujeitos de nossa pesquisa, eles possuem entre catorze e dezenove anos.

A palavra adolescência vem do latim *adolescere*, que significa crescer; para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) a adolescência compreende o período entre os doze e os dezoito anos, para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e para Organização Mundial de Saúde (OMS) a adolescência é definida como um período biopsicossocial entre os dez e os vinte anos.

Segundo Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silveiras (2010) a puberdade refere-se aos vários fenômenos fisiológicos que se processam em uma determinada fase da vida, enquanto a adolescência diz respeito as mudanças nos componentes psicossociais (alterações cognitivas, sociais e de perspectiva de vida etc.). Consideram portanto que ao mesmo tempo que podemos entender a adolescência como um processo universal, precisamos ter claro que o seu desenvolvimento depende da inserção histórica e cultural de cada sujeito. Estes mesmos autores entendem que a escola, apesar de ser obrigatória para todos os adolescentes, traz para cada um deles experiências que são aproveitadas de maneiras distintas, e que portanto os adolescentes tendem a compor diversos grupos, nos quais apresentam distintos: comportamentos, filosofias, atitudes e gostos.

Neste período da vida os sujeitos vivenciam significativas mudanças corporais, mudanças estas que são características da puberdade, e ao mesmo tempo passam por um processo social de afirmação de sua identidade e de sua autonomia. A construção desta identidade se intensifica nesta fase à medida que estes adolescentes precisam conviver em

vários espaços sociais distintos do seu ambiente familiar e sem a tutela direta de seus responsáveis. Neste período dá sequência ao seu processo de formação educacional que tende a levá-los ao mercado de trabalho em busca de sua independência financeira.

1.2 - Produções científicas sobre o tema.

Nesta parte do capítulo da revisão falaremos sobre as produções científicas que serviram de referência para nossa investigação. Foram utilizadas como fontes: os acervos de produções científicas oferecidos aos alunos da Universidade de Santiago de Compostela (USC) pelo seu sistema de bibliotecas, especialmente a base Dialnet; a biblioteca eletrônica SciELO (Scientific Electronic Library), que é um dos acervos de produções científicas mais completos do Brasil, na qual o pesquisador, como funcionário de uma instituição federal de ensino (IFG) tem um acesso mais detalhado; também foi utilizado o Google Acadêmico.

No início da investigação que ora apresentamos, como é de praxe em trabalhos doutorais, pesquisamos estas bases de dados para termos uma dimensão do nível de desenvolvimento das produções científicas que abordavam o tema de nossa pesquisa. Ao realizarmos a busca com as palavras-chave: educação, subjetividade e representações sociais, tivemos como retorno um rol de aproximadamente 200 artigos.

Foram lidos todos os resumos desse rol de artigos, e então fizemos uma seleção, para uma leitura mais detalhada, daqueles que tinham maior proximidade com a investigação que seria desenvolvida. Depois de finalizada a pesquisa de campo e da sistematização dos dados obtidos, refizemos a busca nas mesmas bases de dados para verificarmos se havia novas produções; selecionamos aqueles que apresentavam interfaces com os resultados que foram obtidos na pesquisa ora apresentada. Nesse processo de busca e leitura dos artigos, que se procedeu durante todo o desenvolvimento da tese, foram selecionados sessenta artigos, sendo: 28 em português, 24 em espanhol e 8 em inglês (APÊNDICE 1).

A maioria dos trabalhos estavam publicados em português seguido pelas publicações na língua espanhola. Acreditamos que um dos motivos que justificam o fato de termos obtido menor quantidade de artigos na língua inglesa se deva a uma questão terminológica, pois as palavras-chave utilizadas para as buscas não eram comumente usadas em artigos produzidos em língua inglesa. Outro aspecto a ser considerado é que dentre os artigos que nos chamaram a atenção, alguns estavam publicados em periódicos que só permitiam o acesso à íntegra do texto mediante pagamento. Como entendemos que os trabalhos encontrados em língua portuguesa e em língua espanhola já conferiam uma boa referência para a nossa investigação e nos propiciavam também uma boa dimensão das produções sobre o assunto, optamos por não utilizar os artigos que requeriam pagamento.

Foram encontrados artigos com diversas perspectivas epistemológicas; o principal paradigma investigativo foi o interpretativo. A principal constatação deste momento da investigação foi sobre a diversidade de autores usados como referência para os estudos sobre o tema subjetividade, tais como: Aristóteles, Bourdieu, Freud, Foucault, Espinosa, Guattari, Heidegger, Kant, Marx-Engels, Morin e Freire entre outros. Entendemos que esta

pluralidade se deve ao fato de o tema da subjetividade ser um ponto de interseção entre várias áreas de conhecimento: educação, antropologia, filosofia, psicologia, psicanálise e sociologia.

A temática das representações sociais já mostra uma abordagem mais homogênea e menos controversa do que a subjetividade, tendo como principais autores de referência: Durkheim, Moscovici e Jodelet. A temática sobre motivação foi mais encontrada nos artigos de língua inglesa e entre os principais autores podemos citar Pintrich e Schunk.

Os artigos tomados como referência para o trabalho foram sistematizados em categorias segundo a sua relação com o tema da pesquisa: educação, emoções, engajamento na aprendizagem, formação docente, interrelação professor aluno, mediação pedagógica e educação, educação, motivação e docência, representações sociais e subjetividade.

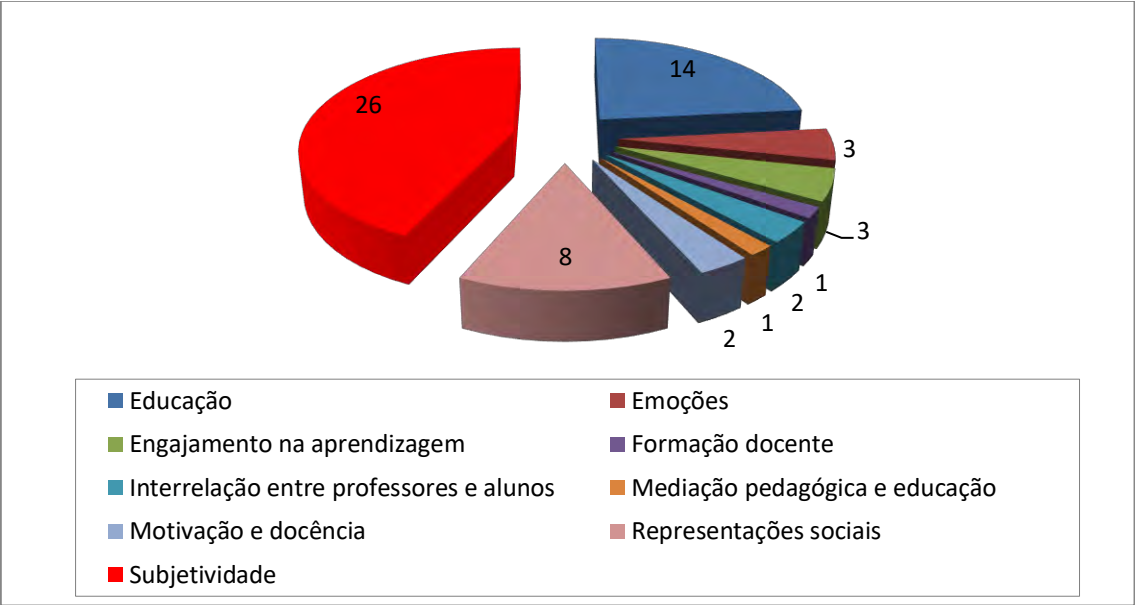


Figura 2. Quantidade de artigos por área temática.

Fonte: Elaboração própria.

Apesar dessas abordagens tão diversas, pudemos constatar que as relações entre a educação, a subjetividade e as representações sociais são temáticas que, cada vez mais, atraem o interesse da comunidade acadêmica. As publicações de artigos sobre esses temas, de acordo com a nossa amostra, começam a ganhar corpo a partir da década de noventa, tendo seu maior número de produções a partir do ano de dois mil e oito.

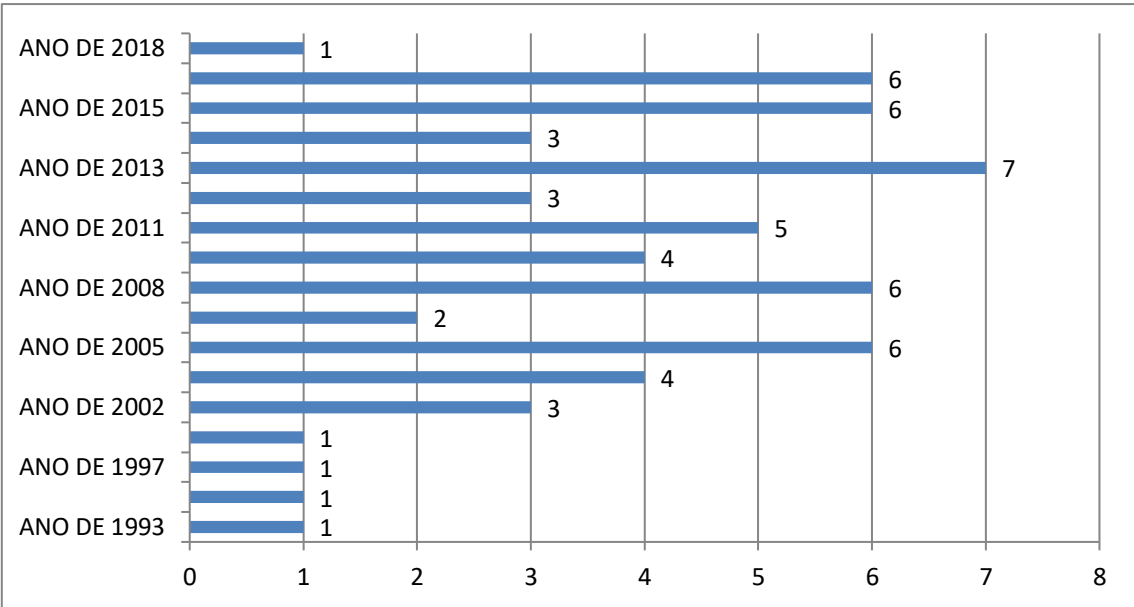


Figura 3. **Número de artigos organizados por ano de publicação.**
 Fonte: Elaboração própria.

Os artigos pesquisados foram publicados em diversos países, sendo que a maioria dessas publicações foram feitas no Brasil. Pudemos perceber que vários pesquisadores brasileiros publicaram trabalhos em revistas de estados diferentes dos seu domicílio, o estado brasileiro responsável pela maioria das publicações foi o estado de São Paulo. É interessante ressaltar que tivemos publicações, nessas revistas brasileiras, de pesquisadores de outros países da América do Sul; e, também, alguns pesquisadores brasileiros que publicaram seus trabalhos em revistas de outros países da América do Sul e Central. Esse dado nos mostra a existência de uma socialização das produções sobre o tema dentro das regiões do Brasil e também entre alguns países das Américas do Sul e Central, o que possibilitaria a organização de redes de investigação.

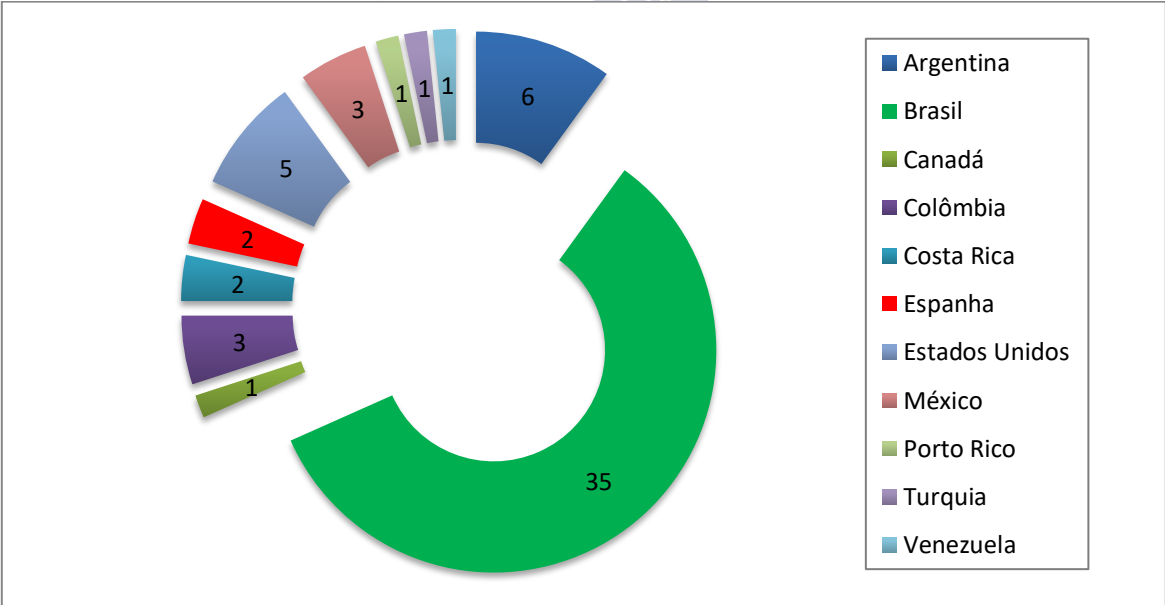


Figura 4. **Número de artigos organizados pelos países de publicação.**
 Fonte: Elaboração própria.

As revistas que mais publicaram sobre o tema foram: A revista Educação (Brasil) com quatro artigos, as revistas Paidéia (Brasil), Cadernos de Pesquisa (Brasil) e Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación (Argentina) todas com três artigos; além

da revista Astrolábio (Espanha) com dois artigos. Todos os outros quarenta e cinco artigos foram publicados em diferentes veículos.

Fizemos, também um levantamento das teses e dissertações que abordavam temas similares ao do nosso trabalho (APÉNDICE 2). Elencamos nove trabalhos, sendo: sete teses doutorais e duas dissertações de mestrado; desses, quatro foram produzidos no Brasil e cinco na Espanha; todos foram defendidos depois do ano de dois mil e um.

1.3 Correntes na análise da educação brasileira

Temos clareza de que investigar temas ligados à educação não é uma tarefa simples, ainda mais se consideramos que o nosso objeto de investigação dentro desta grande área da educação seja a subjetividade e as representações sociais. Como nos mostram nossas revisões literárias esses temas são abordadas e investigadas por distintas áreas do saber, tais como: educação, antropologia, sociologia, psicologia, psicanálise, entre outros, e que portanto há uma grande variedade de abordagens sobre este tema e, por conseguinte, várias correntes epistemológicas e vários autores que teorizam sobre tais assuntos. Na nossa investigação, para mantermos a coerência, com os autores que serviram de base para a constituição do nosso olhar sobre este tema, usamos autores que dialogam com estes.

A nossa pesquisa se desenvolve dentro de uma perspectiva histórico cultural tendo a escola de Vigotski (2001, 2007, 2009) como principal referência; na particularidade da realidade e da cultura brasileira nosso trabalho tem como ponto de partida os pressupostos filosóficos e as teses de Freire (1987, 2011b, 2013b, 2013c, 2015b, 2018) concepções essas que se mostram muito atuais e relevantes para a reflexão sobre educação. E neste mesmo alinhamento paradigmático e epistemológico apoiamos-nos numa importante corrente da pedagogia brasileira que desenvolve seus trabalhos e suas teorias dentro de uma perspectiva crítica. Esta corrente tem dois grandes teóricos que têm dentro do mesmo contexto alguns dissensos, mas que, a nosso ver, em linhas gerais, apontam para um mesmo norte. Uma destas nossas referências paradigmáticas está assentada na pedagogia histórico-crítica que tem, como principal representante, Saviani (1987, 2013a, 2013b, 2013c) autor que tem uma base teórica com maior influência marxista; e o outro braço desta corrente são os trabalhos de Libâneo (2012, 2013, 2014), que teoriza sobre questões ligadas à educação e à didática dentro de uma perspectiva histórico cultural tendo como principais influências Vigotski e seus seguidores.

A nossa abordagem sobre o tema educação, em sua relação com a subjetividade, está sustentada a partir da ótica desses autores e de outros que discutem dentro do mesmo paradigma. Já as nossas bases conceituais sobre as representações sociais estão centradas nos trabalhos de Moscovici (2015), nossos conceitos sobre motivação estão baseados especialmente em Pintrich e Schunk (2006) e nossos conceitos sobre valores e atitudes estão ancorados em Zabalza (2000) e em Escámez Sánchez (2007).

Então, cientes dos vários caminhos possíveis para debater este tema, apresentamos o trajeto teórico por nós escolhido.

1.3.1 A educação enquanto processo de construção e constituição do homem

O ser humano historicamente, constitui-se como espécie por meio da sua capacidade de pensar, de usar sua criatividade para solucionar os problemas de sua existência. Ao longo dessa evolução, entendemos que a nossa capacidade de sistematizar os aprendizados desenvolvidos e de transmiti-los aos demais membros da espécie era uma forma de garantir a perpetuação da mesma. Tal processo tem se dado desde a pré história até os tempos atuais e, cada vez mais, a raça humana acumula habilidades que lhe permitem modificar a natureza a seu favor e, assim, garantir melhores condições de vida. Quando, a milênios atrás, decidimos estudar esse fenômeno, que chamamos educação, passamos a ter consciência do poder de nossa capacidade de aprender e de como isso era fator influenciador em nosso processo civilizatório.

3.1.2 O nosso paradigma de educação

Esse breve olhar, nessa perspectiva antropológica, marca nosso entendimento sobre a educação, ao admitir que ela seja um processo pelo qual a humanidade elabora a si mesma. O processo educativo acontece na história e com a história, sendo construtor dela, ao mesmo tempo em que é por ela construído. E cada sujeito participa como educador e como educando neste processo de socialização de conhecimentos que nos constitui enquanto coletivo. Entendemos, assim, que não poderíamos olhar para a educação a não ser a partir de uma perspectiva histórico social; pois essa educação, enquanto processo e enquanto resultados, tem características e desdobramentos de acordo com o tempo e o espaço social onde se desenvolve.

Nossos estudos partem dos conceitos de Freire que, para nós, mais do que um teórico da educação, apresenta-nos em sua obra, pressupostos filosóficos do que seja educar.

Segundo Freire (1987):

Os homens ao terem consciência de sua atividade e do mundo em que se encontram, ao atuar em função de finalidades que lhes são propostas e que eles mesmo se propõem, ao ter a referência para as decisões de sua busca em si mesmo e em suas relações com o mundo e com os outros, ao impregnar o mundo de sua presença criadora através da transformação que nele realiza, na medida em que dele pode separar-se e separando-se pode se representar nele, os homens, contrariamente ao animal, não somente vivem, mas existem, e sua existência é histórica. . . . dado que são conscientes de si e assim são também conscientes do mundo, vivem uma relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade.

Nos chamam a atenção nos escritos de Freire (1987, 2011b, 2013b, 2013c e 2015b) a percepção do homem enquanto ser capaz de se constituir a si mesmo ao mesmo tempo em que constitui o mundo no qual vive, esse entendimento nos deixa evidente o processo dialético que o sujeito vive entre a sua existência enquanto ser individual e enquanto parte de uma coletividade; estes escritos discorrem sobre os processos objetivos e subjetivos através dos quais esses sujeitos sociais põem em marcha sua força criadora. Esse processo de aprendizagem, no íntimo da subjetividade de cada sujeito e a partir do uso das capacidades e ferramentas que desenvolveu para abstrair-se e analisar o mundo a sua volta, permite-lhe desenvolver a consciência de seu lugar no mundo e também a capacidade de se

representar nele. Esta mesma consciência do seu papel no processo de construção da cultura humana e do seu próprio processo de humanização, promove uma relação dicotômica entre os condicionamentos impostos pela sociedade em que vive e os seus desejos de superar tais condicionamentos.

Nesse processo histórico de construção, cada sujeito pode intervir em maior ou menor grau nessa dinâmica social, a depender: da sua personalidade, do grupo social do qual faça parte e também, a depender das relações de poder e submissão características dos círculos sociais em que convive.

Um elemento central que nos serve de referência, e que perpassa toda a obra de Freire, é que suas teses representam diálogos entre as pessoas consigo mesmas e suas relações com os espaços históricos e sociais que as cercam, sempre vislumbrando as possibilidades transformadoras que suas aprendizagens possam lhe conferir.

Segundo Freire (2015b) o processo educativo precisa se estabelecer como um exercício de liberdade, onde o indivíduo possa gradativamente se tornar consciente de seu papel social, político e humano no mundo. Portanto, o aprendiz precisa se tornar consciente de sua responsabilidade como sujeito histórico e, nesse sentido, a educação deve ser uma ferramenta para permitir a leitura do mundo de forma crítica, possibilitando assim a percepção dos vários condicionamentos que nele estão postos.

Freire (1987) defende, também, a importância de que a educação não seja o que ele chama de “*educação bancária*”, onde o professor, como único possuidor de saberes, deposita no aluno o conhecimento, como se esse fosse um pote vazio, apenas à espera de receber passivamente esse saber. Dentro dessa discussão Freire (2011b, 2013b e 2015 b) deixa explícita a necessidade de que tanto o aluno quanto o professor sejam sujeitos neste processo ensino aprendizagem; e salienta que o aluno não é um ser passivo que apenas aceita sem questionar os conhecimentos que lhes são apresentados. Assim, destaca a particularidade de cada universo subjetivo e cultural que o aprendiz traz para dentro da sala de aula, e a importância de que esta individualidade seja levada em consideração para que a educação realmente faça sentido.

Ainda segundo os postulados de Freire (1987) postula que é necessário superar esse modelo de ensino aprendizagem que, na maioria das vezes, oprime o aprendiz; considera indispensável que, dentro do processo ensino aprendizagem, tanto os educadores quanto os educandos, sejam respeitados. Destaca que o professor não deva ser esse ente que faz depósitos de conhecimento sobre o aluno; postula que ele deva romper com o excesso de intelectualismo acadêmico e assim ser capaz de entender o aluno como um sujeito ativo no processo de aprendizagem e não apenas como um receptáculo para os seus conhecimentos científicos. O referido autor (2011) nos chama a atenção para a necessidade de que o docente tenha um alto domínio de sua área de conhecimentos, mas que tenha também muito senso crítico e autonomia intelectual; e que essas competências profissionais lhe permita fazer escolhas acertadas sobre o que levar para seu aluno em sala de aula. Destaca a necessidade de que esse profissional seja responsável e ético no exercício de sua tarefa de educar, para assim ajudar o aprendiz a aprimorar suas capacidades: intelectivas, morais e políticas sempre de forma crítica; entende que, assim, por meio dessa filosofia educativa, o

docente seja capaz de ajudar o aprendiz a atingir sua necessária autonomia e a consciência do seu lugar no mundo.

Freire (2013c) entende que essa não seja uma tarefa fácil. Considera que a esperança de que a educação possa ser essa poderosa arma para transformar a sociedade em um lugar mais justo seja aparentemente utópica. No entanto, pondera que é apenas aparentemente, pois, esse ideal, essa esperança, continua sendo o elemento propulsor que leva aprendizes e professores a se manterem na luta. Ressalta que essa luta não pode ser ingênua, e fazer da esperança apenas um ato de esperar, mas que deve ser, sim, um constante embate contra as forças que desqualificam: a educação, os educadores e os educandos. Freire (2013b, 2013c e 2015b) nos diz então que todas as possíveis mudanças que tal paradigma pode nos trazer só se realizarão com uma práxis coerente e um empenho constante na direção dessa educação libertadora.

Esse é o paradigma do nosso trabalho, pois concordamos com esta perspectiva do que seja educação e do que seja educar.

3.1.3 Educação: conceitos e alguns pressupostos

A educação enquanto processo amplo de formação humana, realiza-se a todo momento e em diversos lugares; é, certamente o elemento central de nosso processo de constituição cultural. Como referência conceitual da nossa perspectiva sobre a educação apresentaremos algumas das teses de Libâneo:

Em um sentido geral, qualquer atividade humana praticada no ambiente em que vivemos pode levar a uma aprendizagem. Desde que nascemos estamos aprendendo, e continuamos aprendendo a vida toda. . . . As pessoas, portanto estão sempre aprendendo: em casa, na rua, no trabalho, na escola, nas múltiplas experiências de vida (Libâneo 2013, p. 87)

Educação é um conceito amplo que se refere ao processo de desenvolvimento “integral” envolvendo a formação de qualidades humanas – físicas, morais, intelectuais, estéticas – tendo em vista a orientação da atividade humana na sua relação com o meio social, num determinado contexto de relações sociais. A educação corresponde, pois, a toda modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação de traços de personalidade social e do caráter, implicando uma concepção de mundo, ideias, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas morais, políticas, princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática. (Libâneo 1994, pp. 22-23)

Para aprofundarmos nossa discussão e chegarmos à particularidade da sala de aula destacamos a importância das instituições escolares. Socialmente concebidas para intervir diretamente na formação educacional de cada sujeito e por conseguinte na sociedade como um todo, tais instituições se constituíram historicamente como espaços de poder. Para direcionarmos nosso olhar mais diretamente para a educação promovida nos espaços escolares continuaremos nossa exposição usando conceitos apresentados por Libâneo (2014, p. 8);

Na escola, trata-se, portanto, de introduzir os alunos no mundo do conhecimento e do aprimoramento de sua capacidade de pensar e, ao mesmo tempo, à medida que a escola lida com sujeitos diferentes, considerar no ensino a coexistência das diferenças, a interação entre indivíduos de identidades culturais distintas. Eis, então, três ingredientes absolutamente imprescindíveis para que o ensino esteja à altura dessa missão da escola: a) o desenvolvimento das capacidades intelectuais por meio

dos conteúdos; b) as características individuais e sociais do aluno; c) os fatores socioculturais e institucionais da aprendizagem. . . . Por um lado, trata-se de assegurar o direito à semelhança, vale dizer, à igualdade, pelo provimento da formação cultural e científica a todos como condição para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, moral, estético. Por outro, trata-se de considerar a diferença, pois a formação cultural e científica se destina a sujeitos diferentes. A diferença aqui é encarada não como uma excepcionalidade, mas como condição concreta do ser humano e das situações educativas, ponto de partida para uma aprendizagem com sentido para o sujeito que aprende.

A escola, como espaço de formação humana, exerce significativa influência na cultura de uma sociedade. A partir da consciência dessa influência macrocultural podemos inferir que ela também recai sobre cada sujeito em particular; mas é importante levarmos em consideração que essa influência se concretiza de forma diferenciada em cada indivíduo considerando suas peculiaridades subjetivas. Esta influência exercida sobre esse indivíduo lhe confere maior capacidade de intervir na sociedade onde vive e na sua própria realidade. Então, as capacidades desenvolvidas nesse processo são os substratos que permitem e instrumentalizam cada aprendiz para intervir de modo transformador na cultura de sua coletividade e na sua própria. Reforçamos então, que em grande medida, o ser humano é produtor e produto desta educação.

Os conteúdos de ensino compreendem as matérias nas quais são sistematizados os conhecimentos, formando a base para a concretização de objetivos. . . . O ato de aprender é um ato de conhecimento pelo qual assimilamos mentalmente os fatos, fenômenos e relações do mundo, da natureza e da sociedade através do estudo das matérias de ensino. Nesse sentido, podemos dizer que a aprendizagem é uma relação cognitiva entre o sujeito e os objetos de conhecimento. Há uma relação cognitiva entre o sujeito e os objetos de conhecimento para assimilá-los; ao mesmo tempo, as propriedades do objeto atuam no sujeito, modificando e enriquecendo suas estruturas mentais. Por esse processo, formam-se conhecimentos e modos de atuação pelos quais ampliamos a compreensão da realidade para transformá-la, tendo em vista necessidades e interesses humanos e sociais. Libâneo (2013, pp. 89 e 98)

Tendo como referência as ideias de Libâneo apresentamos nesse trecho a lógica a partir da qual analisamos a organização do processo de ensino aprendizagem; e dentro deste contexto destacamos os seus principais atores e os elementos constituintes.

O processo de ensino, efetivado pelo trabalho docente, constitui-se de um sistema articulado dos seguintes componentes: objetivos, conteúdos, métodos (incluindo meios e formas organizativas) e condições. O professor dirige esse processo, sob condições concretas das situações didáticas, em cujo desenvolvimento se assegura a assimilação ativa de conhecimentos e habilidades e o desenvolvimento das capacidades cognitivas dos alunos. . . . O processo de ensino opera a mediação escolar de objetivos, conteúdos e métodos; sintetiza na aula a ação didática em sua globalidade, uma vez que operacionaliza objetivos gerais sobre o fundo objetivo das condições concretas de cada situação didática. . . . Podemos dizer, então, que o essencial do processo didático é coordenar o movimento de vaivém entre o trabalho conduzido pelo professor e a percepção e o raciocínio dos alunos frente a esse trabalho. . . . O ensino é a atividade do professor de organização, seleção e explicação dos conteúdos, organização das atividades de estudo dos alunos, encaminhando objetivos, métodos, formas organizativas e meios mais adequados em função da aprendizagem dos alunos. . . . Em síntese, podemos dizer que, talvez, uma das qualidades mais importantes do professor seja a de saber lançar pontes (ligações) entre as tarefas escolares e as condições prévias dos alunos para enfrentá-las, pois é daí que surgem as forças impulsoras da aprendizagem. O envolvimento ativo do aluno no estudo depende de que o ensino seja organizado de tal forma que as “dificuldades” (na forma de perguntas, problemas, tarefas etc.) tornem-se

problemas subjetivos na mente do aluno, provoquem nele uma “tensão” e vontade de superá-las. (Libâneo, 2013, pp. 98 a 103)

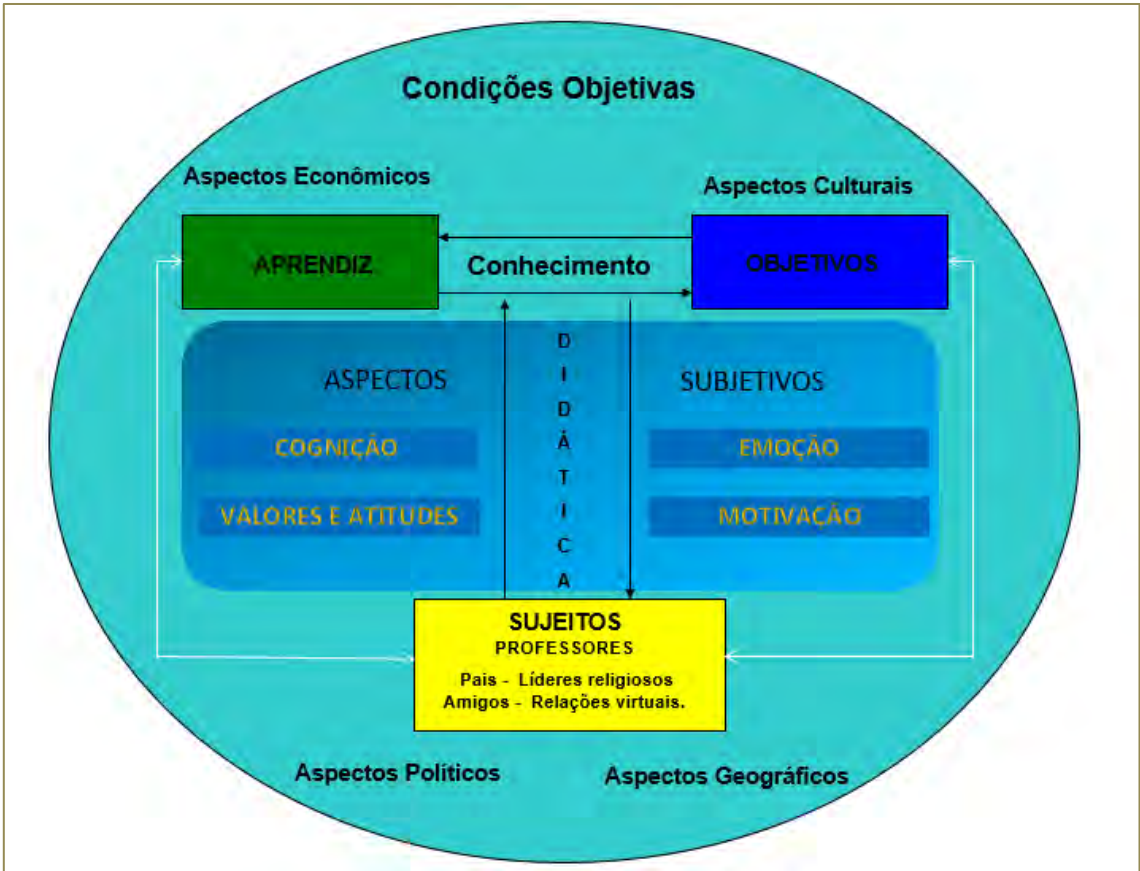


Figura 5 - **Modelo representativo dos elementos envolvidos no processo ensino aprendizagem.**
Fonte: Elaboração própria.

A nossa maneira de olhar para a educação tem como referências teóricas as teses de Freire (1987, 2011 e 2013), Libâneo (1994, 2013), Saviani (2013a e 2013c) e Vigotski (2001, 2007 e 2009). O modelo proposto tem a intenção de ilustrar de forma sistêmica o nosso entendimento sobre o processo de ensino aprendizagem.

O primeiro aspecto a ser considerado é que esse processo se desenvolve em um ambiente sócio-histórico-cultural; onde diferentes sujeitos e sociedades, a partir dos seus condicionantes históricos, desenvolvem características culturais próprias. Essa história é escrita pelos sujeitos que de forma dialética são criadores e criaturas desta cultura. Nesse ambiente sócio-histórico-cultural, existem vários fatores que são intervenientes no processo ensino aprendizagem, sejam eles objetivos ou subjetivos. Esses fatores, tanto de ordem objetiva quanto de ordem subjetiva, interagem entre si na construção dos resultados desse processo educativo. Dentro das condições objetivas para aprendizagem podemos citar fatores: econômicos, culturais, políticos, geográficos entre outros. E no âmbito subjetivo, podemos citar aspectos, como: nível cognitivo, fatores afetivo-emocionais, nível de motivação, valores e atitudes. No Brasil as dimensões continentais e a grande desigualdade social são elementos que acentuam estes fatores intervenientes no processo educativo.

Dentro das condições objetivas, os fatores econômicos exercem seus efeitos em vários níveis hierárquicos diferentes; podemos pensar esses efeitos econômicos: nos âmbitos: mundial, nacional (dentro das fronteiras de cada país), estadual e municipal até chegar à realidade socioeconômica de cada indivíduo. A mesma ótica pode ser considerada

para os fatores culturais e políticos. É imperativo ressaltar que estes níveis hierárquicos se interagem e se interinfluenciam.

“Nô podemos deixar de reforçar que, como postula Freire (1987, 2013b) a educação é um ato político”; podemos perceber tal fato tanto nos aspectos das macropolíticas sociais (econômicas, partidárias, educacionais etc.), até chegar às relações políticas que se desenvolvem nos círculos sociais mais restritos, como: a escola, a família e os espaços religiosos.

Para analisarmos os aspectos subjetivos na sua interação com os aspectos objetivos, partimos da constatação de que muitos sujeitos podem ter condições objetivas de aprendizagem similares: mesma classe social, mesma realidade econômica, mesma família etc. e, ainda assim, podem ter significativas diferenças nos resultados de suas aprendizagens; tal fato nos diz que os fatores objetivos não são capazes de determinar por si só os resultados da aprendizagem, mas que eles dependem da sua relação com os fatores subjetivos que são peculiaridades de cada aprendiz.

Os ensinamentos apresentados durante os vários processos de aprendizagem vivenciados dentro de um ambiente sócio-histórico-cultural só serão efetivamente internalizados após passarem pelos filtros subjetivos inerentes a cada sujeito. Assim cada indivíduo pode ter capacidades distintas de: compreender, internalizar e utilizar os vários conhecimentos aos quais teve acesso. Essas diferenças subjetivas servem de substrato para cada indivíduo atribuir maior ou menor valor ao ato de aprender, e essa valoração certamente, faz com que eles tenham objetivos diferentes enquanto aprendiz e intervêm no grau de motivação com o qual se lançam ao processo. Partindo dessa premissa de que a sala de aula é um ambiente intercultural e intersubjetivo, consideramos que não se pode falar em aprendizagem, mas sim, em aprendizagens.

Precisamos refletir também sobre as relações intersubjetivas que se realizam entre os membros de cada coletividade das quais os sujeitos fazem parte. Consideramos que alguns desses coletivos são os que influenciam de forma mais significativa as aprendizagens individuais, podemos citar: a família, as instituições escolares, o círculo de amizades próximas, os espaços religiosos e, hoje, apesar de não termos condições, neste momento, de dimensionar o grau de influência destes meios, elencamos também as tecnologias da informação.

Não tivemos a pretensão de apresentar aqui todos os fatores que podem ser intervenientes no processo ensino aprendizagem, mas destacamos alguns que entendemos mais significativos; mas, antes de tudo, buscamos ressaltar que o acesso dos aprendizes ao capital cultural da sociedade está condicionado por esses elementos.

3.1.4 Os espaços e sujeitos do processo educativo

Dentro deste universo sócio-histórico-cultural, cada sujeito possui peculiaridades subjetivas que o caracterizam e que são inacessíveis aos outros senão pelas interrelações que se estabelecem entre diferentes sujeitos. Como seres sociais, necessitamos da interação com o outro para constituir nossa cultura e, assim, as vivências individuais são

compartilhadas entre os sujeitos, através de sua capacidade comunicativa; essas relações intersubjetivas conferem à cultura essa característica viva e mutável e impulsiona suas transformações ao longo da história.

O processo educativo se desenvolve em diferentes lugares e em vários momentos, durante toda a vida dos sujeitos. Nesse processo de aprendizagem e de tomada de consciência do mundo, as relações humanas são imprescindíveis, à medida que esse ser humano que aprende é um ser eminentemente social. Segundo Freire (1987, pp. 15 e 37);

Ninguém se conscientiza separadamente dos demais. A consciência se constitui como consciência do mundo. . . . Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa. . . . A educação como prática de liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens.

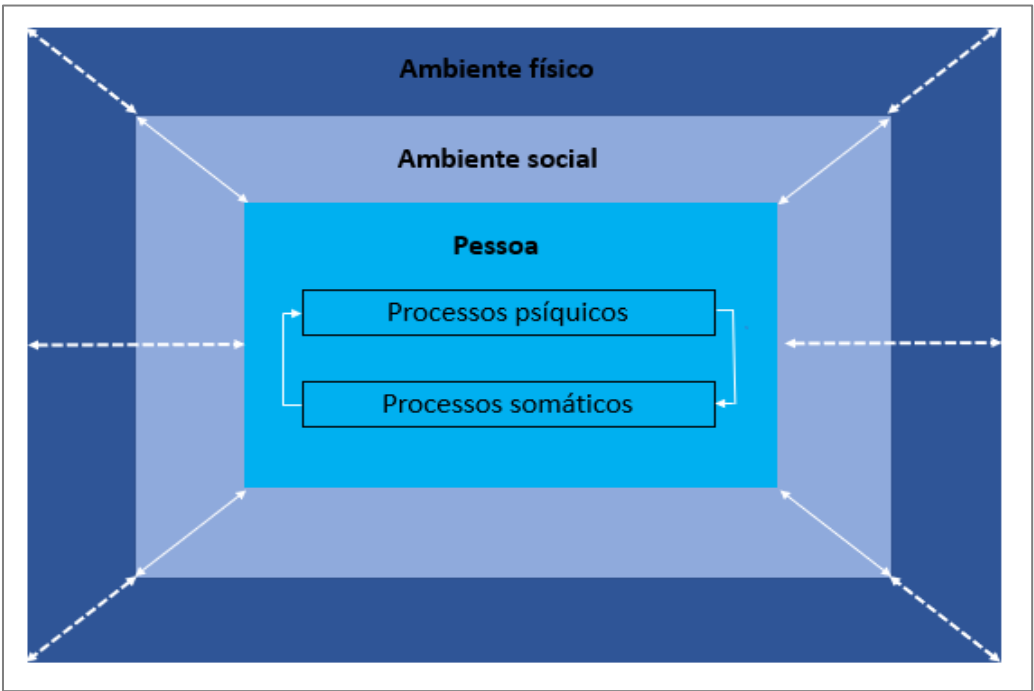


Figura 6: **Modelo de interrelação entre pessoa e meio ambiente (físico e social).**
Fonte: Elaboração própria.

Partindo dessa premissa, podemos entender que existam diferentes atores envolvidos no processo de ensino aprendizagem, podemos considerar que, na maioria das vezes teremos um sujeito que ensina e um sujeito que aprende.

O ensino tem um caráter bilateral em virtude de que combina a atividade do professor (ensinar) com a atividade do aluno (aprender). O processo de ensino faz interagir dois momentos indissociáveis: a transmissão e a assimilação ativa de conhecimentos e habilidades. . . . Ou seja, de um lado, a transmissão é inseparável das condições socioculturais e psíquicas dos alunos para a assimilação ativa; de outro, não há assimilação se não houver um sistema de conhecimentos a serem assimilados. (Libâneo, 2013, p. 86)

O processo de ensino é impulsionado por fatores ou condições específicas já existentes ou que cabe ao professor criar, a fim de atingir os objetivos escolares, isto é, o domínio pelos alunos dos: conhecimentos, habilidades e hábitos e o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas. O professor planeja, dirige, organiza, controla e avalia o ensino com endereço certo: a aprendizagem ativa do aluno, a relação cognitiva entre o aluno e a matéria de estudo. (Libâneo, 2013, p. 101)

A atividade do aluno consiste no enfrentamento da matéria por suas próprias forças cognoscitivas, porém dirigida e orientada de fora pelo professor. A inter-relação entre os dois momentos do processo de ensino – transmissão e assimilação ativa – supõe a confrontação entre os conteúdos sistematizados (trazidos pelo professor) e a experiência sociocultural concreta dos alunos, isto é, a experiência que trazem do seu meio social, os conhecimentos que já dominam, as motivações e expectativas, a percepção que eles têm da matéria de ensino. (Libâneo, 2013, p. 95)

As concepções aqui apresentadas têm a função de destacar o papel do professor, e do aluno no processo ensino aprendizagem, mas não podemos deixar de mencionar que, durante o ato educativo, ambos os sujeitos podem aprender, tanto o professor quanto o aluno. Destacamos também que, muitas vezes, as aprendizagens podem prescindir da presença de um professor.

Antes de falarmos desses personagens dentro do ambiente escolar, queremos evidenciar o fato de que existem vários processos educativos e que esses se desenvolvem em diferentes lócus sociais para além dos muros da escola; e, nesses vários espaços, temos diferentes sujeitos que assumem o papel de ensinar. No ambiente familiar, este papel é assumido pelos: pais ou responsáveis, parentes próximos, irmãos etc., os aprendizados auferidos neste ambiente são intervenientes em todas as outras aprendizagens que o sujeito possa ter. Também podemos considerar como relevante as aprendizagens desenvolvidas a partir de preceitos religiosos, onde vários sujeitos podem exercer a função de educador; nesse ambiente e nessa função, destacam-se a figura dos líderes religiosos: padres, pastores, rabinos, pais de santo etc.

E, por fim, falamos da escola, que também é um lugar que pode exercer grande influência sobre as aprendizagens dos sujeitos e sobre a cultura de uma coletividade; ela se diferencia dos outros dois espaços citados por ter um conjunto de saberes sistematizados a partir de bases científicas, ao contrário dos outros dois espaços que, normalmente, baseiam-se em conhecimentos empíricos ou teológicos. Além da questão da origem dos conhecimentos mediados, outra diferença marcante é quem exerce o papel de educador; diferentemente dos outros processos educativos citados, na escola o docente deve ser um profissional da educação, e precisa ter formação didático pedagógica para exercer a função de ensinar. Como um quarto poder influenciador nos processos de aprendizagem, elencamos as tecnologias da informação (TICs), nas quais, nem sempre existem professores que façam a mediação desses conhecimentos, e quando há, nem sempre têm formação para a docência e nem sempre se baseiam em lógicas científicas.

Destacamos aqui alguns espaços sociais onde a maioria dos processos educativos se desenvolvem, certamente existem outros; o que queremos evidenciar é que existem múltiplos processos que acontecem em momentos e lugares distintos, mas que se sobrepõem uns aos outros de forma sistêmica. Recorrentemente podem apresentar conhecimentos que sejam complementares, mas, muitas vezes, apresentam significativos dissensos, e trazem informações conflitantes. As representações dos aprendizes sobre educação e os conhecimentos que esses de fato internalizam são resultados de suas

vivências e das relações intersubjetivas que se dão nestes vários momentos e espaços educativos.

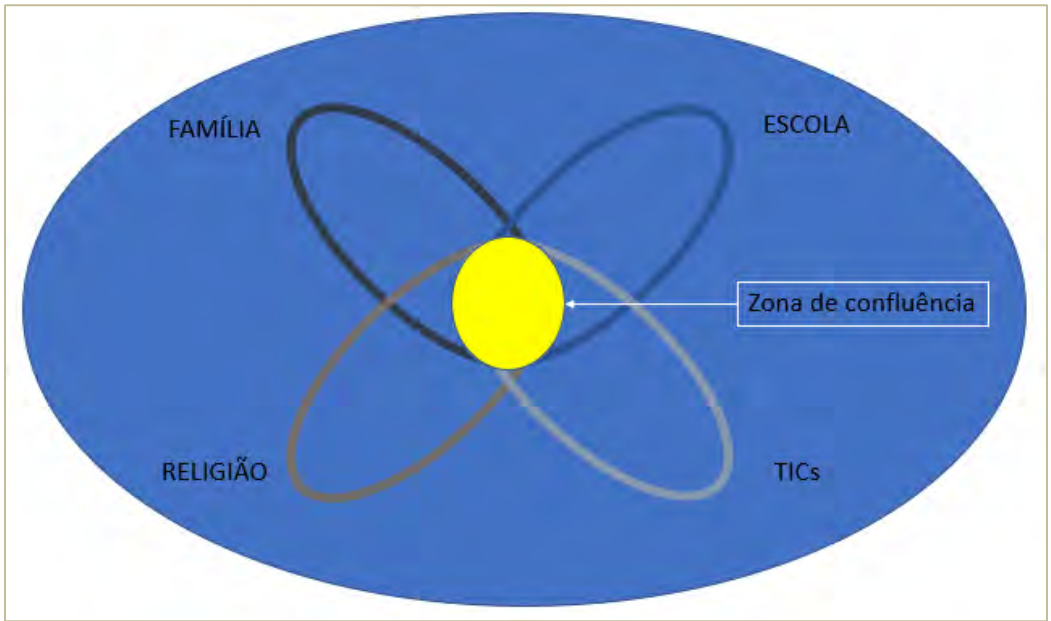


Figura 7 - Imagem representativa dos vários espaços sociais onde a educação se processa e as zonas de confluência entre elas.

Fonte: Elaboração própria.



Consideramos muito importante o papel e a atuação do professor no processo ensino aprendizagem; na nossa abordagem, professor não é só aquele profissional que exerce seu ofício nas instituições de ensino, mas também os sujeitos que, em algum momento dentro de nossa estrutura social, têm a função de ensinar alguma coisa a alguém. Temos a consciência de que o que diferencia o “professor”, que exerce o trabalho docente dentro dos vários sistemas educacionais, dos demais “professores” que ensinam em espaços não formais, é a sua formação profissional. Entendemos que essa formação pode conferir a esse trabalhador uma qualidade diferenciada dos demais sujeitos que atuam como educadores, e que esta qualidade deva se sustentar em um grande domínio científico de sua área de saber e por uma sólida formação ética; além desses dois fatores, destacamos a necessária competência didática, pois a capacidade de mediar com eficiência os conhecimentos é fator central na qualidade do processo ensino aprendizagem:

A teoria histórico-cultural, na tradição do pensamento de Vigotski e seguidores, possibilita compreender a didática como um conhecimento que busca a unidade entre ensino e aprendizagem. Essa unidade é bem representada pelo significado de instrução na língua russa (*obutchenie*) como a ação de ensinar e aprender. Ou seja, a instrução implica a atividade autônoma do aluno e a orientação e intencionalidade de outra pessoa no processo de aprendizagem (Prestes, 2010 citado por Libâneo, 2014, p. 9).

Podemos dizer, então, que o essencial do processo didático é coordenar o movimento de vaivém entre o trabalho conduzido pelo professor e a percepção e o raciocínio dos alunos frente esse trabalho. . . . Em síntese, podemos dizer que, talvez, uma das qualidades mais importantes do professor seja a de saber lançar pontes (ligações) entre as tarefas escolares e as condições prévias dos alunos para enfrentá-las, pois é daí que surgem as forças impulsoras da aprendizagem. O envolvimento do aluno no estudo ativo depende de que o ensino seja organizado de tal forma que as “dificuldades” (na forma de perguntas, problemas, tarefas etc.) tornem-se problemas subjetivos na mente do aluno, provoquem nele uma “tensão” e vontade de superá-las. (Libâneo, 2013, p. 102)

A teoria histórico-cultural, na tradição do pensamento de Vigotski e seguidores, possibilita compreender a didática como um conhecimento que busca a unidade entre ensino e aprendizagem. Essa unidade é bem representada pelo significado de instrução na língua russa (*obutchenie*) como a ação de ensinar e aprender. Ou seja, a instrução implica a atividade autônoma do aluno e a orientação e intencionalidade de outra pessoa no processo de aprendizagem (Prestes, 2010 citado por Libâneo, 2014, p. 9).

Podemos dizer, então, que o essencial do processo didático é coordenar o movimento de vaivém entre o trabalho conduzido pelo professor e a percepção e o raciocínio dos alunos frente a esse trabalho. . . . Em síntese, podemos dizer que, talvez, uma das qualidades mais importantes do professor seja a de saber lançar pontes (ligações) entre as tarefas escolares e as condições prévias dos alunos para enfrentá-las, pois é daí que surgem as forças impulsoras da aprendizagem. O envolvimento do aluno no estudo ativo depende de que o ensino seja organizado de tal forma que as “dificuldades” (na forma de perguntas, problemas, tarefas etc.) tornem-se problemas subjetivos na mente do aluno, provoquem nele uma “tensão” e vontade de superá-las. (Libâneo, 2013, p. 102)

3.1.5 Objetividade, subjetividade e intersubjetividade no processo educativo

O processo educativo desenvolve-se em vários espaços diferentes, mas, em todos eles, tem como peculiaridade as relações que se estabelecem entre os sujeitos desse processo. No ambiente escolar, essas relações interpessoais se dão: entre os professores e os alunos de sua turma; entre os alunos da mesma turma; entre os alunos e os demais profissionais que trabalham na instituição escolar, entre os professores, entre alunos de turmas diferentes etc. Fazemos questão de lembrar que mesmo dentro da escola esta rede de relações é muito mais ampla do que só as que acontecem no espaço restrito da sala de aula.

Para conseguir analisar a educação de forma ampla, não podemos perder de vista o fato de que, além das aprendizagens desenvolvidas na escola, esses alunos frequentam outros espaços onde desenvolvem aprendizagens, as quais contribuem para a construção de suas representações sobre a sociedade onde vivem e, por conseguinte, também sobre a educação, tais como: a família, as organizações religiosas e as TICs. Ao estudarmos o processo educativo, precisamos estar cientes de que a sala de aula é um ambiente que recebe indivíduos de origens: sociais, culturais, econômicas etc., bastante diversas, e que estes também trazem consigo suas peculiaridades subjetivas; portanto estamos falando de um espaço que é intercultural e intersubjetivo.

Ao admitirmos que a escola se organiza a partir desse amplo sistema de relações é necessário mantermos em evidência que essas peculiaridades culturais e subjetivas são originárias de distintos atores do processo educativo que ali interagem; provêm tanto dos professores, como de cada um dos seus alunos. As interrelações culturais e subjetivas nos parecem mais evidentes entre professores e alunos de uma mesma sala de aula, pois essas se dão de forma mais constante e direta, mas não podemos nos esquecer dos demais membros da comunidade escolar que compõem essa rede de relações. Analisando particularmente a educação de nível médio, no Brasil, esta tem uma grade curricular com muitas disciplinas, portanto os alunos têm vários professores; no caso particular do IFG eles chegam a ter em torno de quinze professores diferentes; tal particularidade amplia ainda mais o espectro destas relações intersubjetivas.

Como sustentação teórica para nossa abordagem sobre a objetividade, a subjetividade e a intersubjetividade tomaremos como referência as ideias de Freire;

Não se pode pensar em objetividade sem subjetividade. Não há uma sem a outra. . . A objetividade dicotomizada da subjetividade, a negação desta na análise da realidade ou na ação sobre ela, é objetivismo. Da mesma forma, a negação da objetividade, tanto na análise como na ação, conduz ao subjetivismo que se alonga em posições solipsistas, nega a ação mesma, por negar a realidade objetiva, desde que esta passa a ser criação da consciência. Nem objetivismo, nem subjetivismo ou psicologismo, mas subjetividade e objetividade em permanente dialeticidade. (1987, p. 37)

A intersubjetivação das consciências é tão originária quanto sua mundanidade ou sua subjetividade. . . . Na intersubjetivação, as consciências também se põem como consciências de um certo mundo e, nesse mundo, se põem como consciência de si e consciência do outro. Comunicamo-nos na oposição, que é a única via de encontro para consciências que se constituem na mundanidade e na intersubjetividade. . . . A intersubjetividade, em que as consciências se enfrentam, dialetizam-se, promovem-se, e é a tessitura última do processo histórico de humanização. (1987, pp. 15-17)

As relações entre estes sujeitos representam mais do que a aprendizagem de conceitos científicos, pois o professor, na sua ação mediadora, apresenta para o aluno a ótica e as sínteses que fez sobre determinados conhecimentos, e o aluno acaba aprendendo muito mais do que o conteúdo das disciplinas: aprende a conhecer a si mesmo; aprende sobre o que o professor sente e pensa sobre os conteúdos; aprende sobre a postura do professor enquanto trabalhador; aprende sobre o sistema educativo etc.; e também não passa despercebido aos alunos as características emocionais e afetivas que o professor apresenta ao desenvolver seu trabalho. Tais aprendizagens, que não são propositais ou explicitadas dentro do processo educativo, são fatores que intervêm na eficiência e na qualidade de aprendizagem dos alunos.

Para Vigotski (2007), as transformações comportamentais dos indivíduos são provocadas pela internalização dos sistemas e signos culturalmente produzidos; considera que essa internalização seja responsável por estabelecer elos entre as formas iniciais e tardias do desenvolvimento individual, portanto, para ele, os mecanismos de mudanças ao longo do tempo têm suas raízes na sociedade e na cultura.

O autor considera que o processo de aprendizagem passa por elementos intermediários entre o ser humano e o meio e elenca dois tipos de mediadores: os instrumentos e os signos. Durante esse movimento de internalização, as representações feitas na mente do aprendiz substituem os objetos da vida real. O autor considera que as interações humanas que acontecem durante os processos de ensino-aprendizagem sejam centrais e de grande relevância para a internalização dos conhecimentos.

Dentro desse pressuposto, de que a educação é uma ação mediada, Vigotski (2007) considera que o papel do professor seja muito importante, pois ele é um elo entre o aluno e o conhecimento disponível no ambiente. O autor destaca que os aprendizes não adquirem seus conhecimentos apenas com os professores, mas que existem também relações de ensino aprendizagem que se desenvolvem de forma colaborativa entre os próprios alunos. Apesar de reconhecer essas aprendizagens entre os alunos, o autor reitera que o professor é

o grande maestro desse processo por ser o sujeito mais experiente nessa relação e por ter competências profissionais que o qualificam para a tarefa.

Vigotski (2007) postulava que os processos educativos contribuem positivamente para o desenvolvimento de funções psicológicas superiores; definia essas funções como elementos que caracterizam o comportamento consciente do ser humano e que o distingue dos outros animais. Esse desenvolvimento das funções psíquicas superiores abarca dois grupos de fenômenos: primeiro grupo - os meios que permitem o domínio e o desenvolvimento do pensamento e da cultura, tais como: a linguagem, a escrita, o cálculo; segundo grupo - os processos internos pelos quais se desenvolvem essas funções, tais como: a atenção, a memória, a formação de conceitos etc.

Segundo Rey (2003) Vigotski tentou solucionar a dicotomia entre objetividade e subjetividade a partir do conceito de interiorização, mas entende que a subjetividade não se internaliza, que não seja algo que venha do ambiente externo, e que essa ideia ainda mantinha a perspectiva dualista; portanto postula que a subjetividade não seja algo que apareça somente no plano individual, mas que a própria cultura pela qual o sujeito se constitui e que é constituída por ele, representa um sistema subjetivo gerador de subjetividade; considera que, para superar essa visão dualista, precisamos entender a cultura, o sujeito e a subjetividade como fenômenos que não são idênticos, mas que são elementos que agem de forma integrada dentro de um sistema.

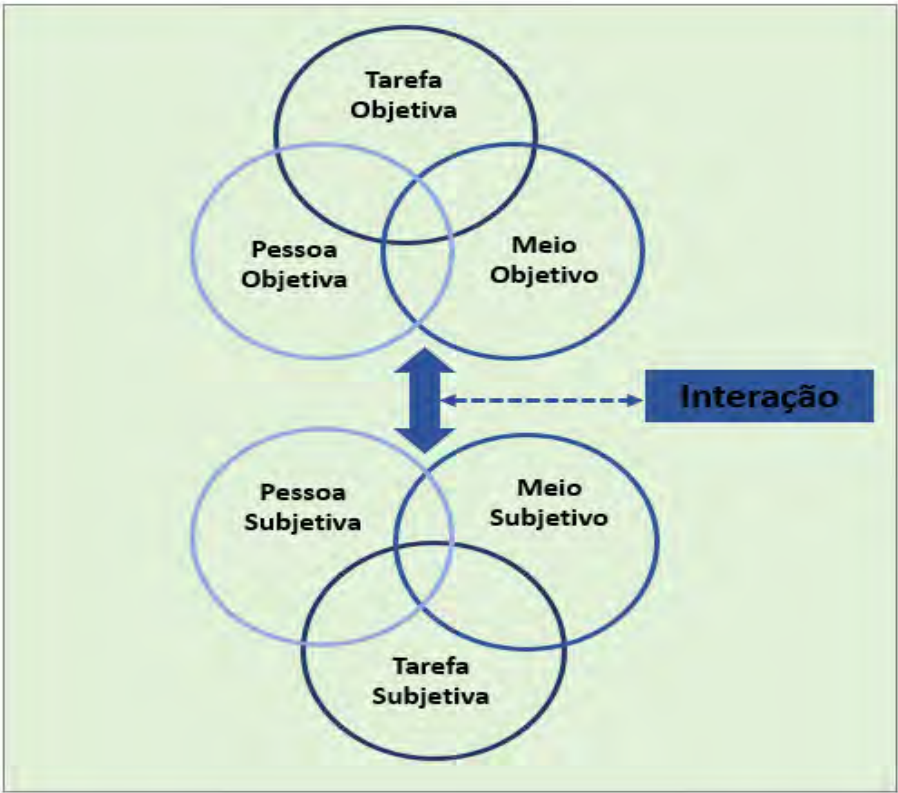


Figura 8. **Determinantes subjetivos e objetivos da ação.**

Fonte: adaptado de Samulski 1992 apud Nitsch 1986.

Na sua interação com o meio ambiente (social ou físico) no qual está inserido, o indivíduo realiza determinadas ações em respostas aos estímulos aos quais é submetido, e estas respostas voltam para o meio ambiente num constante processo de interação entre sujeito e meio. Segundo Samulski (1992 apud Nitsch 1986, p. 20) “a ação humana é um processo consciente, intencional, dinâmico, dirigido a uma meta, direcionado e regulado

psiquicamente e realizado através de diferentes formas de comportamento social”. O autor nos apresenta ainda quatro princípios básicos da teoria da ação;

1 – Postulado de sistema: a ação em geral é entendida como um processo integrado, complexo e de interação, isto é, um processo sistêmico. 2 – Postulado da intencionalidade: a ação é entendida como uma forma particular de organização comportamental e é determinada primeiramente por condições objetivas, mas por intenções subjetivas. 3 – Postulado da regulação: a ação como comportamento intencional não pode ser explicada simplesmente pelos mecanismos de funcionamento biológico num sentido estrito, mas é um processo direcionado e regulado psicologicamente. 4 – Postulado do desenvolvimento: num sentido amplo como processo de sistemas, com base em sua intencionalidade e direcionamento, a ação é um fenômeno filogenético e ontogênico, assim como um fenômeno histórico-social em relação às condições de vida dentro da sociedade. (Nitsch 1986 citado por Samulski, 1992, p. 20)

Entendemos que a objetividade-subjetividade, a subjetividade-intersubjetividade e a objetividade-intersubjetividade sejam pares dialéticos que se afirmam e se constituem a partir de suas constantes interações.

3.1.6 A aprendizagem e as capacidades cognitivas

Nossos estudos sobre os aspectos subjetivos na educação têm como ponto de partida os conceitos de Vigotski, mas a nossa principal referência está em Libâneo (que é um estudioso de Vigotski e de sua escola). Destacamos alguns postulados de Libâneo, que a nosso ver, nos apresentam, entre outras ideias, elementos que são intervenientes nas ações que os indivíduos realizam no seu processo de interação com o meio e, por conseguinte, com o processo de aprendizagem;

A aprendizagem escolar tem um **vínculo direto com o meio social que circunscreve** [grifo nosso] não só as condições de vida das crianças, mas também a sua relação com a escola e o estudo, **sua percepção** [grifo nosso] e compreensão das matérias. A consolidação dos conhecimentos depende do **significado** [grifo nosso] que eles carregam em relação à experiência social das crianças e jovens na família, no meio social, no trabalho. (Libâneo, 2013, p. 94)

Na aprendizagem escolar há influência de **fatores afetivos e sociais** [grifo nosso], tais como os que suscitam a motivação para o estudo, os que afetam as **relações professor-alunos** [grifo nosso], os que interferem nas disposições emocionais dos alunos para enfrentar as tarefas escolares, os que contribuem ou dificultam a formação de **atitudes positivas** [grifo nosso] dos alunos frente às suas capacidades e frente aos problemas e situações da realidade e do processo ensino e aprendizagem. (Libâneo, 2013, p. 93)

A aprendizagem escolar se vincula também com a **motivação** [grifo nosso] dos alunos, que indicam os **objetivos** [grifo nosso] que procuram. A motivação é intrínseca quando se trata de objetivos internos, como a **satisfação de necessidades orgânicas ou sociais, a curiosidade, a aspiração pelo conhecimento** [grifo nosso]; é extrínseca, quando a ação é estimulada de fora, **como as exigências da escola, a expectativa de benefícios sociais que o estudo pode trazer, a estimulação da família do professor ou dos demais colegas** [grifo nosso]. (Libâneo, 2013, p. 95)

Para que se realize na escola o processo de assimilação ativa de novos conhecimentos e, por meio dele, o desenvolvimento das forças cognitivas dos alunos, é preciso a **ação externa do professor** [grifo nosso], isto é, o ensino e seus componentes: objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas. . . . Em síntese, temos nas **situações didáticas fatores externos e internos mutuamente relacionados** [grifo nosso]. . . . Os alunos, por sua vez, dispõem em seu organismo físico-psicológico de **meios internos de assimilação ativa**, meios esses que constituem o conjunto de suas **capacidades cognitivas** [grifo nosso], tais como:

percepção, motivação [grifo nosso], compreensão, memória, atenção, *atitudes* [grifo nosso], conhecimentos já disponíveis. (Libâneo, 2013, p. 90)

As interações com o meio (físico e social) provocam ações dos indivíduos em resposta aos estímulos que lhes são imputados, depois dessas ações serem objetivadas (materializadas), elas retornam novamente ao crivo subjetivo desse sujeito para suscitar novas ações e, neste movimento sistemático, contínuo e histórico de interagir com o meio os sujeitos e as coletividades vão assimilando saberes e desenvolvendo suas características atitudinais e comportamentais; essas reações são desenvolvidas a partir desse vínculo direto com o meio social que os circunscreve.

Esses meios, dentro desse sistema de interação, são percebidos pelos sujeitos, que a partir de ações subjetivas, atribui significados a estes elementos percebidos, desenvolvendo assim suas próprias representações dessa realidade. Essas representações partem da realidade, mas não são necessariamente idênticas a elas, pois passam pelo filtro de cada sujeito que lhes atribui seus valores e significados de acordo com suas concepções pessoais.

Os processos de aprendizagem pelos quais os sujeitos assimilam o mundo exterior são afetados por fatores afetivos e sociais; tanto no que tange às relações entre educador e educando, quanto nas relações afetivo-emocionais que o aprendiz possa apresentar na sua relação com a tarefa de aprender. Este sistema de influências afeta as atitudes do aprendiz em relação ao processo ensino aprendizagem, podendo se desenvolver em atitudes positivas ou negativas.

Esse mesmo conjunto de fatores e valores fazem com que este processo de aprendizagem seja vinculado à motivação do aluno, esta motivação se desenvolve em uma relação dialética com o processo de aprender, em que a motivação pode interferir na aprendizagem, e a aprendizagem pode interferir na motivação. Esta motivação pode partir do próprio indivíduo, tendo origem em fatores internos, tais como: a satisfação de necessidades orgânicas ou sociais, a curiosidade, a aspiração pelo conhecimento, ou pode advir de fatores externos, tais como: as exigências do processo educativo, os processos seletivos para universidade, a expectativa de sucesso no trabalho, a expectativa de realização financeira, os estímulos oriundos dos: pais, professores, colegas etc.

Na escola, aprendizagem é mediada pelo professor, e sua ação pode se transformar em motivação ou desmotivação para o engajamento do aluno no processo de aprendizagem, a depender do tipo de relação desse aprendiz com esse professor e com a disciplina em questão. O professor tenta otimizar as respostas dos alunos frente ao processo de aprendizagem, por meio de situações didáticas organizadas e planejadas para esse fim, e estas situações podem intervir na motivação do aluno tanto de forma extrínseca, quando de forma intrínseca; estas várias motivações e desmotivações interagem entre si, e neste processo dialético e sistêmico influem nas atitudes e nos comportamentos dos aprendizes frente ao processo educativo. Certamente essa forma com que o aluno recebe essas informações e participa deste sistema de relações não é passiva, o aluno atua ativamente neste processo de aprendizagem, e para fazer frente a a ele o aluno faz uso de suas

capacidades cognoscitivas, tais como: percepção, motivação, compreensão, memória, atenção, atitudes, conhecimentos já disponíveis etc.

Os grifos usados nas citações de Libâneo tiveram a finalidade de destacar alguns pontos de suas teorias que compõem a base conceitual de nossa investigação. Em essência, nosso trabalho investigou as representações que alunos e professores fazem sobre o processo ensino aprendizagem e, dentro da metodologia aplicada, os principais elementos que se destacaram foram: a percepção, as motivações, as atitudes e os conceitos que esses sujeitos têm sobre esse processo. Na sequência do nosso texto, aprofundaremos um pouco mais sobre os conceitos de alguns desses fatores.

3.1.7 A motivação no processo ensino aprendizagem

Traremos aqui alguns conceitos sobre a motivação e sua relação com o processo educativo.

Pintrich e Schunk (2006) nos apresentam uma análise de como o ambiente concreto da sala de aula e outros fatores relacionados a esse contexto podem modelar ou influenciar a motivação dos aprendizes. Esses autores observam que os estudos sobre este tema deixaram de focar na perspectiva estímulo resposta e passaram a investigar a intervenção das: crenças, cognições, dos afetos e valores nos processos motivacionais. Os autores acreditam que a motivação impregna todos os aspectos do processo ensino aprendizagem e que os professores não devem apenas se ocupar em transmitir conhecimentos e ensinar habilidades, mas que precisam também promover um ambiente motivante para a aprendizagem. A perspectiva pela qual os autores abordam o tema motivação e aprendizagem considera os aprendizes como agentes ativos, construtores de conhecimentos e não como receptores passivos. Os autores consideram que a motivação afeta a maioria dos aspectos ligados à escolarização e, em grande medida, determinam o rendimento dos alunos. Pintrich e Schunk (2006) entendem que a motivação seja capaz de afetar: as novas aprendizagens, a execução de habilidades já aprendidas, as estratégias e os comportamentos dos aprendizes; e que influem: no “que”, no “quando” e no “como” aprendemos. Acreditam que os estudantes, quando motivados, sejam mais propensos a se comprometerem com o processo de aprendizagem. Entendem que haja uma ação recíproca entre a aprendizagem e a motivação, onde a motivação influi na aprendizagem e a aprendizagem afeta a motivação.

Apresentamos aqui algumas ideias que nos permitem compor um conceito amplo do que seja a motivação:

O termo motivação deriva do verbo latino *movere* (mover-se). . . . Supõe algo que queremos alcançar, algo que nos move e que nos ajuda a completar as tarefas. . . . A motivação é mais um processo que um produto. Como processo nós não podemos observá-la diretamente, senão que teremos que inferi-la de certas condutas. . . . A motivação implica que se ponham em marcha processos que têm lugar quando as pessoas instigam ou mantêm a execução de ações dirigidas a uma ou várias metas. . . . A motivação é um processo que nos dirige para o objetivo ou meta de uma atividade, que a instiga e a mantém. . . . Um conjunto de forças internas ou de traços de personalidade, de condutas apresentadas a determinados estímulos ou de diferentes cenários crenças e afetos. . . . A motivação implica a existência de metas que dão ímpeto e direção à ação. . . . A motivação requer certa atividade física e mental. A atividade física implica certo esforço, persistência e outras ações

manifestas. A atividade mental inclui uma gama de ações cognitivas como a planificação, ensaios mentais, organização, supervisão, tomada de decisões, resolução de problemas e avaliação de cada progresso. . . . Esses processos motivacionais implicam expectativas, atribuições e afetos que servem de ajuda para sustentar qualquer motivação. (Pintrich e Schunk 2006, pp. 5 e 6)

3.1.8 Os valores e as atitudes

Traremos aqui alguns conceitos sobre os valores e as atitudes e sua relação com o processo educativo.

Escámez Sánchez (2007, tradução nossa) considera que o estudo dos valores que estão por trás das atitudes ligadas aos processos de aprendizagem podem ser as pontes perdidas entre: o sentimento e a inteligência, entre a ação e a emoção e entre os juízos e o sentimento. Entende que os valores são aprendidos na observação das condutas dos membros da família, dos companheiros ou de líderes sociais. O autor considera que as atitudes podem se modificar à medida que novas aprendizagens, de alguma forma, alterem seu sistema de crenças. Considera que ao sermos colocados frente a determinado objeto ou sujeito não o analisamos apenas a partir de constructos intelectuais, mas também os categorizamos a partir de nossos critérios de valores. O autor considera que as culturas se diferenciam umas das outras, exatamente pelos valores que assumem e pelo grau de relevância que dão a uns e outros.

Escámez Sánchez (2007, tradução nossa), entende que durante o processo de maturação, os sujeitos precisam se relacionar com outras pessoas. Essas pessoas possuem culturas e valores diferentes, e a coexistência entre esses sujeitos os coloca frente à necessidade de realizar um juízo sobre estes valores, reafirmando alguns e aprendendo outros novos; estabelecendo assim seu sistema de valores. O autor entende que os valores são crenças perduráveis, mas não imóveis. Observa que as relações que esses sujeitos estabelecem para além do seu contexto familiar podem suscitar alterações no seu sistema de valores, sejam elas: nos partidos políticos, nas igrejas, nas relações entre pessoas de gerações diferentes, entre pessoas de nível de formação escolar diferente etc. Observa que portanto, os sistemas de valores, apesar das características de perdurabilidade, são flexíveis a ponto de realocar suas prioridades frente a novas aprendizagens. O autor pondera que estas influências, podem não só causar mudanças nestes sistema de valores, mas também podem causar conflitos, a ponto de desestabilizar todo ele, a ponto de gerar um sistema totalmente novo. Considera que nesse sistema sejam fatores influentes: o nível de desenvolvimento intelectual alcançado pelo sujeito e o grau de interiorização dos valores e da cultura propugnados pelas suas relações sociais.

Segundo Escámez Sánchez (2007, p. 19, tradução nossa);

A elegância de um vestido, não pode identificar-se com sua forma ou com sua cor, que é o mesmo que podemos perceber pelo sentido da visão e pelo tato. Nossos sentidos nos permitem perceber as qualidades físicas das coisas, porém nenhum sentido nos permite captar a elegância, porque não é uma qualidade física. Daí se deduzia, de modo inadequado, que o valor da elegância não era algo real. . . . Porém não se pode confundir o mundo da realidade com o mundo físico: aquele que podemos golpear ou ser golpeado por ele. Além da realidade do mundo físico, também são reais as experiências dos seres humanos como o medo frente a ameaça de ser despedido do trabalho ou o projeto de um estudante que pretende ganhar a

vida com a profissão para qual estuda e dedica vários anos de esforço. . . . “Os valores são tão reais que nosso mundo é inimaginável sem eles”.

Apresentamos aqui algumas ideias que nos permitem compor um conceito amplo do que sejam os valores:

O valor é uma concepção do que é preferível frente ao oposto ou ao contraditório. . . É aprendido pelo sujeito dentro do seu grupo ou sistema social a que pertence. . . O que constitui o valor é ser uma concepção do sujeito sobre o que é preferível. . . O preferível sempre é uma concepção pessoal, é a concepção de um sujeito, embora sua atribuição possa estar relacionada ao próprio indivíduo, aos demais ou a um conjunto social. . . Embora o valor tenha sua origem em uma influência social, ele é aquele que o sujeito adotou, que foi elaborado e assumido pessoalmente como preferível, a partir de seu contexto social. . . Um valor, quando assumido por uma pessoa, é uma convicção ou crença duradoura de que um modo específico de conduta ou um estado final de existência é pessoal e socialmente preferível a outro modo de conduta oposto ou contraditório (Rokeach, 1973). (Escámez Sánchez 2007, pp. 24 e 25, tradução nossa)

Assim, através da aprendizagem o sujeito vai moldando e consolidando seu sistema de valores. Se entende por sistema de valores o conjunto organizado dos mesmos segundo uma hierarquia e das relações entre eles. (Escámez Sánchez 2007, p. 27, tradução nossa)

Os valores da cultura de um povo, são as qualidades que, desvinculadas da pessoa ou pessoas que inicialmente as produziram, passam a articular a cultura desse povo como “objetos ideais”. . . Os valores de uma cultura não são imaginações subjetivas que flutuam como preferências abstratas, em verdade impregnam a identidade da mesma, de tal modo que constituem sua parte mais essencial. O sistema de valores de uma cultura é o conjunto de qualidades que constituem seu substrato mais profundo e quicá a força mais importante que molda a identidade das pessoas que pertencem a ela. Os valores de uma cultura constituem o grupo de convicções a partir das quais se vive, penetram as práticas ordinárias das pessoas e asseguram a identidade dessa comunidade cultural (Habermas, 1985; Ortega e Gasset, 1983). (Escámez Sánchez 2007, pp. 17 e 20, tradução nossa)

Ademais, cada valor é um produto da interação social, transmitida e preservada em sucessivas gerações por uma ou várias instituições sociais, as que tem se encarregado da tarefa de manter e exaltar um subconjunto selecionado de valores. Estas instituições têm como principal função a sobrevivência do grupo social, pelo fato de que os valores que transmitem mantêm uma constância ao longo do tempo; as mais representativas destas instituições são a família, o sistema educativo, as igrejas, as organizações políticas e sindicais. (Escámez Sánchez 2007, p. 26, tradução nossa)

Observamos que segundo Zabalza (2000) os valores têm uma ligação estreita com as atitudes. Considera que as atitudes possuem uma componente valorativa que corresponde à cristalização dos valores assumidos por um indivíduo. O autor entende que as atitudes sejam um conjunto sistematizado de crenças e cognições possuidoras de uma carga afetiva e que se colocam a favor ou contra determinado objeto social, e que predis põe a uma ação coerente com essas crenças, cognições e afetos. Considera que as atitudes se desenvolvem a partir de um conjunto de valores que se organizam tendo como origem as experiências vividas pelos sujeitos, sejam elas: cognitivas, emocionais ou comportamentais; entende que este sistema situa os objetos das aprendizagens atribuindo lhes significados segundo a ótica de cada sujeito. O autor entende que é a partir dessas experiências que os sujeitos podem reorganizar seus sistemas atitudinais e assim adotar outras orientações. Considera que a predisposição à determinadas atitudes se desencadeiam na presença de objetos ou situações relacionadas a estas, e que portanto são reações previsíveis. Segundo este autor, as atitudes

se tratam de fenômenos humanos complexos, e que se constituem por pelo menos três componentes básicos: um componente cognitivo, um componente emocional e um componente comportamental; observa que a ação deste três componentes, considerando as possíveis diferenças de incidência de cada um deles, contribuem para que a atitude seja de aproximação ou repulsão em relação à determinado objeto.

Ainda segundo Zabalza (2000, p. 23);

Quando falamos em atuar, estamos nos referindo não só ao fazer coisas, as também ao exprimir e ao desenvolver certos movimentos ou comportamentos vinculados ao objeto da atitude (às vezes podem ser inconscientes, como por exemplo ficar com o rosto vermelho perante uma pessoa do sexo oposto ou ficar tremendo diante de um cão). Por outro lado, essa atuação tende a expressar movimentos de agrado ou desagrado (ou de aproximação – afastamento; aceitação – rejeição, etc.). Isto significa que há sempre um aspecto emocional que converte a reação em algo carregado ou de energia positiva ou de energia negativa. Daí que as atitudes sejam frequentemente apresentadas como processos dicotômicos, com tensões bipolares que ora têm tendência a aproximar ora para nos afastar do objeto no qual se projeta a atitude. As atitudes projetam-se numa grande diversidade de objetos. No fundo, definem o tipo de relação que uma pessoa mantém com algo, quer seja uma coisa (animada ou inanimada), uma pessoa, uma ideia, uma situação, etc. Esse objeto da atitude pode ser real ou figurado, concreto ou abstrato (ainda que seja necessário um certo desenvolvimento cognitivo para este último)

Apresentamos aqui algumas ideias para concluirmos nossos conceitos sobre o que sejam as atitudes:

Trata-se de “uma disposição pessoal ou coletiva a atuar de uma determinada maneira em relação a certas coisas, ideias ou situações”. . . . Essa disposição é sustentada pelo conjunto de conhecimentos, afetos e condutas que possuímos a respeito do objeto, da pessoa, da ideia ou da situação sobre o qual se projeta a nossa atitude. . . . Trata-se de uma dimensão ou de um processo interior das pessoas, uma espécie de substrato que orienta e predispõe a atuar de uma determinada maneira. Caso se trate de um estado mental e emocional interior, não estará acessível diretamente (não será visível de fora nem se poderá medir) senão através das suas manifestações externas. . . . As atitudes não são algo definido, fixo, estável e inalterável, são isso sim algo vivo, evolutivo, dinâmico. As atitudes constroem-se, ensinam-se, modificam-se, substituem-se por outras, etc. (Zabalza, 2000, pp. 23 a 27)

3.1.9 Das percepções às representações sociais

Nesta parte de nosso texto apresentaremos alguns conceitos sobre as representações sociais, evidenciando o movimento que cada sujeito realiza entre sua capacidade de perceber o mundo e a forma como ele o representa.

Sendo nosso tema, “educação e subjetividade: as representações de professores e alunos sobre o processo de ensino e aprendizagem, encontros e desencontros”, após apresentarmos os conceitos de subjetividade e suas relações com a aprendizagem, sentimos a necessidade de conceituarmos as representações sociais, pois estas também são objeto central na nossa investigação. Além de estar na essência da nossa perspectiva investigativa, como paradigma da mesma, as representações sociais formaram parte de nossa abordagem metodológica, uma vez que obtivemos nossas informações por meio das falas de nossos sujeitos a partir das quais pudemos conhecer e analisar suas representações sobre o processo ensino aprendizagem.

Analisando a lógica de que a educação desenvolve as capacidades cognoscitivas do aprendiz tais como: percepção, motivação, compreensão, memória, atenção, atitudes e conhecimentos já disponíveis; e que nesse movimento de aprender as informações passam pelo filtro de vários fatores subjetivos inerentes a cada sujeito, para depois se transformarem na base que sustenta a maneira pela qual este sujeito vê o mundo, e assim constituir suas representações deste; em primeiro momento nos pareceu que os conceitos de percepção e de representação seriam sinônimos. Fizemos essa parte de nossa revisão para destacarmos que, na nossa abordagem, esses elementos são bastante distintos.

Usaremos como referência para nosso conceito sobre as representações sociais as teses de Moscovici. Segundo Moscovici (2015) as representações sociais são sustentadas pela comunicação e constituem a realidade de nossas vidas cotidianas. O autor entende as representações sociais como a forma de estudar: o como e o porquê as pessoas partilham conhecimentos e assim criam suas realidades comuns e como elas transformam ideias em práticas. O autor considera que o conhecimento nunca seja uma simples descrição da realidade, mas que o conhecimento é sempre produzido de forma interativa e se expressa a partir dos interesses que estão implicados nele; “o conhecimento surge das paixões humanas e como tal nunca é desinteressado”.

Para Moscovici (2015) as representações sociais são quase tangíveis, elas no seu desenvolvimento circulam, se entrecruzam, se transformam e se cristalizam dentro da nossa vida cotidiana. O autor explica que essa forma de analisar a sociedade busca avançar em relação às abordagens que olhavam para um sujeito individual, isolado de um contexto, para entendê-lo como parte de um contexto social e, nesse sentido, desvendar como essa sociedade se replica ou se transforma. O autor entende que as representações sociais são produtos de um grupo específico que está engajado nelas, e considera que a diversidade de representações reflete a heterogeneidade da sociedade moderna, e que isto está ligado a uma distribuição desigual de poder dentro destas sociedades. Segundo ele, existem instituições que estão no centro do poder e, portanto, também no centro da formulação dessas representações, e nos cita como exemplo: o Estado e a Igreja. O autor observa que cada segmento busca formas de legitimar suas representações, seja: pela ciência, seja pela teologia ou seja pelo senso comum. Considera que os novos meios de comunicação de massa ampliaram significativamente as possibilidades de circulação de ideias, e que isso tem modificado as influências exercidas sobre os sujeitos nas formulações de suas representações e por certo nas representações coletivas; aponta que essa produção e circulação de ideias distinguem a era moderna da pré-moderna e nos mostram as representações sociais como formas coletivas de criação, que se distinguem das formas autocráticas e teocráticas da sociedade feudal. Na sua concepção, a mudança nos interesses humanos pode gerar novas formas de comunicação o que pode resultar na emergência de novas representações. Em síntese o autor nos diz que as representações são as formas pelas quais conseguimos ver o mundo a partir dos nossos sistemas perceptivos e cognitivos. E observa que nossas representações individuais são condicionadas pela nossa percepção dos meios físico e social onde estamos inseridos, mas também pela nossa percepção das representações coletivas presentes nesse meio.

Apresentaremos aqui alguns conceitos sobre as representações sociais;

Elas são vistas como formas de conhecimento produzidas e sustentadas por grupos sociais específicos, numa determinada conjuntura histórica (cf. FARR, 1998). . . . O propósito de todas as representações é tornar algo não familiar, ou a própria não familiaridade, familiar”. A familiarização é sempre um processo construtivo de ancoragem e objetivação, através do qual o não familiar passa a ocupar um lugar dentro de nosso mundo familiar. (Moscovici, p. 20)

A teoria das representações sociais toma como ponto de partida, a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda sua estranheza e imprevisibilidade. Seu objetivo é descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade. . . . Representações nesse sentido, são estruturas que conseguiram uma estabilidade através da transformação duma estrutura anterior. (Moscovici, pp. 79 e 22)

Em outras palavras, nós percebemos o mundo tal como é e todas nossas percepções, ideias e atribuições são respostas a estímulos do ambiente físico ou quase físico, em que nós vivemos. O que nos distingue é a necessidade de avaliar seres e objetos corretamente, de compreender a realidade completamente; e o que distingue o meio ambiente é sua autonomia, sua independência com respeito a nós, ou mesmo, poder-se-ia dizer, sua indiferença com respeito a nós e a nossas necessidades e desejos. (Moscovici, p. 32)

O mundo em que vivemos é totalmente social. Isso significa que nós nunca conseguimos nenhuma informação que não tenha sido distorcida por representações “superimpostas” aos objetos e às pessoas que lhes dão certa vaguidade e as fazem parcialmente inacessíveis. Quando contemplamos esses indivíduos e objetos, nossa predisposição genética herdada, as imagens e hábitos que nós já aprendemos, as suas recordações que nós preservamos e nossas categorias culturais, tudo isso se junta para fazê-las tais como a vemos. Assim, em última análise, elas são apenas um elemento de uma cadeia de reação de percepções, opiniões, noções e mesmo vidas, organizadas em uma determinada sequência. (Moscovici, p. 33)

De que modo pode o pensamento ser considerado como um ambiente (como atmosfera social e cultural)? Impressionisticamente, cada um de nós está obviamente cercado, por palavras, ideias e imagens que penetram nossos olhos, nossos ouvidos e nossa mente, quer queiramos quer não, e que nos atingem, sem que o saibamos. (Moscovici, p. 33)

Às vezes é suficiente simplesmente transferir um objeto, ou pessoa, de um contexto a outro, para que o vejamos sob nova ótica e para sabermos se eles são, realmente, os mesmos. . . . Esses exemplos mostram como cada experiência é somada a uma realidade predeterminada por convenções, que claramente define suas fronteiras, distingue mensagens significantes de mensagens não significantes e que liga cada parte a um todo e coloca cada pessoa em uma categoria diferente. Nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem e cultura. Nós pensamos através de uma linguagem; nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura. Nós vemos apenas o que as convenções subjacentes nos permitem ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções. . . . “A realidade é para a pessoa, em grande parte, determinada por aquilo que é socialmente aceito como realidade” (LEWIN, 1948: 57). (Moscovici, pp. 35 e 36)

Nossas experiências e ideias passadas não são experiências ou ideias mortas, mas continuam a ser ativas, a mudar e a infiltrar nossa experiência e ideias atuais. Sob muitos aspectos, o passado é mais real que o presente. . . . Todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações. . . . O fato central sobre as interações humanas, escreveu Asch, é que elas são acontecimentos, que estão psicologicamente representadas em cada um dos participantes. (Moscovici, p. 38)

Para Moscovici as representações sociais dependem centralmente de dois processos: a ancoragem e a objetivação;

Ancoragem: esse é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. . . . ancorar é pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas não existem e ao mesmo tempo são ameaçadoras. (Moscovici, p. 51)

Objetivação: o físico inglês Maxwell disse, certa vez, que o que parecia abstrato a uma geração se torna concreto para a seguinte. . . . Poderíamos ir mesmo além da colocação de Maxwell, acrescentando que o que é incomum e imperceptível para uma geração, torna-se familiar e óbvio para a seguinte. . . . Essa domesticação é o resultado da objetivação. . . . Objetivação une a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. Percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece, então, diante de nossos olhos, física e acessível. Sob esse aspecto, estamos legitimados ao afirmar, com Lewin, que toda representação torna real, realiza, no sentido próprio do termo, um nível diferente da realidade. Esses universos criados e mantidos pela coletividade se esvaem com ela, não tendo existência por si mesmos. . . . Entre a ilusão total e a realidade total existe uma infinidade de gradações que devem ser levadas em consideração, pois nós as criamos, mas a ilusão e a realidade são conseguidas exatamente do mesmo modo. A materialização de uma abstração é uma das características mais misteriosa do pensamento e da fala. (Moscovici, pp. 71-72)

As experiências e memórias não são nem inertes, nem mortas. Elas são dinâmicas e imortais: ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para os outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior para fazer as coisas a partir do que já é conhecido. (Moscovici, pp. 78)

Para concluirmos as exposições sobre o tema usaremos um exemplo apresentado por Moscovici (2015, p. 86));

Eis um exemplo concreto: o desemprego, nesse momento, é geral e cada um de nós tem ao menos um homem ou uma mulher desempregados entre nossos amigos mais íntimos. Por que esse homem ou mulher não tem trabalho? A resposta a essa pergunta irá variar de acordo com quem fala. Para alguns, os desempregados, na verdade, não se preocupam em procurar um trabalho, são muito exigentes ou, no mínimo, não têm sorte. Para outros, eles são vítimas de uma recessão econômica, ou de uma sobreposição injustificada de empregos ou, mais comumente, de uma injustiça inerente à economia capitalista. O primeiro, assim, atribui a causa do desemprego ao indivíduo, a sua atitude social, enquanto o segundo atribui a situação econômica e política, a seu status social, a um ambiente que torna essa situação inevitável. As duas exposições são totalmente opostas e obviamente provêm de representações sociais distintas.

As representações sociais, mesmo que possam ser localizadas em um determinado momento histórico acabam por ir além das sociedades e momentos históricos onde foram geradas, isso se dá a partir desse movimento histórico de construção da cultura na qual determinados conhecimentos são transmitidos de uma geração para outra. Nesse movimento de aprender e resignificar essas aprendizagens, processam-se as mudanças e o surgimento de novas representações; as possibilidades de mudanças se encontram exatamente nessas brechas, onde representações diferentes se confrontam. A nossa abordagem pesquisa essas representações sociais dentro do ambiente escolar buscando perceber as convergências e divergências entre as representações dos seus dois principais atores: professores e alunos. Entendemos que, a partir da análise dessas representações, poderemos contribuir para um processo educativo mais eficiente à medida que possamos

otimizar as representações que forem convergentes e conseguir consensos, ou no mínimo atitudes empáticas, para as que forem divergentes.



DESENVOLVIMENTO

2.0 - METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 – Paradigma de investigação

Temos claro que as representações sociais e a subjetividade são elementos complexos de serem investigados, pois são fenômenos que estão em constante mudança. Entendemos que a educação, como um fenômeno central no movimento histórico de constituição de uma cultura, tem significativa influência na formação das concepções de mundo de cada indivíduo, portanto também é fator determinante na constituição da subjetividade. A nossa investigação lança o olhar sobre essa relação dialética entre objetividade e subjetividade dentro da educação.

Nossa pesquisa objetiva compreender como se processa essa relação dialética que ocorre entre o sujeito e o seu processo educativo. Dentro desse universo relacionado à educação, buscamos dar voz aos seus principais atores: professores e alunos. Na nossa abordagem buscamos representar o movimento histórico do sujeito enquanto partícipe do processo educativo, e para tanto utilizamos instrumentos que o fizeram olhar para o passado, para o presente e para o futuro.

Temos como objetivo entender como eles se percebem e se representam dentro desse contexto social. Fizemos, então, a opção por uma abordagem dentro do paradigma interpretativo, por entendermos que esse seja o melhor caminho para conseguirmos pesquisar tal tema.

2.2 – Descrição da metodologia

Nosso paradigma de pesquisa é o interpretativo com recorte transversal e com características quanti-qualitativa. Nosso trabalho foi realizado a partir de pesquisas de campo, que foram divididas em duas fases, primeira fase: a aplicação de um questionário para os alunos; segunda fase: que foi dividida em duas partes: entrevistas com os professores e entrevistas com os alunos.

Após finalizarmos o projeto de pesquisa e definirmos o nosso marco teórico o primeiro grande desafio por nós enfrentado foi a busca pelos instrumentos que nos dessem as respostas aos nossos problemas de pesquisa. Decidimos desenvolver o processo investigativo de uma forma que em primeiro momento tivéssemos uma perspectiva ampliada sobre o problema (para tanto usamos uma abordagem mais quantitativa) e na sequência pudéssemos ter uma visão mais aprofundada destes (para tanto utilizamos um método mais qualitativo); entendemos que dessa forma poderíamos refletir sobre as posições individuais de cada sujeito sem perder a noção de totalidade, assim decidimos usar dois tipos distintos de instrumentos: questionários e entrevistas. Através dos questionários atingimos um total de 140 sujeitos, esta primeira fase da pesquisa foi realizada apenas com

alunos. Através das entrevistas, que correspondem à segunda fase da pesquisa, atingimos 36 sujeitos, sendo 16 professores e 20 alunos.

Em primeiro momento tentamos encontrar, nos vários autores e artigos por nós lidos para a o desenvolvimento do marco teórico da tese, instrumentos através dos quais conseguíssemos atingir nossos objetivos, mas dada a peculiaridade de nossa abordagem não encontramos nenhum que atendesse às nossas expectativas; diante disto iniciamos a tarefa de desenvolver nossos próprios instrumentos.

Para desenvolvermos o questionário da primeira fase de nossa pesquisa estivemos sempre atentos ao nosso paradigma investigativo; buscamos dar evidência a quem são os sujeitos sobre os quais estamos falando e buscamos trazer uma perspectiva que nos permitisse refletir sobre aspectos da formação cultural destes sujeitos. Para caracterizarmos os sujeitos, além da questão etária e de gênero, incluímos aspectos socioeconômicos, usamos para tal fim informações sobre a renda familiar; estes dados também nos permitiram classificar nossos sujeitos dentro de determinada classe social. Para caracterizarmos culturalmente nossa amostra, além da informação sobre a que classe social pertencem, acrescentamos em nosso questionário perguntas sobre o nível de formação escolar dos pais ou responsáveis, por entendermos que estes foram e são um dos principais agentes formadores das concepções culturais dos nossos sujeitos.

Sobre as questões específicas do tema da investigação também buscamos manter o princípio de perceber o sujeito dentro de um processo histórico, e para tanto fizemos questões que abordavam experiências já vividas (passado), questões que refletiam sobre o momento atual (presente) e também apresentamos questões que instigavam os sujeitos a refletirem sobre como a educação recebida poderia influenciar nas suas novas escolhas (futuro); através desta forma de conceber o instrumento tivemos a intenção de captar o olhar dos sujeitos de nossa investigação sem perder de vista o fato de que estes se constituíram em determinadas condições históricas e culturais; também levamos em consideração o fato de que estes sujeitos não são “acabados”, mas se encontram em constante desenvolvimento. Outro ponto que tomamos como princípio para o desenvolvimento de nosso instrumento foi a necessidade de que ao obtermos a resposta para uma determinada questão pudéssemos lhe atribuir direção e sentido.

A partir destes princípios analisamos alguns modelos tradicionais de questionário e desenvolvemos o nosso instrumento tendo como referência as características da escala Likert e os modelos de hierarquização ordinal. O primeiro modelo foi utilizado em questões que abordavam a avaliação sobre determinado tema, através dele pudemos obter informações não só sobre o valor atribuído, mas também sua direção e sentido; a partir do modelo de hierarquização ordinal pudemos, ao apresentarmos questões de múltipla escolha, permitir aos sujeitos não só marcarem as alternativas que lhes pareciam mais relevantes, mas também, atribuir a elas uma hierarquia de importância. Buscando seguir todas estas diretrizes, além das perguntas que caracterizavam os sujeitos, chegamos a um questionário com 17 perguntas (APÊNDICE 3).

Depois de pronto este primeiro modelo fizemos um piloto com 40 sujeitos, analisamos e corrigimos os problemas apresentados e posteriormente o submetemos a análise de cinco experts sobre o tema: Doutor Alcyr Alves Viana Neto, Doutor Frederico Jorge Saad Guirra, Doutor Guillermo de Ávila Gonçalves, Doutor Made Júnior Miranda e Doutor Tadeu Joýo Ribeiro Baptista. Estes experts analisaram o instrumento e fizeram observações e sugestões; os relatórios destas análises foram apresentados ao diretor da tese e as contribuições consideradas pertinentes foram incorporadas ao instrumento (APÊNDICES 4,5,6,7 e 8).

O roteiro de entrevista para os professores tem 20 questões (APÊNDICE 12) e o roteiro de entrevista para os alunos tem 18 questões (APÊNDICE 13). As questões apresentadas nestes roteiros têm muitas semelhanças com as do questionário, pois seguimos os mesmos princípios norteadores, e não poderia deixar de ser assim, pois ao usarmos este método investigativo a intenção foi justamente a de nos aprofundar nos temas já inicialmente investigados através dos questionários. A principal diferença deste instrumento é que nele foram acrescentadas questões que fizeram os dois principais atores do processo educativo olharem um para o outro, os professores apresentaram suas representações sobre os alunos e os alunos apresentaram as suas representações sobre os professores.

Seguindo os procedimentos éticos que normatizam as pesquisas no Brasil registramos o nosso projeto, juntamente com todos os seus instrumentos, na plataforma Brasil, onde o mesmo foi analisado em todos os seus detalhes, especialmente no que diz respeito às questões éticas de pesquisa com seres humanos. Algumas adequações foram exigidas e foram prontamente realizadas; após a finalização de todo este processo e da aprovação do projeto pelo comitê de ética responsável, foram iniciados os trabalhos de campo.

Depois de realizado os trabalhos de campo tivemos outra questão a resolver, o fato de que nossos instrumentos nos retornaram uma grande quantidade de dados; para conseguirmos sistematizá-los de forma satisfatória tivemos que nos empenhar em organizá-los com o cuidado de não perdemos de vista nossos objetivos diante do grande volume de informações. Assim desenvolvemos uma forma de sistematizar os dados da primeira fase da pesquisa (dados objetivos) de maneira que tivéssemos a possibilidade de acessar individualmente as informações de cada sujeito e a partir delas ter a possibilidade de desenvolver planilhas onde pudéssemos comparar seus dados com os de qualquer outro sujeito ou grupo. A transcrição das entrevistas de professores e alunos nos retornaram cerca de quatrocentas páginas de texto (APÊNDICES 14 e 15), em função desta grande quantidade de informação tivemos de aprender a utilizar um software de análise de dados, e escolhemos o NVivo. Para podermos sistematizar tantas informações estabelecemos categorias de análise e utilizando o software organizamos as informações obtidas nas entrevistas dentro delas.

As particularidades de cada método, os procedimentos e os instrumentos utilizados estão dentro dos tópicos destinados a apresentação de cada fase da pesquisa.

2.3 – Sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma das unidades da rede de ensino técnico e tecnológico; a referida instituição, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), campus Goiânia, faz parte do sistema federal de ensino e é vinculado ao Ministério da Educação. Do sistema federal de ensino fazem parte as instituições de ensino mantidas pela União, as instituições de educação superior criadas e mantidas pela iniciativa privada e os órgãos federais de educação.

A rede na qual a investigação foi realizada foi instituída pela reunião de um conjunto de instituições: os Institutos Federais (IFs), as Universidades Tecnológicas (UTs), os Centros Federais de Educação (CEFETs), as Escolas Técnicas vinculadas às Universidade Federais (ETs) e ao Colégio Pedro II.

Participaram da pesquisa professores e alunos dessa instituição, particularmente os alunos de terceiro e quarto anos e os professores que ministraram aulas para esses alunos. A caracterização mais detalhada dos sujeitos está dentro dos tópicos destinados a apresentação de cada fase da pesquisa.

2.4 – Métodos e procedimentos

A pesquisa de campo foi dividida em duas fases: primeira fase: aplicação de um questionário para os alunos e segunda fase: entrevista com professores e entrevista com alunos.

Tabela 1.
Detalhamento das fases da pesquisa.

Fases da pesquisa	Sujeitos	Número de sujeitos	Instrumentos
Primeira fase	Alunos	140	Questionário
Segunda fase	Professores e alunos	36	Entrevista semiestruturada
Parte 1	Professores	16	Entrevista semiestruturada
Parte 2	Alunos	20	Entrevista semiestruturada

Fonte: Elaboração própria.

2.4.1 - Primeira fase: Aplicação de questionário aos alunos

Foi aplicado aos alunos um questionário desenvolvido pelo próprio pesquisador, com 17 questões objetivas (APÊNDICE 3).

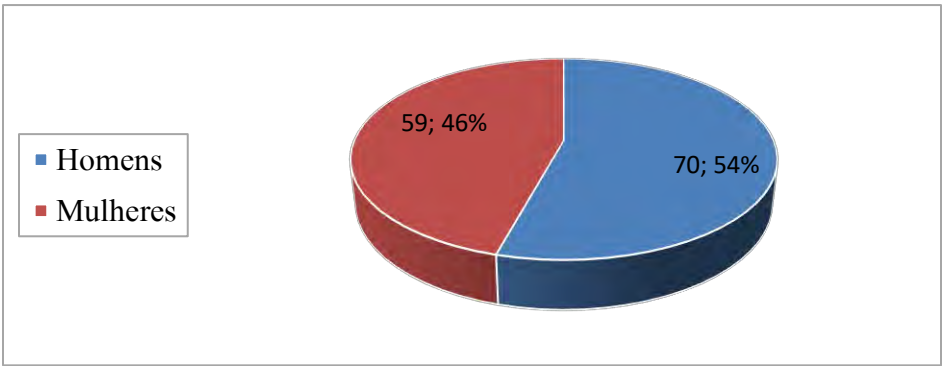


Figura 9. **Quantitativo de homens e mulheres participantes da pesquisa.**
Fonte: Elaboração própria.
Nota: Foram aplicados 140 questionários, 129 foram utilizados e 11 foram descartados por preenchimento incorreto.

Dos 129 sujeitos, todos eram do terceiro ano do curso técnico integrado ao ensino médio do IFG campus Goiânia, tinham média de idade de 16,8 anos. Este quantitativo representa aproximadamente 65% do total de alunos dos terceiros anos.

A participação na pesquisa se deu de forma voluntária; o pesquisador visitou as salas de aula dos terceiros anos de todos os sete cursos da instituição (Técnico integrado em controle ambiental, técnico integrado em edificações, técnico integrado em eletrônica, técnico integrado em instrumento musical, técnico integrado em mineração, técnico integrado em telecomunicações) apresentou a ideia do projeto, distribuiu os termos de participação livre e esclarecida que deveriam ser assinados (APÊNDICES 9, 10 e 11), e em outra data, previamente agendada, retornou para recolher os termos de consentimento e aplicar os questionários.

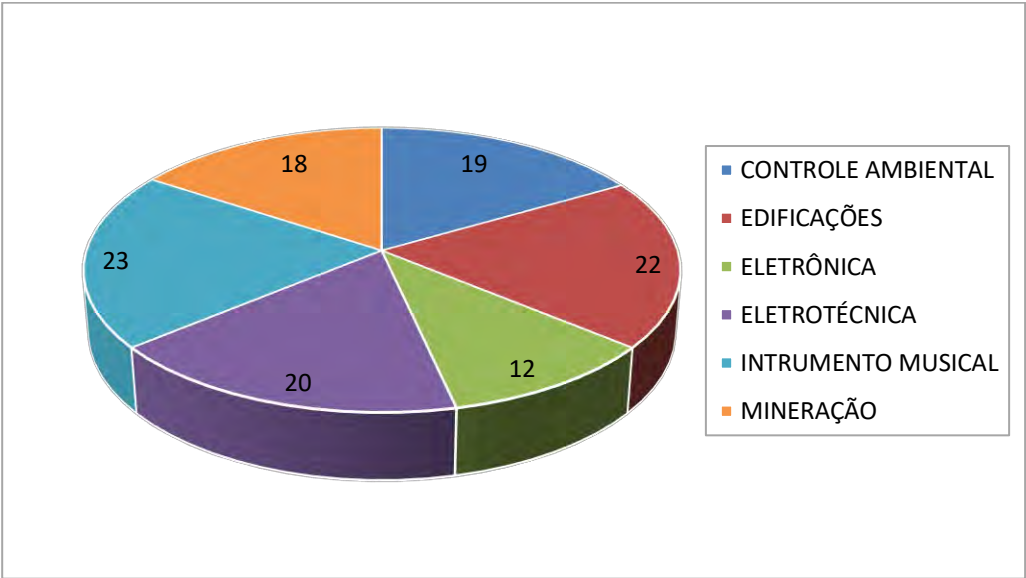


Figura 10. **Quantidade de sujeitos que retornaram questionários válidos por curso.**
Fonte: Elaboração própria.

Os dados obtidos através dos questionários foram sistematizados em tabelas e figuras; o software utilizado foi o Microsoft Excel.

2.4.2 - Segunda Fase: Entrevista com professores e alunos

Essa fase, como já foi explicitado, divide-se em duas partes: entrevista com os professores e entrevista com os alunos; a entrevista com os professores tinha o claro objetivo de trazer para a investigação as representações desses profissionais sobre o processo ensino aprendizagem, para analisá-las e posteriormente compará-las com as representações dos alunos; no caso dos alunos o instrumento serviu para aprofundar as informações que foram obtidas pelos dados do questionário da primeira fase, assim o pesquisador pôde investigar melhor pontos que mereciam melhor detalhamento.

2.4.2.1 - Segunda fase – parte 1 - Entrevista com os professores

Os professores participaram da pesquisa de forma voluntária. Foi realizada uma entrevista semiestruturada tendo como referência um roteiro com vinte perguntas que foi organizado pelo próprio investigador (APÊNDICE 12).

Amostra: participaram das entrevistas dezesseis professores, sendo onze homens e cinco mulheres; quatro mestres, onze doutores e um pós doutor. Tendo eles, em sua maioria, muito tempo de experiência profissional, que variavam entre dez e trinta e cinco anos de trabalho docente. Foram contempladas as seguintes disciplinas: Artes, Educação Física, Filosofia, Física, Geografia, História, Matemática, Português, Química, Sociologia e seis professores de áreas técnicas dos diferentes cursos oferecidos pelo IFG.

Instrumentos: as entrevistas foram gravadas, usando um gravador digital de mão da marca Zoom (H1 Handy Recorder), foram transcritas na sua íntegra, para manter a maior fidedignidade possível o pesquisador fez apenas pequenas correções gramaticais e ortográficas.

Desenvolvimento da fase: para divulgar e explicar sobre o que se tratava a investigação o pesquisador esteve presente em várias reuniões de professores, em todos os quatro departamentos da instituição. A partir deste contato inicial fez-se uma lista com os nomes dos professores que se propuseram a participar da pesquisa. Em um segundo momento, como a intenção do investigador era entrevistar pelo menos um professor de cada uma das várias disciplinas que fazem parte da grade curricular dos alunos do terceiro ano, alguns deles que já haviam se proposto a participar das entrevistas foram oficialmente convidados; para completar o grupo, de forma que estivesse representada a maioria das disciplinas, foram feitos convites para alguns professores, especificamente: um de matemática, um de química, um de física e um de português. Os demais professores, especialmente os das áreas de humanas, se mostraram bastante disponíveis para participarem da pesquisa e também não foi problema conseguir voluntários que ministravam aulas em disciplinas técnicas. No desenvolver dos trabalhos de campo, como também já haviam se iniciado as entrevistas com os alunos, quatro dos dezesseis professores foram convidados a serem sujeitos da pesquisa a partir da indicação de alunos que foram entrevistados, pois foram considerados por eles exemplos de bons professores.

As entrevistas foram realizadas em uma sala da instituição especialmente preparada para esse fim, sendo que três dos dezesseis professores optaram por conceder as entrevistas em sua própria casa. As entrevistas tiveram duração média de cinquenta minutos. O roteiro foi seguido, mas quando o entrevistador considerava que alguma questão já havia sido contemplada durante as respostas às questões anteriores, ela era suprimida; e também quando o entrevistador entendia que a questão merecia maior aprofundamento ela era desdobrada em outro questionamento. Os entrevistados tinham a liberdade de retomar os questionamentos a qualquer momento da entrevista. As entrevistas na sua íntegra constam nos apêndices da tese (APÊNDICE 14).

Após a transcrição das entrevistas elas foram sistematizadas utilizando para isso o software NVivo 12.0, foram definidos quatro eixos, onde as informações abstraídas das transcrições das entrevistas foram organizadas: 1 – representações sobre educação, 2 – Identidade profissional e representações sobre o papel do professor, 3 – O aluno e suas características e 4 – As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

2.4.2.2 - Segunda fase – parte 2 - Entrevista com os alunos

Os alunos participaram da pesquisa de forma voluntária. Foi realizada uma entrevista semiestruturada tendo como referência um roteiro com dezoito perguntas que foi organizado pelo próprio investigador (APÊNDICE 13).

Amostra: participaram das entrevistas vinte alunos de diversos cursos do IFG campus Goiânia, sendo onze homens e nove mulheres; quinze alunos do terceiro ano e cinco alunos do quarto ano, com média de idade de 17,65 anos.

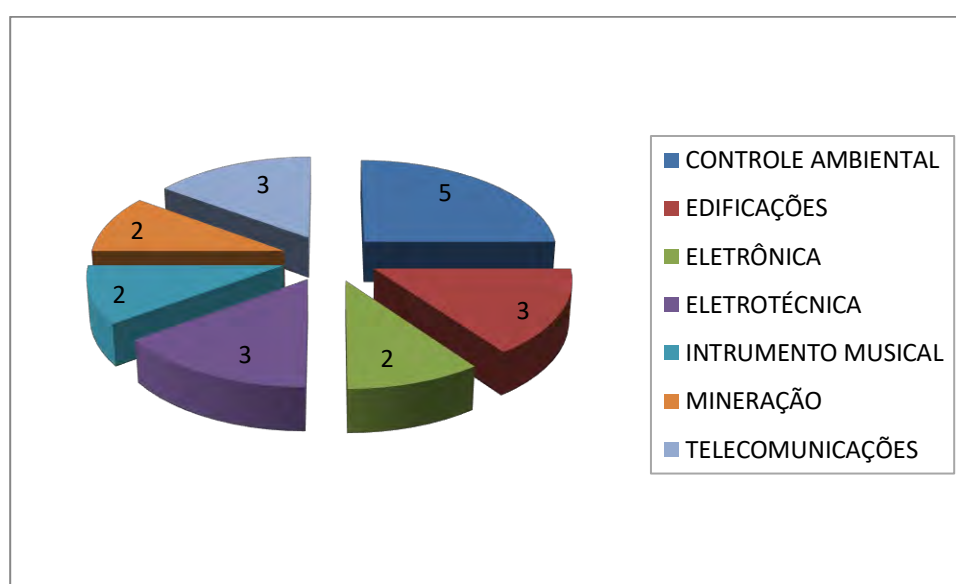


Figura 11. Número de alunos que participaram das entrevistas distribuídos por suas áreas dos cursos técnicos integrados ao ensino médio.

Fonte: Elaboração própria.

Instrumentos: as entrevistas foram gravadas, usando um gravador digital de mão da marca Zoom (H1 Handy Recorder), foram transcritas na sua íntegra; nesta transcrição, para manter a maior fidedignidade possível, o pesquisador fez apenas pequenas correções gramaticais e ortográficas.

Desenvolvimento da fase: logo após o investigador visitar cada turma de terceiros anos dos sete cursos do IFG para aplicar o questionário e recolher os termos de consentimento, foi feita uma explicação sobre a próxima fase da pesquisa e um convite aos que se interessassem em participar; a partir desta ação foi feita uma primeira lista de alunos. Na continuidade da investigação o pesquisador pediu, para os coordenadores de curso e para alguns professores, indicações de alunos para participarem da pesquisa; foi explicado a estas pessoas que ajudaram com indicações, que a investigação buscava contemplar tanto alunos com mais facilidade como também os com mais dificuldades no seu trânsito pelo processo educativo. O pesquisador intencionalmente manteve um número proporcional de homens e de mulheres. A partir desta lista de voluntários e de indicações os convites oficiais foram feitos, e as datas das entrevistas foram agendadas.

As entrevistas foram realizadas em uma sala da instituição especialmente preparada para esse fim, os horários foram agendados individualmente para cada aluno, mas quatro mulheres (duas duplas) solicitaram que suas entrevistas fossem no mesmo horário, solicitação que foi acatada pelo pesquisador. As entrevistas duraram em média 30 minutos. O roteiro foi seguido, mas quando o entrevistador considerava que alguma questão já havia

sido contemplada durante as respostas às questões anteriores, ela era suprimida; e também quando o entrevistador entendia que a questão merecia maior aprofundamento ela era desdobrada em outro questionamento. Os entrevistados tinham a liberdade de retomar os questionamentos a qualquer momento da entrevista.

As entrevistas na sua íntegra constam dos anexos da tese (APÊNDICE 15). Após a transcrição das entrevistas elas foram sistematizadas utilizando para isso o software NVivo 12.0, foram definidos quatro eixos, onde as informações abstraídas das transcrições das entrevistas foram organizadas: 1 – representações sobre educação, 2 – Identidade profissional e representações sobre o papel do professor, 3 – O aluno e suas características e 4 – As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

2.5 – Das análises das informações pesquisadas

Apresentaremos a sistemática das nossas análises, considerando a nossa organização metodológica que dividiu a pesquisa de campo em duas fases: questionários e entrevistas. Em essência a intenção, como está expresso nos objetivos da pesquisa, era a partir das representações individuais de mundo abstrair os principais aspectos que caracterizam as representações coletivas, portanto como era esse nosso objetivo central e não a análise individualizada de cada sujeito, as informações obtidas durante a pesquisa foram organizadas partindo de um quantitativo maior de informações, o que foi obtido através dos questionários (139 sujeitos participantes) e posteriormente aprofundamos a pesquisa dos nossos temas a partir das entrevistas (36 participantes).

Na primeira fase da pesquisa de campo, onde os alunos responderam a um questionário, os dados foram sistematizados em planilhas do software Microsoft Excel; como esta fase da pesquisa estava baseada em dados oriundos de questões essencialmente fechadas, eles puderam nos retornar principalmente informações quantitativas; essas informações nos deram um panorama macro sobre o nosso objeto de estudo, visto que o número de sujeitos participantes da pesquisa atingiu um quantitativo alto em relação ao grupo de interesse da investigação (aproximadamente 65% do total). As figuras e gráficos apresentados nos retornaram na maioria das questões apresentadas não só o sentido da atitude como também sua intensidade. A organização dos dados nas planilhas do Excel foi feita de maneira que as informações de cada indivíduo pudessem ser acessadas individualmente, o que nos permitiu a comparação entre os perfis de qualquer indivíduo ou grupo de indivíduos; tal possibilidade foi utilizada na análise comparativa feita entre os sujeitos autoavaliados como alunos: excelentes, muito bons, bons, medianos e fracos. Os dados foram expressos de forma a mostrar os dois lados de determinadas representações ou atitudes, por exemplo: mostramos quais os fatores que mais motivam os alunos a se engajarem no processo ensino aprendizagem, e também mostramos os fatores que mais os desmotivam.

Na segunda fase da pesquisa as informações seguiram a seguinte organização: as transcrições das entrevistas, na sua íntegra, estão disponíveis nos anexos, pois entendemos que nelas consta uma grande quantidade de informações que podem ser úteis para outros

pesquisadores, mas que não puderam ser utilizadas nesta investigação, pois buscamos manter o foco nos objetivos que apresentamos no nosso projeto de pesquisa. Para a utilização em nosso trabalho foi feita uma síntese da entrevista de cada sujeito, na qual o pesquisador destacou as falas, conceitos e representações que eram pertinentes aos objetivos propostos; para tal usou um software de análise qualitativa de dados (NVivo 12) onde as informações foram sistematizadas em categorias: 1 – representações sobre educação, 2 – Identidade profissional e representações sobre o papel do professor, 3 – O aluno e suas características e 4 – As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem. Considerando que nestas entrevistas foram obtidas grande quantidade de informações, e que estas mostravam grande variedade de abordagens e representações, desenvolvemos então esse sistema de categorização em eixos, o que nos permitiu fazer as análises comparativas entre: as representações dos professores, entre as representações dos alunos e especialmente entre as representações de professores e alunos. Para fazer essas comparações intragrupos desenvolvemos tabelas com os resumos das ideias de cada um dos sujeitos dentro de cada eixo, a partir desta organização, mantendo o foco nos objetivos por nós estabelecidos, realizamos uma análise do conjunto das informações pesquisadas para assim podermos evidenciar as convergências e divergências entre as mesmas



3.0 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS - PRIMEIRA FASE DA PESQUISA

O nosso capítulo de apresentação dos resultados organiza as informações seguindo a lógica processual da realização da pesquisa de campo, traremos: os resultados da primeira fase, os resultados da segunda fase; inicialmente os resultados das entrevistas dos professores e em seguida os dos resultados dos alunos. E num terceiro momento desta apresentação faremos uma análise do conjunto dos resultados obtidos (Ver tabela 1 - detalhamento das fases da pesquisa).

3.1 - Apresentação e discussão dos resultados da primeira fase da pesquisa

Nesta parte da apresentação dos resultados estão os dados da primeira fase da nossa pesquisa que constou de um questionário com dezessete perguntas. Os resultados dessas perguntas foram sistematizados em gráficos e tabelas e estão apresentados a seguir.

Participaram dessa primeira fase da pesquisa alunos do terceiro ano do ensino médio do IFG campus Goiânia, num total de 129 sujeitos, com média de idade de 16,8 anos, sendo que 59 (46%) eram do sexo feminino e 70 (54%) do sexo masculino.

Apresentamos na figura 1 a renda familiar dos sujeitos, temos como intensidade uma perspectiva da realidade socioeconômica dos mesmos, e na figura 2 apresentamos um modelo da distribuição de renda no Brasil, para termos ciência de que lugar nossos participantes da pesquisa ocupam dentro da organização socioeconômica brasileira. Incluímos estas questões, pois partimos do princípio de que as condições objetivas possibilitadas pela renda familiar são claramente influenciadoras sobre as concepções dos sujeitos a educação e a escola.

O Brasil é um dos países onde historicamente existem os maiores níveis de concentração de renda no mundo, uma pequena parte da população detém a maior parte da riqueza do país, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os 1% mais ricos concentram 28,3% da renda total do país, se considerarmos os 10% mais ricos essa concentração chega a 41,9% da renda. Ainda segundo o mesmo instituto as desigualdades de rendimento são ainda mais marcantes quando a análise do rendimento domiciliar per capita é feita por grupo, seja de cor ou raça; enquanto 16,4% da população branca estava entre os 10% com maiores rendimentos, apenas 5% da população preta ou parda se encontrava nesta mesma condição; a mesma coisa se repete em relação à renda de homens e mulheres onde os primeiros ganham cerca de 27,1 % a mais.

Em função do Brasil ser um país de dimensões continentais, para conseguirmos refletir sobre as peculiaridades da nossa amostra, apresentaremos alguns dados mais específicos do estado e da cidade onde se desenvolveu o nosso estudo. “Um estudo divulgado pela ONU (Organização das nações unidas) aponta a capital do estado de Goiás como uma das dez cidades mais desiguais da América Latina” e uma das de maior desigualdade de distribuição de renda no Brasil” (Goiânia a cidade mais desigual).

Segundo o IBGE estima-se que o estado de Goiás tenha uma população de 7.113.540 habitantes (sendo que deste total 1.536,097 habitantes vivem em Goiânia a capital do estado), sua densidade demográfica é de 17,65 habitantes por quilômetro quadrado, o índice de desenvolvimento humano (IDH) é de 0,735, o rendimento médio per capta da população é de R\$ 1.306 reais.

Essa desigualdade de distribuição é uma das grandes questões sociais brasileiras, e que reflete no campo da educação, pois grande parte da população vive em condições precárias e em função do baixo poder econômico têm pouco acesso a vários bens materiais e culturais, o que interfere diretamente na sua inserção no sistema educacional e em seu transcurso por ele.

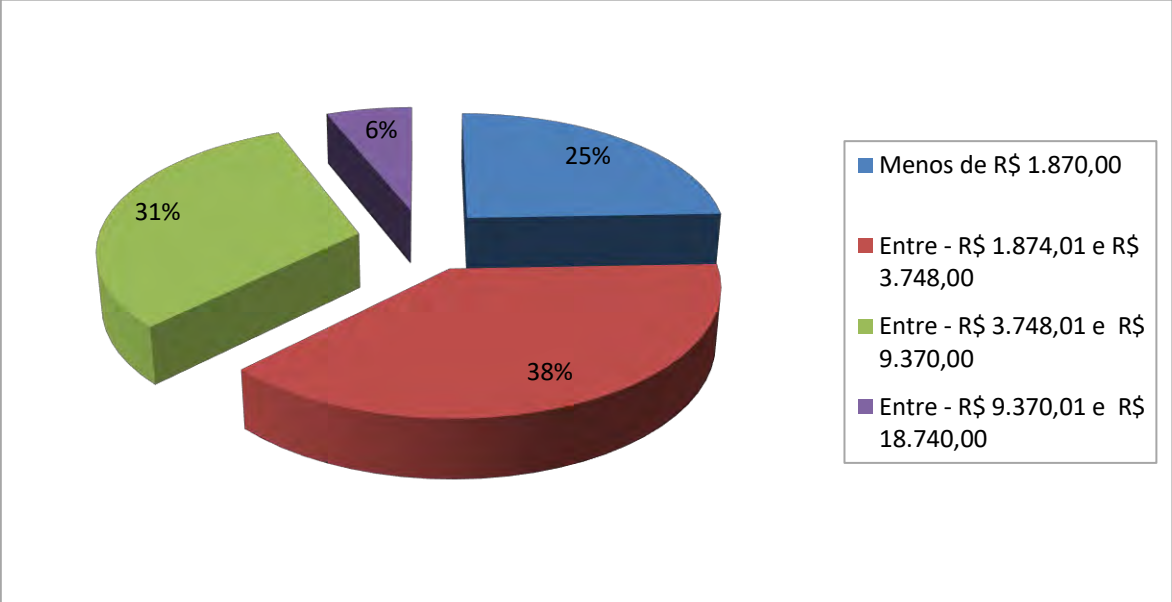


Figura 12. Renda familiar dos sujeitos da pesquisa.

Fonte: Elaboração própria.

Nossos dados refletem a distribuição de renda no país, onde em torno de cinquenta e oito por cento da população vive com menos de mil reais mensais, segundo a última pesquisa da PNAD contínua (Pesquisa Nacional por Amostra Domicílio) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), e são considerados pobres ou extremamente pobres. A conceituação de pobreza remete à privação do bem-estar, impondo limites do acesso a determinados espaços sociais, e nisto estão postos vários elementos: alimentação, saúde, moradia, segurança, lazer etc., e a educação. Como mostram nossos resultados em torno de 25% de nossos pesquisados vivem em situação de vulnerabilidade social e se considerarmos a quantidade de pessoas por núcleo familiar, alguns estão próximos à linha da pobreza.

Um pouco mais de 38% dos sujeitos da pesquisa pertencem a classe média, seja a: baixa, média ou alta. Em nossos dados os alunos que têm renda maior estão em consonância com as médias nacionais, onde apenas 4% da população têm rendas familiares acima de quatro mil setecentos e setenta reais.

Tabela 2.

Grupos de Renda da população brasileira.

Classificação do governo SAE (Secretaria de Assuntos	Critério ABEP (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa)
--	---

Estratégicos)			
Grupo	Renda Familiar	Grupo	Renda média Familiar
Extremamente pobre	Até R\$ 324,00	1	Até R\$ 854,00
Pobre, nŷo extremamente pobre	Até R\$ 648,00	2	Até R\$ 1.113,00
Vulnerável	Até R\$ 1.164,00	3	Até R\$ 1.484,00
Baixa classe média	Até R\$ 1.764,01	4	Até R\$ 2.674,00
Alta classe média	Até R\$ 2.564,00	5	Até R\$ 4.681,00
Alta classe média	Até R\$ 4.076,00	6	Até R\$ 9.897,00
Baixa classe alta	Até R\$ 9.920,00	7	Até R\$ 17.434,00
Alta classe alta	acima de R\$ 9.920,00		

Fonte: Adaptado de Kamakura, W. A., & Mazzon, J. A. (2013). Estratificaçŷo socioeconŷmica e consumo no Brasil.

É importante dizer que o sistema educacional no Brasil é desigual, nas formas de acesso, na trajetŷria do estudante dentro dele e, por conseguinte, no nŷvel de aprendizado; essas e vŷrias outras diferenç as sŷo sustentadas em funçŷo da origem socioeconŷmica do aprendiz.

Segundo dados do IBGE, o nŷvel de instruçŷo é uma das principais caracterŷsticas que influenciam a inserçŷo no mercado de trabalho, o maior nŷvel de instruçŷo estŷ fortemente associado ŷ maior empregabilidade e ŷ maior renda.

A transiçŷo da escola para o mercado de trabalho é muito importante e representa uma fase emblemŷtica do final da adolescŷncia e inŷcio da vida adulta, e a relaçŷo ruim com esse transcurso e quiçŷa seu insucesso pode concorrer negativamente para que os jovens atinjam outros objetivos nessa nova fase de sua vida.

Considerando esse contexto, outro indicador social que trouxemos para o nosso debate foi o nŷvel de escolaridade dos responsŷveis, pois entendemos que esse fator é fortemente influenciador na cultura familiar, na subjetividade dos indivŷduos desse nŷcleo e, por conseguinte, nas suas representaçŷes sobre o tema por nŷs investigado.

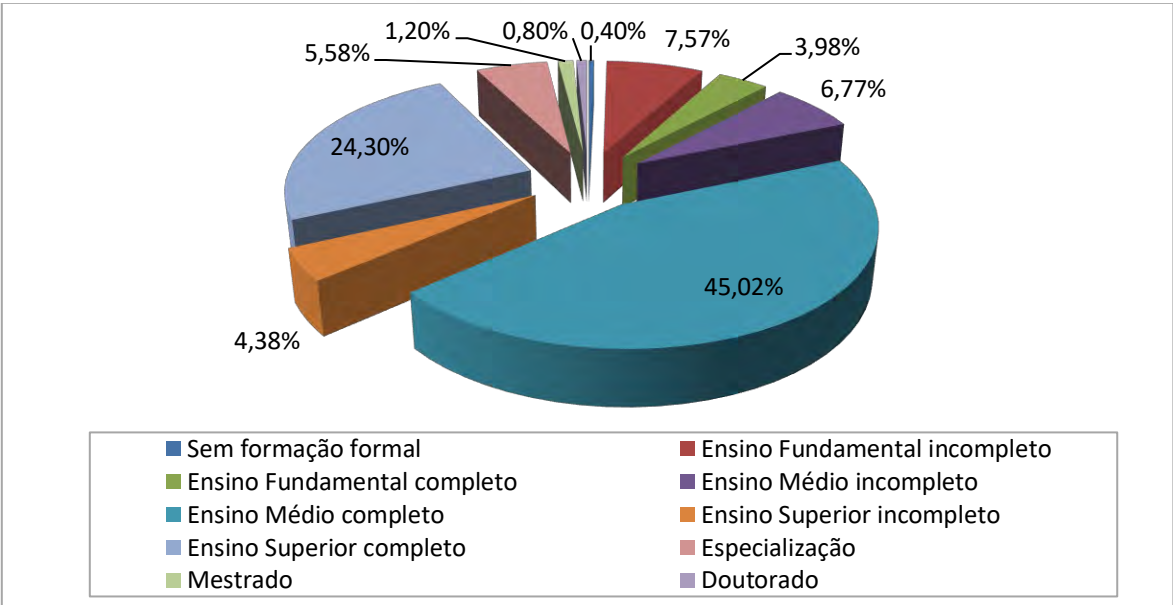


Figura 13. Nŷvel de escolaridade dos pais ou responsŷveis.
Fonte: Elaboraçŷo prŷpria.

Aqui nos nossos dados, temos o resultado da formaçŷo escolar dos responsŷveis pelos sujeitos da nossa pesquisa, lembrando que constam em alguns casos, pai e mŷe, em

outros, só pai ou só mãe; ou, ainda numa quantidade menor de situações, outros membros da família. A maior parte da nossa amostra no que tange ao nível de escolaridade possui ensino médio completo (80,48 %), sendo que desse grupo, 31,08%, além do ensino médio, possuem ensino superior completo. Se compararmos com os dados do censo do IBGE, sobre o nível de escolaridade, os responsáveis pelos nossos estudantes estão bem acima da média nacional. Em relação à quantidade de pessoas sem formação escolar ou analfabetas, que na nossa pesquisa é de 0,40%, a média nacional é de 6,8%; aqueles com nível médio completo que em nossa amostra atingem 80,48%, a média nacional está em torno de 46%; e também na faixa das pessoas que têm ensino superior completo, que em nosso caso é de 31,08% a média nacional é de 16,5%.

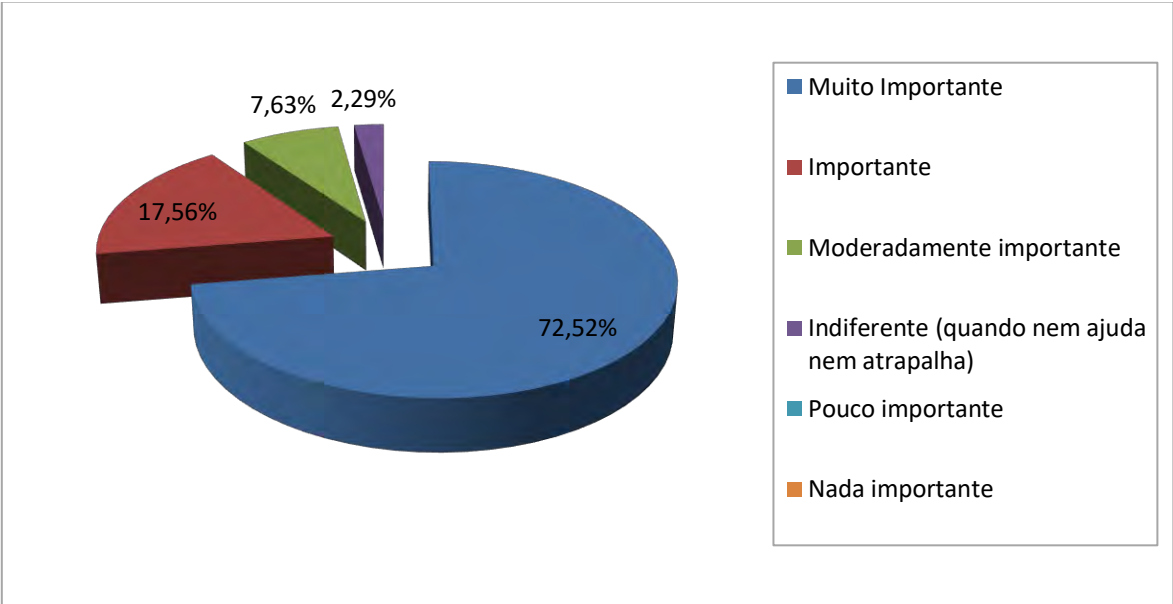


Figura 14. Nível de importância atribuída à formação escolar.
Fonte: Elaboração própria.

Aqui nesta questão queremos refletir sobre como o sujeito vê o nosso objeto de investigação e como ele o valoriza, considerando suas atitudes, que segundo Zabalza (2000);

“As atitudes possuem uma componente valorativa, constituem algo semelhante à cristalização dos valores assumidos. . . . O fato de dizer que se trata de “uma disposição pessoal ou coletiva a atuar de uma determinada maneira em relação a certas coisas, ideias ou situações” poderia servir-nos de definição para a palavra atitude. . . . Essa disposição é sustentada pelo conjunto de conhecimentos, afetos e condutas que possuímos a respeito do objeto, da pessoa, da ideia ou da situação sobre o qual se projeta a nossa atitude. . . . Em qualquer dos casos, se trata de fenômenos humanos complexos, nos quais intervêm pelo menos três componentes básicos: um componente cognitivo (o que se sabe sobre a coisa), um componente emocional (os afetos que essa coisa provoca) e uma componente comportamental (as ações que levamos a cabo relacionadas com o objeto da atitude). É sobre essa tripla plataforma que assentam as atitudes, e a sua manutenção ou a sua mudança dependerão igualmente da estabilidade ou das modificações que nelas se produzam.

Nenhum dos 129 sujeitos pesquisados entendeu que a formação escolar fosse pouco ou nada importante, sendo que 90,08% valoriza a educação como importante ou muito importante. Acreditamos que esses dados refletem, em especial, as representações da classe média brasileira, onde é atribuída à educação a responsabilidade de promover a igualdade social e o aumento de renda das famílias, portanto são objetivos que para suas realidades

são muito importantes; podemos inferir ainda que, além dessa expectativa que é típica da classe média, o nível de formação escolar dos pais ou responsáveis seja outro elemento que reforça essa representação, à medida que esse valor atribuído à educação é culturalmente posto para os estudantes a partir da cultura familiar.

As atitudes apresentadas em relação à educação foram muito positivas, pois quase a totalidade do grupo investigado é favorável a ela, além dessa direção positiva, o grau de intensidade desta atitude é alto, visto que 72% dos participantes da pesquisa atribuem a ela o grau de muito importante.

Depois de investigarmos a direção e a intensidade do valor que é atribuído à educação, buscamos apresentar quais elementos, nas representações dos alunos, são mais influenciadores na construção desses valores, atitudes e comportamento.

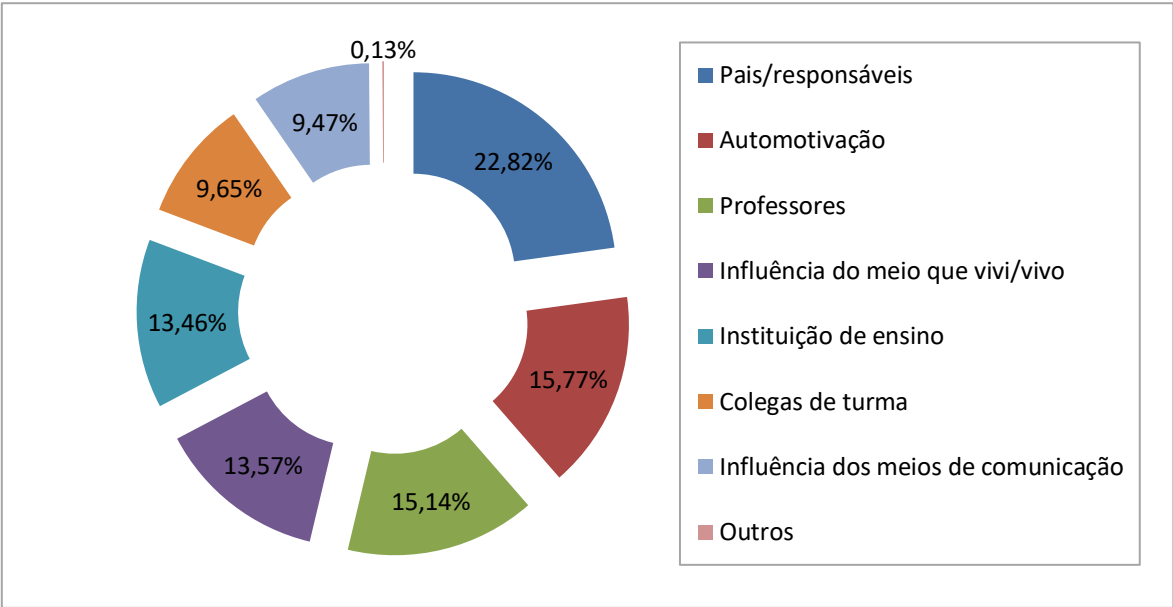


Figura 15. Elementos influenciadores nos valores, atitudes e comportamentos dos aprendizes em relação ao processo de aprendizagem.
Fonte: Elaboração própria.

Considerando o fato de que a educação é um processo cultural constituído a partir de vários tipos de interrelações nela contidas, nesta questão analisamos quais elementos do “círculo cultural” dos sujeitos da pesquisa foram mais influenciadores em seus valores, atitudes e comportamentos em relação ao processo ensino aprendizagem; chamamos elementos porque eles podem ser tanto: as relações interpessoais nos grupos onde o sujeito convive, as instituições as quais frequenta ou até através das informações veiculadas na: internet, nas redes sociais, nas redes de tv etc.

Vemos aqui que os pais ou responsáveis foram elencados como o principal elemento de influência, era um resultado esperado, pois esse é o primeiro e mais forte núcleo de relações humanas do qual a maioria dos sujeitos faz parte. Porém é interessante refletirmos sobre como poderia se dar essa influência, pois a maioria dos pais ou responsáveis são sujeitos trabalhadores, da classe média, que no Brasil têm jornadas em torno de oito horas diárias; normalmente saindo de casa por volta das cinco e meia da manhã (dependendo do tamanho das cidades e da distância do trabalho) e chegando em casa de volta do trabalho por volta das oito horas da noite; a pergunta é: que tempo sobriaria

para essas relações familiares? E especialmente como exerceria influência sobre a cultura escolar dos filhos?

Como segundo elemento influenciador, temos a automotivação que pode possuir dois polos: positivo e negativo; especialmente por ser um elemento relevante na relação do aprendiz com a educação, fizemos um aprofundamento nessa questão exatamente para evidenciar esta polaridade e apresentar quais fatores são motivantes e quais são desmotivantes. Esses fatores serão apresentados com mais detalhes na figura e na tabela 3.

E o terceiro elemento mais influenciador nessa relação com o processo ensino aprendizagem é o professor, se levarmos em consideração o tempo que o aluno passa na escola e a lógica da jornada de trabalho dos pais ou responsáveis, este aprendiz passa mais tempo com os “professores” do que com a própria família; então, em tese, essa influência pode se tornar mais significativa do que a dos pais ou responsáveis. Isto também explica de certa forma as grandes expectativas que os aprendizes lançam sobre a figura do professor, pois tentam suprir de alguma forma a “ausência” das figuras paternas e as referências que estes podem lhe oferecer, pela figura dos professores, por verem estes também como figuras de autoridade. As características atribuídas a um bom professor, nas representações dos alunos, serão apresentadas na figura 19.

As tecnologias da informação aparecem na última posição como elemento influenciador na aprendizagem, quando usamos esse termo estamos nos referindo: a internet de forma geral, às redes sociais, à televisão, a aplicativos de músicas, a podcasts etc., foi nessa perspectiva que explicamos para os alunos o que nominamos de meios de comunicação. Nesse contexto é interessante ressaltar, que apesar de esse item não aparecer de forma mais central nos elementos influenciadores nos valores, hábitos e atitudes dos aprendizes, vários destes têm uma relação intensa e prolongada com essas tecnologias; e esses hábitos, juntamente com o tempo em sala de aula, são os que ocupam a maior parte do dia dos estudantes, e estas informações, mesmo que os estudantes não percebam, de alguma forma causam influência nos valores e atitudes dos mesmos; por isso colocamos no nosso roteiro de entrevistas uma pergunta sobre este tema sobre a qual discutiremos mais à frente.

No itens outros, apesar de serem também pouco significativos estatisticamente, aparecem dois elementos das contribuições dos alunos que queremos destacar: a influência de pessoas com as quais tenha relação afetiva mais próxima, no caso namorados e namoradas, podem ser elementos que exerçam influência sobre os sujeitos, outro fator citado são os “amigos virtuais” como aponta um dos sujeitos; em função da característica do instrumento usado, no caso o questionário, não nos foi possível explicar claramente o que queriam dizer com essas contribuições.

A pergunta sobre os fatores intervenientes foi feita de forma aberta, pois elencamos os fatores, mas não definimos se esta influência seria positiva ou negativa; portanto na sequência do questionário perguntamos sobre qual a direção desta influência, se positiva ou negativa.

Tabela 3.
Fatores positivos e negativos *intervenientes* no engajamento do aluno em relação ao processo ensino aprendizagem.

POSITIVOS		NEGATIVOS	
15,46	Boa didática do professor.	12,62	A falta de didática do professor.
14,47	Domínio do professor em relação ao conteúdo.	11,01	Falta de domínio do professor em relação ao conteúdo.
13,15	Qualidade da instituição de ensino.	10,32	A falta de dedicação do aprendiz.
11,88	Dedicação do aluno ao estudo.	9,72	Instituição de baixa qualidade.
11,81	Boa relação professor aluno.	9,12	Falta de apoio e incentivo dos pais.
9,14	Atenção pessoal ao aluno.	8,27	Relação ruim entre professor/aluno.
9,11	Conteúdos interessantes.	7,69	Conteúdos desinteressantes.
8,29	Atenção às aulas.	7,65	A Falta de condições da escola.
6,68	Boa turma	6,88	A falta de condições em casa.
		6,11	Turma ruim.

Fonte: Elaboração própria.
 Nota: Os fatores estão colocados em ordem hierárquica de relevância e a esquerda deles estão seus valores percentuais.

Aqui nesta questão pedimos para o aprendiz olhar para os elementos e ações que compõem o universo do processo de ensino e aprendizagem, e assim classificar os que ele entenda como fatores *intervenientes*, independentemente de motivá-lo ou não.

É interessante observar que o aluno, sempre valoriza mais os elementos *intervenientes* que são externos a ele, no caso específico desses dados, a dedicação ao estudo, como responsabilidade direta do aluno, só aparece em quarto posto na hierarquia, e a capacidade de prestar atenção às aulas, aulas para as quais ele espera um bom professor, com boa didática, com bom domínio do conteúdo, só aparece em penúltimo lugar na hierarquia de fatores *intervenientes*, ou seja, querem estudar, querem aprender, esperam obter deste processo uma boa ocupação profissional, uma boa formação, mas parecem não estar muito dispostos a se empenharem para isso.

Acreditamos que esse seja um fator cultural, e que a atenção, a dedicação e o empenho nos estudos estejam na base da diferença entre os alunos que obtêm mais sucesso ou menos sucesso no seu processo de formação. Tal fato parece ser o óbvio, mas em várias figuras abaixo tentaremos analisar algumas diferenças entre os perfis desses alunos.

Esse fato explica em parte as diferenças entre os sistemas de ensino público e privado, pois à medida que o próprio pai ou responsável não tem uma boa representação da instituição escolar pública, sua confiança na mesma decresce e, por conseguinte, o valor atribuído a ela é afetado, e essa valorização que está na base da construção das atitudes e dos comportamentos, se reflete nos filhos; é importante lembrar que obtivemos nos nossos dados que os elementos mais influenciadores no valores, atitudes e comportamentos em relação ao ensino aprendizagem são os pais ou responsáveis, portanto podemos inferir que muito da desmotivação ou da falta de empenho dos alunos na escola vêm da cultura familiar. No caso das escolas privadas, os pais os responsáveis, como são os financiadores diretos deste serviço, e pagam às vezes preços muito altos, eles exigem de seus filhos maior empenho e dedicação na sua formação escolar. Entra nesta lógica de dedicação do aluno ao estudo o fato de que as famílias à medida que tenham melhores condições financeiras oferecem

melhores condições objetivas para que os alunos possam desenvolver seus estudos também fora da escola.

3.1.1 A motivação

Aqui retomamos, para um maior aprofundamento da pesquisa, o segundo elemento mais influenciador sobre os valores, atitudes e comportamentos dos alunos em relação à educação, “a motivação”.

O termo motivação deriva do verbo latino *movere* (mover-se). . . . supõe algo que queremos alcançar, algo que nos move e que nos ajuda a completar as tarefas. . . . um conjunto de forças internas ou de traços de personalidade, de condutas apresentadas a determinados estímulos ou de diferentes cenários crenças e afetos. (Pintrich e Schunk 2006, p. 5)

A motivação afeta a maioria dos aspectos que tem a ver com a escolarização e determina em grande medida o rendimento dos estudantes, pode dizer-se que melhorar a motivação para aprendizagem é um dos propósitos principais da dita escolarização. (Pintrich e Schunk 2006, p. 4)

Dentro deste tema da motivação buscamos definir sua direção, se positiva ou negativa e também o seu grau de intensidade, em seguida elencamos fatores que motivam e fatores que desmotivam os aprendizes em relação à educação. Aqui tentamos captar um pouco mais da subjetividade de cada sujeito da pesquisa, os dados apresentam os seus motivos pessoais para se engajarem ou não no processo de aprendizagem.

Nos nossos resultados, quando perguntados se são ou não motivados para o estudo, a grande maioria dos estudantes (93,02%) definem se como motivados, o que representa uma atitude positiva em relação a educação , considerando as ideias dos autores Pintrich, Schunk e Luque (2006) e Zabalza (2000), podemos inferir que “os alunos tendem a se mover em direção à educação, a busca-la, aplicando positivamente suas forças internas para isso” e em tese essa motivação ajudará no seu desenvolvimento dentro do processo ensino aprendizagem. É relevante ressaltar que apenas uma pequena parte dos aprendizes se declaram desmotivados (6,98%), o que não quer dizer que esses sujeitos não devam ser objeto de nossa atenção como educadores, pois conhecer e analisar os fatores que os levam a tal estado de atitude nos permitirá promover ações para ajuda-los.

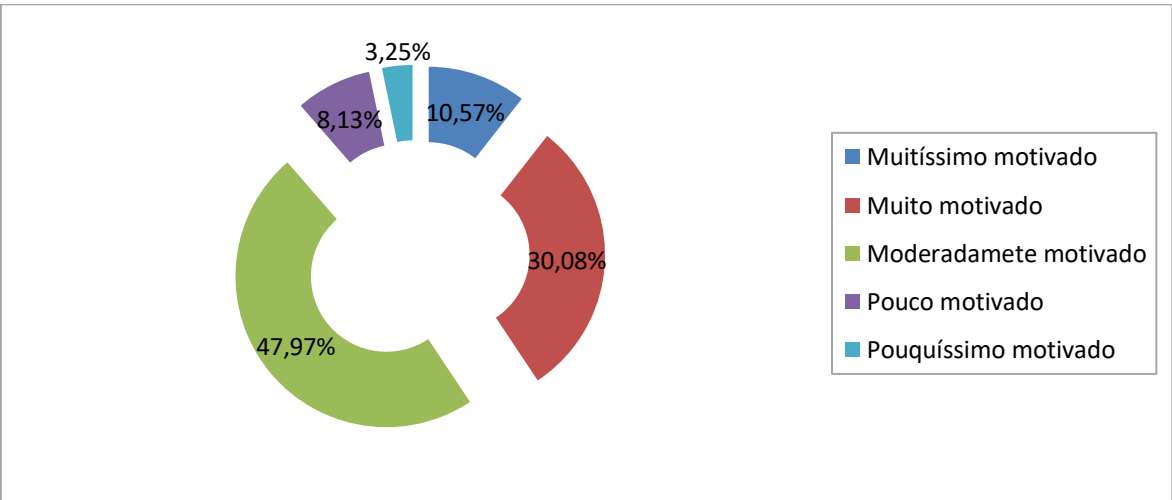


Figura 16. Níveis de motivação para aprendizagem.
Fonte: Elaboração própria.

A figura a seguir faz um aprofundamento da informação sobre a motivação, os dados nos mostram que apesar da grande maioria dos estudantes (93,02%), se autoavaliarem motivados para a aprendizagem os níveis de motivação são variados: 40,65% se dizem muito motivados ou muitíssimo motivados, mas uma parte significativa da amostra (59,35%) se declaram: moderadamente motivados, pouco motivados e pouquíssimo motivados. Especialmente nestes dois últimos grupos reportados, existe o interesse, o movimento em direção ao objeto, mas as convicções e as forças internas desses sujeitos parecem estar insatisfatoriamente ativadas; o sentido é positivo em direção à educação mas a intensidade é moderada ou baixa.

Nessa tabela a seguir apresentamos alguns fatores intervenientes na construção das atitudes dos aprendizes frente à educação no que tange à motivação, a intenção é definir quais deles são os que mais motivam e os que mais desmotiva os alunos.

Tabela 4.
Fatores que mais motivam e fatores que mais desmotivam o engajamento do aprendiz no processo ensino aprendizagem.

%	FATORES POSITIVOS	%	FATORES NEGATIVOS
21,01	Busca de uma boa carreira.	21,11	Desinteresse pelo conteúdo.
15,87	Busca de boa formação pessoal.	15,16	Falta de empatia do professor.
12,94	Qualidade do professor.	13,48	Falta de empatia com o professor.
11,59	Interesse pelo conteúdo.	12,75	Instituição de ensino ruim.
10,91	Aprovação no ano letivo.	12,63	Cobrança por resultados.
10,6	A qualidade da instituição de ensino.	10,18	Não saber o que pretende do futuro.
8,91	tirar boas notas.	7,68	Desinteresse pelos estudos.
8,17	Automotivação.	7,02	Falta de empatia com os colegas.

Fonte: Elaboração própria.
 Nota: Os fatores estão colocados em ordem hierárquica de relevância e a esquerda dos mesmos estão seus valores percentuais.

Um aspecto ligado à questão socioeconômica, “a possibilidade de acesso a uma boa carreira profissional”, é o motivo mais relevante para os alunos para se submeterem ao processo de ensino aprendizagem. Esse motivo é uma forte representação coletiva das classes média e baixa no Brasil, e que se constituiu dentro de um processo histórico expresso na nossa cultura; a educação no Brasil sempre representou uma luta político ideológica entre classes sociais distintas. Fatos marcantes de nossa trajetória histórica foram apresentados na primeira parte da nossa revisão de literatura, onde ressaltamos alguns elementos de destaque dessa construção da educação e do sistema educativo. Dentro da nossa cultura, principalmente no que diz respeito à formação escolar, uma das representações coletivas mais fortes é a de que “o aprendiz” pode conseguir romper com as desigualdades sociais e econômicas características de nossa organização social através da educação.

Queremos reafirmar que esse fator motivacional, de certa forma, é uma expectativa que não pode ser atingida somente pelo sistema educacional, pois a questão do emprego e da empregabilidade passa por dinâmicas sociais que estão muito além dos muros da escola, podemos citar como exemplo: as diretrizes do país no que diz respeito à educação e ao trabalho, as políticas econômicas, as influências externas dentro de um sistema de economia globalizada etc., portanto a escola não pode garantir essa empregabilidade, mas

apenas formar este trabalhador o melhor possível para se relacionar com um “mercado” que é bastante mutável; e esta expectativa não realizada pode gerar frustrações em relação ao sistema educacional.

O outro fator importante, e que representa um forte aspecto cultural do contexto educativo, é a busca da formação pessoal; podemos inferir que, apesar de os alunos não perceberem isso tão claramente no seu dia a dia, o trânsito deles pelo processo educativo escolar lhes conferem uma infinidade de saberes e instrumentos que lhes possibilitam melhor desenvolvimento pessoal na vida extramuros da escola. Mesmo com essa ação educativa sendo desenvolvida com certa eficiência é interessante perceber que a escola se organiza para atender determinadas demandas sociais, e o que se passa dentro dela muitas vezes não dialoga com a realidade fora dos seus muros, como se não levasse em conta as culturas e necessidade dos alunos que a frequentam, tal forma de organização replica o que já vivemos em nossa história (esse elemento já aparece embrionariamente exposto aqui nessa fase da pesquisa, de forma limitada em função do instrumento utilizado, mas se mostra muito mais clara na fase das entrevistas).

A qualidade da formação pessoal ainda é o que a escola pode fornecer com certa eficiência, mas, na obrigatoriedade de atender demandas mercadológicas, ela se submete a várias condicionantes que são externas aos seus interesses e possibilidades. Vários são os elementos que exercem esta pressão sobre o sistema educacional: a políticas sobre educação, as políticas econômicas, as dinâmicas avaliativas internacionais que cobram uma qualidade incompatível com as realidades objetivas das nossas escolas, a expectativa de formar o cidadão para o trabalho etc. Outros elementos fortemente condicionantes são: o fato de que todo processo fica subordinado a uma dinâmica de quantificação pela nota obtida nas provas e os processos seletivos para o acesso às universidades que são colocados como objetivo principal para todo processo educacional. Portanto, nessa dinâmica todo aprendizado é desenvolvido em função de responder um instrumento avaliativo, não para a formação humana, e considerando que o acesso à universidade no Brasil é possível para uma pequena parte de nossa população (16,5%), chegamos à lamentável constatação que perdemos muito tempo e esforço, para pouco resultado objetivo, pois atendemos a uma pequena parcela da população e ainda com um tipo de formação no mínimo questionável.

Podemos observar que os dois elementos elencados como motivos mais relevantes: a busca de uma carreira profissional e a busca de uma boa formação pessoal são fatores de motivação extrínseca. Tais fatores são representados como expectativas lançadas sobre o processo educativo e, tais expectativas, estão, muitas vezes, para além do que o sistema educacional realmente pode oferecer. Outra reflexão, não menos interessante para se atentar, guardadas as limitações que o tipo de instrumento com respostas pré-definidas pode trazer, é que depois desses elementos socioculturais expostos o próximo elemento na hierarquia de valores dos alunos, no que diz respeito à motivação para aprendizagem é a figura do professor, podemos inferir que, dentro de um sistema macro de influências sobre os quais o aluno não tem controle, o elemento com o qual ele tem relação direta e que mais lhe motiva é a figura humana e profissional do professor.

Nos níveis de menor importância nesse rol de elementos temos a automotivação, que a princípio imaginávamos que fosse o fator que mais envolveria o estudante no processo educativo; acreditamos que ele ainda não saiba exatamente como a educação poderia contribuir para ele como sujeito, e então se posicione a partir da possibilidade de uma boa empregabilidade e de uma boa formação pessoal, seguidos pela figura do professor, pois ele, por ainda não ter autonomia suficiente, precisa se apoiar em elementos extrínsecos para a construção das suas atitudes. Os motivos para aprender estão fora dele.

Na opção outros, apesar de estatisticamente pouco representativas, queremos destacar a contribuição de um dos sujeitos da pesquisa, pois entendemos que tal reivindicação precisa ser levada em consideração pelo sistema educacional com o amparo do sistema de saúde. A fala desse sujeito consiste em “solicitar ajuda especializada para o seu déficit de atenção; a meu ver, em primeiro momento é uma reivindicação que lança expectativas para além do que o sistema educacional pode oferecer, mas ao nos depararmos cotidianamente com uma grande quantidade de alunos com: déficit de atenção, ansiedade, síndrome do pânico, depressão etc., entre outras enfermidades típicas dos tempos atuais, e que estão cada vez mais presentes no público adolescente, penso ser necessário o trabalho em parceria com o sistema público de saúde para a prevenção e tratamento destas doenças. É triste, mas necessário ressaltar que mais do que só se preocupar com o nível de aprendizado escolar, precisamos nos preocupar com o ser humano, pois tais condições psicológicas podem e têm levado adolescentes ao suicídio, como já ocorreu em nossa instituição.

Se buscamos investigar o que mais motiva o aluno nas suas relações com o processo ensino aprendizagem, para completar o olhar sobre este objeto, também investigamos o que mais o desmotiva, com a intenção de comparar os dois extremos desta representação.

Vejamos que depois dos três primeiros fatores positivos para a motivação, que são extrínsecos ao aluno, como: a busca pela carreira, busca pela formação profissional e qualidade do professor, segue-se um elemento que representa a íntima relação do aprendiz com os saberes científicos “o conteúdo”. Este elemento aparece apenas na quarta posição como fator motivador, porém na primeira colocação como fator desmotivador para o aprendizado; tal classificação expressa a ambiguidade dos aspectos emocionais da atitude, pois a relação positiva com os conteúdos pode permitir um processo de aprendizagem mais eficiente bem como a relação negativa pode contribuir para tornar o processo de aprendizagem ineficiente.

Nestes resultados vimos claramente a dificuldade de identificação dos estudantes com os conteúdos que lhes são postos; aqui trazemos uma necessária reflexão, que é o fato de esses conteúdos serem determinados pelo sistema educacional, portanto, impostos aos professores, que os impõe aos alunos. Como as diretrizes vêm de órgãos centrais do sistema educacional há pouca margem de reflexão e diálogo com os professores em relação às grades curriculares e às propostas de conteúdo mínimo que lhes são enviados, e esta falta de dialogicidade se replica na relação professor/aluno. Um fato a ser levado em consideração é que muitos professores não conseguem estabelecer caminhos para este diálogo por também

serem eles mesmos alienados do processo, assim não têm como convencer seus alunos da relevância de determinado conteúdo trazido por ele, então apenas os impõem sem maiores debates ou reflexões. Esta característica aparece aqui através dos dados quantitativos e são corroboradas nos resultados da segunda fase da pesquisa.

Temos, ainda, nestes fatores desmotivadores, e que aparecem em segundo e terceiro lugar na hierarquia de valores, dois itens ligados à figura do professor: a empatia do professor com a turma, e no outro lado dessa relação bilateral, a clara percepção da falta de empatia do aluno para com o professor. Entendemos que muitas condicionantes objetivas tais como o tipo de formação do professor, o ritmo intenso das jornadas de trabalho, a grande quantidade de alunos por turma, o grande número de turmas, sejam fatores que dificultem esta relação mais próxima e empática do professor para com o aluno; e pelo lado dos estudantes muitas vezes esta falta de empatia advém da não percepção de que o professor também é um ser humano, portanto também susceptível a falhas, é um profissional que tem seus limites técnico e também os limites impostos pela organização do sistema educacional. Mas esta falta de empatia do aluno para com o professor, na minha análise, reflete a transferência que o aluno faz, do seu “gosto”, ou não por determinado conteúdo, para a figura do professor; o que o leva ao comportamento de: passar a gostar de uma matéria por causa do professor, de não gostar de um professor por que não gosta da matéria, ou de passar a não gostar da matéria porque não gosta do professor; tal quadro nos mostra reações atitudinais centradas nos aspectos emocionais.

Podemos inferir o quão passional é esta forma de relação que o estudante estabelece, porque os elementos racionais, que são trazidos pelos conceitos e conteúdos mediados, e que são a base de sustentação da formação desse sujeito não lhes são bem claros ou “relevantes” para fazerem sentido por si só, o que deixa mais intensa a relação desse com o aprendizado no nível emocional/afetivo. Veja que tais dados aumentam ainda mais a relevância do papel do professor, seja positiva ou negativamente; dentro do sistema educacional, estes elementos serão mais bem debatidos e qualificados a partir das informações obtidas na segunda fase da investigação.

As representações coletivas sobre a educação, os elementos humanos envolvidos no processo e, claro, as questões ligadas ao conteúdo, são os elementos mais destacados nestes fatores motivacionais, os nossos dados nos mostram que a instituição escolar só aparece no sexto lugar de relevância nos fatores positivos para aprendizagem e apenas na quarta ordem de relevância nos fatores negativos, isso nos faz inferir que apesar dos aprendizes avaliarem o sistema educativo no Brasil como ruim, no caso particular dos sujeitos pesquisados, a pretensa baixa qualidade do sistema educacional, não parece ser o que mais lhes motivou ou desmotivou dentro do processo ensino aprendizagem.

Sobre a qualidade do professor, outro item relevante para nossos sujeitos da pesquisa, podemos dizer, pelo menos no que tange ao nível de formação dos professores da instituição pesquisada, ele é alto, pois a maioria dos professores da rede onde a pesquisa foi realizada possui mestrado ou doutorado. Isso está longe da realidade da maioria das outras escolas das redes públicas e também da maioria das escolas da rede privada; estimativas do IBGE mostram que apenas 0,8% da população brasileira entre 25 e 64 anos têm mestrado e

apenas 0,2% têm doutorado, ou seja a formação continuada é um problema a ser resolvido e não depende somente da rede escolar ou do professor, necessita de políticas públicas de incentivo.

A questão salarial também é um problema para essa pretensa qualidade do professor, pois muitos, para terem um salário com o qual se possa viver dignamente, precisam se submeter à uma jornada tripla de trabalho (manhã, tarde e noite), o que, por certo faz com que o professor fique muito cansado e que tenha dificuldade de atender o estudante com a máxima qualidade; isso se explica na realidade objetiva, visto que, além de uma jornada de trabalho extensa, que chega às vezes a dez horas diárias, esse trabalhador tem uma grande quantidade de turmas e de alunos para acompanhar, o que torna quase impossível manter uma qualidade alta no acompanhamento dos alunos; além de que a rotina intensa limita seu tempo para a preparação das aulas e para que este possa buscar os programas de pós-graduação, seja em nível de especialização, mestrado ou doutorado.

Fizemos questão de apresentar na tabela três, a polaridade dos fatores intervenientes, onde os dois primeiros elementos estão centrados no papel do professor, e mostram que competência didática e domínio do conteúdo podem ser tanto fatores positivos como ou negativos segundo as representações dos sujeitos de nossa pesquisa. O trabalho não consegue atingir o nível de qualidade almejado quanto não há uma boa atuação do professor, ou quando o aluno não consegue entender e aceitar as formas de trabalho deste professor. Não raramente o aluno não se adapta à forma de mediação didática do professor, pois muitas vezes o aluno idealiza uma determinada forma que ele pensa ser mais eficaz e também projeta muitas vezes a sua falta de identificação com o conteúdo sobre a figura do professor. Essas atitudes de transferências já podem ser percebidas a partir dos resultados obtidos na primeira fase do trabalho, mas se mostram mais evidentes na fase das entrevistas, e serão mais bem debatidas a nesta parte.

É interessante perceber que aqui, dentro do universo pessoal da motivação, o aluno assume melhor a sua responsabilidade nesse processo ensino aprendizagem, pois, mesmo que ainda coloque em primeiros lugares na hierarquia de influências negativas: a didática do professor e o seu domínio sobre o conteúdo, portanto, fatores extrínsecos; ele elenca, em terceiro lugar, com peso estatístico muito próximo dos dois primeiros, a falta de dedicação aos estudos, começa a mostrar uma percepção que precisa ser ampliada, a de que a aprendizagem depende também de quem aprende.

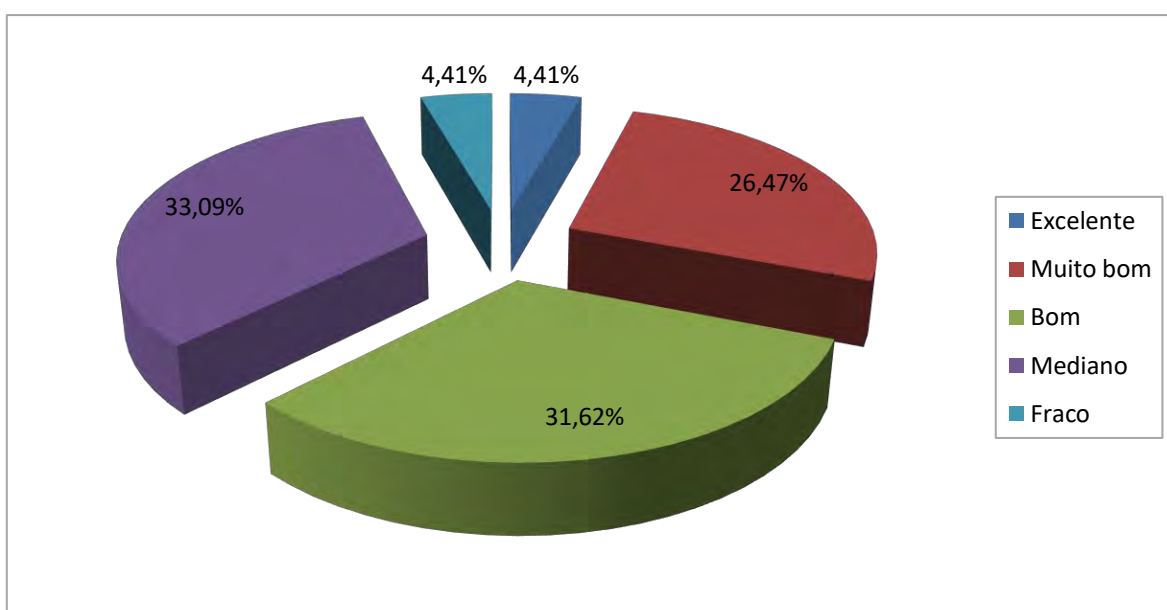


Figura 17. Autoavaliação dos sujeitos da pesquisa quanto à sua qualidade como aprendiz.

Fonte: Elaboração própria.

3.1.2 Auto percepção do aluno

Nesta questão buscamos investigar a autopercepção do aluno em relação ao processo de ensino-aprendizagem, pois, em sendo a educação um processo que supõe, no mínimo, a interação entre duas pessoas, o aluno, por certo, tem sua responsabilidade na qualidade que se almeja, então trazemos aqui como os alunos se autoavaliam: 62,5% dos sujeitos da pesquisa se colocam como estudantes bons, muito bons ou excelentes, o que não concorda exatamente com as opiniões dos professores no senso comum e nas entrevistas dadas por estes eles apontam vários elementos que caracterizam os alunos como não tão bons assim. Outro ponto a destacar é que uma quantidade significativa se coloca como alunos medianos ou fracos o que totaliza em torno de 37,5% da amostra. Esta autoavaliação dos alunos me parece contradizer a avaliação que os mesmos fazem do sistema educacional onde grande parte avalia a educação no Brasil como regular (45,07%) e outro grupo significativo como ruim ou péssima (42,25%) e apenas em torno de 8% avaliação a educação como boa ou excelente; parece-nos paradoxal que uma educação que é vista como majoritariamente regular ou ruim possa formar alunos tão bons. Temos aí uma contradição entre a avaliação do aluno sobre a escola e sobre si mesmo, na nossa análise, há uma grande mistificação sobre a qualidade ruim da escola, pois desvalorizá-la faz parte de uma representação coletiva subjetivamente desenvolvida a partir de: atitudes políticas calcadas e determinadas ideologias historicamente desenvolvido neste país, processos de informação ou desinformação em massa veiculados em vários tipos de mídias que, de forma unilateral, mostra somente seus pontos fracos e um dos principais elementos usados para essa depreciação é a comparação feita com países mais ricos, isso através das avaliações em massa promovidas por órgãos internacionais, e que tiram completamente do contexto social, cultural e econômico tudo o que é desenvolvido, seja positiva ou negativamente. Não queremos nos perder nos debates das macro políticas sobre educação, mas não poderíamos prescindir desta análise visto que entendemos que essa imagem negativa da educação divulgada pela mídia reforça a criação de uma representação

negativa da educação por parte de toda a sociedade e também por parte dos estudantes, e isto tem impactado diretamente na sua relação com o processo ensino aprendizagem.

Tabela 5.
Valores relativos dos fatores que levaram a autoavaliação apresentada na figura 13, divididos por níveis: Excelente, Muito bom, Bom, Mediano e Fraco.

FATORES	NÍVEIS DE AUTOAVALIAÇÃO				
	Excelente (6)	M. Bom (33)	Bom (41)	Mediano (43)	Fraco (6)
Motivação pessoal.	8,3	7,2	7,2	6,1	1,5
Identificação com os estudos.	6,1	6,5	5,3	4,1	5,0
Incentivo dos pais/responsáveis.	1,4	5,8	4,7	2,0	0,8
Qualidade da instituição de ensino.	4,4	4,2	4,3	2,3	1,1
Qualidade dos professores.	1,5	4,6	3,8	2,1	2,6
Tipos de metodologias de ensino.	0,0	5,0	2,5	2,9	4,7
Tempo de dedicação aos estudos.	3,3	5,9	4,9	4,6	6,1

Fonte: Elaboração própria.
Nota 1: Os números que se encontram ao abaixo dos nomes dos níveis de autoavaliação dentro da tabela representam o total de sujeitos de cada nível.
Nota 2: Os números na frente de cada elemento representam o valor, em uma escala de 0 a 10, atribuído por cada grupo de sujeitos.

Temos aqui representados os fatores que justificam as autoavaliações dos sujeitos da pesquisa, observamos que esses podem ter sentido positivo (em direção a um nível de excelência acadêmica) ou negativo (em direção a um baixo de qualidade acadêmica), e que na os pesos atribuídos a cada fator pode ser analisado pela sua presença ou pela sua ausência.

Nas representações dos autoavaliados como excelentes, o nível de motivação pessoal é um elemento muito significativo, o seu segundo item melhor avaliado é o nível de identificação com os estudos, que pode ter sido construído por uma boa instituição de ensino que é terceiro elemento na sua hierarquia de valores; é possível inferir que esse grupo já tem um nível de autonomia significativo à medida que o nível de incentivo dos pais ou a qualidade dos professores não se mostrou como fatores tão relevantes.

Para o grupo dos alunos que se autoavaliam com muito bons ou bons, que apresentam valores parecidos para quase todos os itens, vemos como elemento mais relevante a motivação e, como no grupo dos alunos autoavaliados excelentes, a identificação com os estudos é o segundo fator na hierarquia. Para o grupo dos autoavaliados muito bons a identificação com o estudo chega a ser maior do que para os excelentes, e para os bons um pouco menor, o que não deixa de dar evidência a essa necessária identificação com os estudos para que o aprendiz possa se encaminhar a excelência acadêmica. E ampliando a análise a partir dos dados da tabela 3, lembramos que o fator mais desmotivante para o estudo, portanto também interveniente na identificação com o mesmo, é o desinteresse pelo conteúdo. Para estes dois grupos o nível de incentivo dos pais ou responsáveis é bem significativo, bem como a qualidade dos professores, o que sugere uma maior dependência da intervenção de terceiros na sua qualidade como aprendiz, o que parece menos necessário no caso do grupo autoavaliado como excelente.

O grupo dos alunos que se autoavalia como mediano também valoriza a motivação pessoal como fator relevante, mas, nesse caso, diferentemente do dos outros três grupos

(excelentes, muito bons e bons), acreditamos que seja numa direção negativa, pois entendemos que ele se coloca nesse nível exatamente pela falta de motivação pessoal; percebemos o mesmo quadro em relação à identificação com os estudos, o que provavelmente justifica outro item que tem o segundo maior peso na hierarquia de valores desse grupo que é o tempo de dedicação aos estudos, por certo, alguém que não se sente motivado ou identificado com o que aprende terá pouco engajamento nesse processo. Talvez, para esse grupo, seja emergencial a intervenção incisiva dos professores e responsáveis para contribuir na melhoria da relação desse sujeito com o processo ensino-aprendizagem.

E para o grupo que se autoavalia como fraco, é baixa a importância atribuída ao nível de motivação pessoal, acreditamos que, exatamente pela sua ausência ou por esses entenderem que as razões para estudar estão em sua grande maioria fora deles. Tal valoração leva esses estudantes a atribuírem os maiores pesos pela sua qualidade como estudante: ao tempo de dedicação ao estudo e ao nível de identificação com o estudo, entendemos que os itens são destacados exatamente pela sua ausência no comportamento acadêmico desses sujeitos. Junto com todo este quadro negativo de: falta de motivação, falta de identificação e não engajamento nos estudos, temos outro fator em destaque, as metodologias, à medida que o grupo se avalia como academicamente fraco, podemos inferir que ele não se identifique com elas. Acreditamos que, em função da aparente falta de autonomia, o incentivo dos pais e boas instituições podem ter feito falta na construção das atitudes dos sujeitos desse grupo em relação ao processo ensino-aprendizagem.

Para ressaltar as representações que distinguem um grupo do outro, apresentaremos a sequência das próximas quatro figuras, fazendo uma comparação entre os fatores representados pelos autoavaliados: excelentes-muito bons, excelentes-bons, excelentes-moderados e excelentes-fracos.

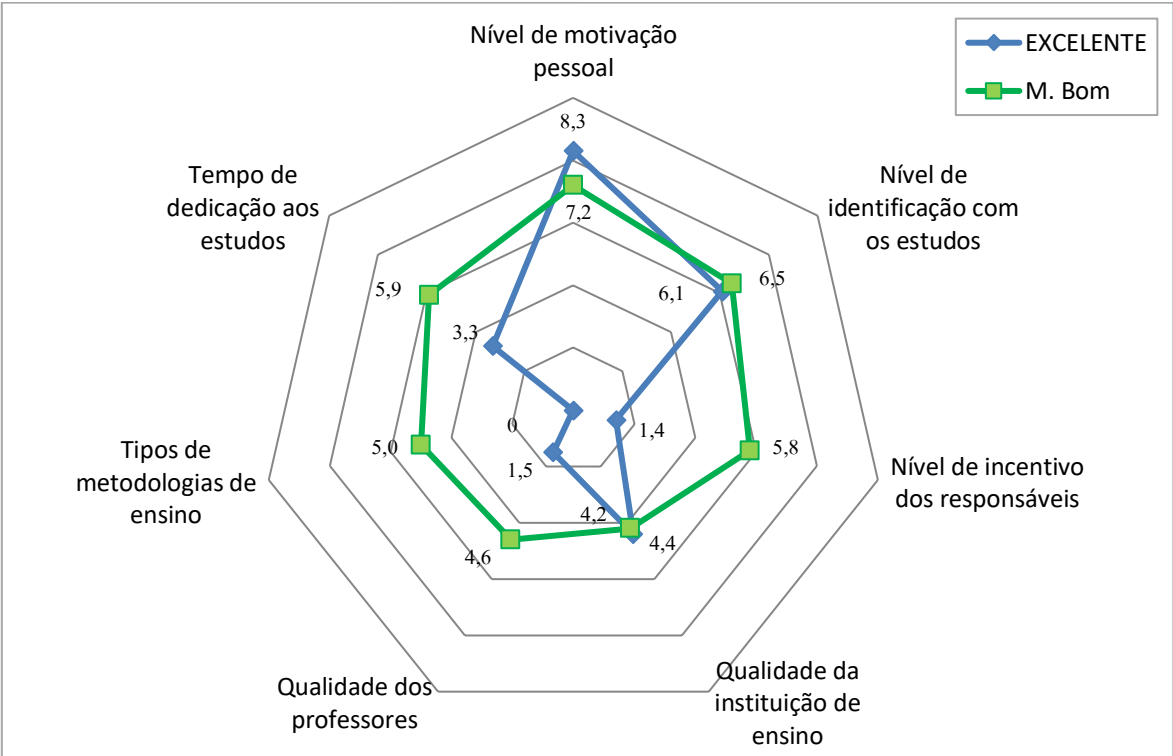


Figura 18. Comparação dos perfis dos alunos autoavaliados como EXCELENTE e os autoavaliados MUITO BONS.
Fonte: Elaboração própria.

Nota: Os números na frente de cada elemento representam o valor, em uma escala de 0 a 10, atribuídos por cada grupo de sujeitos.

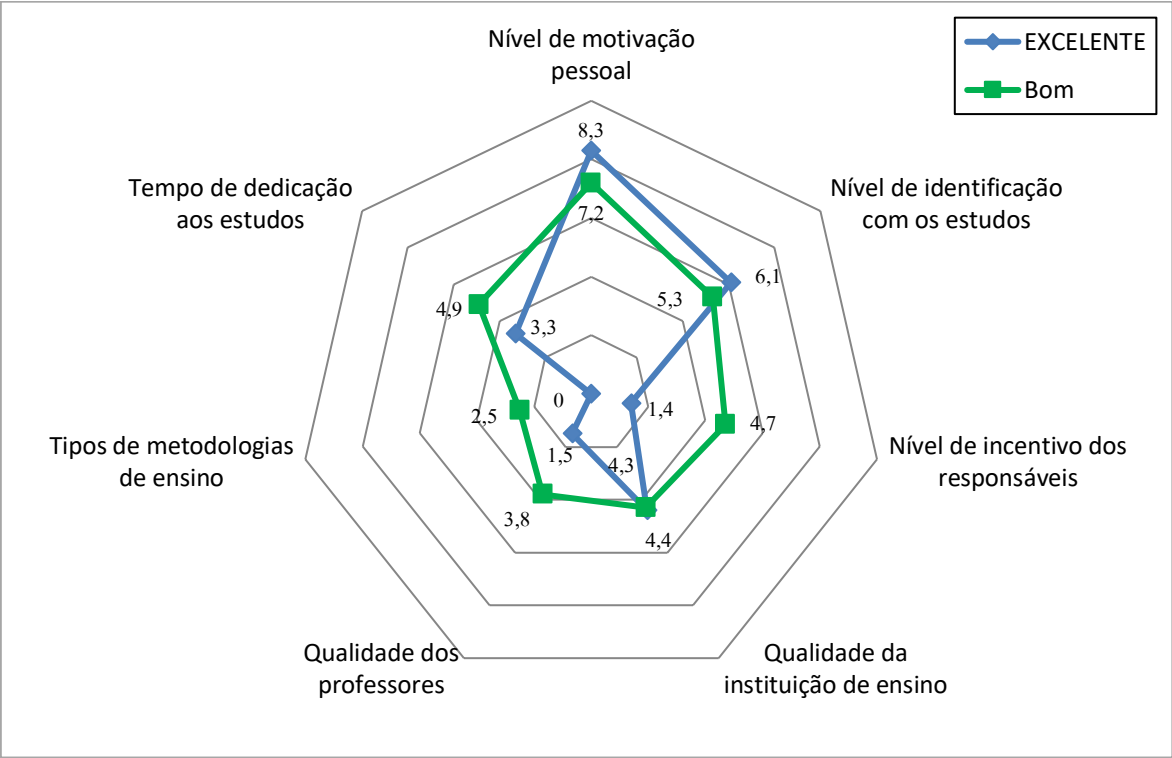


Figura 19. Comparação dos perfis dos alunos auto avaliados como EXCELENTES e os autoavaliados BONS.

Fonte: Elaboração própria.

Nota: Os números na frente de cada elemento representam o valor, em uma escala de 0 a 10, atribuídos por cada grupo de sujeitos.

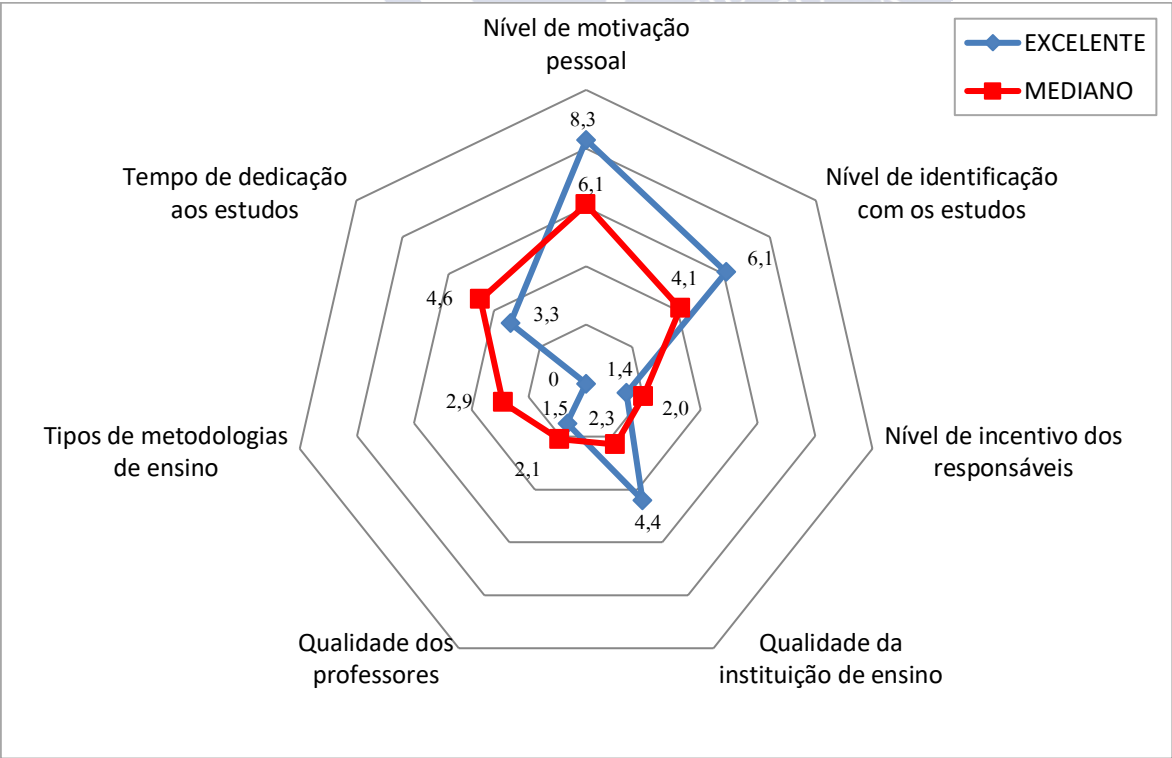


Figura 20. Comparação dos perfis dos alunos auto avaliados como EXCELENTES e dos autoavaliados MEDIANOS.

Fonte: Elaboração própria.

Nota: Os números na frente de cada elemento representam o valor, em uma escala de 0 a 10, atribuídos por cada grupo de sujeitos.

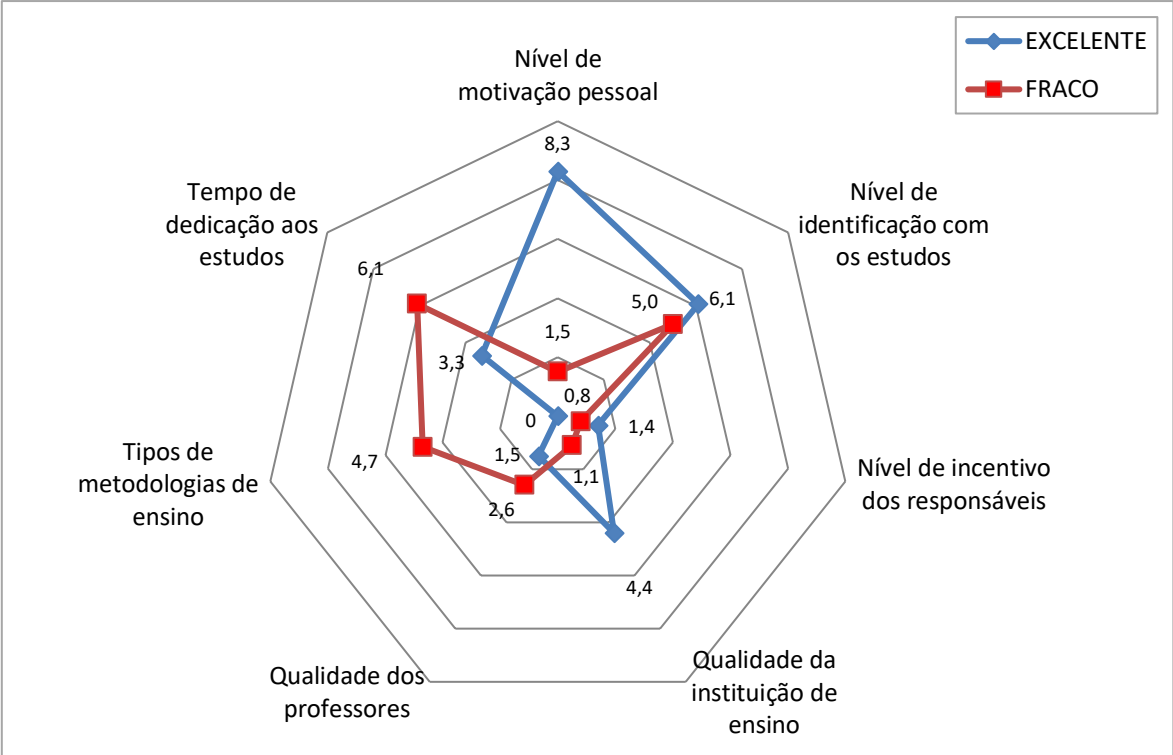


Figura 21. Comparação dos perfis dos alunos auto avaliados como EXCELENTE e dos autoavaliados FRACOS.

Fonte: Elaboração própria.
Nota: Os números na frente de cada elemento representam o valor, em uma escala de 0 a 10, atribuídos por cada grupo de sujeitos.

Já apresentamos algumas contribuições a partir da análise dos *fatores* que levaram os alunos a se avaliarem nos vários níveis apresentados (excelente, muito bom, bom, mediano e fraco), mas para aprofundar a análise sobre as distinções entre os perfis de alunos que se autoavaliam excelentes e fracos, como a *motivação* é apresentado como fator mais interveniente para esta autoavaliação, buscamos os dados sobre: “fatores motivantes para o estudo” apresentados na tabela 3 apenas de forma geral, incluindo todos os 129 sujeitos da pesquisa, então fizemos um recorte em separado dos dados dos sujeitos que se autoavaliaram excelentes e dos sujeitos que se autodeclaram fracos. E na tabela a seguir apresentamos estes dados.

Tabela 6.
Comparação dos fatores motivantes entre os aprendizes autoavaliados excelentes e os autoavaliados fracos.

EXCELENTE	FRACOS
Busca de uma boa carreira profissional.	Identificação com o conteúdo.
Qualidade de instituição de ensino.	Busca de uma boa carreira profissional.
Aprovação no ano letivo.	Busca de uma boa formação pessoal.
Busca de uma boa formação pessoal e tirar boas notas.	Qualidade do professor.
Qualidade do professor.	Qualidade da instituição de ensino e aprovação no ano letivo.
Automotivação.	Automotivação.
Incentivo dos pais.	Incentivo dos pais.
Identificação com o conteúdo.	Tirar boas notas.

Fonte: Elaboração própria.
Nota: Os fatores motivantes estão elencados em ordem decrescente a partir da valoração feita pelos referidos grupos.

Com esses dados sistematizados, fizemos uma comparação intragrupos, a partir do seguinte paradigma que norteia nossa investigação: “mesmo entendendo que o ideal de todo sistema educativo é que todos os estudantes tenham excelência acadêmica, essa não é a

realidade na quase totalidade de nossa rede de ensino, ent o, conhecer melhor o perfil dos sujeitos que se autoavaliam excelentes nos permite distinguir fatores que contribuem para essa excelência e, ao compará-los com os que se autoavaliam fracos poderemos ver os elementos que, em tese, faltam a esse segundo grupo para também chegarem   esperada excelência.

Para os alunos excelentes, a busca de uma boa carreira profissional é o principal elemento motivacional, o que mostra um objetivo macro que parece condicionar todos os outros elementos. Outro elemento que motiva esse grupo é uma boa institui o de ensino, inferimos que seja pelo fato de que essa poderia contribuir positivamente para que ele alcance uma boa carreira profissional, a sua motiva o não parece depender nem dos professores e nem dos pais; dentro dos aspectos acadêmicos esse grupo percebe a aprova o no ano letivo como fator motivante. A automotiva o é um elemento elencado em sexto grau de importância, podemos inferir assim que a sua motiva o, fator preponderante para a qualidade acad mica,   sustentada por fatores extrínsecos ligados: À carreira,   escola e aos elementos da vida acad mica (como aprova o no ano letivo e a boas notas).

Parece-nos que esses sujeitos não têm dificuldade em transitar dentro desse sistema educacional que se baseia exatamente na prepara o para um processo para acesso à universidade e, por consequência, a uma futura carreira profissional; e todo esse sistema se assenta na progressão do aluno baseado em avalia es, normalmente quantitativas. É interessante observar que, para este grupo, o conteúdo não é o fator que mais o motiva, acreditamos que haja, no comportamento dos mesmos, uma atitude resiliente para estudar ou aprender o que for necessário.

No caso dos alunos autoavaliados fracos, é curioso perceber que o que os excelentes elencaram como menos relevante na sua motiva o, para esses é o mais relevante, “o próprio conteúdo”, eles precisam dessa identifica o para se sentirem motivados; isso não faz inferir que sua característica de motiva o é mais passional, assim eles precisam se ater a elementos emocionais como gostar do conteúdo. Depois, em segundo e terceiro lugares,   aparecem a busca pela carreira profissional e a forma o pessoal, sendo que este último elemento é mais importante para este grupo do que para o grupo autoavaliado excelente. Vejamos que a questão acad mica de tirar boas notas é o elemento menos importante nesta hierarquia de valores para esse grupo diferentemente do outro grupo para o qual a este fator é mais importante.

Tabela 7.
Compara o dos fatores desmotivantes entre os aprendizes autoavaliados excelentes e os autoavaliados fracos.

EXCELENTES	FRACOS
Desinteresse pelo conteúdo.	Desinteresse pelo conteúdo.
Falta de empatia com o grupo de colegas.	Cobrança por resultados.
Falta de empatia com o professor.	Falta de empatia com o professor.
Institui�o de ensino ruim, desinteresse pelos estudos e falta de empatia do professor.	Falta de empatia com o grupo de colegas e desinteresse pelos estudos.

Falta de empatia do professor.
Instituição de ensino ruim
Não saber o que pretende do futuro.

Fonte: Elaboração própria.
Nota 1: Os fatores desmotivantes estão elencados em ordem decrescente a partir da valoração feita pelos referidos grupos.
Nota 2: Para o grupo dos excelentes os fatores: não saber o que pretende do futuro e cobrança por resultados não receberam nenhuma pontuação.

Olhando para os fatores desmotivantes, podemos ver outra diferença significativa. Aqui, ambos os grupos concordam que conteúdos desinteressantes são desmotivantes, mas, na sequência dos fatores, vemos que, para o grupo dos excelentes, a questão das relações humanas na sala de aula é um fator interveniente negativamente, tais como a falta de empatia com os colegas e com o professor, e, no caso do grupo dos fracos, um elemento bem distinto do outro grupo como fator desmotivante é a cobrança por resultados. Se, para o grupo dos excelentes, há uma aceitação deste sistema de competição, de cobrança, de notas para o grupo dos fracos essa cobrança é negativa, o que mostram que este não estão muito em sintonia ou não conseguem transitar bem por esse sistema que é baseado exatamente na cobrança.

Faço aqui uma ressalva sobre um aspecto pontuado pelos alunos do grupo fraco, que não aparece no grupo dos excelentes, que é o não saber o que pretendem do futuro, esse destaque é porque essa representação aparece na análise de alguns professores em suas entrevistas, que dizem perceber nos alunos que não se desenvolvem bem a sensação de estarem “perdidos” e não saberem exatamente o que querem. Retomaremos esta informação na análise dos resultados das entrevistas.

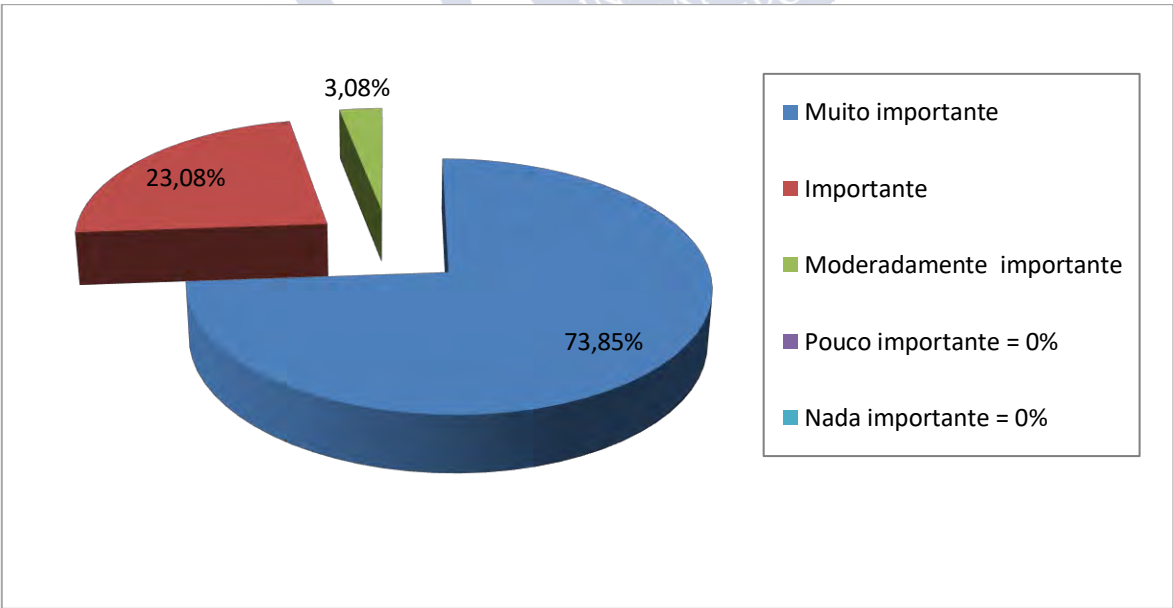


Figura 22. Nível de importância atribuída ao papel do professor no processo ensino aprendizagem.
Fonte: Elaboração própria.

A direção positiva em relação à importância do professor já era esperada, mas o que nos chama a atenção é como ela foi quase unânime e também o grau de intensidade dessa importância.

Quando questionados sobre a importância do papel do professor dentro do processo ensino aprendizagem, a resposta é incontestável, 96,93% a valoram como importante ou muito

importante. A partir disso, podemos inferir que, apesar de todo discurso sobre a falta de qualidade da escola e da ineficiência do professor, os alunos ainda têm nele uma figura de referência. Essa relevância já havia sido mostrada em outras questões e aqui, nesta abordagem mais específica só se confirma. Devemos estar cientes de que essa importância guarda a mesma ambiguidade que vários outros elementos; pode ser entendida como parte responsável no desenvolvimento positivo do aluno ou como elemento dificultador para ele. Mesmo com todas as tecnologias intervindo na mediação da informação e com o grande avanço das aprendizagens EAD (Ensino a Distância), para o aprendiz a figura do professor ainda é imprescindível.

Na sequência dos resultados, apresentaremos os dados da questão sobre as características de um “bom professor”, essa análise se torna ainda mais relevante à medida que muitas expectativas são projetadas sobre esse sujeito; muitas informações já aparecem em resultados anteriores, e aqui, onde a figura do professor é o centro da questão, onde o aluno olha diretamente para a figura do professor, elas são ratificadas.

Os três fatores mais relevantes são: o domínio do conteúdo, a capacidade de ouvir os alunos e a boa metodologia de ensino; outros dois elementos que merecem destaque são a boa relação com o aluno e a capacidade de motivá-los.

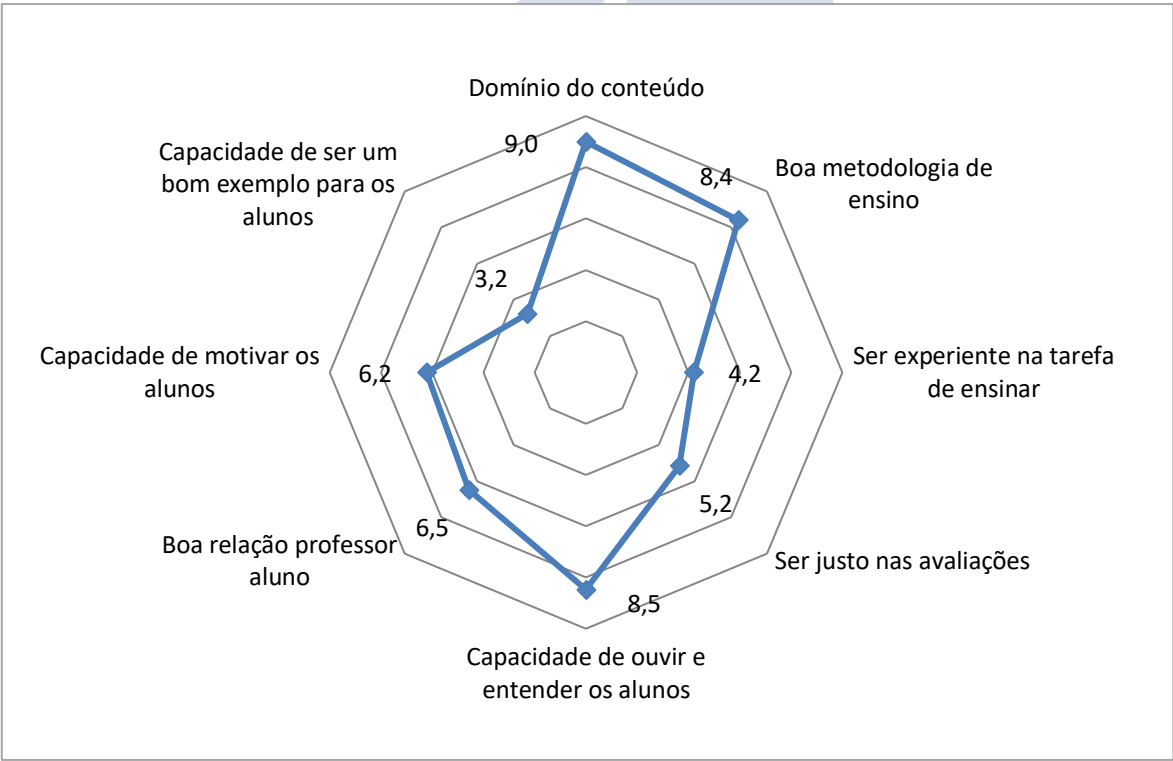


Figura 23. Características de um bom professor.

Fonte: Elaboração própria.

Nota: Os números representam o valor, em uma escala de 0 a 10, que foram atribuídos a cada uma das características de um bom professor.

O domínio do conteúdo e a capacidade didática já aparecem fortemente em outras questões, aqui nos chama atenção um elemento inter-relacional: a capacidade do professor de ouvir e entender seus alunos; entendo juntamente com a competência teórica e didática os alunos esperam o diálogo, a empatia dos professores para com os aprendizes. Alguns pontos de vista que esclarecem um pouco mais esta representação dos alunos estão presentes nas entrevistas e serão nesta parte dos resultados.

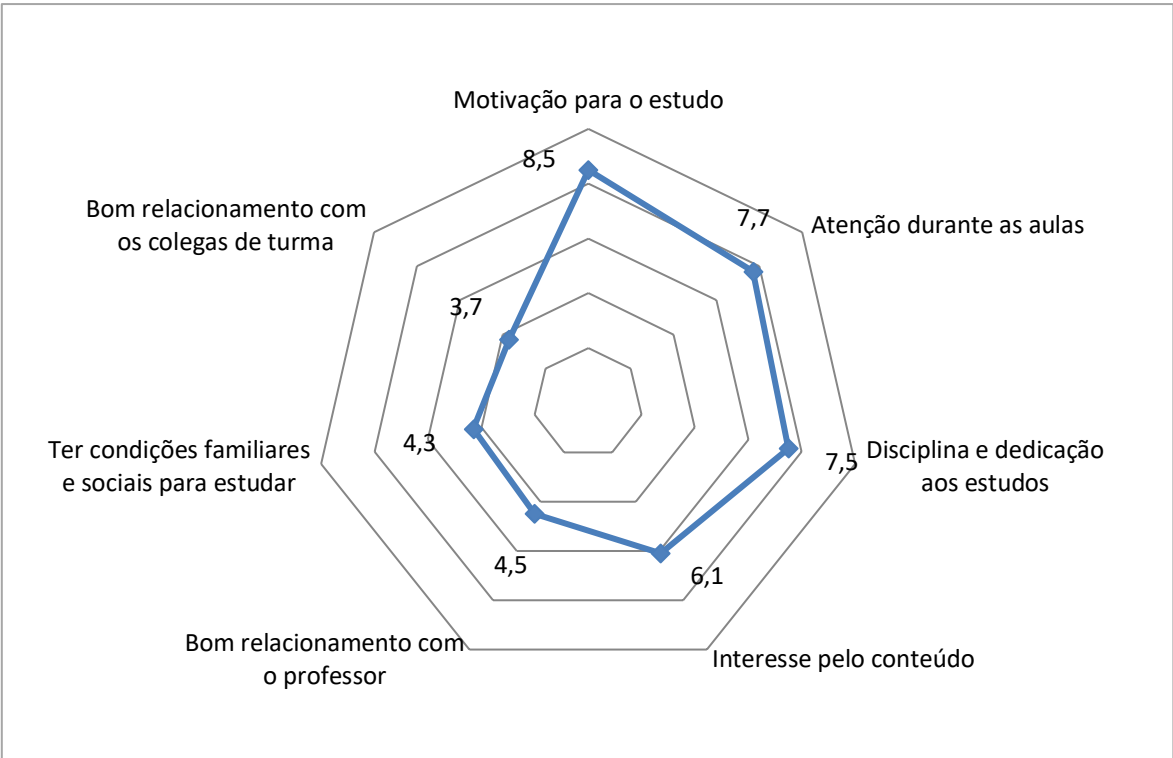


Figura 24. Características de um bom aluno.
Fonte: Elaboração própria.
Nota: Os números representam o valor, em uma escala de 0 a 10, que foram atribuídos a cada uma das características de um bom aluno.

Como os principais sujeitos de nossa pesquisa são os professores e os alunos, como investigamos as características de um bom professor a partir da ótica dos alunos, não poderíamos nos deixar de investigar o que os próprios estudantes definem como “um bom aluno”. Apresentamos, na figura 14, os elementos com os seus graus relativos de valores: sendo que, na visão do aluno, os três principais elementos são: motivação para o estudo, atenção durante as aulas e disciplina e dedicação aos estudos.

A seguir, apresentamos os resultados da questão sobre a influência da aprendizagem sobre o aprendiz, e a grande maioria (94,62%) avalia esse nível de influência como positiva ou muito positiva. Para nós, isso se contrapõe ao fato de o aluno perceber a educação no país como ruim; ou ele não se percebe como parte desse contexto, ou ela não é tão ruim assim, pois entendemos que, se o processo é ruim, o resultado não poderia ser considerado positivo.

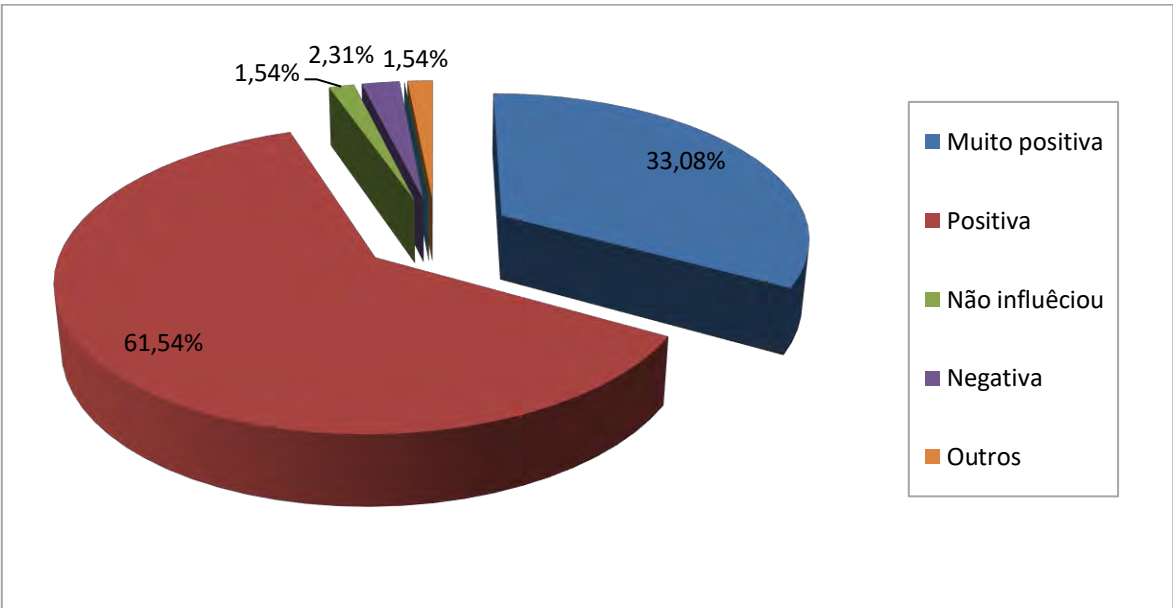


Figura 25. Nível de influência da formação escolar no desenvolvimento pessoal do aprendiz.

Fonte: Elaboração própria.

Além dessa direção positiva e da alta intensidade desse valor, verificamos sobre quais aspectos, que chamaremos aqui competências, as aprendizagens obtidas mais influenciaram na cultura pessoal do aprendiz; as principais foram: o nível de formação intelectual, a capacidade crítica para analisar o mundo e a capacidade de relacionamento com outras pessoas. Uma das maiores motivações apresentadas para se engajar no processo de aprendizagem, a qualificação para o trabalho, não aparece como resultado desse transcurso do aluno pelo sistema escolar. Temos que a educação escolar é de fato positiva, capaz contribuir na formação cultural do aprendiz em vários aspectos, mas, particularmente, no que tange à qualificação para trabalho, ela não se mostra muito efetiva.

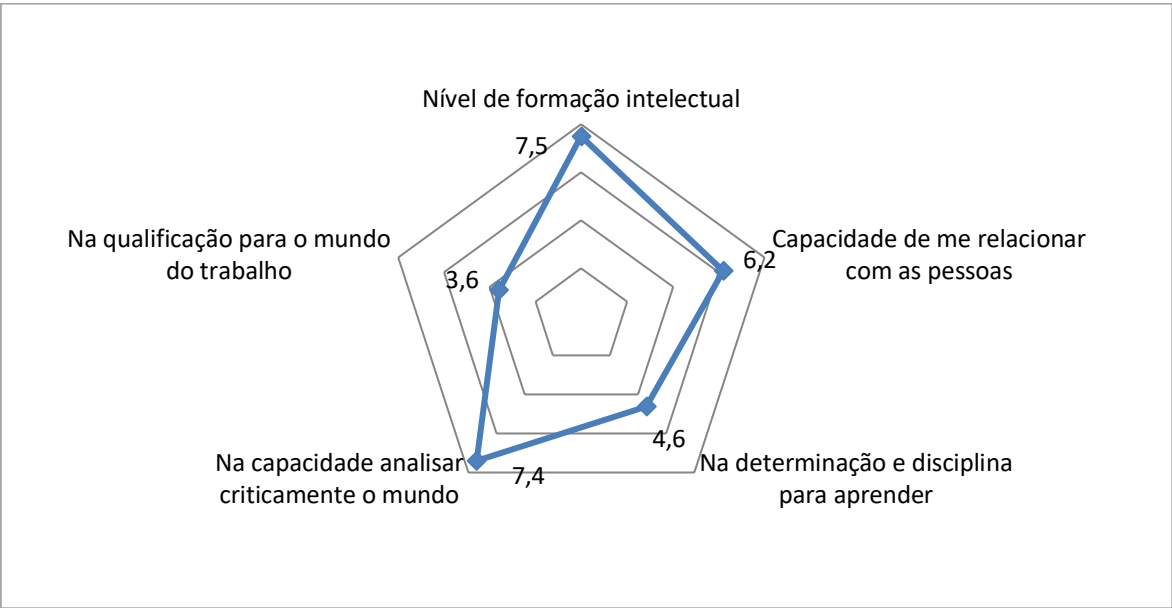


Figura 26. Elementos influenciados pela formação recebida pelo aprendiz.

Fonte: Elaboração própria.

Nota: Os números representam o valor, em uma escala de 0 a 10, que foram atribuídos a cada um dos elementos.

Aplicamos a mesma lógica investigativa das duas questões anteriores para analisar como o aluno pensa na educação para o seu futuro, a ideia implícita é que, até o momento, o questionário falava de questões já vividas, do passado, assim avaliando a história do indivíduo dentro deste itinerário, estas duas últimas questões buscaram analisar como os sujeitos pensam o seu futuro em relação a seu processo formativo.

Os aprendizes continuam acreditando na educação, a direção é bastante positiva, e o grau de intensidade é muito alto, a grande maioria (94,57%) avalia a educação para seu futuro como importante ou muito importante.

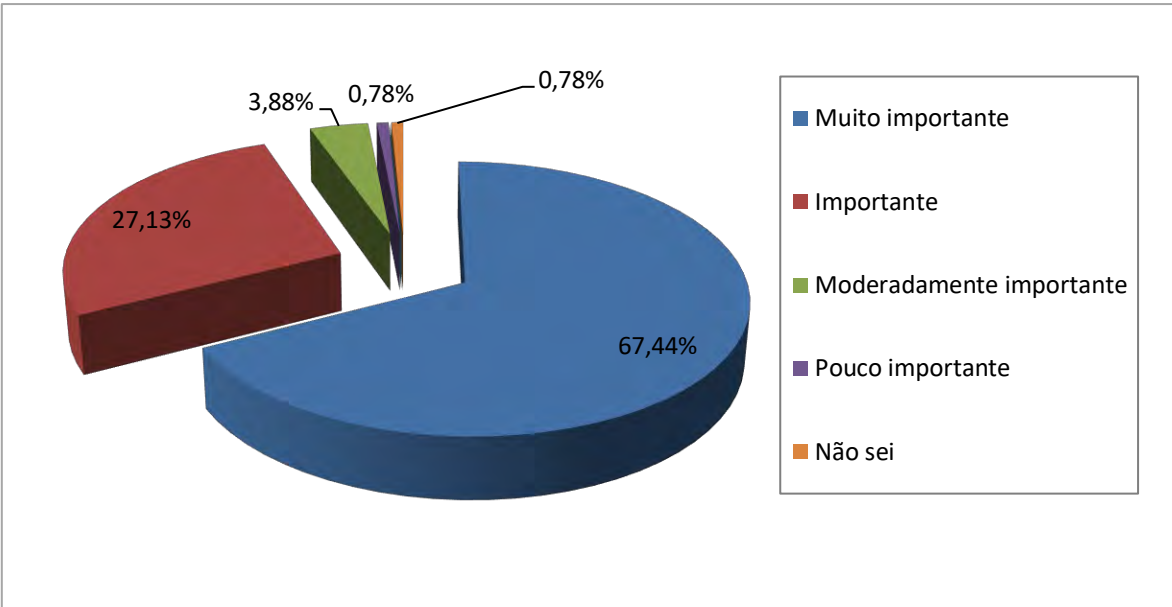


Figura 27 – Nível e importância da formação escolar recebida para o futuro do aluno.
Fonte: Elaboração própria.

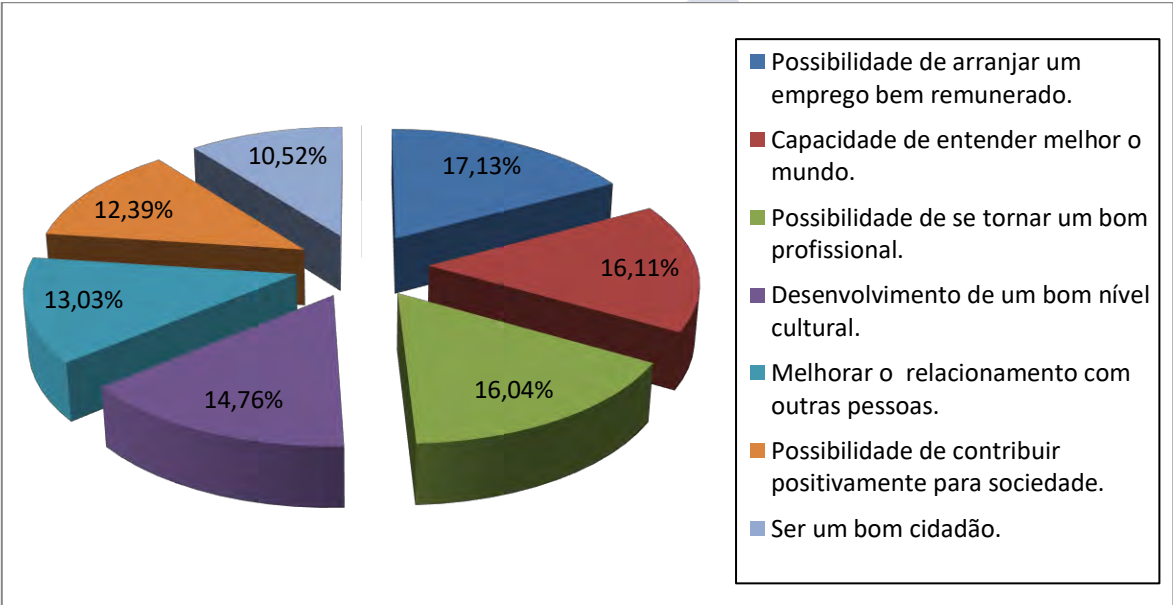


Figura 28. Elementos sobre os quais se espera que a educação possa contribuir para o futuro do aprendiz.
Fonte: Elaboração própria.

É interessante perceber que, na projeção para o futuro, as competências esperadas aparecem distribuídas com valores mais equilibrados, mas, ainda assim, eles acreditam que essa formação possa lhes garantir uma boa empregabilidade, o que, segundo esses mesmos alunos, até o presente momento a formação recebida não foi muito efetiva na sua formação enquanto trabalhador.

Outros elementos que eles projetam nesta expectativa são: a capacidade de entender melhor o mundo; e o desenvolvimento cultural e melhor relacionamento humano. É importante ressaltar que essas capacidades já aparecem como obtidas dentro do processo até então. Para nós, a expectativa de que a formação escolar necessariamente irá propiciar uma boa empregabilidade é um pouco superestimada, pois existem vários outros fatores intervenientes como já dissemos anteriormente, mas inferimos que o fato dessa formação escolar possibilitar principalmente essa: formação intelectual, desenvolvimento da

capacidade crítica e capacidade de se relacionar com as pessoas já contribui com competências que possibilitarão ao aprendiz ter melhores colocações no mercado de trabalho, como nos mostram as estatísticas do IBGE.



4.0 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS - SEGUNDA FASE - PARTE 1 - OS PROFESSORES

Nessa segunda fase da pesquisa foram realizadas as entrevistas com professores e alunos, entrevistas semiestruturadas tendo como instrumento norteador um roteiro desenvolvido pelo próprio pesquisador. Essa fase foi dividida em duas partes, sendo que na parte 1 foram entrevistados 16 professores e na parte 2 foram entrevistados 20 alunos. O objetivo foi conseguir abordar o tema com maior profundidade. As entrevistas foram gravadas e transcritas na sua íntegra e a partir dessas foram desenvolvidas as sínteses aqui apresentadas.

Nessa parte da apresentação dos nossos resultados trazemos uma síntese dos relatos dos nossos entrevistados. Esta síntese abstraiu do contexto geral das entrevistas as informações que respondiam mais diretamente as questões de pesquisa, estas informações foram sistematizadas em quatro eixos. Não realizamos esta tarefa com muita tranquilidade, não pela dificuldade técnica ou pelo tempo despendido, mas especialmente pela responsabilidade de apresentar com nossas palavras as falas dos sujeitos. Consideramos que estas falas representam a essência do nosso trabalho, que nos trazem a percepção e as posições assumidas pelos professores e alunos frente ao mundo que os rodeia, nesse caso especialmente o processo educativo. Esses relatos, essas ideias, essas histórias de vida que nos foram apresentadas são o retrato das suas subjetividades e das suas representações de mundo; portanto nossa preocupação residiu em tentar apresentar estas informações da forma o mais científica e inteligível possível, mas sem adulterar ou desrespeitar o pensamento original dos nossos entrevistados. Acreditamos ter chegado a um bom termo nessa tarefa. Fazemos questão de ressaltar que a íntegra das entrevistas foram colocadas nos apêndices.

Na parte 1 da segunda fase da pesquisa apresentamos as entrevistas de 16 professores sendo 11 homens e 5 mulheres. Sendo 11 doutores e 5 mestres. Apresentamos aqui de forma sintética as representações colhidas nas entrevistas, precedidas de um resumo das principais representações de cada sujeito em cada eixo. Após terminarmos as apresentações das entrevistas de cada indivíduo construímos tabelas onde pudemos organizar as falas de todos os sujeitos sistematizadas por eixos para a partir dela fazermos uma análise de conjunto das mesmas.

Esta síntese está organizada em quatro grandes eixos: eixo 1 – representações sobre educação, eixo 2 – Identidade profissional e representações sobre o papel do professor, eixo 3 – O aluno e suas características e eixo 4 – As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

Ressaltamos que a divisão em eixos foi utilizada apenas com a finalidade de organizar as ideias para serem melhor compreendidas, pois as informações contidas neles se complementam, no sentido de nos mostrar uma visão totalizada das ideias e, assim, nos permitir conseguir atingir nossos objetivos de investigação.

4.1 SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 1

Professor doutor em geociências aplicadas, com dez anos de trabalho docente, possui experiência de gestão como coordenador de cursos. Ex-aluno do IFG. Começou sua carreira na iniciativa privada trabalhando na área de engenharia antes de iniciar a carreira de professor. No IFG ministra uma disciplina da área técnica, Hidrologia.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Entende a educação na atualidade como um processo em si, um processo em evolução. Acredita que a educação está em crise no Brasil e no mundo.

Afirma que os professores têm uma nova “*clientela*” (pondera se é adequado chamar os alunos assim) com novas concepções; e que a alguns anos atrás o professor era o detentor do conhecimento, e hoje existem muitas outras fontes de informação acessíveis. Entende que estas transformações não emergem de nenhuma política de estado, que elas não são sistematizadas, que surgem a partir da própria dinâmica social.

Este processo “novo” encontra o professor sem uma identidade definida, identidade que possa atender a essas novas demandas, tal fato contribui para que os sistemas educativos do Brasil e de outros países tenham dificuldades em atender essa nova geração de educandos.

Entende que a educação do país tem muitas limitações: infraestrutura, falta de professores, questões salariais etc., entende que existem muitas áreas específicas que têm maiores dificuldades para renovar seus quadros de professores, tais como: matemática, física e química; considera que esta falta de interesse dos jovens pela docência se dá por conta de uma cultura de pouco incentivo e pouca valorização da educação e da carreira docente.

O Brasil de uma forma geral... fui aluno de escola pública a vida toda, do básico ao superior e a pós-graduação, de ponta a ponta. A gente conhece por ter vivenciado. E agora eu estou trabalhando... a gente conhece as dificuldades que tem; infraestrutura, sempre será um problema da educação pública, falta de professores. . . . exatamente por conta deste pouco incentivo as formações, os alunos têm dificuldades e acabam fugindo de algumas disciplinas: Matemática, Física, Química. . . . Enfim a educação no Brasil. . . . a gente tem uma crise. (Sujeito 1 - professor).

Observa que no Brasil o governo vem tentando mudar o modelo do ensino médio, mas a educação fundamental que também é um problema, é deixada de lado. Acredita que sempre houve mais recursos para os ensinos: médio e superior. Observa que as reformulações do ensino médio que foram encaminhadas pelo governo só funcionarão se houver engajamento dos professores.

Entende que para o aluno o conhecimento é uma forma de libertação. Entende que por mais específico que seja, o conhecimento pode ser retido, apropriado pelo aluno, e assim pode ajudá-lo em outros aspectos de sua vida além da escola; então nesse sentido entende que a educação nunca é perdida e que ela contribui no crescimento desses alunos como cidadãos e como indivíduos.

Se questiona como o aluno pode sistematizar um conhecimento que é muito compartimentado em disciplinas específicas, que no caso do IF os alunos do ensino médio têm em média catorze disciplinas. Afirmo que este é um dos problemas que mais o incomodam como professor.

Afirmo que há estudos na instituição com a intenção de definir eixos de conhecimento similares para facilitar a abordagem dos assuntos, tendo eixos que podem contar com vários professores. Observa que este trabalho que envolve ações coletivas depende muito dos sujeitos envolvidos para que possa ter efetividade.

Analisa como negativo o fato de as disciplinas em nossa instituição não seguirem nenhum eixo; observa que o aluno faz de tudo um pouco: estuda de Filosofia à Matemática; entende que esta dinâmica provoca uma grande mistura de conteúdos e que isso não seja eficiente, principalmente por não haver interação entre as partes.

Entende que as informações disponíveis para os alunos atualmente são em quantidade bem maior do que há algumas décadas atrás. Entende que a dinâmica de mudanças nos saberes fica cada vez maior, e nesse sentido se questiona: se os saberes que os alunos recebem hoje serão úteis em um futuro próximo, e se as profissões que eles escolhem hoje ainda existirão no futuro.

Entende que a escola nunca vai conseguir formar completamente o cidadão para atuar no mercado de trabalho, acredita que sempre será necessário aprender mais com o próprio mercado e com o próprio trabalho.

Entende que a escola é capaz de dar fundamentos básicos para esse futuro trabalhador, seja para atuar como empregado ou como empregador. Acredita que a escola já está com dificuldades de ensinar o básico para o aluno, que portanto a formação para o trabalho, como foi exposto acima, acaba sendo desenvolvida pela experiência no próprio campo de trabalho; entende que o mais próximo que a instituição (em particular o IFG que trabalha com cursos técnicos) pode chegar desta preparação para o trabalho são os estágios. Acredita que quando o aluno faz um estágio ele pode ter uma pequena percepção sobre esta área profissional. Finaliza esta ideia dizendo que não acredita que a escola seja capaz de abranger completamente a complexidade do mundo do trabalho.

Acredita que dentro da escola esta proximidade com o mercado de trabalho pode ser desenvolvida por outros projetos que façam esta integração.

Entende que o discurso exaltando a importância do professor é hegemônico dentro de nossa sociedade, que ninguém nega a importância desta profissão, mas a real valorização nunca acontece, pois não passam de discursos vazios.

Observa que apesar de todas as dificuldades é perceptível a evolução do aluno no seu trânsito pela escola, percebe progressos: no hábito de estudar, na capacidade de oratória, na realização de trabalhos acadêmicos etc. Mas apesar de perceber tais evoluções não consegue afirmar que a aprendizagem ofertada atenda as expectativas dos alunos, pensa que conseguimos atender parcialmente, mas que poderia ser melhor, e com um custo emocional menor.

Postula que a escola precisa se aproximar mais da realidade para ser mais eficiente, não só das questões mercadológicas, mas também das transformações culturais; defende

uma maior eficiência de gestão para diminuir a burocracia.

Observa que a possibilidade que a escola apresentava a algum tempo atrás, de que uma boa formação acadêmica seria necessariamente sinônimo de boa empregabilidade, e por consequências de melhores condições de vida, já não é mais tão factível assim. Conjectura que hoje no máximo sirva para livrar o sujeito de um trabalho braçal.

Mesmo com todos os problemas entende que a educação ministrada contribui de forma positiva para o futuro do estudante, mas pensa que isso poderia ser feito de forma diferente.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Afirma que trabalhou por quinze anos, em empresas de engenharia no mercado corporativo, mas que continuou estudando, fez especialização, depois mestrado; afirma que já tinha vontade de trabalhar com a docência e, durante o mestrado, confirmou esta vontade.

Afirma que mesmo estando bem empregado, e atuando também como empresário, prestou o concurso para ser professor na rede federal, e quando foi aprovado fez a opção por abandonar o mercado corporativo e vir para a docência. Afirma que sempre teve vontade de trabalhar com a docência, mas que ainda não tinha tido oportunidade.

Faz uma crítica a postura de alguns profissionais da educação que dão aulas por décadas sempre da mesma forma; atribui esta postura a uma atitude acomodada, pois entende que para mudar estes docentes precisariam se empenhar neste sentido, e que eles não estão motivados para isso.

Acredita que a carga horária do professor no IFG não é tão grande quanto nas redes: municipal e estadual, o que permite ao professor desenvolver seu trabalho com mais eficiência e acompanhar melhor seus alunos.

Acredita que uma das falhas estruturais da nossa instituição é que praticamente não existe trabalho coletivo.

Entende que uma das coisas que mais o incomodam no trabalho docente seja o excesso de burocracia, percepção acentuada pelo seu trabalho como coordenador de curso. Outro elemento que pensa ser complexo para se resolver é a própria resistência dos professores em trabalhar coletivamente; entende que essas relações humanas são difíceis e que, muitas vezes, depois de muito tempo trabalhando juntos, elas se desgastam.

Entende que o maior “pecado” de um professor seja a vaidade, a soberba, que muitos desenvolvem após atingir títulos de mestrado, doutorado e pós-doutorado; defende que essa atitude não deveria intervir na sua relação com o aluno.

Afirma que uma das coisas mais interessantes na docência é como é perceptível a evolução dos alunos durante o transcorrer do curso: “ele é uma pessoa no primeiro ano, e no quarto ano já é uma pessoa completamente diferente”.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Observa que o aluno vai se adaptando as características da instituição, o que é mais difícil no início em função de sua pouca idade, mas que no decorrer do primeiro, segundo, terceiro ano, eles evoluem e quando chegam no quarto ano já são outros sujeitos, mais capazes de organizar seus estudos e sua aprendizagem e sua própria vida; mostram um significativo crescimento pessoal.

Observa que o que mais o preocupa nos alunos é quando eles estão perdidos, estão dentro da instituição, mas não sabem o que querem, estão sem orientação. Acredita que o aluno tenha que mudar, que seja o curso que está fazendo, e procurar o seu rumo.

Acredita que o aluno, principalmente por falta de maturidade, acaba escolhendo estudar com maior ou menor afinco uma determinada disciplina em função de sua afinidade pessoal com o professor; acredita que nem sempre a motivação está no conteúdo em si.

Acredita que as turmas avançam significativamente quando um professor consegue executar um trabalho com qualidade, afirma que fica perceptível a diferença de nível da turma quando ela passou pelo trabalho de um “bom” professor. Mas tem clareza de que quando estas turmas passam por professores que não conseguiram realizar um bom trabalho a queda de qualidade também é perceptível.

Observa que alguns professores entram em choque com os alunos, porque passam atividades no quadro, e estes ao invés de copiar tiram fotos; observa que para ele isso não é um problema, entende que na verdade o professor é que precisa rever sua metodologia e buscar abordagens menos tradicionais.

Acredita que os alunos têm mais motivos para ficarem desmotivados do que para ficarem motivados. Acredita que o que os move ainda seja a busca de um bom emprego que lhes possa garantir uma boa qualidade de vida; conjectura que de forma menos evidente, e na dependência da atuação do conjunto de professores, que a própria “curiosidade” acadêmica seja um fator motivador. Observa que outra forma de “motivação” acaba surgindo em função de ações coercitivas, que se dão através das cobranças e expectativas patrocinadas pelos: pais, professores e pela própria sociedade.

Acredita que os alunos, ou pelo menos alguns deles, já vêm dos anos anteriores com muitos hábitos constituídos, sejam eles positivos ou negativos, são condicionamentos desenvolvidos pelo próprio processo de ensino aprendizagem; observa que muitos alunos estudam e não sabem nem por quê, continuam apenas pela força do hábito.

Acredita que o aluno para ter um bom desenvolvimento acadêmico precisa descobrir o que quer da escola, além de ter vontade de aprender.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Entende que uma boa característica para se fazer a mediação do conhecimento em uma sala de aula é entender que existe uma grande diversidade de sujeitos ali dentro, e que cada um aprende de uma maneira.

Entende que a avaliação não é um fim em si, mas um instrumento que traz informações que permitem que o professor faça adaptações nas suas metodologias para conseguir atender melhor os alunos.

Percebe que quando vários professores que ministram aulas para determinada turma, entram em sala com empenho, com motivação, a turma toda responde a esta intervenção e também fica bem mais animada.

Entende que a docência é uma profissão que independe do estado emocional do professor, acredita que quando se entra na sala de aula *“a coisa tem que acontecer”*.

Acredita que precisamos achar uma forma de adequar o ritmo da escola ao dos alunos, pois eles têm um tempo muito mais rápido, e a escola ainda está muito lenta; acha que por isso os alunos se sentem às vezes tratados como bobos, e isso pode causar desmotivação.

Observa que ao encontrar no ensino superior, alunos que passaram pelo curso técnico, percebe que estes têm uma desenvoltura maior que a média da turma na qual se encontram.

Acredita que as vivências pessoais e as perspectivas através das quais o professor analisa o mundo podem contribuir positivamente quando levadas para dentro da sala de aula, postula que elas enriquecem o debate teórico, e que são conhecimentos que não estão disponíveis nos livros e nem na internet. Acredita que os alunos recebem este tipo de contribuição de forma positiva, e que muitas vezes recebe retornos apoiando este tipo de abordagem.

Reforça a percepção de que as turmas conseguem maior progresso em função de um bom trabalho do coletivo dos professores.

Entende que a atuação dos professores pode ter impacto positivo na motivação da turma de forma geral. Observa que a ação dos professores, quando desenvolvem bons trabalhos, instigam a curiosidade dos alunos, o que os deixa mais motivados e possibilita maior engajamento deles no processo de aprendizagem.

Observa que muitas turmas, enquanto coletivo, aprendem a se organizar de forma muito orgânica com o transcorrer do curso, sendo capazes de reivindicar coletivamente os seus direitos e também promover ações para ajudar o grupo a avançar.

Acredita que as reações do aluno quando se identificam com determinadas metodologias sejam bem nítidas, seja pela maior motivação, seja pelo progresso ou retrocesso do grupo; observa que outra demonstração nítida, quando não há identificação com os métodos de ensino, são as respostas nos processos avaliativos: ou os alunos mostram pouco empenho nos processos avaliativos, o que redundará em notas baixas, ou nem aparecem para as avaliações. Observa que nem sempre a nota é sinônimo de aprendizagem, pois muitas vezes o aluno estuda só para a prova, e não para aprender.

Acredita que o professor ainda é uma referência para o aluno: “alguém que pode lhe ajudar a encontrar o caminho a ser seguido”.

Entende que o processo relacional é uma questão complexa, pois ninguém é igual a ninguém, além da grande diferença de hábitos que cada um traz. Observa que as formas de relação professor aluno são muito variáveis, pois alguns constroem boas relações, acompanham todos os alunos, mas outros trabalham apenas com determinados alunos, somente com aqueles que se encaixam no perfil idealizado pelo professor.

Entende que algumas características são importantes para se desenvolver um bom trabalho docente;

Uma boa característica é conseguir lidar com a diversidade dentro da sala. . . . ver que nem todo aluno vai conseguir aprender do mesmo jeito. . . . Entender esta diversidade que você tem dentro da sala, a própria diversidade da maneira como os alunos aprendem, cada um aprende de um jeito. (Sujeito 1 - professor)

Entende que muitos professores ainda usam metodologias que já estão obsoletas, e que eles precisam se atualizar, tentar novas formas de mediar o conteúdo que não sejam tão enfadonhas; cita como exemplo professores que escrevem o conteúdo no quadro e esperam que os alunos fiquem copiando, e quando os alunos registram a informação a partir de fotos de celular, o professor acha um absurdo e desenvolve um enfrentamento com a turma querendo proibir este comportamento. Entende que esta proibição não é a solução, e sim o diálogo e a partir dele a revisão da metodologia. Observa que ele particularmente não tem nenhum problema com o uso das tecnologias em prol da educação.

Acredita que o professor consegue perceber no dia a dia da sala de aula quando o aluno está respondendo bem ou mal a determinada metodologia, tendo como principal parâmetro o nível de interação dos alunos com a aprendizagem. Acredita que uma das maiores dificuldades da docência é promover uma aprendizagem interativa dentro da sala de aula.

Acredita que os professores podem ajudar os alunos nas suas dificuldades particulares, apesar de não ter certeza disto, mas sugere que este trabalho seja feito junto com os demais profissionais de apoio pedagógico. Entende que muitas vezes o professor não consegue perceber todos os alunos.

4.1.1 Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 1

Tabela 8.
Resumo da entrevista do sujeito 1

EIXOS	Resumo das ideias do sujeito 1
EIXO 1	Acredita que a educação está em crise no Brasil e no mundo. Entende que ensinamos para um novo perfil de aluno. Observa que hoje o professor não é mais o detentor do conhecimento pois ele se encontra em toda parte. Entende que frente a esta nova realidade o professor está sem uma identidade definida e tem dificuldade de atender a essa nova geração. Entende que a educação no Brasil passa por dificuldades estruturais de várias ordens desde a falta de professores até as questões salariais. Considera a educação como uma forma de libertação. Se questiona, em função da grande quantidade de informações disponíveis e da rapidez das mudanças, se o que os professores ensinam para os alunos hoje ainda será útil no futuro. Não acredita que a escola seja capaz de responder a toda complexidade inerente ao mundo do trabalho. Entende que o discurso valorizando o professor é assumido por toda sociedade, mas que a real valorização não acontece. Postula que a escola precisa se aproximar mais da realidade para ser mais eficiente. Mesmo com todos os problemas entende que a educação ministrada contribui de forma positiva para o futuro do estudante, mas pensa que isso poderia ser feito de forma diferente.
EIXO 2	Critica a postura de alguns profissionais da educação que dão aulas por décadas sempre da mesma forma; atribui esta postura a uma atitude acomodada. Entende que uma das coisas que mais o incomodam no trabalho docente seja o excesso de burocracia. Outro elemento que pensa ser complexo para se resolver é a resistência dos professores em trabalhar coletivamente. Entende que o maior “pecado” de um professor seja a vaidade, a soberba, que muitos desenvolvem após atingir títulos de mestrado, doutorado e pós-doutorado; defende que essa atitude não deveria intervir na sua relação com o aluno. Considera que uma das coisas mais motivantes na docência é poder perceber a evolução do aluno no seu processo de aprendizagem.

EIXO 3	Considera que há uma perceptível evolução do aluno durante seu trânsito pelo ensino médio. Considera que um grande problema dos alunos para se engajarem no processo ensino aprendizagem seja o fato de muitos estarem perdidos e não saberem bem o que querem dos estudos. Acredita que muitas vezes o aluno se motiva em aprender determinada disciplina mais por afinidade com o professor do que com o próprio conteúdo. Considera que o trabalho do professor quando é feito com qualidade faz grande diferença no processo de aprendizagem do aluno. Acredita que hoje os alunos são expostos a mais situações desmotivantes do que motivantes. Considera que o que mais motiva os alunos seja a busca por melhores condições de vida, mas entende que a própria curiosidade acadêmica também seja um fator de motivação. Acredita que outro fator de motivação para o aluno aparece por ações coercitivas, através da cobrança dos: pais, professores e da própria sociedade. Considera que muitos hábitos que os alunos apresentam foram constituídos dentro da própria escola. Considera que muitos alunos nem sabem por que estão estudando, mas o fazem simplesmente pela força do hábito. Acredita que o aluno para ter um bom desenvolvimento acadêmico precisa descobrir o que quer da escola, além de ter vontade de aprender. Observa que a nota nem sempre é sinônimo de aprendizagem, pois muitas vezes o aluno estuda só para a prova, e não para aprender.
EIXO 4	Entende que uma boa característica para se fazer a mediação do conhecimento em uma sala de aula é entender que ali dentro existe uma grande diversidade de sujeitos, e que cada um aprende de uma maneira. Percebe que quando vários professores que ministram aulas para determinada turma, entram em sala com empenho, com motivação, a turma toda responde a esta intervenção e também fica bem mais animada. Acredita que precisamos achar uma forma de adequar o ritmo da escola ao dos alunos, pois eles têm um tempo muito mais rápido, e a escola ainda está muito lenta; acha que por isso os alunos se sentem às vezes tratados como bobos, e isso pode causar desmotivação. Acredita que o professor ainda é uma referência para o aluno: “alguém que pode lhe ajudar a encontrar o caminho a ser seguido”. Observa que as formas de relação professor aluno são muito variáveis, pois alguns constroem boas relações, acompanham todos os alunos, mas outros trabalham apenas com determinados sujeitos, somente com aqueles que se encaixam no perfil idealizado por ele. Entende que muitos professores ainda usam metodologias que já estão obsoletas, e que eles precisam se atualizar, tentar novas formas de mediar o conteúdo que não sejam tão enfadonhas. Acredita que uma das maiores dificuldades da docência é promover uma aprendizagem interativa dentro da sala de aula.

Fonte: Elaboração própria.

Nota: Eixo 1 - representações sobre educação. Eixo 2 - identidade profissional e representações sobre o papel do professor. Eixo 3 - O aluno e suas características. Eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

O entrevistado acredita que o acesso à educação é uma possibilidade de libertação, mas entende que o atual modelo utilizado está ultrapassado e não consegue acompanhar o ritmo de aprendizagem dos alunos e nem a velocidade da geração de informações; concordamos com ele nestas ponderações, entendemos que o professor precisa repensar o seu lugar e a sua atuação frente a este novo aluno e a esta sociedade que tem produzido uma grande quantidade de informação, muitas das quais não estão baseadas em dados científicos. O entrevistado defende que o professor seja capaz de trabalhar com alunos de diversas características entendendo que cada um se desenvolve dentro do seu ritmo, nós consideramos que esta seja uma qualidade imprescindível para os profissionais da educação, estando também de acordo com as teses de Libâneo (2014) que nos fala exatamente desta multiculturalidade que encontramos dentro da sala de aula e nos instiga a aprender a lidar com essa diversidade.

4.2 SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 2

Professor mestre em sociologia, com 15 anos de experiência na docência. Experiência nas redes pública e privadas de ensino. No IFG ministra a disciplina sociologia.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Entende que é complexo conceituar o que é educação. Entende que a educação se apresenta como uma área de disputa, um campo de batalha.

A educação é instrumento de transformação... mas ao mesmo tempo também é instrumento de controle e dominação; então ela gravita nesta contradição. E ela vem aí de uma luta histórica desde a implantação do capitalismo, sendo usada nestes dois sentidos, é claro que pela diferença entre as classes ela sempre foi mais utilizada no sentido de ir a reboque das necessidades de reprodução do capital. (Sujeito 2 - professor)

Entende que o modelo de escola que temos hoje foi desenvolvido a partir de um cenário histórico que se inicia depois da revolução industrial e da revolução francesa, e que todas estas dinâmicas e vícios que a escola moderna apresenta advém desta construção, e por mais que busquemos alterar este modelo, as possibilidades de emancipação têm limites.

Entende que a aplicação de dinheiro público na educação não deve ser vista como gasto e sim como investimento, e acredita que este investimento certamente dará resultados.

Acredita que o trabalhador da educação já está acostumado a enfrentar estas dualidades, este cabo de guerra entre essa formação mais ligada ao capitalismo ou uma formação mais humanista.

Afirma que além do sistema escolar esta luta também está posta em alguns segmentos religiosos, que têm tomado uma posição anticultura e anti-razão.

Observa que em função do viés ideológico do atual governo do país os ventos da: censura, da vigilância e do cerceamento do livre pensar têm soprado dentro da sala de aula.

Entende que as políticas trabalhistas que estão sendo levadas a cabo atualmente estão precarizando as condições de trabalho, a partir da: intensificação da jornada, da vigilância e da cobrança por mais produtividade. Acredita que esta é uma ação política para implantar as formas de gestão racionalistas e produtivistas das empresas privadas dentro da escola.

Afirma que uma grande preocupação que está posta hoje é a tentativa de diminuição da quantidade de horas das disciplinas de formação geral, o que impactaria negativamente na qualidade de formação humana dos alunos e favoreceria esse olhar mais produtivista.

Afirma porém, que na rede dos Institutos Federais (IFs), através das lutas dessa classe trabalhadora, várias conquistas em prol da educação aconteceram de forma positiva; acredita que o trabalho feito nesta rede é um exemplo de política pública de educação que deu certo.

Entende que o posicionamento contrário a este viés mercadológico é necessário, pois ele pode instrumentalizar a educação de vez, e transformá-la numa espécie de educação massificada, com baixa qualidade e que tal sistematização não contribui em nada para a construção de um projeto de nação.

Entende que esta formação humana mais ampliada é positiva até para a formação de um trabalhador de nível técnico como a que é feita nos IFs, pois permite que o aprendiz tenha maior capacidade de entender a totalidade das situações nas quais se envolve.

Acredita que está havendo uma espetacularização da educação, concomitantemente à mercantilização, porque ela precisa atrair “clientes”, e que tal dinâmica acaba contaminando inclusive a rede pública, que a princípio não está diretamente ligada ao lucro, apesar de fazer parte de toda uma cadeia produtiva do capital.

Reflete e pondera que neste viés mercadológico que se afirma tem a grande preocupação no que tange a formação do trabalhador. Entende que mesmo que os alunos tenham formação acadêmica satisfatória, não sabe se haverá postos de trabalho para esses sujeitos; pois neste sistema e nessa lógica trabalhista, diferentemente do que se veicula, estão sendo fechados mais postos de trabalho do que abrindo.

Reforça a preocupação, levando em consideração o fato de que o Brasil é um país periférico dentro do capitalismo internacional. Acredita que o problema estrutural brasileiro é grande e contribui negativamente para esta questão da empregabilidade.

Afirma que a atual lógica capitalista cada vez mais separa o trabalho intelectual do trabalho manual.

Considera que no Brasil como um todo, em função da falta de investimento na educação, o sistema público estadual sobrevive com muita dificuldade. Observa que isso redonda no desinteresse nos estudos por parte dos alunos, exatamente por não acreditarem na instituição. Usa como referência para expor sua posição, a ideia de um sociólogo chamado Bourdieu, que chama tal comportamento de duplo vínculo, pois ao mesmo tempo que ele vê na escola a única maneira de superar as adversidades, ele também enxerga nela um entrave. Acredita que muitas vezes a passagem pela rede escolar marca de forma negativa os aprendizes, pois dependendo da escola onde estudou, ela pode lhe conferir um rótulo, ligá-lo a um preconceito que vai marcar a classe social de onde ele veio, pois, segundo essa lógica, todo aluno oriundo de escolas públicas tem aprendizagens de baixa qualidade; e esta lógica reserva para os alunos das escolas particulares e escolas das redes federais as melhores oportunidades de emprego e melhores condições de vida.

Acredita que de forma geral o sistema escolar funcione como uma espécie de reprodutor das desigualdades. Acredita que seja papel da escola dar essas referências do que é esse mundo, e das dificuldades que a vida vai impor a seus aprendizes; acredita que a tarefa educativa da escola está muito além da de ensinar determinadas técnicas.

Acredita que a proposta educativa desenvolvida dentro da rede dos IFs tem sido uma experiência bem sucedida, que deve ser analisada, pois pode servir como modelo de educação pública de qualidade e do bom uso dos recursos públicos.

Faz uma análise particular no que diz respeito a disciplina de sociologia, observa que pela falta de profissionais, diversas instituições, sobretudo as: do interior, as com menos recursos financeiros ou as com pouco compromisso científico, acabam por contratar profissionais sem licenciatura em sociologia, o que acarreta uma baixa qualidade no ensino da disciplina.

Acredita que a difusão do conhecimento tem o lado positivo de apresentar também informações de qualidade, e que isto deve ser bem aproveitado pelo professor, pois tem uma série de autores produzindo bons materiais sobre: relações sociais, educação, violência, meio ambiente etc.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Informa que sua opção pela área da sociologia se deu logo após o término do ensino médio; neste momento de sua vida fez a opção por uma área de conhecimento que pudesse suprir a necessidade que ele tinha de conhecimento. Relata que entrou no curso de sociologia em busca de respostas para questões que o inquietavam na sua adolescência. Relata que a partir deste início acabou se graduando em ciências sociais nos níveis de bacharel e também de licenciado.

Informa que um sociólogo poderia atuar em várias frentes de trabalho distintas, e que uma delas é a docência, e por sempre ter admirado o trabalho de seus professores, e por ter tido uma relação positiva com a educação, pois considera que sempre foi um bom aluno, acabou fazendo a opção por tornar-se professor. Outro ponto que destaca como influenciador na sua escolha é o fato de que a carreira de professor poderia lhe oferecer um acesso mais rápido ao mercado de trabalho, o que se concretizou, pois afirma estar em sala de aula desde os dezoito anos.

Considera que a desconstrução da imagem do professor é uma questão preocupante, que ela revela o desinteresse político de uma parcela da sociedade pelo papel que a educação pode cumprir. E considera contraditório a própria percepção, por parte desta elite política, de que do ponto de vista da formação técnica, a educação tem grande potencialidade até de servir como suporte para realização mínima do capital.

Relata que está um pouco desiludido com a educação no Brasil, em função de várias ações postas em marcha pelo governo. Observa que uma disputa ideológica acirrada está acontecendo no campo da educação; informa que todo esse quadro tem lhe causado muita: ansiedade, desilusão e tristeza. Define-se como pessimista em relação ao futuro da educação, porque percebe que ela está sendo desconstruída nos seus valores e nas suas potencialidades.

Para ser honesto de três anos para cá eu venho tendo assim uma certa desilusão com a educação, mesmo porque ela é alvo de disputa muito ferrenha. Cada vez mais aqui no Brasil estamos vivendo um processo de desprestígio do professor, principalmente, desqualificação, falta de respeito, desvalorização da própria questão relacionada ao conhecimento, então recentemente eu tenho sofrido um período de bastante ansiedade, desilusão e tristeza com relação à educação. (Sujeito 2 - professor)

Entende que a sua preocupação é causada em função do cenário político e social que estamos atravessando na atualidade, e que por isso teme que os avanços que o sistema escolar alcançou, a duras penas, no transcorrer de nossa história, possam regredir ou serem revertidos.

Observa que todo este quadro de pressões sobre a educação e sobre o professor têm levado muitos colegas de profissão à depressão grave, e que alguns chegam a cometer suicídio motivados por essa desilusão.

Acredita que a nossa capacidade de contribuir no processo de transformação pelo qual o aprendiz passa dentro do sistema escolar seja o fator que mais o motiva no trabalho

docente; relata que ao encontrar esses sujeitos três, quatro, cinco anos depois de ter trabalhado com eles, estes são pessoas completamente novas, e que acha isso extraordinário.

Entende a educação como um fenômeno social que está inserida em um meio com vários outros condicionantes, como questões: políticas, econômicas, ideológicas etc., e que o professor precisa ter uma formação sólida que seja capaz de mantê-lo sempre bem informado do papel da educação.

Acredita que o papel do professor na atualidade é primordial para desconstruir toda uma estrutura de desinformação que é veiculada principalmente pela internet e por várias outras formas de comunicação em massa, informações estas que acabam apresentando aos sujeitos pseudo verdades, ou até teses antirracionais que negam o conhecimento científico. Reforça este ponto que apresenta tomando como exemplo a sua própria história, e afirma que a ação dos professores foi fantástica na vida dele.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Entende esse novo aluno que chega à escola como um “*milenial*”, que já nasceu na era da informação, que tem acesso a vários aparatos tecnológicos, e que, portanto sofre os efeitos desse mundo em que vive, mundo esse que se pauta pela divisão homem natureza.

Considera que a comunicação de massa utilizada sem critérios e sem senso crítico tem provocado muitos efeitos colaterais na sociedade, cita Umberto Eco para afirmar seu ponto de vista, segundo o qual “a internet deu voz a uma legião de imbecis”.

Analisa que em primeiro momento pensava-se que a internet iria democratizar o acesso à informação, e servir como ferramenta para ampliá-la e até mesmo facilitar a busca dessa informação, mas que o que vemos hoje é que essa pretensa democratização da informação está sendo utilizada como forma de padronização e controle.

Observa que ao acompanhar o trânsito dos alunos pelo: primeiro, segundo, terceiro e quarto anos; felizmente é perceptível o crescimento humano deles. Acredita que a maioria deles saem do ensino médio ofertado no IFG, como cidadãos formados e capazes de fazer escolhas conscientes, tanto para um lado quando para outro do espectro ideológico.

Acredita que o aluno que passa pela rede dos IFs, sai bem preparado para o trabalho, até mais que o mercado requer dele; observa que ele sai preparado até para realizar funções de gerência. Conjectura que o aluno da rede acaba buscando ocupar postos mais de planejamento, de gerência, de atividade intelectual; porém analisa que até estas funções menos braçais estão sujeitas a vários mecanismos de controle do trabalho e da produção.

Observa que apesar dos alunos da rede estarem em um curso de formação técnica, a base geral e humana é muito bem desenvolvida, tanto nas matérias da área de humanidades quanto na área das ciências exatas, e que eles encaram essa formação com bastante afinco.

Acredita que os alunos de forma geral se surpreendem com a qualidade do ensino prestado no IFG, principalmente em se comparando à realidade educacional no país. Considera que este cidadão que sai do IFG está preparado para enfrentar diversas situações desafiadoras, algumas das quais não somos nem capazes de prever, dada a velocidade das

transformações sociais que vivemos.

Acredita que uma grande motivação que o aluno tem na escola é a de resolver problemas imediatos da adolescência, como a consolidação da sua identidade; observa que a escola, além dos conhecimentos que pode oferecer, é um locus de formação da identidade do adolescente e do ser humano de maneira geral.

Considera então que apesar das distorções a escola acaba sendo um porto seguro onde os alunos podem formar sua identidade a partir das relações desenvolvidas na instituição escolar.

Observa que os alunos são interessados em informações sistematizadas, como é o caso das ciências sociais, acredita que eles querem entender o que acontece à sua volta. Observa que assuntos como: violência, feminicídio, racismo etc., chamam a atenção destes alunos por serem questões próximas das suas realidades, pois muitos dos nossos alunos são de classe baixa, onde tais processos sociais se dão com mais frequência. Entende então que nesse sentido de despertar a consciência da realidade social e da realidade de classes a escola é vista como um perigo por setores retrógrados da sociedade, que assim se colocam como inimigos da educação.

Considera que o bom aluno, guardado os limites do que se pode chamar de bom, é aquele que consegue assimilar todo este processo de transformação que a educação é capaz de oferecer; mas pondera que muitas vezes isso não se dá por questões estruturais do próprio sistema educacional do país.

Observa que as salas de aula do IFG continuam cheias até o final do curso (cheia no sentido de que o número de desistências é baixo), atribui tal fato ao orgulho que o aluno sente de estudar na instituição, isso é um fator que lhes motiva. Afirmar ver nos estudantes muita coragem para enfrentar o futuro que os aguarda.

Pondera que o fato de os alunos da instituição serem em sua maioria adolescentes, e já viverem uma fase diferenciada da vida, que é cheia de angústias, não têm ainda capacidade de perceber as responsabilidades que virão, e muitas vezes, passam pelo processo formativo sem pensar no futuro, mas acha que tal comportamento é compreensível.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Considera, como professor, que o que mais lhe preocupa não é o bom aluno, pois este com um pouco de apoio, e a partir de: boas aulas, boa preparação do professor e de materiais adequados já consegue avançar; afirma que se preocupa com o aluno que tem mais dificuldade, não exatamente aquele que conversa, ou que é disperso, mas aquele aluno que está interessado; entende que este é o maior desafio para o professor; e quando consegue, de fato, ajudá-lo a avançar academicamente isto é muito gratificante.

Acredita que, dentro da relação professor aluno, o professor tem o papel de ensinar sobre a história do processo civilizatório que nos traz às concepções de educação que temos hoje, entende que nós podemos criticar esse processo, pois existem várias falhas, mas que é

dentro dele que vivemos; assim a partir desta capacidade crítica de entender esse processo histórico, o professor precisa deixar claro que ele influencia em: nossas relações sociais, psicológicas, afetivas e na própria construção do conhecimento.

Na especificidade da sua disciplina, acredita que com algumas poucas exceções de alunos que tentam conseguir aprovação através da cola ou de outra facilidade qualquer, a maioria se empenha no aprendizado; afirma que são assíduos à escola, fazem as leituras sugeridas, muitas vezes ficam até tarde na escola, e entende isso como um fator positivo.

Relata que nunca teve problemas com alunos em sala de aula, e que isso reflete as características da sua disciplina, que precisa sempre oferecer perspectivas para interpretação das realidades sociais.

Acredita que tornar uma aula divertida interessante seja produtivo para a motivação do aluno, mas que o professor não pode cair na ideia do espetáculo e da mercantilização do conhecimento.

Apresenta para os alunos muitos materiais tais como: entrevistas, reportagens etc., utilizando as polêmicas que elas trazem para promover debates com os alunos, dando subsídios para que estes possam, de forma autônoma, desenvolver sua própria reflexão, mas isso é feito a partir de categorias de organização do saber que são próprias da sociologia.

4.2.1 Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 2

Tabela 9.
Resumo da entrevista do sujeito 2

EIXOS	Resumo das ideias do sujeito 2
EIXO 1	Entende que educação pode ser instrumento de transformação mas ao mesmo tempo pode ser instrumento de controle. Entende que a educação se apresenta como campo de batalha entre classes sociais e interesses econômicos distintos. Considera que alguns segmentos religiosos têm retornado a esta disputa. Observa que as políticas do atual governo tendem a usar a educação como forma de controle. Acredita que de forma geral o sistema escolar funcione como uma espécie de reproduzidor das desigualdades. Acredita que seja papel da escola dar essas referências do que é esse mundo, e das dificuldades que a vida vai impor a seus aprendizes; acredita que a tarefa educativa da escola está muito além da de ensinar determinadas técnicas. observa que a escola, além dos conhecimentos que pode oferecer, é um locus de formação da identidade do adolescente e do ser humano de maneira geral. Entende que em função da capacidade que a educação tem de despertar a consciência da realidade social e da realidade de classes a escola é vista como um perigo por setores retrógrados da sociedade, que assim se colocam como inimigos da educação.
EIXO 2	Considera que a desconstrução da imagem do professor é uma questão preocupante, que ela revela o desinteresse político de uma parcela da sociedade pelo papel que a educação pode cumprir. Relata que a partir de todo esse quadro tem sofrido com muita: ansiedade, desilusão e tristeza. Define-se como pessimista em relação ao futuro da educação, porque percebe que ela está sendo desconstruída nos seus valores e nas suas potencialidades. Considera que a capacidade de contribuir no processo de transformação pelo qual o aprendiz passa dentro do sistema escolar seja o fator que mais o motiva no trabalho docente. Acredita que o papel do professor na atualidade é primordial para desconstruir toda uma estrutura de desinformação que é veiculada principalmente pela internet e por várias outras formas de comunicação em massa.

EIXO 3	Entende esse novo aluno que chega à escola como um “milenial”, que já nasceu na era da informação, que têm acesso a várias aparatos tecnológicos, e que, portanto sofre os efeitos desse mundo em que vive. Considera que a comunicação de massa utilizada sem critérios e sem senso crítico tem provocado muitos efeitos colaterais na sociedade. Observa que ao acompanhar o trânsito dos alunos pelo: primeiro, segundo, terceiro e quarto anos de seu processo formativo, felizmente consegue perceber nitidamente o desenvolvimento deles. Acredita que uma grande motivação que o aluno tem para se engajar no processo de aprendizagem é resolver problemas imediatos da adolescência, como a consolidação da sua identidade. Observa que os alunos são interessados em informações sistematizadas, como é o caso das ciências sociais, acredita que eles querem entender o que acontece à sua volta. Considera que o bom aluno, é aquele que consegue assimilar todo este processo de transformação que a educação é capaz de oferecer. Pondera que os alunos, por serem adolescentes, já vivem uma fase diferenciada da vida, portanto ainda não têm capacidade de perceber as responsabilidades que virão, e muitas vezes passam pelo processo formativo sem pensar no futuro.
EIXO 4	Entende que o papel do professor na sua relação com o aluno é mostrar como nossa própria história condiciona nosso processo civilizatório e educativo, esclarecendo para ele como isso influencia nas nossas relações sociais. Na especificidade da sua disciplina (sociologia), acredita que com algumas poucas exceções de alunos que tentam conseguir aprovação através da cola ou de outra facilidade qualquer, a maioria se empenha no aprendizado. Acredita que tornar uma aula divertida interessante seja produtivo para a motivação do aluno, mas pondera que o professor não pode cair na ideia do espetáculo e da mercantilização do conhecimento.

Fonte: Elaboração própria.
Nota: Eixo 1 - representações sobre educação. Eixo 2 - identidade profissional e representações sobre o papel do professor. Eixo 3 - O aluno e suas características. Eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

O entrevistado destaca durante toda sua fala a ambivalência do processo educativo, pois entende que ela ao mesmo tempo serve como agente de libertação ou de controle, podemos observar esta lógica nas ideias de Freire (1987) “quando ele nos traz o conceito de educação bancária, onde o processo de aprendizagem se limita a depositar conhecimentos sobre um aluno passivo”; consideramos que tal forma de ensino, tão comum ainda nos dias de hoje esteja na base desta utilização da educação como instrumento de controle, pois ao aluno é dada apenas a opção de reproduzir o sistema hegemônico, sem nenhum ou quase nenhum espaço para reflexões críticas.

Outro aspecto que consideramos relevante na fala do entrevistado é como essa ação de controle sobre a educação tem colocado o professor no posto de vilão da sociedade e como isso tem provocado o adoecimento destes profissionais.

O entrevistado também destaca o papel que o professor precisa assumir como promotor da capacidade de análise crítica dos alunos frente a uma infinidade de informações que recebe; na nossa análise olhamos esta responsabilidade ainda com maior preocupação, pois além de ainda vivermos um modelo de escola bancária, onde o aluno quase nunca é chamado a ter um pensamento crítico, temos outros agentes que estão intervindo na formação das representações, comportamentos e atitudes deles; consideramos que os meios de comunicação em massa são os principais intervenientes neste contexto, especialmente as redes sociais.

4.3 SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 3

Professora mestre em geografia, com onze anos de experiência na docência, possui experiência de gestão de grupos de iniciação científica. Começou sua carreira na iniciativa privada trabalhando na área de turismo e hospitalidade antes de iniciar a carreira de

professora. Foi professora da PUC- go (Pontifícia Universidade Católica de Goiás). No IFG ministra a disciplina de geografia.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Vê a educação, na sua perspectiva como docente, a partir da relação entre professor e aluno na sala de aula; entende que o professor precisa superar a divisão entre as áreas disciplinares, buscar o equilíbrio entre teoria e empiria e também ter diálogo com os alunos, afirma ser necessário tentar perceber o ponto de vista deles.

Acrescenta que a atuação dos pais ou responsáveis é primordial para a aprendizagem de princípios e valores. Portanto entende que a educação depende de uma ação conjunta dos pais e dos professores. Observa que muitas vezes o estudante não tem essa formação que vem de casa consolidada, pois a própria família está desfidelada. Em relação a educação e sua estruturação no país;

Acredita que a educação no nosso país não é prioridade, “infelizmente, o Brasil por ser um país em desenvolvimento, por ter muitos contrastes sociais, educacionais, culturais, socioeconômicos e políticos, a educação não é prioridade, continua sendo destrataa, negligenciada”. (Sujeito 3 - professor)

Entende que de forma particular a realidade dos municípios é mais difícil, pois muitas vezes faltam professores, falta merenda para os alunos etc. Considera então que essa educação, que já é desvalorizada, sofre preconceitos; observa que além de toda a dificuldade estrutural das escolas, o aluno ainda precisa enfrentar as suas próprias realidades, à medida que muitas vezes o seu tempo de estudo em casa precisa ser dividido com o trabalho ou no mínimo com vários afazeres domésticos.

Infelizmente, o Brasil, por ser um país em desenvolvimento, por ter muitos contrastes sociais, educacionais, culturais, socioeconômicos e políticos, a educação não é prioridade, continua sendo destrataa, negligenciada.

Acredita que o Brasil tem um grande potencial, pessoas com muita criatividade, profissionais que travam uma batalha constante em favor da educação.

Acredita que no IFG nós temos uma equipe com um capital intelectual muito à frente das instituições municipais e estaduais; acredita que não deveria ser assim, que deveria ser mais padronizado, mais homogêneo. Observa que no IFG temos várias possibilidades formativas para o aluno e que isso tende a conferir mais sociabilidade a eles e que essa é uma parte importante da formação escolar. Entende que o exemplo do IFG deveria ser adotado como referência para as outras redes.

Acredita que em alguns países a educação seja mais organizada, cita como exemplo o Japão, considera que eles tenham uma forte educação que vem de casa; considera que eles tenham uma conjuntura diferente da nossa, não só em relação às áreas de estudo, mas nas características da formação humana, de como se constituem como seres humanos a partir da educação.

Acredita que é necessária a mobilização de alunos e professores em prol da educação, a partir de uma motivação interior, pois se isso não acontecer a divisão entre pobres e ricos se perpetuará.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Relata que seu primeiro contato com a formação superior foi no curso de administração em turismo, mas que depois resolveu completar sua formação e fez o curso de geografia. Neste novo curso teve contato com a iniciação científica e teve também a oportunidade de participar de vários eventos científicos estaduais e nacionais e que então foi se identificando com o curso e com a carreira acadêmica. A partir disso foi se organizando para buscar a verticalização da formação nos níveis de mestrado e doutorado.

Depois de formada trabalhou como docente em universidades privadas, onde percebia as condições de trabalho mais difíceis e os salários menos compensadores. Observa que as relações humanas entre os docentes as vezes eram conturbadas e que havia inclusive disputas pessoais para assumir determinadas disciplinas. Relata que ficou nesta rede por pouco tempo e logo prestou o concurso para trabalhar na rede federal. Afirma estar feliz em trabalhar na rede federal, mas que está com medo das novas políticas do atual governo federal.

Relata, analisando a falta de apoio material e estrutural para a educação no país, que quando iniciou seu curso universitário, em uma universidade federal, tinha que levar folhas para fazer prova e até papel higiênico; e considera que estes tempos difíceis parecem estar voltando. Observa que existe uma estratificação social mesmo dentro da universidade.

Entende que a esperança que os alunos trazem para a sala de aula, seus desejos, seus questionamentos, sua participação são elementos que renovam as energias e as esperanças dos professores.

Acredita que para ser professor é necessário ter afinidade com a profissão, ter vocação, pois é uma tarefa que exige a habilidade de trabalhar com pessoas, mas que outro aspecto necessário é uma boa remuneração. Considera importante o fato de dentro da rede de escolas federais não haver diferenças salariais entre homens e mulheres, pois observa que infelizmente ainda têm setores da sociedade onde a mulher ganha menos do que os homens para exercer a mesma função.

Relata que se sente respeitada e respaldada quando encontra um aluno na rua e ele com muita empolgação e deferência lhe apresenta para os familiares.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Observa que alguns ex-alunos dão continuidade para os estudos após sua estada no IFG, e que alguns até já se inseriram no mercado de trabalho. Porém observa que muitos que não sabiam o que fazer do seu futuro, continuam faltando aulas, não sendo dedicados, e que no final das contas continuam perdidos.

Observa que o aluno quando está perdido, que não tem um objetivo claro, e que nem consegue definir uma carreira para tentar as provas do ENEM, fica desmotivado.

Entende que o aluno precisa se formar com qualidade suficiente para conseguir seu emprego, sua estabilidade, seu reconhecimento familiar. Espera que eles sejam bem

sucedidos nas escolhas profissionais; sugere que antes de fazerem suas escolhas profissionais passem pelos estágios, e que façam também leituras complementares, para além do que o professor propõe, com a finalidade de ampliar sua capacidade de escolha.

Observa que os níveis de motivação dos alunos diferem de curso para curso, que têm cursos, muito tradicionais, onde o aluno se mantém continuamente motivado, mas que em outros eles vão se desmotivando.

Acredita que quando o aluno gosta das metodologias de ensino, ou de determinada disciplina, ele fica mais atento dentro do processo ensino aprendizagem. Mas pondera enfaticamente que o que desmotiva mesmo os alunos é quando eles não gostam do curso e que o fazem simplesmente porque são obrigados pela família.

Relata que em alguns cursos os alunos são muito inteligentes, são interdisciplinares, trazem conteúdos para a sala de aula; e quando lhes são colocadas atividades para realizar como: exercícios, apresentações, seminários etc., que eles se empenham bastante e apresentam resultados de alta qualidade; entretanto observa que este comportamento não se repete em todos os cursos.

Observa que em alguns cursos os alunos têm uma grande identificação com os professores das áreas técnicas, pois falam dos professores com muito carinho, e que isso provoca efeitos positivos ou negativos no seu comportamento frente ao processo ensino aprendizagem.

Observa que com o passar do tempo até os alunos que não se encaixam no perfil de “bons alunos”, acabam surpreendendo os professores, e que muitas vezes são aprovados em concursos em boas colocações; atribui isso ao fato deles irem amadurecendo com o tempo.

Acredita que os alunos tenham muita potencialidade e que têm vários dons diferentes: redação, poesia, desenho etc.

Acredita que de forma geral os alunos têm muito respeito pelos professores, valorizam seu trabalho e são boas pessoas.

Observa que a identificação dos alunos com determinado professor é relativa, pois alguns podem gostar bastante do professor e de seus métodos e outros podem não gostar nem um pouco. Acredita que os alunos projetam muitas expectativas sobre a figura do professor.

Acredita que de maneira geral, os alunos têm suas expectativas atendidas ao término da sua formação no ensino médio. Entende que a quantidade de aulas seja insuficiente e que muitos assuntos só podem ser abordados de maneira superficial.

Reitera a percepção de que têm alunos com maiores dificuldades, e que isso se dá exatamente por não terem objetivos claros, e aqueles que já têm objetivos definidos são mais empenhados, e que quando percebem suas dificuldades em algum conteúdo já buscam formas de superá-los.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Acredita que a mediação do conhecimento precisa ser feita de forma equilibrada: nem só textos, nem só data show, nem só quadro e giz, sugere que sempre haja variações. Então observa que esta é uma tarefa do professor, se esforçar para diversificar as aulas, que este deve evitar usar sempre o mesmo método, por mais que ele goste.

Acredita que pela peculiaridade de sua disciplina tenha mais tempo para conversar com os alunos, para observá-los, e que isso permite que ela os conheça melhor. Acredita que a partir dessa possibilidade de conhecê-los melhor possa fazer melhores escolhas didáticas; observa que esta aproximação permite que os alunos também a conheçam melhor como professora e assim possam romper um pouco a hierarquia e o distanciamento que separam os professores dos alunos.

Observa que para atrair mais a atenção dos alunos para as atividades é interessante dar espaço para que eles possam dar suas opiniões, especialmente dentro de assuntos da atualidade. Observa porém, quando as aulas são muito centradas na fala do professor, por exemplo a partir do uso do data show, eles perdem a atenção e ficam até com sono.

Observa que em função do conteúdo programático ser amplo, é necessário usar abordagens a partir de temas da atualidade: política, corrupção, desenvolvimento sustentável etc., entende que são elementos que estão para além dos limites do conteúdo e que podem atrair mais a atenção dos alunos; mas pondera que mesmo assim tem muitos estudantes que não têm nenhum interesse.

Entende que apesar de ser possível, nem sempre o professor consegue perceber as dificuldades particulares de cada aluno, pois têm muitas outras atribuições dentro e fora do ambiente de trabalho, o que muitas vezes dificulta esta percepção mais sensível e mais aprofundada.

Entende que a relação professor aluno em sala de aula não seja fácil, mas que ele precisa continuar sendo um formador de opinião, apesar de toda esta tecnologia que adentra a sala de aula e que muitas vezes ao invés de ser uma aliada atrapalha o trabalho do professor.

4.3.1 Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 3

Tabela 10.

Resumo da entrevista do sujeito 3

EIXOS	Resumo das ideias do sujeito 3
EIXO 1	Acredita que a educação no nosso país continua sendo destrutada, negligenciada e que ela não é prioridade. Acrescenta que a atuação dos pais ou responsáveis é primordial para a aprendizagem de princípios e valores, portanto entende que a educação depende de uma ação conjunta dos pais e dos professores. Observa que muitas vezes o estudante não tem essa formação que vem de casa consolidada, pois a própria família está desfacelada. Acredita que é necessária a mobilização de alunos e professores em prol da educação, a partir de uma motivação intrínseca, entende que se isso não acontecer a divisão entre pobres e ricos se perpetuará.
EIXO 2	Entende que a esperança que os alunos trazem para a sala de aula, seus desejos, seus questionamentos, sua participação são elementos que renovam as energias e as esperanças dos professores. Acredita que para ser professor é necessário ter afinidade com a profissão, ter vocação, pois é uma tarefa que exige a habilidade de trabalhar com pessoas, mas outro aspecto necessário é uma boa remuneração. Relata que se sente respeitada e respaldada quando encontra um aluno na rua e ele com muita empolgação e deferência lhe apresenta para os familiares.

EIXO 3	<p>Observa que quando o aprendiz não tem um objetivo claro, se sente perdido e desmotivado, e que isso impacta no seu engajamento no processo de aprendizagem. Acredita que quando o aluno gosta das metodologias de ensino ou de determinada disciplina fica mais atento dentro do processo ensino aprendizagem. Observa que alguns alunos têm grande identificação com os professores e que isso provoca efeitos positivos ou negativos no seu comportamento frente ao processo ensino aprendizagem. Acredita que de forma geral os alunos têm muito respeito pelos professores e valorizam o seu trabalho. Acredita que os alunos projetam muitas expectativas sobre a figura do professor.</p>
EIXO 4	<p>Entende que os professores precisam superar a divisão dos conhecimentos em áreas disciplinares. Entende que é necessário o equilíbrio entre teoria e empiria. Entende que é importante ter diálogo com os alunos e tentar perceber o ponto de vista deles. Considera importante o professor se esforçar para diversificar as aulas, que deva evitar usar sempre o mesmo método. Observa que uma maior proximidade no relacionamento permite que os alunos conheçam melhor o professor e consigam romper um pouco a hierarquia e o distanciamento que os separam. Observa que para atrair mais a atenção dos alunos para as atividades é interessante dar espaço para que eles possam dar suas opiniões, especialmente dentro de assuntos da atualidade. Observa porém que quando as aulas são muito centradas na fala do professor os alunos perdem a atenção e ficam desmotivados. Entende que apesar de ser possível, nem sempre o professor consegue perceber as dificuldades particulares de cada aluno, pois têm muitas outras atribuições dentro e fora do ambiente de trabalho, o que muitas vezes dificulta esta percepção mais sensível e mais aprofundada.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Nota: Eixo 1 - representações sobre educação. Eixo 2 - identidade profissional e representações sobre o papel do professor. Eixo 3 - O aluno e suas características. Eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

Destacamos na fala da professora o olhar sobre a necessária parceria entre família e escola, onde a mesma destaca a pouca formação educacional que o aluno tem trazido de casa, acredita que isso se dê pelo fato da família estar desfacelada; concordamos em parte com as reflexões da entrevistada e destacamos que em nossa análise a lógica organizacional de nossa sociedade tem transferido para escola outras responsabilidades que estão para além do ensino de conteúdos científicos, esperando que a escola possa suprir a ausência dos pais ou responsáveis na formação dos alunos.

4.4 SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 4

Professor mestre em música, com quinze anos de trabalho docente, possui experiência de gestão no curso de licenciatura em música. Ex-aluno do IFG. No IFG ministra a disciplina de música.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Entende a educação como um processo vital para o ser humano. Nos apresenta sua percepção sobre o que é a educação;

Para mim a educação é um processo que faz parte da vida do ser humano, porque independente de ser formal, informal, ou não formal o ser humano ele é um ser social. . . . para sua sobrevivência em sociedade, para o seu convívio em sociedade, ele depende de processos onde ele vai desenvolver conhecimentos, saberes e procedimentos na relação com os outros. (Sujeito 4 - professor)

Vê a educação no Brasil com olhos positivos, não considera que a educação no país seja ruim, mas pondera que temos muito a crescer, principalmente em relação à conscientização geral da sociedade de que educação não é gasto e sim investimento. Faz uma breve análise do contexto educacional no país;

A educação formal no Brasil, e mais especificamente a escola pública de educação básica, ou então todo o processo: educação infantil, educação básica e técnico superior, eu vejo com um olhar muito positivo, acredito que o Brasil é um país relativamente novo, em termos democráticos; é um país gigantesco, tem uma geografia continental, tem uma diversidade cultural muito grande; eu acredito que as dificuldades que a gente enfrenta são dificuldades que a maioria dos países do mundo enfrenta. Eu não vejo que a nossa educação está tão ruim pensando em todo este contexto; em todo este histórico que a gente tem. (Sujeito 4 - professor)

Relata que pode analisar as influências da educação sobre o aluno, tanto do seu ponto de vista como estudante quanto do ponto de vista de professor; afirma isso por ter sido aluno de escola pública durante toda sua trajetória escolar e também por ter sido aluno do IFG, instituição onde hoje é professor. Entende que a escola tem duas funções básicas: uma função técnica, e outra com o objetivo de instrumentalizar o sujeito, de dar saberes para ele ter domínio da cultura. Acredita que então a escola tem historicamente esta função de trabalhar esses conhecimentos, essas competências que são necessárias para a formação do sujeito como: ser humano e como cidadão.

Entende que a educação tem um lado mais técnico, voltado para os conteúdos, mas tem um lado de formação mais humanística, que nem sempre é desenvolvido; defende que o objetivo da escola é trabalhar esses dois lados. Entende que a escola também é o lugar de se trabalhar valores.

Acredita que formar um sujeito só a nível técnico, é inadequado, pois o sujeito não pode limitar o seu trabalho a uma ação mecânica, é preciso desenvolver o lado crítico, ter uma formação mais ampla para que o sujeito seja capaz de tomar decisões, de solucionar problemas, sendo capaz de levar em consideração não só questões técnicas, mas questões humanas também.

Entende que a formação de um sujeito, precisa ser omnilateral; precisa da formação humanística, precisa deste conhecimento técnico e precisa formar a consciência do papel social, e entende que esta formação ampliada é extremamente importante para a qualidade de formação em qualquer área profissional.

Acredita que para formar esse cidadão consciente é necessário a formação política; entende que para um trabalhador, por mais que ele vá exercer funções técnicas, a formação política é importante para desenvolver a consciência do lugar que ele ocupa no mundo e da sua função social a partir do seu trabalho.

Não acredita na centralidade do conhecimento técnico ou da transmissão do conhecimento dentro da educação, entende como elemento igualmente importante as relações humanas que são estabelecidas dentro e durante esse processo. Observa que dentro destas relações existem questões subjetivas, por exemplo, maior identificação com determinado professor, ou maior identificação com o conteúdo e menos com o professor etc.

Entende a figura do professor como extremamente importante, pois considera que não são as tecnologias que formam o sujeito, que quem forma o sujeito são as relações sociais que se desenvolvem dentro deste contexto social, e que o professor tem a responsabilidade de fazer a mediação deste processo.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Acredita que a formação técnica no IFG é boa, que a formação humana também, e que muitas vezes essa formação mais ampla leva muitos alunos a começarem sua formação técnica de nível médio em uma determinada área de conhecimento, e depois por terem acesso a outros conhecimentos acabam mudando de área de estudos na hora de escolher um curso universitário; cita seu próprio exemplo, pois fazia o curso técnico em uma área das ciências exatas e acabou se graduando em música no curso superior.

Relata que chegou ao trabalho docente em função de: sua identificação com a academia, pelo gosto pelo texto, pela discussão, pela conversa, pelo diálogo. Afirma que em seu ponto de vista não vê tanta desvalorização na figura dos professores, entende que os professores estão desvalorizados na ótica da mídia, mas que não são desvalorizados pelos alunos.

Informa que o reconhecimento acadêmico e social da profissão de professor lhe chamou a atenção no momento da escolha da carreira, e que pesou também o mercado de trabalho, pois fez a avaliação de que este poderia crescer e se desenvolver no Brasil; considera que, principalmente para área de música, isso aconteceu.

Entende a relevância da questão salarial, reitera o entendimento de que a questão material e estrutural é importante, mas reforça que acredita que o nível de formação do professor seja o elemento mais significativo para a qualidade do processo ensino aprendizagem.

Considera que para se desenvolver um bom processo educativo o principal seja a boa formação do professor, que em seguida, particularmente na sua área de trabalho, seja a questão material e estrutural. Faz essa observação porque na particularidade da música o professor depende de salas adequadas, de instrumentos de equipamentos etc. Entende que com boas condições estruturais e com sólida formação profissional o professor consegue realizar o seu trabalho com qualidade.

Relata que sua motivação profissional é constituída de vários elementos que contribuíram para sua identificação com a carreira, mas ressalta que a principal foi por achar a função social do professor muito relevante. Relata que se sente útil, que se sente fazendo parte da coletividade da sociedade ao exercer esta profissão que tem importância histórica. Ressalta que outro aspecto que acha motivante é a relação professor aluno; afirma que: gosta de estar com os alunos, gosta de estar em sala de aula, gosta de conversar com os alunos. Destaca que além de todos estes elementos citados também o motiva a possibilidade de desenvolver pesquisas.

Acredita que o trabalho do professor se constitui em um ameaça para a lógica capitalista, e que por isso estão sofrendo uma série de ataques nestes últimos tempos, numa tentativa de desconstruir o lugar da academia e da escola enquanto espaço de formação: social, cultural e política do sujeito.

Entende que o lugar de onde fala o professor é o lugar da reflexão, é o lugar da sociologia, da filosofia, do conhecimento sistematizado, é o local da formação humana, dos

valores humanos.

Entende que o bom professor é aquele sujeito que tem consciência do seu lugar, do seu contexto social, da sua representatividade em um contexto mais amplo, e que também tenha consciência do que ele representa para os alunos.

Observa que deve ser também um profissional que tenha competência na sua área de conhecimento, e que precisa ter competência profissional para desenvolver a educação em um contexto mais amplo: no trabalho com os conteúdos específicos da sua disciplina e também na formação ampliada dos alunos.

Acredita que dentro dessa sociedade, dita do conhecimento, mesmo com todas as tecnologias disponíveis, com o ensino a distância e com todos os questionamento sobre a educação, o papel do professor continua sendo muito importante, que na verdade estes elementos servem apenas para ampliar esse papel, e não considera que isso seja uma restrição. Ressalta que a forma do professor trabalhar tem sido ampliada, e que hoje, por exemplo o professor faz coisas que os professores não faziam a tempos atrás, como: gravar vídeos, ter grupo de WhatsApp da turma, ter um sistema online de acompanhamento onde os alunos podem postar atividades etc.

Relata que quando foi aluno dentro da instituição, teve vários professores que tinham relações conflitantes com os alunos. Considera extremamente questionável a forma de trabalho que alguns professores repetidamente usavam na sua época de aluno do ensino médio: como, por exemplo, colocar uma grande quantidade de informações e exercícios no quadro, dizer para os alunos copiarem e responderem e simplesmente se ausentar da sala.

Relata que nestas situações chegava ao final da disciplina, sem desenvolver nenhum relacionamento com o professor, sem saber para o que usar aquele conhecimento, e que a aprovação na disciplina só se dava por ter acatado as ordens do professor.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Acredita que os professores podem influenciar positivamente os alunos no sentido de valorizar os estudos; e que o aluno pode desenvolver identificações com as ideias e posições de determinados professores.

Acredita, analisando a partir de sua perspectiva de ex-aluno e também como professor, que a motivação dos alunos está ligada ao domínio do professor sobre o conteúdo que ele ministra; que quando ele tem uma formação de qualidade, quando traz o conhecimento de forma organizada, planejada, isso motiva o aluno a entrar naquele universo de conhecimento. Afirma perceber que os alunos se motivam quando encontram na figura do professor ou da professora, um sujeito em quem se espelhar, e com o qual desenvolver um relacionamento positivo.

Entende que o bom aluno é aquele que: tem interesse, que estuda, que é autônomo, que faz perguntas, que participa; esse é o aluno que não dá trabalho, esse seria o bom aluno; mas pondera que o professor não trabalha só com esse perfil de aluno, pois recebemos em sala alunos com diversos perfis.

Considera que mesmo o aluno tendo dificuldade em algum conteúdo, ele não deixa

de ser bom aluno se for sempre presente e interessado. Relata que principalmente quando percebe que os alunos têm interesse e têm dificuldade, procura se aproximar mais com a intenção de auxiliá-lo.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Observa que uma dificuldade muito grande que percebe no trabalho docente é a relação professor aluno, reforça este olhar a partir de sua experiência na formação de docentes; considera como dificuldade o fato de o professor entrar em sala de aula e ter de trabalhar com alunos que não querem aprender determinado conteúdo, e pondera que portanto deve se desenvolver um processo: de convencimento, de estímulo, de incentivo por parte do professor, e que para isso é necessário muita didática.

Entende que nem sempre o professor consegue desenvolver o aprendizado de todos os alunos da mesma maneira, que isso é uma dificuldade inerente à profissão. Considera que o momento de contato com os alunos é tão rápido que nem sempre é possível abarcar a turma na sua totalidade, isso em função das especificidades dos alunos e da heterogeneidade das turmas.

Observa que existe um mito de que “os alunos não gostam de matemática e que gostam dos professores de educação física”, acredita que isso não seja só em função da aula ser diferente, conjectura que os professores de educação física façam abordagens que propiciem diversas formas de relacionamento com os alunos; entende que essa metodologia e esses tipos de relação são positivos. Nos traz as seguintes percepções sobre a relação professor aluno;

Trabalho com um contexto de muita diversidade, o perfil é muito heterogêneo dos alunos, eu tenho um bom relacionamento com a maioria deles. Eu percebo que existem basicamente três grupos: um grupo de alunos com os quais eu consigo desenvolver um relacionamento profissional e pessoal mediano, existe um grupo de alunos com os quais eu me identifico, que seria um grupo menor, e existe um grupo menor ainda com os quais eu travo alguns conflitos. (Sujeito 4 - professor)

Considera que o professor precisa ter uma boa percepção de como os alunos estão reagindo: à sua didática, à sua abordagem; mas entende que o professor também precisa ter confiança na sua formação, e que não dá para modificar totalmente uma abordagem em função de algumas percepções, subjetivas e nem sempre sistematizadas que às vezes são apresentadas pelos alunos.

Entende que o conteúdo tem de ser explorado de diversas maneiras, e que não deve saltar de um conteúdo a outro sem ter profundidade, mas que também não pode ficar na mesmice; considera então que é necessário ter várias maneiras de apresentar as diversas experiências para o aluno. Acredita que quando o professor sabe equilibrar estas questões consegue desenvolver um bom trabalho.

4.4.1 Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 4

Tabela 11.
Resumo da entrevista do sujeito 4.

EIXOS	Resumo das ideias do sujeito 4
EIXO 1	Considera a educação como parte da vida do ser humano, independentemente de ser formal, informal ou não formal. Entende que o ser humano é um ser social e depende da sociedade para sua sobrevivência e para essa sobrevivência precisa desenvolver conhecimentos. Vê a educação no Brasil com olhos positivos, considera que por ter dimensões territoriais continentais e ter uma diversidade cultural muito grande, as dificuldades que enfrenta no campo da educação são normais, portanto não entende que a educação no país seja ruim. Entende que a escola tem duas funções básicas: uma função técnica, e outra com o objetivo de instrumentalizar o sujeito, de dar saberes para ele ter domínio da cultura. Acredita que, então, a escola tem historicamente esta função de trabalhar esses conhecimentos, essas competências que são necessárias para a formação do sujeito como: ser humano e como cidadão.
EIXO 2	Informa que o reconhecimento acadêmico e social da profissão de professor lhe chamou a atenção no momento da escolha da carreira, e que pesou também o mercado de trabalho, pois fez a avaliação de que este poderia crescer e se desenvolver no Brasil. Considera que para se desenvolver um bom processo educativo o principal seja a boa formação do professor, que em seguida, particularmente na sua área de trabalho, seja a questão material e estrutural. Relata que sua motivação profissional é constituída de vários elementos que contribuíram para sua identificação com a carreira, mas ressalta que a principal foi por achar a função social do professor muito relevante. Acredita que o trabalho do professor se constitui em um desafio para a lógica capitalista, e que por isso estão sofrendo uma série de ataques nestes últimos tempos. Entende que o bom professor é aquele sujeito que tem consciência do seu lugar, do seu contexto social, da sua representatividade em um contexto mais amplo, e que também tenha consciência do que ele representa para os alunos. Considera que estar com os alunos em sala de aula, poder conversar com eles é uma coisa que o motiva.
EIXO 3	Acredita que os professores podem influenciar positivamente os alunos no sentido de valorizar os estudos. Entende que o aluno pode desenvolver identificações com as ideias e posições de determinados professores. Analisando a partir de sua perspectiva de ex-aluno da instituição aliada a sua experiência como professor, considera que a motivação dos alunos está ligada ao domínio do professor sobre o conteúdo que ele ministra. Entende que o bom aluno é aquele que: tem interesse, que estuda, que é autônomo, que faz perguntas, que participa; esse é o aluno que não dá trabalho, esse seria o bom aluno; mas pondera que o professor não trabalha só com esse perfil de aluno.
EIXO 4	Entende a figura do professor como extremamente importante, pois considera que não são as tecnologias que formam o sujeito, que quem forma o sujeito são as relações sociais que se desenvolvem dentro deste contexto social, e que o professor tem a responsabilidade de fazer a mediação deste processo. Acredita que dentro dessa sociedade, dita do conhecimento, mesmo com todas as tecnologias disponíveis e com todos os questionamentos sobre a educação, o papel do professor continua sendo muito importante, e os avanços tecnológicos servem apenas para ampliar esse papel. Observa que uma dificuldade muito grande que percebe no trabalho docente é a relação professor aluno, considera difícil o fato de o professor entrar em sala de aula e ter de trabalhar com alunos que não querem aprender determinado conteúdo, entende que portanto deve se desenvolver um processo de convencimento, de estímulo, de incentivo por parte do professor, e que para isso é necessário muita competência didática. Observa que neste processo relacional entre professores e alunos existem três grupos básicos: um grupo de alunos com os quais consegue desenvolver um relacionamento profissional e pessoal mediano, um grupo menor de alunos com os quais se identifica e outro grupo, menor ainda, com os quais ele trava alguns conflitos.

Fonte: Elaboração própria.
Nota: Eixo 1 - representações sobre educação. Eixo 2 - identidade profissional e representações sobre o papel do professor. Eixo 3 - O aluno e suas características. Eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

Consideramos como destaque na entrevista deste sujeito o fato dele analisar a educação no país de uma forma diferente da maioria dos demais entrevistados, não a considerando ruim, mas apenas com problemas normais e inerentes a um país tão grande territorialmente e plural em termos populacionais e econômicos. Outro ponto que nos chama a atenção foi a sua escolha consciente, pensada e vocacionada para o exercício da profissão de professor, ao contrário de vários outros entrevistados que chegaram à profissão

“por acaso” ou em função de uma oportunidade de melhor remuneração do que em outros campos de trabalho.

Outro ponto que nos chama atenção é o fato dele perceber que o professor também, em função de suas peculiaridades humanas, emocionais e relacionais, desenvolve relações de maior proximidade ou maior distanciamento com diferentes grupos de alunos a depender das afinidades entre eles.

4.5 SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 5

Professora doutora em economia de empresas, com vinte e três anos de trabalho docente, possui experiência de gestão como coordenadora acadêmica, chefe de departamento e direção geral. Começou sua carreira na iniciativa privada trabalhando na área de engenharia antes de iniciar a carreira de professora. No IFG ministra as disciplinas da área técnica: pesquisa operacional e sistemas de transporte.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Diz que definir a educação é uma ação complexa. Faz a definição de que “é todo um processo formativo, de você se encontrar como pessoa, como ser humano”. Processo formativo que começa desde a barriga da mãe e passa por várias transformações. A entrevistada nos narra um fato que viveu como forma de evidenciar na realidade objetiva estes resultados de formação humana que ela entende que existe na educação;

Ontem a gente participou desta bancada federal, e um dos deputados federais, ele foi nosso aluno, e aí ele deu um depoimento que eu acho que resume o que vem a ser educação: “ a educação não é só esse processo formativo, mas também é um processo político, é um processo humano, é um processo de você se encontrar como pessoa, como ser humano”. E ele falou isso. . . . deu esse depoimento, como egresso nosso, que aqui descobriu várias coisas, não descobriu somente a parte técnica, descobriu justamente essa formação humana. (Sujeito 5 - professora)

Analisa o processo educativo não só como professora, mas também como mãe, e o acha desafiador; entende como um desafio cuidar da formação dos alunos e dos filhos. Entende que a educação é uma ação coletiva dos professores com toda a gestão da escola.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Relata que formou-se muito nova, na área de engenharia civil, e chegou à carreira de professora por acaso. Trabalhava em uma empresa de engenharia e prestou um concurso para professora da rede federal (rede onde nossa pesquisa é realizada), por forte influência do irmão que já trabalhava nela, e em função da possibilidade de um bom salário e de melhores condições de trabalho do que na iniciativa privada. Até prestar o concurso nunca havia dado aulas em um colégio, apenas experiência de docência particular para membros da família. Durante o processo avaliativo do concurso teve grandes dificuldades na aula expositiva em função da inexperiência. Ao ser aprovada, se formou como professora dentro do trabalho, a partir das experiências de dentro da sala de aula, mas também buscando a

especialização, o mestrado e depois o doutorado. A especialização foi feita com foco na educação. A sua identificação como professora foi a partir desse processo, pois antes disso não se via como tal.

Hoje entende que a docência é um desafio, e se cobra muito em relação à qualidade do seu trabalho. Entende que a sala de aula nos transforma enquanto seres humanos, em algo excepcional. Uma das grandes motivações é o fato de poder socializar um conhecimento que faça sentido para as experiências de vida dos aprendizes. Entende que esta capacidade de socializar estes conhecimentos e que estes possam ser úteis para os aprendizes é a maior satisfação do professor quando ela é efetivada, e ao mesmo tempo a maior frustração quando não se consegue este objetivo. Entende que o professor precisa se aperfeiçoar sempre para se adaptar as mudanças dos alunos. Entende que o professor precisa ensinar para todos que estiverem em sala, não interessando de onde vem ou se é “bom aluno” ou não.

Ressalta que a maior frustração como docente é a auto cobrança de saber como mudar as metodologias para que o aluno realmente aprenda.

Não entende que exista bom ou mal aluno, acha que é muito subjetivo, acredita que precisa haver um bom professor para que haja um bom aluno.

Entende que os professores têm suas características e essas precisam ser aproveitadas para trabalhar com alunos que se identifiquem mais com esse perfil; essa percepção vem da sua experiência como gestora. Entende que ao colocar um professor com o perfil mais adequado a uma determinada turma os alunos ficam mais motivados.

Entende que os alunos muitas vezes estão desmotivados por vários fatores sociais, e que um dos papéis do professor é motivá-los.

Faz uma crítica ao coletivo dos professores que muitas vezes ministram a mesma disciplina por muito tempo, sem quase nenhuma evolução ou atualização.

A despeito de se analisar como uma docente eficiente, sempre se pergunta: como poderia evoluir nas suas competências didáticas para ensinar? Se pergunta: onde obter essa capacitação?

Relata que as vezes se frustra quando chega ao final do semestre e a metodologia utilizada não atingiu a qualidade almejada no trabalho com os alunos.

Entende o papel do professor como fundamental para o país, e acha que falta valorização social e profissional. Se identifica com a profissão à medida que acredita que ela possa fazer a diferença na vida dos aprendizes, fazendo transformações tanto no conhecimento quanto na pessoa. E ratifica que esta transformação é feita não só pelos professores, mas pela instituição como um todo.

Entende que o que faz muita diferença na qualidade de trabalho no IFG é que nós temos mais liberdade de realizar nosso trabalho, de podermos expressar nossas diferenças, o que não acontece nas redes particulares onde há muito controle por parte da direção; tem a consciência que esta liberdade tem muitos efeitos positivos, mas, no caso de alguns poucos profissionais, o efeito é negativo.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Reforça a visão de que a educação é um processo de formação humana, onde o sujeito se encontra como pessoa, para isso dá o testemunho da fala de um aluno, hoje deputado estadual, com o qual esteve recentemente na assembleia legislativa, onde o aluno dizia que ele descobriu várias coisas dentro da escola, ele não descobriu somente a parte técnica, ele descobriu justamente essa formação humana.

Observa que o perfil dos alunos fica diferente com o passar dos anos e que o professor precisa aprender a se adaptar para conseguir trabalhar com eles.

Reflete sobre os altos índices de evasão dos alunos no ensino médio, e se questiona quais os motivos. Se pergunta se os alunos sabem realmente o que eles querem da escola.

Ela observa que os alunos do ensino médio no IFG, principalmente os iniciantes, são muito imaturos.

Percebe que os alunos vão se transformando durante os anos, desenvolvem maior senso crítico, vão se percebendo mais como aluno, aprendendo a questionar e a se questionar. E isso os leva a perceberem que não querem ficar só no ensino médio, querem entrar para o ensino superior.

Da sua experiência de dentro da sala de aula percebe que é difícil fazer o aluno valorizar os quatro anos de ensino que são oferecidos na rede de institutos federais, pois os alunos sempre querem sair no terceiro ano e ir direto para universidade.

Se questiona: o que é um bom aluno? Não entende que sejam as notas que definam um bom ou mal aluno; define, a princípio, que um bom aluno seria aquele participativo, aquele que quer aprender. Mas sempre se pergunta: o porquê acontece dele não ser participativo? Por que ele não se entrega ao aprendizado?

Relembra seu tempo como aluna na universidade, e reflete que mesmo tendo sido uma excelente aluna, dependendo do professor e do conteúdo, ela não estava “nem aí” para a aula. E aí retorna a reflexão do que é um bom aluno, entendendo que determinados comportamentos são subjetivos.

Faz a seguinte colocação: “eu acho que se a gente conseguisse motivar melhor os nossos alunos, nós teríamos um índice de insucesso mínimo”.

Entende que o elemento central da motivação é o professor. Pensa que os diferentes níveis de motivação não sejam em função do conteúdo e nem da disciplina. Percebe que o aluno se encontra desmotivado por vários fatores, inclusive sociais, e que cabe ao professor intervir favoravelmente nesta motivação.

Acredita que os alunos já chegam ao ensino médio desmotivados por todo um processo educativo que foi desenvolvido nos anos anteriores. Não consegue definir claramente quais são estes fatores.

Entende que o conhecimento precisa fazer sentido para o aluno, defende que ele saiba o porquê deste ou daquele conteúdo, e também que o aluno possa saber como “aplicar” este saber.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Entende que precisa haver uma empatia do professor com os alunos, desde tentar perceber qual a história e quem são esses sujeitos para os quais ele ensina. Acredita que tal atitude faz com que a qualidade da intervenção fique melhor tanto para o professor quanto para o aprendiz.

Define-se como uma profissional que possui um imenso carinho pelos alunos e que o trabalho de ensinar passa por uma troca de energia. Acredita que para o profissional da educação não deve interessar quem é o aluno, no sentido de rótulos e pré-conceitos, mas interessa conseguir socializar o conhecimento. E neste processo de mediar o conhecimento para os alunos nos fala dos elementos que a motiva;

A motivação que a gente tem é justamente isso! Quando você chega e passa um conhecimento e os meninos refletem esse conhecimento numa experiência, numa vivência. . . . Eu acho que se a gente conseguisse motivar melhor os nossos alunos, nós teríamos um índice de insucesso mínimo. A motivação ela vai depender do professor, não é questão de conteúdo, não é questão de disciplina. E eu acho que cabe a nós, esse é o nosso papel enquanto professor, a gente precisa motivar esses meninos. (Sujeito 5 - professora)

Entende que em função dos diferentes perfis de aluno, e das mudanças destes a cada geração, o professor tem que lançar mão de diferentes metodologias e mudá-las sempre que necessário, para assim conseguir se adequar ao perfil dos alunos e então possibilitar melhor aprendizagem.

Entende que uma das maiores questões na relação professor aluno, que inclusive é a que mais lhe frustra, é exatamente conseguir achar a metodologia adequada para conseguir mediar o conhecimento com eficiência, para que o aluno realmente aprenda.

Entende que uma boa relação professor aluno é fundamental para a qualidade do ensino, tanto para a questão da aprendizagem quanto para questão humana; mas esclarece que não é a questão do professor ser o “amigo” do aluno, mas sim que haja uma relação de respeito. Defende que o professor precisa aprender a ver o “lado do aluno”.

Se define como uma professora rígida, mas que a relação precisa ser agradável, mas que para isso é necessário exatamente o respeito entre ambas as partes; e que neste movimento o professor ensina e também aprende com o aluno. Entende que o professor aprende muito com o aluno, e que acaba criando vínculo com eles, e que o professor que não consegue estabelecer esta relação humana, ela não considera um bom professor. Defende que se você não criar uma empatia com os alunos a aula não vai funcionar, mesmo que você prepare muito bem as aulas, se não houver essa relação empática, se você não conhecer minimamente os seus aprendizes o processo não será eficiente. Defende que não é necessariamente uma relação de amizade, mas uma relação de carinho e respeito, baseada no estabelecimento de vínculos. Entende que ambos, professor e aluno, crescem nesta relação, não só no sentido do conhecimento do conteúdo, mas também como pessoas.

Entende que nós professores muitas vezes ministramos as mesmas disciplinas por muito tempo, e nos acomodamos na utilização das mesmas metodologias; e então volta a

reforçar esta necessidade de adequação metodológica, apesar de entender que em muitas situações as mudanças são difíceis e complexas.

E neste sentido metodológico defende que o papel do professor é “traduzir” ou mediar o conteúdo, de uma forma que seja fácil, inteligível para o aluno.

Entende que se o professor trabalha dessa forma empática, é muito perceptível o quanto ele consegue ajudar o aluno a avançar, e a desenvolver correlações entre os conhecimentos aprendidos, entende que o aluno demonstra claramente. E esta possibilidade de perceber os avanços do aluno é o que ela acha mais gratificante no trabalho enquanto professora.

Destaca que muitas vezes tem alunos tímidos, às vezes pouco comunicativos, mas que ao serem adequadamente acompanhados, são capazes de entender o conteúdo, e que isso é um ponto positivo para a subjetividade do próprio aluno, tanto quanto para a do professor.

Assume abertamente que o que mais lhe motiva na carreira é quando encontra antigos alunos, depois de certo tempo de já terem concluído o curso e já com maior maturidade, que lhes retornam a informação de que a sua intervenção como professora fez diferença na vida deles.

4.5.1 Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 5

Tabela 12.
Resumo da entrevista do sujeito 5.

EIXOS	Resumo das ideias do sujeito 5
EIXO 1	A educação não é só esse processo formativo, mas também é um processo político, é um processo humano, é um processo de você se encontrar como pessoa, como ser humano. Entende o papel do professor como fundamental para o país, e acha que falta valorização social e profissional. Relata o testemunho de um ex aluno, hoje deputado federal, onde o aluno dizia que descobriu várias coisas dentro da escola, não descobriu somente a parte técnica, descobriu justamente essa formação humana.
EIXO 2	Ressalta que a maior frustração como docente é a auto cobrança de saber como mudar as metodologias para que o aluno realmente aprenda. Entende que os alunos muitas vezes estão desmotivados por vários fatores sociais e que um dos papéis do professor é motivá-los. Faz uma crítica ao coletivo dos professores que muitas vezes ministram a mesma disciplina por muito tempo, sem quase nenhuma evolução ou atualização. Se identifica com a profissão à medida que acredita que ela possa fazer a diferença na vida dos aprendizes. Assume abertamente que o que mais lhe motiva na carreira é quando encontra antigos alunos, já com maior maturidade, e estes lhes retornam a informação de que a sua intervenção como professora fez diferença na vida deles.
EIXO 3	Não entende que exista bom ou mau aluno, acha que é muito subjetivo, acredita que precisa haver um bom professor para que haja um bom aluno. Não considera que nota seja sinônimo de bom aluno, entende que o bom aluno é aquele participativo, é aquele que realmente quer aprender. Observa que o perfil dos alunos fica diferente com o passar dos anos e que o professor precisa aprender a se adaptar para conseguir trabalhar com eles. Percebe que os alunos vão se transformando durante os anos, desenvolvem maior senso crítico, vão se percebendo mais como aluno, aprendendo a questionar e a se questionar. Acredita que os alunos já chegam ao ensino médio desmotivados por todo um processo educativo que foi desenvolvido nos anos anteriores.

EIXO 4

Entende que ao colocar um professor com o perfil mais adequado a uma determinada turma os alunos ficam mais motivados. Considera que se conseguíssemos motivar melhor os nossos alunos teríamos um índice de insucesso mínimo. Pensa que os diferentes níveis de motivação não sejam em função do conteúdo e nem da disciplina, entende que o elemento central da motivação é o professor. Entende que precisa haver uma empatia do professor com os alunos, de tentar perceber qual a história e quem são esses sujeitos para os quais ele ensina. Acredita que tal atitude faz com que a qualidade da intervenção fique melhor tanto para o professor quanto para o aprendiz.

Fonte: Elaboração própria.

Nota: Eixo 1 - representações sobre educação. Eixo 2 - identidade profissional e representações sobre o papel do professor. Eixo 3 - O aluno e suas características. Eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

Destacamos nesta entrevista um fator que também nos aparece em várias outras como um dos fatores mais motivantes para o trabalho do professor, que é a percepção de “como” e “quanto” ele pode contribuir para o desenvolvimento e a formação do aluno; na particularidade desta entrevista ela ilustra com duas situações: o prazer que sente quando encontra um ex aluno que lhe testemunha o quanto ela fez diferença na sua vida, e também através da narração do encontro com um ex aluno, atualmente um político (deputado federal) e de como ele publicamente relata a importância que a escola teve na sua formação. A principal reflexão que fazemos a partir destas narrativas é como a educação é muito mais do que a atribuição momentânea de notas ou o domínio pontual de determinados saberes científicos, mas se coloca como um forte interveniente na formação da identidade dos aprendizes. Consideramos que neste modelo atual de ensino este poder transformador e formativo é obliterado pela excessiva importância atribuída a quantificação da aprendizagem através de notas e pela memorização mecânica de conteúdos.

Outro ponto que queremos destacar é que a entrevistada entende que o professor é, senão a maior, uma das maiores motivações para o aluno se engajar no processo ensino aprendizagem; concordamos com a perspectiva da entrevistada, pois consideramos que na atualidade um dos grandes papéis do professor além de fazer a mediação de saberes científicos é também fazer a mediação da relação que o aluno desenvolve com o processo de aprendizagem como um todo.

4.6 SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 06

Professora doutora em educação, com 25 anos de trabalho docente, possui experiência de gestão na coordenação de curso. Trabalhou como docente nas redes pública estadual e municipal e também na iniciativa privada. Além de professora do IFG também é professora da PUC-go (Pontifícia Universidade Católica de Goiás). No IFG ministra a disciplina técnica de práticas de educação ambiental.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Defende fortemente que as relações no processo ensino aprendizagem precisam ser estabelecidas entre dois sujeitos, sem que nenhum deles seja colocado na posição de objeto. Usa uma frase de Paulo Freire “que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho, a educação se dá na interação”. Reafirma então que essa educação vem de dentro para fora, e

não de fora para dentro, e que por conseguinte o desenvolvimento de uma consciência cidadã também vem de dentro. Neste contexto nos apresenta um conceito sobre educação;

A educação é aquela arte maior de você incidir sobre a formação de um ser, com a perspectiva dessa sua ação repercutir em tomadas de postura desse indivíduo frente a vida, frente a sociedade como um todo. Lembrando que o ato educativo envolve duas partes, envolve aquele que quer fazer algo e aquele que aceita receber algo; nesse processo, que eu costumo dizer que é de doação, as duas partes saem acrescidas. (Sujeito 6 - professora)

Entende que apesar dessa relação bilateral, o professor pelo seu maior amadurecimento e pela sua formação acadêmica tem a obrigação de conduzir este processo de formação, facilitando o trânsito do aluno por ele; mas sem esquecer que o aluno carrega uma história e uma compreensão de mundo. E nesta ação nunca deve tratar o aluno como objeto.

Entende que além desta responsabilidade na formação do ser humano, cada professor tem um conhecimento específico, um conteúdo, que cabe a ele levar aos aprendizes, e que isso impacta na capacidade do sujeito interpretar o mundo.

Entende que temos uma grande responsabilidade na participação na formação desse ser humano, participação porque sabe que existem outros agentes e que temos nossas limitações.

Entende que o processo de ensino aprendizagem possui um lado de prazer, mas tem outro lado que necessita responsabilidade.

Entende que a educação no Brasil é difícil como em vários lugares do mundo, mas que no nosso caso temos peculiaridades que complicam ainda mais o processo. Entende que faltam condições objetivas para o trabalho docente no Brasil, condições estas que já existem em muitos outros países. Entende que o professor está desassistido na tarefa de ajudar o aluno a enfrentar as demandas da nossa modernidade. Percebe que no IFG temos melhores condições de trabalho (apesar de entender que não são ideais) do que todas as outras redes: pública municipal, pública estadual e particular.

Entende que apesar dos índices apresentados pelas avaliações em massa, sejam elas nacionais ou internacionais, se levado em consideração as realidades objetivas dos espaços de trabalho o professor faz um trabalho eficiente no Brasil, *“tira leite de pedra”*.

Entende que a educação tem influência significativa na formação do sujeito enquanto trabalhador, e que essa formação, mais do que técnica, está nas discussões sobre o papel do trabalhador, do cidadão. Estes aprendizados precisam contribuir no desenvolvimento do senso crítico, para que o sujeito possa entender o mundo que está à sua volta, e neste sentido ser capaz de contribuir para a construção de uma sociedade melhor.

Entende que a tecnologia e a comunicação em massa tem criado uma predisposição negativa no aluno para engajar-se no processo ensino aprendizagem; mas entende que ajudar o aluno a analisar criticamente as informações que chegam até ele é um dos aspectos mais importantes do papel do professor.

Entende que a educação é uma semente lançada para o futuro do aprendiz, mas que não temos como nos assegurar se ela vai germinar ou não.

Percebe que na especificidade do IFG, muitas vezes o aluno cursa o ensino técnico em uma determinada área, e depois verticaliza a formação universitária para uma área completamente diferente, mas que a despeito disso, ele acaba assimilando vários saberes que podem ser utilizados em qualquer área profissional, e que vão contribuir para o sucesso deste estudante na sua formação universitária e na sua carreira profissional.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Entende que além da estrutura física precária para o trabalho o professor tem sofrido um processo de desmoralização. Percebe que dada as nossas condições de falta de estrutura para o trabalho e da falta de investimento na educação, nós temos mais dificuldade do que em alguns outros países de realizar a nossa tarefa de educadores. Mas reafirma que apesar de todas as dificuldades o trabalho tem méritos. Percebe a tendência a nos compararmos com outros países e nos depreciarmos a partir dessa comparação, sem fazermos as devidas contextualizações;

Assim como qualquer outro local do mundo, a educação escolar é um desafio, principalmente com todos esses avanços tecnológicos intervindo na nossa sociedade de uma forma bem significativa, ser educador hoje, atuar como professor na escola, no ensino formal, é um desafio em qualquer local do mundo. (Sujeito 6 - professora)

Entende que a nossa ação junto aos alunos é de extrema importância; percebe que temos uma capacidade significativa como um dos agentes que podem direcionar o aluno para um determinado rumo.

Entende que o professor tem como papel fazer algumas interpretações do mundo e trazê-las para o diálogo com os alunos, tendo como objetivo contribuir com subsídios teóricos para ampliar a capacidade crítica dele. Dessa forma acredita que temos condições de intervir nas decisões do aluno tanto na sua postura como: cidadão, ser humano e na sua futura vida profissional. Entende que esta intervenção se dá inclusive a partir de valores éticos. Entende que esta formação a partir dessa educação ética e crítica é levada por toda a vida. Nos conta sobre a forma como algumas vezes tem o retorno dos impactos que essa formação causa no aluno a longo prazo;

Nesta minha longa jornada, eu me acostumei a ter um prazer significativo, quando eu encontro ex-alunos, em que você não lembra mais da fisionomia deles, eles mudam muito, mas quando ele remete à você com um sorriso no rosto, e tem aquela disponibilidade de falar seu nome e dar um sorriso e dizer que você foi professora dele, então é sinal que alguma contribuição você deu. Porque se não fosse, a memória apagaria, no mínimo ele não entraria em contato com a gente e faria de conta que não nos tinha visto. (Sujeito 6 - professora)

Afirma que chegou à carreira de professor por acaso. Que em primeiro momento dizia que não seria professora nunca, mas que depois ainda durante o ensino médio, se identificou com a geografia, e de forma pragmática, pensando em poder ganhar dinheiro o mais rápido possível depois que formasse, fez opção por este curso superior de formação de

professores. Teve que vencer várias limitações durante o curso, das quais a mais significativa era a timidez, mas que depois no desenvolver das suas experiências com a docência se identificou com a profissão e nunca mais pensou em mudar. Fez uma trajetória que passou pelas redes de ensino públicas municipal, pública estadual e particular, até chegar a ser docente da rede federal. Trabalha também em uma universidade privada.

Observa que a carreira foi um processo de aprendizagens e acúmulos de experiências que lhe permitiu saber lidar com estereótipos, lidar com preconceitos e a conseguir desconstruí-los.

Tem como grande motivação para o trabalho docente a consciência da capacidade de intervir positivamente na formação do aluno. Define isso como um misto de prazer e dor, porque entende que nosso trabalho pode resultar em uma intervenção positiva, mas também pode suscitar resultados negativos. Relembra um fato de sua experiência que a fez perceber melhor a influência do professor sobre os alunos: quando suas alunas do ensino noturno passaram a imitar o seu corte de cabelo e até os tipos de bijuterias que ela usava. Por isso define esta intervenção sobre o aluno como um misto de prazer e dor, pois pode ser positiva ou negativa, e entende que suscita uma grande responsabilidade. Afirma que querendo ou não, mesmo que o professor esteja socialmente desprestigiado, ele ainda é uma referência para o aluno.

Entende que um elemento extremamente positivo para o bom trabalho do professor é ele estar presente junto ao aluno, não só fisicamente, mas em atitude e com consciência do seu trabalho e da identidade do aluno. Entende que ter consciência de si e também da realidade dos seus alunos é muito complexo para um professor que tenha uma jornada de trabalho muito extensa e que tal postura é humanamente impossível quando se tem muitas horas de trabalho, muitas turmas e muitos alunos. Entende que nestas condições objetivas, de sobrecarga excessiva de trabalho, o professor se transforma em um transmissor de conteúdo, sem possibilidade de verificar a sintonia deste conteúdo com a realidade do aluno. Entende que em função de todas essas condições precárias de trabalho o professor deixa de ser sujeito dentro do processo educativo e passa ser objeto; e observa que consequentemente, nestas condições objetivas de trabalho, a qualidade do ensino fica deficitária.

Defende que o professor precisa ter claro qual é o seu papel como educador, para a partir disso fazer uma escolha consciente do que deve levar como conhecimento para a sala de aula; reforça a importância dos saberes específicos, pois entende que se você não levar o “seu saber” para o aluno, ninguém mais o fará.

Entende que o professor precisa cumprir o papel de oferecer contrapontos para o aluno poder analisar a realidade, estimulando-o a pensar de forma autônoma, inclusive com o direito de errar. Entende que um dos papéis do professor é contribuir para o aluno melhorar sua relação com a própria escola.

Faz uma análise de como a família anda desestruturada na nossa sociedade, e que nessa ausência outros grupos, com objetivos espúrios podem assumir a hegemonia da influência sobre o adolescente, e acredita que o professor pode contribuir sendo uma parte positiva dessa nova referência; mas afirma que é preciso ter consciência dos limites da

nossa contribuição. Entende que mesmo com todas as dificuldades os professores são: “heróis da resistência”.

Percebe que com todo este envolvimento: profissional, social, humano, afetivo etc., o professor acaba pagando um preço, e chegando a adoecer. Entende que o lado negativo do nosso trabalho é: “ficar dando murro em ponta de faca”.

Faz uma ressalva, que percebeu a partir de sua experiência, que aqui nesta investigação estamos falando de adolescentes, mas que o professor, guardada as devidas proporções, também tem muita influência sobre os adultos.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Entende que em função do excesso de facilidades no ensino, o aluno tem saído da escola com muitas fragilidades para entender o mundo a sua volta.

Entende que o aluno ao vir para o processo educativo tem que estar inteiro: de corpo e mente, e se permitir aprender. O Sujeito aprendiz precisa estar aberto para interagir com a proposta de trabalho do professor.

Considera como aluno ideal aquele que tem pré-disposição para interagir. Percebe que muitos alunos já chegam para o processo de aprendizagem com a guarda fechada, e entende que isso é fruto de todo um processo que é vivenciado em sala de aula, na própria vida dele e na sociedade; portanto considera que a primeira coisa que o professor precisa fazer é tentar abrir uma brecha para ter chance do trabalho ser executado de uma forma eficiente. E retoma a ideia de aluno ideal como aquele que quer crescer a partir do processo de ensino, e assim crescer como cidadão do mundo. Discorre sobre como ela entende que o aluno se motiva para se engajar no processo ensino aprendizagem;

A motivação para que ele venha a escola hoje não é muito significativa. As causas pelas quais eles buscam a escola estão muito mais vinculadas a apelos sociais, mercadológicos do que aquela vontade intrínseca de aproveitar o máximo possível para crescer enquanto ser humano. Então muitos veem a escola por uma questão de obrigação social, por cobrança do pai, por cobrança de um título; para se alavancar para um curso superior. Apesar da força da influência mercadológica, de forma geral, as motivações dos alunos são várias, mas quase nunca são aquelas almejadas pelas instituições escolares e pelo professor. (Sujeito 6 - professora)

Entende que em função das influências dos meios de comunicação e as tecnologias que estão à disposição do aluno, ele chega na escola em um outro ritmo, diferente do da escola, e já predisposto a rejeitar o processo de aprendizagem. Estes meios de comunicação colocam nas mãos dos alunos uma quantidade muito grande de conteúdos, mas que precisam ser transformados em informação, em conhecimento; e esta seria uma das tarefas do professor na sociedade atual. Apesar da presunção de que já possui muito conhecimento, quando o aluno é chamado a refletir sobre ele em um processo avaliativo não consegue, e nestes momentos é a hora do professor intervir.

Entende que o olhar mercantilizado dos alunos sobre a educação e sobre a sociedade emerge de uma ideologia neoliberal que é fortemente veiculada em nosso país e que é subjetivamente assumida por ele. Então percebe que as relações se limitam a estabelecer

“valor de mercadoria de troca” para tudo: “eu faço isso porque vou receber aquilo”, e a nota é a base dessa troca na escola. Entende como um desafio da escola desconstruir isso.

Entende que as expectativas dos alunos em relação a educação são muito pragmáticas, querem algo para aplicar imediatamente. Mas ela vê que além deste conhecimento pragmático, que pode ser oferecido, a educação traz muito mais elementos. Acredita que esse, “algo mais” que a educação traz seja o grande diferencial, porque o aluno não vai encontrá-lo nem na internet nem nos livros. Entende que nem sempre o aluno é capaz de transformar essas informações em conhecimentos, mas que nós extrapolamos as expectativas com as quais ele chega na escola. Espera que então esse conhecimento seja útil na vida do aluno fora da escola, que possa fazer sentido, mesmo que o aprendiz nunca se dê conta disso.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Faz a crítica de que muitas vezes à título de ser moderno e de incorporar novas tecnologias, o professor acaba se perdendo num show pirotécnico.

Entende que este processo de ensino aprendizagem, tem um quê de prazer, mas tem que ter aquela disciplina cotidiana, que a primeiro momento parece difícil, mas que é importante e necessária.

Enquadra dentro dos maiores prazeres de sua carreira docente, o fato de encontrar ex-alunos, e mesmo quando não lembra o nome destes, eles a chamam de professora, e a tratam de uma forma carinhosa, demonstrando assim que houve uma contribuição na formação dele como sujeito. Tem a clareza de que o profissional da educação precisa de condições objetivas para trabalhar e também de predisposição para perceber o que se passa em seu ambiente de trabalho inclusive, quem é o seu aluno.

Reafirma o que já havia dito acima, que é imprescindível que o professor entenda que o aluno é um sujeito, que tem sua história, sua identidade, sua cultura etc., e usar isso como ponto de partida para organização da sua prática educativa. Ter como desafio nunca tratar o aluno como objeto.

Defende que a relação professor aluno tem de ser respeitosa, uma relação entre sujeitos, através da qual se efetive uma troca onde ambos ganham. Entende que quando esta relação é bem conduzida, o aluno faz bem ao professor até no aspecto emocional.

Entende que quando o processo é conduzido neste paradigma, o aprendiz tem melhores condições de interagir com o que chega até ele, desenvolvendo respeito, e também senso crítico. Observa a necessidade do professor de estabelecer uma sintonia com o aprendiz a partir do diálogo; mesmo sabendo que, em função do tempo de vida e da formação, a responsabilidade do professor nessa relação é maior do que a do aluno. E dentro dessa ação educativa é preciso inclusive ajudar o aprendiz a melhorar sua relação com a própria escola.

Percebe que o aluno sempre fica querendo testar o nível de conhecimento do professor, muitas vezes tentando confrontá-lo com conhecimentos que ele buscou na

internet.

Na sua forma de conceber a docência e as relações na sala de aula, prefere trabalhar com bom humor. E nas sua trajetória profissional, muitas vezes, desenvolveu a habilidade de ser dura, mas com o sorriso nos lábios. Ratifica então, que é uma relação respeitosa, mas não é uma relação de “amiguinho”, porque entende que existe uma responsabilidade a cumprir por parte do professor e isso não pode sair do foco do docente.

Entende que o professor precisa ter consciência, ter clareza do seu papel social, analisar muito bem o que deve ensinar e para quem vai ensinar, para depois então escolher a melhor metodologia que possa ser mais efetiva para aquele grupo de alunos.

E entende que a melhor interação dos alunos aparece quando, tirando o lado da coerção (a imposição do professor pela intimidação), eles percebem que o professor tem segurança no que faz; acredita que isso desenvolve a tendência no aluno de respeitar a metodologia do professor.

Entende então que os pré-julgamentos em função das formas de abordagem metodológicas precisam ser revistos; pondera que podemos observar aquele professor que é rotulado como sendo tradicional, muitas vezes conseguir fazer um bem maior aos alunos do que outros professores com metodologias ditas modernas.

Entende que a coerção é uma forma de tentar obrigar o aluno a aceitar as concepções e as metodologias do professor sem direito ao diálogo. Diz que infelizmente temos profissionais que se impõe ao aluno, e ao considerar o aluno como objeto, ele tem a ilusão que vai se manter na sua zona de conforto a partir dessa coação.

Reforça a posição de que entende o aluno como sujeito! Então ele vai respeitar o professor e suas opções metodológicas, a partir do momento que ele sentir segurança, no domínio de conteúdo do professor, no domínio daquela relação de ensino aprendizagem.

4.6.1 Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 6

Tabela 13.
Resumo da entrevista do sujeito 6.

EIXOS	Resumo das ideias do sujeito 6
EIXO 1	Define a educação como uma arte de intervir na formação de outro ser humano, com a perspectiva de que essa intervenção possa refletir nas tomadas de decisões do indivíduo frente a vida. Entende que a educação no Brasil é difícil como em vários lugares do mundo, mas que no nosso caso temos peculiaridades que complicam ainda mais o processo. Entende que faltam condições objetivas para o trabalho docente no Brasil. Considera que apesar dos índices apresentados pelas avaliações em massa, sejam elas nacionais ou internacionais, se levado em consideração as realidades objetivas das escolas o professor faz um trabalho eficiente no Brasil. Entende que a educação tem influência significativa na formação do sujeito enquanto trabalhador, e que essa formação, mais do que técnica, está nas discussões sobre o papel do trabalhador, do cidadão. Entende que a tecnologia e a comunicação em massa tem criado uma predisposição negativa no aluno para engajar-se no processo ensino aprendizagem.

EIXO 2	Entende que além da estrutura física precária para o trabalho o professor tem sofrido um processo de desmoralização. Entende que a nossa ação junto aos alunos é de extrema importância; percebe que temos uma capacidade significativa como um dos agentes que podem direcionar o aluno para um determinado rumo. Tem como grande motivação para o trabalho docente a consciência da capacidade de intervir positivamente na formação do aluno. Entende que o professor precisa cumprir o papel de oferecer contrapontos para o aluno poder analisar a realidade, estimulando-o a pensar de forma autônoma, inclusive com o direito de errar. Faz uma análise de como a família anda desestruturada na nossa sociedade, e que nessa ausência outros grupos, com objetivos espúrios podem assumir a hegemonia da influência sobre o adolescente, e acredita que o professor pode contribuir sendo uma parte positiva dessa nova referência. Percebe que com todo este envolvimento: profissional, social, humano, afetivo etc., o professor acaba pagando um preço, e chegando a adoecer. Entende que o lado negativo do nosso trabalho é: “ficar dando murro em ponta de faca”. Enquadra dentro dos maiores prazeres de sua carreira docente, o fato de encontrar ex-alunos, e mesmo quando não lembra o nome destes, eles a chamam de professora, e a tratam de uma forma carinhosa, demonstrando assim que houve uma contribuição para formação dele como sujeito.
EIXO 3	Entende que o aluno ao vir para o processo educativo tem que estar inteiro: de corpo e mente, e se permitir aprender, precisa estar aberto para interagir com a proposta de trabalho do professor. Entende, então que o aluno ideal, é aquele que tem pré-disposição para interagir. Entende que a questão da motivação do aluno é ampla e complexa, mas que de forma geral vê o aluno como pouco motivado nos dias de hoje. Percebe que as causas pelas quais os alunos procuram a escola estão ligados a apelos mercadológicos e não à vontade intrínseca de aprender. Entende que dada as influências dos meios de comunicação e as tecnologias que estão à disposição do aluno, ele chega na escola em um outro ritmo, diferente do da escola, e já predisposto a rejeitar o processo de aprendizagem.
EIXO 4	Defende que as relações no processo ensino aprendizagem precisam ser estabelecidas entre dois sujeitos, sem que nenhum deles seja colocado na posição de objeto. Entende que apesar dessa relação bilateral, o professor pelo seu maior amadurecimento e pela sua formação acadêmica tem a obrigação de conduzir este processo de formação, facilitando o trânsito do aluno por ele; mas sem esquecer que o aluno carrega uma história e uma compreensão de mundo. Faz a crítica de que muitas vezes à título de ser moderno e de incorporar novas tecnologias, o professor acaba se perdendo num show pirotécnico. Entende que o processo de ensino aprendizagem, tem um quê de prazer, mas tem que ter aquela disciplina cotidiana, que a primeiro momento parece difícil, mas que é importante e necessária. Defende que a relação professor aluno tem de ser respeitosa, uma relação entre sujeitos, através da qual se efetive uma troca onde ambos ganham. Entende que a coerção é uma forma de tentar obrigar o aluno a aceitar as concepções e as metodologias do professor sem direito ao diálogo. Diz que infelizmente temos profissionais que se impõem ao aluno, e ao considerar o aluno como objeto tem a ilusão que vai se manter na sua zona de conforto a partir dessa coação.

Fonte: Elaboração própria.

Nota: Eixo 1 - representações sobre educação. Eixo 2 - identidade profissional e representações sobre o papel do professor. Eixo 3 - O aluno e suas características. Eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

Destacamos da fala da entrevistada a ideia de que a relação entre professor e aluno precisa ser respeitosa, e de sujeito para sujeito, onde nenhuma das partes seja tratada como objeto; esta é uma perspectiva freiriana com a qual estamos de pleno acordo, pois entendemos que o aluno não é um recipiente a espera de ser preenchido com o saber do professor, mas ele traz para sala de aula toda uma história e uma bagagem de vida e de aprendizagem que o caracterizam e que o tornam único. Outro fato de destaque é a percepção da entrevistada de que os alunos atualmente estão desmotivados, dentro deste contexto entende que as tecnologias e os meios de comunicação são parte deste quadro de desmotivação.

4.7 SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 7.

Professor mestre em engenharia ambiental, com vinte e nove anos de trabalho docente, possui experiência de gestão na coordenação da editora do IFG. Ex-aluno do IFG. Começou sua carreira na iniciativa privada trabalhando na área de arquitetura antes de

iniciar a carreira de professor. No IFG ministra as disciplinas técnicas de desenho arquitetônico e desenho básico.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Entende que o ser humano tem um propósito, propósito este que é exatamente a educação, a evolução a partir do conhecimento. Postula que as pessoas estão no mundo para aprender; aprender com os erros, aprender com as dificuldades, aprender com as necessidades e ir evoluindo.

Entende que a escola é um espaço que tem por função organizar o conhecimento com metodologia, para assim ajudar esses seres humanos a alcançarem este objetivo do aprendizado e da evolução.

Entende que a escola teve esse papel na vida dele, de orientar e dar subsídios para suas tomadas de decisões. Acha que a função da escola é mudar todo paradigma, toda e qualquer questão pré-estabelecida. A escola precisa provocar o aprendiz a pensar: no seu futuro, no porquê ele está aqui, qual o papel dele no mundo etc.

Entende que isso precisa ser uma prática geral da escola e do professor, conseguir dar esse rumo para o aluno. Ensinar de modo que o conhecimento tenha um propósito e ensinar o aluno a pensar no porquê daquele conhecimento. Entende que ao tomar este cuidado de dar esse sentido lógico para os conteúdos eles podem ser utilizados em qualquer atividade que o aprendiz for realizar na sua vida e na sua carreira profissional.

Entende que a cobrança da qualidade dentro do ensino não se restringe a uma questão técnica, mas exatamente à formação da atitude do aluno de fazer sempre o melhor; esta postura tem a intenção de que ele possa exercer sua futura profissão com êxito e com respeito as pessoas que dependam do trabalho dele.

Entende que ter professores com visões pedagógicas diferentes dando aulas para a mesma turma, muitas vezes pode contribuir para mostrar uma diversidade de visões de mundo, mas também pode ser um entrave que vai confundir a cabeça dos alunos, principalmente os mais novos.

Defende que, para analisar o todo e evitar este tipo de discrepâncias, o trabalho coletivo dos professores é imprescindível, cita como exemplo os conselhos de classe.

Faz a ponderação de que acha de fato importante a verticalização dos estudos para um curso superior, como uma forma de aperfeiçoamento, mas que esse não deveria ser o único caminho.

Faz a observação de que a EAD (Ensino a distância) não é capaz de atingir a mesma qualidade da educação que se consegue com a presença do professor. Entende que essa tendência de ensino a distância como solução para educação logo será revertida; e que o modo antigo, com a presença física do aluno e do professor é melhor.

Explica que a principal disciplina que ele trabalha é quase que um atendimento individual, onde ele pode perceber cada dificuldade ou potencialidade do aluno, e isso seria impossível no ensino a distância.

Entende que são impostas algumas pretensões evoluções para a educação, mesmo entendendo que evoluir é necessário, percebe que essa ação está atropelando e desconsiderando as práticas que foram historicamente construídas e que isso é inadequado e ineficiente, porque o que se mostrou bom precisa ser preservado.

Entende que as escolhas profissionais precisam ser feitas a partir de uma identidade pessoal, e não só pela questão mercadológica e da possível remuneração que esta ou aquela profissão pode permitir. Percebe que a cobrança dessa escolha dentro deste paradigma mercantil é imposta para os alunos muito cedo, colocando a necessidade de tomarem decisões para as quais eles ainda não têm maturidade.

Percebe que historicamente existe um discurso que subestima os alunos oriundos de escolas públicas, este processo marcou sua própria trajetória; mas apesar de admitir que existem falhas acredita que o sujeito pode conseguir superá-las e alcançar seus objetivos.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Afirma que as características da sua abordagem didático pedagógica vem da sua história em sala de aula desde sua época de aluno, pois ministra disciplinas que aprendeu na sua formação técnica, portanto entende que isso se dá de uma maneira natural. Hoje além da formação técnica é também formado em arquitetura.

Relata que a escolha pela carreira teve a influência do pai que era professor, apesar de que o mesmo não gostaria que os filhos fossem professores também; a paixão com que ele realizava seu trabalho motivou não só ele, mas todos os irmãos a se dedicarem à docência. Ressalta inclusive que o pai foi ex-professor da mesma instituição na qual ele trabalha hoje.

Apesar da identidade com a profissão de professor, formou-se em arquitetura e foi trabalhar nesta área, e só optou pela carreira de professor por uma oportunidade financeira, que foi o fato de ter sido aprovado num concurso da rede federal de educação, pois até então não pensava em dar aulas. Explica que já estava casado e buscava uma estabilidade financeira, e que ele e a esposa, que também é professora, foram aprovados no mesmo concurso.

Explica que de início trabalhava em uma unidade de uma cidade do interior, e que foi uma experiência muito marcante e importante na sua carreira. Ele percebia que o trabalho do professor e suas opiniões tinham uma influência muito grande na sociedade local.

Admite que se sente um pouco frustrado por não trabalhar diretamente com a arquitetura, mas que hoje o que mais lhe motiva como profissional é o trabalho dentro da sala de aula. Entende que é preciso haver uma troca de experiências entre professor e aluno, uma cumplicidade; e que ela pode se estender para além da sala de aula, e também para além do ano letivo onde estes trabalharam juntos.

Explica que o pai fazia o movimento de levar os conhecimentos dele como pai para os alunos na escola e de trazer os conhecimentos desenvolvidos na escola para

repassar aos filhos, e que isso foi marcante na formação pessoal dele.

Se caracteriza com um professor que gosta de acompanhar o aluno de perto, olho no olho, para assim poder perceber melhor as suas respostas ao processo de ensino aprendizagem.

Reafirma a posição de que o olhar para o aluno, além do contato e acompanhamento pessoal do professor, precisa passar por uma análise coletiva juntamente com os demais professores e profissionais da escola, onde todos possam colocar suas percepções, para que ações possam ser tomadas com maior amplitude de visão.

Entende que uma grande satisfação para o professor é exatamente quando ele percebe nesta relação com o aluno que seu objetivo educacional foi atingido. Sobre a maneira como se coloca na sala de aula e como busca estabelecer a relação professor aluno o entrevistado nos diz;

A sala de aula..., eu vendo no olho do aluno... saber se ele está querendo me perguntar, com o olhar, com o desvio de olhar, com o não olhar para você. Eu perceber isso como professor... naturalmente sem informação nenhuma é uma coisa natural. Desenvolver o meu potencial em sala de aula é o que eu ainda quero fazer, mesmo beirando a aposentadoria ainda quero continuar, porque eu acho que tem retorno, eu vejo que o aluno está gostando, eu vejo que tem uma troca. Quando eu encontro com um menino deste fora da sala de aula, mesmo depois de terminar o curso: - Professor! Vem cá! – Como eu via meu pai com os alunos dele, também percebo nos meus esse reconhecimento. (Sujeito 7 - professor)

Defende que para além da formação teórica do professor ele precisa ter essa espontaneidade que mantenha sua identidade pessoal, para que o trabalho e as relações educacionais não fiquem muito mecânicas.

Não considera os alunos bons ou ruins, mas entende que, para que haja uma evolução é preciso haver uma interação entre as partes. E nesta interação entende que qualquer aluno pode evoluir dentro das suas possibilidades. Reforça esta perspectiva a partir da sua própria história, pois afirma que nunca foi um aluno nota dez, mas que teve a oportunidade de evoluir até atingir seus objetivos.

Entende que nessa interação o professor também precisa estar aberto a ouvir os alunos e assim mudar de atitude ou de metodologia quando perceber que estas mudanças podem ser importantes para a qualidade do ensino; entende que isso faz com que o professor evolua.

Entende que esta relação, esta forma de abordagem didática, muitas vezes é extenuante, pelo fato da grande entrega que ela exige. Mas entende também que a relação com os alunos pode ser uma forma de se recarregar, pois entende que os alunos trazem muita energia.

Entende que consegue ter a atenção dos alunos porque ele se mostra como pessoa, mostra que ele está ali do lado deles, e com um propósito, propósito que é maior do que só a questão da remuneração.

Percebe que muitas vezes alguns alunos passam para a série seguinte com algumas deficiências em determinados conhecimentos, mas a troca de experiências com os professores das turmas passadas e o repasse de informações para os das séries futuras pode

ajudar o aluno a evoluir ao longo do curso, entende que a continuidade é importante.

Reforça a ideia de que o professor tem que estar em sala atento para perceber como os alunos reagem ao aprendizado e assim intervir, e não só para apresentar um conteúdo.

Portanto entende que esse investimento na evolução do sujeito é a grande importância do sistema educacional e que, dentro dele, para fazer com que isso funcione o professor é insubstituível.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Faz uma crítica de que apesar de toda tecnologia a qual os alunos têm acesso, que eles não pensam, fazem uso sem raciocinar.

Entende que os alunos entram no IFG, portanto no ensino médio, muito novos, e não dá para cobrar deles uma escolha profissional definitiva.

Percebe que alguns alunos já veem com uma racionalização de que o que importa na aprendizagem é só a nota. Percebe que isto estabelece limites que não permitem aos aprendizes olharem os conteúdos por ângulos diferentes, e que estes têm a predisposição a apenas memorizar esta informação e tentar repeti-la da mesma maneira nas provas, sem nenhuma reflexão.

Entende que o aprendiz que alcança melhores resultados é aquele que interage e se mostra capaz de mudar durante o processo. Defende que o aluno precisa estar aberto ao conhecimento. Não acredita que o “bom aluno” seja aquele que faça tudo que o professor quer, e nem que o aluno dito “ruim”, deve ser deixado de lado, considera que seja necessário acompanhar ambos nas suas peculiaridades, e dar até mais atenção àquele que tem dificuldade. Muitas vezes lança o desafio aos alunos que têm notas mais altas para que esses possam ajudar os colegas que ainda não entenderam o conteúdo, tem como motivo para essa ação incentivar a solidariedade e o trabalho coletivo.

Entende que a falta de maturidade do aluno, e também a falta de espaço para o diálogo com os professores, leva o aluno a se evadir da sala de aula, e dar mais atenção ao celular do que à própria formação escolar. Entende que dar atenção a alunos com esse perfil seja um dos papéis dos professores, buscando assim maior envolvimento deles. Observa que muitas vezes os alunos “gritam”, pedindo ajuda, uma orientação para escolher o seu caminho.

Entende que se o aluno se engajar nesta lógica de aprendizagem ele pode ter uma evolução muito significativa, mais até do que os alunos ditos nota dez, pois pode sair de uma nota dois ou três e chegar ao dez. Entende que a nota é um parâmetro e não uma classificação do aluno. Percebe que as vezes o aluno que estava acostumado a só tirar notas dez, pode se frustrar quando sair para o mercado de trabalho e encontrar portas fechadas, pois ele não estaria preparado para lidar com isso.

Percebe que o aluno chega à instituição, no início do ensino médio, com um brilho no olhar, e que ele vai perdendo isso com o transcorrer do curso, e que muitas vezes ao terminar parece que perdeu todo o seu brilho, toda a sua empolgação.

Coloca como uma sugestão útil para o aprendiz que, mesmo que ele opte por uma profissão diferente da que cursou no ensino técnico vai conseguir melhores resultados se focar suas energias naquilo que ele quer e acredita.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Entende que a forma dele se colocar na sala de aula é natural, pois ele é em sala de aula o que é como pessoa, não precisa fazer tipo (assumir outra persona).

Assume que já cometeu vários erros durante sua trajetória, mas usou esses erros como forma de aprendizado. E aproveitou a situação para estreitar a relação com o aprendiz mostrando que ele também é humano e erra, mas que sabe admitir o seu erro.

Entende que assim ele consegue mostrar para os alunos a pessoa que ele é de fato e que isso permite uma relação de maior confiança.

Entende que é preciso cobrar a qualidade acadêmica dos alunos, mas respeitando suas limitações, e sempre justificando o porquê de cobrar determinada atitude ou conteúdo.

Relembra que na sua formação tinha dificuldade quando o professor simplesmente colocava o conteúdo no quadro sem maiores diálogos ou contextualizações, e ele se perguntava: por que é que eu vou aprender isso?

Acredita que o aluno percebe quando o professor está sendo verdadeiro e transparente no seu trabalho, e que ele responde positivamente a isso. Entende que tem o lado negativo da questão, desta forma mais aberta de se relacionar com o aluno, que é quando o aluno trata o professor com falta de respeito, acredita que isso também é sentido com maior intensidade.

Acredita que o professor que dá aulas apenas a partir de monólogos, sem que haja a interação, e que os alunos tenham apenas que ouvir, não seja eficiente, defende que a troca, a interação permite atingir melhores resultados.

Se desafia a achar uma maneira de trabalhar para que o aluno não vá perdendo suas energias durante a trajetória acadêmica; se pergunta se é o excesso de cobrança de um aprendizado técnico que leva o aluno a ir “morrendo”?

Observa que muitos professores das áreas técnicas ficam muito focados no aprendizado técnico-profissional e se esquecem do ser humano, e que isso “mata” o aluno.

Entende que o ambiente da escola como um todo for agradável e convidativo para o aluno, que possa ter outros elementos com os quais ele possa interagir e se identificar, como por exemplo: artes e esportes estas possibilidades motivam o aluno a ter um maior envolvimento também em sala de aula.

Entende que para conseguir atender melhor os alunos nas suas particularidades, muitas vezes não consegue isso sozinho na sala de aula, que precisa trabalhar em conjunto com os outros professores e também pedir ajuda às áreas mais técnicas da escola como as psicólogas e aos departamentos de áreas acadêmicas.

Acredita que a metodologia que usa atende os alunos de forma geral, mas que o professor tem que se aproximar dos alunos o suficiente para perceber aqueles aos quais a

metodologia não alcançou e pensar em novas estrategias para ajudá-los a avançar.

Não concorda com a forma de trabalho de profissionais que usam uma metodologia padrão, e não tentam perceber as particularidades, e seguem o simples raciocínio de quem aprendeu será aprovado e quem não aprendeu vai reprovar.

Informa que muitos de seus ex-alunos sempre voltam para visitá-los na sua sala de aula, e que isso demonstra que uma relação positiva e duradoura foi estabelecida.

4.7.1 Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 7

Tabela 14.
Resumo da entrevista do sujeito 7.

EIXOS	Resumo das ideias do sujeito 7
EIXO 1	Entende que o ser humano tem um propósito que é exatamente a educação, a evolução a partir do conhecimento. Entende que a escola é um espaço que tem por função organizar o conhecimento com metodologia, para assim ajudar esses seres humanos a alcançarem este objetivo do aprendizado e da evolução.
EIXO 2	Entende que o professor deva ensinar de modo que o conhecimento tenha um propósito e ensinar o aluno a pensar no porquê dele. Entende que ao tomar este cuidado de dar esse sentido lógico para os conteúdos eles podem ser utilizados em qualquer atividade que o aprendiz for realizar na sua vida e na sua carreira profissional. Se caracteriza como um professor que gosta de acompanhar o aluno de perto, olho no olho, para assim poder perceber melhor as suas respostas ao processo de ensino aprendizagem. Entende que uma grande satisfação para o professor é exatamente quando ele percebe nesta relação com o aluno que seu objetivo educacional foi atingido.
EIXO 3	Não considera os alunos bons ou ruins, mas entende que para que haja uma evolução é preciso haver uma interação entre professores e alunos, e nesta interação entende que qualquer aluno pode evoluir. Percebe que historicamente existe um discurso que subestima os alunos oriundos de escolas públicas, relata que este processo marcou sua própria trajetória. Faz uma crítica de que apesar de toda tecnologia a qual os alunos têm acesso, eles não pensam, fazem uso dela sem raciocinar. Percebe que alguns alunos já veem com uma racionalização de que o que importa na aprendizagem  são a nota. Entende que o aprendiz que alcança melhores resultados é aquele que interage e se mostra capaz de mudar durante o processo. Defende que o aluno precisa estar aberto ao conhecimento. Percebe que o aluno chega  instituição, no início do ensino médio, com um brilho no olhar, e que ele vai perdendo isso com o transcorrer do curso, e que muitas vezes ao terminar parece que perdeu toda a sua empolgação.
EIXO 4	Apresenta a ideia de que o professor deve estar sempre atento para perceber como os alunos reagem ao aprendizado e assim intervir, e não são apresentar o conteúdo e dar por finalizado o seu trabalho. Entende que a falta de maturidade e também a falta de espaço para o diálogo com os professores leva o aluno a se evadir da sala de aula, e a dar mais atenção ao celular do que  própria formação escolar. Acredita que o aluno percebe quando o professor está sendo verdadeiro e transparente no seu trabalho, e que ele responde positivamente a isso. Entende que tem o lado negativo da questão, desta forma mais aberta de se relacionar com o aluno, que é quando ele trata o professor com falta de respeito, acredita que isso também é sentido com maior intensidade. Acredita que o professor que d aulas apenas a partir de monólogos, sem que haja a interação, e que os alunos tenham apenas de ouvir, não seja eficiente. Entende que a escola possa ter outros ambientes agradáveis e convidativos para o aluno, outros elementos com os quais ele possa interagir e se identificar, como por exemplo: artes e esportes. Informa que muitos de seus ex-alunos sempre voltam para visitá-los na sua sala de aula, e que isso demonstra que uma relação positiva e duradoura foi estabelecida.

Fonte: Elaboração própria.
Nota: Eixo 1 - representações sobre educação. Eixo 2 - identidade profissional e representações sobre o papel do professor. Eixo 3 - O aluno e suas características. Eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

Destacamos na entrevista do professor que seu modelo de profissional é baseado em outro professor, seu próprio pai; e que tal fato lhe deu a dimensão de como ele como professor pode influenciar os alunos de forma positiva. Outra ideia que destacamos é o fato dele considerar que os alunos usam os vários recursos tecnológicos que eles têm a sua

disposição de forma acrítica, sem pensar. Um elemento subjetivo que destacamos na fala do entrevistado, inclusive na sua própria trajetória, é a percepção de que os alunos oriundos de escolas públicas são vistos como inferiores ou com baixo nível acadêmico.

4.8 SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 8

Professor doutor em educação, com vinte e sete anos de trabalho docente, possui experiência de gestão como coordenador do curso de formação de professores de educação física da PUC-go. Foi professor da PUC-go (Pontifícia Universidade Católica de Goiás). No IFG ministra a disciplina de educação física.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Entende a educação do ser humano como um caminho para a necessária emancipação. Assume essa conceituação porque entende que a educação não pode ser ferramenta para simplesmente reafirmar a sociedade atual, mas deve ser instrumento para transformá-la e ser capaz de propor algo melhor e mais justo;

Entendo que educação é a formação do ser humano de acordo com uma via emancipatória, porque a gente pode pensar em educação como aquisição de conhecimentos, como adequação à esta sociedade que está posta aí. . . . educação não é você acumular conhecimentos, ou se adequar a um sistema que está colocado, porque este sistema que está colocado é um sistema injusto, desigual. Então eu entendo que a educação ela é basicamente, essencialmente, a formação do ser humano segundo uma via emancipatória, para questionar o sistema em que a gente vive. (Sujeito 8 - professor)

Entende que além desse objetivo macro, cada disciplina em específico: educação física, matemática, português, artes etc., têm uma função importante na formação de conceitos por parte dos aprendizes.

Analisa que a educação que temos hoje, especialmente no que tange a formação do cidadão trabalhador, é para atender a demandas mercadológicas; e entende que este sistema é injusto e excludente. Percebe esta dinâmica como uma questão preocupante.

Refletindo sobre a qualidade da educação, se aceitarmos este paradigma mercadológico, ela vai bem, cumpre o seu papel, mas não concorda com esta abordagem. Acha legítimo o estudante buscar na educação a competência técnica para se estabelecer no mundo do trabalho e ter renda para sustentar sua família, pensa que a formação que temos especialmente no IFG atende muito bem a essa necessidade, mas pensa que falta maior formação política. Apesar dessa ausência da questão política, define o IFG como uma instituição acima da média, pois além da formação técnica tem uma boa formação “humana” à medida que trabalha bem com várias disciplinas: artes, filosofia, educação física etc.

Apesar de todas as ponderações reitera que o nosso sistema (Rede federal de ensino técnico e tecnológico) consegue fazer uma formação profissional, que não é a ideal, muito menos perfeita, mas é razoável para boa.

Entende que a educação precisa levar em conta pelo menos três eixos: a formação científica, a formação educativa (propedêutica) e a formação para a emancipação política. Afirmar então que em seu ponto de vista político, é necessário analisar a dicotomia capital trabalho, a dicotomia que há entre socialismo e capitalismo, acredita que estes assuntos têm de ser colocados para tentarmos mudar essa realidade e tentarmos resistir aos fatos negativos que existem nela.

Faz a seguinte ponderação: se vivêssemos na Suécia ou na Finlândia eu não estaria reclamando de uma educação só técnica, porque já estaríamos em um sistema que dá uma cobertura material, econômica e social para todos, mas como no nosso país isso não existe, a formação política para transformar se faz fundamental.

Define como negativo, dentro do sistema escolar, o fato de todas as redes terem como objetivo principal da sua atuação como agentes educativos a necessidade de preparar o aluno para um exame, o ENEM (Exame nacional do ensino médio); tendo como finalidade precípua o ingresso dele na universidade.

Observa que dentro deste paradigma, as escolas da rede privada, que são voltadas unicamente para os seus lucros e para preparar alunos para o ENEM, lançam sobre os alunos uma avalanche de conhecimentos padronizados que têm como única finalidade a aprovação no referido exame. E entende que neste paradigma o único ganho que o ensino traz é o acesso à universidade.

Entende que os modelos avaliativos são muito positivistas, muito pragmáticos, não levando em consideração as realidades dos alunos, seus envolvimento e sua participação; percebe que os sistemas de avaliação baseados nas provas, muitas vezes refletem apenas um número, sendo exemplo de meritocracia e que não corresponde muitas vezes ao desempenho do aluno.

Analisa que apesar de não ser um problema do IFG em particular, mas de forma geral, a questão da violência tem sido um fator negativo dentro das escolas, e que isso retira dos professores a autonomia para realizar seu trabalho com qualidade; entende que essa violência chega à escola, mas que ela é uma questão mais ampla, é um problema da sociedade como um todo.

Afirma que hoje em dia está difícil motivar os alunos até com a presença do professor em sala de aula, portanto no ensino a distância isso seria muito menos viável. Entende que parte da atuação do professor deve ser a de mostrar a importância daquele conteúdo que ele apresenta, ressaltar que valores ele traz.

Percebe os alunos numa atitude muito competitiva, acredita que isso seja reflexo da sociedade, que acaba promovendo a subjetivação deste valor por parte dos alunos; e entende que romper com isso é um dos papéis do sistema educacional como um todo e dos professores em particular.

Entende que a educação não consegue intervir muito nessa emancipação cultural e política, pois este conjunto de valores é sustentado por todo um sistema econômico e cultural, que se utiliza de várias formas de comunicação para atingir tal fim, e que então o esforço da escola e dos professores diante disso, se torna pouco efetivo.

Afirma que, apesar de todas as limitações, acredita que em parte, ou na sua

maioria, os alunos vão adquirir, valores éticos e morais interessantes para a vida em sociedade, mas que a questão emancipatória é pouco contemplada, inclusive por não ser o ideal de vários professores. Define que formar para o sistema que aí está não é formação, a formação seria para uma transformação, seria pela via da emancipação.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Acredita que em linhas gerais nós professores ainda somos muito pragmáticos, muito positivistas, distantes da realidade do aluno e ainda com o hábito de se colocar num pedestal. Destaca em sua fala um dos principais papéis do professor que é contribuir com os alunos na formação de alguns valores, e dentre eles destaca o desenvolvimento da capacidade de diálogo;

Falo para todo mundo... com os alunos, com as famílias, com os atletas... se as pessoas tivessem capacidade de diálogo o mundo não estaria desse jeito. . . . O problema é que as pessoas, e não deveria ser assim, agora tem muito mais informação e informação não é formação, mas eu vejo as pessoas com dificuldade de dialogar. Eu procuro muito exercitar isso na minha vida e na minha docência. Eu acho que o professor tem que ter capacidade de diálogo, pode parecer uma visão muito limitada, mas eu acho que se não tiver capacidade de diálogo não dá para ser professor. (Sujeito 8 - professor).

Afirma que sua carreira de professor possui dois momentos marcantes: o primeiro que é o como chegou a ser professor: afirma que foi uma escolha natural, pois seu pai e sua mãe são professores, inclusive da mesma área que ele, a educação física. E o segundo momento durante o mestrado, onde ele teve uma ruptura de paradigma enquanto trabalhador da educação; afirma que ao ter contato com determinados autores e conceitos mudou completamente sua maneira de ver o mundo, e que isso se aprofundou ainda mais no doutorado quando fez a opção de não fazer uma verticalização na área específica da educação física e optou por se dedicar à grande área da educação.

Afirma que os conteúdos ministrados, muitas vezes, são fatores motivadores para ele, que quando há maior identificação consegue se empenhar mais; quando o conteúdo é interessante, quando o conteúdo permite uma formação mais ampla para o aluno, se sente mais motivado, afirma que isso “mexe” mais com ele. Mas afirma com veemência que de fato o que mais lhe motiva dentro do processo ensino aprendizagem é a relação com os alunos. Observa que uma coisa que percebe como negativo no seu trabalho hoje em dia é que ele já se sente cansado, apesar de entender que com o passar do tempo e o envelhecimento isso é normal.

Afirma que como professor tem uma máxima, que busca dividir com todas as pessoas às quais tem acesso, sejam: pais, amigos, familiares e claro os alunos; de que: “as pessoas precisam aprender a ter diálogo”; defende que se tivéssemos melhor capacidade dialógica não teríamos tantos problemas pessoais, nem sociais. Vê essa falta de diálogo como um problema, pensa que não deveria ser assim porque na atualidade temos muito mais informação disponível, mas pondera que informação não é formação. Então como forma de contribuir busca colocar essa atitude de promover o diálogo como parte da sua

prática docente. Postula que o professor tem que ter capacidade de diálogo, considera que pode parecer uma visão muito limitada e radical, mas acredita que se não tiver capacidade de diálogo não dá para ser professor. Observa também que se não tiver sólidos valores morais e culturais também não dá, que para ser professor é necessário uma moral acima da média, e que também é importante uma formação cultural mais elaborada.

Entende que a partir de todo este contexto formativo e atitudinal é necessário o estudo: da didática, da metodologia e dos conteúdos. Nesta lógica de organização deve sim ser desenvolvidos: os estudos e as metodologias, mas a partir de uma base moral e cultural e de uma capacidade de diálogo.

Entende que o papel do professor precisa ser o de mediar o processo de aprendizagem, não pode deixar os aprendizes fazerem da forma que preferirem, mas também não devem impor estes conhecimentos a eles a partir apenas da sua ótica pessoal, é necessário a construção coletiva dentro da sala de aula.

Acredita que um aluno que pode se desenvolver bem dentro do processo ensino aprendizagem é aquele que tem interesse e participação. Entende que este perfil de aluno seria o ideal, mas que na realidade temos muitos alunos que são diferentes deste ideal, e cabe aos professores trabalharem com as diferenças, tentarem resgatar as pessoas que estão fora do contexto.

Acredita que consegue bons resultados dando atenção especial para os alunos, e também buscando variar as metodologias, entende que assim consegue deixar os alunos mais motivados. Busca dar atenção individualizada para que o aluno possa se sentir melhor.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Conta uma situação que viveu na qual encontrou com um ex-aluno, de décadas atrás, e que este falou maravilhas sobre a instituição, que havia sido aluno de um curso técnico e que a oportunidade de estudar ali mudou a vida dele; mudou em termos: sociais, intelectuais e profissionais.

Conta que nos seus vários anos de docência dentro da instituição, só teve uma aluna que afirmou não ter gostado do ensino e da formação recebida.

Afirma que o que lhe chama a atenção em um bom aluno é seu interesse e participação. Sendo que esse interesse e essa participação vêm da história de vida do aprendiz; acredita que é pela família que ele desenvolve esse interesse e essa participação. Conjectura que ela pode vir a também a posteriori, que o desenvolvimento e a participação se dê pela expectativa do que ele pode adquirir de conhecimentos que serão úteis para a vida dele. Finaliza a lógica considerando: que quando o aluno já vem com essa formação de casa, seguido de uma boa formação também na escola do ensino fundamental, e que assimila essa formação projetando-a para o futuro, *“esse aluno tem tudo para dar certo”*.

Entende que o aluno chega até a escola com hábitos anteriormente adquiridos e que isso foge ao nosso controle. Percebe alunos que já têm formação familiar mais sólida, onde há a valorização da leitura, do diálogo, da educação propriamente dita; acredita então que seja mais fácil trabalhar com esse perfil de aluno. Observa que no lado oposto da

moeda, existem alunos que vêm de contextos familiares desajustados, e estes são nosso principal desafio.

Acha que o aluno precisa adquirir maturidade para não fazer uma seleção precipitada e estudar apenas as disciplinas das quais gosta mais, pois entende que todas elas tem grande importância na sua formação geral.

Percebe que os alunos dos anos iniciais do ensino médio chegam mais motivados, mais ávidos pelo aprendizado, mais participativos; mas que com o passar do tempo vão perdendo essa motivação.

Pensa que no IFG, nos primeiros anos o aluno chega motivado, mas por um certo deslumbramento: com a instituição e com a liberdade que ela oferece, mas que com o tempo percebe que ela exige muito, e sofre algumas frustrações. Mas percebe que no IFG, de forma geral, os alunos são acima da média.

Entende que a influência que instituição exerce sobre o comportamento dos alunos é grande, e que a influência da família é decisiva, mas que o adolescente por viver numa esfera de aceitação social sofre muito os reflexos da influência do grupo; portanto acredita que as características do grupo são determinantes. Acredita que muitas vezes os alunos sofrem mais a influência do grupo de jovens da mesma idade do que da família.

Acredita que o ensino que é ministrado na instituição consegue atender as expectativas dos alunos, não de forma ótima ou excelente, mas atende. Faz essa conjectura considerando uma perspectiva macro, pois entende que não sabe exatamente quais são as expectativas dos alunos, mas pensa que a grande maioria deles encontram no IFG uma instituição acima da média.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Acredita que no que tange a relação professor aluno, a aproximação entre ambos do ponto de vista afetivo tem uma influência significativa para o processo ensino aprendizagem. A interação é uma arma efetiva para melhorar a motivação dos alunos, pois muitas vezes eles passam a gostar da disciplina em função do professor.

Entende que a atenção individualizada é uma forma de integrar melhor o aluno no processo ensino aprendizagem, faz com que ele se sinta mais valorizado. Observa que a capacidade de variação metodológica também é bastante efetiva para manter o interesse dos aprendizes.

Acredita que não é só mudar os meios de mediar o conhecimento (quadro e giz, data show, seminários etc.), mas que a grande transformação está em qualificar os conteúdos; entende que o professor precisa trazer informações mais ligadas à realidade deles.

Acredita que a relação mais próxima com os alunos, e a facilidade de diálogo, podem permitir ao professor atendê-los melhor nas suas dificuldades pessoais, e que esta atenção faz com que eles se sintam mais valorizados e se empenhem no aprendizado. Observa que isso certamente varia de aluno para aluno.

Observa que, de forma geral, muitos alunos não têm muita preparação para o diálogo; e quando encontram um professor, ou professores, que são diferentes, mais abertos ao diálogo, inclusive diferentes da base familiar deles, estes alunos têm a possibilidade de conversar; entende, então, que isso ajuda, que permite aproximações, mas que depende muito da iniciativa do professor.

Acredita que o professor ao se mostrar um pouco mais como “gente”, nas suas virtudes e nos seus defeitos, e ao se colocar como amigo deste aprendiz, faz com que ele consiga ficar mais próximo dos alunos e ajudá-los a superar suas limitações.

Entende que nesta relação professor aluno além de contribuir para a formação humana e para a emancipação para a vida, o papel afetivo é bastante importante. Acredita que o professor precisa mostrar para o aluno o que é interessante na aprendizagem.

4.8.1 Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 8

Tabela 15.
Resumo da entrevista do sujeito 8.

EIXOS	Resumo das ideias do sujeito 8
EIXO 1	Entende a educação do ser humano como um caminho para a necessária emancipação, assume essa conceituação porque entende que a educação não pode ser ferramenta para simplesmente reafirmar a sociedade atual. Analisa que a educação que temos hoje, especialmente no que tange a formação do cidadão trabalhador, é para atender a demandas mercadológicas. Entende que a educação precisa levar em conta pelo menos três eixos: a formação científica, a formação educativa (propedêutica) e a formação para a emancipação política. Define como negativo, dentro do sistema escolar, o fato de todas as redes terem como objetivo principal da sua atuação como agentes educativos a necessidade de preparar para o ENEM (Exame nacional do ensino médio).
EIXO 2	Acredita que nós professores ainda somos muito pragmáticos, muito positivistas, distantes da realidade do aluno e ainda com o hábito de se colocar num pedestal. Afirma que os conteúdos ministrados, muitas vezes, são fatores motivadores para ele, que quando tem maior identificação consegue se empenhar mais. Afirma que de fato o que mais lhe motiva dentro do processo ensino aprendizagem é a relação com os alunos. Postula que o professor tem que ter capacidade de diálogo, considera que pode parecer uma visão muito limitada e radical, mas acredita que se não tiver capacidade de diálogo não dá para ser professor. Observa também que se não tiver sólidos valores morais e culturais também não dá, que para ser professor é necessário uma moral acima da média, e que também é importante uma formação cultural mais elaborada.
EIXO 3	Afirma que o que lhe chama a atenção em um bom aluno é seu interesse e participação. Acredita que é mais fácil trabalhar com os alunos que já têm formação familiar mais sólida, onde há a valorização da leitura, do diálogo, da educação de forma geral. Percebe que os alunos dos anos iniciais do ensino médio chegam mais motivados, mais ávidos pelo aprendizado, mais participativos; mas que com o passar do tempo vão perdendo essa motivação. Entende que a influência que instituição exerce sobre o comportamento dos alunos é grande, e que a influência da família é decisiva, mas entende que o adolescente por viver numa esfera de aceitação social sofre muito os reflexos da influência do grupo; portanto acredita que as características do grupo são determinantes.
EIXO 4	Acredita que no que tange a relação professor aluno, a aproximação entre ambos do ponto de vista afetivo tem uma influência significativa para o processo ensino aprendizagem. Considera que a interação é uma arma efetiva para melhorar a motivação dos alunos, pois muitas vezes eles passam a gostar da disciplina em função do professor. Entende que a atenção individualizada é uma forma de integrar melhor o aluno no processo ensino aprendizagem. Considera que a capacidade de variação metodológica também é bastante efetiva para manter o interesse dos aprendizes. Acredita que a relação mais próxima com os alunos, e a facilidade de diálogo, podem permitir ao professor atendê-los melhor nas suas dificuldades pessoais, e que esta atenção faz com que eles se sintam mais valorizados e se empenhem no aprendizado.

Fonte: Elaboração própria.
Nota: Eixo 1 - representações sobre educação. Eixo 2 - identidade profissional e representações sobre o papel do professor. Eixo 3 - O aluno e suas características. Eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

Destacamos na fala do entrevistado o fato dele considerar a educação como um caminho de emancipação; entendemos que apesar de usar palavras diferentes, há uma concordância com a visão de outros professores, quando estes defendem uma formação crítica, para que os aprendizes tenham maior capacidade de entender e intervir no mundo onde vivem. Outro ponto de destaque é a importância que o entrevistado atribuiu à capacidade de diálogo dos professores com os alunos, ele a coloca como imprescindível para o exercício da profissão; na nossa concepção esta capacidade falta a muitos professores, inclusive o diálogo com os seus pares.

4.9 SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 9

Professor doutor em matemática, com vinte e dois anos de trabalho docente, possui experiência de gestão no curso de especialização em matemática. No IFG ministra a disciplina de matemática.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Considera a educação como fator essencial para a formação humana, seja: como pessoa, como agente social ou como formação profissional.

Acredita que a característica que a educação tem de possibilitar que o sujeito se torne: uma pessoa melhor, mais crítica, com competência para analisar a realidade e assim, poder emitir opiniões consistentes sobre esta, precisa ser mantida; a despeito de todas as mudanças pelas quais ela passa.

Não descarta a importância da educação como formação para o trabalho, acredita que em uma sociedade capitalista a possibilidade de conseguir um bom trabalho serve de fomento, de combustível para o aluno se esforçar mais.

Entende que o aluno, e as pessoas de forma geral, se quiserem alcançar melhores empregos e melhores salários, têm que continuar sempre estudando; entende que a educação seja uma alavanca neste sentido. E acredita que o que nós professores ensinamos em sala de aula é a base de tudo.

Considera que, aproximadamente de cinco décadas para cá, a nossa sociedade, com o advento da tecnologia, se desenvolveu bastante. Entende que muitas ferramentas educacionais foram criadas, mas que a velocidade da evolução da educação não acompanhou a velocidade dos avanços tecnológicos e também não conseguiu acompanhar as mudanças de perfil dos alunos.

Acredita que muitas vezes os alunos vêm para o processo educativo desmotivados, pois os conteúdos apresentados não lhes interessam, e ao mesmo tempo eles ainda não têm maturidade para dimensionar a importância deles. Faz uma crítica a representação social de que na sociedade capitalista ter sucesso é a mesma coisa que ganhar dinheiro, acredita que esta ideia seja verdadeira, mas apenas em parte. Observa que estudar não é necessariamente garantia de que você vai ganhar dinheiro.

Acredita que hoje muitas pessoas fizeram fortunas a partir de ideias, mas que são pontos fora da curva, que as pessoas não acordam todos os dias tendo grandes ideias. E

neste sentido observa que a grande massa das pessoas necessita seguir trabalhando, e que portanto temos que trazer conhecimentos para os alunos se qualificarem, mas sem privá-los de sua criatividade, de terem suas próprias ideias. Em relação ao acesso à educação e a qualidade do ensino ele nos diz que;

Dentro do nosso país eu vejo que, apesar da constituição garantir direito de todos a educação, infelizmente esse direito é negligenciado, e muitas vezes essa educação oferecida é de baixa qualidade. Então nós podemos dizer que educação nós temos no país, mas infelizmente a qualidade é baixa. (Sujeito 9 - professor)

Observa que o ensino no país é muito deficitário; que muitas pesquisas relatam que os piores alunos são os que querem seguir a carreira docente. Observa que ao analisar os alunos da graduação em matemática e física, onde também é professor, que eles chegam com um nível muito baixo de formação; mas pondera que o aluno entra ruim, mas sai bom. Acredita que deveria ser ao contrário, que os melhores alunos deveriam vir a ser professores. Acredita que estas representações, estas formas de perceber a educação, são forjadas pela falta de investimento, pelos baixos salários dos professores, mas que não é só isso, que falta um apoio cultural para a pessoa que queira se dedicar à carreira da educação. Afirma que não raras vezes escutou pessoas perguntarem: você trabalha ou só estuda? E que este tipo de questionamento é feito para as pessoas que se dedicam a estudar para ter melhor formação nas suas carreiras docentes, seja na formação continuada ou nas pós-graduações. Conclui então que como a educação é muito mal vista, esta maneira de percebê-la, acaba sendo uma influência negativa para que os alunos possam optar pela carreira docente.

Atesta que a educação é um fator transformador na vida do estudante; reafirma esta posição a partir da sua experiência profissional, mas também traz como testemunho sua própria história de vida, pois vem de família de classe social mais baixa, onde a mãe era professora e o pai lavrador, e hoje é doutor em matemática e por conta da sua formação tem boa remuneração, e que sua trajetória formativa lhe possibilitou conhecer vários lugares do mundo.

Acredita que a educação seja o ponto de partida, o elemento inicial para a vida em sociedade, mas pondera que só o fato de estudar não garante que a pessoa vá se transformar, que não é garantido que ela se eduque na sua completude; considera que existem pessoas que têm vários diplomas e mesmo assim são arrogantes, egoístas etc. Destaca que na escola o aluno aprende a se relacionar, dar valor à relação professor aluno, a ter compromisso com a aprendizagem, e que todo esse processo é o que de fato pode propiciar a transformação do estudante. Defende que esta educação não deve se encerrar após o término do ensino médio e nem depois do término do ensino superior.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Relata que o que lhe traz à carreira de professor foram as influências familiares, onde existem vários trabalhadores da educação. Relata que quando estava no ensino médio

se sentia um pouco perdido em relação à que curso superior escolher, e que sua mãe lhe sugeriu a matemática; isto em função de ser uma área na qual sempre teve muita facilidade. Relata que a partir desta escolha inicial acabou se apaixonando pelo curso, e seguiu sempre estudando e hoje é doutor em matemática, acredita que tem muito a contribuir com seus alunos, mas que ainda tem muito o que aprender. Pondera que apesar da sua identificação com a docência, ela também é importante por ser o caminho que encontrou para se sustentar e sustentar sua família.

Considera que existem duas características que são fundamentais para se ser um bom professor: em primeiro lugar o domínio do conteúdo, acredita que o professor tem que ser bem formado, saber sobre o que ele vai ensinar; e em segundo lugar ter boa didática. Observa que estas duas características, a seu ver, têm pesos não equivalentes, a didática é muito importante, mas não tão importante quanto conteúdo; considera uma proporção de sessenta por cento para o domínio do conteúdo e quarenta por cento competência didática.

Informa que na sua experiência sempre teve muita facilidade na relação com os alunos, pois começou a ensinar muito jovem, por volta dos dezoito anos, e em função da proximidade etária os alunos se identificavam com ele, e que assim desenvolveu uma empatia com os alunos. Pondera que no início da carreira teve algumas dificuldades de domínio da sala de aula, mas que hoje é tranquilo e não tem nenhum problema em administrar a relação com os alunos.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Acredita que muitas vezes os conhecimentos que a escola está propondo não são interessantes para o aluno, mas que por outro lado ele não tem maturidade para saber que pode precisar daquelas ferramentas científicas que a aprendizagem escolar lhe traz.

Afirma que a principal característica que precisa ter um aluno é querer aprender, e que a partir disso os outros fatores intervenientes podem ser solucionados. Acredita que de forma geral os alunos chegam para escola motivados, mas que o número de desmotivados tem aumentado nos últimos anos. Conjectura que a desmotivação do aluno não se deve apenas ao conteúdo, mas à falta de maturidade, e a uma falsa pressuposição social de que sucesso é sinônimo de dinheiro, e que esta ideia é apenas parcialmente verdadeira. Está implícito no raciocínio que ele apresenta, que o aluno percebe que a educação já não é mais garantia desse “sucesso”, e que, portanto, ele pode não atingi-lo, inclusive ele nem sabe exatamente que sucesso é esse que ele deseja.

Acredita que para o aluno o que mais lhe motiva é quando um conhecimento pode ser usado, aplicado; e o que o desmotiva é exatamente o contrário, não saber a que se presta tal conteúdo. Observa que na sua experiência no ensino de matemática, no que tange aos conteúdos, o aluno sempre pergunta: onde eu vou usar isso na minha vida?

Faz uma reflexão, pensando em todo o trajeto que o aluno pode percorrer dentro da sua formação acadêmica, e pondera que determinados saberes, ou conteúdos, especialmente da matemática, podem ser mais ou menos úteis na dependência de que curso superior o aluno irá se direcionar ou em que carreira profissional ele vai atuar. Relata

então que quando o aluno pergunta: professor onde eu vou usar isso na minha vida? Ele responde com outra pergunta: o que você pretende ser? E o aluno não sabe. Então como ele não sabe, e não está na hora de decidir, ele precisa ter aquela base geral, para que aquilo possa projetá-lo em direção da realização dos seus sonhos.

Acredita que muitos comportamentos dos alunos em relação à educação e ao processo ensino aprendizagem se dão em função de valores sociais que lhes são postos; que por exemplo: o aluno que é muito estudioso é rotulado com termos muitas vezes preconceituosos e pejorativos, são taxados de pessoas feias etc., e por outro lado o aluno que não estuda é o aluno “descolado”, popular. Acredita que nos países onde esta representação cultural é diferente, onde a dedicação aos estudos é valorizada culturalmente, o engajamento dos alunos seja maior.

Acredita que o conteúdo programático desenvolvido consegue atender às expectativas dos alunos, mas que certamente poderia ser melhorado, principalmente incorporando mais elementos do dia a dia do aluno. Entende que o aluno de ensino médio entra em sala de aula pensando simplesmente em ter uma boa nota na prova do ENEM; pondera, refletindo sobre a ironia desse comportamento, que o aluno deveria querer se tornar uma pessoa melhor, e por consequência ter uma boa nota no ENEM, mas que os valores são invertidos.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Acredita que, se o aluno quiser aprender, é possível desenvolver-se uma boa didática para ajudá-lo neste processo, mas que isso precisa vir do aluno. Observa que na maioria das pesquisas a que teve acesso, elas partem do princípio de que o aluno quer aprender, mas, acha muito peculiar a pesquisa para a qual ele ora está dando entrevista, pois ela questiona: se o aluno quer aprender? Se o que está sendo proposto condiz com as expectativas dele? Acredita que o resultado possa ser surpreendente. Contribui com o debate apresentando um análise de nosso modelo educativo;

Acredito que de uns cinquenta anos para cá a nossa sociedade, com o advento da tecnologia, se desenvolveu bastante, e muitas vezes as ferramentas educacionais ficaram na mesma velocidade. Eu não estou dizendo que não desenvolveu, porque houve um desenvolvimento sim, mas não na mesma velocidade, então eu acredito que o aluno hoje ele tem um ritmo diferente do que é proposto pela escola. Muitas vezes o que a escola está propondo não é interessante para o aluno, e o aluno também, por outro lado não tem aquela maturidade de saber que precisará daquelas ferramentas para a formação formal e científica dele. (Sujeito 9 - professor)

Acredita que a relação professor aluno precisa ser sempre de amizade e companheirismo, pois entende que ambos estão “no mesmo barco”. Considera neste sentido que eles podem crescer juntos, que o aluno crescendo o professor também cresce, porque estão possibilitando que a sociedade se torne melhor; e considera que esta mesma sociedade, melhorada, vai valorizar mais o professor.

Acredita que os alunos mostram claramente quando se identificam ou não com determinadas metodologias. Relata que na sua área, a matemática, defende em primeiro

momento a linha clássica, entende que seja necessário ter rigor, mas que como cientista matemático incorpora, dentro das suas metodologias, problemas atuais, sejam eles na área de: computação, engenharia, dinâmicas populacionais, bolsa de valores etc., e mostrando que a matemática pode ser aplicada em várias áreas, e que teve como retorno desta abordagem um aumento significativo no interesse dos alunos.

Acredita que o professor pode conseguir atender os alunos em suas questões particulares, que se o professor observar que não estão conseguindo acompanhar o fluxo das informações é conveniente dar um passo atrás, e ajudar estes aprendizes a recuperarem as informações que não foram aprendidas, possibilitando que estes consigam acompanhar o ritmo dos demais.

Faz uma consideração sobre o ensino no IFG em particular, observa que o domínio dos alunos em relação à matemática difere de curso para curso, que alguns, em função do seu viés profissionalizante já atraem alunos mais ligados à área de exatas, e que outros em contrapartida atraem mais alunos ligados às áreas de biológicas, e que portanto não pode impor o mesmo andamento dos conteúdos e da aprendizagem a todas as turmas.

4.9.1 Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 9

Tabela 16.
Resumo da entrevista do sujeito 9.

EIXOS	Resumo das ideias do sujeito 9
EIXO 1	Considera a educação como fator essencial para a formação humana, seja: como pessoa, como agente social ou como formação profissional. Acredita que a educação deve possibilitar que o sujeito se torne: uma pessoa melhor, mais crítica, com competência para analisar a realidade. Não descarta a importância da educação como formação para o trabalho, acredita que em uma sociedade capitalista a possibilidade de conseguir um bom trabalho serve de combustível para o aluno se esforçar mais. Observa que o ensino no país é muito deficitário; que muitas pesquisas relatam que os piores alunos são os que querem seguir a carreira docente. Considera que, aproximadamente de cinco décadas para cá, a nossa sociedade, com o advento da tecnologia, se desenvolveu bastante, entende que muitas ferramentas educacionais foram criadas, mas que a velocidade da evolução da educação não acompanhou a velocidade dos avanços tecnológicos e também não conseguiu acompanhar as mudanças de perfil dos alunos. Acredita que a educação seja o ponto de partida, o elemento inicial para a vida em sociedade, mas pondera que só o fato de estudar não garante que a pessoa vá se transformar, que não é garantido que ela se eduque na sua completude. Entende que em nosso país apesar da constituição garantir direito de todos a educação, infelizmente esse direito é negligenciado, e muitas vezes essa educação oferecida é de baixa qualidade.
EIXO 2	Considera que existem duas características que são fundamentais para ser um bom professor: em primeiro lugar o domínio do conteúdo, acredita que o professor tem que ser bem formado, saber sobre o que ele vai ensinar; e em segundo lugar ter boa didática; considera uma proporção de sessenta por cento para o domínio do conteúdo e quarenta por cento competência didática.

EIXO 3	Acredita que muitas vezes os alunos vêm para o processo educativo desmotivados, pois os conteúdos apresentados não lhes interessam, e ao mesmo tempo eles ainda não têm maturidade para dimensionar a importância deles. Considera que a educação seja um fator transformador na vida do estudante; reafirma esta posição a partir da sua experiência profissional, mas também traz como testemunho sua própria história de vida. Afirma que a principal característica que precisa ter um aluno é querer aprender, e que a partir disso os outros fatores intervenientes podem ser solucionados. Acredita que de forma geral os alunos chegam para escola motivados, mas que o número de desmotivados tem aumentado nos últimos anos. Conjectura que a desmotivação do aluno não se deve apenas ao conteúdo, mas à falta de maturidade, e a uma falsa pressuposição social de que sucesso é sinônimo de dinheiro. Acredita que para o aluno o que mais lhe motiva é quando um conhecimento pode ser usado, aplicado; e o que o desmotiva é exatamente o contrário, não saber a que se presta tal conteúdo. Acredita que muitos comportamentos dos alunos em relação à educação e ao processo ensino aprendizagem se dão em função de valores sociais que lhes são postos. Entende que o aluno de ensino médio entra em sala de aula pensando simplesmente em ter uma boa nota na prova do ENEM.
EIXO 4	Acredita que, se o aluno quiser aprender, é possível desenvolver-se uma boa didática para ajudá-lo no seu processo de aprendizagem, mas entende que esse querer precisa vir do aluno. Acredita que a relação professor aluno precisa ser sempre de amizade e companheirismo, pois entende que ambos estão “no mesmo barco”, considera que desta forma eles podem crescer juntos.

Fonte: Elaboração própria.

Nota: Eixo 1 - representações sobre educação. Eixo 2 - identidade profissional e representações sobre o papel do professor. Eixo 3 - O aluno e suas características. Eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

Destacamos da fala deste entrevistado o fato dele considerar a qualidade da formação acadêmica como o principal elemento para se formar um bom professor, entendemos que seja pertinente; mas, infelizmente os informes sobre educação nos mostram (MEC - Ministério da Educação e Cultura) que os jovens procuram cada vez menos a carreira profissional de professor e a maioria dos professores formados hoje no país são oriundos de universidades privadas, e são estudantes trabalhadores, não tendo, na maioria das vezes, uma boa formação.

Outro ponto que destacamos na fala do entrevistado é a percepção que ele tem de que a educação ofertada hoje nas escolas não consegue acompanhar o ritmo das mudanças tecnológicas que a sociedade vive, e também não consegue acompanhar as mudanças de perfil dos alunos; é um ponto de vista com o qual concordamos.

4.10 SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 10

Professora doutora em química, com trinta e cinco anos de experiência na docência. Já foi professora nas redes pública municipal e privada. É professora da PUC- go (Pontifícia Universidade Católica de Goiás). No IFG ministra a disciplina de química geral e a disciplina da área técnica de química ambiental.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Entende que a análise sobre o que é a educação precisa ser feita de acordo com a realidade do país. Acredita que as imposições das diretrizes da educação sobre o país como um todo, busca uma uniformização generalizada sem considerar as características regionais e locais, e que isso faz com que a educação perca muito. Observa que em relação a educação desenvolvida no nosso estado, vivenciamos uma realidade que é diferente de outros lugares do Brasil, e que ela não é menor só é diferente.

Considerando as dimensões continentais do Brasil, acredita que existem várias questões regionais interessantes para serem levadas para o dia a dia da escola, questões específicas que podem ser completamente diferentes de uma região para outra; e entende que isso pode enriquecer mais os trabalhos em sala de aula e ganhar mais a atenção do aluno. Não acredita que essa discussão diferenciada vai fazer com que o aluno aprenda menos.

Entende que essa pluralidade de experiências deveria servir como referência para a organização do processo ensino aprendizagem para que assim os erros de uns servissem de lição para os outros, mas infelizmente ignoramos as experiências alheias e acabamos cometendo os mesmos erros.

Entende que a escola deve atuar como um mundo diferente do mundo externo a ela, pois a criança entra muito cedo nela e fica por muitos anos, e que cabe a ela aproveitar essa oportunidade para exercer a função de introduzir e integrar estes aprendizes no mundo do pensar, o mundo do conhecimento.

Entende a educação como uma forma de enxergar o mundo com os olhos que sejam seus, e não os olhos dos outros; e que a educação deve se colocar de tal forma que possibilite que as pessoas consigam desenvolver suas capacidades de reflexão, análise e atuação. Acredita que nossa educação hoje não segue este paradigma, mas pensa que a educação deveria ser assim.

Considera que a educação de casa e a educação da sociedade são diferentes da educação escolar, entende que a educação da escola precisa possibilitar ao aprendiz adentrar ao mundo da melhor forma possível. Acredita que ela tenha a função de explicar para o aluno, de forma científica, o que acontece no mundo.

Relata que fica muito preocupada com a necessidade de cumprir uma grade programática tão extensa, que tenha que finalizar todo um livro, pois pensa que são informações demais; entende que o que deveria ser prioritário é pensar: o que é a aprendizagem? Como é que o professor vai ensinar? Como é que o aluno aprende? Se o aluno aprendeu? E se o aluno não tiver aprendido, não deveria haver problema em retomar o conteúdo, porque não vê sentido em prosseguir se ele não aprendeu.

Acredita que o professor pode ser o ponto positivo do processo educativo, isso se ele tiver uma boa formação continuada; mas pondera que infelizmente essa formação não é bem desenvolvida no Brasil.

Entende que o professor precisa estar preparado para trabalhar com o aluno que chegar em sua sala de aula, que precisa deixar de idealizar um aluno perfeito, e fazer o melhor possível para desenvolver as capacidades dos seus alunos reais. E que as expectativas lançadas pela base comum nacional em relação à figura do professor são irreais e negativas para educação.

Afirma preocupar-se com a rede regular de ensino, acredita que a escola pública não tem condições de colocar o aluno em uma universidade federal, em função da forma que é realizado o processo seletivo; se preocupa com a possibilidade do fim das cotas para alunos de escola pública, pois entende que prioridade de acesso à universidade pública deveria ser para alunos de escolas públicas.

Entende que a estrutura das escolas públicas é, de muitas maneiras, inadequada para o desenvolvimento do trabalho dos professores e por conseguinte para a aprendizagem dos alunos. Defende que para desenvolver as habilidades de pensamento dos alunos são necessários recursos de qualidade.

Observa que os alunos que são maioria em universidades particulares são alunos trabalhadores, que se ocupam dos seus empregos o dia todo para depois ir para faculdade, e ainda tendo que pagar por isso. Entende que as universidades públicas precisam ampliar a oferta de cursos que atendam aos alunos trabalhadores, principalmente no turno noturno.

Não acredita que os alunos saiam da escola preparados para o mercado de trabalho; não entende que o objetivo da escola pública seja esse, entende que a escola deve preparar o aluno para o mundo e não para o mercado de trabalho. Acredita que nem no IFG, que faz parte de uma rede de escolas profissionalizantes, o aluno saia preparado para o mercado de trabalho.

Acredita que os alunos egressos do IFG são os que conseguem as melhores notas no ENEM, são os que mais se destacam nos cursos universitários e assim conseguem também bons empregos.

Relata que hoje, na sua visão como profissional da educação, se vê muito cética em relação as tecnologias; não que não entenda que elas possam colaborar, mas não aceita o discurso de que podem ser a salvação para educação. Entende que elas permitem ao aluno apenas ouvir e ver, e que em geral não abrem espaço para que ele possa desenvolver uma participação ativa no seu próprio aprendizado. Entende que é necessário ativar o “cérebro” desse aluno. Observa que o que está faltando, é que essa qualidade venha lá do ensino fundamental, que se comece a trabalhar no ensino fundamental de forma que a pessoa leia, interprete o que está ali; pois acredita que a leitura trás todas essas possibilidades de desenvolvimento pessoal do indivíduo e de forma autônoma. Entende que o protagonismo que se espera do aluno, precisa passar pela sustentação de um bom sistema educacional, e que aí então o protagonismo se dará, depois de feita uma boa base, ele será capaz de ir além sozinho.

Acredita que nem toda a sociedade dá valor a educação, que tem duas classes sociais que particularmente valorizam mais: a classe alta, que não faz parte do nosso coletivo de alunos, e que têm condições de colocar seus filhos nas escolas particulares mais conceituadas e até mandarem para estudarem fora do país; e as pessoas da classe média, que são em grande parte nosso público, que veem na formação escolar uma possibilidade de ascensão social. Pondera que estas duas classes têm formas diferentes de pensar a educação, enquanto a classe mais alta tem como intensão a manutenção do seu domínio, a outra classe está tentando ascender dentro da hierarquia social.

Entende que o desrespeito e a desvalorização da educação que passamos nos últimos tempos, faz parte de um discurso muito frágil, que não consegue perceber o quanto um ensino de melhor qualidade poderia melhorar a sociedade de forma geral.

Acha que a educação contribui para melhorar o futuro dos nossos estudantes, mas que nós precisamos fazer mais.

Observa que esta geração de estudantes começa a se comportar a partir de outros

valores, diferentes das gerações anteriores, cita como exemplo o fato de que para esta nova geração ter um carro já não é mais uma questão de prioridade, como foi até a pouco tempo para as gerações passadas, porque ele tem outra consciência, que inclusive passa pela questão ecológica.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Acredita que o profissional da educação é muito pouco ouvido, que os dirigentes que tomam as decisões sobre as políticas educacionais, não se preocupam em dialogar com os professores que estão nas frentes de trabalho. Ressalta que, portanto o professor trabalha muito, mas é pouco ouvido, e que além de tudo lhes são impostas muitas cobranças, e que considerando todo esse quadro não é possível ser professor do jeito que ela gostaria e nem preparar o aluno com a qualidade que ela deseja. Mas ainda assim, com todo esse quadro, pondera que se bem formado, o ponto positivo da educação é o professor. Acrescenta ainda que percebe uma campanha apoiada por determinados setores da sociedade e por parte da mídia que tem a intenção de desqualificar o trabalho e a importância do professor e também da escola pública.

Observa que o trabalho e o conhecimento produzido dentro da sala de aula é desvalorizado, não é considerado como científico, inclusive dentro da própria instituição. E que a produção do conhecimento na universidade ainda é muito pragmático e entende como pesquisa somente o que pode se transformar em produto.

Conta que quando saiu do ensino médio foi aprovada para o curso superior em uma boa faculdade pública, e que na época os processos seletivos tinham como um dos critérios para o ingresso a renda familiar, e que as pessoas mais carentes eram mais bem assistidas, e que ela se sentiu contemplada com isso. Observa então, que se criou um laço psicoafetivo, pois como era ela atleta tinha orgulho em representar a universidade, pois sentia que sua presença ali dentro era valorizada.

Considera que chegou à profissão a partir de um fluxo de eventos que foram acontecendo na sua vida, isso aliada a formação familiar que lhe incentivava a atitude de ficar sempre atenta as oportunidades que a vida oferece, pois elas podem não aparecer de novo. Acredita que essa filosofia de vida deixou como marca em sua personalidade o comportamento de ser sempre muito curiosa e ficar sempre atenta a tudo e a todas as oportunidades. E dessa forma conseguiu entrar para uma universidade federal, sendo a primeira pessoa da família a conseguir tal feito; afirma que quando chegou neste espaço de formação ficou muito encantada com o ensino e a estrutura ali oferecidos.

Relata que depois de formada trabalhou por algum tempo em empresas de mineração, mas que isso ia contra seus princípios pessoais ligados ao cuidado com a natureza, então ficou atenta aos concursos para área da docência; chegou a trabalhar em várias redes de ensino (estaduais, municipais, privadas), até conseguir a aprovação para o serviço na rede federal de educação, nas antigas escolas técnicas. Afirma que se realizou como professora dentro desta rede.

Entende enty que ela tenha obrigaçy de ensinar, pois foi contemplada com muito acesso à educaçy e ny pode guardar isso só para ela. Nos apresenta sua percepçy sobre o papel do professor e sobre sua atuaçy;

Eu acho que ser educadora é um desafio! E todo dia a gente tem um desafio novo... eu acredito que ensinar é ty gratificante, já tinham me dito isso uma vez, que quando você vê o aluno, quando você vê o brilho no olho da criança, quando você vê... esse estalo... que ele mostra para você que ele entendeu! (Sujeito 10 - professora)

Entende que vivemos hoje uma imposiçy da necessidade de publicar artigos científicos, e que ela mesmo sendo doutora, entende que o artigo é pouco, que o dia a dia dentro de sala de aula com os alunos pode promover mais progressos para a educaçy do que os artigos. Relata enty que considera a vivência com os alunos uma coisa incrível, que você como professor ny envelhece, pois ano após ano você trabalha com alunos da mesma idade, enty parece que o tempo ny passa.

Relata que lhe incomoda a falta de apoio institucional para que ela possa melhorar como professora, que nós ny temos formaçy continuada, a menos que procuremos por conta própria, além da falta de espaço para desenvolver abordagens diferentes. Observa que se sente massacrada ao ver o potencial dos alunos e ny conseguir ajudar que eles se desenvolvam a contento, e que acha isso muito negativo.

Acredita que para se conseguir um bom trabalho como docente, o profissional precisa ser muito bem formado, tem de ser “*professor*”, considera que só os quatro anos de formaçy universitária ny sy suficientes, que é necessária a licenciatura, que o profissional precisa se formar enquanto professor. Considera enty que um bom professor tem que ser formado para ser professor! E que se ele ny tiver essa formaçy, a instituiçy tem essa obrigaçy de prepará-lo para entrar em sala de aula; observa que quando isso ny é feito o estrago é muito grande na vida do estudante.

Entende que muitos professores, por falta de preparaçy profissional, só entram em sala e despejam conteúdo sobre o aluno, mas que ny esty preparados para dialogar com o aluno, e assim ajudá-los nessa formaçy mais ampla. Pondera que se o profissional estiver preparado, subsidiado de informaçe s, se buscar sempre a formaçy continuada, se for capaz de rever-se como docente, estará apto a acompanhar essas novas geraçe s de alunos e auxiliá-las no seu desenvolvimento.

Relata que, ny raras vezes, alunos lhes contam histórias de que sofreram humilhaçe s por parte de determinados professores, professores esses que se acham muito superiores à tarefa de ensinar no nível médio; e que às vezes, esses mesmos professores, tratam os alunos de forma preconceituosa, por eles terem entrado na instituiçy a partir das cotas para escola pública. E reafirma seu ponto de vista, de que tudo recai na qualidade da formaçy continuada, e se pergunta: que professor é esse? Que qualificaçy ele tem para estar na sala de aula?

Acredita que esta geraçy é muito apegada à determinadas tecnologias, e que para o professor concorrer com o celular pela atençy do aluno é uma coisa muito difícil; considera que “*alguém*” está mostrando para o aluno que o celular vale mais a pena do que

a educação, e que isso é feito de forma massiva, e que o professor deve fazer essa luta diária contra essa ideia hegemônica, na busca de provar que estudar vale a pena. Informa que sempre ressalta para o aluno que esse discurso de que ele aprende com o mundo fora da escola, é falacioso, que ele só vai conseguir se desenvolver bem se tiver uma boa base de conhecimentos desenvolvida no ambiente escolar, e que se você não tiver essa base não vai obtê-la em nenhum outro lugar, pois na sociedade externa à escola o que prevalece é a concorrência.

Analisa seu perfil como uma profissional que ao mesmo tempo é muito próxima e protetora dos alunos, é rígida e exigente com a qualidade de aprendizagem deles; e que intervém na formação dos mesmos não só a partir dos conteúdos da sua disciplina, mas também atua sobre as atitudes que eles têm com relação ao aprendizado. Acredita que o diálogo é uma ação imprescindível. Observa que muitas vezes não temos a dimensão de o quanto o nosso trabalho de professor é importante na vida do aluno, tanto para potencializar quanto para dificultar.

Não acredita que o professor deva ignorar o livro didático e trabalhar só a partir de artigos científicos, que é preciso entender que estamos trabalhando com alunos de ensino médio.

Entende que a utilização do livro didático é importante para a aprendizagem dos alunos, e que seja importante valorizar o programa nacional do livro didático, porque é realizado com dinheiro público.

Afirma que uma questão que lhe desagradava significativamente é ouvir outros colegas de profissão, dentro da instituição, afirmando que os alunos não iriam aprender nada mesmo e, portanto, qualquer coisa que for ensinada estaria suficiente.

Afirma que contrariamente ao discurso patrocinado pelo atual governo o professor não doutrina ninguém.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Acredita que muitos alunos vieram estudar no IFG, não por identificação própria, mas pelo fato de os pais serem ex-alunos desta rede e imporem sua identificação aos seus filhos.

Percebe que o nível de qualidade e empenho dos alunos têm caído com o passar dos anos, afirma que esta percepção foi desenvolvida ao longo do seu tempo de trabalho dentro da instituição, acredita que os alunos hoje estão menos motivados.

Relata muita preocupação com o fato de o aluno chegar muito jovem à instituição; e que antigamente existia mais cobranças sobre os aprendizes por parte da família, principalmente no que tange a responsabilidade com os estudos e ao objetivo de entrar para o ensino superior. Conta que, uma vez, num diálogo com uma turma de alunos que estavam tendo comportamentos ruins e um desempenho baixo, que ouviu de um deles que só estava na escola porque era obrigado pela mãe; acredita que tal relato deixa implícito a falta de maturidade dos alunos, considera que essa falta de consciência sobre a importância da educação reflete na qualidade acadêmica deles.

Relata que, apesar de hoje o diálogo com os alunos estar mais difícil, que segue conversando com eles, porque eles não sabem o motivo de estarem na escola, e acredita que este esclarecimento é papel do professor.

Entende que o bom aluno é aquele que quer aprender, que quer estar na escola.

Observa que no IFG, que depois que o aluno é admitido para esse ou aquele curso, eles desenvolvem uma identidade grupal muito forte, e assim apresentam atitudes muito parecidas dentro de cada curso.

Observa que apesar de os alunos parecerem aparentemente alheios à realidade que os cerca, mas do jeito deles, eles estão muito atentos; e considera que esta atenção também recai sobre a figura do professor.

Acredita que principalmente no primeiro ano do ensino médio, eles sofrem uma decepção muito grande ao entrar no IFG, pois veem muitas de suas expectativas frustradas; acredita que para muitos vir a ser aluno do IFG era um sonho de vida, e que ao entrar em contato com a realidade da instituição e o contraste com o que imaginavam, acabam se frustrando. Então esta representação coletiva, acaba por influenciar a atitude dos alunos, assim assumem um comportamento de deixar de lado a aprendizagem e começar a ter descrédito em relação à sua formação. Pensa que isso acontece por eles começarem a ver que as coisas não são como eles imaginavam ou como os pais deles falavam, e entram em desânimo por não vislumbrarem o mesmo futuro que os pais tiveram por terem sido estudantes da rede.

Nos conta que, apesar de todas as limitações, ao encontrar alunos egressos da instituição ouve muitos relatos de como as intervenções que ela fez como professora mudou a vida deles; e observa que depois que os alunos têm mais maturidade para entender o processo educativo pelo qual passaram, que eles valorizam até as broncas que levaram.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Percebe que os alunos desta geração são diferentes, nem melhores nem piores, mas diferentes, e que o professor precisa estar atento a isso; e observa que estão entrando bastante jovens no ensino médio e não têm muita maturidade para enfrentar o processo de ensino aprendizagem. Destaca algumas características da sua maneira de se relacionar com os alunos;

Tem gente que briga comigo e fala que eu sou muito mãe, mas tem gente que brinca comigo e fala que eu sou um carrasco, que eu sou muito brava, que eu brigo muito com eles. Mas é tão interessante que eu sou muito séria com eles, chamo a atenção, questiono por que estão saindo da aula, questiono por que estão no celular. E sempre argumentando com eles, sempre na tentativa do diálogo, de questionar e ter um argumento de volta! Porque eu espero que eles falem! - Falem! - Eu falo isso para eles: - Eu cutuco vocês porque eu quero que vocês falem, vocês têm que aprender a se colocar. (Sujeito 10 -professora)

Observa que muitas vezes o excesso de conteúdo, que não leva em consideração o nível de desenvolvimento do aluno, faz com que ele chegue no final do curso cansado e

desmotivado; que neste momento eles já não focam mais na formação escolar e transferem sua preocupação para o ingresso na universidade.

Acredita que a escola precisa investir em maior qualidade estrutural e material para que o aluno possa aprender, pois entende que temos alunos com muito potencial, que se eles conseguem aprender com o pouco que recebem hoje, se tivessem melhores condições iriam muito longe.

Observa que os alunos estão atentos as atitudes e aos comportamentos dos professores e de alguma forma respondem a eles.

Acredita que a forma através da qual os conhecimentos são apresentados aos alunos é desmotivante para eles, e, então, eles se refugiam no celular.

Acredita que o trabalho com os primeiros anos dos cursos não pode ser atribuído a qualquer professor, pois entende que é necessário um perfil adequado para atender as características deste grupo e, assim, poder ajudá-los a manter sua motivação e a desenvolverem seu potencial individual.

4.10.1 Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 10

Tabela 17.

Resumo da entrevista do sujeito 10.

EIXOS	Resumo das ideias do sujeito 10
EIXO 1	Entende que a análise sobre o que é a educação precisa ser feita de acordo com a realidade do país; acredita que as imposições das diretrizes da educação sobre o país como um todo, busca uma uniformização generalizada sem considerar as características regionais e locais. Entende que a escola deve atuar como um mundo diferente do mundo externo a ela, pois a criança entra muito cedo nela e fica por muitos anos; cabe a instituição escolar aproveitar essa oportunidade para exercer a função de introduzir e integrar estes aprendizes no mundo do pensar, o mundo do conhecimento; a educação deve se colocar de tal forma que possibilite que as pessoas consigam desenvolver suas capacidades de reflexão, análise e atuação. Entende que a estrutura das escolas públicas é, de muitas maneiras, inadequada para o desenvolvimento do trabalho dos professores e por conseguinte para a aprendizagem dos alunos. Acredita que nem toda a sociedade dá valor a educação, que tem duas classes sociais que particularmente valorizam mais. Entende que o desrespeito e a desvalorização da educação que passamos nos últimos tempos, faz parte de um discurso muito frágil, que não consegue perceber o quanto um ensino de melhor qualidade poderia melhorar a sociedade de forma geral.
EIXO 2	Acredita que o professor tenha a função de explicar para o aluno, de forma científica, o que acontece no mundo. Acredita que o professor pode ser o ponto positivo do processo educativo, se ele tiver uma boa formação continuada; mas pondera que infelizmente essa formação não é bem desenvolvida no Brasil. Entende que o professor precisa estar preparado para trabalhar com o aluno que chegar em sua sala de aula, precisa deixar de idealizar um aluno perfeito, e fazer o melhor possível para desenvolver as capacidades dos seus alunos reais. Acredita que o profissional da educação é muito pouco ouvido, que os dirigentes que tomam as decisões sobre as políticas educacionais, não se preocupam em dialogar com os professores que estão nas frentes de trabalho. Acrescenta ainda que percebe uma campanha apoiada por determinados setores da sociedade e por parte da mídia que tem a intenção de desqualificar o trabalho e a importância do professor e também da escola pública. Entende que ser educadora é um desafio, um desafio novo a cada dia, mas que quando você vê o brilho no olho do aluno, onde ele mostra que aprendeu, é muito gratificante. Relata que, apesar de todas as limitações, ao encontrar alunos egressos da instituição ouve muitos relatos de como as intervenções que ela fez como professora mudou a vida deles. Entende que muitos professores, por falta de preparação profissional, só entram em sala e despejam conteúdo sobre o aluno, mas que não estão preparados para dialogar com ele e assim ajudá-los nessa formação mais ampla.

EIXO 3	Acredita que esta geração é muito apegada à determinadas tecnologias, e que para o professor concorrer com o celular pela atenção do aluno é uma coisa muito difícil; considera que “alguém” está mostrando para o aluno que o celular vale mais a pena do que a educação. Percebe que o nível de qualidade e empenho dos alunos têm caído com o passar dos anos. Relata que, apesar de hoje o diálogo com os alunos estar mais difícil, segue conversando com eles, porque eles não sabem o motivo de estarem na escola, e acredita que este esclarecimento é papel do professor. Entende que o bom aluno é aquele que quer aprender, que quer estar na escola. Observa que muitas vezes o excesso de conteúdo, que não leva em consideração o nível de desenvolvimento do aluno, faz com que ele chegue no final do curso cansado e desmotivado. Acredita que a forma através da qual os conhecimentos são apresentados aos alunos é desmotivante para eles, e que eles então se refugiam no celular.
EIXO 4	Percebe que os alunos desta geração são diferentes, nem melhores nem piores, mas diferentes, e que o professor precisa estar atento a isso. Observa que estão entrando bastante jovens no ensino médio e não têm muita maturidade para enfrentar o processo de ensino aprendizagem. Considera-se uma professora rígida e exigente, mas ao mesmo tempo busca cuidar dos alunos, entende que a empatia e o carinho sejam fundamentais.

Fonte: Elaboração própria.

Nota: Eixo 1 - representações sobre educação. Eixo 2 - identidade profissional e representações sobre o papel do professor. Eixo 3 - O aluno e suas características. Eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

Destacamos na fala da entrevistada a crítica que ela faz a homogeneização da educação em todo o país, por entender que o Brasil por suas dimensões territoriais tem muitas peculiaridades regionais que precisam ser levadas em consideração na organização das grades curriculares e dos conteúdos; consideramos esta ideia da entrevistada muito pertinente, e entendemos que tal identidade regional poderia atrair mais a atenção dos alunos, deixando-os mais motivados e engajados no processo ensino aprendizagem.

Outro ponto que destacamos é a percepção da entrevistada de como a tecnologia concorre com o professor pela atenção do aluno, e acredita que o professor perca essa disputa na maioria das vezes, mas o que mais nos chama a atenção na fala da entrevistada é o fato dela entender que essa intervenção é feita por grupos de interesse e que não é ingênua, mas exista uma intencionalidade por trás dela.

4.11 SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 11

Professor doutor em engenharia elétrica, com vinte e um anos de trabalho docente, possui experiência de gestão como coordenador de curso. Já trabalhou na rede pública municipal de ensino. No IFG ministra as disciplinas técnicas de circuitos elétricos e instalações elétricas.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Considera que o conceito de educação seja muito amplo. Observa que existe uma educação que infelizmente foi perdida pelo nosso aluno, que é a educação que vem da família; e considera que nesse sentido há uma inversão de papéis, mas não podemos fugir a essa responsabilidade; considera então que, mesmo não sendo pai ou responsável muitas vezes o professor tem que atuar como tal.

Entende que os pilares que sustentam a educação são: o respeito, a dedicação e a responsabilidade de ambas as partes, tanto do professor quanto dos alunos.

Observa que pelo rápido aumento do número de cursos e pela diversidade do perfil dos alunos, a qualidade do ensino no IFG caiu nos últimos anos. Acredita que a mistura

entre alunos de ensino médio e alunos de ensino superior promoveu uma contaminação nas atitudes dos secundaristas e isso fez com que eles perdessem um pouco o respeito pelos professores, que os levou a uma liberdade para a qual ainda não têm maturidade suficiente.

Acredita que a despeito de todos os problemas da escola o processo ensino aprendizagem ainda é muito positivo para os alunos, e tem uma função muito importante.

Entende que o aprendizado do aluno é muito importante e que não pode limitar-se apenas ao conteúdo; relata que muitas vezes prefere desenvolver o conteúdo dentro do possível, sem se preocupar com necessariamente cumprir todo o programa, e mesmo que os alunos saiam sabendo menos do que deveriam destes conteúdos, prioriza que eles sejam da mais alta qualidade possível, e que sirvam de base para os alunos continuarem aprendendo de forma autônoma.

Entende como ponto negativo dentro da escola o excesso de liberdade que o aluno tem, que chega no nível da falta de respeito; entende que o professor pode ser considerado como um amigo, mas que precisa haver limites, pois entende que um cumpre a função de professor e o outro de aluno.

Entende que o mercado de trabalho sempre vai ter lugar para o bom profissional, mas que hoje o bom profissional não é só aquele que sabe fazer as coisas. Defende que o futuro profissional pode: saber fazer cálculo, saber fazer projeto, saber projetar circuitos elétricos (cita esses exemplos, pois são conhecimentos da área técnica com a qual ele trabalha), mas que ainda assim ele precisa ter capacidade de ter boas relações humanas, precisa saber trabalhar em equipe, pois entende que ninguém é capaz de trabalhar sozinho e que a tecnologia não pode substituir isso.

Entende que pensar que a tecnologia, o computador pode substituir uma reunião, uma conversa, uma tomada de decisão coletiva é um grande engano; então reforça a ideia de que o aluno precisa ter uma formação humanística, que só a formação técnica não bastaria, e ressalta assim a importância das disciplinas de formação humana que estão presentes no currículo.

Entende que o sucesso em determinada área profissional, precisa de relacionamentos humanos para a aplicação dos conhecimentos que o profissional possui, precisa da interação, por isso defende a formação desse futuro trabalhador de forma integrada, tanto na parte técnica quanto na parte humana; pondera que muitas vezes infelizmente nossa instituição não tem conseguido fazer isso.

Entende que as condições materiais e salariais da rede federal de educação, apesar de não serem ideais, são muito superiores as condições de trabalho e de ensino nas redes municipais e estaduais, mas pondera que sempre é possível melhorar. Considera a partir dessa ótica que o sistema educativo no Brasil, de forma geral, é ruim, mas que nossa condição no sistema federal é de boa a excelente.

Entende que precisamos mostrar para o aluno que mesmo se ele atingir uma condição financeira estável, ele não deve se estagnar pensando só no dinheiro, que precisa continuar crescendo como pessoa. Acredita que o aluno precisa ter uma identidade afetiva com a profissão que vier a escolher, que é necessário gostar do que faz, e não ter como parâmetro de escolha somente a questão financeira. Faz a seguinte ressalva, que tem

consciência de que vivemos em um país capitalista, e que não é possível renunciar ao dinheiro, mas entende que seja necessário estabelecer prioridades, e colocá-las em uma ordem correta de importância. Relata que sempre instrui os alunos com o conselho de que o importante é se formar um bom profissional, pois o mercado sempre terá lugar para bons profissionais.

Acredita que a remuneração não é o principal fator para a felicidade e sucesso profissional, mas que a pessoa tem que ter satisfação pessoal com aquilo que faz, acredita que essa atitude gera um movimento positivo que pode levar esse profissional a atingir também melhores condições salariais; mas reforça que a medida da felicidade não é a mesma medida quantitativa da remuneração.

Entende que nosso papel na formação profissional do aluno, para motivá-lo a se engajar no processo de ensino aprendizagem, é mostrar a realidade da profissão e mostrar as potencialidades que cada aluno tem.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Observa que infelizmente muitos professores não têm sido bons exemplos para os alunos. Entende que essa relação, essa troca é bidirecional, que se o aluno mostra interesse, naturalmente o professor vai se interessar mais em ensiná-lo. Acredita que esta má qualidade de alguns poucos profissionais contribui para a fama negativa dos servidores públicos. Mas acredita que os que executam seu trabalho com dedicação e com responsabilidade se tornam bons exemplos para os alunos, seja como: pessoa, cidadão ou profissional.

Relata que chegou a ser docente a partir de uma trajetória muito particular: que após concluir seu curso como engenheiro eletricista, por haver muitas bolsas para pós-graduação na época, e por ele ter sido um bom aluno, foi convidado a entrar para o mestrado. Observa que na época, por certa comodidade, entendeu que a bolsa de estudos seria suficiente para sua sobrevivência. Relata que durante o mestrado começou a se identificar com a docência, que começou a dar aulas particulares para alguns amigos, e que também começou a dar aulas em um colégio estadual a convite do irmão que já trabalhava lá.

Relata que, então, no doutorado a escolha já foi direcionada, que ele queria seguir a carreira de professor e de pesquisador; observa que hoje ele é muito mais professor do que pesquisador.

Relata que hoje ama estar na sala de aula e a relação com o aluno, por mais difícil que ela esteja. Considera que tudo começou por um comodismo, mas se transformou em uma paixão.

Considera que uma das coisas que mais desmotivam o professor é que após todo o seu empenho para mediar um determinado conhecimento, buscando dar o maior apoio individual possível para cada aluno e de perceber sinais de que o aluno está aprendendo, ele chegar para fazer a prova e nem tentar fazê-la, desistir sem nem tentar, e preferir esperar

pela recuperação. Apesar da desagradável situação considera que ela é transitória, pois quando o professor observa que no lado oposto deste comportamento de alguns alunos, outros conseguiram avaliações muito positivas, entende que está realizando seu trabalho com qualidade.

Acredita que um dos papéis do professor é, a partir da especificidade de sua disciplina, fazer links com outras áreas de conhecimento, e também apresentar ligações deste conhecimento com a vida do aluno.

Informa que sempre procura analisar o porquê de os alunos não conseguirem aprovação em determinada disciplina, e que esta relação com o aprendizado é muito maior do que só um aprendizado técnico e uma nota.

Acredita que para ser um bom profissional da educação, você precisa gostar do que faz, e que isso vale para todas as profissões, que dessa forma se consegue bons resultados. Entende que o processo ensino aprendizagem é uma relação, muito mais do que passar um conhecimento, que é necessário ser responsável e ter respeito pelas diferentes características dos alunos e pelas suas dificuldades pessoais.

Acredita que a contextualização do conhecimento, o diálogo sobre a importância que ele pode ter na vida do aluno, é muito mais motivador para o engajamento deste no aprendizado do que a nota. Procura sempre trazer para os alunos um pouco de informação sobre como determinados pensadores produzem conhecimento e entende que isso seja motivador para eles. Apresenta exemplos específicos da sua área de conhecimento, relata que quando vai falar de circuitos elétricos usa elementos do cotidiano como: um ventilador, uma lâmpada elétrica etc., e usa essa proximidade com a realidade para que os alunos percebam o conhecimento no seu dia a dia.

Informa que uma abordagem que utiliza, e que às vezes não funciona tão bem, é não usar o livro didático; mesmo considerando a possibilidade de não dar certo não usar o livro didático acaba usando essa estratégia, pois entende que os livros da sua área foram editados em realidades diferentes da nossa e que não conseguem estabelecer este elo com as realidades específicas dos alunos.

Relata que não segue totalmente a ideia de já colocar nos planos de ensino os períodos de provas, pois entende que só é possível definir tais períodos depois de ter a percepção no desenvolvimento da aprendizagem das turmas.

Considera portanto que o plano de ensino precisa ser flexível, pois não adianta cumprir todo o conteúdo programático e o aluno não conseguir de fato um bom aprendizado; acredita que seja mais eficiente trabalhar uma quantidade menor de informações, mas que aquilo seja uma boa base para sustentar os futuros aprendizados do aluno, inclusive de forma autônoma. Acredita que falta este tipo de postura para o nosso professor.

Relata que se sente contemplado com a remuneração que recebe hoje para exercer sua função de professor, até mais do que ele acha que merece.

Reforça a percepção de que o professor hoje precisa atuar, além de sua função de professor, também como uma referência paterna, pois muitos alunos já não têm essa referência em casa, e que portanto mais do que ensinar temos que ser exemplos.

Pondera que tem consciência que muitos professores não querem assumir este papel e que têm esse direito, mas na sua perspectiva profissional, e a partir da sua grande identificação com a profissão, não acredita que tal atribuição seja um problema. Considera que certamente a ideia não é a de substituir a ausência que a referência dos responsáveis pode deixar nos alunos, mas quer pelo menos tentar amenizar essa falta; para tanto se coloca sempre aberto ao diálogo.

Acredita que hoje nossas condições de trabalho no IFG são boas, mas que mesmo considerando a tendência natural do ser humano de se acomodar precisamos sempre buscar ser cada vez melhores.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Acredita que os alunos hoje estão menos respeitosos, e que não conseguem lidar com a liberdade que têm, pois ainda não possuem maturidade suficiente para encarar isso com a devida responsabilidade. Isso faz ele ter atitudes inadequadas como: fazer uso de equipamentos eletrônicos em sala de aula para objetivos não pertinentes a matéria ou mesmo sua ausência à sala de aula; observa que estas atitudes são negativas para a aprendizagem e são piores do que tinham a tempos atrás.

Observa que o aluno de hoje tem chegado imaturos e arrogantes, achando que sabem quase tudo, chegando ao ponto de perderem o respeito dentro da sala de aula, além de apresentarem um comportamento de desinteresse pelo aprendizado. Observa que parece que o aluno só vive o dia de hoje e que não tem nenhum vislumbre do futuro, e nem sabe qual curso superior gostaria de fazer.

Observa que toda essa modernidade de nosso tempo, toda essa tecnologia tem produzido um *“tempo mais acelerado”*, e isto leva o aluno a acreditar em uma falsa maturidade. Percebe neste aprendiz que chega à escola três características principais: despreparo, falta de conhecimento do curso e muita arrogância.

Acrescenta a percepção de que o aluno tem perdido a humildade, para admitir a suas dificuldades e pedir ajuda, pois lhes parece que eles tem a pretensão de saber tudo, acham que tem todo conhecimento nas mãos através de um celular e uma rede de internet.

Relata que valoriza muito o trabalho em equipe, pois acredita que essa habilidade seja muito importante para qualquer profissional e que os alunos perderam muito esta habilidade pelo fato de agirem de forma muito individualizada, fazendo uso de seus aparelhos celulares e suas redes de informação. Reitera que esta formação para o trabalho em grupo faz falta para esses alunos, pois nenhum profissional é capaz de realizar suas tarefas sem contar com o apoio de outros trabalhadores; finaliza dizendo que nada na vida se faz sozinho.

Observa que muitas vezes os alunos chegam na sala de aula com níveis de conhecimento e de aprendizagem muito diferentes, e também são oriundos de diferentes classes sociais; e, muitas vezes, mesmo sendo de classes sociais semelhantes, vivem, na sua particularidade, situações muito diferentes.

Entende que uma característica importante para que o aluno se desenvolva bem dentro do processo ensino aprendizagem, em primeiro lugar, é saber o que ele quer da vida.

Acredita que apesar do aluno ingressar muito novo nos cursos de formação profissional, ele precisa buscar se identificar de fato com a área que escolheu, pois se não for o caso precisa mudar e seguir na direção de uma profissão com a qual ele tenha uma identificação afetiva, pois assim poderá se tornar um bom profissional. Observa que muitas vezes o aluno pode até se resignar e terminar o curso com boas notas, mesmo não gostando dele, mas lamenta isso, por entender que muitas vezes o aluno é movido pela nota, mas acredita que ainda assim ele não terá sucesso nesta profissão. Nos apresenta sua percepção sobre como nossas metodologias de ensino podem influenciar as atitudes e as motivações do aluno para aprender;

Eu acho que não existe motivação, motivação verdadeira, existe uma disputa por nota, e muitas vezes é culpa nossa. Porque você tem o aluno do curso técnico com quinze disciplinas e nós não conseguimos promover uma interação entre essas disciplinas! . . . Eu não sei quem é o professor de matemática, de física, de educação física; a gente se conhece nas reuniões. . . . Eu vejo uma dificuldade de você motivar para uma profissão ou mesmo para uma interação já que nós não fazemos isso, como é que você cobra aquilo que você não faz. (Sujeito 11 - professor)

Acredita que muitos alunos que entram para os cursos do IFG, não o fazem por escolha própria, mas por imposição dos pais ou familiares que já foram alunos desta rede. Observa que às vezes pensamos que este tipo de imposição é coisa do passado, que o aluno de hoje tem autonomia, mas na verdade continua acontecendo.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Acredita que a relação com os alunos é uma troca, que é bidirecional, e que quando o aluno mostra interesse pela disciplina o professor também se interessa mais por esse aluno.

Observa que apesar de todas as dificuldades citadas, o aluno ainda se espelha muito no professor, tem o professor como exemplo. Pondera que infelizmente muitos profissionais não são bons exemplos. Considera que muitos professores pela sua qualidade e postura profissional se tornam de fato bons exemplos.

E reforça a concepção de que um dos papéis do professor, nessa relação professor aluno, é servir de exemplo e de motivação; pondera que para conseguir tal nível de influência e de formação do aluno, o professor não pode se restringir somente ao conteúdo específico da sua disciplina.

Considera que o excesso de liberdade sem responsabilidade interfere negativamente na relação professor aluno, e que os alunos por não perceberem os limites acabam perdendo o respeito; considera que este comportamento gera prejuízo à aprendizagem, por provocar uma rejeição mútua, bidirecional. Afirma que não gostaria de voltar aos tempos autoritários, mas que o aluno precisa aprender a lidar com sua liberdade.

Ressalta que apesar dos aspectos negativos, observa que sempre existem aspectos

positivos, pois muitos alunos conseguem compreender sua maneira de atuar, de ser amigo, mas sem perder o respeito, e que assim conseguem se desenvolver muito bem; afirma que tal relação e a resposta positiva que ela traz lhe causa muita satisfação. Conclui portanto que a resposta passa por uma questão subjetiva, individual, que parte da turma consegue entender esse tipo de relação e outra parte não.

Entende que é importante o professor atentar-se às diferenças: sociais, culturais e econômicas dos alunos, pois tal percepção lhe permitirá melhor relação com a turma.

Relata que, como forma de atrair e motivar mais o aluno para o aprendizado, convida pessoas formadas na área profissional para a qual eles estão estudando para fazer relatos das suas experiências no mercado de trabalho.

Acredita que a interação com o aluno na produção de seu próprio conhecimento seja papel do professor e que isso seja positivo nesta relação professor aluno. Considera que não seja produtivo o professor querer impor determinada abordagem de ensino se o aluno não estiver reagindo de acordo. Reforça que este tipo de abordagem didática serve como motivação para alunos e também para os professores; e que esse envolvimento com o aluno, o fato de trazê-lo para participar da construção do seu próprio processo ensino aprendizagem, e de tirá-lo da função de simples receptor, promove maior engajamento do estudante no processo de aprendizagem.

Afirma que busca estreitar a relação com os alunos, e que, às vezes, solicita que eles venham até o quadro realizar exercícios, e diz não haver problema errar, que se houver erros, errar juntos. Acredita que essa proximidade pode propiciar um ambiente positivo de aprendizagem; mas faz a ressalva que pode ser uma faca de dois gumes, pois quando o aluno não tem maturidade para entender esse tipo de relação ela pode ser negativa. Ressalta que quando o aluno entende e concorda com a proposta de trabalho é possível ver na sua fisionomia; e que esta identificação faz com que ele passe a chegar para aula já predisposto ao aprendizado.

Acredita que muitas vezes o professor, para ajudar os alunos nas suas dificuldades pessoais, precisa desenvolver ações que normalmente não estão no seu rol de obrigações; cita como exemplo o fato de muitas vezes dar aulas de recuperação para grupos de alunos em períodos diferentes dos seus horários regulares de aula.

Acredita que essa ação, mesmo não sendo uma obrigação, é uma responsabilidade moral que ele assume enquanto professor, e que vê bons resultados na aprendizagem dos alunos. Relata que, apesar de isso não ser seu objetivo pessoal, mas que fica muito feliz quando encontra alunos no corredor e estes dizem que ele foi um dos seus melhores professores; relata que isso o faz perceber que conseguiu realizar um bom trabalho.

Acredita que conhecer os alunos é interessante, inclusive procura aprender o nome de todos eles, pois acredita que tratá-los pelo nome é um primeiro passo de aproximação, mas em função da grande quantidade de alunos em cada turma nem sempre isso é possível.

Relata que nesta relação professor aluno as vezes acontecem situações desagradáveis onde o aluno joga sobre as costas do professor toda a responsabilidade por não ter aprendido determinado conteúdo, mas entende que o professor precisa saber lidar com essas situações. Analisa a situação entendendo que o professor precisa sempre ter a

tranquilidade de saber que o aluno tem sua parcela de responsabilidade no processo ensino aprendizagem, mas também precisa ter a humildade de refletir sobre sua atuação e analisar se precisa promover revisões na sua metodologia de trabalho.

4.11.1 Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 11

Tabela 18.
Resumo da entrevista do sujeito 11.

EIXOS	Resumo das ideias do sujeito 11
EIXO 1	Observa que existe uma educação que infelizmente foi perdida pelo nosso aluno, que é a educação que vem da família e considera que nesse sentido há uma inversão de papéis; considera então que mesmo não sendo pai ou responsável muitas vezes o professor tem que atuar como tal. Acredita que o processo ensino aprendizagem ainda é muito positivo para os alunos, e tem uma função muito importante. Entende que o sucesso em determinada área profissional, precisa de relacionamentos humanos para a aplicação dos conhecimentos que o profissional possui, precisa da interação, por isso defende a formação desse futuro trabalhador de forma integrada, tanto na parte técnica quanto na parte humana
EIXO 2	Relata que muitas vezes prefere desenvolver o conteúdo dentro do possível, sem se preocupar com necessariamente cumprir todo o programa, e mesmo que os alunos saiam sabendo menos do que deveriam destes conteúdos, prioriza que sejam ministrados com a mais alta qualidade possível, e que sirvam de base para os alunos continuarem aprendendo de forma autônoma. Entende que nosso papel na formação profissional do aluno, para motivá-lo a se engajar no processo de ensino aprendizagem, é mostrar a realidade da profissão e mostrar as potencialidades que cada aluno tem. Informa que sempre procura analisar o porquê de os alunos não conseguirem aprovação em determinada disciplina, e que esta relação com o processo educativo é muito maior do que só um aprendizado técnico e uma nota.
EIXO 3	Acredita que os alunos hoje estão menos respeitosos, e que não conseguem lidar com a liberdade que têm, pois ainda não possuem maturidade suficiente para encarar isso com a devida responsabilidade. Observa que toda essa modernidade, que toda essa tecnologia tem produzido um “tempo mais acelerado”, e que isto leva o aluno a acreditar em uma falsa maturidade. Percebe neste aprendiz que chega à escola três características principais: despreparo, falta de conhecimento do curso e muita arrogância. Conjectura que hoje não existe uma motivação verdadeira, mas que existe sim uma disputa pela nota; e que muitas vezes isso é culpa do professor e da forma de organização do sistema educativo.
EIXO 4	Entende que os pilares que sustentam a educação são: o respeito, a dedicação e a responsabilidade, tanto por parte dos professores quanto dos alunos. Entende como ponto negativo dentro da escola o excesso de liberdade que o aluno tem, que chega no nível da falta de respeito; entende que o professor pode ser considerado como um amigo, mas que precisa haver limites, pois entende que um cumpre a função de professor e o outro de aluno. Entende que essa relação, essa troca é bidirecional, se o aluno mostra interesse, naturalmente o professor vai se interessar mais em ensiná-lo. Acredita que a contextualização do conhecimento, o diálogo sobre a importância que ele pode ter na vida do aluno, é muito mais motivador para o engajamento do aluno no aprendizado do que a nota. Observa que apesar de todas as dificuldades citadas, o aluno ainda se espelha muito no professor, tem o professor como exemplo. Entende que é importante o professor atentar-se às diferenças: sociais, culturais e econômicas dos alunos, pois tal percepção lhe permitirá melhor relação com a turma. Relata que nesta relação professor aluno as vezes acontecem situações desagradáveis onde o aluno joga sobre as costas do professor toda a responsabilidade por não ter aprendido determinado conteúdo, analisa a situação entendendo que o professor precisa sempre ter a tranquilidade de saber que o aluno tem sua parcela de responsabilidade no processo ensino aprendizagem, mas também precisa ter a humildade de refletir sobre sua atuação e analisar se precisa promover revisões na sua metodologia de trabalho.

Fonte: Elaboração própria.
Nota: Eixo 1 - representações sobre educação. Eixo 2 - identidade profissional e representações sobre o papel do professor. Eixo 3 - O aluno e suas características. Eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

Destacamos na fala do entrevistado uma questão central nos dias de hoje, que é a relação do aluno com as tecnologias; ele observa que esta relação é tão intensa com os vários recursos tecnológicos disponíveis, e, em particular, com os meios de comunicação em massa, têm levado os alunos a viverem em um “tempo mais acelerado”, percepção que já

aparece na fala de outros professores, mas acrescenta que tal advento traz ao aluno uma falsa presunção de conhecimento, juntamente com uma falsa presunção de maturidade.

Outro destaque nas ideias apresentadas pelo entrevistado é a denúncia que ele faz sobre como a educação que vem da família está desconstruída e como a responsabilidade de suprir este papel vem sendo transferida para o professor; ele particularmente, diferentemente de muitos dos outros professores, acha que o professor deve assumir este papel.

4.12 SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 12

Professora doutora em estudos literários, com quinze anos de trabalho docente, possui experiência de gestão na coordenação de área. Já foi professora nas redes pública estadual e privada. No IFG ministra a disciplina de língua portuguesa.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Nos apresenta um conceito sobre o que é educação e sobre como se desenvolve o processo educativo;

A educação é um processo coletivo! A gente se educa na convivência. Não se educa sozinho nem educa o outro, mas você partilha saberes, e nesse partilhar você vai se educando. . . . na minha perspectiva como docente... educar sempre foi um processo de mão dupla, o tempo inteiro eu estou dando e recebendo, eu saio de uma sala de aula com trinta alunos, eu aprendi muito mais do que eu ensinei na proporção de um para trinta. Então eu percebo sempre a educação nesse processo, que se dá na coletividade, e que se dá também a partir de uma concepção de mundo, que mundo eu tenho, que mundo eu quero ter, e nesse processo eu vou aprendendo sobre como o mundo está e como eu posso modificá-lo para chegar onde eu quero. (Sujeito 12 - professora)

Observa que neste processo de construção coletiva as pessoas vão: confrontando concepções, reafirmando certezas, desconstruindo certezas, aprendendo novos pontos de vista e novos processos.

Considera também a educação como algo plural, as palavras sempre são coletivas, plurais, porque existem aprendizados que não são totalizados, eu sei de coisas que os outros não sabem, os outros sabem de coisas que eu não sei, e essa pluralidade de conhecimentos é que vai construindo a educação de um tempo.

Observa que ensinamos os alunos a usar ferramentas, mas que esse uso se processa a partir da particularidade e das necessidades de cada aprendiz e portanto a aprendizagem não é igual para todos.

Considera que a escola seja o lugar onde aprendemos a lidar com frustrações, com o que não entendemos; e que talvez demore: vinte, trinta anos para conseguirmos entender os conhecimentos que nos foram apresentados. Considera a possibilidade de que determinados conhecimentos nunca venham a ser aprendidos por alguns indivíduos, mas que em contrapartida em determinadas áreas eles podem aprender com mais facilidade; e assim vamos descobrindo inclinações, identificações com determinadas áreas de trabalho.

Como docente entende a educação como um processo de mão dupla, e que o tempo

todo o docente recebe conhecimentos que proveem dos seus alunos, numa proporção maior do que a que ensinou.

Entende que a educação também passa muito pelo afeto, não acredita que a educação seja racional pura e simplesmente, observa que usamos muito o filtro da racionalidade quando pensamos a educação, mas que isso ainda é uma herança cartesiana de péssima qualidade.

Acredita que a educação também passa pela afetividade, e que isso também é um aprendizado, porque pensamos que o tempo inteiro estamos trabalhando com conhecimento e então descobrimos que também estamos trabalhando com afetos, pois o afeto nos permite parar para ouvirmos o outro, parar para entendermos o outro.

Relata que pensa a educação também na perspectiva da afetividade, de constituirmos vínculos, não em substituição ao pai e à mãe, mas afetos que se dão inclusive pela necessidade de compreender outro ser humano; eu me compreendo, eu quero compreender o outro então são espaços de afeto.

Analisa a educação no Brasil a partir de uma perspectiva histórica, e olhando por esta ótica a considera boa, a melhor que já tivemos historicamente falando;

Tenho feito um exercício de pensar em perspectiva! Porque se a gente fica muito sincrónico, muito no hoje, a gente enlouquece! Quando a gente coloca a perspectiva você fala: - Não está tão ruim quanto parece! – Então assim, eu escuto muito isso, que a educação está horrível, e eu me pergunto: - Quando foi boa? – Ela foi boa quando as atitudes incorretas dos alunos, na perspectiva do professor, eram punidas com violência física? Foi boa quando era para bem poucas pessoas? Foi boa quando foi só para o clero? Quando foi boa? Então quando as pessoas dizem que a educação está ruim, estão dizendo comparando com um lugar que é muito perigoso, que é um lugar idealizado do passado. (Sujeito 12 - professora)

Acredita que os alunos de hoje estão muito mais instrumentalizados, que têm muito mais acesso à informação do que na sua época de escola, reforça então que considerando a perspectiva histórica, a educação de hoje está muito melhor.

Considera que hoje passamos por uma época de crise na educação, mas que a crise também é libertária. Considera que os momentos em que não estamos em crise é porque aceitamos que só existe uma verdade. Considera, então que essa concepção da educação contemporânea, de crise, tem a ver exatamente com a qualidade que acreditamos que a educação precisa ter em contraponto com a realidade que temos.

Entende que tivemos um problema sério com a luta pela democratização da educação, usa uma metáfora para explicar: “*não aumentamos o tamanho do bolo, pegamos um bolo pequeno e dividimos por mais gente*”. Observa então que quando falamos que a educação perdeu a qualidade, isso está associado à falta de investimentos para a quantidade de pessoas que pretendemos alcançar. Entende que o problema que realmente temos na educação é de investimento. Investimento na formação do docente, investimento na infraestrutura da escola, investimento também no salário desse docente para que ele se sinta valorizado.

Entende que na perspectiva do investimento a educação não vive uma crise que tem a ver exatamente com esse lugar da luta pela democratização, mas a crise se dá em função

do investimento não ser democrático. Observa então que a escola é para todos, mas que não tem dinheiro para a todas as escolas.

Acredita que todos esses problemas têm a ver com uma intencionalidade de controle do saber e que a gestão do processo é encaminhada para que se tenha baixa qualidade para um determinado público, que na perspectiva de determinados grupos econômicos deve ocupar o papel “X” dentro da hierarquia das relações de trabalho.

Relata que percebe a escola como um espaço ambivalente, acredita que ela tem sido controlada, mas que também seja o lugar mais libertário que conhece. Observa que há uma tensão constante entre essa intenção de controle e o fato do saber não poder ser controlado, dele escorregar entre os dedos de quem tenta controlar.

Entende que precisamos ficar observando o que nos falta nessa educação, e que essa atitude é necessária para construirmos o futuro, e esse futuro se materializa a partir da percepção do que nos falta no presente e da utilização dessas informações para planejar o futuro; mas pondera que temos sempre que avaliar as situações em uma perspectiva ampliada, para assim percebermos o quanto já caminhamos e até onde já chegamos.

Acredita que toda essa tentativa de desconstrução da importância do papel do professor, que está acontecendo nos dias de hoje, se dá em função do medo que este grupo que está atualmente no poder tem da escola e de seus avanços. Entende que isso não seja uma lógica recente, mas está mais visível atualmente.

Entende que a aprendizagem tem efeitos similares em qualquer nível de formação, pois quando o aprendiz tem acesso a ela, começa a desconstruir verdades que haviam sido aprendidas com: pais, mães, avós, avós etc. Entende que este processo de mudanças, de um certo choque geracional, é parte normal de um processo histórico, e que o fato de isso ser demonizado, e essa culpa ser colocada sobre os ombros do professor, a assusta.

Acredita que o processo educativo contemporâneo, que permite que os alunos adquiram ferramentas que o ajudam a resolver problemas, seja muito importante e muito libertador. Mas considera como um grande problema que muitas vezes os professores pensam que têm que ensinar conteúdos e não ferramentas. Ressalta que essa pretensão se mostra ilusória à medida que no mundo de hoje o conteúdo é ilimitado, que todas as áreas do saber têm conteúdos ilimitados.

Observa que neste paradigma, se o aluno precisar resolver um problema e, ainda não tem a ferramenta necessária, ele é capaz de buscar autonomamente, tomando como base as ferramentas, os saberes e as habilidades que desenvolveu até então. Entende então que a aplicação prática dessas ferramentas no cotidiano do aprendiz potencializa suas habilidades.

Observa que, historicamente falando, nosso processo de alfabetização da classe trabalhadora foi muito tardio, e que por isso é muito recente, que tem por volta de meio século.

Acredita que o espaço da escola é um espaço de muito poder, e que atualmente, pelos avanços atingidos no sistema educativo, muitos sujeitos das classes mais pobres têm conseguido entrar para o ensino superior e vários deles são os primeiros da família a conseguir tal feito; observa que isso é um grande empoderamento para esses grupos sociais.

Considera, a escola como um espaço muito importante, muito empoderador, socialmente falando, mas considera que ela como instituição ainda não tem consciência disso. Observa também que a escola vive uma dicotomia, que não sabe se é uma instituição que pertence ao século dezoito, dezenove, vinte ou vinte um.

Entende que a relação do povo brasileiro com a aprendizagem, que muitas vezes é analisada de forma pejorativa, precisa ser pensada em perspectiva histórica, que não é porque o brasileiro aparentemente não goste de ler ou de estudar, que isso seja motivo para preconceitos, acredita que tal atitude se deve à nossa relação com a educação escolar ser historicamente muito recente; entende que ela irá evoluir à medida que a educação for se consolidando culturalmente. Entende que o processo colonizador e a escravidão marcaram nosso povo de uma maneira que faz com que nos olhemos sempre como inferiores.

Acredita que a escola seja o lugar para a ruptura com essas representações coletivas, afirma isso por entender que a família, possui limites, e que por vários motivos não é capaz de prover tal formação, e que o núcleo familiar acaba na verdade cumprindo um papel de reproduzir as tradições, por mais questionáveis que elas sejam.

Relata que evita pensar de forma muito linear em relação a escola e o mundo do trabalho, porque entende que temos hoje como paradigma hegemônico uma visão tecnicista, que tem como pressuposto a instrumentalização da educação para a simples formação de mão-de-obra. Entende que o trabalho faz parte da vida futura dos alunos, e que na verdade, já faz parte da vida presente de muitos deles, mas que este trabalho precisa ser pensado a partir de outras perspectivas.

Considera que do lugar da linguagem, que é sua área de atuação, a escola certamente contribui para a vida profissional desses alunos. Considera que ao pensar sobre a linguagem e a comunicação, pensa em um sujeito que consegue se dizer; e que se ele consegue dizer sobre si mesmo, consegue: defender seu ponto de vista, argumentar, negociar etc., e que assim é possível minimizar o processo de exploração que o trabalho pode trazer. Observa que sem essa capacidade comunicativa o sujeito tende, portanto a ser massacrado em todas as esferas, pois ele não vai conseguir se dizer e vai se encolher. Entende que isso seja um processo extremamente negativo para ele como trabalhador, e pondera que, na lógica atual, o mercado de trabalho precisa desse sujeito encolhido, com medo de ser demitido, porque aí não saberá fazer negociações. Entende então, do seu lugar enquanto professora de língua portuguesa, que a educação contribui para esse sujeito na perspectiva do desenvolvimento dessas habilidades que irão permitir a ele: confrontar o trabalho, não naturalizar os processos de exploração e também permitir que possa perceber quando ele estiver sendo o explorador dentro daquela cadeia.

Entende que esta contribuição na formação do trabalhador é esperada, até porque a escola faz parte deste sistema que aí está. Pondera que em se pensando na ótica deste sistema de trabalho que está posto, não sabe se formamos um trabalhador eficiente; ou se, por outro lado, conseguimos transformar esse cidadão em um sujeito empoderado, dentro da lógica do pensamento progressista; acredita que por ser resultado de um processo educativo ambíguo, a formação obtida ao final deste é conflituosa e ambivalente.

Observa que dinâmicas opressivas e pouco humanas fazem com que o trabalhador

perca sua motivação, e também fazem com que o trabalho deixe de fazer parte de sua identidade; observa que essa mesma lógica se reproduz em relação ao aluno e a escola.

Observa então, que apesar de perceber todo o potencial transformador da escola, acredita que acabamos entrando nessa lógica burocrática e fazemos parte desse processo de aniquilação do aluno e que isso contribui para aniquilação do trabalhador.

Reflete que tal questão é muito complicada, porque se a única motivação para aprender é se colocar no mercado de trabalho, a educação não irá funcionar. Afirmo que por isso acredito em uma educação transformadora, acredito que a escola precisa ser esse lugar de transgressão, porque assim o sujeito poderá vislumbrar o processo educacional como uma possibilidade: de mudar, de se conhecer, de conhecer o mundo e não de virar simplesmente um apertador de parafusos.

Relata que não tem expectativas positivas sobre o futuro, define-se como distópica; considera que o futuro é a escolha que temos tomado como humanidade, e que estas escolhas têm sido problemáticas, que estamos deixando para os alunos um mundo terrível, e ficamos projetando sobre eles a responsabilidade de fazerem dele alguma coisa melhor. Observa que fala nas distopias, porque elas sempre têm uma ponta de esperança; relata que o que observa nas distopias é que apesar de colocarem o mundo como um lugar piorado, elas entendem que esse é o momento de encontrarmos uma nova solução.

Considera que o seu trabalho é voltado para essa próxima geração da humanidade, para que ela consiga respostas para coisas que nós não conseguimos. Considera que avançamos em muitas coisas, pioramos em outras, mas que é preciso entendermos que a educação não vai mudar nada, quem vai mudar as coisas são as pessoas.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Observa as mudanças de postura que aconteceram ao longo de sua carreira, pois no início, entendia que não deveria ser amiga dos alunos, que deveria sim ser competente, e observa que hoje continua com o ideal de ser competente, mas acredita que seja possível administrar uma relação de amizade; amizade não como a dos colegas de sala, não como a dos familiares, mas outro tipo de amizade que pode ser preenchido pelo profissional da educação.

Observa que trabalha com letramento e que letramento significa aprender a ler; mas pondera que é um processo contínuo de aprendizado, que pode acontecer de estarmos letrados em um tipo de situação e quando surge uma nova situação temos que nos letrar novamente.

Entende que qualquer trabalho tenha suas dores e delícias, e que isso se dá também com a educação. Considera que a escolha profissional é importante, porque ela reflete o fato de podermos escolher viver uma vida só com dor, em um emprego que não gostamos, ou a dor e a delícia em um trabalho que gostamos, mas que de vez em quando nos faz sofrer.

Relata que no início do ensino básico pensava em ser jornalista. Relata que quando

terminou o ensino médio ficou em dúvida, e que a única certeza que tinha era o gosto pela linguagem, e que a escolha seria para uma área relacionada a isso. Relembra que se viu em uma encruzilhada por não haver muitas opções de universidade em sua cidade, e que para fazer determinados cursos teria que mudar; assim optou por letras que era um curso que tinha em sua cidade. Afirma que no decorrer do curso se apaixonou pela área de letras e desistiu do jornalismo. Relata que se apaixonou especialmente pela questão da leitura e da literatura, e que se especializou nestas áreas através do mestrado e do doutorado.

Relata que um fato marcante de sua história, que a fez ter convicção de que queria ser professora, foi a palestra de um pesquisador que ela assistiu; informa que ouviu tudo avidamente, e que perguntou para o palestrante o que fazer depois do término do curso, e que ele disse que como professora ela tinha duas escolhas: ser professora de escolas privadas, onde ela até poderia ganhar melhor, ou ser professora de escolas públicas, onde a despeito de todos os problemas, ela poderia fazer algo de diferente para os alunos, que poderia fazer algo em que realmente acreditasse; e que então aquela fala a fez decidir que seria professora, e que seria professora da educação pública. Relata que até trabalhou na iniciativa privada, pois precisava de dinheiro, mas que sempre se sentiu professora da educação pública. Relata que levou em consideração também o fato de ter feito toda a sua formação escolar em escolas públicas.

Afirma que sempre se pergunta quais são suas motivações para ser professora, e que já mudou de resposta várias vezes durante sua carreira, mas que um fator motivador sempre se mantém: a consciência da potência transformadora que existe na educação. E observa que esta potência transformadora lhe transforma constantemente, se sente extremamente egocêntrica por esta percepção, porque acha que ela não transforma ninguém, mas que os alunos a transformam muito; considera que eles sempre trazem coisas novas e que isso sempre resignifica sua existência.

Afirma que gosta desse exercício da docência, dessa relação com os alunos, porque é muito transformador, porque eles lhe instigam sempre a repensar suas convicções. Acrescenta que, de vez em quando, se sente também ajudando na transformação de alguém, que de vez em quando olha para os alunos e percebe o quanto eles mudaram desde o começo da interação entre eles. Reafirma que gosta disso, pois faz com que se sinta viva, que está se transformando e participando do processo de transformação de outras pessoas.

Afirma que o lugar que mais gosta na escola é a sala de aula, que mesmo quando está muito cansada, ao chegar na sala de aula, se sente em outro mundo, em seu lugar preferido e, assim, esquece até o cansaço.

Relata que detesta a burocracia da escola, mesmo entendendo que muitas vezes ela é necessária; relata que não gosta: de ter de fechar notas, não gosta de o sistema avaliativo ser meramente quantitativo, que não gosta de reuniões improdutivas etc., afirma que ao contrário da interação com os alunos isso é o que mais a desmotiva.

Acredita que um bom professor tem como principal característica ser comprometido com o que faz, entende esse comprometimento no sentido de ter a dimensão da importância do que fazemos para assim fazê-lo o melhor possível;

Eu penso que um bom professor ele é principalmente comprometido com o que faz! Eu posso até não saber alguma coisa, mas se eu sou comprometido com o que eu faço eu vou atrás, corro e descubro, encontro alternativas! E comprometido não naquele sentido religioso, de compromisso firmado, mas é de você saber que há pessoas ali que estão no seu espectro de atuação e precisam desse comprometimento, porque quando você deixa isso de lado você compromete a existência dessas pessoas, aquela habilidade dele vai ficar limitada.... Então eu acho que essa parte, esse comprometido no sentido de entender a importância do que você faz, para você fazer bem feito dentro das suas possibilidades. (Sujeito 12 - professora)

Entende que já está implícito na carreira de professor que você tem sempre que se esforçar o máximo possível para realizar com êxito o seu trabalho, mas que ainda assim em algum momento você vai se frustrar.

Entende que um professor para se inserir nesta contemporaneidade da educação precisa ser um professor que saia do lugar comum, que saia do conforto das verdades estabelecidas pelo nosso tempo. Considera que precisamos ser aquele que, de alguma maneira, vai desconstruir essas verdades absolutas, especialmente neste momento em que as pessoas estão querendo reforçar verdades estabelecidas. Entende que tais verdades não cabem mais, que o mundo mudou.

Observa que várias áreas do saber têm mudado, avançado diariamente, e que têm pessoas que ainda continuam a pensar a partir de verdades cristalizadas, acredita que isso seja muito perigoso. Entende que esse professor, que pensa a educação a partir da reprodução dessas verdades cristalizadas e que não está aberto às transformações, seja muito nocivo para a educação. Acredita que este tipo de abordagem reforça um estigma ruim que a educação tem, que é de preservar coisas ruins; considera então que o professor tem que estar comprometido e tem que entender que o tempo exige transformações.

Observa que os professores que são mais significativos na vida dos alunos são sempre aqueles que estão abertos a entender as transformações de seu tempo, aqueles que pensam o tempo como um fluxo contínuo e não como uma água parada.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Acredita que o aluno quando a princípio tem inclinação para a área de exatas, acaba por desprezar a área de linguagens, mas entende que em muitos momentos da vida ele vai precisar dessas ferramentas, então se ele aprender, se desenvolver essas habilidades, poderá usá-las no seu futuro quando for necessário.

Acredita que nós estamos formando técnicos, que esta é a característica da nossa rede, mas entende que esses alunos não serão técnicos para sempre, acredita que conseguimos, muitas vezes, desestruturar essa demanda mercadológica, porque apesar de formarmos técnicos, formamos técnicos que questionam.

Considera que o aluno também precisa desenvolver a consciência da sua responsabilidade e das suas possibilidades como aprendiz, e que tanto quanto o professor, mesmo que os papéis sejam diferentes, ele precisa saber que ao estar em um espaço de aprendizagem tem a responsabilidade de fazer o seu melhor para se desenvolver. Considera que a partir desse comportamento consiga entender criticamente esse tempo presente e

assim desconstruir o que não estiver funcionando muito bem, para poder reconstruir de uma maneira melhor. Considera que o conhecimento que ele pode vir a construir pode ajudar a negar e a superar os conhecimentos passados; acredita assim que o aluno precisa estar aberto ¢s várias dimensões e possibilidades de conhecimento.

Acredita que dentro de nossa instituição são desenvolvidas relações e intervenções que são negativas para a motivação do aluno. Observa que ao reencontrar alunos do primeiro ano, quando estes já chegaram no quarto ano, eles estão desmotivados, sem aquela empolgação, sem aquela vontade de participar que tinham no início do ensino médio. Acredita que o sistema educativo é um dos responsáveis por tirar dos alunos essa vontade de aprender.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Acredita que o melhor lugar da escola seja a sala de aula, e afirma que o que mais a motiva a trabalhar com educação seja a relação entre professor e aluno.

Relata que tem ficado ansiosa e temerosa em relação ¢ relação professor aluno nestes últimos tempos, porque a figura do professor tem sido tão atacada, tem sido atribuída a ele a culpa de doutrinar os alunos em determinado sentido ideológico, de ensinar conhecimentos que contrariam os princípios familiares; e dentro deste processo de desconstrução da figura do professor os alunos têm sido instruídos até a filmar a fala deles para intimidá-los com processos judiciais, e diante desta realidade tem tido receio até de dialogar com os alunos com a liberdade que acredita necessária.

Observa que a modernidade tem trazido muitas pressões que recaem fortemente sobre os alunos, e que ela percebe o aumento no número daqueles que: tentam suicídio, que se mutilam, que desde muito jovens tomam remédios para tratar distúrbios diversos etc., e que isso a deixa muito preocupada e angustiada.

Entende que a situação é muito problemática e que é importante que o canal de diálogo desta relação entre professor e aluno esteja sempre aberto, para que ele possa vir conversar quando precisar de ajuda; pondera que tem claro que temos nossas limitações profissionais, e que precisamos muitas vezes encaminhá-los para os profissionais competentes.

Acredita que é muito importante acompanhar os alunos da forma mais individualizada possível, mas que é uma tarefa difícil dada a quantidade de aulas e de alunos que temos. Entende que de certa forma temos pouco tempo para interagir e para conversar com os alunos; considera que muitas vezes precisamos discutir alguma questão em particular com este ou aquele aluno, mas não temos tempo disponível. Relata que, mesmo tendo as dificuldades inerentes a esse perfil de professor, tenta construir uma relação de colaboração, onde ambos se coloquem como parceiros no processo ensino aprendizagem.

Relata que sempre busca valorizar o saber dos alunos, e que coloca para eles que a responsabilidade dela como professora na relação entre eles é a de mediar determinados conhecimentos que ela tem a mais do que eles por ser mais velha, por já ter estudado mais,

mas que nŷo é necessariamente por ser mais sábia e inteligente do que eles. Considera importante ent o, manter esse canal de diálogo aberto e nŷo se colocar como dona da verdade.

Relata que na particularidade da sua área de trabalho usa o texto literário como forma de terapia; relata que se há algum tema que precisa ser discutido em determinada turma leva um texto, e assim nŷo precisa falar diretamente; se utiliza da literatura para falar por ela, e a partir dessa dinâmica dá voz aos alunos, ajudando-os a discutir e a refletir sobre suas experiências e sobre seus problemas.

Relata que se sente incomodada quando os canais de diálogo nŷo funcionam e os alunos nŷo dão retorno, mas entende que tal situação precisa ser analisada com tranquilidade, e é preciso ter ci ncia que o professor tem seus limites, que nŷo   mãe e nem psicóloga, e que, portanto, nŷo vai conseguir resolver tudo sozinha, que   necessário um trabalho coletivo. Mas reitera que acredita que a relação professor aluno seja muito mais produtiva quando o canal de diálogo está aberto nessa mão dupla.

Entende que inclusive as perspectivas diferentes a partir das quais os professores abordam um mesmo assunto sejam importantes para o aprendizado dos alunos.

4.12.1 Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 12.

Tabela 19.
Resumo da entrevista do sujeito 12

EIXOS	Resumo das ideias do sujeito 12
EIXO 1	Entende que a educação seja um processo coletivo, que o ser humano se educa na convivência, nŷo se educa sozinho e nem educa o outro, há uma partilha de saberes, e neste partilhar vai se educando. Observa que ensinamos os alunos a usar ferramentas, mas que esse uso se processa a partir da particularidade e das necessidades de cada aprendiz e portanto a aprendizagem nŷo é igual para todos. Entende que a educação também passa muito pelo afeto, nŷo acredita que a educação seja racional pura e simplesmente. Entende que se analisarmos a educação no Brasil, a partir de uma perspectiva histórica, que ela pode ser considerada boa, e que neste contexto � melhor que em todas as outras épocas. Relata que percebe a escola como um espaço ambivalente, acredita que ela tem sido controlada, mas que também seja o lugar mais libertário que conhece. Acredita que o espaço da escola é um espaço de muito poder, e que atualmente, pelos avanços atingidos no sistema educativo, muitos sujeitos das classes mais pobres têm conseguido entrar para o ensino superior.
EIXO 2	Como docente entende a educação como um processo de mão dupla, e que o tempo todo o docente recebe conhecimentos que proveem dos seus alunos. Acredita que toda essa tentativa de desconstrução da importância do papel do professor, que está acontecendo nos dias de hoje, se d� em função do medo que este grupo que está atualmente no poder tem da escola e de seus avanços. Considera que o que mais a motiva no trabalho de professor é a consciência da potência transformadora que existe na educação. Afirma que o lugar que mais gosta na escola é a sala de aula. Considera que o essencial para ser um bom professor é o comprometimento; pois entende que tal atitude seja mais importante até que um doutorado ou pós-doutorado, porque considera que o profissional comprometido encontra mais respostas para os problemas do seu dia a dia.
EIXO 3	Observa que dinâmicas opressivas e pouco humanas fazem com que o trabalhador perca sua motivação, e também fazem com que o trabalho deixe de fazer parte de sua identidade; observa que essa mesma lógica se reproduz em relação ao aluno e a escola. Reflete que tal questão é muito complicada, porque se a única motivação para aprender é se colocar no mercado de trabalho, a educação nŷo irá funcionar. Considera que o aluno também precisa desenvolver a consciência da sua responsabilidade e das suas possibilidades como aprendiz e precisa saber que ao estar em um espaço de aprendizagem tem a responsabilidade de fazer o seu melhor para se desenvolver. Observa que a modernidade tem trazido muitas pressões que recaem fortemente sobre os alunos, o que tem causado aumento no número daqueles que: tentam suicídio, que se mutilam e que tomam remédios para tratar distúrbios diversos.

EIXO 4

Relata que tem ficado ansiosa e temerosa em relação à relação professor aluno nestes últimos tempos, porque a figura do professor tem sido atacada, tem sido atribuída a ele a culpa de doutrinar os alunos em determinado sentido ideológico. Acredita que é muito importante acompanhar os alunos da forma mais individualizada possível, mas que é uma tarefa difícil dada a quantidade de aulas e de alunos. Relata que sempre busca valorizar o saber dos alunos, e deixa claro para eles que sua responsabilidade como professora na relação entre eles é a de mediar determinados conhecimentos que ela tem a mais do que eles.

Fonte: Elaboração própria.

Nota: Eixo 1 - representações sobre educação. Eixo 2 - identidade profissional e representações sobre o papel do professor. Eixo 3 - O aluno e suas características. Eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

Destacamos na fala da entrevistada a percepção da ambiguidade que se representa no espaço escolar, como lugar de controle, mas também como um lugar libertador. Outro destaque são as considerações sobre a cultura da opressão sobre a figura do trabalhador, opressão esta que ela entende que se repete na sala de aula.

Destacamos também o fato dela, diferentemente da maioria dos entrevistados, considerar que ao olharmos a qualidade de nossa educação em uma perspectiva histórica, ela é boa; fazendo essa análise sem desconsiderar o fato de que ainda precisamos melhorar muito.

4.13 SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 13

Professor mestre em filosofia e doutor em história, com quatorze anos de trabalho docente. Já foi professor da rede privada de ensino. No IFG ministra as disciplinas de filosofia e sociologia.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Entende que educação é um dos conceitos mais difíceis de ser definido, tanto historicamente quando filosoficamente. Nos apresenta a sua concepção do que seja educação;

A educação trata-se de um conceito que sintetiza um processo formativo, técnico profissional, um processo construtivo do ponto de vista intelectual; a educação para mim também é um instrumento de emancipação, de emancipação subjetiva, existencial e de emancipação social e econômica também! Então eu penso que a educação consegue congrega três dimensões básicas: a formação profissional, o desenvolvimento pessoal e em certa medida o crescimento social. (Sujeito 13 - professor)

Observa a partir de sua experiência como professor na rede privada que a educação nela era bastante aleijada, por ser estritamente reprodutivista, na qual o objetivo era simplesmente a aprovação do aluno no vestibular; relata que: todo o conteúdo, toda a pedagogia, toda a forma de gestão da educação estava focada nisso. Relata a percepção de que os alunos saíam do ensino médio bastante deficitários, sobretudo na formação humanística.

Relata que atualmente enxerga o ensino médio no Instituto Federal, como uma referência de educação tanto para a rede pública, quanto para a rede privada.

Afirma não conseguir precisar o grau de importância de sua disciplina para a

formação do trabalhador, pois trabalha com uma área de conhecimento que não é técnica e sim de formação geral. Pondera que o trabalhador além de ser aquele que executa uma ação, uma função técnica, ele é um cidadão que participa da esfera pública, que impacta a vida pública na esfera privada dele; é alguém que está inserido no mundo.

Relata que há uma preocupação da parte dele em fazer com que o indivíduo compreenda as relações em que ele está imerso: o que são essas relações de trabalho, o que são as relações de consumo, o que são as relações de exploração e de produção; considera que a partir desse entendimento o aluno possa se posicionar em relação a estes temas.

Considera que o trabalhador não é uma simples máquina, que não é uma simples ferramenta que executa uma função técnica, ele é um indivíduo. Entende que ele é um ser humano e como ser humano é portador de uma subjetividade, e essa subjetividade se manifesta no mundo; considera que esse manifestar no mundo não é uma coisa que você aprende tecnicamente, e que neste sentido sua área de conhecimento contribui para que esse indivíduo possa fazer uma leitura mais ampla, mais crítica, mais abrangente da sociedade. Ressalta que essa é a grande contribuição que o Instituto Federal pode dar ao aluno, e também, como modelo de educação.

Postula que o aluno precisa sempre ampliar a sua capacidade de leitura e de escrita e, que neste sentido, a preocupação não é com a quantidade destas leituras, mas sim com a habilidade de ler e escrever com qualidade e, que a partir disso, espera que o aluno seja capaz de entender o conteúdo apresentado por ele no sentido de buscar conexões deste conteúdo com a sua realidade.

Considera que para a maioria dos alunos que chegam à escola e à sua sala de aula a principal motivação para o estudo é de ordem financeira; entende que a educação, dependendo da classe social, tem como fim a acumulação monetária e ou ascensão social.

Acredita que o desafio dos educadores é convencer os alunos que estudar não é ruim, que ruim é não desenvolver a sua inteligência. Pondera que convencer o aluno desta importância é difícil.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Observa que o perfil de ensino no IFG é diferente da educação oferecida nas outras redes de ensino do país, especialmente da rede privada, onde começou sua carreira; e que neste ensino privado de onde provém o ensino era simplesmente reprodutivista e preparatório para o vestibular. Relata que o ensino era um processo simplesmente descritivo e que o desenvolvimento da capacidade de raciocínio e o senso crítico eram completamente prejudicados.

Relata que toda a cobrança e o excesso de carga horária deste espaço de docência acabou por adoecê-lo, a ponto de sentir-se mal em sala de aula e ir parar em um hospital.

Relata que quando passou a ensinar no IF sentiu uma melhora, uma evolução significativa na possibilidade de ser de fato um educador, credita isso justamente à

autonomia que é dada ao professor. Acredita então que o modelo de educação oferecido no Instituto Federal, seja das modalidades de ensino médio, aquela que maior possibilita atingir esse ideal de uma educação mais ampla. Relata então que hoje considera o ensino médio no IF, como uma referência de educação tanto para a escola pública, como para a privada.

Observa que certamente o IF tem os seus desafios, suas limitações de várias ordens, limitações que às vezes não são encontradas na iniciativa privada, limitações que às vezes não são encontradas na rede pública convencional, mas também tem particularidades que torna o instituto bastante único em relação a essas outras redes.

Relata que usa uma fala anedótica para os alunos e que ela representa a síntese do que de melhor ele vê no processo formativo do IF: “o IF é uma instituição que prepara o pedreiro para poder ler José Saramago e não ter vergonha disto”; neste pensamento questiona porque que este trabalhador, sendo pedreiro não pode ler José Saramago; e considera que este diferencial formativo é a característica marcante que distingue a rede dos Institutos Federais das demais escolas de formação técnica.

Relata que como professor de história e professor de filosofia, chegou a dar aula também de sociologia no ensino médio.

Relata que como professor às vezes se surpreende, pois alguns alunos muito calados, que normalmente não se comunicavam muito com o professor, ao encontrá-lo muitos anos depois relatam o como a ação dele foi transformadora na vida dele; e que a surpresa é porque ele não tinha esta dimensão de sua influência.

Acredita que para o professor não deva interessar apenas a formação profissional, mas sim a formação cidadã, e entende que é nesse campo da formação cidadã que ele se insere enquanto professor. Acredita que seja fundamental para a formação de um professor desenvolver a percepção acerca da importância da sua presença no mundo.

Acredita que o potencial transformador da educação é menor do que nós professores idealizamos, mas é maior do que a gente consegue perceber no aluno. Entende que subestimamos a nossa influência na vida dos alunos, mas que ela está presente, mesmo que não haja um reconhecimento público por parte do aluno, e mesmo que ele não tenha clareza dessa influência na vida dele.

Acredita que o retorno que o aluno pode dar para o professor, sobre como o processo de aprendizagem funcionou para ele, é muito tardio, isto só pode acontecer muitos anos depois; relata que muitas vezes em sua vida teve a oportunidade de encontrar ex-alunos do ensino médio, que lhe contavam como a sua disciplina havia mudado a vida deles, e que somente naquele momento da vida eles conseguiam perceber isso, mas que na época não gostavam da disciplina.

Relata que sua primeira inclinação profissional foi a psicologia, que chegou a iniciar o curso, mas por questões financeiras acabou desistindo, mas que muito tempo depois retomou uma formação clínica no campo da psicanálise.

Relata que por não ter condições financeiras de continuar no curso de psicologia, pois na época só havia o curso em uma universidade particular, acabou mudando para o curso de música, e pensava em trabalhar como músico profissional; relata que

posteriormente ingressou na faculdade de musicoterapia, com a intenção de fazer um link entre a clínica e a música. Relata que na faculdade de musicoterapia teve disciplinas da área de humanidades: disciplina de história da arte, de filosofia da arte etc., e que assim começou a se interessar bastante por essa área mais humanística.

Relata que ao final do primeiro ano da graduação não se identificava com a prática clínica da musicoterapeuta, e que então resolveu migrar de curso, a universidade federal tinha a previsão de abrir brevemente o curso de psicologia, mas como não havia previsão do quando isso ocorreria não poderia ficar esperando, então, seguindo o conselho do pai resolveu ir para outra área com a qual se identificava enquanto esperava a abertura do curso de psicologia, foi para a licenciatura, especificamente em história.

Relata que na época, por necessidade de trabalhar, aceitou uma oportunidade que surgiu para dar aulas em um colégio particular; para garantir uma melhor renda, começou a dar aulas e a mesmo tempo entrou para o mestrado, pois conseguiu uma bolsa para isso. E que nesse momento de sua trajetória ainda pensava em no futuro voltar ao estudo da psicologia, especialmente da psicanálise. Mas relata que se identificou com a docência, e que passou a se ver como um professor, como um educador. Observa que foi interessante perceber que toda a formação, inicialmente na área da psicologia, depois na área da música, serviram como base de sustentação para formá-lo como educador. Observa que hoje ao olhar para a sua história pessoal, percebe que a docência sempre esteve presente nas suas relações mais primárias; relata que se viu sempre como um educador, porque quando fazia música dava aulas de guitarra, quando fazia psicologia estava na monitoria, então a docência sempre permeou sua trajetória, que só precisou das condições objetivas que o levaram até ela.

Considera que então toda essa formação foi importante, não para torná-lo um músico ou um clínico, mas para torná-lo um educador melhor.

Relata que a questão salarial nunca foi para ele, ao contrário de muitos profissionais da educação, um fator desmotivador, pois teve a oportunidade de iniciar sua carreira em colégios conceituados da rede privada, onde se podia ter bons salários, e que depois foi aprovado, já como mestre, para professor da rede federal, onde o nível salarial se manteve. Relata que as suas desmotivações em determinados momentos da carreira surgiram por outras questões; relata que na iniciativa privada havia duas questões muito severas: a primeira delas era o excesso de trabalho, além das condições físicas do professor; entende que isso sugava a sua vida particular, seus hobbies, sua própria convivência com a família. Considera que esta realidade, além dos fatores acima elencados, acaba levando o profissional a perder sua qualidade de trabalho, a ter pouco comprometimento educacional e ainda dificulta o processo de formação continuada; considera que essa seja a essência do primeiro ponto, que sentia que só trabalhava, e não tinha tempo para se aperfeiçoar, não tinha tempo para dedicar-se à família e nem para dedicar-se aos seus hobbies, e que isso era uma coisa que lhe desmotivava no seu trabalho com professor.

Relata que nesta época adoeceu, que teve uma crise de Burnout, e que acabou sendo internado; relata que teve uma crise dentro de sala de aula, e que precisou ser levado

para o hospital.

Relata que a segunda coisa que o desmotivava bastante era o viés reprodutivista da educação privada, de só preparar o aluno para um processo seletivo, e de não dar espaço para o professor atuar na formação dele como ser humano. Relata que durante muitos momentos não se enxergava como educador, se enxergava como um performer, como um stand-up comedy que dá aula de um conjunto de conteúdos.

Relata então que tinha essas duas questões da iniciativa privada, essa ansiedade em ter que ministrar uma quantidade grande de aulas, e de não saber se no ano seguinte ainda iria tê-las; sentia que não estava de fato educando, que estava meramente preparando um aluno para o mercado de trabalho via vestibular.

Acredita que nos últimos vinte anos houve uma mudança de paradigma nesta questão da relação professor aluno, observa que os professores mais antigos eram mais tradicionalistas, mais distantes dos alunos, mais rigorosos, e que a geração mais nova rompeu muito com esse paradigma, tentando não perder o nível de qualidade ou o rigor acadêmico, se permitiram uma proximidade maior dos alunos, uma relação mais amistosa, e que isso permitiu ao aluno uma maior aproximação do professor e maior abertura para o diálogo.

Observa que esta nova geração de professores ao promover essa maior abertura, muitas vezes têm perdido o ponto de equilíbrio. Considera que a situação se inverteu, e que a cada ano que passa percebe que os professores se tornam reféns de questões ligadas as interrelações em sala de aula. Entende que podem ser questões particulares com alunos, com segmentos organizados da sociedade etc., que estão interferindo dentro da sala de aula no processo de ensino aprendizagem. Considera que estes tipos de questões têm tomado dimensões exageradas em função do tratamento burocrático que é dado a elas, que às vezes até chegam ao ponto de serem resolvidas a nível jurídico.

Considera que o aluno usa essa maior proximidade relacional, aliada às várias formas de comunicação como as redes sociais, para projetar sobre o professor, os seu ressentimento, para fazer valer sua perspectiva ideológica.

Relata que sente-se atado dentro de sala de aula, que sente que o aluno está agindo de forma irresponsável, de forma relapsa, e que tem receio de ser mais contundente, mais rígido com ele, de mandá-lo para a coordenação e de impor determinadas sanções, porque pode vir a ser questionado pelo conselho tutelar, ministério público, o ECA (Estatuto da criança e do adolescente), a coordenação, a direção, a psicóloga; que todos estes atores vêm intervir para dizer que o professor tem de olhar o aluno com uma dose de sensibilidade e subjetividade. Concorde que em linhas gerais o raciocínio está correto, mas observa que não conseguimos achar um ponto de equilíbrio entre as demandas da realidade e as necessidades e os instrumentos adequados para realizar essa intervenção.

Considera esse como um aspecto que o desmotiva, pois entende que se antes éramos reféns dos *clientes* na rede privada, agora em certa medida na rede pública federal, somos reféns de um discurso muito paternalista em relação aos nossos alunos.

Relata sobre sua experiência pessoal como aluno, considera que não era um bom aluno durante o ensino fundamental e médio, entendia que era um aluno mediano, que

estava sempre a ponto de reprovar; e que muitos professores o consideravam como um aluno que tinha um extremo potencial, mas não conseguia desenvolvê-lo.

Relata que hoje consegue entender que devido às suas características como aprendiz se desenvolvia bem em trabalhos mais individualizados do que na forma coletiva dentro de uma sala de aula.

Relata que curiosamente quando entrou para universidade essa relação com a aprendizagem foi muito positiva, ao contrário do que foi no ensino básico; relata que começou a se destacar, que passou a figurar entre os melhores alunos da turma, tanto na graduação, como no mestrado e no doutorado.

Relata que é autodidata em quase todas as coisas que desenvolve, considera que ao sair da graduação os alunos acabam virando autodatas, porque o mestrado e o doutorado requerem mais este comportamento, mas pondera que no entanto foram as relações com os professores que lhe impulsionaram a ser professor.

Relata que atualmente também trabalha com a formação de professores, e como todos os alunos serão, ou já são professores, então quando relata sua própria experiência de fracasso e sucesso dentro de sala de aula, o que às vezes se replica com os alunos, acaba gerando uma abertura para ele se aproximar da turma.

Considera que o papel do professor ainda é indispensável, especialmente numa condição subjetiva, numa condição emocional e até mesmo na condição de mediador de um processo de aprendizado.

Observa que essa mercantilização do valor da educação torna complexa a tarefa do professor de convencer o aluno que a educação é algo importante, pois se vai dialogar com pessoas de classes sociais mais baixas, ele chega a dizer, que estudar não é tão eficiente assim, pois ele professor estudou bastante, e não é bem remunerado por isso; lembra que na outra extremidade da hierarquia social, quando dizia para os alunos da classe rica que estudar era importante, eles replicavam que se estudar era para ganhar dinheiro, dinheiro eles já tinham.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Acredita que uma das grandes diferenças entre os alunos de ensino médio e superior seja o tempo que leva para o professor ter um feedback do aluno; considera que este retorno seja muito tardio, principalmente no caso dos alunos de ensino médio. Relata então que acha muito curioso encontrar alunos depois de cinco seis anos, e eles virem, abraçá-lo e dizerem que ele havia mudado a vida deles. Considera que o perfil dos alunos do IF é diferente das outras redes.

Analisa que a falta de identificação com a educação que o aluno muitas vezes apresenta em sala de aula, em primeiro momento lhe faz sentir que está atrapalhando a vida deste aluno; acredita que seja com esse pensamento que o aprendiz olha para a figura do professor.

Apresenta a seguinte análise sobre o pensamento do aluno: relata que como no ensino técnico ministra uma disciplina de formação geral, acredita que, em primeiro

momento, o aluno percebe sua contribuição a partir do seguinte raciocínio: “essa disciplina está me atrapalhando, e eu poderia investir mais tempo em um aprendizado técnico profissional”. Considera que então, na maioria das vezes, naquele primeiro momento, seja no ensino superior ou no ensino médio, o aluno te considera como alguém que está atrapalhando a vida dele. Mas pondera que tempos depois, esse aluno vem até você, porque já consegue entender melhor esse processo de formação que ocorreu na própria vida dele, e reconhece a contribuição que foi dada.

Acredita que o poder transformador que temos na vida do aluno é menor do que gostaríamos, mas é maior do que o que conseguimos perceber no dia a dia;

Sinto que há um alcance, esse alcance é menor do que nós esperávamos, mas ele é maior também do que culturalmente a gente lê. A gente costuma pensar que a nossa influência é pequena na vida das pessoas, mas essa influência ela está lá presente, e não é porque o indivíduo às vezes não reconheceu isso publicamente que a vida dele não foi transformada, às vezes ele não teve ainda a clareza para perceber a influência que você trouxe na vida dele. (Sujeito 13 - professor)

Entende que o bom aluno é aquele que desenvolve autonomia e que busca constituir as suas próprias formas de absorver o conteúdo. Que não acredita que o bom aluno seja aquele que fica sentadinho, olhando, prestando atenção, anotando tudo, entende que este perfil de aluno atingirá o seus resultados, mas que não considera como único perfil de bom aluno.

Relata que ainda acredita no poder da disciplina, da concentração, do método e do rigor, mas que tal lógica serve para um determinado grupo de alunos, e que pode não ter a mesma eficiência para outros perfis de aluno. Busca então definir mais objetivamente o que entende como bom aluno: considera que o bom aluno, é aquele que consegue aprender a partir do momento em que desenvolve, em nome da autonomia, os seus próprios métodos.

Acredita que sejam raros, em todos os níveis e em todas as modalidades de educação, aqueles alunos que chegam comprometidos com o conhecimento. Entende que grande parte dos alunos chegam ao ensino médio, entendendo que ali seja uma etapa, etapa que precisa passar rápido, porque ele quer entrar numa universidade. Considera então que qualquer conhecimento que lhe é apresentado, e que possa comprometê-lo nessa intencionalidade, seja interpretado como ruim.

Considera então que tanto o aluno do ensino médio, quanto o aluno do ensino superior, não procuram a escola motivados pelo conhecimento, chegam motivados pelo trabalho; entende que a perspectiva deles é que eles precisam concluir aquilo o mais rápido possível para entrar numa faculdade, ou concluir a faculdade para ter uma ascensão no mercado de trabalho. Considera que estas atitudes são construídas na própria família.

Considera que essa situação seja curiosa, porque se considerarmos três estratos da sociedade: o pobre, a classe média e o rico; observa que o filho do rico não sabe ainda o que é o esforço para ser rico, nem as vezes o esforço para continuar sendo rico, porque ele não participou da história que lhe permitiu chegar àquela condição social; entende que o pobre não tem referência em casa, muitas vezes o pai dele não estudou, a mãe também não, então o pai e a mãe não conseguem dar para ele a dimensão da importância que pode ter a

educação; e que o aluno da classe média emergente, nem sempre emergiu pelo estudo, muitas vezes foi pelas condições econômicas das últimas décadas que possibilitaram uma atitude empreendedora de algum membro da família que conseguiu ter um certo desenvolvimento financeiro, mas que não foi pelo estudo. Considera então que hoje não temos uma realidade no Brasil que permita que os alunos que chegam ao ensino médio ou no ensino superior, venham de experiências em que os seus pais venceram pelo estudo; acredita que são raros os casos. Acredita que as situações se resumem a: ou o pai não venceu, ou o pai chegou a ter aquela condição em função do trabalho de outro membro da família, ou venceu por outras vias que não seja o estudo. Assim em função de todas essas realidades sociais eles não conseguem valorizar, não conseguem perceber qual é a importância da educação e do acesso à escola.

Relata que já teve colegas que deram aula em escolas periféricas, e deu o seguinte testemunho: de que a maior motivação que os alunos tinham para estudar era a própria pobreza, olhar para aquela situação e pensar que não queriam mais ser pobres; e observavam que assim projetavam no estudo um caminho capaz de fazer com eles tivessem essa ascensão.

Acredita que o aluno do ensino médio que chega ao IFG, não chega por vontade própria, geralmente são os pais que identificam na rede federal uma boa educação a qual pode permitir uma ocupação profissional a curto prazo. Observa que o aluno, mesmo depois de entrar para a instituição, não sabe exatamente o que esperar dela; entende que todos nutrem alguma expectativa, mas que eles não tem uma expectativa tão bem definida.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Entende que em grande parte das situações conflitantes que acontecem entre professores e alunos na atualidade, não é o professor que precisa se conciliar com o aluno, é o aluno que tem que se conciliar com a sua consciência, de **aluno** (fala essa palavra de forma mais acentuada), e aprender a comportar-se de uma maneira mais adequada, a se fazer presente às aulas etc.; entende que não é o professor que tem de buscar criar essa relação fraterna com o aluno, entende que tal atitude implica em transferir a responsabilidade emocional do aluno para o professor. Considera que estas formas de comportamento dentro da escola o desmotivam muito como professor.

Pondera que não acredita que o coletivo da escola: coordenadores, psicólogos, professores etc., estejam abordando a situação dessa forma que ele considera negativa de propósito, mas que seja um erro, uma deficiência, que acontece em função de ainda não termos atingido um ponto de equilíbrio nesta nova relação entre professor e aluno, e por consequência na relação do aluno com o grau de liberdade que possui atualmente.

Relata que em relação à mediação do conhecimento é bastante pragmático, no sentido de acreditar que o melhor método é aquele que funciona. Entende que essa máxima seja verdadeira tanto em termos: pedagógicos, religiosos e terapêuticos. Considera que a melhor religião, terapia ou educação é aquela que funciona para cada indivíduo.

Acredita que antes de buscarmos modelos prontos e engessados, seja necessário entendermos que subjetivamente as pessoas demandam particularidades; e entende que essas particularidades apontam para os instrumentos e métodos que possam ser mais adequados a cada objetivo e a cada sujeito. Entende que este pensamento representa a essência do seu pragmatismo em relação à educação.

Considera que o seu interesse dentro do processo educativo é pelo resultado; afirma que seu interesse é se o aluno está se desenvolvendo do ponto de vista das habilidades que são importantes dele aprender.

Relata que no decorrer da sua carreira, durante muito tempo, entendia que a relação entre professor e aluno deveria ser aproximada e não tão distanciada; entendia que era necessário estabelecer uma ponte de conexão com o aluno, porque acreditava que isso inclusive favoreceria o processo pedagógico. Mas pondera que hoje, não acredita que esta visão seja de todo equivocada, porém, depois de aprofundar seus estudos, principalmente com leituras de caráter psicanalítico, passou a olhar com mais reservas essa questão da relação professor aluno. Relata a existência de uma categoria dentro da psicanálise que é chamada de transferência, e que a grosso modo, os professores acabam representando valores dos afetos dos alunos; que então o aluno vê o professor, muitas vezes como o pai ou a mãe; e que então acredita que a maneira como ele lida com esse pai e com essa mãe, desde a mais tenra infância, vai condicionar em certa medida, os seus desejos, os seus afetos e a forma como ele se relaciona com o professor.

Considera que, então, precisamos ter cuidado para fazermos esse processo de aproximação; pois entende que podemos despertar no aluno determinados sentimentos, e que a proximidade excessiva pode gerar variadas distorções.

Acredita que tal comportamento pode chegar à situação do aluno odiar, ou adorar o professor, de uma forma intensa, e que esse sentimento não seja exatamente por você, mas por aquilo que você relembra inconscientemente a ele. Relata que então a partir deste paradigma procura ter uma reserva maior em relação aos alunos.

Relata que já teve esse contato muito próximo com os alunos, mas que hoje busca um certo distanciamento que o coloca na condição de *professor*, que deixa claro para o aluno que eles estão juntos, mas que ele é o professor, que não é o “*brother*”, do aluno. Considera que a proximidade excessiva traz mais riscos do que benefícios para esta relação.

Relata que em termos metodológicos, em primeiro momento, se vale de alguns instrumentos mais abrangentes, que conseguem atingir um número maior de alunos, sem ter a pretensão de totalidade. Considera que então, de forma geral, usa recursos que estão tradicionalmente disponíveis, mas que o seu diferencial é tentar apresentar o conteúdo a partir de exemplos ligados à realidade dos alunos. E entende que essa adequação dos assuntos à realidade dos alunos, precisa ser flexível, porque cada turma, cada semestre, cada curso sugere algo diferente.

Considera que a avaliação seja esse termômetro que lhe permite ter um retorno de como o aluno assimilou as suas aulas; e que a partir da análise dessas informações revê as dinâmicas de trabalho; e as toma também como referência para exigir maior ou menor rendimento acadêmico das turmas de acordo com o potencial de cada uma delas.

Entende que o professor pode conseguir ajudar os alunos nas suas dificuldades particulares, mas que tem de estar atento, porque entende que ajudar não seja fazer pelo outro. Acredita que o desafio esteja em dissolver, em diluir essa dimensão paternalista que muitas vezes está implicada nestas ajudas individualizadas. Ressalta então que considera que ajudar o aluno, precisa estar claramente posto dentro da sua condição e dos seus limites enquanto professor, e que não podemos deixar o aluno criar expectativas que iremos resolver suas questões de natureza: psicológica, emocional, espiritual, econômica etc., que isso não é alçada do professor. E pondera ainda que ajudar não seja criar condições para que o aluno não assuma as suas responsabilidades.

Relata que sempre reflete sobre o papel do professor e que o trabalho dele ainda é indispensável, e que acredita que se um dia ele se tornar dispensável não será por agora. Considera que a indústria e o mercado por trás das videoaulas e por trás da educação à distância, tentam imprimir uma cultura pedagógica que ainda não se sustenta, e que talvez nunca vá se sustentar; e reitera que o principal ponto a se considerar é que não temos condições, ainda, de afirmar acerca da dispensabilidade do professor.

Acredita que temos um olhar negativado em relação ao potencial pedagógico das tecnologias: internet, Youtube, celular etc., entende que podemos usar esses mecanismos como recursos úteis para incrementar o aprendizado do aluno; mas pondera que é importante entender que eles não são substitutos para a mediação que o professor faz do conhecimento. Considera então que a experiência visual, a experiência afetiva, acabam suplantando, sendo maior e mais significativa do que uma experiência solitária de aquisição de conhecimento.

Acredita então que a figura do professor seja indispensável, numa condição subjetiva, numa condição emocional e até mesmo na condição de mediador de um processo de aprendizado, porque ele sabe *o caminho das pedras*, e pode ajudar o aluno a se desenvolver melhor e mais rapidamente dentro do processo de aprendizagem. Considera então que até do ponto de vista pragmático faz mais sentido você ter um professor do que não o ter.

Considera que o ensino que é oferecido no Brasil não atende as expectativas dos alunos e nem tem que atender, porque as expectativas dos alunos, como a grande maioria das expectativas, são idealizações. Observa então que dificilmente teremos alunos com expectativas realistas acerca do que é o IF, que essas expectativas são sempre idealizações, portanto entende que seja importante que elas sejam quebradas pela realidade. Considera, por exemplo, que é importante o aluno entender que ele não vai estudar só o que ele gosta, que terá que estudar o que é importante para a formação dele.

Entende que a atitude de projetar a educação sempre como uma expectativa futura não fideliza o aprendiz a educação no presente; porque quando projetamos a educação sempre como uma aquisição para o futuro corremos o risco de fazer promessas que não serão cumpridas. Reafirma então que se projetamos a educação para o futuro corremos o risco de dar falsas esperanças para o aluno; entende que seja necessário fazermos promessas para o presente, acha que precisamos fazê-lo entender que aquele processo que ele está vivenciando hoje é fundamental e é uma experiência única.

Entende, olhando para a questão de forma realista, que a maioria dos alunos não vai perceber essa importância da educação, que só terá condições de entender os efeitos desse processo muito tempo depois; mas entende que mesmo a partir desse feedback tardio, temos como sustentar, no presente, o que é importante é a educação.

4.13.1 Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 13.

Tabela 20.
Resumo da entrevista do sujeito 13

EIXOS	Resumo das ideias do sujeito 13
EIXO 1	Entende que a educação sintetiza um processo formativo, técnico profissional; um processo construtivo do ponto de vista intelectual. Entende que a educação seja também instrumento de emancipação subjetiva, existencial, social e econômica. Considera que a educação consegue congrega três dimensões básicas: a formação profissional, o desenvolvimento pessoal e em certa medida o crescimento social.
EIXO 2	Acredita que o desafio dos educadores é convencer os alunos que estudar não é ruim, que ruim é não desenvolver a sua inteligência. Acredita que seja fundamental para a formação de um professor desenvolver a percepção acerca da importância da sua presença no mundo. Acredita que o potencial transformador da educação é menor do que nós professores idealizamos, mas é maior do que a gente consegue perceber no aluno. Entende que subestimamos a nossa influência na vida dos alunos. Considera que um aspecto que o desmotiva é o fato de em certa medida na rede pública federal, termos reflexos de um discurso muito paternalista em relação aos nossos alunos. Acredita que a figura do professor seja indispensável, numa condição subjetiva, numa condição emocional e até mesmo na condição de mediador de um processo de aprendizado.
EIXO 3	Considera que para a maioria dos alunos a principal motivação para o estudo é de ordem financeira. Entende que a educação, dependendo da classe social, tem como fim a acumulação monetária e ou ascensão social. Nos conta que ao encontrar alguns alunos muitos anos depois de concluírem o ensino médio eles relatam como a ação dele foi transformadora para eles. Acredita que o retorno que o aluno pode dar para o professor, sobre como o processo de aprendizagem funcionou para ele, é muito tardio, isto só pode acontecer muitos anos depois. Considera que atualmente o aluno usa a maior proximidade relacional com os professores, aliada às várias formas de comunicação como as redes sociais, para projetar sobre o professor, os seu ressentimento, para fazer valer sua perspectiva ideológica. Analisa que a falta de identificação com a educação que o aluno muitas vezes apresenta em sala de aula, em primeiro momento lhe faz sentir que está atrapalhando a vida deste aluno; acredita que seja com este pensamento que o aprendiz olha para a figura do professor. Entende que o bom aluno é aquele que desenvolve autonomia e que busca constituir as suas próprias formas de absorver o conteúdo. Não acredita que o bom aluno seja aquele que fica sentadinho, olhando, prestando atenção, anotando tudo, entende que este perfil de aluno atingirá o seus resultados, mas que não considera como único perfil de bom aluno. Considera que tanto o aluno do ensino médio, quanto o do ensino superior, não procuram a escola motivados pelo conhecimento, chegam motivados pelo trabalho. Considera que o ensino que é oferecido no Brasil não atende as expectativas dos alunos e nem tem que atender, porque elas, como a grande maioria das expectativas, são idealizações.
EIXO 4	Acredita que nos últimos vinte anos houve uma mudança de paradigma nesta questão da relação professor aluno, observa que os professores mais antigos eram mais tradicionalistas, mais distantes dos alunos, mais rigorosos e que a geração mais nova rompeu muito com esse paradigma. Observa que esta nova geração ao promover essa maior abertura, muitas vezes têm perdido o ponto de equilíbrio. Considera que precisamos ter cuidado para fazermos esse processo de aproximação; pois entende que podemos despertar no aluno determinados sentimentos, e que a proximidade excessiva pode gerar variadas distorções. Relata que em relação à mediação do conhecimento é bastante pragmático, no sentido de acreditar que o melhor método é aquele que funciona.

Fonte: Elaboração própria.
Nota: Eixo 1 - representações sobre educação. Eixo 2 - identidade profissional e representações sobre o papel do professor. Eixo 3 - O aluno e suas características. Eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

Destacamos na fala do nosso entrevistado a análise feita sobre a influência do professor e da educação sobre a formação do aluno, ele além de elencar os fatores tradicionais desta influência como os: econômicos, sociais, culturais etc., ainda acrescenta a influência a nível subjetivo. Outro elemento que nos chama atenção é o fato do entrevistado

considerar que a escola não atente às expectativas dos alunos, e que ela não tem essa obrigação, pois para ele estas expectativas são idealizadas; ele acrescenta que os alunos precisam de um choque de realidade.

4.14 SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 14

Professor doutor em sociologia, com treze anos de trabalho docente, possui experiência de gestão na coordenação do projeto Casa Aberta. Já foi professor das redes pública municipal, estadual e privada. No IFG ministra a disciplina de sociologia.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Entende que a resposta sobre o que é educação é muito difícil de ser dada de forma definitiva, pois acredita que a educação à partir do ponto de vista do professor, vai sendo construída com a prática, com a vivência e para além do estudo.

Considera a educação como uma ferramenta de transformação social. Entende que para se pensar o significado da educação é preciso pensar no impacto social dela, que nunca conseguiu dissociar uma coisa da outra. Considera então que só pode responder à pergunta o que é educação, pensando nos impactos dela para a transformação da vida de alguém. Nos apresenta sua percepção sobre como se desenvolve o processo educativo em nosso contexto social;

Nós podemos perceber as disparidades no acesso à educação, e não falo a educação propriamente, e não somente de qualidade, mas o simples acesso ao capital cultural, que de fato é diferente de acordo com os grupos de crianças e jovens em seus diferentes grupos sociais. Então a educação é uma via de discrepância, a educação ela é uma miscelânea de oportunidades que na verdade não correspondem de fato às vivências e demandas de cada jovem e de cada criança. . . . O modelo de escola que está aí serve de certa forma para reprodução de desigualdades, está aí não para quebrar paradigma, mas para manter essa conjuntura ortodoxa de que existem espaços de educação para gente da classe alta e existem espaços de educação para gente da classe baixa. (Sujeito 14 - professor)

Considera então que se formos fazer um comparativo da educação básica pública e privada é nítido que todo mundo diria que tem como referência o modelo de educação privada, porque: possui mais recursos, porque os professores em tese são mais bem remunerados.

Acredita que a educação brasileira hoje viva um processo de transição, reparação histórica, no sentido da necessidade de se olhar para os contextos das diversas classes sociais; observa que estamos atravessando um processo gradativo de inserção, onde não necessariamente só os jovens se inserem na escola, mas, também, as crianças se inserem na escola, isso exige uma ênfase maior na qualidade dos escolares.

Considera que no Brasil hoje a: situação estrutural das instituições de ensino públicas, as condições de trabalho do professor, as vivências e experiências dos jovens antes de entrar e depois de sair da escola, não são fatores que são observados e levados em consideração pelo poder público.

Observa que atualmente temos um discurso, que é hegemônico, de pensar a educação a partir de uma perspectiva meritocrática, observa que o discurso é forte, mas que a educação propriamente dita se encontra em maus lençóis.

Considera que o modelo de escola que temos atualmente serve, de certa forma, para reprodução das desigualdades, entende que ele não se propõe a quebrar paradigmas, mas que está a serviço de manter essa conjuntura ortodoxa de que existem espaços de educação para gente da classe alta e existem espaços de educação para gente da classe baixa.

Relata que então se fosse, em uma escala de zero a dez, avaliar a educação no Brasil diria que estamos no desvio da curva. Entende que seja difícil falar em dez, mas que é difícil falar em zero; pondera que também não dá para falar em seis porque para algumas escolas a educação é onze e em algumas escolas a educação é menos seis, entende que tal avaliação seja complexa.

Relata que precisa, diariamente, de controlar o seu envaidecimento pessoal, de ser um professor e ter tantos ouvintes para suas falas; e fazer o exercício de se concentrar em que, realmente, pode contribuir para a vida de um estudante.

Entende que o ambiente possibilita ao aluno ter vários tipos de vivências que contribuem para sua formação educacional.

Entende que mesmo estando claro na constituição que um dos papéis da escola é a preparação para o mercado de trabalho, obviamente o aprendiz também está ali para: se socializar, para arrumar uma namorada, para vivenciar amizades, para jogar uma bola no pátio etc., , entende que o aluno não tem como negar isso, que a escola também seja um locus para sair um pouco de casa, para ter um lugar para poder interagir.

Considera que muitos jovens, em função de sua realidade cotidiana, chegam na escola com a vivência da violência, da opressão etc.

Observa que muitos estudantes deixam para definir depois do ensino médio, a sua profissão ou o curso para o qual vai prestar o vestibular; entende que não necessariamente ele irá ingressar em uma faculdade, pois acredita que muitos jovens saem do ensino médio, ou nem completam o ensino médio e já entram para o mercado de trabalho, e que não irão necessariamente trabalhar naquilo que gostam. Observa que estes alunos não irão necessariamente trabalhar com o que eles querem, vão trabalhar por uma questão de sobrevivência, para ganhar um baixo salário em um mercado de trabalho ávido por explorá-lo. Considera então que o que ele apreende no ensino médio não vai necessariamente contribuir para que ele seja um bom profissional no futuro.

Analisa as reflexões dos alunos: - eu quero ser um sociólogo, para que que eu tenho que aprender física no ensino médio? Para que eu preciso aprender química? Considera que em alguns pontos, este raciocínio é pertinente, que o aluno poderia em determinado momento do seu percurso, a partir de uma determinada série, escolher certas áreas que ele queira trabalhar, ou uma área com a qual ele se identifique mais como estudante.

Considera então que essa preparação que a escola diz fazer para o mercado de trabalho, nos moldes que temos hoje, seja falaciosa; tanto para o ensino técnico integrado

ao ensino profissionalizante como no ensino médio regular.

Considera que dificilmente você verá um aluno que passou pela escola e estudou matérias como química, física etc., se submeter a fazer estágio no Mac Donalds para ganhar menos de um salário-mínimo. Observa que aí então entra a formação crítica do cidadão, para contestar o sistema, para contestar o que está posto nesta realidade. Considera que o requisito do diploma lhe parece hoje uma exigência mal explicada; apresenta o exemplo: se alguém for trabalhar como caixa de supermercado, o mercado de trabalho irá exigir escolaridade, mas que escolaridade seria essa? O que seria necessário comprovar? Você vai precisar de saber química orgânica para poder fazer aquilo? Não! Acredita então que o que querem de fato é uma comprovação de que há toda uma mão-de-obra de jovens que foram disciplinados dentro da escola e que estão minimamente aptos a poderem também ser disciplinados pelo mercado de trabalho.

Considera que a imensa maioria dos alunos, faz essa ponderação não só baseado na sua experiência, mas também em uma pesquisa que realizou, não querem sair diretamente do ensino médio para trabalhar no mercado, na área técnica que eles estão se formando; eles querem entrar para universidade.

Observa que nossa concepção de educação para o trabalho é uma visão do começo do século vinte, onde tínhamos que possibilitar a formação técnica para jovens trabalhadores não se perderem nas ruas. Faz então a seguinte reflexão: a escola prepara para o mercado de trabalho? Entende que vai depender: do contexto e de qual tipo de escola estamos falando, de qual classe social estamos falando, de qual trabalho estamos objetivando. Considera que o texto da constituição dá a entender que existe um único perfil de educando, mas entende que estamos falando de “juventudes” (acentua a fala desta palavra) no plural, que a juventude não se fala no singular, então acredita que é isso que é importante pensarmos no caso do contexto brasileiro.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Relata que sempre se pergunta, desde a primeira vez que entrou em uma sala de aula, como podemos contribuir para as mudanças no mundo a partir do processo educativo que se estabelece na relação professor aluno.

Acredita que sua relação com a docência vem de muito tempo atrás, mas que se sente incomodado em falar em vocação para professor, pois entende que isso seja uma projeção biológica do seu comportamento, e que isso para um sociólogo é assustador.

Considera que a atuação enquanto docente seja tão importante quanto qualquer outra categoria profissional, no que tange a construção de uma sociedade mais harmônica.

Pondera que talvez o papel do professor tenha um pouco mais de destaque, justamente por termos a responsabilidade de fomentar a educação, com vistas, a contribuir para o desenvolvimento do país. Apesar da relevância, entende que os professores são agentes de transformação, assim como os demais cidadãos que prestam seus serviços em outros espaços sociais e, que estão também, de alguma forma, tentando transformar a sociedade a partir do seu trabalho.

Acredita que às vezes seja incomodo para outros colegas de profissão quando ele não coloca os professores num patamar de diferenciação enquanto categoria; relata que ele coloca os professores como agentes que têm fundamental importância no processo educativo, mas pondera que não negligencia o papel e a relevância de todos os outros sujeitos que trabalham no ambiente escolar.

Relata que começou a dar aulas em cursinhos populares na cidade de São Carlos, destaca que foi um dos organizadores de um cursinho popular muito bom nesta cidade.

Considera que sua maior motivação e desmotivação no trabalho como professor são as duas faces de uma mesma moeda; observa que no início o que lhe motivava era a possibilidade de ter um público para o qual você possa falar e eles poderem ouvi-lo livremente; relata que para ele a sensação de ter um público cativo para ouvi-lo sempre foi algo extraordinário. Pondera que a maturidade lhe fez perceber que não era interessante ou adequado profissionalmente, deixar essa sensação pessoal obliterar o real objetivo de ele estar em sala de aula; e que o motivo dele estar ali certamente não era para enaltecer o seu ego. Considera que antes de mais nada, nós estamos na educação para servir, que talvez de todos os servidores públicos, se olharmos por essa ótica, o professor seja aquele que mais deve colocar a função de servir como pressuposto central do seu trabalho. Considera então que ser professor, na concepção dele, é um constante embate interno, entre a vaidade, e a transformação de alguém. Relata que fica nesse embate constantemente, e precisa dele para não se acomodar.

Entende que de certa forma você tem um público que está disposto a te ouvir, mas que não é necessariamente um público passivo.

Entende a dedicação como uma característica fundamental para ser um bom professor. Considera que a dedicação envolve: preparo de aula, atualização constante dos conteúdos, a elaboração de um bom plano de ensino; e acredita que dedicação envolva também a disposição para construir sempre formatos de aula que não sejam somente aqueles ortodoxos e unilaterais, onde só o professor fala, e o aluno só escuta; acrescenta que é necessário essa mesma dedicação para instrumentalizar os recursos didáticos.

Entende que essa adequação metodológica não pode ser rígida, ressalta que esta é outra dificuldade da carreira do professor, pois ele precisa ser extremamente flexível; destaca isso pois entende que estamos trabalhando com seres humanos, estamos lidando com jovens, com crianças em processo de transformação, e estes apresentam perfis muito diversos.

Observa que além de toda essa dedicação para preparar e organizar seu trabalho, no dia a dia da sala de aula o professor precisa estar preparado para encarar qualquer problema que aparecer.

Acredita que a boa conduta como professor também seja um pré-requisito para ser um bom profissional.

Reflete sobre algumas pessoas que dizem que é preciso ter amor pela profissão, considera amor uma palavra muito complexa, porque por muitas vezes ficou desgostoso, cansado, e dizia que não queria mais dar aulas; mas relata que posteriormente chegava a conclusão de que seria muito negativo o impacto que isso poderia gerar na formação de

alguém. E pondera, portanto, que isso não envolve amor, envolve a preocupação com o próximo, envolve a empatia, envolve o altruísmo de você poder realizar um bom trabalho. Observa que muitas vezes o professor estará dentro da sala de aula triste, estará com sérios problemas, às vezes cansado, às vezes desgastado com alguma coisa. Pondera então que acredita que o professor nunca pode se acomodar, que enquanto profissional da educação não podemos nos acomodar. Ressalta que precisamos nos dedicar constantemente, porque temos que constantemente nos tornar professor.

Considera que não viramos professores depois de formar, que nos tornamos professores durante o desenvolver de nossa história, e continuaremos esse processo até o momento em que decidimos nunca mais fazer essa mediação de conhecimento para um aluno; entende então a cada dia que passa vamos nos tornando professores.

Relata que ao ler livros sobre pedagogia fica muito incomodado com muitos teóricos que escrevem sem terem a menor proximidade com o assunto.

Acredita que a preocupação de que a EAD, os cursos online etc., possam ser uma ameaça ao papel do professor seja exagerada.

Entende que o papel do professor nunca deixou de ser um papel de mediação, de promoção da construção dialógica do conhecimento. Entende que o conhecimento seja resultado do interesse, e que se materializa através de pesquisas. Considera então que o professor seja responsável por trazer esse conhecimento, por lapidá-lo e torná-lo mais acessível; entende que isso sempre foi feito assim, e o que pode mudar de fato são as ferramentas para se chegar a isso.

Considera que o computador é uma máquina burra, porque só pode oferecer respostas, e que a tarefa dos professores é instigar a dúvida. Entende que para isso ainda não temos máquinas, não temos computadores; pondera ainda que quem alimenta os computadores somos nós. Reafirma, então, que o papel do professor é instigar a dúvida, é fazer com que os alunos se interessem pelo conhecimento.

Relata que não vê como ameaça o fato de termos aulas, por exemplo, com diferentes recursos digitais etc., acredita que tudo é bem-vindo. Acredita que o importante é que o conhecimento seja transmitido, e que seja de uma forma que os aprendizes possam se inserir no debate, que tenham voz, que tenham oportunidade de falar, que entendam o papel deles enquanto ator social, então como mediar esse conhecimento não faz diferença.

Relata que os argumentos mais utilizados por alguns professores e inúmeros pais de alunos nas pesquisas sobre escolas militares no estado, é de que: a escola militar possibilita que o professor tenha plenas condições de trabalho, que na escola militar o professor não corre o risco de apanhar de um aluno, que na escola militar quando o professor fala o aluno escuta etc., afirma que essa lógica o incomoda; porém, pondera que no outro extremo desse comportamento, temos um discurso que lhe parece fantasioso, que considera que seja simples trabalhar com um aluno que chegue para escola trazendo vários comportamentos agressivos e desrespeitosos que foram construídos fora do ambiente escolar, não acredita que esse sujeito chegará na escola disposto a trabalhar com toda aquela dialogia maravilhosa, entende que essa perspectiva seja um discurso idealizado, e que os dois extremos o incomodam.

Entende e concorda com a ideia de que temos que ouvir sempre os nossos alunos, temos que trabalhar com eles sempre respeitando suas individualidades, ter controle e respeito para falar com eles; pondera porém que temos colegas de trabalho de outras redes que estão sendo agredidos em sala de aula, e então se pergunta: qual seria o meio termo disso? Até onde vai a autoridade de um profissional sem que ele seja autoritário? Finaliza o raciocínio afirmando que esses dois polos o desagradam, o polo do autoritarismo e o polo do afeto desenfreado.

Observa que no IF temos condições de trabalho excepcionais, muito distante da realidade de outras escolas da rede pública.

Relata que às vezes, na profissão de professor, o excesso de reuniões pedagógicas é muito cansativo, mas pondera que no IF não percebe isso, que considera que haja um equilíbrio, e afirma que enquanto professor acha o ambiente de trabalho muito bom, e que gosta de trabalhar nele; reforça a convicção dizendo que, até hoje não encontrou um lugar mais propício para o tipo de educação e de trabalho que ele acredita, do que o IFG.

Relata que era muito empolgado no início da carreira, que achava que através do seu trabalho enquanto professor poderia mudar os alunos, e através deles contribuir na mudança do mundo, mas hoje não pensa assim de forma tão idealizada; e não sabe dizer se está decepcionado ou se apenas amadurecendo profissionalmente. Considera que está atravessando um percurso, que vai da romantização da profissão, até a realidade dos fatos.

Acredita que não seja um pessimista em relação à carreira docente, mas não dá para pensar na carreira docente sem pensar na valorização irrestrita, inclusive salarial; em boas condições de trabalho e em respeito profissional etc. Acredita que a desconsideração desses, e de vários outros fatores, fazem com que a carreira de professor seja descredibilizada ou desmotivadora. Observa que muitos professores estão desmotivados, mesmo no IFG.

Considera que a profissão docente tem uma característica positiva: que é a possibilidade de podermos envelhecer, e esse envelhecimento nos possibilitar ser alguém melhor. Faz uma analogia da profissão de professor com o vinho: “você vai envelhecendo você vai tendo mais conhecimento, mais experiências”.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Entende que temos um público de alunos que está disposto a nos ouvir, mas que não são necessariamente um público passivo. Acredita que esta visão de que o aluno que está ali na sala de aula seja totalmente passivo, e tudo o que o professor falar ele vai acatar, seja totalmente equivocada.

Observa que estamos trabalhando com uma geração de jovens que chegam à escola cada vez com uma quantidade maior de informações.

Percebe que os alunos do ensino médio, com os quais tem tido contato, estão cada vez mais se interessando em vir para escola não somente para receber os conteúdos, de sua área específica de formação técnica, mas querem debater a conjuntura política, querem debater os problemas do seu bairro, querem entender o cotidiano das construções de afetos

etc., acredita que eles veem na educação uma forma de construir sua identidade

Relata que recentemente fez uma pesquisa e entrevistou dois terços dos alunos do ensino técnico integrado, e perguntou o que eles achavam das disciplinas da área de humanas como: sociologia e filosofia, relata que teve como resultado que noventa e três por cento dos alunos acreditam que estas disciplinas são fundamentais para a formação deles.

Considera a partir desta avaliação de conjuntura e das pesquisas realizadas que a grande maioria dos estudantes do IF, se interessam por: temas de política, por debates de problemas sociais etc., acredita portanto que eles não estão aqui só para uma formação técnica.

Considera que esses jovens, pelas características do tempo em que vivem, estão em busca de habilidades que lhes permitam produzir informações, querem aprender como produzir essas boas informações e não só as receber.

Observa que muitas vezes o sistema educacional tem sido instrumentalizado para criar estruturas institucionais que façam com que os corpos fiquem dóceis, que fiquem domesticados, domesticados em vários níveis: na forma como se senta, como se veste, como fala etc.

Considera que, mesmo sem aceitar essa ação domesticadora, a escola precisa contribuir para que o aluno tenha aprendizados que são cruciais para sua sobrevivência; especialmente no mercado de trabalho. Entende que ele precisa se dispor a desenvolver certa disciplina: de aprender cumprir suas responsabilidades, de aprender a ter pontualidade, de saber responder às suas obrigações etc. Reafirma que não aponta essas questões na perspectiva de cercear a liberdade do aluno, que não fala da disciplina no sentido da inibição do aluno, ou dele se auto inibir. Acredita que entre os ingredientes para se tornar um bom aluno, esteja envolvida essa concepção de disciplina. Considera que não seja só uma questão de força de vontade de aprender, mas que o aluno precise ter também plena noção do espaço onde ele está, e de qual o papel dele na escola.

Acredita que para se chegar a ser um bom aluno, seja necessário: o aprendiz se reconhecer no seu papel como estudante, estar disposto a partir deste reconhecimento a cumprir certos requisitos que fazem com que ele se alinhe a instituição; e entende que a partir dessas atitudes se possa conseguir que todo o conteúdo ali apresentado seja absorvido ao máximo possível; considera que assim a qualidade acadêmica virá por consequência.

Considera que não basta ao aluno ter só força de vontade, acredita que o aluno ideal, seria aquele aluno que tivesse plenas condições de estar suprido de qualquer tipo de carência social que pudesse dificultar sua formação escolar. Acredita que deveria ter: comida em casa, uma família legal, não ser vítima de qualquer tipo de opressão, não ser vítima de racismo, não ser vítima de opressão de gênero etc., mas entende que nós não temos isso e que portanto não adianta exigir do aluno um nível de excelência acadêmica não compatível com a realidade de onde ele vem.

Acredita que o aluno pode vir vestido da forma que quiser, pode estar disposto a falar mais ou falar menos, a interagir ou não. Relata que não entende que o aluno seja obrigado a interagir com os seus colegas, que não entende que necessariamente ele tenha a obrigação de ser esse modelo de bom aluno, de vir para escola e socializar com seus

colegas no pátio e se dar bem com os professores; considera que estas questões passam por uma esfera muito subjetiva.

Considera que um bom aluno se faz com seu autoreconhecimento, e através da percepção do que ele de fato está fazendo no ambiente escolar; entendendo esse ambiente enquanto espaço de trabalho.

Observa que quando o aluno entra no ensino médio no IF, ele nutre muitas expectativas, pois sabe da qualificação dos professores, sabe da estrutura física da escola, sabe que poderá contar com muitos recursos didáticos. Observa que, dada as particularidades do IFG, os estudantes sabem que se não corresponderem às expectativas, principalmente em termos de comportamento e de produção acadêmica eles terão que responder por isso.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Considera que uma boa relação professor aluno seja crucial, principalmente nos tempos atuais, onde se exige essa quebra da verticalidade na relação entre o professor e o aluno, onde se exige a construção de relações mais dialógicas e horizontalizadas; entende que não se deve tirar o protagonismo do professor, mas sim fomentar o engajamento do aluno.

Entende que para realizar com eficiência a mediação dos conhecimentos, que não são os alunos que têm que se adaptar ao método do professor, entende então que as vezes o professor é que tem que se adaptar as realidades da sala de aula. Relata que nesse sentido se comporta de forma diferente de uma turma para outra, que vai se adaptando. Considera portanto que não exista uma fórmula secreta para ser docente, e nesse ponto se considera até um pouco racional, pois entende que tem que se buscar o melhor de acordo com cada grupo. Reforça o raciocínio dizendo que falamos em sala de aula na busca de caminhos para ministrarmos o conteúdo, mas que ele não acredita que haja um caminho específico a ser seguido.

Considera então que o método precisa estar intimamente ligado aos tipos de recursos didáticos que serão utilizados, mas que acima de tudo, não é possível trabalhar como professor da mesma maneira como se fazia a décadas atrás.

Considera não ser mais aceitável, especialmente ao se trabalhar com uma juventude que vive experiências constantemente mutáveis, que o professor simplesmente chegue na sala de aula e fique falando durante uma hora e meia, ou que peça para eles lerem alguma coisa durante uma hora e meia. Considera que é necessário um certo ecletismo, que temos que ser pouco ortodoxos e explorar a ampla gama de possibilidades que temos, e assim fazermos com que essa transmissão de conhecimentos chegue de fato ao aluno.

Entende que um caminho viável seja não dar somente aulas expositivas, onde só o professor fala; mas, promover debates, pois entende que eles gostam, e considera que seja muito proveitoso para eles na relação com o conhecimento. Considera que seja

interessante quebrar um pouco o padrão engessado de sala de aula; entende que esses padrões precisam ser revistos, esse modelo dos alunos olhando para a nuca do outro, sentados em fileiras, entende que precisamos aprender a nos olhar nos olhos.

4.14.1 Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 14.

Tabela 21.
Resumo da entrevista do sujeito 14.

EIXOS	Resumo das ideias do sujeito 14
EIXO 1	Entende que para compreender o significado da educação é preciso pensar no impacto social que ela causa. Acredita que exista uma clara disparidade no acesso à educação; observa que não se refere a educação simplesmente, mas que o acesso ao capital cultural da sociedade é limitado, sendo vedado, especialmente a alguns grupos de crianças e jovens de determinadas classes sociais. Considera que no Brasil a situação estrutural das escolas, as condições de trabalho do professor, as vivências e experiências dos jovens antes de entrar na escola e depois de sair da escola, não são fatores que são observados e levados em consideração pelo poder público. Observa que atualmente temos um discurso, que é hegemônico, de pensar a educação a partir de uma perspectiva meritocrática, observa que o discurso é forte, mas que a educação propriamente dita se encontra em maus lençóis. Considera que o modelo de escola que temos atualmente serve, de certa forma, para reprodução das desigualdades. Em relação a escola no Brasil entende que seja difícil falar em dez, mas que é difícil falar em zero; porque em algumas escolas a educação é onze e em outras escolas a educação é menos seis. Observa que nossa concepção de educação para o trabalho é uma visão do começo do século vinte, onde tínhamos que possibilitar a formação técnica para jovens trabalhadores não se perderem nas ruas.
EIXO 2	Considera que sua maior motivação e desmotivação no trabalho como professor são as duas faces de uma mesma moeda, então ser professor, na concepção dele, é um constante embate interno entre a vaidade e a transformação de alguém. Entende a dedicação como uma característica fundamental para ser um bom professor. Entende que a metodologia não pode ser rígida, ressalta que esta é outra dificuldade da carreira do professor, pois ele precisa ser extremamente flexível. Acredita que a boa conduta como professor também seja um pré-requisito para ser um bom profissional. Entende que o papel do professor nunca deixou de ser um papel de mediação, de promoção da construção dialógica do conhecimento. Considera que a profissão docente tem uma característica positiva que é a possibilidade de podermos envelhecer, e esse envelhecimento nos possibilitar ser alguém melhor.
EIXO 3	Considera que muitos jovens, em função de sua realidade cotidiana, chegam na escola com a vivência da violência, da opressão etc. Entende que temos um público de alunos que está disposto a nos ouvir, mas que não são necessariamente um público passivo. Observa que estamos trabalhando com uma geração de jovens que chegam à escola cada vez com uma quantidade maior de informações. Percebe que os alunos do ensino médio, com os quais tem tido contato, estão cada vez mais se interessando em vir para escola não somente para receber os conteúdos de sua área específica de formação técnica, mas querem debater a conjuntura política, querem debater os problemas do seu bairro, querem entender o cotidiano das construções de afetos. Considera que não basta ao aluno ter só força de vontade, acredita que o aluno ideal seria aquele aluno que tivesse plenas condições de estar suprido de qualquer tipo de carência social que pudesse dificultar sua formação escolar. Considera que um bom aluno se faz com seu autoreconhecimento e através da percepção do que ele de fato está fazendo no ambiente escolar, entendendo esse ambiente enquanto espaço de trabalho.
EIXO 4	Considera que uma boa relação professor aluno seja crucial, principalmente nos tempos atuais, onde se exige essa quebra da verticalidade na relação entre o professor e o aluno, onde se exige a construção de relações mais dialógicas e horizontalizadas; entende que não se deve tirar o protagonismo do professor, mas sim fomentar o engajamento do aluno. Entende que temos que ouvir sempre os nossos alunos, temos que trabalhar com eles sempre respeitando suas individualidades. Observa que, muitas vezes, o sistema educacional tem sido instrumentalizado para criar estruturas institucionais que façam com que os corpos fiquem dóceis, que fiquem domesticados; domesticados em vários níveis: na forma como se senta, como se veste, como fala. Entende; que para realizar com eficiência a mediação dos conhecimentos, que não são os alunos que têm que se adaptar ao método do professor, entende então que o professor precisa saber se adaptar as realidades da sala de aula.

Fonte: Elaboração própria.
Nota: Eixo 1 - representações sobre educação. Eixo 2 - identidade profissional e representações sobre o papel do professor. Eixo 3 - O aluno e suas características. Eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

Um destaque que fazemos nesta entrevista é o olhar que o sujeito tem sobre como dimensionar a importância da educação, este considera que para entender o alcance dela necessariamente temos que refletir sobre o impacto social que ela causa; refletindo sobre o nosso contexto educacional e sobre as representações apresentadas por grande parte dos nossos entrevistados, é possível afirmarmos que este tipo de análise, que leva em consideração os impactos da educação, não é feita, muito pelo contrário, as análises se limitam utilizar sistemas avaliativos meramente quantitativos.

4.15 SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 15

Professor mestre em física, com quinze anos de experiência na docência. Já foi professor da rede pública municipal e estadual.. No IFG ministra a disciplina de física.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Acredita que no sentido popular a educação seja algo que devemos trazer de casa. Mas que em um ambiente escolar entende a educação, em aspecto mais amplo, como essa bagagem de conhecimento que o aluno tem, sobre tudo que está à sua volta.

Acredita que as várias disciplinas ministradas na escola se complementam, e vão formando o indivíduo como um todo. Entende que o aluno vai, à sua maneira, internalizando estes saberes e neste processo vai os incorporando à sua cultura pessoal.

Considera que a educação no país tenha perdido a sua essência; observa que as relações de aprendizagem atualmente estão muito dinâmicas e aceleradas. Relata que trabalha com física, e que muitas vezes trabalha com o conteúdo de séculos atrás, e que estamos no século vinte e um, e os conhecimentos dessa área já estão muito avançados e continuam avançando rapidamente.

Acredita que a influência da formação escolar sobre o futuro profissional do aluno dependerá muito de qual caminho ele irá escolher, e das relações que os conhecimentos que ele vivenciou possam ter com essa carreira.

Acredita que o IFG antigamente, realmente formava profissionais a nível técnico, que já tinham condições de irem direto para o mercado de trabalho, e que não precisavam, necessariamente, buscar a formação universitária para conseguirem bons empregos.

Entende que a formação recebida influencia cada pessoa de forma muito particular, acredita que seja uma questão subjetiva, que cada um terá um entendimento das experiências que viveu; entende que estas experiências não estão somente no campo dos conteúdos e das disciplinas, mas também nas relações humanas e nos afetos vivenciados durante o processo formativo.

Acredita que a ação educativa traz coisas novas todos os dias, e que estas experiências vão se somando e enriquecendo a própria educação; entende que o professor nunca pode desanimar dentro desse processo, que deve seguir firme na sua carreira e na sua aprendizagem cotidiana.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Entende que um ponto muito positivo e motivante para o professor é quando ele percebe que o aluno se desenvolveu durante o processo.

Relata que uma coisa que o motiva no trabalho docente é quando um aluno que, inicialmente apresentava muita dificuldade, e no final do semestre mostra evolução, responde de forma positiva ao trabalho realizado.

Considera que os alunos que não se empenham para se desenvolverem, de alguma forma, decepcionam o professor; relata que entende isso como se fosse alguma falha dele, que de alguma forma não conseguiu atingir esse aluno com o seu trabalho; mas pondera que tem consciência de que atingir todos os alunos não é uma tarefa fácil.

Acredita que uma boa característica para se executar um trabalho docente com qualidade seja ter paciência, muita paciência; e também ter uma postura bastante humana.

Relata que quando terminou o segundo grau, que seu primeiro pensamento era de que a formação até aquele nível já era suficiente para ele. Relata que quando estava finalizando o terceiro ano do ensino médio, tinha alguns colegas que complementavam sua formação em um cursinho popular que era oferecido à noite, e que ele não sabia nem o que era esse cursinho, quanto menos tinha ideia do que seria entrar para universidade. Relata que por curiosidade e influência desses amigos começou a participar desse cursinho. Relata que tentou um primeiro processo seletivo para engenharia elétrica, não conseguiu êxito, e que resolveu se direcionar às licenciaturas, e que na segunda tentativa foi aprovado para o curso de física.

Relata que atrasou o curso, que não se formou nos quatro anos previstos; acredita assim, que de alguma forma, chegou à educação por acaso, popularmente falando, caiu de paraquedas.

Observa que atualmente, estando do outro lado da moeda, não mais na condição de aluno e sim na de professor, percebeu que gosta da área da educação. Relata que desde o primeiro momento que começou a trabalhar com educação, com a disciplina de matemática em um colégio estadual, despertou nele essa relação positiva com a profissão.

Relata o caso de uma aluna que teve no referido colégio: que já tinha setenta anos de idade, e mesmo com todas as suas dificuldades se empenhava mais do que outros colegas de turma muito mais jovens que ela; conta que fez questão de ajudá-la ao máximo possível, e que ao perceber a evolução dela durante o ano letivo, se sentiu muito realizado e motivado com o seu trabalho; relata que isso foi um elemento grandemente impulsionador para sua continuidade na carreira.

Conta que, a partir daí, deu sequência aos seus estudos, e começou a se preparar para concursos na área da educação; relata que trabalhou em alguns colégios estaduais, e que depois de algum tempo foi aprovado em um concurso do IF.

Finaliza a história dizendo que não sabe dizer se caiu de paraquedas na profissão de professor, mas que hoje ama o que faz.

Relata que acha negativo no trabalho de professor, a angústia que às vezes sente nos períodos de avaliação, angústia que representa a ansiedade de não ter certeza se conseguiu contribuir para a aprendizagem dos alunos. E que outra coisa que, às vezes, o angustia, é quando algum aluno lhe relata que ficou decepcionado com a disciplina, e que isso lhe coloca em um estado de reflexão na tentativa de descobrir o que faltou para atingir aquele aluno; pondera que tem a clareza que muitas vezes a ineficiência no processo parte do próprio aluno, mas que nunca deixa de refletir sobre a sua responsabilidade.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Observa que hoje o aluno termina o curso muito novo, e que muitas vezes nem tem idade para ir para o mercado de trabalho, e que assim acaba tendendo a prosseguir os seus estudos, buscando uma formação universitária.

Observa que o aluno clama para as informações trazidas para sala de aula façam sentido para o seu tempo, e que o ritmo, aparentemente lento, da educação faz o aluno olhar para ela como se fosse uma coisa chata. Observa que o aluno acha que já domina determinados saberes; mas pondera que esse domínio é uma pretensão, pois quando o professor exige um pouco mais de elaboração no trato com o conteúdo, esse aluno não consegue responder.

Acredita que, dentro do possível, o aluno se desenvolva durante o processo de ensino aprendizagem; observa que ele aprende, mas que tem pouca dedicação aos estudos. Acredita que o aluno, responde quando ele quer, mas se ele não quiser acaba ficando na mesmice, e que a partir dessa atitude nem se propõe a buscar o conhecimento.

Observa, atualmente, que o aluno está muito desmotivado; relata que às vezes o professor tenta desenvolver ações para motivá-los, mas que eles não respondem a elas.

Acredita que os alunos, dada à pressa típica do seu tempo, não têm paciência para seguirem o passo a passo do processo de aprendizagem, e querem pular para o final sem passar pelo meio; considera que eles tem atitudes absolutamente imediatistas. Entende que um dos condicionantes dessa atitude é o fato deles terem como único objetivo para a aprendizagem a pretensão de serem aprovados no ano letivo. Acredita que essas atitudes dos alunos, essa forma de olhar para a educação, sejam construídas em casa.

Acredita que, muitas vezes, em função dos pais ou responsáveis não terem tido oportunidade de estudar, eles também não exigem dos seus dependentes muita aplicação na sua formação escolar; mas observa que às vezes aquele pai que não estudou, pode servir de referência para o aluno, pois este pode concluir: que se o pai não estudou, para que ele vai estudar? Ou também: se o pai não estudou, e não tem boas condições de vida, isto se torna um motivo para ele estudar, para não estar futuramente nesta mesma condição.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Acredita que, quando um aluno em particular, apresenta alguma dificuldade o professor, de uma maneira ou de outra, precisa tentar se aproximar dele para ajudá-lo,

evitando assim que ele não consiga acompanhar o desenvolvimento da turma. Nos apresenta sua percepção no que diz respeito à relação entre professor e aluno;

Acho que tem que ser uma relação boa! À medida que essa parceria seja boa, eu acho que flui. A tendência é de fluir, porque se já começa a ter uma certa resistência é igual a um cabo de guerra, se tem trinta alunos lá que têm resistência contra o professor, não adianta que ele não vai conseguir..., ele se perde. Então eu acho que a relação ela tem que ser boa, tem que ser amigável, mas tem que ter também a autoridade do professor. (Sujeito 15 - professor)

Acredita que a presença física do professor no processo ensino aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento do aluno, pois permite essa relação direta na construção do conhecimento, e na resolução das dificuldades que o aluno possa apresentar dentro do processo.

Acredita que a principal, senão única, expectativa do aluno em relação à sua formação escolar seja a aprovação no ano letivo.

Acredita que essa atitude, aparentemente menos compromissada, do aluno de hoje em relação ao estudo, se deva também, à sua pouca idade e à sua imaturidade para entender o que é, ou que importância pode ter, a educação para sua vida.

Relata que, às vezes, encontra ex-alunos que lhe agradecem por ter sido exigente com eles durante a sua formação escolar e que, só naquele momento, conseguiram perceber o quanto aprenderam, e o quanto esse aprendizado os tornou uma pessoa diferenciada.

4.15.1 Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 15

Tabela 22.
Resumo da entrevista do sujeito 15.

EIXOS	Resumo das ideias do sujeito 15
EIXO 1	Em um ambiente escolar entende a educação como essa bagagem de conhecimento que o aluno tem sobre tudo que está à sua volta. Entende que a sua maneira o aluno vai internalizando estes saberes e neste processo vai os incorporando à sua cultura pessoal. Entende que a formação recebida influencia cada pessoa de forma muito particular, acredita que seja uma questão subjetiva, que cada um terá um entendimento das experiências que viveu. Considera que a educação no país tenha perdido a sua essência; observa que as relações de aprendizagem atualmente estão muito dinâmicas e aceleradas.
EIXO 2	Entende que um ponto muito positivo e motivante para o professor é quando ele percebe que o aluno se desenvolveu durante o processo. Considera que os alunos que não se empenham para se desenvolverem, de alguma forma, decepcionam o professor; relata que entende isso como se fosse alguma falha dele, que de alguma forma não conseguiu atingir esse aluno com o seu trabalho; mas pondera que tem consciência de que atingir todos os alunos não é uma tarefa fácil. Acredita que uma boa característica para se executar um trabalho docente com qualidade seja ter muita paciência; e também ter uma postura bastante humana. Relata que acha negativo no trabalho de professor, a angústia que às vezes sente nos períodos de avaliação, angústia que representa a ansiedade de não ter certeza se conseguiu contribuir para a aprendizagem dos alunos.

EIXO 3	<p>Observa que o aluno clama para que as informações trazidas para sala de aula façam sentido para o seu tempo. Observa que o ritmo, aparentemente lento, da educação faz o aluno olhar para ela como se fosse uma coisa chata. Observa que o aluno acha que já domina determinados saberes; mas pondera que esse domínio é uma pretensão, pois quando o professor exige um pouco mais de elaboração no trato com o conteúdo, esse aluno não consegue responder. Acredita que, dentro do possível, o aluno se desenvolva durante o processo de ensino aprendizagem; observa que ele aprende, mas que tem pouca dedicação aos estudos. Observa que o aluno está muito desmotivado; relata que às vezes o professor tenta desenvolver ações para motivá-los, mas eles não respondem a elas. Acredita que os alunos, dada à pressa típica do seu tempo, não têm paciência para seguirem o passo a passo do processo de aprendizagem, e querem pular para o final das etapas sem passar pelo meio, considera que eles tenham atitudes absolutamente imediatistas. Acredita que a principal, senão única, expectativa do aluno em relação à sua formação escolar seja a aprovação no ano letivo. Acredita que essa atitude, aparentemente menos compromissada, do aluno de hoje em relação ao estudo, se deva também, à sua pouca idade e à sua imaturidade para entender o que é, ou que importância pode ter a educação para sua vida.</p>
EIXO 4	<p>Considera que para a aprendizagem se desenvolver bem é necessária uma boa relação entre professor e aluno, pois entende que se isto não acontecer o processo virará um cabo de guerra entre as partes e o professor não conseguirá atingir seus objetivos. Relata que, às vezes, encontra ex-alunos que lhe agradecem por ter sido exigente com eles durante a sua formação escolar, e que só naquele momento conseguiram perceber o quanto aprenderam, e o quanto esse aprendizado os tornou uma pessoa diferenciada.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Nota: Eixo 1 - representações sobre educação. Eixo 2 - identidade profissional e representações sobre o papel do professor. Eixo 3 - O aluno e suas características. Eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

Destacamos na fala deste sujeito, a percepção de que o ritmo dos alunos (a forma e a velocidade com que lidam com as informações) está muito diferente do ritmo da escola; o entrevistado acredita que este descompasso faz com que o aluno tenha menor engajamento no processo ensino aprendizagem. E nos alerta também para a forma imediatista com que o aluno se relaciona com a aprendizagem, considera que esta atitude influencie no seu engajamento, e por consequência, no processo ensino aprendizagem como um todo. Entendemos que esta atitude imediatista, somada à falta de perspectiva de qual é a importância da educação para sua vida, fazem com que os alunos se sintam perdidos e desmotivados.

4.16 SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 16

Possui graduação nas áreas de engenharia mecânica e direito, doutorado em ciências ambientais e pós-doutorado na área de engenharia. Tem trinta e oito anos de trabalho docente. Possui experiência de gestão como coordenador de curso, procurador de justiça e membro do conselho federal de educação. No IFG ministra as disciplinas técnicas de legislação ambiental e higiene e segurança no trabalho.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Relata que o conceito de educação que desenvolveu, durante seus anos de docência, é que ela seja um marco no ser humano que a busca como alteração de forma de vida. Considera a educação não como uma simples formação técnica, mas como uma possibilidade de o sujeito mudar o rumo de sua vida.

Observa então que o aluno quando entra em uma sala de aula começa a ganhar espírito crítico, para poder seguir seu caminho com suas próprias pernas; e esse espírito

crítico ele adquire através de um profissional da educação; acredita que sempre tem um professor com o qual o aluno se identifica. Entende então que a educação seja essa mudança de vida, onde o educando descortina um mundo através daquele sujeito que se propôs a educá-lo.

Acredita que hoje a qualidade da educação em nosso país seja péssima, não a educação que é feita no IFG, mas a educação como um todo; entende que a base dessa baixa qualidade está no fato de a família ter se distanciado do processo.

Entende que a educação deve apoiar-se em um tripé: família, religião, escola. Pondera que quando fala em religião não se refere a doutrina, que se refere a uma formação moral, refere-se à necessidade de o sujeito entender que existe algo maior, independente de doutrina. Acredita que se o aluno não tiver esse tripé, que se ele falhar de alguma maneira, não teremos a formação do cidadão integral.

Considerando estes três apoios deste tripé, acredita que hoje a religiosidade está muito perdida no mundo, mas que no Brasil particularmente a família está deteriorada.

Acredita que estamos em um limbo entre: o que é a família europeia e o que é a família americana. Observa que a família europeia é extremamente conservadora, e cuida dos seus filhos até idades mais avançadas, onde até os netos estão sendo criados pelos avós; e observa o contraponto com o modelo americano, onde o filho com quatorze, quinze, dezesseis anos já é colocado fora da proteção familiar. Acredita que estamos neste limbo e que a educação vinda de casa está desconstruída, e assim deixa instável o tripé que sustenta a educação.

Relata que em um colégio público, onde faz um trabalho voluntário através de uma instituição da qual faz parte, os alunos usam drogas, há um abandono por parte da família, estes familiares tem total desconhecimento do que se passa com seus filhos na escola; afirma que eles delegam a sua competência como pais para escola.

Observa que neste mesmo contexto desta escola pública, muitos docentes não têm a formação ou o conhecimento necessários para realizarem seu trabalho. Considera então que os alunos estão saindo do ensino médio sem conhecimento.

Entende que por saírem com essa formação que não agrega conhecimento, eles se frustram porque assim não conseguem entrar no mercado de trabalho. Assim, devido a essa baixa formação, conseguem ingressar apenas em universidades particulares, que na maioria das vezes tem ofertado uma formação de baixíssima qualidade; fingem estar ensinando. E esses mesmo sujeitos, que saíram do ensino médio sem conhecimento, saem da universidade com uma graduação, mas também sem conhecimento nenhum.

Relata o fato de que um ícone da engenharia ao vir ao Brasil a procura de talentos para trabalhar em sua empresa fez a seguinte observação: *“o brasileiro tem grande quantidade de informação, mas não sabe como aplicar”*. Acredita que hoje no país formamos esse público com esse alto nível de conhecimento somente nas Federais, e neste contexto inclui: o Colégio Pedro Segundo, a rede dos institutos federais e as próprias universidades federais.

Questiona, dentro do nosso ensino, qual importância é dada para disciplinas que favoreçam o desenvolvimento da capacidade de trabalho coletivo, e para as disciplinas que

desenvolvam a sensibilidade. Se pergunta, onde é que está a educação física? Faz o questionamento por entender que as pessoas precisam aprender a trabalhar em grupo. Faz uma reflexão sobre o pesquisador brasileiro, considera que ele não realiza seu trabalho com maior eficiência por ter dificuldade em trabalhar em equipe. Entende que, até quando vamos trabalhar como cientistas, precisamos usar o lado sensitivo, para que possamos compreender a nossa própria subjetividade e a subjetividade do outro; entende que nós não temos essa formação na escola.

Afirma que tem repúdio a esse sistema avaliativo que simplesmente quantifica o ensino, entende que não se avalia a mudança na sociedade, se avalia números.

Entende que o Brasil é um país onde se formam muitos doutores, mas que falta orientação vocacional, acredita que não conseguimos perceber a vocação individual para assim dar uma formação direcionada, entende que a formação é massificada. Acredita que dentro dessa realidade formativa o que conseguimos fazer com os nossos alunos nas escolas seja um milagre.

Apresenta, como sugestão para melhorar a qualidade da educação, a ampliação do intercâmbio com outros países.

Acredita que é necessário maior apoio do setor privado à educação, para desenvolvermos mais a nossa ciência, para investirmos mais em tecnologia e assim, transformarmos esse conhecimento em patentes. Acredita que as melhores universidades do mundo, os melhores institutos tecnológicos do mundo, quando enxergaram esse caminho conseguiram evoluir.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Acredita que como professor sua preocupação não seja aprovar ou reprovar o aluno, está preocupado que ele consiga aprender; mas observa que os alunos sempre vêm para a sala de aula imbuídos apenas da obrigação de passar de ano.

Observa que alguns colegas projetam as frustrações que tiveram nos seus mestrados e doutorados em cima dos alunos, e que exigem deles um grau exagerado de qualidade acadêmica.

Entende que no meio de tanta informação disponível para o aluno, o docente hoje precisa saber mostrar para ele onde pesquisar a informação correta; acredita que essa avidez que o aluno demonstra precisa ser direcionada. Entende que essa ação educativa será o grande desafio do nosso século, conseguir que o educador possa ensinar para o discente como filtrar essa grande quantidade de informações.

Relata que sempre foi considerado nerd, que foi alfabetizado aos três anos de idade, e que antigamente isso era considerado super dotação. Relata que com treze anos já estava no segundo ano do ensino médio, e que entendia que precisava ganhar dinheiro, e que então começou a dar aulas de violão, de inglês e de Karatê; e que dessas experiências até chegar a sala de aula foi um caminho breve.

Relata que com quinze anos estava na graduação, e que assumiu em uma escola a

disciplina de física. Relata que com vinte anos fez o mestrado, e que fez toda a sua graduação e pós-graduação paralelamente ao seu trabalho enquanto professor. Relata que era a forma que tinha para ganhar dinheiro, e que para ele foi muito tranquilo.

Depois de várias experiências, e de concursos em várias áreas, relata que renunciou a um doutorado na Itália, e prestou concurso público para antiga Escola Técnica Federal (Hoje IFG).

Considera que a sala de aula lhe motiva ao extremo, e que não tem nada que o motive mais que a interação com os alunos.

Considera que é necessário ter muito cuidado nesta relação professor aluno para que não haja uma identificação excessiva por parte do aluno, e que assim, ele passe a querer assumir aquela persona que o professor apresenta em sala de aula, a ponto de querer seguir a mesma profissão do professor.

Relata que o que não gosta, dentro da profissão de professor, é a burocracia e que não gosta que seu trabalho seja julgado, medido de forma apenas quantitativa; pois entende que este tipo de avaliação, que é muito usada no nosso sistema escolar, serve apenas para atribuir rótulos.

Entende que sendo ele um pós-doutor, em tese, academicamente não teria ninguém com mais conhecimento do que ele em sua área de estudos. E se pergunta então, por que vai ser rotulado? Qual é minha produção? Considera que o aluno não seja um produto, que é um ser humano que vai desenvolver a sociedade; considera então que a avaliação deveria ser sobre o que ele pode produzir para a sociedade.

Considera então que, dentro da sua abordagem educacional, busca sempre ajudar os alunos a superarem suas deficiências, e assim, poderem crescer; que não fica preso ao conteúdo específico da disciplina e não entende que isso seja motivo para uma avaliação negativa por parte da administração da escola.

Entende que, dentro do espaço escolar, existe a questão do ego acadêmico, que quando se tem um título, um renome, tudo o que disser será publicado. Relata que este tipo de cultura acadêmica lhe desagradava.

Acredita que todo docente seja, de maneira imanente, perfeccionista e crítico; crítico por ser perfeccionista, então é perfeccionista com ele próprio. Acredita então, que o professor, seja em essência um sofredor, pois se cobra demais; entende que essa atitude pode provocar sequelas.

Acredita que quando o profissional consegue, de fato, colocar em prática a máxima de que: *“o verdadeiro professor é aquele que, às vezes, ensina e na maioria das vezes, aprende”*; será um bom professor. Considera que para chegar a tal qualidade profissional sejam necessárias as seguintes características: saber ouvir, aceitar idiossincrasias e não só respeitar, mas aprender com as diferenças. Reforça esta última ideia de que seja preciso aprender com as diferenças, pois entende que admitir um erro seja muito fácil, mas corrigir os erros seja difícil.

Acredita que, uma característica importante para um bom professor, seja ter uma relação fraternal com o aluno; mas relata que atualmente tem encontrado dificuldades neste tipo de relação, pois teme que ela possa ser confundida com assédio.

Acredita que se o professor for um profissional que trabalhe com: ensino, pesquisa e extensão conseguirá responder bem às demais atribuições da profissão.

Ressalta que o que faz um bom professor não depende só dele, mas depende também da instituição onde presta seus serviços; acredita então que a instituição seja muito responsável pela qualidade do sistema educacional.

Considera que um bom professor deve ser avaliado pelo que ele transforma e não pelo que ele simplesmente ensina; entende que talvez essa seja a resposta mais próxima da realidade para o que seja um bom professor. Faz uma análise sobre o perfil do docente e sobre sua relação com este trabalho;

Todo docente ele é, de maneira imanente, perfeccionista e crítico. Crítico por ser perfeccionista, então ele é perfeccionista com ele próprio! Ele é um sofredor em essência, se cobra demais! Tem várias mazelas, por causa disto. Quando o docente consegue fazer com que o locus dele não seja externo, ou seja que ele seja avaliado por ele mesmo e não pelo que os outros pensam dele, ele começa a ser um professor sábio! Então ele deixa de ser um docente e vira um sábio que começa a transmitir conhecimento de vida. (Sujeito 16 - professor)

Considera que a carreira docente sofreu alterações ao longo da história do país, e que em outros tempos era melhor remunerada do que a magistratura. Entende que essa desconstrução se deu pelas próprias relações de empregabilidade. Acredita que uma pessoa que não tinha colocação no mercado, tentava o mestrado, e posteriormente se encaminhava para o magistério sem ter nenhuma vocação, mas simplesmente por uma falta de opção no seu campo de trabalho; entende que tal dinâmica fez com que a área da docência se enchesse de profissionais que não têm a menor aptidão para o magistério. Considera que muitos usam a desculpa de serem mal remunerados para justificarem o fato de serem maus professores.

Considera que chegamos a esse contexto de qualidade do profissional da educação que temos no Brasil por isso. Acrescenta que para ser professor no Brasil não precisa muito, pois muitas faculdades particulares oferecem cursos de licenciatura, e têm feito um trabalho de baixíssima qualidade na formação desses professores.

Acredita que seja uma pena o professor aposentar muito cedo no Brasil, pois entende que depois desse tempo de formação e de experiência ele estará no ápice da sua carreira; e acredita que ele precisa ser valorizado. Acredita que a busca por essa aposentadoria se deva ao fato do professor se sentir desvalorizado. Observa que na Itália, onde trabalhou como docente por algum tempo, que lá ele era o professor mais jovem com mais graduação; e que os professores por lá têm em entre 67 e 73 anos. Entende que neste contexto seria interessante usarmos a experiência dos mais antigos para ajudarmos na qualificação dos mais novos.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Observa que, em função das características do processo avaliativo que é utilizado na escola, os alunos começam a se qualificar em função dessa quantificação que lhe é imposta pelas provas, ou seja, ele se qualifica em função da sua nota.

Considera ainda que esta lógica quantitativa que o aluno assume faz com que ele

comece a se colocar em uma hierarquia de valores dentro da turma, em uma pirâmide de valoração que tem como parâmetro as notas.

Acredita que o aluno, seja ávido por conhecimento, mas não de conhecimento específico, que seja ávido por conhecimento de vida.

Acredita que muitas vezes os alunos já chegam em sala de aula com determinados pré-conceitos sobre o professor, e quando o professor começa a mostrar seu trabalho eles percebem que não era nada do que eles haviam imaginado; entende que o verdadeiro propósito do professor é perceber qual o conhecimento que o aluno tem, e ajudar a corrigir o que estiver errado. Acredita que isso deve ser feito dentro das doutrinas, dando possibilidade para que ele conheça diferentes doutrinas, pois entende que não existe conhecimento absoluto.

Relata que muitas vezes, como professor do ensino médio, não consegue sair de sala de aula no intervalo, porque os alunos sempre têm muita curiosidade, sempre têm muitas perguntas a fazer. Relata que muitas vezes não consegue desenvolver o conteúdo do programa, por que os alunos fazem muitas perguntas e têm interesses diversos, mas entende que apegar-se ao conteúdo não permitiria que aula se desenvolvesse tão bem; entende que aproveitando os ganchos do conteúdo que ele traz, e abrindo espaço para as curiosidades dos alunos consegue chegar mais próximo da realidade deles e assim dar mais sentido a essa formação.

Entende que se dermos para eles esse conhecimento, através de debates, e através dessa dinâmica inserirmos textos técnicos, o aprendiz se desenvolver  muito bem. Pondera que tem uma restrição ao aluno de hoje, pois acha que ele é preguiçoso quanto a leitura; acredita que isso se dá pelo fato de serem de uma geração que está acostumada a lidar com textos curtos em suas comunicações; pondera que isto é negativo, pois muitas destas informações que eles obt m não são científicas ou são fakes.

Acredita que eles são ávidos por informação, mas a têm em tanta quantidade que quando querem replicar essa informação não conseguem elabor  -la, e deixam de se comunicar por medo de se expor. Entende que ao serem expostos têm receio de errar. Entende que essa atitude acaba promovendo um processo de retroalimentação negativa, e que por isso ele evita se expressar. Relata que suas provas são com consulta, quando há provas, mas ressalta que insiste sempre que os alunos escrevam.

Entende que a característica principal de um bom aluno   querer! Acredita que quando o aluno quer ele consegue se desenvolver. Entende que alguns alunos, por falta de percepção dos professores, mesmo sendo bons alunos em potencial, às vezes acabam não se desenvolvendo por terem baixa autoestima; acredita que esta baixa autoestima se construiu por terem sido desvalorizados no decorrer de sua formação.

Muitas vezes entende que o aluno acaba se desmotivando de algumas disciplinas porque em um determinado momento de sua trajetória só se interessa em aprender conteúdos que o preparem para o ENEM.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Acredita que a educação permite ao aprendiz desenvolver seu senso crítico, e que esse desenvolvimento se dá a partir do trabalho do profissional da educação; acredita que o aluno sempre tenha um professor com o qual se identifica. Acredita que a referência daquele professor faz com que ele busque mais conhecimentos naquela área.

Relata que uma das coisas que mais o realizam enquanto profissional da educação é ver um ex-aluno começando a lecionar e a fazer pesquisa.

Relata que trata os alunos com muito carinho, que faz questão de saber o nome de todos eles, e que faz questão de deixar claro que esse carinho, e até as vezes o contato físico de um abraço ou de um beijo, não têm outra conotação senão a do respeito e da consideração que ele tem por eles. Relata que nunca teve problemas por essa sua característica de relação com os alunos, e que tal postura faz parte da sua personalidade.

Acredita que as características das relações entre professor e aluno no IFG, são muito diferentes das que se desenvolvem em outras instituições escolares. Acredita que a relação professor aluno no IFG é muito boa, mas que essas relações deveriam ser melhoradas em todas as outras redes, tanto públicas quanto privadas, de maneira que o docente seja visto realmente como: um tutor, um orientador, um ser que atingiu uma sabedoria pelo seu estudo, mas que não é o dono da verdade.

Considera que o professor deve buscar uma relação fraternal, quase parental com o aluno. Pondera que muitos professores vão criticá-lo por esta posição, mas que propositalmente olha para seus alunos como se fossem seus filhos.

Acredita que se o docente conseguir, e entende que isso não seja fácil, mas se ele conseguir, descer do púlpito, diz mesmo púlpito e não do tablado, se ele conseguir descer do pedestal onde às vezes se coloca, acredita que conseguirá ter uma relação mais próxima com o seu aprendiz.

Acredita então que a relação com o aluno precisa ser sincera, entende que se tratarmos o aluno como um filho, essa relação sempre vai ser boa. Defende então que a relação aluno professor tem que ser parental, pois o professor é um modelo de vida.

Acredita que suas expectativas como educador tem sido atingidas, e que tem conseguido deixar o aluno melhor do que quando o encontrou no primeiro dia de aula.

Entende que a expectativa que tínhamos antigamente na instituição, hoje mudou, pois o aluno já não quer mais somente a formação técnica, formação esta que já foi uma das referências de qualidade da instituição; acredita que o aluno busca a instituição atualmente por ela representar a possibilidade de um ensino médio gratuito e de qualidade; acredita que ele não quer ser técnico, e que está nesta instituição por entender que ela facilitará o seu acesso à universidade.

Acredita que seria interessante restringirmos o quantitativo de alunos por turma, pois assim poderíamos enxergar: as idiossincrasias, as não identidades, os problemas de cognoscência e as vicitudes individuais; e entende que isso seria muito positivo para a qualidade da educação.

4.16.1 Resumo e breves considerações sobre a entrevista do sujeito 16

Tabela 23.
Resumo da entrevista do sujeito 16.

EIXOS	Resumo das ideias do sujeito 16
EIXO 1	Relata que seu o conceito de educação é que ela seja um marco no ser humano que a busca como alteração de forma de vida. Entende então que a educação seja essa mudança de vida, onde o educando descortina um mundo através daquele sujeito que se propôs a educá-lo. Acredita que hoje a qualidade da educação em nosso país seja péssima, não a educação que é feita no IFG, mas a educação como um todo; entende que a base dessa baixa qualidade está no fato de a família ter se distanciado do processo. Entende que a educação deve apoiar-se em um tripé: família, religião, escola.
EIXO 2	Entende que no meio de tanta informação o docente hoje precisa saber mostrar para o aluno onde pesquisar. Considera que a sala de aula lhe motiva ao extremo e que não tem nada que o motive mais que a interação com os alunos. Acredita que quando o profissional consegue de fato colocar em prática a máxima de que: “o verdadeiro professor é aquele que às vezes ensina e na maioria das vezes aprende”; será um bom professor. Considera que para chegar a ser um bom profissional sejam necessárias as seguintes características: saber ouvir, aceitar idiossincrasias e não só respeitar, mas aprender com as diferenças. Relata que uma das coisas que mais o realizam enquanto profissional da educação é ver um ex-aluno começando a lecionar e a fazer pesquisa. Considera que um bom professor deve ser avaliado pelo que ele transforma e não pelo que ele simplesmente ensina; entende que talvez essa seja a resposta mais próxima da realidade para o que seja um bom professor.
EIXO 3	Observa que as aprendizagens desenvolvidas em sala de aula despertam o espírito crítico dos alunos e começam a lhe conferir mais autonomia. Como professor não se preocupa em aprovar ou reprovar o aluno, se preocupa se ele consegue aprender, mas observa que os alunos sempre vêm para a sala de aula imbuídos apenas da obrigação de passar de ano. Observa que em função das características do processo avaliativo que é utilizado na escola, os alunos começam a se qualificar em função da quantificação que lhe é imposta pelas provas, ou seja, ele se qualifica em função da sua nota. Acredita que o aluno, seja ávido por conhecimento, mas não de conhecimento específico, ávido por conhecimento de vida. Entende que a característica principal de um bom aluno é querer! Acredita que quando o aluno quer ele consegue se desenvolver. Muitas vezes entende que o aluno acaba se desmotivando de algumas disciplinas porque em um determinado momento de sua trajetória só se interessa em aprender conteúdos que o preparem para o ENEM.
EIXO 4	Afirma que tem repúdio a esse sistema avaliativo que simplesmente quantifica o ensino, entende que não se avalia a mudança na sociedade, se avalia números. Considera que é necessário ter muito cuidado nesta relação professor aluno para que não haja uma identificação excessiva e o aluno queira assumir aquela persona que o professor apresenta em sala de aula. Acredita que o aluno sempre tenha um professor com o qual se identifica e que ele se torne um agente motivador para que o aluno busque mais conhecimentos naquela área. Considera que o professor deve buscar uma relação fraternal, quase parental com o aluno. Pondera que muitos professores vão criticá-lo por esta posição, mas olha para seus alunos como se fossem seus filhos.

Fonte: Elaboração própria.
Nota: Eixo 1 - representações sobre educação. Eixo 2 - identidade profissional e representações sobre o papel do professor. Eixo 3 - O aluno e suas características. Eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

Destacamos na fala deste sujeito a visão que ele traz sobre como o aluno assume a lógica quantitativa dos processos avaliativos postos pela escola como um modelo para se autoavaliar, e entende que assim ele se qualifica como aluno a partir da nota que recebe; concordamos com o entrevistado, pois vemos tal característica deste modelo ensino aprendizagem como um dos elementos mais negativos para a formação do aluno, e consideramos que ele subjetivamente assuma estes rótulos postos por esta quantificação e que na maioria das vezes isto é negativo para ele. Destacamos também que o entrevistado vê esta mesma lógica quantitativa de avaliação usada em relação ao trabalho do professor.

Nesta parte dos nossos resultados faremos uma análise do conjunto das informações obtidas nas entrevistas dos professores, com a intenção de apresentar os pontos convergentes e divergentes entre as ideias dos vários sujeitos. Os resumos foram produzidos tendo como base os nossos objetivos de pesquisa, objetivo geral: analisar aspectos da subjetividade e das representações sociais de alunos/professores sobre o processo de ensino/aprendizagem; em especial: suas percepções, suas motivações e suas atitudes frente a este contexto. Objetivos específicos: analisar qual a importância que discentes e docentes atribuem à educação, investigar o que os sujeitos destacam como pontos positivos e negativos no processo ensino aprendizagem, investigar se houve pessoas ou instituições que influenciaram positiva ou negativamente a relação do aprendiz com o ensino, investigar o que motiva os professores a ensinarem, investigar o que motiva os alunos a estudarem, investigar o que os alunos entendem como um bom professor e o que os professores entendem como um bom aluno, investigar as características do relacionamento entre professores e alunos, investigar se os professores conseguem entender seus estudantes e se sabem como ajudá-los a aprender.

A organização dos resumos manteve o modelo de sistematização em eixos, os mesmos quatro eixos utilizados para produzir as sínteses das entrevistas: eixo 1 - representações sobre educação; eixo 2 - identidade profissional e representações sobre o papel do professor; eixo 3 - O aluno e suas características; eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

Após a apresentação do resumo de cada eixo, faremos uma análise do conjunto das ideias dos sujeitos, na qual daremos destaque as que se mostraram hegemônicas, mas também apresentaremos algumas representações, que mesmo sendo restritas a alguns sujeitos, nos pareceram coerentes e relevantes para nossa reflexão.

4.17.1 Conjunto dos resumos das entrevistas dos professores e uma breve análise das principais representações - eixo 1

Tabela 24.
Resumo das ideias das entrevistas dos professores - eixo 1.

SUJEITOS	Eixo 1 - representações sobre educação
Sujeito 1	Considera a educação como fonte de libertação. Considera que a educação está em crise no Brasil. Considera que a educação no Brasil passa por dificuldades estruturais. Considera que o professor não é valorizado. Considera que o professor não é mais o detentor do saber. Vê o professor sem identidade definida. Considera que o professor tem dificuldades em atender essa nova geração. Questiona se o que o aluno aprende hoje ainda será importante no futuro. Acredita que a escola precisa se aproximar da realidade do aluno.
Sujeito 2	Entende que a educação pode ser instrumento de transformação ou de controle. Vê a educação como campo de batalha entre classes sociais. Considera que a educação é vista como perigosa pelos setores retrógrados da sociedade. Considera que o atual governo tenta usar a educação como forma de controle. Considera que o sistema escolar reproduz as desigualdades. Considera que a tarefa da escola seja muito mais do que transmitir conteúdos. Acredita que a escola seja um lugar de formação da identidade do aluno. Considera que a comunicação de massa utilizada sem critérios e sem senso crítico tem provocado muitos efeitos colaterais na sociedade. Define-se como pessimista em relação ao futuro da educação.

Sujeito 3	Acredita que a educação no país é negligenciada. Entende que a participação dos pais ou responsáveis no processo educativo é primordial. Considera que a família atualmente está desfacelada e isto prejudica a educação. Acredita que precisa haver uma ação coletiva para motivar mais os alunos a se engajarem no processo educativo.
Sujeito 4	Considera a educação como parte da vida do ser humano. Entende que o ser humano é um ser social e depende da sociedade para sua sobrevivência. Analisa que, se considerarmos as adversidades que a educação no Brasil enfrenta ela tem qualidade satisfatória. Entende que a escola tem duas funções básicas: uma função técnica, e outra com o objetivo de instrumentalizar o sujeito, de dar saberes para ele ter domínio da cultura. Entende que a escola tem o papel de formar o cidadão.
Sujeito 5	Entende que a educação é um processo político e humano; é um processo de se encontrar enquanto pessoa.
Sujeito 6	Define a educação como uma arte de intervir na formação de outro ser humano, com a perspectiva de contribuir nas tomadas de decisões do indivíduo frente a vida. Entende que no Brasil temos dificuldades de várias ordens, mas considera que existe um bom trabalho sendo feito. Entende que a tecnologia e a comunicação em massa tem criado uma predisposição negativa no aluno para engajar-se no processo ensino aprendizagem.
Sujeito 7	Entende que a educação tem como propósito contribuir para a evolução dos sujeitos. Entende que a escola tenha a função de organizar os conhecimentos para socializar com os sujeitos.
Sujeito 8	Entende a educação como um caminho para a emancipação. Entende que o modelo educativo que temos é pensado para atender demandas mercadológicas. Entende que a educação precisa levar em conta pelo menos três eixos: a formação científica, a formação educativa (propedêutica) e a formação para a emancipação política. Considera que todas as redes de ensino tem como principal objetivo educacional a preparação para o ENEM (Exame nacional do ensino médio).
Sujeito 9	Considera que a educação seja um fator transformador na vida do estudante; reafirma esta posição a partir da sua experiência profissional, mas também traz como testemunho sua própria história de vida. Acredita que a educação deve possibilitar que o sujeito se torne uma pessoa melhor, mais crítica e com competência para analisar a realidade. Entende que em nosso país apesar da constituição garantir o direito de todos a educação, infelizmente esse direito é negligenciado, e muitas vezes essa educação oferecida é de baixa qualidade. Acredita que a educação pode permitir acesso a melhores empregos. Considera que nas últimas décadas muitas ferramentas educacionais foram criadas, mas a velocidade da evolução da educação não acompanhou a velocidade dos avanços tecnológicos e também não acompanhou as mudanças de perfil dos alunos.
Sujeito 10	Entende que a função da escola é inserir o aprendiz no mundo do pensar, o mundo do conhecimento. Entende que a estrutura das escolas públicas de muitas maneiras é inadequada. Acredita que não é toda a sociedade que dá valor a educação. Acredita que a desvalorização que a educação passa no Brasil atualmente faz parte de um discurso político ideológico. Considera que muitas diretrizes são postas para todo o país sem considerar as peculiaridades regionais.
Sujeito 11	Considera que a educação que vinha da família foi perdida. Acredita que o papel que deveria ser dos pais na educação está sendo colocado sob a responsabilidade da escola. Entende que o processo de aprendizagem não se resume a nota. Acredita que os relacionamentos humanos são muito importantes para o processo de formação educacional dos alunos. Entende que a formação do trabalhador precisa integrar a parte técnica e a parte humana.
Sujeito 12	Percebe a escola como um espaço ambivalente, acredita que ela tem sido controlada, mas que também seja um lugar libertário. Entende que o ser humano se educa na convivência com o outro através de uma partilha de saberes. Observa que ensinamos os alunos a usar ferramentas, mas que esse uso se processa a partir da particularidade e das necessidades de cada aprendiz e portanto a aprendizagem não é igual para todos. Acredita que a educação não seja só racional, mas que ela passa também pelo afeto. Analisa a educação a partir de uma perspectiva histórica e acredita que hoje ela é a melhor que já tivemos em todos os tempos. Acredita que o atual sistema educativo tem permitido mais acesso às pessoas das classes mais baixas ao ensino superior.
Sujeito 13	Entende que a educação sintetiza um processo formativo, técnico profissional; um processo construtivo do ponto de vista intelectual. Entende que a educação seja também instrumento de emancipação subjetiva, existencial, social e econômica. Acredita que o potencial transformador da educação é menor do que nós professores idealizamos, mas é maior do que conseguimos perceber no aluno. Entende que subestimamos a nossa influência na vida dos alunos. Considera que a educação consegue congrega três dimensões básicas: a formação profissional, o desenvolvimento pessoal e em certa medida o crescimento social.

Sujeito 14	Entende que para compreender o significado da educação é necessário pensar no impacto social que ela causa. Acredita que exista uma clara disparidade no acesso à educação. Acredita que o atual modelo educacional reproduz as desigualdades. Entende que o poder público negligencia as experiências vividas pelos alunos, a situação estrutural das escolas, as condições de trabalho do professor etc., e não atua para promover uma melhora na qualidade da educação. Acredita que a educação é pensada dentro de uma lógica meritocrática. Entende que o sistema escolar não é nota dez, mas também não é nota zero. Acredita que a nossa concepção de trabalho que norteia as ações dentro do sistema escolar é ultrapassada e se presta a tirar os jovens carentes das ruas.
Sujeito 15	Entende a educação escolar como os conhecimentos recebidos pelo aluno sobre tudo que está à sua volta. Entende que a sua maneira o aluno vai internalizando estes saberes e neste processo vai os incorporando à sua cultura pessoal. Considera que a educação no país tenha perdido a sua essência; observa que as relações de aprendizagem atualmente estão muito dinâmicas e aceleradas.
Sujeito 16	Entende a educação como um marco para o ser humano que a busca como possibilidade de mudança de vida. Entende então que a educação seja essa mudança de vida, onde o educando descortina um mundo através daquele sujeito que se propôs a educá-lo. Acredita que hoje a qualidade da educação em nosso país seja péssima. Entende que a educação deve apoiar-se em um tripé: família, religião, escola. Considera que a família brasileira está desestruturada e que isso impacta negativamente na educação.

Fonte: Elaboração própria.

Uma concepção que é hegemônica nas representações de nossos sujeitos sobre educação, ainda que o digam com palavras diferentes, é que a educação pode formar o sujeito para a cidadania e para a vida em sociedade, não entendendo que ela se limite a um acúmulo de conteúdos ou saberes científicos, mas sim um meio de formação humana; 15 de nossos sujeitos entrevistados nos apresentaram ideias neste sentido. Os sujeitos 2 e 12, destacam a ambivalência contida no processo educativo, pois entende que ela pode ser transformadora, mas ao mesmo tempo pode servir como instrumento de controle. Os sujeitos 2 e 14 consideram que este modelo educativo é um meio de perpetuação das desigualdades sociais. Quatro de nossos entrevistados ressaltam que a família, enquanto um dos principais grupos sociais responsáveis pela qualidade da educação, está desestruturada e entendem que isso seja negativo; e um deles considera que a sociedade tem tentado transferir para a escola e para o professor a responsabilidade de prover os alunos da formação educacional que deveria vir do ambiente familiar.

Outra concepção que nos parece relevante é em relação à qualidade da educação no país, onde 7 sujeitos entendem que ela não é boa, especialmente por ser negligenciada pelo poder público, 4 sujeitos consideram que ela, em considerando seu percurso histórico e as adversidades que enfrenta, é de boa qualidade; os demais entrevistados não abordaram esse assunto de forma direta. Estas representações de nossos entrevistados refletem suas percepções sobre todo o sistema educacional, especialmente a rede pública, e a valoração de qualidade é baseada nesta visão ampliada; fazemos este destaque pois todos os professores entrevistados consideram que é boa a qualidade da educação oferecida no IFG; entendem que as principais deficiências percebidas na qualidade da educação estão nas redes públicas municipal e estadual.

Três de nossos entrevistados entendem que determinados setores da sociedade consideram a educação perigosa em função dela possibilitar aos aprendizes maior senso crítico. E neste contexto dois sujeitos entendem que a partir desta visão de mundo e de

educação o nosso atual governo tenta desestruturar e desqualificar os professores e a qualidade da educação do país.

Quatro de nossos entrevistados destacaram a influência negativa que os meios de comunicação em massa têm provocado nos aprendizes; efeitos que vêm da alteração na velocidade e no tempo de aprendizagem, que ao contrastar com o ritmo da escola acaba por causar desinteresse nos alunos, até a assimilação de informações não científicas, que concorrem e se contrapõem ao que o professor apresenta em sala de aula. Outros professores abordaram as influências das TICs no processo de aprendizagem dos alunos, mas de forma menos direta e com o entendimento de que se elas forem bem utilizadas podem ser úteis para os aprendizes.

Três de nossos entrevistados destacam que o professor precisa procurar se adequar ao perfil dos novos alunos que ele tem na atualidade e parar de idealizá-los ou compará-los com os alunos de outros tempos.

A entrevistada número 12 destaca que o processo de aprendizagem não está baseado somente em aspectos cognitivos, pois entende que as relações de afeto são igualmente importantes.

4.17.2 Conjunto dos resumos das entrevistas dos professores e uma breve análise das principais representações - eixo 2

Tabela 25.
Resumo das ideias das entrevistas dos professores - eixo 2.

SUJEITOS	Eixo 2 - Identidade profissional e representações sobre o papel do professor.
SUJEITO 1	Considera que uma das coisas mais motivantes na docência é poder perceber a evolução do aluno no seu processo de aprendizagem. Um fator que o desmotiva no trabalho docente é o excesso de burocracia. Tem críticas aos professores que dão aulas por décadas sempre com a mesma metodologia. Considera que os professores têm resistência em trabalhar de forma coletiva. Considera como grandes defeitos de um professor a vaidade e a soberba. Saiu do mercado corporativo da engenharia e foi para a profissão de professor.
SUJEITO 2	Considera que a capacidade de contribuir no processo de transformação pelo qual o aprendiz passa dentro do sistema escolar seja o fator que mais o motiva no trabalho docente. Considera que a desconstrução da imagem do professor é uma questão preocupante e que ela revela o desinteresse político de uma parcela da sociedade pelo papel que a educação pode cumprir. Relata sofrer de angústia e ansiedade em função das tensões do trabalho docente causadas pelas atuais políticas. Acredita que o papel do professor, na atualidade, é primordial para desconstruir toda uma estrutura de desinformação que é veiculada, principalmente, pela internet e por várias outras formas de comunicação em massa. Entende que a atuação dos professores pode ter impacto positivo na motivação da turma. Escolheu a profissão a partir de uma visão de que a sociologia poderia ajudar a responder suas questões existenciais e foi para a docência por ver nela uma maneira de entrar mais rapidamente no mercado de trabalho.
SUJEITO 3	Entende que o professor renova suas energias para ensinar na relação com o aluno e com o seu desejo de aprender. Considera que para ser professor precisa ter vocação e também habilidade para trabalhar com pessoas. Considera que para se manter na profissão é necessário uma boa remuneração. Relata que se sente valorizada e respeitada quando encontra ex alunos e estes lhe mostram que ela foi importante no seu processo de formação. Deixou uma profissão onde trabalhava com o turismo, buscou o curso de geografia e a partir daí se identificou com a docência.
SUJEITO 4	Acredita que dentro dessa sociedade, dita do conhecimento, mesmo com todas as tecnologias disponíveis e com todos os questionamentos sobre a educação, o papel do professor continua sendo muito importante, e os avanços tecnológicos servem apenas para ampliar esse papel. Relata que sua motivação profissional é constituída de vários elementos que contribuíram para sua identificação com a carreira, mas a principal foi por achar a função social do professor muito relevante. Considera que estar com os alunos em sala de aula, poder conversar com eles é uma coisa que o motiva. Considera que para se desenvolver um bom processo educativo o principal seja a boa formação do professor. Acredita que os professores

podem influenciar positivamente os alunos no sentido de valorizar os estudos. Acredita que o trabalho do professor se constitui em um ameaça para a lógica capitalista, e que por isso, nestes últimos tempos, estão sofrendo uma série de ataques. Entende que o bom professor é aquele sujeito que tem consciência do seu lugar, do seu contexto social e do que ele representa para os alunos. Informa que o reconhecimento acadêmico e social da profissão de professor lhe chamou a atenção no momento da escolha da carreira e também porque entendia que era um bom mercado de trabalho.

SUJEITO 5	<p>Se identifica com a profissão à medida que acredita que ela possa fazer a diferença na vida dos aprendizes. O que mais lhe motiva na carreira é quando encontra antigos alunos, já com maior maturidade, e estes lhes retornam a informação de que a sua intervenção como professora fez diferença na vida deles. Ressalta que a maior frustração como docente é a auto cobrança de saber como mudar as metodologias para que o aluno realmente aprenda. Entende que um dos papéis do professor é motivar o aluno. Faz uma crítica ao coletivo dos professores que muitas vezes ministram a mesma disciplina por muito tempo, sem quase nenhuma evolução ou atualização. Considera que foi para educação por acaso, pois trabalhava na área de engenharia e teve a oportunidade de prestar um concurso para ingressar no IF.</p>
SUJEITO 6	<p>Considera como um dos elementos que mais a motivam, o fato de encontrar ex-alunos e eles a chamarem de professora, e a tratarem de forma carinhosa, demonstrando assim que houve uma contribuição na formação dele como sujeito. Tem como grande motivação para o trabalho docente a consciência da capacidade de intervir positivamente na formação do aluno. Entende que além da estrutura física precária para o trabalho o professor tem sofrido um processo de desmoralização. Entende que o professor é um dos principais agentes que podem ajudar o aluno a achar o seu caminho. Entende que o professor precisa cumprir o papel de oferecer contrapontos para o aluno poder analisar a realidade, estimulando-o a pensar de forma autônoma. Faz uma análise de como a família anda desestruturada na nossa sociedade, e que nessa ausência outros grupos, com objetivos espúrios podem assumir a hegemonia da influência sobre o adolescente, e acredita que o professor pode contribuir sendo uma parte positiva dessa nova referência. Percebe que com todo este envolvimento: profissional, social, humano, afetivo etc., o professor acaba pagando um preço, e chegando a adoecer. Inicialmente pretendia se graduar em outra área, mas escolheu uma licenciatura por acreditar que teria mais chances de ingressar na universidade e posteriormente acesso mais rápido ao mercado de trabalho.</p>
SUJEITO 7	<p>Uma grande satisfação que tem como professor é perceber que nesta relação com o aluno conseguiu atingir seu objetivo de contribuir para o desenvolvimento dele. Entende que o professor deve ensinar de maneira que o conhecimento tenha um propósito para o aluno. Se considera um docente que gosta de acompanhar os alunos de perto, o mais individualmente possível. Formou-se em arquitetura, mas sempre se mirou no exemplo do pai que era professor, e, quando teve oportunidade, prestou concurso público para trabalhar na rede federal de ensino.</p>
SUJEITO 8	<p>Afirma que o que mais lhe motiva dentro do processo ensino aprendizagem é a relação com os alunos, mas que também se sente mais motivado quando se identifica com o conteúdo. Acredita que nós professores ainda somos muito pragmáticos, muito positivistas, distantes da realidade do aluno e ainda com o hábito de se colocar num pedestal. Considera que para ser professor seja imprescindível ter boa capacidade de diálogo e também uma ampla cultura e sólidos valores morais. Escolheu a carreira tendo os pais como exemplo, ambos professores, inclusive da mesma área que ele.</p>
SUJEITO 9	<p>Considera que existem duas características que são fundamentais para ser um bom professor: em primeiro lugar o domínio do conteúdo, seguida da competência didática. Em função das peculiaridades da sua área de trabalho prefere utilizar abordagens metodológicas mais clássicas. Considera que o que desmotiva é perceber como os alunos chegam para o processo educativo atrás de falsas promessas que são veiculadas sobre a educação; e também o fato de os próprios alunos estarem desmotivados. Relata que começou a ensinar desde a adolescência como forma de ganhar algum dinheiro, e, inspirado na sua mãe, que era professora, escolheu um curso superior para formação de professores em uma área de saber da qual gostava.</p>
SUJEITO 10	<p>Um fator que a motiva é quando percebe que o aluno conseguiu apreender as informações mediadas por ela. Acredita que o professor tenha a função de explicar para o aluno, de forma científica, o que acontece no mundo. Considera que um bom professor pode fazer a diferença na formação dos alunos, mas entende que no Brasil o professor não é bem formado. Considera que muitos professores não estão preparados para o diálogo e apenas despejam conteúdos sobre os alunos. Entende que o professor precisa aprender a trabalhar com o aluno que tem, e deixar de esperar um aluno ideal. Percebe uma campanha, promovida por alguns setores da sociedade, para desqualificar o trabalho do professor e a sua importância social. Nos conta, que ao encontrar alunos egressos da instituição, ouve muitos relatos de como as intervenções que ela fez como professora mudou a vida deles. Veio a ser profissional da educação quando abraçou a oportunidade de acesso que teve ao ensino superior, de forma pragmática aproveitou a oportunidade que teve.</p>

SUJEITO 11	<p>Informa que, como professor, preocupa-se mais com a qualidade do conteúdo do que com a quantidade. Entende que um dos papéis do professor é motivar o aluno, e também, mostrar para ele a realidade de sua área de formação. Se tornou professor pelo fato de logo após formar ter conseguido uma bolsa para fazer mestrado e em seguida o doutorado, e neste processo descobriu a docência e resolveu seguir esta carreira.</p>
SUJEITO 12	<p>Considera que o que mais a motiva no trabalho de professor é a consciência da potência transformadora que existe na educação. Afirma que o lugar que mais gosta na escola é a sala de aula. Entende a educação como um processo de mão dupla, onde o docente ensina, mas também recebe conhecimentos que proveem dos seus alunos. Acredita que toda essa tentativa de desconstrução da importância do papel do professor, que está acontecendo nos dias de hoje, se dá em função do medo que este grupo que está atualmente no poder tem da escola e de seus avanços. Considera que o essencial para ser um bom professor é o comprometimento. Inicialmente queria ser jornalista, mas onde vivia não tinha o curso, e como era muito ligada a leitura e a literatura fez o curso de letras, e posteriormente mestrado e doutorado; assim assumiu e se identificou com a carreira docente.</p>
SUJEITO 13	<p>Acredita que um dos desafios do professor é convencer o aluno a estudar. Conta que ao encontrar alguns alunos, muitos anos depois de concluírem o ensino médio, eles relatam como a ação dele foi transformadora para eles. Entende que é fundamental o professor ter consciência da sua importância e do seu papel social. Considera que um aspecto que o desmotiva é o fato de, em certa medida, na rede pública federal, sermos reféns de um discurso muito paternalista em relação aos nossos alunos. Acredita que a figura do professor seja indispensável, numa condição subjetiva, numa condição emocional e até mesmo na condição de mediador de um processo de aprendizado. Em primeiro momento queria trabalhar na área de psicologia, mas teve de desistir em função de questões financeiras, neste mesmo período teve oportunidade de trabalhar com a docência e acabou se identificando.</p>
SUJEITO 14	<p>Considera que sua maior motivação e desmotivação no trabalho como professor são as duas faces de uma mesma moeda; entende que ser professor é um constante embate entre a vaidade e a transformação de alguém. Considera que para ser um bom professor é necessário ter dedicação, flexibilidade e boa conduta. Acredita que o papel do professor é mediar a construção do conhecimento de forma dialógica. Considera que a profissão docente tem uma característica positiva que é a possibilidade de podermos envelhecer, e esse envelhecimento nos possibilitar ser alguém melhor. Considera que chegou a profissão de professor porque sempre se identificou com ela, mas evita usar o termo vocação.</p>
SUJEITO 15	<p>Entende que é muito positivo e motivante para o professor quando ele percebe que o aluno se desenvolveu durante o processo. Quando o aluno não se desenvolve no processo ensino aprendizagem, em primeiro momento sente-se culpado por isso, mas pondera que tem consciência da responsabilidade do aluno neste processo. Entende que o professor precisa ter uma postura bastante humana e também muita paciência. Relata que acha negativo no trabalho de professor, a angústia que, às vezes, sente nos períodos de avaliação; angústia que representa a ansiedade de não ter certeza se conseguiu contribuir para a aprendizagem dos alunos. Relata que nem pensava em continuar os estudos após a conclusão do ensino médio, mas ao ver seus amigos falarem sobre a universidade resolveu tentar o acesso, então escolheu a área das licenciaturas que era menos concorrida.</p>
SUJEITO 16	<p>Considera, a sala de aula e a relação com os alunos, os fatores que mais o motivam no trabalho docente. Entende que, no meio de tanta informação, o docente precisa mostrar para o aluno onde pesquisar. Acredita que quando o profissional consegue colocar em prática a máxima de que: “o verdadeiro professor é aquele que às vezes ensina e na maioria das vezes aprende” será um bom professor. Considera que para um bom profissional sejam necessárias as seguintes características: saber ouvir, aceitar idiossincrasias e não só respeitar, mas aprender com as diferenças. Considera que um bom professor deve ser avaliado pelo que ele transforma e não pelo que ele simplesmente ensina. Relata que uma das coisas que mais o realizam, enquanto profissional da educação, é ver um ex-aluno começando a lecionar e a fazer pesquisa. Relata que chegou à carreira de professor, porque muito cedo, na adolescência, começou a ensinar para ganhar algum dinheiro, e desde então percebeu que tinha inclinação para esta área profissional.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Pudemos constatar que, a maioria dos professores, chegou a carreira docente em função de questões pragmáticas que os levaram a ela, como a maior facilidade de acesso à universidade para as áreas da docência e também a possibilidade de empregabilidade mais imediata; com diferentes trajetórias 10 de nossos sujeitos chegaram à docência a partir deste paradigma. Destacamos que, um destes 10 sujeitos, nos diz que chegou a profissão por ter vocação para a docência, mas ressalta que não gosta muito da palavra vocação, pois

entende que ela é muito idealizada. Dos demais sujeitos, 4 chegaram à profissão oriundos do trabalho em empresas privadas, onde não exerciam a função de docente; três escolheram a profissão por influência da família, onde os pais já eram professores.

Destacamos que, com distintas explicações, 9 dos 16 professores colocam a capacidade de contribuir para: a formação, a transformação e a evolução do aluno como o fator que mais os motiva na carreira docente; e, nesta mesma linha de representação, outros 5 consideram que a relação com os alunos dentro do processo ensino aprendizagem é o elemento que mais os motiva. Neste aspecto da motivação para o trabalho, 2 dos entrevistados não destacaram claramente o seus motivos. Dentro dos aspectos que motivam e valorizam o trabalho do professor, 6 sujeitos nos relatam encontros com ex alunos onde estes lhes reportam sobre como a intervenção dos professores, juntamente com o acesso à educação, foram agentes transformadores na vida deles.

Quanto aos fatores de desmotivação, foram destacados vários elementos, tais como: a própria desmotivação dos alunos, o excesso de burocracia, o excesso de paternalismo com que os alunos são tratados, as pressões sociais e psicológicas postas sobre o trabalho docente etc., mas não tivemos fatores que fossem hegemônicos nas representações dos sujeitos. Relacionado a estes fatores de desmotivação, 3 sujeitos elencam como fator negativo no trabalho docente, os processos de adoecimento que o professor vive em função das pressões sociais, físicas e psicológicas que sofre no exercício da profissão.

Sobre o papel social do professor, 5 deles nos colocam que este precisa ajudar o aluno a fazer uma leitura profunda e crítica da realidade social, inclusive ajudando-o a desconstruir a grande quantidade de falsas verdades que são veiculadas pelos meios de comunicação em massa. Aparece implícito na fala de vários professores o entendimento de que a função do professor é ajudar o aluno a evoluir como pessoa e que o professor pode ser um exemplo a ser seguido; neste contexto, três deles destacam que o professor tem a função de motivar os alunos, tanto para a vida, como para se engajar mais no processo ensino aprendizagem; outros dois destacam que o professor precisa ajudar o aluno a achar seu caminho.

Como resposta à questão de quais as características necessárias para ser um bom professor, tivemos várias representações, tais como: a capacidade de diálogo, relações respeitadas com os alunos, formação acadêmica de qualidade, boa capacidade didática, a capacidade de ouvir e entender os alunos etc.; mas não tivemos nenhuma característica que se mostrou mais hegemônica, sendo que a mais recorrente, e que aparece, de forma implícita, nas falas de grande parte dos professores, é a capacidade de manter um bom relacionamento com os alunos.

Sobre as características do trabalho docente, três deles nos apontam que a estagnação e a falta de atualização didática seja um dos maiores defeitos; 2 professores entendem que a vaidade e a soberba são os maiores defeitos de um professor. Trazemos um elemento que foi destacado apenas por 2 sujeitos, mas que nos parece relevante, que é a percepção de que o professor tem o hábito de idealizar um aluno perfeito, e entendem que é necessários superar tal comportamento e aprender a trabalhar com os alunos reais.

4.17.3 Conjunto dos resumos das entrevistas dos professores e uma breve análise das principais representações - eixo 3

Tabela 26.

Resumo das ideias das entrevistas dos professores - eixo 3.

SUJEITOS	Eixo 3 - O aluno e suas características
Sujeito 1	Acredita que os alunos são expostos a mais situações desmotivantes do que motivantes. Considera que o que mais motiva os alunos seja a busca por melhores condições de vida, mas entende que a própria curiosidade acadêmica também seja um fator de motivação. Acredita que muitas vezes o aluno se motiva em aprender determinada disciplina mais por afinidade com o professor do que com o próprio conteúdo. Acredita que outro fator de motivação para o aluno aparece por ações coercitivas, através da cobrança dos: pais, professores e da própria sociedade. Considera que os alunos evoluem perceptivelmente durante o processo formativo do ensino médio. Considera que o fato de os alunos ainda não terem objetivos definidos faz com que não se engajem o suficiente no processo ensino aprendizagem. Considera que muitos hábitos que os alunos apresentam, em relação ao processo educativo, foram constituídos dentro da própria escola. Considera que muitos alunos nem sabem por que estão estudando, mas o fazem simplesmente pela força do hábito. Acredita que o aluno para ter um bom desenvolvimento acadêmico precisa descobrir o que quer da escola além de ter vontade de aprender. Observa que nem sempre a nota é sinônimo de aprendizagem, pois muitas vezes o aluno estuda só para a prova, e não para aprender.
Sujeito 2	Acredita que uma grande motivação que o aluno tem para se engajar no processo de aprendizagem é resolver problemas imediatos da adolescência, como a consolidação da sua identidade. Acredita que eles querem entender o que acontece à sua volta. Pondera que os alunos, por serem adolescentes, já vivem uma fase diferenciada da vida, portanto ainda não têm capacidade de perceber as responsabilidades que virão, e, muitas vezes, passam pelo processo formativo sem pensar no futuro. Considera que o aluno de hoje já nasceu no mundo da tecnologia e acaba sofrendo as consequências destes tempos no seu processo de aprendizagem. Observa que ao acompanhar o trânsito dos alunos pelo: primeiro, segundo, terceiro e quarto anos felizmente é perceptível o crescimento humano deles. Considera que o bom aluno, é aquele que consegue assimilar todo este processo de transformação que a educação é capaz de oferecer.
Sujeito 3	Observa que quando o aprendiz não tem um objetivo claro, se sente perdido e desmotivado, e que isso impacta no seu engajamento no processo de aprendizagem. Observa que alguns alunos têm grande identificação com os professores e que isso provoca efeitos positivos ou negativos no seu comportamento frente ao processo ensino aprendizagem. Acredita que os alunos projetam muitas expectativas sobre a figura do professor. Acredita que de forma geral os alunos têm muito respeito pelos professores e valorizam seu trabalho.
Sujeito 4	Analisando a partir de sua perspectiva de ex-aluno da instituição, aliada a sua experiência como professor, considera que a motivação dos alunos está ligada ao domínio do professor sobre o conteúdo que ele ministra. Entende que o aluno pode desenvolver identificações com as ideias e posições de determinados professores. Entende que o bom aluno é aquele que: tem interesse, que estuda, que é autônomo.
Sujeito 5	Acredita que os alunos já chegam ao ensino médio desmotivados por todo um processo educativo que foi desenvolvido nos anos anteriores. Não entende que exista bom ou mau aluno, acha que é muito subjetivo, acredita que precisa haver um bom professor para que haja um bom aluno. Não considera que nota seja sinônimo de bom aluno, entende que o bom aluno aquele participativo, é aquele que realmente quer aprender. Observa que o perfil dos alunos fica diferente com o passar dos anos, e o professor precisa aprender a se adaptar para conseguir trabalhar com eles. Percebe que os alunos vão se transformando durante os anos, desenvolvem maior senso crítico, vão se percebendo mais como aluno, aprendendo a questionar e a se questionar.
Sujeito 6	Entende que a questão da motivação do aluno é ampla e complexa, mas de forma geral vê o aluno como pouco motivado nos dias de hoje. Percebe que as causas pelas quais os alunos procuram a escola estão ligados a apelos mercadológicos e não à vontade intrínseca de aprender. Entende que o aluno ao vir para o processo educativo tem que estar inteiro: de corpo e mente, e se permitir aprender, precisa estar aberto para interagir com a proposta de trabalho do professor. Entende que o aluno ideal é aquele que tem pré-disposição para interagir. Entende que dada as influências dos meios de comunicação e as tecnologias que estão à disposição do aluno, ele chega na escola em um outro ritmo, diferente do da escola, e já predisposto a rejeitar o processo de aprendizagem.

Sujeito 7	Percebe que o aluno chega à instituição, no início do ensino médio, com um brilho no olhar e que ele vai perdendo isso com o transcorrer do curso, e que, muitas vezes, ao terminar parece que perdeu toda a sua empolgação. Não considera os alunos bons ou ruins, mas entende que para que haja uma evolução é preciso haver uma interação entre professores e alunos, e nesta interação entende que qualquer aluno pode evoluir. Percebe que alguns alunos já veem com uma racionalização de que o que importa na aprendizagem é só a nota. Faz uma crítica de que apesar de toda tecnologia a qual os alunos têm acesso, eles não pensam, fazem uso dela sem raciocinar. Entende que o aprendiz que alcança melhores resultados é aquele que interage e se mostra capaz de mudar durante o processo. Defende que o aluno precisa estar aberto ao conhecimento.
Sujeito 8	Afirma que o que lhe chama a atenção em um bom aluno é seu interesse e participação. Percebe que os alunos dos anos iniciais do ensino médio chegam mais motivados, mais ávidos pelo aprendizado, mais participativos; mas com o passar do tempo vão perdendo essa motivação. Entende que a influência que instituição exerce sobre o comportamento dos alunos é grande, e que a influência da família é decisiva, mas que o adolescente por viver numa esfera de aceitação social sofre muito os reflexos da influência do grupo.
Sujeito 9	Acredita que muitas vezes os alunos vêm para o processo educativo desmotivados, pois os conteúdos apresentados não lhes interessam, e ao mesmo tempo eles ainda não têm maturidade para dimensionar a importância deles. Acredita que de forma geral os alunos chegam para escola motivados, mas que o número de desmotivados tem aumentado nos últimos anos. Acredita que para o aluno o que mais lhe motiva é quando um conhecimento pode ser usado, aplicado; e o que o desmotiva é exatamente o contrário, não saber a que se presta tal conteúdo. Conjectura que a desmotivação do aluno não se deve apenas ao conteúdo, mas à falta de maturidade, e a uma falsa pressuposição social de que sucesso é sinônimo de dinheiro. Afirma que a principal característica que precisa ter um aluno é querer aprender e que a partir disso os outros fatores intervenientes podem ser solucionados. Acredita que muitos comportamentos dos alunos em relação à educação e ao processo ensino aprendizagem se dão em função de valores sociais que lhes são postos. Entende que o aluno de ensino médio entra em sala de aula pensando simplesmente em ter uma boa nota na prova do ENEM.
Sujeito 10	Entende que os alunos não sabem muito bem o motivo de estarem na escola e que o professor tem o papel de esclarecê-lo sobre isso. Observa que muitas vezes o excesso de conteúdo, que não leva em consideração o nível de desenvolvimento do aluno, faz com que ele chegue no final do curso cansado e desmotivado. Acredita que a forma através da qual os conhecimentos são apresentados aos alunos é desmotivante para eles, e que eles então se refugiam no celular. Acredita que esta geração é muito apegada à determinadas tecnologias, e que para o professor concorrer com o celular pela atenção do aluno é uma coisa muito difícil; considera que “alguém” está mostrando para o aluno que o celular vale mais a pena do que a educação. Percebe que o nível de qualidade e empenho dos alunos têm caído com o passar dos anos. Entende que o bom aluno é aquele que quer aprender, que quer estar na escola.
Sujeito 11	Conjectura que hoje não existe uma motivação verdadeira, mas que existe sim uma disputa pela nota; e que muitas vezes isso é culpa do professor e da forma de organização do sistema educativo. Acredita que os alunos hoje estão menos respeitosos, e que não conseguem lidar com a liberdade que têm, pois ainda não possuem maturidade suficiente para encarar isso com a devida responsabilidade. Observa que toda essa modernidade, que toda essa tecnologia, tem produzido um “tempo mais acelerado”, e que isto leva o aluno a acreditar em uma falsa maturidade. Percebe neste aprendiz que chega à escola três características principais: despreparo, falta de conhecimento do curso e muita arrogância.
Sujeito 12	Observa que dinâmicas opressivas e pouco humanas fazem com que o trabalhador perca sua motivação, e também fazem com que o trabalho deixe de fazer parte de sua identidade; observa que essa mesma lógica se reproduz em relação ao aluno e a escola. Entende que se a única motivação para aprender é se colocar no mercado de trabalho, a educação não irá funcionar. Considera que o aluno também precisa desenvolver a consciência da sua responsabilidade e das suas possibilidades como aprendiz; e precisa saber que ao estar em um espaço de aprendizagem tem a responsabilidade de fazer o seu melhor para se desenvolver. Observa que a modernidade tem trazido muitas pressões que recaem fortemente sobre os alunos, o que tem causado aumento no número daqueles que: tentam suicídio, que se mutilam e que tomam remédios para tratar distúrbios diversos.

Sujeito 13	Considera que tanto o aluno do ensino médio, quanto o do ensino superior, não procuram a escola motivados pelo conhecimento, chegam motivados pelo trabalho. Considera que para a maioria dos alunos a principal motivação para o estudo é de ordem financeira. Acredita que o retorno que o aluno pode dar para o professor, sobre como o processo de aprendizagem funcionou para ele é muito tardio. Considera que atualmente o aluno usa a maior proximidade relacional com os professores, aliada às várias formas de comunicação como as redes sociais, para projetar sobre o professor, os seu ressentimento, para fazer valer sua perspectiva ideológica. Analisa que a falta de identificação com a educação que o aluno muitas vezes apresenta em sala de aula, em primeiro momento lhe faz sentir que está atrapalhando a vida dele; acredita que seja com este pensamento que o aprendiz olha para a figura do professor. Entende que o bom aluno é aquele que desenvolve autonomia e que busca constituir as suas próprias formas de absorver o conteúdo. Não acredita que o bom aluno seja aquele que fica sentadinho, olhando, prestando atenção, anotando tudo, entende que este perfil de aluno atingirá o seus resultados, mas não considera que este seja o único perfil de bom aluno. Considera que o ensino que é oferecido no Brasil não atende as expectativas dos alunos, e nem tem que atender, porque elas, como a grande maioria das expectativas, são idealizações.
Sujeito 14	Considera que muitos jovens, em função de sua realidade cotidiana, chegam na escola com a vivência da violência, da opressão etc. Entende que temos um público de alunos que está disposto a nos ouvir, mas que não são necessariamente um público passivo. Observa que estamos trabalhando com uma geração de jovens que chegam à escola cada vez com uma quantidade maior de informações. Percebe que os alunos do ensino médio estão cada vez mais se interessando em vir para escola não somente para receber os conteúdos de sua área específica de formação técnica, mas querem debater a conjuntura política, querem debater os problemas do seu bairro, querem entender o cotidiano das construções de afetos. Considera que não basta ao aluno ter só força de vontade, acredita que o aluno ideal seria aquele que tivesse plenas condições de estar suprido de qualquer tipo de carência social que pudesse dificultar sua formação escolar. Considera que um bom aluno se faz com seu autoreconhecimento e através da percepção do que ele de fato está fazendo no ambiente escolar, entendendo esse ambiente enquanto espaço de trabalho.
Sujeito 15	Observa que o aluno está muito desmotivado; relata que às vezes o professor tenta desenvolver ações para motivá-los, mas que eles não respondem a elas. Observa que o aluno clama para que as informações trazidas para sala de aula façam sentido para o seu tempo. Observa que o ritmo, aparentemente lento, da educação faz o aluno olhar para ela como se fosse uma coisa chata. Observa que o aluno acha que já domina determinados saberes; mas pondera que esse domínio é uma pretensão, pois quando o professor exige um pouco mais de elaboração no trato com o conteúdo, esse aluno não consegue responder. Acredita que, dentro do possível, o aluno se desenvolva durante o processo de ensino aprendizagem; observa que ele aprende, mas que tem pouca dedicação aos estudos. Acredita que os alunos, dada à pressa típica do seu tempo, não têm paciência para seguirem o passo a passo do processo de aprendizagem, e querem pular para o final das etapas sem passar pelo meio, considera que eles tenham atitudes absolutamente imediatistas. Acredita que a principal, senão única, expectativa do aluno em relação à sua formação escolar seja a aprovação no ano letivo. Acredita que essa atitude, aparentemente menos compromissada, do aluno de hoje em relação ao estudo, se deva também, à sua pouca idade e à sua imaturidade para entender o que é, ou que importância pode ter a educação para sua vida.
Sujeito 16	Observa que as aprendizagens desenvolvidas em sala de aula despertam o espírito crítico dos alunos e começam a lhe conferir mais autonomia. Como professor não se preocupa em aprovar ou reprovar o aluno, se preocupa se ele consegue aprender, mas observa que os alunos sempre vêm para a sala de aula imbuídos apenas da obrigação de passar de ano. Observa que em função das características do processo avaliativo que é utilizado na escola, os alunos começam a se qualificar em função da quantificação que lhe é imposta pelas provas, ou seja, ele se qualifica em função da sua nota. Acredita que o aluno, seja ávido por conhecimento, mas não de conhecimento específico, ávido por conhecimento de vida. Entende que a característica principal de um bom aluno é querer, acredita que quando o aluno quer ele consegue se desenvolver. Muitas vezes entende que o aluno acaba se desmotivando de algumas disciplinas porque em um determinado momento de sua trajetória só se interessa em aprender conteúdos que o preparem para o ENEM.

Fonte: Elaboração própria.

Ao serem questionados sobre a figura dos alunos, os professores nos apresentaram várias representações, dentre as quais, 10 dos 16 professores, defendem a ideia de que para ser um bom aluno é preciso ter as atitudes: de querer estudar e de se empenhar no processo ensino aprendizagem; três deles acrescentam que é necessário que o aluno desenvolva autonomia para aprender. Segundo nossos entrevistados os rápidos avanços da sociedade da informação tem provocado efeitos negativos na relação dos aprendizes com o processo

ensino aprendizagem, 8 dos 16 entrevistados nos apontam diferentes perspectivas sobre esta questão.

Os nossos entrevistados entendem que entre os fatores que mais motivam nossos alunos para aprendizagem estão: a nota ou a aprovação no ano letivo (7 sujeitos), a busca por melhores condições de vida e a colocação no mercado de trabalho (5 sujeitos), a própria atuação do professor (3 sujeitos), entender o mundo a sua volta (3 sujeitos), domínio e aplicação do conteúdo (3 sujeitos), exame do ENEM (2 sujeitos). Um elemento que queremos destacar, apesar de ter sido apontado por apenas um dos sujeitos, é que o aluno às vezes é motivado por coerção, seja das cobranças da sociedade, dos pais ou dos professores.

Dentre os fatores que desmotivam os alunos foram apresentados; A falta de maturidade com que os alunos têm chegado a escola (6 sujeitos), a falta de objetivos claros (4 sujeitos), o próprio transcorrer do tempo dentro do sistema escolar e as frustrações que ele traz (4 sujeitos); outros fatores foram citados de forma mais pontual, tais como: as formas de exposição do conteúdo, o desinteresse pelos conteúdos, o excesso de conteúdo, o aluno já carregar uma desmotivação construída dentro do próprio sistema escolar e a cobrança coercitiva por resultados.

Um dos sujeitos nos traz uma representação de que os alunos criam expectativas idealizadas em relação ao processo ensino aprendizagem, e ao que ele pode oferecer; entende que uma das funções da escola e do professor é desconstruir essas idealizações e trazê-lo para o mundo real.

Mesmo considerando que exista uma multiplicidade de fatores intervenientes nas atitudes dos alunos dentro do processo ensino aprendizagem a maioria de nossos entrevistados deixa implícito nas suas falas que percebem a evolução e o desenvolvimento dos alunos; sendo que 5 deles atestam isso explicitamente.

4.17.4 Conjunto dos resumos das entrevistas dos professores e uma breve análise das principais representações - eixo 4

Tabela 27.

Resumo das ideias das entrevistas dos professores - eixo 4.

SUJEITOS	Eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem
Sujeito 1	Entende que para fazer a mediação do conhecimento o professor precisa estar ciente da pluralidade de pessoas que existe dentro da sala de aula. Considera que o empenho e a motivação do professor se refletem na turma e tem efeitos positivos na qualidade da aprendizagem. Acredita que precisamos achar uma forma de adequar o ritmo da escola ao dos alunos, pois eles têm um tempo muito mais rápido, e a escola ainda está muito lenta e isso pode causar desmotivação. Acredita que o professor ainda é uma referência para o aluno: “alguém que pode lhe ajudar a encontrar o caminho a ser seguido”. Observa que as formas de relação professor aluno são muito variáveis, pois alguns constroem boas relações, acompanham todos os alunos, mas outros trabalham apenas com determinados alunos, somente com aqueles que se encaixam no perfil idealizado pelo professor. Entende que muitos professores ainda usam metodologias que já estão obsoletas. Acredita que uma das maiores dificuldades da docência é promover uma aprendizagem interativa dentro da sala de aula.

Sujeito 2	Entende que o papel do professor na sua relação com o aluno é mostrar-lhe como nossa própria história condiciona nosso processo civilizatório e educativo, destacando como isso influencia nas nossas relações sociais. Na especificidade da sua disciplina (sociologia), acredita que, com algumas poucas exceções de alunos que tentam conseguir aprovação através da cola ou de outra facilidade qualquer, a maioria se empenha no aprendizado. Acredita que tornar uma aula divertida interessante seja produtivo para a motivação do aluno, mas pondera que o professor não pode cair na ideia do espetáculo e da mercantilização do conhecimento.
Sujeito 3	Entende que os professores precisam superar a divisão dos conhecimentos em áreas disciplinares. Entende que é necessário o equilíbrio entre teoria e empiria. Entende que é importante ter diálogo com os alunos e tentar perceber o ponto de vista deles. Considera importante o professor se esforçar para diversificar as aulas, que deva evitar usar sempre o mesmo método. Observa que uma maior proximidade no relacionamento permite que os alunos conheçam melhor o professor e consigam romper um pouco a hierarquia e o distanciamento que os separam. Observa que para atrair mais a atenção dos alunos para as atividades é interessante dar espaço para que eles possam dar suas opiniões, especialmente dentro de assuntos da atualidade. Observa porém que quando as aulas são muito centradas na fala do professor os alunos perdem a atenção e ficam desmotivados. Entende que apesar de ser possível, nem sempre o professor consegue perceber as dificuldades particulares de cada aluno, pois têm muitas outras atribuições dentro e fora do ambiente de trabalho, o que muitas vezes dificulta esta percepção mais sensível e mais aprofundada.
Sujeito 4	Entende a figura do professor como extremamente importante, pois considera que não são as tecnologias que formam o sujeito e sim as relações sociais e, neste sentido, o professor tem a responsabilidade de fazer a mediação deste processo. Percebe que uma grande dificuldade no trabalho docente é a relação professor aluno, considera difícil o fato de o professor entrar em sala de aula e ter de trabalhar com alunos que não querem aprender determinado conteúdo, entende que, portanto, deve se desenvolver um processo de convencimento, de estímulo, de incentivo por parte do professor, e que para isso é necessário muita competência didática. Observa que neste processo relacional entre professores e alunos existam três grupos básicos: um grupo de alunos com os quais consegue desenvolver um relacionamento profissional e pessoal mediano, um grupo menor de alunos com os quais se identifica e outro grupo, menor ainda, com os quais ele trava alguns conflitos.
Sujeito 5	Entende que ao colocar um professor com o perfil mais adequado a uma determinada turma os alunos ficam mais motivados. Considera que se conseguíssemos motivar melhor os nossos alunos teríamos um índice de insucesso mínimo. Pensa que os diferentes níveis de motivação não sejam em função do conteúdo e nem da disciplina, entende que o elemento central da motivação é o professor. Entende que precisa haver uma empatia do professor com os alunos, de tentar perceber qual a história e quem são esses sujeitos para os quais ele ensina. Acredita que tal atitude faz com que a qualidade da intervenção fique melhor tanto para o professor quanto para o aprendiz.
Sujeito 6	Defende que as relações no processo ensino aprendizagem precisam ser estabelecidas entre dois sujeitos, sem que nenhum deles seja colocado na posição de objeto. Entende que apesar dessa relação bilateral, o professor, pelo seu maior amadurecimento e pela sua formação acadêmica, tem a obrigação de conduzi-lo, facilitando o trânsito do aluno por ele; mas sem esquecer que o aluno carrega uma história e uma compreensão de mundo. Faz a crítica de que, muitas vezes, à título de ser moderno, e de incorporar novas tecnologias, o professor acaba se perdendo num show pirotécnico. Entende que o processo de ensino aprendizagem, tem um quê de prazer, mas tem que ter aquela disciplina cotidiana, que a primeiro momento parece difícil, mas que é importante e necessária. Defende que a relação professor aluno tem de ser respeitosa, uma relação entre sujeitos, através da qual se efetive uma troca onde ambos ganham. Entende que a coerção é uma forma de tentar obrigar o aluno a aceitar as concepções e as metodologias do professor sem direito ao diálogo. Considera que existam profissionais que se impõem ao aluno de forma coercitiva, ao tratar o aluno como objeto têm a ilusão que vai se manter na sua zona de conforto.
Sujeito 7	Apresenta a ideia de que o professor deve estar atento para perceber como os alunos reagem ao aprendizado, e assim, intervir; e não simplesmente apresentar o conteúdo e dar por finalizado o seu trabalho. Entende que a falta de maturidade e também a falta de espaço para o diálogo com os professores leva o aluno a se evadir da sala de aula e a dar mais atenção ao celular do que à própria formação escolar. Acredita que o aluno percebe quando o professor está sendo verdadeiro e transparente no seu trabalho, e que ele responde positivamente a isso. Entende que tem o lado negativo da questão, desta forma mais aberta de se relacionar com o aluno, que é quando ele trata o professor com falta de respeito, acredita que isso também é sentido com maior intensidade. Acredita que o professor que dá aulas apenas a partir de monólogos, sem que haja a interação, e que os alunos tenham apenas de ouvir, não seja eficiente. Entende que a escola possa ter outros ambientes agradáveis e convidativos para o aluno, outros elementos com os quais ele interagir e se identificar, como por exemplo: artes e esportes. Informa que muitos de seus ex alunos sempre voltam para visitá-los na sua sala de aula, e que isso demonstra que uma relação positiva e duradoura foi estabelecida.

Sujeito 8	Acredita que no que tange a relação professor aluno, a aproximação entre ambos do ponto de vista afetivo tem uma influência significativa para o processo ensino aprendizagem. Considera que a interação é uma arma efetiva para melhorar a motivação dos alunos, pois muitas vezes eles passam a gostar da disciplina em função do professor. Entende que a atenção individualizada é uma forma de integrar melhor o aluno no processo ensino aprendizagem. Considera que a capacidade de variação metodológica também é bastante efetiva para manter o interesse dos aprendizes. Acredita que a relação mais próxima com os alunos, e a facilidade de diálogo, podem permitir ao professor atendê-los melhor nas suas dificuldades pessoais, e que esta atenção faz com que eles se sintam mais valorizados e se empenhem no aprendizado.
Sujeito 9	Acredita que, se o aluno quiser aprender, é possível desenvolver-se uma boa didática para ajudá-lo no seu processo de aprendizagem, mas entende que esse querer precisa vir do aluno. Acredita que a relação professor aluno precisa ser sempre de amizade e companheirismo, pois entende que ambos estão “no mesmo barco”, considera que desta forma eles podem crescer juntos.
Sujeito 10	Percebe que os alunos desta geração são diferentes, nem melhores nem piores, e que o professor precisa se atentar para isso. Observa que estão entrando bastante jovens no ensino médio e não têm muita maturidade para enfrentar o processo de ensino aprendizagem. Considera-se uma professora rígida e exigente, mas ao mesmo tempo busca cuidar dos alunos, entende que a empatia e o carinho sejam fundamentais.
Sujeito 11	Entende que os pilares que sustentam a educação são: o respeito, a dedicação e a responsabilidade, tanto por parte dos professores quanto dos alunos. Entende como ponto negativo dentro da escola o excesso de liberdade que o aluno tem, que chega ao nível da falta de respeito; entende que o professor pode ser considerado como um amigo, mas que precisa haver limites, pois entende que um cumpre a função de professor e o outro de aluno. Entende que essa relação, essa troca é bidirecional, que se o aluno mostra interesse, naturalmente o professor vai se interessar mais em ensiná-lo. Acredita que a contextualização do conhecimento, o diálogo sobre a importância que ele pode ter na vida do aluno, é muito mais motivador para o engajamento do aluno no aprendizado do que a nota. Observa que o aluno ainda se espelha muito no professor e tem ele como exemplo. Entende que é importante o professor atentar-se às diferenças: sociais, culturais e econômicas dos alunos, pois tal percepção lhe permitirá melhor relação com a turma. Relata que nesta relação professor aluno as vezes acontecem situações desagradáveis, onde o aluno joga sobre as costas do professor, toda a responsabilidade por não ter aprendido determinado conteúdo, entende que o professor precisa sempre ter a tranquilidade de saber que o aluno tem sua parcela de responsabilidade no processo ensino aprendizagem, mas ele também precisa ter a humildade de refletir sobre sua atuação e analisar se precisa promover revisões na sua metodologia de trabalho.
Sujeito 12	Relata que tem ficado ansiosa e temerosa em relação à relação professor aluno nestes últimos tempos, porque a figura do professor tem sido atacada; tem sido atribuída a ele a culpa de doutrinar os alunos em determinado sentido ideológico. Acredita que é muito importante acompanhar os alunos da forma mais individualizada possível, mas que é uma tarefa difícil dada a quantidade de aulas e de alunos. Relata que sempre busca valorizar o saber dos alunos, e deixa claro para eles que sua responsabilidade como professora na relação entre eles é a de mediar determinados conhecimentos que ela tem a mais do que eles.
Sujeito 13	Acredita que, nos últimos vinte anos, houve uma mudança na relação professor aluno, observa que os professores mais antigos eram mais tradicionalistas, mais distantes dos alunos, mais rigorosos, e a geração mais nova rompeu com esse paradigma. Observa que esta nova geração ao promover essa maior abertura, muitas vezes, têm perdido o ponto de equilíbrio. Considera que precisamos ter cuidado para fazermos esse processo de aproximação; pois entende que podemos despertar no aluno determinados sentimentos, e que a proximidade excessiva pode gerar variadas distorções. Relata que em relação à mediação do conhecimento é bastante pragmático, no sentido de acreditar que o melhor método é aquele que funciona.
Sujeito 14	Considera que uma boa relação professor aluno seja crucial, principalmente nos tempos atuais, onde se exige essa quebra da verticalidade na relação entre o professor e o aluno, onde se exige a construção de relações mais dialógicas e horizontalizadas; entende que não se deve tirar o protagonismo do professor, mas sim fomentar o engajamento do aluno. Entende que temos que ouvir sempre os nossos alunos, temos que trabalhar com eles sempre respeitando suas individualidades. Observa que muitas vezes o sistema educacional tem sido instrumentalizado para criar estruturas institucionais que façam com que os corpos fiquem dóceis, que fiquem domesticados, domesticados em vários níveis: na forma como se senta, como se veste, como fala. Entende que, para realizar com eficiência a mediação dos conhecimentos, não são os alunos que têm que se adaptar ao método do professor, mas o professor é quem precisa saber se adaptar as realidades da sala de aula.

Sujeito 15	Considera que para a aprendizagem se desenvolver bem é necessária uma boa relação entre professor e aluno, pois entende que se isto não acontecer o processo virará um cabo de guerra entre as partes e o professor não conseguirá atingir seus objetivos. Relata que, às vezes, encontra ex-alunos que lhe agradecem por ter sido exigente com eles durante a sua formação escolar, e que só naquele momento conseguiram perceber o quanto aprenderam, e o quanto esse aprendizado os tornou uma pessoa diferenciada.
Sujeito 16	Afirma que tem repúdio a esse sistema avaliativo que simplesmente quantifica o ensino, entende que não se avalia a mudança na sociedade, se avalia números. Considera que é necessário ter muito cuidado nesta relação professor aluno, para que não haja uma identificação excessiva, e o aluno queira assumir aquela persona que o professor apresenta em sala de aula. Acredita que o aluno sempre tenha um professor com o qual se identifica, e que ele se torna um agente motivador para que o aluno busque mais conhecimentos naquela área. Considera que o professor deve buscar uma relação fraternal, quase parental com o aluno. Pondera que muitos professores vão criticá-lo por esta posição, mas olha para seus alunos como se fossem seus filhos.

Fonte: Elaboração própria.

Nas nossas análises sobre as relações que se estabelecem dentro do processo ensino aprendizagem, levamos em consideração várias direções e sentidos da mesma: entre o aluno e o processo ensino aprendizagem, entre os próprios alunos, mas, especialmente, as relações que se estabelecem entre professores e alunos.

Neste sentido nossos entrevistados consideram que a mediação didática é o principal instrumento para conseguir maior engajamento, entendendo que as aulas que promovam maior interação entre professores e alunos e destes com os conteúdos seja a forma mais efetiva para isso; 11 dos nossos 16 sujeitos, destacaram aspectos referentes as metodologias de ensino como as principais maneiras de tornar o processo ensino aprendizagem mais motivador e por consequência mais eficiente. Um desses 11 sujeitos destacou, especialmente, que não é o aluno que tem que se adequar ao professor, mas sim o professor que precisa saber se adequar aos alunos que estão na sua sala de aula.

O entendimento de grande parte dos entrevistados (10 sujeitos) é que as relações precisam ser empáticas e baseadas no respeito mútuo. Dois dos entrevistados acrescentam que esta relação deve ser baseada no afeto. Uma das professoras reforça a ideia de que esta relação tem de ser entre sujeitos, onde o professor nunca deve tratar o aluno como objeto. Neste contexto de uma relação mais próxima e mais empática 4 de nossos entrevistados alertam para o necessário cuidado para não estabelecer uma proximidade excessiva; fazem esta ponderação por entenderem que tal nível de relação pode fazer com que o aluno entenda errado qual é o seu papel e qual é o do professor, e assim, tender a atitudes de desrespeito ou se identificar excessivamente com ele.

A necessária atenção a pluralidade social e cultural que se apresenta em sala de aula aparece implícita na fala da maioria dos entrevistados, mas 4 deles destacam esta necessária atenção às características particulares dos alunos. A atenção individualizada aos alunos como forma de melhorar a qualidade da aprendizagem também aparece de forma implícita na fala de muitos de nossos entrevistados, mas 4 deles reforçam explicitamente essa necessidade, apesar de entenderem que ela nem sempre é fácil dado à grande quantidade de turmas e alunos que cada professor tem, e portanto nem sempre tal atendimento é possível.

Dentro deste processo relacional nossos entrevistados (7 sujeitos) entendem que um dos papéis do professor é ser o mediador entre: os alunos, os conteúdos e a realidade;

desta forma, mostrar para eles como estes conhecimentos se aplicam ao mundo real; consideram que, a partir desta atitude, os professores podem auxiliar os alunos a encontrar o seu caminho.

Apresentaremos algumas representações que foram destacadas por um único sujeito, mas que, no nosso ponto de vista, são coerentes e relevantes para discussão: o sujeito 1 destacou a percepção de que os alunos, em função de serem uma geração diferente e muito ligados à tecnologia, tem um ritmo diferente do tempo de ensino aprendizagem da escola e entende que isso influencia negativamente as atitudes deles dentro de sala de aula e também sua relação com o professor; este mesmo professor e também o sujeito número 10 alertam para o hábito que os professores têm de idealizar um aluno perfeito (de acordo com suas concepções) e entendem que isso também atrapalha as relações em sala de aula, pois cria expectativas que não poderão se concretizar; o professor número 16 destaca que os processos avaliativos baseados na quantificação (nota quantitativa) acabam por gerar no aluno uma atitude de se qualificar em função desta nota, e entende que isso não é adequado e cria graves distorções no processo ensino aprendizagem e também na relação entre professores e alunos em sala de aula; outro destaque feito pelo sujeito 6 é que a coerção ainda é uma ferramenta muito utilizada por muitos professores como forma de impor seus saberes aos alunos e de, pretensamente, mantê-los sobre controle.

Outro aspecto, que apareceu na fala de vários dos nossos entrevistados (9 sujeitos), foi a percepção de que uma atitude motivada do professor para ensinar, onde este mostre empenho e dedicação a esta tarefa, se constitui como um elemento de motivação para os alunos também se empenharem no seu processo de aprendizagem. Um deles até nos apresenta o entendimento de que os alunos passam a gostar da disciplina em função da atuação do professor.

5.0 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS - SEGUNDA FASE - PARTE 2 - OS ALUNOS

Na parte 2 da segunda fase da pesquisa, foram realizadas as entrevistas com os alunos; entrevistas semiestruturadas tendo como instrumento norteador um roteiro desenvolvido pelo próprio pesquisador. O objetivo foi conseguir abordar o tema com maior profundidade. As entrevistas foram gravadas e transcritas na sua íntegra e a partir destas transcrições foram desenvolvidas as sínteses aqui apresentadas. Esta síntese abstraiu do contexto geral das entrevistas as informações que respondiam mais diretamente as questões de pesquisa.

Foram entrevistados 20 alunos, sendo 11 homens e 9 mulheres. Sendo: 5 alunos do curso técnico integrado em controle ambiental, 3 alunos do curso técnico integrado em edificações, 2 alunos do curso técnico integrado em eletrônica, 3 alunos do curso técnico integrado em eletrotécnica, 2 alunos do curso técnico integrado em instrumento musical, 2 alunos do curso técnico integrado em mineração e 3 alunos do curso técnico integrado em telecomunicações.

Apresentamos aqui as entrevistas de forma sintética, e na sequência, apresentamos tabelas com os resumos das representações de cada indivíduo em cada eixo; e a partir deles desenvolvemos uma análise de conjunto das entrevistas.

Esta síntese está organizada em quatro grandes eixos: eixo 1 – representações sobre educação, eixo 2 – Identidade profissional e representações sobre o papel do professor, eixo 3 – O aluno e suas características e eixo 4 – As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

Ressaltamos que a divisão em eixos foi utilizada apenas com a finalidade de organizar as ideias para serem melhor compreendidas, pois as informações contidas neles se complementam no sentido de nos permitir conseguir atingir nossos objetivos de investigação.

5.1. SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 1

Aluno do quarto ano do curso técnico integrado em telecomunicações. Idade 19 anos. Vivenciou o mercado de trabalho através dos estágios curriculares. Renda familiar de menos de R\$ 1.874,00. Pai possui o ensino médio completo e a mãe o ensino médio incompleto.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Entende que é todo sistema que tem o objetivo de repassar a determinado indivíduo os conteúdos básicos para sua formação, seja para o mercado de trabalho, seja para o seu aprimoramento pessoal e também para a preparação para acesso ao ensino superior.

Acredita que a educação seja uma porta para a mudança de um país, uma porta para a mudança de uma cultura. Observa que muitas vezes nesse processo educacional há uma desconexão entre aluno e professor.

Considera que no processo educativo seja importante que o aluno tenha liberdade, mas que é imprescindível que também haja certo direcionamento para que o aluno não perca o rumo. Observa então que é necessário esta mistura: liberdade com direcionamento.

Entende que o acesso à educação pode permitir que o aluno aprenda a pensar. Acredita que ele não deva utilizar os conhecimentos aprendidos somente na sala de aula, mas buscar usá-los para a vida dele; entende que o aluno deve refletir sobre como aquilo que ele está aprendendo pode contribuir para sua vida e sua atuação na sociedade.

Considera que o aprendiz precisa entender que educação não é só prova, que não é só nota, que pode trazer aprendizados para serem aplicados em vários setores da sociedade. Considera que estes aprendizados podem permitir ao aluno enxergar melhor a sociedade onde vive e entender o que acontece à sua volta.

Entende que as pessoas não devem apenas reclamar da ineficiência dos nossos políticos, mas precisam empenhar-se para melhorar a educação, que é a base de nossa cultura.

Observa que ainda hoje, infelizmente, temos uma taxa de analfabetismo muito alta. Observa, que mesmo os que vão para a escola, boa parte deles acabam se tornando analfabetos funcionais, justamente por falta dessa capacidade de pensar.

Acredita que a nossa cultura administrativa, de gerir a educação de forma aparentemente improvisada, deixa implícito para os estudantes que o aprendizado se resume à nota; entende que esse é um dos maiores problemas da educação no país.

Determinadas características do atual modelo de ensino levam os alunos a questionarem o processo;

Eu hoje sou bem mais realista quanto a educação, tanto é que tem alguns dias que você fica muito desanimado, tem alguns dias que você começa a pensar: - Poxa vida! Hoje eu vou ficar uma hora e meia naquela aula e eu não vou conseguir entender bem! Porque eu já sei qual é o método do professor, eu sei que eu não consigo entender muito bem aquilo, eu sei que muitas vezes aquilo que ele passa não tem nem aplicação. . . . muito enfoque no Enem e pouco enfoque no ensino, pouco enfoque na aplicabilidade das coisas no seu cotidiano! Você conseguir entender uma coisa para além de uma prova! (Sujeito 1 - aluno)

Relata que, às vezes, se sente desmotivado a participar de determinadas aulas, pois acredita que a metodologia utilizada não vai agregar nenhum conhecimento à sua formação; considera que muitas vezes determinados conhecimentos não têm nenhuma aplicação, que só se prestam a serem repetidos nas provas do ENEM.

Considera que o processo ensino aprendizagem precisa ser pensado em uma dimensão que permita que o aluno se aproprie dos saberes para além da necessidade de responder uma prova.

Considera então que a educação, particularmente ensino médio, acaba se prestando basicamente para preparar o aluno para uma prova, e não para contribuir para sua formação enquanto parte de uma sociedade.

Considera que a educação, até então recebida, ajudou na sua preparação enquanto trabalhador, principalmente no que tange à responsabilidade; observa que não foram exatamente os conteúdos, mas o aprendizado de ter que lidar com: diferentes situações, de cumprir prazos, de ter horário, de ter organização, de ter disciplina etc.

Entende que estes hábitos prepararam-no tanto para a universidade quanto para o mercado de trabalho.

Relata que, grande parte da sua motivação para estudar, vem de sua família, e se dá pelo fato de seus pais não terem tido chance de estudar o suficiente, e assim, não conseguirem ter boas condições de vida; relata que isso o incentivou a aplicar-se ao máximo possível aos estudos. Considera então que, uma das maiores motivações, foi justamente essa lição que seus pais deixaram da experiência de terem falhado na vida acadêmica muito precocemente e terem sofrido no futuro.

Considera que a internet seja uma ferramenta poderosíssima, onde podemos ter uma infinidade de conteúdos na palma de nossas mãos; observa que a informação ficou tão fácil, mas as pessoas não sabem buscar. Acredita que o aprendiz precisa deixar de usar a internet somente para seu entretenimento e aprender a usá-la melhor como ferramenta de aprendizagem. Pondera que não acredita que o entretenimento seja ruim, mas que precise ser aproveitado com moderação.

Acredita que a oportunidade de ter passado pela aprendizagem escolar lhe ensinou a olhar o mundo de outra forma. Relata que vivia em uma bolha, e que a escola lhe permitiu conhecer novas pessoas (alunos, professores etc.) e conviver com elas; considera que essa possibilidade de convivência lhe permitiu aprender a olhar para a realidade de forma diferente, lhe possibilitou ver coisas que antes não via.

Considera que esta ampliação na sua visão de mundo lhe permitiu quebrar paradigmas, vislumbrar novas realidades; observa que, inclusive, dentro desse processo pôde desconstruir algumas idealizações do passado, idealizações sobre o que pretendia “ser” profissionalmente, e isso permitiu que ele redirecionasse os seus caminhos. Considera então que a escola tenha, como um de seus papéis, a responsabilidade de apresentar ao aluno um mundo mais real e menos idealizado, observa que ela te dá uma visão que vai além da bolha que antigamente você vivia, próximo, apenas, de sua família e afins.

Considera que essa ampliação de horizontes seja muito importante para conferir maior bagagem formativa ao aluno e que isso seja imprescindível para um indivíduo adulto e autônomo.

Considera que o nosso sistema educacional valoriza demais o diploma, e que deveria ter outra forma de avaliar o conhecimento de alguém, seja ele professor ou aluno, que não seja simplesmente por esse “papel”.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Acredita que o professor seja muito desvalorizado em nosso país. Observa que é possível encontrar na internet cenas explícitas de agressão a professores.

Acredita que seja muito importante o professor tentar entender o que o seu aluno pensa. Entende que ele precisa tentar perceber se ele conseguiu absorver a informação. Considera que o professor normalmente usa uma abordagem metodológica que tenta atingir todo mundo, mas pondera que, é preciso também se atentar às especificidades de cada aluno.

Acredita, então, que seria interessante uma maior conexão entre aluno e professor, que o professor não seja somente uma pessoa que vai colocar conteúdo no quadro e mandar o aluno copiar; pondera que a ideia seja conhecer como o aluno é, e não necessariamente agradá-lo.

Considera que a finalidade dessa maior proximidade seja, justamente, construir essa ponte, essa ligação entre professor e aluno; e assim permitir que o aprendiz entenda mais facilmente o conteúdo; acredita que assim o professor também será ajudado.

Acredita que o professor sofra quando o aluno não consegue entender a matéria, que fica se perguntando: será que a culpa é minha? O que é que eu posso fazer para melhorar?

Acredita que, como em todas as áreas profissionais, têm aqueles professores que realmente se identificam com a profissão, e realizam seu trabalho com muito empenho, e que têm aqueles que realizam trabalhos de má qualidade.

Acredita que, mesmo sem perceber, o professor está muito mais próximo do aluno do que imagina; entende que eles deveriam estar conscientemente mais próximos.

Acredita que um bom professor é aquele que consegue apresentar o conteúdo para o aluno da forma mais simplificada possível, de forma que ele consiga aprender; observa que para isso essa ligação entre professor e aluno seja fundamental.

Considera que um bom professor precisa ter uma ligação afetiva positiva com a profissão, pois acredita que isso lhe permitirá realizar o trabalho com maior qualidade e com menos stress.

Considera que o professor precisa se atentar àqueles alunos que querem aprender, pois entende que têm alunos que, absolutamente, não se propõem a aprender; entende então que outro ponto central, para melhor qualificar o processo ensino aprendizagem, seja a capacidade do professor selecionar os alunos que realmente querem aprender e assim ajudá-los nesta tarefa.

Observa que muitas vezes, mesmo o aluno tendo dificuldades, que não sejam motivadas pela falta de empenho, mas em função de afinidades ou desafinidades com determinada área de conhecimento, se o professor se propor a ajudar esse aluno, ele é capaz de se desenvolver. Observa que o aluno muitas vezes precisa de um auxílio a mais, justamente em função desta especificidade, desta individualidade.

Considera que o que mais lhe agrada em um professor é exatamente essa capacidade de fazer essa aproximação relacional com o aluno. E considera que o que mais lhe desagrade é o professor tratar o conhecimento como se fosse uma mera preparação para fazer um exame de admissão à universidade.

Acredita que tem perfis distintos de professores, os que tentam ajudar os alunos e os que nem tentam, mas considera que hoje a quantidade dos que tentam seja maior.

Observa que, dependendo da atuação e da atitude do professor, muitas vezes ele consegue te deixar animado para aprender um conteúdo pelo qual você nem se interessava.

Considera que a boa atuação do professor pode desenvolver no aluno a autonomia para buscar sozinho novos conhecimentos, que possa desenvolver nele a capacidade de pesquisar. Acredita que na sua trajetória tiveram mais professores com esse perfil.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Relata que inicialmente o que mais lhe motivava no ensino médio era, essencialmente, a oportunidade de ter entrado em uma instituição como o IFG.

Acredita que a educação no país muitas vezes não vai bem exatamente em função da falta de interesse de professores e alunos. Considera que os alunos em função de sua cultura de levar as coisas muito na “brincadeira”, transformam o ensino aprendizagem em um processo muito solto e sem direcionamento.

Observa que muitos alunos acabam indo fazer outras coisas no horário em que deveriam estar na sala de aula.

Relata que hoje está menos motivado do que era no início do ensino médio, e que isso se deva a uma certa frustração com as várias falhas e deficiências do sistema educativo, que não condizem com as expectativas, com as idealizações que ele tinha. Considera que já foi um aluno muito mais motivado, mas que hoje vê o aprendizado, muito mais como uma obrigação, e relata que está cansado, que gostaria de estudar outras coisas. Mas pondera que ainda se considera um bom aluno.

Relata que a reação que teve, a essa situação de ficar desanimado, foi estudar de forma: mais individual, mais autodidata e mais autodirigida.

Relata que o que mais o motiva como aluno, além do próprio fato de ter conseguido entrar no IFG, seja a possibilidade de convivência; relata que essa possibilidade coletiva de desenvolver novos conhecimentos sempre o motivou a querer vir para escola. Relata que, principalmente no início de sua formação, sempre pensava na oportunidade de estar melhor do que ontem e de agregar novos conhecimentos.

Relata que a sua maior desmotivação é exatamente o contrário, quando não sente que está agregando conhecimento; quando sente que na verdade está tendo uma desinformação no sentido de: antes você conseguia pensar sobre as coisas de modo crítico, e após um período vai ficando condicionado a simplesmente decorar, a memorizar determinada informação.

Observa que tem um aspecto da vida acadêmica que o deixou muito satisfeito, muito realizado, foi a possibilidade: de conviver com diversas pessoas, de conhecer pessoas diferentes, de conviver com pessoas que têm ideias diferentes, que se vestem diferente; considera que essa possibilidade de agregar essa cultura do outro é muito interessante. Reafirma então que uma das coisas mais positivas da escola é justamente a possibilidade do convívio em sociedade, com o outro.

Entende que esta multiplicidade cultural lhe permite crescer fora da sua bolha pessoal, não crescer em uma só cultura, conhecer culturas de diferentes lugares, de diferentes pessoas; relata que esse convívio era uma expectativa que nutria em relação à o que a escola poderia oferecer e que de fato se realizou.

Relata que também se sente motivado ao acompanhar pessoas nas redes sociais, e perceber que elas têm sucesso, não fama, sucesso profissional; que a pessoa é um bom estudante, um bom profissional, uma boa pessoa etc.; entende que então você começa a se espelhar nesse tipo de pessoas, e que isso vai te agregar, vai te motivar.

Relata que era uma pessoa muito ligada aos jogos de computador antes de entrar no ensino médio, e que teve de abdicar a esse hábito para se dedicar mais aos estudos, e que isso foi bem complicado.

Considera que na relação com as tecnologias o ponto chave seja a disciplina mental; relata que desativou várias redes sociais para conseguir manter o foco na aprendizagem e usar a internet de forma positiva, sem ficar refém de coisas que atrapalhassem o seu desenvolvimento.

Acredita que o aluno, às vezes, não tem um desempenho tão bom, não por não ser dedicado, mas porque tem afinidades por diferentes áreas de conhecimento, e muitas vezes, mesmo tendo boa vontade, não consegue ir tão bem em determinadas disciplinas.

Considera que um fator que desmotiva muito os alunos é essa cultura da escola de dar a entender que a principal finalidade do processo educativo se resume a aprender para aquele conteúdo se usado unicamente nas provas.

Acredita que o bom aluno seja aquele que é pontual com suas obrigações e compromissos e que sabe organizar suas tarefas e atividades de forma a executá-las com eficiência; entende que um bom aluno também precisa ter responsabilidade para lidar com as consequências dos seus atos e escolhas; e entende que o bom aluno não seja necessariamente aquele que tira nota dez, mas aquele que consegue extrair o máximo de informação útil, o máximo de pensamento útil daquilo que lhe foi ensinado; para assim como membro da sociedade poder usar este conhecimento para a sua vida e para sua atuação profissional.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Considera que a influência dos colegas de turma no processo ensino aprendizagem seja significativa. Entende que muitas vezes os alunos, quando desenvolvem uma relação de conjunto, de certa maneira assumem as motivações e desmotivações um dos outros.

Considera que muitas vezes há uma desconexão entre o professor e o aluno.

Observa que existem alguns professores que somente colocam a matéria no quadro, e nem conversam com os alunos, que não têm aquela interação; considera que por outro lado, tem outro problema, os alunos desinteressados, que acabam atrapalhando os demais com sua desatenção e com sua bagunça. Considera que eles não sabem o que é o espaço escolar, o que é uma instituição de educação.

Entende que o professor e a instituição precisam apontar para o aluno uma direção a seguir, e que o aluno precisa aprender a lidar com a sua liberdade de forma responsável. Entende que essa diretividade é necessária, pois o aluno está saindo do ensino fundamental e ainda não tem maturidade para lidar com isso.

Considera que dependendo da forma com que o professor ministre a disciplina, se ele entender que não está agregando nada a sua formação, se sente muito desmotivado. Considera que os conhecimentos necessitam ter uma aplicabilidade.

Repete e reforça a questão de que a importância da educação não pode se sustentar simplesmente na obrigação de repetir conhecimentos em uma prova; e que um dos papéis do professor é se aproximar do aluno para conseguir ajudá-lo a superar suas dificuldades; e mostrar a importância desse conhecimento para além deles serem repetidos em um processo avaliativo.

Entende que o aprendizado de muitas maneiras é um processo de construção coletiva, que você amplia seus conhecimentos a partir dos saberes dos outros.

Relata que muitas vezes o professor tem uma atitude de soberba em relação aos alunos, em função de ter um diploma: de mestrado ou de doutorado; e que a partir dessa prerrogativa se dá ao direito de impor os seus pontos de vista, sem abrir espaço para o diálogo com os alunos.

5.2. SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 2

Aluno do quarto ano do curso técnico integrado em telecomunicações. Idade 18 anos. Vivenciou o mercado de trabalho através dos estágios curriculares. Renda familiar entre R\$ 1.874,00 e R\$3.748,00. Pai possui o ensino médio completo e a mãe o ensino fundamental completo.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Entende que a educação é o processo de formar o cidadão, para que ele possa ter um bom convívio em sociedade. Considera que a educação tenha como finalidade, que as pessoas sejam mais abertas ao conhecimento e que possam ter um maior entendimento do mundo; entende que assim as pessoas possam ter menos preconceitos, que possam reconhecer o outro, e desenvolver o senso de respeito.

O entrevistado faz uma análise do contexto geral da educação no Brasil;

O ensino a que eu tive acesso, foi até um ensino bom, porque o meu fundamental foi bom, meu médio aqui no IF também é excelente! Então uma formação muito boa! Agora no Brasil como um todo não tem uma infraestrutura muito boa para dar essa educação de qualidade para todos. Eu acho isso... que alguns têm oportunidade de ter uma educação boa, mas não todos. ! (Sujeito 2 - aluno)

Acredita que a escola tem como principal resultado da sua intervenção a formação do sujeito enquanto cidadão, para que ele possa conviver em sociedade.

Entende que a educação oferecida dá uma base para que o sujeito possa entrar no

mercado de trabalho, mas entende que ela não prepara completamente.

Relata que em seu caso particular a educação agregou muito na sua formação social, como ser humano, porque até o fundamental ele era uma pessoa muito fechada. Relata que não via o mundo de forma tão ampla como passou a ver depois de entrar no IF. Percebeu, depois que entrou no IF, que o mundo não era só o que ele conseguia ver, mas que ele era muito mais amplo. Entende que esta formação social certamente impactará positivamente o seu futuro.

Entende que a educação deveria servir para estimular a capacidade criativa nas pessoas, a capacidade de pensar; mas observa que muitas vezes isso não acontece. Observa que as dinâmicas educativas, muitas vezes se resumem apresentar um conteúdo e posteriormente marcar prova; se o aprendiz conseguir a nota necessária será aprovado e se não conseguir reprovará; entende que este tipo de sistematização não estimula a capacidade criativa e nem crítica de ninguém, não estimula nada, só te acostuma a fazer o que lhe é mandado e a reproduzir o sistema. Considera que para ele ficar sempre reproduzindo isso seja horrível!

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Considera que o professor seja uma figura importante, alguém em quem os alunos se espelham, que seja uma referência a seguir.

Considera que o professor, para ser um bom professor, precisa mostrar domínio do assunto que está ensinando, precisa mostrar interesse pelos alunos; e entende que não pode se limitar a notas, que ele precisa realmente se dispor a ajudar. Acredita que o professor para conseguir motivar os alunos precisa de dar suas aulas com entusiasmo e com alegria.

Relata que um dos aspectos que valoriza em um bom professor é quando ele tem uma relação de igual para igual com os alunos, uma relação de equivalência com a turma. Entende como positiva a atitude do professor de saber a importância do seu papel, mas de não se colocar como superior a turma de forma a menosprezá-la e se enaltecer em função de sua formação.

Entende que nem todos os professores conseguem ajudar os alunos nas suas dificuldades particulares em relação ao conteúdo. Observa que essa ajuda individualizada é mais comum nos professores das áreas de conhecimento geral e que ocorre com menos frequência nas áreas técnicas.

Observa que no IF é perceptível a qualidade de formação dos professores; pondera que um professor não seja melhor ou pior do que outro em função da formação, mas que para os alunos essa diferença no nível de conhecimento é perceptível.

Entende que existem professores muito bons na instituição, mas observa que em contrapartida existem professores muito ruins, que parecem gostar de ser odiados.

Relata que em sua vivência na instituição, algumas vezes, quando determinados professores se propunham a fazer abordagens didáticas diferentes, para conseguirem motivar mais os alunos, estes acabavam sendo prejudicados pela burocracia institucional e

sendo impedidos de realizar tais atividades, e que ele não concorda com isso.

Acredita que o professor, apesar da sua formação, não pode deixar que a soberba atrapalhe a qualidade da relação com seus alunos, entende que essa relação precisa ser sempre o mais humana possível.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Entende que uma das coisas que mais o motiva na educação é poder dividir seus conhecimentos com outras pessoas, de poder ensinar para outros o que eles ainda não sabem, de compartilhar o conhecimento. Reitera que uma questão que o desmotiva muito no sistema educacional é o fato do professor só julgar o aluno através da prova, de listas de exercício etc., entende que essa visão se limita a perceber o aluno pela nota e não pela capacidade dele.

Considera que a educação que recebeu satisfaz suas expectativas como estudante, e que se percebe uma pessoa muito melhor do que quando entrou na escola.

Considera que suas maiores influências como estudante partem da sua família; relata também que sofreu influência de vários professores, principalmente no ensino médio. Relata que muitos professores o incentivaram a estudar e que ele desenvolveu grande admiração por vários deles.

Relata que entre suas maiores influências como estudante está um professor de física que teve, pois se identificava muito com a forma com que ele apresentava o conhecimento; relata que já tinha um interesse em prestar vestibular para esta área, e que depois de cursar essa disciplina teve certeza. Relata que pensava em ser igual a ele, do jeito que ele era, não preocupar com nota, nem com isso nem com aquilo, mas só ensinar por gostar.

Entende que para ser um bom aluno é necessário entusiasmo para aprender, que é necessário vontade, ter gosto pelo que faz. Considera que quando se é um aluno bom de verdade, não é necessário a preocupação com a nota, pois ela vem naturalmente.

Entende que a utilização das tecnologias por parte dos alunos, principalmente a internet e as redes sociais, precisa ser feita com muita organização; considera que é necessário saber controlar o tempo para fazer o uso sem prejudicar os estudos. Acredita que essa seja uma questão complicada, relata que não tem muitas redes sociais, justamente porque pode tirar o tempo de estudo, e que isso atrapalha o desenvolvimento. Relata que quando vai estudar deixa o celular de lado e foca nos estudos. Entende, então, que as redes sociais, muitas vezes, atrapalham muito, pois tiram muito o aluno do seu foco.

Considera que é um bom aluno desde o fundamental, observa que tinha boas notas e era interessado pela matéria. Pondera que quando entrou para o ensino médio as coisas mudaram um pouco, porque ficou mais difícil, mas mesmo assim conseguiu manter as notas boas e o entusiasmo. Apesar de se avaliar como um bom aluno, admite que se o assunto não lhe interessa, não estuda muito.

Considera que no último ano do curso os alunos perdem um pouco o entusiasmo, pois sentem que se amplia essa dinâmica de julgar e avaliar o aluno somente pela nota, e

que isso faz com que percam a vontade de estudar.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Entende que, para que haja um aprendizado eficiente, o professor precisa ter gosto por dar aula e o aluno precisa ter gosto por estudar; entende que o aluno precisa ter vontade de estudar e não ficar só preocupado com nota.

Considera ser bastante interessante aulas interativas, onde não é só o professor que fala, mas que haja interação com os alunos, que haja discussões. Entende que assim a turma consegue interagir com o professor e com o conteúdo.

Observa que nas suas experiências na instituição percebeu que muitos professores não se preocupam com os alunos, que não ligam de fato para eles, só ligam para a nota; que querem aplicar avaliações e que se você conseguir os resultados, bem, se não conseguir está reprovado.

Considera que o fato de existirem na turma muitas pessoas diferentes, em ritmos diferentes, de lugares diferentes, lhe ensinou a entender as diferenças e aprender a respeitá-las. Observa que em todas as turmas em que esteve, tinha pessoas de: boas condições financeiras, de condição financeira não tão boa, tinha gente negra, gente branca etc., e que assim foi necessário aprender a lidar com essas diferenças, e afirma que gosta disso; considera que aprendeu muito com essas pessoas, mas que também ensinou muito.

Relata que gostou da atitude de muitos professores que teve, que incentivavam os alunos que não queriam estudar, que mostravam para eles que esta era uma oportunidade ímpar deles ampliarem seus conhecimentos e de crescerem enquanto seres humanos.

5.3. SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 3

Aluna do quarto ano do curso técnico integrado em controle ambiental. Idade 18 anos. Vivenciou o mercado de trabalho através dos estágios curriculares. Renda familiar entre R\$ 3.748,00 e 9.370,00. Pai e mãe possuem o ensino médio completo.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Entende a educação como a forma com que você aprende as coisas, acredita que o centro de tudo na educação é aprender. Entende que dentro do processo educativo seja onde você aprende como se comunicar com outras pessoas. Acredita que a educação começa em casa, que em casa você aprende: como ser educado com as pessoas, como comer, como fazer toda essa gama de coisas. Entende que a educação também tem outro foco, que é a educação para o mercado de trabalho.

Acredita que muitas vezes a educação é desenvolvida de maneira muito engessada; observa que o IF foge um pouco a essa característica. Entende que muitas vezes essa educação se limita a uma preparação para realizar as provas do ENEM, e assim conseguir entrar em uma universidade e posteriormente ir para o mercado de trabalho.

Relata que no IFG teve aulas de sociologia que talvez não tivesse em escolas

particulares, e entende que essas aulas não vão ajudá-la somente a entrar em uma faculdade, mas ajudá-la a ver o mundo de uma maneira diferente, de uma maneira menos alienada. Observa que isso se dá porque a partir desses aprendizados, o aluno consegue enxergar o mundo de uma forma mais ampla. Acredita que a partir do momento que você estuda, e aprende certas coisas, aprende a lidar com o mundo de maneira diferente, como ele é de verdade, e não só daquela maneira que, as vezes, as pessoas o apresentam.

Acredita que a educação pode ter dois lados: pode ser usada para o lado bom e para o lado ruim. Acredita que ela vá muito além da possibilidade de ingressar no mercado de trabalho.

Considera que a qualidade da educação brasileira, de forma geral, é bem preocupante. Observa que a questão é que a educação não é um investimento a curto prazo, e que então esses investimentos só mostrarão resultados muito tempo depois, e só serão usufruídos pelas próximas gerações.

Considera que a escola pública, de forma geral, seja um problema em nosso país. Entende que os Institutos Federais são ótimos, mas as escolas públicas estaduais deixam a desejar; entende que têm condições ruins de infraestrutura e que os professores são mal remunerados.

Entende como uma incongruência o fato dos filhos dos ricos, que já tiveram a oportunidade de estudarem em escolas particulares durante o ensino básico, ocuparem a maior parte das vagas nas universidades públicas, e que as pessoas pobres, que não têm condições de pagar, e que muitas vezes tiveram um ensino básico ruim, na maioria das vezes só conseguem entrar nas faculdades particulares, que são pagas, não conseguindo na maioria das vezes o acesso às universidades públicas, e ainda assim, esse mesmo sistema que os exclui, coloca neles a culpa de não terem conseguido o acesso. Entende que essa falta de acesso a uma formação superior de qualidade retroalimenta este círculo negativo de exclusão.

Considera como um ponto negativo no IF a grande quantidade de disciplinas e a grande concentração de avaliações na mesma época.

Acredita que a educação prepara para o trabalho de forma superficial, e que na particularidade das escolas técnicas, o momento que você tem de fato essa preparação é nos estágios. Relata que quando entrou no estágio descobriu como lidar com essa realidade do mundo do trabalho, de ter de: entrar no horário correto, sair no horário correto, de obedecer às normas etc. Relata que tem algumas coisas que aprendeu nas aulas na escola que puderam ser aplicadas no dia a dia do trabalho, e que então, nesse sentido, entende que o ensino médio integrado à formação técnica, consegue atender algumas expectativas e demandas do mundo do trabalho.

Afirma que seus pais foram os grandes influenciadores na sua maneira de entender a educação e sua importância, pois eles sempre lhe ensinaram que ela tinha que estudar, porque realmente era necessário; relata uma frase que os pais sempre usavam: “as pessoas podem tirar tudo de você, mas nunca poderão tirar o que está dentro da sua cabeça”.

Considera que a internet pode ser uma ferramenta útil no aprendizado, mas que, muitas vezes, é difícil utilizar porque ela traz muitas informações que não são verdadeiras.

Acredita que é preciso ver a educação de maneira mais ampla, que não podemos limitá-la a uma formação para responder as provas do ENEM, e entende que essa visão é o que vai definir o quanto um estudante realmente pode se desenvolver.

Tem a certeza de que a educação que recebeu na escola é muito importante para o seu futuro, relata que sua mãe sempre fala para ela, toda vez que tem oportunidade, que a escola fez com que ela se modificasse muito, que hoje ela é outra pessoa. Entende que a pessoa querendo ou não, a educação lhe deixa marcas, e que ela de alguma forma modela o que o aprendiz vai ser; e considera que isso seja importante.

Considera que quando temos educação encontramos meios para resolver problemas, e esses conhecimentos recebidos permitem que possamos enxergar o mundo de uma maneira muito diferente. Relata que é grata a vários professores, e não só a eles, mas a todas as pessoas com as quais conviveu no ambiente escolar, pois entende que não é só com o professor que aprendemos.

Observa que vários programas e atividades que são desenvolvidos para além da sala de aula lhe deram a oportunidade de ter novos aprendizados que a ajudaram muito, que a ajudaram a desenvolver mais responsabilidade, e também a conhecer outras pessoas e assim participar de troca de informações.

Considera que uma coisa negativa que a marcou durante o ensino médio, foi lidar com uma quantidade grande de cobranças e pressões. Entende que esse volume de cobranças não é exclusividade do ambiente escolar, mas que é uma característica desses tempos atuais.

Entende que esse excesso de cobranças faz com que os alunos acabem desenvolvendo muitos problemas psicológicos; relata que hoje é muito ansiosa e que antes não tinha ansiedade; acredita que um dos motivos é a grande quantidade de atividades a realizar e com prazos determinados para serem entregues. Considera que todo esse processo gera uma ansiedade que é realmente difícil de administrar, e entende que as escolas precisam prestar maior atenção a isso, precisam prestar maior atenção aos seus alunos e não se preocuparem tanto só com os resultados.

Relata que às vezes se sente como um fantoche dentro do processo educacional, e que gostaria de sentir que há uma verdadeira educação que não se limite a notas e preparação para acesso à universidade.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Entende que o professor dentro do ambiente escolar, querendo ou não, é uma referência.

Relata que teve professores que marcaram muito a sua trajetória, principalmente na fase final do ensino fundamental, ajudaram que ela mantivesse a motivação para o aprendizado; relata que foi neste período que realmente adquiriu o hábito de estudar; considera que de tanto os professores acreditarem na capacidade dela que ela também passou a acreditar.

Entende que o aluno tem o professor como uma referência;

Querendo ou não é uma pessoa que você tem como referência! . . . Aqui no IFG tem uns cinco professores que eu admiro muito e aí fico: - Nossa espero um dia conseguir ser pelo menos metade do que eles são! – E a maneira como ele passa o conhecimento dele para você... te influencia muito em muitas coisas. Por exemplo eu conheço alunos que escolheram a faculdade só por causa de determinado professor. A maneira como ele cria a relação com aqueles alunos. Mas eu acho que o principal é ser o ponto de referência, a referência maior que temos ali, naquele ambiente escolar; e transmitir aquele conhecimento de maneira clara que vai poder ajudar todas as pessoas. (Sujeito 3 - aluna)

Relata que o que mais gosta em um professor é a forma com que ele transmite o conhecimento e também a relação que ele cria com os alunos; acredita que o principal papel do professor é ser um ponto de referência para o aluno.

Considera importante que o professor saiba falar a “linguagem” dos alunos, faz essa ponderação porque já teve professores que se expressavam de maneira tão complexa que não conseguiam se fazer entender pelos alunos.

Reitera então que um bom professor precisa ser claro, saber conversar, ter boa didática; e ter flexibilidade para mudar a abordagem quando for necessário. Entende que não é fácil prender a atenção dos alunos da sua geração, e que imagina que deve ser horrível para o professor estar dando sua aula e muitas pessoas ficarem mexendo no celular; entende que a responsabilidade pela qualidade do aprendizado também é dos alunos.

Entende que uma característica muito importante em um professor é, além de todas as virtudes já citadas, a capacidade de se conectar com a turma, de deixar espaço para diálogo e que tenha a capacidade de mudar a abordagem metodológica quando for o caso.

Acredita que o empenho do professor em ajudar os alunos de forma mais individualizada é algo muito relativo, e que depende exatamente da intencionalidade e da atitude do professor de querer ajudá-los, de se preocupar com eles; entende que o professor que tem esse tipo de atuação, não realiza seu trabalho só por obrigação, mas porque realmente gosta do que faz.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Acredita que é importante pensar no futuro, que o processo educativo não é só para o agora, os conhecimentos desenvolvidos poderão ser usados no futuro. Relata que este pensamento é uma estratégia que ela usa para manter-se motivada, porque se limitar-se a pensar que o aprendizado e o conhecimento se reduzem a uma prova, isso seria desanimador; entende que esta postura lhe faz ser uma boa aluna.

Relata que seu grau de motivação depende do momento; relata que atualmente está passando uma fase de desmotivação gerada pelo excesso de pressão e cobrança que acontece nesta fase pré-vestibular.

Considera que muitas vezes a fase política que passamos também desmotiva muito o estudante em função do pouco valor dado à educação, e que muitas vezes o aluno se esforça muito para entrar em uma boa universidade pública e nem sabe se no futuro essa

universidade ainda terá condições de funcionar. Relata que a política nacional, como fator extra muros da escola, também é um fator que a desmotiva muito.

Considera que o que mais a motiva a estudar é “querer ser alguém na vida”; o que também a motiva é querer se especializar em alguma profissão na qual possa ajudar as pessoas; pondera que tem consciência de que não vai mudar o mundo, mas que se sente motivada em acreditar que pode ajudar a mudar a realidade de algumas pessoas.

Relata que quando entrou no IF ficou encantada com a instituição, mas com o passar do tempo, com a percepção das falhas que a instituição tinha, foi perdendo esse encantamento.

Considera que os seus maiores motivadores para o estudo são seus pais, relata que ambos não conseguiram terminar o ensino com qualidade, mas que sempre a incentivam a fazer o melhor, e que esse incentivo é de uma forma boa e equilibrada, sem excesso de cobranças.

Considera que a sua geração é uma geração que procrastina muito, e que um dos motivos que atrapalha a dedicação aos estudos é o celular. Relata que às vezes não consegue atingir uma meta de estudos por causa do celular, e que é complicado controlar isso, mas entende que é necessário ter disciplina; entende que isso se dá porque muitas vezes o aluno acha o celular, ou as formas de interação que ele traz, muito mais interessantes do que estudar.

Entende que é necessário organizar o tempo, para estudar, mas também para fazer outras coisas, como mexer no celular, entende que é necessário ter tempo para outras atividades além disso.

Relata que já teve professores, que mesmo a turma solicitando que pudesse ser mudada a abordagem da disciplina, que ele simplesmente se negou ao diálogo e ignorou a solicitação dos alunos.

Relata que não gosta muito de aulas monótonas, onde apenas o professor fala, que isso a faz ficar desmotivada. Relata que mesmo quando é uma matéria mais difícil, mas que o professor trabalha de uma forma alegre e interativa o aluno consegue se envolver mais e se sente mais motivado.

Considera que o professor também precisa ter motivação para realizar o seu trabalho, e que o aluno consegue perceber claramente a atitude mais motivada ou mais desmotivada do professor, e acredita que isso reflita na motivação do aluno.

Acredita que o bom aluno não é necessariamente aquele que tira notas altas, relata que tem amigos, muito inteligentes, mas que não ligam para nota. Entende que um bom aluno é aquele que tem vontade de aprender, não só vontade, mas que se esforça para isso. Entende que um bom aluno também precisa ter uma visão mais ampla para enxergar que sempre existem muitos caminhos diferentes, muitas possibilidades.

Relata que depois de certo sofrimento no início do ensino médio, onde seu padrão de notas baixou em relação ao ensino fundamental, demorou a entender que o aprendizado não estava baseado somente nas notas.

Considera que seja uma boa aluna, mas pondera que a capacidade crítica de entender que a educação está muito além desse modelo que a escola oferece, faz com que

se senta uma aluna ruim em certos momentos. Dá como exemplo o fato de hoje saber que não irá seguir a carreira técnica que está cursando e, portanto, não se dedicar tanto aos estudos quanto poderia, relata também que não se esforça tanto em matérias que ela entende que não fará diferença na sua vida, que só se preocupa em obter nota para ser aprovada.

Relata que é outra pessoa hoje em dia, que entrou no ensino médio de um jeito e com certeza está saindo de outro. Relata que, por isso, tem tanto carinho por este lugar e por todo mundo que já passou pela sua vida neste ambiente escolar.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Considera que dentro do processo educacional o que mais lhe irrita é como o processo avaliativo é conduzido.

Reafirma a ideia de que muitas vezes os alunos se sentem como um brinquedo dentro do sistema educacional, entende que não têm voz, e quase nunca são ouvidos.

Acredita que quando o professor é afetivamente comprometido com sua tarefa de ensinar que ele acaba cativando os alunos, e acredita que têm professores que conseguem fazer os alunos gostarem de uma matéria que antes eles nem gostavam.

Observa que muitos professores consideram que não tem obrigação de agirem como se fossem pais dos alunos; considera que a alegação é justa, mas pondera que também não devem tratar os seus alunos como se fossem máquinas, e entende que ainda mesmo assim, sem uma relação paternalista, poderiam ter uma relação mais próxima, mas acredita que alguns professores têm medo dessa proximidade.

Acredita que o fato de os alunos sempre terem aulas com os mesmos professores durante o ano letivo acaba criando vínculos afetivos entre eles, acredita que se desenvolve uma relação de respeito, e que essa relação favorece o processo de aprendizagem.

Entende que às vezes o aluno não está motivado a fazer determinada tarefa ou trabalho da disciplina, mas que quando lembra do empenho e da boa relação que tem com o professor acaba se empenhando em realizar o melhor possível em respeito a ele.

Acredita que os colegas e o ambiente de sala de aula podem influenciar muito na aprendizagem dos alunos, tanto de forma positiva quanto de forma negativa. Relata que, até hoje, as atitudes de desrespeito as dificuldades dos colegas, fazem com que alguns alunos não tenham coragem de perguntar para sanarem as suas dúvidas, e que muitas vezes acabam ficando prejudicados. Acredita que esse prejuízo vai além da questão do conteúdo, acredita que ele acaba causando problemas na personalidade do aluno.

Pondera então que acha muito importante ter uma sala que realmente entenda que todo mundo é diferente, e que respeitem essa diferença.

Acredita que em uma sala onde os alunos consigam se respeitarem e se ajudarem um ao outro o ambiente muda muito. Acredita que esse amadurecimento se deu com sua turma no trânsito formativo do primeiro até o quarto ano. Relata que ela mesmo mudou muito durante o curso.

5.4. SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 4

Aluno do quarto ano do curso técnico integrado em telecomunicações. Cursa o primeiro ano do ensino superior paralelamente a conclusão do ensino técnico integrado. Idade 18 anos. Vivenciou o mercado de trabalho através dos estágios curriculares. Renda familiar entre R\$ 9.370,01 e R\$18.740,00. Pai possui o ensino médio e formação profissional em curso técnico e a mãe possui ensino superior completo.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Considera que desde mil e quinhentos, quando o Brasil foi descoberto, a educação não evoluiu praticamente nada. Considera que o processo educativo deveria dar mais importância e atenção às características individuais dos alunos. Faz uma análise do sistema escolar;

Ainda é um espaço que não é muito aberto ao diálogo, onde há padronizações; eles vão colocar elas como “iguais” perante um teste, ou método de aprendizado, sendo que as pessoas não são iguais! Cada um pensa de uma maneira, cada uma chega em um raciocínio de maneira diferente e cada uma está apta a uma área diferente. E o que eu sinto falta na educação é justamente isso! Você não vai ter essa diferenciação, você vai nivelar todos por um nível básico; os que têm certa facilidade naquela área vão se dar bem vão ser considerados os inteligentes, etc., e as pessoas que têm inteligências voltadas para outras áreas vão ser consideradas piores, muitas vezes desatentas, ou menos interessadas. (Sujeito 4 - aluno)

Relata que a educação que pensa ser ideal é justamente esta, que levaria em consideração as diferenças entre as pessoas, e que fosse mais aberta ao diálogo.

Acredita que as pessoas estudam basicamente para se preparar para as provas do ENEM, e que além disso, essas provas cobram que todos tenham um conhecimento padronizado em todas as áreas, e acha que isso não é coerente, que as pessoas deveriam ter mais domínio das disciplinas que estivessem dentro da área para a qual ela pretende ingressar na universidade. Considera que este tipo de cobrança leva o estudante a ser medíocre em todas as áreas e não ser excelente em nenhuma.

Entende que, muitas vezes, a educação apresenta a possibilidade de você se direcionar para determinada carreira, mas que não se presta de fato a transformação do indivíduo; considera que muitos conteúdos ministrados são inúteis para a vida do indivíduo, e só se prestam a serem repetidos em processo seletivo para acesso à universidade. Acredita que tal diretriz seja inútil, e que a educação deveria te preparar para o mundo.

Acredita que este modelo tradicional de educação prioriza que o aluno apenas memorize os conteúdos, e não que ele tenha raciocínio lógico. Considera que a partir desse tipo de aprendizagem, quando se passarem alguns anos, os alunos não lembrarão mais nada do que estudaram. Acredita que um dos motivos é porque não há utilidade para aquele conhecimento. Acredita que o sistema educativo não está interessado em levar em consideração a opinião do estudante na hora de escolher a grade de disciplinas.

Relata que para ele o ideal seria que a educação tivesse mais atividades práticas, e que fosse dividida em áreas de conhecimento; acredita que esta divisão permitiria ao

aprendiz se dedicar à área com a qual tivesse maior afinidade e assim pudesse ter um aprendizado de excelência.

Acredita que o trânsito pelo processo educativo deveria fazer com que a pessoa se transformasse, entende que esse é o papel da educação, mas que de fato isso não acontece.

Observa que o aluno pode até ser transformado, mas em essência, está mais para uma máquina de memorizar e responder tarefas, e que não é de forma alguma, uma máquina pensante. Acredita que por isso hoje em nossa sociedade tenha crescido tanto o número de pessoas que pensam de forma não científica.

Considera que a educação que recebeu até agora não lhe preparou para o mercado de trabalho, e muito menos para a vida. Acredita que aprendeu muito mais sobre a vida fora do ambiente da escola do que dentro dela.

Acredita que o momento histórico que o país está passando, tem enfraquecido ainda mais a educação; entende que isso se dê por motivos político ideológicos. Considera que isso faz com que as pessoas abandonem ainda mais a educação, tanto alunos quanto professores; entende que essas políticas e essa repercussão social vão desvalorizar ainda mais a educação no futuro e se transformará em um efeito cascata.

Relata que um fato que lhe chamou muito a atenção é que o ENCCEJA (Exame Nacional para a certificação de competência de jovens e adultos), que dá as pessoas o certificado de conclusão do ensino médio, teve um aumento gigantesco no número de pessoas que recorreram a essa prova para obter o diploma; acredita que a tendência seja de aumentar ainda mais. Acredita que este aumento na procura se deu porque as vagas são poucas no mercado de trabalho, e as exigências cada vez mais altas, e que hoje cursar a faculdade não é mais garantia de emprego.

Considera que a educação que recebeu em nosso país lhe tirou a capacidade de pensar logicamente, que só desenvolveu a capacidade de memorizar, e entende que isso não contribuiu para ele como pessoa.

Relata que o que considera positivo na educação, mas que ainda tem muito o que evoluir, é a questão da convivência com outras pessoas, na sala de aula e além dela.

Acredita que no Brasil, se você quer alguma coisa, tem que procurar por si, a escola não vai te ajudar; entende que isso seja frustrante.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Entende que o professor seja necessário, e que o aluno tem que ter respeito por ele sempre. Mas pondera que alguns professores, ou a maioria deles, acham que o sofrimento que eles passaram para se tornarem professores, deve ser reproduzido com os seus alunos.

Acredita que muitos professores se prendem a técnicas e tecnologias que já estão obsoletas e que nem são mais usadas, e assim ensinam para seus alunos coisas que já não serão mais úteis. Entende que isso é muito negativo porque a sociedade mudou e o mercado de trabalho também.

Acredita que pelo fato de muitos professores ficarem enraizados nos métodos

antigos, acabam produzindo um ciclo, porque esses professores vão ensinar novos professores, então se eles ensinam de maneira ruim as pessoas no futuro vão ensinar de maneira ruim.

Considera que a presença do professor nunca será substituída pela educação a distância, porque você não teria aquele contato direto com o professor, e entende que isso seria negativo para o processo de tirar dúvidas e para o aprendizado de forma geral.

Entende que um professor para conseguir ajudar o aluno a se desenvolver, primeiramente precisa saber o que o aluno está passando, e entende que é importante conseguir se aproximar dele, estar disponível para o diálogo para assim poder ajudá-lo.

Acredita que os professores precisam estar abertos ao diálogo, que muitas vezes o aluno não quer conversar só sobre os conteúdos, quer conversar sobre experiências de vida; entende que muitos professores não fazem isso porque não gostam de sair do programa, mas que acha isso um erro, pois entende que o diálogo poderia ser mais proveitoso.

Acredita que o professor precisa tomar cuidado para não massacrar os alunos, e entender que eles estão em um processo de aprendizado; entende que o professor precisa ter flexibilidade; acredita que os alunos prestam mais atenção às aulas de um professor do qual eles gostam, e que essa relação afetiva, esse contato, pode fazer com que os alunos tenham mais vontade de estudar, ou de frequentar a aula dele; e entende que isso seja importante.

Relata que o que mais lhe agrada nos professores, é quando eles tentam ensinar de maneira simples, que transformam o conhecimento que poderia ser muito difícil, e sistematizam para ser acessível ao entendimento dos alunos. Acredita que tal atitude vai torná-lo um professor muito melhor.

Acredita que outra característica de um bom professor é ter vontade de dar aula! Entende que o ensinar vai além da sala de aula, e que a boa qualidade das relações humanas que se desenvolvem no processo podem contribuir muito com a qualidade do aprendizado.

Considera como características ruins em um professor: a atitude de se colocar acima dos alunos, de querer dificultar a aprendizagem deles, de não estar aberto ao diálogo, de não ter flexibilidade para fazer mudanças quando necessário. Acredita que, professores arrogantes, foram os que ele mais encontrou na sua trajetória.

Considera que, na sua ótica, a maioria dos professores não estão preocupados em ajudar os alunos nas suas dificuldades particulares de aprendizagem.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Relata que a educação não o motiva, pois acha que ela é muito limitada, e que prioriza você conseguir um diploma, e que isso não é necessariamente educação, e não é nada prazeroso. Considera que os professores não se importam se você gosta ou não da disciplina, eles querem que você aprenda.

Relata que a educação não atendeu suas expectativas, pois acreditava que seria um lugar que o transformaria, onde ele pudesse aprender coisas para sua vida, e que isso simplesmente não aconteceu. Considera que essa forma de abordagem da educação é um dos fatores que levam os alunos a abandonarem a escola e os estudos.

Considera que nŷo teve muita influŷncia dos seus pais na sua forma de ver a educaŷŷo, pois tem uma visŷŷo muito diferente da deles; os pais afirmam que a educaŷŷo   uma coisa que pode parecer ruim no presente, mas que futuramente compensar  o sofrimento, e ele, baseado nas experiências que teve, entende que a educaŷŷo nŷo acrescentou muito na sua vida.

Reitera que no ensino médio o conteúdo é muito mais importante do que o ser humano; e afirma que tem essa perspectiva baseado nas experiências que viveu.

Relata que como sua rotina é muito intensa, mal tem tempo para despender nas redes sociais, para usar o seu celular para procrastinar, ent o entende que o telefone para ele nŷo é um empecilho para os estudos. Mas considera que a falta de motivaŷŷo de muitas pessoas para a educaŷŷo acaba fazendo com que eles usem o celular, as redes sociais, ou várias outras m dias disponíveis na internet, como uma fuga dessa realidade que os desagrada; e entende que parte da culpa disso seja da própria escola.

Nŷo acredita que o bom aluno seja, necessariamente, aquele que tira as melhores notas; faz tal afirmaŷŷo, porque observa que estes alunos, comumente, são aqueles que nŷo querem ter contato social, que nŷo querem se relacionar com outras pessoas. Acredita que este tipo de comportamento, por si só, nŷo é muito inteligente, ou pelo menos falta inteligência emocional. Considera então que um bom aluno seria aquele: que sabe interagir, que trata as outras pessoas de forma igual, que nŷo vai causar nenhum tipo de dano emocional ou físico a elas etc., acredita que seria aquele sujeito que aprende o conteúdo e nŷo apenas o memoriza.

Relata que se considera um bom aluno, exatamente pelo seu senso crítico, pela sua capacidade de trabalho coletivo e respeito aos demais, e especialmente porque sempre tenta refletir sobre os conteúdos e nŷo simplesmente aceitá-los.

EIXO 4 – AS RELA ES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Acredita que a escola tenta sempre colocar as pessoas em um mesmo nível, sem levar em conta que são sujeitos diferentes em vários aspectos.

Acredita que falta hoje aos professores mais flexibilidade e mais capacidade de escutar e entender o ponto de vista dos alunos.

Entende que se o aluno nŷo tiver motivaŷŷo para estudar acabará abandonando a escola e associar  o estudo a algo que nŷo vale a pena.

Entende que os professores colocam muita pressão sobre os alunos e que muitos acabam nŷo suportando e desistindo do processo; muitas vezes isso os leva a quadros de depressão, ansiedade e até suicídio

Observa que muitos conhecimentos que ainda são ensinados, são muito antigos e ultrapassados; observa que já estamos no século vinte e um, e que se faz necessário uma modernizaŷŷo na abordagem dos conteúdos.

Considera que alguns professores ensinam como se estivessem punindo os alunos, acredita que eles transferem para os alunos as dificuldades que tiveram durante seu

processo formativo, e que usam o seguinte raciocínio: “*se eu posso dificultar para que simplificar*”.

Acredita que falta humildade por parte de muitos professores, entende que por terem um diploma de doutorado, acham que devem tratar os alunos como se fossem inferiores; observa que às vezes chega ao ponto da humilhação, e não concorda de maneira nenhuma com isso.

Acredita que, até para o professor, seja um problema conseguir incentivar os alunos a estudarem, pois o ensino está tão ruim que está difícil esconder.

Acredita que a questão do coletivo da turma seja um fator pouco influenciador no aprendizado; analisa que se formos levar em conta o contexto de fora da escola, só ficamos próximos das pessoas que nos agradam, podemos escolhê-las; mas no ambiente escolar ficamos perto das pessoas, não porque queremos, mas por obrigação. Acredita então que a influência que a sala tem sobre uma pessoa seja muito menor do que dos grupos do mundo exterior. Acredita que, psicologicamente falando, as relações com os colegas podem causar efeitos negativos, como o bullying por exemplo, mas acha difícil que possam trazer efeitos positivos.

5.5. SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 5

Aluna do terceiro ano do curso técnico integrado em mineração. Idade 17 anos. Renda familiar entre R\$3.748,00 e R\$ 9.370,00. Pai possui doutorado e a mãe o ensino superior completo.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Entende que educação seria a formação do estudante. Entende que ela seja importante para todos os estudantes, para a: formação escolar, formação da cultura, formação do senso crítico.

Acredita que a perspectiva de educação que a escola apresenta tem como principal objetivo o lucro; para que o aluno consiga um emprego, e possa ganhar dinheiro. No seu ponto de vista a educação dá, ao estudante, condições para que ele possa se desenvolver de forma autônoma. Acredita que essa formação seja fundamental para quando o aluno chegar à universidade já ter desenvolvido maior senso de responsabilidade.

Acredita que, além de desenvolver esse senso de responsabilidade, a educação influencia em todas as decisões e escolhas que uma pessoa toma durante a sua vida.

Considera que nas escolas públicas estaduais, o governo não investe tanto na qualidade do ensino.

Relata que ao entrar no IF teve uma visão muito diferente do que é educação, e de como, através dela, podemos desenvolver nossa capacidade de pensar.

Acredita que as tecnologias podem intervir na aprendizagem, tanto positivamente quanto negativamente; observa que o dispêndio exagerado de tempo nas redes sociais pode ser negativo, mas pondera que as informações que podemos obter através das várias mídias disponíveis na rede, podem ser positivas para manter os alunos informados do que acontece

no mundo; entende que isso, inclusive, pode auxiliar na qualidade dos textos a serem produzidos nas provas de redação do ENEM.

Relata que apesar de acreditar que o uso excessivo do celular pode atrapalhar a aprendizagem, considera que não a atrapalha, pois tem o seu tempo muito bem organizado neste sentido, tem a hora de estudar e pesquisar, e tem os momentos de acompanhar suas redes sociais.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Relata que nunca teve um professor que a influenciou muito significativamente. Lembra-se de um professor de física, com o qual se identificava, mas que essa identificação se dava muito mais pelas conversas do que pelos conteúdos; relata que esta identificação se dava porque ele realmente se importava com o que os alunos pensavam, e que conversava bastante com ele sobre conhecimentos da vida.

Acredita que o professor seja uma figura importantíssima, pois é uma pessoa que traz informações que vão de alguma forma impactar o aluno, e que portanto, acredita que a influência dele seja muito grande na formação deste aluno. Acredita que as principais influências do aluno dentro da educação veem da família e do professor.

Acredita que um bom professor precisa ser interessado: na disciplina, em dar aula e no aluno. Considera desagradável quando o professor está ministrando uma aula, e deixa transparecer para o aluno que não está com a mínima vontade de estar ali; entende que isso desmotiva o aprendiz.

Entende que o professor precisa ser mais aberto, estar disposto a escutar o que o aluno tem para falar. Observa que, às vezes, têm professores muito fechados, que só chegam e ministram suas aulas e nem se preocupam em ouvir os alunos; se mostram inflexíveis a qualquer mudança no seu método. Acredita que a aula precisa ser mais descontraída, mas sem exageros para que não se perca o foco.

Acredita que o professor precisa ter proximidade com o aluno, mas sem excessos, que se limite a questões educacionais, sem invadir a intimidade do aluno.

Relata que teve muitos professores bons, que sempre conseguiram manter o limite na relação aluno professor, mas que também eram muito preocupados com o desempenho do aluno. Relata que não teve professores que não se preocupassem com o aprendizado do aluno.

Observa que, muitas vezes, começa a gostar de determinada matéria quando percebe que o professor gosta de ensiná-la, quando ela é apresentada de forma empolgante.

Acredita que o que mais a motiva a aprender é uma boa relação professor aluno e também a própria motivação do professor para ensinar.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Considera-se uma pessoa motivada, e o que principalmente a motiva é acreditar que a educação pode ajudá-la a ter um futuro melhor;

Eu acho que eu sou uma pessoa motivada! Eu acho que eu quero ter um futuro! Eu tenho essa referência dos meus pais dentro de casa e ver eles trabalhando..., eles estudaram lutaram para ter uma família boa. . . . Então eu cresci com os pais que trabalharam, então eu sempre pensei nossa eu quero estudar para ter um futuro, quero estudar para conseguir fazer a minha família, para ter a minha renda, para os meus pais não terem que me bancar depois. Então eu acho que a minha visão de motivação é essa; e sim eu sou bem motivada! (Sujeito 5 - aluna)

Relata que a própria instituição, o IFG, também a motiva, por fazer com que ela queira ser bem mais do que uma simples estudante.

Observa que o nível de formação dos professores do IFG é muito importante para a qualidade da educação ministrada. Considera um pouco desmotivante o fato de que na instituição, muitas vezes, o aluno é deixado sozinho e tem que aprender a estudar por conta própria.

Relata que, antes de entrar no ensino médio, pensava que ali poderia ter uma visão mais ampla sobre que caminho seguir enquanto carreira pessoal, mas que isso na verdade não se confirmou; e que só no terceiro ano do curso, é que teve uma definição de qual área seguir.

Relata que tinha muitas expectativas em relação ao ensino médio, e que muitas foram quebradas de forma negativa, mas outras tantas de forma positiva. Acredita que o fato de ter uma formação de maior qualidade, de conseguir ir definindo os seus gostos, de desenvolver um posicionamento político foram coisas que superaram suas expectativas.

Acredita que a formação recebida não a preparou muito para o mercado de trabalho, pois é muito genérica e superficial.

Relata que o que mais a influenciou a definir uma carreira profissional foi a relação e a troca de ideias com outras pessoas, e que não foi a educação escolar em si, considera que a partir dessas interações foi descobrindo suas inclinações.

Relata que conseguiu ter maior clareza do que fazer no futuro, durante seus estudos no IFG, principalmente nas atividades extra sala de aula, acredita que ter acesso a estas várias oportunidades de aprendizagem lhe permitiram enxergar as suas opções com maior clareza. Acredita que o seu trânsito pela instituição lhe marcou e fez com que ela se tornasse a pessoa que é hoje.

Relata que seus pais não a influenciaram na sua escolha de uma carreira profissional, observa que apesar do exemplo e da orientação, lhe deram total liberdade para escolher os seu caminho.

Acredita que uma característica muito importante para um bom aluno é a responsabilidade em relação ao seu aprendizado, e junto com ela a vontade de querer aprender; entende que o aluno precisa ter sede de conhecimento.

Considera que passou por diferentes fases na sua trajetória de estudante. Relata que quando era criança se considerava uma boa aluna, mas que no ensino médio as exigências aumentaram, e precisou aprender a estudar sozinha; considera que assim aprendeu a ter mais responsabilidade, mas que apesar das dificuldades continua se empenhando para ser uma boa aluna.

Relata que uma coisa que também a motiva é a intenção de dar orgulho aos seus

pais, entende que tem essa obrigação como forma de retribuir a todo empenho e a todas as dificuldades que eles passaram para dar a ela a vida que ela tem.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Considera que o professor precisa conseguir ser mais próximo dos alunos, mas tem de saber manter a distância necessária e não invadir a intimidade deles. Acredita que o professor precisa procurar saber das dificuldades e facilidades do aluno no que tange ao aprendizado da matéria, para assim poder ajudá-lo no seu aprendizado.

Acredita que é necessário adequar a tecnologia que está disponível na atualidade para o uso em sala de aula. Considera que temos várias tecnologias disponíveis e que essa educação precisa ser adequada ao aluno de hoje; especialmente esse aluno que tem uma relação muito próxima com a internet.

Considera que o professor pode usar didáticas melhores, por exemplo: data show, internet, filmes etc., recursos que podem ser utilizados para desenvolver o conteúdo. Acredita que essa abordagem poderia ajudar a desenvolver uma relação melhor entre professor e aluno. Considera que o aluno passa muito tempo da sua vida sentado numa cadeira escutando o professor, e que estas formas de mediação, mais adequadas à realidade dele, poderiam tornar esta tarefa mais fácil.

Acredita que os colegas de turma são elementos influenciadores na qualidade da aprendizagem. Observa que muitos alunos acabam se isolando, e infelizmente podem chegar a cometer ações que atentem contra sua própria vida, e que então boas relações sociais são positivas até nesse sentido.

Considera que qualquer pessoa, qualquer ser humano, não foi feito para viver sozinho. Entende que ele depende de outras pessoas, tanto do professor quanto dos colegas de sala e dos colegas da escola como um todo. Portanto acha que é muito importante para o aluno manter esse convívio social.

Acredita que muitas vezes a possibilidade dos alunos se ajudarem é relativa, pois muitos conseguem trabalhar melhor sozinhos e outros já trabalham melhor em grupos.

5.6. SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 6

Aluno do quarto ano do curso técnico integrado em eletrotécnica. Idade 18 anos. Vivenciou o mercado de trabalho através dos estágios curriculares. Renda familiar entre R\$ 1.874,00 e R\$3.748,00. Pai possui o ensino médio incompleto e a mãe o ensino superior completo.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Relata que não saberia conceituar educação em termos específicos, mas entende que são aprendizagens feitas ao longo do tempo; observa que você já traz consigo uma educação pré-formada que vem de casa.

Acredita que a educação seja muito importante, porque permite que você saia do seu mundo particular e aprenda novas coisas. Entende que essa educação pode ajudar os aprendizes a saber lutar pelos seus direitos, quando estiverem no mercado de trabalho, para assim, evitar a possibilidade de serem explorados.

Acredita que a qualidade da educação no país varia dependendo da rede; acredita que a escola pública municipal e estadual não são de boa qualidade. Entende que todas as escolas, tanto as públicas quanto as privadas, deveriam ser iguais em qualidade.

Considera que o uso descomedido das tecnologias pode atrapalhar os estudos e o aprendizado; observa que estes recursos, como por exemplo, a internet, podem ser utilizados: para pesquisas, para assistir videoaulas etc., portanto se forem utilizados de forma adequada podem auxiliar o aluno no seu aprendizado.

Relata que, depois que entrou no IFG, seus horizontes se ampliaram; acredita que sua visão de educação era limitada, pois acreditava que aprender era, simplesmente, memorizar uma informação e repeti-la em uma prova; e que mudou seu modo de pensar quando percebeu que é possível aprender de verdade, e que esses conhecimentos podem ser usados no dia a dia.

Reitera que através das oportunidades e dos diversos espaços para o desenvolvimento dos conhecimentos oferecidos na escola, os alunos começam a perceber o mundo de forma mais ampla. Considera que isso o ajudou muito. Considera que era uma pessoa de mente fechada, acreditava que todas as coisas já estavam estabelecidas, e a escola lhe permitiu mudar essa postura rígida e a aprender ouvir os outros.

Acredita que na particularidade do seu curso técnico, ele sairá da instituição com uma formação de qualidade, e que isso o preparou para o mercado de trabalho; observa, inclusive, que no seu curso a instituição é referência na formação de técnicos e que os egressos dela são respeitados no mercado de trabalho.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Acredita que o papel do professor na educação seja central, pois entende que o trabalho de um bom professor é muito importante para fazer com que o aluno goste da matéria.

Considera que quando o aluno tem aulas com um professor, que não desenvolve uma boa dinâmica na sua didática, eles nem quererão ir para as aulas dele; cita como exemplo, a própria instituição, onde afirma ter muitos alunos que não ficam em sala, pois não gostam da aula.

Considera que o que o desagrada em um professor é a atitude de se achar superior a tudo e a todos; relata que já teve professores que entendiam que o jeito deles darem aulas erra o correto, e que os alunos não sabiam nada e deveriam ficar calados.

Acredita que seria produtivo se o professor tivesse disponibilidade de horário, para tentar ajudar os alunos em suas dificuldades pessoais.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Relata que ultimamente não está muito motivado, está com um certo desânimo, em função de os estudos estarem exigindo muito dele. Relata que tem despendido muito tempo dentro da escola, e que gostaria de ter tempo livre para fazer outras coisas.

Relata que veio de uma escola municipal onde a exigência acadêmica era mais baixa, e que ao entrar no IFG, teve que se adequar a outro padrão de cobrança, e que com o correr dos anos conseguiu ir se adaptando à cultura da instituição, de saber lidar com a liberdade que ela oferecia sem deixar de ter responsabilidade.

Relata que quando estava no ensino fundamental, era um bom aluno, que: prestava atenção às aulas, não fazia bagunça; mas considera que quando entrou no IFG, a sua qualidade acadêmica caiu um pouco. Relata que no início teve mais dificuldade de prestar atenção às aulas e não soube lidar muito bem com a liberdade, pois até então não tinha nenhuma. Entende que sofreu consequências por isso, mas que posteriormente, na sequência dos anos, melhorou seu nível acadêmico novamente; considera que agora já sabe lidar com a sua liberdade de forma mais responsável.

Relata que se o professor não tiver uma boa dinâmica para dar as aulas, de forma a motivar os alunos, estes em algum momento deixarão de prestar atenção, e irão ficar desanimados.

Relata que a possibilidade de estudar no IFG atendeu a todas as suas expectativas como estudante, pois o nível do ensino foi muito melhor do que ele tinha tido acesso até então. Relata que gostou muito de ter tido mais aulas práticas.

Acredita que a educação recebida o preparou para o mercado de trabalho, principalmente no que tange a: como se comportar, o que fazer e como conviver dentro do local de trabalho.

Considera que seu pai, e a história de vida dele, são grande influência para ele;

Porque meu pai... ele estudava, só que ele morava numa favela aqui em Goiânia, aí ele não gostava muito de estudar..., ele sempre falou, ele sempre andou pelo caminho errado e assim ele me influenciou para estudar. . . . me explicou que aquele caminho que ele seguia não dava certo. Ele não terminou o ensino médio, ele está com o ensino médio incompleto e sempre falou para eu estudar, se eu quisesse ser alguém na vida. Nesse item aí meu pai me influenciou muito! (Sujeito 6 - aluno)

Acredita que o bom aluno deva ter as seguintes características: “educação”, respeito, companheirismo e comprometimento. Entende que o aluno precisa aprender a se organizar, a saber fazer a gestão do tempo para que possa: se divertir, estudar, usar as redes sociais etc.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Acredita que a relação entre professor e aluno precisa ser de respeito, tanto o aluno respeitar o professor, quanto o professor respeitar o aluno. Acredita que este respeito pode dar maior liberdade para o aluno fazer perguntas e ser respondido pelo professor, e que

assim ele tende a prestar muito mais atenção às aulas, e acredita que isso seja primordial. Acredita que aulas mais interativas poderiam ajudar o aluno a desenvolver melhor seu aprendizado.

Acredita que seja importante o professor deixar claro o que espera da turma, e entende que, também, seja importante ele buscar se informar sobre as expectativas dos alunos. Entende que o professor deveria perguntar como os alunos gostariam que ele desse aula. E que o professor deve cobrar dos alunos que eles sejam respeitosos.

Acredita que os colegas de turma podem influenciar na qualidade da aprendizagem, pois entende que não é sempre que o professor pode ajudar cada aluno de forma particular, e que os alunos podem suprir esta impossibilidade se ajudando mutuamente.

Relata que a princípio sua turma não tinha boas interrelações, mas depois da intervenção das psicólogas, eles passaram a ter outro comportamento, e ficaram mais unidos. Relata que assim percebeu que as pessoas precisam uma das outras para viverem em sociedade e que isso foi relevante para ele.

5.7. SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 7

Aluno do quarto ano do curso técnico integrado em edificações. Idade 20 anos. Vivenciou o mercado de trabalho através dos estágios curriculares. Renda familiar entre R\$ 1.874,00 e R\$3.748,00. Pai e mãe possuem ensino médio completo e formação profissional a nível técnico.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Entende que a educação é essencial na vida do ser humano. Acredita que ela seja extremamente significativa.

Acredita que, quando o indivíduo tem acesso a uma boa formação, ele se torne uma pessoa mais estruturada e que tenha capacidade de resolver situações problema com mais facilidade.

Acredita que a educação pode transformar vidas, e pode possibilitar oportunidades de uma vida melhor às próximas gerações.

Acredita que a educação lhe trouxe conhecimento do mundo e de coisas do cotidiano; considera que por ter acesso a esses conhecimentos esteja melhor preparado para resolver problemas do dia a dia. Acredita que a educação pode apresentar novos caminhos para o aprendiz.

Acredita que a educação pode ajudar o aluno a realizar seus sonhos. Acredita que de alguma maneira a educação é capaz de “moldar” o sujeito de forma positiva.

Acredita que uma das formas de se aprender, em uma determinada profissão, é ouvir os conselhos de profissionais que são mais experientes.

Considera que, na sua área de formação, o IFG dá uma boa base para o aluno ir para o mercado de trabalho; considera que não teve uma formação só técnica, que foi ensinado a argumentar, a pensar e a defender os seus pontos de vista, e entende que isso

seja importante para o mercado de trabalho.

Considera que os técnicos da sua área que são formados no IF são bastante respeitados no mercado de trabalho.

Acredita que as tecnologias da informação às vezes ajudam o aprendizado, mas também podem atrapalhar. Acredita que as aulas, que podem ser encontradas em algumas plataformas, podem ser úteis para aprendizagem, mas, por exemplo, as propagandas que são veiculadas nestas videoaulas podem tirar o aluno do foco. Considera que quando o aluno está usando a internet, para suas pesquisas acadêmicas, recebe muitas informações que tendem a tirá-lo do foco, e, muitas vezes, ele se rende a outras informações que não são pertinentes ao seu estudo; observa que a intenção é que seja por um tempo curto, mas que, muitas vezes, se prologam por horas.

Considera que hoje em dia, para o aluno pesquisar um assunto, ele não precise mais ir as bibliotecas ou usar os livros, pois está tudo mais fácil no computador, mas pondera que isso criou uma cultura de reduzir a pesquisa a uma ação de copiar informações da rede, sem nem pelo menos lê-las de forma crítica, o que chamou de control C, control V. Acredita que isso é negativo, pois o aluno não estará aprendendo, mas apenas copiando.

Acredita que sua educação escolar só lhe trouxe coisas boas, e que tem orgulho da profissão técnica para a qual está se formando. Relata que se orgulha de ter estudado no IF, pois entende que a formação oferecida seja melhor do que em outras instituições que trabalham com a formação técnica, e acredita que o profissional ali formado seja mais reconhecido no mercado de trabalho. Considera que no IF tenham profissionais excelentes e que estes marcam a vida de seus alunos. Observa que é uma instituição exigente na formação, mas que por isso acaba consumindo muito tempo da vida dos estudantes.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Relata que, desde o início do seu curso, tiveram professores que se propuseram a ajudá-lo na sua formação escolar. Entende que isso se deu, porque relatou a eles que gostava da área, e queria seguir carreira nela; assim, esses passavam a olhá-lo com outros olhos e a incentivá-lo na sua formação.

Relata que um fator que o desmotivou, especialmente no último ano do curso, foram alguns professores de disciplinas técnicas que usavam didáticas de ensino que não funcionavam.

Relata que teve alguns professores que não tinham experiência de ensino no nível médio, e entende que por isso, acabavam pulando etapas dentro do processo de ensino, atropelando o conteúdo, o que prejudicava o aprendizado dos alunos.

Acredita que isso desmotiva o aluno a querer aprender. Considera que o aluno fica muito sem orientação; acredita que por mais que tenham uma biblioteca de qualidade, com várias referências, que ela às vezes não tem a informação que o professor está querendo. Considera que isso pode fazer o aluno querer desistir da matéria e passar a se sentir forçado a vir a aula.

Acredita que o empenho e a vontade do professor de ensinar podem ter reflexos na motivação e no empenho da turma.

Relata que teve professores no ensino fundamental que foram importantes para sua formação, pois ajudaram-no a resgatar sua autoestima e, assim, confiar mais nele mesmo; relata que teve alguns deles que o ajudaram a recuperar déficits da formação anterior, e que um em especial, voluntariamente, o ajudou a se preparar para prestar a prova de acesso ao IFG. Acredita que a intervenção destes professores foi importantíssima para o seu desenvolvimento pessoal. Finaliza o relato afirmando que acha que os professores são fantásticos na vida do aluno, e conseguem realmente promover mudanças.

Considera que o professor em sala de aula é, naquele momento, a autoridade máxima. Entende que seja uma pessoa que tem conhecimento, que está ali porque é capacitado para aquilo, entende que ele deva ser uma figura exemplar dentro da sala de aula.

Acredita que têm muitos pais, que acabam transferindo para os professores, a tarefa de educar seus filhos, e não entende que este seja o papel deles.

Acredita que os professores deveriam ter uma sólida base pedagógica para conseguirem compreender melhor os alunos e ensiná-los com mais eficiência.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Relata que sua maior influência para se dedicar aos estudos vem do seu padrasto, e que ele sempre o incentivou muito, relata que se dirigiu à formação técnica por influência dele, e que inclusive a escolha da área profissional também foi por essa influência.

Acredita que a comunicação entre professor e aluno é importante e que ele precisa ter respeito até mesmo para saber conversar com o professor.

Acredita que o aluno precisa ter interesse em aprender e determinação para buscar o conhecimento e precisa saber conversar com os professores para expor seus problemas, e que isso tenha que ser feito de forma respeitosa, sempre entendendo o lado do professor.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Considera negativo que muitos professores julguem seus alunos por suas falhas sem avaliar quais foram as causas delas. Considera que muitas vezes os professores não conseguem ter empatia com os alunos, e não percebem que muitas dificuldades que eles apresentam em sala de aula, advêm de suas realidades de vida. Cita como exemplo quando o aluno não tem tempo suficiente para se dedicar aos estudos em função dos estágios ou do trabalho, e que os professores os julgam sem levar isso em consideração.

Considera que, faça muita diferença, uma abordagem didática que consiga se sintonizar com as características dos alunos de hoje, principalmente se ela for bastante interativa;

Quando ele vem com. . . uma didática que era usada a vinte anos atrás, ela acaba sendo ultrapassada hoje em dia. . . com os avanços tecnológicos e tudo mais a criação de cada pessoa, dos pais com os filhos mudou. Então essa parte também muda um pouco para o professor. . . O professor quando traz uma didática diferente, um método de ensinar diferente, isso anima a turma, isso anima o aluno. Não é professor chegar... e começar a copiar no quadro e você copiar também. . . Essas maneiras já estão sendo mudadas pelos professores. . . - Leia, pesquise tal assunto, vamos trazer ele na próxima aula, vamos debater! – Às vezes, muitos fazem o seguinte...: - pesquisem o assunto e a gente debate. - Aí explicam a matéria. Às vezes, isso provoca até mesmo o avanço da turma, porque a turma acaba compreendendo melhor o assunto e, às vezes, ele só dá um feedback ali, porque todo mundo entendeu, todo mundo compreendeu. (Sujeito 7 - aluno)

Acredita que a turma enquanto coletivo na sala de aula, influencia o aprendizado, pois considera que ali seja formada uma pequena sociedade; considera então que se a turma está motivada, então você fica motivado, e que se a turma fica dispersa você também fica disperso.

Acredita que o diálogo do professor com a turma seja importante, para quando necessário, o professor ter parâmetros para mudar a sua metodologia; entende que isso seja positivo, tanto para os alunos quanto para os professores, pois assim os alunos ficarão mais comprometidos com a aprendizagem.

Considera que os professores não precisam agir como pais dos alunos, mas precisam saber dialogar; considera que o aluno também, quando tiver algum problema, precisa saber apresentá-lo ao professor de maneira respeitosa; entende que o aluno também precisa saber enxergar o lado do professor.

5.8. SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 8

Aluno do quarto ano do curso técnico integrado em eletrotécnica. Idade 18 anos. Vivenciou o mercado de trabalho através dos estágios curriculares. Renda familiar menos de R\$ 1.874,00. Pai possui o primeiro nível do ensino fundamental e a mãe o ensino médio completo.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Entende que a educação seja primeiramente a aprendizagem, acredita que seja um modo de vida. Acredita que a maioria das pessoas que cometem crimes não têm educação.

Considera que a educação foi um fator decisivo nos rumos que tomou na vida;

De modo geral eu deixei de ser ignorante. Olhando pelo contexto social, deixei de ter alguns preconceitos, passei a entender melhor as vivências das outras pessoas. . . O que a educação me fez foi me diferenciar da rua, porque a maioria dos meus colegas, hoje estão todos perdidos no crime, essas coisas. Eu consegui ter reconhecimento. (Sujeito 8 - aluno)

Acredita que a educação no país, de modo geral, é precária, em função da falta de estrutura que é oferecida pelos governos. Considera que a educação que é desenvolvida é muito precária e simplória no que tange a formação do trabalhador.

Entende que as tecnologias da informação, até certo ponto, ajudam na educação. Pondera que muitas vezes o estudante usa só para fins particulares, fica desviando o foco, e isso atrapalha. Considera, então, que se for de forma moderada pode ajudar bastante.

Acredita que a educação mudou-o como pessoa, mudou os seus pontos de vista e só lhe trouxe bons conhecimentos, mas pondera que se for analisar do ponto de vista do trabalho não lhe acrescentou nada.

Acredita que o acesso à educação o fez entender melhor várias questões: políticas, económicas, sociais etc.; acredita que o IFG também o fez rever o seu preconceito LGBT, que o fez entender melhor a questão, pois relata que era preconceituoso, que tinha um ponto de vista que mudou totalmente, de forma positiva.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Considera que dentro da educação os professores são os atores que mais motivam, mas que também mais desmotivam os alunos. Considera que têm muitos professores bastante dispostos a ajudar os alunos, mas que têm muitos, especialmente os das áreas técnicas, que não se importam com eles.

Relata que um professor em particular, da área de educação física, o ajudou muito a melhorar como aluno, sempre sendo exigente com ele, mas ao mesmo tempo o incentivando e ensinando a lidar com a nova realidade de aprendizagem que ele encontrou no IFG.

Considera então que a figura do professor é a mais importante dentro da escola, mas que para alguns professores não se pode dar crédito, pois na verdade eles desmotivam os alunos a estudar. Relata que teve vários professores bons, mas que também teve muitos professores ruins.

Acredita que tem alguns que conseguem ajudar os alunos nas suas dificuldades pessoais de aprendizagem, mas que a grande maioria não consegue, que apresentam o conteúdo para a turma, como um todo, e nada mais; considera que nem estão interessados se o aluno tem problema, se tem dificuldade ou não, vão lançando a matéria e deixam o aluno de lado.

Acredita que, didaticamente, o professor deve ter um equilíbrio; entende que deve passar matéria no quadro, explicar dentro da forma tradicional, mas considera que também não deve ficar só nisso. Entende que é interessante ele tirar uma aula do mês ou da semana para fazer dinâmicas que possam interagir melhor com os alunos. Entende que isso seja interessante porque normalmente só o professor fala, ele não interage nada com os alunos. Considera que assim, a maioria dos alunos acaba tendo dúvidas e não perguntando nada sobre a matéria. Entende que essa forma de trabalho mais interativa pode ajudar a quebrar a barreira que existe entre professor e aluno.

Considera que há o desinteresse do aluno, e que há o interesse do professor; que não pode culpabilizar o professor, pois acredita que exista por parte dele o interesse de dar uma boa aula, mas que por causa dessa falta de conhecimento dos dois pontos de vista, a

aula acaba ficando muito pesada e desgastante.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Relata que, particularmente, não se acha um aluno motivado. Considera que todo o processo de ensino, de aprendizagem e de avaliação, sejam desmotivantes.

Considera que teve uma quebra completa de expectativas em relação a escola; relata que esperava algo totalmente diferente, algo “mágico”, mas que isso não aconteceu.

Relata que sua mãe sempre o incentivava, ela sempre lhe dizia para estudar para ser alguém na vida, e que isso era uma motivação para ele.

Acredita que o aluno precisa ter bastante interesse, pois senão estará apenas perdendo tempo, e que não adianta reclamar do professor e, por sua parte, não ajudar a manter a qualidade da aula.

Considera que o que o atrai para o aprendizado seja a própria matéria que está sendo estudada, o assunto que está sendo abordado; considera que tem certos conteúdos que não atraem os alunos, e acabam não sendo motivantes.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Acredita que, para o professor realizar um bom trabalho, ele tem que interagir com os alunos. Entende que tem de ter capacidade de buscar novas formas de interação, que tem que usar dinâmicas onde todos participem; considera que assim a aula ficaria muito melhor, e quando não há interação acredita que a aula desmotiva o aluno.

Acredita que o professor deveria considerar o ponto de vista dos alunos, ao invés de querer empregar somente o seu ponto de vista sobre o que é uma boa aula. Faz tal ponderação, pois acredita que muitas vezes o professor acha que a aula dele é boa, mas na verdade, na visão dos alunos é uma aula péssima. E assim o aluno acaba se desinteressando e não aprendendo nada, e a aula fica estressante.

Acredita que o professor precisa conhecer cada aluno, mas que precisa saber o limite para não invadir o espaço pessoal dele. Considera que essa maior proximidade pode criar laços de afinidade entre professor e aluno e facilitar o processo ensino aprendizagem.

Considera, no que tange a influência dos colegas no processo ensino aprendizagem, que pode haver, uma ou outra, influência negativa, mas de modo geral ela é positiva. Entende que pode ser positiva no sentido: da ajuda um ao outro, do incentivo, de tirar dúvidas etc.

5.9. SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 9

Aluno do quarto ano do curso técnico integrado em eletrônica. Idade 18 anos. Vivenciou o mercado de trabalho através dos estágios curriculares. Renda familiar entre R\$ R\$3.748,01 e R\$ 9.370,00. Pai possui o ensino superior completo e a mãe o ensino médio completo.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Acredita que a educação seja uma transmissão de conhecimentos. Entende que ela não seja unilateral, que alguém transmita algo, mas que ambos estejam em comunicação.

Considera que a educação ainda seja muito formal, que tenha: o professor, os alunos, as cadeiras em fileiras e uma imposição de autoridade; mas não considera que isso seja algo ruim ou negativo. Entende que a autoridade seja necessária para não virar bagunça.

Considera que a educação no país ainda é muito fechada, tem o professor como autoridade na frente dos alunos enfileirados em carteiras; observa que o aluno deve escutar o professor sem direito a se posicionar; e ele é visto como uma autoridade inquestionável e com a qual não se pode discutir nada.

Acredita que a educação no Brasil seja muito precária; em muitas situações, nas escolas públicas, o professor não consegue ter controle sobre a turma, e nas escolas particulares há uma situação de muito controle; considera então que a escola se diferencie em função da desigualdade social. Considera que esta organização desigual do sistema escolar seja a origem de vários problemas sociais.

Considera que a educação ministrada não prepara o aluno para a vida, e entende que isso precisa ser revisto;

Sinceramente eu não me sinto um aluno motivado! Tem uma grade no ensino médio que não vai me preparar para uma vida real, é mais algo que vai ser sempre um bloquinho de notas onde eu tenho que saber o que vai cair na questão do vestibular. . . . eu tenho uma crítica muito grande à matemática, a matemática do ensino médio. . . . eu vejo que ela não me dá um preparo teórico para viver. Por exemplo, eu vou aprender milhares de regras, vou usar no período de provas e vou esquecer após encerrado aquele período. Se eu não seguir numa área da engenharias. . . . não vai ter aplicação real! Eu acho que seria muito mais útil me ensinarem, por exemplo: culinária, educação financeira, marcenaria do que me ensinarem um milhão de teorias da matemática que eu não vejo aplicação real! (Sujeito 9 - aluno)

Acredita que, em parte, esteja preparado para entrar no mercado de trabalho. Considera que a expectativa que tinha em fazer um curso técnico, que em tese lhe prepararia para o mercado de trabalho, de certa forma foi concretizada.

Acredita que o trânsito pelo sistema educacional, de alguma forma, molda o pensamento do aluno, que o aprendizado de vários conceitos acaba influenciando na formação do sujeito; considera que isso se dê a partir do aprendizado sobre questões: políticas, sociais, ideológicas e até mesmo religiosas.

Considera que o acesso à internet colabora com a aprendizagem, mas com restrições, entende que a quantidade de informações é muito ampla e que pode acabar sendo uma distração.

Acredita que as várias mídias, que permitem acesso a informações, estão aumentando muito rapidamente, e que, então, a escola precisa aprender a mediar esse tipo de situação. Considera que não se deve introduzir uma aprendizagem tão “maquinicista” assim tão rapidamente. Entende que isso pode ter como consequência as pessoas surtarem ou se perderem no conceito, mas pondera que a inserção gradual das tecnologias seja

necessária, mas com cautela.

Considera-se privilegiado de poder desfrutar de todas as oportunidades educativas que o IFG oferece, acredita que não teria essa qualidade de ensino em nenhuma outra instituição.

Acredita que em qualquer situação que se projete no futuro, se vê atuando em áreas que promovam o bem estar social, que foi o que aprendeu no IFG.

Considera que a educação, particularmente o IFG, lhe ensinou a perceber as diferenças e entender que existem N tipos de pessoas.

Considera que o processo ensino aprendizagem se baseie muito na ação de memorizar informações, e não têm muita aplicação real.

Considera que não se sente com um nível satisfatório de conhecimento em muitas áreas, porque simplesmente memorizou conhecimentos e fórmulas para repetir em uma prova; relata que memorizou até modelos de como redigir textos, mas que apenas memorizou e não aprendeu de verdade; entende que tudo é feito de maneira muito mecânica.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Entende que o professor seja uma figura extremamente importante para o desenvolvimento do aprendizado dentro do ambiente escolar. Acredita que o professor seja uma figura que ajudou a modelar a sua forma de pensar, que o ajudou a ter uma direção; entende que ele seja alguém que pode instruir os alunos em certos assuntos, para que assim eles possam assimilar as informações e desenvolver suas sínteses das ideias.

Considera que o professor, para conseguir desenvolver um bom trabalho, precise ser carismático, pois é uma pessoa que trabalha com comunicação, e que precisa transmitir confiança. Acredita que o aluno confie muito no professor, entende que para ele o professor seja uma autoridade, e que por isso há essa confiança.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Relata que não se sente um aluno motivado, pois não acredita que esse modelo de ensino médio vá prepará-lo para a vida real.

Relata que fez um curso preparatório para ingressar no IFG, e já tinha uma ideia de como seria, e que portanto não tinha muitas expectativas; e que na verdade não gosta de criar expectativas sobre determinado assunto para não se frustrar depois. Acredita que teve uma educação pública de boa qualidade, que teve experiências de como aplicar os conhecimentos na vida real (através dos estágios e das visitas técnicas), então, entende que as expectativas que possa ter tido, em grande parte, elas foram atendidas.

Relata que os professores que teve foram muito positivos nos seu aprendizado, e ainda tem muito carinho por eles.

Considera que por ser uma pessoa muito independente e muito focada nos estudos, seus pais não precisaram intervir muito na sua relação com o processo ensino

aprendizagem; considera que os seus pais foram um pouco distantes nessa relação.

Relata que dentro da sala de aula não lida muito bem com o uso do computador, porque quando se faz necessário o uso acaba desviando a atenção do que realmente está sendo ensinado. Relata que sempre tem um jogo ali na internet, ou outras coisas que chamam a atenção; e que então abre outras abas de pesquisa e quando percebe está gastando o tempo com coisas que não dizem respeito ao conteúdo. Reitera, então, que a introdução destas mídias na educação, precisa ser feita de forma gradual, porque senão pode deixar as crianças desestabilizadas com tanta informação.

Acredita que um bom aluno precisa saber interagir com os colegas, pois ele passa grande parte do seu dia junto com eles, e que, também, precise ser uma pessoa esforçada, que precise tratar a educação com seriedade, para realmente conseguir aprender.

Acredita que o aluno precisa ter foco, e aprender a fazer interrelações entre os conhecimentos que recebe, e assim poder conseguir fazer uma aplicação daquelas habilidades que foram aprendidas durante o curso na sua vida real. Entende que um aluno que consegue fazer essa transição da teoria para aplicação real, só consegue porque: teve foco, estudou e levou sua formação a sério. Acredita que, então, quando se tem essa combinação de atitudes o sujeito consegue se tornar um bom aluno.

Considera que mesmo entendendo que o IFG, apresente um nível de exigência acadêmica que seja desgastante para o aluno, ele não faria nada de diferente do que fez até então, apenas teria se dedicado mais aos estudos.

Considera que no IF, não foi preparado para o vestibular, mas foi preparado: para a vida, para o mercado de trabalho, para conviver com outras pessoas etc., entende que então de alguma forma se sente preparado para a vida adulta. Acredita que seja uma pessoa diferente de quando entrou na escola, e que seja muito mais maduro e independente.

Entende que isso fará dele uma pessoa melhor. Considera que esteja menos propenso a julgar os outros e mais apto a compreender as diferenças; e entende que a educação também lhe permitiu enxergar o mundo de uma forma mais ampla.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Entende que a comunicação entre professor e aluno precise ser um caminho de mão dupla, onde os professores façam a mediação do conhecimento, mas que os alunos possam ter suas próprias opiniões.

Considera que dentro do IFG tenha vários outros espaços formativos, extra sala de aula, que permitem que os alunos possam desenvolver novas habilidades e conhecimentos.

Considera que as relações e o processo ensino aprendizagem no IFG são um pouco mais abertos do que nas outras redes de ensino.

Relata que já teve experiências, no seu ensino fundamental, onde os alunos não concordavam com as formas de trabalho do professor, mas que eles não foram nem levados em consideração pela direção da escola; entende que na escola particular, o professor sempre está certo e o aluno sempre errado.

Considera que o que realmente o motiva é o contato mais próximo com o professor, quando se vê mais próximo dele; considera que assim se sente mais motivado a ir a aula, e acredita que pode dizer que passa a ter carinho por ele.

Observa que, quando tem um professor: pouco flexível, que não tem contato com a turma, que fica sempre na mesmice teórica, que sempre fica escrevendo algum conteúdo no quadro para os alunos anotarem, tudo isso desestimula o aluno a estudar.

Entende que o professor precise ser carismático, ser capaz de se comunicar bem com os alunos e de manter uma boa relação com eles, mas sabendo impor os limites para manter a disciplina. Entende que o professor precise deixar claro os seus pontos de vista sobre determinado conteúdo, mas não de forma doutrinária, e sim sempre mostrando os vários pontos de vista sobre a mesma questão, para que assim o aluno possa aprender, e pensar de forma plural, e não se limitar a repetir as opiniões do professor.

Entende que o professor precise mostrar para o aluno que ele pode confiar no que ele está ensinando, portanto ser uma figura confiável. Entende que esta relação precisa ser realizada sem o professor agir com soberba ou desrespeitar os saberes dos alunos, como se eles nada soubessem; considera que, quando há esta atitude de soberba e de desrespeito, os resultados são negativos para o processo ensino aprendizagem. Acredita que a atitude de soberba demonstra que o professor não se interessa pela turma, acredita que os alunos conseguem perceber quando o professor não tem interesse, ou quando ele está ali frustrado ou algo assim, e considera que isso desmotiva o aluno, e que, portanto, seja muito ruim para o processo ensino aprendizagem.

Acredita que as aulas onde o professor trabalha com o conhecimento de forma aplicada sejam mais motivantes e interessantes, e que as metodologias que se limitam apenas à fala do professor não sejam suficientes para prender a atenção do aluno, e que sejam tediosas, e que isso o deixa frustrado.

Acredita que as relações entre os pares dentro da sala de aula contribuem para a aprendizagem e para o amadurecimento dos estudantes. Entende que quando temos uma turma que grande parte está desmotivada, o aluno fica desmotivado, e quando temos uma turma motivada o aluno fica motivado.

Considera que o aluno aprende a levar em consideração a opinião dos outros, principalmente os do seu círculo de relações mais próximo, e assim muitas vezes o aluno se empenha em determinada disciplina em função de interesses que são também dos colegas de turma.

5.10. SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 10

Aluno do terceiro ano do curso técnico integrado em mineração. Idade 18 anos. Renda familiar entre R\$ 9.370,01 e R\$ 18.740,00. Pai possui o ensino superior completo e a mãe o ensino superior completo.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Acredita que a educação seja uma maneira de formar o cidadão para que ele consiga conviver em sociedade. Considera que de certa forma, ele é domesticado. Entende que a escola apresenta ao aluno conhecimentos que ele não teria em outro ambiente. Considera que a escola incentiva a aprendizagem científica dos alunos. Acredita que a escola também tem a função de despertar interesses artísticos ou esportivos.

Considera que a educação no Brasil é precária. Entende que, de certa forma seja por causa dos professores, pois considera que muitos não têm empenho em dar boas aulas ou mesmo empenho profissional; considera que a principal causa deste comportamento sejam os baixos salários e a falta de incentivo à carreira.

Acredita que na educação do país falte muito a parte aplicada, pois não tem atividades práticas e experiências de aplicação do conhecimento. Apresenta a ideia que ouviu em uma palestra de que: têm crianças que não sabem que o que está nos livros é de verdade, acham que seja ficção.

Considera que é introjetado na cabeça dos alunos que eles precisam estudar para terem futuro. A motivação que lhes é apresentada para estudarem determinados conteúdos é que, teoricamente, aqueles conhecimentos serão importantes no futuro. Entende que, na realidade, o aluno é “motivado” a estudar horas e horas para atender a um único objetivo, que é conseguir responder questões em um exame seletivo para o acesso à universidade; e que além de todo o estresse gerado, fazem o aluno acreditar que se ele não for bem sucedido neste processo, não terá um bom futuro.

Acredita que a formação escolar interfere na formação do trabalhador, e pode determinar: como ele será no trabalho, a que tipo de trabalho irá se dedicar, a forma como irá se relacionar no trabalho e também em suas relações sociais de forma geral.

Acredita que a educação lhe prepara para o trabalho, especialmente no IFG, por esta ser uma instituição de ensino profissionalizante, mas acredita que a preparação seja menos eficiente que em outras instituições. Considera que esta preparação seja menos eficiente que em colégios particulares, pois nestes o foco é apenas o vestibular, e no IFG, existe também a formação do cidadão, que visa o crescimento do aluno como pessoa. Entende que esse crescimento como pessoa também é um crescimento profissional, pois confere ao aluno mais maturidade para alcançar suas metas, para vencer seus desafios. Considera que assim o aluno será um profissional melhor e mais qualificado.

Considera que a tecnologia, de certa forma, ajuda no processo de aprendizado, pois ela traz muitas facilidades; mas considera que ela, também, pode atrapalhar muito. Considera que uma questão negativa é que a tecnologia é desenvolvida de forma a viciar as pessoas. Relata que tem problemas para controlar o seu vício em coisas tecnológicas como: jogos, redes sociais etc., afirma que, às vezes, acha bem difícil sair desse vício, e que isso atrapalha muito o seu rendimento acadêmico.

Considera que a educação seja muito importante porque ela vai: estruturar a sua forma de pensar, vai trazer ao aluno um raciocínio lógico racional, vai evitar também que o aprendiz tome decisões ruins na sua vida.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Considera que podemos encontrar muitos professores que não têm interesse em dar a aula, e que o fazem apenas por obrigação.

Entende que teve ótimos professores, que influenciaram na sua vida pessoal, que lhe deixaram conhecimentos que ele levará por toda sua vida; afirma que gostaria de encontrar com essas pessoas novamente e os consideraria como amigos.

Considera que o professor seja um guia para orientar o aluno em direção ao conhecimento. Relata que tenta ver o professor como um amigo, como uma pessoa próxima dele, mas sempre respeitando a hierarquia.

Considera que um bom professor precisa: ser amigável, ter compreensão com os alunos, ter paciência, não se exaltar, saber dar suporte e apoiar o aluno; considera também que um bom professor não deva querer demonstrar que está acima dos alunos. Acredita que ele precisa saber mostrar que os alunos podem seguir o caminho ou área profissional que quiserem que terão um bom futuro.

Relata que o que menos gosta em um professor é quando ele olha o aluno de cima para baixo, quando ele olha para o aluno como se ele não fosse nada, como se ele não fosse uma pessoa, como se ele, também, não estivesse ali por uma razão. Relata que teve muitos professores que tiveram esse tipo de atitude, e que ele se sentiu totalmente desmotivado e teve problemas acadêmicos por isso.

Relata que já passou por várias redes de ensino diferentes: públicas, privadas, conveniadas e que percebe que muitos professores não conseguem ajudar os alunos nos seus problemas pessoais de aprendizagem; mas pondera que muitos têm essa capacidade, mesmo que não seja a maioria, mas que muitas vezes essa ajuda não dá certo.

Relata que teve colegas, principalmente na rede pública, e alguns na rede conveniada, que simplesmente desistiram da escola. Relata que os professores e a instituição tentavam ajudá-los, mas simplesmente eles não conseguiram prosseguir. Acredita que, muitas vezes, isso se dá por conta de: problemas familiares, por falta de estrutura, por falta de condições financeiras etc., que não seja nem por falta de querer da instituição e nem por falta de vontade do aluno.

Considera que os professores deveriam ter uma maior dimensão do quanto impactam a vida dos alunos, tanto de forma positiva quanto de forma negativa.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Relata que se considerava um bom aluno e hoje não se considera mais, pois foi se desmotivando da educação;

Já fui um estudante motivado. Eu fui um aluno muito promissor, com muito talento e que poderia ter muito crescimento. . . . porém com o tempo, enquanto o sistema ia rodando, eu ia me desmotivando, e também criando um pouco de raiva do sistema da educação, de notas, da avaliação do estudante. Isso acabou me deprimindo muito, e eu acabei perdendo um pouco do potencial que eu tinha. . . . Eu tirava dez em tudo, eu parei de fazer as tarefas, porque eu tirava dez nas provas

e passava, eu sempre ganhei prêmios, lá onde eu estudava eu ganhei um monte de prêmios. . . . só que teve uma hora que eu cansei! . . . Eles botam na sua cabeça que você tem que saber aquela teoria, tem que saber aquele conteúdo senão você não vai ter futuro. (Sujeito 10 - aluno)

Considera que teve muitas expectativas frustradas durante o seu trânsito pela formação escolar. Relata que, no começo, a escola para ele era um espaço social, para desenvolver novas amizades e desenvolver habilidades sociais. Relata uma certa frustração com a atual instituição, pois esperava mais dela e de alguns de seus professores.

Relata que os professores tiveram uma grande influência na vida dele. Relata que sentiu um pouco a ausência de seus pais durante seu processo formativo, mesmo entendendo que isso era motivado pelo trabalho deles.

Relata que seus pais foram professores de ensino médio, e que sempre teve muita amizade com os alunos e com os colegas de trabalho deles; e que então a escola sempre teve uma influência muito forte na sua vida.

Considera que um bom aluno precise ter uma boa bagagem cultural e acadêmica e ter tempo e vontade de se dedicar aos estudos; pondera que muitos alunos não podem ter esse perfil por falta de condições socioeconômicas.

Relata que atualmente se sente desmotivado de vir à escola, e que isso não é porque não queira aprender, não é porque não queira ter um bom futuro, mas que a desmotivação é porque não vê objetivo, não vê razão de vir para a escola, pois entende que o que está aprendendo não faz sentido para ele e que não terá utilidade.

Considera que a educação influenciou sua maneira de ser, pois entende que os conhecimentos que são aprendidos pelos alunos acabam por determinar a sua forma de pensar e de ver o mundo.

Acredita que a educação teve um ótimo papel na vida dele, que por mais que ele tenha se desmotivado e se decepcionado com ela, ainda sente-se feliz por tê-la. Relata que em busca de conhecimento, muitas vezes, estuda por conta própria, sem ser em função de uma nota, e que assim não trata o processo de aprendizagem como se fosse um castigo (que é como ele percebe o processo na escola) e assim se sente feliz em aprender.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Acredita que a relação entre professor e aluno precisa ser boa e amigável; porém os alunos têm que ter respeito e saberem que de certa forma, o professor está acima deles. Enfatiza a questão da relação amigável com o professor, por acreditar que sem ela o aluno vai se sentir desmotivado em comparecer as aulas, em despender seu tempo para estudar aquela matéria. Considera muito desmotivador o aluno ter de acordar as sete horas da manhã para vir a uma aula onde o professor é pouco amigável e não respeita o aluno; relata que tem problemas com isso, e que acredita que muitas outras pessoas têm.

Relata que os colegas de classe também tiveram um impacto muito grande no seu crescimento pessoal, considera que para ele esse impacto foi positivo. Afirma não ser capaz de dizer com clareza sobre esse papel dos colegas de turma na aprendizagem de forma

geral, pois entende que é relativo, pois acredita que para algumas pessoas pode ser positivo e para outras negativo.

Acredita que, para as aulas serem melhores, deveria haver mais aulas práticas e conhecimentos aplicados e aplicáveis.

Relata que já teve oportunidade de ir com um grupo de alunos fazer uma trilha no cerrado, e que o fato de poder ver a vegetação, os animais etc., coisas que ele só estudou nos livros o motivou muito. Considera que seja bom ter esse tipo de experiência de ver que você não está aprendendo inutilmente, de ver que realmente é sobre o mundo que você está aprendendo.

5.11. SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 11

Aluno do terceiro ano do curso técnico integrado em controle ambiental. Idade 17 anos. Renda familiar menos de R\$ 1.874,00. Pai e mãe possuem o ensino médio completo.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Entende que a educação é muito importante. Considera que a educação dos moradores de zonas rurais é mais exigente do que nas cidades. Relata que se mudou para a cidade com cinco anos, mas que mesmo com tão pouca idade já notou muitas diferenças.

Acredita que a educação o ajudou muito, pois entende que as pessoas mal-educadas, na maioria das vezes, acabam ficando isoladas na sala; acredita que a educação que trouxe de casa também o ajudou, porque sempre foi ensinado por sua mãe, a respeitar os mais velhos, a dar lugar para uma pessoa mais velha sentar-se etc., entende que isso o ajudou muito no seu dia a dia.

Considera que a educação o ajudou em muitos aspectos da sua vida: a conviver com as pessoas, a saber se aproximar delas; e também o ajudou a entender melhor a própria vida.

Acredita que a possibilidade de estudar em uma boa escola pode permitir que futuramente ele possa ser um bom profissional.

Considera que a educação que teve quando vivia em uma zona rural foi muito simples, e que não tinha outras opções. Relata que sentiu muita diferença quando começou a frequentar a escola na cidade, principalmente no que diz respeito à língua portuguesa, pois falava de maneira muito coloquial.

Considera que os alunos no Brasil não são muito bem educados, pois vê nos noticiários que alguns agredem os professores, que outros têm comportamentos inadequados para o espaço da escola e acabam prejudicando a qualidade dos trabalhos.

Acredita que o hábito dos alunos usarem as tecnologias da informação, especialmente os jogos, atrapalha muito a concentração deles no processo de aprendizagem. Pondera que têm ferramentas, como as redes sociais, que podem ser úteis: WhatsApp e Facebook, pois você pode usá-las para entrar em contato com algum colega de sala, para sanar alguma dúvida, que não tenha sido esclarecida nas aulas. Considera que o Youtube também pode ser útil; pois entende que nele podem se encontrar videoaulas, que podem

ajudar os alunos a compreenderem melhor algum conteúdo, que possa não ter ficado suficientemente claro a partir da explicação do professor.

Relata que os seus tios, que também se mudaram da zona rural para a capital, sempre lhe falavam para estudar, para levar os estudos a sério, que isso seria bom para o futuro dele.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Acredita que o papel do professor seja muito positivo na vida do aluno. Relata que teve professores no ensino fundamental que voluntariamente o ajudaram a recuperar o seu déficit de aprendizagem na área de matemática, e até o ajudaram a estudar para a prova do processo seletivo para o IFG.

Relata que sempre teve muita dificuldade de aprendizagem e que os professores sempre o ajudaram muito.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Relata que, quando se mudou para a cidade, sofria bullying em função da sua maneira de falar, pois falava de forma muito errada. Relata que também sofria bullying por usar óculos de grau muito forte, e que isso o deixava desmotivado e triste; considera que agora que cresceu as pessoas já não fazem mais isso.

Nos relata que suas condições de vida acabam interferindo no seu engajamento e no seu desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem;

Eu já fui muito mais motivado para estudar. Agora é muita coisa, você vai crescendo, vai aumentando suas responsabilidades. Lá em casa são três irmãos e minha mãe, ela é solteira, aí eu sou o mais velho, já tenho que ajudar mais em casa, aí os estudos ficam um pouco mais atrasados; mas eu faço o máximo para tentar estudar, para aprender muito. (Sujeito 11 - aluno)

Relata que além dos problemas inerentes ao processo formativo da escola sempre teve problemas de ordem familiar.

Considera que sempre viu a escola como uma possibilidade de fazer novos amigos; e entende que foi positivo o fato de, realmente, ter feito vários amigos.

Considera que quando entrou no IFG, por esta ser uma escola diferente, que começou a se abrir mais, mas que teve um aspecto negativo, pois em função da liberdade oferecida acabou se perdendo um pouco nos estudos e isso o atrapalhou.

Relata que tem duas tias maternas que foram decisivas na sua visão sobre a educação, pois elas sempre o incentivavam; relata que até lhe emprestavam o computador para que ele pudesse estudar, e também pagaram a taxa de inscrição para que ele pudesse prestar o processo seletivo do IFG. Relata que toda sua família veio da zona rural, e que são de classe social baixa, e que a maior motivação para o estudo sempre foi a busca de um futuro melhor.

Relata que sua convivência com os professores sempre foi muito boa, pois sempre foi uma pessoa alegre e comunicativa; relata que tem matérias nas quais ele não é muito bom, mas os professores sempre o ajudaram, que sempre tentaram orientá-lo como deveria fazer para se desenvolver nos seus estudos.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Considera que na relação professor aluno o que acha mais importante é a parceria. Considera que o ponto mais negativo em um professor é quando ele não gosta dos alunos, quando passa pelos alunos e parece que nem os vê, que se acha superior aos alunos em função de sua graduação de mestre ou doutor.

Relata que gosta de aulas onde o professor é animado, e que transmite essa animação para a turma; aulas onde ele se comunique com os alunos e procure sempre motivá-los. Considera que, às vezes, seja interessante dar uma pequena pausa no conteúdo para conversar sobre o dia a dia.

Considera que os alunos precisam respeitar os professores, mesmo que, durante as aulas, ele explique algum conteúdo que o aluno não consiga entender; entende que o aluno não deva simplesmente reclamar, mas tentar buscar a ajuda do professor e achar um caminho para o diálogo.

Relata que os objetivos futuros dos alunos na cidade são muito diferentes dos que tinham nas escolas rurais. Relata que teve muitos amigos que o ajudaram no seu desenvolvimento no processo educativo, e que os tem até hoje.

5.12. SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 12

Aluna do terceiro ano do curso técnico integrado em edificações. Idade 17 anos. Renda familiar entre R\$3.748,01 e R\$ 9.370,00. Pai possui o ensino fundamental completo e a mãe o ensino médio completo.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO .

Acredita que em cada fase do processo de ensino e aprendizagem o aluno tem uma concepção diferente de educação;

Acredito que cada fase que vivemos nesse processo de ensino e aprendizagem temos uma concepção diferente de educação. Por exemplo eu acredito que quando eu entrei no primário, eu não tinha uma ideia estruturada de educação no sentido de: - Eu estou aqui para aprender. No sentido de que eu vou estabelecer o meu futuro a partir disso. . . . E hoje eu já tenho uma concepção totalmente diferente da importância que isso representou e que continua representando para o futuro. . . . e para o que eu vou constituir na minha vida. . . . Eu acho que é um processo, a própria educação é um processo sobre o significado dela mesma, e bastante aprendido sobre o significado das outras coisas da vida da gente. (Sujeito 12 - aluna)

Acredita que a educação seja um dos meios para o sujeito se desenvolver

intelectualmente e socialmente; não o mais fácil, mas um dos principais.

Acredita que as escolas que pôde frequentar antes de entrar no IFG, reflitam o que é o sistema educacional no Brasil, um sistema precário, que não incentiva nem docentes e nem discentes para a prática da educação.

Acredita que, portanto, não tem como o aluno desejar estudar, principalmente alunos que vivem em vulnerabilidade social; entende que não tem como ele desejar estudar se não tem o incentivo dentro da sala, visto que ele normalmente já não tem esse incentivo em casa. Entende também que não tem como os professores quererem dar aulas, se eles não têm o apoio do estado para isso. Considera que, portanto, a educação do Brasil seja precária, e para ajudar os alunos e os professores nas escolas, ela precisa ser muito melhorada.

Considera que a educação a preparou para o mercado de trabalho, especialmente a educação que é ministrada no IFG. Acredita que, além das aulas, essa preparação é construída pelas atividades extra classe, como: palestras, debates, iniciação científica, projetos como a mini empresa etc.

Considera que as tecnologias permitem ao aluno quebrar sua inocência em relação ao conhecimento, pois apresenta a ele uma infinidade de informações. Acredita que, de alguma forma, as várias ferramentas que permitem o contato entre as pessoas facilita as relações, e podem contribuir também para troca de conhecimentos. Mas, pondera que é importante ter disciplina, para não se perder no excesso de tempo gastos, especialmente, no celular e nas redes sociais. Acredita que, em função das muitas exigências que a vida do adolescente traz, e as próprias exigências da escola, muitas vezes, o aluno usa o celular como uma fuga.

Considera que gratidão seria a palavra que tem como resposta à pergunta sobre o que a educação lhe proporcionou, pois entende que a educação lhe trouxe experiências as quais será grata por toda a sua vida.

Considera que a educação lhe permite pensar melhor sobre os fatos, e que lhe trouxe também melhora na autoestima, pois fez com que ela percebesse sua capacidade e seu potencial. Entende que a educação proporcionou condições e conhecimentos para que ela pudesse decidir seus caminhos para o futuro. Considera então que a educação recebida foi uma influência muito positiva e a deixou bastante satisfeita.

Considera que o IFG foi o melhor exemplo de educação que já teve. Considera que podemos estar sempre melhorando, mas acredita que se no Brasil todo, os jovens tivessem oportunidades de aprendizagem como as que são oferecidas nos institutos federais, teríamos um Brasil totalmente transformado.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Relata que não gosta de todas as matérias, e acredita que a maioria das pessoas não goste; acredita que os alunos não gostem de determinada matéria em função de experiências vividas, e que essa experiência, muitas vezes é dada pelo professor, e que

portanto se o professor não proporciona boas experiências, independentemente da razão, não tem como o aluno se sentir motivado.

Relata que no IFG, teve uma professora que fez muita diferença na sua formação, especialmente na sua capacidade de verbalizar, de expor suas ideias. Relata que o trabalho dessa professora foi muito positivo, não só para ela, mas acredita que ela transformou o pensamento de toda sua turma, considera que esta experiência educativa a fez quebrar muitos preconceitos.

Relata que teve outra professora de matemática no ensino fundamental, que não era muito valorizada e compreendida pelo restante dos alunos, mas que provocou um grande impacto transformador na sua vida. Relata que essa professora ajudou ela a se preparar para o processo seletivo do IFG. Relata que fez a escolha da área de conhecimento que pretende seguir profissionalmente em função desta professora.

Acredita que muito da admiração que teve por essas professoras, se deve também ao fato de serem mulheres; e que foram, para ela, referências de mulheres fortes e competentes profissionalmente.

Considera que o papel do professor é muito importante dentro da educação, considera que oitenta por cento da responsabilidade pela aprendizagem seja do professor, e o restante cabe ao aluno. Considera que o papel do professor seja guiar o estudante naquilo que ele precisa para o seu futuro.

Entende que o professor seja um amigo do ensino, pois está ali para ajudar o aluno a aprender, a sanar suas dúvidas; considera que o professor sempre pode ajudar os alunos a pensar de forma mais clara.

Acredita que a relação ideal entre professor e aluno precisa ter reciprocidade. Entende que a aprendizagem seja constante, que aconteça sempre, e que entendo se um professor se fecha para a opinião do aluno, ele também está se fechando ao aprendizado que poderia ter com a fala daquele aluno, por não levar em consideração uma perspectiva sobre a qual não havia pensado. E entende também, que o aluno precisa saber escutar, dar atenção a tudo que o professor tem a dizer, pois é a partir do conhecimento do professor que ele elabora o seu próprio conhecimento, e estrutura sua própria forma de pensamento.

Acredita que um bom professor seja aquele que tem vontade de interagir com os alunos e vontade de ensiná-los. Entende, entendo, que um bom professor é aquele que tem clareza daquilo que está fazendo; e que o faz de forma que seja produtivo para o aluno, sempre permitindo que ele possa dar opinião e que haja interação entre os dois.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Relata que, muitas vezes, não se sente motivada. Considera que em muitas disciplinas, das quais não gosta, o motivo seja a falta de incentivo do professor; considera que, de certa forma, essa desmotivação advenha da falta de incentivo à educação.

Relata que, no seu caso, não teve muitas oportunidades de acesso completo à educação, como tem atualmente no IFG, e considera que essa oportunidade que está tendo agora seja o principal fator que contribuiu para o seu desenvolvimento. Considera entendo que

toda a consciência do valor da educação que ela passou a ter foi dentro do IFG. Considera que, depois que entrou no IFG, a maioria das suas expectativas, no que tange ao ensino foram atendidas. Relata que algumas expectativas foram superadas, por exemplo, em relação à prática esportiva, que foi muito além do que ela esperava.

Relata que durante todo o seu processo de formação anterior ao seu ingresso no IFG, as instituições não incentivavam os professores, e consequentemente os professores não incentivavam os alunos. Considera que um fator que a desmotiva seja, exatamente, a falta de incentivo à educação e a aprendizagem.

Relata que ficou feliz de poder contar com uma boa estrutura para aprendizagem. Relata que o único ponto que a frustrou, de certa forma, foi em relação à aceitação das pessoas que convivem aqui dentro, afirma que se decepcionou um pouco, pois esperava um lugar mais livre, mas que essa pretensa liberdade estava limitada à determinadas condições. Entende que essa aceitação e essa liberdade, não seja o que realmente acontece quando vivemos dentro de um grupo social.

Considera que o principal fator que mais a motiva para se engajar no processo de ensino aprendizagem seja o fator social, as próprias condições do Brasil; e que se representa no fato de o estudante querer um futuro diferente daquilo que, por exemplo, seus pais vivenciam. Relata que seus pais não tiveram acesso completo à educação, e que apesar do anseio constante que sua mãe tem pela educação, ela não conseguiu frequentar um curso superior; isso era o sonho dela e, assim, ela dividiu esse sonho com os filhos.

Relata que um dos motivos e das motivações que a levam a querer estudar seja a possibilidade de oferecer à sua mãe aquilo que ela não pode ter. Relata que busca um futuro melhor como a maioria das pessoas, e que esse desejo é central para quem vem de situação de vulnerabilidade social.

Relata que dentro da sua família o principal incentivo vem da sua mãe, pois seu pai já é falecido. Relata que sua mãe e seus irmãos estudaram bastante para conseguir tirar a família da situação de vulnerabilidade social em que já viveram. Considera que a sua mãe seja a principal protagonista disso tudo, e que ela sempre teve um apreço muito grande pelo ensino, sempre quis muito aprender. Relata que sua mãe só conseguiu chegar até o ensino médio, não conseguiu cursar a universidade que era seu sonho.

Acredita que o aluno tem um processo constante de aprendizado e de desenvolvimento de características que o fazem um bom aluno. Considera que, dada a grande quantidade de disciplinas que o aluno precisa estudar na escola, para ser um bom aluno é necessário persistência para se manter focado no seu objetivo pessoal e profissional. Entende que um bom aluno precise ter também flexibilidade para aceitar os conteúdos e refletir sobre eles.

Considera então que o bom aluno é aquele: que tem a intenção de aprender, que se esforça para atingir o conhecimento, que se doa, aquele que sabe valorizar os conhecimentos que são levados pelos professores e não necessariamente aquele inteligente.

Considera como fator principal para um bom processo de aprendizagem, aulas interativas, pois entende que elas despertam o interesse de todos os alunos. Acredita que essas aulas não devam consistir naquele sistema único de ficar em sala de aula e olhar para o quadro, e que deva haver interação com outras fontes de conhecimento, por exemplo: filmes, documentários ou até mesmo a conversa com alguém que vivenciou aquele objeto de estudo. Considera que se você só aprende lendo os livros e fazendo resumos, aquele conhecimento não faz sentido e que é difícil focar nele.

Considera então que, essas formas de trazer o conhecimento, sejam muito interessantes para despertar o interesse do aluno, pois entende que o interesse é o principal instrumento para a aprendizagem.

Acredita que o coletivo de alunos dentro da sala de aula seja essencial para a qualidade do processo de ensino aprendizagem, mas entende que depende da turma e do professor para garantir que essa interação entre os alunos possa ser positiva. Observa, por exemplo, que a sua turma, apesar de ser uma boa turma, tem um perfil um pouco intolerante, e que quando não concorda com as ideias apresentadas pelo professor em sua disciplina, mesmo que não reflitam as ideias dele, mas simplesmente o conteúdo que ele está ministrando, a turma reage de forma negativa e o desenvolvimento da aprendizagem é prejudicado.

5.13. SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 13

Aluna do terceiro ano do curso técnico integrado em edificação s. Idade 17 anos. Renda familiar entre R\$3.748,01 e R\$ 9.370,00. Pai e mãe possuem o ensino médio completo.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO .

Considera que a forma com que a educação é internalizada e utilizada varia de acordo com o sujeito;

Eu acho que educação é algo. . . . que nos é passado, desde criança. E acho que varia de pessoa para pessoa. É o que é ensinado para gente e o que nós internalizamos. Porque muitas coisas são ensinadas para gente, mas nós não as utilizamos no nosso cotidiano. Eu acho que é isso! O que as pessoas nos passam e o que nós internalizamos. (Sujeito 13 - aluno)

Considera que sua educação foi boa, pois teve a oportunidade de estudar em instituições públicas de qualidade. Considera que a formação que teve foi de boa qualidade, mas no que tange à possibilidade de aplicar esses conhecimentos no mercado de trabalho, teme não conseguir fazê-lo de forma adequada.

Considera que de modo geral, a educação no Brasil é de boa qualidade, e que o aluno, na maioria das vezes, tem o direito de conversar com o professor, de dizer o que pensa sobre as aulas para torná-las mais dinâmicas.

Entende que a grade curricular é muito extensa, e busca ensinar muita coisa em pouco tempo.

Entende que a escola deveria trazer mais informações sobre os cursos que os alunos podem encontrar na universidade.

Acredita que a tecnologia facilita a aprendizagem, facilita a aquisição de conhecimentos, pois hoje o aluno pode pesquisar muitas informações sem nem precisar ir a uma biblioteca.

Acredita que na cultura dos alunos, e nas interações que eles fazem entre si, os assuntos giram em torno de fatos advindos das tecnologias da informação (celulares, redes sociais, filmes etc.), e acredita que quando o aluno fica fora deste universo ele se sente excluído. Assim considera que seja difícil o aluno de hoje ficar distante da tecnologia, mas entende que quando ele fica dependente das redes sociais, isso passa a atrapalhar o estudo e então se torna um problema.

Relata que a educação influenciou muito no que ela é hoje, entende que a família juntamente com a educação formou sua personalidade: a pessoa que é hoje, como pensa, o seu senso crítico. Entende que a educação lhe trouxe maturidade para organizar seu tempo, seus pensamentos etc. Acredita que consegue aplicar os conhecimentos que recebeu no seu dia a dia. Considera que, então, não consegue pensar como seria sem a educação que recebeu.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Relata que tem uma relação ruim com a disciplina de história, e que isso foi causado por um professor que teve, pois ele subestimava os alunos, e apenas os colocava para ler o livro e fazer resumos, considera que isso não seja de fato aprendizagem; relata que o professor não dava liberdade para os alunos conversarem com ele, e assim poderem apresentar seus pontos de vista sobre o método utilizado, e acredita que tal atitude fazia com que os alunos se sentissem oprimidos.

Considera que a oportunidade de fazer parte da equipe de vôlei da instituição foi um fator que fez muita diferença na sua vida.

Entende que o professor é uma figura que acompanha o aluno desde que ele entra na escola, e que portanto ajuda a formar a identidade do aluno.

Acredita que o professor seja muito importante dentro do processo ensino aprendizagem, que ele seja uma pessoa que está ali para guiar o aluno.

Considera que os professores ajudam os alunos a superarem suas deficiências e que se sente mais segura na presença dele. Relata que teve vários professores que a incentivaram a estudar, a seguir atrás dos seus objetivos, portanto considera que os professores são uma inspiração.

Relata que na época em que prestou o processo seletivo para ingressar no IFG, teve um professor que a ajudou muito, conta que ele mobilizou a escola inteira para fazer aulas preparatórias para ajudar os alunos que queriam prestar a prova.

Considera que o bom professor seja aquele que seja aberto ao diálogo, que seja aberto a sugestões. Entende que um bom professor deve ter a consciência que está em sala

de aula para ajudar o aluno, para guiá-los no processo de aprendizagem, e que não é uma pessoa que está ali para reprimi-los.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Relata que muito da sua motivação para estudar vem da sua família, pois seus pais não tiveram oportunidade de estudar, de fazer um curso universitário, e que assim sempre mostraram para os filhos que queriam para eles um futuro diferente. Relata que, objetivamente, sua motivação está centrada na intenção de dar retorno a todo o investimento financeiro e afetivo que sua família fez para que ela pudesse estudar, e que esta motivação se sustenta pela intenção que tem de dar orgulho a sua família. Considera, então, que sua motivação venha de dentro de casa e também da própria escola.

Relata que um dos aspectos que mais a desmotiva no processo de aprendizado seja quando as ideias e conteúdos são impostas aos alunos sem direito de um debate crítico. Entende que muitas vezes a escola e alguns professores, querem forçar o aluno a estudar, querem forçar o conhecimento a entrar na cabeça do estudante, e entende que isso seja desmotivante.

Considera que de forma geral suas expectativas como estudante, dentro do IFG, foram atingidas. Mas entende que algumas disciplinas poderiam ser melhores.

Relata que, no ensino fundamental, teve um professor de educação física que a fez detestar as aulas, em particular o voleibol, em função da sua maneira de ensinar; acrescenta que posteriormente houve uma troca de professores, e assim, foi implementada uma nova metodologia, com a qual ela se identificou e assim aprendeu vários tipos de esportes, e inclusive se apaixonou pelo voleibol. Relata que pretende se tornar uma professora de educação física, e que esse professor fez a diferença na vida dela.

Considera que em função de sua família sempre tê-la incentivado a estudar, pôde desenvolver uma cultura diferente da que seus pais tiveram acesso. Relata que seus pais nunca a forçaram a seguir um caminho específico, que sempre lhe deram a oportunidade de falar o que pensava.

Acredita que um bom aluno precisa estar aberto ao conhecimento, estar disposto a aprender coisas novas, a pensar diferente; entende que ele não deve limitar seus campos de aprendizagem em função de objetivos preestabelecidos. Considera que o aluno precisa estar disposto a aprender, pois não sendo assim, o professor não conseguirá realizar seu trabalho.

Acredita que o bom aluno precise estar disposto a se doar ao processo de aprendizagem; não acredita que o bom aluno seja, necessariamente, aquele inteligente, pois considera que o aluno não tem que ser inteligente, tem de saber se doar ao conteúdo; e considera que também precisa estar aberto para ter uma boa relação com o professor.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Considera que em linhas gerais sua relação com seus professores sempre foram muito boas, e que sempre teve chance de expor o que pensava. Considera que nunca foi

uma relação vertical. Relata que não tinha medo de falar, de sanar as suas dúvidas.

Considera que a relação entre professor e aluno precise ser uma relação de troca, pois, apesar de entender que o professor tem mais conhecimentos, acredita que ele sempre possa aprender com os alunos. Entende que, respeitado os devidos limites, deve haver uma relação de amizade.

Considera que o diálogo seja sempre muito importante, pois acredita que quando o processo se dá de forma repressiva desmotiva o aluno.

Considera que aulas mais dinâmicas fazem com que o aluno se interesse mais pelo conteúdo, pois acha maçante quando o professor apenas transcreve o conteúdo no quadro e o aluno apenas anota. Relata que gosta quando os alunos são incentivados a ter vontade de aprender o conteúdo.

Relata que gosta quando o professor fala com os alunos, ministrando aulas que sejam mais interativas, onde o aluno tem oportunidade de pensar, de fazer a síntese do conhecimento de forma autônoma e assim poder debater com o professor se está certo ou não; acredita que essa liberdade de perguntar para o professor seja importante. Entende que, em essência, essas ideias sintetizam o seu pensamento, pois não gosta de não ter o direito de falar, de ficar fechada, como se estivesse de castigo.

Considera que o grau de intervenção da turma no processo de aprendizagem é muito relativo, pois depende da personalidade de cada aluno. Mas acrescenta que considera que a turma influencia no processo ensino aprendizagem, e na própria formação de cada indivíduo que nela se encontra, pois entende que, querendo ou não, as pessoas que estão ao nosso redor influenciam na nossa personalidade.

Relata que quando entrou no IF se deparou com professores que acreditavam nos alunos, e que isso a motivou muito. Considera que a atitude, desses professores, mudou muito sua maneira de aprender, de estudar, fez com que ela se esforçasse mais para estudar, pois tinha pessoas que acreditavam nela, que acreditavam que ela poderia ter um bom futuro. Considera que os professores no IF sempre investem muito nos alunos, que acreditam neles, e fazem com que eles deem o seu máximo.

5.14. SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 14

Aluno do terceiro ano do curso técnico integrado em controle ambiental. Idade 18 anos. Renda familiar entre R\$1.874,01, e R\$ 3,748,00. Pai e mãe possuem ensino superior completo.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Considera que a educação seja um processo de construção. Entende que o aluno, dentro da educação, está ligado ao processo de assimilação de teorias que são mediadas pelos professores, mas entende que na escola também são desenvolvidas outras habilidades, e que, entre elas, uma das mais importantes é a capacidade de construir relações sociais. Considera que no IFG, dado aos objetivos da instituição, também se desenvolve habilidades

relacionadas ao trabalho. Considera então que a educação tem o objetivo de munir os sujeitos de instrumentos para que ele possa utilizar na sua vida.

Analisa que a educação no país tem sérios problemas;

Sucateada, principalmente as escolas públicas. Eu tive o privilégio de ter escolas públicas, eu sempre estudei em escola pública, desde o fundamental até aqui, e sempre tive o privilégio de ter boas escolas públicas, nas quais os professores, muitas vezes pelo engajamento deles conseguiam dar uma boa oportunidade para os alunos. Só que no último ano do ensino fundamental eu já pude experimentar outra realidade, porque nós mudamos do setor onde a gente estava, que era um setor nobre, e fomos para um mais periférico e a escola lá era completamente diferente. Os professores que davam a aula, não eram exatamente formados naquilo, a estrutura da escola era muito antiga também e não dava suporte nenhum para aulas eficientes. (Sujeito 14 - aluno)

Entende que a escola tem suas limitações, seus fatores de reprodução do sistema; entende que ainda é um espaço onde os alunos com maiores condições socioeconômicas continuam tendo maior facilidade de conseguir acesso às melhores universidades, e por consequência disso conseguem ocupar as melhores vagas de emprego. Entende que muitas vezes o aspecto tecnicista da educação forma trabalhadores que não têm a capacidade de pensar sobre suas realidades. Acredita que a educação traz essa ambiguidade de reproduzir o sistema e ao mesmo tempo poder ser emancipadora. Acredita que a escola tem que ser muito mais do que só livros e canetas, tem de ser pessoas agindo juntas para construir um bom processo de aprendizagem.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Considera que existem muitos professores que não explicam de forma clara, que humilham os alunos, pois se acham superiores a eles em função da sua formação, e entende que isso os desmotiva.

Relata que apresenta para sua família os resultados de sua aprendizagem apenas como parte de sua obrigação de filho, mas que com os professores, sente de fato vontade de mostrar os níveis de aprendizado que está atingindo. Relata que faz questão de mostrar aos professores o seu nível de desenvolvimento em respeito ao trabalho que eles realizam, principalmente quando são: boas pessoas, que têm uma boa relação com os alunos e que, além do ensino do conteúdo, se preocupam com o ser humano; faz questão de dar este retorno àqueles professores que não agem apenas como uma máquina que está ali executando um trabalho em troca de um salário.

Considera que os professores tiveram influência na sua maneira de pensar a educação. Relata sobre uma professora que teve em uma escola pública de uma região periférica onde estudou, a pior escola onde esteve, mas que por sua competência e esforço pessoal o motivou muito a querer aprender; inclusive o estimulou a estudar no IF. Considera que ela lhe serviu de exemplo e fez com que ele se empenhasse em aprender, e que isso se tornou um motivo para buscar bons desempenhos acadêmicos. Considera que esta professora o motivava justamente por ter criado com ele um laço forte, uma relação

mais estreita, e assim ela o instruí e dava conselhos até mesmo fora da sala de aula e que isso fez com que ele atingisse bons desempenhos. Atribui a esse apoio dado por essa professora o seu êxito no processo seletivo do IFG.

Considera que, juntamente com a família, os sujeitos que mais influenciam os alunos são os professores. Acredita que isso se dê, porque muitas vezes o aluno passa mais tempo na escola do que em casa. Considera que quando existem professores que conseguem uma boa conexão com os alunos, que se importam com eles, isso impacta as atitudes dos alunos em relação ao processo de ensino aprendizagem; entende que estes sujeitos contribuem para a construção das referências dos aprendizes, tanto no que tange a vida acadêmica quanto na formação de valores e atitudes.

Considera que para além da matéria o aluno aprende a construir um senso de relacionamento com um superior, e assim pode entender melhor como funciona a vida depois da escola, e que portanto a presença do professor é essencial na formação do aluno.

Considera que um bom professor precisa ter disposição para o atendimento as dúvidas dos alunos, e também para atender as questões deles para além do conteúdo. Considera que as dificuldades dos alunos não são sempre a absorção do conteúdo, podem ser: problemas anteriores de aprendizagem, problemas de convivência entre os alunos etc., entende que muitos professores não conseguem um nível de relação com os alunos que lhes permitam ver esses fatores, e portanto, acabam deixando passar despercebido. Acredita que quem pode resgatar esse aluno que de alguma maneira está prejudicado dentro do processo de aprendizagem é o professor, e que isso só é possível através de um bom nível de relação entre eles.

Considera que o professor precisa ter mais liberdade para realizar seu trabalho sem ser tão tutelado pelas coordenações de curso, pois muitas vezes elas impõe limites que atrapalham a qualidade do trabalho do professor.

Considera que essa relação, não é como se professor e aluno fossem os melhores amigos, mas que deva ser próxima o suficiente para que o professor possa perceber as particularidades de cada um deles, e assim poder ajudá-los a progredir.

Relata que o que mais lhe agrada na forma dos professores se relacionarem com os alunos é, exatamente, esse empenho e essa sensibilidade em ajudar o aluno a progredir, e que o que ele menos gosta é, justamente o contrário, o professor que é negligente com o seu trabalho, com a turma e que não é aberto ao diálogo. Relata também que lhe desagrade quando o professor dá mais atenção apenas para um determinado grupo de alunos.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Considera que o que mais o motiva é o desafio pessoal, pois como já tinha facilidade em estudar, tomou gosto pela aprendizagem. Relata que sempre quer obter o melhor de si, e que isso é algo pessoal, e que encarou a escola como um desafio, porque é algo que vai diferenciá-lo, e permitir que ele atinja altos padrões de conhecimento; considera que isso pode lhe possibilitar melhores condições de vida no futuro.

Considera que sua própria história como estudante e a vontade de aprender é um fator motivante; mas considera que tenha outros elementos que compõe sua relação com a educação, elenca o fato de sua mãe ser professora e das boas condições sociais que lhe permitiram acesso a uma boa cultura familiar.

Relata que as boas condições sociais de acesso à educação lhe fazem se sentir privilegiado, e que acredita que a falta destas condições pode tornar mais difícil essa relação do estudante com a educação.

Relata que quando não consegue estabelecer uma boa relação com o professor se sente desmotivado, e quando há essa boa relação se sente mais estimulado, mais motivado a aprender.

Considera que por estar acostumado com o universo da educação, pois sua mãe é professora, nunca criou muitas expectativas e nem passou por grandes frustrações em relação à educação, relata que o único revés que teve foi quando se transferiu de escola, em função de ter mudado de bairro, e que esta nova escola era mais periférica e era muito pior que todas as outras que havia estudado, e que isso para ele foi um choque de realidade.

Considera que a influência da sua família, na sua identidade como estudante, não foi assim tão relevante, entende que ela é subjetiva, individual. Entende que as condições objetivas que teve, em termos financeiros e culturais, foram muito importantes para o seu desenvolvimento e para sua visão sobre a educação, mas relata que sua irmã, que teve exatamente as mesmas condições, tem uma visão completamente diferente da sua, pois ele gosta de estudar e aprender e ela detesta, e apenas estuda por obrigação ou por resignação.

Considera que um bom aluno precise ser muito participativo e dedicado, focado em aprender; e que também precisa ser respeitoso com os professores.

Relata que se considera um aluno esforçado e que para ele é fácil: focar, dedicar e se concentrar nos estudos, pois é uma coisa da qual gosta e com a qual tem uma relação positiva. Considera que o mais difícil para ele na escola, foram as inter-relações com os colegas de turma, mas entende que foi melhorando ao longo do tempo.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Considera que o mais importante na relação entre professor e aluno seja o respeito entre as partes. Entende que o professor direcionar a sua atenção somente para uma pessoa, ou grupo de pessoas em particular, seja totalmente negativo para o processo ensino aprendizagem, pois cria nos demais um sentimento de exclusão.

Considera que o diálogo seja uma coisa muito boa entre aluno e professor; pois, entende que nestes diálogos o aluno pode informar a ele, “o quê” e “como” está aprendendo; mesmo que isso seja feito de maneira informal.

Considera que para uma melhor aprendizagem o professor precise ter um amplo arsenal didático; que possa usar: filmes, documentários, pesquisas etc. Considera incômodo e improdutivo quando, durante as aulas, só o professor fala. Entende que mesmo quando o

professor utiliza um estilo clássico de dar aulas, por exemplo, quadro e giz, possa conseguir bons resultados, como em qualquer outro método, se isso for feito com qualidade.

Entende que a influência dos colegas no processo de aprendizagem, quando bem trabalhada, pode ser positiva. Considera normal ter mais afinidade, com umas pessoas do que com outras, mas entende que seja necessário conviver respeitosamente. Considera muito bom quando os alunos começam a se ajudar mutuamente, e assim podem ir superando coletivamente suas dificuldades acadêmicas. Acredita que na sala de aula, dentro do grupo como um todo, os amigos mais próximos exercem maior influência sobre as motivações para aprendizagem, pois entende que muitas vezes queremos aprender para não ficar para trás daquele amigo, ou para ajudá-lo, ou para trocar ideias com ele sobre determinado assunto etc.

Acredita que todas as relações nos espaços de aprendizagem precisam ser respeitadas, pois convivemos por muito tempo com essas pessoas, e não é adequado fazer delas inimigas; considera que estas relações, sejam elas positivas ou negativas, podem acontecer tanto entre os alunos quanto entre alunos e professores.

Considera que o papel dos alunos que têm maior facilidade de aprendizagem seja o de ajudar os demais e assim contribuir para o progresso coletivo da turma.

Considera que sem o trabalho do professor para ajudá-lo a seguir no rumo certo o aluno ficaria muito perdido, portanto entende que o papel do professor como um orientador é muito importante.

5.15. SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 15

Aluna do terceiro ano do curso técnico integrado em eletrotécnica. Idade 19 anos. Renda familiar menos de R\$ 1.874,00. Pai possui o ensino superior incompleto e a mãe o ensino superior incompleto.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Considera que a educação seja, além de um conjunto de vários conceitos, uma forma histórica de socializar o conhecimento e repassá-lo para as próximas gerações. Considera que a educação proporciona ao estudante muitas oportunidades.

Entende que, apesar de ser lícito que todo mundo queira conseguir melhores condições de vida, atrelar a educação a tal objetivo, como o que é dito na frase: “estude para você ter um futuro”, seja uma abordagem cruel. Considera inadequado afirmar para uma criança que futuramente ela irá precisar de emprego e sem um diploma ninguém vai contratá-la.

Considera que a ideia de estudar para conseguir um diploma, para assim se encaixar neste modelo de empregabilidade que está posto, lhe desmotiva enormemente; considera que, por não ver sentido neste processo educativo, se sente desmotivada em empenhar-se no aprendizado.

Acredita que as tecnologias podem influenciar no processo de aprendizagem, a depender do poder que você dá a elas. Entende que o aprendiz precisa ser capaz de

controlar sua própria vida e seus hábitos. Afirmar ter consciência de que muitas pessoas não conseguem se controlar e ficam dependentes do uso, especialmente do celular, mas que ela consegue administrar bem o seu tempo para saber a hora de usar. Considera que as informações que se pode obter através da internet podem ser úteis para o aprendizado do aluno ou podem atrapalhá-lo, e que depende exatamente do autocontrole.

Considera que o acesso que teve à educação agregou muito à sua capacidade de perceber o mundo e ao seu senso crítico, mas observa que a criticidade já era uma característica sua. Considera também que a educação ajudou a desenvolver sua capacidade de conviver com outras pessoas e a reduzir preconceitos, pois permitiu que pudesse conhecer outros pontos de vista. Entende que esse convívio entre pessoas diferentes permite que haja trocas, onde você pode aprender e também ensinar.

Entende que a educação, juntamente com esse senso crítico, pode fazer com que você busque o conhecimento de forma que ele faça sentido para você, e não simplesmente aceitar qualquer informação.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Relata que teve professores que influenciaram de forma positiva a sua relação com o processo educativo, mas que também teve muitos que a influenciaram de forma muito negativa. Relata que mesmo com as influências negativas sempre buscou tirar lições positivas da situação.

Considera que o professor tenha grande influência na forma como o aluno assimila o conteúdo, na forma como ele aprende; pondera que, às vezes, a forma de exposição dele não é bem assimilada pelo aluno, mas que gradualmente vão se adaptando um ao outro.

Acredita que as características particulares dos conteúdos de cada disciplina sejam fatores limitantes para a forma pela qual o professor pode desenvolver o processo de ensino.

Acredita que seja positivo em um professor ter a clara noção de que está trabalhando com outros seres humanos, e que estes são seres em fase de desenvolvimento, que estão se descobrindo e descobrindo o mundo. Entende que também seja positivo em um professor a capacidade de entender que pessoas são diferentes, têm gostos diferentes e que têm ritmos diferentes de aprendizado.

Considera que também seja importante o professor entender que a disciplina que ele ensina não é mais importante do que as outras, que não existe matéria mais importante, pois todas contribuem para a formação acadêmica e também pessoal dos alunos.

Acredita que mesmo tendo de seguir os moldes que são postos pelo processo de ensino aprendizagem, o professor precisa, não só respeitar o pensamento de cada aluno, mas incentivá-los a conseguirem se desenvolver cada um à sua maneira. Entende que um bom professor precisa ter capacidade suficiente para separar os conhecimentos que são meramente reprodução mecânica de informações, daqueles que devem ser realmente ensinados aos alunos. Considera que o professor que tem todas essas características,

automaticamente terá a percepção de que precisa ter uma boa relação pessoal com os alunos.

Observa que o professor precisa ter noção de sua importância, mas sem deixar que isso suba à cabeça. Entende que deve ter consciência de que tudo o que ele fala é muito relevante para o aluno e que pode fazer a diferença. Acredita que para ser um bom professor, o sujeito precisa ter noção dessa responsabilidade, acredita que agindo assim ele se tornará não só um professor melhor, mas uma pessoa melhor. Considera que um professor melhor pode ajudar a formar pessoas melhores também, pois os alunos absorverão os bons exemplos e, assim, o mundo vai se tornar melhor.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Acredita que mesmo as experiências ruins que teve, dentro do possível, acabaram lhe influenciando de uma forma positiva, pois sempre buscou perceber o que podia tirar de melhor da situação.

Relata que quando passou a ter mais consciência sobre a educação, de certa forma se frustrou, pois sentia que não se encaixava no sistema, que não era boa o suficiente. Não considera que a educação seja algo ruim, mas que essa forma tradicional pela qual ela vem sendo desenvolvida no decorrer dos anos está ficando obsoleta.

Não se sente motivada em estudar no IFG, exatamente em função dos vários moldes de ensino, com os quais ela não concorda e nem consegue se adaptar. Acredita que por não se encaixar nos moldes o ensino que é ministrado não a ajuda a desenvolver-se. Considera que sua motivação está nela mesma, e reside no fato de se conhecer o suficiente para saber do que gosta ou não; e também está no fato de ter consciência que o mundo é bem maior do que a escola.

Relata que não tinha muitas expectativas com a educação quando entrou na escola, e que na cabeça dela, estava indo porque seus pais precisavam de tempo para trabalhar, e que portanto era necessário que ela estivesse ali.

Relata que quando entrou no IFG tinha muitas expectativas sobre a importância e o destaque que poderia trazer um diploma obtido nesta rede, mas que depois, com o correr do tempo, entendeu que isso era uma expectativa exagerada.

Considera que sua trajetória no ensino foi um processo de quebras de expectativas que a fizeram se deparar com a realidade.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Considera que os conhecimentos apresentados na escola são divididos em áreas disciplinares muito específicas e que isso seleciona e classifica os alunos de forma excessiva.

Apresenta uma análise crítica de sua relação com o processo ensino aprendizagem;

Eu acho que não me motiva justamente por essa questão dos moldes. Eu não me encaixo nesses moldes. Mas pelo fato de eu não me encaixar nesse molde eu sinto

que o Instituto não me joga para frente: - Já que você não se encaixa ... então procura algo que você se encaixa, sabe? - Um professor de uma matéria técnica uma vez me disse assim, chegou para mim e falou assim: - O que que você ainda está fazendo aqui? Você não vai formar! - E eu fiquei completamente abalada. Parece que tinha puxado o meu tapete mesmo. Graças a Deus eu sou bem próxima dos meus pais, eu conversei com eles. E depois desse tempo continuando tendo aulas com esse professor o restante do ano eu percebi que é muito o jeito dele falar, que ele queria me dar um sacode. Assim: - Olha, ou você pega para se dedicar.. a esse curso que você tem, ou você sai! Porque você não quer fazer isso. - Então eu acho que o que me desmotiva é isso, toda essa tradição envolvida com o ensino, e o que me motiva... sou eu mesma, o fato de eu me conhecer o suficiente saber do que eu gosto, a minha família. E ter essa noção de que o mundo é bem maior do que só o Instituto. (Sujeito 15 - aluna)

Considera que aprendeu muito com várias pessoas dentro do ambiente escolar, tanto professores quanto alunos, e entende que esses aprendizados também influenciaram na sua formação.

Acredita que seja importante o aluno ter um bom autoconhecimento, pois assim saberá a maneira pela qual consegue aprender melhor. Entende que para alguns seja melhor estudar sozinho do que ficar em sala de aula apenas ouvindo o professor falar.

Acredita que existem professores que já perceberam que não cabe mais, nem a eles nem aos alunos, manter essa relação hierárquica dentro de sala de aula. Acredita que não precisa ser mais o professor falando e o aluno apenas escutando. Observa que ainda tem professores que agem assim, mas que também têm professores que perceberam que isso não funciona nos tempos de hoje.

Acredita que quando o professor é mais aberto, que tem uma boa relação com os alunos, também acaba aprendendo durante o processo.

Relata que em função da grande quantidade de avaliações, quando acontece de mais de uma delas ser em um mesmo dia, prioriza as disciplinas com as quais tem mais afinidade.

Relata que sempre levou em consideração os conselhos dos professores, e que apesar de todos os conflitos e divergências que possam acontecer, quando se tem uma relação mais humanizada e respeitosa a aprendizagem se desenvolve bem. Acha muito negativo quando o aluno não sabe tratar o professor com a educação e o respeito necessários.

Acredita que tanto o professor quanto o aluno precisam desenvolver um comportamento mais empático, e assim conseguir perceber e respeitar a realidade um do outro. Acredita que é preciso levar em consideração, ambos os lados, que o professor e o aluno são seres humanos, pois entende que esta percepção contribuiria de forma positiva para o processo ensino aprendizagem; observa que quase não vê isso acontecer nas áreas das ciências exatas.

Considera que seja um fator complicador aqueles professores que dão aulas, a décadas, da mesma forma e que não estão predispostos a se atualizar. Considera que assim, esses professores acabam batendo de frente com uma geração muito diferente da dele, e que por falta de flexibilidade, se instala um conflito.

Considera que o aluno deve ter a consciência que está diante de uma figura de autoridade, uma figura importante e que merece respeito; considera que esse respeito

precisa ser mútuo, mas que, às vezes, precisa ser conquistado.

Relata que, de forma geral, tem preferência pelas metodologias usadas nas ciências humanas, mas que entende que determinadas disciplinas são metodologicamente limitadas pelo seu próprio tipo de conteúdo, e que o professor acaba ficando limitado também.

Relata que sua preferência pela área de humanas é porque elas permitem abordar os conhecimentos por vários ângulos diferentes. Considera que as diferentes perspectivas que podem ser apresentadas sobre determinado assunto atizam a curiosidade do aluno, provocam sua sede por conhecimento. Entende que quando uma proposta metodológica é bem desenvolvida ela apresenta ao aluno um mundo muito mais amplo e isso acaba por desenvolver a admiração do aluno pelo professor.

Acredita que a influência que os alunos podem exercer um sobre o outro seja algo relativo, pois entende que todo mundo é capaz de pensar por si só. Mas considera que o fato de convivemos, dentro de uma sala de aula, com outras pessoas que não sabemos quem são, nem de onde vieram, e que têm histórias diferentes da sua, tem muito a agregar à vida de cada indivíduo em vários sentidos: conhecer pessoas de religiões diferentes, conhecer pessoas que nasceram em locais diferentes etc. Acredita que estas relações também podem trazer aprendizagens negativas.

Entende que a convivência em sala de aula às vezes pode ser complexa, especialmente quando não há uma boa relação, seja entre os alunos ou entre os alunos e o professor, e que isso pode deixar as partes insatisfeitas e criar um ambiente desagradável e improdutivo.

5.16. SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 16

Aluna do terceiro ano do curso técnico integrado em música. Idade 17 anos. Renda familiar entre R\$3.748,01 e R\$ 9.370,00. Pai e mãe possuem o ensino médio completo.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Relata que a educação para ela é uma coisa positiva, e que sempre admirou esse processo de se educar, apesar de não se sentir uma aluna exemplar. Entende que a educação é um divisor de águas que muda a vida das pessoas. Considera que a educação possibilita ao aprendiz novas vivências e que isso amplia sua visão de mundo. Acredita que a educação está em todos os lugares no dia a dia das pessoas: nas vivências, nas conversas, nas imagens etc.

Entende que a educação traz esses resultados maravilhosos, mas que também é um espaço que acaba categorizando os alunos, por exemplo em: “burros” e “espertos”.

Acredita que seja um sistema muito fechado, muito restrito a moldes, que não abrange todo tipo de conhecimentos e nem consegue lidar com as diferentes formas do aluno aprender.

Considera que a sociedade coloca como principal objetivo da educação a necessidade de termos um diploma para podermos conseguir um melhor emprego futuramente; acredita que essas concepções são objetivadas através de modelos formativos

e estruturas predeterminadas; e que o prêmio para quem conseguir passar por esse sistema com êxito é a possibilidade de um emprego. Considera que o futuro que, verdadeiramente, se oferece nesta lógica é um trabalho cansativo e desgastante dia após dia.

Considera que, às vezes, as pessoas são constrangidas, se sentem mal, por não trabalharem ou estudarem, pois lhes é dito que assim não serão ninguém na vida, que estão fugindo do sistema, e isso é errado.

Entende que a relação com as tecnologias da informação é um fator que lhe coloca em conflito, pois admite que é, de certa forma, dependente das tecnologias. Relata que sempre se cobra de não perder tempo desnecessário com elas e manter o foco nos seus objetivos.

Considera que essa dependência da internet atrapalha o foco nos estudos, e que, portanto o aluno precisa saber organizar o seu tempo. Considera que é necessário ter foco, pois seus amigos virtuais não irão ser aprovados na faculdade por você.

Observa que a importância, ou a motivação que muitos alunos de condições financeiras ruins, trazem para a educação está ligada ao fato de *“não terem nem onde caírem mortos”*, se não fossem por seus pais, e que assim precisam focar em se educar para fugirem dessa realidade.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Considera que muitas vezes o professor é responsabilizado pelo desenvolvimento da turma, pois se ele não faz o seu papel bem, a turma não vai bem, e entende que essa responsabilidade não é só do professor.

Relata que desde muito cedo a profissão de professor lhe chamou atenção, isso em função do exemplo de bons profissionais que passaram pela sua vida. Relata que desenvolveu um gosto significativo pela disciplina de história, pois teve um professor que a ensinava de maneira muito cativante e envolvente. Relata que essa relação de afeto pelo trabalho do profissional da educação lhe fez querer ser professora.

Acredita que o conhecimento está disponível para o aluno de várias formas e em vários lugares, mas que determinado conhecimento, ou conteúdo de uma disciplina, quando é ministrado por um professor que o faz com qualidade e com motivação, o aluno também se sente mais motivado a aprender; entende que isso faça toda a diferença no aprendizado dele.

Acredita que essa atitude, e esse exemplo do professor, como um profissional dedicado, também seja uma aprendizagem que o aluno leva para sua vida, pois pode tomá-lo como referência do tipo de profissional que gostaria de ser no futuro.

Observa que em períodos avaliativos, onde haja muitas disciplinas a serem estudadas, que um fator de escolha das prioridades seja a relação afetiva que os alunos têm com o professor, ou seja, eles estudam mais para a disciplina dos professores dos quais mais gostam.

Entende que a relação entre os professores e os alunos dentro da sala de aula

precisa ser respeitosa, e que seja necessário aprenderem a trabalhar em harmonia. Acredita que para ter essa harmonia o professor precisa entender que o aluno está ali fazendo o seu melhor para aprender, e que os alunos precisam entender que o professor está ali realizando o trabalho dele, também buscando fazer o melhor para que os alunos possam aprender.

Apesar de todas as críticas, entende que a educação mudou a sua vida, e que ela tem suas origens nas vivências que teve; considera que muitos dos ensinamentos que assimilou vêm dos seus pais. Considera que após ir para escola, passou a considerar os professores como seus segundos pais, pois sempre a ajudaram, seja dando puxes de orelhas ou dando conselhos, e que isso lhe mostrou um caminho a seguir.

Entende que, às vezes, os alunos precisam de amparo, de um pouco mais de compreensão, pois as pessoas envolvidas no processo educativo, na maioria das vezes, não sabem o que acontece na vida do aluno, não sabem o que aconteceu até ele chegar ali dentro da sala de aula. Entende que esse processo humano de perceber o aluno, e a maneira com que o professor o trata e fala com ele, deixa marcas no aluno que perdurarão por toda sua vida.

Considera que esse papel do professor de dar conselhos, dar apoio e também de dar puxes de orelha seja importante para a formação do aluno.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Relata que desde pequena a educação chegou para ela de forma positiva, que lhe ampliou horizontes.

Considera que, dentro do IFG, nunca se sentiu motivada a estudar; considera que o fato de não se identificar com seu curso seja um fator interveniente, e também o fato de acreditar que não se encaixa neste “molde” de educação que é oferecido.

Considera que ao iniciar o ensino médio no IFG, se sentiu frustrada, pois logo no primeiro ano se deparou com disciplinas que nunca tinha visto, e que não sentiu um acolhimento necessário para ajudá-la a superar suas dificuldades, muito pelo contrário, tinha professores que a colocavam ainda mais para baixo. Relata que estas situações a fizeram desenvolver o pensamento de que não conseguiria se sair bem em nada.

Relata que desde o início da sua adolescência pôde conhecer movimentos sociais, e os trabalhos de base que ali eram feitos, e que viu ali a importância de se levar o conhecimento a essas comunidades que precisam dele. Relata que assim percebeu que queria fazer alguma coisa pelas pessoas da sua região, pelas pessoas das quais gosta.

Considera que pela sua história como estudante, viu na educação um caminho a seguir, entendeu que poderia ser professora; acrescenta que o gosto pela área que irá escolher será um bônus, pois o amor de fato é pela educação.

Considera que a oportunidade de fazer o ensino médio lhe tornou uma pessoa mais responsável e mais madura.

Observa que a sociedade sempre diz que as pessoas precisam da educação, mas entende que jogar, tudo de uma vez, tantas cobranças e responsabilidades sobre o aluno, seja desumano.

Considera que o esforço dos seus pais para garantirem que tivesse uma boa educação, faz com que queira retribuir essa dedicação, pois percebeu o quanto eles trabalharam e se esforçaram para isso, para realizar o sonho de ter uma filha “formada”. Relata que se sente na necessidade de retribuir todo esse esforço e dedicação que tiveram para que ela pudesse estudar.

Relata que veio para o IFG com muitas expectativas, mas que no decorrer do processo acumulou muitas frustrações. Relata que quando optou por estudar no IFG acreditava que a qualidade de ensino que teria ali, e o possível diploma que receberia, poderiam lhe garantir boas possibilidades de emprego. Relata que depois de conseguir ser aprovada no processo seletivo para ingresso ao IFG, que para ela foi uma realização de um sonho, pois era grande a concorrência, viu que o mais difícil na verdade seria sair, conseguir terminar o curso.

Relata que muitas vezes precisa de resignação para estudar determinado conteúdo, pois acredita estar perdendo tempo, pois entende que está aprendendo coisas que não lhe interessam; mas, relata também, que depois que inicia estes estudos vai pegando ritmo, e ao conseguir terminar sente uma sensação de missão cumprida.

Acredita que o aluno precisa entender que está dentro de uma sala de aula e que deve ter respeito pela figura do professor, como uma autoridade que está ali lhe ensinando, mas que também deve ter respeito pelos colegas. Considera que o aluno exemplar é aquele que cultiva o respeito e o bom senso.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Acredita que seja negativo o fato de os professores quererem avaliar os alunos sobre conhecimentos que nunca viram. Considera negativo o fato deles observarem só as questões técnicas do aprendizado e não os aspectos do ser humano que é o aluno. Entende que só querem saber se os alunos serão bons profissionais e se darão “lucro” futuramente para a sociedade. Considera que essa lógica é induzida pela estrutura organizacional da educação, pois as escolas também precisam apresentar os “resultados” do seu trabalho para os órgãos de controle que estão acima delas.

Nos apresenta uma reflexão de como a educação chega para ela e da relação que ela tem com o processo educativo;

A educação ela chega para mim de uma forma positiva, eu sempre, desde menor admirei muito essa coisa da educação, apesar de não me sentir uma aluna exemplar, mas ela chega para mim como divisor de águas, ela muda a sua vida, de várias formas ela te dá uma vivência maior. . . . mas a educação ela chega como uma coisa que transforma de verdade a sua vida e te apresenta um mundo maior. . . . A educação ela abre seus olhos de maneiras maravilhosas, mas ela também divide, seleciona, faz você pensar que é apto e que não é, quem entre aspas é o burro e quem é o esperto. Ela vem em moldes muito fechados, um sistema muito fechado que não abrange todo o tipo de conhecimento, nem todo mundo aprende da mesma forma. (Sujeito 16 - aluna)

Entende que nesta relação que se dá em sala de aula, muitas vezes o aluno não leva em consideração que o professor também tem seus problemas e limites, que pode: estar

recebendo cobranças das chefias, ou pode estar com problemas em casa etc.; entende então que essa relação de respeito e empatia entre as duas partes seja muito importante.

Considera que precisa ser revisto esse modelo do aluno ter que ficar em sala, sentado e calado só ouvindo o professor falar. Acredita que é necessário flexibilidade para que os canais de relação se estabeleçam e para que essa relação possa chegar a ser harmônica.

Considera que as metodologias usadas nas ciências humanas são as que mais a atraem.

Considera que o professor precise explicar para o aluno os motivos pelos quais escolheu determinado método de ensino, pois acredita que assim, conhecedores dos motivos daquela abordagem, os alunos se engajarão mais no aprendizado. Acredita que seja muito positivo, quando os professores das áreas de exatas, fazem exercícios em sala de aula junto com os alunos.

Considera que na relação entre os alunos, essa questão da interinfluência não seja significativa, pois acredita que cada aluno é capaz de caminhar com suas próprias pernas. Considera que um ponto negativo desta questão coletiva na sala de aula, seja quando algum aluno está insatisfeito com determinado professor, e pela atitude de confrontá-lo acaba atrapalhando o trabalho dele e por consequência de toda a turma.

5.17. SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 17

Aluno do terceiro ano do curso técnico integrado em eletrônica. Idade 17 anos. Renda familiar entre R\$3.748,01 e R\$ 9.370,00. Pai possui o ensino superior completo e a mãe o ensino médio completo.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Entende que a educação sejam conhecimentos que são repassados por pessoas que já têm mais experiência, para aquelas que ainda não têm.

Considera que teve acesso à boa educação, pois sempre teve condições de estudar em colégios privados. Relata que através de depoimento de amigos, teve a noção de que a educação pública no país é totalmente diferente da privada; acredita que nas escolas públicas falte infraestrutura, e que muitas vezes os professores têm medo de dar aulas em determinados colégios. Acredita, então, que a qualidade da educação no Brasil é baixa e que os alunos, em geral, não são muito bons.

Acredita que a preparação que a escola oferece para o mercado de trabalho é relativa, pois entende que o trabalhador nunca poderá se limitar a usar só o que aprendeu na escola. Considera, portanto, que os aprendizados técnicos oferecidos são uma base formativa, e que o restante o trabalhador precisa aprender com as próprias experiências do campo de trabalho.

Acredita que o uso das tecnologias da informação pode ser vista por duas perspectivas: aqueles que acham que ela pode atrapalhar o aprendizado do aluno, e aqueles que acreditam que ela pode trazer inúmeras facilidades para o aprendizado, e relata que

acredita na segunda hipótese. Entende que pode ser negativo para o aluno quando ele não sabe controlar esse uso e deixa que isso atrapalhe seu processo de aprendizagem, mas entende que seja fácil controlar.

Acredita que a educação possibilita ao aluno conhecer uma grande variedade de pessoas, com características diferentes, e isso, lhe dá uma dimensão mais ampla da realidade e lhe permite não ficar preso a só um tipo de ideia.

Acredita que de certa forma a escola tenta moldar o aluno para ser um exemplo de estudante e um exemplo de cidadão, certinho e comportado. Considera que o sujeito também precisa desenvolver um equilíbrio para poder passar pelo processo educativo sem deixar de ter uma vida pessoal.

Acredita que a escola consegue dar uma noção para o aluno do que é certo e do que é errado. Entende que pode dar a percepção de com quais disciplinas você se identifica e com quais não se identifica, e isso mostra para o aluno quais as áreas para as quais ele leva mais jeito.

Considera que a aprendizagem que levará como principal legado do processo educativo é a capacidade de saber lidar com pessoas de características diferentes, acredita que isso seja o fator mais benéfico para ele; tem clareza que os aprendizados dos conteúdos foram importantes, mas que para ele o principal foi aprender a respeitar as diferenças.

Acredita que as atividades culturais que a escola oferece, como por exemplo os jogos internos, trazem momentos de diversão, e permitem que os alunos tenham momentos diferentes dos tradicionais em sala de aula, e de alguma forma fazem com que fiquem mais unidos; considera que depois dos jogos, quando os alunos voltam para o ritmo normal de aulas, eles estarão mais descansados e terão melhor rendimento.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Relata que as matérias que mais gosta são em função de professores que teve durante sua formação.

Considera que no IFG, têm professores de nível intelectual muito alto, mas acredita que muitos já cansaram de dar aulas; e considera que mesmo sendo inteligentes quando se cansam não são mais efetivos.

Acredita que os professores precisam, além de ensinar o conteúdo, tentar se aproximar dos alunos para perceber quais são as suas dificuldades.

Relata que o que mais gosta em um professor é o senso de humor, aqueles que conseguem dar suas aulas sem deixar com que elas se tornem chatas, e que assim o aluno fique o tempo todo olhando para o relógio na expectativa de quando a aula irá terminar. Acredita que o professor precisa usar outros elementos que façam com que o aluno queira ficar dentro da sala de aula.

Relata que, muitas vezes, têm professores que fazem as explicações sobre determinados assuntos, como se os alunos já dominassem aquela informação; ou dão a impressão de que por ele achar aquele conteúdo fácil, necessariamente será fácil para os

alunos também; entende que isso certamente não é verdade.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Considera que teve acesso à boa educação, pois sempre teve condições de estudar em colégios privados.

Relata que não se sente um aluno motivado, pois não gosta da grade de disciplinas oferecidas no ensino médio, entende que elas não atendem os alunos de forma geral, pois cada sujeito tem uma preferência diferente. Relata que sentiu muito a diferença das formas de conduzir a educação, quando mudou do colégio privado onde estudava, para o IFG; pois nos colégios privados era tudo muito sistematizado e controlado, e no IF o aluno precisa aprender a se organizar sozinho e saber lidar com a liberdade que lhe é oferecida. Considera que por não ter conseguido lidar bem com essa mudança e com essa liberdade acabou sendo reprovado por duas vezes.

Relata que fez a escolha pelo curso, no qual está hoje, por influência, quase imposição, dos seus pais, pois ambos são profissionais dessa área, mas que não era sua opção pessoal.

Considera que o que faz ser motivado em algumas disciplinas específicas é a possibilidade de estar com seus amigos, e também a característica da instituição que é um lugar que oferece mais liberdade ao aluno. Cita como exemplo, o fato de poder, além de estudar, ter acesso à treinamentos de voleibol. Considera, portanto, que o que o motiva sejam algumas matérias bem específicas e o ambiente que a escola oferece.

Relata que quando entrou no IF tinha uma baixa expectativa sobre a instituição, pois já tinha ouvido histórias de colegas que estavam em outras faculdades e que diziam que era muito bagunçado; mas relata que se surpreendeu positivamente ao se deparar com: o tamanho da instituição, com a estrutura e com o alto nível de conhecimento dos professores.

Relata que por sua mãe ser professora, e além disso uma mulher muito inteligente, teve um desenvolvimento tranquilo no seu ensino fundamental; considera que por orientação dela sabia o que deveria fazer e como se comportar, e que assim, sempre tirava boas notas. Relata que, por parte do seu pai, a influência já se dava pelo fato dele lhe dar liberdade sem cobranças excessivas e sempre lhe mostrar o quanto a educação poderia ser importante para o seu futuro, para lhe possibilitar um bom emprego.

Nos apresenta uma reflexão sobre os estereótipos do que é ser um bom aluno;

Se analisarmos o estereótipo do bom aluno, seria aquele que não conversa muito com os outros, quando está na aula fica sentado olhando e prestando atenção no professor. É aquele aluno que não sai, é aquele aluno que não namora; mas eu acho que não tem nada a ver! A nota não pode definir ninguém. Uma pessoa pode ser muito boa para fazer uma coisa e outra pessoa pode ser muito boa para fazer outra coisa. Então o bom aluno vai seguir o estereótipo aquele que só está focado em estudar e passa o dia inteiro estudando. Mas a meu ver o bom aluno é aquele que sabe o momento certo de fazer as coisas, sabe o momento que tem de estudar, sabe o que quer. Se você sabe o que você quer já facilita muito a questão de você conseguir estudar. Então o bom aluno vai ser aquele que sabe o que quer, consegue conciliar as duas coisas, tanto vida social quanto estudos. Consegue balancear as

duas coisas, porque você não pode passar o tempo só pensando na vida social, mas não pode passar o tempo só estudando. (Sujeito 17 - aluno)

Considera que saber o que quer já facilita muito o envolvimento no processo educativo. Reforça então que o bom aluno é aquele que sabe contrabalancear sua vida pessoal com sua vida acadêmica.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Relata que não se sente confortável dentro do ensino médio em função do modelo de organização das disciplinas, pois se vê obrigado a estudar uma grande quantidade de conteúdos que não lhe interessam.

Relata que suas maiores influências como estudante vieram da sua mãe e de alguns professores com os quais se identificava, pois estes o fizeram acreditar que estudar era importante e que ele precisava aprender a estudar do jeito certo, acredita que não se dá bem no ensino médio, pois não acredita que esse seja o jeito certo.

Considera que a maioria dos alunos do IF têm preferência por aulas práticas, e que não gostam de ficar apenas sentados em uma cadeira, que gostam de: aplicarem o que aprenderam, de utilizar equipamentos em laboratórios; acredita que gostem dessa interação entre teoria e prática.

Acredita que o professor precisa entender que a época que ele estudou é diferente da atual, em vários aspectos: sociais, políticos, tecnológicos etc., e que ele precisa se adaptar mais à realidade desses novos alunos, para assim ser capaz de dar aulas melhores que possam ser melhor assimiladas por eles.

Acredita que a turma pode ser um fator de influência nos processos de ensino aprendizagem, pois quando o aluno está em uma turma onde todos se empenham e têm bom desenvolvimento, acredita que ele não vai querer ficar para trás. Mas entende que isso é relativo, tanto para o lado positivo, quanto para o negativo, pois têm pessoas que são mais influenciáveis do que outras.

5.18. SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 18

Aluna do terceiro ano do curso técnico integrado em instrumento musical. Idade 17 anos. Renda familiar entre R\$3.748,01 e R\$ 9.370,00. Pai possui o ensino superior completo com especialização e a mãe o ensino superior completo.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Considera que a educação seja realizada em instituições. Acredita que a educação sejam os aprendizados que cada pessoa desenvolve ao longo da vida.

Considera que tudo o que aprendeu na escola foi “enrolar” e fazer provas, pois entende que sabe fazer provas e tirar boas notas, mas nunca aprendeu a aprender. Considera que esse modelo de educação, onde o mais importante é a nota e onde não se aprende de

verdade, seja um problema que se repete no Brasil todo.

Acredita que a educação ajuda a preparar para o mercado de trabalho, não nos aspectos técnicos, mas sim na capacidade de convivência social.

Considera que a educação faz com que as pessoas evoluam muito, principalmente por terem que conviver com pessoas de vários tipos e de diferentes lugares; observa também, que é onde o aluno começa adquirir um pouco mais de liberdade, e passa a ter um pouco mais de autonomia em relação à sua família.

Apesar do desagrado com o modelo educativo que vivenciou, ainda nutre a expectativa de que a educação poderá lhe ajudar a alcançar um bom emprego e a ter segurança financeira no futuro.

Acredita que a educação a fez evoluir muito como pessoa, pois lhe trouxe muitos conhecimentos e entende que estes conhecimentos a fazem se sentir mais segura; e considera também que, de alguma forma, estes conhecimentos lhe instigam a querer aprender mais.

Acredita que o uso das tecnologias e das mídias sociais intervém de forma positiva no aprendizado. Observa que hoje você pode: utilizar um filme para estudar outro idioma, usar o computador para fazer pesquisas, ter a sua disposição uma grande quantidade de informações etc.

Acredita que a educação seja extremamente importante para que ela consiga arrumar emprego; espera que essa educação possa contribuir na sua formação política e na sua formação cidadã. Considera que precisa obstinar-se a passar por todo esse sistema educativo, pois dizem que é assim que se pode ter um bom emprego, ganhar dinheiro e ser reconhecida profissionalmente. Espera que a educação lhe permita entender esses “jogos de poder” para que ela possa crescer no mundo do trabalho.

Considera que falta muito a formação artística e esportiva dentro do currículo do IFG. Considera que o esporte seja importante para a educação de uma pessoa, pois desenvolve a capacidade de trabalhar em grupo. Relata que se sente mais disposta a estudar depois de praticar esportes.

Acredita que depois de começar a fazer dança e música, passou a ter uma visão diferente do mundo; entende que isso se deu pelo fato de ter ampliado a sua consciência corporal.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Relata que no seu ensino fundamental tinha uma relação mais próxima com os professores do que com os colegas de turma; mas entendia que isso de certa forma era um problema, pois os professores têm que cuidar das suas atribuições.

Considera que existem professores que apoiam a ideia de o aluno ter liberdade, mas têm outros que não respeitam.

Considera que os professores são a esperança de que o processo de ensino aprendizagem dê certo, pois os alunos vêm para as aulas porque são obrigados, pois muitas

vezes n'yo querem vir, e entende que a depender do trabalho do professor o aluno pode se interessar mais ou menos por determinados conteúdos.

Considera que no IFG os professores têm um nível de formação e conhecimento muito altos, mas acredita que alguns talvez n'yo tenham licenciatura, pois parece que n'yo sabem ensinar, têm muito conhecimento mas n'yo sabem transmiti-los aos alunos.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Relata que, às vezes, percebe a escola como um desperdício de tempo, e que essa sensação a deixa triste. Considera que quando olha para o tempo que já passou na escola (treze anos) lhe dá a sensação de que até hoje n'yo aprendeu a estudar de verdade.

N'yo se considera uma aluna motivada, pois n'yo sente vontade de aprender através deste modelo de ensino que é usado na escola. Relata que tenta otimizar o seu aprendizado, pois acredita que está desperdiçando tempo; e relata, que já que é obrigada a ficar na escola, tenta aproveitar o melhor possível os conhecimentos que os professores trazem, apesar de muitas vezes n'yo ter o menor interesse por eles. Mas relata que n'yo se sente motivada a fazer isso, mas considera que se n'yo fizer será ainda pior para ela; relata que sente mal por ela mesma e por estar deixando de cumprir uma obrigação que a sociedade lhe exige.

Relata que muitas de suas expectativas quando entrou no IFG foram quebradas, pois achava que a escola seria um lugar muito livre e muito libertador, com pessoas diferentes e com ideias diferentes, mas que na verdade isso n'yo aconteceu. Relata que se frustrou pois percebeu que era uma instituição normal, como qualquer outra. Considera que a liberdade que é permitida é básica e que n'yo era grandiosa como esperava; considera que seja básica, mas fundamental, e que deveria ser assim em qualquer outra instituição.

Considera que sua maior influência nas suas concepções sobre educação vêm dos seus pais, pois seu pai é uma pessoa muito estudiosa; relata que ele se importa muito com a formação escolar dos filhos e faz questão de que eles terminem os estudos. Relata que ainda n'yo desistiu da escola em consideração aos seus pais, pois se n'yo fosse por eles já teria desistido.

Relata que quando lhe perguntavam o que ela queria ser no futuro, n'yo sabia responder, mas sabia que n'yo queria ser professora; porém observa que esta afirmação, na atualidade, tem um sentido diferente, que essa afirmação na verdade refletia a imensa admiração que tinha pelos professores.

Acredita que um bom aluno deva escutar o que o professor tem a dizer, que deva seguir a proposta do professor, pois ele estudou para desenvolver aquela tarefa e deve saber o que está fazendo.

Considera que o aluno está em um espaço público, onde o objetivo é estudar, portanto deve ter o respeito ao direito dos outros, e saber se comportar para n'yo atrapalhar a aprendizagem dos demais.

Acredita que o bom aluno também precisa saber estudar os conteúdos fora da sala de aula, para revê-los e sanar as dificuldades que possam haver; acredita que precisa saber pesquisar para aprofundar seus conhecimentos, e que isso n'yo seja só para as aulas, mas

para sua formação pessoal.

Acredita que cada aluno tem o seu limite, mas que o bom aluno é aquele que se esforça ao seu máximo para desenvolver uma boa aprendizagem.

Acredita que a escola e o processo educativo são os principais pilares que estruturam o seu pensamento e, de alguma forma, influem nas suas preferências pessoais, pois é o lugar onde passou mais tempo na sua vida; considera que já passou mais tempo na escola do que com sua família.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Acredita que o fato do professor ter a prerrogativa de estar à frente de uma turma, e de alguma forma poder ser ouvido por ela, lhe dá o poder de conseguir que o aluno preste atenção a informação que ele traz; entende que isso acontece quando o aluno quer, e que o tipo de abordagem que o professor utiliza pode ajudar nesse querer.

Acredita que o professor precise atrair a atenção do aluno, para assim ajudá-lo a ficar mais motivado e engajado no processo de ensino aprendizagem.

Relata que no início de sua vida escolar teve dificuldade de gostar da instituição, de ter vontade de estudar, pois a maneira pela qual as disciplinas eram ensinadas não faziam com que ela quisesse aprender.

Considera que o nosso modelo educativo é muito focado na memorização de informações e na realização de provas e que não ensina o aluno a aprender de verdade;

No início eu tive um pouco de dificuldade em estudar, em gostar de estar lá na instituição de ensino. Ter essa vontade! Porque eu acho que as matérias são dadas de uma forma que não faz você querer aprender. Você só aprende porque tem que passar de ano. Eu acho que esse método de fazer uma prova, de ter que provar que você aprendeu..., as provas elas não mostram o que você aprendeu, elas mostram o que você decorou. Ou que você é muito bom em fazer prova, de vários jeitos. E eu acho que a escola é na verdade um desperdício de tempo! E aí quando eu olho assim. . . . doze anos, treze anos que eu estou estudando e parece que até hoje eu não aprendi a estudar de verdade. E para mim parece que tudo o que eu aprendi foi enrolar e fazer provas; porque eu sei fazer prova, eu sei tirar nota boa, mas eu acho que eu não aprendi a aprender. (Sujeito 18 - aluna)

Acredita que a liberdade e a confiança entre professores e alunos seja um elemento básico na relação, pois se não houver essa confiança entende que o aluno não se sentirá motivado a aprender.

Acredita que seja muito importante para a aprendizagem quando o professor tenta estabelecer relações entre o conteúdo e a realidade cotidiana dos alunos, entende que isso pode fazer com que o aluno se desperte para esses conhecimentos e consiga refletir mais sobre o assunto.

Entende que pela sua forma de encarar a aprendizagem quando um conhecimento não lhe diz respeito, que não tem relação com sua realidade, acaba não lhe despertando o interesse; observa quando não há essa relação o conhecimento se resume a leitura de um livro, e lhe parece apenas “ficção”.

Considera que algumas aulas são como palestras, onde só o professor fala, e

acredita que é interessante ter diálogo entre o professor e a turma.

Acredita que na relação professor aluno é preciso que um aprenda a olhar para o outro como pessoa, entender que eles têm: suas características, limites e problemas que estão para além da sala de aula; portanto entende que seja necessário terem uma relação mais humana.

Considera que é preciso romper com essa ideia de hierarquia, onde o professor se coloca como o detentor do conhecimento e o aluno precise apenas ficar sentado absorvendo o que ele tem para dizer; considera que é preciso essa aproximação, essa empatia do professor querer saber quais as dificuldades do aluno. Relata que esse tipo de relação a agrada muito, esse professor que realmente está interessado em como os alunos aprendem e não está ali somente para cumprir uma obrigação.

Acredita que uma pessoa que está em formação precise ter alguém o acompanhando e dando suporte, mas que na sua percepção chega um determinado momento que ninguém mais se importa. Entende que essa transição entre ter a tutela de alguém e a liberdade total, precise ser um processo sistematizado e mais progressivo do que é hoje.

Considera que a possibilidade de aplicar os conhecimentos na prática seja uma das melhores formas de aprender; entende que a teoria seja importante, mas que, só ela, não seja motivante para o aluno. Acredita que seria interessante usar outras formas para abordar tanto as ciências quanto os métodos científicos.

Considera inadequado os professores passarem tarefas para serem feitas extra sala de aula, pois entende que a carga horária já é muito alta e que o aprendiz não tem tempo disponível para tantas tarefas. Entende que o aluno tenha que estudar, mas que a vida dele não seja só estudar.

Relata que inicialmente não tinha uma boa relação com seus colegas de turma, mas que atualmente está melhor; relata que não gosta de conversar durante as aulas se não for sobre algo pertinente ao assunto. Relata que fica irritada quando têm pessoas conversando durante a aula.

Acredita que tenha alguns colegas de sala que se tornaram seus amigos, e que são pessoas com as quais poderia contar na hora de estudar, mas prefere estudar sozinha.

5.19. SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 19

Aluna do terceiro ano do curso técnico integrado em controle ambiental. Idade 17 anos. Renda familiar entre R\$3.748,01 e R\$ 9.370,00. Pai possui o ensino superior completo e a mãe o ensino fundamental completo.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO .

Entende que a educação são coisas que as pessoas aprendem e que, às vezes, passam a usar. Acredita que o processo educativo permite ao aluno aprender a conviver com o outro: com os colegas e com as demais pessoas; entende que essas formas de se relacionar são levadas para o mundo fora da escola.

Acredita que a educação no país seja de qualidade mediana, mas pode ser melhorada. Acredita que a educação no país pode melhorar, mas entende que o aluno também precisa trazer essa educação do ambiente familiar.

Considera que a ideia que fica da importância da educação é o desenvolvimento da capacidade do sujeito de ganhar dinheiro, mesmo que ele seja infeliz; sintetiza a ideia na seguinte frase: “trabalhe numa coisa que você seja infeliz, mas ganhe dinheiro!”.

Acredita que a escola prepara o aluno para o mercado de trabalho, mas que essa preparação não é completa.

Considera que o uso das tecnologias ajuda na aprendizagem, pois facilitam significativamente os processos de pesquisa, mas entende que tem um efeito colateral, que é o fato de o aluno não aprender de verdade, apenas memorizar as informações pesquisadas para responder uma prova. Observa que quando o aluno está utilizando a internet para estudar sempre chega alguma notificação das suas redes sociais, e que na maioria das vezes, o aluno acaba desviando o foco para atender ao chamado, e isso atrapalha os estudos.

Considera que a educação a transformou de várias maneiras, além de assimilar os conhecimentos teóricos ali ministrados, acredita que a escola a fez ser uma pessoa diferente. Relata que durante o seu transcurso pelo processo de ensino já viveu várias versões dela mesma e acredita que isso se deva às relações humanas que ali se desenvolveram.

Acredita que o que pôde aprender até agora será importante para o seu futuro, pois é a base que permitirá que ela desenvolva novos conhecimentos.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Acredita que a função do professor seja ensinar, e não como alguns dizem, educar. Entende que a função dos professores não é dar aquela educação básica relacionada ao respeito e aos modos dos alunos, entende que essa educação deve vir de casa.

Relata que já teve professores com diversos perfis, desde os mais empenhados em ensinar até os menos empenhados; já teve aqueles que se comunicavam bem com a turma, até aqueles que apenas chegavam e passavam conteúdo no quadro e mandavam os alunos copiarem.

Relata que teve um professor da disciplina de ciências que marcou muito, de forma positiva, sua trajetória como estudante, pois tinha uma atitude muito empática, e sempre a incentivava a fazer o seu melhor, acreditava no potencial dela; considera que tal forma de tratamento a motivou muito a progredir nos estudos. Relata que foi por influência e incentivo dele que conseguiu ser aprovada para estudar no IFG.

Considera que o bom professor seja aquele que não cumpre apenas o seu papel de ensinar, mas aquele que se torna um amigo dos alunos, mas em uma relação sem excessos; uma relação em que ele se preocupa com o aluno e está sempre pronto a ajudá-lo.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Considera que, muitas vezes, as cobranças e expectativas que são projetadas sobre ela, juntamente com a forma que algumas pessoas a tratam dentro do ambiente escolar, a faz se sentir insuficiente e incapaz para a tarefa.

Faz uma auto análise do seu desenvolvimento como aluna e, também, da sua relação com o aprendizado;

Eu sou uma aluna mediana! O que me motiva muito a estudar é quando eu realmente me apaixono por aquele conteúdo, por aquela matéria, e aí realmente eu estudo com uma paixão muito grande. Agora o que me desmotiva é quando eu estou tendo alguma aula que o professor não tem aquela vontade de dar aula, isso causa uma coisa ruim, e você acaba ficando sem vontade de querer estudar. (Sujeito 19 - aluna).

Considera que teve suas expectativas quebradas quando entrou no IF, pois achava que era um lugar onde o aluno teria mais liberdade, o que foi uma ilusão; e relata que também se frustrou com o alto grau de exigência acadêmica e pelo fato do excesso de importância que é dada as notas.

Acredita que no que tange a influência dos pais, seu pai a influenciou muito mais do que sua mãe. Relata que seu pai sempre falava que estudar era absolutamente necessário e que lhe possibilitaria conhecimentos que a acompanhariam por toda a vida. Relata que sente o peso da cobrança e da expectativa da família, especialmente da sua mãe; e sente essa cobrança principalmente na limitação da escolha de uma futura profissão, pois sempre tentam direcioná-la para algo que possibilite uma boa remuneração, mesmo se for algo que ela não goste.

Entende que um bom aluno não é aquele que tira nota alta, mas é aquele que aprende, e para aprender é necessário parar de julgar. Entende que então um bom aluno seja aquele que respeita a hora de falar quando o professor da oportunidade, e também é aquele que aprende a ouvir mais e falar menos. Considera então que o bom aluno é aquele que quer estudar, que quer aprender, independentemente da nota.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Considera que o ensino no IFG valoriza mais a nota do que o conhecimento. Observa que têm muitas pessoas que tiram notas baixas e são super inteligentes, e outras pessoas que tiram notas altas usando só a capacidade de memorização ou até colando nas provas.

Considera que muitas pessoas enxerguem errado a função do professor, que no seu ponto de vista é ensinar os conteúdos, mas que acha muito bom quando eles têm uma relação de amizade com os alunos.

Considera como modelo de bom profissional, uma professora de matemática que teve, pois ela sempre se empenhava para chamar a atenção dos alunos durante as aulas, e quando ganhava essa atenção explicava as coisas de uma maneira simples, e assim passava as atividades e acompanhava os alunos na realização; e fazia isso de forma divertida.

Entende que o professor precisa respeitar os alunos. E que ele precisa tentar

perceber as dificuldades dos alunos e descobrir os motivos das suas deficiências.

Relata que as atitudes de superioridade de alguns professores a desagradam, aqueles que se acham superiores aos alunos e não se mostram abertos para que eles possam fazer perguntas, e que impõe seus conhecimentos e seu ponto de vista sem abertura para o diálogo. Considera que, nesta forma de mediação, o aluno não se sente parte do processo de ensino aprendizagem e tende a se comportar como alguém que está ali só para aceitar e acatar as concepções do professor.

Relata que gosta muito quando o professor usa formas diferentes de ministrar as aulas, entende que tenha os dias em que ele precise usar aulas expositivas para explicar os conteúdos, mas considera que precisa reservar alguns dias para fazer atividades diferentes, que saiam da rotina.

5.20.SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO 20

Aluna do terceiro ano do curso técnico integrado em controle ambiental. Idade 17 anos. Renda familiar entre R\$3.748,01 e R\$ 9.370,00. Pai possui o ensino fundamental incompleto e a mãe o ensino superior completo.

EIXO 1 – REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO :

Entende que a educação tenha como função preparar o sujeito para a vida em sociedade e também ensiná-lo a enfrentar o mundo fora da escola. Considera que a educação seja, basicamente, ensinamentos práticos para o sujeito aprender a conviver em sociedade. Entende que, o que os alunos irão fazer com esses ensinamentos, é uma questão que depende de cada indivíduo.

Considera que sua formação escolar inicial foi boa, pois estudava em escola particular, e a escola particular tem a obrigação de satisfazer o cliente, pois ele está pagando pelos serviços. Considera que a escola pública no Brasil seja ruim, pois parece não ser prioridade para o governo.

Considera que, de certa forma, o aluno sai do IF preparado para o mercado de trabalho, estará preparado para determinadas situações, mas entende que não adianta ter esse conhecimento e não ter a experiência, e que portanto essa preparação para o mercado é parcial.

Entende que o uso das tecnologias da informação, especialmente as redes sociais, atrapalhe bastante, portanto deixa o celular longe quando vai estudar, pois entende que seja uma distração. Relata que, às vezes, quando está utilizando a internet para estudar, e chega notificação de alguma rede social, isso faz com que ela perca o foco. Considera então que as redes sociais atrapalham os estudos, mas que isso não quer dizer que as tecnologias sejam necessariamente ruins, pois existem várias ferramentas que podem ajudar os alunos, basta eles saberem usar essas tecnologias.

Entende que, dificilmente, a escola não irá acrescentar alguma coisa na formação dos alunos; pois ela traz a eles vários conhecimentos teóricos, e os alunos é que decidirão o que fazer com eles na sua prática cotidiana. Entende que os aprendizados que os alunos

recebem, tanto em casa quanto na escola, de alguma forma determinam suas ações.

Entende que, como cada um fará uso destes conhecimentos para sua vida, seja muito subjetivo, pois cada um tem afinidades com áreas de conhecimentos diferentes e vocações profissionais diferentes, e assim só levarão para sua vida o que acharem útil.

EIXO 2 – IDENTIDADE PROFISSIONAL E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.

Considera que para ela o papel do professor seja indiferente. Relata que sempre viu o professor como alguém que está ali lhe ensinando porque está sendo pago para isso. Entende que via o professor dessa forma, pois tinha o incentivo da sua família, e sempre foi uma aluna muito independente. Considera então que o professor é só mais uma pessoa que está ali, na sala de aula, fazendo o seu trabalho, pois está sendo pago para isso.

Nos apresenta sua representação do que entende como um bom professor;

Para mim um bom professor além de ter conhecimento e ter uma boa didática para aplicar aquele conhecimento em sala de aula, deve ter empatia, entender que o aluno não é só uma máquina e tome: conteúdo, atividade, provas, lista. Um professor que entende que o aluno é humano e as vezes ele pode estar passando por problemas. . . . e que quando a pessoa não está bem ela não funciona do mesmo jeito num dia que ela está supostamente bem. Se tem pós-graduação ou se é só a licenciatura, independente disso o bom professor é um professor que respeita o aluno e tem empatia e sabe se colocar no lugar dele. (Sujeito 20 - aluna)

Considera desagradável quando o professor se acha superior à turma, quando ele considera que só ele é o dono da verdade e o que os alunos pensam não importa; e que só é importante o ponto de vista dele.

Relata que o que agrada na postura de um professor é quando ele não se mostra preocupado só em ensinar determinado conhecimento teórico, mas quando ele está preocupado em como o aluno está aprendendo.

EIXO 3 – O ALUNO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Se considera uma aluna motivada e atribui a sua motivação ao fato de pretender ter uma boa condição financeira e uma boa qualidade de vida no futuro; relata que a motiva ter condições de dar para seus filhos o que seus pais não puderam lhe dar, e que também pretende poder cuidar de seus pais, pois eles se esforçaram muito para que ela pudesse estudar.

Relata que a pressão social que é posta sobre o aluno: para sempre tirar boas notas, para ingressar em uma universidade etc., a desmotiva. Considera que, a lógica que é imposta pela sociedade, limita o direito de escolha profissional do aluno à medida que rotula e categoriza quais profissões poderão levá-lo ao “sucesso” e quais não.

Considera que a expectativa que tinha ao entrar no IF foi completamente frustrada, pois pensava que o foco da instituição era o ensino médio e a preparação para o vestibular; relata que só depois descobriu que se tratava de uma formação técnica. Observa que uma questão que também a surpreendeu foi o fato de que, pelo alto nível de formação dos

professores, a cobrança académica também é muito alta; independentemente se aquela é a área de interesse profissional do aluno ou não.

Relata que sua maior influência para estudar vem da sua família, pois, especialmente o seu pai, teve muita dificuldade para conseguir ter uma boa condição financeira, e atribui isso à falta de estudos, pois teve de interrompê-los muito cedo para poder ajudar a mãe dele, que era sozinha, a sustentar quatro filhos. Relata que então o incentivo do seu pai é para que ela estude para ter boa condição financeira no futuro.

Considera que este incentivo, às vezes, se torna ambíguo, pois o que era para ser incentivo acaba se transformando em pressão e cobranças. Entende que a intenção deles é incentivar, mas, às vezes, esse incentivo acaba se convertendo em pressão e a deixa para baixo.

Considera que o bom aluno seja aquele que tenha disposição para aprender; entende que um bom aluno também precise ter humildade para reconhecer quando está errado; e ter também disposição para corrigir esses erros.

EIXO 4 – AS RELAÇÕES HUMANAS DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Considera que, por terem muitas disciplinas na grade do aluno, muitas vezes ele precisa deixar de estudar um conteúdo com o qual se identifica, para estudar algum outro que ele é obrigado.

Entende que o professor precisa ter empatia com o aluno e ser capaz de se colocar no lugar dele, pois, muitas vezes, o aluno pode ter dificuldades de aprender em função de questões de ordem pessoal. Considera que a postura de superioridade do professor em relação à turma, e a falta de capacidade de perceber e aceitar os pontos de vista dos alunos dificulta a relação entre eles, e, por consequência, o processo de aprendizagem. Entende que o professor precisa se preocupar com o aluno como um ser humano, e não somente se preocupar em transmitir um conhecimento teórico.

Acredita que, em cada disciplina, o professor precisa utilizar uma abordagem metodológica que seja eficaz de acordo com as características dela; acredita que não exista uma fórmula que possa ser generalizada.

Acredita que um bom método de ensino seja: o professor explicar o conteúdo, tirar todas as dúvidas e depois passar exercícios; depois, então, avaliar quais foram os erros, e a partir desta avaliação tentar perceber as dificuldades de cada aluno em particular, para assim poder ajudá-los a superá-las.

Considera que sair da rotina, às vezes, é bom; e que o professor poderia usar aulas mais divertidas, pois acredita que o aluno também pode aprender enquanto se diverte.

Relata que a troca de ajuda entre os alunos, no seu fundamental foi indiferente, pois sempre foi muito independente, mas quando entrou no ensino médio, onde o nível de exigência era maior, passou a contar com a ajuda dos colegas e também a ajudá-los.

5.21.Análise do conjunto das entrevistas dos alunos

Nesta parte dos nossos resultados faremos uma análise do conjunto das informações obtidas nas entrevistas dos alunos, com a intenção de apresentar os pontos convergentes e divergentes entre as ideias dos vários sujeitos. Os resumos foram produzidos tendo como base os nossos objetivos de pesquisa, objetivo geral: analisar aspectos da subjetividade e das representações sociais de alunos/professores sobre o processo de ensino/aprendizagem; em especial: suas percepções, suas motivações e suas atitudes frente a este contexto. Objetivos específicos: analisar qual a importância que discentes e docentes atribuem à educação, investigar o que os sujeitos destacam como pontos positivos e negativos no processo ensino aprendizagem, investigar se houve pessoas ou instituições que influenciaram positiva ou negativamente a relação do aprendiz com o ensino, investigar o que motiva os professores a ensinarem, investigar o que motiva os alunos a estudarem, investigar o que os alunos entendem como um bom professor e o que os professores entendem como um bom aluno, investigar as características do relacionamento entre professores e alunos, investigar se os professores conseguem entender seus estudantes e se sabem como ajudá-los a aprender.

A organização dos resumos manteve o modelo de sistematização em eixos, os mesmos quatro eixos utilizados para produzir as sínteses das entrevistas: eixo 1 - representações sobre educação; eixo 2 - identidade profissional e representações sobre o papel do professor; eixo 3 - O aluno e suas características; eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem.

Após a apresentação do resumo de cada eixo, faremos uma análise do conjunto das ideias dos sujeitos, na qual daremos destaque as que se mostraram hegemônicas, mas também apresentaremos algumas representações, que mesmo sendo restritas a alguns sujeitos, nos pareceram coerentes e relevantes para nossa reflexão.

5.21.1. Conjunto dos resumos das entrevistas dos alunos e uma breve análise das principais representações - eixo 1.

Tabela 28.
Resumo das ideias das entrevistas dos alunos - eixo 1.

Sujeitos	Eixo 1 - representações sobre educação.
Sujeito 1	Entende que a educação é todo sistema que tem o objetivo de repassar a determinado indivíduo os conteúdos básicos para sua formação, seja para o mercado de trabalho, seja para o seu aprimoramento pessoal e também para a preparação para acesso ao ensino superior. Acredita que a educação seja uma porta para a mudança de um país e para a mudança de uma cultura. A educação permite ao aluno aprender a pensar. Entende que os conhecimentos não devem ser só para sala de aula e sim para vida e para atuar na sociedade. Acredita que nosso modelo educacional faz parecer que a única coisa que importa na educação é a nota, e entende isso como um grande problema. Acredita que a escola tem o papel de mostrar para o aluno um mundo mais real e menos idealizado. Considera que nosso modelo educacional valoriza demais os diplomas, tanto para os professores quanto para os alunos. Afirma que uma das coisas que acha mais importante na escola é o aprendizado da vida em sociedade e o convívio social. Relata que vivia em uma bolha, e que a escola lhe permitiu conhecer novas pessoas (alunos, professores etc.) e conviver com elas; considera que essa possibilidade de convivência lhe permitiu aprender a olhar para a realidade de forma diferente, que lhe possibilitou ver coisas que antes não via.

Sujeito 2	Entende que a educação é o processo de formar o cidadão, para que ele possa ter um bom convívio em sociedade. Considera que a educação tenha finalidade de que as pessoas sejam mais abertas ao conhecimento e que possam ter um maior entendimento do mundo, respeito ao próximo e menos preconceito. Considera que a educação lhe transformou em uma pessoa mais aberta, mais comunicativa e capaz de escutar e entender o ponto de vista dos outros; e lhe deu uma visão mais ampla do mundo. Entende que no Brasil não tenha uma infraestrutura muito boa para dar educação de qualidade para todos, portanto algumas pessoas têm oportunidade de ter uma educação boa, mas muitos não têm. Acredita que a educação forneça uma base para o sujeito entrar no mercado de trabalho, mas não o prepara completamente.
Sujeito 3	Acredita que a educação comece em casa e que tenha foco na formação para o trabalho e que através dela você aprenda a se comunicar com as outras pessoas. Entende que o processo educativo se limita a preparar os alunos para as provas do ENEM, para que ele ingresse no ensino superior e posteriormente no mercado de trabalho. Considera que a educação brasileira de forma geral é bem preocupante; especialmente as escolas públicas estaduais e municipais, onde falta infraestrutura e os professores são mal remunerados. Entende com uma incongruência os alunos das classes mais ricas ocuparem a maioria das vagas das universidades públicas. Acredita que a escola prepara o sujeito para o trabalho apenas de modo superficial. Considera que seus pais são os principais influenciadores na visão que ela tem sobre educação. Entende que a pessoa querendo ou não, a educação lhe deixa marcas, e que ela de alguma forma modela o que o aprendiz vai ser; e considera que isso seja importante. Relata que às vezes se sente como um fantoche dentro do processo educacional, e que gostaria de sentir que há uma verdadeira educação que não se limite a notas e preparação para acesso à universidade. Acredita que é importante pensar no futuro, que o processo educativo não é só para o agora, e que os conhecimentos desenvolvidos poderão ser usados no futuro. Considera que sua formação escolar lhe transformou em uma pessoa melhor.
Sujeito 4	Considera que desde o descobrimento do Brasil não houve muita evolução na educação. Considera que nosso modelo educativo ainda é pouco aberto ao diálogo e muito padronizado, não considerando as peculiaridades dos alunos. Acredita que as pessoas estudam basicamente para se preparar para as provas do ENEM. Acha que o ensino não deveria ser padronizado e que os alunos deveriam se dedicar mais as disciplinas de sua área de interesse. Considera que o momento histórico que o país está passando tem enfraquecido ainda mais a educação. Considera que a educação que recebeu até agora não lhe preparou para o mercado de trabalho e muito menos para a vida. Acredita que a educação deveria preparar o aluno para o mundo. Considera que a educação que recebeu lhe tirou a capacidade de pensar logicamente, que só desenvolveu a capacidade de memorizar, e entende que isso não contribuiu para ele como pessoa.
Sujeito 5	Considera o processo educativo como um meio de formação da cultura e do senso crítico do estudante; entende que ela dá ao estudante condições para se desenvolver de forma autônoma. Acredita que a formação recebida não a preparou muito para o mercado de trabalho, pois é muito genérica e superficial. Acredita que a escola forma o aluno para conseguir emprego e ganhar dinheiro. Considera que nas escolas públicas estaduais não há investimento para que o ensino tenha qualidade. Acredita que, além de desenvolver esse senso de responsabilidade, a educação influencia em todas as decisões e escolhas que uma pessoa toma durante a sua vida. Acredita que o fato de ter uma formação de maior qualidade, de conseguir ir definindo os seus gostos, de desenvolver um posicionamento político foram coisas que superaram suas expectativas.
Sujeito 6	Considera que a educação seja as aprendizagens que você acumula ao longo do tempo. Entende que parte desta educação é desenvolvida em casa. Considera que a educação permite ao sujeito sair do seu mundo particular e aprender novas coisas; entende que ela lhe forma para saber reivindicar os seus direitos. Considera que era uma pessoa de mente fechada que acreditava que todas as coisas já estavam estabelecidas, e que a escola lhe permitiu mudar essa postura rígida e a aprender ouvir os outros. Acredita que a qualidade da educação no país varia dependendo da rede; acredita que a escola pública municipal e estadual não são de boa qualidade. Considera que pela qualidade do curso que fez se sente preparado para o mercado de trabalho. Reitera que através das oportunidades e dos diversos espaços para o desenvolvimento dos conhecimentos oferecidos na escola, os alunos começam a perceber o mundo de forma mais ampla.
Sujeito 7	Considera que a educação permita ao indivíduo ter maior facilidade para resolver situações problema. Considera que a educação pode ajudar ao sujeito a atingir melhores condições de vida. Entende que sua formação não foi só técnica, mas que teve desenvolvida sua capacidade de argumentar, de pensar e de defender seus pontos de vista; considera que isso seja importante para o mercado de trabalho.
Sujeito 8	Acredita que o acesso à educação pode tornar o sujeito menos ignorante, pode ajudá-lo a superar preconceitos e a entender melhor as outras pessoas. Acredita que o acesso à educação o afastou das ruas, pois muitos dos seus antigos amigos se perderam na criminalidade. Acredita que a educação no país, de modo geral, é precária, em função da falta de estrutura que é oferecida pelos governos. Considera que a educação que é desenvolvida é muito precária e simplória no que tange a formação do trabalhador.

Acredita que a educação o mudou muito como pessoa, mudou os seus pontos de vista e só lhe trouxe bons conhecimentos. Acredita que o acesso à educação o fez entender melhor várias questões: políticas, econômicas, sociais etc.; acredita que o IFG também o fez rever o seu preconceito LGBT.

Sujeito 9	Entende que a educação não seja uma ação unilateral do professor para o aluno, mas um processo em que ambos estejam em comunicação. Considera que a educação ainda seja muito formal, que tenha: o professor, os alunos, as cadeiras em fileiras e uma imposição de autoridade; mas não considera que isso seja algo ruim ou negativo, entende que a autoridade é necessária para manter a organização. Considera que a educação no Brasil seja precária e também com diferentes níveis de qualidade em função da desigualdade social. Considera que esta organização desigual do sistema escolar seja a origem de vários problemas. Acredita que o curso técnico, em certa medida, o preparou para o mercado de trabalho. Considera que a educação, particularmente no IFG, lhe ensinou a perceber as diferenças e entender que existem N tipos de pessoas. Considera que no IF não foi preparado para o vestibular, mas foi preparado: para a vida, para o mercado de trabalho. Acredita que seja uma pessoa diferente de quando entrou na escola, e que seja muito mais maduro e independente. Acredita que teve uma educação pública de boa qualidade, que teve experiências de como aplicar os conhecimentos na vida real.
Sujeito 10	Acredita que a educação seja uma maneira de formar o cidadão para que ele consiga conviver em sociedade. Relata que, inicialmente, a escola para ele era um espaço social onde desenvolver novas amizades e desenvolver habilidades sociais. Considera que de certa forma, ele é domesticado. Entende que a escola apresenta ao aluno conhecimentos que ele não teria em outro ambiente. Considera que a escola incentiva a aprendizagem científica dos alunos. Acredita que a escola também tem a função de despertar interesses artísticos ou esportivos. Considera que a educação no Brasil seja precária. Entende que, de certa forma seja por causa dos professores, pois considera que muitos não têm empenho em dar boas aulas ou mesmo empenho profissional; considera que a principal causa deste comportamento sejam os baixos salários e a falta de incentivo à carreira. Acredita que a formação escolar interfere na formação do trabalhador, e pode determinar: como ele será no trabalho, a que tipo de trabalho irá se dedicar, a forma como irá se relacionar no trabalho e também em suas relações sociais de forma geral. Considera que em escolas da rede privada o foco do ensino seja a preparação para o vestibular, mas no IFG há também a preocupação com a formação do cidadão. Considera que a educação seja muito importante porque ela vai: estruturar a sua forma de pensar, vai trazer ao aluno um raciocínio lógico racional, vai evitar também que o aprendiz tome decisões ruins na sua vida.
Sujeito 11	Considera a educação importante. Entende que existem muitas diferenças entre os processos de ensino das zonas rurais e das cidades. Entende que teve uma boa educação dentro de sua família. Considera que a educação recebida ajudou muito no seu desenvolvimento. Acredita que a possibilidade de estudar em uma boa escola pode permitir que futuramente ele possa ser um bom profissional.
Sujeito 12	Acredita que em cada fase do processo de ensino e aprendizagem o aluno tem uma concepção diferente de educação. Entende que a própria educação seja um processo de aprendizado sobre o significado dela, e também traz bastante aprendizado sobre o significado das outras coisas da vida. Acredita que a educação seja um dos meios para o sujeito se desenvolver intelectualmente e socialmente; não o mais fácil, mas um dos principais. Acredita que no geral as escolas públicas no Brasil são precárias e não incentivam, nem docentes e nem discentes, a se engajarem no processo ensino aprendizagem. Acredita que, principalmente alunos que vivem em vulnerabilidade social, não terão engajamento na aprendizagem ou desejo de estudar se não tiver incentivo dentro da sala de aula, visto que ele normalmente já não tem esse incentivo em casa. Entende também que não tem como os professores quererem dar aulas se eles não têm o apoio do estado para isso. Considera que a educação a preparou para o mercado de trabalho, especialmente a educação que é ministrada no IFG.
Sujeito 13	Considera que a educação é um processo que se desenvolve desde a infância e que o nível de assimilação da aprendizagem varia de acordo com a capacidade da pessoa internalizar o que foi ensinado. Acredita que a educação ajuda na formação do senso crítico, e possibilita ao aprendiz acesso à muitas oportunidades. Considera que de modo geral, a educação no Brasil é de boa qualidade, e que o aluno, na maioria das vezes, tem o direito de conversar com o professor, de dizer o que pensa sobre as aulas para torná-las mais dinâmicas. Relata que a educação influenciou muito no que ela é hoje, entende que a família juntamente com a educação formou sua personalidade: a pessoa que é hoje, como pensa, o seu senso crítico. Acredita que consegue aplicar os conhecimentos que recebeu no seu dia a dia.
Sujeito 15	Considera que a educação seja, além de um conjunto de vários conceitos, uma forma histórica de socializar o conhecimento e repassá-lo para as próximas gerações. Considera que a educação proporciona ao estudante muitas oportunidades. Relata que quando passou a ter mais consciência sobre a educação, de certa forma se frustrou, pois sentia que não se encaixava no sistema, que não era boa o suficiente. Não considera que a educação seja algo ruim, mas que essa forma tradicional pela qual ela vem sendo

desenvolvida no decorrer dos anos está ficando obsoleta.

Sujeito 16	Entende que a educação é um divisor de águas que muda a vida das pessoas. Considera que a educação possibilita ao aprendiz novas vivências e que isso amplia sua visão de mundo. Relata que desde pequena a educação chegou para ela de forma positiva, que lhe ampliou horizontes. Acredita que a educação está em todos os lugares no dia a dia das pessoas: nas vivências, nas conversas, nas imagens etc. Considera que a sociedade coloca como principal objetivo da educação a necessidade de termos um diploma para podermos conseguir um melhor emprego futuramente; acredita que essas concepções são objetivadas através de modelos formativos e estruturas predeterminadas; e que o prêmio para quem conseguir passar por esse sistema com êxito é a possibilidade de um emprego. Considera que o futuro que, verdadeiramente, se oferece nesta lógica é um trabalho cansativo e desgastante dia após dia. Apesar de todas as críticas, entende que a educação mudou a sua vida.
Sujeito 17	Entende que a educação sejam conhecimentos que são repassados por pessoas que já têm mais experiência para aquelas que ainda não têm. Acredita que a qualidade da educação no Brasil é baixa e que os alunos, em geral, não são muito bons. Acredita que nas escolas públicas falte infraestrutura e que muitas vezes os professores têm medo de dar aulas em determinados colégios. Entende que a preparação que a escola oferece para o mercado de trabalho é relativa e que o trabalhador não pode se limitar a ela. Acredita que a educação nos permite desenvolver uma melhor percepção do que é certo e do que é errado. Entende que a escola nos possibilita identificar com quais áreas de conhecimento temos mais afinidade.
Sujeito 18	Acredita que a educação sejam os aprendizados que cada pessoa desenvolve ao longo da vida. Considera que a educação seja realizada em instituições. Considera que tudo o que aprendeu na escola foi “enrolar” e fazer provas, pois entende que sabe fazer provas e tirar boas notas, mas nunca aprendeu a aprender. Considera que esse modelo de educação, onde o mais importante é a nota e onde não se aprende de verdade, seja um problema que se repete no Brasil todo. Apesar do desagrado com o modelo educativo que vivenciou, ainda nutre a expectativa de que a educação poderá lhe ajudar a alcançar um bom emprego e a ter segurança financeira no futuro. Acredita que a educação a fez evoluir muito como pessoa, pois lhe trouxe muitos conhecimentos e entende que estes conhecimentos a fazem se sentir mais segura; e considera também que, de alguma forma, estes conhecimentos lhe instigam a querer aprender mais. Espera que essa educação possa contribuir na sua formação política e na sua formação cidadã. Considera que precisa obstinar-se a passar por todo esse sistema educativo, pois dizem que é assim que se pode ter um bom emprego, ganhar dinheiro e ser reconhecida profissionalmente. Acredita que a escola e o processo educativo são os principais pilares que estruturam o seu pensamento e, de alguma forma, influem nas suas preferências pessoais, pois é o lugar onde passou mais tempo na sua vida.
Sujeito 19	Entende que a educação são coisas que as pessoas aprendem e que, às vezes, passam a usar. Acredita que o processo educativo permite ao aluno aprender a conviver com o outro: com os colegas e com as demais pessoas; entende que essas formas de se relacionar são levadas para o mundo fora da escola. Acredita que a educação no país seja de qualidade mediana, mas pode melhorar; entende que o aluno também precisa trazer educação do ambiente familiar. Considera que a ideia que fica sobre a importância da educação é o desenvolvimento da capacidade do sujeito de ganhar dinheiro, mesmo que ele seja infeliz; sintetiza a ideia na seguinte frase: “trabalhe numa coisa que você seja infeliz, mas ganhe dinheiro!”. Acredita que a escola prepara o aluno para o mercado de trabalho, mas que essa preparação não é completa. Acredita que o que pode aprender até agora será importante para o seu futuro, pois é a base que permitirá que ela desenvolva novos conhecimentos. Considera que a educação a transformou de várias maneiras, além de assimilar os conhecimentos teóricos ali ministrados, acredita que a escola a fez ser uma pessoa diferente. Relata que durante o seu transcurso pelo processo de ensino já viveu várias versões dela mesma e acredita que isso se deva às relações humanas que ali se desenvolveram.
Sujeito 20	Entende que a educação tenha como função preparar o sujeito para o convívio social e também ensiná-lo a enfrentar o mundo fora da escola. Entende que, o que os alunos irão fazer com esses ensinamentos, é uma questão que depende de cada indivíduo. Considera que a escola pública no Brasil seja ruim, pois parece não ser prioridade para o governo. Entende que o aluno egresso do IFG sai preparado para atuar no mercado de trabalho, mas entende que esta preparação é parcial. Entende que, dificilmente, a escola não irá acrescentar alguma coisa na formação dos alunos; pois ela traz a eles vários conhecimentos teóricos, e os alunos é que decidirão o que fazer com eles na sua prática cotidiana. Entende que os aprendizados que os alunos recebem, tanto em casa quanto na escola, de alguma forma determinam suas ações.

Os alunos nos apresentaram algumas concepções sobre educação que, mesmo com distintas abordagens, se mostraram hegemônicas. Entendem a educação como um desenvolvimento humano, e atestam que tal processo aconteceu com eles em função de terem tido acesso a ela; 14 dos 20 sujeitos entendem a educação como um processo que de alguma maneira lhes permitiu ver o mundo de uma forma diferente, possibilitando uma evolução como sujeito, desde a capacidade de entender melhor o mundo até o desenvolvimento do senso crítico. A educação é vista também como um processo de formação para o trabalho (14 sujeitos); deste grupo 3 sujeitos consideram que ela não os preparou para o trabalho, 3 acreditam estar preparados e outros 3 acham que esta preparação é parcial; os outros 5 sujeitos, apesar de considerarem que um dos principais objetivos do processo educativo é a preparação para o trabalho, não deixaram claro se realmente se consideram preparados ou não. Entendem que o processo educativo não é uma preparação restrita aos conteúdos escolares, mas é uma preparação para a vida (11 sujeitos), os demais sujeitos deixaram implícita esta ideia nas suas falas; apenas um dos 20 sujeitos considera que a educação recebida não contribuiu em nada para sua vida fora da escola. Outro elemento muito destacado como importante no processo educativo é a formação do sujeito para o convívio em sociedade (10 sujeitos); sendo que o principal efeito percebido neste contexto é a capacidade de entender o outro e sua maneira de ver o mundo. Outro aspecto bem marcante é que consideram que a educação pública, especialmente nos sistemas estaduais e municipais, não seja de boa qualidade (8 sujeitos); três sujeitos destacam que esta qualidade pode ser boa ou ruim a depender da classe social do aprendiz e das escolas as quais ele tem acesso, um sujeito considerou a educação pública de qualidade mediana e apenas um sujeito considerou a educação pública boa; os demais não fizeram uma análise direta da qualidade das escolas, mas deixam implícito nas suas falas que ela deixa a desejar.

Destacaremos alguns aspectos que não se mostraram tão hegemônicos, mas que entendemos que contribuem para as nossas análises. Por mais que a escola seja constituída com o intuito de socializar saberes científicos, apenas 4 sujeitos destacaram este aspecto da formação oferecida por ela, reconhecendo a relevância desta formação intelectual e científica que ela oferece; 3 sujeitos consideram importante o aluno ter a formação educativa que vem de casa, pois entendem que ela é positiva para que ele se desenvolva melhor no ambiente escolar; dois de nossos entrevistados destacam que uma boa educação pode permitir aos aprendizes ter acesso a melhores condições de vida e outros dois a veem como uma simples preparação para realizar as provas do ENEM (Exame nacional do ensino médio).

5.21.2. Conjunto dos resumos das entrevistas dos alunos e uma breve análise das principais representações - eixo 2

Tabela 29.

Resumo das ideias das entrevistas dos alunos - eixo 2.

Sujeitos	Eixo 2 - Identidade profissional e representações sobre o papel do professor.
----------	---

Sujeito 1	<p>Acredita que o professor seja muito desvalorizado em nosso país. Acredita que mesmo sem perceber o professor está muito mais próximo do aluno do que imagina; entende que ele deveria estar conscientemente mais próximo. O que mais lhe agrada em um professor é a capacidade de estabelecer uma relação mais próxima com o aluno. Acredita que um bom professor é aquele que consegue apresentar o conteúdo para o aluno da forma mais simplificada possível, observa que para isso a ligação entre professor e aluno é fundamental. Acredita que para melhor qualificar o processo ensino aprendizagem o professor deva selecionar aqueles alunos que realmente querem aprender e assim ajudá-los nesta tarefa. Observa que dependendo da atuação e da atitude do professor, muitas vezes, ele consegue deixar o aluno motivado para aprender um conteúdo pelo qual até então não se interessava.</p>
Sujeito 2	<p>Considera que o professor seja uma referência a seguir. Considera que para ser um bom professor é necessário dominar o assunto que está ensinando e mostrar interesse pelos alunos. Entende que não pode se limitar a avaliar o aluno pelas notas, tem de realmente se dispor a ajudar. Acredita que o professor para conseguir motivar os alunos precisa de dar suas aulas com entusiasmo e com alegria. Relata que um dos aspectos que valoriza em um bom professor é quando ele tem consciência de sua importância, mas ainda assim trata o aluno de igual para igual em uma relação de equivalência com a turma, sem se colocar como superior aos alunos de forma a menosprezá-los. Entende que essa relação precisa ser sempre o mais humana possível.</p>
Sujeito 3	<p>Entende que dentro do ambiente escolar o professor é uma referência para o aluno. Relata que muitos professores marcaram positivamente sua trajetória acadêmica e pela ação e incentivo deles melhorou seus hábitos de estudo e passou a confiar mais em sua capacidade. Afirma que muitos de seus colegas de sala escolheram os cursos universitários que pretendem fazer em função da identificação com um determinado professor. Considera importante que o professor saiba falar a “linguagem” dos alunos, faz essa ponderação porque já teve professores que se expressavam de maneira tão complexa que não conseguia se fazer entender. Considera então que um bom professor precisa ser claro, saber conversar, ter boa didática; e ter flexibilidade para mudar a abordagem quando for necessário. Entende que uma característica muito importante em um professor é, além de todas as virtudes já citadas, a capacidade de se conectar com a turma e deixar espaço para o diálogo. Acredita que quando o professor é comprometido com sua tarefa de ensinar acaba cativando os alunos, e acredita que têm professores que conseguem fazer os alunos gostarem de uma matéria que antes eles nem gostavam.</p>
Sujeito 4	<p>Entende que os alunos devem ter respeito pelos professores. Relata que os professores tiveram uma grande influência na vida dele. Considera que a maioria dos professores acha que o sofrimento que eles passaram para se graduarem deve ser reproduzido em seus alunos. Acredita que para um professor conseguir ajudar o aluno a desenvolver-se, precisa, primeiramente, aproximar-se dele e tentar saber o que ele está passando. Entende que o professor precisa estar disponível para o diálogo. Acredita que o professor não deve promover cobranças excessivas sobre os alunos, e precisa entender que eles estão em processo de desenvolvimento. Entende que o professor precisa ser flexível. Acredita que os alunos prestam mais atenção à aula de um professor do qual eles gostam, entende que essa relação positiva de afeto pode fazer com que os alunos tenham mais vontade de estudar. Relata que o que mais lhe agrada nos professores é quando eles tentam ensinar de maneira simples e transformam o conhecimento que poderia ser muito difícil em algo acessível ao entendimento dos alunos. Considera como características ruins em um professor: a atitude de se colocar acima dos alunos, de não estar aberto ao diálogo, de não ter flexibilidade para fazer mudanças, quando necessário. Considera que a maioria dos professores não estão preocupados em ajudar os alunos nas suas dificuldades particulares de aprendizagem.</p>
Sujeito 5	<p>Acredita que o professor seja uma figura importantíssima, pois é uma pessoa que traz informações que vão de alguma forma impactar o aluno e, portanto, considera que a influência dele seja muito grande na formação do aprendiz. Acredita que as principais influências do aluno dentro da educação veem da família e do professor. Acredita que um bom professor precisa ser interessado: na disciplina, em dar aula e no aluno. Considera desagradável quando o professor está ministrando uma aula e deixa transparecer para o aluno que não está com a mínima vontade de estar ali; entende que isso desmotiva o aprendiz. Entende que o professor precisa ser mais aberto, estar disposto a escutar o que o aluno tem para falar. Acredita que o professor precisa ter proximidade com o aluno, mas sem excessos, que se limite a questões educacionais, sem invadir a intimidade do aluno.</p>
Sujeito 6	<p>Acredita que o papel do professor na educação seja central, pois entende que o trabalho de um bom professor é muito importante para fazer com que o aluno goste da matéria. Considera que o que o desagrada em um professor é a atitude de se achar superior a tudo e a todos. Considera que se o professor não tiver uma boa dinâmica para dar aulas, de maneira que estas sejam motivantes para os alunos, estes em algum momento deixarão de prestar atenção, e irão ficar desanimados.</p>

Sujeito 7	Relata que desde o início do seu curso teve professores que se propuseram a ajudá-lo na sua formação. Relata que teve professores no ensino fundamental que foram importantes para sua formação, pois ajudaram que ele pudesse resgatar sua autoestima e pudesse confiar mais nele mesmo. Acredita que o empenho e a vontade de ensinar do professor podem ter reflexos na motivação e no empenho da turma. Acredita que os professores realmente conseguem promover mudanças positivas no desenvolvimento dos alunos. Considera que o professor em sala de aula é, naquele momento, a autoridade máxima e que ele deva ser uma figura exemplar dentro da sala de aula.
Sujeito 8	Considera que dentro da educação os professores são os agentes que mais motivam os alunos, mas são também os que mais desmotivam. Considera que têm muitos professores dispostos a ajudar os alunos, mas que têm muitos, especialmente os das áreas técnicas, que não se importam com eles.
Sujeito 9	Acredita que a figura do professor seja extremamente importante dentro do ambiente escolar. Considera que foi a ação dos professores que de certa forma modelou a sua forma de pensar e que o ajudou a ter uma direção. Acredita que o aluno confie muito no professor, para ele o professor é uma autoridade. Entende que o professor precise ser carismático, ser capaz de se comunicar bem com os alunos e de manter uma boa relação com eles, mas sabendo impor os limites para manter a disciplina. Acredita que alguns professores desmotivam os alunos a estudar ao invés de motivá-los.
Sujeito 10	Considera que podemos encontrar muitos professores que não têm interesse em dar a aula e o fazem apenas por obrigação. Relata que teve ótimos professores que o influenciaram e que lhes deixaram conhecimentos que levará por toda sua vida. Considera que o professor seja um guia para orientar o aluno em direção ao conhecimento. Relata que tenta ver o professor como um amigo, como uma pessoa próxima dele, mas sempre respeitando a hierarquia. Considera que um bom professor precisa: ser amigável, ter compreensão, ter paciência, não se exaltar e apoiar o aluno. Considera que um bom professor não deva querer demonstrar que está acima dos alunos. Relata que teve muitos professores que tiveram esse tipo de atitude, e que se sentiu totalmente desmotivado, e teve problemas acadêmicos por isso. Considera que os professores deveriam ter uma maior dimensão do quanto impactam a vida dos alunos, tanto de forma positiva quanto de forma negativa.
Sujeito 11	Relata que sempre teve muita dificuldade de aprendizagem e que os professores sempre o ajudaram muito. Acredita que o papel do professor seja muito positivo na vida do aluno. Relata que teve professores no ensino fundamental que voluntariamente o ajudaram a recuperar o seu déficit de aprendizagem na área de matemática e até o ajudaram a estudar para a prova do processo seletivo para o IFG.
Sujeito 12	Relata que não gosta de todas as matérias; acredita que os alunos não gostem de determinada matéria em função de experiências vividas; considera que essa experiência muitas vezes é dada pelo professor, portanto se o professor não proporciona boas experiências não tem como o aluno se sentir motivado. Relata que teve uma professora de matemática no ensino básico que causou impacto positivo na sua formação, inclusive a ajudou se preparar para o processo seletivo do IFG. Conta que pretende seguir a sua formação universitária na área da matemática por influência desta professora. Considera que o papel do professor é muito importante dentro da educação, considera que oitenta por cento da responsabilidade pela aprendizagem seja do professor, e o restante cabe ao aluno. Considera que o papel do professor seja guiar o estudante naquilo que ele precisa para o seu futuro. Acredita que a relação ideal entre professor e aluno precisa ter reciprocidade. Entende que a aprendizagem seja constante, que aconteça sempre, então se um professor se fecha para a opinião do aluno ele também está se fechando ao aprendizado que poderia ter com a fala daquele aluno, por não levar em consideração uma perspectiva sobre a qual não havia pensado. Acredita que um bom professor deva ter consciência da importância do seu trabalho, ter vontade de interagir com os alunos e sempre permitir que ele possa dar sua opinião sobre os assuntos em pauta.
Sujeito 13	Relata que tem uma relação ruim com a disciplina de história e que isso foi causado por um professor que teve, pois ele subestimava os alunos. Considera que os professores ajudam os alunos a superarem suas deficiências e que se sente mais segura na presença deles. Relata que teve vários professores que a incentivaram a estudar, a seguir atrás dos seus objetivos, portanto considera que os professores são uma inspiração. Entende que o professor é uma figura que acompanha o aluno desde que ele entra na escola, portanto ajuda a formar a identidade do aluno. Considera que o bom professor seja aquele que seja aberto ao diálogo, que seja aberto a sugestões. Entende que um bom professor deve ter a consciência que está em sala de aula para ajudar o aluno, para guiá-los no processo de aprendizagem, e que não é uma pessoa que está ali para reprimi-los. Relata que pretende se tornar uma professora de educação física, e que essa decisão tem a influência do grande trabalho que um profissional desta área fez na sua passagem pela escola.
Sujeito 14	Considera que, juntamente com a família, os sujeitos que mais influenciam os alunos são os professores. Acredita que isso se dê, porque muitas vezes o aluno passa mais tempo na

	<p>escola do que em casa. Considera que quando existem professores que conseguem uma boa conexão com os alunos, que se importam com eles, isso impacta as atitudes dos alunos em relação ao processo de ensino aprendizagem; entende que estes sujeitos contribuem para a construção das referências dos aprendizes, tanto no que tange a vida acadêmica quanto na formação de valores e atitudes. Acredita que quem pode resgatar o aluno que, de alguma maneira, está prejudicado dentro do processo de aprendizagem é o professor e que isso só é possível através de um bom nível de relação entre eles; não como se professor e aluno fossem os melhores amigos, mas uma relação que seja próxima o suficiente para que o professor possa perceber as particularidades de cada aluno, e assim poder ajudá-los a progredir. Relata que quando não consegue estabelecer uma boa relação com o professor se sente desmotivado e quando há essa boa relação se sente mais estimulado, mais motivado a aprender.</p>
Sujeito 15	<p>Relata que teve professores que o influenciaram de forma positiva na sua relação com a aprendizagem, mas nos diz que também teve professores que influenciaram de forma negativa. Considera que o professor tenha grande influência na forma como o aluno assimila o conteúdo, na forma como ele aprende. Entende que um bom professor precisa ter capacidade suficiente para separar os conhecimentos que são meramente reprodução mecânica de informações, daqueles que devem ser realmente ensinados aos alunos. Considera que para ser um bom professor é preciso ter um bom relacionamento com os alunos. Observa que o professor precisa ter noção de sua importância, mas sem deixar que isso suba à cabeça. Entende que deve ter consciência de que tudo o que ele fala é muito relevante para o aluno e que pode fazer a diferença na formação dele. Acredita que seja positivo em um professor ter a clara noção de que está trabalhando com outros seres humanos, e que estes são seres em fase de desenvolvimento, que estão se descobrindo e descobrindo o mundo. Considera que seja um fator complicador aqueles professores que dão aulas da mesma forma a décadas e que não estão predispostos a se atualizar. Considera que assim esses professores acabam batendo de frente com uma geração muito diferente da dele e por falta de flexibilidade se instala um conflito.</p>
Sujeito 16	<p>Considera que muitas vezes o professor é responsabilizado pelo desenvolvimento da turma, pois se ele não faz o seu papel bem, a turma não vai bem, entende que essa responsabilidade não é só do professor. Relata que desde muito cedo a profissão de professor lhe chamou atenção em função do exemplo de bons profissionais que passaram pela sua vida. Relata que desenvolveu um gosto significativo pela disciplina de história, pois teve um professor que a ensinava de maneira muito cativante e envolvente. Acredita que a atitude, e o exemplo do professor, como um profissional dedicado, também seja uma aprendizagem que o aluno leva para sua vida, pois pode tomá-lo como referência do tipo de profissional que gostaria de ser. Considera que após ir para escola passou a considerar os professores como seus segundos pais, pois sempre a ajudaram, seja dando punições de orelhas ou dando conselhos, e que isso lhe mostrou um caminho a seguir.</p>
Sujeito 17	<p>Relata que as matérias que mais gosta são em função de professores que teve durante sua formação. Considera que no IFG têm professores de nível intelectual muito alto, mas acredita que muitos já cansaram de dar aulas e considera que mesmo sendo inteligentes, quando se cansam, não são mais efetivos. Acredita que os professores precisam, além de ensinar o conteúdo, tentar se aproximar dos alunos para perceber quais são as suas dificuldades. Relata que suas maiores influências como estudante vieram da sua mãe e de alguns professores com os quais se identificava, pois estes o fizeram acreditar que estudar era importante. Acredita que o professor precisa entender que a época que ele estudou é diferente da atual, em vários aspectos: sociais, políticos, tecnológicos etc., e que ele precisa se adaptar mais à realidade desses novos alunos, para assim ser capaz de dar aulas melhores, que possam ser melhor assimiladas pelos alunos.</p>
Sujeito 18	<p>Relata que quando era criança e lhe perguntavam o que queria ser no futuro ela não sabia responder, mas sabia que não queria ser professora; porém observa que esta afirmação na verdade escondia a imensa admiração que tinha pelos professores. Acredita que o professor precise atrair a atenção do aluno, para assim ajudá-lo a ficar mais motivado e engajado no processo de ensino aprendizagem. Acredita que o fato do professor ter a prerrogativa de estar à frente de uma turma e, de alguma forma, poder ser ouvido por ela, lhe dá o poder de conseguir que o aluno preste atenção à informação que ele traz; entende que isso acontece quando o aluno quer, e que o tipo de abordagem que o professor utiliza, pode ajudar nesse querer.</p>
Sujeito 19	<p>Acredita que a função do professor seja ensinar e não como alguns dizem, educar; pois a função dos professores não é dar aquela educação básica relacionada ao respeito e aos modos dos alunos, entende que essa educação deve vir de casa. Relata que teve um professor da disciplina de ciências que marcou de forma positiva a sua trajetória como estudante, pois tinha uma atitude muito empática e sempre a incentivava a fazer o seu melhor, acreditava no potencial dela; considera que tal forma de tratamento a motivou muito a progredir nos estudos. Considera que o bom professor seja aquele que não cumpre apenas o seu papel de ensinar, mas aquele que se torna, sem excessos, um amigo dos alunos e se preocupa em ajudá-los. Entende que o professor precisa respeitar os alunos, e tentar perceber suas dificuldades e descobrir os motivos das suas deficiências. Considera que os professores são a esperança de que o processo de ensino aprendizagem</p>

	dé certo, pois os alunos vêm para as aulas porque são obrigados, pois muitas vezes não querem vir, e entende que a depender do trabalho do professor o aluno pode se interessar mais ou menos por determinados conteúdos.
Sujeito 20	Considera que o papel do professor seja indiferente. Relata que sempre viu o professor como alguém que está ali lhe ensinando porque está sendo pago para isso. Acredita que via o professor dessa forma porque tinha o incentivo da sua família no seu processo de aprendizagem e sempre foi uma aluna muito independente. Considera que o bom professor além da formação profissional, da didática e do nível de conhecimento, seja aquele que, independentemente do seu nível de graduação (licenciatura, mestrado, doutorado) tenha pelo aluno respeito e empatia. Considera que o bom professor precisa entender que o aluno não é uma máquina de receber conteúdos e de fazer provas e tarefas. Considera que o bom professor seja aquele que entende que o aluno é humano e as vezes pode estar passando por dificuldades pessoais.

Fonte: Elaboração própria.

Nas representações dos alunos, no que diz respeito ao professor e ao seu papel, temos um quadro geral bastante hegemônico, pois, muito mais do que o domínio do conteúdo ou o nível de formação, o que mais os alunos esperam da atuação dos professores é a empatia e uma boa capacidade relacional (12 sujeitos), e esperam que possa se desenvolver uma relação onde haja proximidade entre as partes (12 sujeitos). Mesmo que essa relação de maior proximidade represente a percepção da maioria dos alunos, 4 sujeitos concordam que ela deva ser próxima, mas que deve deixar os limites claros, para que não invadam a intimidade um do outro e nem se perca o respeito entre as partes.

Dentro deste quadro de empatia e de relações mais próximas e humanas os alunos (14 sujeitos) olham para os professores como uma referência para sua formação, seja no sentido técnico profissional, intelectual ou humano. Neste contexto destacamos algumas representações que não foram majoritárias, mas que ainda assim nos pareceram relevantes; 4 sujeitos consideram que o trabalho dos professores foi importante para que eles pudessem construir sua identidade e também o ajudaram a definir um caminho a seguir na sua vida profissional e pessoal; 4 sujeitos relatam que escolheram a carreira profissional que pretendem seguir em função da influência de um determinado professor.

Está implícito na fala de todos os entrevistados o potencial do professor de intervir na motivação do aluno para aprender; e neste contexto, 12 sujeitos, consideram que os professores sejam os principais agentes motivadores dos alunos para se engajarem no processo ensino aprendizagem; sendo que, 2 destes 12 sujeitos, acreditam que a ação dos professores pode tanto motivar quanto desmotivar os alunos, outros 2 consideram que os professores mais desmotivam do que motivam os alunos e os outros 8 entendem que a ação deles é motivadora. Dentro deste papel de agente motivador para o engajamento no processo ensino aprendizagem, 7 sujeitos, acreditam que o trabalho do professor pode, inclusive, fazer o aluno passar a gostar de um determinado conteúdo ou disciplina que antes não gostava.

A representação que nossos sujeitos têm de um bom professor tem como principais características: 1 - a empatia, capacidade de diálogo e a proximidade relacional com os alunos (14 sujeitos), 2 - competência didática para apresentar os conhecimentos para os alunos de uma maneira eficiente e interativa, sempre dando direito de fala para os alunos (9 sujeitos), 3 - o comprometimento com o trabalho e com os alunos (4 sujeitos). Entre os principais defeitos de um professor os alunos destacam: 1 - as atitudes de soberba e

desrespeito aos alunos e as suas opiniões (6 sujeitos); e em contraponto com as características positivas que foram elencadas, os entrevistados entendem que é negativo quando os professores não têm uma boa relação com os alunos, não têm empatia e nem capacidade de diálogo.

5.21.3. Conjunto dos resumos das entrevistas dos alunos e uma breve análise das principais representações - eixo 3.

Tabela 30.
Resumo das ideias das entrevistas dos alunos - eixo 3.

SUJEITOS	Eixo 3 - O aluno e suas características
Sujeito 1	Entende que o aluno precisa ter liberdade, mas também precisa ser direcionado pelo professor e pela escola. Entende que o aluno precisa entender que a educação não se limita a fazer provas e tirar notas. Relata que as vezes se sente desmotivado com metodologias que não agregam nenhum conhecimento a sua formação. Relata que grande parte da sua motivação para estudar vem de sua família e se dá pelo fato de seus pais não terem tido chance de estudar o suficiente e assim não conseguirem ter boas condições de vida. Relata que o que mais lhe motiva é a convivência social que a escola possibilita. Sua maior desmotivação é quando os ensinamentos ministrados não lhe agregam nenhum conhecimento e quando sente que antes conseguia pensar de modo crítico e gradativamente foi condicionado apenas a memorizar informações. Acredita que o bom aluno seja aquele que é pontual com suas obrigações e compromissos e que sabe organizar suas tarefas e atividades de forma a executá-las com eficiência; entende que um bom aluno também precisa ter responsabilidade. Entende que bom aluno não seja necessariamente aquele que tira nota dez, mas aquele que consegue extrair o máximo de informação útil daquilo que lhe foi ensinado. Relata que também se sente motivado ao acompanhar nas redes sociais pessoas que têm sucesso profissional, ou como estudante, e afirma espelhar-se nessas pessoas.
Sujeito 2	Considera que uma das coisas que mais o motiva é poder compartilhar os conhecimentos que obteve; e o que o desmotiva é o fato de o professor só julgar o aluno através da prova, de listas de exercício etc. Relata que suas maiores influências enquanto estudante veem dos seus pais, mas que muitos professores também o influenciaram durante sua trajetória acadêmica. Relata que entre suas maiores influências como estudante está um professor de física que teve, relata que já tinha um interesse em prestar vestibular para esta área, e que depois de cursar essa disciplina teve certeza. Considera que a educação que recebeu satisfaz suas expectativas como estudante e que se percebe uma pessoa muito melhor do que quando entrou na escola. Entende que para ser um bom aluno é necessário entusiasmo para aprender, que é necessário vontade, ter gosto pelo que faz.
Sujeito 3	Considera que o momento político que passamos, que desvaloriza a educação, acaba desmotivando o estudante. Usa como forma de motivação a estratégia de encarar a educação como um processo que vai formá-la não só para o presente, mas para o futuro. Considera que o que mais a motiva a estudar é “querer ser alguém na vida” e também a intenção de se especializar em alguma profissão na qual possa ajudar as pessoas. Considera que os seus maiores motivadores para o estudo são seus pais. Acha desanimador a avaliação do aprendizado se resumir as respostas que o aluno apresenta em uma prova. Acredita que o bom aluno não é necessariamente aquele que tira notas altas, mas aquele que tem vontade de aprender e se esforça para isso. Considera também que um bom aluno precisa ter uma visão ampla para enxergar que existem muitos caminhos diferentes, muitas possibilidades.
Sujeito 4	Relata que a educação não o motiva, pois a prioridade dela é apenas conferir ao aluno um diploma, e não entende que isso seja necessariamente educação; considera que este processo não seja nada prazeroso. Entende que a educação não atendeu suas expectativas, pois acreditava que ela o transformaria e lhe traria conhecimentos para sua vida, e considera que isso não aconteceu. Considera que não teve muita influência dos seus pais na sua forma de ver a educação. Não acredita que o bom aluno seja necessariamente aquele que tira as melhores notas, considera que seja aquele: que sabe interagir, que trata as outras pessoas de forma igual, que não vai causar nenhum tipo de dano emocional ou físico a elas etc., acredita que seria aquele sujeito que aprende o conteúdo e não apenas o memoriza.

Sujeito 5	<p>Considera que o exemplo de seus pais, que conseguiram melhores condições de vida em função do estudo, serve de motivação para ela se engajar no processo ensino aprendizagem. Relata que outro fator que também a motiva é a intenção de dar orgulho aos seus pais. Considera que a instituição de ensino, (IFG) também, é um fator que a faz ficar motivada para estudar. Considera um pouco desmotivante o fato de que na instituição muitas vezes o aluno é deixado sozinho e tem que aprender a estudar por conta própria. Relata que tinha muitas expectativas em relação ao ensino médio e muitas foram quebradas de forma negativa, mas outras tantas de forma positiva. Acredita serem características importantes para ser um bom aluno: a responsabilidade em relação ao seu aprendizado e a vontade de aprender.</p>
Sujeito 6	<p>Relata que ultimamente não está muito motivado, está com certo desânimo, em função de os estudos estarem exigindo muito dele. Relata que tem despendido muito tempo dentro da escola e que gostaria de ter tempo livre para fazer outras coisas. Relata que a pessoa que mais o influenciou nas suas concepções sobre educação foi seu pai e que ele sempre o incentivou a querer aprender e a fazer o seu melhor, inclusive serviu de referência para sua escolha profissional. Acredita que o bom aluno deva ter as seguintes características: “educação”, respeito, companheirismo e comprometimento.</p>
Sujeito 7	<p>Relata que sua maior influência para se dedicar aos estudos vem do seu padrasto e que ele sempre o incentivou muito, relata que se dirigiu à formação técnica por influência dele, e que inclusive a escolha da área profissional também foi por essa influência. Acredita que o aluno precisa ter interesse e determinação para buscar o conhecimento.</p>
Sujeito 8	<p>Acredita que o aluno precisa ter bastante interesse, entende que não adianta reclamar do professor se o aluno não contribuir para garantir a qualidade da aula. Considera que o que o atrai para o aprendizado seja a própria matéria que está sendo estudada, o assunto que está sendo abordado; considera que tem certos conteúdos que não atraem os alunos, e acabam não sendo motivantes. Relata que particularmente não se acha um aluno motivado. Considera que todo o processo de ensino, de aprendizagem e de avaliação, sejam desmotivantes. Relata que sua mãe sempre o incentivava, ela sempre lhe dizia para estudar para ser alguém na vida, e que isso era uma motivação.</p>
Sujeito 9	<p>Considera que por ser uma pessoa muito independente e muito focada nos estudos, que seus pais não precisaram intervir muito na sua relação com o processo ensino aprendizagem. Acredita que um bom aluno precisa saber interagir com os colegas e que precise tratar a educação com seriedade para realmente conseguir aprender. Acredita que o aluno precisa ter foco, aprender a fazer interrelações entre os conhecimentos que aprende e assim poder conseguir fazer uma aplicação daquelas habilidades que foram aprendidas durante o curso na sua vida real.</p>
Sujeito 10	<p>Relata que se considerava um bom aluno e hoje não se considera mais, pois foi se desmotivando da educação, e um dos principais fatores foi o sistema de avaliação. Considera que perdeu seu potencial, que era grande, e hoje se vê deprimido em função disso. Relata que atualmente se sente desmotivado de vir à escola, e que isso não é porque não queira aprender, não é porque não queira ter um bom futuro, mas que a desmotivação é porque não vê objetivo, não vê razão de vir para a escola, pois entende que o que está aprendendo não faz sentido para ele e que não terá utilidade. Relata que sentiu um pouco a ausência de seus pais durante seu processo formativo. Considera que um bom aluno precise ter uma boa bagagem cultural e acadêmica e ter tempo e vontade de se dedicar aos estudos.</p>
Sujeito 11	<p>Considera que os alunos no Brasil não são muito bem educados, pois vê nos noticiários que alguns agredem os professores, que outros têm comportamentos inadequados para o espaço da escola e acabam prejudicando a qualidade dos trabalhos. Relata que sofreu bullying em função da sua maneira de falar e do seu óculos de grau forte e que isso o desmotivava e entristecia. Considera que já foi muito mais motivado para estudar, mas as responsabilidades vão aumentando, e como é o mais velho de uma família com quatro irmãos e sua mãe é solteira, sempre tem que ajudar em casa e isso, muitas vezes, dificulta o seu foco nos estudos. Relata que além dos problemas inerentes ao processo formativo da escola sempre teve problemas de ordem familiar. Relata que tem duas tias maternas que foram decisivas na sua visão sobre a educação, pois elas sempre o incentivavam. Relata que toda sua família veio da zona rural, e que são de classe social baixa e que a maior motivação para o estudo sempre foi a busca de um futuro melhor.</p>

Sujeito 12	Relata que muitas vezes não se sente motivada. Considera que de certa forma essa desmotivação advenha da falta de incentivo à educação. Considera que nas disciplinas das quais não gosta o motivo seja a falta de incentivo do professor. Considera que o principal fator que mais a motiva para se engajar no processo de ensino aprendizagem seja o fator social, as próprias condições do Brasil; e que se representa no fato de o estudante querer um futuro diferente daquilo que seus pais vivenciam. Relata que dentro da sua família o principal incentivo vem da sua mãe. Considera que para ser um bom aluno é necessário persistência para se manter focado no seu objetivo pessoal e profissional. Entende que um bom aluno precise ter também flexibilidade para aceitar os conteúdos e refletir sobre eles. Considera então que o bom aluno é aquele: que tem a intenção de aprender, que se esforça para atingir o conhecimento, que se doa, aquele que sabe valorizar os conhecimentos que são levados pelos professores e não necessariamente aquele inteligente.
Sujeito 14	Considera que o desafio em aprender determinado conteúdo é o que mais o motiva, e entende que a partir desta atitude, tomou gosto pela aprendizagem. Relata que passou a encarar a escola como um desafio, porque considera que é algo que vai diferenciá-lo e permitir que ele atinja altos padrões de conhecimento e possivelmente melhores condições de vida no futuro. Destaca, como condição motivadora, o fato de sua mãe ser professora e de ter boas condições sociais que lhe permitiram acesso a uma boa cultura familiar. Considera que a influência da sua família, na sua identidade como estudante, não foi assim tão relevante, entende que ela é subjetiva, individual. Entende que as condições objetivas que teve, em termos financeiros e culturais, foram muito importantes para o seu desenvolvimento e para sua visão sobre a educação, mas relata que sua irmã, que teve exatamente as mesmas condições, tem uma visão completamente diferente da sua. Considera que um bom aluno precise ser muito participativo e dedicado, focado em aprender; e que também precisa ser respeitoso com os professores.
Sujeito 15	Não se sente motivada em estudar no IFG em função dos moldes de ensino, com os quais ela não concorda e nem consegue se adaptar a eles. Acredita que, por não se encaixar nos moldes, o ensino que é ministrado não a ajuda a desenvolver-se. Considera que sua motivação está nela mesma e reside no fato de se conhecer o suficiente para saber do que gosta ou não e também da consciência que tem de que o mundo é bem maior do que a escola. Considera que sua trajetória no ensino foi um processo de quebras de expectativas que a fizeram se deparar com a realidade. Acredita que seja importante o aluno ter um bom autoconhecimento, pois assim saberá a maneira pela qual consegue aprender melhor.
Sujeito 16	Considera que dentro do IFG nunca se sentiu motivada a estudar, entende que o fato de não se identificar com seu curso seja um fator interveniente e, também, o fato de acreditar que não se encaixa neste “molde” de educação que é oferecido. Relata que estas situações a fizeram desenvolver o pensamento de que não conseguiria se sair bem em nada. Considera que muitos dos ensinamentos que assimilou, e os conceitos que tem sobre educação, vêm dos seus pais. Considera que o esforço dos seus pais para garantirem que tivesse uma boa educação, faz com que queira retribuir essa dedicação, pois percebeu o quanto eles trabalharam e se esforçaram para isso. Relata que veio para o IFG com muitas expectativas, mas que no decorrer do processo acumulou muitas frustrações. Considera que o aluno exemplar é aquele que cultiva o respeito e o bom senso. Observa que a motivação que muitos alunos de condições financeiras ruins, trazem para a educação está ligada ao fato de “não terem nem onde caírem mortos”, se não fossem por seus pais, e que assim precisam focar em se educar para fugirem dessa realidade.
Sujeito 17	Relata que não se sente confortável dentro do ensino médio, em função do modelo de organização das disciplinas, pois se vê obrigado a estudar uma grande quantidade de conteúdos que não lhe interessam. Relata que não se sente um aluno motivado, pois não gosta da grade curricular oferecida no ensino médio, entende que ela não atende os alunos. Considera que por não ter conseguido lidar bem com a mudança de escola e com a liberdade oferecida acabou sendo reprovado por duas vezes. Considera que a sua motivação seja algumas matérias bem específicas e o ambiente que a escola oferece. Considera que pelo apoio que teve de sua mãe que era professora teve um desenvolvimento tranquilo no seu ensino fundamental. Relata que por parte do seu pai a influência veio por ele mostrar o quanto a educação poderia ser importante para um bom emprego no futuro. Considera que o estereótipo do bom aluno é aquele que: não conversa muito com os outros, que fica sentado no seu lugar, que está sempre prestando atenção no professor, aquele aluno que não tem vida social, que não namora etc., mas acredita que na verdade é importante haver um equilíbrio entre a vida social e a vida acadêmica. Não acredita que notas boas sejam o que mais represente um bom aluno, pois considera que as pessoas podem ter habilidades melhores ou piores em áreas diferentes. Considera que saber o que quer já facilita muito o envolvimento no processo educativo.

Sujeito 18	Considera que sua maior influência nas suas concepções sobre educação vêm dos seus pais. Relata que ainda não desistiu da escola em consideração aos seus pais, pois se não fosse por eles já teria desistido. Considera que o aluno está em um espaço público, onde o objetivo é estudar, portanto deve ter o respeito ao direito dos outros e saber se comportar para não atrapalhar a aprendizagem dos demais. Acredita que o bom aluno também precisa saber estudar os conteúdos fora da sala de aula; acredita que precisa saber pesquisar para aprofundar seus conhecimentos. Acredita que cada aluno tem o seu limite, mas que o bom aluno é aquele que se esforça ao máximo para desenvolver uma boa aprendizagem. Acredita que um bom aluno deva escutar o que o professor tem a dizer, que deva seguir a proposta do professor, pois ele estudou para desenvolver a tarefa de ensinar e deve saber o que está fazendo. Relata que no início de sua vida escolar teve dificuldade de gostar da instituição, de ter vontade de estudar, pois a maneira pela qual as disciplinas eram ensinadas não faziam com que ela quisesse aprender.
Sujeito 19	Entende que o que a motiva a estudar seja quando realmente se apaixonou pelo conteúdo. Considera que o que a desmotiva seja quando tem aulas onde o professor não tem motivação para ensinar. Relata que também se frustrou com o alto grau de exigência acadêmica e pelo fato do excesso de importância que é dada as notas. Considera que seu pai a influenciou muito mais do que sua mãe. Relata que seu pai sempre falava que estudar era absolutamente necessário e que lhe possibilitaria conhecimentos que a acompanhariam por toda a vida. Relata que sente o peso da cobrança e da expectativa da família; sente essa cobrança principalmente na limitação da escolha de uma futura profissão, pois sempre tentam direcioná-la para algo que possibilite uma boa remuneração, mesmo se for algo que ela não goste. Considera que o bom aluno é aquele que quer estudar, que quer aprender, independentemente da nota.
Sujeito 20	Se considera uma aluna motivada e atribui a sua motivação ao fato de pretender ter uma boa condição financeira e uma boa qualidade de vida no futuro. Relata que a pressão social para o aluno sempre tirar boas notas, para ingressar em uma universidade etc., a desmotivam. Relata que sua maior influência para estudar vem da sua família, pois, especialmente o seu pai, teve muita dificuldade para conseguir ter uma boa condição financeira, e atribui isso à falta de estudos; Considera que este incentivo, às vezes, se torna ambíguo, pois o que era para ser incentivo acaba se transformando em pressão e cobranças. Considera que o bom aluno seja aquele que tenha disposição para aprender; entende que um bom aluno também precise ter humildade para reconhecer quando está errado e ter disposição para corrigir esses erros.

Fonte: Elaboração própria.

Nesta parte de nossa investigação apresentamos as informações de como os próprios alunos se vêem, os principais pontos que serão destacados são: as influências que tiveram nas suas concepções e motivações dentro da educação, suas motivações e desmotivações para aprender e suas concepções de quais são as características de um bom aluno.

As principais influências sobre as representações dos alunos sobre o que é a educação e qual a importância vem do ambiente familiar. Todos os 20 sujeitos entrevistados fizeram alusão a esta influência, sendo que 16 sujeitos dão a entender que ela foi positiva e os ajudou a se engajar no processo ensino aprendizagem; destes 16 sujeitos 4 consideram que a motivação está em superar as dificuldades socioeconômicas que os pais vivenciaram por não terem tido a oportunidade de uma melhor formação escolar, 1 destes 16 sujeitos destaca como motivação o exemplo de êxito dos pais por terem conseguido melhorar de vida em função do acesso à educação. Dos outros 4 sujeitos que completam o nosso grupo de 20 entrevistados 2 deles consideram que as suas concepções sobre educação não foram influenciadas pelos seus pais, 1 relata que foi uma influência moderada e outro entende que não houve influência. Relembramos que no eixo anterior (eixo 2 - Identidade profissional e representações sobre o papel do professor) muitos alunos destacaram que juntamente com a família os professores foram seus maiores influenciadores e motivadores para o engajamento no processo ensino aprendizagem.

Neste trecho apresentaremos os resultados sobre os elementos que motivam e desmotivam os alunos a se engajarem no processo ensino aprendizagem, ressaltamos que como vários dos entrevistados apresentaram mais de um fator influenciador o total de fatores será maior que o número total de sujeitos.

Dentre os fatores que mais motivam os alunos a se engajarem no processo ensino aprendizagem estão os pais, como já foi apresentado no parágrafo acima; que além de influenciar as concepções dos alunos sobre educação também foram considerados como agentes motivadores. Destacamos a fala de duas alunas que consideraram que esta motivação, às vezes pelo excesso de expectativa e cobrança, se tornam negativa, e o fator motivante se transforma em desmotivante. Aparecendo como uma representação relevante, 9 sujeitos, destacaram que a expectativa de conseguir bons empregos e melhores condições de vida são os fatores que mais os motivam a estudar; 5 sujeitos consideram que os próprios conteúdos são elementos que servem como fator de motivação; 5 sujeitos, sendo todas mulheres, destacaram que um dos seus principais motivos de se engajarem no processo ensino aprendizagem é dar orgulho aos seus pais em retribuição ao empenho feito para que elas pudessem estudar.

Dentre os fatores que mais desmotivam os alunos a se engajarem no processo ensino aprendizagem, 5 sujeitos, consideram que sua desmotivação esteja relacionada a questões metodológicas, à grade curricular e a modelos de ensino inadequados. Por entender que contribuirão para nossas reflexões apresentaremos aqui outros fatores desmotivadores que foram citados por um pequeno número de sujeitos: conteúdos não aplicáveis e desinteressantes (3 sujeitos), pressão por notas e aprovação nos exames de acesso à universidade (3 sujeitos), processos avaliativos inadequados (2 sujeitos), políticas públicas de educação ruins (1 sujeito), bullying (1 sujeito), falta de incentivo do professor (1 sujeito) e falta de motivação do professor (1 sujeito).

Neste trecho apresentamos as representações dos alunos sobre as características que um bom estudante deve possuir. Cada entrevistado poderia elencar livremente quantas características quisesse, portanto o número total delas será maior que o número total de sujeitos. Na perspectiva dos alunos as características para ser um bom estudante estão ligadas a atitudes que estes devem ter frente ao processo educativo: vontade (3 sujeitos), esforço (3 sujeitos), interesse (3 sujeitos), respeito (3 sujeitos), responsabilidade (2 sujeitos), foco (2 sujeitos), saber escutar o professor (2 sujeitos); as demais características foram citadas por apenas um sujeito: dedicação, entusiasmo, determinação, comprometimento, seriedade, persistência, flexibilidade, participação, ser capaz de aplicar os conhecimentos recebidos, ter boa bagagem cultural, capacidade colaborativa, estar aberto ao conhecimento, disposição para pensar diferente, boa relação com o professor, autoconhecimento para saber como aprender, bom senso, equilíbrio entre vida social e acadêmica, saber estudar fora do tempo de aula, saber pesquisar, querer estudar, querer aprender, disposição para aprender, aproveitar a aprendizagem ao máximo, capacidade de interagir, capacidade de aprender e não só memorizar. Consideramos que muitas destas atitudes citadas apontam para características semelhantes do que seja um bom aluno, portanto apesar de usarem palavras diferentes entendemos que exista certa concordância

entre as concepções dos nossos entrevistados. Destacamos um ponto que nos pareceu relevante: 7 sujeitos destacaram em suas entrevistas que o bom aluno não é só aquele considerado inteligente ou aquele que tira boas notas.

5.21.4. Conjunto dos resumos das entrevistas dos alunos e uma breve análise das principais representações - eixo 4.

Tabela 31.
Resumo das ideias das entrevistas dos alunos - eixo 4.

SUJEITOS	Eixo 4 - As relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem
Sujeito 1	Considera que haja uma desconexão entre professor e aluno dentro do processo educativo. Entende que os professores precisam estar mais atentos as especificidades de cada aluno. Considera que seja importante o professor tentar entender o que o aluno pensa e como ele consegue apreender as informações mediadas. Considera que uma boa atuação do professor pode ajudar o aluno a desenvolver autonomia para aprender. Considera que um dos motivos para a educação não funcionar tão bem seja a falta de compromisso dos alunos; e também a falta de interesse dos alunos e dos professores pela educação. Entende que consegue melhor desempenho e dedicação em áreas pelas quais tem mais afinidade. Considera que a influência dos colegas de turma no processo ensino aprendizagem seja significativa. Entende que muitas vezes os alunos quando desenvolvem uma relação mais próxima com a turma, de certa maneira, assumem as motivações e desmotivações dos colegas. Entende que o professor e a instituição precisam apontar para o aluno uma direção a seguir. Considera que o aluno precisa aprender a lidar com a sua liberdade de forma responsável. Considera que a importância da educação não pode se sustentar simplesmente na obrigação de repetir conhecimentos em uma prova; e que o papel do professor é se aproximar do aluno para conseguir ajudá-los a superar suas dificuldades e mostrar a importância desse conhecimento para além dele ser repetido em um processo avaliativo. Relata que muitas vezes o professor tem uma atitude de soberba em relação aos alunos, em função de ter um diploma: de mestrado ou de doutorado; e que a partir dessa prerrogativa se dá ao direito de impor os seus pontos de vista sem abrir espaço para o diálogo com os alunos. Relata que vê a educação como uma obrigação, que está cansado e gostaria de estudar outras coisas diferentes do que a escola lhe impõe. Considera que a internet deixou as informações muito acessíveis para os alunos, mas eles não sabem buscá-la; entende que é necessário que o aluno deixe de usar a internet somente para entretenimento.
Sujeito 2	Considera que não são todos os professores que conseguem ajudar os alunos nas suas dificuldades pessoais em relação ao processo de aprendizagem. Considera que a burocracia institucional impede que os professores possam usar metodologias diferentes para poder motivar mais os alunos. Considera que no final do ensino médio os alunos perdem o entusiasmo pelos estudos, entende que um dos motivos é o fato de serem julgados somente a partir da nota. Considera ser bastante interessante aulas interativas, onde não é só o professor que fala. Entende como importante e relevante a atitude de alguns professores que tentam mostrar para os alunos a importância do processo ensino aprendizagem para sua formação enquanto seres humanos. Apesar de se avaliar como um bom aluno admite que se o assunto não lhe interessa não estuda muito. Considera que os alunos precisem aprender a usar a internet de forma comedida para assim ela não prejudicar os seus estudos.

Sujeito 3	<p>Entende que várias atividades que são desenvolvidas, fora da sala de aula, lhe deram a oportunidade de ter novos aprendizados. Considera que uma coisa negativa que a marcou durante o ensino médio foi lidar com uma quantidade grande de cobranças e pressões. Entende que esse excesso de cobranças faz com que os alunos acabem desenvolvendo muitos problemas psicológicos. Entende que as escolas precisam prestar maior atenção aos seus alunos e não se preocuparem tanto só com os resultados. Relata que o que mais gosta em um professor é a forma com que ele transmite o conhecimento e também a relação que ele cria com os alunos. Relata que não gosta muito de aulas monótonas, onde apenas o professor fala, que isso a faz ficar desmotivada. Relata que mesmo quando é uma matéria mais difícil, mas que o professor trabalha de uma forma alegre e interativa o aluno consegue se envolver mais e se sente mais motivado. Relata também que não se esforça tanto em matérias que ela entende que não farão diferença na sua vida, assim só se preocupa em obter nota para ser aprovada. Considera que dentro do processo educacional o que mais lhe irrita é como o processo avaliativo é conduzido. Considera que os alunos não têm voz dentro da escola e quase nunca são ouvidos. Observa que muitos professores consideram que não tem obrigação de agirem como se fossem pais dos alunos; considera que a alegação é justa, mas pondera que também não devem tratar os seus alunos como se fossem máquinas, e entende que poderiam ter uma relação mais próxima, mas acredita que alguns professores têm medo dessa proximidade. Acredita que o fato de os alunos sempre terem aulas com os mesmos professores durante o ano letivo acaba criando vínculos afetivos entre eles, acredita que se desenvolve uma relação de respeito e que essa relação favorece o processo de aprendizagem. Acredita que os colegas e o ambiente de sala de aula podem influenciar muito na aprendizagem dos alunos, tanto de forma positiva quanto de forma negativa. Considera que a internet pode ser uma ferramenta útil no aprendizado, mas que, muitas vezes, é difícil utilizar porque ela traz muitas informações que não são verdadeiras. Considera que a sua geração é uma geração que procrastina muito, e que um dos motivos que atrapalha a dedicação aos estudos é o celular. Entende que isso se dá porque muitas vezes o aluno acha o celular, ou as formas de interação que ele traz, muito mais interessantes do que estudar.</p>
Sujeito 4	<p>Considera que muitos conteúdos ministrados são inúteis para a vida do indivíduo, e só se prestam a serem repetidos em processos seletivos para acesso à universidade. Acredita que este modelo tradicional de educação prioriza que o aluno apenas memorize os conteúdos, e não que ele tenha raciocínio lógico. Relata que para ele o ideal seria que a educação tivesse mais atividades práticas e fosse dividida em áreas de conhecimento. Relata que o que considera positivo na educação é a possibilidade da convivência com outras pessoas, na sala de aula e fora dela. Considera que a falta de motivação, de muitas pessoas, para a educação acaba fazendo com que eles usem o celular, as redes sociais, ou várias outras mídias disponíveis na internet, como uma fuga dessa realidade que os desagrada; e entende que parte da culpa disso seja da própria escola. Acredita que a escola tenta sempre colocar as pessoas em um mesmo nível, sem levar em conta que são sujeitos diferentes em vários aspectos. Entende que se o aluno não tiver motivação para estudar acabará abandonando a escola e associará o estudo a algo que não vale a pena. Observa que muitos conhecimentos que ainda são ensinados são muito antigos e ultrapassados. Acredita que a questão do coletivo da turma seja um fator pouco influenciador no aprendizado; acredita então que a influência que a sala tem sobre uma pessoa seja muito menor do que de outros grupos exteriores a escola nos quais o aluno convive.</p>
Sujeito 5	<p>Acredita que as tecnologias podem intervir na aprendizagem, tanto positivamente quanto negativamente. Acredita que a aula precisa ser mais descontraída, mas sem exageros para que não se perca o foco. Observa que, muitas vezes, começa a gostar de determinada matéria quando percebe que o professor gosta de ensiná-la, quando ela é apresentada de forma empolgante. Relata que conseguiu ter maior clareza do que fazer no futuro, durante seus estudos no IFG, principalmente nas atividades extra sala de aula, acredita que ter acesso a estas várias oportunidades de aprendizagem lhe permitiram enxergar as suas opções com maior clareza. Acredita que o seu trânsito pela instituição lhe marcou e fez com que ela se tornasse a pessoa que é hoje. Acredita que o professor precisa procurar saber das dificuldades e facilidades do aluno no que tange ao aprendizado da matéria, para assim poder ajudá-lo. Considera que temos várias tecnologias disponíveis e que essa educação precisa ser adequada ao aluno de hoje, entende que essa adequação poderia ajudar a desenvolver uma relação melhor entre professor e aluno. Acredita que os colegas de turma são elementos influenciadores na qualidade da aprendizagem.</p>

Sujeito 6	<p>Considera que o uso descomedido das tecnologias pode atrapalhar os estudos e o aprendizado, mas entende que se forem utilizadas de forma adequada podem auxiliar o aluno. Relata que mudou seu modo de pensar sobre a importância da educação e da escola quando percebeu que é possível aprender de verdade e que esses conhecimentos podem ser usados no dia a dia. Considera que quando o aluno tem aulas onde o professor não desenvolve uma didática dinâmica, ele nem quer ir para as aulas dele. Acredita que os colegas de turma podem influenciar na qualidade da aprendizagem, pois entende que não é sempre que o professor pode ajudar cada aluno de forma particular e que os alunos podem suprir esta impossibilidade se ajudando mutuamente. Acredita que seja importante o professor deixar claro o que espera da turma, e entende que também seja importante ele buscar informar-se sobre as expectativas dos alunos. Acredita que seria produtivo se o professor tivesse disponibilidade de horário para tentar ajudar os alunos em suas dificuldades pessoais. Acredita que a relação entre professor e aluno precisa ser de respeito e que este respeito pode dar maior liberdade para ele fazer perguntas e ser respondido pelo professor; entende que assim o aluno tende a prestar muito mais atenção às aulas.</p>
Sujeito 7	<p>Acredita que as tecnologias da informação às vezes ajudam o aprendizado, mas também podem atrapalhar. Considera que quando o aluno está usando a internet para suas pesquisas ele recebe muitas informações que tendem a tirá-lo do foco e que muitas vezes ele se rende a outras informações que não são pertinentes ao seu estudo. Considera que as pesquisas na internet foram reduzidas a uma atitude de copiar informações sem nem pelo menos lê-las de forma crítica. Acredita que a comunicação entre professor e aluno é importante e que o aluno precisa ter respeito até mesmo para conversar com o ele. Considera negativo que muitos professores julguem seus alunos por suas falhas sem avaliar quais foram as causas delas. Considera que muitas vezes os professores não conseguem ter empatia com os alunos e não percebem que muitas dificuldades que eles apresentam em sala de aula advêm de suas realidades de vida. Considera que outra questão negativa é quando o professor utiliza didáticas muito ultrapassadas. Acredita que quando o professor usa uma didática diferente, um método de ensinar diferente, isso anima cada aluno em particular e a turma como um todo. Considera que este tipo de interação mais motivante pode despertar o interesse do aluno por determinada matéria. Acredita que a turma enquanto coletivo na sala de aula influencia a qualidade do aprendizado, pois considera que ali seja formada uma pequena sociedade. Acredita que o diálogo do professor com a turma seja importante para que ele tenha parâmetros para mudar a sua metodologia quando for necessário; entende que isso é positivo tanto para os alunos quanto para os professores, pois assim os alunos ficarão mais comprometidos com a aprendizagem.</p>
Sujeito 8	<p>Considera que o uso das tecnologias de forma moderada pode ajudar o aluno no seu processo de aprendizagem, faz tal observação porque observa que muitas vezes o estudante as usa só para fins particulares e desvia o foco. Considera que didaticamente o professor deve ter um equilíbrio; entende que deve passar matéria no quadro, explicar dentro da forma tradicional, mas considera que também não deve ficar só nisso. Entende que é interessante ele tirar uma aula do mês ou da semana para fazer dinâmicas que possam interagir melhor com os alunos. Entende que isso seja interessante porque normalmente só o professor fala, ele não interage nada com os alunos. Entende que essa forma de trabalho mais interativa pode ajudar a quebrar a barreira que existe entre professor e aluno. Considera que há o desinteresse do aluno e que há o interesse do professor; que não pode culpabilizar o professor, mas entende que por causa dessa falta de conhecimento do ponto de vista do aluno a aula acaba ficando muito pesada e desgastante. Acredita que o professor precisa conhecer cada aluno, mas precisa saber o limite para não invadir o espaço pessoal dele. Considera que essa maior proximidade pode criar laços de afinidade entre professor e aluno e facilitar o processo ensino aprendizagem. Considera, no que tange a influência dos colegas no processo ensino aprendizagem, que pode haver uma ou outra influência negativa, mas que de modo geral ela é positiva.</p>

Sujeito 9	<p>Considera que o acesso à internet colabora com a aprendizagem, mas com restrições, entende que a quantidade de informações é muito ampla e que pode acabar sendo uma distração. Acredita que as várias mídias, que permitem acesso às informações, estão aumentando muito rapidamente, e que portanto a escola precisa aprender a mediar esse tipo de situação. Considera que nas aulas o aluno sempre fica escutando o professor falar sem direito a se posicionar, pois ele é visto como uma autoridade inquestionável e com a qual não se pode discutir nada. Relata ter uma grande crítica à matemática do ensino médio, pois entende que ela não prepara para a vida, apenas apresenta uma infinidade de regras que o aluno tem que aprender. Considera que o processo ensino aprendizagem se baseie muito na ação de memorizar informações, e que não têm muita aplicação real. Considera que nunca aprendeu de verdade, pois tudo é feito de maneira muito mecânica. Entende que a comunicação entre professor e aluno precise ser um caminho de mão dupla, onde os professores façam a mediação do conhecimento, mas onde os alunos possam ter suas próprias opiniões. Considera que dentro do IFG tenha vários outros espaços formativos, extra sala de aula, que permitem que os alunos possam desenvolver novas habilidades e conhecimentos. Observa que quando tem um professor pouco flexível, que não tem contato com a turma, que fica sempre na mesmice teórica, que sempre fica escrevendo algum conteúdo no quadro para os alunos anotarem, tudo isso desestimula o aluno a estudar. Entende que o professor precise mostrar para o aluno que ele pode confiar no que ele está ensinando, portanto ser uma figura confiável. Considera que esta relação precisa ser realizada, mas sem o professor agir com soberba ou desrespeitar os saberes dos alunos. Acredita que as relações entre os pares dentro da sala de aula contribuem para a aprendizagem e para o amadurecimento dos estudantes. Entende que quando temos uma turma que grande parte está desmotivada, o aluno fica desmotivado, e quando temos uma turma motivada o aluno fica motivado. Considera que o aluno aprende a levar em consideração a opinião dos outros, principalmente os do seu círculo de relações mais próximo. Entende que o professor precise deixar claro os seus pontos de vista sobre determinado conteúdo, não de forma doutrinária, mas sempre mostrando os vários pontos de vista sobre a mesma questão, para que assim o aluno possa aprender e pensar de forma plural e não se limitar a repetir as opiniões do professor.</p>
Sujeito 10	<p>A motivação que lhes é apresentada para estudarem determinados conteúdos é que, teoricamente, aqueles conhecimentos serão importantes no futuro. Entende que, na realidade, o aluno é “motivado” a estudar horas e horas para atender a um único objetivo, que é conseguir responder questões em um exame seletivo para o acesso à universidade; e que além de todo o estresse gerado, fazem o aluno acreditar que se ele não for bem sucedido neste processo, não terá um bom futuro. Relata que em busca de conhecimento muitas vezes estuda por conta própria, sem ser em função de uma nota e que assim não trata o processo de aprendizagem como se fosse um castigo (que é como ele percebe o processo na escola) e assim se sente feliz em aprender. Acredita que a relação entre professor e aluno precisa ser boa e amigável, porém os alunos têm que ter respeito e saberem que de certa forma o professor está acima deles. Enfatiza a questão da relação amigável com o professor, por acreditar que sem ela o aluno vai se sentir desmotivado em comparecer as aulas, em despendar seu tempo para estudar aquela matéria. Considera muito desmotivador o aluno ter de acordar as sete horas da manhã para vir a uma aula onde o professor é pouco amigável e não respeita o aluno. Relata que os colegas de classe também tiveram um impacto muito grande no seu crescimento pessoal, considera que para ele esse impacto foi positivo. Acredita que para as aulas serem melhores deveria haver mais aulas práticas e conhecimentos aplicados e aplicáveis.</p>
Sujeito 11	<p>Acredita que o hábito dos alunos usarem as tecnologias da informação, especialmente os jogos, atrapalha muito a concentração deles no processo de aprendizagem, pondera que têm ferramentas, como as redes sociais, que podem ser úteis. Considera que o Youtube também pode ser útil; pois entende que nele podem ser encontradas videoaulas que podem ajudar os alunos. Considera que sempre viu a escola como uma possibilidade de fazer novos amigos; e entende que foi positivo o fato de realmente ter feito vários amigos. Relata que os professores sempre tentaram orientá-lo como deveria fazer para se desenvolver nos seus estudos. Considera que na relação professor aluno o que acha mais importante é a parceria. Considera que o ponto mais negativo em um professor é quando parece que ele se acha superior aos alunos em função de sua graduação. Relata que gosta de aulas onde o professor é animado, e que transmite essa animação para a turma; aulas onde ele se comunique com os alunos e procure sempre motivá-los. Relata que teve muitos amigos que o ajudaram no seu desenvolvimento no processo educativo, e que os tem até hoje.</p>

Sujeito 12	<p>Considera que as tecnologias permitem ao aluno quebrar sua inocência em relação ao conhecimento, pois apresenta a ele uma infinidade de informações. Acredita que de alguma forma as várias ferramentas que permitem o contato entre as pessoas facilitam as relações e podem contribuir também para troca de conhecimentos. Mas pondera que, é importante ter disciplina, para não se perder no excesso de tempo gasto especialmente no celular e nas redes sociais. Acredita que em função das muitas exigências que a vida do adolescente traz, e das próprias exigências da escola, muitas vezes, o aluno usa o celular como uma fuga. Considera que gratidão seria a palavra que tem como resposta à pergunta sobre o que a educação lhe proporcionou, pois entende que a educação lhe trouxe experiências as quais será grata por toda a sua vida. Relata que o único ponto que a frustrou foi em relação à aceitação das diferenças entre as pessoas que convivem dentro da escola, afirma que se decepcionou um pouco, pois esperava um lugar mais livre. Considera como fator principal para um bom processo de aprendizagem, aulas interativas, pois entende que elas despertam o interesse de todos os alunos. Entende que o interesse é o principal instrumento para a aprendizagem. Acredita que o coletivo de alunos dentro da sala de aula seja essencial para a qualidade do processo de ensino aprendizagem, mas entende que depende da turma e do professor para garantir que essa interação entre os alunos possa ser positiva.</p>
Sujeito 13	<p>Acredita que a tecnologia facilita a aprendizagem, facilita a aquisição de conhecimentos, pois hoje o aluno pode pesquisar muitas informações, mas entende que quando ele fica dependente das redes sociais, isso passa a atrapalhar o estudo. Considera que a sua relação com os professores nunca foi uma relação vertical, pois sempre podia falar com eles e sanar as suas dúvidas. Entende que respeitado os devidos limites deve haver uma relação de amizade entre professor e aluno. Considera que aulas mais dinâmicas fazem com que o aluno se interesse mais pelo conteúdo, pois acha maçante quando o professor apenas transcreve o conteúdo no quadro e o aluno apenas anota. Relata que gosta quando os alunos são incentivados a ter vontade de aprender o conteúdo. Relata que gosta quando o professor fala com os alunos, ministrando aulas que sejam mais interativas, onde o aluno tem oportunidade de pensar, de fazer a síntese do conhecimento de forma autônoma e assim poder debater com o professor se está certo ou não. Considera que o grau de intervenção da turma no processo de aprendizagem é muito relativo, pois depende da personalidade de cada aluno, mas acrescenta que considera que a turma influencia no processo ensino aprendizagem e na própria formação de cada indivíduo que nela se encontra, pois entende que, querendo ou não, as pessoas que estão ao nosso redor influenciam na nossa personalidade. Relata que quando entrou no IF se deparou com professores que acreditavam nos alunos, e que isso a motivou muito. Considera que a atitude, desses professores, mudou muito sua maneira de aprender, de estudar e fez com que ela se esforçasse mais.</p>
Sujeito 14	<p>Considera que existem muitos professores que não explicam de forma clara, que humilham os alunos, pois se acham superiores a eles em função da sua formação. Procura se empenhar em mostrar o seu desenvolvimento quando o professor ministra as aulas de uma forma humana e respeitosa. Relata que o que mais lhe agrada na forma dos professores se relacionarem com os alunos é exatamente esse empenho e essa sensibilidade em ajudar o aluno a progredir; e que o que ele menos gosta é justamente o contrário, o professor que é negligente com o seu trabalho, com a turma; e que não é aberto ao diálogo. Relata também que lhe desagradava quando o professor dá mais atenção apenas para um determinado grupo de alunos. Considera que o mais importante na relação entre professor e aluno seja o respeito entre as partes. Considera que para uma melhor aprendizagem o professor precise ter um amplo arsenal didático. Considera muito bom quando os alunos começam a se ajudar mutuamente, e assim podem ir superando coletivamente suas dificuldades acadêmicas. Acredita que na sala de aula, dentro do grupo como um todo, os amigos mais próximos exercem maior influência sobre as motivações. Considera que sem o trabalho do professor, para ajudá-lo a seguir no rumo certo, o aluno ficaria muito perdido, portanto entende que o papel do professor como um orientador é muito importante.</p>

Sujeito 15	<p>Considera que a ideia de estudar para conseguir um diploma com a finalidade de se encaixar neste modelo de empregabilidade que está posto, lhe desmotiva enormemente. Considera que, por não ver sentido neste processo educativo, se sente desmotivada em empenhar-se no aprendizado. Acredita que as tecnologias podem influenciar no processo de aprendizagem do aluno, a depender, do poder dado a elas. Considera que as informações que se pode obter através da internet podem ser úteis para o aprendizado do aluno ou podem atrapalhá-lo, a depender do autocontrole dele. Entende que o convívio entre pessoas diferentes permite que haja trocas, onde você pode aprender e também ensinar. Entende que seja positivo em um professor a capacidade de entender que pessoas são diferentes, têm gostos diferentes e ritmos diferentes de aprendizado. Considera que aprendeu muito com várias pessoas dentro do ambiente escolar, tanto professores quanto alunos e entende que esses aprendizados também influenciaram na sua formação. Acredita que existem professores que já perceberam que não cabe mais, nem a eles nem aos alunos, manter essa relação hierárquica dentro de sala de aula. Acredita que não precisa ser mais o professor falando e o aluno apenas escutando. Acredita que tanto o professor quanto o aluno precisam desenvolver um comportamento mais empático, e assim conseguir perceber e respeitar a realidade um do outro. Entende que quando uma proposta metodológica é bem desenvolvida ela apresenta ao aluno um mundo muito mais amplo e isso acaba por desenvolver a admiração do aluno pelo professor. Considera que o aluno deve ter a consciência que está diante de uma figura de autoridade, uma figura importante e que merece respeito; considera que esse respeito precisa ser mútuo, mas que, às vezes, precisa ser conquistado. Acredita que a influência que os alunos podem exercer um sobre o outro seja algo relativo, pois entende que todo mundo é capaz de pensar por si só. Mas considera que o fato de convivermos, dentro de uma sala de aula, com outras pessoas que não sabemos quem são, nem de onde vieram, e que têm histórias diferentes da sua, tem muito a agregar à vida de cada indivíduo em vários sentidos. Entende que a convivência em sala de aula às vezes pode ser complexa, especialmente quando não há uma boa relação, seja entre os alunos ou entre os alunos e o professor, e que isso pode deixar as partes insatisfeitas e criar um ambiente desagradável e improdutivo. Relata que em função da grande quantidade de avaliações, quando acontece de mais de uma delas ser em um mesmo dia, prioriza as disciplinas com as quais tem mais afinidade.</p>
Sujeito 16	<p>Acredita que existem informações disponíveis para o aluno em vários lugares, mas que quando determinado conhecimento é ministrado por um professor que o faz com qualidade e motivação o aluno também se sente mais motivado a aprender. Entende que a relação entre os professores e alunos dentro da sala de aula precisa ser respeitosa e que seja necessário trabalharem em harmonia. Entende que a forma como o professor percebe e trata o aluno deixa marcas que perdurarão por toda sua vida. Observa que a sociedade sempre diz que as pessoas precisam da educação, mas entende que essa consciência é construída através de excessivas cobranças e considera isso desumano. Considera que precisa ser revisto esse modelo do aluno ter que ficar em sala, sentado e calado só ouvindo o professor falar. Acredita que é necessário flexibilidade para que os canais de relação se estabeleçam e para que essa relação possa chegar a ser harmônica. Considera que o professor precise explicar para o aluno os motivos pelos quais escolheu determinado método de ensino, pois acredita que assim, conhecedores dos motivos daquela abordagem, os alunos se engajarão mais no aprendizado. Acredita que o aluno precisa entender que está dentro de uma sala de aula e que deve ter respeito pela figura do professor, como uma autoridade que está ali lhe ensinando, mas que também deve ter respeito pelos colegas. Relata que muitas vezes precisa de resignação para estudar determinado conteúdo, pois acredita estar perdendo tempo, está aprendendo coisas que não lhe interessam.</p>
Sujeito 17	<p>Acredita que o uso das tecnologias da informação pode ser vista por duas perspectivas: aqueles que acham que ela pode atrapalhar o aprendizado do aluno e aqueles que acreditam que ela pode trazer inúmeras facilidades para o aprendizado, e relata que acredita na segunda hipótese. Entende que pode ser negativo para o aluno quando ele não sabe controlar esse uso e deixa que isso atrapalhe seu processo de aprendizagem. Acredita que as atividades culturais que a escola oferece, como por exemplo os jogos internos, trazem momentos de diversão, e permitem que os alunos tenham momentos diferentes dos tradicionais em sala de aula; isso de alguma forma faz com que fiquem mais unidos. Relata que o que mais gosta em um professor é o senso de humor, aqueles que conseguem dar suas aulas sem deixar com que elas se tornem chatas, e que assim o aluno fique o tempo todo olhando para o relógio na expectativa de quando a aula irá terminar. Considera que a maioria dos alunos do IF têm preferência por aulas práticas, e que não gostam de ficar apenas sentados em uma cadeira, que gostam de: aplicarem o que aprenderam.</p>

Sujeito 18	<p>Acredita que os atuais métodos de avaliação não sejam adequados; pois considera que eles não mostram de fato o aprendizado, mas somente a capacidade do aluno de memorizar. Relata que às vezes, percebe a escola como um desperdício de tempo e que essa sensação a deixa triste. Tem a sensação de que até hoje não aprendeu a estudar de verdade. Acredita que a liberdade e a confiança entre professores e alunos seja um elemento básico na relação, pois se não houver essa confiança o aluno não se sentirá motivado a aprender. Acredita que seja importante para a aprendizagem quando o professor tenta estabelecer relações entre o conteúdo e a realidade cotidiana dos alunos. Considera que algumas aulas são como palestras, onde só o professor fala; acredita que é interessante ter diálogo entre o professor e a turma. Acredita que na relação professor aluno é preciso que um aprenda a olhar para o outro como pessoa, entender que eles têm: suas características, limites e problemas que estão para além da sala de aula; portanto entende que seja necessário ter uma relação mais humana. Considera que é preciso romper com essa ideia de hierarquia, onde o professor se coloca como o detentor do conhecimento e o aluno precise apenas ficar sentado e absorvendo o que ele tem para dizer. Acredita que uma pessoa que está em formação precise ter alguém o acompanhando e dando suporte, mas que na sua percepção chega um determinado momento que ninguém mais parece se importar. Entende que essa transição entre ter a tutela de alguém e a liberdade total, precise ser um processo sistematizado e mais progressivo do que é hoje. Considera que a possibilidade de aplicar os conhecimentos na prática seja uma das melhores formas de aprender. Considera inadequado os professores passarem tarefas para serem feitas extra sala de aula, pois entende que a carga horária já é muito alta e que o aprendiz não tem tempo disponível para tantas tarefas. Entende que o aluno tenha que estudar, mas que a vida dele não seja só isso.</p>
Sujeito 19	<p>Considera que o uso das tecnologias ajuda na aprendizagem, pois facilitam significativamente os processos de pesquisa, mas entende que tem um efeito colateral, que é o fato de o aluno não aprender de verdade, apenas memorizar as informações pesquisadas para responder uma prova. Relata que quando o aluno está pesquisando e chega alguma notificação das suas redes sociais na maioria das vezes o aluno acaba desviando o foco para atender ao chamado e isso atrapalha os estudos. Considera que o ensino no IFG valoriza mais a nota do que o conhecimento. Relata que as atitudes de superioridade de alguns professores a desagradam, aqueles que se acham superiores aos alunos e não se mostram abertos para que eles possam fazer perguntas e impõe seus conhecimentos e seus pontos de vista sem espaço para o diálogo. Considera que nesta forma de mediação o aluno não se sente parte do processo de ensino aprendizagem e tem de se comportar como alguém que está ali só para aceitar e acatar as concepções do professor.</p>
Sujeito 20	<p>Considera que o uso desmedido das tecnologias da informação, especialmente as redes sociais, atrapalhe bastante o engajamento dos alunos no processo ensino aprendizagem. Relata que o que agrada na postura de um professor é quando ele não se mostra preocupado só em ensinar determinado conhecimento teórico, mas quando ele está preocupado em como o aluno está aprendendo. Considera que por terem muitas disciplinas na grade, as vezes, os alunos precisam deixar de estudar um conteúdo com o qual se identificam, para estudar algum outro que ele é obrigado. Considera que a postura de superioridade do professor em relação à turma e a falta de capacidade de perceber e aceitar os pontos de vista dos alunos dificulta a relação entre eles e, por consequência, o processo de aprendizagem. Considera desagradável quando o professor se acha superior à turma, quando ele considera que só ele é o dono da verdade e o que os alunos pensam não importa. Considera que às vezes sair da rotina é bom e que o professor poderia usar aulas mais divertidas, pois acredita que o aluno também pode aprender enquanto se diverte. Nunca havia precisado muito da ajuda dos colegas, mas quando entrou no ensino médio, onde o nível de exigência é maior, passou a contar com a ajuda deles e também a ajudá-los.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Nesta parte de nossos resultados onde apresentamos as representações dos alunos sobre as relações humanas dentro do processo ensino aprendizagem, ressaltamos que quando nos referimos a elas estamos refletindo sobre: como o aluno se relaciona com o processo ensino aprendizagem, como o aluno se relaciona com o professor e como ele se relaciona com os seus pares.

Na relação do aluno com o processo de aprendizagem podemos destacar algumas representações que foram significativas; em relação as metodologias de apresentação dos conteúdos, 19 dos 20 sujeitos consideram que elas precisam ser mais interativas, onde não seja somente o professor apresentando os conteúdos e os alunos apenas ouvindo e

anotando, há uma reivindicação de um processo onde os alunos possam participar mais, com direito a emitir suas opiniões; os alunos consideram que essa interatividade os motiva mais a se engajarem no processo. Outros pontos apresentados que entendemos que mereçam destaque são: críticas em relação a excessiva quantidade de conteúdos que sobrecarrega os alunos e uma recomendação para os professores tentarem adequar suas metodologias aos alunos destes novos tempos.

Observam também que a falta de diálogo dos professores com os alunos e as atitudes de soberba deles são os fatores que mais entravam a qualidade da mediação dos conteúdos.

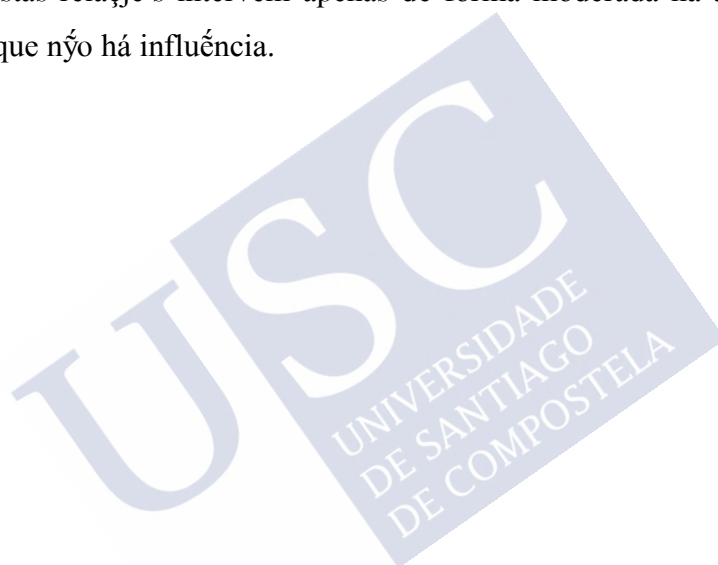
Outra questão que consideramos relevante na fala dos alunos, 11 dos 20 sujeitos, é o entendimento de que os conteúdos desenvolvidos precisam ter sentido, ter diálogo com a realidade, uma aplicação prática; os alunos entendem que assim o interesse e o engajamento dos alunos seria maior. Destacamos outras representações que apesar de terem sido apresentadas por um número menor de sujeitos nos pareceram coerentes e relevantes dentro do contexto: 5 sujeitos teceram críticas ao fato de o sistema avaliativo e a valorização da aprendizagem ser limitada as notas que o aluno recebe em uma prova; e também ao fato de os professores darem a entender que todo o processo de aprendizagem se limita à preparação para processos seletivos para acesso ao ensino superior. Apresentamos os destaques de outros 3 sujeitos que acham excessivas as cobranças e expectativas que são lançadas sobre o aluno, especialmente a obrigação de tirar notas altas e de ser aprovado em um processo seletivo para o acesso ao ensino superior; 3 sujeitos criticam o fato do processo de ensino aprendizagem se limitar a desenvolver a capacidade do aluno de memorizar informações e não consideram que isso seja de fato aprendizagem. O modelo de ensino é visto como um problema por 3 de nossos sujeitos; se sentem inadequados a ele e isso faz com que se considerem pouco capazes de aprender e de evoluir.

Por considerarmos que hoje as TICs sejam um fator muito interveniente no processo educativo perguntamos aos alunos como eles veem a influência delas no seu processo de aprendizagem; de forma hegemônica 16 dos 20 sujeitos, mesmo que com argumentos diferentes, consideram que o uso das tecnologias da informação (principalmente a internet e as redes sociais) podem ser positivas para o processo ensino aprendizagem a depender da capacidade dos aprendizes de as utilizarem de forma adequada, sem se subverter a procrastinação e a perda de foco. Para 3 sujeitos a internet, o celular e as redes sociais são utilizadas pelos alunos como uma forma de fuga da realidade e como fuga de um processo educativo que não lhes agrada e nem consegue prender a atenção deles.

As representações sobre as relações estabelecidas entre professores e alunos, em sua grande maioria (13 sujeitos), consideram que elas precisam ser o mais humanas e amistosas possível, baseadas: na empatia, no respeito e na parceria; entendem que tal relação mais horizontal pode contribuir para que os alunos se desenvolvam melhor dentro do processo. Ressaltamos que estas representações apresentadas acima nos falam de uma idealização de como os alunos consideram que estas relações deveriam ser; no que diz respeito às experiências vividas na relação com os professores, fica implícito na fala de

grande parte dos alunos, que elas foram positivas; mas muitos ressaltam problemas como as atitudes já citadas de: falta de diálogo, soberba, falta de respeito, metodologias pouco interativa; eles as consideram negativas para a qualidade da aprendizagem e dão a entender que, em algum momento dos seus percursos pelo processo educativo, já vivenciaram tais situações. Outro ponto a ser destacado nesta relação é que 9 sujeitos apresentam argumentos sobre a necessidade de os professores conhecerem os alunos de forma mais individualizada para assim serem capazes de ajudá-los a se desenvolver melhor dentro do processo.

Sobre as interações estabelecidas entre os alunos e como elas podem intervir no processo ensino aprendizagem, também temos certo consenso; 15 dos 20 sujeitos, consideram que estas relações podem intervir no desenvolvimento das aprendizagens, sendo que 12 consideram que nas experiências que tiveram elas foram positivas, apesar de ponderarem que a qualidade destas relações sempre dependerá da personalidade de cada sujeito, das características do grupo e de como o professor conduz estas relações; 2 sujeitos consideram que estas relações intervêm apenas de forma moderada na aprendizagem e 1 sujeito considera que não há influência.



6.0 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS - AS REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS: ENCONTROS E DESENCONTROS

Nesta parte de nossos resultados faremos uma análise comparativa entre as representações dos professores e as dos alunos. Nossa análise parte do pressuposto de que as representações de cada sujeito, que são constituídas a partir das influências de diversos fatores: sociais, políticos, econômicos, culturais etc., se entrecruzam no espaço da sala de aula onde os vários sujeitos que ali se inter-relacionam acabam por exercer influência uns sobre os outros. Sendo os professores e os alunos os principais atores do processo educativo e por coabitarem o mesmo espaço socialmente construído para este fim, consideramos que as formas pelas quais cada um deles compreende e representa este processo tem influência direta na qualidade do mesmo.

Organizaremos nossa exposição seguindo a lógica dos eixos que foram usados até aqui, e a partir deles, focaremos nossa abordagem: nas representações sobre educação, nos principais agentes influenciadores nas concepções e atitudes dos alunos dentro do processo ensino aprendizagem, nas motivações para ensinar e aprender, nas representações sobre a figura do professor e sobre a figura do aluno, nas relações entre professores e alunos e nas representações sobre as metodologias utilizadas dentro do processo ensino aprendizagem.

Em relação às representações sobre a educação nossa apresentação partirá dos aspectos mais macro até chegarmos às questões mais específicas que dizem respeito às relações estabelecidas dentro da sala de aula.

Uma representação que foi hegemônica tanto na fala dos professores quanto dos alunos é a de que a educação no Brasil não é de boa qualidade. Nos aparece de forma clara, nas falas dos professores e alunos, que esta, pretensa baixa qualidade, do sistema educativo brasileiro se encontra especialmente nas escolas públicas municipais e estaduais; pudemos perceber, de forma explícita nas falas dos professores, e implícita nas falas dos alunos, a percepção de que a rede federal de educação não se compara as demais redes públicas, pois seu nível de qualidade é superior; outro ponto que aparece, de forma recorrente, na fala dos alunos, é a percepção de que as escolas da rede privada de ensino são melhores do que as da rede pública. Em relação a esta representação, não podemos deixar de refletir sobre inconsistências que aparecem no discurso dos nossos sujeitos; as principais inconsistências que percebemos estão: no fato dos entrevistados afirmarem que o sistema privado de ensino é necessariamente superior ao público, sem terem parâmetros claros e objetivos para fazerem tal afirmação; fazemos tal ponderação, pois nas entrevistas dos sujeitos a maioria dos argumentos que sustentam essa representação vêm de informações trazidas pelos veículos de comunicação, (especialmente a televisão) ou pela reprodução da fala de terceiros; outra inconsistência está no fato de, vários professores, terem feito todo o seu percurso de formação acadêmica (desde as fases iniciais até a pós-graduação) dentro do ensino público; onde tiveram uma formação de qualidade. A mesma coisa notamos nos

alunos, pois apesar de a grande maioria considerar que o ensino público no país é de baixa qualidade, também, hegemonicamente, nos relatam que se desenvolveram significativamente dentro dele; especialmente na capacidade de analisar de forma crítica o mundo ao seu redor, e, também, na capacidade de convívio social; ou seja, tiveram uma boa formação. Então, ao analisarmos e refletirmos sobre o conjunto das ideias apresentadas nas entrevistas, consideramos que haja uma incongruência entre as representações (a forma de ver a educação que foi subjetivada por nossos sujeitos) e a realidade vivida por eles; entendemos que tal tema merece ser melhor investigado.

Outro aspecto que é necessário destacarmos, é a representação dos professores sobre o que é a educação, que são hegemônicas em considerá-las como uma força potencialmente transformadora dentro de uma sociedade; pois entendem que ao possibilitar aos alunos se desenvolverem: socialmente, culturalmente, intelectualmente e afetivamente, ela lhes confere ferramentas que podem ajudá-los a transformar-se, e a transformar a sociedade onde vivem. Os alunos, neste contexto, também de forma hegemônica, têm representações semelhantes às dos professores; nos relatam que seu trânsito pelo sistema educativo os transformou em vários aspectos; dos quais destacam: a capacidade crítica e a capacidade de perceber o outro e seus pontos de vista. Observamos, assim, que os conceitos dos professores sobre educação, mostram-se objetivados nas transformações que os alunos percebem em si mesmos, ao analisarem seu trânsito pelo processo educativo. Entendemos que, de certa forma, estas constatações reforçam as reflexões sobre as incongruências nas representações dos nossos sujeitos, no que dizem respeito à qualidade do ensino no país.

Outra representação que entendemos como relevante, e que também é hegemônica, tanto para os professores quanto para os alunos, é de que a formação educacional recebida dentro do sistema escolar é muito importante para os sujeitos, individualmente, e para a sociedade como um todo, ou seja, há uma grande valorização da educação.

Sobre os agentes que mais influenciam os alunos nas suas concepções e atitudes dentro do processo educativo, precisamos destacar alguns pontos que, de certa forma, são divergentes entre as percepções dos alunos e dos professores. Consideramos que, a princípio, nos parece haver uma concordância sobre esta questão; pois docentes e discentes consideram que as influências mais relevantes sobre as representações e atitudes que os alunos têm sobre educação vêm do ambiente familiar. Estas representações nos mostram concordâncias, mas também divergências, pois os alunos acrescentam nas suas falas, de forma massiva, que muito das influências que foram significativas para a construção de suas representações (e por consequência das suas atitudes) vêm dos próprios professores; para nós, a divergência reside no fato de os professores não perceberem a força que têm suas atuações na formação dos alunos, à medida que não destacam isso de forma tão significativa nas suas representações; esses entendem que o aluno, já traz “de casa”, determinados valores e atitudes no que diz respeito à educação.

Na nossa análise, consideramos que o aluno chega à escola com uma visão idealizada do que é educação, e esta idealização, é construída principalmente a partir da cultura familiar; mas entendemos que a percepção, mais realista e menos idealizada, do que seja educação, e as atitudes derivadas dela, são construídas dentro do próprio sistema

escolar; e têm nos professores suas principais referências, sejam elas, positivas ou negativas, motivadoras ou desmotivadoras.

Outra divergência, que percebemos nas representações de nossos entrevistados, diz respeito à determinadas atitudes dos alunos dentro do processo educativo. Apesar de não podermos afirmar que seja uma representação hegemônica, ela aparece de forma recorrente, em distintos momentos, nas falas dos professores e dos alunos; os professores percebem que, no dia a dia da sala de aula, os alunos estão mais preocupados com a nota que irão receber nas provas, ou com a preparação para os exames do ENEM, do que com aquela concepção de educação transformadora na qual, a maioria dos professores, acredita; entendem que tal comportamento é inerente aos alunos. Por outro lado, os alunos tecem críticas a este mesmo aspecto da educação, pois percebem-se julgados, analisados e rotulados, tendo como parâmetro para isso, simplesmente, as notas das provas; consideram, também, que o processo de formação escolar, especialmente o ensino médio, tem como principal objetivo a preparação para processos seletivos de acesso ao ensino superior (por exemplo o ENEM); e entendem que isso seja “culpa” dos professores. A divergência que destacamos reside no fato destes, dois atores do processo educativo, enxergarem o mesmo problema, mas se responsabilizarem mutuamente pela ocorrência dele. Na nossa análise, consideramos que este condicionamento, que leva os alunos a se preocuparem centralmente com a nota das provas ou com a possibilidade de aprovação no ENEM, seja uma questão sistêmica; na qual professores e alunos são, de alguma forma, induzidos a assumir e internalizar tal atitude; portanto, mais do que culpados, consideramos que sejam vítimas do modelo de ensino no qual estão inseridos.

Outro ponto, que levantamos em nossa discussão, por entendermos que seja um elemento relevante e interveniente na relação dos alunos com o processo ensino aprendizagem, diz respeito à relação dos alunos com as TICs (Tecnologias da informação). Neste contexto, percebemos as representações dos professores e dos alunos, como complementares; nem concordantes nem divergentes. Os professores entendem que os vários recursos tecnológicos, podem e devem, ser usados dentro da sala de aula, como maneira de atrair mais a atenção dos alunos desta nova geração; mas, também, consideram que eles provocam um efeito colateral, que é o descontrole, no uso destes recursos, por parte dos alunos (especialmente o celular e as redes sociais); os professores consideram que, neste sentido, as TICs, mais do que ferramentas que auxiliam o processo educativo, têm se tornado concorrentes dele. Em função da grande quantidade de informações as quais os alunos são expostos, os professores entendem que acabam tendo a tarefa de desconstruir uma infinidade de informações não científicas (ou falsas verdades); informações estas que os aprendizes absorvem de maneira muito acrítica e, muitas vezes, os fazem colocar em dúvida as informações apresentadas pelos professores. E neste mesmo contexto, os alunos entendem que estas tecnologias podem ser úteis e positivas para o aprendizado, mas, assumem que uso sem limites se torna prejudicial, atrapalhando o foco nos estudos. Consideramos que nossa abordagem foi generalista, e pôde nos dar apenas informações superficiais sobre a questão; entendemos que tal tema mereça maiores aprofundamentos investigativos, para melhor entender que nível de interferência é causada pelas TICs, e

como elas afetam subjetivamente os aprendizes.

Para os professores, as maiores motivações para o trabalho docente, são percebidas em um nível bastante subjetivo; que a nosso ver estão ligadas a questões de ordem emocional. O fator mais destacado por eles é a capacidade de ajudar o aluno a evoluir como aprendiz e como pessoa; o segundo fator mais motivante, está relacionado às próprias relações que se estabelecem entre professores e alunos. Para os professores, o seu papel social é ajudar os alunos a fazerem uma leitura mais crítica das informações que recebem através dos meios de comunicação em massa; e, também, ajudarem os alunos na sua evolução. Para os alunos, além da responsabilidade de apresentar a eles determinados conteúdos, o professor deve ser uma referência a ser seguida, um sujeito capaz de orientá-los na escolha de qual caminho seguir.

Para os alunos, a habilidade de estabelecer um bom relacionamento com a turma, e com cada aluno individualmente, é a principal característica que um professor deve ter; entendem que esta relação deve ser baseada na empatia e no respeito. Nas falas dos alunos tal habilidade foi apontada, de forma mais significativa, do que a competência didática e o domínio do conteúdo. Em linhas gerais, há uma concordância entre professores e alunos; para os professores, a qualidade de formação e o domínio do conteúdo, se mostraram mais importantes do que para os alunos; mas os professores, também, entendem como relevante, para o processo de ensino aprendizagem, a competência para estabelecer boas relações com os alunos. Para os professores, duas características negativas para o exercício da profissão de docente são: a estagnação teórico metodológica (que impede o professor de se atualizar e de ser capaz de acompanhar as mudanças no perfil dos alunos) e as atitudes de soberba em relação à turma (que impedem as relações positivas e empáticas que poderiam se estabelecer entre as partes); já para os alunos, as características mais negativas são: a falta de diálogo e de empatia do professor para com a turma, e, de forma muito mais expressiva do que aparece nas representações dos professores, as atitudes de soberba são o outro fator que mais desagrada os alunos.

Para os alunos as maiores motivações para estudar têm como base os conceitos e as expectativas que estes nutrem sobre a educação, entendemos que estas são representações que na maioria dos casos vêm do ambiente familiar, sendo que a expectativa de melhorar de vida e ter boas condições financeiras é a mais forte delas e o segundo elemento que mais motiva o aluno a se engajar no processo ensino aprendizagem é o próprio professor. Na percepção dos professores, a nota e aprovação no ano letivo, juntamente com a melhoria das condições de vida e a busca por boas colocações no mercado de trabalho, são os fatores que mais servem de motivação para os alunos se engajarem no processo ensino aprendizagem. Nas entrevistas dos professores, apenas três sujeitos, consideraram que os professores fossem elementos motivadores para os alunos; esta é uma grande diferença nas percepções deles, pois para os alunos, após a influência e o apoio dos familiares, o professor é a figura que mais pode motivá-los (e também desmotivá-los) no seu engajamento no processo de aprendizagem e nas suas concepções sobre educação. Dentre os fatores que desmotivam os alunos, os professores destacam: a falta de maturidade, para compreender a importância da formação escolar, e a falta de

objetivos claros em relação ao que pretendem de sua formação escolar; para os alunos, apesar destes terem citado vários fatores, o que mais se destacou foi o desagrado com as metodologias de apresentação dos conteúdos, pois consideram que elas ainda são muito centradas na fala dos professores e não abrem muito espaço para a participação mais ativa dos alunos.

Quando perguntados sobre as características de um bom aluno, os professores destacaram em suas falas, o entendimento de que o professor não deve se preocupar em rotular os alunos em bons ou maus; mas trabalhar da melhor forma possível para que todos se desenvolvam à sua maneira. Ainda assim elencaram as características que deveria ter um bom aluno, e, em grande parte, elas estão ligadas a atitudes que estes deveriam ter em relação ao seu processo educativo, tais como: querer estudar e empenho no processo ensino aprendizagem; os alunos por sua vez fazem questão de ressaltar que o bom aluno não é só aquele que tira boas notas; e em representações semelhantes às dos professores, definem o bom aluno a partir das atitudes deles frente ao processo ensino aprendizagem, tais como: vontade, esforço, interesse e respeito dentre outras. Destacamos que, tanto nas representações dos professores quanto nas dos alunos, nos pareceu que ao considerarem que o bom aluno precisa ter as características acima citadas, não levam em consideração que elas precisam ser desenvolvidas e em algum lugar, pois não são inatas; e nos pareceu, também, que eles não associam estas atitudes aos motivos que podem levar os alunos a desenvolvê-las. No nosso ponto de vista, os professores, de forma não sistematizada, e às vezes não propositada, ajudam os alunos nesta formação de valores e atitudes frente ao processo educativo; entendemos que tal formação deveria ser melhor sistematizada dentro dos currículos formativos e, assim, passar a fazer parte efetiva das intervenções do coletivo dos professores.

No que diz respeito à relação entre professores e alunos, há um consenso entre as partes; ambas concordam que elas precisam ser o mais amistosas, respeitosas e horizontais possível, pois consideram que tal característica relacional pode possibilitar maior engajamento dos alunos no processo de aprendizagem. Na relação que estabelecem com o processo ensino aprendizagem, nos parece claro, que os alunos não têm consciência de que o valor e a importância que atribuem à sua formação são determinantes para o desenvolvimento de atitudes positivas em relação a ela. Em relação às metodologias de ensino, reiteramos alguns aspectos já relatados acima, o principal problema percebido pelos alunos, e que para eles é o principal entrave para o seu engajamento no processo ensino aprendizagem, são as aulas muito centradas na figura do professor, onde os alunos não têm muito espaço para o diálogo e para reflexões críticas; junto com tal característica metodológica, outro fator que desagrada significativamente os alunos, é a percepção de que os conteúdos que lhes são apresentados não têm muita aplicabilidade para além dos muros da escola. Outro fator, que os alunos consideram que seria importante e eficiente para melhoria da qualidade do processo ensino aprendizagem, é a possibilidade de o professor fazer um atendimento o mais individualizado possível; com que, de forma geral, os professores também concordam; mas, os docentes ponderam, que dada as características inerentes ao trabalho docente, tais como: quantidade de alunos por turma, quantidade de

turmas por professor, além das outras atribuições que o professor precisa desenvolver fora da sala de aula; este tipo, mais individualizado de acompanhamento, ainda é muito difícil de ser desenvolvido.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizarmos este trabalho, que teve início a partir da curiosidade científica de um profissional da educação, percebemos que o simples desenvolver do processo investigativo: os estudos realizados, as entrevistas e a grande quantidade de ideias e visões de mundo que elas nos trouxeram, já responderam a muitas de nossas curiosidades e nos permitiram ampliar significativamente nossos conhecimentos sobre educação. Apresentaremos aqui as conclusões a que chegamos, mas antes disso relembramos que a perspectiva teórica que seguimos em nossa investigação, que foi evidenciada pelos resultados de nossa pesquisa, é de que “a educação é um processo formativo, contínuo e ininterrupto, onde, junto com as pessoas que nos cercam, transformamos e somos transformados pela sociedade onde vivemos”. Neste sentido, temos consciência de que os resultados a que chegamos nos mostram um retrato de um determinado momento histórico e de uma determinada sociedade, e que tanto as pessoas como as representações que elas nos apresentaram estão em constante mudança. Mesmo tendo ciência de todos esses limites, consideramos que poder entender, com maior profundidade, a educação, nesta perspectiva histórico social, onde os sujeitos são observados na sua subjetividade, mas também são percebidos como sujeitos históricos e sociais, pode contribuir para que possamos rever nossos conceitos sobre o processo educativo.

Dada a peculiaridade metodológica de nossa investigação não encontramos artigos, dissertações ou teses com as quais pudéssemos comparar os resultados por nós atingidos, mas destacamos que os trabalhos de Tacca e Rey (2008), Cavenaghi e Bzuneck (2009), Rey (2016), Chaib (2015) foram para nós uma significativa referência para o desenvolvimento de nossa investigação.

Nossa investigação buscou olhar para o processo educativo com a intenção de entender as representações que os sujeitos têm dela e ao mesmo tempo retratar aspectos subjetivos da relação destes sujeitos com esse processo; a partir deste paradigma pudemos destacar que não são só os aspectos cognitivos que determinam os rumos e os resultados do processo educativo, mas que os aspectos afetivos/emocionais e os atitudinais/valorativos são igualmente significativos.

É importante ressaltar que ao olharmos para os sujeitos que participaram de nossa pesquisa, por mais complexo que isso possa ter se mostrado, buscamos percebê-los sem perder a noção de que fazem parte de um contexto social mais amplo que os condiciona a determinadas atitudes e comportamentos, mas sem deixar de entender que cada sujeito não é um ser passivo nesta relação com estes contextos sociais onde vive.

Os nossos resultados conseguiram atender praticamente todos os objetivos que elencamos no início de nosso trabalho, e ao confrontá-los com nossos pressupostos de pesquisa pudemos ver que alguns deles se confirmaram totalmente, outros parcialmente e em alguns deles nos enganamos redondamente. Na sequência do texto exporemos brevemente as informações que trouxeram respostas às nossas questões investigativas e também discorreremos brevemente sobre os nossos pressupostos.

A maneira pela qual nossos sujeitos representam a educação traz elementos muito semelhantes tanto para os professores quanto para os alunos; eles a entendem como algo valioso e importante; e com potencialidade para transformar cada aluno individualmente e a sociedade como um todo; neste contexto nosso pressuposto de que os professores e alunos ainda consideram a educação como importante para o futuro pessoal e profissional do aluno foi corroborada em vários momentos de nosso trabalho. Não podemos deixar de ressaltar que esta avaliação positiva, muitas vezes, é desconstruída em função de situações objetivas tais como: a percepção dos alunos, em relação ao descaso com que o poder público trata a educação, ou até por problemas relacionais entre professor e aluno.

As principais influências dos alunos para constituírem suas representações, suas atitudes e comportamentos em relação à educação vêm dos pais e dos professores, sendo que o grau de importância atribuído às influências causadas pelos professores foi muito maior do que inicialmente imaginávamos. O grau de influência dos professores sobre os alunos nos foi apresentado, em vários relatos, sobre como foi decisivo o papel destes profissionais para o desenvolvimento de alguns de nossos entrevistados dentro do processo educativo. Não podemos deixar de destacar que, mesmo que relatado por uma quantidade menor de sujeitos, a ação de, alguns professores, também se mostrou negativa e desmotivante para alguns alunos.

Destacamos aqui especialmente a ótica dos alunos por serem eles os sujeitos para o qual todo o sistema educativo é pensado; os pontos mais positivos que eles percebem dentro do processo educativo são: o desenvolvimento de sua capacidade crítica, sua capacidade de entender melhor o mundo à sua volta e a capacidade de conviver em sociedade, percebendo e respeitando o outro. Como aspectos negativos são destacados a visão de que a educação se limita a notas e à preparação para o ENEM; e também destacam a falta de aplicabilidade dos conhecimentos recebidos.

Pudemos evidenciar que as respostas que a educação pode trazer para a formação de um sujeito sempre estarão compostas por elementos: cognitivos (conhecimentos e conceitos), afetivo/emocionais e valorativo/atitudinais; repetimos esta ideia para melhor entendermos as motivações de nossos professores e alunos dentro do processo ensino aprendizagem.

Os professores têm como principais motivos para o exercício da profissão fatores intrínsecos de ordem afetiva, pois o que mais os motiva para a docência é a capacidade de contribuir para evolução dos alunos dentro do processo educacional e a própria relação humana entre professor e aluno. Os alunos têm como motivação para se engajarem no processo ensino aprendizagem principalmente fatores extrínsecos, tais como: o apoio e a referência dos pais através das concepções de educação que são ensinadas por eles e também pelos exemplos de como a educação pode contribuir para o nível sócio econômico da família; a expectativa de conseguir melhores condições de vida em função de uma formação educacional de boa qualidade; outro fator, também extrínseco, é a própria figura do professor, que é o elemento humano que está, diretamente, ligado ao aluno; e foi valorado como um importante agente capaz de motivar ou desmotivar o aluno.

O nosso pressuposto de que os professores não tinham maiores motivações para ensinar senão o cumprimento de uma obrigação profissional foi completamente quebrado, por uma representação que consideramos de certa forma passional, pois os motivos vão muito além do cumprimento de uma obrigação e estão ligados diretamente a aspectos afetivos e não meramente racionais como imaginávamos a princípio. No caso dos alunos nossos pressupostos estavam em parte corretos, pois um dos fatores mais motivadores mostrou ser a possibilidade de melhoria das condições de vida e a expectativa de acesso a bons empregos, mas ela nos traz outro fator, também a nosso ver muito passional e baseado na afetividade, que é a representação de que o professor é um dos principais agentes intervenientes na motivação dos alunos e que esta capacidade motivadora deve estar baseada na competência deste profissional em estabelecer interrelações positivas com seus aprendizes.

Nas percepções dos professores sobre a figura dos alunos os principais destaques são que: os alunos não têm objetivos claros do que pretendem da educação e estão de certa forma perdidos dentro do sistema educativo, consideram que a falta desta objetividade prejudica o desenvolvimento deles, e que ela tem, como uma das causas, a falta de maturidade com que os alunos têm chegado ao ensino médio. Os professores entendem que as características necessárias para os alunos se desenvolverem bem dentro do processo educativo estão ligadas a aspectos atitudinais tais como: querer estudar e se empenhar no processo ensino aprendizagem; inclusive destacam que o professor não deve se preocupar em estabelecer rótulos de bons ou maus alunos, mas em contribuir para a evolução de todos dentro de suas capacidades. Os alunos ao refletirem sobre quais as características que deveria ter um bom aluno também destacam aspectos atitudinais, tais como: vontade, esforço, interesse, respeito, responsabilidade dentre outros. O nosso pressuposto, em relação, a esta concepção do que seria um bom aluno foi totalmente quebrado, pois considerávamos que a análise do professor para considerar um aluno como bom estivesse baseada simplesmente nas notas que ele recebe nos processos avaliativos.

Para os alunos as principais características que deve possuir um professor estão ligadas à capacidade de estabelecer relações empáticas e respeitadas com os alunos, a sua competência didático metodológica e ao seu domínio do conteúdo, sendo que o primeiro elemento se mostrou mais importante do que os outros dois. Já os professores, no que diz respeito às características necessárias para um bom trabalho docente, as representações estão mais ligadas à competência didático metodológica. Nosso pressuposto de investigação também se mostrou equivocado neste tema, pois considerávamos que os alunos entendiam o bom professor como um professor bonzinho, mas, nas suas entrevistas, pudemos constatar que estes conseguem diferenciar as competências profissionais, que esperam de um professor, das relações de afeto que possam existir entre eles.

No que diz respeito às relações estabelecidas entre professores e alunos, existem muitos consensos entre as partes, podemos destacar dois momentos: as características idealizadas por eles concordam que estas relações deveriam ser o mais amistosas e respeitadas possível, por considerarem que assim o aluno se engajaria melhor no processo ensino aprendizagem, e, por consequência, a qualidade formativa seria melhor. O outro

momento que precisamos considerar é a objetividade das relações, pois, na fala de nossos entrevistados, fica explícito que, na realidade do dia a dia da sala de aula, nem sempre as relações são positivas, pois existem choques entre as partes; estes choques são motivados especialmente pelas expectativas diferentes que alunos e professores têm em relação a educação, pelo comportamento desinteressado dos alunos (na visão dos professores), das atitudes de soberba dos professores (na visão dos alunos) e por metodologias de ensino excessivamente centradas na fala dos professores. Apesar dos nossos dados nos mostrarem claramente que existem estas divergências entre as partes, o nosso pressuposto de que existiria um abismo entre as representações de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem se mostrou incorreto, pois apesar das divergências, existem mais concordâncias do que discordâncias entre eles. Dentro deste contexto um de nossos pressupostos foi confirmado, pois as abordagens centradas na fala do professor, onde não acontece o que os alunos chamam de interatividade, se mostraram um dos pontos que mais incomodam os alunos dentro do processo educativo.

Em relação a capacidade dos professores de entender e ajudar seus alunos a se desenvolverem dentro do processo ensino aprendizagem as respostas obtidas nos colocam tal possibilidade como relativa, pois nem sempre é possível atingi-la. Tanto os professores quanto os alunos consideram que esta capacidade de ajuda individualizada deveria existir. Muitos alunos nos relataram que tiveram professores que conseguiram ajudá-los de forma individualizada e assim contribuíram para que eles se desenvolvessem significativamente; portanto nossos resultados podem atestar que de fato a ajuda mais individualizada tem o potencial de acelerar o desenvolvimento dos alunos e é possível de ser realizada; mas por outro lado os professores e também alguns alunos, tem a clareza de que nem sempre é possível este atendimento mais individualizado dado às condições objetivas do trabalho docente e das escolas: tais como quantidade de alunos e quantidade de turmas que cada professor tem; podemos perceber que neste contexto existam, também, questões subjetivas, fica implícito na fala dos professores que, nem sempre, eles conseguem atender a todos os alunos, pois só conseguem se aproximar mais daqueles com os quais têm uma melhor relação. Para que esta ajuda individualizada se torne efetiva os professores consideram que seja necessário uma equipe multidisciplinar para ajudá-los, um coletivo que possa contar com: pedagogos, psicólogos e orientadores educacionais.

Consideramos que o exercício acadêmico de extrair conclusões de uma pesquisa de campo que utilizou mais de cem questionários e mais de quatrocentas páginas de transcrição de entrevistas, não foi uma tarefa fácil; acreditamos que conseguimos chegar a um bom termo, mas temos claro também que a riqueza que nos foi trazida pelas entrevistas não pode ser toda contemplada dentro deste trabalho e que muitos elementos que neste momento não foram utilizados poderão servir para outras produções científicas.

Pretendemos dar sequência a esta linha investigativa e continuar utilizando os instrumentos que criamos para obter as informações que almejávamos, entendemos que precisamos continuar aprimorando os mesmos, especialmente buscando reduzir um pouco o número de questões de nossos roteiros, sem perder a profundidade obtida, para assim facilitar e tornar mais eficiente a análise dos resultados.

Por fim consideramos que nossa pesquisa conseguiu responder a muitas de nossas inquietações, mas que também produziu um efeito, que para nós já era esperado e até desejável, de nos apresentar outras questões para as quais precisaremos de novas pesquisas para respondê-las.

Consideramos que o nosso trabalho nos permitirá olharmos com outros olhos para a educação, destacando especialmente o quanto os fatores afetivos e atitudinais são significativos dentro dela. Esperamos que ele possa contribuir para revermos as relações estabelecidas entre professores e alunos, as metodologias utilizadas nas escolas; e, especialmente, colocar como parte efetiva da formação dos alunos os debates sobre as atitudes e os valores que sustentam as representações sobre a educação. Esperamos que, as informações aqui socializadas, nos permitam ampliar e aprofundar o entendimento sobre as dimensões objetivas e subjetivas do processo educativo, e, assim, quiçá, possamos de fato fazer da educação uma ferramenta para ajudar na redução das desigualdades que ainda marcam o país.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Batista, J. B., Carlotto, M. S., Coutinho, A. S., Pereira, D. A., & Augusto, L. G. (2010). O ambiente que adocece: condições ambientais de trabalho do professor do ensino fundamental. *Cadernos de Saúde Coletiva*, 18(2), 234-42.
- Catani, D. B. (2016). Estudos de história da profissão docente. Em Lopes, E. M. T., Veiga, C. G., & De Faria, L. M (organizadores). *500 anos de educação no Brasil*, pp. 585-599. Belo Horizonte: Autêntica.
- Cavenaghi, A. R. A., & Bzuneck, J. A. (2009, October). A motivação de alunos adolescentes enquanto desafio na formação do professor. In *CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO* (Vol. 9, pp. 1478-1489).
- Chaib, M. (2015). Representações sociais, subjetividade e aprendizagem. *Cadernos de Pesquisa*, 45(156), 358-372.
- De Aguiar, W. M. J., & Bock, A. M. B. (Eds). (2016). *A dimensão subjetiva do processo educacional: uma leitura sócio histórica*. São Paulo: Cortez Editora.
- de Moura Abreu, C. B., & Landini, S. R. (2003). Trabalho docente: a dinâmica entre formação, profissionalização e proletarianização na constituição da identidade. *Revista diálogo educacional*, 4(8), 33-44.
- Escámez Sánchez, J., García López, R., Pérez Pérez, C., & Llopis Blasco, J. A. (2007). *El aprendizaje de valores y actitudes: teoría y práctica*. Barcelona: Octaedro.
- IBGE. (2020). Portal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/>
- FUNAI. (2020). Fundação Nacional do Índio. Recuperado de <https://www.gov.br/funai/pt-br>
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Freire, P. (2013a). *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra.
- Freire, Paulo; Macedo, Donaldo (2013b). *Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- Freire, P. (2013c). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- Freire, P. (2015). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- Freud, S. (2011). *Obras Completas: Psicologia das massas análise do Eu e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Goiânia a cidade mais desigual. Secom.ufg.br.2020. Disponível em: <https://secom.ufg.br/n/38771-goiania-a-cidade-mais-desigual>. Acessado em 01 de novembro de 2020.
- Gonçalves, L. A. O (2016). Negros e educação no Brasil. Em Lopes, E. M. T., Veiga, C. G., & De Faria, L. M (organizadores). *500 anos de educação no Brasil*, pp. 325-346. Belo Horizonte: Autêntica.
- Hansen, J. A. (2016). A civilização pela palavra. Em Lopes, E. M. T., Veiga, C. G., & De Faria, L. M (organizadores). *500 anos de educação no Brasil*, pp. 19-41. Belo Horizonte: Autêntica.
- Jacomini, M. A., & Penna, M. G. D. O. (2016). Carreira docente e valorização do magistério: condições de trabalho e desenvolvimento profissional. *Pro-posições*, 27(2), 177-202.

- Kamakura, W. A., Mazzon, J. A. (2013). *Estratificação socioeconômica e consumo no Brasil*. São Paulo: Blucher.
- Kreutz, L. (2016). A educação de imigrantes no Brasil. Em Lopes, E. M. T., Veiga, C. G., & De Faria, L. M (organizadores). *500 anos de educação no Brasil*, pp. 347-370. Belo Horizonte: Autêntica.
- Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm
- Libâneo, J. C. (1994). *Didática*. São Paulo: Editora Cortês.
- Libâneo, J. C. (2004). A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a Teoria Histórico-cultural da Atividade e a contribuição de Vasili Davydov. *Revista Brasileira de Educação*, (27), 5-24.
- Libâneo, J. C. (2012). O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. *Educação e Pesquisa*, 38(1), 13-28.
- Libâneo, J. C. (2015). Didática e práticas de ensino e a abordagem da diversidade sociocultural na escola. Em Cavalcante, M. M. D., Sales, J. A. M. D., Farias, I. M. S. D., & Lima, M. S. L. . *Didática e Prática de Ensino: diálogos sobre a Escola, a Formação de Professores e a Sociedade*, pp. 127-147.
- Libâneo, J. C. (2017). *Didática*. São Paulo: Editora Cortez Editora.
- Libâneo, J. C. (n.d.). Diversidade sociocultural na escola e o embate em torno de finalidades educativas da educação escolar: considerações para a organização do ensino. [página Web]. Recuperado de https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/edipe/artigo_03.html.
- Libâneo, J. C. Finalidades educativas escolares, diversidade sociocultural e didática: abordagem das práticas socioculturais e espaciais no ensino. *Texto de comunicação no XVI Encontro de Geógrafos da América Latina. La Paz (Bolívia)(abril 2017)*.
- Manacorda, M. A. (2006). *História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez, 2006.
- Marx, K., & Engels, F. (2009). *A ideologia alemã* – São Paulo. Expressão Popular.
- (MF. 2016). Portal do Ministério da Fazenda (2018, janeiro 3) *Divulgação de relatório sobre a distribuição de renda no Brasil 2016 [site governamental]*. Retirado de <http://www.fazenda.gov.br/noticias/2016/maio/200bspe - divulga relatório sobre a distribuição da renda no brasil>).
- Moscovici, S. (2015). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Nardi, E. L., & Schneider, M. P. (2014). Condições de trabalho docente: novas tessituras das políticas de avaliação para a qualidade. *Educação*, 39(1), 215-227.
- Paiva, J. M. (2016). Educação jesuítica no Brasil Colonial. . Em Lopes, E. M. T., Veiga, C. G., & De Faria, L. M (organizadores). *500 anos de educação no Brasil*, pp. 43-59. Belo Horizonte: Autêntica.
- Pintrich, P. R., Schunk, D. H., (2006). *Motivación en contextos educativos: teoría, investigación y aplicaciones*. Madrid: Pearson Prentice Hall.
- Rey, F. L. G. (2003). *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Rey, F. L. G., Martínez, A. M., & Bezerra, M. (2016). Psicología en la educación: implicaciones de la subjetividad en una perspectiva cultural-histórica. *Revista puertorriqueña de psicología*, 27(2), 260-274.
- Ribeiro, P. R. M. (1993). História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, (4), 15-30.

- Ribeiro, D. (2015). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Global Editora.
- Samulski, D. (1992). *Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Saviani, D. (2013a). *Escola e democracia: polêmicas do nosso tempo*. Campinas: Autores Associados.
- Saviani, D. (2013b). *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados.
- Saviani, D. (2013c). *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas: Autores Associados.
- Saviani, D. (2018). *Educação brasileira estrutura e sistema*. Campinas: Autores Associados.
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M., Silvaes, E. F. M. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 227-234.;
- Tacca, M. C. V. R., & Rey, F. L. G. (2008). Produção de sentido subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender. *Psicologia Ciência e profissão*, 28(1), 138-161.
- Vigotsky, L. S. (2001). *Psicologia Pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2007). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotsky, L. S. (2009). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Zabalza, M. (2000). O discurso didático sobre atitudes e valores no ensino. Em F. Trillo (coord.). *Atitudes e valores no ensino*, pp. 19-97. Porto: Instituto Piaget.

APÊNDICE 1

PUBLICAÇÕES PESQUISADAS EM PERIÓDICOS.

TÍTULO DO ARTIGO	TEMA	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	PAÍS
O significado da educação superior para suas gerações de famílias de camadas médias.	EDUCAÇÃO	Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	Brasil
A relação sujeito objeto e a unidade afetivo cognitiva: contribuições para a psicologia e para a educação.	EDUCAÇÃO E EMOÇÃO	Repositório da Unesp - Psicologia Escolar e Educacional	Brasil
Cómo estudiar el papel que el desempeño docente y las formas de comunicación juegan en el clima motivacional del aula. Sugerencias para un trabajo empírico.	EDUCAÇÃO E MOTIVAÇÃO	Revista Educação	Brasil
Um modelo sobre la determinación motivacional del aprendizaje autorregulado.	EDUCAÇÃO E MOTIVAÇÃO	Revista de Educación	Argentina
A motivação de alunos adolescentes enquanto desafio na formação do professor.	EDUCAÇÃO E MOTIVAÇÃO	IX Congresso Nacional de Educação	Brasil
Motivation levels of gifted students and their metaphorical perceptions of school.	EDUCAÇÃO E MOTIVAÇÃO	Educational Research and Reviews	Turquia
Motivation in the Classroom: Reciprocal Effects of teacher behavior and student engagement across the school year.	EDUCAÇÃO E MOTIVAÇÃO	Journal of educational psychology,	Estados Unidos
La Phantasia estructurante del pensamiento y de la subjetividad.	EDUCAÇÃO E SUBJETIVIDADE	Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación. Ensayos,	Argentina
A pesquisa e o tema da subjetividade em educação.	EDUCAÇÃO E SUBJETIVIDADE	Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação	Brasil
Identidad personal y subjetividade social: educación y constitución subjetiva.	EDUCAÇÃO E SUBJETIVIDADE	Cadernos de Pesquisa - Fundação Carlos Chagas.	Brasil
Produção de sentido subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender.	EDUCAÇÃO E SUBJETIVIDADE	Revista Psicologia: Ciência e Profissão	Brasília
Violencia-Educación: Constitución Subjetiva desde la Complejidad.	EDUCAÇÃO E SUBJETIVIDADE	Revista La Trama de la Comunicación	Argentina
Aprendizagem ao longo da vida, subjetividade e a sociedade totalmente pedagogizada.	EDUCAÇÃO E SUBJETIVIDADE	Revista Educação	Brasil

A palavra e o laço social entre adolescentes na escola.	EDUCAÇÃO E SUBJETIVIDADE	Revista Interação	Brasil
Teoria das emoções em Vigotski.	EMOÇÕES	Revista Psicologia em Estudo	Brasil
Academic emotions in students' self-regulated learning and achievement: a program of qualitative and quantitative research.	EMOÇÕES	Journal Educational Psychologist	Estados Unidos
Universos emocionales y subjetividade.	EMOÇÕES E SUBJETIVIDADE	Revista Nueva Antropología	México
Pedagogies of engagement: classroom-based practices.	ENGAJAMENTO NA APRENDIZAGEM	Journal of Engineering Education	Estados Unidos
The Centrality of Engagement in Higher Education.	ENGAJAMENTO NA APRENDIZAGEM	Journal of Higher Education Outreach and Engagement	Estados Unidos
What motivates and engages students in the education process an examination of qatari students' mindset and attitudes toward going to school, learning, and future. Aspirations.	ENGAJAMENTO NA APRENDIZAGEM	Journal of Education and Learning	Canadá
Formação docente – da teoria à prática, em uma abordagem sócio-histórica.	FORMAÇÃO DOCENTE	Revista E-Curriculum	Brasil
Social interactions between teachers and students: a study addressing associations and predictions.	INTERRELAÇÕES ENTRE PROFESSORES E ALUNOS	Revista Paidéia	Brasil
Relationships matter: linking teacher support to student engagement and achievement	INTERRELAÇÕES ENTRE PROFESSORES E ALUNOS	Journal of School Health	Estados Unidos
O conceito de mediação em Vigotski e Adorno.	MEDIAÇÃO E EDUCAÇÃO	Psicologia & Sociedade	Brasil
Ensino fundamental – papel do professor, motivação e estimulação no contexto escolar.	MOTIVAÇÃO E DOCÊNCIA	Revista Paidéia	Brasil
Professores como fontes de motivação dos alunos - O que é o porquê da aprendizagem do aluno.	MOTIVAÇÃO E DOCÊNCIA	Revista Educação	Brasil
Teoria das representações sociais e ciências sociais: trânsito e atravessamentos.	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	Revista Sociedade e Estado	Brasil
Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	Revista Brasileira de Ciências Sociais	Brasil
Teoria das representações sociais e história: um diálogo necessário.	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	Revista Paidéia	Brasil

A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação.	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E EDUCAÇÃO	Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação	Brasil
Aportes del enfoque de las representaciones sociales al campo de la educación.	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E EDUCAÇÃO	Revista de Educación	Argentina
Estudos de representações sociais em educação.	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E EDUCAÇÃO	Revista Psicologia da Educação	Brasil
Representações sociais, subjetividade e aprendizagem.	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SUBJETIVIDADE	Cadernos de Pesquisa - Fundação Carlos Chagas.	Brasil
Subjetividad social, sujeto y representaciones sociales.	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SUBJETIVIDADE	Revista Diversitas: Perspectivas en psicología	Colômbia
Aspectos inquietantes de la era de la subjetividad: lo deseable y lo posible.	SUBJETIVIDADE	Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación. Ensayos	Argentina
Karl Marx o la subjetividad práctica como fundamento	SUBJETIVIDADE	Revista Astrolabio	Espanha
Dialética negativa e materialismo dialético – da subjetividade decomposta à objetividade pervertida.	SUBJETIVIDADE	Revista Kriterion	Brasil
Produção de subjetividade e construção do sujeito.	SUBJETIVIDADE	Revista Barbaroi	Brasil
Uma perspectiva histórico-cultural da subjetividade.	SUBJETIVIDADE	Revista Inter Ação	Brasil
Aproximações para entender a subjetividade numa perspectiva marxista.	SUBJETIVIDADE	Revista Trabalho & Educação	Brasil
A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para la psicología actual.	SUBJETIVIDADE	Revista de la Unión Latinoamericana de Psicología	México
La subjetividad en una perspectiva cultural-histórica: avanzando sobre un legado inconcluso.	SUBJETIVIDADE	Revista CS	Colômbia
Gerações, modernidade e subjetividade coletiva.	SUBJETIVIDADE COLETIVA	Revista Tempo Social	Brasil
La identidad colectiva como tema para el estudio filosófico.	SUBJETIVIDADE COLETIVA	Revista Astrolabio	Espanha
La significación de Vygotsky para la condideración de lo afectivo em la educación: las bases para la cuestión de la subetividad.	SUBJETIVIDADE E AFETIVIDADE	Revista Electrónica Actualidades Investigativas en Educación	Costa Rica
A crise do capitalismo como crise de subjetividade.	SUBJETIVIDADE E CAPITALISMO	Revista Galáxia	Brasil

La existência social: entre Subjetividad y condiciones objetivas, incidência em la discusión teórica sobre el desarrollo.	SUBJETIVIDADE E OBJETIVIDADE	Revista de Políticas Públicas	Brasil
Um acercamiento teórico a la subjetividade juvenil y su relación com la mediación tecnológica.	SUBJETIVIDADE E TICs	Revista académica e institucional da UCPR.	Colômbia
La subjetividade de la sociedade de trabajo.	SUBJETIVIDADE E TRABALHO	Revista Espiga	Costa Rica
Psicologia Sócio-histórica como fundamento para a compreensão das significações da atividade docente.	SUBJETIVIDADE E TRABALHO DOCENTE	Revista Estudos de Psicologia	Brasil
O discurso do sujeito-professor em formação: (des)construindo subjetividades.	SUBJETIVIDADE E TRABALHO DOCENTE	Cadernos CEDES	Brasil
O docente e sua subjetividade nos processos motivacionais.	SUBJETIVIDADE E TRABALHO DOCENTE	Revista Educação	Brasil
SUBJETIVIDADE E TRABALHO DOCENTE	SUBJETIVIDADE E TRABALHO DOCENTE	Revista Educare-UPEL-IPB	Venezuela
Apuntes iniciales para pensarse la subjetividade que se expresa en los procesos de docencia en la educación superior.	SUBJETIVIDADE E TRABALHO DOCENTE	Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación. Ensayos,	Argentina
Subjetividade social docente: elementos para um debate sobre políticas de subjetividade.	SUBJETIVIDADE E TRABALHO DOCENTE	Cadernos de Pesquisa - Fundação Carlos Chagas.	Brasil
Subjetividade e trabalho na educação.	SUBJETIVIDADE E TRABALHO DOCENTE	Revista Subjetividades	Brasil
O pensamento de Marx sobre a subjetividade.	SUBJETIVIDADE EM MARX	Revista Trans/formação	Brasil
Psicología em la educación: implicaciones de la subjetividade en una perspectiva cultural – histórica.	SUBJETIVIDADE EM UMA PERSPECTIVA SÓCIO CULTURAL	Revista Puertorriqueña de Psicología	Porto Rico
Subjetividad em las organizaciones educativas la subjetividade em la ENMSL.	SUBJETIVIDADE NAS ORGANIZAÇÕES EDUCATIVAS	Revista de Estudios y Experiencias en Educación	México
La subjetividade social y su expresión em la enseñanza.	SUBJETIVIDADE SOCIAL E EDUCAÇÃO	Revista Temas em Psicologia	Brasil

APÊNDICE 2

TESES E DISSERTAÇÕES PESQUISADAS.

TÍTULO	TESE / DISSERTAÇÃO	UNIVERSIDADE	ANO
Poder y subjetividad um discurso vivo.	TESE DE DOUTORADO	Universitat Autònoma de Barcelona	2001
Educação e desenvolvimento da personalidade da criança: contribuições da teoria histórico-cultural.	TESE DE DOUTORADO	Universidade Estadual Paulista	2005
Uma análise da configuração subjetiva do aluno com dificuldade de aprendizagem.	DISSERTAÇÃO DE MESTRADO	Pontifícia Universidade Católica de Campinas	2006
A disciplina de filosofia no ensino secundário: a representação dos professores da região do Minho.	TESE DE DOUTORADO	Universidade de Santiago de Compostela	2007
Las actitudes de los estudiantes hacia la universidad como indicador de calidad	TESE DE DOUTORADO	Universidade de Santiago de Compostela	2007
O afetivo para a psicologia histórico-cultural: considerações sobre o papel da educação escolar.	TESE DE DOUTORADO	Universidade Estadual Paulista	2008
Bienestar subjetivo y satisfacción escolar em la adolescencia	TESE DE DOUTORADO	Universitat de Girona	2012
Elicitación y representación del conocimiento experto de profesores universitarios: la construcción de redes y comunidades de aprendizaje como componente y condición de las “buenas prácticas docentes.	TESE DE DOUTORADO	Universidade de Santiago de Compostela	2013
Dificuldade de aprendizagem e subjetividade: para além das representações hegemônicas do aprender.	DISSERTAÇÃO DE MESTRADO	Universidade de Brasília	2014

APÊNDICE 3

INSTRUMENTO DE PESQUISA – QUESTIONÁRIO DA FASE UM.

UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA - FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E DIDÁTICA - PROGRAMA DE DOUTORAMENTO EM EDUCAÇÃO.

INSTRUMENTO DA PRIMEIRA FASE DE PESQUISA DA TESE DE DOUTORAMENTO INTITULADA: *“Educação e Subjetividade: as representações de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem, encontros e desencontros”*.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Me. Emerson Miguel da Cruz.

Antecipadamente agradecemos a sua participação. As suas ideias e seu ponto de vista serão muito importantes para o desenvolvimento de nosso trabalho.

.....

INFORMAÇÕES PESSOAIS:

Número de controle: _____

Idade _____ Sexo _____ Curso: _____

Renda Familiar:

- () Menos de R\$ 1.874,00 () Entre - R\$ 1.874,01 e R\$ 3.748,00
() Entre - R\$ 3.748,01 e R\$ 9.370,00 () Entre - R\$ 9.370,01 e R\$ 18.740,00
() Acima de 18.740,01

Qual o grau de escolaridade dos seus principais responsáveis?

Pai: _____

Mãe: _____

Outros: _____

(graus: sem formação formal - ensino fundamental incompleto – ensino fundamental completo – ensino médio incompleto – ensino médio completo – ensino superior incompleto – ensino superior completo – especialização – mestrado – doutorado).

EM TODAS AS QUESTÕES QUE ESTIVEREM DESTACADAS EM NEGRITO, SUBLINHADAS E COM A PALAVRA “ATENÇÃO” VOCÊ DEVE USAR O PROCEDIMENTO DESCRITO ABAIXO.

- a) - Você não precisa marcar “necessariamente” todos os itens, mas somente aquele (s) com os quais você está de acordo.
- b) Quando entender que mais de uma das opções apresentadas deva ser marcada, deve enumerá-las de acordo com sua relevância; começando com o número 1 para o mais importante e assim sucessivamente.
- c) Caso entenda que haja mais de uma opção com o mesmo grau de importância pode marcá-las com o mesmo número: por ex. duas opções marcadas com o número 1.
- d) Quando acrescentar outra opção (onde se apresenta a palavra Outros) você deve escrever qual é esta opção, e atribuir a ela um número que represente sua relevância.

Questionário:

1 – Você acha que, no seu caso, a formação escolar recebida, até então, foi importante para o seu desenvolvimento pessoal?

- () 1 – Muito importante. () 2 - Importante.

- ☐ 3 - Moderadamente importante.

☐ 4 – Indiferente (quando nem ajuda nem atrapalha).
- ☐ 5 – Pouco importante.

☐ 6 – Nada importante.

2 – Qual o seu grau de motivação para os estudos: (em primeiro momento escolha entre “MOTIVADO” ou “DESMOTIVADO” depois defina o nível).

MOTIVADO ()			DESMOTIVADO ()		
()	()	()	()	()	()
Muitíssimo motivado	Muito motivado	Moderadamente Motivado	Pouquíssimo Desmotivado	Pouco Desmotivado	Moderadamente desmotivado
()		()	()		()
Pouco		Pouquíssimo	Muito		Muitíssimo
Motivado		Motivado	Desmotivado		Desmotivado

3 – O que mais lhe dá motivação para estudar (ATENÇÃO):

- ☐ Ser aprovado no ano letivo.

☐ Tirar boas notas.
- ☐ A qualidade da instituição de ensino

☐ Um bom professor.
- ☐ Busca de uma boa carreira profissional.

☐ Incentivo dos pais.
- ☐ Busca de uma boa formação pessoal.

☐ Identificação com o conteúdo.
- ☐ Automotivação.
- ☐ Outros:

4 – O que mais lhe desmotiva a estudar (ATENÇÃO):

- ☐ Instituição de ensino ruim.

☐ Desinteresse pelo conteúdo.
- ☐ Falta de empatia com o professor.

☐ Falta de empatia com o grupo de colegas.
- ☐ Desinteresse pelos estudos.

☐ Cobrança por resultados (notas, vestibular etc.).
- ☐ Não saber o que pretende do futuro.

☐ Falta de empatia do professor.
- ☐ Outros:

5 – Quais destes elementos são (e foram) mais influenciadores nos seus hábitos como estudante (ATENÇÃO):

Quando usamos os tempos presente e passado (**são e foram**), entendemos que nossos hábitos de hoje vêm se formando ao longo de nossas vidas, portanto apesar do momento atual parecer mais relevante, queremos que pensem também nas influências que tiveram ao longo de toda a sua formação estudantil.

- ☐ Os pais/responsáveis.

☐ Os professores.
- ☐ Os colegas de turma.

☐ A instituição escolar.
- ☐ Influência dos meios de comunicação.

☐ Automotivação.
- ☐ Influência do ambiente em que vivi/vivo.

() Outros: _____

6 – Para você, quais os principais fatores positivos que contribuem para um bom processo ensino/aprendizagem (ATENÇÃO):

- () Qualidade da instituição de ensino. () Domínio do professor em relação ao conteúdo.
- () Boa relação entre professor e aluno. () Boa turma (colegas de sala de aula).
- () A atenção pessoal ao aluno durante as aulas. () Dedicação do aluno aos estudos.
- () Conteúdo interessante. () Boa didática do professor para ensinar.
- () A capacidade do aluno de prestar atenção às aulas.
- () Outros: _____

7 – Para você, quais os principais fatores negativos que contribuem para um processo ensino/aprendizagem pouco eficiente (ATENÇÃO):

- () Instituição de ensino de baixa qualidade.
- () A falta de dedicação do aprendiz aos estudos.
- () Relação ruim entre professor e aluno.
- () Conteúdo ruim e desinteressante.
- () Turma ruim (colegas de sala de aula).
- () A falta de domínio do professor em relação ao conteúdo.
- () A falta de atenção do aluno durante as aulas.
- () A falta de apoio e incentivo dos pais.
- () A falta de didática do professor para ensinar.
- () A falta de condições materiais e estruturais da escola.
- () A falta de condições materiais e estruturais em casa.
- () Outros: _____

8 – Como você se autoavalia como aluno:

- () Excelente. () Muito bom. () Bom.
- () Mediano. () Pouco bom () Fraco.

9 – A seu ver, quais os principais fatores que explicam a autoavaliação feita na questão anterior (ATENÇÃO):

- () Motivação pessoal. () Identificação com os estudos (gosto por estudar).
- () Apoio e incentivo dos pais/responsáveis. () Qualidade da instituição de ensino.
- () Qualidade dos professores. () Metodologias de ensino utilizadas.
- () Tempo de dedicação aos estudos.
- () Outros: _____

10 – Qual o nível de importância que você atribui ao papel do professor em um processo ensino aprendizagem:

- () Muito importante. () Importante. () Moderadamente importante.
- () Pouco importante. () Nada importante.

11 – Quais as características que você acha que um bom professor deve possuir (ATENÇÃO):

- () Domínio do conteúdo. () Boa relação professor/aluno.
- () Capacidade de ouvir e entender os alunos. () Capacidade de motivar os alunos.
- () Capacidade de ser um bom exemplo para os alunos. () Boa metodologia de ensino.
- () Ser experiente na tarefa de ensinar. () Ser justo nas avaliações.
- () Outros: _____

12 – Quais as características que você acha que um bom aluno deve possuir (ATENÇÃO):

- () Motivação para o estudo. () Bom relacionamento com o professor.
- () Bom relacionamento com os colegas de turma. () Disciplina e dedicação aos estudos.
- () Atenção durante as aulas. () Interesse pelo conteúdo.
- () Ter boas condições familiares e sociais para estudar.
- () Outros: _____

13 – De que forma você acredita que as aprendizagens desenvolvidas na escola influenciaram na sua formação pessoal:

- () Muito positiva () Positiva () Não influenciou
- () Negativa () Muito negativa
- () Outras: _____

14 – Em que fatores você acha que as aprendizagens desenvolvidas na escola mais contribuíram para a sua formação pessoal (ATENÇÃO):

- () Nível de formação intelectual .
- () Capacidade de me relacionar com as pessoas.
- () Na determinação e disciplina para aprender.
- () Na capacidade de entender e analisar criticamente o mundo ao meu redor.
- () Na qualificação para o trabalho.
- () Outros: _____

15 – Qual o nível de importância você atribui à sua formação escolar para o seu futuro:

- () Muito importante. () Importante. () Moderadamente importante.
- () Pouco importante. () Nada importante. () Não sei.
- () Outras: _____

16 – Em que você acha que uma boa formação educacional pode contribuir para o seu futuro? (ATENÇÃO)

- () Possibilidade de arranjar um emprego bem remunerado.

- () Desenvolvimento de um bom nível cultural.
 - () Capacidade de entender melhor o mundo.
 - () Ser um bom cidadýo.
 - () Possibilidade de se tornar um bom profissional.
 - () Possibilidade de contribuir positivamente para a sociedade onde vive.
 - () Permitir me relacionar melhor com as pessoas ao meu redor.:
 - () Outros _____
-

17 – De forma geral, qual avaliaçýo vocý faz da educaçýo que é oferecida hoje no Brasil?

- | | | |
|---------------------|-------------------|-----------------|
| () Excelente. | () Muito Boa. | () Boa. |
| () Mediana. | () Ruim | () Péssima. |
| () Outras _____ | | |



APÊNDICE 4

PARECERES SOBRE OS INSTRUMENTOS DE PESQUISA: Doutor Alecyr Alves Viana Neto.

PARECER SOBRE INSTRUMENTO DE PESQUISA:

Caro professor (a).
Com base em seus conhecimentos e experiência, você foi convidado para avaliar esse instrumento da pesquisa intitulada: “Educação e subjetividade: As representações de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem, encontros e desencontros”. A avaliação do instrumento é de fundamental importância para que a pesquisa seja válida e eficiente, sendo capaz de trazer as informações necessárias para a interpretação do fenômeno. Portanto, de antemão, agradecemos a sua valiosa contribuição.
Nome completo: ALCYR ALVES VIANA NETO
Formação acadêmica: EDUCAÇÃO FÍSICA
Atuação profissional: DOCÊNCIA
Instituição que está vinculado: INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS
Assinatura: [assinatura] Data: 7/2/19.
* Avalie cada item correspondente ao questionário com a escala de 4 a 0, do mais qualificado para o menos qualificado.

1ª ETAPA: QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS.

QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 01	04	4	4	4
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 02	04	4	3	3
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 03	04	4	4	4
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 04	04	3	4	4
	03			
	02			
	01			
	00			

	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
	04			
NÚMERO 05	03	4	4	4
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
	04			
NÚMERO 06	03	4	4	4
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
	04			
NÚMERO 07	03	4	4	4
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
	04			
NÚMERO 08	03	4	4	2
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
	04			
NÚMERO 09	03	4	4	2
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
	04			
NÚMERO 10	03	4	4	4
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
	04			
NÚMERO 11	03	4	4	4
	02			
	01			
	00			

QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 12	04	4	4	4
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 13	04	4	4	3
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 14	04	4	4	3
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 15	04	4	4	4
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 16	04	4	4	4
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 17	04	4	4	2
	03			
	02			
	01			
	00			

Observações e sugestões que julgue necessárias sobre o instrumento:

QUESTÃO 8: PRECISA DEIXAR MAIS CLARA A QUESTÃO 8 EM PRIMEIRO LUGAR, POIS O QUE VOCÊ QUER SABER DEVE REALMENTE (O ALUNO)? A QUESTÃO 9 PRECISARIA QUE A

QUESTÃO 8 SEJA MELHORADA PARA OBTER
UMA RESPOSTA MAIS RELEVANTE.

QUESTÃO 17 - É EM PORTUGAL A EDUCAÇÃO PÚBLICA?
MAIS QUAL ESFORÇO? PÚBLICA E PRIVADO?



APÊNDICE 5

PARECERES SOBRE OS INSTRUMENTOS DE PESQUISA: Doutor Frederico Jorge Saad Guirra.

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
Orientador: Miguel Angel Zabalza Beraza
Doutorando: Emerson Miguel da Cruz



PARECER SOBRE INSTRUMENTO DE PESQUISA:

Caro professor (a).

Com base em seus conhecimentos e experiência, você foi convidado para avaliar esse instrumento da pesquisa intitulada: *“Educação e subjetividade: As representações de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem, encontros e desencontros”*. A avaliação do instrumento é de fundamental importância para que a pesquisa seja válida e eficiente, sendo capaz de trazer as informações necessárias para a interpretação do fenômeno. Portanto, de antemão, agradecemos a sua valiosa contribuição.

Nome completo: Frederico Jorge Saad Guirra

Formação acadêmica: Doutorado

Atuação profissional: Ensino Superior

Instituição que está vinculado: Universidade Federal de Mato Grosso

Assinatura:

Data: 14/01/2019.

** Avalie cada item correspondente ao questionário com a escala de 4 a 0, do mais qualificado para o menos qualificado.*

1ª ETAPA: QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS.

QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 01	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 02	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
	04	x	x	x

NÚMERO 03	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 04	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 05	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 06	04	x	x	
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 07	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 08	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 09	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
	04	x	x	x

NÚMERO 10	03			
	02			
	01			
	00			

QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 11	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 12	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 13	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 14	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 15	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 16	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA

NÚMERO 17	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			

Observações e sugestões que julgue necessárias sobre o instrumento:

Sugestão: Entendemos a necessidade do questionário elaborado, principalmente, por sua importância dentro da coleta de dados. Porém, ficamos um pouco preocupados com o tamanho, expresso aqui em 17 questões. Como em pesquisa na área da educação temos utilizado com frequência a triangulação de dados, pensamos que o tamanho do questionário talvez atrapalhe o debate do referencial teórico com os dados a serem catalogados pelas respostas dos alunos, o que faria com que importantes dados perdessem sua fidedignidade por repetição de perguntas.

Sugestão: Você levanta 10 hipóteses dentro do seu projeto simplificado que nos foi enviado. Pergunto: Terá tempo e fôlego para responder a todas elas? Seu referencial teórico conseguirá abarcar todas as questões que levantou?

Nesse sentido, achei que os objetivos específicos são muitos.

Sugestão: Achei que seu questionário por ser somente objetivo, perderá dados importantes, por exemplo, como a subjetividade. Em minha opinião deveria haver questões semiabertas, exatamente por seu grande interesse estar na resposta deles, os alunos.


Sugestão: senti falta no questionário de perguntas sobre a formação primeira.

Sugestões: Talvez trazer algo no questionário, ou no texto sobre motivação intrínseca e extrínseca...

APÊNDICE 6

PARECERES SOBRE OS INSTRUMENTOS DE PESQUISA: Doutor Guillermo Ávila Gonçalves.

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
Orientador: Miguel Angel Zabalza Beraza
Doutorando: Emerson Miguel da Cruz



PARECER SOBRE INSTRUMENTO DE PESQUISA:

Caro professor (a).

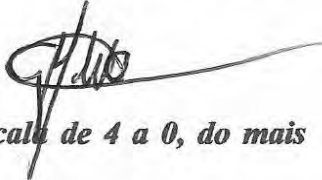
Com base em seus conhecimentos e experiência, você foi convidado para avaliar esse instrumento da pesquisa intitulada: “*Educação e subjetividade: As representações de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem, encontros e desencontros*”. A avaliação do instrumento é de fundamental importância para que a pesquisa seja válida e eficiente, sendo capaz de trazer as informações necessárias para a interpretação do fenômeno. Portanto, de antemão, agradecemos a sua valiosa contribuição.

Nome completo: Guillermo de Ávila Gonçalves

Formação acadêmica: Doutorado em Educação (Universidade Federal de Goiás)

Atuação profissional: Docência nos ensinos médio e superior

Instituição que está vinculado: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Assinatura: Guillermo de Ávila Gonçalves Data: 25/12/2018. 

** Avalie cada item correspondente ao questionário com a escala de 4 a 0, do mais qualificado para o menos qualificado.*

1ª ETAPA: QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS.

QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 01	04	X	X	X
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 02	04		x	
	03			
	02	x		x
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 03	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			

QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 04	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 05	04		x	x
	03	x		
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 06	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 07	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 08	04		x	
	03	x		x
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 09	04		x	x
	03	x		
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 10	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			

QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 11	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 12	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 13	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 14	04	x	x	
	03			
	02			x
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 15	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 16	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 17	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			



Observações e sugestões que julgue necessárias sobre o instrumento:

- a) Nas instruções, na página 2, está escrito “destacas”: troque por “destacadas”.
- b) Para além do instrumento, sugiro que no texto do trabalho sejam citados outros pares dialéticos, como aparência/essência, parte/totalidade, permanente/transitório.
- c) Levando em consideração os problemas apresentados no texto, penso que falta na descrição dos procedimentos a análise de professor pelo próprio professor
- d) Na segunda questão do questionário penso que as opções deveriam ser apenas as seguintes: muito motivado, motivado, pouco motivado, neutro, pouco desmotivado, desmotivado, muito desmotivado.
- e) Na questão número 5, ao invés de “país” escreva “pais”. Na mesma questão sugiro uma alternativa com a seguinte redação: “influência do ambiente em que vivi/vivo”.
- f) Na questão 8, penso que o termo “pouco bom” não está claro.
- g) Na questão 9, penso que novamente a “influência do ambiente em que vivi/vivo” seria mais uma alternativa importante.
- h) A redação do enunciado da questão 14 não está suficientemente clara, em minha concepção.
- i) “A” sua formação escolar deve possuir crase.
- j) Na questão 17 a alternativa “muito ruim” pode ser substituída por “péssima”.

Guillermo de la Haza

APÊNDICE 7

PARECERES SOBRE OS INSTRUMENTOS DE PESQUISA: Doutor Made Júnior Miranda.

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
Orientador: Miguel Angel Zabalza Beraza
Doutorando: Emerson Miguel da Cruz



PARECER SOBRE INSTRUMENTO DE PESQUISA:

Caro professor (a).


Com base em seus conhecimentos e experiência, você foi convidado para avaliar esse instrumento da pesquisa intitulada: “Educação e subjetividade: As representações de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem, encontros e desencontros”. A avaliação do instrumento é de fundamental importância para que a pesquisa seja válida e eficiente, sendo capaz de trazer as informações necessárias para a interpretação do fenômeno. Portanto, de antemão, agradecemos a sua valiosa contribuição.

Nome completo: MADE JÚNIOR MIRANDA

Formação acadêmica: DOUTOR EM EDUCAÇÃO PPGE/PUCGO (PÓS DOC EDUCAÇÃO SOCIAL UFMS; PÓS DOC. EDUCAÇÃO USP)

Atuação profissional: DOCENTE EFETIVO UEG/ESEFFEGO (CURSO GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA); PUC/GO (CURSO GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA / PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO).

Instituição que está vinculado: UNIVERSIDADEE ESTUDUAL DE GOIÁS / PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIAS.

Assinatura:  Data: 24/ 11/2018.

** Avalie cada item correspondente ao questionário com a escala de 4 a 0, do mais qualificado para o menos qualificado.*

1ª ETAPA: QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS.

QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 01	04	X	X	X
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 02	04	X	X	X
	03			
	02			
	01			

	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 03	04	X	X	X
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 04	04	X	X	X
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 05	04	X	X	X
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 06	04		x	
	03	x		x
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 07	04		x	
	03	x		X
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 08	04	x	x	x
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 09	04	x	x	x
	03			
	02			

	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 10	04		x	
	03	x		X
	02			
	01			
	00			

QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 11	04		x	
	03	x		x
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 12	04		x	
	03	x		x
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 13	04		x	
	03	x		x
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 14	04	x	x	X
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 15	04		x	
	03	x		x
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
	04			
	03			

NÚMERO 16	02	x	x	X
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 17	04		x	
	03	x		x
	02			
	01			
	00			

Observações e sugestões que julgue necessárias sobre o instrumento:

Olá Emerson, sobre as opções de grau de escolaridade dos pais ou responsáveis, nas informações pessoais, eu substituiria a opção “sem formação” por “sem formação formal”, haja vista os vários conceitos literários de educação formal.

Nas questões 6 e 7, quando são usados os termos “pontos positivos” e “pontos negativos”, imagino que será dado no texto um tratamento conceitual a estas expressões, dadas as suas interpretações generalizantes que podem influenciar na significância dos resultados.

A ideia neste ponto do questionário, é elencar quantitativamente mesmo, os pontos mais positivos e mais negativos, que ajudam ou dificultam o processo ensino aprendizagem. Pontos estes que podem ser aprofundados na terceira fase da pesquisa (entrevista com os alunos). Você tem alguma sugestão neste sentido? Será muito bem vinda.

A 9 questão corrige a possibilidade de distorções da questão 8 em função da subjetividade da interpretação das atribuições avaliativas.

Na 10 questão, o conceito de “processo de ensino aprendizagem” vai ser um influenciador da resposta dada pelo entrevistado, por exemplo, a cultura de escola e educação abstraída pelos alunos historicamente no contexto de formação influencia e cria nele o modo de pensar dele, como no caso de um autodidata. É possível que este “conceito” apropriado pelo aluno seja uma incógnita para o pesquisador se não houver um aprofundamento maior nesta questão!

As questões 11 e 12, também tem uma relação com o questionamento da questão 10.

Talvez valesse apenas deixar as questões 13, 15 e 17 semiabertas, com um espaço para subjetividades (Outros _____)!



APÊNDICE 8

PARECERES SOBRE OS INSTRUMENTOS DE PESQUISA: Doutor Tadeu João
Ribeiro Baptista.

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
Orientador: Miguel Angel Zabalza Beraza
Doutorando: Emerson Miguel da Cruz



PARECER SOBRE INSTRUMENTO DE PESQUISA:

Caro professor (a).

Com base em seus conhecimentos e experiência, você foi convidado para avaliar esse instrumento da pesquisa intitulada: “Educação e subjetividade: As representações de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem, encontros e desencontros”. A avaliação do instrumento é de fundamental importância para que a pesquisa seja válida e eficiente, sendo capaz de trazer as informações necessárias para a interpretação do fenômeno. Portanto, de antemão, agradecemos a sua valiosa contribuição.

Nome completo: Tadeu João Ribeiro Baptista

Formação acadêmica: Doutor em Educação pela Universidade Federal de Goiás

Atuação profissional: Docente da Faculdade de Educação Física e Dança e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Educação e do Mestrado em Educação Física

Instituição que está vinculado: Universidade Federal de Goiás

Assinatura: _____ Data: 05/02/2019.

* Avalie cada item correspondente ao questionário com a escala de 4 a 0, do mais qualificado para o menos qualificado.

1ª ETAPA: QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS.

QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 01	04	X	X	X
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 02	04	X	X	X
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 03	04	X	X	X
	03			
	02			

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
Orientador: Miguel Angel Zabalza Beraza
Doutorando: Emerson Miguel da Cruz



	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 04	04	X	X	X
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 05	04	X	X	X
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 06	04		X	
	03			
	02	X		X
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 07	04	X	X	X
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 08	04	X	X	X
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 09	04	X	X	X
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 10	04	X	X	X
	03			
	02			

	01			
	00			

QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 11	04	X	X	X
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 12	04	X	X	X
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 13	04	X	X	
	03			
	02			
	01			X
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 14	04	X	X	X
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 15	04	X	X	X
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
NÚMERO 16	04	X	X	X
	03			
	02			
	01			
	00			
QUESTÃO	NÍVEIS	ADEQUAÇÃO	RELEVÂNCIA	CLAREZA
	04	X	X	X
	03			

NÚMERO 17	02			
	01			
	00			

Observações e sugestões que julgue necessárias sobre o instrumento:

Na Questão Número 06, a alternativa “A atenção pessoal ao aluno durante as aulas” tem, aparentemente, a intenção de perguntar ao aluno se a atenção do professor ao aluno de maneira individual influencia ou não no desempenho discente. Desse modo, devido à ambiguidade apresentada, sugiro que seja dada uma outra redação a esta resposta.

Na Questão Número 13, o enunciado está confuso dadas as alternativas apresentadas. Nesse caso, também se sugere uma alteração do enunciado para que o participante da pesquisa consiga estabelecer de uma forma mais clara, a intenção do pesquisador em relação ao seu objetivo.

Finalmente, um comentário de caráter mais geral. Apesar de o objetivo geral apontar para a ideia da construção da subjetividade, todas as perguntas giram em torno da relação entre ensino e aprendizagem, salvo as últimas questões que apontam para algumas possibilidades nas alternativas como “desenvolvimento de um bom nível cultural”. Neste caso, fico pensando se a ideia de “subjetividade” apresentada no instrumento, não ficou restrita à ideia da subjetividade em uma das dimensões da vida que é a acadêmica, profissional, ainda que pergunte sobre a influência dos pais no processo.

Estas são as minhas contribuições e fico à disposição para dirimir eventuais dúvidas.

Prof. Dr. Tadeu João Ribeiro Baptista
Faculdade de Educação Física e Dança
Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Educação Física
Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Educação
Universidade Federal de Goiás.

APÊNDICE 9

TERMOS DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Seu filho (a) (ou outra pessoa por quem você é responsável) está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada ***“Educação e Subjetividade: As representações de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem, encontros e desencontros”***. Meu nome é Emerson Miguel da Cruz, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é a educação. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. A colaboração dele (a) neste estudo será de grande importância para nós.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Seu filho (a) (ou outra pessoa por quem você é responsável), após o seu consentimento, também assinará um documento de participação, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, qualquer dúvida sobre a pesquisa poderá ser esclarecida pelo pesquisador responsável, via e-mail emersonmiguelcruz05@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através dos seguintes contatos telefônicos: (62) 98402-7340 - (62) 3227-2768. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás/IFG**, pelo telefone (62) 3612-2200.

Entendemos que a participação dos alunos na pesquisa será uma forma deles refletirem sobre sua trajetória dentro do ensino formal, fazendo ao mesmo tempo uma autocrítica e uma reflexão sobre o sistema educacional do qual faz parte; acreditamos que esta ação lhe permitirá uma melhor visão do contexto educacional, o que lhe possibilitará encarar a sequência de sua formação com mais maturidade.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA:

Título: *“Educação e Subjetividade: as representações de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem, encontros e desencontros”*.

Justificativa: A intenção da pesquisa é utilizar as informações obtidas para intervir de forma positiva na qualidade da educação fornecida pela instituição, usando-as para reforçar os seus pontos fortes e para corrigir as dificuldades.

Objetivos: nossa investigação tem como objetivo geral analisar aspectos de como os alunos e professores enxergam o processo ensino aprendizagem; em especial: suas percepções, suas motivações e suas atitudes frente a este contexto.

PROCEDIMENTOS E MÉTODOS UTILIZADOS NA PESQUISA:

A nossa pesquisa constará de três momentos: primeiro - questionário para os alunos, segundo – entrevista com os professores, terceiro – entrevista com os alunos. Para o

questionário do primeiro momento da pesquisa o tempo médio para responder às questões é de trinta minutos, os questionários serão aplicados dentro do horário de aula, em comum acordo com um dos vários professores das disciplinas cursadas, sem nenhum prejuízo para o desenvolvimento do conteúdo e nem para o aprendizado. Para as entrevistas serão convidados alguns professores e alunos, também pelo mesmo sistema de participação voluntária, estas entrevistas serão realizadas em local reservado somente com a presença do entrevistado e do pesquisador que realizará a entrevista.

DOS RISCOS E BENEFÍCIOS DA PESQUISA:

As pesquisas interacionistas, como é o caso da nossa, em função da característica dos instrumentos (questionário e entrevista semiestruturada) não oferecem riscos de nível físico aos participantes, mas trazem possibilidades de algumas ocorrências nas esferas: sociocultural, de crenças, de valores e emoções.

Nem a pesquisa nem o pesquisador têm a intenção de infligir danos ou males aos sujeitos da pesquisa, mas devido ao fato que estes irão de alguma forma expor sua subjetividade: ideias, conceitos, atitudes, emoções; sendo estes elementos aspectos pessoais e frequentemente íntimos de suas vidas poderão se sentir: intimidados, envergonhados, constrangidos ou incomodados. Os referidos instrumentos por serem aplicados a uma significativa quantidade de pessoas podem gerar a ansiedade da comparação entre as respostas dos sujeitos. As entrevistas em especial, podem gerar algum incômodo ou ansiedade nos participantes que não tenham o hábito de verbalizar suas ideias, especialmente porque estas serão feitas para outra pessoa (de certa forma um estranho) que gravará as informações.

Vemos como aspecto positivo o fato de colocarmos uma grande parte da comunidade escolar, em particular a envolvida no ensino médio, para participarem de uma reflexão que poderá trazer à tona muitos elementos relevantes dos processos de ensino e aprendizagem levados a cabo dentro da instituição, o que permitirá ações administrativas e didático/pedagógicas com vistas a ressaltar os pontos positivos e corrigir as falhas.

Para os alunos em particular será uma forma de analisar sua trajetória dentro do ensino formal, fazendo ao mesmo tempo uma crítica ao sistema e uma autocrítica; acreditamos que esta reflexão lhe permitirá uma melhor visão de conjunto do sistema, o que lhe possibilitará encarar a sequência de sua formação com mais maturidade.

DAS GARANTIAS DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA:

Os objetivos desta investigação são estritamente acadêmicos. Informamos ainda que o uso das informações oferecidas estão submetidos às normas éticas de pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. A colaboração se dará de forma anônima, por meio de um questionário objetivo a ser aplicado após a assinatura deste termo. O acesso e a análise dos dados coletados serão feitas apenas pelo pesquisador responsável e pelo seu colaborador **Dr. Miguel Angel Zabalza Beraza**. Informamos ainda que seu filho ou pessoa por quem é responsável, poderá se retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo nenhum, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Garantimos também a ele o direito de se recusar a responder questões que lhe causarem desconforto emocional e/ou constrangimento. Informamos ainda que seu filho (ou pessoa por quem é responsável) tem o direito de pleitear indenização (reparação de danos imediatos ou futuros), decorrentes da sua participação na pesquisa.

DOS RESULTADOS DA PESQUISA:

Resguardado o devido anonimato das respostas de cada participante da pesquisa, os resultados gerais serão divulgados em: seminários e debates internos do IFG, publicados em revistas científicas, em congressos nacionais e internacionais, e também apresentadas em parcerias com outras instituições, nacionais ou internacionais.

Informamos ainda que os dados gerais resultantes da pesquisa serão guardados e usados para novas investigações e ou para comparação com a aplicação dos mesmos instrumentos e procedimentos em outras instituições e redes de ensino. Este arquivamento é importante, pois nos permitirá comparar os dados de nossa instituição com outras do mesmo seguimento, fazendo análises comparativas que possibilitem intervenções que concorram para a melhoria da qualidade de ensino na instituição e nas redes de ensino como um todo.

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados;

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados;

Obs: rubricar dentro do parêntese com a proposição escolhida.

Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,....., inscrito(a) sob o **RG/ CPF**....., abaixo assinado, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em consentir que participe do estudo intitulado ***“Educação e Subjetividade: as representações de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem, encontros e desencontros”***. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele (a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador responsável **Me. Emerson Miguel da Cruz** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação do sujeito pelo qual sou responsável. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a participação dele (a) no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso

Responsável legal por _____

Assinatura por extenso do pesquisador responsável

APÊNDICE 10

TERMOS DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada: ***“Educação e Subjetividade: as representações de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem, encontros e desencontros”***. Meu nome é **Emerson Miguel da Cruz**, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é a educação. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de grande importância para nós.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, qualquer dúvida sobre a pesquisa poderá ser esclarecida pelo pesquisador responsável, via e-mail emersonmiguelcruz05@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através dos seguintes contatos telefônicos: (62) 98402-7340 - (62) 3227-2768. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás/IFG**, pelo telefone (62) 3612-2200.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA:

Título: *“Educação e Subjetividade: as representações de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem, encontros e desencontros”*.

Justificativa: A intenção da pesquisa é utilizar as informações obtidas para intervir de forma positiva na qualidade da educação fornecida pela instituição, usando-as para reforçar os seus pontos fortes e para corrigir as dificuldades.

Objetivos: nossa investigação tem como objetivo geral analisar aspectos de como os alunos e professores enxergam o processo ensino aprendizagem; em especial: suas percepções, suas motivações e suas atitudes frente a este contexto.

PROCEDIMENTOS E MÉTODOS UTILIZADOS NA PESQUISA:

A nossa pesquisa constará de três momentos: primeiro - questionário para os alunos, segundo – entrevista com os professores, terceiro – entrevista com os alunos. Para o questionário do primeiro momento da pesquisa o tempo médio para responder às questões é de trinta minutos, os questionários serão aplicados dentro do horário de aula, em comum acordo com um dos vários professores das disciplinas cursadas, sem nenhum prejuízo para o desenvolvimento do conteúdo e nem para o aprendizado. Para as entrevistas serão convidados alguns professores e alunos, também pelo mesmo sistema de participação voluntária, estas entrevistas serão realizadas em local reservado somente com a presença do entrevistado e do pesquisador que realizará a entrevista, e em horário agendado em comum acordo entre o participante e o pesquisador.

DOS RISCOS E BENEFÍCIOS DA PESQUISA:

As pesquisas interacionistas, como é o caso da nossa, em função da característica dos instrumentos (questionário e entrevista semiestruturada) não oferecem riscos de nível físico aos participantes, mas trazem possibilidades de algumas ocorrências nas esferas: sociocultural, de crenças, de valores e emoções.

Nem a pesquisa nem o pesquisador têm a intenção de infligir danos ou males aos sujeitos da pesquisa, mas devido ao fato que estes irão de alguma forma expor sua subjetividade: ideias, conceitos, atitudes, emoções; sendo estes elementos aspectos pessoais e frequentemente íntimos de suas vidas poderão se sentir: intimidados, envergonhados, constrangidos ou incomodados. Os referidos instrumentos por serem aplicados a uma significativa quantidade de pessoas podem gerar a ansiedade da comparação entre as respostas dos sujeitos. As entrevistas em especial, podem gerar algum incômodo ou ansiedade nos participantes que não tenham o hábito de verbalizar suas ideias, especialmente porque estas serão feitas para outra pessoa (de certa forma um estranho) que gravará as informações.

Vemos como aspecto positivo o fato de colocarmos uma grande parte da comunidade escolar, em particular a envolvida no ensino médio, para participarem de uma reflexão que poderá trazer à tona muitos elementos relevantes dos processos de ensino e aprendizagem levados a cabo dentro da instituição, o que permitirá ações administrativas e didático/pedagógicas com vistas a ressaltar os pontos positivos e corrigir as falhas.

Para os alunos em particular será uma forma de analisar sua trajetória dentro do ensino formal, fazendo ao mesmo tempo uma crítica ao sistema e uma autocrítica; acreditamos que esta reflexão lhe permitirá uma melhor visão de conjunto do sistema, o que lhe possibilitará encarar a sequência de sua formação com mais maturidade.

DAS GARANTIAS DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA:

Os objetivos desta investigação são estritamente acadêmicos. Informamos ainda que o uso das informações oferecidas estão submetidos às normas éticas de pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. A colaboração se dará de forma anônima, por meio de um questionário objetivo a ser aplicado após a assinatura deste termo. O acesso e a análise dos dados coletados serão feitas apenas pelo pesquisador responsável e pelo seu colaborador **Dr. Miguel Angel Zabalza Beraza**. Informamos ainda que seu filho ou pessoa por quem é responsável, poderá se retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo nenhum, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Garantimos também a ele o direito de se recusar a responder questões que lhe causarem desconforto emocional e/ou constrangimento. Informamos ainda que seu filho (ou pessoa por quem é responsável) tem o direito de pleitear indenização (reparação de danos imediatos ou futuros), decorrentes da sua participação na pesquisa.

DOS RESULTADOS DA PESQUISA:

Resguardado o devido anonimato das respostas de cada participante da pesquisa, os resultados gerais serão divulgados em: seminários e debates internos do IFG, publicados em revistas científicas, em congressos nacionais e internacionais, e também apresentadas em parcerias com outras instituições, nacionais ou internacionais.

Informamos ainda que os dados gerais resultantes da pesquisa serão guardados e usados para novas investigações e ou para comparação com a aplicação dos mesmos instrumentos e procedimentos em outras instituições e redes de ensino. Este arquivamento é importante, pois nos permitirá comparar os dados de nossa instituição com outras do mesmo seguimento, fazendo análises comparativas que possibilitem intervenções que

concorram para a melhoria da qualidade de ensino na instituição e nas redes de ensino como um todo.

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados;

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados;

Obs: rubricar dentro do parêntese com a proposição escolhida.

Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,....., inscrito(a) sob o **RG/ CPF**....., abaixo assinado, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em participar que da pesquisa intitulada: ***“Educação e Subjetividade: as representações de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem, encontros e desencontros”***. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador responsável **Me. Emerson Miguel da Cruz** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação. Foi garantido que posso me retirar da pesquisa a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo em participar no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso

Assinatura por extenso do pesquisador responsável

APÊNDICE 11

TERMOS DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA.

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada: ***“Educação e Subjetividade: as representações de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem, encontros e desencontros”***. Meu nome é **Emerson Miguel da Cruz**, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é a educação. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de grande importância para nós.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, qualquer dúvida sobre a pesquisa poderá ser esclarecida pelo pesquisador responsável, via e-mail emersonmiguelcruz05@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através dos seguintes contatos telefônicos: (62) 98402-7340 - (62) 3227-2768. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás/IFG**, pelo telefone (62) 3612-2200.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA:

Título: *“Educação e Subjetividade: as representações de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem, encontros e desencontros”*.

Justificativa: A intensão da pesquisa é utilizar as informações obtidas para intervir de forma positiva na qualidade da educação fornecida pela instituição, usando-as para reforçar os seus pontos fortes e para corrigir as dificuldades.

Objetivos: nossa investigação tem como objetivo geral analisar aspectos de como os alunos e professores enxergam o processo ensino aprendizagem; em especial: suas percepções, suas motivações e suas atitudes frente a este contexto.

PROCEDIMENTOS E MÉTODOS UTILIZADOS NA PESQUISA:

A nossa pesquisa constará de três momentos: primeiro - questionário para os alunos, segundo – entrevista com os professores, terceiro – entrevista com os alunos. Para o questionário do primeiro momento da pesquisa o tempo médio para responder às questões é de trinta minutos, os questionários serão aplicados dentro do horário de aula, em comum acordo com um dos vários professores das disciplinas cursadas, sem nenhum prejuízo para o desenvolvimento do conteúdo e nem para o aprendizado. Para as entrevistas serão convidados alguns professores e alunos, também pelo mesmo sistema de participação voluntária, estas entrevistas serão realizadas em local reservado somente com a presença do entrevistado e do pesquisador que realizará a entrevista.

DOS RISCOS E BENEFÍCIOS DA PESQUISA:

As pesquisas interacionistas, como é o caso da nossa, em função da característica dos instrumentos (questionário e entrevista semiestruturada) não oferecem riscos de nível físico aos participantes, mas trazem possibilidades de algumas ocorrências nas esferas: sociocultural, de crenças, de valores e emoções.

Nem a pesquisa nem o pesquisador têm a intenção de infligir danos ou males aos sujeitos da pesquisa, mas devido ao fato que estes irão de alguma forma expor sua subjetividade: ideias, conceitos, atitudes, emoções; sendo estes elementos aspectos pessoais e frequentemente íntimos de suas vidas poderão se sentir: intimidados, envergonhados, constrangidos ou incomodados. Os referidos instrumentos por serem aplicados a uma significativa quantidade de pessoas podem gerar a ansiedade da comparação entre as respostas dos sujeitos. As entrevistas em especial, podem gerar algum incômodo ou ansiedade nos participantes que não tenham o hábito de verbalizar suas ideias, especialmente porque estas serão feitas para outra pessoa (de certa forma um estranho) que gravará as informações.

Vemos como aspecto positivo o fato de colocarmos uma grande parte da comunidade escolar, em particular a envolvida no ensino médio, para participarem de uma reflexão que poderá trazer à tona muitos elementos relevantes dos processos de ensino e aprendizagem levados a cabo dentro da instituição, o que permitirá ações administrativas e didático/pedagógicas com vistas a ressaltar os pontos positivos e corrigir as falhas.

Para os alunos em particular será uma forma de analisar sua trajetória dentro do ensino formal, fazendo ao mesmo tempo uma crítica ao sistema e uma autocrítica; acreditamos que esta reflexão lhe permitirá uma melhor visão de conjunto do sistema, o que lhe possibilitará encarar a sequência de sua formação com mais maturidade.

DAS GARANTIAS DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA:

Os objetivos desta investigação são estritamente acadêmicos. Informamos ainda que o uso das informações oferecidas estão submetidos às normas éticas de pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. A colaboração se dará de forma anônima, por meio de um questionário objetivo a ser aplicado após a assinatura deste termo. O acesso e a análise dos dados coletados serão feitas apenas pelo pesquisador responsável e pelo seu colaborador **Dr. Miguel Angel Zabalza Beraza**. Informamos ainda que seu filho ou pessoa por quem é responsável, poderá se retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo nenhum, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Garantimos também a ele o direito de se recusar a responder questões que lhe causarem desconforto emocional e/ou constrangimento. Informamos ainda que seu filho (ou pessoa por quem é responsável) tem o direito de pleitear indenização (reparação de danos imediatos ou futuros), decorrentes da sua participação na pesquisa.

DOS RESULTADOS DA PESQUISA:

Resguardado o devido anonimato das respostas de cada participante da pesquisa, os resultados gerais serão divulgados em: seminários e debates internos do IFG, publicados em revistas científicas, em congressos nacionais e internacionais, e também apresentadas em parcerias com outras instituições, nacionais ou internacionais.

Informamos ainda que os dados gerais resultantes da pesquisa serão guardados e usados para novas investigações e ou para comparação com a aplicação dos mesmos instrumentos e procedimentos em outras instituições e redes de ensino. Este arquivamento é importante, pois nos permitirá comparar os dados de nossa instituição com outras do mesmo seguimento, fazendo análises comparativas que possibilitem intervenções que concorram para a melhoria da qualidade de ensino na instituição e nas redes de ensino como um todo.

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados;

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados;

Obs: rubricar dentro do parêntese com a proposição escolhida.

Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,....., inscrito(a) sob o RG/ CPF....., abaixo assinado, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em participar da pesquisa intitulada: ***“Educação e Subjetividade: as representações de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem, encontros e desencontros”***. Destaco que a participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador responsável **Me. Emerson Miguel da Cruz** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação. Foi garantido que posso me retirar da pesquisa a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo em participar no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso

Assinatura por extenso do pesquisador responsável

APÊNDICE 12

INSTRUMENTO DE PESQUISA – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS
PROFESSORES.

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA E ORGANIZAÇÃO ESCOLAR/ PROGRAMA DE DOUTORAMENTO EM EDUCAÇÃO/FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

TESE: EDUCAÇÃO E SUBJETIVIDADE: as representações de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem, encontros e desencontros.

DOUTORANDO: Me. Emerson Miguel da Cruz.

DIRETOR DE TESE: Dr. Miguel Angel Zabalza Beraza.

QUESTÃO UM - *QUAL O CONCEITO DO SUJEITO SOBRE O QUE É EDUCAÇÃO.*

QUESTÃO DOIS: *QUAL O OLHAR DO SUJEITO SOBRE A EDUCAÇÃO FORMAL E O ESPAÇO DA ESCOLA.*

QUESTÃO TRÊS: *SOBRE A VISÃO DO ENTREVISTADO A RESPEITO DA INFLUÊNCIA DESTE PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM NA VIDA E NA FORMAÇÃO DO ALUNO.*

QUESTÃO QUATRO: *NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO QUAIS OS PONTOS POSITIVOS E/OU NEGATIVOS QUE INTERFEREM NO APRENDIZADO DO ALUNO.*

QUESTÃO CINCO: *SOBRE COMO O ENTREVISTADO PERCEBE O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM PARA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ENQUANTO TRABALHADOR.*

QUESTÃO SEIS: *SOBRE A TRAJETÓRIA DO INDIVÍDUO E O QUE O TRAZ À CARREIRA DE PROFESSOR.*

QUESTÃO SETE: *SOBRE O QUE MAIS LHE MOTIVA E O QUE MAIS LHE DESMOTIVA NA CARREIRA DE PROFESSOR.*

QUESTÃO OITO: *NA VISÃO DO ENTREVISTADO QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM PROFESSOR PARA CONSEGUIR CONTRIBUIR COM EFICIÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.*

QUESTÃO NOVE: *NA VISÃO DO ENTREVISTADO, QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM ALUNO PARA CONSEGUIR SE DESENVOLVER BEM DENTRO DESTE PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.*

QUESTÃO DEZ: *SOBRE O QUE MAIS MOTIVA E O QUE MAIS DESMOTIVA OS ALUNOS, NA VISÃO DO ENTREVISTADO.*

QUESTÃO ONZE: *SOBRE OLHAR DO ENTREVISTADO PARA OS ALUNOS ENQUANTO CONJUNTO. SE EM LINHAS GERAIS ESTES LHE PARECEM MAIS MOTIVADOS OU MAIS DESMOTIVADOS.*

QUESTÃO DOZE: *NA PERSPECTIVA DO ENTREVISTADO, O QUE LEVA O ALUNO A TER OS HÁBITOS E AS CONDUTAS QUE NORMALMENTE ELES TÊM EM SALA DE AULA (EXEMPLO: SER MAIS OU MENOS DEDICADO AOS ESTUDOS, SER MAIS OU MENOS COMPORTADOS, SER MAIS OU MENOS CRÍTICOS ETC.).*

QUESTÃO TREZE: *QUAL A ANÁLISE QUE O ENTREVISTADO FAZ DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO.*

QUESTÃO TREZE PONTO UM: *COMO O ENTREVISTADO ACHA QUE DEVERIA SER UMA “BOA” RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO?*

QUESTÃO CATORZE: *SE O ENTREVISTADO CONSEGUE PERCEBER AS ATITUDES E COMPORTAMENTOS DOS ALUNOS QUANDO ELES NÃO GOSTAM OU QUANDO GOSTAM DE DETERMINADA METODOLOGIA DE ENSINO.*

QUESTÃO QUINZE: *COMO O ENTREVISTADO PERCEBE A CAPACIDADE DOS PROFESSORES DE ENTENDEREM OS ALUNOS E AJUDÁ-LOS A SE DESENVOLVEREM NAS SUAS PARTICULARIDADES. E COMO ELE PERCEBE A CAPACIDADE DOS ALUNOS DE ENTENDEREM O PROFESSOR NA SUA INTENÇÃO DE CONTRIBUIR COM O SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM.*

QUESTÃO DEZESSEIS: *COMO O ENTREVISTADO ANALISA AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DO PROFESSOR NO PAÍS.*

QUESTÃO DEZESSETE: *QUAL É A ANÁLISE DO ENTREVISTADO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR NA ATUALIDADE.*

QUESTÃO DEZOITO: *SE NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO, O ENSINO MINISTRADO CONSEGUE ATENDER AS EXPECTATIVAS DOS ALUNOS E TAMBÉM AS DOS PROFESSORES.*

QUESTÃO DEZENOVE: *SOBRE COMO O ENTREVISTADO PERCEBE A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MINISTRADA PARA O FUTURO DOS APRENDIZES.*

QUESTÃO VINTE: *O ENTREVISTADOR ABRE A FALA PARA O ENTREVISTADO ACRESCENTAR AO DEBATE ALGUM OUTRO PONTO DE VISTA QUE ELE PENSE SER PERTINENTE AO ASSUNTO E QUE GOSTARIA DE RELATAR.*

APÊNDICE 13

INSTRUMENTO DE PESQUISA – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS
ALUNOS.

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA E ORGANIZAÇÃO ESCOLAR/ PROGRAMA DE DOUTORAMENTO EM EDUCAÇÃO/FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

TESE: EDUCAÇÃO E SUBJETIVIDADE: as representações de professores e alunos sobre o processo ensino aprendizagem, encontros e desencontros.

DOUTORANDO: Me. Emerson Miguel da Cruz.

DIRETOR DE TESE: Dr. Miguel Angel Zabalza Beraza.

QUESTÃO UM: *O QUE É PARA VOCÊ EDUCAÇÃO?*

QUESTÃO DOIS: *QUAL A FINALIDADE DA EDUCAÇÃO? O QUE ELA MAIS TE ACRESCENTOU COMO SUJEITO?*

QUESTÃO TRÊS: *QUE ANÁLISE VOCÊ FAZ DA QUALIDADE DO ENSINO ESCOLAR EM NOSSO PAÍS?*

QUESTÃO QUATRO: *VOCÊ SE ACHA UM ESTUDANTE MOTIVADO? O QUE MAIS TE MOTIVA E O QUE MAIS TE DESMOTIVA DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

QUESTÃO CINCO: *QUAIS EXPECTATIVAS VOCÊ TINHA SOBRE A ESCOLA DURANTE O SEU TRAJETO COMO ESTUDANTE? VOCÊ ACHA QUE AS SUAS EXPECTATIVAS FORAM ATENDIDAS?*

QUESTÃO SEIS: *VOCÊ ACHA QUE ESTE PROCESSO DE APRENDIZAGEM QUE VOCÊ VIVEU DE ALGUMA MANEIRA TE AJUDA NA SUA FORMAÇÃO PARA O TRABALHO?*

QUESTÃO SETE: *TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE VOCÊ É HOJE?*

QUESTÃO OITO: *QUAL A SUA RELAÇÃO COM O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DAS REDES SOCIAIS? COMO VOCÊ ACHA QUE ESTES ELEMENTOS PODEM INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM?*

QUESTÃO NOVE: *QUAL IMPORTÂNCIA VOCÊ ATRIBUI A SUA FAMÍLIA NO SEU PROCESSO DE FORMAÇÃO?*

QUESTÃO DEZ: *QUAL A IMPORTÂNCIA QUE VOCÊ ATRIBUI AO PAPEL DO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

QUESTÃO ONZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE SÃO IMPORTANTES PARA UM BOM PROFESSOR?*

QUESTÃO DOZE: *O QUE MAIS TE AGRADA E O QUE MAIS TE DESAGRADA NA MANEIRA DO PROFESSOR ESTABELECEER A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO?*

QUESTÃO TREZE: *QUE TIPOS DE METODOLOGIA VOCÊ ACREDITA QUE SEJAM MAIS EFICIENTES PARA CONTRIBUÍREM COM O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS?*

QUESTÃO CATORZE: *COMO VOCÊ ANALISA A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

QUESTÃO QUINZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACREDITA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?*

QUESTÃO DEZESSEIS: *QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ATRIBUI À SUA FORMAÇÃO ESCOLAR PARA VOCÊ TER SE TORNADO O SUJEITO QUE É HOJE? QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?*

QUESTÃO DEZOITO: *ESPAÇO LIVRE PARA O ENTREVISTADO FAZER COLOCAÇÕES QUE ELE ACHE PERTINENTES AO ASSUNTO E QUE PODEM NÃO TER SIDO CONTEMPLADAS DURANTE AS QUESTÕES ANTERIORES.*

APÊNDICE 14

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DOS PROFESSORES

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 1.

QUESTÃO UM- *QUAL O CONCEITO DO SUJEITO SOBRE O QUE É EDUCAÇÃO.*

- Pergunta profunda... não é... Difícil a gente conseguir falar, você teria várias vertentes para discutir... educação, que eu vejo hoje, é um processo em si... é um processo em evolução... a gente... acho que você está aí como pesquisador da educação, mais voltado a área do que eu. Estou na área um pouco mais específica... mas, a gente trabalha aí com os alunos, e a educação em si, pelo menos o que eu consigo perceber, está em crise não só aqui, mas no mundo. A gente tem, não sei se a gente pode chamar de cliente, uma nova clientela, nossos alunos tem novas concepções e a informação não é mais retida pelo professor como era antes, a gente pode jogar aí dez, quinze até vinte anos atrás, o professor era o detentor da informação e do conhecimento, hoje a formação está ampla e disponível... O que é o professor então não é...? Se (supressão de palavra) não precisa necessariamente dele para ir atrás da informação... e aí é que eu vejo a dificuldade de uma série de colegas, também, trabalhar essa nova... sei lá... essa nova transformação da educação... é uma transformação que ela não ocorre de uma maneira formal e nem por uma política estadual, uma política pública que seja não é... é uma transformação que ocorre na sociedade e é o reflexo que você tem na educação. Os meninos têm acesso a tudo... você não tem mais o professor como detentor (acelera a fala para acentuar o pensamento) ... nem as bibliotecas não é... que também vão ficando meio um espaço de museu não é... é bem interessante isso. Eu acho que esta primeira resposta ela é muito ampla... é difícil a gente conseguir finalizar ela em poucas palavras, mas a ideia seria mesmo este novo processo de construção... este processo *novo* (acentuação da fala na palavra novo) de educação que a gente vê, e essa nova identidade do professor que não sei se está bem definida e... a gente sente até nos outros lugares, não só no Brasil, mas nos outros países também, o pessoal tendo as mesmas dificuldades em atender estas novas gerações aí... então informação vomitada a vontade, mas não sabe o que fazer com ela.

QUESTÃO DOIS: *QUAL O OLHAR DO SUJEITO SOBRE A EDUCAÇÃO FORMAL E O ESPAÇO DA ESCOLA.*

- O Brasil de uma forma geral... fui aluno de escola pública a vida toda ...haaa sei lá... do básico... ao superior... a pós-graduação; toda, toda, de ponta a ponta.. a gente conhece por ter vivenciado né... e agora eu estou trabalhando não é... a gente conhece as dificuldade que tem... assim... infraestrutura, sempre será um problema da educação pública... falta de professores... falta de professores de áreas específicas também, exatamente por conta deste pouco incentivo as formações... os alunos têm uma dificuldade e acabam fugindo de algumas disciplinas... matemática, física, química... Anda faltando professores do ensino fundamental mesmo, não é... para puxar esses nossos alunos não é... eh!!! Enfim a educação no Brasil... assim como em outras regiões, mesmo

exclusivamente no Brasil a gente tem uma crise não é... (pequeno sorriso de constatação da ironia sobre a crise), que é o que a gente consegue perceber aí... uma crise até no próprio modelo não é... Na nossa atual conjuntura o governo vem tentando mudar o modelo do ensino médio... a educação de base também é um problema, mas parece que é um problema mais esquecido não é... sempre houve mais recursos no superior e no médio... (ênfase na fala destas palavras destacadas) **e agora voltamos** a discussão do médio... a nova proposta de reformulação que a gente não sabe se vai ser boa não é... que apesar de ter sido discutida as maneiras que vão ser implantadas, no fim quem acaba fazendo a coisa funcionar, ou não, é a ponta, que são os professores, e se eles não tiverem envolvidos... eu não sei... (acentuação na fala nesta próxima fala) – **os professores e os alunos, não é... sempre...os professores e os alunos.**

QUESTÃO TRÊS: *SOBRE A VISÃO DO ENTREVISTADO A RESPEITO DA INFLUÊNCIA DESTE PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM NA VIDA E NA FORMAÇÃO DO ALUNO.*

- Para vida do aluno não é... o conhecimento, ele liberta não é... então assim... não importa se o aluno quer... (a frase é interrompida para apresentar a próxima ideia) acontece inclusive no nosso caso, não é... Nós temos alguns alunos que às vezes nem seguem a formação que ele teve ali não é...(esclarecimento do pesquisador - o entrevistado refere-se aos alunos, que no caso particular do IFG, escolhem uma área profissional para cursar de forma integrada ao ensino médio, mas na maioria das vezes não exercem a profissão para qual eles fizeram a formação) mas o conhecimento é retido não é... Então acaba ajudando ele em outros aspectos da vida não é... é isso aí ...nesse sentido, a educação nunca é perdida e ela contribui no crescimento desses alunos: como cidadãos, como indivíduos... como reconhecimentos como indivíduos também...mesmo que eles tenham feito o curso e não seguido ali profissionalmente dentro daquele eixo.

QUESTÃO QUATRO: *NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO QUAIS OS PONTOS POSITIVOS E/OU NEGATIVOS QUE INTERFEREM NO APRENDIZADO DO ALUNO.*

- Aí, entramos no problema que a gente tem hoje na educação. Se nós pegarmos especificamente aqui... a quantidade de novos, eu não sei se dá nem para chamar novos conhecimentos, mas a fragmentação de várias disciplinas não é. (a ideia é a fragmentação em várias disciplinas – (destaque meu) o aluno, o nosso aluno, ele tem de quatorze a dezesseis disciplinas do ano... como é que você compartimenta isso dentro da cabeça do aluno... ele vai escolher as que ele vai estudar, e as que ele vai se dedicar mais, por afinidade... eu acredito que não dá para você construir uma formação tendo esta tamanha fragmentação que temos... esse é um dos problemas, e é um dos que dói mais. E aí, eu também estou falando como coordenador de curso... a gente vê a dificuldade que tem.... e daí que não dá para você pegar uma criatura humana e forçar ele com quatorze disciplinas. Mas como você vai avaliar estas quinze disciplinas, existe o... ah...hoje em dia dentro da nossa própria política institucional, é com o que eu estou envolvido agora, por conta de estar como coordenador, é essa tentativa de integralizar (explicação do entrevistador – o

sentido que ele usa esta palavra integralizar é a ideia de integrar o processo de ensino entre as várias disciplinas e delas também com a formação técnico profissional) o curso, nós estamos aí a mais de dez anos falando que somos integral.... na verdade não somos, e a partir desta tentativa de integralizar o curso você conseguir unir os eixos de conhecimento similares ou desenvolver uma linha ali com vários professores abordando dentro daquela mesma temática, abordando ali os aspectos usuais de cada área.... (o reinício da fala mostra dúvida ou incerteza) a gente não sabe como isso iria funcionar, não é. Mesmo a integralização vindo de uma maneira institucional, você tendo o apoio do regulamento... pessoalmente eu vejo que depende de uma vontade muito grande entre os pares – (breve comentários do entrevistador: esta resistência sempre vai existir por causa dos hábitos históricos, mas se não for de alguma forma “empurrada” não sai não! – o entrevistado prossegue) – isso daí a gente sabe, o cara (Gíria que significa: o sujeito, a pessoa) dá aula a dez anos do mesmo jeito ele não vai mudar o jeito dele de dar aula, (fala esta próxima frase com mais ênfase) ... *por que para mudar ele vai se esforçar, ele vai ter que refazer o plano tal...* Enfim, mas pelo menos seria uma abordagem diferente, já que assim a gente está reclamando porque abriram várias linhas de conhecimento, abriram várias disciplinas, (pequena pausa), mas o conhecimento hoje em comparação ao que era a vinte anos atrás é bem maior (ênfase na fala da próxima frase) – *“e aí o outro problema que a gente tem é esse... os alunos”* ... mesmo se a gente pegar os alunos do superior, ou os alunos do técnico, eles formando, essas profissões ainda serão válidas? Serão atuantes? Ainda serão de construção mesmo da sociedade daqui a dez anos? ... Os caras podem atuar em coisas completamente diferentes... (pequeno sorriso de ironia) que nem existem ainda.

QUESTÃO CINCO: SOBRE COMO O ENTREVISTADO VÊ O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM PARA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ENQUANTO TRABALHADOR.

- Olha, como ex-aluno da instituição... o que a gente percebe... em outras instituições também... a escola nunca vai formar completamente o cidadão para atuar no mercado não é... Ele sempre vai ter que aprender depois a lidar com o mercado de trabalho... Ela vai dar os eixos principais para que ele consiga ter fundamento para desenvolver algum trabalho, algum projeto. Para atuar, para ser patrão, ser empregado... O que seja. Eu vejo mais neste sentido assim, vejo que a escola é muito incompleta nisto e vai continuar sendo... E não tem como... Seria outro aspecto para abordar também, a gente não está conseguindo abordar os básicos: de formação do cidadão, de formação técnica e profissional, além da vida no mundo do trabalho que... Ele também desenvolve com o tempo (uma pequena pausa para reflexão e para elaborar um pensamento ainda inconcluso da fala) eu não sei como a escola conseguiria botar o pé... O mais próximo que a gente tem disso assim... Estruturalmente falando seria os estágios, mas os estágios não correspondem à realidade... Então... Inclusive os estágios.... É uma questão que está sendo agora questionada nos planos de ensino, se a gente realmente precisa ter quatrocentas horas de estágio para formação do nosso técnico... Se realmente este estágio colabora mesmo para que ele saia pronto para o mercado de trabalho... Ultimamente a gente tá vendo que não é

bem assim né... O aluno faz estágio ele tem uma pequena percepção ali... No fim de quando ele for trabalhar acaba tendo que correr atrás de muitas outras coisas também... Então não vejo que a escola seja capaz de abranger completamente a complexidade que você tem no mundo do trabalho não. Ultimamente a gente anda discutindo isso, agora com as reformulações (o entrevistado se referia aos debates que ele como coordenador vinha frequentando, com fins de rever a organização dos cursos técnicos da instituição) a redução mesmo das cargas horárias de estágio não é... É uma dificuldade para os alunos conseguirem um estágio ele fica vinculado à formação dele não é... O ensino médio e técnico fica vinculado a concluir as disciplinas, as horas complementares e o estágio... E aí... O estágio acaba complicando e não contribuindo o suficiente... E aí... Eu tenho mais um problema burocrático que complica e não ajuda... Então... Às vezes diminuir ... esse... tempo de experiência aí, já que ele pode - aí voltando meu discurso - ele pode ter esta experiência com outros tipos de projetos integrados.

QUESTÃO SEIS: SOBRE A TRAJETÓRIA DO INDIVÍDUO E O QUE O TRAZ À CARREIRA DE PROFESSOR.

- (O entrevistado repete a pergunta do entrevistador... refletindo sobre ela) Como eu cheguei a esta carreira de professor...é...Depois da graduação não é...pensando ali na graduação...eu fiquei quinze anos no mercado mesmo...trabalhando em...empresa de engenharia e tal...mas continuei estudando, fui para a especialização, para o mestrado... na época do mestrado eu já tinha essa vontade de...de... dar aula mesmo de entrar em sala...no mestrado eu confirmei esta vontade...e... enfim, mas na frente, na própria época em que eu entrei no Instituto, 2009 foi o concurso 2010 eu entrei...e...o pessoal via, inclusive a carreira do instituto...a carreira não era...a carreira agora está bem melhor, depois de 2012 ela melhorou...em 2010 ela não era tão boa assim não...inclusive porque eu estava trabalhando, estava bem empregado, eu tinha empresa...na época o país estava em desenvolvimento, então tinha assim bastante projeto, bastante trabalho, então eu optei assim porque eu queria, já tinha quinze anos mexendo naquilo eu falei, não oh...chega...vamos...eu já tinha feito a formação para ser professor, tinha feito o mestrado tal, então vou...vou sair desta daqui, mesmo perdendo, na época o salário diminuiu tal...mas...entrei no instituto em 2010, no final de 2010 eu estava aqui no IFG, e aí segui a carreira, o que a gente vê agora está ao contrário né, aqui tá melhor o pessoal está...nossa... o pessoal está bem difícil agora na área de engenharia de construção e na ambiental...está bem mais complicado, mas foi uma vontade que eu sempre tive, pós (no sentido de após, depois) graduação, depois que eu terminei a graduação era uma vontade que eu sempre tive, eu não tinha tido oportunidade mesmo de trabalhar, mas eu tinha me preparado para trabalhar...então é isso!

QUESTÃO SETE: SOBRE O QUE MAIS LHE MOTIVA E O QUE MAIS LHE DESMOTIVA NA CARREIRA DE PROFESSOR.

- Vamos começar pelo entorno para depois falar do aluno em sala... do entorno a nossa burocratização aqui dentro é... processos administrativos... papéis... as coisas que não

fluem... a própria dificuldade de lidar com os colegas também... professor é um bicho difícil (o entrevistador faz uma alusão ao fato dele ser coordenador - e o entrevistado sorri e segue), não... , mas mesmo sem ser coordenador, professor geralmente é bem complicado... como coordenador a gente tem outras dores de cabeça que são cobrar o básico do colega entregar o seu diário, lançar as suas notas e dar aula... é o básico (o entrevistador faz uma observação – engraçado não é, deveria ser como parte do nosso hábito a capacidade de conversar...dialogar... – o entrevistado prossegue) pois é, as próprias relações às vezes elas desgastam bastante...e a burocracia institucional assim né...em comparação a outras escolas a gente até que tem alguns apoios, algumas coisas para fazer...você consegue algumas coisas, tem a parte de pesquisa e tal... Tem projeto cadastrado, convênio com a prefeitura de Goiânia, que a gente conseguiu desenvolver, a burocracia até que foi leve. A gente conseguiu andar, e está conseguindo andar com ele aí, por mais de um ano não é.... agora... o relacionamento entre os pares e a burocracia acho que são os principais fatores externos que a gente tem... (o entrevistado usa o termo fatores externos porque o entrevistador apontou que a ideia da pergunta era pensar os “motivos” do professor até chegar fazer uma análise de dentro da sala de aula), dentro de sala, o que motiva mesmo a gente assim...ver... por exemplo, eu trabalho com segundos e terceiros anos, e... já trabalhei com primeiro ano também... primeiro ano aquela molecada chega mais... mais agitada assim, mas uma das coisas mais interessantes é ver o próprio desenvolvimento do aluno, do primeiro ao quarto ano...é muito interessante você ver eles crescendo eles se adaptando... eles se adaptando mesmo ao Instituto, porque os moleques lá com quinze, dezesseis disciplinas, se eles não se mexerem ali... e aí você percebe completamente a diferença de uma turma ali.... que está lá no seu primeiro ano, no seu segundo ano para uma turma de quarto ano, que já sabe lidar com as disciplinas, já consegue organizar a vida... isso é um crescimento pessoal dos alunos também... é muito bom... isso aí é inegável mesmo... e assim também poder trazer, como eu trabalhei muito tempo fora... no mercado... não sei se pode falar assim, no mercado de trabalho tal... (aqui ele se referia ao mercado de trabalho de empresas privadas, fora da docência e fora do serviço público federal) assim, trazer parte da experiência para sala de aula... mesmo... contar as histórias... trazer... porque se você se prender, pelo conteúdo você realmente se enrola com esta nova geração, porque conteúdo está disponível em qualquer lugar... a vivência que você traz para dentro da sala, não está disponível, e eles conseguem perceber isso em todos os professores, esses nossos alunos do ensino médio conseguem perceber isso, tanto que eles falam para gente. (O entrevistador reitera a pergunta inicial, questionando também se há um lado que desmotiva o sujeito em relação ao aluno) Tem umas turmas mais problema ou não... turma problema... hum... eu nunca tive problema com as turmas nem com nenhum tipo de aluno, a gente sempre tenta puxar o aluno ali tal...barulho... a meninada faz barulho, eles gastam mais energia da gente... uma aula para eles valem duas do superior, você pode dar duas aulas, três aulas... mas pessoalmente eu gosto, eles são mais interativos, mas... assim... desmotivar mesmo...dentro de sala, só se a turma realmente... mas aí você vai ter um ou outro aluno que não está muito interessado que... é... uma das coisas que a gente pode colocar é o aluno que ele está bem perdido, isso acontece bastante... perdido no sentido de não saber o que ele está fazendo ali... o que que

ele está fazendo neste curso... o que ele quer ali... o que ele está fazendo aqui dentro do Instituto (o entrevistador faz uma observação – que às vezes eles estão “gritando pedindo ajuda” – e o entrevistado segue) exatamente... eles entram aqui e não sabem...inclusive a gente tem alguns alunos que estão a seis anos aqui dentro, ele sai mas não sai... e isso é um problema, isso realmente desmotiva.... agora tem professor que vai chorar por tudo.... ah!! Turma barulhenta não sei o que... não, mas isso a gente lida... isso aí – agora o aluno perdido aqui dentro e sem ter uma orientação... esta parte me preocupa mesmo... ela está lá dentro da sala, ele não sabe bem o que ele está fazendo, você está vendo que ele não está gostando daquilo... cara... muda... aproveita a vida... não deixa o tempo passar... sei lá vai fazer outro curso.

QUESTÃO OITO: *NA VISÃO DO ENTREVISTADO QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM PROFESSOR PARA CONSEGUIR CONTRIBUIR COM EFICIÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.*

(O entrevistado repete a pergunta enquanto reflete sobre ela) – Uma boa característica... não, mas tem não só a questão de você trazer isso... ah.. uma boa característica para você é você conseguir lidar com a diversidade dentro da sala não é...ver que nem todo aluno ele vai conseguir aprender ali do mesmo jeito...você conseguir acompanhar, o que é extremamente difícil e... assim... eu vejo aqui no Instituto, a gente tem uma carga horária não tão alta assim... em comparação a uma escola estadual ou uma escola municipal, o professor para ele conseguir acompanhar o aluno lá, que o cara tem lá quinze turmas... dez turmas... a gente ainda tem a condição de fazer isso, fazer isso mais próximo... então isso seria uma das principais características, você entender esta diversidade que você tem dentro da sala, a própria diversidade da maneira como os alunos aprendem, cada um aprende de um jeito, é claro que uma maioria ali ele vai seguir aquele seu ritmo, mas aí você sentir... e a avaliação é para isso né... apesar de às vezes a gente usar a avaliação para punir eles – (o entrevistador faz uma observação – um pouco irônica – para intimidar eles – risos... o entrevistado segue) para intimidar e punir eles, mas a avaliação é para você ver como é que está fluindo aquele conteúdo, como é que está fluindo aquele processo de ensino aprendizagem, e a partir da avaliação, a partir dos resultados da avaliação que você tem você adaptar ali uma nova maneira de exposição... tal então... um bom professor tem esta característica, acho primordial... o que também anda difícil... – risos – aqui no departamento um é um pouco diferente de lá (explicação: a instituição é dividida em quatro departamentos, no departamento um se encontram principalmente as áreas das ciências humanas e códigos e linguagens) quando a gente trabalha com a parte mais específica lá tem alguns aspectos, que com alguns professores, inclusive assim, mesmo com a própria ex-coordenadora a gente conversava bastante o que ela tinha feito na parte de educação e tudo o mais, e anda faltando professores mesmo assim... o cara que ele sai um pouquinho da área tão técnica ali, e entenda o processo de ensino aprendizagem... isso tanto no superior quanto no médio... (o entrevistador faz uma observação – acho que a formação continuada, e... os diálogos entre a gente mesmo, fazendo trocas aprendemos mais um com o outro...)

QUESTÃO NOVE: *NA VISÃO DO ENTREVISTADO, QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM ALUNO PARA CONSEGUIR SE DESENVOLVER BEM DENTRO DESTE PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.*

- Eu volto exatamente àquela outra questão que eu disse que era problemática, que é o aluno que ele tá perdido ali, ele não sabe bem onde ele está. Porque o aluno só precisa ter vontade, se ele tiver vontade... o tal do bom aluno não é... é complicado não é, mas ele tendo vontade, mesmo que ele tenha as dificuldades a gente tenta ali todos os métodos conhecidos para ver se auxilia ele para ele ter este processo de aprendizagem não é... é isso!!

QUESTÃO DEZ: *SOBRE O QUE MAIS MOTIVA E O QUE MAIS DESMOTIVA OS ALUNOS, NA VISÃO DO ENTREVISTADO.*

- Nossa... é... eu acho que eles tem mais é aspectos para desmotivarem eles mesmo não é... porque a promessa que você tem, pelo menos quando você tinha lá... um tempo atrás... que você estudasse para você ter um bom emprego... para você ganhar dinheiro, para você ter uma vida melhor, condições melhores de vida... e hoje... não é bem assim... não é, a escola já não é garantia de você ter ali essas condições de vida melhor, talvez limite ali um trabalho menos físico e mais intelectual não é, menos mecânico, contudo... não é garantia de certeza de melhor qualidade de vida não é... e aí é uma das coisas que desmotivam eles não é. Motivar o aluno... difícil não é... estou aqui pensando em alguma coisa... além dos pais em cima batendo não é – risos – ou alguém cobrando não é... mas, ainda acho que tem um pouco desta perspectiva de uma melhora de vida mesmo, de uma melhora de vida, de ter uma garantia... ou uma ideia de garantia de ter condições de vida melhores... acho que seria isso. Agora eu realmente não consigo pensar em outros aspectos para motivar, a gente sempre pensa mais para desmotivar, para motivar realmente tá faltando argumento pra mim.

QUESTÃO ONZE: *SOBRE OLHAR DO ENTREVISTADO PARA OS ALUNOS ENQUANTO CONJUNTO – SE EM LINHAS GERAIS ESTES LHE PARECEM MAIS MOTIVADOS OU MAIS DESMOTIVADOS.*

- Não... as turmas andam bem... mais aí é um trabalho que é... a resposta do trabalho de outros professores também não é... a gente consegue perceber isso. E aí eu te falo, uma mudança ou outra, ali quando, por exemplo, muda um ano, você vê que a turma dá uma acelerada, por quê? Você consegue perceber que um docente que entrou ali deu aquela puxada né, aí voltando ao trabalho do professor, o trabalho do professor é extremamente importante, se ele quer puxar aquela turma, se vê que a turma começa a dar respostas diferentes ao longo do ano... é... isso é muito engraçado, pode ser primeiro, segundo, terceiro ano você consegue perceber isso. Depende do grupo de professores que está ali em cada ano... aí são vários professores fazendo isso, você vê que a turma está lá animada, está disposta, sei lá, eu entrei em sala, você entrou, outro colega entrou, todo mundo deu uma aula boa, puxou os meninos falou: não, vamos... e tal. E os meninos ficam

curiosos em conhecer as coisas, que aí em uma das motivações também, a própria curiosidade humana, eles ficam mais atentos, mais curiosos aí, mais por quê? Os professores foram incentivando. Aí você tem um ou outro, aí um entra ah!!, tem conflito, e outro eh... não quero dar aula hoje tal, aí você vê que a turma vai caindo. Cara, se tiver dois, três que puxam para baixo você sente a turma na hora (o entrevistador faz a seguinte observação: e aí o trabalho coletivo é imprescindível – o entrevistado prossegue) pois é, é uma das nossas falhas estruturais aqui, a gente não tem um trabalho coletivo muito bom... essa nossa repartição em departamentos para o curso técnico é péssima... para o curso superior até que funciona bem, já que cada um fica no seu mundinho, agora para o curso técnico integrado é horrível essa nossa separação.

QUESTÃO DOZE: *NA PERSPECTIVA DO ENTREVISTADO O QUE LEVA O ALUNO A TER OS HÁBITOS E AS CONDUITAS QUE NORMALMENTE ELES TÊM EM SALA DE AULA (EXEMPLO: SER MAIS OU MENOS DEDICADO AO ESTUDO, SER MAIS OU MENOS COMPORTADO, SER MAIS OU MENOS CRÍTICO ETC.).*

- Tá, alguns alunos já vêm com este hábito construído não é, como a gente está trabalhando com os alunos do ensino médio e o próprio processo educacional é contínuo, então ele já vem com este hábito construído lá do fundamental, então os alunos, eles seguem estudando ali, acho que eles nem sabem porque estão estudando – risos – mas eles seguem estudando como um hábito mesmo, comum não é... acho que o que dá mais para motivar, vai ter aí uma participação grande do professor também não é... oh! Olha, aula que eles gostam eles estudam. Isso vai sempre se reproduzir, eu acho que pelas próximas gerações. Também todo mundo foi assim, todo mundo era assim, inclusive eu também era assim. E é isso...teria é claro a participação do professor, uma aula que ali motivasse ele, o que a gente sempre tenta fazer, o tal do professor é uma das profissões que independente do seu estado emocional, quando você entrar em sala, a coisa tem de acontecer, deixar seus problemas (o entrevistador faz a seguinte observação em relação a esta concepção do papel do professor: ...ser um pouco artista – e o entrevistado prossegue) exatamente... e aí puxar ali...fazer realmente a coisa acontecer, que é um destes aspectos, então nisso a própria motivação. E daí tem toda aquela parcela, pelo menos aqui no Instituto, tem uma parcela de aluno que vem já com este hábito construído, já do ensino fundamental já, ...que são aqueles que eu te falei, que as vezes eles nem sabem porque estão estudando, mas eles estão firmes lá (observação do entrevistador: o curioso é que alguns conseguem se encontrar aqui, por que nunca haviam tido a chance, as vezes o povo pensa só no aluno nota dez, mas se você ver um aluno nota dois... mas que termina o processo como um aluno nota sete, há um grande avanço... acontece – o entrevistado continua) é... ele chega aqui nesta loucura e ele segue.

QUESTÃO TREZE: *QUAL A ANÁLISE QUE O ENTREVISTADO FAZ DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR ALUNO.*

- Isto vai variar de professor para professor, a gente tem professores que têm relações boas com os alunos, constroem uma relação boa, acompanham todos os alunos,

têm professores que trabalham apenas com alguns alunos, – risos – só com alguns específicos alunos, constroem uma relação boa só com alguns alunos. Relação é sempre uma coisa complicada, porque ninguém pensa igual, e todo mundo tem hábitos diferentes não é, pelo menos pessoalmente eu tento manter a melhor relação com todos, tentando tratar todos da mesma maneira, e aí eu acho que é por aí mesmo (reforço de pergunta do entrevistador – então dá para considerar esta relação positiva – o entrevistado continua) por mim positiva.

QUESTÃO TREZE PONTO UM: *COMO O ENTREVISTADO ACHA QUE DEVERIA SER UMA “BOA” RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO?*

- Você ver a turma como um todo! E aí a gente tem algumas turmas aqui, os professores se surpreendem bastante, porque você tem aqui algumas turmas muito orgânicas e muito organizadas: a própria turma do terceiro e do quarto ano eles têm os próprios grupos de wthasaap deles, quando eles estão com problema com algum professor eles agem sempre juntos não é... eles têm os conflitos internos lá...têm os grupos que a gente percebe em todas as turmas, mas são duas turmas que agem muito juntas, isso é bem interessante...aprenderam a se organizar neste sentido, então eu acho que (o professor teve um breve lapso de pensamento, e desfocou do que estava falando, foi lembrado pelo entrevistador, e prosseguiu) ver a turma como um todo...era aí o que eu estava falando que eles estão organizados, e tentar ali perceber as diferenças de cada aluno, que... pelo menos aqui a gente tem esta oportunidade de fazer; mais do que os outros colegas aí em outros lugares...

QUESTÃO CATORZE: *COMO O ENTREVISTADO PERCEBE A RELAÇÃO DOS ALUNOS COM AS DIFERENTES METODOLOGIAS DE ENSINO.*

- Você está perguntando das metodologias tradicionais, aula expositiva... olha, hoje a gente tem mais ferramentas do que isto e eles também, eles estão...acho que... nas nossas turmas não tem um aluno que não tenha um celular na mão, e com internet, às vezes com um serviço de dados maior do que o seu; isso aí é inquestionável...Tentar mudar um pouco as nossas metodologias, porque umas das reclamações que você vai ter aí, acho que você já deve ter escutado, os alunos... o professor começar a copiar no quadro e o aluno tirar foto daquilo ali, ele parar de copiar, porque a vida tá digital não faz sentido ele ficar copiando isto né...os alunos fazem isto, aí a gente recebe reclamação de alguns dos colegas tal, mesmo que os colegas justifiquem que tanto o processo do professor copiar no quadro e o aluno escrever ele está reprisando aquilo, também auxilia na aprendizagem, mas estes meninos eles estão um pouco mais rápidos não é, e se você fizer isto a grande chance... ah!! Vou proibir... a gente tem estes questionamentos aí dentro da nossa instituição, se vai proibir o aluno tirar foto... um tirou, ninguém mais precisa, este tipo de abordagem muito tradicional, eu tento evitar o máximo possível, sabe... eu tento evitar assim... a gente tenta fazer uma apresentação... o retro (se refere ao retroprojeto) do professor também é uma dificuldade, porque você levar uma apresentação e ficar lendo, ninguém suporta, e a gente como aluno também, a gente dorme dentro da sala, também não funciona, se você vai

utilizar uma apresentação, utilizar mais imagens, e tentar trabalhar as explicações em cima destas imagens... (o entrevistador faz uma observação: são coisas para as quais devemos fazer formações continuadas, novas metodologias... risos... que já não são assim tão novas – e o entrevistado segue) nossa instituição, apesar de tudo, ainda tem algumas estruturas, por exemplo, internet na sala a gente tem algumas, às vezes você está com dúvida em alguma coisa, ou vamos ver a imagem de tal coisa, você chega lá já digita, já mostra para eles, já discute aquilo ali, e pá...olha este, olha este e tal, já resolve, isto é muito bom e...é resposta ao que você tem hoje nestas turmas que é rápido não é... (observação do entrevistador: você acaba aí agilizando o tempo de exposição do conteúdo – o entrevistado continua) Está com muita dúvida pergunta para o Google né, (risos) eu não tenho nenhuma dificuldade de utilizar estas ferramentas, acho bem válidas dentro de sala, a tradicional que hoje está sendo bem questionada, exatamente para o aluno tirar uma foto e...e eu não sei se ela funcionaria como funcionava antes (o entrevistador faz uma observação: e se funciona de fato como aprendizagem – o entrevistado prossegue) é... fazer ele repetir lá copiando.

QUESTÃO CATORZE PONTO UM: *SE O ENTREVISTADO CONSEGUE PERCEBER AS REAÇÕES DOS ALUNOS QUANDO ELES NÃO GOSTAM OU QUANDO GOSTAM DE DETERMINADA METODOLOGIA.*

- Eles reagem, eles sempre reagem, a turma sempre reage não é, a gente consegue perceber sim, a não ser que o professor queira continuar forçando aquele mesmo método que ele já trabalha a dez anos daquele jeito, mas a gente percebe a reação dos alunos sim, pode ser que eles reajam na própria avaliação chegando lá com as notas mais baixas, ou às vezes nem aparecem na avaliação mesmo, você percebe no dia a dia dentro de sala, você viu um roteiro lá, um método que não funcionou, os alunos ficaram assim, não tiveram interesse, não interagiram muito, que é uma das maiores dificuldades que eu tenho, pelo menos que eu sempre tento é fazer eles interagirem na aula, a interação do aluno é extremamente importante, se eles não interagiram muito, e você viu que ficaram meio...você consegue perceber, os professores conseguem perceber. Se não perceber e continuar, mesmo que eles tirem nota não significa que eles estejam aprendendo aquilo ali, às vezes só estudaram para prova, e aí a avaliação mesmo, tirar nota na prova não significa que você aprendeu.

QUESTÃO QUINZE: *COMO O ENTREVISTADO PERCEBE A CAPACIDADE DO PROFESSOR DE ENTENDER OS ALUNOS E AJUDÁ-LOS A SE DESENVOLVER NAS SUAS PARTICULARIDADES, E A DOS ALUNOS ENTENDEREM O PROFESSOR NA SUA INTENÇÃO DE CONTRIBUIR PARA O SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM.*

(O entrevistador fez uma fala acessória à questão: isso está implícito na sua fala e é bem central, só estou reforçando aqui. As perguntas vão retornando a alguns pontos específicos, então... você na sua perspectiva acredita que consegue perceber e olhar para o seu aluno e entendê-lo nas suas necessidades? E assim conseguir ajudá-lo a acelerar seu aprendizado? Você tem isso como ponto de vista para docência? – o entrevistado prossegue) – Tenho como ponto de vista..., mas ter certeza disso... A gente precisa de ter apoio também, alguns

alunos passam despercebidos, porque às vezes é muita coisa envolvida que você tem e não dá. O apoio pedagógico, que é como nós chamamos aqui não é, é bem importante o trabalho próximo ao professor, - oh... tal aluno tá com problema tal e tal, esse trabalho é muito bom... não dá para você perceber todos os alunos... não sei, só se o professor fosse muito dedicado. Não consigo. Às vezes você está com um problema na cabeça, e aí vai... não consegue perceber aquele aluno que está ali quieto. E conteúdo tem que ser passado. Então um apoio pedagógico na instituição é extremamente importante.

QUESTÃO DEZESSEIS: *COMO O ENTREVISTADO ANALISA AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DO PROFESSOR NO PAÍS.*

- Existe um discurso positivo de qualquer um, ninguém vai falar que o professor é desnecessário ou... assim... nenhum discurso negativo, independente do governo que estiver ou qualquer pessoa que você abordar sempre vai ter esta valorização da profissão assim... pelo menos falando não é... de uma maneira superficial, mas o professor e a própria valorização da profissão não passa só por um discurso vazio não é, é uma construção, desta construção nós estamos bem longe mesmo.

QUESTÃO DEZESSETE: *QUAL ANÁLISE DO ENTREVISTADO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR NA ATUALIDADE.*

- Tá... O maior pecado do professor é a vaidade, então tem que ter cuidado com isso, é bom saber que os alunos ainda te vêm como uma referência, uma referência para apontar o que deve ser seguido não é, o que deve ser procurado não é, em função do conhecimento estar fácil, estar à disposição, qualquer um tem acesso. Mas orientar como seria, o que você procuraria para construir isso, eu acho que seria o nosso papel não é, e é claro não é... alguns colegas ficam um pouco mais vaidosos com isso, mas é uma das principais falhas nossas.

QUESTÃO DEZOITO: *SE NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO O ENSINO MINISTRADO CONSEGUE ATENDER AS EXPECTATIVAS DOS ALUNOS E AS DO PROFESSOR.*

- Pelas turmas de formados, concluir o curso é sempre uma satisfação não é, agora do conhecimento mesmo, do que foi construído, a gente percebe esses alunos crescendo, não só pelos hábitos deles de estudar ou até mesmo a fala, a construção dos trabalhos quando você pede para eles fazerem trabalhos não é e tal, vêm melhorando, o que é o processo enfim e tal não é, isso é bom, agora, se a gente atende... não sei, acho que parcialmente, eu não tenho essa certeza de falar que a gente atende, exatamente porque a gente bate novamente naquele problema, a gente poderia estar fazendo isso de uma maneira diferente, mais eficiente não é, menos sofrida, e de repente... que desse rendimento maior, você pensar lá, nas catorze disciplinas, e depois colocar um curso integral e os meninos vão para vinte e duas vinte e uma, o nosso curso ainda não é integral, mas você pensar em vinte uma, vinte duas disciplinas o que que eles vão reter destas vinte duas disciplinas, das catorze a gente já questiona bastante a questão das catorze, então este processo construído

desta maneira com as catorze disciplinas, com os quatro anos tal, poderia ter sido de outra maneira com um resultado melhor...acredito que sim. (o entrevistador faz uma observação: sobre o “massacre” imposto ao aluno por estas catorze disciplinas (massacre no sentido de stress, excesso de atividades e avaliações) - o entrevistado prossegue) Parcialmente a gente atende, mas um resultado melhor, com custo menor, poderia ser, porque isto tem um custo emocional aí, de tempo e de vida né... tem até vida... (o entrevistador faz uma observação: que a nossa grade curricular tem mais disciplinas que a da maioria dos cursos superiores – e o entrevistado prossegue) pelo menos medicina (e o entrevistado se refere à medicina porque o referido curso foi citado na fala do entrevistador) as disciplinas seguem um eixo né, aqui não! O cara tem de tudo, ele tem lá, ele tem da filosofia à matemática, fica aquela “mistureba” de tudo, e uma coisa ainda não conversa com a outra, mas tudo bem. - (O entrevistador relembra o outro lado da questão que são as expectativas do professor - e o entrevistado prossegue) - Eu acho que a escola ser mais próxima da realidade, a gente não se afastar tanto assim da realidade, não...só do mercado né, mas das transformações da sociedade mesmo né, e talvez uma capacidade melhor da escola ter essa... menos burocrática para ficar mais ágil, o mundo está mais rápido e a gente ainda está passando em passos de tartaruga, e aí ter esta resposta mais rápida também, é o que eu fico mais frustrado mesmo né, porque os alunos acham que às vezes você está tratando eles como bobos, os moleques estão oh! (representação motora da ideia através de um estalo de dedos) muito mais acelerados, e aí se a escola pudesse ter esta resposta mais rápida acho que o processo no fim seria melhor... esta seria a minha expectativa, se a gente conseguisse atender ali melhor, e aí não tem jeito, você amarrado com alguns aspectos da gestão mesmo.

QUESTÃO DEZENOVE: SOBRE COMO O ENTREVISTADO VÊ A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MINISTRADA PARA O FUTURO DOS APRENDIZES.

- Acaba que realmente contribui e a gente tem algumas experiências interessantes, exatamente por conta da característica do Instituto, de você ter ali a formação ensino médio e técnico de forma integrada, e o curso superior. E aí, eu já tive a oportunidade, que é bem interessante, de trabalhar com aluno do técnico e o aluno do técnico está no superior agora e eu estou dando aula para ele de novo, e ele está formando. Isso assim você vê que o aluno que veio daqui e continuou aqui, quando ele está lá ele já tem uma outra visão já, dos outros alunos que vieram de outras instituições... então sim contribuir é claro que sim (se refere aqui à contribuição para o futuro), poderia ser de uma maneira diferente, mas sim, claro que sim.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 2.

QUESTÃO UM - QUAL O CONCEITO DO SUJEITO SOBRE O QUE É EDUCAÇÃO.

- Como professor de sociologia né, inclusive ministro no ensino superior esta disciplina, sociologia da educação e... claro que é uma discussão complexa ..., ao mesmo

tempo a educação ela é instrumento de transformação..., mas como eu disse ao mesmo tempo...ao mesmo tempo ela também é instrumento de controle e dominação, então ela gravita nesta contradição, sobretudo. E ela vem aí de uma luta histórica desde a implantação do capitalismo, no sentido de ser usada nestes dois sentidos, é claro que pela diferença desigual entre a força de classe ela sempre foi mais utilizada no sentido de ir a reboque das necessidades de reprodução do capital. Então esta realidade que nós vivemos, e aí um debate intenso sobre o papel da educação, se ela se adapta à divisão do trabalho nos imperativos da acumulação do capital e do desenvolvimento à reboque, neste sentido, ou se ela teria uma formação é... humanitária, integral, como diria politécnica, de todos os lados do ser humano, que é o que eu participo e enfim...

QUESTÃO DOIS: *QUAL O OLHAR DO SUJEITO SOBRE A EDUCAÇÃO FORMAL E O ESPAÇO DA ESCOLA.*

- Pois bem... hoje em dia, nós tivemos uma mudança de, diria talvez de... três ou quatro anos para cá... numa perspectiva que de alguma forma, inacreditavelmente extrapola esta contradição entre capital e trabalho, que a educação acaba por ser área a de disputa e palco de batalha. O que acontece é que recentemente o trabalhador da educação, pelo menos a meu ver, já está acostumado a enfrentar estas dificuldades, neste cabo de guerra entre uma formação mais estrita relacionada ao capitalismo, ou mais geral relacionada ao homem, hoje em dia está sendo travada também, por segmentos...religiosos, anticultural, anti-razão, o que é um espanto; e que de certa forma tem sim é... “soprado” dentro de sala de aula, com ameaça a possibilidade de cerceamento do livre pensar, com vigia, com vigilância, coisa que... talvez seja o caso de pensar como realizar uma educação num contexto anti-educação... é o que eu diria. (o entrevistador ressalta alguns outros aspectos da questão: e em termos objetivos, de condições de trabalho remuneração o que você acrescentaria neste contexto – e o entrevistado prossegue) – Da mesma forma também, o professor do ensino médio em geral ele tá acostumado a lidar, fora alguns afortunados que... conseguem arrumar algum emprego numa escola particular, com mais estrutura, com melhores condições de trabalho, que é cada vez mais raro isso, a uns dez, quinze anos atrás, hoje com a reestruturação do trabalho, a condição de precarização do trabalho, de intensificação, de vigilância de cobrança por mais produtividade tem sido geral, (acentuação desta próxima frase) *inclusive aqui no próprio IF*, na medida em que você tem toda uma série... de condicionantes de produtividade... de hiper produtividade, o que acaba comprometendo aí... um dos lados da equação, o professor hoje pressionado por cumprir uma tabela de pontuação, de produtividade, ele acaba tendo que se desdobrar em diferentes áreas. No entanto, aqui, no que diz respeito ao IF, através também de luta e de pressão da própria classe trabalhadora foi conquistado aí... uma série de procedimentos, relativos ao trabalho, relativos também a própria educação, que foram positivos. O IF, ele é, e eu enxergo isso, um exemplo de como é possível a educação pública dar certo, apesar de críticas pontuais que eu poderia fazer, nós temos um plano de carreira que é observado, apesar da crescente cobrança por produtividade... nós temos um certo apoio com relação à qualificação, no início era maior e ela vem diminuindo, essa onda de produtividade de

gerenciamento de gestão racionalizada, que antes fazia parte da indústria, e hoje está se reproduzindo no chý da escola... como costuma dizer. É... entý de um modo geral nós temos aqui uma condiçý privilegiada, poderia dizer aqui umas questýes relativas a uma disponibilidade de um material mais tecnológico dentro de sala de aula, maior quantidade de instrumentos tecnológicos para que a gente pudesse utilizar aí: a internet, um vídeo, uma fala, um texto com mais facilidade, é... verdade que aqui nós temos data show etc. e fala em uma tecnologia mais de ponta, num cenário de crise como nós passamos talvez.. ný seja realístico, pois entý é isso aí.

QUESTÃO TRÊS: *SOBRE A VISÃO DO ENTREVISTADO A RESPEITO DA INFLUÊNCIA DESTE PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM NA VIDA E NA FORMAÇÃO DO ALUNO.*

- Felizmente aqui na nossa realidade é perceptível de acompanhar o aluno do primeiro, segundo terceiro, quarto ano... o crescimento humano, que neste sentido o aluno adquire, quando ele entra aqui por volta de quinze anos, depois quando ele sai por volta de dezoito anos... eles saem, a maioria deles um cidadý formado, capaz de ter escolha, tanto para um lado quanto para o outro, do espectro ideológico. Aqui nós temos alunos que saem para militar em defesa da causa do trabalhador, e também nós temos alunos aqui que saem no sentido de defender a livre iniciativa o livre mercado e a propriedade privada, entý, faz parte do processo educativo, que nós tenhamos... essa diversidade de pensamento, e essa escola aqui, ela reflete sim, esta diversidade do pensamento, é.... é isso.

QUESTÃO QUATRO: *NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO QUAIS OS PONTOS POSITIVOS E/OU NEGATIVOS QUE INTERFEREM NO APRENDIZADO DO ALUNO.*

- Uma preocupação que existe hoje, talvez seja justamente com essa... diminuiçý em relaçý às disciplinas de formaçý, o que é muito salutar, nos IFs de maneira geral, e que contribui sim, inclusive, para a formaçý técnica deste aluno, no sentido dele ser mais capaz de entender qual é a totalidade da realidade que nos envolve. A meu ver ný existe uma disputa no sentido de que... ele vai ser arrastado pelas humanidades, e vai deixar de lado as atividades técnicas, acho que a investigaçý desta questý, mais do que nunca, tem atravessado estes dois lados né, e acho que é muito importante estar atentos, a este quesito aí, por que sený a educaçý, ela pode sim ser instrumentalizada de vez, e acabar se transformando numa espécie de educaçý massificada, com pouca qualidade, e isso, certamente, ný contribui de forma alguma para a construçý de um projeto de naçý.

QUESTÃO CINCO: *SOBRE COMO O ENTREVISTADO PERCEBE O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM PARA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ENQUANTO TRABALHADOR.*

- Bem... o que eu vejo... eu acho que... talvez (o entrevistado reflete sobre a complexidade e a profundidade da questý e depois de uma pequena pausa prossegue), o motivo do silêncio é que de repente, nós ný temos de fato um mercado de trabalho à espera, a minha grande preocupação, apesar de que ele tenha uma qualificaçý para o

mercado de trabalho é... diferente do que muito se prega, que a indústria cria postos de trabalho, hoje mais do que nunca ela destrói postos de trabalho, e o Brasil, numa posição periférica do capitalismo internacional, e historicamente um país colonizado, e enfim..., pós colonizado como se fosse possível usar este termo, nós temos aí uma situação econômica muito difícil, de que apesar dos esforços aqui da Escola Técnica (Antigo nome da instituição que hoje se chama IFG), acaba que o problema estrutural brasileiro é muito grande, e a questão relacionada ao desemprego acaba que... solapa todas as expectativas, mesmo essas que são criadas. O capitalismo hoje em dia, cada vez mais separa o trabalho intelectual do trabalho manual, e... relega a uma simplicidade muito severa com relação à tarefa realizada... o aluno aqui, com certeza ele sai muito mais preparado do que a necessidade que é requerida no mercado de trabalho, por um lado, no que diz respeito às funções técnicas, mas sai preparado para realizar inclusive funções de gerência... aqui o aluno ele sai como um aluno diferenciado, que no mais das vezes o que eu tenho acompanhado é que ele dá sequência aos seus estudos e ele vai procurar sim... um trabalho mais de planejamento, gerência e de....atividade intelectual do que propriamente, apesar de que isso também hoje em dia está prejudicado, cerceado por uma série de mecanismos de controle da produção do trabalho, mais ele sai preparado aqui para esta função. Talvez isso possa ser uma crítica, como é possível então você formar o profissional muito mais preparado, e uma necessidade de reformular esta escola, mas aí na minha opinião é nivelar por baixo.

QUESTÃO SEIS: *SOBRE A TRAJETÓRIA DO INDIVÍDUO E O QUE O TRAZ À CARREIRA DE PROFESSOR.*

- Bem... inicialmente eu... ao terminar o ensino médio, eu optei por fazer um curso realmente que... suprisse a minha necessidade da busca de conhecimento, então obviamente um curso de sociologia, quando apareceu lá em Uberlândia, eu sou da primeira turma, de ciências sociais, eu entrei no curso mais... atrás da busca de respostas que me inquietavam enquanto adolescente, e aí no decorrer do curso, apesar do profissional formado em ciências sociais, eu sou formado em Licenciatura e bacharelado, ter aí, relativamente um vasto campo de trabalho né, trabalhar em repartição pública... através de concurso, trabalhar aí em departamento de recursos humanos e planejamento, inclusive de empresa, de alguma atividade de pesquisa relacionada à instituto de pesquisa, sem ser a sala de aula... diversas ações que um sociólogo, poderia aqui listar outras, poderia desempenhar, mas dentre estas também existia a opção da licenciatura, e que eu sempre admirei os professores, gostava muito de aula, sempre fui um aluno que nunca fui reprovado e tal e aí resolvi arriscar, e mesmo porque também o mercado de trabalho para professor é aquele que é mais imediato, então depois disso dei sequência, nunca saí, já aí a uns dezessete, dezoito anos em sala de aula.

QUESTÃO SETE: *O QUE MAIS LHE MOTIVA E O QUE MAIS LHE DESMOTIVA NA CARREIRA DE PROFESSOR.*

- Bem, para ser honesto, de três anos para cá eu venho... tendo assim uma certa desilusão com a educação, mesmo porque ela é alvo de disputa muito ferrenha, e cada vez mais aqui no Brasil, nós estamos vivendo um processo de desprestígio do professor, principalmente, desqualificação, falta de respeito, desvalorização da própria questão relacionada ao conhecimento, então recentemente eu tenho sofrido um período de bastante ansiedade, desilusão e tristeza com relação à educação. O que mais me motivou sempre foi ver este processo de transformação, no qual você encontra um sujeito, e três, quatro, cinco anos depois, uma pessoa completamente nova, isto daí é extraordinário, não tem comparação. Mas de fato, recentemente... e se as coisas de fato... continuarem a seguir uma direção obscura que é um, que é um termo de incerteza com relação a... carreira e a profissão de professor, eu não vejo com bons olhos.

QUESTÃO OITO: *NA VISÃO DO ENTREVISTADO, QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM ALUNO PARA CONSEGUIR SE DESENVOLVER BEM DENTRO DESTES PROCESSOS ENSINO E APRENDIZAGEM.*

- (O entrevistado refere-se à explicação feita pelo entrevistador quando estava fazendo a pergunta e ponderava sobre o fato de “definirmos” um “bom” aluno simplesmente pelas notas que este obtém) - Em muitos casos é essa mesma a perspectiva, inclusive, talvez em começo de carreira eu tivesse um pouco desta perspectiva... junto comigo, mas no chão da escola, como eu gosto de usar o termo, hoje em dia o que me preocupa na verdade, não é o bom aluno, o bom aluno ele não me preocupa, ele consegue com um pouco de... auxílio do professor, de uma boa aula, uma boa preparação, bons materiais etc. Apesar da sociologia também não requerer uma parafernália... uma boa leitura... uma boa aula expositiva... ajudada com material complementar e depois a prática da escrita já consegue atingir algum resultado; mas ao longo da minha carreira como professor, eu tenho me preocupado as vezes é justamente com aquele aluno que demonstra um mau desempenho, que supostamente seria o mau aluno. Não exatamente aquele aluno que conversa, ou que é disperso, mas aquele aluno que está interessado, mas apresenta bastante dificuldade, este é o maior desafio para o professor... e quando ele consegue, de fato avançar, na questão relativa acadêmica, do conhecimento etc., é bem gratificante. Então o bom aluno, na maioria das vezes, claro que com as ressalvas com relação a este termo, é aquele que sim ele apresenta todo este processo de transformação, que nem sempre é possível dada a muitas questões estruturais, como as que eu já falei aqui, que o Brasil enfrenta.

QUESTÃO NOVE: *O QUE MAIS MOTIVA E O QUE MAIS DESMOTIVA OS ALUNOS, NA VISÃO DO ENTREVISTADO.*

- Olha, mais uma vez eu tenho que reforçar, o que eu já disse antes, de que nós temos aqui, no IFG Goiânia... talvez outra unidade do IFG seja uma realidade diferente, mas essa nossa realidade de uma escola já consolidada na cidade há muito tempo, nós temos aqui uma condição de pouco abandono, dos alunos, ou seja, a saída de alunos ela é pouca, a turma ela consegue fechar, ainda noventa por cento em média, não sei talvez das

estatísticas, talvez seja o caso inclusive ter. Mas eu vejo que a sala continua bem cheia até o final, então os alunos que chegam aqui, eles se sentem orgulhosos de estudar na escola, e eles chegam aqui motivados... inclusive alunos de todos os espectros ideológicos, de vínculo com formação familiar religiosa distinta, e todos abertos aí à experiência, com bastante respeito, eu vejo assim uma vontade realmente grande em enfrentar... o que vem pela frente para eles, o que também não é fácil, e que eles aqui no colégio acabam que, muito talvez por conta desta formação ampla que o curso, apesar de ser técnico, fornece uma base educacional ampla, que vai de humanas a exatas, de todo sentido, e ele encara isso daí com bastante afinco. Meus alunos em particular aqui, praticamente, de um modo geral é claro... que sempre existe uma colinha daqui... existe uma tentativa de facilitar o processo, mas na maioria dos casos a gente vê que os alunos buscam frequentar a escola, ficam aqui à tarde, fazem as leituras que eu convindo a fazer, então é... bastante positivo. Agora com relação ao quadro do Brasil como um todo, onde não há investimento na educação acaba que o que a gente assiste na educação pública estadual, e isso é bastante grave, porque ao reduzir os investimentos no ensino federal, como é o que está acontecendo recentemente aí, com o corte de mais de trinta por cento para as instituições federais nós podemos vivenciar um cenário parecido ao das unidades federativas dos estados, que é de bastante dificuldade, bastante desinteresse por parte dos alunos, porque na verdade, o aluno não acredita na instituição, ele tem na verdade é como “Bourdieu”, sociólogo francês, ele chama de duplo vínculo, ao mesmo tempo que ele vê na escola a única maneira dele superar as adversidades, ele também enxerga a escola como um entrave, e como uma... ação contrária que na verdade vai às vezes é marcar ele e marcar inclusive... dependendo da escola, periférica de onde este aluno vem, ele acaba carregando esta marca, que vai definir e marcar inclusive a classe social da qual ele veio, e com isso obviamente reservando, para os alunos de escolas particulares, ou de escolas como a nossa, que de repente consegue garantir as melhores oportunidades de emprego e de vida, então é essa função aí da escola em acabar reproduzindo a própria desigualdade, a escola como uma espécie de reprodutora das desigualdades. (O entrevistador, a partir do contexto geral da resposta dada, aprofunda a pergunta ao entrevistado, como ele percebe o que mais motiva, ou o que mais desmotiva o aluno dentro da sala de aula – o entrevistado prossegue) – Olha o fato de ser, a maioria esmagadora deles, adolescentes... que estão vivendo uma fase diferenciada né, da vida humana, cheia de angústias, eles acabam... muitos deles não têm ainda a capacidade de perceber as responsabilidades que virão, eu vejo muito assim o aluno, de certa forma vivendo a vida, apesar de estar passando por este processo de formação, às vezes um tanto quanto alheio ao futuro, o que eu acho que é compreensível, é importante que a escola dê esta referência do que é este mundo, e de quais as dificuldades que a vida vai impor, muito além do que ensinar uma técnica.

QUESTÃO DEZ: NA PERSPECTIVA DO ENTREVISTADO, O QUE LEVA O ALUNO A TER OS HÁBITOS E AS CONDUTAS QUE NORMALMENTE ELES TÊM EM SALA DE AULA (EXEMPLO: SER MAIS OU MENOS DEDICADO AOS ESTUDOS, SER MAIS OU MENOS COMPORTADOS, SER MAIS OU MENOS CRÍTICOS ETC.).

- De uma maneira geral, o perfil da escola.. ela acaba que promove um...um clima de aprendizado, mas como eu disse, essa fase em que... não só a fase, vamos assim dizer psicológica, geracional etc., da adolescência, e todas as questões psicobiológicas relacionadas afetam, mas também é óbvio que este mundo que nós vivemos, de uma dispersão, em certa parte uma democratização entre aspas, guardadas “todas” (ênfatisa o todas) as observações possíveis com relação ao conhecimento dado pela informática, que ao mesmo tempo é também banalizou, só para fazer a referência. O aluno ele tem aqui na escola uma motivação, mas eu vejo que o aluno aqui ele busca na verdade é resolver estes problemas imediatos da adolescência, como a consolidação de uma identidade. A escola além dos conhecimentos, ela é um locus, um lugar de formação da identidade, do adolescente... do ser humano de maneira geral, e que é uma coisa fundamental, e que muito da motivação, grande parte da motivação, mais do que a busca pelo conhecimento, é a formação da identidade, do pertencimento de grupo, o que isso aí na verdade é bastante positivo, que quando isso não acontece, talvez numa ausência da escola, como muitos aí acreditam que talvez a solução seja a educação domiciliar, ou “home schooling”, como eles chamam, para usar essa temática do “Tio Sam” em americanizar nossa língua e as nossas atitudes. Isso pode ser bastante problemático, os jovens hoje, aqui, os alunos, eles têm uma necessidade, não só os jovens, todo mundo, de produzir, de consolidar sua identidade, o que é uma busca muito difícil, porque no capitalismo... durante muito tempo, ou pelo menos nos primórdios do capitalismo você tinha uma identidade que era relacionada ao trabalho, hoje em dia, na medida em que você desvincula toda essa questão pessoal com o trabalho, no sentido da precarização, na rotatividade do emprego, do empregado descartável, da simplificação de funções, você acaba, como diz um outro sociólogo “Richard Sennett”, construiu um processo de corrosão do caráter, no sentido de que o caráter estava relacionado com o trabalho, e estes trabalhos que eram passado dos ofícios, artesanato... de pai para filho, e que aquilo ali garantia a identidade desse trabalhador já não acontece mais. Então apesar destas dificuldades a escola acaba sendo um porto seguro para que estes alunos possam se identificar a partir da própria instituição.

QUESTÃO ONZE: *QUAL A ANÁLISE QUE O ENTREVISTADO FAZ DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO.*

- É..., como professor de sociologia, no sentido de que a gente possa fornecer as várias perspectivas de interpretação de uma relação social, nunca tive problema nenhum, mesmo porque, na medida em que a gente entende o processo educativo, e a forma com que, a educação, este fenômeno, este fenômeno social está inserido no meio de outros condicionantes, político, econômico... o professor ele tem sempre que ter essa... formação e essa capacidade de... estar bem informado sobre o papel da educação e o meio social em que ele vive, no entanto esta questão aí ...(pequena pausa), da relação professor aluno, também me preocupa hoje em dia, apesar de nunca ter tido problema, sempre ter tido uma relação... e olha que eu fui professor não só aqui no IF, mas fui professor em instituição particular grande, instituição particular pequena, em instituição particular mais periférica e com menos prestígio, e também, nunca tive problemas. A desconstrução da imagem do

professor me preocupa bastante, o desinteresse político de uma parcela da sociedade, pela capacidade que a educação tem em cumprir os propósitos, o engraçado é que até do ponto de vista da formação técnica, parece que este grupo, deixa de lado esta potencialidade que a educação teria de servir como suporte, para realização mínima do capital, o que é uma coisa fantástica. Enfim, parece um retrocesso muito grande, nós estamos vivendo... uma antirrevolução protestante, que lá no início deste processo educativo moderno, que nós tivemos com Lutero e Calvino, e hoje nós estamos negando as capacidades, o que me preocupa muito, e o que pode afetar assim... definitivamente a relação professor aluno, e isso aí pode ser um ponto final nestes quase quinhentos anos de avanço que nós tivemos.

QUESTÃO DOZE: *COMO O ENTREVISTADO PERCEBE A RELAÇÃO DOS ALUNOS COM AS DIFERENTES METODOLOGIAS DE ENSINO.*

- Acho que... nós temos que nesta questão separar duas coisas principais: uma é a espetacularização da educação, a mercantilização, que ao mesmo tempo ela deve atrair mais clientes e isso acaba contaminando inclusive o público, que em princípio não está diretamente relacionado ao lucro, apesar de ele fazer parte de toda uma cadeia produtiva do capital, e neste sentido ter as suas ligações, então, uma coisa é que você... torne uma aula divertida ou uma aula legal... se ela estiver relacionada com este contexto de espetacularização e mercantilização do conhecimento para venda... isso é muito ruim. Ao mesmo tempo, apesar da minha disciplina ser sociologia, e supostamente ela ser conduzida de maneira teórica... enfadonha, a partir de um grande discurso etc. e tal, nós vivemos por um lado bom, da difusão da informação, o que deve ser bem aproveitado, aí de uma série de autores que estão escrevendo sobre as relações sociais diversas, escrevem sobre educação, escrevem sobre violência, fazem um debate sobre meio ambiente, então isso aí oferece sim, muito recurso. Os professores de sociologia, pelo menos os que eu tenho contato, e que foram formados, bem formados pelas universidades públicas, na sua maioria, o que estão também aí querendo fazer uma perseguição ou acabar com a formação destes professores, conseguem acompanhar com tranquilidade, utilizando: entrevistas, reportagens, utilizando polémicas que se estabelecem no mundo da política no dia a dia, e chamando estes temas à baila, para que o aluno possa fazer sua própria reflexão; é lógico, sem faltar nunca com o compromisso com a exposição teórica e com as categorias próprias que são ferramentas do conhecimento. A sociologia ela trabalha com categorias que têm como finalidade você utilizá-las no sentido de produzir o seu próprio conhecimento, autônomo, não são categorias simplesmente fechadas e que bloqueiam, muito pelo contrário. Um problema dentro da sociologia e que atinge o ensino médio, e que não é o caso aqui, é que a falta de profissional formado, acaba forçando diversas instituições... sobretudo as do interior e com menos recursos, ou com pouco compromisso com a própria ciência social, ou com a própria educação neste sentido, acabam contratando profissionais sem a licenciatura em sociologia, muitas vezes formado em biologia, geografia, áreas que.. até mesmo... química, que são muitas vezes um pouco distantes das metodologias próprias da sociologia. Então, esse problema, acaba que, por sua vez, compromete, e faz com que o aluno possa... formular

esse julgamento negativo com relação às disciplinas humanísticas. Pelo menos no caso da sociologia.

QUESTÃO DOZE PONTO UM: *SE O ENTREVISTADO CONSEGUE PERCEBER AS REAÇÕES DOS ALUNOS QUANDO ELES NÃO GOSTAM OU QUANDO GOSTAM DE DETERMINADA METODOLOGIA.*

- Apesar de a gente ter aqui no IF, bons alunos, o que por um lado é negativo, porque você acaba produzindo um processo seletivo concorrido, e deixando de fora uma enormidade de gente... uma boa escola deveria estar acessível para todo mundo, acho que realmente... (pequena pausa enquanto formula a ideia) aqueles que são contra o conhecimento devem se preocupar sim com a escola boa, uma escola de qualidade, porque o aluno acaba... principalmente diante do momento político e econômico, e em todos os sentidos que nós vivemos aqui no Brasil, não só no Brasil, mas no mundo também. Os alunos têm bastante interesse em... ter informações mais sistematizadas, como é o caso da ciência social, com relação ao que acontece à sua volta. O Brasil com este índice absurdo de assassinato e violência, de feminicídio e de racismo que incide, apesar desses nossos alunos, como eu já disse, passar por um processo seletivo, em sua grande maioria ainda são de classe baixa, em sua grande maioria de classe baixa. Já vivem na pele as consequências desses tempos que nós vivemos, turbulentos, então realmente a escola aqui, ela... pode ser um perigo, ou uma ameaça àqueles que são os inimigos da educação.

QUESTÃO TREZE: *COMO O ENTREVISTADO PERCEBE A CAPACIDADE DOS PROFESSORES DE ENTENDEREM OS ALUNOS E AJUDÁ-LOS A SE DESENVOLVEREM NAS SUAS PARTICULARIDADES. E COMO ELE PERCEBE A CAPACIDADE DOS ALUNOS DE ENTENDEREM O PROFESSOR NA SUA INTENÇÃO DE CONTRIBUIR COM O SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM.*

- Acho que isso acontece! Isso não acontece com frequência comigo, mesmo porque eu compreendo (o entrevistado dá esta resposta como uma forma de explicar o motivo da pergunta fazer parte do roteiro de entrevista, o entrevistador deu o exemplo de situações onde não há nenhuma empatia entre professor e aluno, e a sala de aula acaba virando quase que um campo de batalhas) essas angústias e essas dificuldades estruturais, principalmente relacionadas ao perfil do nosso aluno que é de renda baixa, mas isso é um choque de eras né, um mundo que era dividido entre o homem e natureza e que hoje está sendo questionado, principalmente em outras disciplinas em que eu ouço muita reclamação, das ciências da natureza que... ainda carrega essa herança Kantiana da divisão entre o sujeito e o objeto, entre o homem e a natureza, isso aí é grave, e acaba produzindo sim, um conflito entre o aluno e o professorado, porque esse novo aluno ele é um “milênio”, é um milênio que já nasceu na era da informação, que tem acesso...que vive num mundo hoje que sofre os efeitos desta divisão homem natureza, e isso acaba também se reproduzindo de alguma forma dentro da sala de aula, na medida em que parece que existe uma... barreira entre o professor e o aluno, entre o conhecimento humano e o conhecimento da natureza,

coisa que a gente precisa realmente fazer uma boa crítica, aproveitar aquilo que de positivo houve da modernidade e seguir adiante.

QUESTÃO CATORZE: *COMO O ENTREVISTADO ANALISA AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DO PROFESSOR NO PAÍS.*

- Essa questão aí ela é bem ilustrada, e bem conhecida. Essa ilustração do pensador Umberto Eco, que segundo ele: “a internet fez foi dar voz a uma legião de imbecis”, então na medida em que num primeiro momento se imaginava que a internet iria democratizar a informação, que ia ampliar, que em muitos casos, até mesmo... possibilitar essa busca do conhecimento de maneira mais individualizada... o que a gente assisti hoje é a internet e essa democratização da informação sendo utilizada não como uma disseminação, mais como uma forma de padronização e controle, então neste sentido, mais do que nunca... o acesso é... seletivo... cuidadoso com relação à informação é papel do professor. Hoje a gente... (pausa), coisa que é contrário a essas teorias antiracionalistas, como a questão relativa “a terra é plana”, de que a Austrália simplesmente não existe, e dezenas de outras aberrações que estão ganhando status de verdade, acredito que o professor é uma peça fundamental, na utilização de todo esse conhecimento; foi ótimo para mim que sou professor, isso aí, foi fantástico... inclusive eu mesmo tive que passar por todo um processo, na medida em que isso surgiu igual a uma Tsunami, e a gente tem que... saber se localizar. Mais do que nunca o aluno em formação, ele tem que ter todas as referências, processo civilizador pelo qual a humanidade passou, não só a ocidental, mas principalmente, pois somos dela derivados. Existe críticas a se fazer a esse processo, mas é uma realidade que nós vivemos de como que se formou todo um processo histórico, todo o desenvolvimento das relações sociais, psicológicas, afetivas... e da própria construção do conhecimento com relação... ao homem e a natureza, isso é fundamental, então o papel do professor mais do que nunca... tem ali o seu lugar.

QUESTÃO QUINZE: *SE NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO, O ENSINO MINISTRADO CONSEGUE ATENDER AS EXPECTATIVAS DOS ALUNOS E TAMBÉM AS DOS PROFESSORES.*

- Mais uma vez, há de se ressaltar que a política que conforma os institutos federais, de dois mil e oito para cá, que houve uma transformação nesse novo formato, é bastante positiva, pode pegar aí, qualquer pesquisa, qualquer dado que você quiser em relação ao ensino ofertado nas instituições federais que nós vamos ter um... claro que... (pausa na fala) a limitação de recurso, tanto financeiro quanto material, quanto de pessoal, acaba colocando algumas dificuldades, isso é natural, mas com toda certeza, se perguntar, e você deve ter perguntado (o entrevistado se refere ao fato do entrevistador já ter realizado uma parte da pesquisa com os alunos e também com alguns professores) para os alunos do terceiro grau (onde o entrevistado disse terceiro grau, certamente houve um equívoco de colocação e o mesmo se referia ao terceiro ano do segundo grau) eu acho que eles se surpreendem com aquilo que eles recebem aqui... diante da realidade do país, eles na verdade são surpreendidos pela qualidade da informação e do serviço prestado.

QUESTÃO QUINZE PONTO UM: *SE O ENSINO MINISTRADO ATENDE SUAS EXPECTATIVAS ENQUANTO PROFESSOR.*

- Este cenário histórico que nós vivemos depois da revolução industrial, da revolução francesa acabou criando um tipo de escola, em que, por mais que nós possamos aqui observar... as vicitudes do IF, nós infelizmente estamos inseridos num contexto educacional em que as possibilidades de emancipação têm um limite. Na verdade... eu tenho uma visão pessimista né, acredito assim que a mudança deste quadro, muito preocupante, e acho mesmo que... todo este cenário que se desenha com relação à desconstrução da educação e dos valores e das potencialidades que estão por detrás da educação, apesar das contradições que ela encerra me causa bastante tristeza, eu hoje em dia, atualmente eu estou muito triste... porque todo um cenário que a gente discute aqui: os alunos, a transformação, as condições que são dadas por essa escola, que foram conquistadas às duras penas, poderem ser revertidas, serem regredidas; só de imaginar uma possibilidade dessa... bate aquele desespero, aquela depressão mesmo, essa é a palavra. Inclusive temos aí notícia de que outros colegas entraram em caso de depressão clínica, psicológica, psiquiátrica grave, alguns até mesmo cometeram suicídio por conta exatamente dessa desilusão, de pensar que todo esse... avanço que nós tivemos, aqui no Brasil principalmente, com os Institutos Federais possa um dia ser revertido.

QUESTÃO DEZESSEIS: *SOBRE COMO O ENTREVISTADO PERCEBE A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MINISTRADA PARA O FUTURO DOS APRENDIZES.*

- É, esse cidadão que sai aqui do IF com certeza... ele sai daqui preparado para enfrentar diversas situações que a gente ainda nem é capaz de desenhar, dada a velocidade das transformações que a gente vive... nessa fase da humanidade. Acho que esse tipo de educação é um exemplo... (pequena pausa) uma experiência bem sucedida, e que deveria ser aperfeiçoada, reproduzida... deve ser pensada, e nunca, jamais ela pode ser descartada porque ela pode ser um modelo bem sucedido de uso, inclusive, de dinheiro público. Bem! A educação como muitos dizem ela não é um gasto... ela é um investimento, e este investimento ele com certeza, dá resultado. Em termos de coesão social, em termos de harmonia social, em termos de... enfim... positividade de uma maneira geral a educação ela é capaz. Esse lado da educação... de formação que leve em consideração, não somente as capacidades ou as questões teóricas, filosóficas e humanísticas, mas também todas essas habilidades que... a pessoa aqui ela sai minimamente contemplada com relação ao processo produtivo. Que é transitório, nós vivemos hoje um processo produtivo baseado na relação assalariada, mas o processo produtivo, nem sempre teve este formato, e com toda certeza... não é eterno.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 03.

PERGUNTA UM - *QUAL O CONCEITO DO SUJEITO SOBRE O QUE É EDUCAÇÃO.*

- Eu vejo a educação, para nós assim docentes, com a relação aluno sala de aula, que a gente tem de ir além dessa parte subdividida entre as subáreas, entre as disciplinas, e ficar só apenas ali na teoria, o bom é realmente a gente conciliar a teoria com a empiria. Tentar conversar um pouco com eles, sob o olhar de vida, mas que, principalmente, também é muito essencial e primordial a atuação dos pais; porque a questão dos princípios, dos valores, de ensinar, quando o menino desde pequeno chega ali com um objeto que não é dele, então estes valores todos vem de casa. E as disciplinas matemática, geografia, química, português são responsabilidade nossa. Agora é difícil a gente passar um valor assim, da pessoa estar ensinando um outro colega numa argumentação, numa apresentação, e os demais não dando muita importância, querendo tacar alguma coisa, com comportamentos infantis, que aí é questão de berço. Então é uma mistura entre a parte dos pais, que o conceito também de família anda muito diversificado, com relação ao gênero, com relação à chefia feminina. Então muitas vezes o estudante ele não tem essa formação consolidada, enraizada em casa, porque a própria família é desfacelada. Então ele já chega aqui querendo chamar a atenção, ele já chega aqui com hábito ruim, só que felizmente aqui no Instituto, são exceções estes casos de pessoa que não têm, pelo menos no ensino médio, eles já vêm... educados. Eles não desrespeitam tanto assim como a gente vê nos noticiários em escolas públicas, questões de descaso com o professor, maus tratos, brigas, surtos... Felizmente!

PERGUNTA DOIS: QUAL O OLHAR DO SUJEITO SOBRE A EDUCAÇÃO FORMAL, A ESCOLA E AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DO PROFESSOR.

- Olha infelizmente, o Brasil por ser um país em desenvolvimento, por ter muitos contrastes sociais, educacionais, culturais, socioeconômicos e políticos, a educação não é prioridade, continua sendo destrutada, negligenciada. Na maioria das vezes ela não tem aquela fundamentação teórica, política, social do pensamento... crítico, com relação à base com relação ao ensino médio, com relação ao ensino superior e pós. No Instituto Federal, nós temos uma equipe, um capital intelectual **muito** (e dá ênfase na palavra muito) à frente das instituições municipais e das instituições estaduais, então nós percebemos tanto no Lattes, quanto nas relações amistosas, que os alunos possuem com os discentes e docentes; e também percebemos que nós vamos além... com essas subdivisões dentro da educação pública. Porque se compararmos com o ensino municipal, então você percebe já uma faixa avançada de estudantes mais velhos em níveis mais baixos, então tem um desnivelamento, com relação a esse tratamento, e... não deveria ter, deveria ser mais padronizado, mais homogeneizado a educação no Brasil, deveria ser considerado assim como nos países desenvolvidos. O Japão que tem a maior concentração de centenários, eles têm essa educação que vem de casa, tanto é que crianças de berçário assim, de dois três anos, eles já vão jogando o lixo no lixo, quando vão amadurecendo, vão envelhecendo, também continuam, quando terminam, quando finalizam as aulas eles varrem a escola, então eles têm uma conjuntura muito diferente da nossa, não é só ali a questão das áreas e subáreas, das disciplinas, mas da formação enquanto ser humano, sendo construído como ser humano. E no Brasil nós precisaríamos disso porque, tem proposta para escola integral, mas não tem efetividade na prática, então assim também não adianta colocar um aluno várias

horas por dia, n'yo tem estrutura, n'yo ter atividades extra curriculares, e ali ele acabar tendo um ocio mesmo, sem ser o ocio criativo, sem ter a quest'yo da quantidade de conhecimento de informaço s. Ent'yo infelizmente o Brasil ele tem um grande potencial, nós temos muita criatividade, nós temos pessoas maravilhosas, verdadeiros guerreiros, na área da educaç'yo, que se desdobram. Eu mesmo lembro, quando eu entrei na UFG (Universidade Federal de Goiás) em 2002, eu levava a folha para prova, levava o rolo de papel higiênico para sala de aula, e parece que agora, com essas políticas públicas, o governo atual está querendo voltar a essa estrutura, a essa, estratificação social mesmo dentro da faculdade, a pessoa ter que levar seus instrumentos porque, n'yo v'yo mais ter. Com esses cortes, essas possibilidades todas, n'yo ir'yo mais beneficiar pesquisas e nem dar continuidade ao que já foi construído. Claro que tivemos também muitos efeitos negativos, mas a tendência é piorar, infelizmente, se n'yo tiver realmente uma força, aquela motivaç'yo interior, dos alunos dos professores a mobilizaç'yo, vai ser aquela divis'yo, o pobre vai continuar pobre, o estudante que antes tinha possibilidade de fazer um intercâmbio, de andar de avi'yo para participar de um congresso, ele n'yo irá mais, isso é para rico, ent'yo classe média n'yo tem mais direito de andar de avi'yo, e nem de fazer intercâmbio na Finlândia... só os da classe A, acima de oito mil reais, a renda familiar bruta que vai ter esse direito... de ir adiante.

PERGUNTA TRÊS: *SOBRE A VISÃO DO ENTREVISTADO A RESPEITO DA INFLUÊNCIA DESTE PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM NA VIDA E NA FORMAÇÃO DO ALUNO.*

- Olha... ent'yo se nós formos generalizar. No Instituto nós temos várias atribuiço s, você percebe que tem o teatro, que tem vários espaços... ent'yo a educaç'yo tende a dar uma sociabilidade também para os alunos... a quest'yo da bolsa. Ent'yo aqui nós temos ainda o apoio para visitas técnicas. Agora se a gente for particularizar para o município, é outra realidade: falta merenda, falta professores, mas eu acredito que o exemplo do instituto, ele é muito bom... deveria ser adotado como referência, exatamente por ter essa func'yo de escola do técnico integrado, a pessoa já sai ali com instrumentos, com possibilidade de atuaç'yo profissional, e também já tem um olhar, pros próprios cursos aqui dentro, cursos superiores e pós... dentre outros.

PERGUNTA TRÊS PONTO UM: *SOBRE COMO O ENTREVISTADO VÊ O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM PARA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ENQUANTO TRABALHADOR.*

- Olha, aqui no Instituto eu percebo que tem parte dos docentes que... n'yo conseguem ver... e efetivar, a realidade do ENEM (Exame nacional do ensino médio), dos vestibulares e aí focam realmente só no ensino técnico... profissionalizante, para estágios... e têm outros que já focam mesmo só em exercícios... que s'yo uma minoria. Eu mesmo quando eu entrei aqui, eu fiz parte da minoria, porque eu elaborava quest'jes, como simulados; ent'yo vários sábados eu vinha aqui, reunia os terceiros anos, fazia palestras sobre as escolhas profissionais, trazia ex-estudantes, por exemplo: do curso de edificaço s, que se deram bem; que fizeram cursos: de engenharia, de medicina cursos consolidados

né... em instituições públicas, e aí isso foi muito criticado. Eu lembro que até na época, nesse ano específico, que foi dois mil e dez, teve uma coordenadora que falou... eu não autorizo porque aqui é uma escola técnica, e aí eu tive que ter a réplica: eu falei assim: - aqui é uma escola técnica, vocês estão equivocados, aqui nós já temos vários outros cursos, inclusive especialização, nós temos nosso processo seletivo, que é elaborado individualmente, nós temos a aceitação do ENEM, então não é só escola técnica não. Mas eu percebo que meus ex-alunos têm dado continuidade, eles conseguiram se inserir no mercado de trabalho. E muitos que não sabiam o que queriam, desde o início, que já estavam assim faltando aulas, não eram muito dedicados, continuaram perdidos, passaram em algum curso... fizeram direito na UFG, depois resolveram fazer outro curso, então aquela questão do dilema com as escolhas mesmo.

PERGUNTA QUATRO: SOBRE A TRAJETÓRIA DO INDIVÍDUO E O QUE O TRAZ À CARREIRA DE PROFESSOR.

- Ah... sim! Eu primeiro fiz o vestibular para administração em turismo, e aí era na PUC (Pontifícia Universidade Católica) eu achei um pouco falho a ação dos professores, sempre passando trabalho, trabalho, nunca ministravam aula, não tinha aquele equilíbrio didático. Então eu resolvi complementar meu curso e fui para a geografia na universidade federal; tive experimentos com a iniciação científica, com os projetos PIBIC (Projeto Institucional de bolsas de iniciação científica), participei de vários eventos que a universidade proporcionou, tanto os nacionais quanto os interestaduais. Então eu fui me identificando... fui tendo afinidades, fui percebendo que era muito mais do que aquela experiência na instituição privada. Os leques eram mais abrangentes, e a própria formação de grupos de estudos... debater sobre história, dentro da geografia, a interdisciplinaridade, então eu fui me encantando, e resolvi então seguir a carreira acadêmica, já em dois mil e três. No ano seguinte eu fui me organizando para o mestrado e doutorado, atuar em concurso e seguir a carreira acadêmica. Daí eu preferi juntar as duas coisas, a geografia do turismo, a princípio, e depois eu fui para a geografia humana, e dentro da geografia humana ter esse contato com as outras sub áreas como a geografia cultural, a geografia urbana, trabalhar a questão... dos aspectos problemáticos como explosão demográfica, como migrações, com aversões e pertencimentos a lugares, então eu fui cada vez mais me encantando, e fui deixando... quando eu resolvi isso eu deixei de lado a hotelaria, porque eu trabalhava, no Castros (refere-se a um hotel cinco estrelas da cidade) de madrugada, tinha adicional noturno, mas era assim pouquíssimo. Lá era um empresa familiar, então eu percebi que eu poderia ter Ph.D., que eles não iriam tirar o neto, que era o gerente, para colocar uma pessoa com a formação que fosse, seria no máximo uma consultoria. E aí também eu fui para a instituição privada e percebi que quanto maior o número de disciplinas, maior seria o salário, e isso gerava conflitos colegas que tinham sido meus professores, brigando por disciplina (sorriso pela ironia da situação). Então foi uma situação muito ruim, muito constrangedora, e eu fiquei na PUC (Pontifícia Universidade Católica) poucos meses, quatro meses, e já passei num concurso porque eu falei, não vou ficar brigando com ex-professor.

PERGUNTA SETE: SOBRE O QUE MAIS LHE MOTIVA E O QUE MAIS LHE DESMOTIVA NA CARREIRA DE PROFESSOR.

- (O entrevistador faz um esclarecimento sobre a questão apresentada, reforçando que o principal objetivo da investigação é saber o olhar do professor a partir do espaço da sala de aula, mas que ela ficasse livre para qualquer abordagem – a entrevistada prossegue) – Exatamente! A esperança que os discentes têm, o ensejo que eles têm nos questionamentos, a participação em sala, como eles veem assim um desenvolvimento sustentável, com relação à educação, com relação ao país, isso me renova... esse contato com eles, eles são jovens então eles têm muita esperança de dias melhores. E... eu acredito também que só a educação para poder ter essa complementação, e essa formação mais dedicada. Só que... é a renovação, é o contato com eles, eu gosto mesmo, foi uma escolha acertada, eu não me arrependo, eu não faria outra coisa... (sorriso de satisfação) e o que eu queria fazer era medicina, quando eu tinha meus onze doze anos.

PERGUNTA OITO: NA VISÃO DO ENTREVISTADO QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM PROFESSOR PARA CONSEGUIR CONTRIBUIR COM EFICIÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.

- Olha! A primeira coisa é a questão da escolha ser por afinidade, Cora Coralina (Refere-se à uma famosa poetisa do estado de Goiás) *“feliz daquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”*, então, ter o dom, porque você trabalha com pessoas, com os pais, tem as reuniões dos pais no ensino médio, tem as barreiras com relação ao ensino superior, que você passa livros capítulos e eles não leem, eles não participam. E também fazer com que tenha um equilíbrio na didática, não ser só texto, não ser só data show, não ser só quadro e giz..., tentar fazer uma aula fora. Eu mesmo a semana passada fiz uma aula andando aqui pelo instituto, fomos no ginásio... a geografia também ela está em toda parte, então ela tem essa flexibilidade... a matemática já é mais difícil. Mas tem muitos filmes igual aquele *“O Homem que viu o infinito”*, que também abre horizontes, possibilidades. Então é uma função mesmo do professor se esforçar para dar uma diversificada nas aulas, para não ser só aquele método de ensino. Por mais que ele goste e pense que em time que está ganhando não se mexe, tem que dar uma mexidinha sim. E a terceira coisa... é a questão salarial mesmo... porque tem contas para pagar, tem família para sustentar... tem o automóvel que tem muitos gastos. Eu vejo que uma família que ganha dois mil reais hoje, ela não pode ter um carro, não tem condições de ter um carro, no máximo estourando uma moto. Porque, tem despesas de saúde, despesas de material escolar, de criança... tanta coisa... alimentação... então aqui no Instituto nós temos ainda essa remuneração que por enquanto não tem diferença entre sexo, têm instituições públicas que... a mesma função, o mesmo cargo... a mulher ganha menos do que o homem. É muito bom isso, esta questão da valorização do profissional... você encontra o aluno na rua e ele fala: - minha professora!! Falando de forma animada. Você sente o valor que ele lhe atribui.

PERGUNTA NOVE: O QUE MAIS MOTIVA E O QUE MAIS DESMOTIVA OS ALUNOS, NA VISÃO DO ENTREVISTADO.

- É interessante que têm alguns cursos... que se repetem a anos... que eles já chegam e se mantêm motivados, e que têm outros que eles ṽyo se desmotivando... assim, se repete o comportamento e o perfil, mesmo com o passar dos anos. Como é curioso, por exemplo, o curso de Eletrotécnica e de Eletrônica, eles s̃yo muito inteligentes, eles s̃yo assim, interdisciplinares, eles trazem conteúdos para sala de aula... você passa um exercício uma apresentação, um seminário eles desenham, eles se mostram assim professores em potencial... eles fazem esquemas... se interessam..., fazem questionamentos... eles mesmos ṽyo questionando, s̃yo interessados, quando você marca visita técnica eles ṽyo... eles até te ajudam na visita. E aí já têm outros cursos, por exemplo de Telecomunicações, de Controle Ambiental, também ñyo dá para generalizar, Controle teve algumas nuances, mas de Música!! O de Música eles s̃yo muito ali centrados na música... ent̃yo qualquer minuto que você está montando o data show eles est̃yo fazendo um batuque, um recorte, est̃yo conversando, ficam em pé, s̃yo mais ativos, e se fizer uma avaliação surpresa, se fizer uma prova também marcada com antecedência eles ñyo ṽyo fechar a prova. Eles falam... muitas vezes eles até falam (risos...), que... que ñyo lembram de ter ministrado aquele conteúdo, s̃yo mais dispersos... é engraçado. Edificações também já é um curso assim que eles s̃yo mais centrados, mais silenciosos... eles ficam querendo aprender, parece que a classe econômica deles também é um pouco melhor... eu já observei... pelo menos assim nestes anos... e eles d̃yo seguimento aí para as engenharias. Aí tem outros cursos... por exemplo o curso de licenciatura em história... o pessoal entra animado e no segundo ano já desanimam, ficam muito tempo lá fora. Engraçado, porque depois até esses alunos que s̃yo dispersos, esses alunos que ñyo s̃yo assim no perfil de bons alunos, eles acabam te surpreendendo, passando em um concurso, acabam te surpreendendo estando numa colocação melhor... depois de alguns anos, eles ṽyo amadurecendo.

PERGUNTA DEZ: *A PARTIR DO OLHAR DO ENTREVISTADO SOBRE OS ALUNOS ENQUANTO CONJUNTO – O QUE ELE ACHA QUE MAIS MOTIVA OU MAIS DESMOTIVA OS MESMOS.*

- Olha, eu percebo o aluno, quando ele está perdido, que ele ñyo tem assim um objetivo, o que que ele vai seguir no ENEM, qual curso ele vai fazer, ele já fica mais desmotivado, quando ele gosta do curso, ou das técnicas, ou de certa disciplina, ele já presta mais atenção, ele já participa, ele já traz um exemplo de um documentário interessante, ele faz apontamentos. ***“Agora o que atrapalha mesmo, o que desmotiva mesmo...”*** (fala esta frase com ênfase) é quando eles ñyo gostam do curso, que a família os está obrigando a vir, e eles ainda têm uma outra jornada. Ent̃yo eu tenho alunos que eles têm... uns quinze anos e ajudam o tio... a mãe já abandonou... o pai também... eles moram com o tio e trabalham numa panificadora, trabalham a madrugada inteira, participam de jogos, gostam é do jogo, ñyo gostam do curso que é mineração. Ent̃yo assim, ele tirou zero, eu marquei recuperação ele ñyo veio, aí eu tento conversar com ele para dar uma equilibrada, para ele diminuir um pouco o jogo... – ñyo, mas eu estou aqui só por causa do jogo, meu tio me obriga a vir! – assim s̃yo casos isolados (sorriso do cômico da situação). Tem uma influência assim dos pais, de seguir o percurso, e tem outras pessoas, igual à do

curso de música que eles amam mesmo, o curso... os professores... o carinho que eles têm de falar do quadro de docentes... e uma aversão já com a casa deles. Então eu tenho vários alunos que já chegaram para mim pós aula e falaram – professora, o meu pai não entende eu estar estudando música. E é um curso assim... sub valorizado mesmo, infelizmente é igual ao que eu fiz... turismo (o entrevistador faz uma observação: - a arte no Brasil de forma geral... (deixa implícito que é desvalorizada) – e a entrevistada continua) – É desvalorizada, tem este preconceito, e aí quando ela chega em casa ainda tem que fazer as tarefas do dia, mas aí o pai quer que ela passe uma roupa, que ela lave uma cozinha, não vê que ela está cansada, e a irmã, por exemplo, que faz uma engenharia, que faz um curso superior numa instituição... privada... não faz nada, só por fazer o curso de música... já é penalizada... punida..., pela discriminação deles mesmos, dos pais

PERGUNTA ONZE: *NA PERSPECTIVA DO ENTREVISTADO O QUE LEVA O ALUNO A TER OS HÁBITOS E AS CONDUTAS QUE NORMALMENTE ELES TÊM EM SALA DE AULA (EXEMPLO: SER MAIS OU MENOS DEDICADO AO ESTUDO, SER MAIS OU MENOS COMPORTADO, SER MAIS OU MENOS CRÍTICO ETC.).*

- Seria só a... questão assim...da idade, talvez de querer chamar a atenção, ou então ser muito distraído também, ter déficit de atenção, também acontece, mas principalmente os hábitos trazidos de casa mesmo.

PERGUNTA DOZE: *QUAL A ANÁLISE QUE O ENTREVISTADO FAZ DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR ALUNO.*

- Principalmente por eu fazer muitas visitas técnicas, eu tenho um tempo pra conversar, e para observá-los fora da sala de aula, mas eu gostaria de ter um tempo maior, assim um final de semana, a gente reunir todo mundo ir pro clube do SESI (Serviço Social da Indústria) ou fazer um churrasco, típico de interior, porque no interior dá tempo da gente fazer estes encontros, o aluno ele leva um pedaço de bolo para o professor. Isso é ótimo, acaba que tem uma hierarquia, tem um distanciamento, e eles ficam surpresos mesmo, às vezes, do meu comportamento assim, de falar que eu gosto de fazer, sobre pamonha mesmo, sobre alimentação. E aí falta... da minha parte o convite, porque o professor tem que propor (sorrisos).

PERGUNTA TREZE: *SE A ENTREVISTADA CONSEGUE PERCEBER AS ATITUDES E COMPORTAMENTO DOS ALUNOS QUANDO ELES NÃO GOSTAM OU QUANDO GOSTAM DE DETERMINADAS METODOLOGIAS DE ENSINO.*

- Quando é assim uma metodologia mais tradicional, e que envolve assim também a opinião deles, assim como debate sobre sexualidade, ou sobre preconceito, ou sobre corrupção no Brasil, por exemplo eles ficam mais atentos, eles querem participar, eles gostam de expor as suas ideias, eles fazem seus apontamentos. Agora quando é data show, eles vão ficando com sono, principalmente no primeiro horário, quando é o data show, fica aquele escurinho, aí vai dando sono.

PERGUNTA CATORZE: COMO O ENTREVISTADO PERCEBE A CAPACIDADE DO PROFESSOR DE ENTENDER OS ALUNOS E AJUDÁ-LOS A SE DESENVOLVER NAS SUAS PARTICULARIDADES, E A DOS ALUNOS ENTENDEREM O PROFESSOR NA SUA INTENÇÃO DE CONTRIBUIR NO SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM.

- É como você falou... a gente tem muitas outras atribuições, fora do trabalho, que às vezes prejudica esse olhar... esta percepção mais sensitiva, mais afunilada, uma peneira mesmo, mas eu tento observá-los, inclusive teve até uma aluna do curso de música, que na aula passada ela estava fazendo uns desenhos assim, meio escondida, e aí eu incentivei para que ela vendesse, para que ela fizesse mais desenhos (neste momento a entrevistada levantou-se da cadeira reservada para entrevista, foi até sua bolsa e pegou um dos desenhos feitos pela referida aluna, e o mostrou ao entrevistador), e cada um tem um dom viu... esses meninos têm aí muita potencialidade, de escrever, de fazer poesia, de desenhar. Mas é porque não dá tempo mesmo... eu deveria ter mais paciência.

PERGUNTA QUINZE: QUAL ANÁLISE DO ENTREVISTADO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR NA ATUALIDADE.

- É um desafio, nós continuarmos sendo formadores de opinião. E também temos que continuar mantendo esse quadro ainda, do professor... sendo interativo, trazendo a tecnologia para a sala de aula. Eu não proíbo o celular na sala de aula, eu falo, estou dando um assunto por exemplo, sobre fontes de energia não renováveis, petróleo: - pesquisa aí quanto é que está o barril de petróleo hoje - Rapidinho eles já fazem ali, eles já pesquisam. E aí quando eu vejo que está muito no celular, eu já passo outros questionamentos e já vou nomeando, e faço um sorteio – fala um número de um a cinco...um dois, três, quatro, cinco... você... – e aí eles já ficam mais atentos quando você faz assim esse evocativo. E eu percebo também que aqui eles ainda têm esse respeito com os professores, que eles valorizam, eles não são assim alunos ruins não... são à frente aí dos outros.

PERGUNTA DEZESSEIS: SE NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO O ENSINO MINISTRADO CONSEGUE ATENDER AS EXPECTATIVAS DOS ALUNOS E TAMBÉM AS DO PROFESSOR.

- Olha, é relativo porque como eu fiquei afastada para licença de doutorado quase três anos, então... quando eu cheguei tiveram duas reações: as reações positivas – ah! Graças a deus que não é mais aquele professor que ele não ensinava nada... e metralhava o professor (risos constrangidos pelas situações) – e tinha o contrário, aqueles que se chatearam porque queriam que continuasse o professor fulano de tal, porque ele era muito bom...sabia muito... tinha muito conhecimento. Então, eles também criam uma expectativa com a gente, e o conteúdo ele é amplo... o conteúdo programático ele é amplo, e a gente tem que trazer assim, como eu falei, debates sobre a atualidade, sobre política, corrupção, sobre desenvolvimento sustentável, coisas que vão além. E muitas vezes assim eles não estão tão interessados também. E chega naquele conteúdo que é mais histórico, por exemplo, guerra fria... um assunto mais chato, que eles já estudaram na história, então eles

ficam assim - aí meu deus! Não acredito que estou tendo que estudar isso de novo. - Então é muito relativo. Mas de maneira geral, eu percebo que ele sai satisfeito daqui sim. Na minha opinião, as aulas são insuficientes, o livro é muito curto, no sentido de determinados assuntos é muito superficial, só fala os pontos e não explica... então eu vejo... essas brechas

PERGUNTA DEZESSETE: *COMO O ENTREVISTADO VÊ A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MINISTRADA PARA O FUTURO DOS APRENDIZES.*

- Olha, eu gostaria que eles continuassem com a mesma esperança, de agente atuador, de modificações dentro do contexto local, dentro da casa deles, quanto macro. Atuando em outras áreas, em outras instituições, conseguindo seus empregos, conseguindo sua estabilidade, seu reconhecimento na família, sua valorização e suas escolhas... pessoais. E vejo que tem aqueles que têm maior dificuldade, exatamente por não terem um objetivo, e aqueles que já têm um objetivo, que já são empenhados, eles percebem esses déficits, eles já fazem um cursinho, em química, porque eles querem um curso que exige mais em química, eles têm uma condição. Então eu queria isso, que realmente eu desejo isso... que eles sejam bem sucedidos, nessas escolhas profissionais, que eles não tenham tantas dúvidas, tantos dilemas, e que quanto antes eles estabeleçam esses objetivos... para que eles possam ir além, para que eles busquem estágios, para que eles busquem leituras complementares, fazendo os exercícios do livro, baixando questões sem o professor pedir, porque é pouco, nosso tempo aqui é pouco, e são muitas disciplinas, e falta essa dedicação, essa auto dedicação mesmo, eles tinham que ter este auto senso, esta autoavaliação, e já começar desde o primeiro ano.

PERGUNTA DEZOITO: *O ENTREVISTADOR ABRE A FALA PARA A ENTREVISTADA ACRESCENTAR AO DEBATE ALGUM OUTRO PONTO DE VISTA QUE ELA PENSE SER PERTINENTE AO ASSUNTO E QUE GOSTARIA DE RELATAR.*

- Eu vejo que o Instituto ele tem muitas possibilidades, a exemplo da horta que pode ser otimizada, da energia solar que pode ser melhor divulgada, do teatro... pode ter uma feira aqui que seja semanal... uma feira de trocas, uma feira de livros. Que dê tempo deles comercializarem, ganharem um dinheiro, que seja quinzenal para não atrapalhar nos estudos. Para que também o Instituto tenha um nome, assim como teve Escola Técnica e Cefet, porque a gente fala IFG, o povo - ham (interjeição de pergunta)? UFG? – Então a gente precisa fortalecer a marca do Instituto, os estudantes mesmo precisam se sobressair para também expandir essa marca. E eu sou muito feliz de trabalhar aqui, só estou com medo dessa política... de privatizar... estou com medo de tudo... precarizar ... privatizar.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 04.

PRIMEIRA PERGUNTA - *QUAL O CONCEITO DO SUJEITO SOBRE O QUE É EDUCAÇÃO.*

- É... bem, para mim a educação é um processo que faz parte da vida do ser humano, porque independente de ser formal, informal, ou não formal... o ser humano ele é um ser social, então ele depende, para sua sobrevivência em sociedade, para o seu convívio em sociedade, o ser humano depende de processos onde ele vai desenvolver conhecimentos, e saberes, e procedimentos na relação com os outros. Então para mim a educação é um processo vital para o ser humano, para conceber este ser humano como ser social.

PERGUNTA DOIS: *QUAL O OLHAR DO SUJEITO SOBRE A EDUCAÇÃO FORMAL E O ESPAÇO DA ESCOLA.*

- Bem, a educação formal no Brasil, e mais especificamente a escola pública de educação básica, ou então todo o processo: educação infantil, educação básica e técnico superior... eu vejo com o olhar muito positivo, acredito que o Brasil é um país relativamente novo, em termos democráticos, é um país gigantesco, tem uma geografia continental, tem uma diversidade cultural muito grande, eu acredito que as dificuldades que a gente enfrenta... são dificuldades que a maioria dos países do mundo enfrentam. Eu não vejo que a nossa educação está tão ruim pensando em todo este contexto; em todo este histórico que a gente tem. Não vejo que a nossa educação está tão ruim quanto falam, pelo menos neste momento agora, já esteve bem pior, a gente já teve um índice muito grande de analfabetismo no país, mas neste momento agora eu vejo com bons olhos. Pelo menos na minha área eu tenho estudado isto, então eu percebo que a pesquisa, a universidade, ela tem contribuído muito para que a educação no país esteja no patamar que está, mas a gente tem muito ainda a crescer, principalmente em relação a uma conscientização geral da sociedade de que a educação não é gasto, educação é investimento.

PERGUNTA TRÊS: *SOBRE A VISÃO DO ENTREVISTADO A RESPEITO DA INFLUÊNCIA DESTE PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM NA VIDA E NA FORMAÇÃO DO ALUNO.*

- Bem, eu posso falar neste sentido tanto pela concepção educativa que eu tenho como pela experiência que eu tive como sujeito que estudou a vida toda na escola pública brasileira. Eu penso que a escola tem duas funções básicas: a escola tem uma função técnica, uma função objetiva de instrumentalizar o sujeito, de dar conhecimentos e saberes para o sujeito ter um domínio da cultura, daquilo que foi historicamente construído; então, a escola tem historicamente esta função de trabalhar os conhecimentos, de trabalhar estas competências que são necessárias para um sujeito, para o ser humano, para o cidadão, conviver e trabalhar na sociedade. – Assim então eu falei que.. tem dois aspectos que eu acho que são importantes..., tem esse conhecimento técnico... essa formação mais voltada para a questão dos conteúdos, mas tem uma formação também que eu vejo que nem sempre... os próprios educadores se dão conta disso, que é a formação humana. Então eu acredito que a escola, a escola tem este objetivo de trabalhar estas duas questões, até mesmo porque a criança e o adolescente ficam boa parte do dia dele dentro da escola, então aquela formação que ele receberia na família, e em outras instituições, ele tem que receber

na escola. Então eu concordo com a professora que eu gosto de ouvir, a professora Mirza Seabra (Refere-se a uma professora do programa de Mestrado e Doutorado da Universidade Federal de Goiás), ela em uma de suas palestras vai justamente defender que a escola é o lugar também de se trabalhar a questão de valores... de ensinar o aluno questões básicas mesmo. (O entrevistador faz um questionamento para aprofundar sobre a fala do entrevistado – aproveitando que você deu a deixa (aqui se referindo ao fato de que o entrevistado declarou no início da entrevista que estudou a vida toda em escola pública) – Olhando para você mesmo como você acha que a escola te influenciou na pessoa que você é hoje? – e o entrevistado retoma a fala) – Olha, na verdade eu posso falar da minha experiência como aluno aqui do Instituto Federal..., eu entrei aqui para estudar eletrotécnica, meus colegas foram fazer engenharia, e eu fui fazer música... então se eu disser que o conhecimento técnico foi o que me influenciou... eu estarei mentindo. Assim! A música ela é muito técnica, talvez das artes ela seja uma das mais rígidas, principalmente a música estudada no sentido histórico... a música clássica, música erudita como dizem, mas a arte ela tem o poder de falar, de tocar nessa sensibilidade, na subjetividade do sujeito, então eu acho que, eu tive bons professores no curso técnico, lá na eletrotécnica, esses professores me influenciaram no sentido positivo de valorizar o estudo e tudo o mais, e eram também geralmente professores que... a gente acaba se identificando com algumas questões, algumas ideias. Alguns professores mais tímidos, mais técnicos, mais objetivos, e outros professores mais instigadores. Mas pra mim os dois lados influenciaram bastante, porque se eu não tivesse... essa influência do lado mais técnico, mais rígido, talvez eu não estaria estudando música, mas ao mesmo tempo não foi suficiente esse meu relacionamento com as áreas das engenharias, das exatas, para eu poder prosseguir nesta área, eu preferi trabalhar com música, justamente porque eu percebi que eu tinha mais possibilidade de futuro nesta área do que numa área mais técnica.

PERGUNTA QUATRO: *SOBRE COMO O ENTREVISTADO VÊ O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM PARA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ENQUANTO TRABALHADOR.*

- Totalmente, acho que se você forma um técnico, e ele não tem uma formação ampla, você tem uma máquina, e essa máquina não pensa, a gente tem que fazer uma formação de um sujeito crítico, de um sujeito capaz de tomar decisões, de solucionar problemas, tendo em conta também, não só questões técnicas mas questões humanas, pensando nas consequências daquilo que ele vai fazer, das decisões que ele vai tomar. Então eu acho que a educação está intrinsecamente ligada, tanto com a formação do sujeito como eu havia dito antes, essa formação para a vida, quanto para a formação mesmo do profissional. - Qual a expressão que você usou aí? (faz a pergunta dirigida ao entrevistador – e o entrevistador esclarece – e ele prossegue) Profissional, formação profissional! Formação para a profissão.

PERGUNTA CINCO: *SOBRE A TRAJETÓRIA DO INDIVÍDUO E O QUE O TRAZ À CARREIRA DE PROFESSOR.*

- De professor? Bem... primeiro pela identificação com a área de estudo, pela identificação com a academia, pelo gosto pelo texto, pela discussão, pela conversa, pelo diálogo. Eu não vejo, pelo menos para mim, eu não vejo que os professores são tão desvalorizados assim, eu acho que a gente é desvalorizado no âmbito... da mídia, mas a gente não está desvalorizado com os alunos. A gente não está desvalorizado em relação aos alunos quando a gente tem um relacionamento com os alunos, a gente percebe... eu percebo que a gente tem um reconhecimento..., então... esse... reconhecimento acadêmico, ou esse reconhecimento social, me chamou atenção, mas também pesou a questão do espaço, do mercado de trabalho para professores, eu percebi que era uma coisa que poderia crescer e desenvolver no Brasil, e foi o que aconteceu. Eu me formei em dois mil e três, e em dois mil e doze, a gente teve uma lei que obrigava e sistematizava o ensino de música nas escolas aqui no Brasil... dois mil e oito, dois mil e doze foi a data da implementação.

PERGUNTA SEIS: SOBRE O QUE MAIS LHE MOTIVA E O QUE MAIS LHE DESMOTIVA NA CARREIRA DE PROFESSOR.

- É uma questão que eu vejo que é uma dificuldade muito grande, porque eu trabalho com formação de professores, uma questão que eu vejo é... a questão da relação professor aluno, de você ter que entrar numa sala de aula e ter que trabalhar com alunos que não querem aprender aquele determinado conteúdo, então, este processo de convencimento, este estímulo... esse incentivo que o professor tem que ter é uma coisa que a gente tem que estudar na didática. Mas eu acho que isso para mim não foi o que mais pesou, o que pesa mais para mim, na minha área, é a questão da estrutura física, eu acho que se eu tiver uma boa estrutura, eu consigo com o conhecimento e com a formação que eu tenho; pois sem ela eu acho que não existe educação, eu consigo desenvolver meu trabalho. A dificuldade que eu mais encontro é em relação à estrutura física, porque eu dependo de uma sala com acústica, eu dependo de instrumento de qualidade, eu dependo de bons equipamentos, se eu tiver isso eu consigo desenvolver bem o meu trabalho porque... eu já parto de uma ideia... eu já tenho essa formação... eu tenho uma formação para poder... então eu não estou dizendo assim que o mais importante é o instrumental... são os equipamentos, mas para mim, depois da formação, seria esta questão da estrutura. (O entrevistador reforça a ideia inicial da pergunta que era refletir sobre os aspectos que “desmotivam” o trabalho docente, e que o entrevistado já abordou, mas se há também aspectos motivantes desta carreira? – e o entrevistado prossegue) – Bem a minha motivação para ser professor ela..., tem vários elementos que contribuem pra eu me identificar com essa carreira. Eu acho que tem essa questão da função do professor na sociedade, que é uma questão subjetiva mais que... é um elemento que..., pensando nisto agora, eu acho que importante, acho... que eu me sinto útil... eu me sinto... fazendo parte da coletividade da sociedade, exercendo uma função histórica, digamos assim. Mas têm outros elementos também importantes que eu vejo... que é a questão do relacionamento da relação professor aluno... eu gosto de estar como os alunos, gosto de estar em sala de aula, gosto de conversar com os alunos, apesar de pessoalmente ser... uma pessoa tímida. Isto é uma questão que eu tenho que lutar, que trabalhar em mim, mas eu gosto de estar com os alunos e gosto também da pesquisa, então

como o espaço da escola me permite... na sala de aula... me permite compreender outros elementos, desenvolver outras investigações, e me permite desenvolver bons relacionamentos... e eu estou numa função socialmente historicamente constituída, então é isso que me motiva..., talvez mais do que a questão salarial, e mais do que a questão de recursos mesmo, apesar disso ser importante

PERGUNTA SETE: SOBRE O QUE MAIS MOTIVA E O QUE MAIS DESMOTIVA OS ALUNOS, NA VISÃO DO ENTREVISTADO.

- Bem! Eu acredito... que tem dois aspectos muito importantes. Olhando a partir do meu momento enquanto aluno e também olhando pros meus alunos, eu acredito que tem... uma questão que é o próprio conhecimento, o professor quando ele... tem uma formação... e tem uma organização, tem um planejamento, e ele sabe do que está falando, isso motiva o aluno a entrar naquele universo de conhecimento. Eu acho que esta relação com o saber, ela é extremamente importante. Mas eu percebo que além desta questão do conhecimento, dessa centralidade no conhecimento, existe uma questão muito importante: que é como esta relação do professor com o aluno pode contribuir para os dois? É claro que a gente pensa sempre no aluno né... a gente não pensa nesse sentido inverso, mas eu percebo que os alunos se motivam quando eles conseguem encontrar na figura do professor, da professora, um sujeito em quem se espelhar, e com o qual desenvolver um relacionamento. Então eu não sou, eu não faço assim defesa apenas da centralidade do conhecimento técnico ou da transmissão de conhecimento, eu acho que nesse processo é extremamente importante essa consideração da forma como as pessoas, como os sujeitos se relacionam, isso pode ser discutido dentro da didática, mais especificamente, mas eu acredito que existem questões subjetivas. Tem professor que a gente, por exemplo, se identifica, que os alunos se identificam mais, existem professores que às vezes a gente se identifica mais com o conteúdo e menos com o professor. Existe... um mito que os alunos não gostam de matemática, e gostam dos professores de educação física... (pequeno sorriso – pois o entrevistador é professor de educação física), não só porque a aula é diferente não é, eu acho que os professores de educação física, talvez eles abordem, essa aula de uma forma... e acabem nos propiciando diferentes formas de relacionamento com os alunos. Eu como trabalho com música... então quando eu percebo que.. existem alunos... que se identificam mais comigo... talvez eles não se identifiquem tanto comigo mas... se identifiquem com o conteúdo mesmo, porque eles têm interesse de ampliar o seu conhecimento musical. Muitos casos também porque eu desenvolvo um relacionamento pessoal com alguns alunos, não com todos porque é um universo muito grande, não dá para aprofundar... e saber como é a vida de todos os alunos com os quais a gente trabalha. Mas eu acredito que sim... além desse conhecimento sistematizado, existe um elemento da didática que foge àquilo que a gente estuda... nos tratados... digamos assim.

PERGUNTA OITO: QUAL A ANÁLISE QUE O ENTREVISTADO FAZ DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR ALUNO.

- Bem! Eu trabalho com um contexto de muita diversidade, o perfil é muito heterogêneo dos alunos, eu tenho um bom relacionamento com a maioria dos alunos. Eu percebo que... existem basicamente três grupos: um grupo de alunos... com os quais eu consigo... desenvolver um relacionamento profissional e pessoal mediano, existe um grupo de alunos com os quais eu me identifico, que seria um grupo menor, e existe um grupo menor ainda com os quais eu travo alguns conflitos. Isso... eu tenho percebido ao longo da minha carreira. O desafio do professor é saber lidar com isso, entendeu? Acho que é saber... lidar com... não tornar um relacionamento de identificação maior em uma questão pessoal, se bem que isso também é possível..., mas em relação aos conflitos por exemplo. Algumas questões que eu travei com alunos eu acredito que contribuíram para esses sujeitos. Então por exemplo, quando um aluno, tem um comportamento... de desrespeito... acho que a conversa que... eu tive pelo menos, com alguns alunos... tenha contribuído de alguma forma para eles, refletir sobre as atitudes. Isso é... recorrente não é. Mas eu acredito que saber lidar com essas questões específicas é o maior desafio de dentro da sala de aula, porque o perfil dos alunos é muito heterogêneo.

PERGUNTA NOVE: *SE O ENTREVISTADO CONSEGUE PERCEBER AS ATITUDES E COMPORTAMENTO DOS ALUNOS QUANDO ELES NÃO GOSTAM OU QUANDO GOSTAM DE DETERMINADA METODOLOGIA DE ENSINO.*

- Eu vejo o seguinte, o professor ele tem que pensar, ter uma percepção, de como os alunos estão reagindo à sua didática né, a forma... à sua abordagem, mas o professor também tem que ter confiança na sua formação, não dá para modificar totalmente uma abordagem, em função... de algumas percepções, talvez mais subjetivas, e nem sempre sistematizadas. Agora, eu conheço casos por exemplo de alunos... que têm síndrome do pânico, eles não conseguem chegar na escola, não conseguem entrar na sala de aula porque a forma como o professor aborda os conteúdos, atinge a subjetividade do aluno, do sujeito. Então existem os casos extremos. Eu tenho uma experiência de sala de aula, em que, eu percebo que... existe a necessidade de uma regularidade, por exemplo, eu posso trabalhar alguns textos... e esse texto ele tem que ser trabalhado de diversas formas, tem que ser... o conteúdo tem que ser explorado de diversas maneiras, eu não posso saltar de um conteúdo à outro sem ter uma profundidade, mas eu também não posso... ficar numa mesmice a vida toda, eu tenho que ser capaz de apresentar para o aluno uma diversidade de experiências, eu acho que, quando o professor sabe dosar estas questões, a gente consegue desenvolver um bom trabalho, tendo esse cuidado, para as questões mais específicas.

PERGUNTA DEZ: *NA VISÃO DO ENTREVISTADO, QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM ALUNO PARA CONSEGUIR SE DESENVOLVER BEM DENTRO DESTES PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.*

- O bom aluno é aquele que..., tem interesse, é autônomo, estuda, faz perguntas, participa, esse é o aluno que não dá trabalho, esse seria o bom aluno. Mas... a gente não trabalha só com esse perfil! A gente trabalha com um perfil bem diversificado, por exemplo, eu tenho um aluno que tem síndrome do pânico, ele tem esquizofrenia, a gente

conseguiu identificar. Comigo ele não teve grandes problemas, porque ele passou com média, ele conseguiu. Mas eu vejo que com outras disciplinas, outros conteúdos, ele teve mais dificuldade, então... ele ainda é um bom aluno, porque ele é um aluno que vem na aula, é um aluno interessado, ele tem dificuldade de aprendizagem, mas eu consigo... consegui desenvolver com esse aluno que tem esquizofrenia, um relacionamento de confiança, então... esse também foi um bom aluno, apesar das dificuldades específicas que ele tem.

PERGUNTA ONZE: COMO O ENTREVISTADO PERCEBE A CAPACIDADE DO PROFESSOR DE ENTENDER OS ALUNOS E AJUDÁ-LOS A SE DESENVOLVER NAS SUAS PARTICULARIDADES, E A DOS ALUNOS ENTENDEREM O PROFESSOR NA SUA INTENÇÃO DE CONTRIBUIR NO SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM.

- Acho que em relação a alguns alunos... eu consigo perceber... o interesse deles, a dificuldade que eles têm, e dar um direcionamento, mas sempre escapa..., tem um grupo que escapa, a gente não consegue fazer. Tem um grupo de alunos que a gente não consegue fazer interferência nenhuma, eu acho que isso é um... é uma confissão que eu faço (pequeno sorriso)... de uma dificuldade que a gente tem, de lidar com os alunos, e num momento tão rápido e num processo tão corrido que a gente não consegue abarcar a totalidade em função das especificidades desta heterogeneidade. Mas eu acredito que tem um grupo sim, sempre tem um grupo em cada turma que eu consigo fazer uma interferência; às vezes de uma forma mais geral, e às vezes, principalmente quando eu percebo que os alunos têm.. interesse e tem dificuldade, eu procuro me aproximar mais, para aqueles alunos que eu vejo que têm menos interesse, e talvez tenham outros interesses, talvez não tantos ali relacionados na minha disciplina, talvez eu não desenvolva tanto uma proximidade, quanto desses alunos que têm dificuldade, e que têm o interesse, tem sido assim.

PERGUNTA DOZE: NA VISÃO DO ENTREVISTADO QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM PROFESSOR PARA CONSEGUIR CONTRIBUIR COM EFICIÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.

- Bem aqui no Brasil, na América Latina, a gente pode falar da América Latina. Acredito que o... professor ele é uma ameaça para o capital, nós estamos num sistema capitalista neoliberal, e os ataques que a gente tem sofrido nos últimos anos, ele vem no sentido de desconstrução do lugar da academia, do lugar da escola, enquanto espaço de formação do sujeito social. Da concepção de um sujeito que tem capacidade de refletir sobre sua função, seu lugar na sociedade. Então o professor, eu acredito que daqui para frente ele sofrerá cada vez mais esses embates, já vem sofrendo e sofrerá cada vez mais estes embates, porque, o lugar de que fala o professor é o lugar da reflexão, é o lugar da sociologia, da filosofia, do conhecimento sistematizado, é o local da formação humana, dos valores, digamos assim, humanos. Então eu vejo o professor neste contexto. (O entrevistador relembra a outra parte da pergunta sobre as características de um bom professor – e o entrevistado prossegue) – Bem!!! O bom professor... seria aquele sujeito que... tem essa consciência do seu lugar, do seu contexto social, da sua representatividade

no contexto amplo, e que tem consciência... da sua representatividade em relação aos alunos, de qual é o seu lugar neste processo, de relação intergeracional, de formação de novas gerações. Ele também é um profissional que tem competência na área de conhecimento que trabalha e é também um profissional que.. desenvolveu uma formação meio, que consegue desenvolver esse contexto amplo; o trabalho com o conhecimento e também com a formação ampla dos alunos, acho que esse é um bom professor.

PERGUNTA TREZE: QUAL ANÁLISE DO ENTREVISTADO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR NA ATUALIDADE.

- É... em função da dita sociedade do conhecimento, da educação à distância, das novas tecnologias, a figura do professor... eu acredito que ela tem sido questionada, mas eu acredito que... o papel do professor, a forma como o professor trabalha tenha sido ampliada na verdade. Eu não vejo que isso tenha trazido restrição não... algumas distorções, em relação a compreender o papel... a questionar o papel do professor, isso é uma distorção completamente... errada, mas eu acredito que como o... professor trabalha, a forma do professor trabalhar, ela tem sido ampliada. Então hoje, por exemplo o professor faz coisas que os professores não faziam a tempos atrás, como gravar vídeos, ter grupo de WhatsApp da turma, ter um sistema online de acompanhamento onde os alunos podem postar atividades e tudo o mais. Então, na verdade a gente tem uma ampliação das formas de trabalho, isso tem um lado bom, e tem um lado ruim, mas eu acredito que a figura do professor é extremamente importante, porque as tecnologias não formam o sujeito, quem forma o sujeito são as relações sociais que esse sujeito trava num contexto social. Acho que um professor... (ressalta esta fala) *“na formação de professores”*, hoje mais do que nunca, os futuros professores tem que ter essa consciência da sua representatividade, da sua função nessas relações... nessa relação intergeracional.

PERGUNTA CATORZE: SE NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO O ENSINO MINISTRADO CONSEGUE ATENDER AS EXPECTATIVAS DOS ALUNOS E TAMBÉM AS DO PROFESSOR.

- Olha, eu acredito que se você pensar... eu vou falar por mim... Partindo da minha experiência. Para mim foi extremamente válido a formação que eu fiz, pelo menos no instituto federal, foi extremamente importante. Eu tive aula de: filosofia, sociologia, direitos humanos... relações éticas no trabalho; eu tive uma formação técnica..., eu tive uma formação humanística, artística. Eu acredito que essa formação completa... eu alcancei essa formação e foi justamente essa possibilidade... de conhecer outras áreas de conhecimento que me levou para o campo das humanas. Por escolha mesmo, foi uma escolha minha. Eu acredito que a forma como alguns professores trabalham; vou falar de alguns professores que eu tive e a forma com que eu vejo alguns colegas trabalhando... seja extremamente questionável. Eu tive alguns professores que chegavam dentro da sala de aula e enchiam ou quadro e falavam – vocês vão fazer isso aqui! – ia para uma reunião e não voltava mais. - Então como eu tinha dúvida naquela disciplina específica, eu chegava no final da disciplina, sem desenvolver um relacionamento com o professor, sem saber para o que usar

aquele conhecimento, e se eu era aprovado na disciplina, eu era aprovado porque eu tinha feito o que ele tinha mandado. Então eu acredito que essas foram as piores aulas, as piores disciplinas que eu fiz na minha vida. Porque o professor se ausentava desse processo de relacionamento com os alunos. Tive outros professores que não vou citar nomes aqui, você deve conhecer (risos), mas que eram extremamente conflitantes com os alunos. O pai do aluno vinha a escola para poder reclamar do professor; porque o professor questionava a vida pessoal do aluno: questionava por que o aluno não vinha na aula? Por que que faltava? Por que que o aluno não estudava? E tudo o mais. Então... assim... qual era a pergunta mesmo, acho que fugi completamente do tema? – (O entrevistador repete a pergunta e o entrevistado prossegue) – Eu acredito que é uma luta constante para conseguir cumprir com essa missão, essa escola aqui, em específico, o Instituto, ele tem um perfil, tem tido um perfil, em alguns momentos ele tem o perfil tecnicista, mas a função social que ele... desenvolve, que tem a representatividade que ele tem. Isso em função também de ter um grupo de professores que pensa uma formação ampla, eu acredito que ele oferece sim essa formação. Acredito que talvez em outros contextos, ou na maioria das escolas brasileiras, os alunos não tenham... essa oportunidade, principalmente agora que o governo proibiu a filosofia ou que deixou de ser obrigatória a filosofia e a sociologia nas escolas de ensino médio. A gente tem uma luta que é geral... que é lutar contra o tecnicismo, contra essa visão fragmentada da formação, e a gente tem uma luta interna também que é de manter no nosso espaço de trabalho, essa visão ampla, essa formação completa do sujeito. Eu acredito que... a instituição... essa instituição especificamente, a gente tem conseguido dar essa formação. A gente... percebe que os alunos, tem uma dificuldade de inserção, talvez na área em que eles formaram, ou eles têm outras dificuldades, mas em função do contexto amplo social, não.... em função da formação que eles recebem aqui. Mas eu vejo que no Brasil em geral, a gente precisa talvez de ampliar esse modelo.

PERGUNTA QUINZE: *COMO O ENTREVISTADO VÊ A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MINISTRADA PARA O FUTURO DOS APRENDIZES.*

- Eu acredito totalmente! Eu acredito que formar um sujeito... desenvolver essa formação ampla, essa formação omnilateral, acho que o Aristóteles já falava disso lá na Grécia. Então essa formação do homem, que tem um conhecimento técnico e tem um conhecimento que também possa desenvolver... uma consciência da sua função social. (Pequena pausa) uma consciência cidadã é extremamente importante... para o profissional de qualquer área. Eu posso falar mais especificamente também sobre a formação da subjetividade, porque eu sou do campo das artes. Então eu acredito que, aqui por exemplo, no Instituto Federal.. os alunos têm acesso a essa formação quando eles têm interesse, mas a gente não tem, por exemplo, a arte nos três anos do curso, do curso técnico do ensino médio, então... a gente até tem pensado, por exemplo, na ampliação do acesso dos alunos, as manifestações artísticas nessa formação, que as artes proporcionam de uma forma única e singular. Eu acredito que um ser humano sensível, essa formação da sensibilidade, e essa formação da consciência política, para um trabalhador, por mais que esse trabalhador vá exercer uma função técnica, ela é extremamente importante para que ele tenha consciência

do seu lugar, da sua função à partir... daquele lugar em que ele vai estar atuando. E também em função da sua atuação na sociedade de uma forma geral, pensando que este sujeito não vai ficar a vida toda tendo apenas essa formação, que ele vai almejar outras capacitações. Mesmo almejando ou não, não trabalhando em outras áreas, ele vai exercer uma função na sociedade muito mais consciente e de uma forma muito mais reflexiva sobre as várias questões que conviver em sociedade exige.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 05.

PERGUNTA UM - *QUAL O CONCEITO DO SUJEITO SOBRE O QUE É EDUCAÇÃO.*

- Nossa, complexo! A gente definir o que é educação. É... educação para mim, ela é tudo, esse processo formativo. Como você está fazendo esta leitura em relação ao ensino médio, mas esse processo formativo, ele começa desde a barriga da mãe, e passa por várias transformações. Eu vejo isso, acho que você também é pai, não sei? E eu estou vivenciando isso, não somente como uma professora, mas também como mãe. Então essa educação ela... é desafiadora. Tanto para a gente como professor, também na formação dos nossos alunos e dos nossos filhos. O que nós queremos para os nossos filhos e o que nós queremos para os nossos alunos? É a mesma pergunta que eu sempre faço, quando eu estou aqui dentro da sala de aula, qual é esse processo formativo que eu quero ensinar para esse aluno. Ontem, falei para você que a gente participou desta bancada federal, e um dos deputados federais, ele foi nosso aluno, e aí ele deu um depoimento que eu achei que resume o que vem a ser educação: “a educação não é só esse processo formativo, mas também é um processo político... é um processo humano, é... um processo de você se encontrar como pessoa, como ser humano”. E ele falou isso, justamente ele deu esse depoimento, que ele foi um egresso nosso, e aqui ele descobriu várias coisas, ele não descobriu somente a parte técnica, ele descobriu justamente essa formação humana; eu acho que é isso, a educação ela é um processo formativo, principalmente humano, as pessoas se conhecendo (O entrevistador faz uma observação: “é só nosso governo que não vê isso, nossa gestão política que não enxerga isso – e a entrevistada prossegue) – Talvez esse trabalho que você esteja fazendo, consiga, levar isso adiante, divulgar. E eu pergunto sempre, não somente neste governo, mas em outros governos também: por que que não chamam nós que estamos na base para conversar? Começa errado! A nossa educação lá de cima, os nossos governantes estão começando errado. Deveria chamar não só a gente...mas aquela professora que dá aula naquela escola pública... municipal, estadual, federal, numa particular. Buscar ver a diversidade de pensamento que nós temos e vamos colocar isso em prática.

PERGUNTA DOIS: *QUAL O OLHAR DO SUJEITO SOBRE A EDUCAÇÃO FORMAL E O ESPAÇO DA ESCOLA.*

- É difícil (pequeno sorriso, pela complexidade da questão), olha assim, eu estou na gestão, então isso é muito complicado, mas eu gostaria de falar para você como docente. (Pequena pausa) Mas eu acho que a gente aprende muito com o que está acontecendo,

dentro de todo processo que eu passei aqui dentro da instituição, e foi como Escola Técnica, depois foi como CEFET (Centro Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás) e hoje como Instituto Federal; a gente não tem... como é que eu vou te falar... (pequena pausa de reflexão) ... nós mudamos muito! Você como professor, você também deu aula para Escola Técnica... você deu aula pra... - Eu estou fazendo uma conjuntura em relação ao ensino médio. – No CEFET e você hoje é professor do Instituto Federal: o que nós construímos e o que foi modificado na nossa matriz? Você está entendendo as modificações que nós tivemos? Várias modificações, não que não seja bom, mas eu também acho que a gente perdeu muito, a gente perde muita coisa com as modificações (o entrevistador faz a seguinte observação: decisões às vezes apressadas – e a entrevistada continua) – Sim, são tomadas de decisões, às vezes sem um devido estudo; nós tínhamos um técnico, depois um concomitante, e depois....? Isso vira uma confusão, e a gente acaba se perdendo até mesmo como docente... sabe pra poder ensinar, lógico que a gente precisa mudar, a mudança ela é bem-vinda, ela é necessária, principalmente nesse mundo em que nós vivemos, mas a gente precisa ter raízes (o entrevistador faz uma observação: - e saber para onde mudar e porque mudar – e a entrevistada continua) – Isso... sabe... então nessa parte... de formação, eu acho que a gente perdeu algumas coisas no caminho..., e eu não sei como encontrá-las! Se você perguntar, eu não sei como encontrá-las. Porque até mesmo hoje quando você vai dar aula para um menino do ensino técnico ele é completamente diferente de um aluno que a gente recebia, por exemplo, a vinte anos atrás. E nós precisamos fazer essas adaptações para esse novo aluno que nós estamos recebendo. E será que essa parte técnica, quando eu falo essa parte técnica é uma maneira geral da nossa formação, da nossa matriz curricular: ela está preparada para este aluno que nós estamos recebendo hoje? Então assim, os números eles não mentem, os números estão aí para mostrar que nós temos um alto índice de evasão, e por quê? A gente precisa descobrir isso, se essa parte que a gente está fazendo em relação aos nossos alunos que estão chegando, se realmente é isso que eles querem. E eu me questiono muito, hoje me questiono, porque nós tivemos a... (pequena pausa)... uns quatro anos atrás, a gente tinha o nosso curso técnico integrado em trânsito, e que eu participei efetivamente na construção da matriz curricular, que é igual à estas que estão aí hoje, e eu percebia no aluno... uma falta de interesse, principalmente na parte técnica do curso, porque que eles estão aqui fazendo esta parte técnica, qual é o objetivo, então isso eu me questiono muito. E às vezes eu acho que isso tem que ser levado sempre às instâncias maiores para gente repensar, e não vir com receita de bolo... (observação do entrevistador: acho que às vezes nós precisamos olhar para nós mesmos com um olhar bem crítico... antes que outros venham fazê-lo por nós – e a entrevistada prossegue) – Perfeito, senão outra pessoa vem, e vem fazer pela gente.

PERGUNTA TRÊS: *SOBRE A VISÃO DO ENTREVISTADO A RESPEITO DA INFLUÊNCIA DESTE PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM NA VIDA E NA FORMAÇÃO DO ALUNO.*

- A minha experiência, de novo, eu acho que a gente acaba remetendo também ao passado, e hoje, então eu estou fazendo uma base comparativa. É... a minha experiência,

especificamente com o ensino técnico, esse ensino técnico que hoje a gente está aqui presente, eu vejo uma imaturidade muito grande no início dos alunos. É... nunca tive experiência em outra instituição, não sei como é que é isso, então é uma experiência minha mesmo, uma imaturidade em relação ao conhecimento. Eu acho que isso vai se transformando sim durante os anos, uma crítica maior, o aluno ele vai se percebendo como aluno, ele vai se questionando, e até mesmo nestes questionamentos ele acaba fazendo uma reflexão de que: - “Olha, eu quero é somente o ensino médio. Não é isso que eu quero. Então eu acho que ele vai conhecendo um pouquinho a gente, ele vai vendo as disciplinas técnicas, e ele vai repensando nisso, e ele vai chegando a uma conclusão de que não é isso que ele quer, ele quer é terminar o segundo grau e fazer uma faculdade. Não acho que seja errado, no caso a gente está trabalhando justamente a questão da verticalização, mas aí eu te pergunto: “onde nós estamos pecando com este aluno em relação ao ensino profissional”? Isso é uma percepção minha, uma percepção de dentro da sala de aula, e que a gente tem uma dificuldade muito grande de fazer com que este aluno perceba a importância que são “quatro anos” (alonga estas palavras na fala, para ressaltar a dimensão do tempo empregado), de conhecimento, de um ensino diferenciado, porque ele não tem esse ensino lá no estado, ele não tem esse ensino numa instituição privada, num colégio privado. Então eu ainda... eu não tive uma percepção muito clara que esse aluno consegue visualizar a importância da nossa instituição como um processo formativo técnico. (O entrevistador faz uma observação: a ironia é que o trabalho ainda é de muito boa qualidade, e que ele consegue passar em muitos outros vestibulares, e que para gente isso seria bom, mas entra nas estatísticas de evasão. É a crueldade da história – e a entrevistada prossegue) – Entra, então os nossos números refletem isso, hoje o nosso índice de evasão ele é altíssimo, porque se ele não completa os quatro anos, é dito como ele não finalizou, não existe a questão da eficiência. Isso é certo, isso é errado, não!!! Se o aluno não conseguiu se identificar, se ele acha que o quarto ano para ele não vai ser necessário, não é errado, mas aí nós temos que repensar.

PERGUNTA QUATRO: SOBRE A TRAJETÓRIA DO INDIVÍDUO E O QUE O TRAZ À CARREIRA DE PROFESSOR.

- Eu caí de paraquedas (risos).... Sério mesmo... eu formei, formei muito nova, eu sou engenheira civil, e a minha área formativa ela é estrutural, eu... trabalhava na época com cálculo estrutural, e não era diferente de hoje, muito complexo... hoje melhorou muito, mas era... uma profissão ainda muito machista, que a mulher para ir pro campo era muito complicado ainda na minha época. Então eu fiz a opção de trabalhar com cálculo estrutural que era dentro de um escritório, até mesmo porque eu me identificava com isso, e aí eu trabalhei dois anos numa empresa, sendo calculista, com muitas dificuldades financeiras, recebia muito pouco na época... aquela exploração de recém formada. Então surgiu concurso em Jataí (refere-se aqui ao concurso para docente na então ETF (Escola Técnica Federal de Goiás) unidade de Jataí), e meu irmão na época era professor aqui, e ele falou: (Nome da entrevistada) vai lá prestar o concurso! – Falei não..., não quero... nunca me identifiquei como professora, não... não vou. – (A entrevistada fala como se fosse o irmão

falando com ela) – Nýo (Nome da entrevistada) vá lá, nýo tá legal o campo de trabalho...- Falei – Tá (nome do irmýo) entýo eu vou lá – Ele falou – Olha é uma instituiçýo pública, é uma instituiçýo federal, tem algumas coisas que sýo legais você vai gostar – (A entrevistada retoma a sua fala) – E o (nome do irmýo) sempre foi muito apaixonado pela docência, entýo (O entrevistador faz uma observaçýo: E pela escola também né! – A entrevistada continua) – Muito, entýo assim: - (Nome da entrevistada) vai tal... – Eu falei – Ah!! Entýo eu vou, fui despretensiosa... cheguei lá... na minha área acho que tinha uns cinco concorrentes, e tinha uma prova muito extensa, e por coincidência, caiu justamente muita coisa que eu estava recém formada, “*e que eu sabia de cor e salteado*”, e eu estava trabalhando na área, entýo eu tive uma nota muito boa na parte teórica. Depois vou te contar da minha didática, e aí saí muito bem na minha parte teórica da prova, tanto que na época quem fazia parte da banca era a professora (nome da professora), e aí ela..., nýo a conhecia, e aí ela chegou para mim e falou: - Olha você desbancou um doutor! – porque eu tinha acabado de formar, e aí fui dar minha aula... que horror!!!! Que horror!!! (O entrevistador pergunta: você nunca tinha dado aula? A entrevistada prossegue) nunca!!! Nossa que horror, que horror!! Caiu... um conteúdo que falava sobre lajes, construçýo de lajes... !! Horrível, horrível, minha aula foi horrível. E eu concorri na época com a (Cita o nome de uma figura conhecida da engenharia da época)... e (cita o nome da referida pessoa) tinha uma didática excepcional, e ela levou uma maquete... resumindo, a (cita o nome da pessoa) passou em primeiro lugar, claro. E aí tinha mais duas vagas, uma era para materiais de construçýo e a outra era para mecânica do solo, e nýo teve aprovaçýo!! E aí eles chamaram o concurso para construçýo civil... e aí eu fui para uma área em que eu nýo sabia absolutamente **nada**!! (reforça a fala na palavra nada) Materiais de construçýo... eu caí de paraquedas. Na realidade fiz a prova; eu sei que eles me chamaram de última hora assim: - Você, vem?? Você vem para Jataí?? – E eu: - Nýo eu nýo passei, quem passou foi a (cita o nome da pessoa citada anteriormente) – Nýo você passou. – Nýo, nýo passei!! – **Não, você passou!!!** (Frase falada com mais ênfase e mais exclamaçýo) – Ah!! Entýo eu vou!! – E aí o meu processo foi de aprendizado o tempo inteiro, e dava aula lá, naquela época a gente dava aula de manhã, de tarde e de noite (risos). Entýo o tempo livre que eu tinha eu passava estudando dentro dos laboratórios. Entýo, as minhas aulas, como eu era muito insegura ainda, eu fazia as minhas aulas antes no laboratório, depois ia para dar a minha aula, entýo eu estudava umas duas três vezes para entrar dentro de uma sala de aula. E aí... **eu entrei graduada aqui dentro!!** (reforça esta frase se referindo ao fato de ainda nýo ter nenhuma pós-graduaçýo) Entýo o meu salário, eu pagava para trabalhar na época... (pequena pausa) ... pagava para trabalhar. E aí neste processo eu tive que fazer uma especializaçýo, aí procurei uma especializaçýo com foco mesmo, na área de educaçýo, fiz um trabalho super legal, na época fiz um estudo com os alunos de cursos noturnos, na época foi na Universo, mas meu trabalho ficou muito legal! E aí sim eu comecei a me identificar como professora. Eu falo também... que se nýo fosse a influência do (cita o nome do irmýo, ao qual se referiu no início da resposta) eu nýo teria feito o concurso.... porque.... eu nunca tinha me visto como professora... apesar de... que eu sempre dei aula particular para os meus sobrinhos. Eu fiz mudanças, na vida de alguns deles. Eu tenho um sobrinho, por exemplo... que ele... isso eu já era professora..., mas ele

tinha uma dificuldade muito grande em matemática, sempre reprovando em matemática, aí nós estudamos juntos um período, e ele fez engenharia elétrica, por causa desse amor pela matemática que a gente acabou florescendo nele. Então a minha influência hoje ela foi em função realmente do meu irmão.

PERGUNTA CINCO: SOBRE O QUE MAIS LHE MOTIVA E O QUE MAIS LHE DESMOTIVA NA CARREIRA DE PROFESSOR.

- Eu acho que... à docência ela é um desafio para todos nós, e eu me cobro muito em relação a isso, sabe? Porque eu acho que o que motiva a gente entrar dentro de uma sala de aula... a gente se transforma; nós nos transformamos em algo excepcional! Eu falo isso e me emociono, porque eu tenho um carinho tão grande por meus alunos, mas tão grande..., que a gente acaba trocando tanta energia, e você sabe disso, o que é entrar dentro de uma sala de aula, e as vezes você sai daquela aula e você está assim cansada, porque você quer passar aquele conhecimento, e às vezes você não consegue e você fica frustrada com isso. E a motivação que a gente tem... é justamente isso, quando você chega, você passa um conhecimento, e esse conhecimento, os meninos refletem isso numa experiência, numa vivência. – Ah! Professora eu consigo levar esse... e isso... para ali. - Eu consigo fazer a ligação de uma parte teórica, e eles transformar isso numa prática, acho que a maior satisfação do professor é isso. Sabe... e (pequena pausa) é a pior frustração. Porque, eu me cobro muito, às vezes dependendo da disciplina que a gente ministra, a gente não consegue passar isso (o entrevistador faz uma observação: e às vezes até dependendo do aluno, engraçado que a disciplina é a mesma, mas de turma para turma tem um... – e a entrevistada prossegue) – Tem, tem uma mudança, mas esse é o nosso papel, na realidade eu acho que é isso que é o papel do professor, é se adaptar a essa mudança do aluno. É, mas é isso, é fazer essa adaptação, e isso, isso é o nosso processo, isso é o nosso objetivo. Não interessa quem está do lado de lá, a gente tem que saber passar aquilo. E assim... mudanças constantes, se você não conseguiu com uma metodologia você tem que procurar outra, você tem que achar alguma coisa, que aquele conhecimento ele realmente vai estar agregando valor para aquele aluno. Acho que a maior frustração minha como professora e... eu às vezes estou sempre me cobrando isso, é como que eu posso mudar a minha metodologia, o meu modo de ensinar, para que aquele aluno realmente absorva aquele conteúdo.

PERGUNTA SEIS: NA VISÃO DO ENTREVISTADO, QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM ALUNO PARA CONSEGUIR SE DESENVOLVER BEM DENTRO DESTES PROCESSOS ENSINO E APRENDIZAGEM.

- Eu acho que o bom aluno... (pequena pausa) ele... é tão difícil porque, eu estava, eu acabo me vendo em relação a quem são esses alunos. E eu tive uma experiência... com uma aluna em si, agora, na engenharia de transportes, e que até então... eu tenho uma percepção que talvez ela seja altista, mas ela ainda... eu acho que ela tem vergonha, ou talvez a família não saiba disso, e como eu parei agora de entrar dentro da sala de aula, e eu percebo o alto índice de reprovação que ela está tendo... e aí eu me cobro como professora: ela não é uma boa aluna? Porque ela não é participativa, porque ela não reage às

informações. Então o que é um bom aluno para um professor? Se a gente for falar friamente o que é um bom aluno, eu resumiria: o bom aluno é um aluno participativo, mas aí eu tenho esse outro olhar: por que que o aluno não é participativo? Por que que ele não se entrega? Por que é que ele não discute? Por quê? Então a gente tem que olhar um pouquinho isso né, seria muito bom se a gente tivesse só os “Caxias”, que pegaria ali no livro, estudasse e fizesse. Eu não considero que nota seja sinônimo de bom aluno, nunca considerei isso, a nota não reflete o bom aluno. Mas é um aluno participativo, é um aluno que... realmente quer aprender. Eu falo que nós já fomos alunos, então às vezes os alunos sentam aqui do grêmio... estes dias para trás, um aluno veio assinar, das engenharias, um PAD (Termo de responsabilidade por conduta indevida na instituição) por que bebeu todas caiu aí, falei: olha, já fui aluna, eu sei o que é isso, eu sei todas essas faras. E aí eu me coloco como aluna, daquele professor as vezes, que eu não estava nem aí para ele..., e eu era uma boa aluna, sabe... eu era uma boa aluna. Eu nunca fiquei de prova final, as minhas notas eram excelentes na engenharia, nunca fui reprovada em nenhuma disciplina. Eu vejo isso porque existe todo um histórico de reprovação de cálculo, eu nunca fui reprovada, eu fiz meus cinco anos sem nenhum tipo de reprovação, então eu era uma excelente aluna. Mas dependendo do professor, e dependendo do conteúdo, eu não estava nem aí para aula. E aí assim, como é que você quer que eu te fale o que é um bom aluno, entendeu... isso é muito subjetivo, eu acho que um bom aluno... primeiramente você tem que ser um bom professor, para aquele aluno ser bom, porque ele vai responder.

PERGUNTA SETE: SOBRE O QUE MAIS MOTIVA E O QUE MAIS DESMOTIVA OS ALUNOS, NA VISÃO DO ENTREVISTADO.

- Pegando assim, o nosso foco talvez seja no ensino médio. (O entrevistador esclarece, que o olhar pode ser por todo o trajeto percorrido pelo aluno até chegar no ensino médio, mas não ser furtar a refletir sobre este aluno que temos aqui agora - e a entrevistada prossegue) – Eu acho que às vezes, pelo menos nas minhas experiências, eu sempre fui professora do primeiro ano, hoje eu parablenizo todos os professores do primeiro ano, eles têm que ser muito bons. Eu tive experiências dentro da coordenação, que professores pediram para sair do primeiro ano, não tinham perfil para dar aulas para os meninos. Então eu acho sim, que para os nossos alunos... fiquem motivados, a gente precisa colocar professores com aquele perfil... não são professores melhores, ou piores, mas que tenham um perfil realmente de motivar. Eu acho que se a gente conseguisse motivar melhor os nossos alunos, nós teríamos um índice de insucesso mínimo. A motivação, ela vai de novo depender do professor... não é questão de conteúdo, não é questão de disciplina, não é isso. Claro que existe algumas disciplinas que são mais fáceis, de fazer algum tipo de interação, vamos pegar por exemplo a área da educação física, que vocês já estão ali... e estou falando a prática, não a teórica... já muda o ambiente não é, então eu acho que às vezes nós pegamos os alunos, muito desmotivados mesmo, porque vem de todo um processo formativo, talvez sei lá, de uma imposição, de como é que tem sido feita essa nossa educação que a gente ainda tá discutindo, esbarrando em um monte de coisas; e que a gente pega um aluno às vezes desmotivado por vários fatores, vários fatores sociais aí envolvidos

nesse processo. E eu acho que cabe a nós, esse é o nosso papel enquanto professor, a gente precisa motivar esses meninos.

PERGUNTA OITO: *QUAL A ANÁLISE QUE O ENTREVISTADO FAZ DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR ALUNO.*

- Eu acho que isso é fundamental, a relação professora aluno ela é fundamental dentro de uma sala de aula. Eu não estou falando aqui, que professor tem que ser aquele amigão, não, não é isso! Tanto que a minha relação com os meus alunos, ela é fundamental essencial para que minha aula seja uma aula agradável, sou extremamente rígida, sou rígida com as obrigações, mas existe sim uma relação de respeito, uma relação de aprendizado com o próprio aluno, a gente aprende muito com eles, e a gente acaba criando um vínculo, não tem como, eu acho que o professor que não cria vínculo com o aluno, me desculpe, ele não é professor! Não tem como.... não tem como. Se você não criar uma empatia com esse aluno, a coisa não funciona, não vai funcionar. Por mais que você prepare uma super aula, mas que você não tem uma relação com esse aluno, que você não conheça esses meninos, que você não saiba que esses meninos pegaram um ônibus cinco horas da manhã.... não tem como... não tem como. Eu acho que o professor que não fomenta essa relação, ele não vai ser um bom professor, não confunda essa relação de amizade, não é isso! Eu vejo hoje meus alunos, eu chamo eles de meus meninos, eu beijo, abraço, brinco, existe uma relação de respeito, entre professor e aluno, mas que você precisa criar esse vínculo, você precisa criar esse vínculo de confiança, e a partir daí, você começa a crescer como professor, você começa a crescer como pessoa.

PERGUNTA NOVE: *SE O ENTREVISTADO CONSEGUE PERCEBER AS ATITUDES E COMPORTAMENTO DOS ALUNOS QUANDO ELES NÃO GOSTAM OU QUANDO GOSTAM DE DETERMINADA METODOLOGIA DE ENSINO.*

- Eu queria ter uma resposta efetiva para você! Porque isso eu me questiono já a vinte e cinco anos. Na realidade é igual você está falando, as metodologias elas têm que ser diferentes, porque o aluno ele é diferente. E assim, nós professores, nós somos acostumados a dar certas disciplinas, eternamente as *mesmas* (e destaca a palavra mesmas) disciplina, e aí a gente faz lá o nosso material, e a gente acha que aquele material é o top, e a gente vai fazendo algumas modificações. E aí a gente acha que a gente está lá o supra sumo, e que aquele conteúdo vai ser repassado para aquele outro aluno, e vai ser a mesma coisa. Eu me questiono muito em relação a isso, porque não é assim que funciona, e a gente está cansado de saber disso. Nós temos que constantemente mudar as nossas metodologias, e dependendo das disciplinas que a gente ministra, isso é muito complicado, muito complexo, porque eu vou pegar disciplinas práticas e extremamente complexas em relação à cálculos, me esbarrei agora numa disciplina a uns dois anos atrás, que fala sobre um estudo de demandas, isso também reflete no ensino médio, porque a gente trabalha muito com demandas, de tráfego de trânsito. Então como fazer com que esse aluno entenda uma complexidade de números na prática? – Professora: porque que eu estou vendo um tanto de números, por que que eu estou vendo um tanto de tabela? Onde e como eu vou executar

isso na prática? Entýo esse é o nosso papel, é tentar fazer com que aquele tanto de coisa que está lá, tentar achar uma metodologia que aquele aluno vá conseguir entender de uma maneira mais fácil possível. Isso nýo é fácil. Assim, vamos pegar uma matemática, uma física, uma língua portuguesa, olha o tanto que é difícil explicar... português! Nýo é? Como é que você vai fazer o aluno... lendo... como é que você vai fazer com que aquele aluno consiga captar aquilo ali? Tem que ter metodologias diferentes, nýo tem como, e eu sinto falta disso! Como docente eu sinto falta disso, eu sinto falta de uma formação. Eu até hoje, eu acho que eu peço, na área da docência, na área da didática. Onde é que a gente pode melhorar isso? A gente pode melhorar isso com capacitação? Mas quem sýo esses “bambambýs” que výo falar para a gente: olha, faça deste jeito, faça daquele outro jeito que você vai conseguir, fala-se tanto na metodologia dos Estados Unidos... que nýo existe um professor em si, mas existe um monitor que está ali para trocar essas ideias, viver uma questão, um problema, e aí se coloca tudo junto, todas as disciplinas, nós vamos entýo solucionar isso. Pois é, eu nýo sei se é o correto, se é o certo, eu sei que como professora eu estou falando de uma frustração que eu tenho, em algumas disciplinas, eu nýo consigo, falo com toda a clareza, que às vezes eu chego no final do semestre, eu me sinto um pouco frustrada, porque aquela metodologia que eu usei nýo atingiu o objetivo esperado. E eu vejo quando você fala nesta questão da metodologia, de você conhecer o outro, de ver como é que você vai passar isso para ele, eu estou tendo essas dificuldades hoje com o meu filho... (foram suprimidas falas que nýo sýo diretamente pertinente ao assunto) e como é que a gente muda isso dentro da escola. Entýo meu menino, nós estamos lá estudando, todo tipo de conteúdo: ciências, história..., geografia; e o professor ensina, tem lá toda a metodologia do ensinar, e ele nýo assimila, ele chega: - filho, o que você viu? - A mamýe, nýo lembro muito bem o que foi visto! - Entýo nós vamos ter que estudar para a prova e como é que é que nós vamos tentar assimilar isso. - Entýo, já tentei várias metodologias, com o meu filho. Eu testo com ele várias metodologias: a primeira foi uma... ele gosta de pesquisar, ele é muito antenado assim... com esquemas. - Mamýe, o que é esquema? - E aí como é que você vai ensinar um menino de doze anos um esquema. Vamos ver aqui o que que é um esquema, nós vamos fazer assim, você vai colocando suas ideias, vamos lá vamos tentar o esquema. Aí... (pequena pausa) umas dez folhas fazendo esquema, no final da tarde ele estava com a mýozinha: - Mamýe, está doendo! Escrevi demais, e nýo está legal, fiz, fiz e nýo achei nada, nýo consegui assimilar. - Entýo!! De que que você gosta filho? Vamos lá, o que que você gosta de fazer? - Eu gosto de computador, eu gosto de jogar! - Adora jogar - Entýo usar o útil, com o agradável...!! - Como assim mamýe? - Entýo que tal, fazer o esquema no computador? - Entýo vamos lá!! - (Faz um som dos dedos batendo na mesa, para representar como se alguém estivesse digitando muito rapidamente no computador) - E aí uma coisa que ele fazia em dez horas, ele passou a fazer em uma hora (sorriso de contentamento pela conclusão da situação) - Mamýe, foi rápido!! - Assimilou? - A mamýe eu acho que consegui assimilar mais alguma coisa!! - Tá, mas ainda nýo está perfeito? Nýo? - Nýo! - Está, entýo vamos tentar outra coisa! - Vamos! Entýo o que? - Vamos tentar ir entýo para a lousa? Vamos comprar um quadro, e você dá aula para mamýe? - Entýo vamos lá! - E agora ele está me dando aula, sabe!!! E isso é você ver o outro lado! Entýo

esse é o nosso papel como professor! Ou vai, vai lá para frente, vai lá, dá uma aula para mim, o que que você gostaria, para você poder assimilar o conhecimento? Que que você precisa? – Agora, ele também está assimilando! Entýo, ele me dá aula... agora a gente estava estudando botânica, sei tudo sobre botânica agora! Eu estou adorando essa história. E aí ele me dá aula, sobre a reprodução das plantas... faz esquemas. – Nýo faz o esquema aí, porque eu nýo estou conseguindo entender. Entýo filho, explica para mim! – Você tem que ver ele desenhando, com o jeitinho dele lá. – E assim, é essa reflexýo que a gente tem, é isso que a gente precisa passar para o aluno, é esse olhar aí diferente. (O entrevistador faz uma pergunta para conseguir maior profundidade da questýo – “Você consegue perceber entender as reaçõe s dos alunos quando eles gostam ou nýo gostam de determinadas metodologias?” – e a entrevistada prossegue) – Eu acho que é perceptível... é muito, porque igual e estou te falando, no momento em que você passa esse conhecimento, e eles conseguem fazer uma correlaçýo do que a gente conseguiu transmitir, para uma coisa real... isso é muito gratificante. E eles falam, eles se expressam, de alguma maneira eles se expressam: ou com o olhinho assim (e faz um trejeito como os olhos para representar a expressýo dos alunos) ...olha, eu nýo preciso falar nada (sequência de expressõe s e vocalizaõe s que aparentemente representam satisfaçýo ou descontentamento, na tentativa de representar as comunicaõe s nýo verbais dos alunos) - Humm!!! Ahhhh!!! – entýo, o olhar do aluno né, depois o feedback que ele também te dá depois da sala de aula. Aquele aluno que fica depois, com você. Nýo é, é aquele aluno que depois, às vezes é aquele aluno tímido que nýo participa, mas que é aquele aluno que conseguiu depois - Professora eu consegui... eu consegui visualizar aquilo que a senhora passou – Entendeu!! Entýo, isso sim, a gente como professor a gente consegue sim, é só se a gente nýo quiser.

PERGUNTA DEZ: QUAL ANÁLISE DO ENTREVISTADO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR NA ATUALIDADE.

- Nýo tem como... nýo tem como! Eu acho que o papel do professor ele é fundamental, o que falta acho que no nosso país é justamente a valorizaçýo desse profissional! Quem dera um dia a gente chegar igual ao Japýo, que todo mundo fala que é aquele respeito! Respeito pela profissýo, respeito pelo saber, que a gente está aqui é realmente para fazer a diferença na vida destes meninos, e a gente tem um papel... fundamental!! Fundamental!! Nýo tem como na realidade, nós fazemos transformaõe s acho que em tudo: no conhecimento, nós fazemos transformaçýo na pessoa. Quantas vezes nós já pegamos vários alunos aqui que ... (pequena pausa) ... vamos pegar aí alguns exemplos de alunos que têm muita dificuldade. Nós passamos agora pelo nosso credenciamento, nós fomos no NAPNE como um dos avaliadores, e por coincidência chegou um aluno de letras lá, que tem uma deficiência... ele pegou um livro de poesia e começou a ler... (pequena pausa) e ele fez uma leitura týo linda daquela poesia, é como se ele estivesse entrando dentro daquele livro. E aí eu te pergunto: quem é que fez essa transformaçýo? Foram os livros? – Sim! – Mas têm pessoas envolvidas neste processo, nýo somente nós professores, mas a instituiçýo como um todo, porque ela é viva, aqui é vivo... é verde, é luz, é isso que a gente está vivenciando todos os nossos dias. E aí “*de novo*”

(pronuncia essa frase com muita ênfase), porque que entýo esses governantes nýo pegam um depoimento. Sabe o que ele teve a capacidade de falar para mim - Obrigada pela sala. – Eu olhei para ele e ele falou – Você é a Lurdinha? – Eu falei sou – Obrigada por essa sala – É muito pouco nýo é nýo? O que é uma sala? O que é uma sala? Nýo é? E ele, ele estava agradecido porque ele tinha um espaço agora, onde ele tinha um apoio, um apoio mais direcionado. Mas independente desse apoio, tem todos os professores ali envolvidos, toda a parte técnica, que faz a diferença na vida daquele aluno. Isso eu estou dando o exemplo de um, porque isso me marcou muito agora recentemente. Entýo quantas diferenças nós já fizemos nas vidas dos nossos alunos. Na época, depois que eu entrei, quando eu vim para cá, a gente estava ainda transformando o curso de estradas em transportes, entýo eu também participei de todo o processo de transformação do curso. E nessa época, nýo havia muita diferenciação do núcleo básico, do núcleo técnico. - Nýo sei se você lembra disso – Todo mundo dava aula de tudo! E aí na época eu dei muita aula de estatística, entýo eu pegava os alunos de matemática básica, pela minha formação ter sido em engenharia, eu também dei aula, de estatística. E aí, esses alunos do início, eles encontram na rua e falam: - Professora, a senhora foi a minha melhor professora de estatística. Eu aprendi estatística com a senhora. Eu comecei a gostar de estatística. – Para mim nýo tem coisa melhor, sabe? Sabe aquela transformação que você fez no aluno, nýo somente por causa da técnica, da teoria, mas do aluno lembrar de você. – Professora a senhora fez diferença. Isso, é essa transformação que a gente faz. E a gente faz isso constantemente. Mas eu tenho a certeza de que quando a gente assume esse papel, a gente tenta fazer o nosso melhor.

PERGUNTA ONZE: NA VISÃO DO ENTREVISTADO QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM PROFESSOR PARA CONSEGUIR CONTRIBUIR COM EFICIÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.

- É, eu acho que ele precisa ter, esse olhar diferente em relação aluno, conhecer a história do aluno, vivenciar, esses problemas que o aluno traz para dentro da sala de aula. Eu nýo posso deixar também o mérito, porque o professor ele precisa sim, de se qualificar, nýo tem como, a gente precisa sempre estar melhorando. Eu acho que o professor ele tem que sempre correr atrás do conhecimento. Esses dias para trás, nesse cargo a gente acaba vivenciando coisas muito boas, mas também muito tristes. Eu tive que chegar para um professor (pequena pausa), e sugerir a ele que ele se aposentasse (outra pausa). O Professor chega para mim, estava um chefe de departamento aqui, com o coordenador, uma pastinha, cheinha de material. E aí eu fui conversando com ele, com a professora. – Hoje o nosso aluno mudou, assim dinâmico, muita informação, entýo a gente precisa estar (plac – onomatopeia para estralo dos dedos) a gente precisa conhecer esse aluno... – Nýo professor, eu pesquiso tudinho, olha aqui – (e faz o gesto de alguém mostrando alguma coisa, referindo-se ao professor com sua pasta de material) – Tudinho eu pesquiso. – Eu fui ver, as últimas publicações, acho que de dois mil e catorze...! E ele é da parte técnica. Tudo amassadinho sabe... tudo amassadinho assim (faz um gesto com as mãos demonstrando coisas amassadas). E aí?? E aí eu te pergunto, ele é um professor ruim? Mas ele também nýo se capacitou, ele nýo estudou, ele ficou parado no tempo, as aulas dele são idênticas o

tempo inteiro. Então eu quero ter essa sensatez, porque a gente não sabe quando vai aposentar, daqui dez, quinze vinte anos, o professor... a gente... não pode perder isso. Esse professor tem uma experiência muito grande, ele está aqui a quantos anos!! Então ele tem um conhecimento, e que ele pode transformar isso de uma outra maneira. E aí, você chegar para um professor e começar a jogar isso, isso é muito triste, porque a vida dele é isso aqui... *“à vida dele é isso aqui”* (repete esta frase com ênfase). Nas férias ele está aqui o tempo inteiro, o tempo inteiro. E aí você chegar para ele e fazer tipo, dar uma sugestão: - Professor, que tal... – porque são vários processos lá em cima – O senhor já tem tempo de aposentar? – Mas não professor, o senhor vai continuar aqui dentro, que tal a gente fazer outras atividades com o senhor. Que tal a gente propor palestras, o senhor vai ter palestras aqui o dia inteiro, a gente fazer palestra disso... palestra... – Eu posso, professora? – Claro professor, o senhor pode!!! O senhor pode, independente do senhor estar aposentado ou não, nós temos aqui várias atividades: temos aqui congresso, temos aqui a SECITEC, temos aqui várias coisas que o senhor pode participar como palestrante. O senhor pode participar contribuindo da melhor maneira como o senhor faz. O senhor que gosta de levar os meninos para conhecer... O senhor pode continuar fazendo, parcerias com a gente. Sabe quando o olhinho dele brilhou, porque ele viu uma outra possibilidade, que ele não precisaria mais, porque o grande ponto era... que ele não estava conseguindo mais chegar no horário, porque a idade não permite, ele não consegue mais sustentar uma aula de uma hora e meia, porque ele não tem conteúdo, ele não consegue cativar esses meninos. Mas que ele teve uma outra perspectiva de que ele poderia ainda, fazer parte.

PERGUNTA DOZE: *SOBRE COMO O ENTREVISTADO VÊ A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MINISTRADA PARA O FUTURO DOS APRENDIZES.*

- Eu acho que é... até mesmo em função da diversidade que nós somos, cada um diferente, cada um... (o entrevistador brinca e fala: dá a sua gotinha – e a entrevistada prossegue) – é não é! Então, nós não somos engessados, definitivamente aqui dentro nós não somos engessados, e isso faz com que o nosso aluno ele seja diferenciado. Isso para mim é muito transparente, claro, porque eu vejo isso, nas outras escolas, a gente percebe isso. A família do meu marido, ela é formada por professores donos de escolas, eu vejo a gestão, que também tem pessoas que participam da gestão das escolas. E eles fazem uma, base de comparação, com essa gestão e a gestão deles. Porque, é... (pequena pausa) é muito fácil fazer, gestão onde eu estou (se refere ao cargo que ocupa no momento), mas a gestão da escola como um todo, a gestão... isso acaba também influenciando na formação. Não é verdade, acaba influenciando sim na formação, e aí eu vejo a diferença. E por mais que eu veja que existe uma percepção de mudança nessas escolas que eu frequento, não há uma diferença muito grande na formação. O que faz a gente ser diferentes na formação dos nossos alunos é porque nós temos a liberdade de ser diferentes. É porque você tem o seu modo, e ninguém te fala o que que você deve fazer ou não dentro da sala de aula. Eu percebo isso claramente, e claro que tem também seus pontos negativos, não são só flores, não é isso. Não é que nós somos perfeitos não, digamos que nós somos diferentes. Acho que a gente já vivenciou muitas coisas aqui, coisas que nos agradaram, coisas que não nos

agradaram. (As falas finais foram apenas pequenas reflexões sobre a entrevista, agradecimentos de ambas as partes pela oportunidade da conversa. A entrevistada mostrou o desejo de ter acesso aos resultados da pesquisa, em especial das entrevistas com professores e alunos, e o pesquisador afirmou que com certeza isso será trazido à comunidade).

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 06.

PERGUNTA UM - *QUAL O CONCEITO DO SUJEITO SOBRE O QUE É EDUCAÇÃO.*

- Primeiro é um grande desafio responder essa questão, porque a gente fala, fala, mas para muito pouco pensar..., o que realmente é o ato educativo e a responsabilidade social que a gente tem, neste ato educativo. Mas para mim, a educação é aquela arte maior de você incidir... (pequena pausa) por sobre a formação de um ser, com a perspectiva dessa sua ação repercutir em tomadas de postura desse indivíduo frente a vida, frente a sociedade como um todo. Quando você desenvolve um trabalho bem sucedido. Lembrando que o ato educativo envolve duas partes, envolve aquele que quer fazer algo, e aquele que aceita receber algo, e nesse processo que eu costumo dizer que é de doação, as duas partes saem acrescidas. Então a gente tem realmente esse grande desafio de tentar fazer o melhor possível, para que a recepção que esse aluno tem desse trabalho que a gente efetiva, realmente dê resultados positivos na vida dele. Porque muito além do conteúdo que a gente trabalha com esses alunos, que tem sua importância, eu fico muito preocupada nesse nosso meio profissional, principalmente com essa fissura que se criou a respeito das metodologias ativas, esse modismo imenso. A parafernália sendo colocada à disposição, teoricamente do professor, esses recursos tecnológicos todos, e eu vejo que muitos professores não estão percebendo... que na atuação profissional dele ele tem a responsabilidades de trabalhar com os alunos, alguns conteúdos, que só ele tem a responsabilidade de fazer. E muitas vezes à título de ser moderno, de incorporar essas tecnologias todas, ele está fazendo um show pirotécnico, e deixando de fazer aquele básico, do básico, que se ele não fizer, ninguém fará. Então, cada disciplina tem um conteúdo que ele precisa fazer chegar a esse aluno, porque esse conteúdo é um instrumento extremamente importante para ele interpretar o mundo em volta. Então sem esse conteúdo, pelo menos precipuamente, esse aluno fica capenga. Então a gente tem uma responsabilidade social, enquanto educadores, no auxílio da formação de um ser, participar dessa formação do ser, porque temos também as limitações. E enquanto profissional de área específica, tem algo que é específico que ou a gente faz, ou a gente faz!! Agora se a gente trabalha esses conteúdos, usando essa parafernália toda, para chegar ao aluno de uma forma mais eficiente, resguardando esse elemento essencial que precisa estar presente, aí tudo bem. Agora quando usar essa parafernália toda facilite o processo ensino aprendizagem, mas lese o aluno desses conteúdos; porque o processo ensino aprendizagem, ele tem um que de prazer, mas tem aquele ralar cotidiano, que pode o primeiro momento ser difícil, mas é importante que ele faça. Então eu tenho muita preocupação com o excesso de facilidade que está sendo

oferecido a esses meninos, e eles estão saindo das instituições de ensino com muita fragilidade para entender o mundo em volta.

PERGUNTA DOIS: *QUAL O OLHAR DO SUJEITO SOBRE A EDUCAÇÃO FORMAL E O ESPAÇO DA ESCOLA.*

- Assim como qualquer outro local do mundo, a educação escolar é um desafio, principalmente com todos esses avanços tecnológicos intervindo na nossa sociedade de uma forma bem significativa, ser educador hoje, atuar como professor na escola, no ensino formal, é um desafio em qualquer local do mundo. E particularmente, quando você puxa para o Brasil, nós temos um desafio a mais, porque falta nos, uma série de condições que outros países têm, e que para nós além de enfrentar essa realidade, esse novo perfil de aluno, essa nova demanda de uma formação para que esse aluno no mínimo consiga administrar essas modernidades todas que estão caindo sobre sua cabeça; nós temos aí o grande desafio do fato do professor estar desassistido. Você tem as escolas com aparelhagens deficitária..., o professor desmoralizado socialmente, que eu acho que esse é um grande desafio. Então, com relação ao Brasil de uma forma geral, nós temos situações mais desafiadoras do que em outras localidades do mundo, não que eles sejam perfeitos, não são, tem problemas, só que o Brasil de uma forma particular, quem atua na educação tem mais desafios. Mas em que pese essas dificuldades, a qualidade do trabalho que a gente faz, levando em consideração a situação que a gente está vivendo, tem seus méritos. Então esse é um ponto que a gente precisa sempre lembrar, porque a temos uma tendência a nos comparar com os outros, mas não contextualizando a situação inerente a cada realidade do processo ensino aprendizagem, então na medida em que a gente faz uma análise mais crítica das condições sociais que a gente tem, condições econômicas que a gente tem, condições logísticas para o processo ensino aprendizagem, então a gente tem que “*dar a César o que é de César*”. Porque o pessoal é muito rápido em criticar, mas ele não tem essa rapidez numa análise de toda uma conjuntura, que faz com que, apesar dos índices apresentados por esses programas de avaliação da qualidade de ensino, apesar do que a mídia veicula, quando você chega no chão de fábrica, quando você chega lá na escola, você vê que o pessoal “*está tirando leite de pedra*”. Porque essas padronizações, de performance de aluno, isso é bem relativo, porque querendo ou não, o trabalho vem sendo efetivado, com as condições possíveis de serem efetivadas, e esse nosso aluno ele vem respondendo, dentro das possibilidades que ele tem.

PERGUNTA TRÊS: *SOBRE A VISÃO DO ENTREVISTADO A RESPEITO DA INFLUÊNCIA DESTE PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM NA VIDA E NA FORMAÇÃO DO ALUNO.*

- Ah..., a nossa ação junto aos alunos, é de extrema importância. Tem uma capacidade de direcionar esse aluno de uma forma extremamente significativa, não que seja o único agente direcionador dele, mas fato é que o tempo que o aluno permanece na escola, o tempo que o aluno tem contato com esse professor, nós temos uma possibilidade imensa de estar dialogando com esses alunos, de forma a oferecer alguns parâmetros para que ele

inclusive avalie o que está em volta, porque as pressões fora da sala de aula, que a nossa sociedade oferece, são pressões que veem até ele de uma forma extremamente significativa, e nem sempre ele tem os instrumentos de separar o joio do trigo. Então por mais que esse aluno chegue na sala de aula e estranhe determinados posicionamentos, dos professores ou condução dos professores, a gente precipuamente, a gente tem uma bagagem suficiente para antecipar algumas interpretações do mundo e oferecer... na sala de aula nesse contato com o aluno uma oportunidade de pelo menos ele dialogar com essa outra possibilidade. Então a gente tem uma capacidade significativa de intervir nas decisões desse aluno, e aí decisões não só enquanto cidadão, precipuamente como ser humano, como também... na vida futura profissional dele. Inclusive pelo viés da questão ética, que é muito pouco discutido na nossa sociedade, e que muitas vezes quando a gente chama a atenção para esses aspectos, eles torcem o nariz, mas logo a seguir você vê que alguma contribuição você deu ali naquela formação. E principalmente quando..., nesta minha jornada longa, eu me acostumei a ter um prazer significativo, quando eu encontro ex-alunos, em que você não lembra mais da fisionomia deles, eles mudam muito, mas quando ele remete à você com um sorriso no rosto, e tem aquela disponibilidade de chegar falar seu nome e dar o sorriso e dizer que você foi professora dele, então é sinal que alguma contribuição você deu. Porque se não fosse, a memória apagaria, no mínimo ele não entraria em contato com a gente e faria de conta que não nos tinha visto. Então alguma contribuição a gente dá.

PERGUNTA QUATRO: *COMO O ENTREVISTADO VÊ O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM PARA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ENQUANTO TRABALHADOR.*

- Tem uma interferência significativa! E olha, eu acredito que mais do que os conteúdos técnicos que a gente oferece a eles, a discussão sobre o papel do trabalhador, o papel do cidadão trabalhador, no sentido de entender o que está em volta, e a posição dele enquanto ser ativo da construção de uma realidade melhor, uma realidade social melhor, eu acho que é uma contribuição extremamente significativa que a gente dá a eles. Eles, precipuamente, cidadãos, cidadãos que estão no mundo com o mundo, e com uma responsabilidade de contribuir para a transformação positiva desse mundo. E a discussão de como fazer isso, a partir do quê fazer isso. E aí a discussão da postura ética, do compromisso social que todos nós devemos ter, esse é um elemento que eu acho extremamente significativo, que ele vai levar para o resto da vida.

PERGUNTA CINCO: *SOBRE A TRAJETÓRIA DO INDIVÍDUO E O QUE O TRAZ À CARREIRA DE PROFESSOR.*

- Eu cheguei a ser professora por acaso! Tanto é que eu cursava... eu fazia, eu estudava em uma escola que oferecia possibilidade de eu fazer um técnico de nível médio na área da educação. Era o antigo magistério, ainda tinha magistério, foi uma das últimas turmas. E eu... no nono ano, na época oitava série, pensei eu não quero ser professor de jeito nenhum. Aí eu não fiz o segundo grau profissionalizante, na área de educação. Eu fui para outra instituição, eu fui fazer o curso de segundo grau de técnico em eletrônica, porque

eu nŷo queria mexer com educaçŷo. Mas no segundo grau de uma forma bem particular, eu me interessei de uma forma bem significativa, pela geografia. Eu apenas reconheci esse interesse que eu tinha, que era o interesse que eu tinha que vinha do fato de eu querer conhecer o mundo como um todo; tanto é que livro de geografia, independente do professor chegar ao final, eu chegava. Atlas geogrŷfico, passear pelo mundo com o dedo sempre foi... e aŷ eu fiz o curso tŷcnico em eletrŷnica, e aŷ muito nova, eu jŷ terminei o terceiro ano, mas aŷ eu nŷo tinha pensado muito qual a carreira que eu queria. Naquele afogadilho passou a coisa muito rŷpido, no afogadilho eu manifestei o interesse significativo em fazer agronomia. E aŷ, sŷ que na época, tinha uma série de programas, facilitando a presença de filho de fazendeiro para fazer agronomia, era a lei do boi. E aŷ eu, com a minha racionalidade da época, aŷ eu ponderei, falei assim: - nŷo, se eu vou fazer vestibular – e aŷ na época o vestibular era algo bem mais difícil do que é hoje, as opções eram mais restritas. Eu falei assim: - Olha, eu estou saindo de uma escola pública, de um terceiro ano de uma escola pública, eu preciso trabalhar rŷpido, eu nŷo posso perder tempo. Entŷo aŷ eu vou fazer vestibular, e aŷ eu vou fazer vestibular para um curso que eu faça... que eu curse logo e eu ganhe dinheiro com ele (sorriso, pela lógica que ela empregou na época). Só que agronomia eu achava difícil, saindo de uma escola pública, sem fazer cursinho sem nada, e aŷ... lembrei da minha aptid o para geografia, e aŷ eu fiz vestibular para geografia, passei logo de pronto, saŷ da escola pública, terceiro ano, e jŷ entrei numa outra escola pública federal, no curso de geografia; e aŷ quando eu vi... minha pontua o entraria tranquilo na agronomia, mesmo com a lei do boi. Mas fato é que na minha objetividade, “ajoelhou reza”, entŷo eu mergulhei no curso de geografia, curti cada momento do curso, trabalhei bastante a minha timidez no curso; tanto   que no final do curso eu saŷ como oradora da turma sendo que no início do curso, eu era bastante tímida. Só que com minha racionalidade eu verifiquei, daqui a pouco eu estou com o título na mão, e morrendo de medo de sala de aula. Entŷo eu vou sair com o título de licenciada em geografia, entŷo eu nŷo posso me dar o luxo dessa timidez toda. Entŷo foi uma briga travada, e aŷ no final, inclusive nos estágios, os professores todos achavam que eu... jŷ dava aula, jŷ tinha uma regência... (sorriso), mal sabia eles do sofrimento. Mas fato é que eu entrei nessa carreira, fui me identificando de tal forma, que assim que eu terminei o curso eu queria fazer uma pós-gradua o, mas Goiânia era muito difícil, ou você tinha dinheiro para sair para fazer a p s-gradua o em São Paulo, entŷo aŷ eu comecei a perambular por outros cursos, fazer vestibular para entrar para outros cursos, só que a minha identidade com a carreira foi tão grande, que aŷ eu fui relativizando essas outras opções, e hoje eu sou muito feliz com o que faço. Trabalhei no município, de sexto ao nono ano... quinta a oitava série; foi uma experiência interessante trabalhar com filho de trabalhador, na periferia da cidade. Trabalhei no estado, jŷ com um público relativamente diferente, mas na periferia, com o tipo de escola que o pessoal dizia com tranquilidade: - Nossa! Você d  aula l ! Ali só tem marginal. – Era normalmente os espaços em que eu era mais acolhida. E uma cena particular dessa minha etapa da vida,   que eu dava aula de geografia, e essas aulas eram pulverizadas por Goiânia, e muitas vezes eu tinha que pegar aula   noite, na periferia da cidade. E olha, em todas essas escolas, e particularmente uma em que o pessoal

colocava todos os medos em mim, porque lá, os meninos eram marginais, esses meninos ficavam no ponto de ônibus comigo até o ônibus chegar. Então aqueles que o pessoal falava que eram marginais. E uma experiência interessante foi quando eu fui dar aula no Marista (refere-se a um colégio privado da rede católica, muito tradicional na cidade), então ao trabalhar com o Marista eu tive a experiência de lidar com filho de rico, bem intencionados, lindinhos, mas também com filho de ricos, com pai vivo, mas abandonados. Então era a experiência com a realidade de alguns jovens e adolescentes, que não faziam parte do meu cotidiano, então paralelamente ao trabalhar com essa faixa etária na periferia da periferia da cidade, eu trabalhava também com o filho da elite. Então foi extremamente engrandecedor, e trabalhava, basicamente com o mesmo material didático, foi um aprendizado imenso, um aprendizado extremamente significativo (o entrevistador faz uma observação: é bom escutar as nossas histórias – e a entrevistada prossegue) é bom ter oportunidade quando você olha para trás e fala assim: - gente o que me fez ser hoje o que eu sou? – Todas essas experiências... lidando com os estereótipos, lidando com “pré-conceitos”, e desmontando esses preconceitos. E aí nessa experiência, particularmente desse período, eu passei a ter dó de filho de rico. Porque quando vinham os pais eu ficava morrendo de dó deles, porque o problema não eram as crianças eram os pais. Mas foi um aprendizado imenso, e a partir do momento em que eu entrei no Instituto Federal, aí eu tive que abrir mão dessas experiências, para centrar as energias num novo público, que era o aluno da “*Escola Técnica Federal de Goiás*” (fala o antigo nome da instituição de forma acentuada). Então foi uma experiência muito interessante!

PERGUNTA SEIS: O QUE MAIS LHE MOTIVA E O QUE MAIS LHE DESMOTIVA NA CARREIRA DE PROFESSOR.

- “Primeiro lembra que eu me tornei professora quase que por acaso!” (diz essa frase com um leve sorriso na voz) – Mas fato é que a minha identidade com a profissão, ela foi se delineando ao longo das minhas experiências, experiência particularmente com outro ser humano, que junto comigo, estava ali participando do processo ensino aprendizagem. Então a minha grande motivação, é justamente essa capacidade da gente intervir positivamente, na formação de um ser. Aí é um misto de prazer e dor, porque eu trabalho muito na perspectiva de intervir positivamente, e para isso é preciso que a gente monte uma guarda, nos nossos posicionamentos, nos nossos pronunciamentos em sala de aula de uma forma bastante significativa. Eu falo... porque nessa... possibilidade de intervir na formação do ser, só que a gente... nós temos nossas dificuldades, nossas fragilidades aí há o risco de você intervir negativamente. E isso me chamou atenção, particularmente quando eu dava aula no município para alunos de sexto ano, alunos trabalhadores do CEASA (Centrais de abastecimento S.A) trabalhavam como chapa no CEASA, e a noite iam para a sala de aula. E na conversa com esses meninos, eu fui percebendo que particularmente as meninas, o meu corte de cabelo elas faziam, a bijuteria que eu usava, elas também estavam usando. E aí a minha preocupação! Porque eu tive acesso ao externo do aspecto positivo, ou o estrago que eu poderia estar causando. Porque se elas me observavam o suficiente para pegar aquela bijuteria semelhante e colocar nelas, e se sentirem bem, o que eu poderia estar

fazendo com a cabeça delas? Com a cabeça deles? E aí aquele misto de prazer e dor? Porque você viu que aquilo que você pretendia, efetivamente estava acontecendo. Então isso suscita uma responsabilidade muito grande do professor. Querendo ou não, por mais que a gente esteja desprestigiado socialmente, nós somos uma referência para eles. E de encontrar alunos, que de repente você soltou algo, uma fala em sala de aula, assim sem muita pretensão, e de repente aquele ser humano naquele momento dele, foi aquilo que ele captou. E quando é positivo é ótimo, mas isso pode ser negativo também. Porque nessa relação, ser humano com ser humano não é, tudo pode acontecer, inclusive uma má interpretação de uma fala que você faz assim, de uma forma bem desprestigiada. Então, é claro, nós temos nossas limitações, muitas!! E nessa relação professor aluno, também tem limitações, mas fato é que a gente tem uma possibilidade significativa de intervir, nos encaminhamentos, nas decisões desses seres que estão partilhando conosco o processo ensino aprendizagem.

PERGUNTA SETE: *NA VISÃO DO ENTREVISTADO QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM PROFESSOR PARA CONSEGUIR CONTRIBUIR COM EFICIÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.*

- Eu acho... que um elemento extremamente significativo para o professor atuar nesse processo educativo de forma significativa, é ele estar presente! Aí é o grande desafio de ele estar presente. Porque a gente consegue fazer um trabalho significativo se a gente estiver com aquelas condições e predisposto a perceber o que está em volta. E isso não é uma presença só física. É essa atenção que é extremamente necessário para o professor perceber qual é o alcance da fala dele, qual é o alcance da contribuição dele. E aí é a grande dificuldade de a gente estar presente, a logística. Eu acho que isso é extremamente significativo. E aí é aquele misto de prazer e dor, porque embora eu tenha clareza que esse professor ele precisa efetivamente estar presente, ali na sala de aula na relação professor aluno, a logística para que a gente faça isso é bem difícil, porque, uma coisa são as condições que a gente tem aqui no Instituto Federal, **“longe do ideal”** (fala esta frase de forma destacada), mas é bem discrepante do professor da rede municipal, do professor da rede estadual, do professor da rede privada. Porque gratificadamente eu posso dizer que eu tive essas experiências todas. Porque, um professor que trabalha de manhã, à tarde e à noite, um professor que tenha “trocentos” alunos, um professor que pega aí “trocentas” disciplinas, não consegue estar presente; é humanamente impossível ele estar presente. Então no que que ele se transforma, ele se transforma em um transmissor de um conteúdo que ele não tem nem a oportunidade de verificar a sintonia desse conteúdo com a formação do aluno que está participando. Ele não é sujeito, ele não tem condição de ser sujeito, ele acaba sendo objeto também do processo assim como ele trata o aluno também como objeto, **“relação objeto-objeto”** Paulo Freire ficaria arrepiado. Porque eu bato muito na tecla que a relação educativa é uma relação que tem que ser entre dois sujeitos. Um com toda uma bagagem oferecida pela academia, com todo um amadurecimento enquanto ser humano, enquanto profissional, e o outro, ser que está iniciando esse processo. Então acaba o professor tendo condição de conduzir o processo, mas nunca ele pode esquecer que do

outro lado, nessa relação ensino aprendizagem tem o outro sujeito, que está ainda em formação, mas que está no mundo, com o mundo, que tem uma história de vida, que tem uma compreensão de mundo, que vai fazer parte desse processo ensino aprendizagem, facilitando o aprendizado ou bloqueando o aprendizado. Então o diálogo é extremamente necessário. E aí o grande desafio desse professor... não tratar o aluno como objeto! Porque se a gente busca nas figuras gramaticais: quem é o sujeito em uma frase? E quem é o objeto em uma frase? Então o que a gente observa que nas condições extremamente precárias oferecidas para boa parte dos profissionais, que estão à frente do ato educativo, ele acaba, o próprio professor, deixando de ser o sujeito e sendo também submetido à condição de objeto. E aí, a qualidade desse ensino fica extremamente deficitária, porque também o professor é refém. Porque uma coisa é a condição ideal, outra coisa é a realidade que a gente vivencia.

PERGUNTA OITO: *NA VISÃO DO ENTREVISTADO, QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM ALUNO PARA CONSEGUIR SE DESENVOLVER BEM DENTRO DESTES PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.*

- Eu acho que o requisito também é ele estar, naquele momento, de corpo e mente presente para se permitir aprender. Ele estar realmente aberto a interagir com aquela proposta que a gente faz chegar até ele, porque aí, a condição de sujeito aflora. Então, ele se permitindo, ele atuando enquanto sujeito, ele vai interagir com o que chega até ele, e respeitosamente o crescimento vai se dar, respeitando esse senso crítico, daí a responsabilidade do professor em sintonia com esse aluno, nesse diálogo, com toda uma bagagem bem maior do que a do aluno, auxiliar na condução do processo tão desejado de desenvolvimento da cidadania. E aí, lembrando que na educação a gente tem termos que nos dizem respeito, um deles, que tem muito escrito por aí: qual é o papel da educação? – Formar cidadão! – Não se forma o cidadão, e aí Paulo Freire, que volta e meia eu dialogo com Paulo Freire, com as minhas limitações, no sentido que ele tem uma frase maior que diz “que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho, a educação se dá na interação”, então essa educação é de dentro para fora, não é de fora para dentro, então a cidadania também ela é de dentro para fora. E nossa ação educativa, quando muito a gente auxilia no processo do aflorar dessa cidadania, não se forma cidadão por decreto. Aí a minha briga com vários dos educadores... com Libâneo, com a Clélia, não sei se você teve acesso. Quando eu começo a pegar no pé em alguns termos que a gente usa cotidianamente que depõem contra o nosso trabalho, ninguém forma cidadão. E aí quando a gente fala nesse aluno ideal, seria esse aluno com pré-disposição a interagir com o que chega até ele. Porque tem muitos alunos que já chegam fruto de todo um processo, não só vivenciado em sala de aula, mas na própria vida dele na própria sociedade; tem aluno que vem com a guarda tão fechada, que a primeira coisa que você tem que fazer, é tentar abrir uma brecha para você ter alguma chance do trabalho ser executado de uma forma mais adequada. Então esse aluno, o ideal, seria aquele aluno que quer crescer a partir do contato que ele tem com a escola, com o professor, com a sociedade, aliás, é um ser humano, no mundo e com o mundo, esse é o nosso ideal.

PERGUNTA NOVE: O QUE MAIS MOTIVA E O QUE MAIS DESMOTIVA OS ALUNOS, NA VISÃO DO ENTREVISTADO.

- O lance desse motivado ficou muito aberta! Motivado a que? Qual é a motivação dele para vir na escola, motivação dele para apreender o máximo do que chega até ele via disciplinas, motivado a ter um incremento das relações sociais. Então aí é bem amplo, mas pegando assim de uma forma mais geral na relação escola, com esse cidadão em formação, a motivação para que ele venha a escola **hoje** (acentua a pronúncia desta palavra) eu vejo que essa motivação não é muito significativa. As causas pelas quais eles buscam a escola, estão muito mais vinculadas a apelos sociais, mercadológicos do que aquela vontade intrínseca de aproveitar o máximo possível para crescer enquanto ser humano. Então muitos veem a escola por uma questão de obrigação social, por cobrança do pai, por cobrança de um título, de alavancar para um curso superior. Que em sua grande maioria essa escolha de um curso superior também não parte de uma reflexão sobre o que lhe motiva a estar nessa sociedade e no mundo, e muito mais por uma questão mercadológica do que qualquer outra coisa, isso é muito triste! E aí é o grande desafio, porque, longe daquele aluno ideal, esse aluno está chegando até nós, e a gente tem que contribuir para esse aluno melhorar. A sua própria relação com a escola. Mas de uma maneira geral as motivações são várias, mas precipuamente, não é aquela que a gente esperaria que ele tivesse ao chegar nas nossas instituições de ensino, e para entrar em contato com a proposta que a gente tem para eles. Então a gente tem que matar um leão a cada dia. Eu não sei se foi bem isso!!

PERGUNTA DEZ: NA PERSPECTIVA DO ENTREVISTADO O QUE LEVA O ALUNO A TER OS HÁBITOS E AS CONDUTAS QUE NORMALMENTE ELES TÊM EM SALA DE AULA (EXEMPLO: SER MAIS OU MENOS DEDICADO AO ESTUDO, SER MAIS OU MENOS COMPORTADO, SER MAIS OU MENOS CRÍTICO ETC.).

- É..., antes disso deixa eu remeter a questão anterior, quando ela fala a respeito do que desmotiva esse aluno – O que que motiva, o que desmotiva! – Esse momento que a gente está vivendo, eu pontuo que nos últimos... dez anos! O avanço tecnológico ele atinge o aluno com tamanha intensidade e facilidade, que muitas vezes quando ele chega na escola, e se depara com a proposta educativa nossa. Ele já venha pré-disposto a não gostar, a criticar, e principalmente porque esses avanços tecnológicos estão colocando nas mãos dele uma quantidade de conteúdos tão grande, que a nossa ação é transmutar essa grande quantidade de informação em conhecimento, de uma maneira geral eles não têm a paciência com a construção desses instrumentos... cognitivos, para poder lidar com essa parafernália toda. Eles querem tudo muito rápido. Tanto é que quando você trabalha um conteúdo com ele, ele já vai lá no Google e com aqueles dados eles ficam te interpelando... quase que! – Eu quero saber se ela sabe mais do que o computador! – E aí o grande desafio que a gente tem em sala de aula, e que muitos professores falam assim: - Não! Não pode usar computador em sala de aula, não pode usar celular em sala de aula. – Mas esses equipamentos estão de tal forma no cotidiano deles que eu acho que o grande desafio nosso

é ajudá-los a lidar com essa parafernália toda. Mas precipuamente eles chegam na sala de aula, já predisposta a falar assim: - ah! Isso é enfadonho. N'yo... vamos mais rápido. N'yo precisa disso! – Inclusive quando você elabora uma prova, para que eles reflitam a respeito daquela quantidade de informação toda! Da “tilt”! N'yo é! E aí é aquela oportunidade de você trabalhar com eles o fato de que todos esses recursos tecnológicos são extremamente importantes, mas sua capacidade de reflexão em cima do que chega a você é uma responsabilidade que é sua. E n'yo é por pó de pirlimpimpim que você desenvolve essa habilidade. Ent'yo é aquela preguiça de ler, é aquela preguiça de escrever! E por trás de tudo... porque para fazer isso é preciso tecer uma reflexão anterior. Ent'yo aí é uma dificuldade. (O entrevistador tece alguns comentários sobre a questão em pauta e a entrevistada prossegue) – É e aí é a minha preocupação com essas avaliações, senão ela pega um texto desse e: - Nossa isso é... (expressão de desdém) – N'yo toda uma construção que tem por trás, e a possibilidade de reverberação disso. Ent'yo tem aquele teto ótimo, ou você chega lá ou senão você n'yo é nada. Ent'yo aí na questão na seis ponto dois: o que mais eu vejo aí influenciando os hábitos desses estudantes são as pseudo facilidades oferecidas pelos avanços tecnológicos, e também uma compreensão extremamente preocupante, eu vou me permitir aqui, neoliberal do que seja essa nossa sociedade do que seja atuação profissional que está mercantilizando muito essas relações nossas de ensino aprendizagem. Ent'yo você observa tudo tem que ser, eu faço isso porque vou receber aquilo. Olha está cobrando mais do que está me oferecendo, em termos de mercantilização de notas. Ent'yo esse é um desafio que a gente tem. Por que que eu estou estudando? - É para isso! Para isso! – É tudo mais pontual, bem objetivo e bem mercantilizado. E aí é o desafio, volta e meia em sala de aula eu faço a pergunta: - O que que vocês precisam para ser felizes? – Dinheiro! – N'yo é? Para fazer o que com esse dinheiro? – Ganhar mais dinheiro! – E aí é a oportunidade de a gente discutir. E alguns alunos saem extremamente enraivecidos, mas quando você provoca, mais cedo ou mais tarde a ficha vai cair. (O entrevistador faz uma breve exposição de uma experiência que ele viveu que ilustra muito bem esta questão da mercantilização das relações humanas – e a entrevistada segue) – Uma das experiências mais doloridas que eu tive, nessa minha profissão, foi no (cita o nome do colégio) lidando com meninos de doze anos, treze anos, totalmente perdidos na vida, em que falava de ir ao Egito como eu falava de ir em Trindade. Quando tinha problema com o aluno, eu chamava os pais para conversar, eles tinham a pachorra de mandar a babá, de mandar chofer! E quando eu insistia, a própria coordenação da escola, quase que vinha assim me pressionar..., e quando eu conseguia que os pais viessem..., eu lembro até hoje de uma mãe, que simplesmente ela veio conversar com a professora do filho dela, com roupa de festa. E a primeira coisa que ela fez quando sentou em frente à mim numa mesa, foi mostrar o anel de brilhante dela, que era uma baita pedrona. Ent'yo olha a tentativa de intimidação, tipo: - Quem é você para falar sobre meu filho! Só sei que no final a grande argumentação dela na medida em que eu ia falando. Ela ia me questionando o tempo inteiro – N'yo! Meu filho n'yo é assim! Mas meu filho n'yo é assim – Aí ela saiu, n'yo é, com a minha fala dizendo – Você n'yo conhece seu filho. – Ah, mais aí eu n'yo tenho condições! Olha, se você n'yo tem condições, é a polícia que vai ter! É isso que você quer? – Eles só n'yo me puseram na rua

porque na relação, até profissional, de uma escola de elite, eles sabem muito bem com quem lidam, como eles sabiam que a qualquer momento eu poderia chutar o pau da barraca e deixar eles na mão, eles nunca mexeram comigo. Enquanto tinha professores lá arrimos de família, que o único emprego que tinham era lá, eles tripudiavam. (Depois de algumas breves considerações do entrevistador sobre o tema a questão abordada – a entrevistada continua) – Foi lá que eu aprendi que filho de rico, ou eu trabalho com meninos de doze anos, ignorando o pai, ou senão eu não conseguiria nada. Então eu não chamava mais pai, eu chamava só o moleque, e rasgava o verbo com eles, curta e grossa era quando eu conseguia realmente algum resultado. Menino que dava trabalho para tudo quando é professor, e eu incluída, aí chamava o menino. Um deles chegou para mim assim: - Não professora preocupa comigo não! Eu sou o único herdeiro da minha família. – E aí eu falei assim, então vem cá, vai chegar fácil essa grana, administrar você acha que é para amador? Se você quiser manter isso, que você vai herdar, você tem que ser o melhor aluno dessa escola, caso contrário da mesma forma que está chegando fácil vai sair fácil. - Esse menino, aula seguinte, não precisou um tempo maior, aula seguinte, ele mudou a postura totalmente. Então eu preocupada em mexer com pai... Esse caso! Tiveram vários outros que não tiveram esse resultado que eu estou te falando! Mas fato é, que especificamente esse menino, eu vi que eu tinha conseguido atingi-lo. Ele não deu mais trabalho, para nenhum professor pelo período que eu estava lá. E na sala de aula se tornou um aluno exemplar.

PERGUNTA ONZE: *QUAL A ANÁLISE QUE O ENTREVISTADO FAZ DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR ALUNO.*

- Tem que ser uma relação respeitosa. Uma relação entre sujeitos, em que se efetive uma troca, com ganhos para ambos. Porque, inclusive no aspecto emocional, o aluno faz muito bem ao professor também. Então é bem interessante nesse sentido, e particularmente, falando do meu cotidiano em sala de aula, eu gosto de trabalhar muito com bom humor. E muitas vezes eu desenvolvi a habilidade de ser dura, mas com o sorriso nos lábios! E aí, eu observo que dessa forma, eu venho conseguindo entrar na sala de aula e sair... acrescida! E na esperança de que esse meu aluno também entre e saia da sala de aula, se sentindo acrescido. É, mas essa relação respeitosa, é extremamente importante. É uma relação respeitosa, mas não é uma relação de amiguinho. Porque eu sou a professora tenho uma responsabilidade, tenho um conteúdo que eu preciso trabalhar com os alunos. Tem esse nosso cotidiano de ensino aprendizagem que eu vou zelar bastante, só que eu consigo fazer isso com um sorriso nos lábios. Não é. É o diferencial.

PERGUNTA DOZE: *COMO ELE VÊ A IMPORTÂNCIA DA METODOLOGIA NESTA MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO. E COMO O ENTREVISTADO PERCEBE AS ATITUDES E COMPORTAMENTO DOS ALUNOS QUANDO ELES NÃO GOSTAM OU QUANDO GOSTAM DE DETERMINADA METODOLOGIA DE ENSINO.*

- Primeiro precisamos ter bastante clareza do que trazer para sala de aula. Então é aquela discussão daquele dado que eu trouxe sobre a minha preocupação com esse modismo, das tais metodologias ativas... vazias!! Então a primeira coisa que a gente tem

que ter bem claro, qual é o nosso papel social? Fruto disso, o que eu preciso levar para a sala de aula, que se eu não fizer isso, ninguém vai fazer. Então tem responsabilidades que são minhas enquanto profissional. Então disso que eu tenho clareza que eu preciso levar para a sala de aula, qual é o público que eu tenho? Qual é o perfil desses alunos? Então a partir desses dados, eu vou parar refletir, qual é a melhor metodologia para fazer com que os meus objetivos sejam atingidos. Que aquela bagagem que eu sei que, ou eu... trabalho com o aluno, e que os outros professores não têm obrigação de trabalhar, então isso que eu preciso fazer chegar até o aluno, então qual é a melhor técnica a ser utilizada? Qual é o melhor recurso a ser utilizado? E tendo isso claro, quadro e giz pode atingir um resultado belíssimo! Aquela tão denegrida aula expositiva, dependendo do que eu quero, dependendo do conteúdo que eu vou trabalhar e dependendo do aluno que eu tenho..., eu posso dar um show no quadro e giz. Ou eu posso jogar por terra todo aquele momento data show, utilizando... (deixa implícito outras possibilidades de recursos), então precipuamente eu preciso saber a que eu vim, naquela minha relação com o aluno. Agora, se eu tenho isso bem claro, então eu vou escolher dentro do disponível, dos recursos tecnológicos, para melhor desenvolver essa minha ação junto com o aluno. E a resposta desses alunos eles veem principalmente quando eles percebem que a gente tem segurança. A gente sabe o que a gente quer, e quer com eles... os recursos são o de menos. Então esse aparato tecnológico todo, para mim é o de menos. E daí a minha preocupação com esse modismo de novas tecnologias, tem coisa que a pessoa fala: - Nova tecnologia... nova tecnologia (voz de desdém) – É o mínimo necessário para você desenvolver um trabalho sério! Joga purpurina em cima e quanto você vê: gente que novidade tem aqui? Então não adianta eu ter uma lousa digital se eu não souber o que fazer com ela. Ou porque usar. É um recurso. Aí de repente tem determinados profissionais, que eu questiono até o profissionalismo deles, endeusando de tal forma esses recursos tecnológicos, e deixando para trás o porquê, de usar esses recursos, ou para... fazer chegar ao aluno... o que? Então aí o bicho pega. Então muitas vezes você pega aquele professor que rotulam como sendo tradicional e ele consegue fazer um bem maior a esse aluno do que em outras situações. Rótulos, rótulos e mais rótulos. Quem não sabe a que veio, qualquer porcaria que colocar na mão dele, ele vai estragar a cabeça do menino! (risos). (O entrevistador reforça a pergunta destacando agora como a entrevistada percebe o aluno nessa relação com a metodologia – e a entrevistada prossegue) – As reações vão se diferenciar pela percepção do grau de segurança que esse aluno sente no professor, porque tirando o lado da coerção, então se a gente tirar isso de lado, esse aluno tem uma tendência a respeitar a metodologia do professor, quando ele sente segurança. Então independente dele usar lousa digital, data show, seja lá o que for, se ele sente segurança no professor, então aí ele dá a contrapartida. Porque, eu fiz uma ressalva com relação à coerção, porque a gente tem que levar em consideração a existência de alguns alunos que se sentem intimidados, inclusive em questionar a metodologia do professor, ou a postura do professor. Infelizmente nós temos profissionais que se impõem ao aluno, e ao considerar o aluno objeto, ele acha que vai se manter na zona de conforto dele coagindo o aluno. Mas se eu levo em consideração que esse meu aluno é sujeito! Então ele vai respeitar o professor, as opções metodológicas do professor a partir do momento que ele

sente segurança, no domínio de conteúdo do professor, no domínio daquele momento na relação ensino aprendizagem, tutelado pelo professor, então ele respeita. Então ele faz... olha esse professor ele não usa data show, mas porque ele precisa? Então essa é... a percepção que eu tenho deles e destes recursos metodológicos que não são o que mais importa.

PERGUNTA TREZE: *COMO O ENTREVISTADO PERCEBE A CAPACIDADE DO PROFESSOR DE ENTENDER OS ALUNOS E AJUDÁ-LOS A SE DESENVOLVER NAS SUAS PARTICULARIDADES, E A DOS ALUNOS ENTENDEREM O PROFESSOR NA SUA INTENÇÃO DE CONTRIBUIR NO SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM.*

- Nessa relação professor aluno feita entre sujeitos, temos uma possibilidade enorme de intervir na compreensão de mundo desse garoto. Inclusive oferecendo um contraponto do que ele apreende aí externamente. E eu acho que essa é uma responsabilidade nossa em sala de aula, oferecer esse contraponto, inclusive abrindo a possibilidade para esse aluno, mesmo que seja milimetricamente diferente do que ele foi estimulado a pensar a partir de casa, a partir do convívio com os colegas, e aí tentar contribuir para que ele tome decisões autônomas, com direito inclusive a errar, mas deste que parta de uma decisão dele. Frente às várias demandas que o acometem ao longo de sua existência. Então eu acredito realmente que... nessa nossa sociedade, onde a família está tão esfacelada, tão ausente, em que grupos espúrios podem estar lá, inclusive assumindo a posição que anteriormente era oferecida pela própria família, eu acho que a gente tem um papel de contribuir, não só, porque apesar de eu reconhecer essa importância, nós precisamos tomar muito cuidado de não achar que nós somos... “a” influência! Então nós temos a possibilidade de exercer uma dentre várias influências, só que a gente tem a possibilidade fazer uma influência qualitativa! Então é a semente lançada que a gente torce para frutificar, se essa semente for boa.

PERGUNTA CATORZE: *COMO O ENTREVISTADO ANALISA AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DO PROFESSOR NO PAÍS.*

- Com relação aos pontos negativos do ser professor nessa realidade que a gente tem, os pontos negativos é que a gente insiste tanto que vai para a tarja preta (risos). Mas mesmo em tom de brincadeira aqui, mas é uma realidade, nós somos heróis da resistência. Então aquele professor que se assume enquanto educador, que está ali persistindo apesar de condições desfavoráveis, eu os considero realmente como heróis da resistência. E aí tem um preço que a gente paga por isso. Nós estamos em uma profissão onde nos expomos muito, fisicamente, emocionalmente. Então querendo cassar nossa aposentadoria especial. Mas fato é que a quantidade de profissionais com problemas físicos e psicológicos é algo que assusta. É algo que a gente entende pela própria caracterização da nossa profissão, nós somos uma profissão que está exposta em todos os sentidos. E aí quando você se propõe a ser um educador, esse seu grau de exposição é imenso, quantas vezes ao lidar com alguns problemas que emergem em sala de aula com esse aluno, você faz o possível mas chega o momento que você tem que... não é, extrapolou as minhas possibilidades. Especialmente

quando você reconhece que é um ser humano que está lá, próximo a você, sofrendo, e você não tem condição de ajudar, e você busca recursos em volta. Isso é algo que a gente tem que ter apoio profissional. Então nós somos uma profissão de risco, em sua grande maioria esses profissionais estão aí por sua conta e risco. E aí mesmo em tom de brincadeira eu digo que... que um dos pontos negativos é justamente esse fato da gente ficar dando tanto murro em ponta de faca, que a fatura vem para nós. E quando essa fatura vem para nós, a gente não encontra com quem dividir. E esse é um aspecto que a gente tem que levar em consideração.

PERGUNTA QUINZE: QUAL ANÁLISE DO ENTREVISTADO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR NA ATUALIDADE.

- Mesmo com todas as dificuldades que nós temos, nós somos profissionais imprescindíveis a essa nossa sociedade, imprescindíveis a esse ser em formação, que por mais que a gente tenha problemas, por mais que a gente tenha dificuldades... a gente ainda se constitui uma referência na formação desses alunos. E olha, a gente fala em jovens adolescentes, mas a gente também tem uma intervenção extremamente significativa entre os adultos. Pessoas aparentemente já formadas, com uma zona de conforto estruturada, também nesses adultos a gente tem interferência, só que esses adultos, eles têm um filtro mais elaborado. O que pode dificultar o nosso trabalho quando a gente apresenta possibilidades diferentes do que ele está acostumado. Mas esses nossos jovens adolescentes, o filtro deles nos permite acessar com mais facilidade. Aí tem de novo, o prazer e dor: coisas boas tem maior possibilidades de..., e coisas ruins também.

PERGUNTA DEZESSEIS: SE NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO O ENSINO MINISTRADO CONSEGUE ATENDER AS EXPECTATIVAS DOS ALUNOS E TAMBÉM AS DO PROFESSOR.

- Porque eles vêm muito com aquela expectativa de apreender algo para eles aplicarem de uma forma pragmática, e daí eu digo, que para além da gente oferecer isso, para ele aplicar no exercício profissional, a gente oferece muito mais, e eu acho que é nesse mais que é o nosso grande diferencial, porque esse a mais, ele não vai ter acesso na internet, ou no livro..., ou em um... manual, ele não vai ter! Então eu acho que o grande diferencial é esse a mais, ele vem com uma expectativa, mas a gente oferece muito mais a ele, porque basicamente se fosse só questão de conteúdo, teria outras possibilidades de ele acessar. Não que ele vá conseguir transformar essas informações em conhecimento, mas fato é, mesmo que o aluno não tenha clareza, a gente extrapola as expectativas dele. E aí, nós enquanto professores precisamos ter essa clareza, o aluno necessariamente não, lá na vida dele lá na frente pode ter algum momento que ele olhe e fale assim: - Esse foi um aprendizado que eu tive... – Mas que de preferência ele não perceba isso, mas que realmente faça uso.

PERGUNTA DEZESSETE: COMO O ENTREVISTADO VÊ A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MINISTRADA PARA O FUTURO DOS APRENDIZES.

- Bom... (pequena pausa), é uma semente lançada! A gente não tem segurança se vai germinar, ou como vai germinar, mas fato é que uma semente de qualidade é lançada. Aqui, a gente é uma instituição de formação profissional, e que volta e meia eu vejo colegas extremamente angustiados, dizendo o seguinte: - A gente oferece toda uma formação profissional, e esse aluno vai para um curso superior! Já vê um problema, para mim não é, e fazer um curso superior totalmente diferente da área. Mas o que eu pondero, o papel nosso foi feito. Se ele não vai exercer eventualmente aquela profissão que a gente preparou os para tal, essa bagagem, onde ele estiver, ele vai levar. Então se ele fez um curso de saneamento, um curso de edificações e depois vai lá para o direito, eu tenho certeza que... todo um conjunto de bagagem que a gente ofereceu aqui, ele pode não usar aquele cálculo em edificações no curso de direito, mas toda uma discussão sobre a responsabilidade ética do profissional, ele vai levar onde ele estiver, não é uma bagagem que será em vão, ele vai usar de uma forma ou de outra na vida dele enquanto profissional, na vida dele enquanto ser humano, na vida dele enquanto cidadão.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 07.

PERGUNTA UM - *QUAL O CONCEITO DO SUJEITO SOBRE O QUE É EDUCAÇÃO.*

- Eu acho que, o ser humano, todo mundo, tem um propósito... que é exatamente a educação, a evolução a partir do conhecimento. A gente está no mundo para isso. Aprender com os erros, aprender com as dificuldades, aprender com as necessidades e ir evoluindo. Você fez de um jeito, aquele jeito não deu certo, em outra situação você pode tirar proveito daquilo. E na prática, geral, na profissão, na convivência social, acho que para mim educação é nesse sentido.

PERGUNTA DOIS: *QUAL O OLHAR DO SUJEITO SOBRE A EDUCAÇÃO FORMAL E O ESPAÇO DA ESCOLA.*

- E qual que é a função da escola? Então, a gente tem esse propósito na vida, nasce para isso, o ser humano nasce para adquirir educação. A escola entra num processo pensado, metodológico, para alcançar isso, ajudar o ser humano a alcançar esse objetivo, a escola tem que ter esse propósito. Que já é natural, a gente já nasce com isso, mas sem um objetivo, então aí a metodologia, sistemática, gente que entende desse processo. A escola, no meu ponto de vista é isso, não tenho formação nessa área, mas tenho a vivência, tenho a prática. Isso serviu para mim, a escola me orientou, em todas as minhas decisões.

PERGUNTA TRÊS: *QUAL A VISÃO DO ENTREVISTADO A RESPEITO DA INFLUÊNCIA DESTE PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM NA VIDA E NA FORMAÇÃO DO ALUNO.*

- No meu caso, eu estou dando aula, eu dou aula, de uma coisa que eu aprendi em sala de aula. Uma coisa que eu fui preparado, então foi uma sequência natural. Assim eu falar da minha postura dentro de sala de aula, eu tenho que falar também da minha

evolução como aluno aqui dentro. O que hoje eu tenho como conceito, como conteúdo, foi adquirido no meu processo de formação. Eu tenho que falar também que sou filho de um professor daqui. Então essa formação minha, surge lá na pré-escola. Meu pai era professor. Era professor de português, apesar de ser advogado, era formado em direito, e a vida toda deu aula de português, e depois ele fez um curso de letras. Então ele é especialista em educação nesse sentido, também na prática. Então isso já estava na minha cabeça. Eu encontrei colegas depois aqui dentro, que tiveram uma história diferente. A minha história é um pouco singular nesse sentido. Sou filho de um ex-professor daqui. Então, isso já vem sendo trabalhado na minha cabeça da educação que você encontra em casa, na família. Porque hoje falam assim, educação em casa é uma coisa educação na escola é outra. No meu caso andou em conjunto, os exemplos que eu tinha na vida prática lá, vinham daqui. Então está muito, muito envolvido na minha história a minha formação geral, eu não tenho uma coisa assim: escola é isso! Trabalho é isso! E educação familiar é isso! Porque isso veio em conjunto, meu pai tinha isso, ele considerava a educação esse conjunto. Ele usava exemplo lá de casa para os alunos aqui, e usava exemplos dos alunos aqui lá em casa, entendeu! E isso está introjetado em mim, eu não consigo viver diferente, porque eu aprendi desse jeito. O que eu passo na sala de aula é o que eu sou, não tem jeito de ser diferente! Eu não sofro quando vou dar aula porque, eu estou vivendo, eu chego na sala: - e aí turma! Não preciso fazer um tipo. Eu erro? Erro! Já cometi erros demais, e eu inclusive aprendi com os erros... é... sem problema. - Professor você está falando um negócio aqui que já está... - Ah... é mesmo! Que que você fala disso? - E vamos trocar essa conversa ali sem fazer gênero: - isso aqui é por conta de eu... - e tentar disfarçar o erro. Não, errei mesmo vamos lá, que que a gente pode fazer a partir daqui? - Então eu acho que isso eu consigo passar para os alunos... isso que nós estamos falando, de não fazer um tipo, eu sou o que eu sou, e eles percebem isso. - Ele não está fazendo de conta. - Porque eu estou sendo natural. Então às vezes você faz uma brincadeira você passa do limite, mas até isso eles percebem. E você consegue passar uma mensagem dentro dessa naturalidade, por conta de dar aula daquilo que eu vivi. Eu sou da área técnica, eu sou arquiteto, sou técnico em edificação s..., e eu ensino isso. Consigo também dar aula em... outros departamentos, de outras disciplinas. Em hotelaria, dei aula em hotelaria, dentro da arquitetura. Mas isso é uma coisa geral, essa maneira de enxergar a vida, e você conseguir passar isso para o aluno ali. - O cara e aí, você está fazendo um traço aqui assim, você tem um erro de um milímetro, mas esse erro de um milímetro numa escala tal, lá no prédio a parede vai cair! E aí o que que você vai fazer? - Mostrando... justificando o que eu estou cobrando dele. - Olha isso aqui você precisa fazer com precisão tal, porque assim você vai ter lá na... - E isso eu acho que é importante. Na minha formação eu tive dificuldade quando o professor jogava o traço ali no quadro e mandava você... e aí? Eu não vejo razão para fazer, jogava lá, porque que eu vou aprender isso. E aí quando ele falava: - Isso aqui é para você calcular isso aqui que você vai precisar usar ali. Tipo assim, matemática e física, na física eu ia bem, mas eu não sabia fazer as contas na física porque eu não aprendi lá na matemática. Se a matemática tivesse juntado com a física lá quando me ensinaram os fundamentos eu tinha avançado, mas como ele ensinou calcular X, para que que eu quero saber X (risos). Então aí

quando o X era um cálculo de tempo, de espaço, de velocidade. Aí eu entendi por que eu vou calcular o X. Então eu acho que nessa prática dentro de sala de aula eu tento fazer isso, dar um propósito para tudo aquilo que eu ensinar. *E ensinar a pensar* (fala essa frase de forma destacada), ensinar o aluno a pensar. Que hoje em dia, principalmente com a tecnologia que vem aí: computador, celular... você tem tudo à mão. Mas as pessoas não pensam... os meninos não pensam! Está usando ali e não sabe o que está usando, então eu ensino no mais rudimentar, fazendo o desenho na prancheta ali o... o compasso, o esquadro, a régua, ali. Porque na hora que ele jogar isso no computador. Acho que é isso!

PERGUNTA QUATRO: *SOBRE COMO O ENTREVISTADO VÊ O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM PARA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ENQUANTO TRABALHADOR.*

- Pois é exatamente isso aí que você falou, que você dá uma disciplina muito específica para a formação técnica é... está certo, mas eu uso isso de uma maneira geral. Os meninos quando entram aqui muito novos, eu não posso cobrar deles uma decisão de vida assim... eu vou ser técnico em edificações, eles estão com quinze dezesseis. Então eu sempre uso exemplos, e tomo eles como esse cuidado porque eu dou aulas para alunos do primeiro ano, primeiro e segundo ano em se tratando do ensino médio. Qualquer profissão que eles forem, qualquer atividade que eles forem exercer na vida, que seja profissional, eles vão ter que ter a mesma postura. Estou falando lá da questão do milímetro...o milímetro que eu estou cobrando dele aqui. – Ah! Um milímetro professor, isso daqui... – Estou cobrando esse milímetro dele aqui, se ele for fazer medicina, isso aqui vai ter uma interferência. Se ele for fazer direito, uma palavra errada, fora de lugar. Um artigo ali fora de lugar, muda completamente a compreensão do texto. Então é essa importância que eu tento passar de forma geral, na vida. Você vai expressar uma ideia... que que você quer falar? Não é! Pensa para falar. Usa o símbolo correto. Veja o quanto você está errando, saiba o quanto você está fugindo. Mesmo que você fuja, mesmo que o texto seu vá fazer uma volta. Mas você sabe o tanto que ele está saindo para você depois saber voltar. Então aí, isso não é específico de um curso técnico, isso vale para a vida do menino. Eu penso nesse sentido e tento passar uma coisa mais geral. Eu acho... que... é positivo isso na minha cabeça. Na cabeça de alguns, que já tem alguma formação que... de prova por exemplo, eles veem de colégios que o que vale é a prova, se ele acertou lá o A, o B, o C e o D ele tirou dez. Então ele já vem com esse preconceito, essa coisa, que já está introjetada ali. E aí captar isso de volta... para essa realidade minha, que eu não sei também se é da instituição, eu acho que é, porque é a história da nossa instituição. Mas as vezes vem um professor também que não está incluído nesse sistema, que trata diferente, no mesmo nível, no mesmo ano do aluno, no primeiro ano, tem um professor que trata de um jeito professor que trata do outro. Isso pode contribuir, mas pode atrapalhar também, se não tiver um sistema como você está fazendo na sua pesquisa. Se não tiver alguém que chega: - Oh, está acontecendo isso, isso e isso! – Isso pode ser problema, então o aspecto positivo é esse. E aí ter alguém que avalia o todo, por isso que eu acho muito importante, a participação no conselho de classe. Tem professor que já não gosta daquilo de jeito nenhum, que aquilo é

para mexer em nota de aluno. N'yo! É para saber o que que o grupo pensa. É quase o único momento que eu vejo aqui, que está todo mundo sentado e falando do mesmo assunto: - Esse aluno para mim ele é assim, assim, assim e assim! Oh engraçado na minha aula ele n'yo é assim! - Aí você troca porque que está acontecendo isso com minha disciplina e n'yo está acontecendo com a sua. Ou ele está bem na minha e n'yo está na sua, e vice versa. E aí a gente descobre nesse momento. Ent'yo eu acho que é isso, esse resultado que eu observo ali, até empiricamente, eu vejo que está tendo resultado. Mas eu acho que se, uma pesquisa como essa, anotar isso: - Oh está tendo realmente isso aqui é valoroso. – Porque aí você sabe, você tem segurança de que aquilo é... e você pode repassar para colegas aquilo que você está usando. E o outro passar para você. (O entrevistador faz um breve comentário e o entrevistado continua) – Saber porque que você está fazendo aquilo lá, e n'yo somente repetir porque o professor está falando. Eu tenho histórias, inclusive nessa turma que eu acabei de sair, de um aluno que ele, falando de maneira geral ninguém vai saber quem é o aluno, mas ele é t'yo bitolado, que ele n'yo consegue medir, n'yo sei se eu te falei isso antes..., trinta e oito centímetros porque a régua dele só mede até trinta. Ele n'yo sabe, n'yo imagina, n'yo abstrai que se ele fizer uma linha medir trinta e depois somar mais oito vai dar trinta e oito. – N'yo professor, eu n'yo consigo, aí ficou parado lá. Os outros todos fazendo e ele ficou parado lá. – Por que que você está parado? – N'yo minha régua mede só até trinta. (risos) Assim, n'yo dá para rir, mas você tem que: - Nossa o que que esse menino... como é que ele conseguiu chegar aqui? – Ele só repete, só repete. Se eu faço o desenho no quadro virado, o triângulo com o vértice virado para cima, e o dele o vértice está virado para baixo, ele n'yo consegue ver na folha dele aquele exercício que eu fiz lá. Ele repete igualzinho eu fiz no quadro. E eu faço quest'yo de fazer diferente para ele notar. - Oh! Esse processo que eu estou ensinando aqui vale para qualquer, qualquer situaç'yo. – N'yo, ele repete a situaç'yo igualzinho.... Está melhorando! E eu vou cada vez mais cobrar isso dele. – Oh, a linha no seu desenho está horizontal, mas lá no quadro está inclinado... é a mesma reta! A posiç'yo do papel n'yo importa. A reta, o objeto está lá. E ele n'yo consegue, repete igualzinho. Quer dizer, deve ter sido uma formaç'yo aí para trás, que ele ficou repetindo, e decorando, e fazendo prova. Essa é... uma... prova da necessidade que ele está precisando, de que alguns alunos vêm necessitando. (Alguns comentários n'yo t'yo pertinentes ao assunto e o entrevistado prossegue) – Eu aprendi assim, eu aprendi aqui dentro, aqui dentro tudo tinha uma raz'yo de ser, e os professores a maioria eram técnicos também, é assim, aplica na profiss'yo, e como a minha formaç'yo é daqui de dentro eu n'yo tenho muita ideia de como é isso em outras escolas.

PERGUNTA CINCO: SOBRE A TRAJETÓRIA DO INDIVÍDUO E O QUE O TRAZ À CARREIRA DE PROFESSOR.

- Bom!! Meu pai (risos) sendo professor, e ele tinha uma crítica em relaç'yo à educaç'yo. Ele é de uma outra época, foi formado em uma outra época. Ele viu, ele acompanhou esse processo, do quando ele aprendeu e o que vinha acontecendo, ent'yo ele falava assim: - Olha, a profiss'yo de professor..., n'yo é reconhecida, é ingrata, e tem o seu valor, tem sua importância, mas eu n'yo quero que nenhum filho seja professor. Eu tenho

três irmãos, os quatro, me incluindo no caso, todos em sala de aula. Então não teve como escapar (risos), então como eu falei antes, ele levava as coisas daqui para casa... como eu não iria dar aula um dia? Só que eu não fui para essa área, eu sempre gostei de arquitetura, fiz o curso o curso de edificações aqui, não pensando em dar aulas, nunca pensei em dar aulas. Estava trabalhando na área da construção como técnico, depois já resolvi fazer a faculdade, por ser técnico eu não tinha aquela coisa assim: - Acabou o ensino médio, vai para a faculdade porque você precisa do diploma. – Não! O técnico inclusive era muito mais valorizado do que é hoje, isso em países mais desenvolvidos acontece hoje em dia, e aqui nós estamos deixando isso de lado. Eu acho importante o curso superior sim, para um aprimoramento, um acréscimo, não assim, só vale se fizer curso superior. É um aprimoramento, é uma evolução, é uma coisa que você vai ganhar, mas não só... quer dizer... não depende só disso a... é uma história de vida. E no meu caso foi assim, eu fui fazer arquitetura porque eu já estava num estágio que... pedia algo lá para frente, então... entrei na faculdade com vinte e cinco anos e com vinte e sete casei (risos) e aí surgiu, é não teve jeito, o concurso aqui, para mim e para a esposa, o mesmo concurso. Para ir para uma cidade do interior, recém casados! Casou tudo..., eu casei e casou com a situação. Eles precisavam de gente que fosse para lá mesmo, era Jataí, e tinha para as duas áreas..., eu inclusive não tinha nem o curso superior, estava fazendo arquitetura, tive que trancar arquitetura aqui e parar por três anos enquanto eu não consegui voltar para terminar o curso. Mas foi uma... experiência única. Nós dois recém casados num emprego novo, trabalhando com gente de uma situação diferente da sua, no interior; a gente tinha... aquela cisma, de trabalhar no interior. Muito valiosa, muito valorosa, alunos com muito mais dedicação, a cidade crescendo junto. Você vê a cidade crescendo junto com os seus alunos. (O entrevistador pergunta para o entrevistado em que ano foi isso – e ele prossegue) – Noventa, mil novecentos e noventa, vai fazer trinta anos, e aí eu tenho (cita nome de uma pessoa) fizemos mestrado juntos, eu e ela fizemos mestrado juntos, ela formou em arquitetura e nós fomos fazer o mestrado juntos. E eu dei aula para ela quando ela tinha quinze anos, eu estava com vinte e oito, e nós fizemos mestrado juntos, quer dizer, e eu tenho alunos de lá com pós-doutorado. Quer dizer, você pensa, lá no interior, lá no interior. E foi uma realidade única assim para nós, a gente participava das decisões da cidade, nós éramos chamados pelo prefeito. A gente tinha lá acesso (o entrevistador faz uma observação: olha o grau de influência que a escola tinha – e o entrevistado prossegue) pois é, e numa cidade do interior, como todo lugar ali hoje, aqui por exemplo você vai falar uma coisa poucos te ouvem; lá qualquer coisinha que você fala para um aluno, às vezes aquele aluno é filho de um... fazendeiro riquíssimo... riquíssimo, e te chama lá para conhecer a fazenda dele, você pega o avião e vai ver a fazenda de avião. Onde é que você tem essa realidade, e outra e também aquele mais humilde, lá trabalhador rural, te chama também para participar num fim de semana. Quer dizer, isso foi único, foi uma experiência importante. Nós transferimos para cá, uma outra realidade, mas já tínhamos essa experiência excelente. E aí então surgiu dessa forma, eu não procurei ser professor, mas pelo histórico não tinha como fugir. Não, e outra a (cita o nome) minha esposa, sendo da área, ela teve a formação de professora, ela é pedagoga e fez o curso de letras, ela tem duas

formações na área da educação... que eu não tive. Então eu tive o apoio do meu pai, pela experiência dele de sala de aula, o apoio dela, e aí nós crescemos juntos porque ela também era inexperiente, mas ela tinha formação. Então isso me ajudou muito, eu tenho só que agradecer ter buscado essa área. Embora eu sinta um pouco... que eu formei foi em arquitetura, eu queria ser arquiteto. Então eu ensino arquitetura, isso me ajuda muito... na minha atuação como professor. Mas eu queria atuar... fazer projetos, fiz poucos... como arquiteto. Mas eu ensino arquitetura, então isso para mim já é uma realização.

PERGUNTA SEIS: O QUE MAIS LHE MOTIVA E O QUE MAIS LHE DESMOTIVA NA CARREIRA DE PROFESSOR.

- O que me motiva realmente é a sala de aula. Já me chamaram muitas vezes para coordenar eu penso na burocracia de coordenação; e fico assim han.... isso aqui eu vou estar desviando o meu potencial, numa coisa que não vai me trazer nada, e não vai trazer nada para a instituição, porque eu não tenho... eu sou assim..., como administrador... eu preciso... de um controle muito maior nas minhas ações, eu não tenho essa coisa assim, de assinar documento de não sei o que, eu me perco, me perco... (risos). Agora, na sala de aula como isso é natural para mim, eu vendo no olho do aluno saber que ele está querendo me perguntar, com o olhar, com o desvio de olhar, com o não olhar para você. Eu perceber isso como professor... naturalmente sem informação nenhuma, uma coisa natural. É... o meu potencial em sala de aula é o que eu ainda quero fazer, mesmo beirando a aposentadoria ainda quero continuar, porque eu acho que tem retorno, eu vejo que o aluno está gostando, eu vejo que tem uma troca, porque isso sai de sala de aula. Quando eu encontro com um menino desse fora, mesmo depois de terminar o curso: - Professor! Vem cá! – Como eu via meu pai com os alunos dele, o reconhecimento. Meu pai já nem lembrava quem era: - Professor (cita o nome) me dá aqui um abraço, eu vou te contar a história. – E meu pai retomava aquilo. Mas o que ficou... o que você passou para o aluno, isso é perceptível. Então isso não paga, não paga, te dou o dinheiro do mundo para você assumir aqui uma diretoria... Então o que me traz de recompensa é você olhar para a cara do aluno e ele estar assim (faz uma expressão com o rosto, entre feliz e extasiado) ele tá feliz, está te percebendo, ou até ficando bravo, mas você mexeu com ele. Então isso para mim nada paga (risos). (O entrevistador reforça a essência da pergunta e questiona se há algo que o desmotiva – e o entrevistado prossegue) – Como é um processo natural para mim, é claro que eu fico... é (risos) igual lá no futebol, tem coisas assim que... você vê que o aluno está fazendo chacota com você. Eu quando... levanto a voz na sala de aula é... porque me mexeu muito por dentro, entendeu? Então assim... aquele negócio de não fazer de conta, fazer de conta que você é bravo para manter a turma, não consigo fazer de conta, eu fico bravo mesmo, então quando eu fico bravo mesmo, e eu tenho esse temperamento meio assim estourado. Então assusta a turma. Até certo ponto é importante e é bom, eles notam e pensam eu não posso ficar brincando aí, ele é brincalhão e tudo mais ele está levando a sério, então espera aí eu vou diminuir... aí eu consigo. Só que isso me prejudica, já algumas vezes já saí muito abalado de sala de aula, tremendo de ir buscar apoio na coordenação... alguma coisa, porque eu exaltei além do meu controle, é claro que eu não bati em aluno

(risos), mas aquilo me fez passar por... Mas... apesar da vantagem de ser natural ao máximo, ser você mesmo dentro de sala de aula, e conseguir convencer o aluno, porque o aluno sabe: - Não, esse aqui, ele está sendo verdadeiro! – Tem esse contraponto, que também acontece de forma natural, sentir um baque ali por um aluno, que às vezes te trata com desrespeito, e você não está pronto para aguentar aquilo. Se eu tivesse talvez uma formação pedagógica, uma formação... dentro dessa área, talvez eu tivesse um equilíbrio maior. Só que eu acho também que eu ia perder na naturalidade, na espontaneidade, das minhas ações. De ter essa percepção ali na hora, e tomar uma atitude dentro daquilo, se eu tivesse muito dentro de livro, seguindo metodologia de livro, eu talvez perdesse essa espontaneidade. Então tem isso, esse é o aspecto negativo que eu acho... (o entrevistador faz algumas observações sobre a fala do entrevistado, concordando com a ideia e falando brevemente dos resultados que obteve que caracterizam a importância que o aluno dá à figura do professor – então o entrevistado prossegue) – Acho esta questão presencial, não sei, eu não tenho parâmetros para fazer essa comparação, mas a questão presencial é relevante, muito relevante porque, você está vendo isso que eu falei, a questão do olhar..., eu estou vendo o menino olhar para mim ali, eu estou falando do EAD (sigla para educação a distância), ensino a distância. Eu não vejo, não sei se por falta de experiência, uma proposta de ensino a distância ser melhor, mais objetiva... você alcançar mais resultado, do que com o ensino na sala de aula. Atualmente todo mundo fala que: - Isso é o futuro, não tem como você fugir disso! - Eu acho que é o contrário. Não porque a resposta quando a gente fala isso é: - Ah, não tem como fugir da tecnologia! – Eu acho que é ao contrário, nós vamos chegar a um momento e falar: - Não! Espera aí! Isso daqui não está dando certo não, vamos voltar àquele sistema antigo!? – Que a gente fala de frente com o aluno. As minhas aulas, por ser de desenho, são quase individuais, eu chego de prancheta em prancheta, e vejo o problema de aluno por aluno. Olho na cara deles o que que ele está errando: - Oh! Você está segurando a lapiseira assim, e tal ... – Então como é que eu vou fazer isso em EAD? O calor da sala, está fazendo calor, e estou lá na minha casa com meu computador com ar-condicionado, eu estou sabendo que o menino está passando calor lá e aquilo está interferindo no resultado da aprendizagem dele..., o vento, passou um vento, passou gente gritando na rua. Isso acontece no local, como é que eu vou fazer isso a distância? Isso na minha proposta didática, não sei se noutro processo o rendimento é igual, mas eu acho que isso é importante no ensino que eu venho trazendo.

PERGUNTA SETE: NA VISÃO DO ENTREVISTADO QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM PROFESSOR PARA CONSEGUIR CONTRIBUIR COM EFICIÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.

- É eu acho que aquele que alcança melhor resultado, é aquele que interage, interage, essa percepção ali! - Esse aqui está entendendo dessa forma, porque ele teve esse, esse e esse processo. – Você percebe sem saber da vida dele, mas se você aprofundando: - Ah! Ele é um aluno que veio assim dessa linha, ele é assim por isso, por isso e por isso! – Esse professor que não interage e que fica só ele falando, e os outros tem que só ouvir né! Essa interação, quando o professor consegue fazer isso, e se dedica a atuação desta forma

ele alcança melhor resultado. Quando você fala aí, bom ou ruim! N'yo estou levando isso em consideração (o entrevistado faz essa ponderação porque o entrevistador explica que a palavra bom professor aparece na pergunta como uma forma de explicá-la ao entrevistado, e n'yo como um rótulo sobre o professor), n'yo estou dando um adjetivo, se ele é bom ou se ele é ruim, mas ele alcança, para mim, alcança melhores resultados quando ele interage com o que está te ouvindo. Você percebe se ele entendeu ou n'yo entendeu o que você falou. E porque ele entendeu, ou porque ele n'yo entendeu! E o que ele traz para você também quando ele n'yo está te entendendo: - N'yo te entendi professor, porque eu tenho uma outra ideia. - Aí, você pensa também. - Ah! É mesmo esse cara está me trazendo uma coisa nova que eu n'yo tinha pensado. - Aí há essa troca. - Ah! Então esperai, eu vou te falar de uma outra forma, veja o que você acha! - É isso professor, olha aqui! - E ele pode também contribuir. (o entrevistado faz uma observação: ele provoca o seu pensamento – e o entrevistado prossegue) - É... e aí a gente cresce muito mais. Se eu ficar assim: - Eu sei tudo, n'yo quero nenhuma argumentação.... você só me escuta, e repete o que eu estou falando. - Em muitas situações pela sua experiência e pelo domínio do conteúdo, é isso que vai acontecer, mas pode surgir uma coisa também: - Oh! Espera aí, eu n'yo estou entendendo isso aqui, porque eu penso assim, a vida inteira eu pensei assim! Ah! É mesmo, você tem um outro processo. - E isso complementa aquilo que você achou que era ponto final, que você n'yo tinha evolução: - N'yo, n'yo preciso crescer mais nisso, eu já sei tudo! - N'yo! Você cresce. E isso cria um sistema de ensino aprendizagem dinâmico! Toda hora! A toda hora, n'yo é só dentro de sala n'yo, quando você passa por um aluno aqui no corredor! E você tem aqui, eu chego lá brincando... eu levei a palmatoriazinha, eles estavam jogando lá. A troca que você tem nesse processo ali de descanso... de... ali desse convívio vai para a sala de aula, e você consegue muito mais resultados! (risos).

PERGUNTA OITO: *NA VISÃO DO ENTREVISTADO, QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM ALUNO PARA CONSEGUIR SE DESENVOLVER BEM DENTRO DESTES PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.*

- N'yo estou fazendo crítica no seu texto n'yo, mas eu, quando você falou o bom aí né, me veio essa coisa, o que que é bom, o que que é ruim? (O entrevistado faz essa ponderação, porque o mesmo pediu o roteiro das perguntas antes da entrevista, e o recebeu por e-mail um dia antes da mesma, e no roteiro original aparece a pergunta: O que é um bom aluno? E antes de fazer a pergunta na entrevista o entrevistador explica que a ideia do “bom” e para pensar as características positivas que facilitam a aprendizagem e n'yo para soar como um rótulo. Esse esclarecimento foi feito em todas as entrevistas, principalmente para os entrevistados que pediram para receber o roteiro da entrevista com antecedência) - Mas qual o melhor resultado que você chega, quando é que você consegue um melhor resultado. E no caso do aluno ele está aberto a isso, agora você exigir que o aluno já venha com isso, já tenha isso! O professor vai dizer eu considero um bom aluno aquele que vai alcançar melhor resultado, que te escuta, que faz tudo que você quer! É... então esse é o cara bom. E aquele que n'yo está alcançando ele é o ruim, e por isso eu vou deixá-lo de lado? Pelo contrário! Aquele que precisa mais de você n'yo está te entendendo na primeira

fala que você faz! N'yo é o que tira dez! É o que está lá capengando. O que falta? Ent'yo está na m'yo do professor isso também! Você exigir do aluno assim..., ele tem que buscar conhecimento, para crescer na vida... N'yo, ele veio aqui, ele está aqui, para você mostrar isso para ele, se você exige que ele já venha pronto, ent'yo o que que ele está fazendo aqui? Ele só vai aprender conteúdo? Você vai ensinar de uma maneira geral! Ent'yo tem aluno com problema! Tem alunos aí, que falam que v'yo para a sala de aula e ficam na escada mexendo no celular! Como é que a gente faz para trazer esse aluno, como nós vamos resolver o problema dele? É, ele é um mau aluno? Ele n'yo está fazendo o que ele veio buscar aqui! Ent'yo a gente tem que mostrar para ele a importância! Mostrar e n'yo só falando n'yo, fazer com que ele perceba. Se ele n'yo perceber nesse momento, algum momento a vida vai mostrar isso para ele! E se ele n'yo aproveitar... que ele tem o livre arbítrio, tem o direito de escolher, mesmo que seja menino, ele vai escolher um caminho! E esse caminho, a vida vai mostrar para ele, olha é por aqui, n'yo tem jeito. Nós vamos crescer, nós vamos aprender, por linhas tortas, mas nós vamos chegar lá (risos). Ent'yo é... eu n'yo posso, e a gente tem essa tendência natural, de o aluno que está saindo bem na sua matéria você fica encantado com ele e esquece dos outros! Ah, aquele lá n'yo quer nada, mas a gente tem que dar atenç'yo exatamente para aquele que n'yo está alcançando. – Por quê? Vamos trazer.. o exemplo do seu colega aqui! Vem cá vamos... – E trazer esse que está saindo bem, o aluno nota dez. – Cara! Você está com nota dez, vamos ali ajudar aquele que está com cinco – Negócio de nota... (o entrevistador faz uma observaç'yo: parcerias n'yo é? – e o entrevistado prossegue) – É fazê-lo participar, a sala de aula é um conjunto. E s'yo quatro paredes, você até tinha falado, s'yo quatro paredes, mas essas paredes aí é... só físico. Na verdade você extrapola muito! Esse espaço ele sai dali e vai além de tempo e espaço. É para o resto da vida, é noutras situaç'ões. É um ajudando o outro, você está com dez aqui, ent'yo vamos lá ajudar o seu colega. O que você está fazendo com esse dez? Você é o... cara que sempre teve dez, ele vai crescer muito menos do que aquele que tirava cinco, ou quatro, ou três e que um dia passou a ter dez. Olha, ele tirava zero e tirou dez, ele cresceu muito mais do que aquele que só tirou dez a vida inteira. Ele sai da escola e o que ele vai encontrar? Porta batendo na cara dele. E ele n'yo está acostumado com isso. Ele n'yo está acostumado a errar! Ele só tirou dez. Ele nunca tirou zero e isso vai ter um impacto muito grande. Ent'yo...isso também eu sei (risos) porque eu nunca fui aluno nota dez. Eu no final das aulas aqui como técnico de desenho, eu precisei tirar nota máxima para ficar de recuperaç'yo, e tirar nota máxima para passar, e eu tirei nota máxima para ficar de recuperaç'yo e tirei a nota, que o professor n'yo acreditou. E o que que me fez isso? Sou professor da área hoje! N'yo é porque eu tive dez desde o começo, é porque eu precisei de tirar um dez aqui, para tirar outro dez para poder passar, e eu conseguindo isso, eu avancei. Se eu tivesse tirado nota dez talvez n'yo estivesse aqui.

PERGUNTA NOVE: O QUE MAIS MOTIVA E O QUE MAIS DESMOTIVA OS ALUNOS, NA VISÃO DO ENTREVISTADO.

- Eu costumo usar uma alegoria... nas reuniões, já há algum tempo. Assim, o aluno chega aqui com quinze anos, por aí, com um brilho no olhar assim estonteante. Você chega

numa sala de primeiro ano no início você fica até assim... se você não tiver uma energia também para trocar... você sai dali... como é que fala? (pequena pausa tentando achar uma palavra adequada) Perde toda sua energia... extenuado, cansado se você não souber disso. No meu caso por exemplo eu me entrego, ali, eu estou lá, e aí? Aí vem... é como se eles buscassem em você, pulassem em cima de você. – Eu preciso de alguém que me mostre um caminho! Eu preciso de alguém para essa energia que eu estou aqui guardada! Eu quero, professor!! – Ou então vem com brincadeiras, com piadinhas. Te abraça, então ali se você tiver, já que você está se entregando, você né, a sua energia vai embora. Então na verdade eu me recarrego nessa energia desses meninos de tão forte que é a energia que eles trazem. Um dia, primeiro dia de aula, isso acontece..., e eu pego primeiro e segundo ano, isso acontece até o segundo ano, e aí quando chega no quarto ano, isso já aconteceu, não tem acontecido mais, eu não sei se é porque eu consigo manter o contato com eles até o final do curso, no corredor e tudo e vejo como é que está. Mas já aconteceu, o sentimento que eu tive, quando eu vi um aluno do quarto ano passando no corredor, é que ele tinha morrido, **morrido** (reforça esta palavra), para mim é... assim... perdeu o brilho completamente. Eu falei, aí está um zumbi, não tem mais aquela vibração, não tem mais aquele empolgação, até que fazer uma piadinha com você... é... não tem mais, você cumprimenta o menino não responde. – Humm! – Isso já aconteceu, e eu sempre uso isso como exemplo nos conselhos de classe nas reuniões para mostrar o que que a gente deixou se perder no caminho. Por que que a gente não conseguiu manter essa energia que os meninos tinham lá no comecinho? O que foi que nós perdemos? Foi por cobrança demais em cima de uma técnica que eu queria que ele aprendesse? Que ele fosse um técnico... que seja no caso da minha prática, em edificações. E aí eu fui cobrando tanto aqui que ele foi morrendo, que ele foi morrendo. Aquela energia que eu podia conduzir para uma coisa assim... oh! – O seu caminho rapaz ainda é isso! – Tudo bem você não vai ser técnico, não vai ser engenheiro, você quer ser músico! Pega a sua energia e foca. E ele sabendo disso que alguém está olhando por ele, que alguém... confia... acredita nele, no potencial dele. Ele tem muito mais condições de buscar isso... na vida. Então não é só conteúdo... é você mostrar..., e aí no meu caso de quem viveu essa realidade e cresceu junto com isso, pode mostrar a sua própria vida como exemplo. Olha a energia que eu tenho hoje, estou quase aposentando, mas eu quero continuar o processo. Porque eu não deixei isso se perder. E às vezes, principalmente na área técnica eu vejo, que professor muito focado na técnica, na técnica da profissão. Esquece da pessoa! E o menino morre! Morre, murcha... é uma flor que murchou. É... eu me emociono com isso (risos um pouco constrangidos por ter se emocionado) porque é exatamente isso que eu vivo: - Nossa! Tem vida aqui nesse menino... tem vida! – De repente a gente deixa isso perder em poucos anos, em pouco tempo isso se perde. Então é o esporte, é a arte, você trazer para a escola. A arte de maneira completa, e o esporte é muito importante, aqui a gente tinha as competições... isso engrandece demais, e é importante. Na época que eu entrei aqui só para dar um exemplo..., um professor de educação física (cita o nome do professor), ele foi lá e falou assim: - Olha, se vocês participarem de tal coisa vocês vão ter não sei o que... – Ora motivou a gente lá... a turma todinha foi participar de salto em altura... nunca ninguém tinha... (risos). A turma, os quarenta da turma, fazendo salto em

altura..., o ginásio era ali onde é a sala dos professores, e tinha um colchão lá e você tinha que pular de tal jeito. Todo mundo pulando! (risos – e o entrevistado conta essa história com muita empolgação). Essa motivação reflete na sala de aula. A gente pensa assim: - Ah! O aluno vai se dedicar lá... – No meu caso era o basquete, eu ficava aqui a tarde inteira, eu jogava lá uma às seis horas da tarde participando dos treinos... meu treino era só o último! O dia inteiro aqui estudando! Mas reflete na sala de aula, porque você está empolgado com a instituição. Não pode, aí cabe aos professores, falar assim: - Você está lá no futebol mas aqui..., você está lá no basquete, você está no esporte, joga essa energia aqui dentro também, e vamos aprender isso aqui também. Então isso ajuda, você manter essa luz, você manter essa energia, você manter essa motivação. A pergunta é mais ou menos nesse sentido? E eu acho que se a gente atuar assim. E a gente tem muito potencial nessa instituição diferente de outras que não te dão essa oportunidade. Aqui a gente tem isso, a gente mantendo isso a gente tem um diferencial enorme. Inclusive em relação aos outros campi novos, porque aqui a gente tem uma história, e essa história, como muitos podem falar: - É saudosismo, isso é não sei o que...vamos mudar isso aqui tudo, isso aqui não... aquele negócio de passado acabou! – Não, e não é porque eu sou... adepto a... eu gosto de evolução, eu gosto é de crescer, mas eu vou crescer em cima daquilo que eu já tenho, da bagagem que eu já tenho. Eu não posso simplesmente anular a história, anular o que você tem, e ir para frente do nada! Não! É um somatório. Então... eu acho que isso nós temos aqui nessa instituição, e que deve ser preservado.

PERGUNTA DEZ: *QUAL A ANÁLISE QUE O ENTREVISTADO FAZ DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR ALUNO.*

- Eu desde o começo estou dizendo que no meu caso é muito natural assim, eu sou aquilo que eu sou fora daqui... e eu tenho buscado me aproveitar desta condição e atrair o aluno... para o que eu quero, para o objetivo que eu tenho de passar as coisas para ele. Então isso, já também falei, que causa problema, de às vezes perder um pouco o controle, porque se eu estou me entregando, de repente eu estou lá dentro, e me envolvo com o problema, e ao invés de ajudar eu vou atrapalhar. Mas eu tenho sabido controlar isso e eu tenho mais resultado positivo do que negativo, embora surjam problemas que eu não consigo passar para o aluno, porque ele está tão envolvido... no mundinho dele ali com problemas... fechado... que eu não consigo chegar. E aí eu tenho que buscar ajuda... eu vou aqui na psicóloga e tudo, mas às vezes eu não consigo chegar. Agora eu consigo chegar assim, sendo aberto. Cantando uma musiquinha ali que para eles é engraçado, chego lá cantando uma música antiga e assim, ao invés de me preocupar com a chacota que eles vão fazer, eu uso isso o contrário, eu vou usar isso para... poder cutucar mesmo! (Risos). Aí eu chego lá e falo do futebol: - Ah! Eu sou vila nova. – Só para ver..., porque os alunos estão ali mortos, e aí eu falo: - Vila Nova! – eu sou Vila Nova, eu sou Vila Nova – vocês estão mortos aí, de repente você fala, eu falo do Vila Nova você... – Quer dizer é, a pergunta era nesse sentido mesmo? (o entrevistador confirma e o entrevistado continua) É então assim, eu me deixando ser eu mesmo eu consigo atraí-los para mim, se eu fizesse ao contrário: - Oh! Isso aqui você não chega, quem manda aqui sou eu! – Embora eu tenha que em

determinados momentos, e no meu caso surge desses... nesses... eu caio mesmo nas armadilhas, eu preciso ter... eu ainda tenho que me controlar nesse sentido, na hora que eu precisar falar assim: - Opa cara espera aí oh, aqui na sala de aula nós estamos para fazer isso! Nós nŷo estamos aqui para fazer brincadeira, agora nŷo é hora de brincadeira. Brinquei, brinquei, brinquei mas agora eu quero que todo mundo pare para escutar o que eu vou falar. – Entŷo eu tenho isso! Eu mantenho a ordem ali, nŷo é assim que eu me entrego e aí deixo o pau quebrar. - Nŷo, espera aí, vocŷes estŷo extrapolando, quieta agora e senta! – E eles me escutam, porque que eles me escutam, porque em determinados momentos eu me mostrei que eu era, que eu estava ali, com um propŷsito, eu tenho um objetivo, nŷo estou aqui para ganhar saláριο, eu nŷo estou aqui por conta de saláριο, estou aqui por conta de uma coisa que eu acredito. E eu consigo passar isso para eles, se eu consigo passar essa verdade para eles, eu os tenho na mŷo, tenho eles comigo, sŷo meus amigos, sŷo meus ali... só que eu sou o chefe! Só que tem hora eu tenho que... eu falo e eles me escutam! É esse equilŷbrio que eu acho que importante nesse caso.

PERGUNTA ONZE: *SE O ENTREVISTADO CONSEGUE PERCEBER AS ATITUDES E COMPORTAMENTO DOS ALUNOS QUANDO ELES NŷO GOSTAM OU QUANDO GOSTAM DE DETERMINADA METODOLOGIA DE ENSINO.*

- É assim! A gente tem um processo para tudo, mas isso dá certo para a maioria mas nŷo dá certo para um. Entŷo vocŷe tem que ter com esses aí, como a minha aula ela chega a ser individual, as vezes, dentro de sala de aula mas eu estou vendo o que que um... a dificuldade de um, de outro, de outro e de outro; porque eu chego na prancheta para dar aula, eu dou ali meia hora de aula para todo mundo, e o restante... - Sŷo quantas? É uma hora e meia! – O resto do tempo é individual. Entŷo eu vejo a dificuldade desse, por que que os outros estŷo entendendo e esse aqui nŷo está? Entŷo aí eu tenho que ter uma metodologia, um jogo de cintura, para falar assim: - Esse daqui nŷo está entendendo por isso. - Entŷo eu vou ter uma metodologia assim fora daquilo que eu tinha pensado, para poder ver se eu alcanço, mas isso é individual! Eu tenho uma ideia do geral, mas acontecem coisas que às vezes fogem do script ali. Aí vocŷe tem que ter uma atitude, e esse jogo de cintura dentro da sala de aula também é importante. Porque senŷo eu jogo..., eu criei uma metodologia aqui geral, e bom! Todo mundo tem que encaixar nela! Nŷo encaixou, nŷo passou, toma bomba! – Nŷo! Às vezes é o método que eu estou usando que está errado, que nŷo alcança aquele, aí eu vejo: - Vem cá, o que é que vocŷe nŷo está entendendo? – Esse menino... da régua, na hora em que eu mostrei para ele, ele caiu em si: - Poxa, como... que besteira que eu estava fazendo! – Entŷo quer dizer, é o jogo de cintura ali, ver onde que está..., mas nŷo é cem por cento é claro, vocŷe nŷo acerta em tudo, às vezes vocŷe nŷo está percebendo... o que que está acontecendo, mas... é um percentual bom... que eu tenho alcançado. Às vezes passa gente para frente com deficiência lá atrás, mas aí vocŷe tem que continuar o processo, mesmo vocŷe o passando para outro professor, por isso que essa troca de experiŷncia é importante: - Oh! Vocŷe vai seguir com esse aluno aqui, mas ele está ali o..., ele passou ali... tal – Ter a nota como um parâmetro nŷo como uma classificaçŷo: - Esse aluno aqui é tal! – Nŷo é só para ter um parâmetro, ele nŷo alcançou. A nota nŷo fala

tudo também n'yo! Ele alcançou seis, mas às vezes está com três! Alcançou porque você deu muita oportunidade, ele teve chance ali de mostrar alguma coisa, mas na verdade ele está com muita deficiência, e vai passar para frente. Você conversa com outros professores no conselho de classe, por isso que eu acho importante, você vai pegar esse aluno assim, assim, assim... Para dar a continuidade. (Algumas divagações n'yo pertinentes ao assunto, feitas pelo entrevistador e pelo entrevistado, foram suprimidas neste trecho.

PERGUNTA DOZE: COMO O ENTREVISTADO PERCEBE A CAPACIDADE DO PROFESSOR DE ENTENDER OS ALUNOS E AJUDÁ-LOS A SE DESENVOLVER NAS SUAS PARTICULARIDADES, E A DOS ALUNOS ENTENDEREM O PROFESSOR NA SUA INTENÇÃO DE CONTRIBUIR NO SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM.

- Bom! É o que eu tento, mas n'yo dá para ser assim exclusivo... ou individual! É porque o problema que aquele menino está vivendo ali naquele momento, talvez ele vá resolver isso lá, com uma conversa na coordenação ou com o psicólogo. É porque como é que eu faço isso dentro de sala de aula, apesar de eu lá, no conteúdo estar observando como ele está fazendo, eu n'yo sei da vida dele, n'yo dá para tratar da vida dele: - Oh! Como é que você está na sua família, problema com pai, problema com mãe, problema... diversos! Aí você tem que ter o respaldo da coordenação. E aí a coordenação sabe muito mais... especificamente o problema de determinados alunos, se isso extrapolar! É... ent'yo o que eu passo é geral, essa minha atuação é geral. Ocorre quando você tem acesso a algum aluno, dele vir e te mostrar algum problema: - oh! Professor eu estou assim, assim, assim. - Aí, mas isso n'yo é o processo dentro da sala de aula, ocorre naturalmente porque ele vê em você uma: - Esse cara parece que vai me ouvir, eu vou chegar nele e vou falar! - Mas isso independe do ensino aprendizagem ali, daquilo que eu passo dentro da sala de aula, mas... essa atitude que eu estou falando mais humana, de troca de experiências, provoca isso também! Dá a liberdade daquele que está com problema te procurar. E eu tento fazer isso, eu saio no corredor conversando com um, dois, três alunos. Agora mesmo falei ali o... contei uma experiência, fora de sala de aula, do aluno que está lá no quarto ano. Eles v'yo para lá, os meus alunos, que foram meus alunos no segundo, est'yo no quarto, no terceiro eles v'yo lá! De vez enquanto aparece um lá e entra na sala, e aí a gente sai conversando: - Ah, lembra quando vocês viram isso aqui? - Ah... professor é mesmo, você n'yo fez do mesmo jeito que você fez com a gente n'yo! - A... mais é uma evolução, a turma é diferente! - E vou trocando aquilo: - Como é que vocês est'yo lá, na disciplina tal! - Isso n'yo faz parte da minha atuação da forma que exigem, que a coordenação me exige n'yo! Mas continuo o meu trabalho! Se eles v'yo lá, é porque est'yo precisando, eles est'yo querendo trocar alguma coisa, alguma ideia, gostaram... do momento que passaram comigo! - Eu vou mandar embora? - N'yo, n'yo... isso aqui, você já passou daqui, vai para lá! - N'yo eu saio conversando com eles, e nessa troca, faz parte do processo.

PERGUNTA TREZE: QUAL ANÁLISE DO ENTREVISTADO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR NA ATUALIDADE.

- O foco da minha fala e da maneira que eu entendo é exatamente isso aí, o professor está lá para perceber... tentar perceber o que o aluno está sentindo dentro daquele processo, não é simplesmente jogar o conteúdo... Você na sua prática profissional é importante, mas isso está chegando nele? E tudo interfere, a luz que está escuro... ele está fazendo um desenho, a iluminação não está boa, vai interferir, ele está com sono: - E aí cara o que que foi, você está com sono, o que que aconteceu na sua casa? – Ah! Professor o ônibus... não sei o que... - Você está conversando com ele, você está trocando ali oh! Mesmo estando presente, você está presente mas não está presente! Aí é melhor dar aula no computador, se você está ali na sala de aula com o seu.... vamos dizer... o que você quer no seu trabalho de professor, você está fazendo uma... está moldando uma peça ali, e não interagir com ela? Não é, vamos fazer aqui uma analogia, se fosse uma escultura, eu não vou interagir com essa massa aqui, o que que ela está sentindo... o que que ela está... tem muita água, não tem, ela está rígida, não tem, o ar que está aqui passando... É quer dizer... é... interagir mesmo, profundamente com aquilo que você quer passar. Então, essa é a função do professor, não é, de estar percebendo ali onde que você vai agir. E não simplesmente estar ali na frente do lado da pessoa e não sentir o que ele pode estar percebendo daquele processo todo. Então, que é que vai fazer isso, quem é que vai fazer se não for o professor, se o professor não estiver... Agora tem que dar valor a esse profissional, é ele que vai fazer isso, e se ele não estiver sendo valorizado, ele vai largar, você não vai mais encontrar gente que faça isso! – Ah eu quero atuar! – Tudo bem! Vai encontrar sim porque tem gente que gosta de fazer o bem! (risos) Mas é um profissional, não é! O médico não faz isso, o médico não tem que interagir com o paciente dele lá e ver no olho do cara... ele percebe. Na consulta ali ele percebe tudo, você ao estar com o aluno você está com o seu paciente ali, se fosse um médico! Observando! Qual é o preparo dessa pessoa que está ali para fazer isso? Quem vai investir nisso, o que vai dar a capacitação, o que vai dar importância, se não é a instituição se não é o processo de educação de uma maneira geral. Então eu acho fundamental! Não tem nada que substitua o professor para esse processo.

PERGUNTA CATORZE: *COMO O ENTREVISTADO VÊ A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MINISTRADA PARA O FUTURO DOS APRENDIZES.*

- Eu acho que a função da escola e especificamente a nossa é de mudar todo e qualquer paradigma, toda e qualquer coisa pré-estabelecida. É fazer a pessoa realmente pensar no seu futuro, pensar por que ele está aqui? Por que que o indivíduo existe? Por que a gente está aqui no mundo? Então, isso se torna natural também, se você pensa assim e transmite isso você consegue passar para a pessoa! Por exemplo, escolha de profissão: - Por que que você está escolhendo tal profissão? – Eu converso muito com eles! – Ah! É porque dá mais dinheiro! – É isso! – Dá dinheiro, tudo bem, mas se você não estiver sabendo... gostando do que você está fazendo, não vai te dar dinheiro não! Você não vai ter o retorno não! Se você está na medicina, porque é vamos porque é um... emblemático não é, porque todo médico ganha bem, mas se você não fizer o trabalho direito ali, você está fora! E outro caso se você escolhe, que é o meu... eu faço arquitetura, se você escolhe arquitetura porque

gosta, porque você tem uma afinidade, porque você quer crescer naquilo, você vai ser o melhor profissional naquela área! E você pode ganhar bem mais do que um médico..., que é o... comparando... é... se você fizer bem feito! (breve comentário do entrevistador e o entrevistado prossegue) - E isso a sociedade cobra, cobra dele, cobra do aluno, ele não tem muito esclarecimento ainda, é jovem... começando não sabe nem pensar ainda, está crescendo... E a sociedade já cobrando dele, os pais cobrando, a família cobrando, o grupo social dele cobrando. Que hora que ele vai poder para e pensar assim, que ele não tem que com dezessete anos entrar numa faculdade. Aqui, nosso curso é de quatro anos, que bom que seja de quatro anos. - Porque que você tem que entrar, porque que você tem que entrar no terceiro ano, numa faculdade? - Ah! Meus colegas já estão lá! - Coitado deles, eles não têm maturidade lá dentro, eles vão apanhar muito. - Pode ser até que passe, pode ser até que forme, rápido, mas na hora do exercício da profissão ele vai ser muito mais sofrido. Você com calma, na época que for, na época que você achar um caminho importante, com trinta anos se você entrar na faculdade, com mais, tem gente que entra na faculdade com sessenta, setenta anos e forma com oitenta anos, olha que beleza!! Fez, porque aquilo foi natural, surgiu! Então é essa história, que é um pouco da minha história, que eu nunca sofri para fazer... para ter um diploma..., fiz o mestrado, poderia estar fazendo um doutorado. Estudei em escola pública ruim! No ensino fundamental! E fiz um mestrado, poderia estar fazendo um doutorado, quer dizer, isso entra dentro de padrões. - Ah! Você estudou em escola pública você não vai ser nada! Na minha época era horrível, não tinha professor, era uma bagunça, e eu alcancei isso aqui! Ué! Então eu fugi da regra? E tem jeito de fugir da regra? - Tem, se você fizer... - E que regra é essa? Eu não posso pensar? Eu não posso agir diferente? Eu não posso tomar uma... isso eu tenho uma briguinha em casa (risos), a (cita o nome da esposa) fala que eu sou... - Por que que o aluno vai estudar fora? - Você está fazendo o seu mestrado lá na Espanha? - Tendo um objetivo, vai estudar fora, mas não é porque estudar fora me traz um... certo reconhecimento, entendeu? (O entrevistador faz um breve comentário e o entrevistado prossegue) - Exatamente, eu não tenho problema nenhum.... e se eu fosse estudar fora, ou se os meus filhos quisessem estudar fora, mas tenha um objetivo, não simplesmente estudando fora eu vou ser mais reconhecido porque eu estudei fora. Os alunos que eu tive lá no interior! Olha nós estamos aqui na cidade grande, daqui para sair para fora... sair para fora tem de ser ... para sair daqui, é um pulo! Lá no interior... nossa, que potencial desses meninos lá. E eu falei: - Gente vai lá! - Tudo bem você não tem a escola que te dá isso aqui! Tudo bem! - Vai lá e aprende, mas volta para cá! Você vai ter muito mais ação aqui, que está precisando de gente e você é daqui! Vem e traz isso para cá. - Vai lá fora. E eles têm mais acesso do que a gente aqui, de buscar alguma coisa no exterior! Vai lá e aprende. Como tem pós-doutor lá em Jataí, que saiu de lá, e voltou para lá! Por que que você vai bater cabeça lá em São Paulo? E ficar lá batendo cabeça! Aqui você tem um lugarzinho onde eles vão te encaixar, você vai ser o bam bam bam aqui da região, lá você vai ficar batendo cabeça, e às vezes não vai conseguir nada! Vai lá, aprende tudo... numa escola reconhecida. E outra coisa às vezes... é... meu filho. Ele passou com dezessete anos... nossa... para ele foi uma maravilha. Para estudar na UNB, que era... que é ainda uma referência! - E... terminou o curso? - Está no quarto curso... que ele

já abandonou... *“quarto curso que ele já abandonou!”* (fala essa frase com maior intensidade). Está com vinte e cinco anos, com vinte e cinco anos foi quando eu entrei na universidade... na faculdade... Ele está com vinte e cinco anos, já abandonou quatro. Quer dizer, ele poderia estar começando agora, sem nenhum trauma, mas ele já teve quatro traumas, como é que ele vai para uma quinta faculdade, e aí? Como é que ele faz? Quer dizer, acabou com a vida de uma pessoa que podia estar começando a vida. Entýo acabou antes de começar. O que ele vinha de uma escola particular, é isso que punham na cabeça dele. Punham o nome dele, como ele é muito inteligente, e ele é muito focado, detalhistas... (pequena pausa) diferente de mim, nýo sei onde ele aprendeu (risos) é meu filho, mas ele é muito detalhista muito assim..., e eu nýo... eu vou assim... eu aprendo... assim, eu nýo fico assim: - Ai eu tenho que aprender isso aqui, e tenho que ser o melhor nisso! – Eu aproveito da situaçýo, eu aproveito de tudo quanto é situaçýo! E aí, ele terminou a vida, nesse sentido de profissional e de aprendizagem, por conta de traumas que ele já vivenciou, e agora, com é que ele vai fazer? Entýo, buscar essa motivaçýo nele agora, é só com uma ajuda extra. (Foram suprimidas algumas divagações do entrevistado e do entrevistador que nýo tinham relação com a temática).

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 08.

PERGUNTA UM - *QUAL O CONCEITO DO SUJEITO SOBRE O QUE É EDUCAÇÃO.*

- Bom eu entendo que educaçýo é a formaçýo do ser humano de acordo com uma via emancipatória, porque a gente pode pensar em educaçýo como aquisiçýo de conhecimentos, como adequaçýo à esta sociedade que está posta aí, mas eu nýo entendo que seja meramente isso. Você acumular conhecimentos, ou você se adequar a um sistema que está colocado, porque este sistema que está colocado é um sistema injusto, desigual. Entýo eu entendo que a educaçýo ela é basicamente, essencialmente, se eu puder resumir em poucas palavras, a formaçýo do ser humano segundo uma via emancipatória, para questionar o sistema em que a gente vive, para buscar uma transformaçýo da realidade e nós termos um mundo mais justo e igualitário, uma sociedade mais justa e igualitária. É claro que os conhecimentos específicos de cada área: das ciências, da biologia, da matemática, da educaçýo física cada uma vai contribuir de acordo com a sua forma e o seu objeto, mas sempre com essa finalidade maior.

PERGUNTA DOIS: *QUAL O OLHAR DO SUJEITO SOBRE A EDUCAÇÃO FORMAL E O ESPAÇO DA ESCOLA.*

- Nýo me satisfaz, eu acho que existem as bases curriculares e projetos políticos pedagógicos oficiais, mas eles caminham muito no sentido, pelo que eu vejo e talvez também na prática da maioria dos professores, no sentido de educaçýo para a vida, até aí tudo bem, mas nesse sistema em que a gente vive, entýo isso me preocupa. Entýo é educaçýo para o mercado, educaçýo para o trabalho dentro do sistema em que a gente vive, que é um sistema excludente, entýo nýo me satisfaz. Eu acho que as práticas dos

professores, por não terem uma preparação adequada, e os projetos de adequação à sociedade. Por exemplo... uma vez eu conversei com um psiquiatra e ele estava me dizendo que atende muitos indivíduos que não são ajustados, ora, ser ajustado é um objetivo, então quer dizer que o que está fora do ajuste a sociedade é o que está fora da normalidade, então isso me preocupa, esse discurso de formação do indivíduo para a vida, para o mercado, para o trabalho... mas para essa vida, para esse mercado e para esse trabalho que aí estão. Então como a nossa educação formal ela está num sentido de adequação a mercado e adequação à sistema, ao status quo, eu acho que a educação não vai bem nesse sentido. E se a gente for pensar em termos de Brasil com esse governo que acabou de entrar, as coisas estão piorando ainda mais, infelizmente.

PERGUNTA TRÊS: *SOBRE A VISÃO DO ENTREVISTADO A RESPEITO DA INFLUÊNCIA DESTE PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM NA VIDA E NA FORMAÇÃO DO ALUNO.*

- A educação? Formal? Pois é, a gente também não pode ser aquele radical, xiita de dizer que então nós vamos negar a formação técnica. Não! Ela é importante também. Então eu trabalho, você trabalha numa instituição que visa uma formação técnica, tecnológica, mas que não pode parar por aí, está no nome até do nosso empregador, digamos assim: Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia, então tem que ter o lado científico e tem que ter o lado educativo também. Então eu acho que esse lado político da emancipação ele deve estar presente. Mas não dá para gente também, eu sozinho ou você sozinho, a gente se contrapor a todo um sistema existente. Então é legítimo também o direito dos alunos de quererem dentro desse mundo que está colocado aí, bom ou mau, mas é o mundo em que a gente vive, é legítimo o direito de ter mais competência técnica e se estabelecer no mundo do trabalho e ter uma renda para se sustentar e à sua família também. Então eu acho que a educação, nesse ponto ela já atende mais, a nossa instituição atende mais, mas eu acho que aí, uma das principais vertentes da educação acaba sendo deixada de lado, que é essa questão de transformação. Então eu acho que aí parte de um ponto de vista político, de você analisar a dicotomia capital trabalho, a dicotomia que há entre socialismo e capitalismo, essas coisas têm que ser colocadas para a gente tentar mudar essa realidade e tentar resistir aos fatos negativos que existem. Eu penso dessa forma, mas eu acho que os alunos estão sendo, pelo menos numa instituição como a nossa, que é acima da média, estão tendo uma preparação que contemple talvez... uma formação profissional e uma formação humana, porque a gente tem: artes, filosofia, educação física, eu estou falando da nossa área, mas eu acho que a gente, talvez, seja a exceção nesse contexto, porque a grande maioria dos alunos de ensino médio nas escolas que estão por aí, ou tem o ensino mais precário em algumas escolas, ou tem o ensino puramente de acumular conhecimento para ENEM (exame nacional do ensino médio) e para os vestibulares que ainda existem, e isso neste ponto é negativo.

PERGUNTA QUATRO: *NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO QUAIS OS PONTOS POSITIVOS E/OU NEGATIVOS DESSE PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.*

- Eu vejo um problema na avaliação, porque é uma avaliação muito pragmática, muito positivista, então desconsidera a realidade dos alunos, envolvimento e participações. Então, apesar de ser ainda um instrumento que eu conheci quando era aluno, talvez do curso de educação física ou até antes disso, mas eu acho a nota de conceito, não aquela nota de conceito tradicional de anos atrás, mas que considere a realidade do aluno, o nível de envolvimento do aluno, de participação, eu acho que tem o espaço ali de você contemplar as diferenças e talvez ser um pouco mais justo. Porque eu vejo os sistemas de avaliações baseados nas provas, ela às vezes reflete apenas um número, é um exemplo de meritocracia que não corresponde muitas vezes ao desempenho do aluno, só o número frio não corresponde. Então eu acho que a avaliação é um problema... e eu entendo que..., a gente falou nisso aqui antes da entrevista, a aproximação entre professor e aluno do ponto de vista afetivo tem para mim uma influência acima da média, eu acho que facilita o processo de aprendizagem, a partir da interação, eu vejo que alguns alunos não gostam tanto da nossa disciplina de educação física, mas às vezes pela ligação com o professor eles se motivam um pouco mais, passam a ter um outro olhar. Então eu acho situações que a gente ainda tem professores muito pragmáticos, muito positivistas, muito distantes da realidade do aluno, ainda se colocando naquele pedestal, isso está reduzindo, eu estou vendo que está tendo uma aproximação maior entre professores e alunos, mas eu acho que de certa forma isso ainda resiste. A gente não sofre com isso, mas a gente vê que um problema grave também é da violência nas escolas, em algumas escolas tem um nível tal que os professores não têm nenhuma autonomia para realizar seu trabalho com tranquilidade, que passa a ser motivo de stress ir à escola, e aí não é um problema só da escola, é um problema da sociedade, porque a escola está dentro da sociedade e reflete isso. (algumas divagações feitas pelo entrevistador e pelo entrevistado foram suprimidas por não terem ligação direta com o assunto).

PERGUNTA CINCO: COMO O ENTREVISTADO VÊ O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM PARA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ENQUANTO TRABALHADOR.

- Acho que a educação profissional, contribui no sentido de preparação, de aquisição de conhecimentos, de base teórica, de base prática para inserção no mercado, isso eu não tenho dúvida, principalmente olhando a nossa instituição. E várias outras também preparam. É claro que a gente tem, se a gente for olhar para universidades por aí, têm algumas tipos mercadológicas que não têm essa preocupação, tanto de formação profissional, a questão é financeira é lucro, é capital. Mas eu acho que a gente consegue, o nosso sistema consegue fazer uma formação profissional, não diria que a ideal, muito menos perfeita, mas uma formação profissional de razoável par boa dependendo das instituições. Só que observando mais o aspecto técnico, e aí talvez aspectos mais afetivos, possivelmente entrem e aspectos políticos que seriam importantes menos. Eu gosto de dizer o seguinte, às vezes eu comento isso até com alunos: - Se a gente vivesse na Suécia ou na Finlândia eu não estaria reclamando de uma educação só técnica, porque a gente já estaria num sistema

que dá uma cobertura material, económica, social para todos, mas como no nosso país isso não existe, a formação política para transformar se faz fundamental, vejo dessa forma.

PERGUNTA SEIS: *SOBRE A TRAJETÓRIA DO INDIVÍDUO E O QUE O TRAZ À CARREIRA DE PROFESSOR.*

- É aí são duas respostas! A primeira como é que eu cheguei, e a... segunda como é que eu me modifiquei a partir da chegada. A chegada foi natural por ter pai, mãe e tio professores de educação física, então eu já fui criado dentro da faculdade de educação física... com exceção de basquete os outros esportes coletivos... o futebol de campo principalmente, mas o handebol também, e o voleibol, eu joguei um pouco em equipes universitárias ou de clubes, mas principalmente futebol... eu fiz atletismo. Então não tinha jeito de não fazer educação física, só que a minha concepção foi mudando, de uma visão na graduação que era mais tecnicista..., para o mestrado, que apesar de também ir para um lado técnico, eu tive uma professora (cita o nome da professora) que ela dava medidas e avaliação em educação física; e eu pensava que eu ia aprender sobre testes, VO2 máximo, fisiologia e ela falou muito sobre textos do Mariano Enguita, e aí esses textos dão uma abordagem política à educação física, da maneira como ela colocou, então mudou a minha maneira de pensar, bastante, o mestrado foi uma ruptura, e aí no doutorado um ruptura maior ainda, porque eu partia da educação física para educação e na educação eu pude aprender sobre o materialismo dialético e aí a questão das contradições da luta de classes, de toda essa situação, da dialética de Hegel que Marx inverteu, e que mostra como funciona o materialismo, e isso mudou basicamente, eu diria que o mestrado mudou a minha visão de educação, minha visão de educação física e minha visão de mundo e de vida, uma ruptura bem radical..., eu acho assim que eu passei a entender as coisas de uma forma totalmente diferente a partir desses conhecimentos produzidos e adquiridos no doutorado. (algumas divagações do entrevistado e do entrevistador que não são pertinentes ao assunto da pesquisa, foram suprimidas neste trecho).

PERGUNTA SETE: *O QUE MAIS LHE MOTIVA E O QUE MAIS LHE DESMOTIVA NA CARREIRA DE PROFESSOR.*

- Uma coisa eu percebo, e isso é negativo e é natural, eu me sinto hoje mais cansado... eu me sinto mais cansado. Eu já cheguei a trabalhar na Católica, na antiga Escola Técnica e na Esefego quarenta horas em cada uma. E eu me lembro aí na década de noventa, primeira metade da década de noventa, noventa e seis... eu trabalhava cinco manhãs, cinco tardes e três noites, e conseguia manter a qualidade do trabalho! Eu vejo que hoje eu ainda consigo, aliás eu consigo até dar aulas melhores que aquelas, mas nunca conseguiria na mesma quantidade. Então eu me vejo às vezes cansado, acho que a própria questão do tempo e tal. Mas por exemplo, às vezes eu vou para o ensino superior uma vez por ano, um semestre por ano eu trabalho no superior, quer dizer aí você tem que dar uma abordagem mais profunda sobre lazer e recreação, aquilo de certa forma quebra o ritmo, e eu acho que as aulas fluem de uma forma bem acima da média. No ensino médio eu coloco sempre pelo menos uma ou duas aulas teóricas bimestrais, e eu vejo ali que eu preparo e

saem coisas boas; então assim o que me motiva, no final das contas,   a relação com o aluno, mas é claro, o objeto que você ensina às vezes me motiva. Então por exemplo, na época da copa do mundo eu elaborei alguns slides do Power point sobre copa do mundo, cultura e representações políticas, foi muito bom falar sobre aquilo, eu falei sobre futebol que eu adoro, relacionei com política, então foi excelente. Agora, depende muito do conteúdo também, eu estou trabalhando com os meninos do segundo ano de educações, basquete, e eu tenho um pouco de dificuldade e não gosto tanto, ent o já não me motiva tanto, mas eu faço o meu papel da melhor forma possível. Agora, quando o conteúdo   legal, quando o conteúdo permite uma formação mais ampla para o aluno, aquilo me motiva mais, aquilo mexe mais comigo. Mas mais do que tudo o bom relacionamento. E   uma coisa que hoje eu estava no stand do IFG, apareceu um rapaz l  e contou que era aluno da antiga escola técnica de noventa e sete a dois mil, e falou maravilhas, que foi aluno do (cita o nome de um professor) foi aluno do (cita nome de outro professor) e falou: - Aquela instituição mudou a minha vida, então esse lado (o entrevistador faz uma pequena observação e o entrevistado continua) – Até hoje só teve uma menina, do antigo curso de trânsito, que eu dei uma aula de reposição l  quando teve uma greve, que ela falou que não gostava do IFG. De ensino médio eu nunca ouvi, eu nunca ouvi. Então assim me motiva demais esse relacionamento com o aluno, se o relacionamento com o aluno não fosse tão bom, eu não sei se eu teria a mesma motivação.

PERGUNTA OITO: NA VISÃO DO ENTREVISTADO QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM PROFESSOR PARA CONSEGUIR CONTRIBUIR COM EFICIÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.

- Eu falo com todo mundo, eu falo com aluno, eu falo com família, eu falo com atleta eu falo com todo mundo, se as pessoas tivessem capacidade de diálogo o mundo não estava desse jeito. O volume de separações conjugais seria menor, o volume de brigas seria menor, violência seria menor, problemas no esporte seria menor, problemas de terrorismo seria menor, radicalismo religioso seria menor. O problema é que as pessoas..., e não deveria ser assim porque agora tem muito mais informação, informação não   formação, mas eu vejo as pessoas com dificuldade de dialogar, e eu procuro muito exercitar isso na minha vida e na minha docência. Eu acho que o professor tem que ter capacidade de diálogo. Pode parecer uma visão muito limitada, ou concentrada em dois aspectos, eu acho que se não tiver capacidade de diálogo não dá para ser professor, sou até radical nesse ponto. E acho que se não tiver sólidos valores morais e culturais também não dá, como é que você vai ser professor se você não tem uma moral acima da m dia, se você não tem uma cultura mais elaborada. Então, tudo isso! A partir disso o estudo: didática, metodologia, conhecimento, então eu acho que seria por aí... o estudo, a metodologia, mas a partir de uma base moral e cultural e de uma capacidade de diálogo. Ent o entram algumas características que a pessoa traz de berço, de família, de formação, e algumas situações de bases científicas, epistemológicas de estudo, conhecimento, metodologia. Resumidamente, é claro que a gente poderia falar um monte de outras coisas, por exemplo: o papel de ser mediador eu acho que não é o “laisse faire”, quer dizer, façam o que querem,

não é isso, mas também não é aquele caminho de é desse jeito que o professor quer e vai ser assim. Então é um caminho... nesse ponto eu acredito na construção coletiva, dentro da sala de aula.

PERGUNTA NOVE: *NA VISÃO DO ENTREVISTADO, QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM ALUNO PARA CONSEGUIR SE DESENVOLVER BEM DENTRO DESTES PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.*

- O que me chama atenção num bom aluno é o seu interesse e a sua participação. Eu acho que aí tem coisas que a gente não consegue até certo ponto controlar, que são coisas anteriores à nossa relação com o aluno. Nós estamos falando de ensino médio! Então, você tem alunos que vêm de uma formação familiar que valoriza a leitura, a família valoriza a leitura, o diálogo, a educação; então esse aluno já chega de uma forma mais facilitada, para gente trabalhar e para ele aprender. E a gente tem aquele aluno que já chega de um contexto familiar desajustado, a pessoa às vezes mais retraída. Então assim... e que também são um desafio para nós! Mas eu acho que assim, o aluno interessado e participativo, é o que eu vejo de mais destaque. E sendo que esse interesse e essa participação vêm de antes, pela vida social dele, pela família dele ele desenvolve esse interesse e essa participação, e eu acho que vem o a posteriori também, quer dizer, o interesse e a participação pensando no que ele vai adquirir ali em termos de produzir conhecimento da parte técnica da parte humana, para a vida dele. Então, quando o aluno vem com isso de casa, digamos assim, da escola do ensino fundamental, e que leva isso pensando no futuro, esse é o aluno que dá muito certo. Então se ele já tem uma base já do ensino fundamental boa, como eu falei, se ele tem uma capacidade de diálogo. Se ele entende o valor da aprendizagem, não fazendo uma seleção de disciplinas, coisa que até a gente, eu mesmo por imaturidade fiz na faculdade. Eu selecionava disciplinas que eu gostava mais, eu pensava: eu vou trabalhar com: futebol, handebol, fisiologia e treinamento, eu nunca pensei que eu fosse trabalhar com lazer e recreação e é o que eu mais trabalho hoje no IFG. Eu acho assim também aquele aluno que tem uma maturidade de ver que todas as disciplinas têm a sua importância. Então é tudo isso, só que o seguinte eu estou falando numa situação ideal para o professor e que para o aluno também talvez seja ideal, só que a gente encontra muitos pontos fora da curva e aí a gente tem que trabalhar com essas diferenças... talvez seja nossa missão mais nobre até de... sei lá, de resgatar as pessoas que estão totalmente fora desse contexto.

PERGUNTA DEZ: *SOBRE O QUE MAIS MOTIVA E O QUE MAIS DESMOTIVA OS ALUNOS, NA VISÃO DO ENTREVISTADO.*

- Eu posso falar isso historicamente e no momento presente. Historicamente a gente vê que a medida que os alunos, eu vou falar de ensino médio e de educação física, os alunos do primeiro vêm com uma sede de participação, de motivação impressionantes, no segundo isso se preserva, mas cai um pouco, no terceiro isso cai mais ainda. Eu dou aula para primeiro e segundo anos, atualmente eu estou com um segundo ano de eletrônica que tem uma parte de pessoa com maior participação, uma parte com menos participação, eu

acho que o sistema de educação física nosso, você sabe da minha posição, tem prejudicado isso ao não permitir ao aluno uma opção de modalidade que lhe agradasse mais mantendo-se todos os conteúdos teóricos, mas que parece que agora pode haver uma reversão, tem mais pessoas começando a aderir a essa ideia. Então eu vejo que o aluno chega motivado, chega, isso é bom e isso é ruim o que eu vou falar agora, deslumbrado, com uma escola com tanta liberdade, mas ao mesmo tempo uma escola que exige tanto. E eu faço a advertência aos alunos: - Gente está lotado de bi calouro aqui..., aqui não tem bedel que vai procurar vocês na mesinha de truque, vai procurar vocês no meio do pátio, nenhum professor avisando, oh! Você vai tomar bomba! Mas se você não se cuidar você repete o ano. – Mas de qualquer maneira eu vejo que o primeiro ano chega com mais participação do que os outros anos à medida que vão subindo: segundo, terceiro e quarto ano... porque não tem educação física no quarto ano. Agora eu estou com um primeiro ano de eletrônica que é um negócio fantástico, nossa mas é impressionante. E eu fui ao conselho de classe, foi unânime os outros professores todos também. É uma turma participativa todo mundo animado. E dos últimos anos, um texto sobre lazer e cultura, foi a turma que mais discutiu o texto, porque tem turma que você apresenta o texto, tem duas, três perguntinhas e fica por ali, deu discussão acalorada, turma participando demais, e resultados excelentes na avaliação escrita em grupo. Então assim eu estou impressionado com essa turma, a muito tempo eu não pegava um primeiro ano, ou uma turma tão motivada e homogênea, mas são exceções de ser tão homogêneas. Mas em geral o aluno do IFG ele é um aluno acima da média, eu me lembro quando eu era professor da PUC, o nível de escrita do aluno de ensino médio do IFG, pela seleção rigorosa que é submetido, era melhor do que o aluno PUC. Então realmente eu vejo que ele chega com uma bagagem um pouco maior, que parece que o sistema de cotas agora tem enfraquecido um pouco, mas é uma situação que eu considero necessária também. (O entrevistador reforça a pergunta no seguinte sentido: se o entrevistado consegue perceber o que mais motiva e o que mais desmotiva os alunos dentro deste processo. E o entrevistado prossegue) – A gente trabalha no segundo ano por exemplo com esporte, então eu percebo que... (pequena pausa)... alguns alunos eles têm uma dificuldade ou não querem participar de determinados esportes eu procuro às vezes fazer uma aula paralela, eu faço alguns exercícios localizados, algumas atividades aeróbicas, às vezes para três quatro alunos, fiz um dia desse para uma aluna. Então eu vejo que eles se sentem valorizados porque eles não gostando daquela atividade o professor está passando uma outra situação para eles. Agora que a gente tem aquele recurso das mesas de ping-pong e tênis-de-mesa também, eu às vezes na hora do jogo eu falo: - Todo mundo faz o fundamento, mas na hora do jogo quem não gostar tanto assim, vai para o tênis-de-mesa ou para o xadrez. – Então eu consigo assim, dando uma atenção especial aos alunos, ou variando as opções eu consigo, eu consigo angariar um pouco mais de motivação. Às vezes acontece também, aconteceu com uma aluna semestre passado, ela tinha uma dificuldade absurda no vôlei, e evitava participar, só que como a gente foi trabalhando o fundamento: saque, manchete, toque; ela melhorou a ponto de começar a gostar e de querer participar sempre. Cita o nome da menina e o curso, então isso foi muito bom. Então o que eu procuro é dar uma atenção quase que individualizada para o aluno para a pessoa se sentir bem! E

também procurar variar um pouco, como eu tenho muita facilidade na área de recreação eventualmente eu quebro o planejamento esportivo e faço uma recreação. E variar também as aulas teóricas com texto e data show, procurar essa diversificação vai... deixando o aluno mais interessado e essa atenção de perto vai deixando o aluno... se sentindo mais valorizado.

PERGUNTA ONZE: *NA PERSPECTIVA DO ENTREVISTADO O QUE LEVA O ALUNO A TER OS HÁBITOS E AS CONDUTAS QUE NORMALMENTE ELES TÊM EM SALA DE AULA (EXEMPLO: SER MAIS OU MENOS DEDICADO AO ESTUDO, SER MAIS OU MENOS COMPORTADO, SER MAIS OU MENOS CRÍTICO ETC.).*

- Eu acho que o impacto da instituição pode provocar uma certa visão, um certo comportamento por parte do aluno, eu penso que a influência da família é decisiva para o tipo de aluno que chega, mas o adolescente vive numa esfera de aceitação social, então ele é reflexo do grupo em que ele vive e ele quer ser aceito. A gente sabe disso a gente tinha dezesseis dezessete anos, possivelmente nós tivemos aceitação do nosso grupo porque a gente jogava bem os esportes, então as pessoas queriam estar com a gente porque a gente jogava bem. Mas eu me lembro de sofrer muita pressão dos colegas para beber, então assim era importante beber, porque era a maneira de você ser aceito, e aí eu talvez... pela personalidade, pela formação, eu experimentei, não gostei, e falei: - Não vou beber gente, eu vou ficar junto com vocês... – Cansei de andar com colegas adolescentes que ficavam de fogo em festa e eu na Coca-Cola, como é até hoje (risos). Mas então eu acho que a questão do grupo é determinante, então assim, esses meninos têm: catorze, quinze, dezesseis anos, e estes são os anos nos quais eles tiveram mais da influência do grupo de jovens da mesma idade do que da família, e aí essa influência é determinante. Se era um grupo de pessoas mais interessadas mais envolvidas com o estudo, mais responsáveis, a tendência é seguir esse caminho. Agora, por exemplo, se era um grupo mais afastados desses ideais, ou até ligado... vamos colocar uma situação de bebida em excesso, só como um exemplo, a tendência também desses alunos encaminharem para esse outro lado. Então a gente chega lá no IFG, a gente vê por exemplo, tem o grupinho do truco lá fora, aquelas primeiras mesinhas quando a gente chega são todas do truco..., e as mesinhas de cá são da maconha. A gente sabe, então o que que acontece, pode ter aluno que não goste de truco, ou que não seja adepto de maconha, mas que vai jogar e fumar pela aceitação social. Então eu acho que esse é um fator que determina, não apenas lá no IFG, mas nos anos anteriores, no ensino fundamental: sétimo, oitavo, nono ano, isso é um fator que determina muito o aluno que chega lá. (algumas divagações do entrevistado e do entrevistador que não são pertinentes à pesquisa foram suprimidas neste trecho).

PERGUNTA DOZE: *QUAL A ANÁLISE QUE O ENTREVISTADO FAZ DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR ALUNO.*

- Relação afetiva e de diálogo! E esses adolescentes hoje têm muitos conflitos, então entre aspas, de psicólogo, de poder ajudá-los em alguma situação que os aflija, desde que eles queiram e encontrem liberdade. Então eu vejo que o relacionamento é um

relacionamento assim... mais... na verdade, e aí extrapolando para outras instituições; quando eu dava aula em universidade já aconteceu de aluno serem reprovados e falarem: - Puxa professor! Mas você é amigo da gente, gente boa! – Mas o que tem uma coisa a ver com a outra, eu sou amigo de vocês gente boa, mas você não tirou nota suficiente, ou não fez os trabalhos adequados, não teve o interesse e a participação que precisava ter! – Então assim, isso já foi um problema para mim, era meu grande problema como professor universitário, erra fazer o aluno entender, e até o (cita o nome de um colega de trabalho) falava: - Oh! Ele chama todo mundo de meio quilo, brinca com todo mundo, mas na hora de dar bomba da bomba sem dó. – O (cita novamente o nome do colega anteriormente citado) falava isso para os alunos. Então assim, eu teria duas opções: ou me tornar mais carrancudo, mas autoritário, e aí ninguém questionaria possíveis reprovações, ou continuar com o meu jeito de ser, mas extrovertido mais diálogo, e ter que suportar algum aluno que no final virasse a cara para mim porque foi reprovado; eu preferi essa segunda opção! E acho que vale a pena e consigo seguir com isso, agora... diálogo, relação afetiva, mas também pontuando algumas situações quando elas devem ser pontuadas, então por exemplo: aí já não estou falando de ensino médio, mas eu tive, hoje eu comentei esse caso lá no stand do IFG na pecuária, eu tive uma aluna o semestre passado de lazer e recreação, do Turismo que no primeiro dia de aula ela não soltou do celular minuto algum, e todo mundo ligado na aula porque era primeiro dia, tem até uma curiosidade, eu em relação aos alunos os alunos em relação a mim, aí teve um momento que ela na minha frente a uns três metros, uma roda relativamente pequena, eu não aguentei, nem sei se eu deveria ter falado, mas eu falei o nome dela: - Fulana! Você não solta esse celular de forma alguma, desde que você chegou que você está... encostada nele que você não solta, não dá para você assistir aula desse jeito! – Ah! Desculpa professor! – Depois no final veio conversar comigo nunca mais pegou o celular na sala. Então assim, tem hora que você tem que pontuar. Não quer dizer que você vai ser permissivo, você tem diálogo, afeto, procura até ajudar os alunos com seus problemas particulares, em seus problemas de aprendizado, mas sem ser permissivo! É o meio termo que a gente tem que encontrar!

PERGUNTA TREZE: *SE O ENTREVISTADO CONSEGUE PERCEBER AS ATITUDES E COMPORTAMENTO DOS ALUNOS QUANDO ELES NÃO GOSTAM OU QUANDO GOSTAM DE DETERMINADA METODOLOGIA DE ENSINO.*

- No ensino médio, vamos colocar o mais tradicional como o quadro negro talvez, no ensino médio a muito tempo eu não uso um quadro negro, eu acho que eu não tenho recorrido a metodologias mais tradicionais não, no ensino superior muito pouco mas acontece uma situação ou outra. Mas eu procuro trabalhar, por exemplo: em grupo; essas provas e aulas teóricas do ensino médio eu geralmente quando faço texto eu coloco em grupo pro... eu faço a discussão para todo mundo, mas faço as provas em grupo, eles não podem consultar por exemplo um texto, mas eles podem discutir entre eles, eu acho que é uma situação interessante. Quando eu utilizo as aulas com data show acho que só pelo estímulo visual, apesar que você pode falar que uma aula com data show é uma aula de quadro negro com imagem, se você for olhar por aí ela cairia no tradicional, acho que o

conteúdo é que sai do tradicional, o conteúdo da aula com o data show eu procuro tirar do tradicional, e colocar coisas assim mais modernas, mais ligadas à realidade deles. Então por exemplo, uma vez eu fui falar sobre princípios do treinamento, aí eu coloquei uns cinco princípios do treinamento lá e para cada princípio eu colocava uma foto, às vezes um desenho, às vezes uma foto da própria turma, então assim... eu procuro... se você for olhar a metodologia tradicional não é basicamente o que eu uso, eu procuro fazer umas práticas assim um pouco mais inovadoras, no sentido de grupo, ou no sentido de conteúdos que são utilizados. Mas nenhuma experiência estratosférica não, talvez o que eu não tenha feito ultimamente, eu levava muito os alunos para uma manhã de lazer numa creche com as crianças, “*essa era uma experiência significativa*” (a frase destacada foi dita com mais ênfase), e acima da média, e ultimamente eu não tenho feito isso né, mas preciso voltar a fazer, fazia pro superior e fazia pro médio também. Uma vez eu levei a turma do (Cita o nome de um aluno) e do (cita o nome de outro aluno) aqueles meninos do handebol; os alunos imitaram animais para as crianças as crianças ficaram fascinadas, e os meninos tocando os instrumentos imitando os animais, então foi fenomenal. Pois é, então eu procuro fazer isso, agora eu acho que o que mudou é o interesse final da metodologia que eu utilizo, que por ter mais elementos da contradição da dialética eu acho que eu consigo atingir vertentes mais políticas. Por exemplo: o dia em que eu discuti lazer e recreação com eles, cultura, eu coloquei cultura de massa, cultura popular e erudita, cultura de massa é alvo da indústria cultural, aí você trabalhar a indústria cultural você está trabalhando com elementos do marxismo também, então eu acho que a inovação está às vezes nos conteúdos, nas práticas também, mas não de uma forma radical.

PERGUNTA CATORZE: COMO O ENTREVISTADO PERCEBE A CAPACIDADE DO PROFESSOR DE ENTENDER OS ALUNOS E AJUDÁ-LOS A SE DESENVOLVER NAS SUAS PARTICULARIDADES, E A DOS ALUNOS ENTENDEREM O PROFESSOR NA SUA INTENÇÃO DE CONTRIBUIR NO SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM.

- É possível! É possível. Claro que vai depender... e vai variar de aluno para aluno, com alguns isso ocorre mais facilmente, com outros não ocorre. Mas a facilidade de relação com os alunos, ela vai criando a facilidade do diálogo, porque é uma crítica que eu faço, eu acho que apesar de ter muita comunicação no mundo hoje inclusive de mídia eu não sei se as pessoas estão conversando mais, e se a gente for olhar, ela no máximo às vezes estão conversando, a gente mesmo se a gente não se vigiar a gente está às vezes relacionando com pessoas queridas pelo WhatsApp, aí vem aquela desculpa que o facebook as redes sociais o WhatsApp eles encurtaram distâncias, você localiza pessoas antigas você conversa a distância, mas esse frente a frente aqui igual nós estamos... isso aqui não tem preço. Eu acho que como as pessoas, muito desses nossos alunos eles não têm muita preparação para o diálogo, a partir do momento que encontra um professor... ou professores, que são diferentes... de outros professores ou diferentes da base familiar deles, eles encontram espaço para conversar, eu acho que isso ajuda, eu acho que isso permite aproximações. Agora depende muito da iniciativa do professor também de perceber... por exemplo: eu tenho um aluno lá que estou até em falta com ele porque... ele já criou uns

quatro ou cinco problemas disciplinares e eu fiquei de conversar com ele, sei que ele é problemático de outros anos, e acabou que não conversei com ele ainda, eu preciso fazer isso, eu tenho que fazer isso. E teve uma menina que largou o curso no ano passado, agora voltou, teve depressão e aí eu falei que eu já tive depressão duas vezes (risos um pouco constrangidos), então a pessoa cria uma cumplicidade, se identifica, eu falei: - Olha, não é nada de outro mundo, e passa viu! – Eu falei para ela. Então eu acho que a gente se expor um pouco como pessoa, se despir do papel de professor e se colocar um pouco como amigo ajuda, a gente consegue!

PERGUNTA QUINZE: QUAL ANÁLISE DO ENTREVISTADO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR NA ATUALIDADE.

- (A resposta do entrevistado começa dialogando com a contextualização que o entrevistador faz ao apresentar a questão, e então começa a responder) – Dentro da sua pergunta você colocou situações aí que elas podem... dar uma base de conhecimento, elas podem promover aprendizado através de vídeo aulas de EAD (Educação à distância), eu sempre fui um crítico muito contundente da EAD, principalmente na formação de professores de educação física. Não dá. Mas eu fiz o curso da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) o ano passado aí eu tive umas dez disciplinas lá e tive mais umas oito EAD, e aí para a minha surpresa foram disciplinas interessantes e eu consegui um aprendizado, mas é uma coisa... igual a (cita o nome da esposa) fez o curso de... formou a pouco tempo na gestão pública da Fundação Getúlio Vargas, só que ela ia à Brasília duas vezes por mês para encontros presenciais, duas vezes por mês... uma vez a cada dois meses! E aqui em casa ela assistia às aulas, mas motivada por muito interesse, então eu acho que na sala de aula, muitas vezes, a gente já não consegue motivar todos os alunos quanto mais no ensino a distância, eu sou meio cabreiro assim com isso. Eu acho que nada substitui o contato a presença o... professor em sala de aula. E você perguntou do papel, além de tudo que eu já te falei: da formação humana, da emancipação, para a vida... tudo isso! É o papel efetivo. Eu acho que o professor ele tem como mostrar para o aluno o que que interessa na aprendizagem, a gente já conversou sobre isso que eu vou falar também, então por exemplo: um aluno de eletrônica que faz vôlei... aula... de educação física, não equipe, aula! O vôlei não é o mais importante para construção dele enquanto sujeito, o vôlei não é importante... *“o vôlei”!* (fala esta palavra com mais destaque) especificamente, agora o vôlei é um instrumento para você discutir várias questões que vão constituir-lo enquanto sujeito, então é mostrar que muitas vezes o importante não é aquele conteúdo, mas o que que aquele conteúdo representa, que valores ele traz, apesar de que, aquele conteúdo também é importante no sentido de que no lazer, nas férias se ele quiser jogar um vôlei ele vai ter condições mínimas de se divertir. Mas então o professor situar os contextos, o que que leva a que, o que que é mais importante que o que, para que o aluno. Às vezes eu tenho que falar isso para os meninos, estão competitivos demais! – Gente, o mais importante aqui não é ganhar a aula de futsal, o mais importante aqui é a participação de todos! – Mas nem todo mundo entende a sociedade é muito competitiva e está promovendo isso cada vez mais, então é difícil romper com isso, mas é um dos nossos papéis. (algumas divagações do

entrevistado e do entrevistador que não eram pertinentes à pesquisa foram suprimidas nessa parte).

PERGUNTA DEZESSEIS: *SE NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO O ENSINO MINISTRADO CONSEGUE ATENDER AS EXPECTATIVAS DOS ALUNOS. E TAMBÉM AS DO PROFESSOR.*

- Quando você fez a primeira pergunta se atende às expectativas do aluno eu estava pensando aqui: - Será que ele atende às nossas expectativas? – Eu pensei! Eu acho que não totalmente, eu acho que de uma forma boa, mas não de uma forma ótima ou excelente, basta lembrarmos da gente na faculdade, aprendemos um monte de coisas que nos dão uma direção, mas se não fizermos especialização, não buscarmos estágios, não dá pra ficar só com aquilo ali. Eu comparo com o ensino médio, eu acho que os alunos conseguem uma inserção no mundo do trabalho, eu acho que grande parte deles consegue, como essas meninas do Controle falaram, valores para a vida. Como esse garoto que eu encontrei na Pecuária hoje, que ele falou que a escola mudou a vida dele, a antiga escola técnica, mudou a vida dele em termos sociais, em termos intelectuais, em termos profissionais, como pessoa, então eu acho que a gente consegue. Mas por exemplo, o que eu falei lá no início, de educação como um veículo de emancipação, por ter todo um sistema, por ter toda uma mídia, toda uma estrutura econômica caminhando em sentido contrário, a gente consegue ainda pouco! Até porque grande parte dos professores... tem adesão em relação a esse modelo. Então eu acho que... eu acho que nós na educação física a gente não está conseguindo do ponto de vista técnico motor, tanta coisa porque a gente tem esses esportes fragmentados, aí vem minha defesa do retorno das opções. Então assim... eu acho que as expectativas que o aluno tem... eu acho que elas são atendidas... eu não sei qual é o nível de expectativa e de aspiração deles exatamente, não poderia precisar, mas eu acho que eles chegam e encontram a escola como uma instituição acima da média, a grande maioria acha isso. E sendo assim eles acham que o que eles adquirem ali, o que eles produzem ali, está de bom nível, é a avaliação que eu faço, não sei se estou certo. Agora do nosso lado é aquilo que eu falei talvez do ponto de vista motor ou do ponto de vista político a gente pudesse fazer mais coisas, mas nós temos um sistema que trabalha contra e uma estrutura de educação física que não é a ideal, a organização dele hoje, mas eu acho que em termos afetivos, em termos pessoais, em termos de valores também a gente consegue encaminhar coisas legais também, mas fica no nível do bom! Só para você ter uma ideia, nós temos um professor lá, que o filho dele fazia primeiro ano de edificações, é um professor do IFG e da Católica também, menino inteligentíssimo, melhor aluno da turma um negócio fantástico! Aí o pessoal falou que ele saiu porque achou o ensino fraco. Quer dizer, não atingiu a expectativa dele nem minimamente, mas eu acho que para a maioria atinge, pelo menos em uma boa quantidade e nossa também!

PERGUNTA DEZESSETE: *COMO O ENTREVISTADO VÊ A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MINISTRADA PARA O FUTURO DOS APRENDIZES.*

- Pois é... eu acho assim que... vamos lá... você tem... não sei se vai ser o melhor exemplo, mas já... já tenho um exemplo aqui! Você tem a indústria da construção civil, então o nosso aluno do IFG por exemplo, vou falar do IFG um pouco depois eu falo... do ensino médio como um todo. O nosso aluno do IFG que faz edificações ele com certeza adquire uma base teórica para como técnico em edificações se inserir nesse mercado, acho que se ele procurar uma verticalização para engenharia civil, ele já vai ter uma base e vai ser bem sucedido. Acredito também que em parte, ou na sua maioria, esses alunos vão adquirir ali, valores éticos e morais interessantes para a vida em sociedade, mas aquela questão emancipatória ela é pouco contemplada por não ser o ideal de vários professores, ou porque mesmo sendo o ideal de vários professores... a todo um sistema, principalmente de mídia, caminhando em sentido contrário, então a gente consegue a formação de um aluno para a profissão para a vida, nesse sistema que aí está, não esquecer disso, nós estamos formando para esse sistema que aí está, o que se você for pegar aí em Adorno, Horkheimer nos textos sobre a teoria crítica... é formar para o sistema que aí está não é formação, a formação seria para uma transformação, seria pela via da emancipação. E acho que a situação se agrava quando você pega o ensino médio como um todo, se você pegar muitas vezes a rede estadual você não tem as condições ideais de trabalho, como a gente acabou de falar, se você pega uma rede privada voltada só para o ENEM (exame nacional do ensino médio) é uma avalanche de conhecimentos padronizados para se passar numa prova. Aí valores humanos e sociais se perdem, questão emancipatória passa longe, e aí de repente o único ganho que você vai ter... é conseguir entrar numa faculdade. Que parece pouco né, você entrar num colégio.... nossa conseguiu entrou num colégio e passou para a faculdade. É pouco! É pouco! Para quem quer uma formação mais ampla, mais crítica é pouco, então eu acho que a nossa instituição ainda é acima da média, ainda consegue fazer grande parte desse percurso... orientando o aluno, mas as outras instituições não acredito muito não!

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 09.

PERGUNTA UM - *QUAL O CONCEITO DO SUJEITO SOBRE O QUE É EDUCAÇÃO.*

- Bem... eu considero educação como fator essencial, como um combustível essencial para a formação do ser humano, a formação do homem como pessoa, como agente social, a formação profissional dele. Considero a educação como o eixo norteador, até mesmo como a formação cultural, tudo isso a educação tem... engloba toda essa parte.

PERGUNTA DOIS: *QUAL O OLHAR DO SUJEITO SOBRE A EDUCAÇÃO FORMAL E O ESPAÇO DA ESCOLA.*

- Bem... dentro do nosso país o... eu vejo que, apesar da constituição... garantir direito de todos pela educação, infelizmente esse direito é negligenciado, e muitas vezes, na grande maioria das vezes, vamos dizer assim, essa educação oferecida é de baixa qualidade.

Então nós podemos dizer assim, que educação nós temos, na maioria nós temos no país, mas infelizmente a qualidade é baixa.

PERGUNTA TRÊS: *SOBRE A VISÃO DO ENTREVISTADO A RESPEITO DA INFLUÊNCIA DESTE PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM NA VIDA E NA FORMAÇÃO DO ALUNO.*

- Eu acredito que duns cinquenta anos para cá a nossa sociedade com o advento da tecnologia, o advento tecnológico desenvolveu bastante, e muitas vezes a ferramenta educacional fica na mesma...velocidade. Eu não estou dizendo que não desenvolveu, porque houve um desenvolvimento sim, mas não na mesma velocidade, então eu acredito que o aluno hoje ele tem um ritmo diferente do que é proposto pela escola. Muitas vezes o que a escola está propondo, de certa forma não é interessante para o aluno, e o aluno também, por outro lado ele não tem aquela maturidade de saber que ele precisará daquelas ferramentas para a construção científica dele, para a construção formal e científica dele. (O entrevistador faz uma provocação para aprofundar um pouco no ponto de vista do entrevistado, e pergunta quais os pontos mais positivos e os mais negativos que ele vê no processo ensino aprendizagem oferecido. E o entrevistado prossegue) – Eu acredito que uma coisa que vale a pena... que tem se perpetuado e que vale a pena continuar... se perpetuando, é a possibilidade de ser uma pessoa melhor, ser uma pessoa mais crítica, uma pessoa que tem os olhos mais abertos e que possa dar opiniões mais consistentes na sociedade em que vive. E da mesma forma estar bem mais preparada para o mercado de trabalho. Eu acho que viver numa sociedade capitalista o fomento do trabalho é um bom combustível para o aluno querer sempre se esforçar, querer sempre uma posição melhor!

PERGUNTA QUATRO: *COMO O ENTREVISTADO VÊ O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM PARA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ENQUANTO TRABALHADOR.*

- Sim! Eu acredito que o que nós conseguimos oferecer serve como alavanca para o aluno conseguir uma posição melhor no trabalho, nós sempre vemos pessoas que estão já trabalhando..., que se quer melhor salário, quer uma melhor situação ela tem que estar estudando, estudando, estudando. Então o ensino médio, a escola básica que é o que trata a pesquisa, não é isso? Então mais ainda, aí a educação é como uma alavanca mesmo. Agora o que nós oferecemos em sala de aula aqui, como eu disse é a base. Tudo aquilo que a gente ensina... é o mínimo que o aluno necessita.

PERGUNTA CINCO: *SOBRE A TRAJETÓRIA DO INDIVÍDUO E O QUE O TRAZ À CARREIRA DE PROFESSOR.*

- O que me traz a... ser professor, é que eu venho de uma família de professores, a minha mãe é professora, as minhas tias são professoras, então aí eu já venho de uma família de professores. Então, dentro da minha casa é comum esse tipo de coisa. Então quando eu cheguei no ensino médio eu me sentia um pouco perdido no que eu iria prestar, a minha mãe ela sugeriu fazer o curso de matemática, que é o curso que eu sou formado..., porque

eu tinha uma certa facilidade em matemática, e aí a partir do momento que eu entrei acabei me apaixonando pelo curso. Venho estudando... em contra partida, para tirar o sustento da família leciono também, leciono matemática. Tenho gostado de lecionar matemática, tem vinte e dois anos que eu estou na área. Vejo que eu tenho muito a contribuir, e também vejo que ainda tenho muito o que melhorar na educação.

PERGUNTA SEIS: *NA VISÃO DO ENTREVISTADO QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM PROFESSOR PARA CONSEGUIR CONTRIBUIR COM EFICIÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.*

- Eu acredito que existem duas características que são fundamentais: em primeiro lugar eu considero o conteúdo, o professor tem que ser bem formado, ele tem que saber do que ele vai ensinar; e em segundo lugar eu considero a didática. Em pesos assim não equivalentes vamos supor, a didática é muito importante, mas não tão importante quanto o conteúdo, o conteúdo é **muito** (alonga a fala desta palavra para dar destaque) importante. Eu considero numa questão de sessenta por cento conteúdo, quarenta por cento didática.

PERGUNTA SETE: *NA VISÃO DO ENTREVISTADO, QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM ALUNO PARA CONSEGUIR SE DESENVOLVER BEM DENTRO DESTA PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.*

- A característica que eu acho mais importante do aluno é ele querer aprender, eu acho que querer aprender é o principal que o aluno tem, e as coisas depois vão se ajustando. Então ele querendo aprender a gente organiza uma didática diferenciada, você organiza o tempo, mas... essa sede tem que vir do aluno. Eu considero, só fazendo um parênteses, um erro... eu nunca... pelo menos na minha vivência, eu nunca percebi, eu sempre percebo que as pesquisas que eu já tive contato, como eu quero ressaltar, elas partem do princípio que o aluno quer aprender.... e eu acho que hoje em dia deveria ter uma pesquisa, igual à que você está fazendo aí, se o aluno quer aprender, sabe? Se aquilo que está sendo proposto ele quer aprender, e eu acredito que talvez o resultado 'possa ser surpreendente!

PERGUNTA OITO: *O QUE MAIS LHE MOTIVA E O QUE MAIS LHE DESMOTIVA NA CARREIRA DE PROFESSOR.*

- Em sua maioria os alunos vêm motivado, em sua maioria, não dá para dizer que eles vêm desmotivados, mas a parcela de alunos desmotivados tem aumentado nos últimos anos. Agora, porque que eles tem ficado assim desmotivados, como a gente diz, porque muitas vezes talvez não tenha a ver o que ele quer com o conteúdo, que está sendo proposto, e ele não tem a maturidade, mas também existe uma outra ideia que está voando também, que é a ideia que a pessoa, vamos dizer dentro da sociedade capitalista para a maioria das pessoas ter sucesso é ganhar dinheiro, então existe uma ideia rolando e essa ideia em certa parte é verdadeira, você estudar não é garantia que vai te dar dinheiro. Isso também é verdadeiro, não te garante nada! E você consegue alguns expoentes com isso. O criador do UBER ele não tem nenhum carro, mas só com uma ideia, o criador do IFOOF, o criador do FACEBOOK, o criador... mas só que a gente não pode esquecer que eles são

expoentes, eles s̃o pontos fora da curva, ño é? Eles ño acordam todo dia tendo uma ideia, ent̃o assim a grande massa, a maioria mesmo está trabalhando. Ent̃o a gente tem que tentar mostrar isso para o nosso aluno, sem privar... as ideias dos alunos!

PERGUNTA NOVE: *NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO O QUE MAIS MOTIVA E O QUE MAIS DESMOTIVA O ALUNO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.*

- O que mais motiva é a utilizaç̃o prática, como ele pode usar aquilo ali, como aquilo ali vai render para ele? Ño é? Ent̃o é isso! O que mais desmotiva é exatamente o contrário, ele ño vê aplicaç̃o daquilo, para que que eu vou ... o aluno tem uma... coisa... que o aluno fala que é interessante principalmente para nós professores de matemática, ele fala assim: - Para que que eu ou usar isso na minha vida? Professor onde que eu vou usar isso na minha vida? – Você está ensinando, suponhamos binômio de Newton, binômio de Newton é uma matéria que dificilmente será aplicada, ela tem aplicaç̃o dentro da própria matemática, e ela dificilmente será aplicada, aí você está lá ensinando, o aluno fala: - Professor onde que eu vou usar isso na minha vida? – aí você volta a pergunta para ele: - O que que você vai ser? – Ele ño sabe o que que ele vai ser! Se ele for um engenheiro ele vai usar muito! Se ele for um advogado talvez nunca use! Ño é? Ent̃o primeiro vamos definir, o que que ele vai ser? Ent̃o como ele ño sabe, e ño está na hora de decidir o que que ele vai ser, ele tem que ter aquela base geral, para que aquilo possa projetá-lo a realizar os sonhos dele! Eu acredito assim.

PERGUNTA DEZ: *NA PERSPECTIVA DO ENTREVISTADO O QUE LEVA O ALUNO A TER OS HÁBITOS E AS CONDUTAS QUE NORMALMENTE ELES TÊM EM SALA DE AULA (EXEMPLO: SER MAIS OU MENOS DEDICADO AO ESTUDO, SER MAIS OU MENOS COMPORTADO, SER MAIS OU MENOS CRÍTICO ETC.).*

- É a valorizaç̃o social, s̃o os valores que a sociedade coloca. Que aí muitas vezes nós nascemos e escutamos chamar aquele cara que estuda bastante de CDF, de que ele é um cara feio, uma menina feia, que usa óculos e enfim... E o por outro lado aquele cara que ño estuda, que leva a vida na flauta, vamos dizer assim ele é um cara popular descolado, ent̃o s̃o os valores sociais. Os valores sociais que ṽo influenciar nessas coisas. Nós percebemos que... e ouvimos falar que nos países asiáticos... onde a educaç̃o é cobrada e bastante valorizada, os alunos têm uma dedicaç̃o maior.

PERGUNTA ONZE: *QUAL A ANÁLISE QUE O ENTREVISTADO FAZ DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR ALUNO.*

- Na minha experiência particular, que é o que você está interessado, eu sempre tive muita facilidade na relaç̃o professor aluno, porque como eu disse... sou filho de professor e logo que eu comecei o curso de matemática, pela necessidade de professores de matemática ser muito grande, logo eu comecei a lecionar matemática também na escola pública, na rede pública. Ent̃o eu tinha... dezoito anos, comecei bastante novo... os alunos tinham dezesseis dezessete anos, éramos quase da mesma idade. Ent̃o eu sempre... tive primeiro uma dificuldade em domínio de sala de aula, mas ño teve muito problema. Mas a

relação professor aluno deve ser na minha opinião, e sempre foi, acredito porque eu comecei muito cedo, mas uma relação muito de amizade de companheirismo, nós estamos aqui no mesmo barco. Porque... ele crescendo eu cresço junto, não é verdade, meu aluno crescendo, eu também cresço junto, porque eu vou ter uma sociedade melhor, uma sociedade que vai valorizar o professor. Então eu acredito que a relação tem que ser uma relação de... companheirismo!

PERGUNTA DOZE: *SE O ENTREVISTADO CONSEGUE PERCEBER AS ATITUDES E COMPORTAMENTO DOS ALUNOS QUANDO ELES NÃO GOSTAM OU QUANDO GOSTAM DE DETERMINADA METODOLOGIA DE ENSINO.*

- Sim! O como funciona nas minhas aulas é o seguinte, eu sou professor de matemática, então eu defendo muito a linha clássica e a matemática precisa daquele rigor dela, então eu defendo a linha tradicional; só que como eu também sou cientista matemático eu incorporo outros elementos ali dentro. Problemas atuais, sejam eles na computação, na engenharia, na dinâmica de populações, até mesmo na bolsa de valores, então todos esses lugares onde a matemática ela está aplicada. Eu tenho como retorno um grande aumento do interesse dos alunos, mas aquela primeira forma, o primeiro contato, no meu jeito ele é a visão tradicional. (O entrevistador reforça a pergunta no sentido de saber como o entrevistado percebe a reação dos alunos quando eles se identificam mais ou quando não se identificam com uma determinada metodologia – e o entrevistado prossegue) – Nós viemos do eixo histórico de educação tradicional, então quando você emplaca o que o aluno já conhece você tem uma certa facilidade, porque ele sabe como funciona. Agora eu não tenho dificuldade eu acho que eles gostam.

PERGUNTA TREZE: *COMO O ENTREVISTADO PERCEBE A CAPACIDADE DO PROFESSOR DE ENTENDER OS ALUNOS E AJUDÁ-LOS A SE DESENVOLVER NAS SUAS PARTICULARIDADES, E A DOS ALUNOS ENTENDEREM O PROFESSOR NA SUA INTENÇÃO DE CONTRIBUIR NO SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM.*

- Sim! É possível sim! Dentro da matemática você está ali, você está explicando, você olha para o aluno ele está voando, tá voando isso é comum; então convém dar um passo para trás..., dar dois passos para trás, muitas vezes você faz um passo rápido porque, suponhamos que tem uma parte da turma que tem uma grande facilidade. Aqui no IF a gente, vamos supor, vou dar aula no curso... vou dar um exemplo: de eletrotécnica... onde a maioria dos alunos gostam de exatas e aí o que que acontece, a turma flui rápido, e aí, muda o sinal você vai entrar na turma de controle que o aluno tem um olhar mais para o lado biológico da coisa. Então se você vem naquele ritmo você percebe que não funciona, não funciona, convém você dar uns dois, três passos para trás, trazer aquela turma e chegar ela onde é desejado (algumas observações não pertinentes ao assunto foram suprimidas neste trecho).

PERGUNTA CATORZE: *SOBRE COMO O ENTREVISTADO ANALISA AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DO PROFESSOR NO PAÍS.*

- Eu vejo, como eu citei anteriormente, é muito deficitário, porque se a gente for ver, for ler as pesquisas, as últimas pesquisas, os piores alunos da sala querem se tornar professores, não vou dizer querem, se propõe a tornar professores. Se a gente for pegar nossos alunos de graduação, de matemática, física, você percebe que eles chegam com um grau muito baixo, então... você tem que espremer, mas é uma coisa assim, o aluno entra ruim, mas sai bom. Então... isso aí... eu estou citando isso porque vem de como a educação é vista. Como ela é má vista, não é isso, as pessoas não querem se identificar. Deveria ser o contrário, os melhores alunos deveriam ser os professores, os melhores alunos ser os professores, isso alavancaria muito mais rápido a educação. Então... essa falta de apoio à educação, esse apoio não é só dinheiro não, é o apoio cultural mesmo... falo assim: - Poxa... você trabalha ou só estuda? - A pessoa fala essas coisas, então é...: - Eu estou estudando para concurso! - Ah! Então você não está trabalhando? - Então as coisas infelizmente são assim! - Até quando você vai estudar? - Vai ficar vivendo vida de menino? - Então... é muito má visto, e isso influencia muito negativamente. Porque isso daí, não tem como a gente ficar cobrando lá: - Vai cortar o gasto da educação, a está, isso é muito ruim lógico isso é muito ruim. Mas e nós mesmos como nós vemos a educação, como esse tanto de gente que protestou vê a educação. Porque isso... os políticos lá somos nós, são nossos representantes, somos nós... somos nós que colocamos eles lá. E isso foi alguém que escolheu e o pessoal começou a votar, não é hereditário. (Alguns breves comentários sobre a questão foram feitos neste trecho e em seguida o entrevistado prossegue) - Agora esse daí também é um problema... existem pesquisas..., tem até uma interessante que fala assim, foi aplicado com brasileiros, e aí o problema, a primeira pergunta é a seguinte: quais são os maiores defeitos do Brasil? E aí coloca: corrupção, violência, tal, tal, tal esses são os que foram elencados. Quais são as maiores... qualidades do brasileiro: é amigo, é alegre, é companheiro tal, tal, tal, tal. Aí você junta as duas, como que um povo que é amigo, é alegre, é companheiro vive num país que é corrupto, se o país é formado pelas pessoas? É o problema. Se é o outro eu meto o pau, mas se é em mim...?

PERGUNTA QUINZE: *SE NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO O ENSINO MINISTRADO CONSEGUE ATENDER AS EXPECTATIVAS DOS ALUNOS E TAMBÉM AS DO PROFESSOR.*

- Eu acredito que sim! Eu acredito que o conteúdo programático ele possibilita isso. Se nós formos falar em questão de ensino médio, o aluno entra na sala em sua maioria querendo ter uma boa nota no ENEM. Em sua maioria, infelizmente ele deveria querer ser uma pessoa melhor, e isso daria uma boa nota para ele no ENEM! (risos). Mas ele quer uma boa nota no ENEM, para ter um bom emprego para ganhar bem, para poder ser uma pessoa melhor é o contrário. Mas assim, o que eu vejo, aquele conteúdo ali ele possibilita sim o aluno ter uma boa formação. Na graduação... o conteúdo em si a metodologia ele possibilita, é lógico que poderia ser melhorado, poderia principalmente ser trabalhado mais problemas do cotidiano, essas coisas, mas em suma sim! (o entrevistador reforça a pergunta das expectativas dele como professor, se a resposta estaria na mesma perspectiva da que foi apontada para os discentes - e o entrevistado prossegue) - Eu acredito que sim!

PERGUNTA DEZESSEIS: COMO O ENTREVISTADO VÊ A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MINISTRADA PARA O FUTURO DOS APRENDIZES.

- Eu, falando da minha experiência..., meu pai era trabalhador rural, minha mãe professora, então a educação... hoje eu sou doutor em matemática funcionário público federal, e já viajei para outros países, graças à educação, ao estudo matemático. Então, eu acredito que a educação ela é um fator transformador de vidas mesmo, ele transforma vidas. Então ele pega a pessoa, e faz dela uma pessoa diferente. Mas isso em matemática? E como pessoa? Como que a pessoa que estuda ela pode se transformar, porque isso também não é garantido, não é garantido pessoa que estude seja uma pessoa educada na completude, porque a pessoa pode ter vários diplomas, e mesmo assim ser arrogante, ser egoísta, ter enfim todos esses adjetivos. Então assim eu acredito que a educação ela é o Y zero, ela é o padrão inicial ali, essa educação escolar, onde a pessoa vai começar a conviver em sociedade. Se relacionar com os outros, ter aquele apoio ali do professor, aquele companheirismo..., aquele compromisso de ter que ir para a escola. Tudo isso é um agente formador do cidadão. Além disso, essa educação não deve cessar quando o aluno terminou a universidade... ou o ensino médio... mesmo que seja profissionalizante. Isso deve ser ensinado ao aluno, que ele deve sempre buscar ampliar sua formação, para ele ser uma pessoa melhor e a partir daí conseguir um emprego melhor, e assim oferecer melhores condições de vida para os seus familiares, para a sociedade que ele vive, enfim!

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 10.

PERGUNTA UM - QUAL O CONCEITO DO SUJEITO SOBRE O QUE É EDUCAÇÃO.

- Pois é! Na questão da educação temos que enxergar o país onde a gente se encontra; o local que a gente se encontra desse país. Porque eu vejo muitas discussões com relação ao que seja educar, ao que seja educação, e aí eu vejo a gente formatado: dentro de um programa dentro de uma diretriz, dentro de um parâmetro, dentro de uma base nacional e isso acaba prendendo muito a gente. Eu acho que nós na condição de professor precisamos levar para... essas crianças que estão chegando nesse universo, o universo da escola, que é diferente do mundo lá fora, apesar de sofrer tudo que sofre lá fora, mas é um mundo diferente. Então eu acho que ele deve vir com a ideia de que vamos trazer... esse ser humano, que entra na escola com três, quatro, cinco, seis anos para esse mundo do pensamento, esse... mundo do pensar. Então entendendo a educação como uma forma de enxergar o mundo, que te possibilite fazê-lo com os olhos que sejam seus, e não os olhos dos outros, e que ela seja desenvolvida de tal forma que possibilite que as pessoas consigam parar refletir, analisar e atuar. Então eu acho que a nossa educação hoje não passa por aí, mas para mim educação é isso... possibilitar que todos adentrem a esse mundo da melhor forma possível, porque é o tipo de questão que a gente não pode esperar. Como se diz a educação familiar é uma coisa, a educação da sociedade outra coisa, “*mas a educação escolar...*” (fala essa frase com ênfase). Aí o pessoal fica assim: - Mas a educação escolar não tem que educar só tem que ensinar! – Não! É educação escolar, o que é diferente da

educação familiar, ele não tem que ensinar o menino onde que ele joga lixo, mas eu tenho que trabalhar com ele o que que esse resíduo sólido significa, de onde ele vem, que questões ele transporta junto com ele, o que que isso significa para a vida dele enquanto ser social. Então a educação para mim é isso... escolar, diferente da outra educação.

PERGUNTA DOIS: *QUAL O OLHAR DO SUJEITO SOBRE A EDUCAÇÃO FORMAL E O ESPAÇO DA ESCOLA.*

- Nós aqui vivemos uma situação diferenciada! (Se refere ao IF) Então como eu tive possibilidade de ser professora da escola municipal, da escola pública estadual, de escolas particulares, e depois na antiga Escola Técnica, hoje o IFG, e também mestrado... essa questão toda que me possibilitou estar aqui dentro. Aí... eu fico vendo o que que está acontecendo com... a formação desses alunos. Eu acho que, voltando à questão do Brasil continental, nós vivenciamos uma realidade e que ela é diferente de outros lugares no Brasil, ela não é menor, as pessoas precisam entender isso, ela só é diferente. Então tem uma série de questões que podemos trazer para o nosso dia-a-dia da sala de aula que ela pode ser completamente diferente do que é colocado em outras regiões do nosso país. Nasci, fui criada e estudei lá, fiz graduação em São Carlos para depois vir para cá. Então não que seja um mundo melhor, muito pelo contrário eu amo aqui, eu acho que aqui estamos mais aberto sabe, pois somos mais novos! Eu acho que poderíamos olhar os erros dos outros e não cometê-los aqui, e aí a acabamos cometendo os mesmos erros; querendo como se diz, uniformizar a questão, querendo colocar todo mundo no mesmo patamar. Aí vemos a questão das avaliações que são complicadas! Eu brinco muito com aluno, eu falo: - Olha, eu não estou aqui para discutir determinadas questões, eu estou no Goiás (e fala de uma forma mais típica do cidadão goiano do interior) então nós vamos falar de pequi, nós vamos falar de cerrado, nós vamos falar dessas águas, nós vamos falar de soja, nós vamos falar de milho, nós vamos falar de cana, nós vamos falar do que é próprio da nossa região com todo esse viés da ciência. – Isso não significa que essa discussão diferenciada vai fazer com que o aluno aprenda menos. Então me preocupa muito, principalmente esse nosso aluno que é do curso técnico, eu acho que eles estão chegando hoje aqui na nossa instituição muito criança, porque isso é próprio dessa geração. Eu não digo que eles são diferentes do que eu era, mas nós tínhamos... umas cobranças diferenciadas de responsabilidade na família que me fazia ter certeza que eu tinha que ir para a universidade e para o mundo do trabalho; hoje para eles nem tanto, é outra coisa. Mas precisamos ver quem é esse aluno, conversar com ele, dialogar..., porque eu vejo muito isso, vem coisa pronta, vem de cima, vem ordens, mas o ser humano, que é o sujeito da nossa vida..., digamos assim, que é o aluno, ele não é visto! Isso me preocupa bastante.

PERGUNTA TRÊS: *SOBRE A VISÃO DO ENTREVISTADO A RESPEITO DA INFLUÊNCIA DESTE PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM NA VIDA E NA FORMAÇÃO DO ALUNO.*

- Eu acho que a gente oferta pouco perto do potencial deles. Isso me incomoda muito, sempre me incomodou muito! Eu acho que a gente é pouco ouvido enquanto

professor. Eu acho que as pesquisas que a gente desenvolve aqui, porque como eu participo do mestrado na área de ensino, eu vejo o tanto que a gente tem professores com potencial incrível, mas por exemplo as nossas pesquisas elas são inclusive desqualificadas, dentro da própria instituição, existe toda uma leitura muito distorcida do que seja o mestrado profissional em ensino, o que esse mestrado potencializa ao professor que está em sala de aula, que é para ele esse mestrado! Então eu vejo que somos pouco ouvidos, pouco lidos, nossas posições são pouco consideradas. Então para mim não interessa se o artigo foi publicado numa revista C, ou se ele foi qualificado numa B5. Quando leio um artigo, um trabalho escrito por um professor que está lá em Guaporé, está lá em Ceres, está lá não sei onde..., está lá em Barra do Garças, lá em Tupaciguara... sei lá onde é que ele está! Que eu leio aquele artigo e falo: - Gente, mas que interessante essa leitura desse professor! – O que que ele está fazendo lá! Então não me interessa se é um artigo “A”, me interessa olhar o que este professor está fazendo, como ele está permitindo que esse aluno... se construa a partir do seu trabalho de professor. Então eu acho que o nosso professor trabalha muito, é pouco ouvido, e aí essa coisa que sempre vem de cima, e essa cobrança que vem para cima da gente de que o professor dito pesquisador entre aspas... vem essa cobrança e a gente não consegue ser professor do jeito que a gente gostaria de ser para esse aluno que a gente tem. Então o que eu posso trabalhar com esse aluno, então eu fico muito mais preocupada com o conteúdo, com aquela programação que eu tenho que encerrar... com aquele livro que eu tenho que cumprir... – Nossa eu tenho que dar conta de dar esse livro, esse livro enorme... aqui tem muita coisa! – Mas não é isso, e aí a gente não trabalha o que deve ser trabalhado, **o que é aprendizagem?!** (fala essa frase com ênfase) Como é que eu ensino? Como é que esse aluno aprende? Ele aprendeu? Não! Então vamos voltar atrás! Por que você precisa ir para frente se o aluno não aprendeu? Então eu tive já embates incríveis com professores que...: - Mas o menino ficou dois meses sem aula! – Ah! Mas eu tenho que completar o conteúdo! – Mas ele não está entendendo nada! – Mas eu tenho que completar o conteúdo! – De que adianta? – Mas eu tenho que completar o conteúdo! O que que adianta? Então eu acho que de ponto positivo está o professor, se bem trabalhado, que a gente não tem formação continuada. Se esse professor tiver uma formação continuada será um excelente professor. Entendendo que esse aluno é... **o que temos para o momento!** (fala essa frase com ênfase) Como dizia Clélia Brandão! Não é o aluno que eu quero, porque o que eu quero não precisa de mim, ele anda sozinho! É o aluno que eu tenho! É esse aluno que eu tenho, então como é que eu trabalho o potencial dele? Então onde eu vou nessa busca? Mas eu preciso estar preparado para ser esse professor. Então eu vejo muito isso na base nacional comum curricular, para mim ela é para um professor que não existe! Então isso é o aspecto negativo! (risos).

PERGUNTA QUATRO: *COMO O ENTREVISTADO VÊ O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM PARA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ENQUANTO TRABALHADOR.*

- Me preocupa muito... o ensino não profissional, o ensino regular como a gente tem. Eu também trabalho no PIBID (Programa institucional de bolsas de iniciação à

docência)! Oriento no PIBID, então eu estou sempre em contato com a escola pública! Do estado, em específico do ensino médio. E eu vejo muito que... por exemplo, não temos... a escola pública hoje ela não tem condições de colocar o aluno numa universidade federal ou mesmo aqui no Instituto, em função da forma como eles são avaliados, por isso me preocupa muito o fim das cotas, muito. Eu acho que a situação teria que ser invertida. No meu caso por exemplo quando eu fui fazer ensino médio, que à época era segundo grau, a gente passava por uma avaliação, e uma das notas que valia de zero a dez era a declaração de rendimento do pai, dos pais! Quanto menor o valor desse recurso maior era a minha nota. Então por exemplo eu fui aprovada numa escola considerada boa, porque meu pai pagava pouco imposto porque meu pai tinha uma renda baixa! Então eu vinha de uma classe média baixa, e aí eu tinha colegas de classe média alta e classe alta e foram reprovados! Tiveram de ir para a escola particular, então para mim, isso foi um grande mérito, eu me senti assim engrandecida pelo fato de poder estudar numa escola estadual considerada boa, pública, porque realmente eu tinha o mérito de não ter uma condição financeira para pagar uma escola particular. E isso para mim foi importante, porque eu me dediquei muito. Eu era atleta, eu nadava e eu tinha o maior orgulho de nadar pela escola, de representar a escola, porque eu achava que a escola me valorizava, me valorizou por ser pobre! Sabe! Então eu fico vendo que... e eu não entendo... porque eu sou professora de uma instituição particular (Refere-se ao fato de ser também professora da PUC-Go – Pontifícia Universidade Católica de Goiás) de nível superior, e eu sofro muito também porque meu aluno é muito trabalhador, ele ganha pouco e ele está pagando para estudar! Trabalha o dia inteiro para estudar à noite e eu não me conformo com isso, isso me adoece. Então eu vejo que a escola pública ela fica fazendo uma camiseta no terceiro ano, com o objetivo do aluno; então aquele monte de aluno que coloca, manda colocar na camiseta que curso que ele quer fazer no nível superior e aquilo me dá um mal estar tão grande porque eu tenho pena daquelas crianças porque aquilo é uma ilusão, ele não vai conseguir! É muito complicado, e aqui a mesma coisa. Então eu fico vendo que eles lá não estão preparados para o mercado, porque parece que o objetivo da escola pública não é esse, eu não discordo disso eu acho que você tem que preparar para o mundo. Então eu não o vejo ser preparado para nada! Eu sinto muito isso, e nós aqui que somos uma escola profissionalizante, que deveríamos estar trabalhando para um mercado específico, porque eu entendo que quem veio para cá sabia para onde estava vindo, a gente também não prepara! Apesar de que eu vejo os melhores alunos que eu tenho lá nessa instituição particular à noite, que têm os melhores salários são os que saíram daqui. Primeiro que os que saíram daqui conseguiram altas notas no EMEM, e conseguiram bolsa PROUNI (Programa Universidade para todos) lá, então alguns não trabalham e conseguem ter um rendimento acadêmico muito bom. Os que continuam estudando à noite, trabalham de dia, mas trabalham nos melhores empregos! Têm os melhores salários, porque eles saíram daqui, então de uma forma ou de outra a gente está conseguindo melhorar, esse aluno. Colocá-lo de alguma forma no mercado de trabalho, mas ao mesmo tempo a gente não possibilita que ele faça uma universidade pública ele tem que ir para uma particular porque a pública não tem à noite. Às vezes é porque não tem o curso que ele quer... enfim! Eu preciso dar essa opção para ele, ele não

pode ser obrigado a fazer um curso X porque é o único que tem à noite. Entýo ainda é muito complicado, eu acho que ainda está... muito difícil!

PERGUNTA CINCO: *SOBRE A TRAJETÓRIA DO INDIVÍDUO E O QUE O TRAZ À CARREIRA DE PROFESSOR.*

- Olha, eu venho para essa profissýo igual para tudo o que fui na minha vida! Eu nýo sou uma pessoa de sonhos, e nem fico achando assim: - Ah! Eu vou fazer isso vou fazer aquilo! – A minha vida sempre foi muito assim, as coisas foram acontecendo. Eu sempre... aprendi... nýo sei! É o meu perfil, as coisas acontecem. Mas ao mesmo tempo de uma educaçýo familiar que me colocou a abertura da visýo para o mundo, naquela ideia de que a oportunidade nýo bate duas vezes à sua porta. Entýo para que você estivesse sempre alerta e observando tudo! Eu sou muito curiosa! Entýo observando tudo... onde eu vejo oportunidade eu caio. Entýo eu lembro que quando eu fui para Sýo Carlos eu fui... por acaso, porque eu queria fazer geologia, aí eu descobri depois que eu vim para cá que eu fui trabalhar com mineraçýo, que a última coisa que eu poderia ter feito é geologia, porque eu nýo consigo saber entender nem uma bússola, eu sou terrível eu nýo tenho noçýo espacial nenhuma, eu sou um desastre, acabou o GPS acabou a (diz o nome dela - (risos). Entýo nessa situaçýo quando eu vi que havia passado na universidade, que eu vi meu nome, sabia que nýo tinha outra opçýo, que nýo tinha como voltar atrás. Porque eu era a primeira da família, numa universidade federal, super bem falada, UFSCAR (Universidade Federal de Sýo Carlos), como que é você nýo vai. Quando eu cheguei lá na universidade que eu vi aquele mundo, aquela grandeza, aquela qualidade, falei mas eu nýo saio daqui nunca! Nunca! Era uma universidade nova, nossa... tinha de tudo: eu tinha piscina, eu tinha quadra, eu tinha ginásio de esportes (risos), eu tinha campo de futebol... tinha tudo, entýo... para ex-atleta aquilo para mim era um sonho, porque o pé dentro da água tinha que ter! (risos). Aí a biblioteca maravilhosa, professores incríveis, a universidade estava começando, entýo os professores tinham um relacionamento com a gente incrível, eu me sentia em casa, em casa. Tanto que quando eu estava no começo do segundo ano eu prestei vestibular de novo porque eu achei que eu queria farmácia e passei na USP (Universidade de Sýo Paulo) de Ribeirýo, como a UFSCAR começava as aulas em março e a USP de Ribeirýo em fevereiro, eu fui para Ribeirýo, desisti! Entreguei a minha vaga e voltei correndo para Sýo Carlos, ninguém acreditava: - Como você vai largar a **USP** (fala o nome da universidade de forma acentuada) de Ribeirýo? Farmácia? – Falei: - Minha amiga a hora que você pisar a UFSCAR você fala daqui eu nýo saio! – Laboratório... tudo! Entýo quando eu vejo a falta que a gente tem de tudo isso, eu fico vendo o quanto tudo isso faz a diferença, porque fez a diferença para mim. Entýo quando eu cheguei naquele mundo maravilhoso, falei: - Que que é isso, aqui tem conhecimento para tudo quanto é lado! – E aí foi, depois eu saí de lá eu fui trabalhar (o entrevistador faz a seguinte pergunta: e isso na química? – a entrevistada prossegue) – Na química! Na época era licenciatura em ciências com habilitaçýo em química. Quando eu estava terminando, lá pelo meio do segundo ano por aí, começo do terceiro, eu tive a oportunidade de conviver com a engenharia de materiais, que eu tinha uns colegas lá, fui para dentro do laboratório, nossa aí que eu nýo queria sair mesmo!

Aquele mundo da pesquisa... a química de materiais aquilo era deslumbrante! Microscópio eletrônico... aquilo parece um sonho. Aí eu fui ficando, saí de lá eu fui para mineração, trabalhar com mineração, mas aí eu vi que era um mundo muito difícil, e um mundo também que era difícil para mim como pessoa, porque era um mundo que destruía a natureza, um mundo de irresponsabilidade ambiental, e eu já vinha de uma família que cuidava muito disso, meus pais com uma leitura interessante sobre animais, sobre plantas, sobre cuidado, sobre cuidado com o mundo, gastar só o necessário, nada mais do que isso, não se joga um grão de arroz fora, coisas do gênero. Então eu já tinha essa leitura... familiar... de educação familiar. Aí falei: - Não, não é aqui meu mundo! – Quando eu vim para Goiânia que eu comecei a procurar as coisas, e no ensino de segundo grau... no antigo ensino médio, eu tinha amigos da Escola Técnica lá de São Bernardo. E eu os achava muito inteligentes, eu os achava muito sabidos, eles sabem tudo, e eu ficava encantada... eu me arrependi muito de não ter feito Escola Técnica! Eu ficava louca, aí quando aparecia, e eu fiquei caçando! Voltei para o ensino básico, fui para o fundamental, passei em vários concursos... esse aqui graças a Deus! Aí quando apareceu a oportunidade de vir para cá eu agarrei feito uma louca! Estudei feito uma maluca! Passei! E era o meu sonho, falei; - Gente eu tenho que estudar! – Posso não ter estudado lá, mas... eu vou ser professora da Escola Técnica (risos)! E aí realmente eu me realizei aqui dentro. Achei que por toda a convivência de ter nascido no ABC paulista, meu pai ser mecânico, ter uma usinagem de peças. Quando eu cheguei aqui eu me achei, porque era tudo que estava dentro do meu mundo, falei: - Ah! Agora é aqui, vão bora!

PERGUNTA SEIS: O QUE MAIS LHE MOTIVA E O QUE MAIS LHE DESMOTIVA NA CARREIRA DE PROFESSOR.

- Eu acho que ser educadora é um desafio! Um desafio! E todo dia a gente tem um desafio novo... eu acredito que o ensinar ele é tão gratificante, já tinham me dito isso uma vez, que quando você vê o aluno, quando você vê o brilho no olho da criança, quando você vê... esse estalo... que ele mostra para você que ele entendeu! Ou então que ele te faz uma pergunta que você nem esperava, que o cara está muito além do que você imaginava. Aí eu fico vendo o quanto é importante nosso papel! E no entendimento também de que... eu brinco muito com eles, eu falo que eu gostaria de ter uma saída de USB na cabeça, para tirar tudo que eu tenho e passar para um HD para passar para cabeça dele. Para ele aprender direto! Mas não tem como! Então eu preciso ensinar! Porque a história de vida, tudo o que eu já vivi, tudo o que eu já passei, tudo o que eu já aprendi, falei: - Gente eu não posso levar isso comigo para o túmulo! – Eu acho isso ridículo! E aí ficar nessa ideia de: - Ah! Eu tenho que publicar, tenho que publicar, não! – O artigo é pouco. Esse meu dia a dia com os alunos, isso pode levar eles a se desenvolverem mais. Ele não precisa fazer o que eu fiz, mas precisa não errar onde eu errei. Então quando eu dou aula eu trago muito isso, eu falo: - olha gente, isso aqui não dá certo, porque aconteceu isso! – Eu conto muita história, eu falo muito com o aluno, contando muita coisa! Porque eu acho assim, a partir da minha experiência, da minha vivência, eu espero que eles reflitam, e dê os passos deles! Porque a gente não faz: - Olha, não faça isso! – Eu falo: - Comigo, isso não deu certo, porque

aconteceu isso, aconteceu isso, aconteceu aquilo! – Entýo tipo assim! – Você presta atenção e conserta! – Entýo essa... vivência com o aluno eu acho incrível! E é interessante que... ser professor é nýo envelhecer! Porque como todo ano a gente tem os mesmos alunos, com a mesma idade! Nýo o mesmo aluno, mas é com a mesma idade! Entýo todo ano ele tem quinze, todo ano ele tem dezesseis, todo ano ele tem dezessete, na universidade ele tem dezoito. Entýo sýo sempre com a mesma idade, sýo outros seres, mas com a mesma idade. Entýo parece que o tempo nýo passa! Nýo passa! E aí o que me incomoda, exatamente, é a falta de apoio para eu melhorar como professora, que a gente nýo tem formação continuada, e se a gente nýo procurar a gente nýo tem, para eu melhorar como professora; e também a falta de espaço de eu construir coisas diferentes. Entýo a gente tentou, tentou usar outras coisas, mas aí você vai para a sala de aula, aí você carrega o data show, você carrega a caixa, você carrega o seu computador, você carrega aqueles fios todos, você carrega extensýo. Aí chega lá falta energia, chega lá quebrou nýo sei o que, aí o pino do som nýo funciona, aí você fica vinte minutos tentando montar. Aquilo me estressa... tanto! O fato de a gente nýo ter essa possibilidade de desenvolver! E aí para você arrumar... um espaço aqui no Instituto, por exemplo, você tem que reservar, você nýo pode reservar com muita antecedência. Entýo assim, mil limitações! A ponto de um dia eu ser proibida de ir para a cinemateca com os meus alunos, porque diz que a cinemateca estava reservada única e exclusivamente para nível superior, para o mestrado e para vídeo conferência, que meus alunos poderiam estragar as carteiras. Nossa como eu fiquei revoltada, eu saí de lá que eu estava quase chutando a porta! Eu desci para a sala da direção igual a uma maluca! Espumando igual cachorro louco! Que eu achei aquilo um absurdo! Você me proibir de eu levar meu aluno para assistir um vídeo, dentro de uma sala porque diz que meu aluno... falei: - Meu aluno nýo é vândalo! – Eu fiquei louco sabe! E isso daí vai cansando, eu realmente cansei, esses últimos tempos... foi difícil! Entýo de você pôr o despertador assim para tocar, programar para despertar no dia seguinte, e já começar amargar a boca! O fígado já entorta! Sabe! Falei: - Meu Deus! – Eu fico vendo o potencial dos meninos, e o que está acontecendo, isso vai massacrando a gente. Entýo esse ponto eu acho muito negativo!

PERGUNTA SETE: NA VISÃO DO ENTREVISTADO QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM PROFESSOR PARA CONSEGUIR CONTRIBUIR COM EFICIÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.

- Nossa! Ele tem que estar bem formado. Ele tem que ser professor, ele tem que ser **muito** (esta palavra é falada de forma enfática), quatro anos de universidade para formar o licenciado nýo dá! E se ele nýo for licenciado **não dá!** (fala estas palavras com ênfase) Nýo dá! **“Não existe o professor que não seja licenciado!”** – (fala toda essa frase com muita ênfase) Ele pode ser de uma área técnica, mas ele precisa se formar, ir para a área de formação de professores, ele precisa se formar enquanto professor. Ele pode ser o que for, mas se ele está aqui dentro numa área técnica aqui dentro ele é professor! Entýo ele precisa entender que lá fora é engenheiro! Aqui ele é professor! Entýo como ele se prepara para ser esse professor? Ele precisa estar preparado! As instituições precisam preparar esses

profissionais para serem esses professores. Para n'yo acontecer o que acontece! Aí fica a ideia de que qualquer um é professor! Mas aí o aluno n'yo aprende, n'yo é isso! Que medida é essa! N'yo é passar a m'yo na cabeça! Ent'yo um bom professor tem que ser formado para ser professor! Se ele n'yo tem essa formação a instituição tem essa obrigação de prepará-lo para entrar em sala de aula. Eu n'yo posso pegar uma pessoa que n'yo está preparada e colocar em sala de aula. Porque o estrago que eu faço n'yo tem tamanho! N'yo tem tamanho! É para o resto da vida daquela criança.

PERGUNTA OITO: *NA VISÃO DO ENTREVISTADO, QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM ALUNO PARA CONSEGUIR SE DESENVOLVER BEM DENTRO DESTES PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.*

- Pois é! Para mim aluno bom é aquele que quer aprender! Quer estar na escola e que deseja estar aqui! O que a gente n'yo vê muito! Eu fiz até um questionamento com alguns alunos de uma turma porque eu estava achando ela muito difícil, eu perguntei a eles, aí uma virou e falou assim: - Eu estou aqui porque minha m'ye diz que se eu n'yo viesse para cá ele ia me dar uma porrada na cara! – Eu travei! Eu falei: - Como assim! – E aí a gente foi conversando, conversando, porque eles n'yo sabem por que est'yo aqui! Infelizmente! Ent'yo o diálogo está difícil com esses jovens, com essa meninada que está entrando aqui! E nós n'yo estamos mais fazendo esse papel, coisa que a gente fazia muito bem! Nós n'yo estamos mais fazendo esse papel enquanto professor, porque a gente... muitos que est'yo entrando em sala de aula n'yo est'yo preparados para ser professor. Ent'yo despejam conteúdo, detono livro na cabeça dos meninos, mas n'yo dialoga. Ent'yo o bom aluno para mim é qualquer um que queira aprender! Que queira estar aqui dentro da escola. Ent'yo, eu também trabalho com inclusão, olha eu já vi crianças com tanta vontade de aprender, com tanta vontade de aprender, e a criança por exemplo com síndrome de Down. Você fala: - Meu Deus..., mas ele é limitado intelectualmente. – Tudo bem ele pode até ter um limite intelectual, mas ele tem um potencial, que é incrível! Ent'yo quem sou eu? Eu sou aquele que deveria enxergar esse potencial nesse aluno e trabalhar a partir disso. Mas se eu n'yo estou preparada se eu n'yo tenho informação, se continuamente eu n'yo estou... me revendo enquanto professora, n'yo chamo isso nem de atualização, me revendo enquanto professora para essa nova geração que vem vindo, como é que eu vou fazer isso? Eu vejo que precisamos que todos estejam aqui. Ent'yo, aquele aluno que tem vontade de estar aqui, para mim já é um bom aluno! Porque ele vai ter... eu vou conseguir tirar todo esse potencial que ele tem, aproveitar desse potencial!

PERGUNTA NOVE: *O QUE MAIS MOTIVA E O QUE MAIS DESMOTIVA OS ALUNOS, NA VISÃO DO ENTREVISTADO.*

- Olha! Uma coisa que eu acho interessante aqui no instituto... que a gente tem os cursos técnicos, que eu já falei isso e acho que merecia que a gente parasse para analisar, o perfil dos grupos! É muito interessante! Eles vêm de diversos lugares, mas quando eles se encontram dentro da sala de aula, isso n'yo precisa ser só no terceiro ano n'yo, você observa isso logo que eles entram! Parece que... que aquela galerinha, se reuniu tudo... eles pensam

igual, pensam muito parecido, é muito parecido. O povinho de mineração, o povinho de meio ambiente, é t̃ỹo curioso! E eu vejo isso desde sempre! Parece que eles ṽem de diferentes lugares e se aninham todos aqui dentro de uma mesma sala de aula! (risos) E rapinho eles se enturmam, eles est̃ỹo conversando, e voc̃e ṽe que o diálogo deles é o mesmo! Ent̃ỹo eu vejo que... o próprio descaso com o ensino médio aqui dentro, com o ensino técnico, a fala de muitas pessoas, que eles relatam isso para gente, eu já vi aluno chorando. Chegar para mim desesperado: - Professora o professor X me humilhou! O professor diz que a gente ñỹo vale nada! Que ele está aqui simplesmente para cumprir carga horária! Que ele na qualidade de doutor ñỹo deveria estar no ensino médio! Que isso para ele é rebaixá-lo, dar aula para nós. – Ent̃ỹo, tudo cai na formação! Mas tudo cai na formação continuada, que professor é esse, que qualificação é essa para estar na sala de aula. Ent̃ỹo isso... e a própria sociedade, hoje a gente está vivendo um momento muito crítico. Da nossa sociedade! As questões ... esse discurso desqualificando o professor, desqualificando a educação pública. Isso está na mídia, e eles ñỹo est̃ỹo longe disso, eles ñỹo est̃ỹo longe disso. Ent̃ỹo, apesar de muita gente achar que eles s̃ỹo alheios, quando voc̃e pega a avaliação que eles escrevem. Que voc̃e pega alguma coisa assim que seja completamente fora do contexto da química, ou seja alguma coisa da química que voc̃e peça para ele levar para uma questão social, ambiental, política. E aí voc̃e ṽe que ele tem clareza, ele tem clareza do que ele está passando. Ent̃ỹo ele fica nessa incerteza de que, aí vem esse discurso: - Aí eu ñỹo vou ter aposentadoria! – Ñỹo, mas ñỹo é isso! – Outros ñỹo tiveram antigamente, ñỹo é por isso que voc̃e vai acabar com a sua vida, que voc̃e vai pegar outros caminhos que voc̃e acha que seja de maior recurso financeiro (risos). Ñỹo é isso, mas a ideia e de como está sendo colocado para eles. Ent̃ỹo eu acho que isso dá para eles uma desmotivação, e eles falam isso para gente na sala de aula. Aí eu brigo muito com eles: - Larga esse celular, isso aí é só fofoca, e vem para cá..., e vamos prestar atenção.... – Aí eles ficam olhando assim! Voltam para o celular. Tipo assim, como é que eu vou concorrer com o celular. Eu tenho que concorrer com o meu conhecimento, com o conhecimento, eu tenho que mostrar para eles que o conhecimento vale a pena, mas eu tenho que fazer isso todo dia, matar um lẽỹo por dia. Ent̃ỹo tem alguém mostrando que o celular vale mais a pena. E ñỹo é um alguém! S̃ỹo muitos! Massivamente. Ent̃ỹo sou eu contra essa massa: - De que estudar ñỹo vale a pena, que o que a gente aprende é no mundo lá fora mesmo. E eu falo para eles: - Ñỹo senhor! Voc̃e só aprende lá fora se voc̃e tiver saído com a base daqui. Porque se voc̃e ñỹo tiver base nenhuma lá fora ninguém vai te ensinar, ninguém, porque eu ñỹo ensino ninguém... é meu concorrente. Ent̃ỹo aproveita aqui! Ent̃ỹo esse discurso está bem dentro deles. Está pesado, eu tenho pena deles, muita pena!

PERGUNTA DEZ: NA PERSPECTIVA DO ENTREVISTADO O QUE LEVA O ALUNO A TER OS HÁBITOS E AS CONDUTAS QUE NORMALMENTE ELES TÊM EM SALA DE AULA (EXEMPLO: SER MAIS OU MENOS DEDICADO AO ESTUDO, SER MAIS OU MENOS COMPORTADO, SER MAIS OU MENOS CRÍTICO ETC.).

- Olha eu acho que eles têm uma decepção muito grande no primeiro ano. Porque muitos deles falam para mim, e escrevem até, porque às vezes eu converso muito com eles,

eles falam para mim que para eles isso aqui é um sonho, um sonho, poder estudar na Escola Técnica, no IFG! É um sonho de vida, e quando chega aqui, eles se decepcionam demais, demais. E aí eles começam a ficar no celular, entrar e sair, aí você vê que eles perdem essa... esse mito, digamos assim, que seria... eu sou um estudante do Instituto Federal! Então isso para eles é muito doido. Eu acho que eles se deixam para lá, começam a ter descrédito com relação à formação deles, porque eles começam a ver que não era nada daquilo que eles imaginavam ou que os pais deles falavam. Então tem gente que teve pai que estudou aqui, e que fala que o pai falava tanto que se ele não viesse para cá ele não seria filho daquela pessoa, de tanto que o pai falava bem daqui, de tanto que foi importante a formação dele aqui, na construção profissional desse pai. E que agora ele não está vendo esse futuro que o pai dele teve, então eles entram num desanimo. Eu vi isso muito claro com o curso de eletrônica; que eu fui professora do curso de eletrônica quando começou, os meninos eram assim pilhadíssimos, muito dez, eles perguntavam o tempo inteiro, a gente fazia um milhão de coisas! Era assim... fera... fera! A gente tinha uma relação muito legal, eles queriam e eu: - Vamos embora! – Eu adoro, você me puxando eu vou para frente! E vamos que vamos! E eu voltei para a turma de eletrônica e eu vi os meninos desmotivados até não poder mais! Eu senti muito! É uma área potencial, não tem jeito, é uma área super tecnológica, super de ponta. E eles totalmente desanimados. Eu fiquei triste! E aí eu fico vendo o que que está acontecendo. Então eu entendo que da mesma forma que da universidade, o primeiro ano do ensino médio não é para qualquer professor, o primeiro ano do ensino médio é para um grupo de professores potenciais para serem professores desse menino, para trabalharem toda a carência dele que vem do ensino básico, para ele estar aqui. E não dizer para ele que ele é burro e que ele vem de qualquer lugar, e que ele vem de uma cota e por isso ele não devia estar aqui dentro (o entrevistador faz um comentário: isso a mídia já faz demais! – e a entrevistada prossegue) – Faz muito bem! Agora a gente ter um professor com qualidade... inclusive foi uma das questões que eu levei numa época de direção, num candidato, eu cheguei a ele e falei, ele veio conversar comigo eu falei assim: - Olha! E o ensino médio, e o ensino técnico, como é que fica? – Não que nós vamos ter um coordenador só para isso, inclusive a possibilidade é tal pessoa! – Que eu entendia que era uma pessoa com competência para isso ! Eu falei: - Sério que você vai fazer isso? – Vou! É um compromisso meu! – Bom estou esperando até hoje, acho que já passou uns três diretores depois desse aí e continua a mesma coisa, o ensino médio, o ensino técnico aqui está esquecido! (algumas divagações do entrevistado e do entrevistador que não são pertinentes ao assunto foram suprimidas nesse trecho)

PERGUNTA ONZE: *QUAL A ANÁLISE QUE O ENTREVISTADO FAZ DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR ALUNO.*

- Olha eu acho que a gente tem que...é difícil, tem gente que briga comigo e fala assim que eu sou muito mãe, mas tem gente que brinca comigo e fala que eu sou um carrasco, que eu sou muito brava, que eu brigo muito com eles. Mas é tão interessante que eu sou muito séria com eles, chamo a atenção, questiono por que que está saindo da aula, questiono por que que está no celular. E sempre com argumento e sempre argumentando

com eles, sempre na tentativa do diálogo, de questionar e ter um argumento de volta! Porque eu espero que eles falem! Falem! Eu falo isso para eles: - Eu cutuco vocês porque eu quero que vocês falem, vocês têm que aprender a se colocar, vocês tem que internalizar. – Aí eu vejo muito essa questýo... essa como se diz... essa relaçýo professora aluno, volto à questýo do primeiro ano, o aluno tem quinze anos, ele precisa do olhar para o menino de quinze anos. Nýo é para passar a mýo na cabeça, nýo é para ser mýe nýo! Mas simplesmente para você dialogar com o aluno para que ele entenda que ele está num espaço escolar, e aqui é o melhor lugar do mundo para ele aprender, que lá fora ele nýo vai ter isso, entýo que ele tem que aproveitar tudo isso, ele tem que aproveitar o tempo que ele está aqui! Porque pode ser que seja único, porque depois ele vai trabalhar, depois ele vai cuidar dos irmýos em casa, depois ele vai ter que limpar casa. Sei lá o que que ele vai fazer depois. Entýo esse tempo aqui é de uma riqueza, entýo o valor do tempo que ele está aqui, do aproveitamento dele. Entýo a gente precisa dialogar muito, e a gente nýo tem ideia da diferença que a gente faz na vida do aluno, do mesmo jeito que a gente potencializa a gente pode estragar totalmente! E eu fico muito preocupada com isso, porque às vezes eu encontro alunos de muitos anos, muitos anos depois, e aluno que fala para mim: - Professora, e que eu nýo lembro, era mais um na turma, nas turmas grandes, ele fala: - Professora, você mudou minha vida! – Como assim? – Porque um dia você brigou comigo! – Eu falei: - Aí meu Deus! Acabei com a vida do menino! – Entrei em pânico! Ele falou: - Professora, você me deu uma dura týo grande, eu saí de lá chutando a parede dizendo que eu nýo ia voltar mais. Mas depois professora, quando eu pensei em tudo que você me falou, que eu vi o que que eu estava fazendo, o tanto que eu estava jogando a minha vida fora... Aí eu parei e pensei e falei: ela tem razýo! – Porque eu acho que esse diálogo com eles é muito importante! Muitos chegam para mim e falam assim: - É a gente está se perdendo nisso! – Um dia eu estava conversando com eles, eles viraram para mim e falaram eles výo por uma estátua minha lá embaixo na lanchonete..., lá embaixo naqueles banquinhos lá! Porque um dia eles passaram e me viram olhando para aquela árvore... solar que tem lá, e diz que eu estava abanando a cabeça assim tipo: - Aí meu Deus eu nýo acredito que estýo pondo isso aqui no meio. – Aí eles foram conversar comigo: - Professora que tristeza é essa? – Olhei bem e falei: - Meu Deus! Uma árvore solar! Cadé minha árvore de verdade? - Árvore solar é uma árvore que faz fotossíntese. Nýo que capta a energia do sol para fazer luz. Aí eles brincaram comigo: - A gente vai por uma estátua sua lá, abanando a cabeça assim, igual àqueles bichinhos! Eu falei assim: - Cara olha o tanto que eles reparam!! Repararam na gente! Eles sabem o meu currículo Lattes. Eles sabem quanto eu ganho no portal da transparência! E eles vêm e falam. Isso mesmo, ganho bem mesmo, entýo vocês tratem de aproveitar! (algumas divagaçes da entrevistada e do entrevistador que nýo eram pertinentes ao assunto foram suprimidas neste trecho).

PERGUNTA DOZE: *SE O ENTREVISTADO CONSEGUE PERCEBER AS ATITUDES E COMPORTAMENTO DOS ALUNOS QUANDO ELES NÃO GOSTAM OU QUANDO GOSTAM DE DETERMINADA METODOLOGIA DE ENSINO.*

- Olha! Eu estou passando por um momento que eu estou assim... eu estou com um pé atrás t̃yo grande das tecnologias... esse mito... isso ñyo funciona! Ent̃yo os recursos tecnológicos colaboram? Colaboram! Mas eles s̃yo muito visuais e muito auditivos sabe, ent̃yo quanto a gente vai se aprofundando a gente ṽe que... o fazer é muito importante; e essas tecnologias ñyo me permitem fazer, elas só me permitem o ouvir e o ver. Ent̃yo s̃yo só duas... ent̃yo a multissensorialidade para mim, principalmente eu que trabalho na área de ciência, eu acho importantíssimo você desenvolver a habilidade do aluno, da curiosidade, do abrir os olhos para enxergar, do sentir o cheiro das coisas, do tentar ouvir. E se você experimentou alguma coisa que possa ser experimentada, porque trabalho com química (risos), que gosto aquilo tem? É uma fruta? O que que é aquilo? Aquele olhar para o meio ambiente, para o ch̃yo, para frente, para uma árvore, para tudo! Ent̃yo a ideia é... eu vejo que o que a gente está perdendo com essa ideia de que a tecnologia resolve tudo, professores tecnológicos, mídia para tudo quanto é lugar... como é que chama aquele treco lá? Metodologias ativas! A gente tem é que ativar o cérebro do aluno. A ideia de que a leitura é importante, ent̃yo vamos ler uma linha, vamos ler um parágrafo, vamos parar vamos interpretar. Ent̃yo quando o aluno descobre o mundo da leitura, quando ele descobre que ao conseguir interpretar um texto isso traz para ele um conhecimento, você pode ter a mídia que você tiver ele ñyo tá nem aí, ele vai ler, eles gostam de ler, aqui eles gostam muito de ler, muito! E é isso que está faltando, que venha lá do ensino fundamental, que a gente comece a trabalhar no ensino fundamental, exatamente de forma que a pessoa leia, interprete o que está ali, ela tem que ler. Porque a leitura te trás todas essas possibilidades de você buscar sozinho, e ñyo precisa ficar... aí para mim é o protagonismo, o protagonismo está em você conseguir ir além sozinho. Ent̃yo você teve uma base educacional lá na sua escola o resto é com você, o mundo é teu, ganha o mundo! E eu falo muito isso para eles. Aí eu pego no pé o tempo todo: - A professora onde está num sei o que...? – No livro! Eu falei gente e tem um exemplo que me ajudou tanto, aí vem para a mídia a ideia de que a China fez a maior biblioteca do mundo, em milh̃es de volumes, todos no papel! Sei lá quantas centenas de milhares de livros. Nossa aquilo foi um gancho, eu chego lá e falo assim para eles: - Vocês sabem que a China tem isso? – Tem! – Quem vai ser capaz de dizer para mim por que é que a China, que tem tanta tecnologia, fez a maior biblioteca do mundo no papel? Tudo no papel! Por quê? – Aí fica todo mundo: - Ah, ñyo sei o que ...! – Falei: - Porque energia elétrica acaba, e o dia que ñyo tiver energia elétrica, o dia que tiver uma explos̃yo solar, que tiver o fim dos nossos satélites, acabou a comunicaç̃yo, aí ñyo tem ebook, ñyo tem internet, ñyo tem e-mail, ñyo tem nada! O conhecimento deles, eles já foram t̃yo inteligentes que eles guardaram tudo, está tudo guardado no papel! E lá você pode ter certeza de que ñyo vai pegar fogo! Só se alguém puser igual Alexandria! Mas ñyo vai pegar fogo, porque o conhecimento gente está no papel! O conhecimento está no livro, e dele ninguém tira, você vai voltar lá sempre que você quiser. Ent̃yo se você tiver um e-book seu e-book acabar a energia, você está sem conhecimento, você vai acessar o que? É isso! Aí eles param que eles ficam travados, eu falei olha: - Você ñyo tem que ter uma biblioteca daquele tamanho na sua casa, mas você tem livro, você leu o livro, aquele livro é um livro de romance, você ñyo vai usar mais passa pra frente! Passa para a frente. Pje para

rodar! Conhecimento tem que fluir igual energia. Passa para a frente! Mas onde você busca? No livro! A capacidade de eles interpretarem, você vê quando eles conseguem entender, eles ficam encantados, e aí eles fazem cada pergunta! Nossa aí eu fico olhando, falando meu Deus do céu eu vou consultar os universitários da outra área que eu não dou conta disso não. Então aí é bom! É bom quando eles vêm com isso! E eles falam: - Professora eu li isso! – Pode ser na internet não tem problema! Mas a ideia de estar pesquisando onde é capaz de ler! Não no pronto..., no vídeo, no áudio. Aquele lá ele achou pouco ele busca outro, também achou pouco ele busca outro. É muito interessante como eles gostam disso! (algumas divagações não pertinentes à pesquisa foram suprimidas desse trecho).

PERGUNTA TREZE: COMO O ENTREVISTADO PERCEBE A CAPACIDADE DO PROFESSOR DE ENTENDER OS ALUNOS E AJUDÁ-LOS A SE DESENVOLVER NAS SUAS PARTICULARIDADES, E A DOS ALUNOS ENTENDEREM O PROFESSOR NA SUA INTENÇÃO DE CONTRIBUIR NO SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM.

- Olha! De tudo que eu tenho visto ultimamente sabe... a gente passou por vários processos seletivos, infelizmente a gente não foi capaz de prever que teria esse perfil de professor. O Instituto não é um instituto de pesquisa, Instituto Federal de **Educação** (acentua esta palavra) Ciência e Tecnologia, a primeira palavra é educação... isso aqui é um instituto de educação. Então era nesse perfil que a gente deveria ter trazido todo mundo aqui para dentro, muitas vezes eu ouço, porque eu sou da área de exatas, das ciências da natureza e suas tecnologias, a gente ouve muito a ideia de que: - Ah! Eu estou aqui para ser pesquisador! O que que é ser pesquisador para começo de conversa. E essa desqualificação da pesquisa na área de educação, na área de ensino, como se isso não fosse pesquisa, como diz um que eu conheço que ele fala: Ah! Esses artigos de vocês só têm obviedades. – Eu falei: - Não amigo, não têm obviedades, têm informações sobre o lugar de onde eu falo, coisa que não é comum na outra área, mas na nossa é! Então a gente vai sair daí! – São coisas que não deviam ser comparadas sabe, duas áreas de pesquisa diferenciadas, uma é humana outras é exata, e que seja, só que a gente tem que aprender a respeitar as duas áreas. A gente respeita a outra e a outra deve respeitar nossa área também, não nos desqualificar enquanto pesquisadores! Porque a ideia de que pesquisa que é pesquisa, só é aquela pesquisa feita entre quatro paredes, dentro de um laboratório, na frente de um computador. E outra coisa, sinto muito, mas a pesquisa que eles desenvolvem aqui é irrelevante perto do que se desenvolve em outros centros de pesquisa internacionais, como o CERNE, por exemplo. Então, são trabalhos que a gente desenvolve, trabalhos científicos, isso não significa que tenham uma qualidade ruim! Mas, nós aqui somos uma instituição de ensino, nós temos que olhar para o nosso aluno! Que diálogo é esse que a gente tem com esse aluno? Eu não posso chegar lá com um vocabulário, ou então simplesmente dizer para o meu aluno: - Ah! Não gosto desse livro não! De agora em diante nós vamos trabalhar com artigo! – Como assim trabalhar com artigo, o menino está no primeiro ano, e eu te dou um artigo em inglês para discutir ligação química? É brincadeira! Nossa... isso me mata, me mata! Porque você acaba com a criança e acaba comigo! Porque quando o aluno chega lá

na frente ele n'yo está nem aí, ele n'yo sabe nada mesmo! Ele n'yo quer nem te ouvir no terceiro ano! Porque ele está cansado! Ou ent'yo ele quer ouvir alguma coisa porque ele quer ir para o vestibular! Ent'yo você fica vendo... o que que está acontecendo? A pesquisa ela faz parte? Faz! Mas em que contexto, cadê nosso recurso? Eu já briguei muito, porque você tem recurso para pesquisa e n'yo tem recurso para aula, para graduaç'yo! Eu pedi equipamentos para minha sala de aula, fui ironizada! Virei motivo de chacota na coordenaç'yo. Porque eu pedi material para dar aula! – N'yo! Vamos aproveitar esse recurso aqui porque nós temos que fazer nossas pesquisas! – Eu falei: - Eu n'yo estou aqui para pesquisar! Eu fui contratada como EBTT, educaç'yo básica, técnica e tecnológica, pode olhar lá no meu contracheque, está escrito professor EBTT. Eu sou professora, eu n'yo fui contratada como pesquisadora, eu fui contratada como professora. Ent'yo a ideia, isso n'yo vem, ent'yo o que que você vê? Cadê o professor aqui dentro? E quem é professor n'yo tem valor! Mas cadê o professor? Ent'yo o aluno vê isso claramente! Isso desmotiva o aluno, porque menino de quinze anos precisa de professor! Precisa de professor! Para poder levar ele para frente, para ele pensar! (foram suprimidas neste trecho divagações da entrevistada e do entrevistador que n'yo tinham relação com o objeto da pesquisa).

PERGUNTA CATORZE: *SOBRE COMO O ENTREVISTADO ANALISA AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DO PROFESSOR NO PAÍS.*

- Ah! Falta de condiç'yo material e estrutural das escolas! A gente tem espaços totalmente inadequados, termicamente, acústica nem se fala! Por exemplo a gente tinha uma sala ali que tinha uma árvore, a árvore caiu você n'yo consegue dar aula porque o sol bate no quadro todinho durante a manhã. Aí você n'yo tem um sistema de ventilaç'yo, a posiç'yo da porta é sempre errada, ent'yo o aluno para entrar na sala ele precisa passar pelo professor. Porque, que sai, sai, a gente n'yo pode impedir, n'yo é o entra e sai, mas por exemplo, a gente que é mulher (risos), tem hora você tem que sair, eu n'yo vou segurar, tem hora a gente passa por situações complicadas. Sei lá! Um dia você está com dor de barriga! Você se levanta e sai. N'yo é comum, mas acontece, s'yo muitos os alunos, ent'yo tem momento que o aluno n'yo está se sentindo bem, tem o momento que ele precisa ir ao banheiro, tem momento que ele n'yo conseguiu pegar água no intervalo. Ent'yo tem uma dinâmica na sala de aula que ela n'yo é zero estacionado e todo mundo sentado! N'yo é um ser “sentante”, a gente quer um ser pensante! Ent'yo, falta esta quest'yo. Uma sala é de quadro, outra sala é de vidro..., quadro regular aquele quadro de... louça que a gente chamava. O quadro de vidro, o quadro branco... às vezes você chega na sala e n'yo tem pincel! Pincel nunca tem! N'yo tem o apagador. Aí n'yo tem o giz! Aí você esqueceu de pegar você tem que voltar aqui em cima, subir dois lances de escadas para vir buscar as coisas, porque realmente você esqueceu; ou ent'yo você leva aquela mala do tamanho de um bonde! Para sala de aula que você tem que levar, porque essa aula é giz, a outra aula é pincel e a outra aula é quadro de vidro, ent'yo cada uma precisa de um pincel. Quadro branco pincel de ponta fina, quadro de vidro pincel de ponta média, ou larga, ent'yo enfim, você fica que nem doido né carregando tudo isso. Eu tenho um livro, eu n'yo saio sem livro, ent'yo eu levo o livro das três aulas, n'yo fico sem o livro, porque eu uso muito e quero que o

aluno entenda que o programa nacional do livro didático trás isso para ele como oportunidade de aprendizagem, entýo vamos usar o livro, vamos ler, vamos aproveitar, porque a populaçýo pagou por isso. Eu tenho obrigaçýo de fazer uso do livro. Porque... e outra coisa, o livro é importante, eu amo o livro (risos), e eu quero que ele ame igual eu amo. Entýo eu quero que ele veja que no livro ele tem esse acesso ao conhecimento. Entýo eu preciso de desenvolver essa habilidade dele aqui no nosso ensino. Mas eu tive oportunidade de participar de um congresso, de um evento de ciências, de ensino de ciências, lá na USP de Sýo Paulo; e aí tinham três apresentaçõe s, a primeira foi do colégio Rio Branco de Sýo Paulo, o Dante Alighieri e o outro de uma escola da Bahia. Essa escola da Bahia era uma escola pública que ela funcionava na associaçýo de bairros porque ela nýo tinha espaço regular. Se você visse os laboratórios do Dante e os laboratórios do Rio Branco os meninos de jaleco aquele... corpo humano em três D numa holografia, essas coisas assim que sýo um sonho! E os menininhos lá do colégio da Bahia, eles tinham uma vela para fazer o experimento, uma vela! E eles fizeram o experimento... e eles explicaram a física do experimento... **sem problema nenhum!** (fala essa frase pausadamente) A gente sabe que existe essa questýo, que você pode fazer essa sala lá, mas se eu pegar esse menino, que deu conta de aprender com a vela o que aquele menino aprendeu na holografia, e puser na holografia, esse menino vira um gênio e vai para dentro da NASA, porque o menino é um gênio, ele conseguiu com o nada. Eu nýo gosto dessa coisa de material reciclado de qualquer coisa para dar aula, eu nýo gosto, eu acho que eu tenho que ter o melhor laboratório, eu tenho que ter o melhor equipamento. Eu brinco muito, os meninos falam assim para mim eu detesto certos caras que aparecem na mídia, eu falo olha: - Ciência nýo se faz na cozinha! Ciência nýo se faz na garagem, ciência se faz no laboratório! Lá você pode até fazer um experimentozinho, mas isso é experimento... eu estou falando em ciência! – Entýo para eu desenvolver a habilidade de pensamento do aluno, eu preciso de recurso de qualidade. E eu tenho isso provado! Nós fizemos um experimento na sala de aula do PIBID com garrafa pet, fizemos um monte de coisa lá, dá um jeito aqui, dá um jeito ali, dá um jeito lá! Levamos para a sala, toda empolgada, eu e a coitada da minha aluna lá. Fizemos tudo lá, ninguém nem prestou atençýo, **nem prestou atenção!!** (pronuncia essa frase com mais ênfase) Os meninos nem chegaram perto, quando viram aquele monte de garrafinha pet, aquele monte de coisa amarrada. Eu saí de lá que eu saí arrasada, eu virei para ela e falei assim: - Nós vamos acabar com isso! – No outro dia, eu peguei todos os equipamentos de laboratório que eu tinha e fiz o mesmo experimento usando vidraria, manta elétrica, tudo que era do bom e do melhor, sistema de bomba e coisa e tal..., carregamos tudo! Quando a gente começou a montar na bancada, os alunos foram arrastando as cadeiras, que eu precisei falar: - para gente, nós vamos usar um sistema quente, se acontecer algum acidente vocês nýo podem estar muito perto. Eu pensei que eles fossem entrar dentro do equipamento. Se você visse a diferença! Eu falei: - Vocês estýo vendo! – Falei para os meninos: - Vocês estýo vendo! – Você fica com esse negócio aí de fazer coisinha assim! Aquilo é lugar comum para eles. Quando você traz os equipamentos, quando você monta as vidrarias, quando você explica para eles, quando você começa a envolver o aluno, naquele ambiente de laboratório... é a sala do laboratório, é a bancada, é o

piso, é a cerâmica da parede, é o quadro diferente, os rótulos nos frascos, tudo arrumadinho, ahan! Eles ficam encantados. Aí o que eu vejo, você começa a mostrar para o aluno que, organizar o pensamento, a sistematização da ideia, que tem um começo, tem um meio e tem um fim! Então como que a gente começa a pensar essa atividade, como que a gente começa a discutir, por onde a gente vai. (foram suprimidas neste trecho divagações da entrevistada e do entrevistador que não tinham relação com o objeto da pesquisa).

PERGUNTA QUINZE: QUAL ANÁLISE DO ENTREVISTADO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR NA ATUALIDADE.

- Essa que é a questão, a gente vê que quem valoriza muito o professor é... quem está em outra condição financeira. A impressão que eu tenho, eu nunca pesquisei isso e também não li nada sobre isso, é classe alta, realmente a classe rica e... a classe média baixa, são duas classes assim que valorizam muito o professor. A classe média baixa, naquela ideia de que o futuro do filho só passa pela escola, que é a única oportunidade que ele tem de ter uma ascensão social... uma qualidade melhor de vida, passa pela escola. Então muitos pais com quem a gente conversa aqui nas reuniões de pais trazem isso e a gente ouve isso com muita frequência. Que era um sonho vir para cá, e a gente percebe que é nessa ideia, na qualidade do que... a escola técnica, o ensino técnico poderia oferecer para aquela criança, então você vê isso! E a gente tem, conhecidos, eu venho..., quando eu morava em São Paulo, eu tinha umas amigas que eram assim, a ideia de que eram assim famílias extremamente abastadas de São Paulo, mas é muito! Não é pouco não! Muito, assim de coisas incalculáveis na nossa cabeça, pelo menos na minha! De poder econômico. E o valor que eles dão para a educação, o valor que eles dão ao professor, o valor que eles dão ao conhecimento. Então é o... essas duas classes eu acho que elas valorizam muito o professor. O pessoal da classe realmente alta, não está aqui com a gente, ou estuda em grandes colégios nas capitais, fora aqui de Goiânia! Ou está na Europa, não nos Estados Unidos, não pensa que rico vai estudar nos Estados Unidos, rico estuda na Europa. Não é, porque é uma outra forma de pensar é uma outra forma de conhecimento, então é lá que eles estão estudando, para continuarem nesse domínio que a gente sabe que eles têm do país como um todo. E aí, a outra classe tentando ascender entendendo que... que... o professor vale a pena. Mas infelizmente, a gente aqui dentro com essa política nossa de não formação continuada a gente tem professores que desqualificam os próprios professores, então esse discurso aqui dentro é muito grande. Ontem até eu tive um embate com um professor..., tem hora que eu explodo, eu fiquei muito brava com ele, porque ele fez um comentário, ele não é um professor daqui, mas ele fez um comentário referente a nós aqui, aí eu bati de frente! Eu falei: - Por que que você está falando isso? - Não tem que acabar com esses IFs! Para que tanto IF? - Eu falei: - Você é professor do IF? Você já deu aula lá? Você conhece o IF? E que discurso é esse de que só as capitais podem ter grandes instituições? - É, mas abriu IF demais! - Eu falei: - Lógico que abriu! Porque deu direito... a se interiorizar a educação! Por que a criança de Uruaçu é obrigada a sair para vir para cá estudar? - Ah! Eles que façam só ensino médio não façam superior! - Eu falei: - Por que que o aluno de Uruaçu não tem direito de fazer engenharia? Por quê? - Eu falei: - Ainda bem que São Paulo não pensa

assim, porque eu vim de S^o Carlos! Tem S^o Carlos, tem Ribeir^o Preto, tem Bauru, tem Araraquara, tem S^o José do Rio Preto, tem S^o José dos Campos. Por quê? Por que que S^o Paulo pode interiorizar e nós n^oo? Só porque é Uruaçu? Só porque é Jataí? Só porquê.... – É mas, tinha que ser tudo agrotécnica! – Eu falei: - Porque que tem que ser tudo agrotécnica? – E ele: - É adoro te provocar! – Eu falei: - Que provocar o que? – Na hora que ele riu... nossa... eu só faltei pular da cadeira! De t^oo irada que eu fiquei, eu falei: - Gente se você n^oo conhece n^oo fala! N^oo critica! Vem vivenciar aqui! – Agora o que me mata s^o os daqui de dentro falando isso! S^o as pessoas que: - N^oo! Esses meninos n^oo v^oo aprender nada mesmo, qualquer coisa que você ensinar para eles está bom! Olha que que é isso? (o entrevistador faz uma observação e a entrevistada continua) Que processo de admiss^oo foi esse que permitiu que essas pessoas viessem aqui para dentro? Essa é a quest^oo, nosso erro está na seleç^oo! Nós n^oo selecionamos professores, n^oo selecionamos. E aí quando a gente seleciona professor a gente vê que ele tem um outro perfil. Que realmente ele vem, se engaja, ele luta, ele vai atrás do saber. Briga por melhorias de qualidade no ensino, no espaço escolar. Ent^oo eu n^oo estou aqui para brigar se tem um laboratório X ou Y, primeiro eu tenho que brigar pela sala! A hora que eu tiver uma sala de aula de qualidade eu vou brigar pelo laboratório, hora que eu tiver uma sala de aula e um laboratório de qualidade para os meus alunos eu vou brigar para um laboratório de pesquisa, que também é para eles! Que é para a formação continuada deles! Eu sempre falei que eu n^oo gosto de dividir miséria! Se o dinheiro é pouco adianta dividir? Aí a gente vai dividir o pouco e n^oo resolve nada. Ent^oo o que que é prioridade agora? S^o as salas? É o conforto térmico e acústico das salas de aula? Ent^oo nós vamos investir nisso! Já resolvemos o problema de conforto térmico e acústico de todas as salas de aula? Ent^oo tudo bem! Ent^oo o segundo passo, laboratório de ensino. Nossos laboratórios de ensino est^oo de qualidade, ent^oo terceiro passo. O que que a gente vai fazer? É isso! A gente tem que ter isso! Mas fica assim sabe, isso aqui, aquele ali, lá! Aí quando um pesquisador consegue ou um professor consegue comprar alguma coisa para a sala de aula dele ele dá pulos de alegria! A tem dó! Tem dó! N^oo é por aí! Ent^oo cadê o nosso ensino de verdade? Ent^oo o que eu acho que falta é a gente ter realmente prioridades, a gente assumir que a gente é uma escola, assumir que somos uma instituição de ensino. Porque eu vejo... como a gente transforma a sociedade! Eu n^oo doutrino ninguém! Pelo amor de Deus! Eu n^oo tenho nem competência para isso! Que nem diz minha amiga: - Se a gente doutrinasse alguém meus alunos sairiam daqui e todos iriam prestar vestibular para química! Todos iriam querer fazer química! Porque essa é a minha praia, ent^oo n^oo tem essa ideia. – E fica toda essa discuss^oo que a gente está ouvindo por aí, que a gente está... tá... influenciando a cabeça dos alunos. Só desconstrói mais o trabalho que é t^oo difícil, eu quero que o aluno pense por si! Que ele reflita, que ele abra os olhos, que ele enxergue! Ent^oo quando a gente discute Paulo Freire é nesse sentido! Qual que é a importância do ato de ler! É importante que ele leia o mundo para ele! Para ele! Só que a ignorância é tanta! É tanta! É tanta! Que as pessoas n^oo conseguem perceber. Eu vejo esse discurso que está aí é um discurso t^oo frágil, t^oo fraco! As pessoas n^oo conseguem perceber que quanto melhor a qualidade de formação das nossas crianças, dos nossos alunos, melhor a qualidade da nossa sociedade. Se hoje

you vende soja, you vai vender mais soja! Se hoje you tem carros a álcool, you vai ter mais carros a álcool! Até para essa sociedade que vai consumir uma matéria prima diferenciada! Um material eletrônico, isso aí tudo, é um outra sociedade. Agora eu não preciso... até quando a gente vai achar que a gente enriquece em cima de escravo, em cima da miséria alheia? É isso que está errado... é essa cultura que está errada! Então eu preparo o meu aluno eu converso com o meu aluno, eu discuto essas questões com o meu aluno, para que ele lute pela escola dele? Quando eles foram lutar pelo passe livre, chegou todo mundo em sala de aula e falou: - Ah! Professora vai ter o movimento passe livre, nós estamos indo. - Meia hora antes de terminar a minha aula: - A você libera a gente? - Eu falei: - Oh! Gente eu não libero ninguém porque isso não é da minha competência, eu não estou aqui para liberar! Mas eu não vou amarrar ninguém aqui dentro! Vocês façam o que vocês acham certo para vocês! Quem quiser ficar estarei aqui! Não vou dar prova para ferrar ninguém não! Não vou fazer nada disso. Lógico, vocês estão me comunicando que vocês estão indo em busca de alguma coisa que é de vocês, podem ir, não tem problema nenhum. Mas uma coisa vocês tenham certeza. A partir do instante que vocês tiverem passe livre, vocês não entram depois das sete e não saem depois das oito e meia. - Como assim professora? - Espera aí, eu vou pagar o passe para você vir para escola, então você tem que vir para estudar. Se eu estou pagando para você vir, porque o passe livre é tirar o ônus seu e passar para mim! Que alguém vai pagar isso! Você pode ter certeza de que não é de graça! Então você vai ter que mostrar qualidade, formação, determinação, porque eu vou cobrar isso de você. Eu estou pagando para você vir estudar! - Aí eles calaram, eu falei: - Olha! Tudo tem os dois lados da moeda, vocês têm que ler! - Por isso que eu acho da nossa importância. Vamos ler! Porque eu quero que o aluno brigue pelo passe livre, mas com a consciência de que alguém está pagando isso para ele! Ou que ele vá brigar... uma vez lá em São Carlos nós fizemos um movimento muito grande porque limitaram o número de passes... para ir para a universidade, que a gente comprava com desconto, e aí a gente não tinha como ir o mês inteiro. Aí nós fizemos, sabe o que nós fizemos; nós ficamos vários dias sem pegar ônibus, ia todo mundo a pé para a universidade, passavam os ônibus todos vazios. A empresa abriu: - Ah! Compre quanto vocês quiserem. - Porque antes a gente dentro do ônibus pagando metade do que o ônibus vazio. Foi uma manifestação pacífica, tranquila, dois dias eles abriram de novo! Por quê? Porque eles viram que eles iam perder! Que coisa ignorante, cara eu cobro metade mas tem hora que meu ônibus está vazio e eu estou com os meninos lá dentro! De qualquer jeito eles têm... o ônibus vai andar! Ele vai me ajudar a pagar! Pouco o não ele me ajuda a pagar! Enfim! (O entrevistador faz uma observação: os nossos empresários também são terríveis! - e a entrevistada prossegue) São terríveis por quê? Porque não têm conhecimento! A ideia é ainda de colônia! E a gente precisa... agora o que que a gente tem que ter? Alunos com cabeça que não sejam os próximos a fazer o mesmo! Que eles entendam que quando eu contrato uma pessoa, eu contrato e pago o que é de direito a ela. Por exemplo eu sou muito criticada pelo o que eu pago para moça que trabalha comigo: - Você paga muito para ela, você é uma mãe! - Eu nem respondo! Nem respondo! Pelo amor de Deus! Agora por que ela é faxineira eu vou pagar pouco? Não ela faz o trabalho com qualidade, ela é organizada, ela... acabou, ela faz

o trabalho dela, ela merece, ela fez o trabalho que me atende. (foram suprimidas neste trecho divagações da entrevistada e do entrevistador que não tinham relação com o objeto da pesquisa).

PERGUNTA DEZESSEIS: *SOBRE COMO O ENTREVISTADO VÊ A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MINISTRADA PARA O FUTURO DOS APRENDIZES.*

- Ah! Eu acho que a gente precisa fazer mais para poder contribuir. Eu estou vendo um movimento bem interessante, inclusive ontem eu ouvi sobre isso, de pessoas que não valorizam tanto o ter! Então muita gente... eu vi uma reportagem a uns anos atrás, coisa de um ano mais ou menos, que ele falava que... ele mostrava a queda no número de habilitações (se refere à habilitação para dirigir) de jovens com dezoito anos... e que essa queda vai subir... para os vinte e cinco. Então que as pessoas não são mais preocupadas em tirar habilitação quando fazem dezoito anos. Então quer dizer que o carro já não é mais tão importante. Aí que delícia ouvir isso, que maravilha! A ideia de que... sabe... eles são diferentes, eles têm uma outra forma de pensar, mas a gente ainda precisa trabalhar mais, esses digamos assim, quem ainda não têm essa forma de pensar para que eles comecem também, que o importante não é o ter, que as condições de deslocamento são uma obrigação do poder público! Você tem que ter transporte coletivo, porque o transporte coletivo te permite ir para todo lugar e minimizar o impacto ambiental e o custo! Então, qual o problema de andar de ônibus? Qual o problema de andar de metrô? Qual o problema de andar de trem? (O entrevistador faz uma observação: é uma questão de status! – a entrevistada prossegue) Exatamente! E aí você vê o pessoal alugando bicicleta, alugando patinete. Aí você começa a ver que... tem uma onda aí, um movimento diferente! E aí eu acho que a gente não está preparado para trabalhar com esses alunos de forma que eles enxerguem isso. Essa... não sei... essa geração que eu tenho visto aí entrando como professor, ainda está muito no ter! Então eu vejo os carros chegando ali no estacionamento! Porque vários dias na semana eu venho de UBER, porque eu tenho um horário... eu entro mais tarde, aqui não tem estacionamento, e aí eu fico meio... fica longe demais o carro, fica torando no sol. Não, larga lá em casa e vem de UBER, como eu vim hoje! Então vem de UBER depois vai embora de UBER, é pertinho! Não para mim é normal isso! Aí quando eu vejo outras pessoas fazendo isso também, eu falo: - Nossa o povo está acordando! – Agora quando eu vejo o nosso pátio de estacionamento eu vejo que não é todo o mundo que está acordando. Aí eu fico preocupada, será que esse professor que está aqui hoje vai acordar essa juventude? Vai colaborar com essa construção dessa outra onda! Da ideia de que eu não preciso de um carro para desfilas, mas quando eu tenho conhecimento, quando eu mostro conhecimento, quando eu demonstro que eu toco um instrumento. Como esses meninos aqui tocam, que eles são muito criticados, curso de música, instrumento musical. E eu os amo de paixão! De paixão! Eu os acho assim muito fera! Eles têm outra cabeça. Outra cabeça, aqueles meninos são muito fera! Eu falo: - Gente cadê o valor! – Então vamos parar. Eu paro eles ficam tocando ali. Eu paro e falo: - Não gente vocês parem com isso senão eu vou começar a chorar. – Porque quando eles tocam o chorinho. Que é bom demais! Bom demais ouvir isso no pátio. Adoro, quantas vezes eu fui lá para dentro do

gimásio ajudar a torcer, que a gente ia para lá: - Professora nós vamos jogar! – Daí todo mundo jogando! Então vamos todo mundo para lá! E eu já participei muito de torcida, já participei muito de competição, meu filho nadou também e eu participava muito; e toda a competição que a gente ia, assim tinha o troféu de melhor torcida! De olha... você não imagina... a mulherada... mãe é fogo... a gente se pintava, a gente foi cara pintada antes dos cara pintada aparecer. A gente se pintava, a gente mandava fazer camiseta, a gente ia de uniforme, a gente amarrava lenço de papel higiênico na cabeça, você não imagina o que a gente aprontava. Os meninos faziam música, eles faziam os gritos de torcida, e a gente cantava! Teve um dia que o cara que estava chamando, e a gente cantando, e o cara chamando os atletas para a raia, ele não aguentou, ele desatou a rir no microfone, ele falou assim: - Ou vocês param de cantar ou eu não vou dar conta, que essa músicas de vocês são engraçadas demais, eu não dou conta de falar aqui não, fico prestando atenção no que vocês falam. – Então esse movimento que eu acho que é um movimento muito colaborativo! Vamos juntar, quem não pode pagar a camiseta, não ela não pode mais eu posso, está aqui as duas camisetas a minha e a dela! A esses meninos aqui... tem mãe que chega e fala: - Oh! Eu não tenho dinheiro para mandar meu filho! – Nós vamos fazer galinhada, nós vamos fazer isso, nós vamos fazer aquilo, nós vamos fazer aquilo outro. E juntava e trabalhava, trabalhava! Para juntar dinheiro para pagar o ônibus para os meninos pobres que não tinham condição para poder ir. O pessoal de menor condição. Nossa comprei maiô, comprava sunga, olhava assim, falava para o técnico: - O que que é isso? – Descia lá comprava a sunga e chegava: - Menino está aqui! Vai trocar isso aqui agora, você não vai usar essa sunga não, essa sunga está caindo. Bota lá! – Não tia é que caiu o cordão! – Não que você vai usar essa daqui agora! – A que maiô é esse? – Aí tia não posso não! – Falei: - Gente do que vocês estão precisando? – Juntava dinheiro aqui já comprava o maiô e já dava o maiô para a menina. Não a gente comprava tudo, agasalho, a gente se virava. (O entrevistador faz algumas observações e a entrevistada continua) E as olimpíadas também! Olha a gente tem olimpíada de matemática, a gente tem olimpíada de química, a gente tem olimpíada de astronomia, a gente tem olimpíada de física, olimpíada de... ciências. Gente cadê as olimpíadas? O nosso menino aqui ficou em segundo lugar na olimpíada de matemática, eu fiquei sabendo por que ele foi meu aluno e um dia ele me contou. Eu falei: - Como assim? Nossa era de parar a escola! Era de parar a escola! – Nós fomos para São Paulo, nós ganhamos um prêmio internacional com os meninos daqui. Era de parar a escola! E aí a gente recebeu um certificado do reitor parabenizando a gente, certificado não sei do que! Aí eu fiquei super feliz porque os meninos receberam, entregou um para cada um, fiquei super feliz! Aí eu estava com o meu na mão, e o professor viu e: - É está cassando voto! – Me deu vontade de falar para ele: - Oh! Cara isso aí é despeito, você está com dor de cotovelo que a gente deu conta de chegar lá e você não foi! – Brincadeira! Brincadeira sabe esse desvalor! Isso que eu acho estranho! Se você ganha alguma coisa eu vou ver como que você ganhou e vou ver se eu posso fazer igual! Você vai ganhar por exemplo o prêmio de melhor professor do Brasil!: - Nossa gente! O nosso professor é o melhor professor do Brasil! – Se ele é o melhor do Brasil eu estou junto com o melhor! Então eu não sou tão ruim assim não! (algumas divagações neste trecho foram suprimidas)

Mas eu acho que tudo ainda passa pela formação do professor! Tudo! A gestão peca muito quando ele esquece a sala de aula! Porque a gente está no chýo da sala! Está no chýo da sala! E aí cadê? Ninguém fala comigo! Ninguém me ouve! Quando a gente fala ninguém ouve! Aí ficam essas questjjes . A gente tem um único momento que seria a semana pedagógica ela nýo andou acontecendo por muito tempo! Os conselhos de classe! E esse conselho de classe... antes a gente tinha um conselho que a gente chamava conselho de análise, entýo se a gente estivesse com alguma questýo específica de uma turma, juntava a turma e os professores, a gente sentava todo mundo junto para dialogar, isso acabou também! Quando vem conselho de classe nýo é isso! Aí o pessoal fica assim: - Nýo o conselho fica me pedindo para aprovar! – Ninguém está te pedindo nada você é professor você tem... como se diz... autonomia, você decide! O que você vai fazer, fala nýo e acabou! – Nýo, mas ficam me pressionando! – Nýo ninguém pressiona ninguém nýo! Você fala o que você quer! Agora se você nýo se coloca! – O que que acontece, como eles nýo têm formação na área de licenciatura, eles nýo sýo professores, o que que acontece, eles nýo sabem se colocar! Entýo ele nýo tem argumento para discutir, e na falta do argumento é voto vencido, porque aí ele perde! Porque nýo consegue argumentar. Aí sai, sai nervoso, sai falando mal. Falei: - Pois é, a gente precisa estar preparado inclusive para participar de um conselho! A ideia de que conselho é para falar mal de aluno. E juntando na reunião e falamos é o seguinte, nós somos professores dessa turma, nýo somos? Como é que nós vamos desenvolver esse ano? Aham! Como é que nós vamos desenvolver esse ano? Antes de começar as aulas, entýo vamos reunir os professores: - Olha, nós somos professores desse curso aqui, de instrumento musical, legal!. – Você na educação física, eu na química nýo sei o que...! E aí o que que vocês estýo...? O que que você vai fazer na educação física o que que eu pensei em fazer na química? E o que que a gente pode fazer juntos? Em que momento nós vamos estar juntos? Em que momento nós vamos estar juntos para eles entenderem que eles estýo dentro de uma escola! Porque, cada professor tem um projeto! Qual vai ser o projeto desse ano? Que projeto nós vamos fazer? Nós vamos fazer um projeto, aí você faz um projeto lá. Eu vou ver seu projeto e vou falar: - Nossa! Mas a partir desse seu projeto na educação física eu posso trabalhar isso, e isso, e isso na química, porque tem a ver com o conteúdo do primeiro ano, tem a ver com as questjjes que a gente está trabalhando, entýo eu já vou linkar aí com o seu trabalho, aí eu já vou desenvolver isso no primeiro bimestre, isso no segundo, isso no terceiro. De forma que no quarto bimestre eles já fechem lá seu projeto junto com você, entýo a gente já vai trazer a ideia do que sýo moléculas, por que que você toma água quando você está fazendo atividade física? Desidrata mais. Por que que você tem que usar um eletrólito? Por que que você vai usar um sal? Entýo vamos, vamos trabalhar isso! Você tem o seu projeto na educação física e eu vejo o meu link aqui, nýo é? Aí vem a física!: - Na física a gente está trabalhando mecânica! A você vai trabalhar com handebol, ótimo entýo já vou focar meus exemplos, neste projeto de handebol que você está fazendo! – Porque aí ao invés de eu falar que a bola está sai nýo sei do que... pode usar... : - A o goleiro arremessou a bola num ângulo nýo sei das quantas, nýo sei de que jeito e consegui fazer um gol olímpico que acertou o outro! E aí como a gente nýo está trabalhando isso administrativamente a questýo da escola ela ficou

para lá, a questão pedagógica não existe! Então a gente foi esquecido aqui. Aí acontece o que? Você faz seu mundo, o outro faz isso! – Ah! Então o meu mundo é publicar artigo A, eu vou fazer o meu artigo e vou publicar artigo A, eu vou lá e dou aula e volto para a minha pesquisa. Mas é aí se nosso mundo, por exemplo tem um professor de física aqui que também adora fazer essas coisas diferentes. Por que que a gente não trabalha todo mundo junto? Então a coordenação chama e: - Olha vocês são os professores, vocês do primeiro, vocês do segundo, vocês do terceiro. E aí o que que nós vamos fazer esse ano? – A nós vamos fazer isso, nós vamos fazer isso, nós vamos fazer isso! – E que visitas técnicas nós temos? – A nós temos essa visita, essa visita, essa visita! – Ah! Você tem essa visita técnica? Então que bom! Que eu já vou pegar um gancho já vou elaborar o roteiro de observação para ele observar lá que tem a ver com os conteúdos que a gente está trabalhando. - Os caras vão para a visita técnica e avisam: - A professora os dispensa agora porque eles vão para visita técnica! – Mas ninguém me avisou! – É mas vai sair agora, conseguimos ônibus ontem! – Falei: - Então vai! – Mas aí você fala: - Puxa vida! Se eu soubesse! Eu teria feito toda uma discussão antes para o aluno já chegar lá com espírito de observação! Lá você pode ver isso! Presta atenção nisso! Olha aqui o roteiro! – Perguntando para o cara que vai apresentar! Porque é uma visita técnica, não é um passeio. Então o que que ele vai ver lá, que observações ele vai trazer? Sabe? O que que isso vai construir? Ele como profissional futuro? Porque ele tem que ter esse olhar! E aí a gente tem todas as inteligências está faltando juntar! E... essa... agregação parte da gestão não tem jeito! Porque senão a gente fica sozinho aqui tentando dar murro em ponta de faca! E a gente vai sofrendo! Isso vai matando a gente!

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 11.

PERGUNTA UM - QUAL O CONCEITO DO SUJEITO SOBRE O QUE É EDUCAÇÃO.

- Na verdade, queria agradecer a oportunidade de estar participando com você. Um trabalho que eu acho de muita importância para nós aqui. E o conceito de educação na minha opinião é muito amplo! Existe uma educação que infelizmente foi perdida no nosso aluno, você deve ver isso também, que é a educação que vem da família; e nesse sentido eu acho que há uma inversão de papéis e que a gente não pode fugir dessa responsabilidade, mas tem de certa forma atrapalhado, pelos próprios mecanismos que não deixam a gente atuar como deveria atuar. Eu não sou pai eu não sou responsável, mas muitas vezes eu teria que atuar como tal, principalmente no curso técnico, que é o foco da sua pesquisa que é onde eu trabalho também, mas eu penso que é bem ampla essa definição de educação e quando ela vem para a parte do ensino, aí sim é a relação ensino aprendizagem que tem que ter, eu coloquei até como resposta disso, os pilares de: respeito, dedicação e responsabilidade de ambas as partes, tanto do aluno quanto do professor.

PERGUNTA DOIS: QUAL O OLHAR DO SUJEITO SOBRE A EDUCAÇÃO FORMAL E O ESPAÇO DA ESCOLA.

- Tudo pode melhorar! Eu entrei na escola quando ainda era Escola Técnica, noventa e oito, eu não sei qual é sua época de escola, mas a gente percebeu no ensino técnico, pelo crescimento do número de cursos e a diversidade de alunos, se perdeu um pouco essa qualidade. Até naquilo que eu já te falei da primeira vez, do respeito, parece que houve entre aspas, uma contaminação; aqui é uma universidade então nós temos direitos, e reivindicam a liberdade quando ainda não têm a responsabilidade. Então o aluno ficou solto, você percebe isso na conversa na sala de aula, no uso de equipamentos eletrônicos, na sua ausência à sala de aula mesmo... E isso interfere..., eu vejo hoje uma qualidade bem inferior àquela que era antes em noventa e oito... escola técnica, só curso técnico mesmo uma coisa bem dedicada.

PERGUNTA TRÊS: *A VISÃO DO ENTREVISTADO A RESPEITO DA INFLUÊNCIA DESTE PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM NA VIDA E NA FORMAÇÃO DO ALUNO.*

- Apesar desses problemas todos, eu ainda acho que é positiva e nós temos uma função muito importante, porque eu percebo que apesar de todas as dificuldades já citadas, e que vão aparecer até mais, o aluno ainda espelha muito o professor, ele tem o professor como exemplo. Infelizmente muitos de nós não têm dado um bom exemplo, porque é uma troca, é bidirecional, eu falo isso para os meus alunos, se você não mostrar interesse o professor naturalmente não vai mostrar! E isso tem contaminado, infelizmente, aquela ideia do servidor público que não pode sofrer nada e tal... e a gente tem visto isso e tem prejudicado e muito esse desenvolvimento. Mas por outro lado aqueles que são responsáveis, que têm na verdade uma profissão e fazem aquilo com amor, ele supera tudo isso e tenta passar um exemplo. Primeiro de homem, primeiro de cidadão, e profissional da área, isso é importante também porque o aluno ele tem que entrar, principalmente nos nossos cursos que são técnicos integrados com a parte profissional já sinalizando para um curso superior. O exemplo e motivação tem que vir do professor. Eu acho que isso é importante demais, não pode simplesmente se limitar a matéria, simplesmente ao conteúdo. Porque muitas vezes o conteúdo ele é até deixado de lado, eu costumo dizer para os meus alunos: - Vocês vão sair daqui, vocês não vão saber quase nada, mas vão saber aprender, saber buscar! – Eu trabalho muito com a questão da equipe, porque hoje infelizmente essa questão da internet tem trazido o cara para poder ficar sozinho, tudo ele acha ali no Google ele faz, ele busca, ele acontece, mas não é assim que as coisas funcionam. Nem um profissional é tão poderoso, digamos assim, que possa resolver tudo. Você vê, eu cito até um exemplo, você é um escritor, só você escrevendo, você vai precisar de alguém para fazer o livro, para publicar, para divulgar, para fazer os desenhos... então nada na vida você faz sozinho. Então eu faço questão de que o aluno trabalhe em equipe, interaja, e isso é até um desafio porque as matérias do menino são técnicas, são cálculos. O pessoal fala: - Ah! Eu sei fazer. – Eu falo: - Não adianta você saber fazer, você tem que saber conversar!

PERGUNTA QUATRO: *NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO QUAIS OS PONTOS POSITIVOS E/OU NEGATIVOS QUE INTERFEREM NO APRENDIZADO DO ALUNO.*

- O mais negativo até eu já citei! A liberdade que o aluno tem que chega ao ponto da falta de respeito, do professor ser tratado muito como amigo, acho que isso aí, tem que ser, mas com aquele limite, eu sou o professor, você é o aluno. A gente percebe que muitas vezes o aluno ele exagera nisso e se perde o respeito e ele passa meio que se afastar e aí exige uma certa rejeição e é bidirecional e acaba prejudicando. Então como negativo eu cito essa liberdade. Que eu não gostaria de voltar no autoritarismo... a sirene, cumprir horário, mas eles precisam ser preparados para a liberdade, a liberdade ela é conquistada e precisa ter responsabilidade. E por outro lado o ponto positivo é que você encontra, isso me traz alegria de trabalhar, pessoas que entendem a forma que você está se mostrando enquanto amigo, mas sem que se perca o respeito. Então parece que a resposta é a mesma, mas não deixa de ser, mas isso é individual, uma parte da turma entende dessa forma e não perde o respeito, e por outro lado quando o respeito é perdido você tem uma desvantagem tremenda.

PERGUNTA CINCO: COMO O ENTREVISTADO VÊ O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM PARA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ENQUANTO TRABALHADOR.

- Eu acho que o mercado de trabalho sempre vai ter lugar para o bom profissional, só que hoje o bom profissional não é só aquele que sabe fazer as coisas, é igual eu já comentei aqui, e o assunto ele sempre volta à questão do relacionamento, eu acho que hoje a gente tem que tomar cuidado com quem nós estamos formando, se o cara sabe fazer cálculo sabe fazer projeto, que é a minha área de projeto elétrico calcular curto circuito essas coisas, ou se é aquele que sabe interagir dentro de uma empresa, de uma indústria, do mundo corporativo que nós vivemos também, mesmo com a tecnologia, porque a tecnologia não é para substituir isso. Esse é o grande engano, o computador ele não substitui uma reunião uma conversa uma tomada de decisão. Esse é o grande problema que nós enfrentamos, principalmente na minha área que é área técnica. Então eu vejo que enquanto profissional ele tem que sair, com uma formação boa, até forte na parte técnica, mas se ele não tiver uma formação humanística, e aí que eu dou importância às disciplinas das humanas, a questão de relacionamento, para que ele possa saber aplicar lá, porque o sucesso não vem com o conhecimento técnico e vem com uma interação, por isso que chama integrado, então tudo tem que ser integrado, e muitas vezes nós não sabemos usar isso. Até estava numa reunião agora a pouco, e cadê o pessoal das disciplinas básicas, eles não participam. Então a gente não tem essa interação, essa é uma falha nossa.

PERGUNTA SEIS: SOBRE A TRAJETÓRIA DO INDIVÍDUO E O QUE O TRAZ À CARREIRA DE PROFESSOR.

- Interessante que no meu caso foi, e eu não nego que seja assim, porque eu sou engenheiro eletricitista formado em Uberlândia, e quando terminei o curso de engenharia... naquela época... era muito fácil ter uma bolsa de mestrado, e assim, não querendo me gabar, mas as notas boas e tudo mais eu fui meio que convidado: - Venha para cá fazer um mestrado que nós temos bolsas sobrando. - Falei: - Cara você quer saber emprego lá no

Nordeste, lá para aquele fim de mundo! Eu estou solteiro, com a minha mãe, tenho tranquilidade, a bolsa era uma bolsa boa. – Por comodismo eu comecei nessa área de pesquisa, fiz o mestrado, e ao término do mestrado eu já comecei a tomar gosto, comecei a dar aula particular para amigos e tudo o mais, dei algumas aulas num colégio estadual lá, numa situação até interessante que meu irmão já trabalhava lá, tinha que montar uma equipe de futebol de salão, mas tinha que ser professor, aí peguei umas aulas lá de estudos sociais: - Tem nada a ver! Mas comecei a gostar! – Nessa troca de conhecimento, de passar, de perceber que você está traduzindo e passando alguma informação para as pessoas. Aí o doutorado foi uma escolha bem direcionada, eu quero ser professor, eu quero ser pesquisador. Hoje muito mais professor do que pesquisador. Hoje o pessoal até me cobra: - Você é doutor cadê as pesquisas? – Eu falei: - Cara eu amo estar na sala de aula. Aquela relação com o aluno! - Por mais difícil que o aluno esteja. Então tudo começou por um comodismo e se transformou numa paixão mesmo, hoje, você pode até não acreditar, quando as férias são demoradas eu sinto saudades da sala de aula, eu sinto saudade mesmo!

PERGUNTA SETE: O QUE MAIS LHE MOTIVA E O QUE MAIS LHE DESMOTIVA NA CARREIRA DE PROFESSOR.

- Vou dar um exemplo bem prático para você. Sabe o que me desmotiva? Você estar ali ensinando o aluno, olhando no olho dele, e está sendo transmitido, eu estou entendendo eu estou entendendo! Chega na avaliação e a gente vai tocar neste assunto mais para frente o tipo de avaliação, ele pega a prova e fala assim: - Professor que dia que é a recuperação? – Sem olhar a prova, isso me desmotiva, isso me dá uma tristeza tipo grande. Mas na verdade ela é muito momentânea, porque de repente você pega a prova e corrige, você nota alunos que tiraram dez, você fala: - Opa, espera aí, eu estou fazendo alguma coisa boa! – Mas a desmotivação é essa, a pessoa não tem o interesse nem de olhar uma prova, e olha que ele ficou ali, você olhando no olho do cara..., e com certeza ele sabe alguma coisa, mas ele já vem meio conduzido por isso: - Eu vou fazer recuperação. Então que dia que é a recuperação – Então isso traz uma desmotivação tremenda.

PERGUNTA OITO: NA VISÃO DO ENTREVISTADO QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM PROFESSOR PARA CONSEGUIR CONTRIBUIR COM EFICIÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.

- Bom! Isso vale para qualquer profissão, não só para o professor, ele tem que gostar do que faz. Porque se você for fazer uma coisa que você não gosta você pode até fazer bem feita, mas no caso trazendo para nós ela não vai ter resultado! Porque é uma interação, é muito mais do que simplesmente passar um conhecimento, você tem que ter amor ou gostar daquilo que você faz. Ser responsável e respeitar: a dificuldade do aluno, a diferença do aluno. Porque muitas vezes você vê situações, muitas vezes não, a maioria das vezes, você tem um desnível tremendo entre alunos que vêm de classes diferentes, apesar de ser no ensino público, você percebe claramente que são alunos que vêm de uma situação totalmente diferente, e aí se o professor não tiver essa habilidade de respeitar as limitações e tentar ajudar na forma de tratamento diferenciada para aquele aluno, eu creio que não vai

ter sucesso n'yo! Mesmo que ele seja, a gente costuma falar: - Fora da linha! – O professor sabe demais, mas ele n'yo sabe ser professor, n'yo resolve.

PERGUNTA NOVE: *NA VISÃO DO ENTREVISTADO, QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM ALUNO PARA CONSEGUIR SE DESENVOLVER BEM DENTRO DESTE PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.*

- Você já respondeu à pergunta na sua fala! É ele saber o que quer, acho que é o primeiro ponto, ele saber se é isso que ele quer da vida dele, entendeu! Tanto é que você estava dizendo que a pesquisa é focada no terceiro ano, e eu trabalho com duas disciplinas do primeiro, eu tento colocar: - Vê se é isso que você quer! – Eu estou com uma disciplina que se chama circuitos elétricos e outra, instalações prediais, mas eu fiz questão de trazer um eletrotécnico formado para dar uma motivação e mostrar o que é a profissão, trouxe o cara do sindicato dos técnicos para falar o que que vocês vão poder fazer. Porque é o momento do cara, ele está com catorze anos... se n'yo quer isso, parte para outra, n'yo fica aqui, enrolando e perdendo tempo. Porque se n'yo for aquilo que você quer... você n'yo vai ter sucesso, você pode até formar com notas boas, porque ele luta por notas, infelizmente são movidos por nota, mas ele n'yo vai ter sucesso n'yo vai ser feliz de forma nenhuma.

PERGUNTA DEZ: *O QUE MAIS MOTIVA E O QUE MAIS DESMOTIVA OS ALUNOS, NA VISÃO DO ENTREVISTADO.*

- Eu acho que n'yo existe motivação, motivação verdadeira, existe uma disputa por nota, e muitas vezes é culpa nossa. Porque você tem o aluno do curso técnico com quinze disciplinas e nós n'yo conseguimos interagir essas disciplinas! É culpa nossa! Você n'yo tem uma reunião, eu n'yo sei quem é o professor de matemática, de física, de educação física a gente se conhece nas reuniões, então isso aí para o aluno ele focou no que a gente tem passado. Você precisa tirar nota seis, vamos estudar e tal. Então por mais que a gente fale era necessário a gente fazer uma interação: - Olha, o que que está se vendo em matemática, vamos trazer para cá. E a história e esse cara aqui que gerou essa lei, e aquele que está lá. – Então essa parte é importante, porque hoje a motivação do aluno é nota. E eu vejo uma dificuldade de você motivar para uma profissão ou mesmo para uma interação já que nós n'yo fazemos, como é que você cobra aquilo que você n'yo faz. (O entrevistador aprofunda a pergunta buscando saber o que o entrevistado acha que mais motiva os alunos a aprender) – Eu vou falar da minha área, na minha área a gente está trabalhando a questão das instalações elétricas, a gente tenta, na medida do possível, mostrar o que eles vivem, tanto citando exemplos até do cotidiano deles: - Uma lâmpada, um ventilador, quando você liga ali o que que acontece? Por que que o negócio esquenta? – Então isso falta, e acho que na minha disciplina talvez seja mais fácil, porque são coisas ligadas, mas faltaria em todas, você tentar trazer... Isso é fácil de fazer quando você pega um exemplo da casa dele: - Como é que é? Que você faz na sua casa? – Você traz para uma realidade dele. Então trazer...tirar... Uma coisa que eu faço, em algumas situações talvez n'yo funcione, eu n'yo adoto livro didático, eu faço meu livro didático baseado nos outros, porque a realidade é diferente, os livros são traduzidos, são livros que vêm dos Estados Unidos, da Inglaterra, é

outra realidade. Entyó vocé tenta trazer para cá para o aluno interagir com vocé, nesse sentido também, de construçyó do material didático, porque isso é papel e dever do professor, mas é papel dele trazer algo de conhecimento, e ntyó só o conhecimento puro, algo que seja palpável... do dia a dia do aluno.

PERGUNTA ONZE: *NA PERSPECTIVA DO ENTREVISTADO O QUE LEVA O ALUNO A TER OS HÁBITOS E AS CONDUTAS QUE NORMALMENTE ELES TÊM EM SALA DE AULA (EXEMPLO: SER MAIS OU MENOS DEDICADO AO ESTUDO, SER MAIS OU MENOS COMPORTADO, SER MAIS OU MENOS CRÍTICO ETC.).*

- Muitos dos alunos que entram para o curso de eletrotécnica slyó entre aspas forçados, um tio, um pai, uma influéncia assim, ele ntyó sabe o que é o curso e alguns deles vlyó levando até o terceiro, quarto ano, mas ntyó gosta, ntyó gosta, está ali por obrigaçyó. A gente até acha que isso aí é passado, porque o aluno hoje... aquela história... parece que ele tem tanta autonomia, mas ele ntyó tem autonomia! Ele ntyó tem responsabilidade. Entyó de certa forma ele seja conduzido, agora ntyó está sendo conduzido tanto pelos pais como obrigaçyó, como era na nossa época: - Faz isso, senlyó vocé vai ficar de castigo! – Hoje ntyó pode nem castigar, mas a mídia empurra para este lado: - Vamos fazer isso, esse curso, dessa forma aí! – Entyó o aluno tem chegado hoje: primeiro muito imaturo, se achando o máximo, pensando que sabe tudo, e a gente vê muita arrogância nesse tempo em termos e perder respeito na sala de aula, e desinteressado, ele tá ali igual vocé falou, ntyó sei onde eu vou chegar. Parece que ele está vivendo dia após dia, ntyó vislumbra o futuro, vocé fala: - Que curso vocé quer fazer? – Ele: - Ah! Ntyó sei ainda! – E está passando muito rápido, a gente comentou, hoje já é dia três de junho, o tempo está abreviado. Estava falando que quando a gente fica mais velho passa mais rápido, eu acho que ntyó, eu acho que a questlyó é que realmente está... essa evoluçyó tecnológica tem produzido um tempo mais acelerado também, fazendo chegar uma falsa maturidade na cabeça dele. Entyó a gente percebe se fosse para citar três seria: Despreparado, sem conhecer o curso e muito arrogante. A gente recebe alunos que acham que sabem tudo.

PERGUNTA DOZE: *QUAL A ANÁLISE QUE O ENTREVISTADO FAZ DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR ALUNO.*

- Na verdade é assim, igual a gente tem falado, é uma interaçyó, entlyó ntyó adianta eu também querer forçar uma coisa se o aluno ntyó está reagindo de acordo. Tanto é que eu até fico preocupado com os meus planos de ensino que eu ntyó marco data de prova, eu ntyó sei como o é que a turma vai, ntyó adianta. Essa semana mesmo eu vou trocar uma aula de instalaçyóes por circuitos porque eu vi que a turma está fraca: - Vamos fazer uma aula diferenciada vamos fazer mais exercícios, vocês tragam as dúvidas. – Entlyó essa adaptaçyó ela faz parte do processo ensino aprendizagem. Tanto é que se vocé amarrar um plano de ensino fixo e falar tem que ser assim, vocé tá errado, porque de repente vocé pode dar tudo aquilo e ele ntyó aprender nada, como vocé pode dar um capítulo só, estou falando de coisas técnicas, e se ele aprendesse aquilo seria uma base para ele poder deslanchar mais. Entlyó falta um pouco essa questlyó do professor se adaptar à turma! Seria isso!

PERGUNTA TREZE: *SE O ENTREVISTADO CONSEGUE PERCEBER AS ATITUDES E COMPORTAMENTO DOS ALUNOS QUANDO ELES NÃO GOSTAM OU QUANDO GOSTAM DE DETERMINADA METODOLOGIA DE ENSINO.*

- Pela idade, até mesmo no terceiro ano eles são bem jovens, porque ele entra aqui com catorze, quinze anos e no terceiro ano ele está com dezesseis, dezessete. Então é aquela história da tecnologia traduzir uma falsa maturidade, então você tem que interagir no sentido de ele participar, eu acho que isso é importante demais, chamar pelo nome, eu acho isso fantástico, tanto é que eu faço questão de tentar decorar todos os nomes. Ainda brinco: - Fala seu nome! Mas não estou te intimidando não. Eu quero saber e conversar com você... o que que você achou disso? – Eu chego até mandar os meus alunos: - Vai no quadro negro! Vamos juntos aqui! – Ah! Professor mas eu não sei! – Falo: - Então vamos errar juntos aqui! – Aí o outro começa a rir...: - E aí o que que você está rindo, vem para cá também! Então você trazer para um ambiente que eles estão acostumados, só que é uma faca de dois gumes, eu já tive problema com alguns alunos que não entenderam isso e perderam o respeito, mas graças a Deus foram poucos os casos. Mas quando você traz isso e o aluno entende você percebe até a mudança na fisionomia da pessoa, ele chega para sua aula: - O professor o que que a gente vai fazer hoje? Nossa foi legal demais! – Então essa é uma motivação que nós precisamos enquanto professores. Então esse envolvimento com o aluno e trazer ele a participar do processo ensino aprendizagem, não ser simplesmente o receptor.

PERGUNTA CATORZE: *COMO O ENTREVISTADO PERCEBE A CAPACIDADE DO PROFESSOR DE ENTENDER OS ALUNOS E AJUDÁ-LOS A SE DESENVOLVER NAS SUAS PARTICULARIDADES, E A DOS ALUNOS ENTENDEREM O PROFESSOR NA SUA INTENÇÃO DE CONTRIBUIR NO SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM.*

- É possível sim, mas para isso também é necessário que nós abramos mão de alguns direitos adquiridos, vou dar um exemplo muito clássico: recuperação. Recuperação hoje tem que ser feita no período vespertino e virou uma prova. Se o professor entende que há uma deficiência de um, dois, três alunos; eu acho que ele tem, não como um dever, mas uma obrigação moral, porque não consta como carga horária, não vai assinar, marca uma aula extra com esses alunos, traz eles para junto de vocês, traz um daqueles que estão entendendo para que eles se sintam também, como dizer... motivados, ou mesmo classificados enquanto ele, fala: - Eu estou conjunto com o cara que sabe! – Porque tem isso, porque o cara olha lá a nota: - Oh! Esse cara é bom! – Traz ele junto e começa a participar e tenta, porque hoje nós temos trinta alunos na sala de aula, primeiro desafio é conhecer todo mundo pelo nome, agora que eu estou começando a conhecer já está quase no meio do ano, mas aí você traz para o ambiente mais íntimo, mais próximo ali, e mostra para o aluno: - Professor, podemos fazer uma aula extra? – Podemos! Que horário que você pode, você pode tal dia? – Porque muitas vezes a gente faz o contrário: - Eu só posso esse dia! Você pode vir? Não! Então não vai ter aula! – Não é? Então o professor nesse sentido ele poderia atuar um pouco mais para resolver essa dificuldade, esquecer um pouco negócio

de horário: - Você pode tal horário, entýo vamos marcar aqui mesmo na escola, mas vamos fazer isso... o tempo que for necessário a gente fica. A nýo entendeu? Vamos montar de novo! – Mas isso volta para aquilo do individualismo nosso, eu tenho o meu horário, eu tenho a minha vida, isso nýo faz parte, e estou sendo pago aqui para esse horário. Entýo quando o professor, e aí é obrigaçýo, agora quando você faz por prazer nýo tem horário, você fala assim: - Eu estou fazendo isso porque eu gosto, isso aqui está trazendo é mais para minha vida. E você vê o crescimento do aluno, você vê o crescimento, você vê falar... eu penso assim, nýo busco isso, mas é muito bom quando nos corredores, você é o melhor professor nosso, eu falo: - Nýo, que é isso? Calma. Você teve um professor muito ruim para eu ser o melhor (risos) – Mas no fundo a gente tem uma vaidade, a gente tem um ego, isso nos alegra, isso nos faz crescer cada vez mais, e ter uma responsabilidade com aquilo que faz.

PERGUNTA QUINZE: *COMO O ENTREVISTADO ANALISA AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DO PROFESSOR NO PAÍS.*

- É, como eu comentei com você, no início eu dava aula particular e trabalhei no estado por um tempo muito curto, até em funcýo desse jogo que teve lá. Mesmo assim eu tenho pessoas, conheço pessoas que sýo professores do estado e no município, é outra realidade, eles sýo heróis. Eu acho que na nossa condiçýo, faltam coisas? Sim! Mas falta muita vontade, eu percebo isso nas nossas aulas práticas. E muita gente fala: - Ah! Nýo tem o que eu preciso! – Mas o que tem lá você poderia usar. Entýo isso falta muito... muito interesse de fazer mesmo! Entýo hoje por exemplo, eu vou ser sincero, parece até hipocrisia, você pode falar: - A mas isso nýo é verdade! – Eu acho que eu nýo mereço o que eu recebo, pelo que eu faço. Eu acho que eu recebo bem demais da conta. Entýo chego a ficar nestas questýes de greve essas coisas, a gente tem direito a gente percebe, mas eu nýo gosto de comparar igual muita gente faz: - Ah! Um juiz ganha tanto e nýo faz o que a gente faz! – Mas entýo porque que você nýo foi fazer direito. Você fez uma escolha! E assim e comparando com o professor, leva para o estado, para o município, ficar tanto tempo sem receber, aquelas condiçýes, tantas crianças dentro de sala, uma diversidade muito maior do que a nossa. Entýo eu penso que a nossa, eu estou falando a nossa realidade, eu vou falar da realidade geral, muito ruim para o estadual, para o municipal, mas nós enquanto servidores públicos federais na situaçýo que nós vivemos, muito boa a condiçýo, excelente. Digamos assim, acho que temos que melhorar sempre..., mas vamos ser bem realistas! Quantos dias atrasou nosso salário... nunca! Vinte um anos que eu estou aqui na instituiçýo nunca atrasou!

PERGUNTA DEZESSEIS: *QUAL ANÁLISE DO ENTREVISTADO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR NA ATUALIDADE.*

- Nýo era para ser assim! Como eu falei aqui no início da minha fala, o papel de educador e do pai e da mýe! Mas os nossos alunos nýo têm pai e mýe em casa! Entýo nós temos que assumir esse papel também! Entýo muito mais do que ensinar, nós temos que dar o exemplo daquilo que nós fazemos com seriedade. Isso é das coisas pequenas, eu penso

assim, o professor... o aluno adora quando o professor dá quinze minutos de aula e libera, mas no fundo ele vai falar assim: - O que que é isso, que profissional é esse? – Você está entendendo? Entýo o exemplo de dedicaçýo e respeito. Eu penso assim, que infelizmente, nýo era para ser, estamos substituindo os pais ou responsáveis, e isso é uma responsabilidade muito grande que eu nýo posso simplesmente falar: - Nýo! Eu nýo sou seu pai! – Eu tinha até meu direito de falar isso, porque eu sou pago para ensinar! Mas a partir do momento que eu amo a profissýo que eu escolhi, e que eu entendi que essa profissýo vai muito além de conhecimento técnico, eu tenho que me posicionar com esse papel sim! Para tentar ajudar a formar o indivíduo mesmo que ele nýo tenha nada na casa dele. Lógico que substituir nunca vai conseguir, mas pelo menos tentar amenizar a falta que faz um pai, uma conversa! A gente percebe isso nos alunos!

PERGUNTA DEZESSETE: *SE NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO O ENSINO MINISTRADO CONSEGUE ATENDER AS EXPECTATIVAS DOS ALUNOS E TAMBÉM AS DO PROFESSOR.*

- Mais uma vez como exemplo! Eu nýo sou técnico, sou engenheiro eletricista, mas a área é a mesma. Para que aprender física matemática nessa área? Nýo deveria só aprender eletricidade, circuito? Mas é uma base ali para você, e você vai precisar dessa base mesmo que você nýo a utilize de forma direta! Entýo esse é o papel do professor também! Nýo mostrar simplesmente exemplos práticos ou o que aquela disciplina tem em comum com a sua vida, seja numa sociologia, numa biologia da vida, por qué? Porque nýo é só conhecimento técnico! Isso aí é tudo para o crescimento da pessoa e para a formaçýo geral dela. Entýo esse é um desafio também do professor na área técnica... de tentar trazer isso... mas só que esbarra de novo! – É uma coisa que eu tenho prazer em fazer? Nýo! – Entýo vou fazer aquilo que está encomendado..., que está no plano de ensino! Se eu cumprir aquilo lá está ótimo. Aí é uma disciplina da exata, passaram tantos alunos, foram reprovados tantos, isso é normal. Mas eu procuro avaliar como é que está essa relaçýo que é uma relaçýo muito maior do que simplesmente nota e conhecimento técnico. (O entrevistador provoca o entrevistado para falar também um pouco mais sobre as expectativas do professor. E o entrevistado prossegue) – Sempre podemos fazer melhor! Eu acho que o ser humano tem uma tendência natural de comodismo, se acomodar com as coisas, entýo o resultado vai vir, mas a busca tem que ser sempre por melhorias, igual a gente comentou, as nossas condiçýes sýo muito boas, por isso eu vou cruzar os braço e nýo vou buscar crescer de forma nenhuma? Eu volto mais uma vez a ser o exemplo! Se você mostrar para o aluno, apesar duma condiçýo... até financeira de estabilidade, você tem que procurar crescer... crescer como pessoa nýo pensando só no dinheiro. Eu falo para os meus alunos: - Vocês têm que fazer o que vocês gostam, nýo o que vai dar mais dinheiro! – Eles têm essa pergunta: - Professor! Onde eu vou ganhar mais dinheiro? – Dinheiro para que? Para pagar médico depois? Entýo nýo tem necessidade disso!

PERGUNTA DEZOITO: *COMO O ENTREVISTADO VÊ A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MINISTRADA PARA O FUTURO DOS APRENDIZES.*

- Eu penso que... nós vivemos num país capitalista, eu não posso falar simplesmente assim: - Eu vou abrir mão, o dinheiro não importa! – Mas é questão de prioridades, colocar na ordem certa! Eu penso que a questão do bom profissional, eu sempre falo isso para os meus alunos, eles têm muita preocupação quanto ao mercado de trabalho, se você for um bom profissional vai ter um lugar para você! Vai ter um lugar! Isso aí não tem dúvida. Se vai ganhar bem ou mal, não vai interessar, porque se você for um bom profissional vai ser feliz naquilo que faz! Isso gera um círculo que vai ter um lucro... uma renda, que talvez não seja aquilo que outros ganhem, mas o olhar é esse, aquele outro que ganha isso ele é feliz? Ele é o profissional de sucesso? Porque o sucesso não se mede só pelo dinheiro, de forma nenhuma, uma satisfação própria, uma coisa que vai muito além disso. Então, quando você pergunta a formação do aluno leva ele a ser esse profissional, ou o que nós podemos fazer, ou qual a motivação que nós podemos dar para esse aluno? Primeiro mostrar uma realidade, mas mostrar uma potencialidade que cada um tem. Ninguém é melhor do que ninguém, não adianta. Talvez você tenha uma certa facilidade de aprendizado, isso a gente percebe, são aquelas pessoas que destacam e você deve valorizar isso sim, mas aquilo também não pode ser o primeiro! Aquilo ali não pode ser o primeiro! Aí volta o que a gente conversou no começo, aquela pessoa que está acima da linha ela vai trabalhar sozinha? Existe alguma profissão no mundo hoje que se trabalhe sozinho? Não existe essa é a realidade! Então se você é muito bom na parte técnica, mas não se desenvolve nas outras, talvez você não tenha o sucesso e nem o rendimento que uma pessoa que saiba interagir tenha! Eu costumo dizer assim, dou um exemplo meu no doutorado, eu tinha que programar um sistema lá e não sabia programar, o cara estava fazendo doutorado naquela área ele fez o programa para mim, não depreciou nada o meu trabalho, porque o meu objeto de estudo não era o programa! Então foi uma coisa que ele fez, eu utilizei e deu sucesso! Então por quê? Porque existia um relacionamento. Algo que foi construído ao longo do tempo, e aí entra uma palavra que se perdeu também ao longo do tempo, humildade para falar assim: - Eu não sei! – Hoje o ser humano tem dificuldade de falar assim: - Eu não sei! Me ajuda! Me ensina! – E o aluno tem vivido isso! Ele não sabe, ele acha que sabe, acha que tem tudo nas mãos com o celular com uma internet na vida! E não assume falar assim: - Eu não sei! E quando ele provoca uma discussão ele tenta jogar para você, tipo assim: - Você não soube me ensinar! – E nós ficamos como culpados! Mas eu acho que faz parte até de você saber lidar com essa situação e saber assim, tem alguma coisa errada! Porque isso foi passado para ele! Será que a culpa é toda dele? Não! Não eu tenho uma parcela de culpa nisso daí, aí eu tenho que ser humilde e falar: - Não eu vou mudar meu método e tentar atingir esse aluno também! Trazer ele para o meu lado para que ele aprenda.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 12.

PERGUNTA UM - QUAL O CONCEITO DO SUJEITO SOBRE O QUE É EDUCAÇÃO.

- Entýo! Educaçýo ela é um processo coletivo! A gente se educa na convivência. Nýo se educa sozinho nem educa o outro, mas você partilha saberes, e nesse partilhar você vai se educando. Eu nýo sei epistemologicamente, porque também nýo é o que eu acho que você pretende aqui! Mas na minha perspectiva como docente... educar sempre foi um processo de mýo dupla, o tempo inteiro eu estou dando e recebendo, eu saio de uma sala de aula com trinta alunos, eu aprendi muito mais do que eu ensinei na proporçýo de um para trinta. Entýo eu percebo sempre a educaçýo nesse processo, que se dá na coletividade, e que se dá também à partir de uma concepçýo de mundo, que mundo eu tenho, que mundo eu quero ter, e nesse processo eu vou aprendendo sobre... como o mundo está... e como eu posso modificá-lo para chegar onde eu quero. Entýo também o processo da educaçýo do meu ponto de vista ele é polémico, porque as pessoas têm concepçõe s distintas de mundo, de sujeito. E a gente vai se chocando com essas concepçõe s e reafirmando certezas, desconstruindo certezas também, vendo pontos de vista e aprendendo nesse processo. O que mais eu posso falar também sobre educaçýo? Também eu penso muito nessa educaçýo como plural, as palavras sempre sýo coletivas! (risos) Plural. Porque também a gente tem aprendizados que nýo sýo totalizados, porque assim, eu sei de coisas que o outro nýo sabe, o outro sabe de coisas que eu nýo sei, e essa pluralidade de conhecimentos é que vai construindo a educaçýo de um tempo. Também penso que a educaçýo passa muito pelo afeto, eu nýo acredito que a educaçýo é racional pura e simples, a gente usa muito o filtro da racionalidade quando a gente pensa educaçýo, mas eu acho que isso ainda é uma herança Cartesiana de péssima qualidade (risos). Descartes morreria se soubesse que a gente fez isso com o que ele estava tentando explicar no mundo, mas eu penso que a educaçýo também passa pela afetividade, isso também é um aprendizado porque você pensa que o tempo inteiro você está trabalhando com conhecimento, você descobre que no momento também você está trabalhando com afetos, porque o afeto te permite parar para ouvir o outro, parar para entender o outro. Entýo eu penso hoje a educaçýo também nessa perspectiva da afetividade, de constituir vínculos, nýo no lugar de pai e de mýe, nada disso, mas nesses afetos que se dýo inclusive por compreender um ser humano. Eu me compreendo, eu quero compreender o outro, eu quero me compreender, entýo sýo espaços de afeto. É uma coisa curiosa como a gente muda! Assim, no início da minha carreira... eu saí com a ideia: - Olha, eu nýo tenho que ser amiga do meu aluno, eu tenho que ser competente! – E fui caminhando com isso! Hoje eu continuo achando que eu preciso ser competente, mas eu acho que eu consigo ser amiga! Nýo no sentido de ser amiga como um colega da idade dele, nýo como um familiar, mas um outro lugar da amizade também. Tem um lugar que é preenchido pelo profissional da educaçýo!

PERGUNTA DOIS: *QUAL O OLHAR DO SUJEITO SOBRE A EDUCAÇÃO FORMAL E O ESPAÇO DA ESCOLA.*

- Eu tenho feito um exercício de pensar em perspectiva! Porque se a gente fica muito sincrônico, muito no hoje, a gente enlouquece! Quando a gente coloca a perspectiva você fala: - Nýo está týo ruim quanto parece! – Entýo assim, eu escuto muito isso, que a educaçýo está horrível, e eu me pergunto: - Quando foi boa? – Ela foi boa quando as

atitudes incorretas, na perspectiva do professor, eram punidas com violência física? Foi boa quando era para bem poucas pessoas? Foi boa quando foi só para o clero? Foi boa só.... Quando foi boa? Entýo quando as pessoas dizem que a educaçýo está ruim, estýo dizendo comparando com um lugar que é muito perigoso, que é um lugar idealizado do passado! A gente que estuda um pouco mais educaçýo a gente fala que: - Vamos combinar que nunca foi týo boa! – Comparada com a história da humanidade nunca foi týo boa! O melhor tempo da educaçýo é o tempo de hoje! Inclusive por esse pensamento plural! Pelas tecnologias que estýo entorno da gente! Pela crise que a gente se permite ter! Porque a crise também é libertária. Quando você nýo tem crise é porque você aceita que só existe uma verdade! Entýo eu acho que essa concepçýo da educaçýo contemporânea, de crise, tem a ver exatamente com a qualidade que a gente acha que a educaçýo precisa ter, e que nýo era aquela de lá! Entýo primeiro eu sou completamente contrária ao mito de que: - Ah! Na época de tal a educaçýo era boa! – Eu acredito que a melhor educaçýo que a gente tem é a de hoje! Historicamente falando! Mas eu penso que a gente teve um problema muito sério com...a questýo de a gente lutar para democratizar a educaçýo. É uma metáfora antiga, mas que eu gosto dela, você nýo aumentou o tamanho do bolo, você pegou um bolo pequeno e dividiu por muita gente! Entýo quando a gente fala que a educaçýo perdeu a qualidade... tem a ver com a falta de investimentos para a quantidade de pessoas que a gente quer alcançar. Entýo você quer manter o padrýo de investimento para fazer um bolo X, só que antes alimentava cem, agora vai alimentar mil! Nýo... é lógico isso! No meu ponto de vista o problema que a gente tem realmente na educaçýo ela é de investimento! Investimento na formaçýo do docente, investimento na qualidade do espaço que esse docente trabalha, investimento também no salário desse docente para que ele se sinta valorizado. Entýo é uma questýo muito complexa. Estruturalmente eu penso que a educaçýo tem sérios problemas, e que esses problemas têm, no meu ponto de vista, a ver com o controle do saber! Entýo é preciso ter uma qualidade baixa para um público que na perspectiva de determinados grupos económicoss deve ocupar o papel X, no trabalho. E aí é uma situaçýo de controle, eu acredito que a escola tem... sido controlada! Mas também é o lugar mais libertário que eu conheço! É uma tensýo constante entre esse controle, e o fato do saber nýo poder ser controlado, dele escorregar entre os dedos, de quem tenta controlar. Entýo eu penso que na perspectiva de investimento a educaçýo nýo vive uma crise que tem a ver exatamente com esse lugar da humanidade de lutar pela democratizaçýo, mas o investimento nýo ser democrático. Entýo... escola para todos, mas nýo tem dinheiro para a todas as escolas! Entýo a gente tem isso! E penso por outro lado também que... a escola de hoje é muito melhor do que a escola da minha época! Entýo eu tenho quarenta e seis anos, quando eu tinha dezesseis anos, meus alunos agora de dezesseis anos, eu nýo tinha esse lugar, eu nýo tinha essa sala de aula, eu nýo tinha essa escola. E eu era a melhor aluna da escola, mas eu nýo era... essa melhor aluna de hoje, porque essa melhor aluna de hoje ela está muito mais instrumentalizada, tem muito mais acesso do que na minha época! Entýo nessa perspectiva histórica eu penso que a educaçýo melhorou significativamente em relaçýo à quando eu estava fazendo o ensino médio. Entýo eu penso sempre nessa ambivalência, que a gente fica observando o que falta, e precisa observar o que falta porque

a gente tem que construir um futuro e o futuro se dá em ver o que falta e como a gente chega lá, mas a gente também precisa ter perspectiva para perceber o que a gente caminhou, onde a gente chegou. Entýo muita coisa que eu vejo as pessoas discutindo como problema eu nýo acho que seja um problema, eu acho que é a crise necessária para chegar nesse outro lugar que a gente quer que a escola e que a sociedade chegue! Da gente ter o sentido da palavra democrática efetivo e nýo só teórico! E é isso. (O entrevistador faz um pequeno comentário e a entrevistada prossegue) Agora esse momento que estamos vivendo no Brasil, onde o professor está sendo demonizado. O professor ele é um vilýo! Ele é o inimigo da família, ele é o inimigo... essa conversa toda! A gente precisa entender quanto disso é medo do que a escola já avançou. E assim eu estava conversando com um aluno, até do terceiro ano mesmo, foi meu aluno no primeiro e ele é meu monitor agora de língua portuguesa, e ele... conversando sobre as manifestações e eu falei: - Seus pais acham que você foi doutrinado aqui na escola? Aí ele fala: - Minha avó acha! – Perguntou para mim se eu fui doutrinado. E aí eu perguntei para ele: - Como é que você vê isso! Aí ele falou: - Eles acham que pensar diferente deles é ser doutrinado! – Entýo... (O entrevistador faz uma observação e a entrevistada continua) Mas é a mesma coisa em qualquer nível de conhecimento... formação, você chega lá você começa a desconstruir verdades que você aprendeu com o seu pai, com sua mãe, com seu avô, com sua avó. E que... na próxima geração vai acontecer novamente. Entýo de repente isso é demonizado, esse ciclo das gerações vai sendo demonizado, isso me assusta muito. Mas sigamos!

PERGUNTA TRÊS: *SOBRE A VISÃO DO ENTREVISTADO A RESPEITO DA INFLUÊNCIA DESTE PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM NA VIDA E NA FORMAÇÃO DO ALUNO.*

- Olha eu penso que o papel do professor ele é muito relevante; eu vou falar da nossa porque eu nýo conheço outras realidades, na sociedade brasileira. Eu trabalho com letramento, letramento significa aprender a ler! Nýo aprender a ler apenas alfabetizar, mas aprender a ler tudo, aprender a ler essa máquina que você comprou agora, entýo a gente nýo está letrado, a gente está letrado num tipo de gênero de situação, surge uma situação nova você tem que se lettrar de novo! O que que a gente ensina? A gente ensina como usar ferramentas! Mas o uso de ferramentas é feito a partir de necessidades! Eu tenho uma chave dentro do meu carro que eu nýo sei para que que serve! Um dia eu vou precisar trocar o pneu lá e descubro para que aquela chave serve... mas eu sei como se usa uma chave de fenda né, entýo um aprendizado se soma ao outro. E eu penso que... esse... ajudar a conhecer as ferramentas que é o que a educação faz pelos sujeitos na contemporaneidade é muito importante! E é muito libertador! Mas um grande problema é que muitas vezes a gente pensa que a gente tem que ensinar conteúdo e nýo ferramentas! No mundo em que o conteúdo é ilimitado. Todas as áreas têm conteúdo ilimitado, eu nunca vou conseguir ler todos os livros de literatura que eu gosto, e eu sou uma doutora em literatura (risos). Vou morrer com uma lista gigante de livros para ler lá para onde eu for! (risos) Entýo, nýo é conteúdo que precisa ser trabalhado, é ferramenta! Entýo ok, cheguei tem uma formação nova, mas se eu usar aquela chave de fenda que eu conheci ali, funciona? Vou adaptar ela

para funcionar aqui! N'yo, mas tem outra ferramenta que seria mais eficiente eu sei onde eu vou buscar! – Ent'yo nessa perspectiva de construir junto com o aluno... tem a habilidades que é o que a gente discute isso... eu estou usando a metáfora da ferramenta mas é isso que a gente está desenvolvendo, s'yo habilidades que v'yo ser potencializadas pelas práticas. Ent'yo meu aluno, tem desejo de ser da área de exatas, a princípio ele vai ter um certo desprezo pela área de linguagens, mas em muitos momentos da vida dele ele vai precisar dessas ferramentas. Ent'yo se ele sabe, se ele desenvolveu essa habilidade, ele vai usar na medida da sua necessidade no futuro! Se ele n'yo teve? Aí ele vai desistir diante das situações. Ent'yo eu penso que a escola é... considerando a história do Brasil, onde temos uma alfabetização muito tardia; temos classes... que as classes trabalhadoras v'yo lidar com o aprendizado formal apenas depois dos anos cinquenta e sessenta; ent'yo gente tem muito pouco tempo disso. Esse espaço é um espaço de muito poder! Muito poder! Porque a gente está fazendo o que gerações n'yo conseguiram fazer, ent'yo a gente tem casos e casos de alunos que s'yo o primeiro da família a terminar o ensino médio, primeiro da família a fazer a faculdade. E isso é... muito libertador! É um poder muito grande! É um empoderamento muito importante! Mas eu acho que a gente n'yo sabe fazer isso! Eu acho que a escola é muito relevante, mas acho que a escola ainda n'yo sabe fazer isso! A escola vive também essa dicotomia, a gente n'yo sabe se a gente é do século dezoito, dezenove, vinte, vinte um. A gente n'yo sabe! (risos) (O entrevistador faz umas observações e a entrevistada prossegue) Sim! Eu trabalho o leitor! Pesquiso o leitor! Aí fala assim: - Ah! O Brasil n'yo lê! A média de leitura do brasileiro é quatro livros por ano! A média de leitura na França é vinte, na Espanha é dez! Eu falo: - Para! Vê quando os processos de alfabetização foram consolidados nesses países e quando foi no Brasil! - Precisa entender isso, n'yo é uma escolha! O leitor ... N'yo é o leitor brasileiro responsável por isso, é uma conjuntura externa. Que pode se modificar com o tempo se tiver os investimentos nessa área, como teve em outros países que hoje tem uma média de leitura muito maior. Ent'yo n'yo foi: - Ah! Porque o brasileiro nasceu assim! – É uma história muito recente. E assim, a gente é marcado por contradições muito violentas. A escravidão marcou a história da gente de um jeito! O processo colonizador marcou de um jeito que a gente sempre se olha inferiorizando! Ent'yo tem que lidar com isso também, tem que se tratar disso, tem que se curar dessas perspectivas. E veja, a escola é o lugar onde isso acontece! Porque a família, por suas limitações também e por outras questões que eles precisam enfrentar, terminam fazendo a reprodução de uma tradição. E na escola a gente consegue mostrar para ele: - Há tradição s! E há contradições s! (risos) Nesse processo! – Há coisas que podem e devem ser ponderadas e mantidas, eu acho que a gente usa essa palavra conservadorismo com uma pegada negativa, isso é muito ruim porque têm coisas que precisam ser conservadas! E têm coisas que precisam ser modernizadas, precisam ser vistas de uma visão progressista, de mudança, mas a tradição é linda! Ent'yo... (o entrevistador conta um pequeno fato de sua experiência e a entrevistada prossegue) Sim! Sim! Eu tenho falado muito isso para as pessoas, eu falo que eu sempre fui uma pessimista, mas num tempo de tanto pessimismo eu estou me vendo otimista (risos), eu estou indo meio que na força contrária. Eu falo: - Dois mil e dezenove, você está achando ruim! Procura na história da humanidade o que estava acontecendo em

mil novecentos e dezenove, viaja cem anos! Gostou? – Primeira guerra mundial, prepara-çyozinha para a segunda... aquela desgraceira toda! – Gostou? – Viaja mais duzentos anos, vai para mil oitocentos e dezenove, viaja três séculos e veja, aí você vai me dizer. Ai você pensa! Tem que olhar assim! Aí eu virei uma otimista! Queríamos estar mais à frente, mas se sýo dois passos para frente e um passo para trás, pelo menos um a gente andou!

PERGUNTA QUATRO: COMO O ENTREVISTADO VÊ O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM PARA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ENQUANTO TRABALHADOR.

- Entýo! Eu tento... eu evito pensar dessa forma dessa forma muito linear, porque com essa questýo tecnicista de querer formar mýo de obra etc. mas eu acredito que o trabalho faz parte da vida futura, e já faz parte da vida presente também de muitos dos nossos alunos, entýo a gente tem que pensar o trabalho, eu costumo brincar com os meninos e explicar a origem da palavra trabalho... um objeto de tortura (risos), e eles falam assim: - Professora! Mas é possível gostar do que você faz! – Falei: - É possível, eu adoro dar aula para vocês! Mas eu detesto corrigir prova. – Vai ter alguma coisa no meu trabalho que vai me torturar, que eu nýo queria fazer (risos) e que eu tenho que fazer. Entýo tem uma dor e uma delícia aí. Você pode escolher viver uma vida só com dor com um trabalho que você nýo gosta ou a dor e a delícia um trabalho que você gosta e de vez em quando você sofre com isso! Eu acredito... vou te falar do lugar da linguagem, que a escola contribui com a vida profissional desses alunos. Porque do espaço da linguagem, da comunicaçýo, e estou falando de um sujeito que consegue se dizer, se eu consigo dizer de mim eu consigo defender ponto de vista, eu consigo... argumentar, eu consigo negociar, entýo eu consigo minimizar o processo de exploraçýo sobre o meu trabalho.... Ao contrário do sujeito que nýo tem esse domínio e que portanto ele vai ser massacrado em todas as esferas, porque ele nýo vai conseguir se dizer, entýo ele vai se encolher num processo extremamente negativo para ele como trabalhador, porque eu acho que o mercado de trabalho vai devorá-lo... o mercado de trabalho precisa desse sujeito encolhido, com medo de ser demitido, porque aí nýo pode fazer negociaçýes. Entýo assim, do lugar de professora de língua portuguesa eu acredito que a gente contribui na perspectiva de dar a esse sujeito, dar nýo, pelo menos contribuir com esse sujeito na construçýo dessas habilidades que výo permitir a ele confrontar o trabalho, nýo naturalizar os processos de exploraçýo e também entender quando ele está sendo o explorador naquela cadeia. O que nýo significa que ele vai mudar! (risos) Talvez a gente só instrumentalize mais o ditador! (risos) Mas eu penso que a escola contribui com a formaçýo desse sujeito trabalhador, até porque a escola está dentro do sistema. Entýo, boa parte das habilidades e dos conhecimentos que sýo discutidos e trabalhados aqui dentro... que sýo pensadas no ambiente escolar servem para o trabalho. Pensando esse sistema de trabalho, no entanto, nýo sei se formamos um trabalhador eficiente. Ou se a gente transforma o cidadýo também empoderado na lógica do pensamento mais progressista, eu acho que a gente ainda está num conflito, numa ambivalência. Idealmente ajudamos ao mercado de trabalho? Na realidade eu penso que

muitas vezes. Entýo acho que... temos contribuído, nýo sei se positivamente ou negativamente, mas há uma contribuiçýo! E a gente atende a uma demanda de mercado também, especialmente nos institutos! A questýo é que a gente consegue muitas vezes desestruturar essa demanda, porque veja, nós estamos formando técnicos, mas a gente nýo está formando um técnico que vai... ser técnico para sempre, estamos formando um técnico que questiona inclusive isso. Nýo é a questýo de dizer que ele precisa deixar de ser técnico e fazer um curso superior, mas precisamos mudar a lógica como o mercado trata o técnico. Ou entýo eles výo virar um engenheiro que výo oprimir o técnico que eles um dia foram. Entra numa mesma lógica de mercado. Acho que isso é uma força externa, e a gente está dentro dela, por isso a gente muda de dentro para fora.

PERGUNTA CINCO: *SOBRE A TRAJETÓRIA DO INDIVÍDUO E O QUE O TRAZ À CARREIRA DE PROFESSOR.*

- Bom! Eu queria ser jornalista graças a Deus eu nýo fui! Eu sempre falo.. conto assim quando alguém me pergunta! É... eu sou nordestina, sou de Pernambuco, e quando eu terminei o ensino médio eu fiquei numa grande dúvida..., eu gosto de estudar linguagem, entýo eu já sabia que eu queria alguma coisa que lidasse com texto, com escrita, com produçýo de linguagem. E aí eu me vi nessa... encruzilhada... na minha cidade mesmo tinha o curso de letras, eu optei por fazer letras pensando em no ano seguinte fazer jornalismo, e me apaixonei pela área. Especialmente pela questýo da leitura, da literatura, que é onde eu terminei me especializando, fazendo mestrado e doutorado. E por essa potência transformadora que a educaçýo parece ter, quando a gente está começando a estudar licenciatura. Entýo eu pensei muito nisso assim, participar de um projeto... sem utopia nenhuma. Eu lembro muito que quando eu estava terminando o curso de letras eu fiz uma palestra com o professor (diz o nome do referido professor), que é um pesquisador da área, e eu fiquei ávida, sabe assim quando você fica bebendo as coisas. Ai meu Deus! E quando termina a palestra você cola no sujeito, hoje quando eu vejo o aluno fazendo isso eu falo: - Meu Deus mas que vergonha! – Cola e fica lá querendo ouvir mais e mais e mais. E aí eu lembro bem dele falando para mim, eu fiz uma pergunta sobre: - E agora eu estou terminando o curso o que que eu faço? – Aí ele falou duas coisas: - Olha! Você quer ser professora certo? Certo! Entýo você tem duas escolhas, ou você vai para iniciativa pública ou para iniciativa privada. Se você for para iniciativa privada você vai encontrar uma estrutura melhor, talvez salários melhores, mas você nunca vai fazer o que você gosta. (silêncio... pausa na fala antes de continuar) Se você for para educaçýo pública, você vai encontrar todos os problemas que você imaginar, mas você vai conseguir fazer aquilo que você acredita. – Porque na educaçýo pública a gente tem mais brechas para atuaçýo do professor do que na iniciativa privada que é muito mais engessada. E aí aquela fala me fez decidir que eu queria ser professora e queria ser professora da educaçýo pública. Até trabalhei na iniciativa privada em alguns momentos da minha carreira, porque eu precisava de dinheiro, mas sempre me senti professora da educaçýo pública. E eu lembro disso também... eu sou cria da escola pública, minha vida inteira eu estudei em escola pública.

Então eu acho que é um investimento que foi feito em mim, e que eu acho que é necessário que a gente também faça.

PERGUNTA SEIS: *O QUE MAIS LHE MOTIVA E O QUE MAIS LHE DESMOTIVA NA CARREIRA DE PROFESSOR.*

- Eu tenho me perguntado muito isso! Acho que já mudou muito a minha resposta ao longo do tempo, mas uma coisa se mantém, que é a potência transformadora. Minha! Eu me transformo demais, eu fico imaginando se eu tivesse um trabalho em que eu fizesse tudo igual... sempre o mesmo... sabe aquelas pessoas que trabalham a trinta anos na mesma repartição com as mesmas pessoas... eu acho que eu já tinha surtado de parar na camisa de força. Então a potência transformadora que a educação tem, que é um trabalho que me transforma, eu estou sendo extremamente egocêntrica nesta resposta, não estou pensando no meu aluno, porque eu acho que eu não transformo ninguém, mas como eles me transformam, como eles me trazem coisas novas, e como isso resignifica minha existência... o tempo inteiro! Eu digo, esses dias os meninos estavam fazendo uma entrevista de um trabalho e a pergunta era: - Qual é o lugar dentro do Instituto que você mais gosta e qual você mais detesta? - E aí eu falei: - O lugar que eu mais gosto aqui no Instituto é a sala de aula! - É o lugar em que eu realmente... eu posso estar morrendo de sono de cansaço, eu chego lá é como se eu tivesse uma hora e meia de férias, vou para um outro lugar, meu mundo preferido, O Mundo de Bob, acontece ali. É a sala de aula, e eu brinquei que o lugar que eu mais detesto é o estacionamento, porque eu nunca consigo vaga! (risos) Então assim eu gosto desse exercício porque é muito transformador, porque eles me provocam muito, me fazem repensar. E de vez em quando... eu me sinto também ajudando na transformação de alguém! De vez em quando eu olho para aquela pessoa e falo: - Gente esse menino começou assim e olha onde está! - E eu gosto de ter partilhado, participado dessa história, quando eu reencontro algum aluno que fala: - Ah! Lembra daquela aula? - Eu nem lembro mais da aula. - Lembra daquele projeto? - Eu nem lembro mais do projeto, mas eu participei do processo sabe! Assim... eu gosto disso, isso faz me sentir viva! Eu estou me transformando e estou participando dos processos de transformação de outras pessoas! Então é... trinta alunos por sala! Eu tenho cinco turmas... pensa cento e cinquenta universos toda semana povoando a minha existência! É... muito rico! (O entrevistador instiga a entrevistada se há alguma coisa que a desmotiva. E a entrevistada prossegue) eu detesto a burocracia da educação, detesto a burocracia! Toda vez que é para fechar nota que é para lançar eu falo: - Para que isso? - Vontade de sentar com os meninos e falar, vamos lá... vamos discutir o que a gente construiu aqui e o que vocês querem construir ainda... eu detesto o sistema avaliativo, quantitativo... com raiva... todo final de bimestre eu faço com raiva, eu sempre vou para o último minuto na última madrugada para lançar nota, eu estou lá louca assim! Porque eu vou adiando, adiando esse sofrimento assim! Não só a burocracia do fechamento de nota, mas as outras burocracias que terminam envolvendo o professor. Eu não acho reunião de pais burocrática, conselho de classe eu não acho burocrático... eu acho isso importante conhecer esses sujeitos. Mas reuniões em que a gente gasta horas para marcar outra reunião. Apesar de entender que isso também é um processo, essa parte

burocrática me incomoda muito! E como a gente cada vez burocratiza mais as ações. Muitos papéis, eu me sinto num processo de Kafka que um dia alguém vai carimbar... o meu atestado de óbito, alguém vai carimbar a minha... execução, sem saber o que é aquilo! Eu me sinto assim nesse momento, que é o contrário do que eu gosto, essa interação, esse movimento todo! Eu acho que todo mundo odeia a parte burocrática! (risos). Acho que a resposta mais comum aí deve ter sido isso, não? (Algumas divagações da entrevistada e do entrevistador não pertinentes à pesquisa foram suprimidas nesse trecho).

PERGUNTA SETE: NA VISÃO DO ENTREVISTADO QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM PROFESSOR PARA CONSEGUIR CONTRIBUIR COM EFICIÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.

- Eu penso que um bom professor ele é principalmente comprometido com o que faz! Eu posso até não saber alguma coisa, mas se eu sou comprometido com o que eu faço eu vou atrás, corro e descubro, encontro alternativas para tentar fazer isso! E comprometido não naquele sentido religioso, de compromisso firmado, mas é de você saber que há pessoas ali que estão no seu espectro, de atuação, que precisam desse comprometimento, porque quando você deixa isso de lado você compromete a existência dessas pessoas, aquela habilidade dele vai ficar limitada.... Então eu acho que essa parte... esse comprometido no sentido de... entender a importância do que você faz, para você fazer bem feito dentro das suas possibilidades. Então eu acho que isso é essencial, eu penso que o professor comprometido é até melhor que o professor doutor, pós-doutor o que seja, porque o comprometido ele pode encontrar muito mais respostas para o dia a dia, para as soluções mais imediatas da sala de aula do que aquele que tem muito conhecimento. Então na minha perspectiva essa é uma questão muito relevante para você ser um bom professor; saber que você está ali, que você precisa fazer uma coisa e que você deve se esforçar o máximo possível, e que você vai se frustrar no processo... tudo bem, a parte do comprometimento de fazer o meu melhor ali eu consigo. Eu acho que isso é muito relevante. E eu acho também que tem que ser um professor ... aí para contemporaneidade... ele precisa ser um professor que... (pequeno momento de reflexão na busca da palavra) que saia desse lugar comum, das verdades estabelecidas no nosso tempo. Porque a gente precisa disso, precisa desconstruir esse momento em que as pessoas estão querendo reforçar verdades estabelecidas... que elas não cabem mais... o mundo mudou! – Olha, mais no meu tempo era assim! – Hummmm! Desculpa! Mudou, não é mais assim! – Então o conhecimento, as áreas de conhecimento todo dia descobrem coisas novas e a gente ainda continua com metodologia, com verdades cristalizadas e isso é muito perigoso, esse professor que... se entende como aquele que reproduz verdades cristalizadas, que não está aberto a pensar as transformações... ele... é muito nocivo para a educação, ele reforça um estigma ruim da educação que é de preservar coisas ruins. A tradição no sentido ruim, o conservadorismo no sentido ruim da palavra. Então eu penso que o professor tem que estar comprometido e tem que entender que o tempo exige transformações. É muito difícil porque nós não somos assim como seres humanos e a nossa profissão exige uma coisa que a história da humanidade não chegou ainda, e a gente precisa. Eu sempre observo os professores que foram mais significativos na

minha vida, sempre s̃o professores que est̃o abertos a entender as transformaçõs do tempo deles, pensa o tempo, esse tempo agora como um fluxo contínuo e ño como uma água parada (risos). Tudo veio desaguar aqui! Virou uma água parada. Ño! Aqui é um poço de cachoeira que vai chegar ali e vai cair de novo e vai ter outro poço. Ent̃o... você viu que eu sou cheia de metáforas, quero ver você converter isso em dados.

PERGUNTA OITO: *NA VISÃO DO ENTREVISTADO, QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM ALUNO PARA CONSEGUIR SE DESENVOLVER BEM DENTRO DESTE PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.*

- Sobre o aluno eu também penso muito parecido com isso, apesar de ser papéis diferentes, neste teatro, penso que o aluno também precise destas duas potências desenvolvidas: saber que ele está aqui para fazer isso, e fazer o melhor dentro das possibilidades; e também estou aqui para pensar esse tempo presente e desconstruir o que eu acho que ño está funcionando muito bem. Ent̃o esse conhecimento que eu construo me ajuda inclusive a negar esse conhecimento que me foi passado, ent̃o eu penso muito nesse aluno aberto, entendendo outras questões, que também é muito difícil no nosso tempo, porque a gente está vivendo um tempo em que o autoritarismo está se fortalecendo em todos os nichos, e que também ño tem nada de novo, todo início de século é essa miséria. Ent̃o eu falo que o suicídio em todo início de século é sempre muito intenso, eu conto para os meus alunos isso: - Oh! Para pra pensar! No início do século a gente sofre, na metade da primeira metade começa a ter um pouquinho de esperança, e a gente trabalha, trabalha, trabalha, na segunda metade a gente vê alguns frutos, aí no final do século a gente vê que ño foi o suficiente, aí se deprime de novo, e vai assim (risos). (Algumas divagações da entrevistada e do entrevistador ño pertinentes à pesquisa foram suprimidas nesse trecho).

PERGUNTA NOVE: *SOBRE OLHAR DO ENTREVISTADO PARA OS ALUNOS ENQUANTO CONJUNTO – SE EM LINHAS GERAIS ESTES LHE PARECEM MAIS MOTIVADOS OU MAIS DESMOTIVADOS.*

- Eu penso que a gente faz uma coisa muito ruim com os alunos aqui na instituição, a gente tira dele a motivação! Eu dou aula para alunos de primeiro ano eu pego aquelas turmas assim, eu tenho uma turma por exemplo eletrônica um, que os meninos você tem que falar: - Chega! Deu por hoje. – E a gente sai da sala e eles vão atrás, conversando coisas interessantes, relevantes, fazendo questionamentos etc. Aí eu falo para eles: - Me prometam uma coisa! Quando vocês chegarem lá no quarto ano vocês ño vão virar zumbis! O tanto que a gente vai tirando deles esse desejo de conhecer, de aprender. Eu exibi para os meninos do primeiro ano um curta que se chama Alike, ño sei se você já viu, muito divertido, é de animação, é a história de um pai, o menino ño tem falas, o menino pequenininho correndo, brincando, pulando na casa, ele é amarelinho super fofo, e aí o pai dá a mochila, pesada a mochila, aí vai para escola, tem que aprender, aí para aprender a ler ele vai desenhar árvore flores, aí o professor dá uma bronca entrega para ele escrever de novo, e aí ele vai perdendo a cor, o pai vai para o trabalho, quando ele sai de casa ele tem uma cor quando ele chega no trabalho ele fica cinza. E a gente foi discutir isso: - É isso que

a escola faz com a gente? – Ah, é sim! Aí outro – Nô, não é! A escola também pode ser assim.. – Eles trouxeram várias questões que até me deixaram muito feliz em perceber que eles questionam isso. E assim eu penso que de certa forma contra tudo que eu falei até agora... que o professor é isso..., a gente termina entrando nessa lógica burocrática de aniquilação. O ano passado eu fiz um trabalho com os alunos de controle ambiental, e era crônicas do IFG, eles tinham que escrever histórias que podiam ser reais ou fictícias, mas baseadas em acontecimentos ou que foram motivados por alguma ação aqui; e um aluno de controle ambiental me fez um texto que eu até li no conselho de classe, eu falei... olha o stress desse povo, a angústia deles, como eles ficam assim pressionados, tudo que eles esperam encontrar aqui, eles chegam fascinados com isso, entram numa lógica de excesso de conteúdos, de muitas disciplinas, de cobrança, de cobrança da escola, de fora da escola e eles perdem até a perspectiva, porque que eles estão aqui. E assim no primeiro ano já estão pressionados a pensar em ENEM (Exame nacional do ensino médio) que é no quarto ano, no terceiro ano, então eu acho que de certa forma a gente tira essa motivação, eles chegam motivados e a gente tira essa motivação deles. Eu, que inclusive sou contrária a isso, quando vejo estou dentro dessa lógica, de tirar a motivação desses meninos assim. E para que que serve estudar? Estudar para passar no vestibular para estudar mais, para terminar e ir para o mercado de trabalho para ser aniquilado na sua criatividade. Isso é muito complicado, se a única motivação para aprender é trabalhar! Não vai funcionar! Por isso que eu penso que a educação é transformadora, precisa ser esse lugar de transformação, porque o sujeito vai entender o processo educacional como um jeito dele se transformar, dele se conhecer, dele conhecer o mundo, e não de virar o apertador de parafusos. Mas eles falam no quarto ano os menino são meio zumbis... (Algumas divagações da entrevistada e do entrevistador não pertinentes à pesquisa, foram suprimidas nesse trecho).

PERGUNTA DEZ: NA PERSPECTIVA DO ENTREVISTADO O QUE LEVA O ALUNO A TER OS HÁBITOS E AS CONDUTAS QUE NORMALMENTE ELES TÊM EM SALA DE AULA (EXEMPLO: SER MAIS OU MENOS DEDICADO AO ESTUDO, SER MAIS OU MENOS COMPORTADO, SER MAIS OU MENOS CRÍTICO ETC.).

- Eu acho que isso é completamente humano, e isso é da natureza humana, eu vou utilizar a palavra natureza, vou utilizar a palavra natureza não no sentido de naturalizar, mas acho que é da condição do ser humano essa diversidade de interesses. E eu até me preocupo quando eu vejo um aluno que é bom em tudo (risos). Eu falo: - Esse sujeito vai acumular frustrações quando ele não for bom em alguma coisa. E a escola é o lugar onde a gente aprende a lidar com a frustração, com o que você não entende, e que talvez você vá demorar vinte, trinta anos para conseguir entender e talvez nunca venha entender. Mas em outras coisas você consegue compreender com mais facilidade do que os outros, aí você vai descobrindo inclinações de trabalho, ou se quiser chamar vocação. Eu não gosto desse termo, mas é uma coisa que você pode se entender a partir disso, daquilo que você tem facilidade, ou você pode encarar os desafios do que você..., isso eu não entendo bem mais eu quero...eu vou subir essa ladeira nem que depois a pedra cai do outro lado, mas eu vou! Então assim, eu não vejo isso como um problema, eu acho que faz parte mesmo do

comportamento humano, dessa construção de identidade, eu só penso que o professor tem um lugar nisso aí, que é de... aí vou usar a palavra motivar, de criar situações de motivação para que esse aluno consiga fazer o mínimo. Eu brinco, falo para eles: - Oh! Você não gosta da matéria não tem problema não! Tira seis! Sessenta por cento está lindo! Não tem obrigação! – Ah! Porque meu currículo... – Ah! Você está no ensino médio, a gente não vive nos Estados Unidos e que o currículo da High School vai determinar se você vai ou não entrar na universidade, você vai fazer uma prova, então lida com isso – Então eu não vejo problema, acho que com o volume de conteúdos, e questões, e disciplinas que lhes são impostos... é preocupante se você encontrar um sujeito que é dez em tudo, certeza que este sujeito vai sofrer horrores na vida. Eu sempre exemplifico isso com os meus alunos, que a melhor coisa que aconteceu comigo foi tirar um zero em matemática no primeiro ano do ensino médio, porque eu fui aquela aluna da primeira série até o nono, ou oitavo ano que era na época, nono ano agora, só tirava dez... nove e meio eu chorava, nove eu chorava, então eu entrei no primeiro ano eu tirei zero, redondinho, e foi libertador, porque eu chorei uma semana, mas eu não morri, aprendi que é isso, que às vezes a gente tira zero, mas não significa que a gente não é bom, que não vamos conseguir fazer outras coisas. É muito frustrante, você viver numa expectativa de dez, vai na expectativa do sete e do oito, está lindo. Então... setenta por cento de aproveitamento gente, num mundo como esse, vamos combinar... aí a gente exige deles um nível de aproveitamento que é muito angustiante, não vejo que esse aluno como um problema não. Agora eu vejo que é um desafio para o professor encontrar uma forma de se comunicar com esse sujeito para que ele, mais adiante não seja penalizado por um conhecimento que ele precisaria ter construído e que por ineficiência da escola, ele não chegou ao sessenta por cento, mas sessenta por cento é lindo para isso (risos), maravilhoso! (Algumas divagações da entrevistada e do entrevistador não pertinentes à pesquisa, foram suprimidas nesse trecho).

PERGUNTA ONZE: *QUAL A ANÁLISE QUE O ENTREVISTADO FAZ DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR ALUNO.*

- Eu já falei que o melhor lugar da escola para mim é a sala de aula, que é quando eu estou em contato com aqueles anjinhos... “aspas” (risos). Mas eu me preocupo muito com isso, e eu tenho me preocupado mais nesse tempo agora, porque alguns episódios que eu nunca tinha visto acontecer estão chegando na minha sala de aula, essa ansiedade da sociedade. Então é... o aluno que tenta suicídio, é o aluno que se mutila, se corta, é o aluno que toma remédio desde os sete anos de idade. Então a gente tem vivido numa realidade em que eu acho que é muito problemática, e que é muito importante que esse canal na relação do professor aluno esteja aberto até ele chegar e conversar e pedir ajuda para que você pelo menos possa encaminhar. Eu penso que é muito importante, mas eu acho muito difícil, com a quantidade de alunos que a gente tem, a gente funcionar adequadamente nisso, e com a quantidade de aulas. Por exemplo, nós temos poucos encontros semanais, então de certa forma você tem pouco tempo para interagir, às vezes o aluno quer conversar alguma coisa, ou você quer discutir alguma questão e não tem tempo, então corre pro próximo, segue a máquina de moer carne e a gente vai para a próxima etapa desse processo. Isso para mim é

angustiante! Mas eu tento construir essa relação que a gente se entenda como parceiro de aprendizado, então na minha tentativa como professor é sempre isso, a gente é parceiro aqui, eu estou trazendo para vocês mas vocês podem... vocês são muitos, vocês podem trazer outras questões e eu vou tentar conduzir considerando a minha expertise, tem coisas que eu sei mais que vocês porque eu sou mais velha estudei mais, mas não é necessariamente porque eu sou mais sábia e inteligente. Então acho que é importante ter esse canal aberto, não se colocar como o dono da verdade porque você não é, é muita estupidez achar que você é. Sempre que eu vejo um colega falando alguma coisa assim: - Porque na minha área de conhecimento... blá, blá, blá. – Ai que tédio, a nem..., se pje na dimensão do cosmo, você é poeira cósmica na idade das estrelas, você nem existe mais, você é um pozinho, desce disso! E é importante que o aluno sinta essa abertura, porque ele chega e à medida do possível você vai tentar. E como eu trabalho literatura eu gosto muito de usar o texto literário para discutir questões, então o texto literário no meu ponto de vista... é o terapeuta da minha aula. Então assim tem algum tema que precisa ser discutido na turma levo um conto, então eu não preciso falar, pje a literatura para falar por mim, e a partir daí as vozes deles vão compondo sentidos e discutindo questões que eles precisam discutir, então a minha relação é muito pautada por esse diálogo, mesmo assim. Eu até brinco que eu nunca dou aula expositiva, e sempre expositiva dialógica, sempre! Nunca vou falar só, não consigo, me dá um desespero quando a coisa acontece assim, eles precisam dar esse feedback. Mas também é preciso entender que são lugares diferentes, que eu não sou mãe, eu não sou psicóloga, eu sou professora... eu tenho um limite também de intervenção nesse processo, eu não vou conseguir muita coisa sozinha, há uma coletividade trabalhando. Às vezes uma questão que eu estou debatendo numa perspectiva o colega que entrar na aula seguinte vai trazer outra perspectiva contrária à minha, e isso também é importante. Faz parte disso lidar com o contraditório mesmo, e aí é difícil essa vontade da gente querer fazer tanta coisa e a potência de fazer tão pouco. De vez em quando você dá uma surtada, você fala: - Poxa vida, mas...! – Mas ainda acho que uma relação professora aluno é muito mais produtiva quando o canal está aberto nessa mão dupla, você se entende aprendiz também junto com eles, e que na verdade o que você está fazendo é partilhando seu percurso com ele: - Olha! Eu cheguei até aí e tenho essa caminhada para te mostrar. – Agora isso não significa de forma alguma que eu tenha as respostas todas para você!

PERGUNTA DOZE: *SE O ENTREVISTADO CONSEGUE PERCEBER AS ATITUDES E COMPORTAMENTO DOS ALUNOS QUANDO ELES NÃO GOSTAM OU QUANDO GOSTAM DE DETERMINADA METODOLOGIA DE ENSINO.*

- É muito difícil mensurar isso numa forma geral...porque têm turmas com uma inclinação para um método mais discursivo, já têm outras que são mais observadoras e que elas precisam de mais exposição de conteúdo; aí você vai usar métodos áudio visuais que seja: data show..., filmes, e outras coisas que eles vão enxergar o funcionamento da discussão ali e vão ter dificuldade de se colocar. Tem turmas que cobram muito mais um controle do conteúdo, porque também vêm de situações que eles veem o controle como positivo. E aí eu penso que um professor que trabalhar exclusivamente de uma forma com a

metodologia ele tem muito problema para lidar com essa diversidade. Eu gosto muito de lidar com as novas tecnologias porque elas me permitem, agregar formas de trabalho nisso. Entýo assim se eu trabalho um curta, exibo um curta metragem, esse curta metragem vai me gerar um debate, esse debate vai me gerar uma produçýo textual, essa produçýo textual pode virar uma exposiçýo, entýo eu tenho inúmeras possibilidades disso. Entýo assim, nessa perspectiva de método ou metodologia, vou canalizar vou trabalhar no sentido lato assim, eu penso que o importante para gente é pensara partir de uma diagnose da turma, e entender também que essa turma muda, que é assim: - A nýo... eu fiz a diagnose e essa turma estava assim. – Seis meses depois essa turma está familiarizada com você essa turma é outra! Entýo é preciso estar aberto, entýo é importante a gente ter repertório. E é muito difícil quando eu vejo assim relatos, eu sou professora de letras da disciplina de estágio, entýo eu falo que eu estou nas duas pontas. E aí quando eles trazem os relatos do que eles veem nas escolas, campo e aí e estou aqui discutindo. Nýo pode fazer isso, nýo pode fazer nada... eu falei: - Gente pede para trazer um data show! – Nýo porque vai fazer muita bagunça. – Fazer isso bota a turma em círculo. – Nýo porque vai fazer muito barulho! E tal. – Dá um desespero de você pensar que a gente vive numa bolha de felicidade, comparado com isso. Mas inúmeras outras escolas têm também práticas que sýo mais livres, na discussýo, na construçýo metodológica, mas assim a princípio eu nýo acredito numa metodologia, nýo há uma metodologia que resolva as questýes, eu nýo penso nisso, eu penso que cada metodologia tem seu lugar na formaçýo, na área de conhecimento, a circunstância que exigem uma metodologia..., a mesma turma para uma disciplina que é mais de contemplaçýo, que é mais de execuçýo prática. Entýo eu penso que o professor precisa conhecer o máximo possível para poder escolher, se nýo tem repertório ele vai ficar seguindo sempre o mesmo modelo, a mesma cartilha.

PERGUNTA TREZE: COMO O ENTREVISTADO PERCEBE A CAPACIDADE DO PROFESSOR DE ENTENDER OS ALUNOS E AJUDÁ-LOS A SE DESENVOLVER NAS SUAS PARTICULARIDADES, E A DOS ALUNOS ENTENDEREM O PROFESSOR NA SUA INTENÇÃO DE CONTRIBUIR NO SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM.

- Pela minha experiência eu penso que sim! Pela minha experiência no meu percurso eu penso que sim! Até quando eu achava que eu nýo estava fazendo isso, depois eu escuto o relato de que você chegou lá! De algum jeito, até quando eu nýo estava planejando, porque o conhecimento é assim..., ele cria possibilidades que nem sempre a pessoa que está ali no papel de divulgaçýo do conhecimento percebia isso (risos). Entýo assim eu penso que para os meus alunos, os egressos que fazem relatos de vez em quando de coisas que eu nem lembro mais, e que foi importante para ele naquele momento. Muitas vezes de um ano para outro: - Professora a senhora lembra daquilo assim, assim? – Nýo! Nýo lembro. – Quantas aulas eu dei nesse último ano para eu lembrar daquela aula: - Mas aquilo foi muito importante para mim, aquilo me deu um “insight” assim... – Até brinco e falo: - Olha foi psicografia viu, foi alguém que mandou para você, nýo fui eu nýo! – Eu realmente acredito, e acredito nýo como crença, mas acredito mesmo como experiência, entýo é práxis eu já testei isso ali, eu penso que a gente consegue chegar em muitos lugares

entende, até sem perceber, porque é uma convivência muito próxima, muito constante, você passa um ano, uma vez por semana, às vezes você fica mais tempo na vida daquele sujeito às vezes do que a figura paterna. Porque o tal do trabalho, chega em casa cansado...e nem consegue parar ouvir... parar! Entýo eu acho que... eu tenho convicçýo mesmo, e tenho provas nýo só convicçýo (risos), de que a gente consegue chegar em lugares que em outras instâncias nýo conseguem. Mas aí também novamente eu afirmo, também depende de você deixar esse canal aberto... senýo bloqueia!

PERGUNTA CATORZE: QUAL ANÁLISE DO ENTREVISTADO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR NA ATUALIDADE.

- O ano passado eu fiquei muito surpresa quando eu vi que tinha um projeto de lei para liberar a escolarizaçýo em casa, doméstica, nýo necessariamente significa ter um professor em casa para atender o seu filho, e eu fiquei muito preocupada com isso, por a ideia mesmo é de cortar asas muito cedo desse sujeito para que ele nýo pense diferente e etc. Essa açýo já mostra a relevância que a gente tem, porque para alguém achar que tem que tirar esse aluno da escola, ele está vendo que a escola tem uma intervençýo muito relevante na vida dos alunos. E na perspectiva dele uma intervençýo negativa que é assustadora. E eu nýo acredito que isso seja uma coisa recente, eu só acho que está mais visível agora, quando a gente saiu do lugar de tia? Para capeta, demônio, doutrinador coisas assim! Do amigo da família, como alguém que vai funcionar como um tio, para aquele que vai destruir a relaçýo com pai e filho que vai trazer valores que sýo ruins para a família e etc. Eu acredito que isso adoce a gente muito como professor... essa coisa de... de... cartilha, para se o aluno estiver filmando você para colocar na internet... essas coisas assim... cria na gente um medo do próprio aluno e para mim isso é construído pra impossibilitar esse canal aberto na formaçýo, se eu olhar para o meu aluno com desconfiança, trabalhando com desconfiança a gente nýo vai se ouvir, entýo a gente nýo vai construir isso, entýo para mim faz parte de um projeto mesmo de um grupo da sociedade que me assusta muito. É um projeto mesmo, tem pensadores, tem um Olavo de Carvalho aí por trás, um sujeito que a décadas vem falando sobre isso e convertendo, criando seu séquito para fortalecer esse pensamento que foi comprado por um governo e que foi popularizado pelas fake news. Entýo acho que isso é uma questýo que precisa ser ponderada quando você fala dessa representaçýo do professor, porque é muito novo para gente, nós nýo enfrentávamos isso até o ano passado. A gente sabia que tinha isso, mas assim nunca... eu tive um episódio aqui que eu ainda me assusto com ele, um colega daqui, um professor daqui, colega. Nýo conhecia ele muito bem e aí estava sentando para almoçar, eu estava numa mesa sozinha, chegou ele e outro colega e falou: - Posso sentar aqui professora? – Ora, pode sentar e a gente vai comendo e conversando! – E ele falou que a gente doutrinava: - Nýo, porque esses professores de ciências humanas doutrinam os alunos, os pensamentos. – Falei: - Professor! Meu colega mesmo. – Nýo inclusive meu filho foi seu aluno! – eu falei: - Professor, como é que o senhor reproduz um pensamento desse, como que você dá um tiro no seu próprio pé! Daqui a pouco o senhor que é da área de biologia, výo dizer que o senhor está doutrinando porque o senhor está falando sobre o

evolucionismo. Se o senhor é da física vŷo falar que o senhor estŷ doutrinando porque estŷ falando de multi-universo! Vocŷ estŷ louco quando vocŷ fala isso? Olha o que vocŷ estŷ reforçando! – É para vocŷ ver como... essa imagem da gente...! Eu fiquei abismada, porque eu fiquei pensando meu Deus entŷo assim, nŷo é só o grupo dos loucos. Tem muito mais gente que a gente considera sensato que estŷ comprando essa ideia de que a figura do professor é nociva. Eu ouvi uma colega daqui falando que numa turma, ela até postou: - Gente, eu descobri que foi eu que inventei a ciŷncia! – Porque ela estava falando sobre pensamento cientŷfico e uma aluna falou: - A gente tem que deixar a ciŷncia de lado e pensar mais em Deus! – E ela falou: - Olha! A escola é o lugar da ciŷncia, a igreja é o lugar da religiŷo, entŷo nŷo mistura. Se vocŷ estŷ aqui vocŷ nŷo estŷ para discutir o conhecimento religioso, porque isso vocŷ jŷ estŷ fazendo na sua religiŷo conforme vocŷ acredita, se vocŷ é católico, evangélico! – E aí ela a menina ficou brava porque ela falou: - Que a escola tem que ser o lugar de Deus também... – E aí ela falou: Porque depois que vocŷ inventou a ciŷncia! – E aí ela (risos). Esse discurso nŷo é dela, esse discurso é aprendido de um líder religioso que foi passado, “para o mundo que eu quero descer”, que estŷ tenso. Entŷo assim eu quero evidenciar a gente fala muito sobre salário do professor, a gente fala muito sobre o respeito ao professor, violŷncia contra o professor, que também a gente jŷ conhece, mas eu tenho me preocupado muito com esse discurso em torno do perigo do professor, como o professor é perigoso! Isso tem me assustado muito. O aluno estŷ na minha aula segurando o celular eu acho que ele estŷ gravando. Antes eu só falava: - Menino larga esse celular deixa de ser viciado. – Veja como eu estou sofrendo, adoecendo, por uma questŷo que... Entŷo eu penso que nós estamos com sérios problemas agora em relaŷo a essa representaŷo do professor. E nŷo sŷo as questŷes de que professor é vagabundo, a gente jŷ ouviu isso de ex-presidente desse país. A gente jŷ ouviu que universidade é onde faz balburdia (risos), do atual presidente. É meio assustador e essas pessoas estŷo em lugar de poder.

PERGUNTA QUINZE: *SE NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO O ENSINO MINISTRADO CONSEGUE ATENDER AS EXPECTATIVAS DOS ALUNOS E TAMBÉM AS DO PROFESSOR.*

- Eu falo que meu trabalho é desconstruir expectativas, toda vez que o aluno vem com expectativa para mim eu falo: - Nŷo! Vamos mudar essa lógica aqui. – Porque assim, as expectativas sŷo sempre muito massacrantes, tem uma canŷo que o Arnaldo Antunes canta que eu levo que é assim: - Demora tanto, demora tanto para crescer, para depois de uma hora para outra, morrer. – Nŷo é! Se vocŷ viver num mundo que sua expectativa é essa, olha isso, vocŷ vai se preocupar muito mais com o desfecho que com o enredo, que com o processo como um todo. E eu brinco assim, gente spoiler de Deus: - No final da sua história vocŷ morre! O personagem principal vai morrer! – Entŷo é uma coisa que a gente... acho que tem que desconstruir essas expectativas... a expectativa do sucesso! Sucesso é uma praga! Sucesso é o pai dos psicotrópicos, de todos esses remédios que a gente estŷ tomando aí para controlar a infelicidade, porque vocŷ tem uma expectativa elevadŷssima de sucesso. Num mundo que é completamente travado, tem determinados espaços que vocŷ nŷo vai chegar ali, porque aquele espaço estŷ travado por um grupo social, por uma classe,

por um poder. E você, disseram que se você trabalhar muito, você vai conseguir chegar lá. Entyó eu até brinco: - Gente ntyó adianta, ntyó vai rolar iate. Entendeu! Sabe! Cobertura lá em Nova York ntyó tem para você! Desculpa. – Entyó assim, meu trabalho é desconstruir expectativa de aluno. Mas a ideia de... tirar uma expectativa para colocar outra é muito perigosa. Entyó por exemplo, se você tira a expectativa, eu vou fazer uma crítica a nós mesmos, você tira essa expectativa do sucesso capitalista e pje a de um ideal socialista, comunista que é inatingível neste momento que nós estamos da humanidade, entyó você só troca uma frustração por outra! Entyó os meus alunos também que syó de centro esquerda ou de esquerda que vêm com discurso de revolução etc., eu falei: - Revolução! Revolução é processo! – Entyó o que a gente está construindo é uma transformação que muitos de nós ntyó vamos ver! Ou a gente vai construir a manutenção de uma tragédia que também ntyó vamos ver! (risos) Entyó para de acreditar que você vai fazer tanta coisa, para você aproveitar o que você está fazendo. – A eu vou fazer um curso para quando terminar... – Vai fazer direito para ficar sem emprego! Vai fazer para ficar sem emprego, é o momento que a gente está vivendo! É esse, agora... você só estuda para trabalhar e ganhar dinheiro? Que outros projetos você pode ter no meio disso que vtyó ocupar o lugar que te enfiaram na cabeça que era sucesso. Aprender faz a gente feliz, descobrir coisas novas, viajar faz a gente feliz, conhecer o outro faz a gente feliz, entyó quando você está perseguindo o sucesso você está perdendo todas essas outras coisas que é o que faz você feliz amigo! Entyó de certa forma o meu trabalho é desconstruir expectativas, eu nunca cheguei para um aluno e... o aluno que chegou para mim pensando que vai sair profissional eu falo: - Oh! Meu amigo você está aqui bora conversar sobre isso! Ntyó vai! – E assim! Muitos alunos precisam trabalhar assim que terminam o ensino médio, alguns já trabalham durante o ensino médio e vtyó só melhorar um pouco a categoria do trabalho que eles esttyó, ou mudar de categoria em função do diploma técnico. E esse aluno também precisa entender que o lugar dele ntyó é o lugar do fracasso, porque ele ntyó vai passar em um curso, porque ele ntyó pode ou ele tem que trabalhar para depois pagar uma faculdade particular porque, ele ntyó vai entrar numa universidade pública porque as vagas esttyó ocupadas por aqueles que tiveram mais tempo que ele para estudar. Entyó quando a gente fica trabalhando com essas expectativas muito positivas a gente está deixando de lado um percentual altíssimo dos nossos alunos que ntyó vtyó alcançar isso. E ntyó é para o aluno que vai entrar no curso de medicina que eu trabalho, porque ele é exceção à regra... porque assim a gente vira essas escolas que botam outdoor, tantos alunos passaram para medicina, tem duzentos alunos dez passaram, o que que aconteceu com os cento e noventa? Olha a frustração e o sofrimento disso! Entyó o meu trabalho é destruir expectativas! Pode escrever isso aí! (risos) E eu também ntyó tenho as expectativas assim! Mas eu tenho perspectiva, entyó por isso eu tenho sempre esperança, eu sou otimista e pessimista e desesperada também! Mas porque eu tenho perspectiva, toda vez que está todo mundo fora de controle: - Está quase cortando os pulsos! – Eu digo olha para o passado! (risos)

PERGUNTA DEZESSEIS: *COMO O ENTREVISTADO VÊ A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MINISTRADA PARA O FUTURO DOS APRENDIZES.*

- Eu gosto muito das distopias, que são essas narrativas que vão botando o mundo só destruído, porque nas distopias os escritores são meio que profetas, eu tenho muito medo quando eles escrevem as distopias, que eu falo: - Gente será que vai acontecer assim? – Então eu gosto muito de pensar o mundo piorado (risos). Porque a distopia... porque assim é quando o mundo piora que surge as grandes soluções para tentar mudar (alguns comentários não pertinentes ao tema foram suprimidos neste trecho). Então eu não tenho expectativa sobre um futuro positivo, eu sou distópica, acho que o futuro é a escolha que a gente tem tomado... como humanidade... é uma escolha muito problemática, e a gente está deixando para esses alunos, agora de quinze... dezesseis anos, um mundo terrível, agora querendo que eles façam alguma coisa que preste com esse mundo. A gente conseguiu chegar nesse nível de terror, e agora a gente dá tudo e fala: - Olha! Resolve. Cuida aí porque agora eu estou... – Então de certa forma é muito... muito difícil para gente trabalhar isso! Mas tem uma coisa curiosa nas distopias, as distopias sempre deixam uma ponta de esperança! Tem um livro que eu gosto, depois você corta essa parte aí, vai ficar muito grande, que é a história de um bombeiro, e no futuro o papel dos bombeiros é queimar e não é apagar incêndio, é queimar coisas perigosas para a humanidade e tem uma coisa muito perigosa para a humanidade que são os livros, porque os livros tiram a aceitação das coisas como elas são, então você imagina um mundo diferente etc. E um grupo de rebeldes começam a proteger os livros, eles protegem os livros decorando os livros, então você fala assim... (o entrevistador faz uma pergunta a entrevistada e ela responde) – É um livro, mas virou um filme! – Só que é um filme mais dos anos setenta eu acho. Fahrenheit quatrocentos e cinquenta e um, que é a temperatura em fahrenheit que os livros... o papel pega fogo, e aí o que é muito curioso, como que os rebeldes, eles não vão conseguir proteger os livros, quem protege o livro termina sendo morto, exterminados. Então eles decoram os livros, e aí: - Olá! Tudo bem! Eu sou admirável mundo novo! – Oi! Eu sou Fahrenheit quatrocentos... – Você se apresenta pelo nome do livro e você tem o livro na sua cabeça, esperando o momento em que eles vão poder reescrever. Então a resistência era isso! Por isso eu falo, nas distopias sempre têm uma ponta de esperança, há sonhos então... e o que que eu observo nessas distopias, nas distopias, é que apesar das distopias colocar o mundo piorado, o mundo piorado é o momento em que a gente tem que encontrar uma nova solução... ou acabou para tudo! Então expectativa de transformação para o futuro eu não tenho! Mas eu tenho é... desejo de que contribua para que esses seres que vão herdar o mundo muito ruim! A gente herdou um mundo ruim e a gente consegui passar um muito ruim agora (risos) ... que eles sejam melhores do que nós nesse processo, eu trabalho para que eles sejam melhores do que nós! É isso! Trabalho para que essa próxima humanidade... para essa próxima geração da humanidade conseguir respostas para coisas que a gente não conseguiu! A gente avançou em umas coisas, piorou em outras, mas é preciso que a gente entenda que a educação não vai mudar nada, quem vai mudar as coisas são as pessoas.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 13.

PERGUNTA UM - QUAL O CONCEITO DO SUJEITO SOBRE O QUE É EDUCAÇÃO.

- Entýo! Para mim educaçýo..., talvez seja um dos conceitos mais difíceis de serem definidos, tanto historicamente quanto filosoficamente, mas para mim a educaçýo trata-se de um conceito que sintetiza um processo formativo, técnico profissional, um processo construtivo do ponto de vista intelectual, e a educaçýo para mim também é um instrumento de emancipaçýo, de emancipaçýo subjetiva, existencial e de emancipaçýo social e econômica também! Entýo eu penso que a educaçýo consegue congrega, consegue sintetizar três dimensões básicas: a formaçýo profissional, o desenvolvimento pessoal e em certa medida o crescimento social.

PERGUNTA DOIS: *QUAL O OLHAR DO SUJEITO SOBRE A EDUCAÇÃO FORMAL E O ESPAÇO DA ESCOLA.*

- Entýo! Essa é uma pergunta muito curiosa, porque eu venho inicialmente da iniciativa privada, eu trabalhei durante alguns anos em escolas privadas, escolas da elite goianiense. Essencialmente preparatórias para o vestibular e nos últimos anos eu venho atuando no Instituto Federal, na educaçýo pública, que tem um outro perfil, diferente das educações que a gente observa por aí, tanto públicas quanto privadas. Eu vim dessa experiência na rede privada, trabalhando tanto ensino médio quanto ensino superior, mas mais ensino médio preparatório para o vestibular, e para mim aquele tipo de educaçýo que eu experienciava, não deixa de ser educaçýo porque é um trabalho formativo, é um trabalho que atinge objetivos específicos. Entýo, eu sentia essa formaçýo, na iniciativa privada, bastante aleijada, porque era uma educaçýo estritamente reprodutivista, o objetivo ali era a aprovaçýo do aluno no vestibular, e todo o conteúdo, toda a pedagogia, toda a forma de gestão da educaçýo estava focada nisso. Entýo eu percebia que os alunos saiam do ensino médio bastante deficitários, sobretudo na formaçýo humanística. Eu como professor de história, professor de filosofia, cheguei a dar aula também de sociologia no ensino médio, eu ficava muito concentrado em fazer uma história ocidental linear, ou uma história da filosofia linear, fazendo poucas conexões com a realidade direta do aluno, porque o importante era dizer o que aconteceu descritivamente num fato histórico, ou do ponto de vista conceitual o que significa determinada categoria em um pensador, e esses paralelos que permitem com que o aluno conecte o conhecimento com a realidade eram prejudicados na rede privada. Bom! Passando para o Instituto Federal eu senti um upgrade... uma evolução nessa possibilidade, justamente pela autonomia que é dada ao professor, de poder escolher os seus conteúdos, dentro de uma ementa pré-estabelecida, mas gerir o seu próprio conteúdo sem essa preocupação vestibulesca, ajudou justamente a operar essas conjecturas, operar essas conexões com a realidade do aluno. Entýo assim, eu vejo por exemplo que o Instituto Federal, ele é das modalidades de ensino médio, aquele que maior possibilita atingir esse ideal de educaçýo que eu trouxe na primeira questão. Que é de um lado ofertar uma educaçýo técnica profissional, importante para o aluno, permitir que através dessa formaçýo técnica profissional, e também da vivência, da experiência institucional, ele possa ter um desenvolvimento pessoal, um desenvolvimento existencial mesmo. E paralelo a isso você ter a possibilidade, que a instituição te oferece de desenvolver projetos ou abordagens que favoreçam um desenvolvimento, um aperfeiçoamento crítico do aluno. Entýo hoje eu

enxergo o ensino médio no Instituto Federal, como uma referência de educação tanto pública... quanto privada, no sentido de ser um espelho, necessário para o que a gente entende como educação. Claro que tem os seus desafios, suas limitações, de várias ordens que às vezes você não encontra na iniciativa privada, limitações que às vezes você não encontra na rede pública convencional, mas também você tem particularidades que torna o instituto bastante único em relação a essas outras redes também.

PERGUNTA TRÊS: *SOBRE A VISÃO DO ENTREVISTADO A RESPEITO DA INFLUÊNCIA DESTE PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM NA VIDA E NA FORMAÇÃO DO ALUNO.*

-Então é até uma coisa muito curiosa. E essa talvez seja a diferença da rede... do ensino médio para a educação superior por exemplo. O feedback do aluno ele é muito tardio, principalmente do ensino médio, então é muito curioso eu encontrar alunos depois de cinco seis anos; aí o aluno te encontra vem e te dá um abraço e fala assim: - Você mudou a minha vida! Sabe! Hoje eu consigo perceber a influência que você teve na minha vida. Mas naquela época eu te achava um porre. – Eu já ouvi isso tantas vezes! Então assim naquele primeiro momento o que eu sinto é que você está atrapalhando a vida do aluno, ele te lê dessa forma. O aluno do ensino superior, se você é rigoroso com a chamada, se você é rigoroso com a nota, com a avaliação ou com o conteúdo, ele te lê de que maneira: - Esse professor está atrapalhando a minha formatura. - Se você está na rede privada de ensino superior ele fala: - Esse professor vai fazer eu perder dinheiro. Porque eu posso reprovar e gastar um semestre de novo pagando mensalidade. No instituto federal o aluno pensa o seguinte: - Nossa eu queria estar aprendendo... – Por exemplo no ensino técnico, como eu não dou aulas de matérias técnicas eu dou aula de matérias base, o aluno pensa assim: - Não essa disciplina aí está me atrapalhando eu poderia investir mais em eletrônica, em cálculo, ou em qualquer outra disciplina que esteja voltada diretamente para a minha formação técnica profissional. – Então na maioria das vezes, o que eu observo, é que naquele primeiro momento, seja no ensino superior, ou no ensino médio, o aluno te lê como aquele sujeito que está atrapalhando a vida dele! E aí tempos depois, esse aluno vem até você, porque ele entende esse processo de formação que ocorreu na própria vida dele! Então hoje as redes sociais elas permitem bastante isso, talvez a dez quinze anos atrás, eu acho que ser professor era muito mais difícil nessa perspectiva de você não ter um feedback, porque o aluno sumia, ele ia seguir a vida dele, às vezes passava uns dez, quinze anos você está num consultório médico aí o seu aluno te atende; hoje em dia não! O feedback é muito imediato ele vai lá no facebook, ele vai no Twitter, ele vai no Instagram te deixa uma mensagem, fala olha: - Professor obrigado pelo que aconteceu! – E às vezes aluno que você olhava e lembra dele e fala: - Nossa, mas ele era tão caladinho, eu não imaginava que pudesse ter tido essa influência. – Então é isso, eu sinto que há um alcance, esse alcance é menor do que nós esperávamos, mas ele é maior também do que culturalmente a gente lê. A gente costuma pensar que a nossa influência é pequena na vida das pessoas, mas essa influência ela está lá presente, e não é porque o indivíduo às vezes não reconheceu isso publicamente

que a vida dele n'yo foi transformada... às vezes ele n'yo teve ainda a clareza para perceber a influência que você trouxe na vida dele.

PERGUNTA QUATRO: *COMO O ENTREVISTADO VÊ O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM PARA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ENQUANTO TRABALHADOR.*

- Ent'yo! Como eu venho de uma área, que n'yo é uma área técnica, que prepara exatamente para uma formação técnica, é difícil eu precisar essa importância, porque quando eu vejo um trabalhador, para mim quem é o trabalhador? Um trabalhador para além daquele que executa uma ação, que executa uma técnica... ele é um cidad'yo, ele é aquele que participa da esfera pública, ele é aquele que impacta a vida pública na esfera privada dele, ele é alguém que está inserido no mundo. Ent'yo há uma preocupação da minha parte de fazer com que o indivíduo compreenda as relações em que ele está imiscuído. O que s'yo as relações de trabalho, o que s'yo as relações de consumo, o que s'yo as relações de exploração e de produção para que ele possa se posicionar em relação a isso, e poder de alguma maneira tomar determinados posicionamentos. Ent'yo outra vez, para mim, o trabalhador n'yo é uma simples máquina, uma simples ferramenta que executa uma função, ele é um indivíduo, ele é um ser humano, como ser humano ele é portador de uma subjetividade, e essa subjetividade se manifesta no mundo, e esse manifestar no mundo n'yo é uma coisa que você aprende tecnicamente, aí que entra a minha disciplina, aí que entra a minha formação, que é possibilitar que esse indivíduo possa fazer uma leitura mais ampla mais crítica, mais abrangente da sociedade, eu acho que essa, novamente eu volto a isso, esta é a grande contribuição que o Instituto Federal pode dar. Faço até uma brincadeira assim que o Instituto Federal é aquele que prepara o pedreiro para poder ler José Saramago e n'yo ter vergonha disto! Porque que ele sendo pedreiro n'yo pode ler José Saramago. Ent'yo por exemplo essa é a diferença do Instituto para os outros sistemas S (Sistemas de formação técnica ligados ao mundo do trabalho: SESI – Serviço Social da Indústria – SESC – Serviço Social do Comércio – e SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) Sesc, Sebrae, Senai tudo mais, porque n'yo interessa para a gente apenas a formação profissional, mas a formação cidad'ya, e é nesse campo da formação cidad'ya que eu me insiro enquanto professor. Entendendo que é fundamental para a formação desse professor a capacidade de perceber a relevância da presença dele no mundo!

PERGUNTA CINCO: *SOBRE A TRAJETÓRIA DO INDIVÍDUO E O QUE O TRAZ À CARREIRA DE PROFESSOR.*

- Olha! Essa pergunta ela é muito curiosa, porque assim, deu tudo errado! Deu tudo errado para eu virar professor. A minha vocação inicial, a minha motivação inicial era trabalhar na área clínica, meu objetivo era ter uma formação na área de psicologia, cheguei a começar a faculdade de psicologia, retomei depois de muitos anos uma formação clínica no campo da psicanálise, mas... olhando para trás, eu vejo que a docência sempre esteve implicada nas minhas relações mais primárias, desde a infância, passando pela adolescência, sempre eu tive essa questão de querer tudo explicadinho. Eu lembro que meu

pai falava: - O senhor explicadinho chegou! – Porque eu não conseguia simplesmente dizer do meu desejo, eu tinha que explicar, eu tinha que explicar e tudo mais. Mas enfim eu comecei com esse desejo de estar na clínica e na época por questões financeiras eu não pude dar continuidade, porque só havia na PUC (Pontifícia Universidade Católica de Goiás) e era uma fortuna e é até hoje. A minha família não tinha condições de dar sustentação à faculdade, então eu migrei para a música. E aí o meu objetivo..., eu já vinha de um curso técnico em música, e o meu objetivo era poder trabalhar como músico mesmo profissional. Entrei na faculdade de musicoterapia, então eu pensava que eu poderia fazer esse link entre a clínica e a música, e na própria faculdade de musicoterapia eu comecei a ter disciplinas de humanidades, disciplina de história da arte, de filosofia da arte e tudo, e comecei a me interessar bastante por essas áreas mais humanísticas. Ao final do primeiro ano dessa graduação eu não me identificava com a prática clínica do musicoterapeuta, e resolvi migrar de curso, a universidade federal ela prometia que ia abrir psicologia em breve, mas não dizia quando, e eu não podia ficar esperando, e aí meu pai na época virou e falou assim: - Olha, faz qualquer curso, escolhe um que você se identifica, vai fazendo só para você não ficar fora da universidade e quando abrir psicologia você faz a migração. – E aí foi quando eu parti para uma licenciatura, porque era o mais próximo do que eu estava estudando, do que eu gostava e tudo, e só encurtando a história eu acabei me identificando bastante com isso. Acabei na verdade, em certa medida, caindo de paraquedas porque eu havia terminado a graduação..., e aí a universidade abriu psicologia, eu pensei: - Eu vou migrar para psicologia agora! – Mas na época eu tinha necessidade do trabalho eu já tinha vinte e poucos anos e tudo o mais, e aí surgiu uma oportunidade de eu dar aulas num colégio em Goiânia, e eu falei: - Bom, então eu vou fazer o seguinte, eu vou lá dar aula nesse colégio, até para eu ter minha própria sustentação, vou entrar no mestrado... – Porque naquela época estava chovendo de bolsas, então eu pensei: - Tenho meu salarinho, tenho a bolsa aqui, eu consigo me manter, e no futuro eu posso voltar... ao estudo da psicologia, especialmente da psicanálise. – E foi esse caminho que eu acabei trilhando, eu entrei na iniciativa privada, tive a sorte de começar num grande colégio em Goiânia, um colégio de elite em Goiânia...sorte financeira (risos) de entrar... e me identifiquei na docência! E aí eu me vi como um professor mesmo, como um educador. E aí é interessante como você vai observando que toda a sua formação, na área da psicologia inicialmente, depois na área da música, tudo isso serviu como um estofo para te formar como educador. Então hoje eu dou aula..., eu dou aula na música inclusive, na licenciatura em música, e é interessante como você consegue ter esse olhar, não vou dizer um olhar clínico, mas um olhar mais psicológico sobre os alunos, você consegue, do ponto de vista pedagógico, como eu dou aula na música, eu consigo falar a linguagem deles para chegar com o conteúdo até eles, uma coisa bem Paulo Freireiana barra Vigotski. Então toda essa formação hoje eu vejo que foi uma formação importante não para eu me tornar um músico ou um clínico, mas para eu me tornar um educador maior. E eu me vejo sempre como um educador, porque até quando eu fazia música eu dava aula de guitarra, quando eu fazia psicologia eu estava na monitoria, então à docência sempre permeou... eu sou precisei das condições que me levaram até ela.

PERGUNTA SEIS: SOBRE O QUE MAIS LHE MOTIVA E O QUE MAIS LHE DESMOTIVA NA CARREIRA DE PROFESSOR.

- Entýo! Talvez... grande parte das pessoas que respondam esse questionário digam que as condições de trabalho, sobretudo as dinâmicas salariais, tornam-se o grande desmotivador para a prática docente, para o exercício profissional; curiosamente isso nunca foi um problema para mim, nunca foi uma desmotivação. Como eu disse na questão passada, eu comecei na iniciativa privada trabalhando em um grande colégio, que me levou para outros grandes colégios, então financeiramente nunca foi um problema... estar atuando na educação. E depois, quando migrei para o Instituto, eu já era mestre, depois entrei com a RSC (Reconhecimento de saberes e competências) depois com o doutorado, então financeiramente nunca foi um problema a educação, nunca tive desmotivação nesse sentido. Agora as minhas desmotivações em dados momentos da minha carreira, elas surgiram por outras questões, por exemplo, na iniciativa privada havia duas questões muito severas, a primeira delas é trabalhar muito, e quando eu falo trabalhar muito é além da sua condição física, uma coisa que suga a sua vida particular, suga seus hobbies, suga sua própria convivência com a família. Então eu me recordo que em dois mil e onze antes de entrar no Instituto eu dava sessenta e quatro aulas por semana... dentro de sala de aula, dentro de sala de aula! E aí o que que acontece? Você perdia o veio pedagógico, você virava um dador de aula, porque você não tinha tempo para corrigir prova, você tinha que terceirizar alguém para corrigir, você não participava de uma reunião pedagógica, você não se..., a palavra não é instrumentalizar..., você não se atualizava, você não se aperfeiçoava, porque você não tinha tempo para isso. Então... eu senti que era difícil não ter essa realidade na rede privada, porque acontecia assim, a escola virava e falava: - Tem mais dez aulas para você! – Aí você falava: - Olha eu não posso, eu já estou no limite! – Não! Então você perdeu as dez que você tinha! Eu vou contratar outro para vinte aulas. – Então você ficava sempre à mercê de estar dando muitas aulas para estar presente no mercado. Eu vejo que essa é uma realidade geral, quase todos os meus colegas da iniciativa privada continuam dando, sessenta, setenta aulas por semana. Então assim esse foi um primeiro ponto, eu sentia que eu só trabalhava não tinha tempo para me aperfeiçoar, não tinha tempo para dedicar à minha família, dedicar aos meus hobbies isso era uma coisa que me desmotivava a continuar na docência. Tanto é que eu cheguei a adoecer eu tive uma crise de Burnout em dois mil e onze, fui internado, tive uma crise dentro de sala de aula, de ser levado para o hospital e tudo o mais. Então... isso era uma coisa que me desmotivava bastante, e a segunda coisa que me desmotivava era aquele viés reprodutivista da educação privada. Então toda a vez que você queria fazer um trabalho mais formativo, um trabalho mais crítico, você era freado pela coordenação, você era freado pelo próprio aluno, que se via na condição de cliente e queria só o conteúdo para passar no vestibular. Então durante muitos momentos eu não me enxergava como educador, eu me enxergava como um performer, como um stand up comedy que dá aula de um conjunto de conteúdos. Era assim que eu me identificava. Inclusive isso fazia parte do meu discurso antigamente, as pessoas falavam assim: - Você é um educador! – Eu falava assim: - Eu vendo as minhas aulas! –

Em certa medida era isso mesmo que eu fazia. Então eu tinha essas duas questões da iniciativa privada que era essa ansiedade em ter que pegar aula, pegar aula e não saber se no ano que vem eu ia estar dentro de sala de aula novamente, uma coisa que me levou a um adoecimento, e depois de sentir que eu não estava de fato educando, eu estava meramente preparando um aluno para o mercado de trabalho via vestibular. Isso para mim aleijava o potencial mais amplo da educação. Passando para a rede pública, especialmente..., a rede federal, as minhas desmotivações elas vêm em outra ordem. Eu percebo no Instituto, como é que eu coloco essa questão porque ela é muito delicada... (pequena pausa). Vamos lá..., tanto eu quanto você a gente vem de uma outra geração de ensino superior, nós lidávamos com professores estúpidos, autoritários, arrogantes, nós não tínhamos uma coordenação que pudesse nos dar um suporte um amparo para as nossas demandas. Então assim era uma coisa bem darwinista mesmo, é uma seleção onde o mais forte sobrevivia, e poucos sobreviviam. Eu sinto que houve uma mudança nesse paradigma, nessa perspectiva, principalmente depois que pessoas como a gente, que veio desse sistema massacrado, quebrou a roda, não quis dar sequência a esse processo de exploração e começou a agir de maneira diferente! Então eu acho que esse foi o grande... salto que a educação pública federal teve, eu digo isso dos institutos, se a gente observar o quadro docente do instituto, de dois mil e dez para cá, é um quadro bastante jovem. E é esse quadro jovem que vem com uma outra perspectiva de educação, ponto, até aí estaria tudo beleza. Só que a gente não conseguiu ainda um ponto de equilíbrio, porque que a gente não conseguiu um ponto de equilíbrio, hoje a gente inverteu a relação... eu sinto que cada ano que passa nós professores estamos mais reféns de situações particulares de alunos, de movimentos sociais, de coletivos, que fazem do espaço institucional, não só o espaço da acolhida necessária que ele reivindicou, mas o espaço em que ele se utiliza da institucionalização da burocracia, dos mecanismos jurídicos, para poder atacar o professor, para poder projetar o seu ressentimento, para poder fazer valer suas vozes ideológicas. Então eu me sinto muito atado, hoje se eu estou dentro de sala de aula e eu sinto que o aluno está agindo de forma irresponsável, de forma relapsa, eu sinto temor e ser um pouco mais contundente, ser um pouco mais rígido, de mandar para a coordenação e de impor determinadas sanções, porque aí vem conselho tutelar, ministério público, vem o ECA (Estatuto da criança e do adolescente), vem a coordenação, vem a direção, vem a psicóloga, vem todo mundo para dizer que eu tenho que olhar o meu aluno com uma dose de sensibilidade e subjetividade... está tudo certo isso, não tem problema, mas a gente não conseguiu fazer um equilíbrio necessário nisso aí, entre a demanda real, entre as necessidades e os instrumentos adequados de intervenção. Então uma coisa que me desmotiva muito hoje é isso, eu sinto que se antes nós éramos reféns dos *clientes* (fala essa palavra com mais ênfase) da rede privada, agora nós somos reféns em certa medida, na rede pública federal, de um discurso muito paternalista em relação aos nossos alunos. Isso é bem desmotivante, bem desmotivante mesmo. Tem uma coisa que eu vivenciei na rede privada, e recentemente vivenciei dentro do instituto, na rede privada foi um pouco mais sensível, eu dava aula num colégio de ensino fundamental e aí eu tive um imbróglio com um aluno, mandei o aluno sair de sala que ele estava atrapalhando e ele diz que não ia sair, e eu falei: - Ou você, ou eu

saio! – Ele falou: - Entýo você sai! – E eu saí de sala de aula, e era um aluno de dez anos de idade. No mesmo dia a coordenação da escola me chamou para conversar, cheguei na escola estava eu, a coordenação, a psicóloga, o advogado da escola, o advogado do aluno e os pais do aluno, uma situação simples. E aí eu perguntei o que que estava acontecendo e a minha coordenadora: - Nýo nós estamos aqui para fazer uma acareação! Entre você e o aluno. – Falei..., na época eu tinha trinta anos, falei assim: - Eu com trinta anos de idade vou fazer uma acareação com um menino de dez anos para ver quem tem razão? Para ver quem está sensato nessa história! – Eu falei: - É um desrespeito à minha condição profissional, à minha condição de adulto! – É claro pode ser num caso excepcional que a criança tenha razão, mas nesse caso específico a minha palavra tinha que ser ouvida primeiramente, antes de pensar uma acareação, e ela não foi ouvida, eu já cheguei lá já colocado nessa condição. E no instituto aconteceu uma situação semelhante, era um aluno um pouco mais velho, não tinha dez anos, mas tinha dezessete anos, ainda assim um adolescente, e a coordenação me chamou: - Olha o aluno fez essas considerações. – Eu falei: - Olha, o aluno está equivocado! Eu tenho condições de provar que essas... acusações do aluno não fazem sentido! – Entýo o aluno dizia que eu faltava aula: - Falei não, está aqui o meu diário com as frequências. Está aqui o meu ponto registrado. E se quiserem podemos ir em sala de aula e fazer uma conversa, uma escuta com os alunos, que vocês verão que é uma questão pessoal. Que o aluno está usando desses artifícios para me prejudicar por uma questão estritamente pessoal. – E aí o que que a coordenação falou: - Não entýo nós vamos fazer o seguinte, nós vamos chamar o aluno, vamos fazer uma escuta com o aluno. E aí se a gente entender nós chamamos vocês para fazer uma conciliação. Pensei, eu falei: - Gente! (risos) - Não sou eu que tenho que conciliar com o aluno. É o aluno que tem que se conciliar com a sua consciência, de **aluno** (fala essa palavra de forma mais acentuada) e se comportar de uma maneira adequada, assistir as minhas aulas, não sou eu que tenho que buscar... criar uma relação fraterna com o aluno. É transferir uma responsabilidade emocional para o professor resolver, entende? Entýo essas coisas me desmotivam muito. E eu não estou dizendo que as pessoas estão fazendo isso de forma negativa, de forma perversa, eu acho que o coordenador, o psicólogo e tudo o mais, estão tentando acertar..., acertar aquele equívoco do passado, mas não atingiram o equilíbrio ainda! (Algumas observações que foram feitas pelo entrevistado que não eram pertinentes ao tema foram suprimidas nesse trecho).

PERGUNTA SETE: *NA VISÃO DO ENTREVISTADO QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM PROFESSOR PARA CONSEGUIR CONTRIBUIR COM EFICIÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS. E QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM ALUNO PARA CONSEGUIR SE DESENVOLVER BEM DENTRO DESTES PROCESSOS DE APRENDIZAGEM.*

- Entýo! (risos) Nesse ponto eu sou bastante pragmático, no sentido de que o melhor método é aquele que funciona. Eu digo isso em termos pedagógicos, eu digo isso em termos religiosos, eu digo isso em termos terapêuticos. A melhor religião, terapia e educação é aquela que funciona para cada indivíduo. Entýo você vai fazer uma análise, e

de repente a psicanálise não é adequada para você, seria mais interessante você fazer um psicodrama, uma gestaltterapia. Do mesmo jeito, eu vou buscar uma religião, de repente a religião espírita te ajuda muito mais do que a religião católica. O que eu quero dizer é que antes de eu buscar modelos prontos, engessados, acabados, é entender que subjetivamente nós demandamos particularidades, e essas particularidades indicam para instrumentos e métodos que são mais adequados aos nossos objetivos, por isso é que eu disse que eu tenho uma mentalidade muito pragmática. Então assim eu me interesso pelo resultado! Eu me interesso se o aluno está se desenvolvendo do ponto de vista das habilidades. Uma capacidade boa de leitura, o que que é uma capacidade boa de leitura? Não é uma capacidade quantitativa do quanto se lê, mas do como se lê, e do como enxerga essa leitura, e do quanto ele é capaz de se expressar! Verbalmente e de forma escrita. Essas são as habilidades e competências que eu quero que o aluno desenvolva! E basicamente seria capaz de entender a essência do conteúdo... então assim se ele é capaz de entender o meu conteúdo no sentido de que ele busca conexões do meu conteúdo com a realidade dele. Se o aluno chega até isso, como ele chega não me importa! Tanto é que... eu cobro a frequência, até porque a gente tem uma determinação legal para isso não é, e tudo mais. Eu entendo o motivo de cobrar uma frequência, mas numa educação ideal para mim não deveria se cobrar frequência, não deveria se cobrar a presença do aluno dentro de sala de aula, isso é uma coisa que deveria ser do próprio aluno. E eu vou dizer da minha própria experiência, eu não fui um bom aluno de ensino fundamental e médio, não fui um bom aluno, fui um aluno medíocre mesmo, estava ali na média, sempre perigando reprovar..., sendo taxado às vezes pelos professores como alguém que tinha um extremo potencial, mas não conseguia desenvolver por preguiça, por qualquer coisa do gênero. Eu converso isso com a (cita o nome da esposa dele) quando eu estava fazendo o ensino fundamental um..., era sempre assim, eu fazia por exemplo a terceira série, aí a professora da quarta série era a professora de reforço da terceira, de um modo que quando você passasse da terceira ela virava sua professora. Eu me recordo que em todos os anos as minhas professoras... eu tinha que ir para o reforço, e as minhas professoras de reforço ficavam encantadas comigo na expectativa que no ano que vem eu ia ser aluno delas. Aí no ano que vem eu virava aluno delas (risos) e elas ficavam decepcionadas (risos): - Nossa, mas você era tão bom lá! – E eu ficava: - Ah! Mas como assim – Hoje eu consigo entender, porque eu funcionava mais num trabalho particularizado. Naquele trabalho coletivo dentro de uma sala de aula, tendo que seguir... não dava conta! Não dava conta! Então olha só que coisa curiosa, quando eu entrei na universidade foi ao contrário, eu comecei a me destacar, eu comecei a ser um dos melhores alunos que tinha na graduação, no meu mestrado, no meu doutorado em tudo. Por quê? Eu lembro claramente que... tive um professor que eu tive até um problema com ele, mas depois ele passou a me admirar; porque eu não suportava a aula dele, não que ele fosse uma má pessoa ou um mal profissional, mas o timbre da voz, às vezes um cacoete dele, a forma dele administrar o conteúdo, aquilo me irritava, eu não dava conta de entender e aí o que que eu fazia, eu pegava minha carteira e colocava no corredor para não vê-lo, e ficava lendo o texto. Aí o que que eu fazia, anotava o que eu não entendia e à tarde ia na monitoria com ele, aí numa conversa eu conseguia entender. Ele ficou um pouco chateado comigo

quando eu disse para ele o motivo, mas depois a gente acabou ficando até próximo, porque ele falou assim: - O importante é que você quer aprender! Só que você está desenvolvendo os seus métodos. – E eu lembro que nessa época eu tinha um amigo, amigo até hoje, ele passava a aula inteira desenhando, e eu falava: - Gente mas que vagabundo, passa o dia inteiro desenhando, e tira notas muito altas. – Ele desenhava o conteúdo! Era o jeito dele. Então assim quando eu começo um ano eu sempre falo para os meus alunos: - Olha! Me importa é o resultado. – Eu quero ler uma prova sua e entender que você evoluiu na leitura, na interpretação e na escrita e você entendeu o básico do meu conteúdo! Principalmente porque tirando a licenciatura em história, eu dou aula na licenciatura em matemática e na licenciatura em música, eu não estou formando filósofos e historiadores. Então não tem por que esse aluno saber o conteúdo de forma profunda, para esse aluno da matemática e da música eu quero que ele tenha uma vivência, uma experiência nos meus conteúdos e possa desenvolver algumas habilidades e competências. Como ele vai fazer isso? É uma responsabilidade dele! Por exemplo, eu chego em sala eu esquematizo o meu quadro todo, faço um mapa mental, porque eu sei que isso me ajudava muito, eu sei que isso pode ajudar muitos alunos. Aí o aluno vira e fala assim: - Professor é para copiar, é para tirar foto, o que que é para fazer? – Eu falo assim: - O que que você quer fazer com esse material que eu estou te dando? Você quer tirar foto? Tira! Só que tem um problema, uma hora seu celular vai encher e aí você vai ter que apagar uma foto, e você não vai apagar a foto da sua crush, você vai apagar a foto do meu quadro. Então você vai perder. Quando você anota você consegue se concentrar mais, você consegue absorver mais o conteúdo! Mas como é bom para você? Para você fotografar é bom! Então fotografa. – Professor! Eu vim aqui hoje eu ou assinar a lista de chamada, mas eu não estou me sentindo bem eu vou embora para casa! - Vai! Pode ir para casa! Não tem problema. – Sabe! – Eu quero é que ao final do ano você chegue a mim... – Então para mim quem é um bom aluno? O bom aluno é aquele que desenvolve uma autonomia e busca constituir as suas formas específicas de absorver o conteúdo. Não é o aluno que está sentadinho, olhando, prestando atenção, anotando tudo. Esse aí ok! Ele vai ter o resultado dele. Eu ainda acredito no poder da disciplina, da concentração, do método e do rigor, mas aquilo serve para ele, a gente pode aplicar aquele mesmo rigor para um outro aluno e não ter os mesmos resultados. E aí eu volto e te respondo objetivamente, para mim o aluno, o bom aluno, é aquele que consegue aprender a partir do momento em que ele desenvolve em nome da autonomia os seus próprios métodos, esse para mim é o bom aluno!

PERGUNTA OITO: O QUE MAIS MOTIVA E O QUE MAIS DESMOTIVA OS ALUNOS, NA VISÃO DO ENTREVISTADO.

- Olha! São raros aqueles em todos os níveis e em todas as modalidades de educação que chegam comprometidos com o conhecimento. Eu não consigo te quantificar se isso está mais ou se está menos. Para mim grande parte dos alunos chegam no ensino médio, entendendo que aquilo é uma etapa, e uma etapa que precisa passar rápido, porque ele quer entrar numa universidade! Então qualquer coisa que você passe para ele, que vá comprometer-lo nesse processo ele acha ruim! O aluno do superior ele tem um outro

agravante, sobretudo do ensino superior público, porque ele precisa do trabalho. Então assim, na maioria das vezes nosso aluno não é um aluno rico. Essa utopia que na universidade pública só tem aluno rico isso aí ficou lá nos anos noventa, começo dos anos dois mil, principalmente nas licenciaturas. A gente tem hoje um estrato sócio econômico bem diversificado, então, esse aluno ele precisa trabalhar, precisa muito trabalhar, então o seu conteúdo que é passado, ele sofre algum tipo de represália, retaliação do aluno porque, para ele o trabalho extra da universidade, vai impactar o trabalho dele, vai impactar uma série de coisas e ele não pode ter aquilo. Então onde eu quero chegar, tanto o aluno do ensino médio, quanto o aluno do ensino superior eu não acredito que eles cheguem motivados pelo conhecimento, eles chegam motivados pelo trabalho. Eles precisam concluir aquilo o mais rápido possível para entrar numa faculdade, ou concluir a faculdade para ter uma ascensão no mercado de trabalho. Então quando eu digo que não tenho condições de quantificar é isto! Se está mais ou se está menos ao longo dos anos. Porque desde que eu comecei a dar aula eu observo esse mesmo comportamento! Aqueles que têm um compromisso com o conhecimento são minoritários.

PERGUNTA NOVE: *NA PERSPECTIVA DO ENTREVISTADO O QUE LEVA O ALUNO A TER OS HÁBITOS E AS CONDUTAS QUE NORMALMENTE ELES TÊM EM SALA DE AULA (EXEMPLO: SER MAIS OU MENOS DEDICADO AO ESTUDO, SER MAIS OU MENOS COMPORTADO, SER MAIS OU MENOS CRÍTICO ETC.).*

- Família! Eu não tenho uma outra resposta! Então isso é uma coisa muito curiosa, porque veja, vamos pegar três estratos da sociedade, vamos pegar o pobre, vamos pegar a classe média, que foi o pobre que emergiu nas últimas décadas, e o rico. Eu já dei aula para os três: o rico, na maioria das vezes, ele já é rico... de gerações, o filho não sabe ainda o que é o esforço para ser rico, nem as vezes o esforço para continuar sendo rico, porque ele não participou dessa história da sua própria família. Ele já nasceu num lar rico, os seus pais viraram médicos, engenheiros, advogados, ou tiveram sucesso em suas profissões acadêmicas, mas vieram de um estofo de uma base que já permitia isso, e tudo o mais. Então muitas vezes esse aluno ele não consegue ainda saber da dimensão do esforço que se tem em adquirir um conhecimento em desenvolver uma profissão e etc. O pobre, ele não tem reflexo em casa, o pai dele não estudou, a mãe dele não estudou, então o pai e a mãe não conseguem dar para ele uma dimensão importante da educação a não ser o que? : - Estuda para não ser o que eu fui! – E às vezes esse aluno tem uma representação muito boa dos pais! E ele fala: - Mas eu quero ser o que você é! (risos) – Não você tem que estudar para você ter uma melhor qualidade de vida, para você ter isso! – E ele pensa existem tantas formas de ter uma qualidade de vida adequada que não é necessariamente estudando. Não é! E aí tem o aluno da classe média emergente, esse que emergiu, nem sempre emergiu pelo estudo, emergiu pelas condições econômicas das últimas décadas que possibilitou um certo empreendimento, é o pai que abriu um comércio e conseguiu ter um certo desenvolvimento, não foi pelo estudo! O que eu digo a vocês, nós não temos uma realidade no Brasil hoje, que permite com que o aluno que chega no ensino médio ou no ensino superior, venha de uma experiência que os seus pais venceram pelo estudo! São poucos. Ou o pai não venceu,

ou o pai já chegou com alguém vencido por ele, ou venceu por outras vias que não seja o estudo! Então ele não consegue valorizar essa importância. Ele não consegue ver o quanto aquilo é fundamental para emancipação dele. Eu tenho colegas que já deram aula na periferia e tudo o mais, eles falam assim: - Gente! A melhor motivação para o pobre é a própria pobreza. É olhar para pobreza e falar: não quero ser pobre! - E o estudo é o único instrumento capaz de fazer com que você tenha ascensão. Aí um colega meu... um aluno virou para ele e falou assim: - Não professor tem o tráfico também! (pequeno silêncio) - Ele Não está errado, a gente não está discutindo a licitude, mas será que o estudo é a única forma. Aí ele pega o professor que dá aula na rede pública, que ganha lá os seus dois mil reais por mês, e fala: Oh! Espera aí! Você estudou. Para isso? Para vir da aula na periferia? Para ter que andar de ônibus e tudo. - Entende as referências? Essa referência do intelectual ou do acadêmico que conseguiu ter ascensão através da educação e tudo o mais ele é uma minoria! Ele é uma minoria. E lá na rede privada! - Ah! Eu sou um professor eu ganho os meus quinze, vinte mil por mês, eu comprei uma BMW para vir dar aula, aí o aluno olha para você e: - É pouco... eu tenho! - Só para fechar eu dava aula num colégio em Goiânia, eu dava aula de história antiga, eu estava falando de uma pirâmide e aí eu errei o nome da pirâmide, não é, aí um aluno virou e falou para mim, de forma educada: - Acho que o nome dessa pirâmide é outro! - E eu falei: - Não! - E eu sustentando, porque professor não erra (risos), eu falei: - Não... o nome dessa pirâmide é esse mesmo! - Ele falou: - Não é não professor, eu estive lá semana passada. Eu tive lá semana passada e a gente visitou essa pirâmide. Se você quiser eu trago o folheto para o senhor e tudo. - Sabe! É o tipo de realidade, que está longe. Como é que você vira para um menino desse e fala: - Estuda porque você precisa ganhar dinheiro! - Sabe! Então esse é o grande desafio! Por que o que torna a educação atrativa? A possibilidade de emergência econômica? Sim! Mas isso não é o suficiente! Só isso não é o suficiente. Então há um desafio da nossa parte de... de dizer o seguinte: - Olha! Estudar não é ruim! O ruim é ser burro! - E convencer o aluno que burro..., que é uma escolha (risos), quando eu digo que alguém é burro é porque ele escolheu ser burro, não é porque ele teve algum problema cognitivo. É escolher ser burro é que é um problema. E convencer o aluno disso é muito difícil!

PERGUNTA DEZ: *QUAL A ANÁLISE QUE O ENTREVISTADO FAZ DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR ALUNO.*

- Olha! Eu vou e volto muito nessa questão... ao longo dos anos. Eu sempre..., durante muito tempo eu entendia que essa relação entre professor e aluno era uma relação que deveria ser mais aproximada e não tão distanciada! Em que é necessário que você estabeleça uma conexão com o aluno, e tudo o mais, em diversos níveis, para que isso inclusive possa favorecer o processo pedagógico. Eu acho que isso não está de todo equivocado. Não está de todo equivocado, porém depois de algum tempo mergulhando mais em algumas leituras, de caráter mais psicanalítico principalmente, eu comecei a olhar um pouco mais com reservas essa questão. Existe uma categoria dentro da psicanálise que a gente chama de transferência, grosso modo, nós acabamos representando, eu vou usar essa expressão para ficar mais didático, vamos de afetos dos nossos alunos. Então o aluno vê na

gente, muitas vezes, o pai, a mãe; e a maneira como ele lida com esse pai e com essa mãe, desde a mais tenra infância vai condicionar em certa medida os seus desejos, os seus afetos, a forma como ele se relaciona. Então isso é um cuidado muito grande que a gente tem que ter, porque nesse processo de aproximação em demasia do aluno, nós podemos despertar no aluno determinados sentimentos, a gente já desperta de qualquer forma, só de estar dentro de sala de aula, representar uma figura de autoridade, você já está expressando isso, mas essa cadeia de proximidade pode gerar distorções as mais variadas. É de uma aluna que se apaixona por você, e de um aluno que acha que é seu amigo. Então assim... é do aluno que te julga por aquilo que ele acha que você é. Então ele transfere em cima de você um conjunto de afetos, às vezes de rejeição, às vezes de aproximação que não são autênticos por assim dizer, e os riscos disso para a profissão são muito grandes. Eu não estou falando riscos apenas do ponto de vista jurídico, eu estou falando riscos de outra natureza, riscos de outra ordem, que é o aluno não conseguir por exemplo, desenvolver-se na sua matéria porque ele acha que é seu brother, que ele é seu amigo, então ele pode, fazer o que ele quiser que você vai aliviar para ele. Ou então ele te odiar de uma forma assim intensa, e o ódio não é por você, mas por aquilo que você o faz lembrar inconscientemente, e tudo o mais. Então assim! Hoje eu procuro ter uma reserva um tanto quanto maior, eu por exemplo não disponibilizo o meu contato pessoal para os meus alunos. Então por exemplo o facebook, eu até aceito alunos na minha página, mas o facebook passou a ser um instrumento de divulgação de ideias, então eu não uso mais nem o chat do facebook, então esse contato privado com o aluno eu não tenho, eu já tive! Eu já tive antes. Eu não tenho mais. Então eu busco um certo distanciamento que me coloca na condição: - Olha eu sou um professor! Eu estou junto, mas eu sou o professor não sou o seu brother! – Porque quanto mais você se aproxima você corre mais riscos do que benefícios nesta relação.

PERGUNTA ONZE PONTO UM: SE O ENTREVISTADO CONSEGUE PERCEBER AS ATITUDES E COMPORTAMENTO DOS ALUNOS QUANDO ELES NÃO GOSTAM OU QUANDO GOSTAM DE DETERMINADA METODOLOGIA DE ENSINO.

- Em primeiro momento eu me utilizo de alguns instrumentos que eu acho que são assim... abrangentes, que você consegue atingir um número maior de pessoas, sem ter a pretensão de totalidade, então eu tento na minha aula... é uma aula bastante visual, porque eu tenho um quadro muito bem elaborado, muito bem desenhado, que o aluno pode fotografar, desenhar, escrever, fazer o que desejar, eu faço exigência da leitura do texto, e de um fichamento do meu texto, então minha aula sempre começa com o aluno previamente tendo lido e me entregado uma atividade que é o fichamento, que ele vai explorar ali as ideias gerais do texto. Aquele mesmo texto que foi pedido para que ele lesse tem um esquema para ele no quadro, e durante a aula o que ele vai fazer é anotar referências que eu trago e os paralelos que eu estabeleço. Autorizo ele a gravar minha aula, filmar, eu não tenho problemas em relação a isso. Eu sei que eu tenho um vício de falar muito rápido... e principalmente falar muito, então o aluno grava ali para ele ter uma referência depois, eu não tenho problema em relação a isso. Então assim de forma padrão eu uso os recursos que estão aí tradicionalmente dispostos; onde está o meu diferencial

nesse ponto? Meu diferencial é que, primeiro: eu tento adequar o conteúdo na cadeia de exemplos da realidade dos alunos que estão ali, por exemplo, eu estou dando aula lá na música, então se eu for ter que dar um exemplo eu vou ter que buscar de alguma forma alguma situação cotidiana ou vivencial deles enquanto músico. Como eu dou aula de história e filosofia da educação isso fica muito fácil! Porque eu consigo usar exemplos também... se eu estou na matemática, se eu estou na física, como eu já dei aula, se eu estou na química. Eu busco elementos que eu possa trazer para dentro da realidade deles. Esse é o primeiro ponto, depois... como eu dou aula eminentemente para licenciatura, todos ali vão ser professores ou já são professores, então minha própria experiência de fracasso, de sucesso dentro de sala de aula, às vezes é replicada com eles na forma de um testemunho que gera esse mecanismo de aproximação. Então nesse ponto eu tenho uma questão bem Paulo Freire, Vigotski, assim, de tentar criar essas pontes de proximidade com a realidade do aluno. E é mutável, porque cada turma, cada semestre, cada curso sugere algo diferente. E aí vem o meu... presumo, grande diferencial... que é a maneira como eu enxergo a avaliação, a avaliação não é só para avaliar o nível de apreensão do aluno, ela é um termômetro um feedback para a minha própria aula. Então eu sempre dou uma avaliação geral ao final do primeiro bimestre, e dependendo das notas, das dificuldades que o aluno teve, a minha próxima avaliação vai ser impactada por isso. - Então todo mundo saiu muito bem! Nossa tiveram aí acima de oito, conseguiram escrever bem, conseguiram registrar bem. - Bom então a minha próxima avaliação vai ser uma mais complexa, porque eu sei que eu posso exigir mais dessa turma. - Não! As notas da turma foram muito baixas! - Então na próxima aula eu vou dar uma aula inteira explicando a minha prova, reforçando alguns conteúdos, e entendo que para essa turma eu vou precisar exigir mais o que? Escrita! A não eu posso fazer um seminário. Na música, nossa, eles vão compor um *jingle* para mim com o conteúdo. Ou seja, a minha avaliação ela é um termômetro para mim, eu avalio como um termômetro, a frequência que a gente acaba sendo obrigado a passar, e eu estava questionando no início, ela tem uma validade porque eu sei da permanência dos alunos: - Ora os alunos estão faltando mais aula, olha os alunos estão faltando menos aula. Esse aluno está faltando demais ele está vindo pouco, eu vou indicar para a CAE (coordenação de apoio ao estudante) eu vou falar com o departamento de psicologia para atender. - Ou então olha, na quinta-feira os alunos saem mais cedo: - Qual que é o problema? É o horário? - Então eu acabo usando esses instrumentos aparentemente burocráticos como instrumentos necessários para reavaliar minha condição metodológica.

PERGUNTA DOZE: COMO O ENTREVISTADO PERCEBE A CAPACIDADE DO PROFESSOR DE ENTENDER OS ALUNOS E AJUDÁ-LOS A SE DESENVOLVER NAS SUAS PARTICULARIDADES.

- Sim! Mas aí está um outro ponto bastante limítrofe, porque ajudar não é fazer pelo outro! Não é. O desafio está em dissolver, diluir essa dimensão paternalista que muitas vezes essa necessidade implica. Então nós estamos ali... para estender a mão para o aluno, para ajudar e não para simplesmente passá-lo, e não para simplesmente fazer um trabalho que é dele. Então eu vou contar um caso particular, teve recentemente agora, uma aluna deu

na hora da prova ela teve uma crise de ansiedade e não conseguiu fazer a prova... e aí, depois da prova desapareceu por duas semanas. Aí um dia eu passei no corredor e falei: - Querida o que que aconteceu com você? Aquele dia você foi fazer a prova, não estava muito bem! - Não eu desisti da disciplina! - Eu falei: - Mas desistiu por quê? - Não porque eu não consegui fazer a prova aí eu fiquei com vergonha de voltar! - Falei: - Não! Você vai voltar e você vai fazer uma prova. Você não vai fazer a mesma prova de novo, pois seria injusto com os seus colegas. Você vai fazer uma prova final. - Ah! Professor, mas eu vou precisar tirar muito na prova final! - Eu falei: - Faz a prova final! Só faz! Porque dependendo do resultado que você tiver eu vou considerar só aquela prova. Eu tenho autonomia para isso, se um aluno vier me questionar eu evoco a particularidade. - Mas eu também não ia deixá-la fazer a prova entende! Então assim, eu posso entender a condição do aluno e tudo o mais, e depois ela veio me falar que ela estava com ansiedade por conta de alguns problemas particulares e ela tem muita dificuldade de escrever quando isso acontece. Então eu combinei com ela: - Na próxima prova se você tiver novamente com uma crise você me avisa e a gente vai tentar a fazer a prova oral! Ou eu vou passar uma atividade para você fazer em casa. Mais complexa, para não ficar injusto com os outros alunos. Mas você não vai deixar de fazer a prova e não vai deixar de assistir as minhas aulas! - Pois ela voltou para a sala de aula e ela está assistindo regularmente e ela é uma boa aluna, ela tem esse problema! Entendeu. Se essa é uma questão emocional ela vai ter que resolver isso em terapia, não comigo. Agora se eu não atuar para permitir que ela continue a se desenvolver, eu perdi uma aluna, e provavelmente ela sairá do curso. Então assim, o que eu quero dizer é que ajudar o aluno a entender os seus limites como professor e fazer por onde, acreditar que você vai resolver questões de natureza psicológica, emocional, espiritual, econômica isso não é da sua alçada. E nem acreditar que o ajudar é criar todas as condições para que ele não assuma as suas responsabilidades. Porque muita gente: - Ah não porque tem que entender o contexto dele, se ele for reprovado agora ele vai sumir. - Bom se ele não trabalhou...

PERGUNTA TREZE: QUAL ANÁLISE DO ENTREVISTADO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR NA ATUALIDADE.

- Olha! Eu venho me deparando com essas reflexões... o trabalho do professor ainda é indispensável, se um dia ele se tornará dispensável não é para agora! Eu acho que a indústria, todo o mercado por trás das vídeo aulas, por trás da... EAD, a educação à distância tenta imprimir uma cultura pedagógica que ela ainda não se sustenta, e talvez não se sustentará, ou talvez se sustente, o ponto é que nós não temos condições ainda de afirmar acerca da dispensabilidade de um professor. Então eu não creio que a gente tem que ter um olhar negativo em relação aos potenciais usos da tecnologia. A questão é usar os *devices* usar o celular, usar o Youtube usar os mecanismos como recursos válidos, mas entender que a relação do mediador para além de uma questão subjetiva ela ainda é um repositório inigualável! Então como eu digo, a experiência visual, a experiência afetiva, ela acaba suplantando, ela acaba sendo maior, muito mais significativa do que uma experiência solitária de processo de aquisição de conhecimento. Então assim, eu vou dizer, eu aprendi

muito na minha vida sozinho! Eu sou um autodidata em quase todas as coisas que eu desenvolvi, e desde que você sai da graduação você vira um autodidata porque o mestrado e o doutorado... no entanto a relação com o professor, com os meus professores, com alguns poucos professores, foram aquelas relações que me impulsionaram: a ser professor! A buscar certos tipos de conhecimento! A entender... e a me ajudar a pular etapas que eu demoraria muito a percebê-las como aluno individual, como aluno solo. Não é. Eu acho que na música isso é uma coisa muito clara, eu falo isso pros alunos lá: - Se você pega um instrumento vai sair, você pode baixar uma vídeo aula, você pega um método aí você vai tentar entender alguma coisa vai sair! Mas se chega um professor em você e te ensina uma escala... que você tiraria de ouvido em anos, você aprende em meses, aí o resto do tempo você pode aproveitar, você pode desenvolver, você pode aperfeiçoar! Então assim, o que eu quero dizer, ele ainda é indispensável, numa condição subjetiva, numa condição emocional e até mesmo na condição de mediador de um processo de aprendizado porque ele sabe o caminho das pedras, ele consegue dizer assim: - Olha! Ao invés de ir por esse caminho vai pôr esse outro que vai ser melhor para você. - Você pode até descobrir que esse é melhor sozinho, mas você vai gastar mais tempo. Então até do ponto de vista pragmático, utilitário melhor dizendo, faz mais sentido você ter um professor do que não ter.

PERGUNTA CATORZE: *SE NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO O ENSINO MINISTRADO CONSEGUE ATENDER AS EXPECTATIVAS DOS ALUNOS E TAMBÉM AS DO PROFESSOR.*

- Eu não acho que atende as expectativas do aluno e nem tem que atender! Porque a expectativa do aluno, como a grande maioria das expectativas é uma idealização! Então primeiro o aluno do ensino médio que ele chega no instituto, ele não chega por vontade, ele não chega por força dele, geralmente são os pais que identificam na rede federal uma boa educação com a possibilidade de gerar uma profissão a curto prazo. Ele mesmo, quando chega lá, ele não sabe do que se trata, ele não tem expectativa. Quer dizer, todo mundo nutre uma expectativa, mas ele não tem uma expectativa tão bem desenhada, porque ele não vivenciou aquilo. Agora se ele já chega achando que está ali para forjar uma profissão de imediato, não é para isso que o Instituto serve, tão somente ou especificamente. - Ah não eu estou aqui porque eu quero entrar no espaço da militância, eu quero abraçar o movimento social... o instituto não está ali para apenas isso. Então dificilmente você vai ter um aluno com expectativas reais acerca do que é o instituto, as expectativas são sempre idealizações e é importante que elas sejam quebradas pelo real. Então eu não acho que a gente tem que atender o aluno nesse sentido, a mesma coisa vale para o meu aluno do ensino superior, ele quer entrar para o ensino superior e formar o mais rápido possível, não importa a que custo, e aí você tem que mostrar para ele que existe um custo, e o custo é alto. Então a expectativa dele...e de que ele vai chegar... primeiro ele vai chegar no ensino superior, ele vai estudar só o que ele gosta, primeira coisa é você quebrar as perninhas: - Você não vai estudar só o que você gosta, vai estudar o que é importante para a sua formação. Então assim é importante que a universidade, é importante que o instituto, que o

ensino médio e superior, quebre as pernas do aluno nas suas expectativas, porque ele vai quebrar a partir do real. Bom estou dizendo isso numa perspectiva otimista, porque é claro que o aluno chega com a expectativa que ele vai... por exemplo, vou dizer do curso de história, o aluno chega no curso de história com a expectativa que ele vai aprofundar no conhecimento histórico, que ele vai lidar com interpretações de determinados eventos e de repente ele lida com professores altamente dogmáticos, processuais, reprodutivistas... e mata! Assassina nele essa vontade de saber, essa vontade de conhecer... essa é uma outra questão, não é! Mas não é disso que eu estou falando, em geral as expectativas dos alunos estão noutra natureza... são de outra ordem. E essas outras ordens de expectativa devem ser quebradas pelo real da universidade ou do instituto.

PERGUNTA QUINZE: *COMO O ENTREVISTADO VÊ A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MINISTRADA PARA O FUTURO DOS APRENDIZES.*

- Essa é a questão que eu venho batendo, se a gente projetar a educação no futuro a gente não fideliza no presente. Porque quando você joga a educação para o futuro... principalmente nessa era digital que nós estamos vivendo, a gente corre um risco muito grande de fazer falsas promessas, porque você vira para o aluno e fala assim: - Olha! Lá na frente, a educação vai ser boa, porque lá na frente você vai ter um bom emprego. Um bom emprego significa uma boa condição de vida, não é! O aluno vê que ele tem a promessa do *colt*, ele tem a promessa do empreendedor, ele tem a promessa do liberalismo, ele tem diversas promessas e às vezes essas promessas se cumprem, as vezes ele vê um colega do lado dele se realizando a partir de outras promessas, ele fala: - Não necessariamente! – Principalmente se ele estiver na rede pública e ver o professor: - Ah, então você estudou para virar isso aí! - Não é. Então quando a gente joga para o futuro os resultados da educação a gente corre um sério risco de fazer falsas promessas! Então esse é o primeiro ponto não é! – Ah não mas a educação é importante para o seu conhecimento! – Se eu digo que é apenas isso, o aluno fala assim: - Eu aprendo muito melhor assistindo um youtuber! Vendo uma vídeo aula, do que perdendo o meu tempo aqui! – Se a questão é conhecimento eu tenho hoje os meios digitais que me permitem isso. Onde eu quero chegar, se você projeta para o futuro você corre o risco de criar falsas esperanças para o aluno, é necessário você fazer uma promessa para o presente. Fazer ele entender que aquele processo que ele está vivenciando, que aquele hoje é fundamental para ele, é uma experiência única. Vamos ser muito realistas, a grande maioria não vai perceber isso, só vai perceber isso tempos depois, mas é justamente por tempos depois a gente ter esse feedback, que a gente sustenta que no presente é importante. Então hoje para muitos dos meus alunos eu falo assim: - Professor e a prova quando é que vai ser? – Eu falo: - Esquece a prova! Concentra na experiência do conteúdo! Porque se você se concentrar na experiência do conteúdo você vai se sair bem na prova! – E aí é muito doido, porque aí ele vê que isso dá certo, ele vê que ele consegue fazer a prova. Aí no segundo bimestre ele já está mais relaxado ele já está mais suave.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 14.

PERGUNTA UM - *QUAL O CONCEITO DO SUJEITO SOBRE O QUE É EDUCAÇÃO.*

- Entýo... a resposta a essa pergunta ela é muito difícil de ser dada de forma definitiva. Porque a educação à partir do ponto de vista do professor, ela vai sendo construída... nosso ponto de vista vai sendo construído com a prática, com a vivência e para além do estudo. Entýo eu venho tentando responder esta pergunta há muito tempo para mim mesmo. E nýo somente quando eu vou publicar um artigo... que versa sobre educação, principalmente no tema que eu trabalho que é juventudes. Mas eu fico sempre me perguntando desde a primeira vez que eu entrei numa sala de aula, isso foi lá em meados de 2002, que eu me questionava... nýo necessariamente o que seria uma educação, mas como a partir deste propósito que nos colocam dessa relação professor aluno, de ensinar, nós podemos fazer o mundo mudar com a educação. Entýo eu sempre coloquei na cabeça que para se pensar o significado da educação é preciso pensar no impacto social dela, eu nunca consegui dissociar uma coisa da outra. E hoje quando eu falo de educação, a educação formalizada no caso, que a gente nýo consegue nýo dissociar isso, por exemplo, do papel da escola... do papel da instituição escolar. Entýo eu posso responder à pergunta o que é educação, na verdade falando dos impactos dela para a transformação da vida de alguém. Entýo educação é uma ferramenta de transformação social.

PERGUNTA DOIS: *QUAL O OLHAR DO SUJEITO SOBRE A EDUCAÇÃO FORMAL E O ESPAÇO DA ESCOLA.*

- É nítido que nós temos..., nýo precisa você ser uma pessoa muito estudada, nýo precisa fazer grandes diagnósticos, para vermos que há uma clara disparidade. Nós podemos dizer, disparidade nas possibilidades de acesso à educação. E nýo falo a educação propriamente e týo somente de qualidade, mas o simples acesso ao capital cultural, que de fato é diferente de acordo com os grupos de crianças e jovens em seus diferentes grupos sociais. Entýo a educação é uma via de discrepância, a educação ela é uma miscelânea de oportunidades que na verdade nýo correspondem de fato às vivências e demandas de cada jovem e de cada criança. Entýo se a gente for fazer um comparativo da educação básica pública e privada é nítido, é óbvio, que todo mundo irá dizer que tem como referência o modelo de educação privada. Porque possui mais recursos, porque os professores sýo melhor remunerados... em tese! Porque possui mais recursos didáticos, muitas vezes nýo é isso que acontece. Entýo a educação brasileira hoje ela vive, um processo talvez de transição de uma reparação histórica no sentido de uma necessidade de se olhar também para essa contextualização de classes sociais, porque querendo ou nýo a gente vem atravessando um processo de inserção paulatina, onde nýo necessariamente os jovens se inserem na escola, a criança se insere na escola, isso corresponde a uma ênfase também na qualidade dos escolares. Entýo a situação hoje da estrutura da escola pública no Brasil de uma forma geral, a estrutura física das escolas, as condições de trabalho do professor, a situação onde nýo leva se em conta... a vivência do jovem antes de entrar na escola e depois de sair da escola, isso nýo se leva em consideração. Isso deixa a gente um pouquinho alerta,

porque se no mundo hoje, se no Brasil de hoje a ênfase do mérito é muito forte, a educação não anda em bons lençóis... é o paradigma, porque parece... parece não...é claro, é óbvio, é nítido pelos dados que a gente vê, pelas pesquisas, pelas informações..., que o modelo de escola que está aí serve de certa forma para reprodução de desigualdades, está aí não para quebrar paradigma, mas para manter essa.. conjuntura ortodoxa de que existem espaços de educação para gente da classe alta e existem espaços de educação para gente da classe baixa, isso é inevitável. Então se eu fosse numa escala de zero a dez para a avaliação no Brasil eu diria olha nós estamos é... no desvio da curva, difícil falar em dez, difícil falar em zero, mas também não dá para falar em seis porque para algumas escolas a educação é onze e em algumas escolas a educação é menos seis, então é complicado.

PERGUNTA TRÊS: *SOBRE A TRAJETÓRIA DO INDIVÍDUO E O QUE O TRAZ À CARREIRA DE PROFESSOR.*

- É... primeiro... eu creio assim... isso veio comigo a muito tempo. Me incomoda um pouco aquela fala... de vocação do professor! Você tem uma vocação para ser professor! Aquilo vem com você... igual vocação médica! Você ter que ter vocação é algo como se fosse...inato a você, você nasce com aquilo, uma projeção biológica do seu comportamento, isso para um sociólogo é... (risos) assustador. Eu não gosto muito da aptidão para professor, eu acho que o ser professor é um constante trabalho. Então esse papel de você atuar enquanto docente, eu não dissocio muito de qualquer outra categoria profissional, no que tange a sua importância para construção de uma sociedade mais harmônica. Eu acho que todos os profissionais eles têm um papel hiper relevante na construção de uma sociedade mais harmônica. Talvez o nosso papel seja de destaque, justamente porque nós temos essa demanda de que precisamos fomentar a educação para nos desenvolvermos enquanto uma pátria, enquanto uma sociedade que atravessa o processo civilizador... e o papel do professor nesse sentido ele é crucial. Mas eu acredito que nós somos agentes de transformação... assim como outros cidadãos que estão por aí ralando, estão por aí trabalhando, de alguma forma tentando transformar a sociedade, colaborando com a sua força de trabalho. Então às vezes incomoda um pouco alguns colegas professores, quando eu não nos coloco num patamar de diferenciação enquanto categoria, eu nos coloco assim, nós somos agentes que temos uma fundamental importância no processo educativo obviamente, mas não negligenciando o papel que cada um tem, por exemplo no ambiente escolar, para fazer isso acontecer. Isso é crucial, ainda mais nos tempos atuais onde se exige muito essa quebra da verticalidade na relação professor aluno, na construção de relações mais dialógicas e horizontalizadas, e consequentemente, não tirando o protagonismo do professor, mas fomentando... o engajamento do aluno. Então... faço essa distinção a atuação do docente, não relegando obviamente toda a sua importância dentro deste contexto de transformação do país.

PERGUNTA QUATRO: *O QUE MAIS LHE MOTIVA E O QUE MAIS LHE DESMOTIVA NA CARREIRA DE PROFESSOR.*

- Na verdade tem duas faces da mesma moeda, vou dizer assim. No início, e isso é inegável, quando você se depara com a possibilidade de ter um público que você possa falar e eles possam te ouvir livremente, é maravilhoso! Eu achava maravilhoso. Eu ia começar a dar aula em cursinhos populares na cidade de São Carlos, eu comecei lá. Inclusive organizamos um cursinho popular muito bom! O Casa Aberta. Fizemos parceria com a UNESCO. E a sensação pessoal de você ter um público cativo para te ouvir... sempre foi extraordinário! Mas eu percebi que quando essa... sensação maravilhosa, pessoal começava obliterar de fato... o objetivo real de eu estar ali, que não é para enaltecer o meu ego, que não é para doutrinar pessoas, e essa palavra doutrinar me incomoda! Porque de certa forma você tem um público que está disposto a te ouvir e não necessariamente é um público passivo. E é uma visão totalmente errada que colocam aí de que o aluno está ali ele é um ser totalmente passivo, e o que você vai falar ele vai ouvir! É um absurdo isso! E tem projetos de lei que estão querendo colocar enfatizando isso. Eu acho que é um constante equilíbrio que o professor tem de fazer, e eu tenho que fazer isso diariamente, de negar um pouco, de obscurecer um pouco, de colocar um lençol em cima da minha vaidade pessoal em detrimento do que eu posso de fato estar fazendo na vida de um estudante. Então a primeira vez que eu tive um aluno meu, que eu vi um aluno meu ingressar numa universidade, e ele veio de uma comunidade muito carente de São Carlos, aquilo lá foi maravilhoso! Aí eu pensei: - Foi maravilhoso para mim enquanto projeto pessoal? Sim! – Mas será que isso não é só um detalhe frente aquilo que de fato está acontecendo na vida dele? Então... todo dia é um trabalho constante enquanto professor, chegar na sala de aula, e não somente na sala de aula, porque nosso ambiente de trabalho não é só a sala de aula! É eu chegar nos corredores da escola, é eu chegar em casa, nas redes sociais, eu falar: - Antes de mais nada, nós estamos para servir! Nós estamos aqui para servir – Então, talvez de todos os servidores públicos, se a gente possa falar assim, o professor seja aquele que mais a palavra servir ela tem que ser colocada como carro chefe. Porque nós servimos a um público específico, nós dependemos daquele público específico! Então... o ser professor... na minha concepção, é um constante embate que eu faço internamente entre a vaidade e a transformação de alguém. E eu fico nesse embate constantemente, e eu preciso fazer esse embate para eu não me acomodar.

PERGUNTA CINCO: *NA VISÃO DO ENTREVISTADO QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM PROFESSOR PARA CONSEGUIR CONTRIBUIR COM EFICIÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.*

- É claro que... a dedicação é algo fundamental. E quando falo se dedicar vamos ter várias variáveis que estarão anexadas a isso. Então dedicação envolve preparo de aula, envolve atualização constante dos conteúdos, dedicação envolve a elaboração de um bom plano de ensino, dedicação envolve estar disposto a sempre poder construir na sala de aula formatos de aula, que não sejam somente aqueles formatos ortodoxos..., unilaterais professor falando e o aluno escutando, instrumentalizar recursos didáticos. Aí você vê, a gente tem vários... vários elementos que são ingredientes num caldeirão... para uma boa conduta de um professor dentro de sala de aula. Só que isso não é algo rígido, porque... e é

outra dificuldade da carreira do professor, ele precisa ser extremamente flexível, porque nós estamos lidando com seres humanos, nós estamos lidando com jovens, com crianças em processo de transformação. Então é uma coisa... é algo que eu demorei também para entender, muitos professores, e eu também ainda tenho essa dificuldade. Não são os alunos que se adaptam ao nosso método... (pequena pausa) essa é uma relação que ela é dialógica, ela é multifacetada. Então às vezes a gente tem que também se adaptar ao cotidiano de uma sala de aula. Então não há uma fórmula certa para ser um bom professor, mas o que talvez dentro dessa ampla gama... ingredientes que eu posso dizer assim... o essencial é a dedicação. O amor... quando eu vejo muitos colegas falando que a gente tem que ter amor a carreira, eu falo: - Não necessariamente amor... calma! – Amor é uma palavra muito estranha..., quantas vezes eu fiquei desgostoso, eu fiquei cansado, eu às vezes...: - nossa cara... eu não quero mais dar aula! - Mas eu pensava muito no impacto que isso poderia gerar na formação de alguém. Então não envolve amor, envolve a preocupação com o próximo, envolve a empatia, envolve o altruísmo de você poder realizar um bom trabalho. Então... em algumas turmas eu me comporto de uma forma, em outras turmas eu me comporto de outra, eu vou me adaptando. Eu percebi que tem turmas por exemplo, que eu preciso ser um professor mais extrovertido, e tem turmas que eu preciso ser um professor um pouco mais rígido, rígido assim, mais sério, eles gostam mais daquilo. Tem turmas que adoram fazer rodas, tem turmas da mesma faixa etária não gostam de fazer rodas eles gostam que eu passe na lousa e que eu passe Datashow. Então não existe uma fórmula secreta para ser docente, e nesse ponto eu sou até um pouco racional com relação à fins, para evocar Weber, eu não creio que você precise ser feliz para dar aula... – Ah, você transmite aquilo que você está sentindo! - Não necessariamente! Você precisa de ser dedicado! Uma pessoa dedicada, uma pessoa que esteja disposta a fazer bem o seu serviço dentro daquilo que você acredita que seja um bom serviço! Porque muitas vezes você vai estar dentro da sala de aula muito triste, você vai estar dentro da sala de aula com sérios problemas, às vezes cansado, às vezes desgastado com alguma coisa. Então isso é importante saber! (pequena pausa) Então para resumir! Acho que nunca se acomodar! A gente enquanto profissional da educação nunca podemos nos acomodar. A gente às vezes pega a mesma turma e os mesmos conteúdos por dez anos! O mesmo livro didático! É inacreditável como a gente nem passa mais o olho pelo livro. E a gente está lidando com jovens que a cada ano que passa parece que têm acesso à uma ampla gama de informação e eles vêm muito mais informados do que eles vinham antes, do que na nossa época por exemplo. Então como é que você lida com isso? Aí entra o recurso de ser dedicado! O professor ele se dedica não só em sala de aula, e é bom que todos saibam isso, muita gente sabe, e isso incorre na nossa valorização enquanto docente! Nós nos dedicamos constantemente, porque nós temos que constantemente nos tornar professor. A gente não vira professor depois de formar... a gente vai se tornando professor até o momento em que a gente decide nunca mais fazer esse contato de interação professor aluno, então a cada dia que passa vamos nos tornando professor.

PERGUNTA SEIS: SE O ENTREVISTADO CONSEGUE PERCEBER AS ATITUDES E COMPORTAMENTO DOS ALUNOS QUANDO ELES NÃO GOSTAM OU QUANDO GOSTAM DE DETERMINADA METODOLOGIA DE ENSINO.

- Sim! Gradativamente, paulatinamente eu ando ficando um pouco...! Entýo professor, sobre o método... eu falo por uma vivência que eu passei recentemente: fui assistir um curso no SENAC (Serviço Nacional do Comércio), fui com minha esposa, e o curso tinha duração ininterrupta de duas horas, o professor foi dar um curso. Eu fiquei sentado na cadeira e... quando deu uma hora de curso eu já nýo queria ficar mais lá sentado, eu cansei! Porque querendo ou nýo a minha vontade de perguntar era tamanha, minha vontade de falar era tamanha. Eu fiquei pensando assim, imagina um aluno... um jovem de quatorze anos, ter uma aula de uma hora e meia comigo, ele vai ficar me ouvindo falar durante uma hora e meia, é... uma tortura, para mim é torturante. Para mim é terrível! Terrível! Entýo eu creio, eu... venho pensando muito nisso, sobre essa lógica do método “Aodos”, a gente fala em sala de aula, de você buscar caminhos para poder fazer com que o conteúdo seja ministrado. Eu acredito que... nýo há um caminho específico para ser seguido. Obviamente a gente tem ferramentas a serem trabalhadas, e eu falo de experiência pessoal. Tem aula por exemplo que eu preciso usar de algum recurso didático, uma lousa..., passo todo o conteúdo na lousa para eles poderem visualizar como eu quero fazer as interconexões dentro do organograma. Tem aula que eu coloco o Datashow para eles ouvirem. Entýo... os métodos têm que estar intimamente ligados com os recursos didáticos que você pode colocar para eles. Mas acima de tudo, nýo dá mais para trabalhar uma sala de aula, nýo dá para se dar uma aula como se fazia há quarenta anos atrás. Porque os jovens hoje vivenciam experiências que eu chamo de experiências labirínticas. Eles výo e vêm o tempo inteiro, é o que chamam de comportamento ioiô, o José Machado Paes um grande sociólogo português. Eles estýo lá e estýo cá. Às vezes eles estýo em casa depois eles estýo no serviço. Eles namoram, separam, casam, divorciam. Entýo você vivencia o cotidiano de um jovem que quer viver experiências que sýo constantemente mutáveis. Nýo dá para simplesmente você como professor chegar na sala de aula e começar a falar durante uma hora e meia, ou pedir para eles lerem alguma coisa durante uma hora e meia. A gente tem que ser muito eclético, a gente tem que ser pouco ortodoxo. Você ser pouco ortodoxo é explorar a ampla gama de possibilidades que você tem e fazer com que essa transmissão de conhecimentos chegue de fato ao aluno. Entýo... nýo somente falar com eles, mas promover debates, eles adoram debater, eu acho que promover o debate com os alunos é muito importante. Quebrar um pouco aquele padrão de sala de aula que é super engessado e que é um padrão que precisa ser revisto, os alunos olhando para a nuca do outro, e às vezes tendo que olhar para sua cara e muitas vezes você quer que eles olhem para os próprios olhos. Obviamente colocá-los em círculo é um recurso ... é um método interessante para promover certos debates, mas desde que o debate seja bem mediado, aí o professor tem que estar lá. Porque um debate ele nýo pode incorrer necessariamente em você falar o que você quer, talvez você ultrapasse o direito do outro. Mexendo com uma moral que nýo seja tangível na lógica do Paul Poper. Entýo é.. o... como dar aula nýo é uma fórmula rígida. E às vezes eu

leio livros de pedagogia, de muitos professores, muitos teóricos que há anos n'yo pisam numa sala de aula, isso me incomoda! Eu vejo vários professores que escrevem sobre educação, eles est'yo extremamente distantes da realidade que eu já trabalhei, durante muitos anos, de um jovem... de uma escola pública... na periferia de uma grande cidade... no período noturno. Nós temos alguns recursos para poder implementar... aquilo que está sendo proposto, mas a vivência em si da sala de aula ela exige uma dedicação, uma preparação prévia, mas você tem que estar preparado para o que vier, n'yo tem jeito. Ent'yo às vezes você chega para dar uma aula... meramente expositiva, você n'yo consegue falar durante vinte minutos. É bem difícil ... quando eu falo de método para poder dar uma boa aula, eu n'yo consigo ser ortodoxo nesse sentido, n'yo há uma fórmula mágica, o que há s'yo vivências e experiências. Se hoje eu fosse conversar com um jovem, como eu converso na licenciatura das letras onde eu ministrou aula, eles me perguntam: - Professor, como é que a gente pode ser um bom professor? – Eu falo: - Cara! É talvez uma dica você começar a vivenciar experiências de bons professores, bem elogiados. Assista aulas, veja vídeos na internet, veja o que significa ser um bom professor dependendo do contexto que você está. Se você estiver em um cursinho pré-vestibular você quiser fazer uma roda para debater, talvez eles n'yo queiram, eles querem uma aula show. Mas dependendo da situação e do tema que você for trabalhar no primeiro ano de eletrotécnica do Instituto Federal, talvez dependendo do assunto uma roda de discussão seja essencial.

PERGUNTA SETE: SOBRE O QUE MAIS MOTIVA E O QUE MAIS DESMOTIVA OS ALUNOS, NA VISÃO DO ENTREVISTADO.

- É claro que o ambiente escolar é um ambiente que possibilita ao aluno vivenciar várias coisas. Você faz muito por exemplo o debate da home schooling, onde o aluno possa ter os conteúdos ministrados dentro da própria casa, contratar professores e tal. Pela minha vivência com os alunos, que gradativamente veio mudando nos últimos anos, eu senti um pouco essa mudança nos últimos seis sete anos. Até ent'yo eu me deparava com alunos que seguiam muito a lógica do dispositivo constitucional que está claro sobre educação, de que o papel da escola é a preparação para o mercado de trabalho, ele está ali para se preparar para o mercado de trabalho, mas obviamente ele está ali também para se socializar, ele está ali para arrumar uma namorada, ele está ali para curtir os amigos, para jogar uma bola no pátio, ele n'yo pode negar isso, ele vem para escola também para fugir um pouco de casa, para ter um lugar para poder interagir. Mas também essa questão do mercado de trabalho e desse outro lado, tem me surpreendido positivamente que é a formação do cidadão, também é um dispositivo constitucional artigo 205. Ent'yo cada vez mais eu percebo que os alunos do ensino médio, que eu tenho tido contato, eles est'yo cada vez mais se interessando em vir para escola n'yo somente para receber os conteúdos, por exemplo da sua área específica de formação técnica, eles querem debater a conjuntura política, eles querem debater os problemas do seu bairro, eles querem entender o cotidiano das construções de afetos. Eles gostam disso! Recentemente eu tive uma experiência boa, eles pediram para falar de macro economia, eles queriam entender o que era inflação, o que era taxa de juros, eu fui dar uma aula disso para alunos de quatorze anos, eles ficaram

entusiasmadíssimo porque eles veem isso na televisão. É inacreditável, eu faço um corte aí de dois mil e doze dois mil e treze para cá, esses jovens eles veem para cá tentando entender o que eles ouvem nas redes sociais, os termos que eles ouvem, os canais das pessoas que eles seguem nas redes sociais, o que o jornalista está falando sobre superávit primário, o que eles estão falando sobre desigualdade social. Eles chegam na sala de aula e aí há uma retro avaliação, por exemplo, dos professores das humanas, recentemente eu fiz uma pesquisa, eu entrevistei dois terços dos alunos do ensino técnico integrado, eu perguntei se eles achavam disciplinas de humanas como sociologia e filosofia fundamentais, noventa e três por cento disseram que são fundamentais para a formação deles. Tenho essa pesquisa nós vamos publicar os resultados agora os dados estão sintetizados, foi uma pesquisa quantitativa que a gente fez, um Server, e também mostra que a grande maioria, a imensa maioria dos estudantes daqui, se interessam por temas de política, se interessam por debater problemas sociais, sim tem interesse nisto, eles não estão aqui só para ter curso de eletrotécnica. Eles estão aqui também para debater os seus problemas, eles estão se interessando por isso, isso é muito interessante, então... essa mudança que eu ando vendo aí, eu acho muito positiva, esse engajamento do jovem eu acho positivo. É o engajamento primeiro pelo interesse, depois pelo acesso à informação, que culmina na produção da informação, na chamada UEB 4.0, eles estão vivenciando isso, eles já são jovens que não podem mais sair, eles são jovens que precisam se preparar para produzir informação, eles querem aprender como produzir essa boa informação, na nossa época a gente só recebia, hoje eles precisam produzir. Então eles estão tendo os seus canais, então... a gente vivencia um momento muito interessante, para ser professor; e um momento muito interessante enquanto aluno.

PERGUNTA OITO: QUAL ANÁLISE DO ENTREVISTADO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR NA ATUALIDADE.

‘- Por exemplo educação à distância, você conseguir assistir cursos online etc. e tal, às vezes tem pessoas que enxergam isso como uma ameaça, uma ameaça à carreira docente, para mim isso é tudo uma baboseira. Uma simples questão, nunca o papel do professor deixou de ser um papel de mediação, o professor media o debate, o professor ele faz a promoção da construção dialógica do conhecimento. O conhecimento quem produz? O conhecimento ele é fruto do interesse que vem de uma pesquisa consequentemente. Então o professor ele é o responsável por trazer esse conhecimento... lapidado, e torná-lo um pouco mais acessível no sentido de incentivo ao debate, isso sempre foi feito assim, o que pode se mudar de fato são as ferramentas para se chegar a isso. A gente não pode esquecer nunca, o Picasso falava isso, que o computador é uma máquina burra, porque ele só sabe oferecer respostas, a nossa tarefa enquanto professores é instigar a dúvida, é instigar a questão. Isso... ainda não temos máquinas que façam, ainda não temos computadores que possam fazer isso, e quem alimenta os computadores somos nós. Então o papel do professor é instigar a dúvida, o papel do professor é fazer com que... o interessado se torne interessante. E eu não vejo como ameaça o fato de nós termos aulas, por exemplo, com outros recursos digitais, isso tudo é bem-vindo. A partir do momento em que o

conhecimento, ele está sendo transmitido, e retroalimentado de uma forma a fazer com que as pessoas, que as crianças, que os jovens se insiram no debate tenham voz e tenham oportunidade de falar, saibam qual o seu papel de fato enquanto ator social para poder colaborar nesse universo do conhecimento, entýo como se chegar lá nýo... faz a mínima diferença. O importante é isso ser feito, entýo eu nýo creio muito que isso vá afetar o trabalho docente. Mas novamente eu volto àquele primeiro ponto que eu coloquei, é... indispensável que nós nos atualizemos sempre, por isso que nossa carreira é super desafiadora, porque nós precisamos nos lapidar enquanto profissional constantemente. Entýo isso faz com que a gente se transforme. Entýo eu vejo professore de cinquenta anos.. com trinta anos de carreira, eles agora estýo passando por um processo de... tentar olhar sua profissýo de uma forma diferente, porque a gente vai se transformando. Entýo novamente, eu nýo quero pensar que alguns docentes se sintam ameaçados porque talvez a sua cátedra esteja ameaçada, sua cadeira cativa esteja ameaçada, nada disso, a gente tem que pensar de fato em qual é o resultado final disso - nós vamos ter uma sociedade, nós vamos ter uma comunidade, nós vamos ter uma escola onde o seu papel de mediaçýo está sendo bem feito, as ferramentas que possibilitam ele fazer isso estýo lá? Estýo sendo colocadas? Estýo sendo lapidadas? Maravilha! O resto é consequência.

PERGUNTA NOVE: *QUAL A ANÁLISE QUE O ENTREVISTADO FAZ DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR ALUNO.*

- Vou te falar uma coisa professor... assim, eu nýo vou ser rígido na minha resposta vou ver se eu consigo ampliar, porque eu já trabalhei com diferentes cotidianos. Eu vou dar um... exemplo, eu vou instrumentalizar o crescimento das escolas militares, uma alusýo por exemplo, um dos argumentos utilizados por alguns professores e inúmeros pais de alunos nas pesquisas sobre escolas militares aqui de Goiás, é de que a escola militar possibilita que o professor tenha plenas condiçõe s de trabalho, na escola militar o professor nýo corre o risco de apanhar de um aluno, na escola militar quando o professor fala o aluno ouve, na escola militar toda a interpretaçýo, toda construçýo da representatividade simbólica do papel docente na hierarquia das relaçe s professor aluno é evidente, o professor entra o aluno levanta, o professor manda sentar o aluno senta, o professor olha o aluno fica quieto. Entýo me incomoda? Sim, óbvio! Eu percebi que essa estrutura rígida era um outro lado de um polo que talvez a gente tenha que combater, nýo necessariamente precisa ter essa rigidez para podermos ter de fato, o incentivo aquilo que eu acredito enquanto papel docente, e nýo é a mera transmissýo é a promoçýo do diálogo. Só que tem um outro lado da moeda que é o discurso... o discurso de conto de fadas! Se fala que seria muito possível conseguir trabalhar com os alunos, despertar interesses em alunos, fazer com que eles se tornem inteiramente interessados na matéria... Como se fosse super simples fazer isso com o jovem, ou criança, que vêm de... nýo ter condiçõe s, dentro de sua formaçýo, de seu capital social, de seu capital cultural! E do seu capital até financeiro, para poder chegar no ambiente escolar disposto a trabalhar com toda aquela dialogia maravilhosa, é o outro lado da moeda. É um discurso maravilhoso... é o discurso das construçe s de afeto... os dois polos me incomodam. Eu vejo uns colegas: - Nýo! Que nós

temos que ouvir muito os nossos alunos...! Temos que trabalhar com os alunos sempre respeitando as suas individualidades, não falem auto com os alunos! – Falei ok, interessante, mas por outro lado nós vivemos situações de cotidiano em escolas brasileiras onde os professores estão tomando cadeirada na cabeça. Qual é o meio termo disso? Até onde vai a autoridade de um... sem ser autoritário? Olha que coisa de louco isso! Isso me deixa inquieto, porque... e eu fiz algumas experiências, porque querendo ou não a sala de aula é um laboratório. Em turmas onde eu sou muito mais rígido, não autoritário, onde eu exerço mais a autoridade, e autoridade no sentido clássico que a gente vê por aí né, inclusive isso tem a ver até com as próprias expressões, gestos, pouco sorriso tal, os alunos tendem talvez a não se manifestar tanto no debate, e não significa necessariamente que eles não gostem de você. Mas uma turma onde eu tente conquistar a simpatia dele, é uma coisa até maquiavélica, conquistar pelo amor, parece que flui um pouco mais fácil, só que por outro lado o rendimento às vezes não é tão bom! Então você vê como a gente se depara com casos e casos. É melhor ser rígido e ter um bom rendimento escolar? Ou ser um pouco mais... afetuoso, e conseguir o amor, não necessariamente você tenha que ter boas notas? Então aí vem o meu debate e a minha crítica muito grande sobre os critérios de avaliação que a gente tem que colocar, que nos obrigam a ter duas, três avaliações. E prova escrita, e prova objetiva não sei o que? Sempre a avaliação voltada sobre a ótica do indivíduo e nunca da coletividade! Eu aplico avaliações coletivas, eles acham um absurdo, porque a avaliação a nota é dele não é dos colegas. Então o que que ele tem a ver com o diabo do colega. Então esses dois polos me desagradam, o polo do autoritarismo e o polo do afeto desenfreado! Eu não creio nisso, a gente querendo ou não nós somos profissionais, nós estamos num ambiente profissional. Querendo ou não você vem com um discurso no conselho de classe e falando da necessidade de sermos super tolerantes, de entendermos o adulto... óbvio nós temos que fazer isso, mas nunca negligenciando o fato de que existem muitos colegas professores que nesse momento possuem uma ótima formação, mas enfrentam condições de trabalho terríveis, e não conseguem fazer com que aquilo que ele aprendeu nos livros de uma educação plenamente democrática e libertária. Talvez seja de fato aplicável num cotidiano onde o jovem chega na escola, vivenciado pela violência, pela opressão etc. (neste trecho foram suprimidas algumas divagações do entrevistador e do entrevistado que não são diretamente objetos da investigação).

PERGUNTA DEZ: NA VISÃO DO ENTREVISTADO, QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM ALUNO PARA CONSEGUIR SE DESENVOLVER BEM DENTRO DESTES PROCESSOS ENSINO E APRENDIZAGEM.

- Olha! O meu discurso é um pouco crítico, porque eu venho fazendo como o próprio Foucault, como na questão que você mencionou, de você criar estruturas institucionais para fazer com que os corpos fiquem dóceis, fiquem domesticados de tal forma como se senta, como se veste, como fala etc. e tal. Eu separo um pouco isso numa demanda inerentemente crucial para a sobrevivência deles, dentro do dispositivo constitucional de... não ser devorado no mercado de trabalho, se ele está disposto de fato ele tem que entrar dentro de uma cadeia de certa disciplina, tem que entrar, e a disciplina eu

digo, assistir às aulas, chegar no horário, cumprir com as obrigações dentro daquilo que o professor espera quanto alguém que está querendo mediar para ele alguma coisa importante para a sua formação. E eu não falo isso de uma forma a cercear a liberdade do aluno, mas se a estrutura está aí colocada para gente, por exemplo eu sou a favor de ter chamada em sala de aula? Não! Mas se a estrutura é essa para a gente, e eu estou falando a estrutura que está posta, isso deve ser cumprido. A disciplina nesse sentido, não a disciplina não a disciplina de ele se inibir e fazer uma auto inibição..., não colocando para fora, não projetando externamente as suas vontades e o que ele enxerga de mundo, ou a sua opinião política etc. Então uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa, nada a ver, num mesmo balaio..., terrível! Então... não basta o aluno ter só força de vontade, o aluno ideal seriam aqueles alunos que tivessem plenas condições de estar supridos de qualquer tipo de carência do que a sociedade possa lhe proporcionar a ponto de obliterar sua formação na escola. Deveria ter comida em casa, uma família legal, não ser vítima de qualquer tipo de opressão, não ser vítima de racismo, não ser vítima de opressão de gênero etc. Mas nós não temos isso! Não adianta exigir que o aluno chegue na escola e dizer: - Aluno você precisa estar plenamente concentrado! - Às vezes não acontece! Esses dias eu participei de... um bate papo com alguns colegas eles falaram para mim: - Professor, percebeu que está na moda os alunos ficarem doentes? - Falei: - Não é que está na moda ficar doente! - Moda de problema de cabeça! - Falei: - Não! Calma! - Na verdade agora que a gente está começando a entender melhor isso até então não se entendi o que acontecia. Era tudo inclusive, era bobagem, o bullying era uma besteira, e hoje a gente vem ressignificando isso! Os ingredientes para gente ter um bom aluno, envolvem essa disciplina que eu disse, esse formato de disciplina, eu não tenho medo de usar essa palavra! É... eu não digo força de vontade de aprender, isso pode soar um pouco pueril demais, pode soar um pouco anedótico demais! Eu digo assim, não é força de vontade de aprender, mas é uma plena noção do espaço onde ele está e qual é o seu papel na escola. Se ele se reconhecer dentro do papel que ele tem na escola, se ele estiver disposto a partir desse reconhecimento cumprir certos requisitos, que fazem com que ele se alinhe a instituição de forma a fazer com que todo conteúdo que ali seja trabalhado seja absorvido ao máximo... o resto vem de boa! Ele pode vir vestido da forma com que ele quiser, ele pode estar disposto a falar mais ou falar menos, a interagir ou não! Eu não acho que o aluno é obrigado a interagir com os seus colegas. Eu não acho que o aluno tenha necessariamente obrigação de ser um bom aluno, de vir para escola e socializar com seus colegas no pátio e se dar bem com os professores, não! Isso tudo é na esfera subjetiva. Para mim um bom aluno se faz com seu autoconhecimento do que ele de fato tem que fazer aqui, enquanto ambiente de trabalho até! De formação para ele, em paralelo com a ciência de que é preciso ter certa disciplina, por que senão...

PERGUNTA ONZE: *SOBRE COMO O ENTREVISTADO VÊ O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM PARA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ENQUANTO TRABALHADOR.*

- Entýo, há uma discussýo muito grande dentro do PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) dentro dessas normas legais da educaçýo do novo ensino médio que eles falam! De poder possibilitar que o aluno tenha uma formaçýo um pouco mais direcionada a partir de suas preferências e aptidões, entýo ele vai mais para humanas, para exatas, para biológicas. Entýo o que ele apreende no ensino médio nýo necessariamente vai contribuir para ele ser um bom profissional lá na frente. Entýo..., eu quero ser um sociólogo para que eu tenho que aprender física no ensino médio, para que eu preciso aprender química. Que é uma discussýo que vem sendo feita ainda. Eu particularmente..., na minha visýo, em alguns pontos eu até concordo que talvez ele poderia, a partir de determinada série, escolher certas áreas que ele queira trabalhar, queira estudar mais. Obviamente o que é aprendido no ensino médio hoje é aprendido de uma forma muito genérica, salvo os cursos técnicos integrado, mas é uma outra coisa que eu preciso conversar. Mas vamos no ensino médio regular, é claro que muitos estudantes deixam para definir a sua profissýo, ou aquilo que ele vai prestar o vestibular, ou aquilo que ele vai exercer mesmo, depois de completar o ensino médio, que nýo necessariamente é ingressar numa faculdade. Muitos jovens saem do ensino médio, ou nem completam o ensino médio, e já výo trabalhar, nýo necessariamente trabalhar naquilo que eles gostam. Isso é muito bom frisar, por quê.- Qual profissýo você vai escolher para cursar uma faculdade? - Espera aí um pouquinho... a maioria dos jovens hoje nýo výo fazer faculdade. Nýo necessariamente výo trabalhar com o que eles querem, eles výo trabalhar por uma questýo de sobrevivência, para ganhar um salário merreca no mercado de trabalho. Entýo essa preparaçýo da escola para o mercado de trabalho nos moldes que a gente acredita que ela pode ser feita, de certa forma ela é falaciosa no ensino médio, no ensino médio regular. E dificilmente você vai ver um aluno que está ali aprendendo matérias como química, física ele vai ter que se submeter a fazer estágio no Mac Donalds a ganhar menos de um salário-mínimo, até que ponto isso vai ser importante para ele. Aí entra a formaçýo crítica do cidadýo, para contestar o sistema, para contestar tudo que está aí, o requisito do diploma parece que ele é hoje quase..., nýo dispensável! Mas ele é batido! Você vai chegar para você trabalhar de caixa de supermercado eles exigem escolaridade, mas é escolaridade do que? Você precisa comprovar que você sabe... química orgânica para poder fazer aquilo? Nýo! O que eles querem de fato é uma comprovaçýo de que há toda uma demanda de jovens que foram disciplinados dentro de uma escola e que estýo minimamente aptos a poderem a também ser disciplinados ali dentro daquele ambiente de trabalho. No ensino técnico integrado a questýo é diferente, eles já começam a ter matérias, contato com matérias que em tese výo orientá-los no sentido de poder seguir uma profissýo específica dentro da área técnica. Entýo ele sai daqui com uma formaçýo técnica específica. É óbvio que a imensa maioria deles, e eu falo porque eu pesquisei isso eu constatei, nýo querem diretamente sair para trabalhar no mercado na área técnica que eles estýo se formando. Quem faz técnico em edificações nýo vai trabalhar como técnico em edificações logo de cara, eles querem entrar na universidade. Entýo, o Instituto Federal prepara os estudantes para o mercado de trabalho? Prepara! Necessariamente esses estudantes výo querer que esse preparo que eles aprenderam seja implementado de imediato? Nýo ele vai querer fazer uma faculdade! É o sonho de todos

eles! E o curioso... eu desafio qualquer professor aqui é... até mesmo da área técnica a entrar na sala de aula do ensino técnico integrado e faz um levantamento, uma pesquisa com eles. Quantos deles querem sair daqui dentro daquela visão do começo do século vinte de que: nós tínhamos que possibilitar a formação técnica para jovens trabalhadores não se perderem nas ruas! (risos) Então a escola prepara para o mercado de trabalho? Aí depende também de um contexto sobre qual tipo de escola nós estamos falando! Qual classe social nós estamos falando! Qual trabalho nós estamos objetivando! Qual o tipo de preparação? A constituição ela fala de uma coisa só! Mas nós estamos falando de *juventudes* (acentua a fala desta palavra) no plural, a juventude não se fala no singular, então é isso que é bom se pensar no caso do contexto brasileiro.

PERGUNTA DOZE: *SE NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO O ENSINO MINISTRADO CONSEGUE ATENDER AS EXPECTATIVAS DOS ALUNOS E TAMBÉM AS DO PROFESSOR.*

- É uma coisa impressionante porque o IFG no ensino médio técnico integrado aqui existe até vestibulinho preparatório para entrar aqui, existe toda uma peneira, então hoje o Instituto Federal de Goiás, no último ENEM ele é classificado como a melhor escola pública do estado de Goiás. O jovem... o caminho que ele quer trilhar para entrar numa universidade... necessariamente tem como o IFG um alvo preferencial. Aqui se aprova muito! A gente só perde para as escolas privadas. E não pode, eu sempre digo isso, a gente não pode deixar de falar que isso é importante, falando do ponto de vista do aluno. O aluno quando ingressa aqui ele sabe que ele vai se deparar, na cabeça deles eu sinto isso, que ele está entrando num ambiente, que ele vai ter vivências diferenciadas, porque ele não vai ter tanta mordida em torno dele, ele pode entrar e sair do ambiente escolar a hora que quiser, aí vem o debate sobre as catracas é bom que isso tem um imperativo muito grande... uma questão simbólica muito grande em torno disso. Ele vai entrar num ambiente onde ele não tem que estar uniformizado, ele vai estar num ambiente onde ele vai poder se socializar com pessoas de diferentes cursos, porque é muito diferente o perfil do aluno de instrumento musical do aluno de mineração! E principalmente ele vai poder socializar com alunos de ensino superior, com alunos de segundo ano de ensino técnico se depara constantemente com um ambiente que tem cara também de ambiente universitário, é um ambiente misto de ensino médio com a sua gritaria disforme (risos) e o ambiente universitário com todo aquele universo particular tal como a gente vê lá na UFG (Universidade Federal de Goiás), o aluno quando entra no ensino médio aqui ele espera muita coisa, ele sabe da qualificação dos professores, ele sabe da estrutura física da escola, ele sabe que ele vai poder contar com certos recursos didáticos..., ele sabe que ele está entrando talvez numa das melhores escolas públicas de Goiás. Isso pesa bastante, esse censo de responsabilidade pesa, porque eu já trabalhei na ponta de bucha de canhão no estado e ouvia o tanto que era difícil para alguns colegas professores até para os próprios alunos, porque quando o aluno era indisciplinado ele... cometia algum tipo de infração, não se sabia mais para onde jogar ele, ele virava simplesmente um produto: - Olha se você é indisciplinado, se você cometeu infração, se você fez... tem várias suspensões, não podíamos expulsar da escola! Você vai para onde?

No IFG o que eu sinto é que os estudantes eles sabem que se eles não corresponderem às expectativas, principalmente em termos de comportamento, e de produção também, porque aqui se reprova de fato! A mercê de todo o debate que se faz sobre o papel dos conselhos hoje, empurrar alguns alunos, isso é uma briga que a gente tem! Mas ele tem ciência que daqui ele tem outro lugar para ir, quantas vezes eu não ouvi alunos falarem: - Professor infelizmente vou ter que ir para o estado! Porque eu não estou dando conta daqui. – Então ele sabe que ir para uma escola do estado é descer! É o vislumbre da possibilidade de colocar um percalço na sua ascensão de classe. Quantas vezes, e aí eu falo agora enquanto professor, quantas vezes eu vejo professores dizendo: - Não, eu vejo muitas turmas indisciplinadas, barulhentas! – Eu falo: - Rapaz... – Quem trabalhou muito tempo em escolas de periferia de grandes cidades. Nós temos condições de trabalho excepcionais, para nossa carga horária. Não pode deixar de falar isso, não pode, isso não oblitera nossa luta por melhores condições. Só que a gente tem que se colocar numa posição também de referência, porque senão a gente desrespeita aqueles colegas que estão hoje enfrentando carga horária de quarenta horas. Condições reais de trabalho que são terríveis, com cinquenta alunos na sala de aula, com alunos envolvidos em intensa criminalidade. É difícil! A gente não pode se fechar para isso! Então... hoje eu enxergo, as minhas condições de trabalho, não são ruins. Eu tenho tempo para preparar as aulas, eu me sinto à vontade para poder debater com os meus alunos, o ambiente de trabalho ele é bem legal. É um pouco informal isso às vezes me incomoda, às vezes me deixa um pouco feliz, porque é muito cansativo o excesso de reuniões pedagógicas, isso me cansa um pouco! Porque o debate em si talvez ele se torne... um pouco pesado... aqui não tem tanto isso! Enquanto professor eu acho um ambiente de trabalho muito legal! Me sinto bem! Gosto de trabalhar aqui. E para quem vivenciou experiências inúmeras de ter trabalhado com quinta série, sexta série, agora é quinto período... sétimo, oitavo, escola municipal, cursinho comunitário, escola de ensino médio público, privado... eu já trabalhei com vários; em termos de ambiente de trabalho acredito que seja dos mais favoráveis ao desenvolvimento dessa relação dialógica com o conhecimento, eu até hoje não encontrei um lugar mais propício para isso do que aqui.. no IFG.

PERGUNTA TREZE: *SOBRE COMO O ENTREVISTADO VÊ A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MINISTRADA PARA O FUTURO DOS APRENDIZES.*

- Entra numa questão crucial! E eu volto a frisar isso. Quando alguém fala para mim que educação é que transforma um país, eu digo: - Não necessariamente! Não somente a educação. – Não é a educação que transforma um país. Me fala um país desenvolvido do mundo onde a educação, e não somente a educação, foi prioritária para transformação de fato rumo à redução de desigualdades? Não é só a educação! Isso tem que ser falado, eu não tenho medo de falar isso! Não adianta nada a gente debater educação exaustivamente, se a gente não possibilitar com que aquele jovem, aquela criança mergulhada num contexto educacional talvez até muito profícuo... enfrente uma sociedade onde não haja igualdade de oportunidades e muito menos de condições; são coisas distintas, não adianta nada eu colocar igualdade de oportunidades. Então os dois vão sair da mesma linha de saída para

poder competir se as condições para poder competir são desiguais. Os dois saem da mesma linha, mas um com uma Ferrari e outro com uma Minardi, mesma igualdade de oportunidade, mas as condições para correr são... quer dizer...Não adianta nada! A gente... então... a escola já é, nesse caso, ela pode servir como um obstáculo para o fomento de boas condições num ambiente meritocrático que exige uma competição extrema. Então, a gente só pode falar de educação... em paralelo com o debate de como a gente de fato reduz a extrema desigualdade no Brasil. Eu não dissocio uma conversa da outra. Porque se fala de educação, a gente fala que cinco pontos três do PIB (produto interno bruto) é destinado para educação, não somente. E esquecemos por exemplo que quarenta e dois por cento de todo o PIB é usado para amortização de juros da dívida **pública** (fala essa palavra com mais ênfase). Então não dá para debater, então vamos melhorar a educação no Brasil porque aí é aí que vem o futuro, mas como é que a gente projeta esse futuro se de fato a gente não tem investimento: é financeiro, é valorização docente. O futuro não dá para se pensar, eu não sou muito otimista em relação ao futuro desses jovens que estão saindo da escola, atravessando esse rito de passagem rumo ao mercado de trabalho, sabe se lá o que eles vão fazer! Porque vinte e três por cento dos jovens hoje não trabalham nem estudam. Eles chamam de geração “nem nem”, eu não gosto também desse termo, como se fosse culpa deles, mas ele nem trabalha nem estuda, mas ele está fazendo o que? Ele deve estar fazendo alguma coisa! Ele é um ser humano que está ali na sociedade. Enquanto não tivermos um debate realista, sobre intervenções e políticas públicas, realistas! Não do século dezenove... realistas atuais! Da atualidade. De como a gente reduzir de fato essa desigualdade... continuamos mantendo certos grupos econômicos no poder, as custas de muito sofrimento de famílias brasileiras que se endividam constantemente (pequena pausa)..., dentro dessa lógica consumista, dentro dessa lógica de visão de mundo de competitividade extrema, não adianta a gente ter uma escola muito legal, como se fosse um oásis no meio de um ambiente totalmente deturpado; então eu não sou otimista em relação à isso porque... eu preciso debater o futuro da educação do Brasil em paralelo com intervenções e políticas públicas para reduzir a desigualdade. Se eu sou otimista, nesse atual cenário? Não! Porque em paralelo a isso também o outro lado da moeda existe a demanda de retroceder no sentido por exemplo de deixar mais rígido, mais ortodoxo o próprio ambiente escolar para que não haja contestação de tudo. Nós precisamos de jovens que saiam pensantes críticos socialmente ok, mas eles vão sair no ambiente de trabalho e vão trabalhar em qualquer estágio para ganhar uma remuneração porcaria! Eu não posso ser hipócrita! Eu falo isso em sala de aula, falo: - Oh! Cara a gente tem que ter o espírito de transformação! Ok. Ser um ótimo profissional! Ok. Mas não esperem achar o pote de ouro no final do arco-íris. Nós vamos nos deparar com situações onde você pode ser um bom profissional, mas vai ganhar mil e trezentos reais! Isso frustra! Isso gera uma sociedade depressiva! Isso gera um cara que é super engajado, bacana! E aí ele vai lá e olha para trás e fala: - Professor desgraçado! Ficou me iludindo achando que eu podia revolucionar o mundo! Fazer a luta de classes! – Calma lá...! Não é assim! (Nesse trecho foram suprimidas divagações do entrevistado e do entrevistador que não faziam parte direta do objeto de investigação).

PERGUNTA CATORZE: *ESPAÇO DE FALA DADO AO ENTREVISTADO PARA QUE ELE POSSA ACRESCENTAR ALGUM OUTRO PONTO DE VISTA QUE ELE ACHE PERTINENTE PARA A ENTREVISTA EM PAUTA.*

- Assim... eu acho impressionante como que eu vou contar uma experiência? : - Teve um tempo atrás, eu estava conversando com a minha esposa e ela falou assim: - Olha eu estou sentindo que você... está perdendo aquele brilho que você tinha de dar aula! – Porque eu ia para a sala de aula eu ia cantando, eu estava super animado! Nossa eu me sentia assim... eu assistia filmes de professores e eu gostava! Eu me sentia um agente da revolução social! Estava sempre disposto a acreditar que eu posso transformar o mundo! Porque se eu não acreditar que eu posso transformar o mundo, como é que os alunos vão sentir isso em mim! Eu vou ser um hipócrita eu vou ser um mentiroso. Eu vou interpretar um papel que no fundo eu não quero interpretar! Apesar de que o Goffman fala que a gente tem papéis que a gente não escolhe! São dados! Socialmente falando. Mas ela falou assim: - Acho que você está meio cansado, você está meio decepcionado. – Eu falei: - Será que eu estou decepcionado ou eu estou amadurecendo de fato a minha visão do que que eu tenho que dar ali? E aí vem com essa... essa...com essa resignificação do papel.. do meu papel enquanto docente! Muito menos idealizado! Eu pareço... que estou atravessando... um percurso de romantização da profissão para a vivência da realidade de fato do que pode ser importante para a formação dos jovens! Eu me realizo com a formação... quando eu vejo um jovem daqui me abraçando no corredor conversando comigo, ou mesmo falando mal! Isso é importante! Você tem que ser notado de alguma forma! (O entrevistador faz uma observação e o entrevistado continua) ... ou aquele aluno que vai lá na sua rede social e vai te xingar depois de tantos anos, mas ele tá ali, você fez impacto, impactou a vida dele de alguma forma, positivamente ou negativamente. Então... falando do próprio papel da educação em si... eu venho atravessando essa corrente..., esse caminho tortuoso de com base na experiência e na vivência, que nada se constrói sem bons exemplos, e também a gente precisa aprender muito com as vivências. Quando eu me deparo com algum autor que escreve sobre educação, ele tem todo o direito de escrever sobre educação..., de pesquisar educação, de entender educação, mas se eu me deparo com um trabalho desse que não haja de fato qualquer tipo de imersão na vivência do ambiente escolar, fala distante, e há muito tempo que ele não está ali eu já nem considero. Eu estou meio que assim! Eu tenho colegas que trabalham na rede pública, eu tenho colegas que trabalham na rede privada, sobre meta de ser simplesmente um produto a ser consumido por alunos vorazes em te julgar numa avaliação: - Você é um professor pouco legal com a gente! Você faz lousa usando só dois pincéis de tinta colorida, deveria usar três. – (risos) – Não tem a linha do quadro... aquela porcaria toda lá! – Então, não que eu seja um pessimista em relação ao plano de carreira docente, não que eu seja um pessimista em relação à carreira docente, mas não dá para se falar de carreira docente sem a valorização irrestrita, inclusive falando de bom salário, boas condições de trabalho e respeito ao profissional, pouca invasão ao seu ambiente de trabalho, pouca fiscalização sobre o que ele vai fazer nesse sentido. Porque é invasivo quando você fala sobre o crivo de talvez uma coordenação que queira saber o que você

esteja falando dentro da sala de aula onde é seu ambiente de cátedra sagrado. Tudo isso envolve uma esfera de elementos... um maior programa de elementos que faça com que talvez a carreira seja descredibilizada ou desmotivadora. Muitos estão desmotivados! Mesmo no IFG! Muitos estão desmotivados. – Porra! Como você está desmotivado no IFG se você ganha um salário de doze mil reais? – Aí não envolve só o salário, mas como é que você faz, olha tem ingredientes aí! Então! Mas por outro lado... aí vem um pouco desse lado mais... de esperança... a gente não pode também ser muito objetivo... é óbvio que a nossa profissão enquanto professor, enquanto docente, e aí eu falo defendendo a própria categoria, a magia de ser docente é a magia de você saber que você pode envelhecer, e esse envelhecimento lhe possibilita ser... alguém melhor... nossa profissão é igual a um vinho, você vai envelhecendo você vai tendo mais conhecimento, mais experiências. Então você vai tendo todo um feedback de um arsenal para você poder trabalhar melhor! Eu sempre digo... e aí a minha reverência a muitos professores que têm mais idade, mais velhos, olha para eles e falo assim: - Nossa... dá até emoção (nesse momento o entrevistado ficou com a voz embargada e encheu os olhos de lágrimas – e assim fez se uma pequena pausa para que este pudesse se recuperar, o entrevistador faz algumas observações para dar tempo do entrevistado se recompor e então este continua) é que eu vejo colegas com cinquenta, cinquenta e poucos anos, idosos assim, e desvalorizados cara! Eu vejo os caras mais velhos e falo nossa... e a molecada entrando agora... batendo no peito, e às vezes os caras não têm nem condições de trabalho, os caras são desrespeitados os caras têm uma vivência gigante, passou por tanta coisa, e aí você vê os caras sendo jogados na lata do lixo. Numa escola particular sendo mandado embora, ou mesmo numa escola como a nossa aqui... é... sendo desrespeitados em reuniões assim. Então eu tenho... independentemente da forma como ele atua e da posição que ele está, uma reverência para com os mais experientes. Na nossa carreira reverência com os mais experientes ela é fundamental! Em qualquer ramo, mas na nossa eu acho isso, imprescindível, porque a gente molda a nossa prática pelos bons exemplos. E os bons exemplos vêm daqueles que vivenciaram a sala de aula. (O entrevistador faz algumas observações e em seguida o entrevistado prossegue) no ambiente escolar a gente tem várias formas de interação: que a competição, a cooperação, o conflito... (que é o resultado de uma competição exagerada), a acomodação..., o ambiente escolar deve se pautar sempre pela cooperação. Se você... às vezes vou em conselhos de classe que tem uma determinada turma que às vezes o professor está tendo dificuldade, e outro professor fala: - Não, mas nessa turma eu não tenho tanta dificuldade assim! – Falei cara tenta...: - Se você não tem dificuldade, mas o seu colega tem! Tenta de alguma forma fazer com que ele também possa ser ajudado! – E aí entra a experiência de alguns..., mas com a experiência vem a frustração. Então para mim um ambiente escolar, que esteja mergulhado nessa lógica de possibilitar com que a gente possa vislumbrar um mundo onde as pessoas cooperem mais, sejam mais solidárias, talvez emana também da gente... tornar o nosso ambiente um reflexo disso sabe, não dá para gente esperar que nossos alunos sejam solidários e sejam altruístas, e trabalhem dentro da ótica da coletividade lá fora se a gente não vivenciar isso dentro da escola! Porque a gente é referência para eles... então é isso!

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 15.

PERGUNTA UM - *QUAL O CONCEITO DO SUJEITO SOBRE O QUE É EDUCAÇÃO.*

- Educação, se a gente for observar no jargão que a gente fala, a educação a gente traz de casa! Mas num ambiente escolar, eu entendo a educação como esse amplo aspecto que o aluno tem, essa bagagem que ele tem de tudo que está em volta dele. As várias disciplinas, acho que elas se complementam... e elas vão formando não o caráter, o caráter já vem individualmente formado, é de cada pessoa, mas ela vai somando e vai moldando aquele indivíduo ali como um todo. Acho que educação é isso aí... ela vai encorpando e vai incorporando os conhecimentos em si. Que o aluno vai administrando esse conhecimento que ele começa arrebatar, que ele começa a absorver e vai incorporando isso aí.

PERGUNTA DOIS: *QUAL O OLHAR DO SUJEITO SOBRE A EDUCAÇÃO FORMAL E O ESPAÇO DA ESCOLA.*

- Eu vejo que a educação ao longo dos anos, é o que a gente percebe, que ela tem perdido assim, da época que eu estudei, a gente tinha até vergonha de falar quando reprovava em determinada disciplina a gente tinha vergonha dos pais, quando a gente falava em educação. Eu acho que hoje o aluno tem muita dificuldade até de concentração, não sei se essa dinâmica do dia-a-dia, mas a educação no país ela perdeu a essência, mas eu acho que mudou a dinâmica, mudou a forma, hoje está muito mais dinâmico, às vezes... por exemplo eu trabalho com física, as vezes eu trabalho com o conteúdo lá de mil e oitocentos e a gente tá no século vinte e um e está muito avançado, tudo está muito rápido, as coisas hoje em dia. Então eu acho que tem essa dificuldade... o aluno de acompanhar de fazer esse contraponto, coisas anteriores com o que é atual, hoje a educação ela se torna chata para o aluno, o aluno já não vê..., pelo menos o que eu percebo, não vê com bons olhos: - Ah não eu estou cansado disso aqui! - A um tempo atrás mesmo a aluna falou: - professor vai ver isso de novo? Eu já vi isso aqui o ano passado! - Mas aí você começa a puxar um pouquinho mais, não puxar..., você começa a delimitar um pouco mais aquele caminho ela simplesmente não responde. Ou seja..., aquela base que deveria ser formada, na verdade ela não se formou.

PERGUNTA TRÊS: *NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO QUAIS OS PONTOS POSITIVOS E/OU NEGATIVOS QUE INTERFEREM NO APRENDIZADO DO ALUNO.*

- Pontos positivos, acho que tem, quando a gente percebe que o aluno se desenvolve ali ao final de um processo. Às vezes, por exemplo a gente trabalha com algumas questões, na física em si, às vezes eu trabalho um conteúdo e o aluno eu percebo que ao final ali ele está acompanhando pelo menos o que a gente está falando, está delimitando em relação a um determinado conteúdo. Então eu vejo que ele está aprendendo. Mas hoje eu vejo que o aluno falta muito, a questão de estudar mesmo! Acho que falta ele se sentar e estudar. Eu trabalhei no estado também, com uma turma de EJA (Educação de Jovens e Adultos) e ensino médio também, trabalhei com matemática

também, a gente via assim a falta do aluno sentar mesmo para estudar. O aluno ele consegue, ele responde, mas se ele não quiser responder também ele vai ficar na mesmice, ele não vai atrás.

PERGUNTA QUATRO: *SOBRE OLHAR DO ENTREVISTADO PARA OS ALUNOS ENQUANTO CONJUNTO – SE EM LINHAS GERAIS ESTES LHE PARECEM MAIS MOTIVADOS OU MAIS DESMOTIVADOS.*

- Hoje eu os vejo muito desmotivados. Às vezes a gente tenta, tenta, fazer alguma coisa diferenciada, muitos refugam, acham: - A não! Eu não vou fazer isso não! – Um tempo atrás eu fiz uma atividade até extra sala, dividi a turma metade dentro de sala, metade fora, a turma simplesmente tinha uns passos a seguir e eles já foram direto no resultado final, ou seja, aquele passo a passo que deveriam seguir eles não seguiram, já querem o resultado final, não esperam, não vai passo por passo! Ele não vai... porque... é muito imediatista! Quer resposta muito rápida..., quer aqui agora e pronto. Eu acho que falta muito isso aí (o entrevistador faz uma observação e o entrevistado continua). Espera só aquilo ali, espera só aquele final lá, se eu estiver aprovado beleza, ou seja aquele passo aquele processo de ir seguindo passo por passo, cadeia a cadeia, escada a escada... ele não está nem aí! Ele não preocupa tanto com isso aí, preocupa simplesmente em passar e ser aprovado. Então beleza! E acho que isso aí está somando na vida acadêmica dele, e não está, às vezes é uma bagagem que ele perde lá na frente, às vezes ele vai precisar de alguma coisa lá e não vai ter a resposta, porque ela foi falha lá atrás.

PERGUNTA CINCO: *O QUE MAIS LHE MOTIVA E O QUE MAIS LHE DESMOTIVA COMO PROFESSOR.*

- Me motiva aquele aluno que tem muita dificuldade e eu vejo que ao final de um semestre, ao final de um bimestre, ao final de um ano esse aluno ele começa a responder positivamente. Então trabalhar com aquele aluno nota dez, ele não vai precisar de ajuda ali, porque ele já se auto declara, já tem a bagagem que ele consegue ir. Agora aquele aluno que já tem dificuldade não, ele a gente vai trabalhando com ele, e a gente vê o crescimento dele gradativamente. Quando ele quer! Então a gente tem alguns alunos... que às vezes a gente começa a trabalhar no início do bimestre, no início do ano, ele tem uma dificuldade muito grande, mas à medida que vai passando... o período, os semestres ali, os bimestres, os dias em si, você percebe o crescimento dele. Percebe-se também que têm alunos que não fazem por onde, às vezes nós vemos esse aluno como uma decepção, eu percebo como se fosse uma falha minha! Então eu não consigo alcançar aquele aluno... eu não chego nele! Trabalhar com uma turma que todo mundo é nota dez... é muito tranquilo! Agora é um desafio trabalhar com uma turma onde todo mundo tem dificuldades muito grandes, não é, e você alcançar aquele aluno ali. Não é tão simples.

PERGUNTA SEIS: *NA VISÃO DO ENTREVISTADO QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM PROFESSOR PARA CONSEGUIR CONTRIBUIR COM EFICIÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.*

- A primeira coisa é que o professor tem que ter paciência! Tem que ter paciência! Acho que um dos primeiros pontos é ele ter paciência e ser humanista! Ele vai ter que ter... vai ter que ser humano em todos os momentos e tentar alcançar aquele aluno! Por uma via ou por outra ele vai ter que tentar chegar naquele aluno. Se ele tiver... a ideia de querer ignorar isso daí n'yo tem como, ele n'yo vai alcançar o aluno, ele vai sozinho e o aluno fica para trás! Aí é um fracasso porque o aluno ele n'yo vai ser aprovado, ou se for ser aprovado aprova por meio de trabalho que foi passado, sem justificativa de nada. É assim... eu percebo muito isso aí que acontece, tem aluno que às vezes é aprovado via trabalho. Mas o professor tem que ter muita paciência, para trabalhar com esse aluno.

PERGUNTA SETE: *NA PERSPECTIVA DO ENTREVISTADO O QUE LEVA O ALUNO A TER OS HÁBITOS E AS CONDUTAS QUE NORMALMENTE ELES TÊM EM SALA DE AULA (EXEMPLO: SER MAIS OU MENOS DEDICADO AO ESTUDO, SER MAIS OU MENOS COMPORTADO, SER MAIS OU MENOS CRÍTICO ETC.).*

- Eu acho que isso aí vem muito de casa! Acho que vem muito da instrução dos pais. O pai que às vezes estuda um pouco mais, às vezes ele cobra um pouco mais do aluno, n'yo é! Aquele pai que às vezes n'yo estudou, às vezes nem estudou na vida, ele vai ter mais dificuldade de puxar, mas ao mesmo tempo ele tenta colocar o filho na linha, mas o aluno às vezes pode perceber também: - A meu pai n'yo estudou para que eu vou estudar! – Mas... eu acho assim... o nível de instrução que tem na casa eu acho que ele colabora muito para que o aluno ele vá um pouco à frente, fala: - Oh! Eu vou cobrar de você aqui! Você vai chegar ali na frente... o que eu tenho hoje é por causa do estudo! Ent'yo... ganhar a vida no braço a gente n'yo ganha mais n'yo! Ent'yo vamos correr atrás! Ent'yo vamos estudar! Se deixar de estudar acho que vai virar um problem'yo aí para você!

PERGUNTA OITO: *A ANÁLISE QUE O ENTREVISTADO FAZ DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR ALUNO.*

- Eu acho que tem que ser uma relação boa! Eu acho que na medida que essa parceria, essa relação seja boa, eu acho que flui. A tendência é de fluir, porque se já começa a ter uma certa resistência, é igual a um cabo de guerra, se têm trinta alunos lá que têm resistência contra o professor, n'yo adianta que ele n'yo vai conseguir, ministrar aquilo ali, ele se perde. Ent'yo eu acho que a relação ela tem que ser boa, tem que ser amigável, mas tem que ter também a autoridade do professor ali também, n'yo é só ser amiguinho do aluno... tem que fazer por onde. Acho que vai muito da forma que o professor trabalha também, eu acho que... ele tem quer ser amigável, mas tem que ser também com propriedade por parte do professor, eu acho que ele tem que ter esse domínio em relação aos alunos, mas cada aluno é cada aluno também! N'yo adianta a gente falar que a turma ele é por igual, n'yo é! Cada aluno tem um intelecto, cada um tem uma estrutura que é individual é específica! Ele n'yo vai agradar todos também! Mas a tendência que eu vejo é assim... é ele tentar trazer a turma para ele! Tem que fazer isso daí.

PERGUNTA NOVE: *SE O ENTREVISTADO CONSEGUE PERCEBER AS ATITUDES E COMPORTAMENTOS DOS ALUNOS QUANDO ELES NÃO GOSTAM OU QUANDO GOSTAM DE DETERMINADA METODOLOGIA DE ENSINO.*

- Eu por exemplo... gosto muito de história da ciência, eu sou fissurado em história da ciência... eu acho que ela parte também de alguma coisa que vem lá de trás, a gente vem o que... por exemplo trabalhando a vida de um determinado cientista, eu acho que isso daí ela vai somando com toda a bagagem de conhecimento. Eu acho que assim, cada professor trabalha de uma forma, metodologia cada um tem uma forma que é específica. Agora, pelo tempo que a gente tem, a forma com a qual a gente trabalha é muito imediatista... as coisas... fica muito em cima do um determinado conteúdo, acho que às vezes a gente não consegue abordar muita coisa, na quantidade de turmas que a gente tem. Igual se fosse trabalhar avaliação..., a avaliação ela é muito ampla. E a gente fala que faz avaliação na verdade a gente faz um registro de notas! A avaliação vai além disso daí. E essa metodologia eu acho que vai... ele tem que encontra a melhor forma... de trabalhar, porque ele encontrando essa forma... por cada turma é uma turma também, a mesma aula que eu dou de manhã não é a mesma da tarde, não é a mesma coisa, tem muita diferença de uma turma para outra. Tem uma turma que você pode puxar um pouco mais, pode ir além, mas tem turma que não adianta, a turma não responde, mas também não porque essa turma não responde que eu vou deixar essa turma de lado, eu vou trabalhar, mas a forma de trabalhar ela é diferenciada!

PERGUNTA DEZ: *COMO O ENTREVISTADO PERCEBE A CAPACIDADE DO PROFESSOR DE ENTENDER OS ALUNOS E AJUDÁ-LOS A SE DESENVOLVER NAS SUAS PARTICULARIDADES, E A DOS ALUNOS ENTENDEREM O PROFESSOR NA SUA INTENÇÃO DE CONTRIBUIR NO SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM.*

- Eu acho que é viável, a partir do momento que tem alguns alunos que são... não vou falar líderes, não seria líder em sala, mas se você perceber aquele aluno que tem um pouco mais de facilidade... você trazer ele e colocar esse aluno para ajudar outro que tem uma dificuldade maior... eu acho que a sala ela começa a encorpar. Só que a grande maioria, às vezes a gente percebe, que o aluno que é bom, ele quer ficar só com aluno bom, ele não quer abrir mão daquilo ali, ou seja: - Eu ficar ajudando outro que está pior do que eu aqui..., não vou muito com isso aí! – e às vezes ele: - Não, não vou ajudar! - Por exemplo quando a gente passa um trabalho, aquele aluno que é bom ele não mistura com aquele que é ruim, só se ele for muito humano mesmo, mas a grande maioria que eu percebo... tem alunos que sim eles são bons e ele fala: - Não! Vou ajudar esse cara aqui! – vai e ajuda, mas a grande maioria se senta com os pares, ou seja, vai sentar-se com quem está no mesmo nível dele. Estou com nota boa? Então vou fazer trabalho com tal...! E normalmente junta aqueles excluídos, não vou falar que seria..., aqueles que são rejeitados por esses alunos, e aí sim ele teria essa resistência! Aí eles juntam sempre com os... pares também! Que estão no mesmo nível. (O entrevistado e o entrevistador trocam algumas

ideias que nŷo sŷo diretamente objeto da pergunta em questŷo e, portanto foram suprimidas deste trecho).

PERGUNTA ONZE: *SOBRE A TRAJETÓRIA DO INDIVÍDUO E O QUE O TRAZ À CARREIRA DE PROFESSOR.*

- Eu na época que eu estava no segundo grau, eu lembro de falar para minha mãe: - Oh! Mãe terminar o segundo grau aqui para mim já está bom demais! – Minha mãe fala isso até hoje! Nŷo  . Eu sei que na época... eu fazia contabilidade, primeiro ano de contabilidade, segundo ano eu vim para Goiânia, nŷo tinha aula no período noturno, no terceiro ano eu fui estudar e já tinha alguns colegas que faziam cursinho que o estado ofertava, e aí falei: - Uai! Que que esse povo está...? – Nŷo está estudando e tal... vai prestar vestibular! – Falei: - Mas que que é isso? – Nŷo estava nem ligado a isso aí. Eu lembro que naquele ano eu fiz uma... eu tinha prestado... para engenharia elétrica. Se eu tivesse passado naquele ano também eu nŷo teria condi es de cursar, porque eu tinha que bancar aqui em Goiânia, nŷo tinha condição eu tinha que trabalhar, ou seja o curso era integral, aí fui verificar falei: - Que outro curso? – Falei ah... dá para fazer licenciatura, foi meio que de supet o mesmo! Prestei no primeiro ano nŷo passei, no segundo passei, fiz o curso meio a trancos e barrancos, porque o curso na verdade ele é um período, mas o volume de estudos é muito grande... um período oficialmente, aí o tempo todo você tem que estar estudando, ele é praticamente integral. Tinha aula de manhã,   tarde eu ia para a oficina, e ia para a biblioteca   noite. Então eu atrasei o curso, nŷo formei nos quatro anos, então... ca  de paraquedas na educação? Nŷo sei se eu ca ! Até na época que eu estudava sempre pensei em fazer um curso técnico, alguma coisa assim, mas também nunca tinha estudado... Hoje eu estou no outro lado da moeda! Eu acho que... eu gosto da área da educação. A partir do primeiro momento que eu comecei a trabalhar, trabalhava com matemática no colégio estadual Tal (diz o nome do colégio) ali no Riviera, para mim foi um ponto inicial, achei muito interessante, por exemplo tinha uma senhora l , a dona (Diz o nome da senhora) ela tinha setenta anos, e trabalhando com essa senhora lá eu sei que a gente colocava ela pra estudar e ela: - Professor eu tenho muita dificuldade! – Mas a senhora vai dar conta! – e ela conseguiu, apesar da dificuldade..., com a responsabilidade dela! Por exemplo tinha aluno de dezoito anos l  que nŷo fazia o que ela fazia, e ela, ela naquele momento ali, ela foi a motivação para mim! Falei: - Oh! Sei que eu estou conseguindo ali! – Logo depois também que eu saí daquela escola, fui para o colégio militar, ali na unidade (Diz o nome da unidade) e ali também eu fui me adaptando! Chegou um ponto também na época... do primeiro mandato do (cita o nome do governador) eu tinha sido dispensado, todos os pr -labores porque até então..., comecei a dar aula em noventa e oito aí tinha dado... foi o primeiro mandato dele, ele mandou todos os pr -labores embora, eu nŷo era concursado, aquele ano, e eu sei que eu comecei a estudar para concurso, e aí foi quando eu passei nesse concurso l  para... fiz a prova em (Fala o nome da cidade) com vaga para (Fala o nome da cidade) foi quando eu entrei, hoje já tem esse período que eu estou, no serviço... desde dois mil e quatro! Mas assim eu gosto muito de... atuar em sala, e eu gosto de trabalhar com aquele aluno conforme eu tinha falado..., eu gosto de trabalhar com esse aluno que tem

dificuldade. Às vezes a gente passa cansada, passa... tem dias que eu sonho..., igual a minha esposa sempre fala -: Oh! Época de prova. Ah! O aluno não estuda! O aluno não estuda! – (aqui ele representa a esposa falando dele sonhando com os alunos e as provas) – Realmente às vezes tem essa dificuldade, mas a gente vai superando tudo isso aí! Eu acho que cada ano é cada ano! Não é tão simples! A pessoa falar: - A que eu estou trabalhando na educação... é fácil! - Não sei se eu caí de paraquedas nesse ponto, mas eu hoje amo o que faço! O que eu tenho hoje é graças a isso aí! Lá em (cita o nome da cidade) a muito tempo atrás...uma aluna: - Oh! (Fala o nome dele) Obrigado por ter sido tão chato! Estou vendo o tanto que você foi chato que hoje eu estou me dando bem lá na faculdade, faculdade de agronomia, eu estou vendo tudo que você passou para gente e hoje está somando demais! Eu estou vendo a dificuldade que os alunos têm e eu já não tenho essa dificuldade! – A gente puxava? Puxava! O aluno ficava na resistência! Aqui no Instituto esses dias teve um que ligou aqui, falou: - Da onde fala? – Falei: - Da área de física. – Quem está falando? – Falei: - O (fala o nome dele) – *Uai! Você já deu aula para mim!* (esta frase é dita de forma enfática para representar a empolgação do aluno ao falar com o professor) – (risos) – (Algumas divagações do entrevistador foram suprimidas deste trecho).

PERGUNTA DOZE: *SE NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO O ENSINO MINISTRADO CONSEGUE ATENDER AS EXPECTATIVAS DOS ALUNOS. E TAMBÉM AS DO PROFESSOR.*

- Acho que nem sempre! Nem sempre. Às vezes a gente tem uma expectativa bem no início do ano, mas ao final às vezes a gente viu que não alcancei aquilo ali. Ou seja, foi a trancos e barrancos aquilo ali e não consegui o mérito ao final. Eu acho assim que vai muito... turma, vai muito da época também, acho que tem essa dificuldade aí. Acho que o aluno ele é... (pequena pausa) acho que cada turma ela é uma turma que é específica, tem muitas particularidades, então tem essa dificuldade. Então às vezes será que eu alcancei aquele aluno ao final? Não sei se aquilo ali gerou e somou para ele ali na frente, mas talvez lá na frente a ficha oh pode cair, mas eu não sei te falar. (o entrevistador reforça a abordagem em relação às expectativas dos alunos – e o entrevistado prossegue) – Eu vejo assim, como eu tinha comentado anteriormente, eu acho assim ele é muito imediatista, como ele é muito imediatista ele pensa sempre no que? Na aprovação! E se ele foi aprovado então, supriu aquela expectativa dele, senão... é uma decepção que ele tem! (neste trecho foram suprimidas algumas divagações do entrevistado e do entrevistador, pois elas não tinham relação direta com o objeto da investigação).

PERGUNTA TREZE: *QUAL ANÁLISE DO ENTREVISTADO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR NA ATUALIDADE.*

- Acho que a presença física ela é fundamental. O ensino a distância, por exemplo o aluno tem... um calendário, tem umas datas ali que são pré-marcadas anteriormente e ele não tem como argumentar, a prova está marcada para amanhã às dez horas da manhã, amanhã às dez horas ele tem que realizar. Por exemplo, no ensino presencial ele: -

Professor oh, estou com dificuldade! Como é que a gente faz? – Falo: - Oh, que dia que dá para fazer? Amanhã não dá! Então vocês não têm condições de fazer amanhã, então vamos trabalhar! Vamos melhorar? O que que a gente pode fazer para melhorar? – E esse espaço no ensino à distância o aluno não tem! Ele não teria oportunidade. Coordenação nenhuma renuncia a isso aí, aquilo lá, porque o aluno já sabe que é aquilo lá e pronto. Acho que a presença física do professor ela é fundamental, para tirar uma dúvida, às vezes até para conversar, às vezes o aluno tem uma dificuldade, às vezes ele não consegue responder perante os alunos ali e num canto ele pode chamar o professor: - Professor oh, estou com dificuldade assim, assim! Como é que eu posso fazer? – Você pode fazer assim, assim! Então acho isso aí! – Esse ponto ele é crucial aí, a presença física do professor ali.

PERGUNTA CATORZE: COMO O ENTREVISTADO VÊ O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM PARA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ENQUANTO TRABALHADOR.

- Eu acho que depende de cada um, cada um tem um viés. Eu trabalho com aluno de terceiro ano, quarto ano, vários alunos que estão fazendo o curso por fazer, mas na verdade ele vai para outra área, mas eu acho que entra muito a questão de maturidade. Anteriormente vários alunos que estudavam aqui já entravam com a idade um pouco mais avançada, não entravam tão novos como entram hoje e já tinham uma maturidade maior, fala: - Oh, eu vou trabalhar! – E a escola conseguia dar respostas para esse aluno, tanto é que a grande maioria dos alunos que saíam daqui e entravam nas universidades, já estavam empregados, muitos alunos, ainda durante o curso, também já estavam empregados. Tem vários conhecidos meus que saíram daqui com emprego já garantido, já saíram para o mercado de trabalho, foram fazer faculdade muito depois, já com idade mais avançada. São vários exemplos de pessoas que eu conheço, de amigos, que estudaram aqui e a escola respondia por aquilo. Eu acho que ela prepara, mas vai muito do aluno também! Se o aluno tem interesse em trabalhar. E eu acho que hoje, para o mercado de trabalho, o aluno tem que ter idade, e hoje quando ele já termina o curso aqui ele não tem idade suficiente para trabalhar! Eu acho que aí ele vai para onde? Vai para uma universidade! Então eu acho que a escola prepara, ela contribui muito para a formação do aluno, agora eu acho que a idade ela pesa muito, eu acho que a maturidade do aluno também ela traz um peso muito grande nisso daí, porque às vezes ele impede o aluno de entrar para o mercado de trabalho. Mas muitos também fazem... o curso mas sem nenhuma motivação, fala: - Ah, não vou fazer... não quero fazer isso aqui não, vou fazer direito! – Faz mineração, e ah vou fazer direito (refere-se ao curso de direito na universidade). Eu tive aluno que fez, na época que eu dava aula lá em (cita o nome da cidade), o aluno tinha feito o curso de alimentos: - Ah! Vou fazer medicina! – prestou para medicina. Vários alunos que fizeram edificações: - Vou fazer direito! – Vários foram para o direito. (O entrevistador faz uma observação e em seguida o entrevistado continua) o que eu preocupo também é assim, o aluno fez aquele curso técnico, por exemplo em edificações, e vai para uma outra área totalmente diferente, eu acho que... não sei se perdeu a essência. O que que o curso contribuiu ali? O que que ele

levou para o aluno? Se o aluno nŷo quer seguir naquilo ali, eu acho que teria uma falha aí no curso também! Nŷo sei levantar qual!

PERGUNTA QUINZE: *SOBRE COMO O ENTREVISTADO VÊ A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MINISTRADA PARA O FUTURO DOS APRENDIZES.*

- É uma pergunta difícil! (risos) Nŷo é fácil nŷo! Eu acho que... (pequena pausa para reflexŷo) nŷo sei! Nŷo saberia responder assim de imediato. Mas eu acho que é bem complexo. Mas eu acho que vai muito de cada um, vai muito do entendimento que ele teve de cada profissional que passou por ele também! Cada aluno tem entendimento de cada professor que passou ali que contribuiu, que sabe que aquilo ali vai somar ao final. Acho que as amizades elas ficam também, e nŷo somente essa parte de conteúdos em si, mas eu acho que ele enquanto cidadŷo isso aí faz diferença, ela enriquece também o aluno intelectualmente, ele sai diferente da forma que ele entrou aqui. Até pelos diferentes vieses que tŷm as várias áreas, elas... conversando ou nŷo, nŷo é, mas eu acho que no final ali elas vŷo se complementando.

PERGUNTA DEZESSEIS: O ENTREVISTADOR DEIXA O ESPAÇO ABERTO PARA O ENTREVISTADO COLOCAR MAIS ALGUMA IDEIA QUE ESTE PENSE SER PERTINENTE AO ASSUNTO EM PAUTA.

- Tudo que a gente faz eu acho que vai somando. Todos os passos que a gente tem, quinze anos aí já trabalhei em várias turmas, vários alunos já passaram e eu acho que... tem vários alunos que já tŷm doutorado hoje, passaram por mim, nŷo é um só sŷo vários. É assim, esses dias mesmo teve um aluno que eu fiquei assim, até hoje mesmo eu estou muito preocupado, uma aluna: - É professor eu estou muito decepcionada com o senhor! Muito decepcionada. – Fiquei pensando, falei: - Gente! O que que eu fiz? – Depois eu comecei a refletir sobre o caso, falei: - Gente! É uma aluna que falta aula até falar chega! - E... ela tem bagagem, é uma aluna que tem bagagem, é uma aluna que já vem de alguma escola que, já tem uma bagagem anterior, ela nŷo vem de escola pública você percebe; acho assim as escolas públicas elas tŷm algum déficit também, você percebe que a aluna nŷo é, nŷo vem de escola pública, o nível dela... eu falo financeiro, nŷo é baixo, mas eu nŷo alcancei e motivos... nŷo sei! Mas esses dias ela falou: - Oh! Estou muito decepcionada! Você falhou comigo enquanto aluna. – Falei: - Oh! Tem quatro bimestres ainda pela frente! – Assim eu fiquei muito angustiado com isso aí, uma preocupação que me gerou, que nunca tinha acontecido. Mas eu acho assim, que os pontos positivos eles sŷo maiores, sŷo muito maiores, eu acho que até o final do ano talvez eu consiga, alcançar essa garota! Mas vamos ver. Eu acho assim... que motivos a gente tem de sobra, acho que temos que levar adiante, a gente nunca pode baixar a cabeça também. Acho que a educaçŷo ela a cada dia é uma coisa nova, e eu acho que vai enriquecendo. Nŷo tem como a gente parar! Eu acho que todo dia surge uma coisa nova e isso aí vai somando.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 16.

PERGUNTA UM - *QUAL O CONCEITO DO SUJEITO SOBRE O QUE É EDUCAÇÃO.*

- Para mim, o conceito que eu tive durante esses anos, a educação é como um marco no ser humano que a busca como alteração de forma de vida. Eu não acredito na educação como simples formação técnica, eu acredito quando o sujeito muda o rumo da vida dele. Então quando ele entra numa sala de aula e ele começa a ganhar espírito crítico para poder seguir com as próprias pernas; esse espírito crítico ele adquire através de um profissional da educação, porque você tem sempre um professor com quem você se identifica! Então esse professor que te desperta isso faz com que você busque e se descortine um mundo para você ir buscar aquela área. Então para mim a educação é essa mudança de vida aonde o educando descortina um mundo através daquele ente que se propôs a educá-lo. Isso para mim é educação! A formação técnica qualquer que seja, tirando a técnica a propedêutica, a técnica strito sensu., e mesmo a pós graduação quando o sujeito está virando um cientista, ela é uma mera decorrência da alteração da vida que ele teve em sua rotina diária, em sua rotina diuturna mesmo. (Entrevistado e entrevistador fazem algumas divagações sobre o assunto as quais foram suprimidas deste trecho – em seguida o entrevistado prossegue) – Eu não sei se você vai perguntar sobre avaliação, uma coisa que eu acho que nós temos que rever é o processo de avaliação do ensino aprendizagem! O aluno ele se quantifica... e ele começa a se qualificar pela quantificação que ele levou! Então de repente entra naquela coisa, eu tirei dez! O professor me deu quatro! (fazendo alusão à cultura do aluno de quando ele recebe uma nota alta foi ele quem tirou, mas quando ele recebe uma nota baixa, foi o professor que deu) Independente disso! Ele vale oito, ele vale seis! Então ele começa a se colocar numa pirâmide, de comparação mesmo né, pirâmide hierárquica dentro da turma! E aí quando você fala assim: - Não! A minha avaliação vai ser diferente! Eu não estou preocupado em reprovar, eu estou preocupado que você aprenda! – Aí ele: - Mas como professor! Eu quero é passar! – Então, isso mexe tanto com o aluno. Na verdade como é que você avalia esse conhecimento? Ah, é num dia pontual prova, naquele dia o aluno está mal! Isso nós temos que mudar. (O entrevistador faz algumas observações sobre as informações que a pesquisa trouxe até então – e o entrevistado prossegue) – Eles reproduzem como se fosse aula de mestrado (se referindo à forma como alguns professores tratam seus alunos de ensino médio). Eu tenho visto alguns colegas frustrados, assim eles repetem frustração, eles foram reprovados em mestrado, ou foram afastados do doutorado, e são os que mais dão dificuldade no processo, na verdade ele está projetando um problema dele.

PERGUNTA DOIS: *QUAL O OLHAR DO SUJEITO SOBRE A EDUCAÇÃO FORMAL E O ESPAÇO DA ESCOLA.*

- Hoje eu sou pessimista em relação à educação, não a educação que nós conseguimos fazer, mas a educação como um todo! Porque a família se distanciou do processo. Para você ter educação, me desculpe se às vezes eu vou ser um pouquinho mais formal, mas é porque eu sei que é o seu trabalho! A educação para mim é um tripé! Família,

religião, escola. Quando eu falo de religião eu não falo de doutrina! Eu falo numa formação moral que você tenha um conceito de que existe algo maior, independente de doutrina! Se você não tiver esse tripé, se esse tripé falhar de alguma maneira, você não vai ter a formação do cidadão integral. Hoje a religiosidade está muito perdida no mundo, mas no Brasil particularmente a família ela está deteriorada. Nós estamos num limbo entre o que é a família europeia e o que é a família americana. A família europeia extremamente conservadora, onde cuidam dos seus filhos até a maior idade e os netos... os netos estão sendo criados pelos avós; e o americano que com quatorze, dezesseis anos ele abandona o filho. Geralmente quando ele vai para o “High”, ultimamente tem abandonado mais cedo. Nós estamos neste limbo onde nós não temos educação, então está faltando o tripé. Falando de educação de uma maneira geral! Porque você sabe que eu tenho um trabalho dativo com crianças, que é na fama, que eu tenho dado assistência à menores aprendizes, onde a maçonaria trabalha com crianças, então tem muito tempo que eu faço o trabalho dativo lá, temos um colégio conveniado que é o (diz o nome do colégio). Então... a maçonaria assumiu isso, coloca professores lá, então nessa educação pública formal de primeira e segunda fase, você vê uso de drogas, abandono de família, desconhecimento total do menor e do adolescente, da criança e do adolescente na escola; e eles delegam a competência para escola. Nesse processo os docentes que eu vejo ali, eu os vejo sem o menor conhecimento. Uma vez eu tive uma coordenadora pedagógica lá, que eu passando falou assim: - Doutor, eu não sei mais o que fazer! Vem aqui falar para esse menino que se ele continuar assim ele vai ser um bandido ou um traficante! – Esse menino tinha nove anos de idade. Então uma coordenadora pedagógica, em tese, com uma formação em pedagogia, que nós sabemos que é um curso que é dado de qualquer maneira, e deveria ser um curso de excelência, ela não tinha essa formação. Então os nossos alunos estão saindo do ensino médio sem conhecimento! Por saírem sem conhecimento e com formação eles se frustram porque não conseguem entrar no mercado de trabalho, buscam as universidades particulares que estão fazendo EAD (Educação à distância), que estão fingindo que estão ensinando, eles saem com uma graduação, então nós temos pessoas com graduação... sem nenhum conhecimento! Quando a Escola Técnica (antigo nome do atual IFG) me mandou para OIT (Organização internacional do trabalho) para poder representar o Brasil, para poder formar parte do grupo que desenvolvia a LDB (Leis de diretrizes e base da educação), ela praticamente já estava aprovada lá. Eu lembro de participar de uma vídeo conferência, na época lá já tinha vídeo conferência, um representante de cada país com os ministros da educação; eu lembro que o representante da Costa Rica falou o seguinte: - Na Costa Rica dois por cento da população, Costa Rica, isso em noventa e seis, não têm curso superior e eu naquela época falei no Brasil dois por cento têm curso superior. Com esse trabalho que houve para poder aumentar o PIB (Produto interno bruto) que faz parte, houve, na época do governo (cita o nome do então presidente), essa supervalorização das universidades privadas, até porque eles trabalhavam com isso, (Cita o nome do ministro da educação) também então todo mundo tinha que ter curso superior. Então hoje nós temos uma quantidade de pessoas com título sem conhecimento nenhum! Feynman quando esteve no Brasil em mil novecentos e cinquenta avaliando engenheiros, Richard Feynman foi Nobel

de física, em mil novecentos e cinquenta ele disse que o brasileiro tinha muito conhecimento, tinha grande quantidade de informação, mas não sabia como aplicar. Ele estava selecionando engenheiros eletricitas e analistas de sistema para a IBM, hoje nós temos esse público nas Federais! E aí eu incluo Federal: Pedro Segundo, as escolas técnicas que são os Institutos e as Universidades. O ensino privado infelizmente ele acabou! Vejo agora pós PT (Partido Trabalhista) onde nós não podemos ter remanência de vagas com o sistema do SISU, um retorno das Federais para uma situação, pior do que se encontra as privadas, aonde estão sobrando vagas principalmente nas áreas duras, como você falou da engenharia, nós estamos admitindo alunos que simplesmente não zeraram no ENEM (Exame nacional do ensino médio), você pega a PUC, eu estava vendo hoje a chamada pública do EAD, mínimo quatrocentos e cinquenta... é baixo; o nosso nem isso é o mínimo, porque se sobraram dezesseis vagas eu tenho que provê-las. Nós temos um vizinho aqui que a filha dele passou para medicina em Rio Verde, como ele sabe do processo acabou conseguindo a vaga para essa chamada pública para medicina na UFG. Então veja, até medicina está sobrando vaga! Então isso faz com que a qualidade de quem está entrando esteja muito ruim! Hoje eu tenho em sala de aula da engenharia pessoas menos qualificadas do quem está no técnico, as nossas turmas de engenharia estão piores do que as que estão no técnico. Porque os que estão no técnico, eu pego só o quarto ano, então eu sou privilegiado ali, já terminaram... já tiveram todo aquele embate com os professores, passaram pelas propedêuticas, quando vem para mim eles já estão burilados, já são quase diamantes. Na engenharia eu estou pegando no terceiro período estou sentindo muito! Eles não sabem escrever! Eles não sabem ler, interpretar nem pensar! Então o que que eu tenho feito com eles, eu tenho feito um trabalho de formação, não é nem um nivelamento, nivelamento é fácil fazer, de formação! Porque eles estão chegando sem..., nós temos alunos especiais, nós temos alunos deficientes, mas nós temos alunos que não sabem fazer conta de somar com uma casa decimal! E aí para um curso de engenharia você vai ter uma frustração (alguns comentários do entrevistado que não eram objeto da pesquisa foram suprimidos nesse trecho) eu estou pedindo para os alunos fazerem trabalhos. Então nós temos evasão grande isso é ruim para o conceito da Universidade ou da instituição de ensino! Nós temos aquilo que nós falamos antes, ele vai se taxar como mal profissional porque a quantidade de nota que ele tirou é ruim. Então eu combino com os alunos o seguinte: - Não desistam do curso! – Apesar de ministrar hoje só áreas meio e não fim, então eu não vou ensinar estruturas, eu vou dar segurança do trabalho e legislação. Para engenharia ambiental é complexa, mas para engenharia mecânica nem tanto, ele não vai matar ninguém se ele não souber isso, porque ele não vai ter atribuição profissional para ser um engenheiro de segurança do trabalho que é pós-graduação. Então eu combino com eles que eles nunca desistam do curso! Que eles vão até o final, muitos deles superam, começam a me mandar textos, então eu estou corrigindo textos, devolvo para eles, faço a revisão no Word e mando, volto mostro o que está acontecendo, estou fazendo um trabalho até de revisão de redação. (Neste trecho várias divagações do entrevistado e do entrevistador que não tinham relação com o objeto da pesquisa foram suprimidas) – As pessoas falam o seguinte quem sabe faz quem não sabe ensina! É... eu costumo repetir isso mesmo, quem

sabe faz quem não sabe ensina, muito professor vai ficar doido quando a gente falar isso para ele, aí eu digo o seguinte: - Sabe por que quem sabe faz e quem não sabe ensina? Porque quando você vai ensinar você está trabalhando no “dever ser” e não no “ser”! Apesar de você ter que ensinar a prática dentro da sala de aula, mas você tem que ensinar o que deveria ser! Então o sistema jurídico por exemplo, eu tenho que ensinar o que é correto! O que é moral, o que é ético! A prática da corrupção, infelizmente ele pode adotar, se ele for para aquele caminho, então realmente eu não sei fazer, eu não sei fazer a prática da corrupção, eu sei fazer a prática do processo da técnica. Na engenharia eu sei fazer a prática da técnica, eu não sei fazer a prática do empreiteiro que promove a corrupção para poder ganhar uma licitação e depois para poder executar alguma coisa. Então realmente quem sabe faz quem não sabe ensina, nós não sabemos fazer o errado! Quando a pessoa escolhe o caminho acadêmico ela só sabe fazer o certo! E ela não quer mexer com essa mácula da imoralidade que nós estamos vivendo no sistema pátrio. Então talvez essa seja a resposta da primeira pergunta. Se o docente ele se colocar na situação do aluno, der para ele toda a experiência, sem receio de que ele venha a ser um concorrente. Escuto muito isso também! Principalmente na área jurídica! Passar para ele aquilo que você gostaria de aprender, de maneira que ele repita não o que você está passando, mas muito mais do que você deu para ele, ensinando somente o correto! Nós vamos conseguir mudar o mundo pela educação! (O entrevistador faz algumas observações e em seguida o entrevistado prossegue) Avança, mas onde é que está a educação física? Numa universidade americana pelo menos uma natação você tem que fazer, para que você seja um ser humano em forma! Você tem de fazer alguma atividade de grupo para que você possa saber lidar em grupo e aprimorar a sua capacidade cognitiva. O brasileiro não é o melhor em pesquisa não é porque ele é ruim não! É porque ele não sabe trabalhar em conjunto! As universidades anglo saxônicas trabalham muito com o trabalho coletivo! O esporte é a melhor coisa para isso! Como é que eu consigo fazer uma educação se eu não tenho um ensino de sensibilidade! Então quando eu vou trabalhar como um cientista eu preciso perceber algumas coisas do meu lado sensitivo, do meu lado subjetivo e o subjetivo do outro! Nós não temos isso nem na escola. - Fala com o pessoal das ciências a respeito das humanas: educação física, teatro, filosofia, música! – Para que? – Não! Você tem que ter isso! Porque você melhora como ser humano!

PERGUNTA TRÊS: *SOBRE OLHAR DO ENTREVISTADO PARA OS ALUNOS ENQUANTO CONJUNTO – SE EM LINHAS GERAIS ESTES LHE PARECEM MAIS MOTIVADOS OU MAIS DESMOTIVADOS.*

- A regra do aluno, que eu vejo, ele é ávido por conhecimento, mas não de conhecimento específico, ávido de conhecimento de vida! Retornando ao que nós já falamos. O aluno quando ele entra em sala... quando eu entro em sala a primeira coisa que eu percebo, vou te dar a minha experiência é claro, é que ele está receoso, vem aquele sujeito almotadinha falar de legislação: - Esse cara vai ser todo certinho, todo positivista! – Quando você começa a trabalhar com o aluno, e ele vê que você não é nada daquilo, que na verdade você quer saber o conhecimento que ele tem, corrigir aquilo que estiver errado.

Dentro das doutrinas, dando possibilidade para ele de conhecer diferentes doutrinas, ou seja, não há conhecimento absoluto! Ele começa a ser o agente de alteração do seu próprio conhecimento. Então eu vejo os nossos alunos, vou falar especificamente do técnico, então a questão do ensino médio, do técnico do ensino médio, eu não consigo sair de sala! Eu entro mais cedo, eu não consigo sair de sala, o intervalo às vezes é difícil de dar, eles perguntam muitas coisas. Eu não consigo desenvolver conteúdo! Se eu me apegar ao conteúdo eu não dou aula! Eles têm dúvidas de coisas..., é claro que a faixa etária dá isso, mas eles têm dúvidas de temas dos mais diversos, de direito penal, em questões até criminais sexuais, a questões de vida, a problemas de relacionamento em casa, problemas técnicos, formação..., homossexualidade, alteração de sexo, que estão relacionadas muitas vezes com o tema legislação, porque é política e legislação ambiental. E se você der esse conhecimento para eles, através de debate, e começar a inserir alguns textos técnicos, ele vem muito bem! A única restrição que eu faço ao aluno hoje! Ele é preguiçoso quanto a leitura! Como toda essa geração, isso é notório, eles querem textos de Twitter! Notícias não embasadas, notícias não científicas..., fake! Então trabalhar..., ah! E o plágio! Uma coisa que nós precisamos fazer no Brasil! É uma educação moral acadêmica! Eu já pensei para o próximo semestre entregar para todos os alunos, um conceito moral antiplágio! Tudo deles é control C, control V! Eu vi um..., eu rejeitei três trabalhos agora do pessoal da engenharia. Do técnico eles tiraram zero e aí eu dei a possibilidade. Ele tem que sentir! Eu tenho programa antiplágio. E eu tive aluno que copiou o material que eu dei! Ipsis litteris! Ok. Aí oh o abusado, mas ele tem muito o control C, control V! Eles têm medo de errar! Então eles não sabem construir textos! Então se você forçar, eu falo assim para eles: - Olha! Eu não quero texto! (O entrevistador faz uma observação e o entrevistado continua) – Eles são ávidos, mas eles têm tanta informação, que eles querem replicar a informação mas têm medo de se expor. Então, ao serem expostos eles têm medo de errar! E isso está fazendo um processo de retroalimentação que ele não se expressa. Então o que que eu tenho pedido para eles fazerem, primeiro eu estou fazendo uma avaliação subjetiva! - Me fale o que que você quer dizer! Ótimo! Agora fecha tudo e escreve! – Eu tiro o celular deles! Eu falo assim: - Oh! O tio vai devolver depois! – As provas são com consulta, quando há prova! Mas eu quero que eles escrevam! Então o aluno sim! Ele é ávido por conhecimento! Tem muita informação à disposição, mas informação que não pode ser selecionada! Então o docente hoje ele tem que saber... mostrar para o aluno onde pegar informação correta. Então essa avidez precisa ser direcionada, esse ponto eu acho que vai ser o grande desafio do nosso século! Fazer com que o educador ensine o discente a filtrar a informação, porque avidez ele tem!

PERGUNTA QUATRO: SOBRE A TRAJETÓRIA DO INDIVÍDUO E O QUE O TRAZ À CARREIRA DE PROFESSOR.

- Eu sempre fui nerd! Eu fui alfabetizado com três anos, antigamente era considerado..., como é que é? Super dotado! Com três anos eu jogava buraco, escrevia. Então o meu pai com a vaidade dele quis me matricular muito cedo! Então com treze anos eu estava no segundo ano do ensino médio, e eu precisava ganhar dinheiro! Eu queria ter o

meu dinheiro! E aí eu comecei a dar aula de violão, de inglês e Karatê. E me vi dando aulas particulares. Daí para sala de aula de cursinho foi um pulo! Logo cedo. Com quinze eu estava na graduação, eu já assumi a disciplina de física! E fiz toda a graduação e pós-graduação dando aula! Então, era uma forma de ganhar dinheiro, muito tranquilo! Claro que na informalidade! Porque você..., na época não era tão diferente assim! E eles buscavam os melhores alunos, principalmente quem fazia IME (Instituto Militar de Engenharia), para dar aulas nesses cursinhos preparatórios para o vestibular. Então dali foi um pulo, vinte anos fiz o mestrado já dando aula, vinte e dois eu ia para Itália fazer doutorado, cheguei a fazer o processo seletivo lá, e até para você saber um pouquinho da história; o dia que eu decidi vir para Goiânia tirar férias e fazer concurso aqui para outra área, no dia que eu tomei a decisão de manhã, à tarde chegou o telegrama com a aprovação no doutorado, na universidade com bolsa lá... em Pizza, e a aprovação para o concurso que eu tinha feito para agência aero espacial italiana, mas como eu já tinha tomado a decisão de vir para cá, eu vim para cá! Fiquei um ano fora do magistério, fiz concurso para fiscal, para o ministério público, essas coisas, e estava... para aumentar a minha renda nesses estudos dirigidos de Goiânia. Depois eu vi que abriu o concurso da Escola Técnica, fiz e nós entramos juntos! (aqui ele refere-se ao fato de que o entrevistador foi admitido ao serviço público federal na então Escola Técnica Federal, no mesmo ano que ele) Então foi por aí que eu busquei a carreira do serviço técnico! (algumas divagações do entrevistador e do entrevistado que não tinha relação direta com o objeto da pesquisa foram suprimidas nesse trecho).

PERGUNTA CINCO: O QUE MAIS LHE MOTIVA E O QUE MAIS LHE DESMOTIVA NA CARREIRA DE PROFESSOR.

- Sala de aula! Sala de aula me motiva ao extremo! Ao extremo, não tem nada que motive mais que a interação com o aluno! Interagir com o aluno... ah! Interagir com o aluno é tudo!! (o entrevistado fala estas palavras com uma entonação de riso e alegria na voz). Você entrar numa sala de aula..., eu... prometi, tinha doze anos que eu não dava aulas para o técnico, eu tinha prometido não dar aulas mais para o técnico, e não fazer mais aquelas palestras motivacionais que a gente fazia! Que ainda tem hoje! Porque os alunos começavam a querer vir para o curso porque eu falava bem! Aí eu comecei a ver que os alunos do curso técnico... foram fazer direito porque se projetavam naquilo que eu tinha feito! Falei: - Não, isso está errado! Isso é estelionato! (risos) – Isso é estelionato. Mas não pode! Porque a minha realidade não é a que eu estou passando para você, eu estou vendendo uma “persona”! Então eu não posso..., nós vivemos papéis ali..., eu estou atuando! O professor é um grande ator! (o entrevistador faz algumas observações e o entrevistado prossegue) Nós somos figuras parentais! Eu não tenho dúvida disso! Eu não sei se você já passou por isso, mas eu tenho alunas que vêm falar comigo que foram molestadas pelo pai! Direito (refere-se a disciplina que ele ministra)! Outra que está sendo pelo padrasto! O que fazer, veio com uma colega! Pessoas que estão alterando sexo! – Você sabe que os nossos alunos que alteraram sexo, que estão alterando veem perguntar como é que será a colocação no mercado? O que que ele vai passar? Traz namorada para sala de

aula, porque em outras salas não consegue. Então, nós somos a referência! O que que eu não gosto no magistério! Não gosto de preencher relatório, não gosto de ser quantificado eu gosto de ser qualificado! Quantificado não. Hoje eu vejo uma grande teia, o governo do PT colocou isso muito, desculpe se eu estou sendo partidário, mas eu digo é o que nós vivemos nesses últimos anos..., os governos (fala o nome de presidente) de restrição e bonança para as particulares, o governo do PT foi um governo de quantificar as instituições de ensino! Então nós somos números! (O entrevistador faz uma observação e em seguida o entrevistado continua) É rótulo!! É rótulo. Ele está tirando a autonomia universitária e a autonomia do acadêmico! Ora, se você vai ser um doutor agora, já é! Eu sou um pós-doutor, em tese academicamente não tem ninguém que tenha mais conhecimento do que eu! Eu vou ser rotulado para que? E Por quê? Qual é minha produção? O meu aluno não é um produto! O meu aluno é um ser humano que vai desenvolver a sociedade! Então nós vamos avaliar a sociedade. Agora nós estamos sendo taxados pelos colegas que não fazem nada! Eu tenho dito isso constantemente! Então você vai em cima daquele que não faz nada! Não sei se você sabe hoje, você falou em cargo de gestão, eu não vejo cargo de gestão como experiência acadêmica, porque hoje coitado do coordenador, ele tem que cotejar, não sei se você sabe disso? Se nós estamos preenchendo o nosso Q-Acadêmico (refere-se ao software de gestão de presenças e notas, e de toda a vida acadêmica do aluno, que é usado na Instituição) com plano de ensino! Se não estiver Ipsis Litteris, vou repetir aqui o Ipsis Litteris, ele tem que chamar a atenção do docente! Espera aí! Eu uso muito a teoria construtivista, eu não sou construtivista, mas eu uso muito o construtivismo, não tem como não usar, aí eu viajei um pouquinho, saí do tema, não deu para cumprir aquele programa eu vou ser chamado a atenção porque eu fugi do meu plano de ensino? Não espera aí! Então eu estou trabalhando aqui com poluição do ar! Aí eu falo que tem até Arsênio no nosso ar, aí o aluno fala assim..., é uma deficiência: - O Arsênio o que que é? Por que que ele é deletério a saúde humana? – Aí eu vou explorar isso! Aí ele tem uma deficiência em química e eu vou abordar porque eu tenho esse conhecimento e posso fazê-lo crescer! Aí eu vou ser chamado a atenção, numa medida administrativa por que eu não cumpro o plano de ensino daquele dia? Não! Isso me dá falta de paciência! Não sei se..., para mim o que cansa é isso que nós estamos conversando de publicação. Você não tem nenhum incentivo para trabalhar como profissional! Eu pago minhas traduções, eu pago minhas revisões, eu pago os meus congressos! E a instituição cobra que você tenha essa produção no seu Ad hoc, é uma lógica internacional, mas eu não tenho incentivo nenhum! Então eu tenho que publicar em qualis A1, aonde a instituição não tem condições de te propiciar isso. Você sabe onde você está e por que que você vai chegar a esse nível de pesquisa! Aqui você não conseguiria fazer isso! Tem essa questão do ego acadêmico que tudo o que você falar se você tiver renome, você vai publicar! Tem as restrições em publicações por guetos! Isso me dá falta de paciência! Então se o Stephen Hawking falasse alguma coisa, aquilo seria verdade absoluta! E aí quando entra um Einstein como entrou! Todos os artigos dele são refutados! Quando ele é conhecido começam a ser aceitos mesmo que seja uma bobagem, que ele depois diga que é bobagem! Então isso me dá falta de paciência! Porque eles se estratificam; eu falo eles, mas estou falando também nós enquanto acadêmicos, enquanto

doutores! Porque eu consegui quebrar esses grilhões, mas eles viram... o próprio conhecimento! Então o novo não entra! A melhor coisa que tem é ver um aluno meu começando a lecionar a fazer pesquisa! Ele sabe muito mais do que eu! Tem aluno de iniciação científica que mostra uma coisa que você não estava vendo! Então se você se estratificar, acabou! Você pode esquecer o magistério! (O entrevistador faz uma observação e o entrevistado continua) eu brincava ontem com o (e diz o nome do filho dele) ele me perguntou por que que o goiano, principalmente o goiano, ele faz muito isso! Meus filhos são goianos: - Por que que quando você joga a seta ele acelera? (referindo-se aos hábitos no trânsito) – Eu comparei para ele com o banco do ônibus quando você senta tem alguém com o cotovelo se você apoiar um pouquinho ele te empurra! A academia não está muito diferente disso não! Então..., hoje no meio ambiente... eu saí da mecânica por causa de dificuldade com o grupo, especificamente com dois docentes! E foi a melhor coisa que eu fiz! Adoro o pessoal de lá! Me relaciona até com esses que eu tive dificuldade, mas no meio ambiente eu consegui fazer um grupo, e agora eles são todos jovens, estão chegando do doutorado, sabem trabalhar juntos e nós estamos trabalhando juntos! Sabe o que que vai acontecer? O grupo vai crescer. Quando o grupo se une ele cresce! (O entrevistador faz uma observação e o entrevistado prossegue) as universidades que são de vanguarda no Brasil, não é porque tem gente melhor do que a gente não! Repito, é porque sabem trabalhar em conjunto. (Algumas divagações do entrevistador e do entrevistado foram suprimidas desse trecho).

PERGUNTA SEIS: *NA VISÃO DO ENTREVISTADO QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM PROFESSOR PARA CONSEGUIR CONTRIBUIR COM EFICIÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.*

- Nossa! Essa pergunta para mim é a mais difícil de responder. Porque é difícil você dizer o que que tem que ser um bom professor..., eu me acho um bom professor! Sem olhar no próprio umbigo e isso não é o correto! Mas eu não posso te responder dessa forma! Eu vou tentar te responder pensando em mim e em outros modelos que eu vejo. É claro que a gente é egocêntrico, sempre tem... (o entrevistador faz uma provocação e o entrevistado prossegue) eu vejo hoje..., eu vou fazer um... talvez uma catarse. Todo docente ele é, de maneira imanente, perfeccionista e crítico. Crítico por ser perfeccionista..., então ele é perfeccionista com ele próprio! Então ele é um sofredor em essência, se cobra demais! Tem várias mazelas, por causa disto. Quando o docente consegue fazer com que o locus dele não seja externo, ou seja que ele seja avaliado por ele mesmo e não pelo que os outros pensam dele, ele começa a ser um professor sábio! Então ele deixa de ser um docente e vira um sábio que começa a transmitir conhecimento de vida. E aí volta tudo para o início da nossa fala. Quando nós conseguimos de fato colocar em prática que o verdadeiro professor é aquele que às vezes aprende e na maioria das vezes não ensina! Ele será um bom professor, então para isso você tem que ter as seguintes características: saber ouvir, aceitar idiossincrasias, não respeitar, mas aprender com as diferenças, não é só respeitar... respeitar é fácil! Respeitar eu posso estar sublimando: - Eu respeito o que você pensa... (fala mais baixo como se fosse um pensamento que não é dito) foda-se o que você está pensando! –

Não! É aprender com as diferenças. Admitir erro é muito fácil, corrigir os erros é muito difícil! Aquele que consegue corrigir os erros. Reconhecer que errou é muito fácil, transmitir aquilo que aprendeu com o próprio erro é muito difícil. E ter uma relação..., essa eu tenho encontrado algumas dificuldades hoje, é ter uma relação fraternal com o aluno! Eu sempre tive essa relação, hoje eu tenho medo, para não ser confundido com assédio! Você já reparou que eu beijo todo mundo? Você sabe que eu beijo meus alunos! No início alguns acham estranho. Quando eu consigo chegar numa turma que eu entro e beijo todos, eu fico até arrepiado, que eu beijo todo mundo eu vejo que eu estou conseguindo ser um educador ali dentro! Porque eles podem partilhar comigo... até um simples toque de um beijo. Que não tem nenhuma outra conotação! Então eu consegui tirar todas as barreiras entre aluno e professor! E mesmo assim eu não tenho problema de perda de respeito, de falta de atenção, os alunos vêm para a sexta-feira e assistem todas as aulas, às vezes só para assistir a minha aula! E não tem problema de baderna, pelo contrário, eu consigo conviver com eles. Eu consegui fazer quase tudo isso, de vez em quando eu perco um e outro! O que falta talvez para um professor... hoje, para ser um bom professor é que ele seja somente professor! Sabe aquela pergunta: - Professor, o senhor trabalha ou o senhor só dá aula? – Se ele conseguir ser eminentemente um docente que trabalhe com ensino, pesquisa e extensão o resto ele consegue fazer! As características que eu vejo em mim e vejo em colegas que são considerados bons professores, são os que fazem dessa forma! (O entrevistador faz algumas observações e então o entrevistado prossegue) Quando você falava eu também turbilhonava um bocadinho de coisas, e diante do que você me falou, se nós dois pudéssemos concluir o que nós dois falamos, o que faz um bom professor não é só ele, a instituição é muito responsável por isso! Nós somos privilegiados, nós temos trinta alunos dentro de sala, quando eu dei aula na faculdade de direito eu tinha setenta e oito alunos dentro de sala, eu sabia o nome de todos eles! Eu era mais jovem, não sei se hoje eu conseguiria, é muito importante não é, agora, será que um professor que dá aula para cem, cento e vinte consegue isso? Ou seis aulas iguais durante o mesmo período. Então a instituição é muito responsável pelo sistema de aprendizagem. Por isso que eu volto a dizer, eu repudio esse sistema de quantificação do ensino! Não se avalia a mudança da sociedade, se avalia em números o quê que eu estou formando! Para ser um bom professor é aquele que é cobrado pelo que ele transforma e não pelo que ele simplesmente ensina em si! Talvez essa seja a resposta mais próxima da realidade.

PERGUNTA SETE: NA VISÃO DO ENTREVISTADO, QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE PRECISA TER UM ALUNO PARA CONSEGUIR SE DESENVOLVER BEM DENTRO DESTES PROCESSOS ENSINO E APRENDIZAGEM.

-Só vejo uma característica no bom aluno! Querer. Não vejo outra! O aluno quando quer... ele é tudo! Nós temos um exemplo não sei se você conhece o (cita o nome do aluno) do quarto ano de controle ambiental, que era do grêmio, que estava na ocupação, ele foi o responsável pela ocupação! O (cita o nome) veio uma arguição para mim da família dele eu respondi. (Cita o nome) é visto como mal aluno, primeiro dia de aula, última carteira, chegou atrasado, chegou só para as duas últimas aulas, quando ele abria a

boca a turma debochava. O (cita o nome) tem conhecimento profundo de filosofia para idade dele, bastava ele ser valorizado. Senta-se na primeira carteira, ele tem um conhecimento, só não tem autoestima porque ele foi desvalorizado. Então como ele quer, agora ele está querendo, e ele viu que ele não queria nas outras porque ele tinha medo de ser rejeitado, era só um problema de autoestima, ele está subindo em tudo! O (cita o nome de outro aluno) fez isso! Ele só quis, simplesmente quis, a (cita o nome de uma aluna) também foi assim! Então eu estou pegando exemplo de agora! Então para mim o bom aluno é aquele que quer! Porque o que não quer você não pode fazer nada por ele! Você perguntou qual a minha motivação, você sabe qual a minha motivação, vai parecer piegas! Amor! A única coisa que nós estamos deixando para o mundo além dos nossos filhos, é a transformação que a gente faz através deles, isso é amor! Você quer conceito melhor do que amor? Não tem!

PERGUNTA OITO: QUAL A ANÁLISE QUE O ENTREVISTADO FAZ DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR ALUNO.

- Eu penso que a relação entre professor e aluno... na escola... eu não consigo chamar instituto, o Instituto tem uma relação professor aluno muito diferente do resto da academia. Ah... os alunos que saem do instituto e vão fazer engenharia na universidade, ou que fizeram o técnico e vão fazer lá, eles falam isso... que é abissal a diferença! E eu senti isso quando eu dei aula lá! E eu estudei lá também, fiz a universidade aqui, então eu estudei eu sentia isso! A nossa relação é muito boa! Ela deveria ser melhorada em todas as instituições, de maneira que o docente seja visto realmente como um tutor, como um orientador, como um ser que atingiu uma sabedoria por estudo, mas não que ele seja dono da verdade. E que ele consiga ter uma relação fraternal... quase parental com o aluno, muita gente vai me criticar por eu estar falando isso! Eu chamo os meus alunos todos de meus filhos, propositadamente! Eu tenho aluno que já veio brincar de autorama comigo em casa com os meus filhos! E abriria as portas para quaisquer deles, claro eu estou falando do aluno strictu sensu! Como eu te disse eu beijo todos os meus alunos! Já fui padrinho de casamento de aluno, tenho uma relação muito boa. Acredito que se o docente conseguir... claro que isso não é fácil! Mas se ele conseguir... mas se ele descer do púlpito, não digo nem do tablado não, eu digo do púlpito... do pedestal... ele consegue ter uma relação mais próxima. Então a relação com o aluno ela tem que ser sincera, se você tratar o aluno como se fosse teu filho, claro que tem gente que tem problema com filho, mas imaginando que ele é um filho de alguém essa relação sempre vai ser boa! Imagine que ele tem pai e mãe, que você não gostaria que seu filho fosse tratado por um acadêmico como muitos tratam os alunos. Então a relação aluno professor tem que ser parental! Porque você é modelo de vida!

PERGUNTA NOVE: QUAL ANÁLISE DO ENTREVISTADO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR NA ATUALIDADE.

- Eu repito aquele conceito que para mim o professor é o ente de transformação social! Mantenho isso! O docente ele foi alterado na sociedade, principalmente no Brasil,

porque ele era uma pessoa que ganhava mais até do que magistrado, não sei se você lembra disso! A desconstrução ela aconteceu pelo próprio desemprego! As pessoas não conseguiam se colocar no mercado, como as bolsas de mestrado, na época em que eu fiz mestrado a bolsa era noventa e cinco por cento do salário inicial de um professor, então elas eram muito interessantes. Então a pessoa que não tinha colocação no mercado ela tentava o mestrado ia para o magistério não por uma vocação, mas sim por uma falta de colocação no mercado. Então isso fez com que o mercado se enchesse de profissionais que não têm a menor aptidão para o magistério. Então o docente se desvalorizou por isso! Porque há profissionais que ocupam a cátedra, não existe cátedra no Brasil, mas a cátedra por falta de opção profissional! Então eles, a despeito da desculpa de serem mal remunerados, eles são maus professores! O que eu conclamo todo o mundo que reclamar da remuneração... muda de profissão! Vai estudar! Eu já fiz tantos concursos, já passei em tantos concursos. (O entrevistador faz uma observação e o entrevistado prossegue) nós não podemos falar, mas pegar o professor strictu sensu, mas muda então de carreira, porque o que vai acontecer, porque como vai faltar professor, já que o salário é tão ruim então quem está tem que ser valorizado, porque é a lei da oferta e da procura! Então o contexto que nós chegamos no Brasil é por isso! E para ser professor no Brasil não precisa muito, porque as faculdades particulares elas têm feito, eu sou avaliador do MEC (Ministério da educação), não vou comentar casos específicos porque não posso! E não comentaria, mas o que eu tenho visto é que as instituições fazem o seguinte: - Eles contratam um quadro de pós-graduados para a avaliação, chegam até a alugar bibliotecas, acabou a avaliação eles dispensam todo mundo! Então existem estagiários no magistério. O estágio docente é um absurdo! O estágio docente quando bem orientado aonde o professor está junto para fazer uma tarefa ou outra tranquilo! Agora o estágio docente aonde o aluno que está estagiando assume uma disciplina como se professor substituto fosse! É um absurdo! Existem monitorias, eu vejo, pessoas lá na universidade que colocam alunos para corrigir provas, para vigiar provas, isso não é atribuição de monitor! Não é. Então, o magistério está desvalorizado por causa disso!

PERGUNTA DEZ: *SE NA PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO O ENSINO MINISTRADO CONSEGUE ATENDER AS EXPECTATIVAS DOS ALUNOS. E AS DO PROFESSOR.*

- As minhas expectativas são atendidas! Eu tenho certeza de que eu tenho colocado o aluno melhor do que quando começou no primeiro dia de aula, isso eu não tenho dúvida. A única coisa que mudou, e aí é uma particularidade nossa, eu fui ente de transformação mesmo de Escola – Cefet – Instituto (refere-se às mudanças de nome e de organização que a instituição sofreu ao longo do tempo e de vários governos), mais Escola – Cefet, do que Cefet – Instituto, Cefet – Instituto foi uma questão nacional, mas o Cefet nós brigamos por isso, até confesso que na época foi vaidade minha porque eu queria dar aula no ensino superior, por mais que eu tivesse dado aulas em outro lugar, mas ali foi vaidade, hoje eu pensaria de outra forma! Fazendo... esse parêntese de confissão à parte, quando nós dávamos aula para Escola, nós tínhamos uma expectativa, hoje no técnico nós

temos outra, quando eu dava aula para Escola no pretérito realmente eu tinha a expectativa de formar um excelente técnico; e os nossos técnicos eram os melhores que havia, é... a empresa vinha buscar o técnico da Escola Técnica. Entýo nós realmente preparávamos o profissional para o mercado, nýo tenho dúvida. Durante essa transiçýo para Cefet, enquanto Cefet enquanto tecnólogo, e principalmente agora enquanto Instituto misto! (Misto porque agora formamos tanto o técnico quanto o tecnólogo) nós nýo temos mais essa expectativa! O aluno ele está lá para fazer o ensino médio gratuito de qualidade, ele nýo quer ser técnico, e quando ele vem para mim, no quarto ano, onde ele quase nýo tem disciplinas propedêuticas, mas tem as disciplinas técnicas ele fica abismado, assim de ter uma disciplina que é týo interessante para ele, porque aí ele tem a noçýo de direito a noçýo de vida, eu sou um privilegiado de dar essa disciplina, se fosse outra disciplina nýo sei se eu seria týo feliz. Entýo eu tenho essa sorte! Entýo eu ainda tenho a expectativa de preparar o cidadýo, agora eu imagino... se eu desse uma disciplina por exemplo: qualidade das águas. Será que eu seria týo feliz como professor? Isso eu nýo sei se nós teríamos o mesmo resultado com os nossos alunos porque hoje eles nýo querem mais a formaçýo técnica, eles querem se dirigir para o curso superior. E os nossos alunos em novembro, você tem um esvaziamento de sala. Entýo nós temos uma condiçýo peculiar, acredito que os colegas que conversaram com você que te deram essa entrevista aqui, acadêmica, que ministram as aulas no ano eles estýo bastante insatisfeitos com o resultado! E nýo é culpa deles nýo! A desmotivaçýo porque eles querem estudar disciplinas para o ENEN (Exame nacional do ensino médio) (o entrevistador fez algumas colocaçýes e em seguida o entrevistado prossegue) sempre tem essa questýo da ridicularizaçýo quando você pensa! Mas o ensino técnico hoje ele deveria ser noturno para qualificaçýo e requalificaçýo profissional, nýo para formaçýo originária. Mas o nosso aluno custa em média quinhentos dólares mês!

PERGUNTA ONZE: *SOBRE COMO O ENTREVISTADO VÊ A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MINISTRADA PARA O FUTURO DOS APRENDIZES.*

- Quando você falou isso: - “estuda para ser alguém no futuro”! Eu lembrei de uma entrevista que eu assisti com um menino de treze anos que eu conheci na Itália, assistindo a um show dele, ele se chama Inhácio, você já ouvi falar de “El Volo”, sýo três tenores que na tenra idade sýo grandes interpretes da música clássica e erudita e agora estýo cantando popular também! Eu vi esse menino..., ele tinha quinze anos, numa entrevista à jornalista... a âncora, falou assim: - Você nýo pensa em estudar para ser advogado, médico? Você nýo pensa em ter uma carreira? – Aí ele parou e falou: - Mas espera aí! Eu já tenho uma carreira e sou bem sucedido! Eu sou cantor! – Porque que lembrei disso, é que você falou o que que você quer ser quando crescer? Eu vejo que eles já sýo! O problema assim como você falou que teu pai e tua mýe, assim como os meus, eles nýo tinham formaçýo! A história sempre vinda de pobreza, mas que nos incentivaram a nos educarmos, porque você tinha que ser alguém na vida! Para ser alguém na vida você tinha que ser doutor! O Brasil é o país dos doutores! O que falta é uma orientaçýo dentro da vocaçýo de cada um! Nós nýo conseguimos perceber a vocaçýo individual para dar formaçýo... e a nossa formaçýo é massificada. Nós conseguimos fazer milagres com os nossos alunos! Mas a educaçýo... eu

fugi bastante da pergunta tá! A educação massificada onde todos tem que ter uma carteira de identidade, ou seja, você é igual aos outros, vai fazer com que a educação sempre tenha má qualidade! Quando nós restringirmos o quantitativo de alunos, nós conseguirmos enxergar, repito as idiossincrasias, as não identidades, os problemas de cognoscência, os problemas cognitivos e as vicitudes individuais... eu não tenho a menor coordenação motora fina com os pés..., não sei jogar bola! Então eu não vou trabalhar com futebol, na minha escola me botavam uma bola, assim como na sua, e educação física era jogar bola! Só futebol! Ora porque não arte marcial, porque não subir corda, porque não atletismo. Aí você era o “nerd”! Aí você já ia para o nerd, então quem não tem aquela coordenação fina é ruim no esporte então tem que ser bom no estudo! Então, nós fazíamos isso também dentro de sala de aula! – Então você se incomodaria de repetir a pergunta? – A projeção para o futuro? Obrigado! Se o professor conseguir enxergar dentro de cada aluno, e é muito difícil fazer isso, as habilidades inatas que ele tem, esse professor vai desempenhar o papel. Vou voltar no (cita o nome de um aluno) quer ser político, e ele achou no site que eu já fui candidato! E se identificou! E eu venho orientando como ele entrar na política, não para ser político... (entrevistador e entrevistado fazem algumas divagações que foram suprimidas deste trecho por não ter relação direta com o objeto de investigação – em seguida o entrevistado prossegue) – Então vamos lá no (cita o nome de outro aluno), você falou o que quer ser, você sabe o que o (cita o nome do aluno) quer ser? Dublador! Uma profissão rendosa, você não precisa de curso superior, você entra no mercado logo, ele tem habilidade para isso, e os pais dele não querem! Eu falei: - Traz seus pais na reunião de pais! – Deixa o menino fazer! Ele tem tempo para isso! (nesse trecho entrevistado e entrevistador começam a divagar e algumas falas foram suprimidas) – E se eu pudesse deixar alguma sugestão... nós temos uma dificuldade geográfica muito grande... e uma dificuldade financeira muito grande, o que falta para a educação no Brasil é um intercâmbio! A Europa e grande parte dos países orientais! Que estão próximos à Europa têm um programa chamado “Erasmus” que é um programa de intercâmbio de alunos, não sei se você já ouviu falar nesse programa? Esse intercâmbio que você está fazendo, que eu sempre fiz, que outros colegas fizeram, eu levei meu filho para Itália! Nós temos alunos... eles mudam não só como aluno, eles mudam também como seres humanos. Então o Brasil precisa disso! A ciência sem fronteiras foi um programa político que não teve o resultado que era para ter por uma falta de seriedade de gestão! Mas a ideia foi muito boa! (O entrevistador faz algumas colocações e o entrevistado prossegue) – Nós tivemos uma aluna que eu conheci ela estava fazendo matrícula tentando se comunicar com o (cita o nome de um funcionário) e ela não consegui se comunicar porque o (cita o nome do funcionário) quase não fala inglês e eu percebi o sotaque dela “carcamano”! E eu falei com ela em italiano, ela vinha da Itália, ela foi ser minha aluna, nas duas primeiras semanas eu dei aula em italiano e em português, ela era a única aluna italiana! Então o inglês dela era ruim o meu também, então eu dava aula em italiano e em português! Tudo bem! Na terceira semana eu já não precisava mais dar aula em italiano! Então você vê a integração! Então esses meninos eles são esponjas, ele tem muita facilidade! Se nós tivermos esse intercâmbio vai melhorar mais ainda! Intercâmbio de professores, intercâmbio de alunos!

PERGUNTA DOZE: O ENTREVISTADOR DEIXA O ESPAÇO ABERTO PARA O ENTREVISTADO COLOCAR MAIS ALGUMA IDEIA QUE ESTE PENSE SER PERTINENTE AO ASSUNTO EM PAUTA.

- Tenho! Uma só! É uma pena você aposentar um professor quando ele está no ápice da sua carreira! O que precisa é o professor ser valorizado. O professor ele se sente desvalorizado e ele aposenta por causa disso! Na Itália eu era o professor mais jovem e era o professor mais graduado em termos de carreira dentre esse grupo. Os professores têm lá na faixa de 67 a 73 anos e meio. E nem um deles era titular! O meu supervisor era assistente e eu hoje sou supervisor lá em (cita o nome de uma cidade e de um colega de trabalho do qual ele é supervisor em uma universidade da Itália) e eu estou supervisionando-o nos pós doc. lá. Então eu fiquei como professor visitante lá, por três anos! Então o que falta é uma valorização do docente em carreira, não é em termos de salário não, mas você pega um professor que entrou agora ele quer ter os mesmos direitos, não deveres, que um professor que está com vários orientandos, está com pesquisa, está com vinte e cinco anos de jornada na instituição: - Ah, mas ele está dando mais aulas que eu! – Isso tem uma trajetória. Então a valorização acadêmica ela precisa ser feita! E essa valorização acadêmica ele espelha em sala de aula! E você pegar os docentes para preparar outros docentes, seria muito importante. A figura de fato do titular, do associado, do adjunto, do assistente, do auxiliar em stricto sensu. E o que falta para nossa educação, o Brasil precisa muito fazer parceria com instituição privada. Eu sou plenamente a favor da educação pública gratuita, até porque nós somos completamente divorciados da questão... eu vou fazer uma perícia... a academia faz essa perícia divorciado mesmo de qualquer questão de ideias ou de... grilhões financeiros, a gente faz realmente tecnicamente, mas o privado precisa investir na academia, porque nós só vamos conseguir colocar patentes, nós só vamos colocar ciência, tecnologia que é o nosso caso através dessa parceria com instituição privada! As melhores faculdades do mundo, os melhores institutos tecnológicos do mundo, quando enxergaram isso eles conseguiram evoluir. (algumas divagações do entrevistado e do entrevistador foram suprimidas desse trecho).

APÊNDICE 15

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DOS ALUNOS.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 01.

PERGUNTA UM: *O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?*

- Bom para mim educação seria todo sistema para poder, em tese, passar os conteúdos básicos para a formação de um indivíduo chegar ao mercado de trabalho, para o aprimoramento, e aí falando na educação média para o aprimoramento do indivíduo para o ensino superior. Eu vejo hoje a educação como sendo uma porta para a mudança de um país, uma porta para a mudança de uma cultura. Para mim educação então ela é fundamental, mas eu penso que ela tem alguns problemas: quando muitas vezes por exemplo, há uma desconexão entre aluno e professor, infelizmente acontece. É que têm alguns professores que chegam e somente passam a matéria, não conversam como os alunos, não tem aquela interação. Tem outro problema que são os alunos desinteressados que acabam fazendo com que os outros, os que estão interessados, percam um pouco mais, são aqueles alunos que gostam de fazer bagunça, algazarra; e não entendem justamente o que é o espaço como uma escola, uma instituição de educação. Está certo que tem que ter alguma liberdade como nós aqui no IFG, como eu já tive em alguns outros colégios, contudo eu acho que a educação ela é feita no modo híbrido, você tem que ter a liberdade de ir e vir como indivíduo, porém você tem que ter algum tipo de direcionamento. Você tem que ter alguma direção para seguir por que senão acaba ficando excesso de liberdade, que pode ser ruim por que muitas vezes o aluno não dá conta de lidar com isso, principalmente o ensino médio, no ensino médio você está saindo da sua idade infantil, você ainda é muito novo, então lidar com essas questões é bem complicado. Eu acho que a educação ela é esse hibridismo entre aquilo que é liberdade como indivíduo, porém aquilo que é o direcionamento para a educação de fato.... é eu acho que é isso!

PERGUNTA DOIS: *O QUE VOCÊ ACHA QUE É MAIS IMPORTANTE DE ESTAR NESTE PROCESSO DE EDUCAÇÃO? O QUE ELA MAIS ACRESCENTA NO INDIVÍDUO?*

- Eu acho que fazer com que o indivíduo pense! Com que ele pense sobre as matérias não só dentro de sala de aula, ele começar a ver a aplicabilidade dessas matérias na sua vida. A aplicabilidade na sociedade! Como aquilo que ele está aprendendo pode contribuir para a sociedade no futuro. Nós temos doutorados, mestrados... e ele tem que começar abrir essa ideia de que educação não é só prova, que educação não é só nota em si, educação é aprendizado para você poder aplicar aonde você puder, aonde você conseguir enxergar uma aplicabilidade. E conseguir ver a sociedade, conseguir ver o seu entorno e até a si próprio de uma outra forma.

PERGUNTA TRÊS: *COMO VOCÊ ANALISA, COMO VOCÊ AVALIA A QUALIDADE DO ENSINO ESCOLAR EM NOSSO PAÍS?*

- Eu acho que o maior problema do nosso país consoante a educação é a influência da cultura, nossa cultura ela é um pouco diversificada, é um pouco mais complicado, falar de cultura é complicado porque é um processo histórico. Eu acho que a nossa educação ela não vai bem justamente pela falta de interesse entre ambas as partes, eu acho que muitas vezes mais pelos alunos terem a cultura por exemplo “memial”, dos “memes” hoje em dia, que tudo ficou muito de brincadeira, tudo ficou muito solto e muitas vezes você vê pouco direcionamento, você.... você vê alguns problemas como por exemplo: alunos que muitas vezes nos horários de aula acabam indo jogar truco, acabam fazendo outras coisas a não ser estar na sala de aula. Então eu acho que no Brasil todo se a gente for analisar a educação ela está mais engendrada dentro da cultura e como a nossa cultura ela é complicada em questão de, por exemplo: você ter uma orientação, um direcionamento, uma disciplina, não disciplina no sentido de você tirar a liberdade de alguém! Não, você ter um direcionamento justamente, um link com a questão anterior, eu acho que o que falta é justamente esse pensamento de que a educação ela muda um país! De que não adianta você ficar reclamando dos políticos... é claro que tem que sempre reclamar, são servidores públicos, porém se você não muda a base... tem que se entender que querendo ou não eles vieram da população e a população ela é formada pela educação! E infelizmente até hoje nós temos uma taxa de analfabetismo muito alta, e mesmo os que vão para a escola acabam se tornando boa parte analfabetos funcionais, justamente por essa falta de pensamento! Essa questão de olhar a educação como se fosse um improviso como se fosse notas, apenas isso. Eu acho que esse é um dos maiores problemas.

PERGUNTA QUATRO: *VOCÊ SE ACHA UM ESTUDANTE MOTIVADO? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?*

- Bom sinceramente eu já fui bem motivado! Hoje eu estou um pouco mais realista... digamos assim, eu era bem a favor mesmo, por exemplo particularmente quando eu entrei aqui no Instituto Federal de Goiás eu fiquei completamente animado, olha o nome! Só pelo nome! Eu era bastante animado sim eu tinha aquela empolgação, aquela motivação. - Veja bem, hoje nós vamos para aquela aula, nós vamos fazer tal coisa, uma coisa diferenciada. - Infelizmente com o tempo você vai pegando professores e vai vendo seus colegas alunos fazendo coisas que você não acha correto, e aí você vê isso generalizado quando você começa a pensar desta forma começa a rever a educação como não sendo..., digamos assim, aquilo que você pensava anteriormente, você tinha muito... de idealização da educação e quando você vai na prática, e logicamente a prática sempre vai ser diferente da teoria, nada ideal, você começa a ver alguns problemas que vão te desanimando aos poucos, e aí você corre um pouco mais para o lado individual e estuda por você mesmo. Porque muitas vezes você vê os problemas de uma instituição, você vê problemas de professores que infelizmente não estão muito interessados no ensino, você acaba correndo para o outro lado o que é o lado do autodidatismo, que é o que eu venho trabalhando bastante agora. Eu hoje... sou bem mais realista quanto a educação, tanto é que tem alguns dias que você fica muito desanimado, tem alguns dias que você começa a pensar: - Poxa vida! Hoje eu vou ficar uma hora e meia naquela aula e eu não vou

conseguir entender bem! Por que eu já sei qual é o método do professor, eu sei que eu não consigo entender muito bem aquilo, eu sei que muitas vezes aquilo que ele passa não tem nem aplicação, falando agora mais pessoalmente no ensino técnico, o que é o nosso caso, mas muitas vezes no médio você percebe... muito enfoque no Enem e pouco enfoque no ensino, pouco enfoque na aplicabilidade das coisas no seu cotidiano! Você conseguir entender uma coisa para além de uma prova! Você conseguir estar de fato preparado para o ensino superior. Você não chegar lá nas provas para acesso à universidade e... esqueceu tudo! Uma prova de noventa questões... de cento e oitenta questões! Então isso é complicado você começa a ver que a educação, particularmente o ensino médio, acaba sendo muito focado em apenas uma prova e não naquilo em que o indivíduo deveria ser formado... ou para o mercado de trabalho, ou para o ensino superior ou para a sociedade. (O entrevistador reforça a pergunta buscando saber se existe alguma coisa em particular que mais o motivava e alguma que mais o desmotivava – e o entrevistado prossegue) Bom o que mais me motivava era primeiro... particularmente o IF por que eu nunca fui tão animado assim, aqui no IF eu fui bem mais; o espaço, a convivência, você tem um direcionamento muito mais amplo, você conseguir caminhos você conseguir novas possibilidades, isso dá uma astúcia, você tem uma astúcia interna que te faz acordar... cinco da manhã, e pensa hoje eu vou ter a oportunidade de conhecer tal coisa! Hoje eu vou ter a oportunidade de estar melhor do que ontem... de agregar! É Exatamente essa a motivação e a desmotivação é justamente o contrário é quando você chega e não sente que tem algo te agregando, você sente que na verdade você está tendo uma desinformação no sentido de: antes você conseguia derivar os pensamentos você conseguia pensar sobre as coisas de forma crítica, após um período você vai vendo que você fica muito mais postulado, você fica mais condicionado a decorar! Justamente a ideia da prova, eu bato muito em cima desta ideia por que eu fui percebendo que de tanto fazer prova, de tanto... tudo bem o que tem que ser avaliado, mas do jeito que é você acaba muitas vezes sendo tentado... a estudar no último dia, fazer para a prova e acabou, tirou a nota e acabou! Aquilo lá já não te agrega mais em nada, com isso você vai sendo cada vez mais condicionado a não pensar sobre o assunto, sobre as coisas e sim a tentar decorar, pegar pontos para poder escrever em um pedaço de papel depois esquecer para o resto da sua vida! Então eu acho que essa ideia me desmotivou bastante porque eu comecei a enxergar isso em muitos colegas. Em todos os lugares infelizmente; e isso me desmotivou bastante!

PERGUNTA CINCO: *VOCÊ ACHA QUE AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA AO INGRESSAR NA ESCOLA FORAM ATENDIDAS?*

- Tem uma coisa que eu me senti realizado, que eu já esperava um pouco porque eu era muito tímido, é a questão do convívio! Conhecer pessoas diferentes, conhecer pessoas que têm ideias diferentes, que se vestem diferentes..., são de outros lugares e você agregar essa cultura do outro; isto eu acho muito interessante para um espaço de convívio! Eu acho que é uma das coisas mais positivas da escola, justamente ela te proporcionar o convívio em sociedade com outro! O convívio em sociedade em uma sala de aula ou num espaço, como aqui do IFG, um espaço muito bom por sinal, você tem esse convívio... eu

acho interessante porque você não cresce numa bolha, você não cresce numa só cultura! Você conhece culturas de diferentes lugares, você conhece diferentes pessoas... eu acho que esse convívio eu esperava bastante e acabou sendo realizado.

PERGUNTA SEIS: *VOCÊ ACHA QUE ESTE PROCESSO DE APRENDIZADO QUE VOCÊ VIVEU DE ALGUMA FORMA TE AJUDA NA SUA PREPARAÇÃO PROFISSIONAL, PARA O MERCADO DE TRABALHO?*

- Ajudou! Ajudou principalmente na questão da responsabilidade! Uma das coisas que mais... me ensinou nem é conteudista; é a questão de você ser condicionado a ter que lidar com diferentes situações com certo prazo. Essa questão de por exemplo, específico novamente do IFG, o instituto é bem longe da minha casa, tenho que me deslocar, antes eu não fazia nada disso, eu apenas ficava em casa! Só de você sair e vir para o centro, você ter essas responsabilidades eu acho que isso agrega bastante porque você consegue lidar com o tempo! Você começa a lidar com a estruturação de tarefas..., de certa forma disciplina de executar certas tarefas que são postas no dia a dia! E eu acho que ter essa disciplina de horário é interessante, essa responsabilidade, porque a sociedade vai te exigir isso! No mercado de trabalho, na própria faculdade, em qualquer lugar que você for. Como você tem horário, têm coisas que devem ser feitas em certos horários. Às vezes eu esqueço a palavra em português “schedule”, os parâmetros, a organização, para poder ter... esse condicionamento de executar as tarefas de forma que você não fique tão abarrotado, digamos assim, não fique tão cheio de coisas para fazer; você conseguir lidar melhor com as tarefas, ser uma pessoa mais pontual... eu acho que essa responsabilidade é uma coisa muito interessante!

PERGUNTA SETE: *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

- Bom meus pais eles não tiveram grande escolaridade. Meu pai ensino médio completo, minha mãe ensino médio incompleto. Então espelho em escolaridade nem tanto, mais por eles falarem: - Veja bem! Eu não fiz! Você deve fazer! Para não ser igual a nós! Você deve continuar a trajetória, não parar de estudar para poder trabalhar, não pare de estudar para fazer outros afazeres. Então eu acho que uma das maiores motivações foi justamente essa lição que eles dão da experiência de terem falhado com a vida acadêmica muito precocemente e terem sofrido no futuro. Então eu acho que essa é uma das maiores razões de você querer continuar, de você lutar, estar ali se levantando cedo, resolvendo todas as tarefas, e fazendo tudo que nós sabemos que é complicado, pesado! E também tem recentemente pessoas que você olha em redes sociais... que você percebe que a pessoa ela tem sucesso! Não fama, sucesso! Sucesso profissional... a pessoa é boa estudante, é um bom profissional, é uma boa pessoa... então você começa a se espelhar nesse tipo de pessoas que vai te agregar! Que vai fazer com que você esteja cada vez mais motivado. Então ultimamente eu tenho olhado bastante para as redes sociais... e selecionando as pessoas que me agreguem alguma coisa e que me motivem a continuar.

PERGUNTA OITO: *QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Bom essa pergunta foi feita para mim! É o seguinte, eu sempre fui um garoto que jogava bastante, eu amava jogos, até os catorze anos... hoje com dezenove, eu tive que abdicar dos jogos e foi uma tarefa bem complicada, porque você é condicionado, você tem um hábito, e eu abdiquei dos jogos para poder fazer as tarefas do colégio, para poder estudar! E “linkando” à questão anterior, como eu acabei sofrendo certa desmotivação do ensino..., eu acabei invertendo para o autodidatismo. É aí que entra a chave da questão, eu utilizo a internet para estudar! Eu até desativei redes sociais como por exemplo o Facebook e Instagram, não mexo mais! Justamente por ter essa questão de... tirar do foco! Muitas vezes eu tiro essas redes sociais por que está ali do lado, ou seja, já estão na internet, então você tem que ter um... “mind set”, eu esqueço o nome desse negócio, um... redirecionamento mental... (risos), correto..., uma disciplina mental para não subverter a outros valores, a outras questões que não são pertinentes naquela hora, então pra mim essa questão... desse equilíbrio, tem de ser feito e a internet tem que deixar de ser usada só para redes sociais, deixar de ser usada só para entretenimento. Eu acho que a internet é uma ferramenta poderosíssima! Você tem tanto conteúdo na palma de suas mãos, ficou tão fácil a informação e como ficou o cômodo demais as pessoas não buscam! Então pouca gente usa a internet para aquilo que ela é boa! Não que entretenimento seja ruim! Mas que demasiado acaba ficando complicado..., você não acrescenta nada, você não evolui, você só está apenas vivendo, você está apenas sobrevivendo, você não está evoluindo, esse dia você está igual ontem e vai ser igual amanhã e eu penso que isso é completamente errado! Por isso que eu acho que o equilíbrio é extremamente importante.

PERGUNTA NOVE: *VOCÊ ACHA QUE SUA FAMÍLIA FOI IMPORTANTE NA SUA FORMAÇÃO?*

Sim! Foi importante por ser um contra exemplo do que fazer!

PERGUNTA DEZ: *QUAL O PAPEL VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Bom, primeiramente, a gente aqui vê um contexto em que o professor é muito desvalorizado! Você tem vídeos rodando pela internet inteira de agressões explícitas, que é um absurdo. Eu penso que o que é importante no professor é ele tentar entender como o aluno pensa! Ele consegue absorver a informação! O que é uma coisa complicada, porque a educação ela tenta servir para todo mundo, o professor ele vai passar a matéria no geral, para todo mundo, acaba que como tem especificidades, aquilo que é geral muitas vezes não funciona para quase ninguém! Então eu acho que seria mais interessante... uma conexão maior entre aluno professor. Aquela ideia de não ser só uma pessoa que vai chegar passar coisa no quadro e falar: - Copia que vai cair na prova! É a ideia de você conhecer o aluno.

Não é agradar o aluno! Não, é justamente você fazer essa ponte, essa ligação, conseguir ajudar que o aluno entenda mais facilmente o conteúdo; e no final o professor também seja ajudado. Porque quando os alunos sofrem demais com conteúdo o professor não consegue avançar! O professor sofre bastante quando o aluno não consegue entender a matéria; às vezes o professor deve até ficar pensando: - Poxa vida será que a culpa é minha? O que é que eu posso fazer para melhorar? - E aí tem a questão, que vai ter em todo em todas as áreas, aqueles que fazem por gosto, aqueles que realmente amam a profissão e aqueles que estão ali... digamos não sendo tão bons profissionais assim! Tem sempre... e isso é inerente a qualquer área! Mas a questão é que eu acho que o professor ele está muito mais próximo do que ele imagina! Eles deveriam pelo menos, ser muito mais próximos, pois... o senhor bem disse, são ambas as vítimas do sistema educacional! Desta bagunça de hoje em dia! Então eu acho que essas duas partes elas devem se ajudar! E ajudar não no sentido brasileiro da palavra! Da... malemolência... não é ajudar no entendimento, e ajudar na questão de você conseguir fazer o aluno entender, você conseguir fazer com que a matéria seja mais simples mais fácil de entender! Porque complicar qualquer um consegue, agora simplificar, só aqueles que realmente são bons profissionais! Só aqueles que realmente amam o que fazem e que trabalham todos os dias para poder melhorar! Então eu acho que é essa ligação esse “link” entre professor e o aluno! Acho que isso é fundamental!

PERGUNTA ONZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE SÃO IMPORTANTES PARA UM BOM PROFESSOR?*

- Primeiramente um bom professor seria interessante que ele..., ame a profissão! Eu acho que isso é fundamental, porque quando você faz uma coisa que não gosta, faz por obrigação e quando faz por obrigação você tem stress! Você faz as coisas não tão bem feitas, digamos assim! Eu acho que a primeira coisa é amar a profissão! Segundo eu acho que ele deve tentar entender o que o aluno necessita, porém daquele aluno que quer! Porque nós temos alunos que não querem absolutamente nada! E isso novamente é inerente. Então eu acho que um ponto extremamente importante é o professor conseguir selecionar aqueles alunos que querem, aqueles que lutam pelo aprendizado! E poder ajudá-los! Conheço vários professores que fazem isso, que ajudam os alunos que vão atrás, que correm, que estão lá todos os dias! E que muitas vezes sofrem. Muitas vezes um aluno de características mais das áreas humanas e que está num curso de exatas, e está sofrendo bastante! Porém ele quer aprender..., e ele está determinado a fazer aquilo! E ele vai atrás! E aí... o professor vai lá e auxilia ele a poder entender! Muitas vezes mesmo não sendo da área dele, ele consegue entender, por que o professor teve esse contato, ele teve esse feeling, esse sentimento de entender que o aluno ele muitas vezes precisa de um auxílio a mais, justamente pela especificidade, justamente pela individualidade! Porque muitas vezes você tem alguns que têm “**muita**” (fala esta palavra com ênfase) facilidade, enquanto outros têm muita dificuldade! Nós temos... essa disparidade, então eu sempre acho que o ponto fundamental é o professor conseguir entender cada aluno e conseguir selecionar aqueles que realmente querem!

PERGUNTA DOZE: O QUE MAIS TE AGRADA E O QUE MAIS TE DESAGRADA NA FORMA DO PROFESSOR TRATAR O ALUNO?

- Eu acho o que agrada é essa questão que eu falei desta ponte entre aluno e professor! E o que mais me desagrada é quando o professor olha para matéria como se fosse um cursinho! Por exemplo, eu vou pegar uma matéria específica! Inglês. Inglês é uma língua, os professores tratam como uma matéria, exatamente por isso que se estuda inglês a onze anos e a maioria não sabe! É justamente (risos) por causa deste problema, de você preparar para uma prova! Eu não gosto quando o professor chega e fala: - Isso aqui vai cair no ENEM! Estuda porque vai cair no ENEM. - Poxa vida! Estuda aquilo porque pode ser importante para a sua vida! Ainda mais no exemplo que eu dei, inglês. Ou por exemplo: matemática, português... não só para uma prova, o que mais me desmotiva é justamente esse “provismo” absurdo... que existe hoje em dia, de falar assim: - Estuda porque vai cair na prova! - Não estuda para aprender, estuda por causa da nota! Só por isso.

PERGUNTA TREZE: VOCÊ ACHA QUE OS PROFESSORES CONSEGUEM ENTENDER AS PARTICULARIDADES DOS SEUS ALUNOS E A PARTIR DISSO AJUDÁ-LOS A EVOLUIR?

- Bom..., eu digo que ainda bem que pelo que eu percebi, sim! Tem mais professores que tentam auxiliar o aluno do que os que não tentam. Hoje essa proporção está maior para aqueles que querem realmente construir um certo diálogo com o aluno. Na minha trajetória pelo menos eu conheci muitos professores bons, professores que simplificam a matéria, que te fazem entender! E muitas vezes nem é o papel dele! Pode ter ou não uma intenção de te deixar interessado! De te deixar animado! Muitas vezes para uma matéria que... você não é animado, mas o professor te anima! Ele te dá aquela astúcia de você correr atrás, de ser capaz de ir sozinho, tentar de novo, ir para a internet pesquisar. Então eu acho que na minha trajetória tiveram mais professores que buscavam auxiliar os alunos do que os que não buscavam!

PERGUNTA CATORZE: COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?

- Influenciou completamente! Justamente por causa de um estudo que eu vi esses dias, não sei se é verídico, não confirmei a fonte! Mas é o seguinte... que você é a somatória das... a média aritmética das cinco pessoas com quem você mais convive! Você atribui características aquela pessoa, quando você conversa com ela, quando você está diariamente em um ambiente em que essa pessoa também está inserida! Então no meu caso específico, influenciou bastante e eu acho que continua influenciando. Caso bem específico mesmo a minha sala, por exemplo os meus colegas, eles estão bastante desanimados o que acaba me desanimando um pouco justamente por esse convívio! Então, onde você está inserido numa sociedade te muda bastante. Justamente por que você está convivendo com aquilo, você fica pensando sobre o que eles estão pensando, e você vai chegando à conclusão, é aquela ideia da tese, antítese e síntese, você vai pegando os argumentos deles, vai pensando os

seus e muitas vezes você vai mudando; você vai vendo com outros olhos! E eu acho que é justamente por essa questão de rever pelo lado do outro que você acaba alterando bastante a sua visão de mundo, a sua forma de olhar a educação, a sua forma de olhar tudo! O seu ânimo. Então eu acho que o convívio nos muda bastante sim!

PERGUNTA QUINZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?*

- Eu acho... que o bom aluno é aquele que é pontual com... os seus compromissos, sabe dividir bem as suas tarefas, consegue distinguir aquilo que é importante daquilo que não é! Porque muitas vezes você tem muitos detalhes, ou para a prova ou para a vida, você não vai utilizar tanto! Tem muito detalhe; então eu acho que um bom aluno é aquele que consegue selecionar aquilo que é... fundamental, e ele consegue pensar sobre aquilo inserido na sociedade! Conseguir lidar com compromisso e com..., novamente outro link, com a responsabilidade de poder lidar com as tarefas e assumir as consequências daquilo que não foi feito! Eu acho que bom aluno não é aquele que tira nota! Bom aluno ele é aquele que consegue extrair o máximo de informação útil, o máximo de pensamento útil, para aquilo que é a vida, para ele ser um profissional, ele sendo alguém inserido na sociedade, conseguir extrair aquilo que é mais fundamental daquilo que é ensinado! Não aquilo que é só considerado nas notas! Então acho bem crítica essa questão de você falar que o bom aluno é aquele que tira boas notas! Não, o bom aluno é aquele que consegue extrair o que é mais importante e que consegue fazer aquilo que é fundamental na hora necessária.

PERGUNTA DEZESSEIS: *VOCÊ SE CONSIDERA UM BOM ALUNO DENTRO DESTES CONTEXTO?*

- Bom! Eu já fui um aluno melhor! Veja bem, como eu era muito animado eu sempre tentava adiantar as coisas porque eu tinha gosto em fazer. Hoje infelizmente eu acabo vendo mais como uma obrigação! Você se sente um pouco mais... não sei se é cansado! Se bem que ainda tem o ensino superior, tem tanta coisa pela frente para você dizer que está cansado! Mas é porque às vezes você olha e você percebe que... você está demorando um pouco mais para fazer as coisas! Quando você vai fazer você não tem mais aquele ânimo! Você faz com aquela certa obrigação, com aquela cara de “putz”! Eu tenho que fazer isso! Eu tenho que fazer isso agora... queria estar estudando outras coisas; e muitas vezes isto... dá muita raiva, particularmente porque eu gosto de estudar coisas variadas, coisas fora da instituição. E a instituição de toma muito tempo... e quando você precisa sair daquele seu âmbito de estudar aquilo que você gosta, particularmente computação, e você tem que ir para outra área... que você não está tão animado é complicado! Então hoje eu deixo um pouco a desejar daquela pontualidade que eu tinha outrora! Hoje eu acabo deixando um pouco as coisas menos organizadas, digamos assim, você faz com menos interesse. Então eu acho que eu já fui um aluno muito melhor, mas eu ainda me considero um bom aluno! Espero que continue assim! Espero que eu não desanime mais. Mas eu já fui um aluno bem melhor!

PERGUNTA DEZESSETE: *QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE VOCÊ É HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?*

- O que eu penso é o seguinte, a escola ela me fez olhar o mundo de outra forma! Porque eu vivia numa bolha, em um local afastado! Quando você começa, fazendo um link novamente, a conhecer novas pessoas, a estar numa instituição com pessoas diferentes, a conhecer o corpo docente, a conhecer o corpo discente a conviver com essas pessoas! Você acaba olhando para a sua realidade de uma forma diferente, você acaba vendo coisas que antes você não via! Ou você vê de outra forma! A questão de novo da tese, antítese e síntese. E eu acho que isso para o futuro... essa construção ela é muito interessante porque quebra paradigmas, você vai construindo uma nova realidade para aquilo que você muitas vezes imaginava que queria ser, mas você percebe que aquilo era muito idealizado por você! E digamos assim, a escola seria para te inserir um pouco mais na realidade. Ela te dá um pouco mais de embasamento, fora da bolha que você vivia antigamente, só próximo da sua família e afins! Então, eu penso que é muito interessante essa questão a longo prazo, porque essa bagagem de experiências, esta bagagem de conversação, de troca de ideias, de poder conhecer novas pessoas e outras visões de mundo! Eu acho que essa construção ela é fundamental para o indivíduo adulto, para o indivíduo autônomo, moral autônoma de Kant por exemplo, eu acho que essa... questão... desta construção histórica no corpo educacional eu acho que ela é bem importante, justamente por formação de indivíduos.

PERGUNTA DEZOITO: *ESPAÇO ABERTO PARA O ENTREVISTADO FAZER COLOCAÇÕES QUE ELE ACHE PERTINENTES E QUE PODEM NÃO TER SIDO CONTEMPLADAS DURANTE AS PERGUNTAS.*

- Eu acho que muitas vezes tem uma super valorização daquilo que não deveria ser valorizado! Por exemplo, teve particularmente..., algumas vezes que eu perguntei ao professor uma coisa que eu havia estudado anteriormente e ele estava falando algo meio errado! Ele não estava sabendo falar direito! E eu me coloquei como uma ideia contrária, mas complementar, e muitas vezes... o professor, ou muitas vezes o próprio aluno, eles acabam valorizando aquilo que não deveria ser valorizado! O que que eu quero dizer, muitas vezes ele vira para você e fala: - Não! Eu tenho diploma. Eu tenho esse pedaço de papel! Eu sei você não sabe! - Eu acho que essa questão..., claro que não é geral, isso são casos mais isolados, mas ainda tem muito! Você encontra a supervalorização do diploma em detrimento do conhecimento. Eu acho que essa questão também deveria ser... discutida por que, por exemplo, eu gosto bastante de esportes... eu já fiz natação cinco anos, quando você vai demonstrar para alguém que você sabe nadar você não mostra um papel que você sabe nadar... você nada. Então (risos) eu acho que é bem complicado fazer isso com o conhecimento porque o conhecimento é muito mais vasto do que nadar! Só que eu acho que deveria ter outra forma de avaliar além do diploma! O diploma eu acho necessário porque ele tem que fazer essa... validação social da formação, isso é fato! Só que supervalorizar

isso... às vezes até tentando humilhar o outro que não tem! Eu acho isso meio complicado atualmente, supervalorização daquilo que não deveria!

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 02.

PERGUNTA UM: O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?

- Para mim educação é o processo de formar o cidadão! Para ele poder ter um bom convívio em sociedade!

PERGUNTA DOIS: O QUE VOCÊ ACHA QUE É MAIS IMPORTANTE DE ESTAR NESTE PROCESSO DE EDUCAÇÃO? O QUE ELA MAIS ACRESCENTA NO INDIVÍDUO?

- A finalidade é você não ser tão fechado e ter um entendimento maior das coisas! Para não ter preconceitos, você não reconhecer o outro..., basicamente respeito!

PERGUNTA TRÊS: COMO VOCÊ ANALISA, COMO VOCÊ AVALIA A QUALIDADE DO ENSINO ESCOLAR EM NOSSO PAÍS?

- O ensino a que eu tive acesso, foi até um ensino bom, porque o meu fundamental foi bom, meu médio aqui no IF também é excelente! Então uma formação muito boa! Agora no Brasil como um todo não tem uma infraestrutura muito boa para dar essa educação de qualidade para todos. Eu acho isso... que alguns têm oportunidade de ter uma educação boa, mas não todos.

PERGUNTA QUATRO: VOCÊ SE ACHA UM ESTUDANTE MOTIVADO? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?

- O que me motiva é assim... poder estudar para aprender e poder ensinar outras pessoas! Porque para mim é muito bom poder ensinar outras pessoas coisas que elas ainda não sabem! Ensinar... compartilhar o conhecimento..., compartilhar o conhecimento com as pessoas, para mim isso é uma coisa incrível! O que me desmotiva é isso de ser julgado apenas por nota! Professor que só julga aluno fazendo prova, lista, essas coisas! Só julga o aluno pela nota e não pela capacidade dele.

PERGUNTA CINCO: VOCÊ ACHA QUE AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA AO INGRESSAR NA ESCOLA FORAM ATENDIDAS?

- Olha... aqui satisfez as minhas expectativas sim! Eu tive uma formação muito boa, hoje eu sou uma pessoa muito diferente do que quando eu entrei! Tive uma formação muito boa! Complicou agora um pouquinho no final, mas realmente as minhas expectativas foram cumpridas aqui.

PERGUNTA SEIS: VOCÊ ACHA QUE ESTE PROCESSO DE APRENDIZADO QUE VOCÊ VIVEU DE ALGUMA FORMA TE AJUDA NA SUA PREPARAÇÃO PROFISSIONAL, PARA O MERCADO DE TRABALHO?

- Prepara muito! Para mim essa é a principal formação que a gente tem aqui, é a formação para ser um cidadão... no meio social, para ter um bom convívio com os outros! Não só ficar na ignorância, não ligar para outro, mas aprender que existem diferenças. De certa forma ajuda, mas realmente não ajuda como poderia ajudar de fato! Dá uma certa ajuda, mas não totalmente. E esta é uma questão que a gente vem discutindo muito, principalmente quando chegamos ao quarto ano, nossa turma..., nós vimos que não era muito o que a gente esperava! Realmente dá uma formação, mas não totalmente.

PERGUNTA SETE: *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

- Basicamente um pouco da minha família..., os meus pais... e muitos professores! Que me influenciaram! Eu me espelhava muito nos professores..., tanto no fundamental e depois quando eu cheguei aqui no ensino médio, me influenciei muito por causa dos professores.

PERGUNTA OITO: *QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Olha! Essa é uma questão bem complicada. No meu caso eu não tenho muitas redes sociais..., justamente por... elas tirarem o tempo de estudo e atrapalharem as coisas, mas... assim... quando é para estudar eu separo um tempo só para estudar! Eu paro de mexer, deixo o celular num canto..., aí eu acho que as redes sociais muitas vezes atrapalham, atrapalham muito, porque tiram muito do seu foco, da sua atenção! Porque você vai estudar e logo você quer mexer..., por isso que eu não tenho! O que eu tenho é um ou outro, mas nem uso tanto assim! E realmente é isso! Separo um horário para estudar... quando vai estudar! Deixa o celular de lado... e mexe um tempinho o outro e volta a estudar. A questão é organizar o tempo! Organizar direitinho! Não ficar só mexendo no celular nas redes sociais, mas organizar o tempo para você estudar! Se você se organizar você consegue conciliar os dois... de uma forma agradável.

PERGUNTA NOVE: *VOCÊ ACHA QUE SUA FAMÍLIA FOI IMPORTANTE NA SUA FORMAÇÃO?*

- Olha não muito! Eles... eles me incentivaram a estudar e coisas assim, mas o que me influenciou mesmo como estudante foram os professores! Eu via os professores e ficava admirado com eles ensinando.

PERGUNTA DEZ: *QUAL O PAPEL VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Bom! O professor é uma figura importante, porque é uma pessoa em quem os alunos se espelham! Elas veem professor e têm um modelo para seguir! Porque se você não

tem uma inspiração você não vai... não tem alguém para seguir! Aí o professor seria essa inspiração! Quando ele cumpria... o real papel dele! Fosse um bom professor! Que cumpria o papel dele. Aí para mim ele teria esse papel de inspiração.

PERGUNTA ONZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE SÃO IMPORTANTES PARA UM BOM PROFESSOR?*

- Bom! O professor ele tem que mostrar que ele domina o assunto que ele está ensinando! Tem que demonstrar interesse pelos alunos! Não só nas notas, demonstrar real interesse! Se o aluno está aprendendo ou não, como o aluno está. Tem que ver a situação da turma como um todo. Tem que se dispor a ajudar! O professor que se dispõe ... para ajudar os alunos! E um professor que..., deixa eu ver como eu posso dizer, um professor que é entusiasmado com o que faz! Que dá aula por prazer, que sente alegria nisso!

PERGUNTA DOZE: *O QUE MAIS TE AGRADA E O QUE MAIS TE DESAGRADA NA FORMA DO PROFESSOR TRATAR O ALUNO?*

- Coisa que eu gosto bastante é quando o professor tem uma relação... assim não diria de igual para igual, mas uma relação de equivalência com a turma. Por exemplo ele..., não é porque ele é professor que ele é melhor que ninguém! Manter uma boa relação... como amigo. Como se ele fosse assim... próximo da turma! O que mais me incomoda... é quando o professor se julga superior à turma! Por causa da posição dele, inferioriza os alunos e fica se enaltecendo por causa da formação que tem.

PERGUNTA TREZE: *VOCÊ ACHA QUE OS PROFESSORES CONSEGUEM ENTENDER AS PARTICULARIDADES DOS SEUS ALUNOS E A PARTIR DISSO AJUDÁ-LOS A EVOLUIR?*

- Alguns conseguem..., outros ou não conseguem ou nem tentam fazer isso. Essa é uma questão que depende do professor! Na minha experiência eu tive mais que conseguiram. No geral aqui na escola os professores que chama... da parte comum, das matérias comuns, não sendo as técnicas são os que mais conseguem fazer isso. Já os das matérias técnicas é difícil ter um que se aproxima dessa forma dos alunos.

PERGUNTA CATORZE: *QUE TIPO DE MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO, OU DIGAMOS DE METODOLOGIA VOCÊ ACHA QUE TE AJUDA A APRENDER MELHOR?*

- Eu acho bastante interessante as aulas interativas, que não é só o professor falando mostrando o que ele sabe; ele interagindo com os alunos, ele falando abrindo discussões..., coisas assim! Para a turma interagir com ele e com a matéria.

PERGUNTA QUINZE: *COMO VOCÊ VÊ A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO? COMO ELA FOI NA SUA EXPERIÊNCIA E COMO VOCÊ ACHA QUE ELA DEVERIA SER?*

- Na minha experiência o que eu percebi aqui.. é que muitas vezes os professores não ligam para os alunos! Não ligam, só pensam na nota e querem aplicar avaliação s... e se

você conseguir bem, se não conseguiu você reprova! É isso os professores nem ligam muito para os alunos.

PERGUNTA DEZESSEIS: *COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- As turmas me mostraram que existem pessoas diferentes, em ritmos diferentes, de lugares diferentes! Me ensinou... a diferença entre as pessoas e o respeito a essas diferenças! Todas as salas em que eu estive tiveram pessoas de boas condições financeiras, tinha gente de condição financeira não tão boa, tinha gente negra, gente branca! Então lidar com essas diferenças! Porque isso que é bom! Eu gosto disso! De lidar com pessoas diferentes, mostrar... você aprende que... não é só o que você acha, mas tem muita coisa diferente para você aprender. Eu aprendi muito com eles, mas também ensinei muito para eles! Nesta questão de diferenças. Aprendi a respeitar, a lidar com a diferença deles, e ensinei para eles a lidarem com... a minha diferença! A gente aprendeu um com o outro.

PERGUNTA DEZESSETE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?*

- Para mim o bom aluno é o aluno que tem entusiasmo para aprender, o aluno que tem vontade de aprender as coisas, que... tem essa preocupação! Por exemplo, o aluno que não liga para nota! Eu gosto bastante dessas coisas e como falam... se você for um aluno bom de verdade, você não precisa se preocupar com a nota, porque ela vem naturalmente! Então você tem que ter isso, o aluno tem que ter gosto pelo que ele faz! O professor tem que ter gosto de dar aula e o aluno tem que ter gosto por estudar! Ele tem que ter essa vontade de estudar! Não só estudar preocupado com nota!

PERGUNTA DEZOITO: *VOCÊ SE CONSIDERA UM BOM ALUNO DENTRO DESTES CONTEXTO?*

- Começa lá no fundamental... no fundamental... eu sempre fui um bom aluno! Sempre um bom aluno..., no quesito nota e no quesito de ser aluno interessado pela matéria. No fundamental eu tinha isso, eu tinha notas boas, era interessado, aí passou para o médio, no médio já mudou um pouquinho mais, porque ficou um pouco mais difícil, mesmo assim eu consegui manter as notas boas e o entusiasmo. Porque eu sempre tive isso, tanto é que se eu não me interessasse eu nem estudava muito. Por que ficar se matando para estudar só para tirar a nota, para mim isso não compensa. Aí basicamente ficou nessa, de eu ser um aluno até entusiasmado, tirar as notas até boas. Só que aí chegou no último ano aqui, a minha turma começou a sofrer, a gente sofre bastante no último ano, e a gente perde um pouco desse entusiasmo, porque aqui tem um muito disso de julgar o aluno só pela nota! Aí você perde o entusiasmo! Perde a vontade de estudar! Fica só nas notas.

PERGUNTA DEZENOVE: *QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE*

VOCÊ É HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?

- Para mim isto agregou muito na minha formação social como ser humano, porque até o fundamental eu era uma pessoa assim... muito... muito fechada! Eu não via o mundo de uma forma tão ampla como eu passei a ver depois que eu entrei no IF (Instituto Federal), quando eu entrei no IF foi que eu vi que o mundo não é só o que eu achava o que eu via! É uma coisa muito mais ampla. Para o meu futuro, da educação, eu vou pegar basicamente a formação social que eu tive! O que é respeitar o próximo e entender as diferenças, e não ser um cidadão ignorante... e preconceituoso! Entender essas diferenças. Ver o mundo de uma maneira mais ampla, não só do meu ponto de vista. Entender o próximo, poder me colocar no lugar dele!

PERGUNTA VINTE: *ESPAÇO ABERTO PARA O ENTREVISTADO FAZER COLOCAÇÕES QUE ELE ACHE PERTINENTES E QUE PODEM NÃO TER SIDO CONTEMPLADAS DURANTE AS PERGUNTAS.*

- Eu queria falar dos professores... que tiveram muita influência em mim. No fundamental... tinha as professoras legais..., também tínhamos aqueles que julgavam muito por nota! Mas tinha aqueles professores que o povo conhece como professores de humanas..., tive um que chamava (cita o nome de um professor), um professor muito bom, ele não te julgava só por nota... ele analisava você como um todo, não só sua nota! Ele valorizava sua capacidade..., ele incentivava a gente a estudar! Ele dava aula de português, só que nas aulas dele não discutíamos só português, ele trazia temas diversos, temas de todos os lugares para debatermos! Ele... fazia a gente pensar em coisas diferentes! Pensar não só do nosso ponto de vista, mas ver que o mundo era mais amplo do que a gente pensava. Também tinha um professor de ciências, chamava (cita o nome do professor) muito bom! Gostava dele. Também tinha outro de história, Chamava (cita o nome). Que ele mostrava para a gente que nem tudo era como a gente pensava, que tinha outros pontos de vista. No fundamental basicamente foram esses que me influenciaram bastante. Aí quando chegou aqui no IF, também tiveram outros professores muito bons, e quando você chega aqui você vê a diferença da formação dos professores! Não que formação signifique que o professor é melhor do que o outro, mas você vê que... muitas vezes a formação faz diferença! E que os professores têm conhecimento. E aqui teve um professor de física chama (cita o nome) era um professor muito bom! Eu tive aula com ele no primeiro ano, eu gostava muito dele! Porque ele ensinava física de um jeito assim... mostrava as coisas do nosso cotidiano, não era só aquela coisa de fazer exercícios, passar tarefa no quadro, não! Ele ensinava, explicava, ele interagia muito com a gente! Ele mostrava que gostava do que fazia. Como ele tratava com a gente... para ele a gente era como se fosse filho dele! Ele tratava a gente desse jeito. Ele não preocupava com nota, ele só queria saber se a gente aprendia. Ele passava tudo o que fosse necessário explicando ponto por ponto! Cada dúvida que a gente tivesse. Foi até por ele que eu tive muita vontade de fazer física, ainda tenho, eu sempre tive tendência a fazer um curso de exatas, aí eu decidi que queria fazer física. Aí

quando eu comecei a ter aula com ele eu tive mais certeza disso. Eu pensava que eu queria ser igual a ele, do jeito que ele era, não preocupar com nota, nem com isso nem com aquilo, mas só ensinar por gostar! E querer que as pessoas aprendessem. De um jeito simples, para mostrar que não é tão difícil igual as pessoas pensam! E aí tem outro, chama (cita o nome) de filosofia que eu tive aula com ele, no primeiro ano também. Foram as primeiras aulas de filosofia que eu tive, eu achei muito legal, principalmente pelo jeito que ele ensinava! Ele ensinava de um jeito muito... muito legal, muito descontraído. Ele ensinava de um jeito bom! Não é daquele... jeito chato! Ficar só lendo. Ele ensinava, explicava..., ele... contextualizava, mostrava para a gente como era como não era. Ele ensinava de um jeito muito bom! E ele também não tinha isso de preocupar muito com a nota, ele queria saber se você aprendeu! Se você entendesse estava tudo bem! Porque aí significa que você aprendeu, e a prova não era muito necessária, eles só passaram algumas coisas lá para você fazer porque tinha que fazer, mas ele se preocupava mais em ensinar. Ele mostrava para a gente que ele gostava do que ele fazia! Ele já contou a história dele para a gente, ele foi professor de filosofia... como dizer? Porque deu tudo errado! Ele disse que gosta muito..., ele já falou para a gente que gosta muito do que ele faz! A gente vê que ele faz assim com entusiasmo! Tanto é que... ele... chegava não pegava nem livro nem nada, ele só chegava e falava matéria, porque ele já sabia de tudo! Ele escrevia no quadro e explicando tudo de cabeça! Ele mostrava o entusiasmo dele. Ele passava esse entusiasmo para gente! Gostei muito dele também. Outros também tem... uma de história do terceiro ano, chamava... esqueci o nome dela! As humanas me influenciaram muito! Tem uma professora de história... (cita o nome dela), eu gostei porque nas aulas de história dela, ela nunca usou o livro! E nunca usou a ementa.... a ementa do que ela deveria ensinar. Ela sempre mostrou pontos de vista diferentes dos que estavam na ementa. Ela mostrou que a história não era bem como a gente achava! Em todos os tópicos ela nos mostrou vários pontos de vista, as aulas dela foram as aulas de história que eu mais gostei até hoje! Todo mundo gostava da aula, não tinha como não gostar! Porque ela pegava um tema... e ligava com outro completamente diferente que a gente nunca imaginava que ia ter ligação! E aí a gente ficava impressionado com as coisas, porque a gente sempre achou que era uma coisa e na verdade não era. É uma coisa que eu gostei também... foi o incentivo que alguns professores deram! Alguns por exemplo, tem muita gente que não queria estudar, não queria fazer as coisas, aí... eles deram um toque na gente, falavam: - Gente estuda porque essa é a oportunidade que vocês têm! Vocês estão no lugar que muitos queriam estar, mas não estão! Vocês são privilegiados, privilegiados por estarem aqui! Então estuda agora, mesmo que você ache que não vai precisar, você vai utilizar isso para sua vida! Não só na escola, você vai usar isso na sua vida! Não precisa preocupar com nota. Mesmo que você não use isso aqui... você vai aproveitar isso em algum momento da vida.- Como o exemplo do (cita o nome de um professor), ele falou... ele contou umas histórias para gente de umas coisas que ele fez no passado e que achou que nunca iria usar, aí chegou... passou algum tempo, ele precisou, por exemplo de um certificado de um curso que ele fez... há vinte anos atrás! Ele achou que nunca iria precisar! Mas teve um momento em que o certificado foi a única coisa que tinha para ele usar, a única coisa que ele precisou! Aí ele fala a mesma

coisa para gente: - Gente estude agora, porque mesmo que você ache que não vá precisar, um dia vocês podem precisar disso! E mesmo que não precisem, vocês vão ter a formação de vocês! Vocês não vão perder tudo, nunca é em vão! - Tem muita gente... muita gente que sofre muito na escola por causa de professores, de matérias, que é julgado só por nota e aí eles decidem fazer diferente, eles decidem que querem ser diferentes! Aí... vêm esses professores que são diferentes dos outros. Muitas vezes esses professores diferentes são até criticados, o que eu acho errado! Por exemplo na... o (cita o nome do professor de física que mais lhe inspirou) um desses professores muito criticados porque ele não reprova ninguém! Não reprovava ninguém. O (cita o nome do professor) não reprovava ninguém! Ele ensinava tudo, passava uma provinha simples, não tinha intenção de lascar ninguém! Aí ele contando as histórias para gente, disse que uma vez o povo chegou nele e falou: - (Cita o nome do professor) você está errado! Você passa todo mundo! Como assim? - Aí ele disse que só fez a pergunta: - Mas a intenção não é passar todo mundo? - Então! Aí é isso que eu me questiono: - Como assim? Por que o professor passa todos ele não é um professor bom? Se todo mundo passa... para o professor ser bom ele tem que reprovar aluno. - Igual ao contrário, tem professores em algumas escolas que acham que quanto mais gente ele reprovar melhor ele é! Você falando aí me lembrou um ponto dos que eu acho mais cruciais, por exemplo aqui no IF: têm os professores bons e tal..., aí já tem os que ligam apenas para nota! Este ponto por exemplo. O professor passa a matéria, passa a prova e se você tirar nota você passa se você não tira não passa! Esse ponto para mim é o ponto mais crítico, porque... você não tem o interesse realmente em aprender! E mesmo sem aprender, na prova você pode colar, você pode fazer qualquer coisa! Aí passa! Ou seja... o professor, você vai lá não sabe de nada, se cola, ou você olha na internet, não sei o que que você faz! Você tira nota muito boa, passa, mas passa sem saber de nada! Para mim isso é uma falha no sistema educacional, que me desmotiva muito! Porque alguém que estuda muito... no dia pode não estar tão bem, aconteceu alguma coisa, sai mal na prova, e uma pessoa que não sabe de nada, cola e tira nota melhor do que a dele e passa! O que sabe reprovou que não sabe passou! Para mim isso é uma falha gigantesca... que me desmotiva muito. Você falando aí eu também lembrei de outro professor, como é que chama (cita o nome do professor) ele dá aula de sociologia. Para mim é um professor excelente, tem muita gente que não gosta dele, mas tipo não gosta do jeito que ele é mas como professor eu falo que ninguém pode reclamar dele! Porque ele é um professor muito Bom! De todos que eu falei ele é o que mais demonstrava entusiasmo no que fazia! Ele chegava falando que ele amava o que fazia, ele disse que o prazer dele era dar aula! Ele falou gente: - Eu adoro o que eu faço! - Ele até brincava e falava: - Gente! Eu sou um professor muito bom, vocês nunca vão ter um professor bom igual a mim! - Tipo... ele não tinha isso de... nem de passar prova! Mas ele é muito massa! Porque ele também mostra... ele dava aula de sociologia, ele mostrava para gente muitos pontos de vista; mostrava coisas sobre a história do Brasil, sobre o presente..., ele foi um dos que mais mostrou pontos de vista diferente! Ele também demonstrava que... não gostava disso... de escola particular. E ele falou que se ele pudesse ele dava aula na periferia! Ele disse que a paixão dele é dar aula para quem precisa! Ele já falou: - Gente vocês aqui são privilegiados! Mas meu sonho mesmo é

trabalhar com a periferia! Dar aula para eles, porque eles lá precisam mais do que vocês aqui. - Você falando que aqui têm professores excelentes... eu também lembrei de outra coisa.... Tem professor que é muito ruim mesmo! Tem professor que a turma toda odeia! N'yo sei como... o professor deve gostar de ser odiado! Uma coisa que eu queria falar também é que muitas vezes, quando os professores querem fazer alguma coisa diferente, muitas vezes a própria instituição barra eles, porque está fora da ementa, tá alguma coisa assim, n'yo está seguindo o que deveria ser... de só passar o que vai cair na prova, lista essas coisas! Para mim isso é um erro, barrar professor por ele querer fazer uma coisa diferente do que o sistema propõe! Por exemplo um professor que quer estimular você a fazer alguma atividade diferente, alguma coisa para você pensar, uma coisa social..., ser barrado porque simplesmente n'yo está na ementa! Para mim isso é uma coisa horrível! Uma coisa também que... eu acho que é assim! Para resumir... educação como deveria ser... para estimular a capacidade criativa nas pessoas, a capacidade de pensar; o que é uma coisa que muitas vezes a gente n'yo vê! Entram nesta de só passar o conteúdo marcar prova e no dia se você tiver a nota você passa, se você n'yo tirar você n'yo passa! Isso aí n'yo estimula a capacidade criativa nem crítica de ninguém! N'yo estimula nada. Só estimula você fazer o que precisa e reproduzir o sistema! Ficar reproduzindo e sempre isso! Isso para mim é horrível...! Porque... minha turma quando acontece essas coisas... ou minha turma toda odeia ou adora o professor! Têm os dois professores. E porque a nossa turma já passou tanto tempo juntos que agora estamos compartilhando os mesmos gostos por professor! Gosto entre aspas! As mesmas... percepções..., todo mundo percebe que alguns professores n'yo são bons, porque eles são de passar listas, essas coisas. Eles n'yo estimulam você a realmente querer fazer as coisas, ele só quer a sua nota! E aí é isso que a turma está mais revoltada! Minha turma esse ano está super revoltada! Se pudesse saía todo mundo. Lembrando aqui também de uma coisa que o (cita o nome de um colega de turma), isso que ele falou eu gostei muito! (cita o nome) da minha turma você sabe quem é! O (cita o nome) fez também, ele passou para a UFG (Universidade Federal de Goiás), ele faz o IF de manhã e a UFG à tarde. E aí ele falou uma coisa que eu achei muito legal, por exemplo, lá na UFG tem professor com formação gigantesca, professor com formação melhor do que do IF! Aí ele falou: - Eu n'yo entendo como aqui no IF tem professor ruim desse jeito, com uma formação dessa, e na UFG eu tenho professor com formação muito melhor que alguns daqui e ele trata a gente como se fosse humano! – Aí eu parei e fiquei pensando nessa frase do (cita o colega): “O professor trata o outro como se fosse humano...! Como se fosse humano”! Ele falou: - Ele conversa com você normalmente como se você fosse outra pessoa! - Aí eu falei gente, esse professor é muito bom! Diferente dos outros professores que só por causa da sua formação se põe superiores. Sendo que tem professores com a formação muito superior que nos trata de igual para igual! O (cita o nome do colega) falou isso e eu fiquei pensando: - Nossa o professor é muito bom ent'yo! - Você falou aí eu lembrei de uma coisa que eu estava até comentando esses dias... porque, por exemplo... quem tem o papel de resolver isso é educação! Se a pessoa tem uma boa educação ela vai aprender a respeitar o próximo, ela vai aprender a respeitar as diferenças, ela vai aprender que ela n'yo é melhor por ter um título! Porque para mim as pessoas são assim, porque n'yo

aprenderam coisas básicas! N'yo aprenderam que, um n'yo é melhor do que o outro, só por causa de um título!

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 3.

PERGUNTA UM: *O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?*

- A educação em todos os sentidos? Incluindo família e tudo mais? Bom, educação para mim é a forma... deixa eu ver! (pequena pausa para reflexão) A forma com que você aprende as coisas... para mim... o centro de tudo da educação é aprender! Porque é onde você aprende como você vai falar com outras pessoas, porque começa em casa! Em casa você aprende a: como ser educado com as pessoas, como comer, como fazer tudo... essa gama de coisas! E aí também tem outro foco, que é a educação para o mercado de trabalho, que tem todo esse negócio de você... ser educado para poder entrar no mercado de trabalho, para mim é a parte da educação que é meio que colocada em um pedestal.

PERGUNTA DOIS: *O QUE VOCÊ ACHA QUE É MAIS IMPORTANTE DE ESTAR NESTE PROCESSO DE EDUCAÇÃO? O QUE ELA MAIS ACRESCENTA NO INDIVÍDUO?*

- Na minha opinião às vezes ela nos é transmitida de maneira muito engessada. Aqui ela foge um pouco de como geralmente é, por exemplo, em escolas particulares; ela é como se educação fosse só estudar..., “você tem que estudar, porque tem de passar no ENEM “(Exame Nacional do Ensino Médio). Se você conseguir passar numa faculdade legal..., pois é o que os seus pais querem! E... entrar no mercado de trabalho, de preferência em um bom emprego! Só que na minha opinião vai muito além disso, porque por exemplo, em aulas de sociologia... que eu tive no IFG, que eu n'yo teria em outras escolas particulares, n'yo v'yo me ajudar somente a passar na faculdade, mas me ajudam a ver o mundo de uma maneira diferente, ver o mundo de uma maneira menos alienada, eu diria! Porque eu consigo enxergar tudo de um campo de vis'yo maior! A partir do momento que você... estuda e aprende, certas coisas! Você aprende a lidar com o mundo! Como ele é de verdade, n'yo só daquela maneira que as vezes as pessoas te apresentam, que na verdade você acha que você está sendo educado mais n'yo está. Na minha opinião a educação ela pode ter dois lados: ela pode ser usada para o lado bom e para o lado ruim! Mas na minha opinião... ela vai muito além do que só você ingressar no mercado de trabalho.

PERGUNTA TRÊS: *COMO VOCÊ ANALISA, COMO VOCÊ AVALIA A QUALIDADE DO ENSINO ESCOLAR EM NOSSO PAÍS?*

- Ent'yo, no geral eu acho bem preocupante a situação da educação no Brasil. Ainda mais nesse último ano, desses últimos períodos que a gente está tendo toda... essa luta pela educação, esses cortes absurdos! Por exemplo, o país está numa situação difícil ok! eu concordo. Só que eles n'yo podem tirar dos que mais precisam. Assim, é surreal, na minha opinião, porque eu acho que é investindo... mais em educação que a gente vai

conseguir sair dessa. Só que o problema é porque a educação não é um investimento a curto prazo, é a longo prazo! Então para você investir você não vai ver...essa melhoria daqui a quatro anos, vai ser para as próximas gerações! E... assim é preocupante porque o país nunca teve uma..., como é que se diz? Nunca teve um olhar... melhor para educação, entendeu? Tem todo esse problema nas escolas públicas, porque por exemplo, os Institutos Federais eles são ótimos ok! Só que quando você pega outras escolas..., estaduais por exemplo, você vê que absurdo, professores ganham salários ruins...! E não têm estrutura nenhuma. E aí entra no problema da faculdade! Porque, na minha opinião, o problema está todo na educação! Porque os filhos dos ricos que estudaram em escolas particulares vão entrar nas federais, onde tem o melhor ensino. E as pessoas realmente pobres, que não tem condição de pagar, vão ter um ensino ruim, não vão conseguir entrar na faculdade, e aí depois vão falar que a culpa é dele! Porque ele não conseguiu passar e aí vai gerar toda... essa roda que nunca para! Na minha opinião é ruim!

PERGUNTA QUATRO: *VOCÊ SE ACHA UM ESTUDANTE MOTIVADO? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA, OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?*

- Assim... eu me considero motivada depende do momento (risos)! Mas no geral, por exemplo, agora eu estou em ano de pré-vestibular! Em muitos momentos, como do começo do ano até aqui, eu me senti desmotivada porque... é muita pressão de todos os lados, em cima da gente! Porque a gente não sabe se vai passar..., e é muito difícil lidar... com... (o entrevistador faz a seguinte observação: - é muito cedo para escolher! – e a entrevistada prossegue) Exatamente! Por exemplo, eu achava que queria uma coisa até esse ano! E eu queria essa coisa desde que..., sei lá, desde os sete anos de idade! E aí este ano eu cheguei à conclusão de que eu não quero, que eu quero outra coisa! E se eu não tivesse no IFG que são quatro anos? Se eu estivesse em um colégio de três anos? Entendeu? Poderia escolher erroneamente! E às vezes a situação do país em si, desmotiva a gente. Porque por exemplo, a UFG ela tem inúmeras pesquisas muito interessantes e é ela que mais vai sofrer se os cortes acontecerem. E aí você fica: - Eu vou morrer aqui para poder passar na faculdade e aí eu vou chegar lá e nem vai ter faculdade direito! - Porque por exemplo, a UnB (Universidade de Brasília)..., até hoje ainda é uma das melhores faculdades! Só que está ficando ruim. A UEG (Universidade do Estado de Goiás) está sucateada de uma maneira inexplicável. E aí, o que mais me desmotiva, não só na educação, mas em todos os âmbitos no nosso país e no resto do mundo, mas principalmente a gente que não tem tanto dinheiro, é a maneira como tudo é tratado pelos políticos! Entendeu? O descaso... que eles tratam as coisas. E aí é isso basicamente. (O entrevistador reforça a questão para a entrevistada questionando além do que lhe desmotiva se há algo que mais lhe motiva) Ah! Sim. É... o que mais me motiva é... realmente querer ser alguém... na vida! E o que mais me motiva a estudar é no sentido de poder conseguir... me especializar em alguma coisa para poder ajudar outras pessoas, para poder talvez, nem que seja de maneira bem pequena, conseguir mudar um pouco da realidade dessas pessoas! Eu sei que eu não vou mudar o mundo, mas o que mais me motiva é eu saber que talvez eu possa mudar a realidade daquelas pessoas, sabe? Que é o que mais me desmotiva, essa realidade que a gente vive.

Então se eu puder... sei lá..., ir contra o sistema do jeito que ele quer que a gente vá, e puder ser um pouco melhor para essas pessoas para que elas consigam ver o mundo de uma maneira melhor do que ele é, para mim já vai ser suficiente! Basicamente é isso que me motiva.

PERGUNTA CINCO: *VOCÊ ACHA QUE AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA AO INGRESSAR NA ESCOLA FORAM ATENDIDAS?*

- Você diz quando entrei no ensino médio? (O entrevistador faz um esclarecimento e a entrevistada prossegue) Certo! Quando eu entrei aqui... eu não lembro muito bem as minhas expectativas quais eram! Mas realmente eu fiquei encantada em como era...! Só que depois que... a gente entra e conhece, vê que tem muitas falhas, têm muitas coisas que realmente são um problema muito grande para os alunos; acho que a maneira que o IFG aplica as coisas não é o jeito certo! Por exemplo, não para a sanidade dos alunos em si! Porque é como eu sempre falo, uma coisa que me irrita muito, é a maneira como são... os conteúdos e provas etc., como eles são aplicados e cobrados da gente. Porque em outros colégios, por exemplo, é mais fácil porque você tem sempre prova e atividades etc., e que você vai fazendo ao longo do tempo, no IFG não, você passa praticamente um mês e meio sem fazer nada, ninguém te cobra nada! E Aí faltando quinze dias para acabar o bimestre, você tem quinze matérias para você fazer prova, quinze matérias para você fazer o trabalho, e mais uma pancada de coisa... E... aí eles cobram muitas coisas da gente... e às vezes vai lá e começa a chamar algumas pessoas no departamento, porque eles estão faltando etc., essas coisas! Como se... se importasse com a gente! Só que na verdade a gente não sente que estão se importando. Entendeu? (O entrevistador faz uma observação e a entrevistada prossegue) exatamente! É uma coisa que meus amigos reclamam muito! A gente sente às vezes como se fossemos só um fantoche no meio disso tudo! Entendeu? E é ruim... é um dos problemas do IFG em si.

PERGUNTA SEIS: *VOCÊ ACHA QUE ESTE PROCESSO DE APRENDIZADO QUE VOCÊ VIVEU DE ALGUMA FORMA TE AJUDA NA SUA PREPARAÇÃO PROFISSIONAL, PARA O MERCADO DE TRABALHO?*

- Basicamente para o mercado de controle ambiental? (O entrevistador esclarece e a entrevistada prossegue) Enfim! Eu acho que a maneira que temos para nos preparar para o trabalho... o momento em que vamos ter... um contato, é na hora do estágio! Eu acho isso importante, o estágio. Não acho que tenha que ser com tantas horas, como é, mas eu acho que o estágio é bom porque realmente é o momento em que conseguimos ter uma noção de como é um ambiente de trabalho! Por exemplo eu nunca tinha trabalhado antes na minha vida! Aí eu entrei no estágio descobri como era lidar com as coisas, ter que entrar num período, sair certinho, obedecer às coisas; porque aí você... consegue aplicar na prática o que você aprendeu na teoria. Então nesse sentido eu realmente acho que o ensino técnico... ele consegue atender algumas expectativas e demandas e realmente... preparar a gente para o mercado de trabalho.

PERGUNTA SETE: *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

- Sim! Os meus pais. Os meus pais eles terminaram o ensino médio, mas terminaram de um jeito meio assim...! Só que eles sempre me incentivaram a estudar; por exemplo, eles nunca me ensinaram, que eu tinha de fazer tarefa, eles nunca foram do tipo que foram lá me ensinar fazer alguma coisa! Porque eles não conseguiam, mas eram sempre pessoas que estavam me incentivando, falando: - Olha...é importante isso aqui e tudo mais! - Só que eles falavam que era importante de um jeito legal! Que eu acho que devia ser feito por todos os pais, porque por exemplo, eles nunca me cobraram que eu tinha que passar na faculdade de sei lá o quê? Eles sempre me ensinaram que eu tinha que estudar porque realmente era necessário e era uma coisa que ia fazer bem não só para o meu futuro..., eles sempre falaram que “as pessoas podem tirar tudo que eu tenho mas nunca o que eu tenho aqui na minha cabeça”, entendeu? E... que independente do que eu queira seguir eu vou ser feliz! E tenho... dois professores que marcaram muito, no ensino fundamental ainda... sétimo ano mais ou menos. Eles eram... meu gás, sabe? Muitas vezes eu ficava: - Ai... não sei! – Foi aí que eu adquiri a prática de realmente estudar porque eles sempre estavam me incentivando, falando: - Você consegue, você é muito mais do que isso! - E eu realmente comecei a acreditar que eu era... e eu vi que eu era, basicamente por causa deles, entendeu? E depois disso eu comecei a ter uma visão diferente do mundo e aí fluiu.

PERGUNTA OITO: *QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Assim! A nossa geração é uma geração que procrastina muito (risos)! Por exemplo, tem que estudar, mais esse bichinho aqui (mostra o celular) atrapalha muito, mas o tempo que eu consigo estudar além do tempo do colégio, eu estudo umas quatro horas, agora estudando para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e em época de prova estudo um pouco mais. Mas as vezes eu vejo que... eu não consigo atingir essa minha meta por causa do problema do celular, e que às vezes a gente precisa ter uma...maior disciplina! E é complicado porque a gente olha o celular e acha aquilo muito mais interessante do que... do que estudar! E aí eu acho que é... esse o problema! Mas ao mesmo tempo, por exemplo, não sei se quando você falou dessas atividades era só o celular? Mas, então só da tecnologia então? Então é isso basicamente, porque eu ia falar que além de estudar a gente precisa às vezes dedicar... dedicar um tempo para fazer as outras atividades, que não sejam só o celular, nem... estudar! Mas às vezes fica muito restrito a isso e eu acho que é por isso que a nossa geração tem um... grande problema de ansiedade, e depressão! Porque é tipo estudar, tecnologia estudar e tecnologia! Essas duas coisas aí ficou um amontoado que não dá muito certo! (O entrevistador faz um esclarecimento e aí entrevistada continua seu

posicionamento) exatamente! Às vezes é difícil relacionar porque muitas vezes a internet tem muita informação que não é verdadeira.

PERGUNTA NOVE: *QUAL O PAPEL QUE VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- É porque, querendo ou não, é uma pessoa que você tem como referência! Que está ali como se ela fosse... deixe eu pensar! (pequena pausa) Porque na minha opinião, por exemplo, aqui no IFG tem uns cinco professores que eu admiro muito e aí fico: - Nossa cara eles são muito foda! Espero um dia conseguir ser pelo menos metade do que eles são, sabe? – E a maneira como ele passa o conhecimento dele para você... te influencia muito em muitas coisas. Por exemplo... eu conheço alunos que escolheram a faculdade só por causa de determinado professor. A maneira como... ele cria a relação com aqueles alunos... Mas eu acho que o principal..., a principal importância é ser o ponto de referência.... a referência maior que ela tem ali, naquele ambiente escolar... e transmitir aquele conhecimento de maneira clara que vai poder ajudar todas as pessoas.

PERGUNTA DEZ: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE SÃO IMPORTANTES PARA UM BOM PROFESSOR?*

- Ser claro..., saber conversar na linguagem dos alunos! Porque às vezes, por exemplo, a gente tem um professor..., e que isso acontece muito, muito! Professores que têm... sei lá doutorado, pós-doutorado...! No primeiro dia de aula ele vai lá e fala tudo que ele tem, aí você fala: - Nossa esse cara aí deve ser muito foda! - Só que aí ele vai dar aula, o cara não consegue dialogar com a turma, e o cara não consegue transmitir, sabe? Basicamente ele tem tanto conhecimento ali, só que não consegue passar isso! Por isso que eu falo.... que ele tem que ser claro, saber conversar, ter uma didática boa. E acho que hoje em dia é muito importante que um professor saiba mudar! Fazer aulas dinâmicas, porque aí que nem eu falei, hoje em dia é muito difícil prender a gente! Porque deve ser horrível, eu sei! Você está lá dando aula está todo mundo mexendo no celular (risos) e aí eu acho que não é culpa do professor, mas acho que é importante ele encontrar maneiras de ser dinâmico e ter uma aula mais agitada! É isso.

PERGUNTA ONZE: *O QUE MAIS TE AGRADA E O QUE MAIS TE DESAGRADA NA FORMA DO PROFESSOR TRATAR O ALUNO?*

- É basicamente uma! É a mesma, o que agrada e o que desagrada. Por exemplo... eu gosto quando o professor chega... e vai lá e fala o plano dele e tudo mais, só que ele está sempre tentando manter uma conexão com a turma no sentido de: - Olha galera! Se vocês acharem que a gente precisa conversar e tentar mudar alguma coisa... Eu acho que é essa abertura que o professor dá para você poder fazer reclamação! Quando não está dando muito certo. Porque já houve professores na nossa turma aqui, que a gente chegou e falou: - Professor, o seu modo de dar aula a gente não está conseguindo absorver nada, não está funcionando! - Aí ele falou assim: - Mas e daí? Vai ser desse jeito que eu vou dar aula e pronto! – Isso é o que me desagrada muito... a arrogância, entendeu? Tipo... tudo bem que

voce sabe muita coisa e a gente está só aprendendo! Só que é importante essa ponte, sabe? Essa conexão... de conversar e ver o que que está bom para um, o que que está bom para o outro! Às vezes o professor também pode ter muitas reclamações da turma, mas eu acho que é a falta de diálogo com a turma em si! É o que mais me desagrada e o que mais me agrada.

PERGUNTA DOZE: *VOCÊ ACHA QUE OS PROFESSORES CONSEGUEM ENTENDER AS PARTICULARIDADES DOS SEUS ALUNOS E A PARTIR DISSO AJUDÁ-LOS A EVOLUIR?*

- Aqui no caso? (O entrevistador faz esclarecimentos e a entrevistada prossegue) Sim! Em escolas particulares às vezes... são menos alunos, então tem... uma maior relação entre os professores e etc., talvez possa ficar mais fácil! E porque acaba que por que o colégio tem maior influência no professor, por exemplo, a turma não está gostando, vai lá e fala e o colégio fala: - E aí? Vai mudar? Então você vai ser demitido. - Aqui no IFG não tem isso! Você pode ir lá reclamar... basicamente... o professor não vai sair (risos)! Mas aí não vai adiantar nada, aí você tem que lidar! Mas... é porque é bem relativo! Realmente é bem relativo. A gente já teve professores incríveis... que souberam lidar com a turma e puxar, em mostrar os pontos importantes e tudo mais! E realmente se importava, por exemplo, a gente tinha um professor de matemática que chegava lá e dava conteúdo e a gente falava assim: - Olha a professor, a gente está tendo um problema, porque tem muita gente que não teve uma boa base no fundamental... e eles não estão conseguindo entender nada do o senhor está falando! Será que tem como? Sei lá, será que o senhor pode ajudar a gente um pouco, passar algumas coisas relacionadas a esse conhecimento anterior! E tudo mais... a gente sabe que não é a sua obrigação! Você só tem que dar o seu conteúdo, mas é que realmente está complicado. - E aí ele foi tipo: - Não! Não tem. – Entendeu? Ele só tipo ignorou. E já teve professores que davam aulas de física, que ele parou e falou assim: - Gente vocês não estão com problema em física, vocês estão com problema em matemática! Vamos fazer o seguinte: eu vou separar um tempinho da aula, vou ajudar vocês, explicar essas coisinhas e tudo mais! Então... realmente é muito relativo..., acho que vai de acordo com o gosto daquele professor por dar aula? Porque quando ele gosta, ele meio que realmente se preocupa... com seus alunos.

PERGUNTA TREZE: *EM TERMOS DE METODOLOGIA O QUE MAIS DE AGRAÇA E O QUE MAIS TE DESSAGRAÇA? QUE TIPO DE AULAS FAZ VOCÊ APRENDER MELHOR?*

- Em termos metodológicos... vai muito... do jeito que o professor dá aula! Eu gosto de professor que... não deixa aula monótona! Porque tem professor que só..., ele fica falando! Ele...parece que está desmotivado! E ele está tão desmotivado que você não consegue ficar nem um pouco motivado! E aí quando o professor chega, por exemplo, tem uma professora que chama (cita o nome de uma professora), não sei se você conhece? Ela é incrível! Eu nunca vi um aluno do IFG... que virou para mim e falou assim: - Não, eu não gosto dela! - Ela chega na sala, ela chega rindo, e olha que a matéria dela pode ser às vezes

um pouco chata e pesada que a sociologia. E ela chega e... fala... conversa... interage com os alunos! Eu acho que interagir com os alunos com é muito importante! Eu acho que é isso, dá uma maior motivação! E também o professor estar um pouquinho motivado, entendeu? Para dar aula, porque às vezes também ele peca muito. (O entrevistador faz algumas observações e o entrevistado continua) É isso que é difícil também..., porque às vezes a gente acha que o professor é uma máquina, mas eles também são seres humanos igual a gente! (O entrevistador faz uma outra observação e aí entrevistada prossegue) Sim! Esse é o ponto, a gente realmente percebe quando o professor ele é apaixonado por aquilo, quando ele é realmente apaixonado ele dá aula muito bem e você só fica cativado pelo jeito que ele dá aula! Tem professor aqui que já me fez gostar de uma matéria que eu nem gosto! Entendeu? Só o trabalho dele já consegue me... prender naquela aula.

PERGUNTA CATORZE: *E NA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO, COMO VOCÊ ANALISA SUAS EXPERIÊNCIAS? E COMO VOCÊ ACHA QUE ELA DEVERIA SER?*

- A relação com o aluno? Ah... eu acho que... às vezes... tem muitas pessoas que falam: - Ah... porque eu não estou para ser pai de ninguém, não sei o que? - É verdade! Só que... às vezes você não precisa tratar os seus alunos como se eles fossem..., sei lá? Só uns robózinhas. Porque tem professor que realmente não gosta de manter contato, ele parece que tem pavor (risos), tem pavor de falar com aluno... Tem professor que a gente já até tentou... chegar numa relação mais próxima, mas ele realmente parece que tem medo. E às vezes isso atrapalha! Porque querendo ou não, você tem aula daquele professor... toda semana! Em outros colégios todos os dias tem aula, e aí você cria uma relação com aquela pessoa, e quando você cria uma relação meio que de amizade e confiança... de respeito! Esse é o ponto! Porque quando você respeita o professor... a relação da aprendizagem ela chega... ela vai para outro nível! Entendeu? Porque por exemplo, às vezes você fala: - Poxa, eu não quero fazer esse trabalho aqui, mas o professor ele foi lá e deu aula com tanto carinho e ele está fazendo o trabalho dele de uma maneira “massa”, eu não vou fazer isso! Eu vou fazer isso aqui porque é realmente uma questão de respeito. - Aí fala: - Poxa estou mexendo no celular, mas meu professor está ali! Ele preparou uma aula para mim! E eu vou ficar aqui sacaneando ele? Eu vou prestar atenção na aula! - Então eu acho que é o ponto que você disse, respeito! De ambas as partes.

PERGUNTA QUINZE: *COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- É... eu acho que o ambiente de sala de aula pode influenciar, de maneira significativa como aquela pessoa vai aprender alguma coisa, porque por exemplo, muitas salas de aula existem pessoas que só querem ser melhores... que todo mundo. Uma coisa aqui acontece muito, é um exemplo muito bom, porque a professora deu a matéria e perguntou assim: - Alguém tem dúvida? - Aí o menino pensa: - Nossa eu tenho uma dúvida! - Só que a sala é super... nossa, não sei o que, sem atitude. Quando você fala alguma coisinha e outra pessoa já fica: - (Vocaliza som de risos de escárnio) olha lá ele não sabe nada! - E você ter essas pessoas no seu ambiente em sala de aula te atrapalha muito,

por que você não vai falar que você tem dúvida, e isso vai te atrapalhar, você não vai aprender se você não chegar depois no professor e perguntar. E por causa disso você pode não ter coragem nem de falar com o professor porque você acaba se sentindo inseguro, é uma situação... que vai causando vários problemas, não só na educação, mas em relação à sua... personalidade de verdade! E eu acho que é muito importante ter uma sala... que realmente entenda que todo mundo é diferente! Se você sabe muita coisa, então pega isto que você sabe e vai tentar ajudar uma pessoa que não sabe! Entendeu? E quando você tem uma sala assim que se ajuda, o ambiente muda muito, por exemplo a nossa sala quem viu a gente no primeiro ano, e nos vê agora nem pensa que é mesma turma! Porque no primeiro ano todo mundo era... você lembra? Era complicado, eu mesma... mudei muito, muito, muito! Por exemplo, nos esportes mesmo, eu era bem otária! E hoje..., é outra coisa a nossa sala... ainda tem intriguinha... todo mundo é de boa e o ambiente muda tudo! Os professores percebem quando a gente está tranquilo, quando a gente realmente se ajuda é importante.

PERGUNTA DEZESSEIS: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?*

- É como você falou..., eu também não concordo com isso aqui: - Por que o aluno tem de tirar nota alta? – Eu tenho amigos que são inteligentíssimos, eu sei que são inteligentíssimos, só que eles não tiram nota boa, por exemplo porque eles não estão nem aí... para aquilo! Mas eu acho que um bom aluno é aquele que realmente tem vontade de... não só vontade, mas se esforça para poder aprender. Basicamente! Não é só... às vezes você vai até entender a matéria..., já teve vezes que eu sabia a matéria toda e aí cheguei na prova e travei! Não conseguia fazer, às vezes, por nervosismo. Mas eu acho que é importante... você realmente... tentar ver o que te passam de maneira mais ampla! Não de maneira engessada como se você só tivesse que estudar aquilo para tirar nota boa na prova..., e isso que vai te definir! É muito mais... vai além disso! Até porque... o ENEM não te cobra isso que às vezes é cobrado numa prova! Aí você tira dez e chega lá no ENEM... Tem um exemplo na minha sala! O menino só tira dez! Aí chegou no ENEM no ano passado ele foi muito mal e ele ficou: - Velho que eu estou fazendo de errado? - Você vê as coisas de um jeito muito engessado, então eu acho que uma característica... que tem que ser forte... em um bom aluno também é conseguir abrir a cabeça e ver que tem várias especialidades.

PERGUNTA DEZESSETE: *VOCÊ SE CONSIDERA UM BOM ALUNO DENTRO DESTES CONTEXTOS?*

- É... às vezes! Deixa-me ver. Porque por exemplo, eu sempre fui uma pessoa que cobrou muito de mim mesmo! Então demorou um tempo para eu entender que não estava baseado só em questão de notas, porque acho que basicamente até o segundo ano mais ou menos eu tinha essa visão..., realmente muito engessada. Por exemplo quando eu entrei no IFG... aí eu comecei a ter umas notinhas assim..., eu chorava, eu ficava triste! Falava: - Meu Deus do céu! - Nossa sério! É muito tenso... essa agonia. Só que aí o tempo foi passando e eu realmente entendi, porque às vezes..., eu via gente tirar dez..., e eu os via colando, e

falava: - É velho! Acho que talvez tirar nota ruim... n'yo ruim, mas n'yo tirar dez, por exemplo vai chegar lá na hora e eu talvez saiba mais do que esse menino que tirou dez! E eu me considero uma boa aluna, mas eu tenho os meus pontos negativos, porque às vezes..., por entender que as coisas v'yo além disso às vezes me torna uma aluna um pouco ruim. Porque às vezes eu olho, por exemplo... para o curso técnico. Eu n'yo quero! Eu n'yo quero fazer nada relacionado a isso; ent'yo as vezes eu vou lá olho e falo: - N'yo vou fazer isso aí porque n'yo vai mudar nada na minha vida! Com a minha nota vou conseguir passar de ano e vai estar tudo ok! - E isso com matérias que eu n'yo curto muito, mas em relação às outras matérias e eu considero que eu sou uma boa aluna! Porque é... quando... principalmente quando eu tenho esta relação com o professor e eu realmente fico muito preocupada se eu vou conseguir fazer... um bom trabalho se ele vai falar: - Nossa esse trabalho está bom! Que legal. - Mas também entendo que é necessário sempre pensar no futuro, tentar pensar que n'yo é só para agora, que n'yo é só essa prova, que eu vou conseguir usar este conhecimento para outra coisa no futuro... Isso é uma coisa que eu tento para poder me manter motivada, porque se eu pensar que é só prova, vai ficar meio assim, ent'yo tento... estudar de maneira que eu possa realmente aproveitar um dia! Eu acho que isso me faz ser boa aluna.

PERGUNTA DEZOITO: *QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE VOCÊ É HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?*

- Nossa com certeza! A minha mãe ela sempre fala, toda vez que ela tem uma oportunidade ela vira para mim e fala: - Nossa essa escola mudou demais essa menina, ela é outra pessoa! E n'yo sei o que... - Porque é como eu falei no começo, têm matérias principalmente de humanas que te fazem ver o mundo de uma maneira diferente, entende? E é a educação sabe? É a educação que faz isso com a gente! A educação faz a gente enxergar o mundo de maneira completamente diferente, porque quando você conversa com pessoas ignorantes você fala: - Poxa vida... sei lá! Sabe? - E... quando você tem educação você encontra meios para poder... desvendar algumas coisas, e realmente enxergar tudo de uma maneira muito diferente. E eu sou muito grata a vários professores... daqui, e n'yo só aos professores, mas a... todas pessoas, porque n'yo é só com o professor que aprendemos as coisas que conseguimos nos educar! Porque tem muita gente que me ajudou muito, sabe? Em vários âmbitos possíveis! E... assim eu estou outra pessoa hoje em dia! E entrei aqui de um jeito e com certeza eu estou saindo de outro. E é por isso que eu tenho tanto carinho por este lugar e por todo mundo que já passou na minha vida aqui, no ambiente escolar. Porque querendo ou n'yo é onde te marca, vai praticamente te modelar... quem você! Querendo ou n'yo é isso... para isso que serve! E... é importante sim! (O entrevistador pergunta sobre a importância da educação para o futuro do aprendiz - e a entrevistada prossegue) com certeza! Porque além... do ensino médio, aqui eu tive muitas oportunidades, e foram oportunidades que me fizeram crescer muito, por exemplo esse projeto aí que eu fiz no ano passado, da miniempresa. Isso é uma coisa que querendo ou n'yo é educação também,

porque a gente aprende como uma empresa funciona, aprende a... gerir o seu negócio, cuidar melhor do seu dinheiro, ter mais controle das coisas. E s̃o coisas que me ajudaram muito, porque querendo ou ño eu aprendi a ter mais responsabilidade, naquele programa, conheci pessoas que eu pude ter uma troca de informaç̃o muito grande também! Além disso... estar aqui me proporcionou outras experiências que mudou quem eu sou e eu sei que em algum momento vai fazer muita diferença..., e o ensino médio em si, é óbvio que ele vai ser importante! Porque por causa dele eu consigo ver as coisas de outra maneira agora, que vai ser mais fácil de me adaptar quando eu estiver na faculdade, por exemplo! Porque às vezes você chega na faculdade você sofre um pouco! Porque é um mundo diferente. Agora aqui a gente já está mais familiarizado, ent̃o é óbvio que eu vou apanhar, porque a gente apanha sempre, mas acredito que vai ser um pouco menos, porque... você já está mais calejado...! E é isso!

PERGUNTA DEZENOVE: *ESPAÇO ABERTO PARA O ENTREVISTADO FAZER COLOCAÇÕES QUE ELE ACHE PERTINENTES E QUE PODEM NÃO TER SIDO CONTEMPLADAS DURANTE AS PERGUNTAS.*

- Ah... é... o que mais me marcou no ensino médio em si foi de forma negativa porque é que nem eu falei no começo, é toda essa press̃o! A maneira que as coisas s̃o cobradas! E ño é só aqui, às vezes aqui é pior... e as vezes ño é! Porque têm os outros colégios em que a press̃o é muito maior. Isso está na educaç̃o... acho que só ño na educaç̃o, mas no geral do nosso tempo, que é cobrar demais e querer tudo naquela hora! E é como eu falei, nós acabamos desenvolvendo... muitos... problemas psicológicos, por exemplo, a minha ansiedade hoje em dia..., eu ño tinha ansiedade, só que por causa desse tanto de coisa que eu tinha que fazer... e entregar no mesmo dia e tudo mais! Acaba desenvolvendo uma ansiedade que é realmente muito complicada de você conseguir lidar! E eu acho que as escolas deveriam... ter uma atenç̃o maior a isso, atenç̃o maior aos seus alunos, ño se preocupar tanto só com os resultados. Porque é como se toda a escola estivesse preocupada só com resultado! Só com o resultado de sempre! Eu ia falar que é mais escola particular, mas aqui também é assim, sabe? A gente também está preocupado em ser... o melhor IF do Brasil e tudo mais. E é ruim porque a gente... é como... se sei lá! Se a gente só fosse uns bonequinhos, sabe? Que estivesse sendo manipulado e etc., e às vezes a gente queria sentir... que é mais... é diferente sabe... que é educaç̃o de verdade! Que isso é mais para o que a gente vai ser no futuro do que ser um resultado para isso! Entendeu?

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 04

PERGUNTA UM: *O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?*

- A que eu idealizo ou a que eu vivi? (O entrevistador esclarece e o entrevistado prossegue) Começando pela parte que eu vivi.... Bem! Pela parte que eu vivi do ensino médio..., eu acho que é uma coisa que desde mil e quinhentos ño evoluiu praticamente

nada! E ainda é um espaço que não é muito aberto ao diálogo... e há padronização; eles pegam as pessoas não é e vão colocar elas como “iguais” ... perante um teste, ou método de aprendizado..., sendo que as pessoas não são iguais! Cada um pensa de uma maneira, cada uma chega em um raciocínio de maneira diferente e cada uma está apta à uma área diferente. E o que eu sinto falta na educação é justamente isso! Você não vai ter essa diferenciação, você vai nivelar todos por um nível básico: os que têm certa facilidade naquela área vão se dar bem, vão ser considerados os inteligentes, etc.! E as pessoas que vão ter inteligências voltadas para outras áreas vão ser consideradas piores, muitas vezes desatentas, ou menos interessadas. E eu não concordo com isso! A questão é que a educação nivela e vai colocar basicamente desse jeito. Agora o que eu idealizo educação seria justamente isso! É ter diferença entre as pessoas... cada pessoa pensa de uma maneira, cada pessoa é de uma área específica da inteligência a partir dos interesses que ela tem! Já que são várias diferentes. E esse espaço deveria ser mais aberto ao diálogo. E essa é justamente a diferença que eu queria que houvesse. Que você tivesse um diálogo, não tratasse todo mundo como se fosse igual. E a questão também que você vai pegar... um ENEM (Exame Nacional do ensino médio) por exemplo, para você passar numa faculdade. Ele vai nivelar... você foi bem em tudo! Beleza você passa. Agora se você for mal em uma área específica que não tem nada a ver com que você quer, você não passa! Ou seja, ele prioriza que você seja bom..., ou medíocre em todos! Mas que sejam todos, mais do que você ser excelente em uma área específica, que pode ser a área que... você se dedica! Se você quer ser um engenheiro, a prioridade é que você seja bom em exatas..., talvez química. Agora o biológico e parte de linguagens não teria tanta necessidade de você saber disso e sair tão bem nos vestibulares... e eles nivelam! Todas as áreas iguais.

PERGUNTA DOIS: *O QUE VOCÊ ACHA QUE É MAIS IMPORTANTE DE ESTAR NESTE PROCESSO DE EDUCAÇÃO? O QUE ELA MAIS ACRESCENTA NO INDIVÍDUO?*

- Olha! Em questão do que eu vivi, educação para mim parece mais... o que vai te dar possibilidade de fazer o que você quer! Mas não como oportunidade de te transformar como o indivíduo. Muitas vezes você aprende coisas que são inúteis para sua vida, mas que são extremamente necessárias para você poder fazer uma prova, por exemplo o ENEM. Você vai aprender muita coisa que você não vai utilizar na sua vida e não tem uso. O que é para mim considerado... Inútil! É... a questão é que a educação ela tinha que te ensinar para o mundo! Para o que seja usado. Para você ter interesse em estudar! E isso é justamente o que não acontece. Tem as grades específicas, não mudam não colocam o que se é realmente utilizado..., e eles não estão interessados a buscar que o jovem tenha interesse em estudar, e que tenha contato disso com mundo; mas é porque são poucas aulas práticas e não puseram as coisas que você estuda, então você não vê aplicação... logo você esquece. A educação vai priorizar que você decore as coisas e não que você tenha um raciocínio lógico para poder chegar... em determinado pensamento. Ou seja, passaram ali alguns anos depois que você terminou o ensino médio você não vai lembrar mais de nada! Porque você não vê uso! E nessa parte agora que eu idealizaria... seria que educação teria que ter mais parte prática,

que fosse dividido realmente nessas áreas que eu falei..., para você ser excelente na sua área! Não que você seja medíocre. A experiência que eu tive com ensino médio foi justamente isso! Eu queria que o ensino médio fosse mais como uma transformação do indivíduo, o que não aconteceu! Você teria que sair de lá uma pessoa totalmente diferente do que você entrou! Porque você teve contato com a educação. E esse é o papel da educação... é transformar o indivíduo. O que agora não acontece tanto! Você pode ser transformado..., mas você vai mais para uma máquina de decorar e fazer exercício etc., do que ser uma máquina pensante! De ser uma pessoa que pensa, um indivíduo diferenciado e que tenha opinião própria e por isso que o senso comum hoje cresceu tanto.

PERGUNTA TRÊS: *VOCÊ SE ACHA UM ESTUDANTE MOTIVADO? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?*

- É... não me motiva! Essa é a parte principal, a educação não me motiva porque eu vejo justamente isso: é enraizado, engessado e eles priorizam a dificuldade como algo necessário para você alcançar o seu diploma, e não é algo prazeroso! Eles não importam se você gosta ou não eles querem que você saiba! E educação tem que ser difícil porque eles falam que o mundo é difícil, e eles não preocupam realmente em ensinar. Esse é meu apontamento a respeito da educação: - Que ela teria que melhorar neste aspecto, teria que ser mais flexível, teria que escutar mais a parte de quem estuda! - Basicamente.

PERGUNTA QUATRO: *VOCÊ ACHA QUE AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA AO INGRESSAR NA ESCOLA FORAM ATENDIDAS?*

- Olha! O ensino médio não atendeu as minhas expectativas porque eu esperava que fosse um lugar onde você aprendesse mais para a vida, já que é uma nova etapa, mais avançada que o ensino fundamental. E eu cheguei aqui e vi que não teve diferença... a questão de aprendizado para a vida foi zero. E... sim isso me entristece porque quem não tem motivação não tem força vai acabar abandonando (risos) o estudo! Porque vai associar o estudo há algo que não vale a pena que não tem uso em nada! Vai associar à uma coisa inútil. E que em parte é verdade. O que eu estudo hoje só é um meio de você garantir o que você quer, mas não um meio que vai te ensinar, que vai te tornar algo melhor! Justamente porque ele é muito engessado. (O entrevistador faz uma observação e o entrevistado prossegue) E no ensino médio é onde você tem mais contato com pessoas que estão com os hormônios ainda em fase, digamos assim..., de evolução, de crescimento e eles não tratam as pessoas como se estivessem em desenvolvimento! Eles só pegam e nivelam e jogam muitas matérias de uma vez, fazem uma pressão absurda e as pessoas acabam não aguentando! É só olhar o número de suicídios que tem nessa área. As pessoas não aguentam ou desistem! Porque realmente não tem como aguentar se a pessoa não for forte.

PERGUNTA CINCO: *VOCÊ ACHA QUE ESTE PROCESSO DE APRENDIZADO QUE VOCÊ VIVEU DE ALGUMA FORMA TE AJUDA NA SUA PREPARAÇÃO PROFISSIONAL, PARA O MERCADO DE TRABALHO?*

- Acho que nem para a minha área de formação técnica e eu estou sendo preparado! (risos) Para a vida muito menos. Porque eu aprendo muito mais para a vida fora da escola, aprendo muito mais sobre as coisas que eu vou utilizar do que aqui! Mas a Questão é que eles não estão buscando mostrar o mercado de trabalho... eles não estão preparando nem mais para o mercado de trabalho, visto que aqui é uma escola técnica a gente não está tendo contato com a parte técnica que a gente tem que saber mexer! Eles estão de novo lá enraizados em coisas antigas... que no mercado de trabalho, ainda mais na minha área, que é uma área tecnológica, não são mais usadas, mas eles veem como necessário para poder aprender... sendo que não vai ser utilizado! A gente não sai das aulas teóricas..., além de serem teóricas, elas são super antigas! Eu vejo uma matéria onde a gente está aprendendo coisas que foram utilizadas na segunda Guerra mundial! (risos) E a gente já está no século vinte e um. E sendo uma área da tecnologia, o salto que teve da segunda guerra mundial para cá, não é necessário você estudar aquela tecnologia antiga se tem novas. Mesmo porque no mercado de trabalho você não vai usar! Você provavelmente deve usar algum programa alguma calculadora..., e é muito mais fácil e preciso! E eles não querem sair daquele método antigo! Sendo que é uma área tecnológica. O mercado de trabalho tende a mudar de acordo com a sociedade, se a sociedade evoluiu..., ele teria que evoluir, mas eles fazem questão de não ter contato com isso! Eles veem como uma forma de punição! Se eu aprendi da forma mais difícil possível eu tenho que ensinar da forma mais difícil possível! Porque eu aprendi desta maneira. Então eles também não estão preocupados em estudar novas áreas para poder ensinar para os alunos, eles querem dificultar as coisas! E o que eu acho inútil! E não vai me preparar para o mercado de trabalho. O mercado de trabalho hoje já pede que você tenha experiência! E nós saímos daqui totalmente sem experiência, então vamos acabar desempregados ou sofreremos bastante para aprender o que o mercado vai exigir da gente.

PERGUNTA SEIS: *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

- Na minha forma de ver a educação.... assim a minha forma de ver a educação é totalmente diferente das outras pessoas. Os meus pais veem a educação como algo que... pode ser ruim agora, mas no futuro vai ser algo... que vai compensar o sofrimento que eu passei! A forma que eles veem educação, reclamar, é algo que pela minha idade é normal é da natureza do adolescente! Então eles acham que eu não sou digno e nem tenho capacidade de poder reclamar, dizem que é simplesmente uma fase! E que a educação é algo bom! Só que eu não vejo isso, ainda mais no ensino atual que realmente preza a quantidade de conteúdo..., eles não valorizam isso muito menos a parte humana. Então o que me influencia a pensar desse jeito é justamente o que eu vivo no dia a dia..., e que eu tenho passado! Não tenho muita influência da minha família. E buscaria até estudar em uma escola que fosse, como eu estudei no ensino fundamental, fosse mais para o lado humano! Que foi uma escola católica. E no ensino médio eles não veem muito essa sua parte humana, eles veem mais a parte conteudista! E é isso!

PERGUNTA SETE: *QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Olha, como minha rotina é muito pesada..., eu tenho que fazer o final do técnico e a faculdade ao mesmo tempo...! Eu não tenho mais tempo, digamos assim livre, para usar o meu celular de forma a procrastinar. Porque se eu for usá-lo no meu tempo livre eu não vou descansar, ou não vou fazer alguma atividade física, alguma tarefa..., ou estudar para a prova da faculdade! Então eu vejo que para mim o telefone não é mais um empecilho! Só que as pessoas como já odeiam a educação, o meio dela procurar se esconder dessa educação que é altamente frustrante é usar uma rede social! Ou algum aplicativo de entretenimento como Netflix, Youtube etc. para poder procurar sair deste mundo que é horrível! E as pessoas não vão querer lembrar da educação através do celular. Mas para mim a tecnologia em si... que eu uso é para comunicação, porque eu fico o dia inteiro fora de casa e para pedir transporte. Só que uso do celular hoje é muito ligado a essa questão de frustração! Então a escola reclama de certa forma que os alunos mexem muito no telefone em sala de aula, mas eles são os responsáveis por isso! Se realmente não fosse uma coisa desgastante e frustrante as pessoas não usariam celular! Mas se celular virar algo mais interessante do que a sala de aula, vai ser inevitável. Então de certa forma a culpa disso é da escola, e o adolescente vai preferir muito mais a tecnologia!

PERGUNTA OITO: *QUAL O PAPEL QUE VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Olha, eu vejo o professor como algo necessário..., e que você tem que ter sempre respeito por ele! Só que alguns professores, eu diria a maioria, como já comentei anteriormente, eles acham que o sofrimento que passaram para se tornarem professores, eles também precisam fazer com que os alunos dele passem. E... justamente por isso hoje muitos professores ficam enraizados no método antigo, não querem mudar, querem lascar as pessoas! E vira um ciclo, porque (risos) os professores vão gerar os novos professores, então se eles ensinam de maneira ruim as pessoas no futuro vão ensinar de maneira ruim! E vai ser o efeito cascata. E... eu acho que... o professor não vai ser nunca substituído por um EAD né, educação a distância, porque você não tem esse contato tão direto, e não pode tirar as dúvidas etc. E pelo momento que a gente está passando agora também, que a educação está sendo enfraquecida, por vários motivos políticos, ideológicos e o que a gente está passando de fato..., vai fazer com que as pessoas saiam ainda mais da educação. Um fato que me chocou bastante que é o ENCCEJA (Exame Nacional para a certificação de competência de jovens e adultos), que dá as pessoas o certificado de conclusão do ensino médio... teve um aumento gigantesco do ano passado para esse... e a tendência é provavelmente deve ser só aumentar! Porque são poucas vagas de emprego no mercado de trabalho, as exigências cada vez mais altas, hoje faculdade não é mais garantia de que você vai ter emprego. Então isso faz as pessoas abandonarem mais a educação..., o fato dos

professores também! E isso vai desvalorizar ainda mais no futuro os professores e a qualidade do ensino vai cair e vai ser um efeito cascata! E falta também essa questão da humildade, que muitos professores por conseguirem ter um doutorado eles acham que tem que tratar os alunos como se fossem (risos) lixo! Sinceramente, passa por um processo de humilhação, o que eu não concordo de maneira nenhuma. (O entrevistador casos algumas observações e em seguida o entrevistado prossegue) – E... o problema é que não tem nem como você incentivar as pessoas a estudarem..., porque não tem como você esconder o quão ruim é! Então você encontrar às vezes uma pessoa mais velha que está querendo voltar a estudar para poder aprender alguma coisa..., você sabe que a pessoa não vai aprender... não vai ser algo utilizado.

PERGUNTA NOVE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE SÃO IMPORTANTES PARA UM BOM PROFESSOR?*

- Olha... para um professor ajudar o aluno nesse processo de evolução é necessário que ele entenda primeiro o que o aluno está passando... e à fase! Para ele conseguir se tornar mais próximo do aluno e poder ajudá-lo! E... isso é uma boa parte eficiente... estar disponível ao diálogo é muito importante! A questão até de conversar... o que falta muito, os professores só querem ensinar e depois não querem conversar; às vezes sobre a vida, ou sobre experiências de vida, é bom é interessante trocar..., e eles não gostam de sair da planilha de ensino! O que eu acho um erro. E educação você tem que sair disso, isso torna o professor eficiente! Justamente o diálogo..., não querer massacrar os alunos, entender que eles também estão em processo de aprendizado..., e seria também essa flexibilidade, porque um professor que os alunos gostam, eles vão prestar muito mais atenção, vão ter muito mais contato com ele, vai fazer os alunos terem vontade de estudar, ou de frequentar a aula dele..., o que é importante! Isso vai ajudar extremamente na eficiência dele, e é justamente o que falta!

PERGUNTA DEZ: *O QUE MAIS TE AGRADA E O QUE MAIS TE DESAGRADA NA FORMA DO PROFESSOR TRATAR O ALUNO?*

- O que mais me agrada são os professores que tentam me ensinar de maneira simples! Pegar o que ele aprendeu..., que é muito mais difícil e tentar trazer para o nosso entendimento, já que a gente é aluno! Isso com certeza vai torná-lo um professor muito melhor! E... essa questão de diálogo..., estar aberto ao diálogo, querer conversar mais do que está dentro da planilha! E... assim são poucas coisas, mas são coisas simples que seriam necessárias, não tem muito o que falar! Um professor vai ser bom quando ele tem vontade de dar aula! Porque o ensinar vai além da sala de aula! A questão de estudo..., ou questão, digamos assim, humanitária! Contato com o ser humano tem que ser além da sala de aula não adianta! Isso com certeza vai torná-lo um professor bom! E aspecto ruim é um professor que se põe muito acima dos alunos, querem dificultar esse processo de ensino, não estão abertos ao diálogo, não estão abertos à flexibilidade que é necessária nesta parte da educação, e..., são arrogantes é o que a gente tem mais de comum até agora.

PERGUNTA ONZE: *VOCÊ ACHA QUE OS PROFESSORES CONSEGUEM ENTENDER AS PARTICULARIDADES DOS SEUS ALUNOS E A PARTIR DISSO AJUDÁ-LOS A EVOLUIR?*

- Olha, o que eu menos tive contato na instituição foi com professores que querem realmente entender a parte do aluno, eu diria que noventa e cinco por cento dos professores, senão mais, não estão interessados nesta parte! Visto que justamente entram no contexto que nós somos adolescentes, eles acham que a natureza do adolescente é reclamar! E o que eles passaram a muitos anos atrás..., já não tem nada a ver como que a gente passa hoje. Então eles acham: - Ah! Eu passei aquilo lá antigamente, mas era normal. Por exemplo com vinte e um anos de idade eu comprei meu primeiro carro, passei num concurso público etc. E antigamente era realmente muito mais fácil, a vida era muito mais fácil! Então falta justamente isso, eles verem esse lado.

PERGUNTA DOZE: *O QUE MAIS TE AGRADA E O QUE MAIS TE DESAGRADA NA FORMA DO PROFESSOR TRATAR O ALUNO?*

- O que mais me chamaria atenção por parte positiva seriam as aulas práticas..., que fogem um pouco do contexto da sala de aula. Ou que trazem assuntos da atualidade para o contexto da sala de aula, algo que realmente faça as pessoas pensarem além do que é cobrado ali! E verem esse contato que tem com a parte exterior etc.

PERGUNTA TREZE: *COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Olha, eu acho que o coletivo dentro da sala de aula... é um pouco assim... pouco influenciador! Porque se você for pegar o contexto fora da escola você fica próximo das pessoas que mais te agradam! Você escolhe as pessoas que você fica perto..., enquanto... no ambiente de escola você fica perto das pessoas, mas não porque você quer, mas digamos assim, por obrigação! Então a influência que a sala tem sobre uma pessoa acho que é muito menor... que o mundo exterior! Só que aí entra a parte psicológica no meio, por exemplo, se a pessoa sofreu algum tipo de bullying! Assim efeitos negativos com certeza vão influenciar a pessoa, mas positivos eu acho um pouco difícil.

PERGUNTA CATORZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?*

- O bom aluno, na minha opinião, nem sempre vai ser o que tira as melhores notas! Porque... o que eu vejo mais comumente é que os alunos que tiram boas notas eles não querem ter o contato social..., eles não querem conviver com às outras pessoas presentes! O que é de certa forma uma burrice! Ou uma falta de inteligência emocional ou de convivência social. Então para mim um bom aluno seria uma pessoa que sabe interagir, que trata as outras pessoas de forma igual, não vai causar algum tipo de dano... emocional, às vezes até físico, a questão do bullying também, e assim é o cara que aprende, não é o cara

que decora! Esse para mim seria o bom aluno! Porque ele faz questão de aprender o porquê ocorre e não o que simplesmente ocorre.

PERGUNTA QUINZE: *VOCÊ SE CONSIDERA UM BOM ALUNO DENTRO DESTES CONTEXTO?*

- De acordo com a análise que eu fiz eu me considero um bom aluno! Porque eu procuro justamente questionar o que está acontecendo de ruim! Ao invés de simplesmente aceitar..., e tento pensar além do que é ensinado! O que falta as pessoas é pensar fora da caixa! Ou do que realmente é imposto na sala de aula. E minha convivência social eu considero boa, e fora da sala de aula também é ótima, e no geral eu sou uma boa pessoa, o que também vai me tornar um bom aluno! Como prática de esportes essas coisas também... me tornam assim... vão influenciar..., no meu crescimento como pessoa e aluno! Então eu me considero!

PERGUNTA DEZESSEIS: *QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE VOCÊ É HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?*

- Olha a educação no contexto do Brasil..., ela me tirou de certa forma a capacidade de pensar logicamente e preservar a forma de decorar... e não é uma coisa que vai me adicionar tanto assim! E o papel da educação como eu falei anteriormente é justamente fazer com que o indivíduo se transforme, torne-se uma pessoa melhor, mude a visão de mundo. E eu vejo que aqui no Brasil isso não ocorre! Poucas pessoas têm acesso à educação (risos) e quem tem acesso à educação... tem acesso a algo de baixa qualidade. Então de certa forma para a formação enquanto indivíduo a educação não vai contribuir tanto. Você pode ver como é o nível das pessoas... questão intelectual nas outras escolas..., o quão violentas elas são, o quão ignorantes elas são, sendo que elas têm contado com a educação! O que seria contraditório, mas a educação no Brasil é isso! Ela não permite você se transformar ao pensar de forma livre. Ela vai te tornar as vezes até uma pessoa melhor..., ou pior! E mais revoltada. Então aqui eu não vejo o acesso à educação como algo realmente transformador..., e que seja bom! Sem considerar a parte do mercado de trabalho, porque o que vemos hoje é que a educação só te prepara para o mercado de trabalho e mais nada. (O entrevistador reforça o outro ponto que está na pergunta: sobre a influência da educação para o futuro do aprendiz. O entrevistado prossegue) O que a educação pode me tornar no futuro? Olha, eu acho que o que ela me fez passar vai me fazer querer transformar a educação ou a compreensão sobre as outras pessoas. Porque eu vejo quão ruim é! Então se eu vejo como uma situação ruim eu vou querer entender como as outras pessoas passam por essa dificuldade também, isso vai mudar bastante. E questão do mercado de trabalho não tenho expectativa de que a escola vai me preparar para o mercado de trabalho realmente é o mercado de trabalho que vai me preparar para o próprio mercado de trabalho! O que está errado! Agora enquanto indivíduo eu penso que a escola atualmente só pode piorar a sua

formação, ela não tem nenhuma contribuição positiva a mais, o que você tem de informação vai ser o que você aprendeu fora não aqui.

PERGUNTA DEZESSETE: : *ESPAÇO ABERTO PARA O ENTREVISTADO FAZER COLOCAÇÕES QUE ELE ACHE PERTINENTES E QUE PODEM NÃO TER SIDO CONTEMPLADAS DURANTE AS PERGUNTAS.*

- O que eu quero dividir como algo positivo? (O entrevistador esclarece a pergunta para o entrevistado e então ele prossegue) O que eu considero positivo na educação, e que eu acho que ainda tem que evoluir muito, é a questão justamente da zona de convivência além da sala de aula! Eu vejo que o esporte na educação não é valorizado de forma alguma... você pode pegar como análise o fato de fazermos esporte no Brasil apenas como hobby! Não é tratado de forma séria..., se fosse em algum outro país se você jogasse vôlei, handebol, futsal de forma mais séria, você conseguiria ter acesso à uma educação de qualidade e o esporte acaba não sendo algo banal e transforma os indivíduos! Tanto a questão da saúde, questão de formação mental da pessoa..., e aqui no Brasil tem essa falta. Ou se você fosse uma pessoa que gostasse de jogar algum jogo de computador, que já é considerado esporte..., o xadrez, ou até uma roda de conversa, alguma coisa... Isso é o que falta! A gente vê a escola como um ambiente aversivo, você não vai ter motivação para frequentar a escola. E eu vejo como as outras áreas seriam altamente atrativas para as pessoas que querem estudar, mas você não vê isso! Se você quiser essas partes você tem que procurar por fora. O Brasil tem muito disso, se você quer alguma coisa você tem que procurar por si, a escola não vai te ajudar. E... isso é o que realmente me frustra! Porque..., por exemplo se o esporte fosse valorizado no Brasil com certeza eu teria ido para alguma área do esporte, mas como não é valorizado por causa da educação também etc. eu acabei tendo que optar por outra área que eu gosto também, mas não seria a melhor área para mim. E isso é uma coisa que frustra qualquer pessoa porque ela não pode realmente escolher o que quer, ela acaba tendo que escolher por força.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 05

PERGUNTA UM: *O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?*

- Eu acho que seria a formação do estudante! De que é importante para a formação de todo estudante! Formação escolar, formação da cultura, formação do senso crítico do estudante. Eu digo estudante por isso mesmo..., do lado escolar, visando mais o lado mais escolar. Acho que é isso.

PERGUNTA DOIS: *O QUE VOCÊ ACHA QUE É MAIS IMPORTANTE DE ESTAR NESTE PROCESSO DE EDUCAÇÃO? O QUE ELA MAIS ACRESCENTA NO INDIVÍDUO?*

- Do meu olhar..., porque do olhar assim da escola, seria... você visar o lucro, conseguir um emprego, ganhar dinheiro, mas o meu olhar mesmo é você ter a base para

conseguir se construir sozinho., eu acho que essa formação é fundamental para quando você quando chegar lá na faculdade já ser mais responsável... Eu acho que eu IF (Instituto Federal) dá muito isso para a gente, essa responsabilidade! Mas..., na minha visão eu acho que você constrói a família..., tudo influencia nas suas decisões para o futuro... tanto como estudante quanto como trabalhador... É isso!

PERGUNTA TRÊS: *COMO VOCÊ ANALISA, COMO VOCÊ AVALIA A QUALIDADE DO ENSINO ESCOLAR EM NOSSO PAÍS?*

- A minha volta? Se é boa se é ruim? (O entrevistador esclarece e a entrevistada prossegue) Depois que eu entrei no IF eu vi realmente o que era educação..., porque a educação para mim não é só estudar matérias, tem toda formação do ser humano, do seu senso crítico..., envolve política, envolve tudo! E eu acho que..., por exemplo quando eu estudei... na escola pública, quando eu mudei aqui para Goiânia; eu percebi que é... necessário ter mais firmeza no estudo! Porque... algumas escolas públicas do estado... o governo não tem... tanta... agilidade! Como é que fala eu não sei! (O entrevistador sugere uma palavra e a entrevistada prossegue) É investimento! Então acaba sendo... oportunizado para gente... menos cultura, menos política, palestra... E eu acho que eu entrando aqui no IF eu tive uma visão muito diferente do que é educação, do que realmente é você ter... tanto o seu pensamento quanto o estudo..., você formar os seus..., pensamentos e seus conceitos seus valores através da educação.

PERGUNTA QUATRO: *VOCÊ SE ACHA UM ESTUDANTE MOTIVADO? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?*

- Eu... acho que eu sou uma pessoa motivada! Eu acho que eu quero ter um futuro! Eu tenho essa referência dos meus pais de... dentro de casa e ver eles trabalhando..., eles estudaram lutaram para ter uma família boa, para estar aqui agora em Goiânia, porque a gente tinha uma condição muito ruim lá onde a gente morava. Então eu sempre tive..., eu vi, eu cresci com os pais que trabalharam, então eu sempre pensei nossa eu quero estudar para ter um futuro..., quero estudar para conseguir fazer a minha família, para ter a minha renda, para os meus pais não terem que me bancar depois... Então eu acho que a minha visão de motivação é essa... e sim eu sou bem motivada! Eu tenho um irmão mais velho (cita o nome do irmão), ele estuda bastante, está quase formado e eu vejo que eu quero isso também... O IF me dá muita motivação também..., muita motivação para querer ser mais do que um estudante! (O entrevistador reforça o aspecto da pergunta sobre o que mais lhe desmotiva. E a entrevistada prossegue) - Ah! Tem... alguns professores..., com certeza tem..., temos de deixar de lado algumas coisas..., por exemplo a relação professor aluno. Às vezes o professor tem doutorado, mestrado, não sei o que! - Mesmo assim acaba deixando a desejar em algumas coisas, e assim você fica desmotivado. Fala: - Nossa aquele professor cobra demais! - Mas mesmo sendo... tem que vir mais do aluno..., aqui no IF a responsabilidade de estudar sozinho..., mas eu acho que algumas coisas me deixam desmotivada sim! Algumas atitudes dos professores daqui.

PERGUNTA CINCO: *VOCÊ ACHA QUE AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA AO INGRESSAR NA ESCOLA FORAM ATENDIDAS?*

- Quando era criança eu esperava mais do ensino médio! Eu falava assim: - Nossa vai me dar uma total visão do que eu vou querer fazer da minha vida... do que eu vou ser..., - Aí cheguei aqui no ensino médio e falei: - Meu Deus! – (muitos risos) ...o que que eu estou fazendo aqui? Nossa! - Aí você chega no primeiro ano e fala assim: - Vou deixar mais para a frente que ainda está cedo! - Aí você chega no segundo (muitos risos) e fala assim: - Meu Deus do céu! Está chegando. – Aí você chega no terceiro e fala: - É... eu tenho que decidir! (Muitos risos) ... o que eu vou fazer da minha vida! - A gente fica preocupado! É uma decisão muito importante na nossa vida! E eu tinha... muitas expectativas já no ensino médio, mas acabaram quebrando..., outras quebraram mais para o lado bom..., de ter que ter uma formação melhor..., e eu saber o que que eu quero, o que eu gosto... politicamente... posicionamento político... é tudo... Está muito difícil. Mas quando eu era mais nova, na escola não pensávamos muito no que a gente queria fazer... Era uma coisa mais de brincadeira... eu estou aprendendo matemática então eu vou fazer conta (risos)...! E a gente aqui pensando nossa, isso pode cair no tema da redação do ENEM (Exame nacional do ensino médio) (muitos risos). (As divagações feitas pelo entrevistador e pela entrevistada neste trecho foram suprimidas por não terem relação direta com o tema da investigação).

PERGUNTA SEIS: *VOCÊ ACHA QUE ESTE PROCESSO DE APRENDIZADO QUE VOCÊ VIVEU DE ALGUMA FORMA TE AJUDA NA SUA PREPARAÇÃO PROFISSIONAL, PARA O MERCADO DE TRABALHO?*

Ah! Eu acho que não ajudou muito não! É uma coisa muito vaga..., porque têm amplas possibilidades profissionais, muitos cursos na faculdade, muitos trabalhos que precisam de formação universitária... Eu acho que não ajuda muito não! Porque são umas matérias muito distantes do que a gente pode ver na faculdade..., eu acho que tinha que ter um trabalho melhor na ajuda do desenvolvimento do pensamento dos alunos... Eu acho que o que mais me ajudou a pensar o que eu quero fazer no meu futuro não foi em si a educação nas aulas, foi mais algo meu! Eu fui descobrindo..., fui sendo influenciada por outras pessoas, meios sociais, mas não... (ficou implícito que não a escola) (Algumas divagações do entrevistador e da entrevistada foram suprimidas desse trecho por não dizerem respeito diretamente ao tema da investigação).

PERGUNTA SETE: *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

- Quando eu morei no Tocantins, eu não tive muita influência por parte dos professores, nem por parte dos meus pais... não, porque era uma escola mais fechada..., particular! Então... eu queria ser veterinária, era o sonho das crianças, nós brincávamos com os cachorrinhos e tal, nossa quero ser veterinária! Mas aí vim para Goiânia, aí eu estudei

numa escola pública. N'yo sei se você conhece (cita o nome do colégio), e aí lá também n'yo tive muita influência de professor, nunca tive um professor que me marcou realmente. Na verdade, eu tive um de física, mas n'yo marcou na matéria, marcou pelas conversas mesmo. Ele se importava muito com que os alunos pensavam da aula, e eu conversava bastante com ele sobre acontecimentos da vida mesmo. Eu acho que eu fui ter uma visão melhor do futuro aqui no IF mesmo, que n'yo tem só aulas, você tem oportunidades de... várias outras atividades. Eu acho que o que me marcou mesmo, que fez ser quem eu sou hoje, foi o IF. Porque meus pais... n'yo me influenciaram, sabe? - Você sabe de você! - Por exemplo eu estudei... fiz o primeiro ano no (cita o nome de uma escola particular), o primeiro ano do ensino médio, mas eu falei assim: - Cara eu n'yo quero estudar em colégio particular! N'yo gostei, n'yo gostei dos professores, achei uma coisa muito... muito maçante, muito robotizada, e falei n'yo quero! - Aí eu vi que meu irmão fez federal, falei assim: - Ah! O que que custa tentar! - Só que a família do meu pai n'yo gostou de eu ter voltado um ano, mas eu falei assim... - N'yo..., meus pais n'yo me influenciaram entendeu? - Eles falaram assim: - N'yo! Você que sabe. Você vai ter mais um ano de conhecimento, você n'yo vai voltar, n'yo vai atrasar a sua vida! Você n'yo precisa preocupar com isso! Mas essa decisão é sua! - Aí eu tomei essa decisão eu acho que foi a melhor decisão que eu tomei... sobre educação na minha vida mesmo!

PERGUNTA OITO: *QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Eu acho que tem os dois lados! Tem a parte que com certeza atrapalha, o exagero, passar tempo demais nas redes sociais, e tem o lado também que contribui, porque é você fica ligado em notícias..., coisas que estão acontecendo agora no momento, porque querendo ou n'yo temos que passar uma fase, “**infelizmente**” (fala esta palavra com uma certa acentuação na voz) (risos), esse ritual do ENEM, dos vestibulares, então eles... pegam muitas coisas da atualidade, então às vezes uma coisinha que você vê na internet pode contribuir... aí você lembra lá no ENEM e fala assim: - Eu posso colocar tal coisa na minha redação! Que é informação importante... - Eu acho... pouca... informação sobre coisas importantes, mas tem muita informação sobre a atualidade. E quem procura acha também! Quem quiser procurar mesmo informação, essas coisas acham! Mas eu acho que comigo mesmo eu tenho muito dividido... muito divididinho o tempo que eu estudo, o tempo que eu mexo as redes sociais, o tempo de... que eu falo assim: - N'yo agora eu vou tirar para pesquisar o que está acontecendo no mundo..., Mas dependendo do aluno, eu acho que influenciaria um pouco no hábito do aluno de estudar, no desejo de perder a... rotina de estudo.

PERGUNTA NOVE: *QUAL O PAPEL VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Eu acho importantíssimo! Porque querendo ou não... é quem está falando as coisas para a gente! Para nós ele está certo... ele é a pessoa que está passando informações, que lá na frente você vai falar assim: - Nossa tem tal informação... como você conseguiu essa informação? Estudando e com o professor falando para você! Então eu acho que a influência do professor é muito grande na formação do aluno, porque estamos com ele o tempo todo! Ele vira parte da sua rotina. É isso! Quem te passa as informações... quem te influencia nos seus estudos... além da família..., também tem a parte dos professores, que estão sempre lá!

PERGUNTA DEZ: QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE SÃO IMPORTANTES PARA UM BOM PROFESSOR?

- Eu acho que um professor interessado! Na matéria, em dar aula. Porque... Eu vou falar aqui em uma maneira mais informal: - É um saco você ir para a aula e o professor estar lá jogando uma matéria maçante assim... que você vê na cara dele que ele não está com a mínima vontade de estar lá. Mais do que o aluno de acordar cedo! E ainda tem aqueles que falam assim: - Ah! Mas a gente está pagando o salário dele! - Não..., pelo amor de Deus! Não tem nada a ver. Mas enfim... eu acho que o professor tem de ser mais aberto, estar disposto a escutar o que o aluno tem para falar. Às vezes têm professores muito fechados que só chegam perto da aula e falam assim: - Não quero escutar a sua opinião! Não vou mudar meu método! - Acho que dependendo da matéria tem de ser uma coisa mais descontraída. Eu não gosto de professor palhaço (risos) exagerado, que exagera assim nas gracinhas, para a aula e aí perde o foco, tem gente que não presta atenção... Aqui no IF não tem nada disso; se você quer conversar você sai da sala! Então é uma coisa mais assim de boa. Acho que é isso.

PERGUNTA ONZE: O QUE MAIS TE AGRADA E O QUE MAIS TE DESAGRADA NA FORMA DO PROFESSOR TRATAR O ALUNO?

- O que me incomoda é professor querer saber demais, entendeu! Você não dá intimidade para uma pessoa que está lá te ensinando! Te ajudando a criar uma informação própria. Então já acho que professor tem que ser mais... mais... como se diz? Não conservador..., (O entrevistador sugere uma palavra e a entrevistada prossegue) é... manter um limite, exatamente isso... acho que essa é a frase, manter um limite maior. Mas também demonstraram interesse e preocupação se o aluno está querendo... mesmo saber a matéria! Chegar e falar assim: - Olha, você está entendendo? Você precisa de alguma coisa? É um suporte, tem que ter um suporte, mas tem que ter um limite. Mas eu acho que é isso!

PERGUNTA DOZE: VOCÊ ACHA QUE OS PROFESSORES CONSEGUEM ENTENDER AS PARTICULARIDADES DOS SEUS ALUNOS E A PARTIR DISSO AJUDÁ-LOS A EVOLUIR?

- Ah! Eu tive muitos professores... “bons”, digamos assim! Neste sentido da palavra bom... Que... sempre tiveram limite nesta relação entre aluno e professor, mas também eram muito preocupados com o desempenho do aluno. Então eu não tive professor

que... realmente não estava nem aí para o aluno! (Risos). Eu sempre tive professores que preocupavam e que falavam assim: - Está entendendo? (O entrevistador faz um reforço da pergunta: - então que em linhas gerais você teve professores que conseguiram ajudar os alunos nas suas particularidades? E a Entrevistada responde) Sim!

PERGUNTA TREZE *QUE TIPO DE MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO, OU DIGAMOS DE METODOLOGIA VOCÊ ACHA QUE TE AJUDA A APRENDER MELHOR?*

- É o interesse do professor! Por incrível que pareça eu gosto da matéria quando eu vejo que o professor gosta de falar da matéria. Porque por exemplo, tem matéria assim que a gente vê... geografia fica assim... – Hum...! - O professor está falando... coisas que você acha que não tem nenhum interesse... ele não trouxe uma didática, não trouxe para falar... Eu acho que minha influência..., voltando lá naquela outra questão... o que me influenciou também para querer cursar psicologia, foi ter aula... no segundo ano, aulas de sociologia, nós vemos muito a mente do ser humano! Sociologia é o estudo do ser humano na sociedade. Mas acho o que é o jeito que a professora falava da matéria, do gosto com que ela falava..., te dava vontade de aprender! Uma matéria que eu nunca gostei... física! Eu tive um professor de física perfeito! Que falava da matéria assim como se fosse a coisa mais linda do mundo! Eu tentava entender por causa dele (risos) eu falei é assim: - Eu tenho que entender essa matéria! Ela é muito bonita. (Risos). Então eu acho que o que mais motiva... a querer mesmo aprender... é uma relação educada com o professor..., e a motivação do próprio professor em querer dar aula! É isso daí (risos). (O entrevistador reforça a pergunta para permitir que a entrevistada acrescente alguma coisa a mais que ela julgue importante. E a entrevistada prossegue) eu acho que adequar a tecnologia do que vivemos hoje! Porque querendo ou não a gente tem várias tecnologias para... adequação ao momento que o aluno vive! O que é hoje a gente está em dois mil e dezenove, o aluno vive na internet! Assim... infelizmente tem porcentagem da população que não tem acesso à internet, televisão, mas o governo da conta de bancar isso! Digamos assim. Dá conta de... de... realizar uma didática melhor; data show..., com a internet e filmes..., que podem abordar o assunto importante... em relação à matéria... alguma matéria. Eu acho que isso poderia ser algo a mais para ter uma relação melhor entre professor e aluno, porque você passa muito tempo da sua vida sentado numa cadeira. Escutando o professor! Então ajudaria na adequação à atualidade..., adequar a atualidade.

PERGUNTA CATORZE: *COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Eu acho que com certeza influencia! A gente tem muitos alunos, muitas pessoas que... se isolam, infelizmente têm... Acabam tendo atitudes mais sérias por causa disso... das relações sociais... então eu acho que o meio social é muito importante! Para qualquer pessoa, para qualquer ser humano! Eu acho que o ser humano ele... não foi feito para viver sozinho! Ele depende de outras pessoas, tanto do professor quanto depende também... dos colegas de sala, colegas do colégio! Acho que é muito importante para o aluno manter esse

meio social, essa conversa... com amigos..., sair... (O entrevistador questiona se esta relação entre os pares ajuda ou atrapalha no processo de ensino aprendizagem e entrevistada prossegue) Acho muito relativo, depende assim da turma, depende das pessoas. Pode atrapalhar, porque às vezes têm pessoas que aprendem melhor sozinhos..., e têm pessoas que se desenvolvem melhor em trabalhos coletivos... Fazem grupos de estudo... e acaba sendo melhor, para alguém, ou pior para outros! Entýo acho que é relativo! (O entrevistador pergunta como esta relação influencia para ela em particular. E a entrevistada prossegue) eu gosto do trabalho coletivo.... psicologia (refere-se ao curso que pretende fazer na universidade)! A gente gosta de conversar. (risos).

PERGUNTA CATORZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?*

- Acho que em primeiro lugar responsabilidade; eu acho que junto com a responsabilidade tem a vontade de estar lá, tem a vontade de querer aprender, a sede de conhecimento. Entýo... eu acho que está dentro da responsabilidade, porque se você é uma pessoa que não está querendo aprender, você não está querendo..., entýo você não tem responsabilidade com seus estudos, você não tem responsabilidade com você mesmo! Entýo eu acho que é importante para o aluno querer aprender! Querer estar lá, querer saber das coisas. Ter conhecimento, porque sem conhecimento você não consegue viver..., para você manter uma conversa, para você ter o seu meio social... Até sem falar em matéria, como você vai chegar no seu colega e falar assim: - Você viu aquela fofoca lá? - Até isso é um conhecimento, querendo ou não, é um conhecimento... que a gente não percebe, mas a gente leu numa rede social..., porque que você não pode ler um livro e comentar sobre ele com o seu colega. Entýo eu acho que o aluno tem que ter mais essa responsabilidade.

PERGUNTA QUINZE: *VOCÊ SE CONSIDERA UMA BOA ALUNA DENTRO DESTES CONTEXTO?*

- Eu acho que tem fases! Acho que... todo adolescente..., criança.... tem fases. Na minha fase de criança eu era uma ótima aluna, eu me sentava para conversar com meus amigos, fazia tarefa, ganhava pontos, (risos) perfeito! (Risos). Uma aluna perfeita, exemplar! (Risos) aí vai mudando... apertando mais, você fala: - Nossa! Você tem que estudar sozinha! Nossa que coisa o professor está dando matéria difícil. - Aí eu acho que começa mais... a responsabilidade, você vai criando essa responsabilidade. Você chega no ensino médio fala: - Nossa! Agora apertou e eu tenho que ser uma boa aluna! – Boa entre aspas! Boa eu acho que no sentido de... estudar sozinha..., (o entrevistador faz uma observação e a entrevistada prossegue) Ainda mais aqui no IF, aqui no IF você querendo ou não comparando com... o particular; você tem um profissional na sua orelha: - Você fez? Você fez a atividade? Por que você não fez a atividade? Você passa quatro horas da sua tarde estudando? Você tem que passar quatro horas da tarde estudando, por que você não fez isso? – Entendeu? Eles ficam em cima, porque seus pais estão pagando! É um dinheiro gasto! (O entrevistador e a entrevistada fazem algumas divagações não pertinentes ao tema que foram suprimidas deste trecho. Em seguida a entrevistada prossegue) - Acho que vai

por fases! O aluno vai percebendo o que precisa para ter um melhor desempenho... Eu acho que a gente chega num momento em que fala assim: - Agora eu tenho que ser autônoma. N'yo depende do professor, n'yo é o professor que vai ter um futuro! O professor já está lá..., ele só está querendo formar mais um aluno, na sociedade. Ent'yo eu acho que vem do aluno mesmo!

PERGUNTA DEZESSEIS: *QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE VOCÊ É HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?*

- Ah! Eu acho que.... influencia! É lógico que influencia. Porque você n'yo nasce sabendo das coisas! Você n'yo nasce já formado com as coisas..., com os seus valores. Porque... é algo que você vai adaptando. Assim... você vai adaptando com as coisas que está acontecendo na vida, na sociedade..., ent'yo ninguém nasce sabendo. É uma coisa assim que n'yo tem dessa. Acho que influencia sim, com certeza, toda a formação do aluno, toda! Tanto que quando criança você aprende que..., infelizmente..., e eu digo infelizmente por que é a minha concepção, que azul é para meninos e rosa para menina. Ent'yo... isso influenciou! Isso influenciou. Eu antes de... pensar criticamente sobre o assunto, para mim era isso: rosa para menina... questionava sim quando criança, porque a criança quer saber das coisas: - Por que que eu tenho que brincar com boneca? Por que que eu n'yo posso brincar com carrinho? - Tem todo um processo cultural..., um padrão, que segue nas escolas infelizmente até hoje, ainda n'yo conseguiram..., muitas mudaram, mas muitas infelizmente ainda continuam com este padrão imposto pelas pessoas. (A entrevistada e o entrevistador fazem algumas divagações que n'yo eram pertinentes ao tema e estas foram suprimidas deste trecho). (O entrevistador reforça o aspecto da pergunta que tenta saber na visão da entrevistada sobre a influência da educação recebida para o seu futuro. Ent'yo a entrevistada prossegue) eu acho que ajuda sim..., por... tudo o que eu falei! Tudo influencia no que você é hoje e no que você vai ser no futuro. Ent'yo todos os processos que você passa... são processos que te marcam, processos que vão provocar um sentimento, vão provocar uma emoção, vão provocar um pensamento..., pode ser crítico, ou um pensamento..., você questiona! Fala assim: - Por que que eu estou fazendo.... por que que eu estou estudando isso? Eu n'yo vou fazer física! Por que eu estou estudando física? Ent'yo tem todo um processo que você passa, e eu acho que todos os processos são fundamentais para que você tenha um futuro! Você passa pela infância, você estuda no jardim, você passa..., pelo ensino fundamental, que também é todo um processo de: - Nossa quando eu chegar na adolescência o que eu vou querer fazer? - Que é ciência? Você tem a matéria de ciências aí você fala: - Nossa eu estou estudando ciências! - Lá na frente é dividido: química, física. São divididas as ciências... Ent'yo... de tecnologia..., Ent'yo você vai pensando em todas as suas formações que vai ter..., e no futuro você vai estar lá na frente que eu acho que hoje você pensa: - Nossa quando eu estava no ensino médio eu estava fazendo tal coisa! Eu estava no ensino médio eu estava pensando o que eu ia fazer no futuro! - E como formação do ser humano eu acho... que é muito doido pensar nessas

coisas..., porque tudo que eu sei hoje é porque eu aprendi com alguém... Tudo que eu sei hoje eu aprendi com alguém, eu aprendi com a internet, aprendi com os meus pais... Meu pai me ensinou muita coisa... da formação do ser humano. Acho que pelo que eu sou hoje..., eu tive muita influência em casa, do meu irmão, do meu pai, em questão de como a gente está vivendo em preconceitos, sempre vivemos..., assim esse preconceito todo, essa ...discriminação... entender também a desigualdade. Assim porque infelizmente tem... o outro lado da moeda..., a gente não sabe..., não sabemos o que que nossos pais passaram...! A gente fala: - Nossa o mundo mudou muito! - Meu pai fala passei fome! Então, eu não passei por isso! Graças a Deus! Não passei por isso, mas você para para pensar....: - Nossa infelizmente tem gente que está passando por isso agora! Entendeu? - E eu não estou passando por isso agora porque meu pai teve uma formação muito importante... Meu pai quis ter... uma família..., ter uma base. E eu acho que eu não quero dar menos orgulho para os meus pais, quero dar muito orgulho para eles falarem assim: - Nossa! - Para os meus filhos falarem assim: - Meu avô e minha avó criaram a minha mãe muito bem! (Risos) (Várias divagações feitas pela entrevistada e pelo entrevistador foram suprimidas deste trecho por não serem pertinentes ao tema ou não diretamente ligadas a ele).

PERGUNTA DEZESSETE: *ESPAÇO ABERTO PARA A ENTREVISTADA FAZER COLOCAÇÕES QUE ELA ACHE PERTINENTES E QUE PODEM NÃO TER SIDO CONTEMPLADAS DURANTE AS PERGUNTAS.*

- Eu acho que a gente não falou sobre o assunto, mas eu acho que seria bom levantar, como o meu pai é educador físico, eu queria falar um pouco da educação física, eu acho..., como o meu pai sempre valorizou muito essa profissão para mim... eu valorizei muito essa profissão..., eu mesma. Porque a gente vê assim..., entramos na escola quando criança e falamos assim: - Educação física é só para a gente brincar! - Mas eu já valorizava desde pequenininha, porque eu via meu pai dando aula, porque a minha mãe também dava aula... fisioterapeuta! Ela também dava aula. Eu ficava assim..., eu ia na aula e aí eu prestava atenção, e eu ficava assim..., não é só um professor lá fazendo divertimento..., ele está desenvolvendo seus... movimentos corporais..., ele está desenvolvendo o conhecimento corporal, ele está desenvolvendo o seu pensamento..., as relações humanas... (O entrevistador faz algumas observações e a entrevistada continua) Nossa eu tive na minha infância oportunidade de brincar na rua..., porque eu morava no interior! E meus pais sempre me influenciaram a fazer isso, porque eu acho que eles queriam que eu tivesse essa experiência. Então eu brincava na rua, ia pra casa de amigos de bicicleta sozinha, então sempre tive essa possibilidade..., quando eu mudei pra Goiânia eu fiquei só na casa, eu não saía eu não brincava na rua... Aí eu acabei vendo isso na escola onde eu estudei..., tipo no ensino fundamental em Goiânia, eu ficava assim: - Nossa os alunos não sabem o que é educação física, o valor do professor, do educador físico. Eles acham que é só uma pessoa paga para promover a diversão. E eu ficava chateada com isso. (O entrevistador faz algumas observações e divagações que foram suprimidas deste trecho) Eu... acho muito... chulo! Vou usar essa palavra! O aluno fala assim: - Ah! Mas eu vou ter prova de educação física? - E aí eu fico assim: - Uai! É uma matéria. - Nossa eu já joguei basquete e eu tenho

que fazer uma prova sobre basquete? – Mas você está aprendendo! Sobre os movimentos. Entýo... eu vi muito isso aqui na cidade grande, falar: - Nýo sei por que que eu faço prova de educaçýo física? - Todo esse processo..., infelizmente tem muito. É muito desvalorizada essa profissýo. (Várias divagações feitas pelo entrevistador e pela entrevistada foram suprimidas neste trecho por nýo serem diretamente pertinentes ao tema).

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 6

PERGUNTA UM: *O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?*

- Educaçýo? Vixe Maria está difícil! Esta pergunta é difícil..., em termos específicos eu nýo sei, mas é aquilo que assim... você vem adquirindo ao longo do tempo, é como se fosse um aprendizado..., cada coisinha é parte da educaçýo... no caso até o jeito quando você sai da sua casa já tem uma educaçýo pré formada, vamos dizer assim. Entýo é aquela coisa que você vai adquirindo ao longo do tempo.

PERGUNTA DOIS: *O QUE VOCÊ ACHA QUE É MAIS IMPORTANTE DE ESTAR NESTE PROCESSO DE EDUCAÇÃO? O QUE ELA MAIS ACRESCENTA NO INDIVÍDUO?*

- Acho que ela é bastante importante, porque... exemplo, você nýo vai estar sempre naquele seu mundinho, você vai aprender coisas novas, você vai sair, você vai ter que lutar pelos seus direitos; quando você estiver no mercado de trabalho. Entýo a educaçýo é essencial, porque senýo você vai ser... você vai ser sempre explorado, é essencial a educaçýo nisso!

PERGUNTA TRÊS: *COMO VOCÊ ANALISA, COMO VOCÊ AVALIA A QUALIDADE DO ENSINO ESCOLAR EM NOSSO PAÍS?*

- Ah! Depende, no caso a escola pública a qualidade nýo é týo boa! Por exemplo, eu vim... de escola municipal, teve épocas em que eu fiquei seis meses sem professor de matemática. Eu entrei aqui, eu passei na prova, porque eu já tinha pelo menos uma base, quando eu era bem menor eu estudei em uma escola particular, aí eu entrei por causa dessa base, mas a qualidade da escola pública hoje em dia do ensino municipal, do estadual nýo é das melhores. E assim..., eu acho as cotas super justas porque..., tem a cota municipal e a universal que é para as escolas particulares. Eu acho isso justo, mas isso nýo ia ser uma soluçýo viável, porque..., eles deveriam pensar num jeito para... todas as escolas serem iguais, para a qualidade da escola pública e particular serem iguais. Você podia repetir a pergunta de novo? (O entrevistador esclarece e entýo o entrevistado prossegue) Eu acho também mais aulas..., a gente fica muito preso..., a gente fica muito preso na sala de aula, quem tem experiência igual aqui no IFG é um bom exemplo porque aqui a gente tem aulas práticas, e você sai... daquele ambiente dessa sala de aula. Eu acho isso muito interessante, porque permite você aprender mais ainda.

PERGUNTA QUATRO: *VOCÊ SE ACHA UM ESTUDANTE MOTIVADO? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?*

- Ah! Ultimamente não. Porque... eu também não sei... um certo desânimo..., porque tem coisa que puxa muito, você fica só dentro da escola, aí você quer fazer outras coisas fora também..., aí tem hora que a escola te suga muito..., aí tem hora que você não fica animado, você desanima! (O entrevistador pergunta ao entrevistado: se essa percepção se refere mais a esta fase atual do ensino médio ou se via isto antes também. E o entrevistado prossegue) ... agora cobra um pouquinho mais..., não sei se é porque eu vim de escola municipal, mas lá não cobrava tanto assim! Aí eu entrei no IFG e no começo eu vi que cobrava mais, tinha que estudar mais, aí cada ano passei a... estudar mais, porque aí teve também a questão de você cumprir horas complementares, o caso do estágio, isso você fica muito sem tempo. Aí fica te sugando muito. (O entrevistador reforça a pergunta se neste contexto da motivação tem alguma coisa que mais o motiva ou mais o desmotiva. E o entrevistado prossegue) ah! O professor! Se o professor tiver aquela dinâmica boa para dar aula isso motiva mais o aluno a querer aprender! Porque aí chega um professor que só escreve no quadro, fala, fala, fala! Só fala, tem hora que você não vai sempre prestar atenção, você vai desanimar da aula dele, tem aula que você não vai querer ir, você se motiva mais quando a pessoa..., quando o professor tem uma dinâmica boa, as aulas dele são diferentes, mais... como é que eu posso dizer...? É... deixe eu lembrar... a palavra certa para dizer isso..., são mais diferenciadas! (O entrevistador sugere uma palavra e o entrevistado prossegue) Interativas... sim!

PERGUNTA CINCO: *VOCÊ ACHA QUE AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA AO INGRESSAR NA ESCOLA FORAM ATENDIDAS?*

- Em qual sentido? (O entrevistador esclarece e o entrevistado prossegue) No geral quando eu vim para o IF, no meu caso, sim, alcançou as minhas expectativas, porque eu vi que o ensino era melhor aqui do que na outra escola que eu estava. Aqui você tem uma certa liberdade... também. Eu gostei dessa liberdade..., você tem que saber usar mais eu gostei dela... Deixa eu ver o que mais..., das aulas práticas que a gente tem também, a gente teve muito; vá lá que a gente não tem muito no quarto ano, mas no primeiro e segundo ano a gente teve muita aula prática. E eu gostei.

PERGUNTA SEIS: *VOCÊ ACHA QUE ESTE PROCESSO DE APRENDIZADO QUE VOCÊ VIVEU DE ALGUMA FORMA TE AJUDA NA SUA PREPARAÇÃO PROFISSIONAL, PARA O MERCADO DE TRABALHO?*

- A... que eu fiz estágio? (O entrevistador esclarece e o entrevistado prossegue) Sim ajudou muito! Sim... eu aprendi muita coisa..., você vai aprendendo, só que o único problema mesmo foi na hora de você procurar! (refere-se ao estágio profissional que é obrigatório para os cursos técnicos) porque o IF não te dá assim um direcionamento, você tem que correr atrás... aí isso gasta muito tempo, você tem de ir de empresa em empresa, eles podiam mais..., dar uma indicação uma ajuda. E no caso também quando você tem

época de prova, isso te suga muito, porque você chega de manhã você vem para o colégio, aí depois do colégio você vai para o estágio, aí depois das cinco você ainda tem de estudar para a prova. Eu acho que tinha de ter uma maior flexibilidade nesse caso. (O entrevistador pergunta se a formação que ele teve fez diferença no comportamento dele no trabalho no estágio. E o entrevistado prossegue)..., sim ajudou, porque você pelo menos sabe como se comportar... no caso, você sabe o que fazer, você aprende a viver no meio..., então ajudou bastante!

PERGUNTA SETE: *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

- Meu pai! Porque meu pai..., antes assim..., ele estudava, só que ele morava numa favela aqui que tinha na vila (cita o nome da vila) aqui em Goiânia, aí ele não gostava muito de estudar, e ele sempre falou, ele sempre andou pelo caminho errado, e assim ele me influenciou para estudar, porque ele sempre falou, me explicou..., que aquele caminho que ele seguia não dava certo..., ele não terminou o ensino médio, ele está com o ensino médio incompleto..., e sempre falou para eu estudar, se eu quisesse ser alguém na vida. Nesse item aí meu pai me influenciou muito! Nesta parte.

PERGUNTA OITO: *QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Até certo ponto atrapalha! No caso..., assim tem hora que eu exagero muito, chega no final de semana só quero saber de mexer no celular, assistir televisão, essas coisas, de mexer no computador. Então isso atrapalha muito, porque eu não uso esses aparelhos eletrônicos, no caso, para estudar! Só que até certo ponto também ajuda, no caso assim de você fazer uma pesquisa você tem mais meios, você tem como ver aulas... você não entendeu a aula, você pega uma vídeo aula no caso, você aprende aquela matéria... Então até certo ponto ajuda, mas você tem que saber usar.

PERGUNTA NOVE: *QUAL O PAPEL VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Eu acho que é um dos principais! Porque no caso se você gostar da matéria, porque assim..., tem que ser entre aspas... bom! Tem que saber..., ter uma dinâmica boa de dar aula. Então ele ajuda muito. Porque se você tem um professor que não dá aula tão bem assim..., você não gosta da dinâmica da didática dele, da dinâmica dele..., você não vai querer ir para aquela aula. Como exemplo aqui no IF, tem muita gente que não vai para aula porque não gosta da aula do professor..., essas coisas. Então eu acho que é muito o professor ser assim..., nesse caso dessa educação.

PERGUNTA DEZ: *O QUE MAIS TE AGRADA E O QUE MAIS TE DESAGRADA NA FORMA DO PROFESSOR TRATAR O ALUNO?*

- Assim! O respeito entre os dois. Eu acho que é muito importante, tanto você ter respeito pelo professor quanto o professor ter respeito por você! Porque aí dá para você manter uma relação boa, você perguntar uma coisa o professor responder..., aí você prestar atenção na aula do professor, eu acho que isso é bem primordial. E... deixa eu ver o que que desagrada..., em relação..., aquele professor que acha que é superior a tudo! Eu já tive professor assim, você chega ele acha que..., aquele jeito dele dar aula está certo, você não sabe nada, você tem que ficar calado. E eu acho que isso atrapalha muito.

PERGUNTA ONZE: *VOCÊ ACHA QUE OS PROFESSORES CONSEGUEM ENTENDER AS PARTICULARIDADES DOS SEUS ALUNOS E A PARTIR DISSO AJUDÁ-LOS A EVOLUIR?*

- Sim! Igual você falou, tem gente que tem mais dificuldade de aprender, tem gente que tem mais facilidade, no caso, ele tem que ter muita atenção nas pessoas que têm mais dificuldade. Se a pessoa aprende fácil... não é que você vai excluí-lo ou deixá-lo de lado, mas você vai dar mais atenção à pessoa que tem dificuldade. Porque você vê a que tem dificuldade, você fala: - A vou dar um reforço..., posso ficar aqui a tarde! – Exemplo o professor ter disponibilidade assim de horário, para tentar ver com você essas dificuldades, tentar explicar com mais detalhe. Eu acho que é importante ele ter esse com aquelas pessoas que têm mais dificuldade. (O entrevistador reforça a pergunta questionando como o entrevistado percebeu isso na sua trajetória. E o entrevistado prossegue) Sim! Um exemplo, eu tive uma professora de química aqui no segundo ano..., foi no segundo ano. Ela marcava um dia para quem tivesse dificuldade ..., e a tarde..., vinha aqui a tarde dar aulas..., assim um reforço.

PERGUNTA DOZE: *: QUE TIPO DE MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO, OU DIGAMOS DE METODOLOGIA VOCÊ ACHA QUE TE AJUDA A APRENDER MELHOR?*

- Eu acho a interação sabe? Acho que uma aula interativa. Enfim... vou dar um exemplo meu, esse ano que eu estou no quarto ano agora, minha professora de espanhol, ela sempre passa uma matéria no começo da aula, ela passa em torno de uma hora de matéria, e ela separa meia hora para parte interativa. Igual... por exemplo..., você aprendeu números em espanhol, aí ela usa uma brincadeira para você aprender... a partir de uma dinâmica. Eu acho isso..., sensacional!

PERGUNTA TREZE: *COMO VOCÊ VÊ A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO? COMO ELA FOI NA SUA EXPERIÊNCIA E COMO VOCÊ ACHA QUE ELA DEVERIA SER?*

- Eu acho que desde o primeiro dia você já chega..., já assim falando o que você quer da turma. Isso assim, pergunta também o que a turma quer dele. Já faz essa pergunta... no primeiro dia de aula mesmo. Faz assim: - O que que vocês querem de mim, como é que

vocês querem que eu dê aula? Vocês querem que o conteúdo seja mais rápido, seja mais lento? Que vocês têm mais dificuldade? E assim também você pede para terem respeito! - Assim, essas coisas.

PERGUNTA CATORZE *COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Eu acho que ajuda muito, porque... pensa, assim... não é sempre que o professor vai ter tempo para ajudar cada pessoa; aí você tem um amigo..., um grupo também da sua sala..., uma pessoa entendeu melhor, pode explicar para outro, isso ajuda muito, essa interação entre os alunos. (O entrevistador tenta aprofundar a pergunta inquirindo se o entrevistado vê algum lado negativo nesta relação. E o entrevistado prossegue) Sim! Igual no caso da minha sala também, acho que no segundo para o terceiro ano, a gente era muito brigado, aí ficava um grupo para lá um para cá..., não se ajudavam. Aí isso atrapalhava muito as pessoas que tinham mais dificuldade, porque tem um grupo que está com dificuldade e eles não interagem, aí eles vão ficar com dificuldade.

PERGUNTA QUINZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?*

- Acho que a educação, o companheirismo, o comprometimento, o respeito... Deixa-me ver... por enquanto eu estou lembrando só disso. (O entrevistador tenta aprofundar a pergunta questionando o que seria para ele características de um bom aluno no que tange a parte acadêmica. E o entrevistado prossegue) eu acho que a organização do tempo! Você ter tempo para se divertir, ter tempo para estudar, ter tempo para mexer nas redes sociais. Porque eu tenho um amigo também da minha sala que só... pensa em estudar, ele está ficando muito mal! De saúde... ficando muito mal, então você tem que separar esse tempo, então ele só está estudando, mas ele não tem tempo para o lazer dele.

PERGUNTA DEZESSEIS: *VOCÊ SE CONSIDERA UM BOM ALUNO DENTRO DESTES CONTEXTO?*

- Hoje em dia? (O entrevistador esclarece o questionamento e o entrevistado prossegue) Eu acho... que quando eu estava no ensino fundamental, eu era um bom aluno, entre aspas, eu prestava atenção nas aulas, não fazia bagunça. Aí eu entrei aqui eu comecei a desandar um pouco... assim no começo, questão de prestar atenção..., de muita liberdade..., não tinha quase nenhuma, aí você meio que... dá uma penada, assim no primeiro, segundo ano..., aí o terceiro e o quarto eu já dei uma melhorada de novo..., já estou prestando mais atenção nas aulas também. Já sei reger também a minha liberdade.

PERGUNTA DEZESSETE *QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE VOCÊ É HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?*

- Depois que eu entrei aqui..., minha mente abriu muito! Porque assim..., eu já tinha o objetivo fechado..., pensava assim: - Eu tenho que decorar isso para fazer uma prova! Aí quando você vê que você tem que aprender mesmo, que você poderia usar isso no seu dia a dia, no mercado de trabalho. Você vê que não tem só esse mundinho seu, você tem também diversas oportunidades, diversos lugares. Você vai abrindo a sua mente mesmo, isso me ajudou muito! Eu era muito mente fechada..., eu pegava aquilo lá... e só ficava em cima daquilo..., e agora eu estou aprendendo a ouvir os outros também! (O entrevistador reforça a pergunta de como ele vê toda esta experiência educativa para o seu futuro. E o entrevistado prossegue) A eu acho que foi..., nossa... foi muito bom porque...eu vou sair daqui praticamente formado profissionalmente, tecnicamente; eu já sei lidar com o mercado de trabalho, igual eu trabalho na AMMA (Agência Municipal de meio ambiente), sei como você deve se comportar e essas coisas..., vão ajudar muito! E... nossa repete para mim de novo (O entrevistador relembra a essência da questão e o entrevistado prossegue) e também teve a questão assim..., minha sala também ajudou muito, assim a sala é brigada, mas agora depois das reuniões com as psicólogas do IF, que ajudou também, a sala ficou mais unida. Aí você vê que você precisa do outro, você aí começa a se ver em sociedade, isso foi o principal mesmo!

PERGUNTA DEZOITO: *ESPAÇO ABERTO PARA O ENTREVISTADO FAZER COLOCAÇÕES QUE ELE ACHE PERTINENTES E QUE PODEM NÃO TER SIDO CONTEMPLADAS DURANTE AS PERGUNTAS.*

- Acho que um caso meu que me influenciou muito. Foi o caso do estágio, porque foi a primeira vez que eu entrei no mercado de trabalho, aí eu vi que você ficava muito, entre aspas “preso”, você tinha que seguir aquele padrão. Aí eu pensei comigo mesmo: - Olha eu vou estudar...! – Porque um exemplo, igual eu vou fazer um concurso público, eu não vou ter muita liberdade, só que eu pelo menos não vou ficar fechado numa empresa mesmo..., se é o lugar de ficar assim de ser desse jeito. Fazer um concurso público, eu quero fazer um concurso público, pelo menos você vai ter um pouco de liberdade. Eu acho que é isso.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 7

PERGUNTA UM: *O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?*

- A educação..., assim, em todo esse tempo que eu vivi..., ela é essencial na vida do ser humano. Ainda mais para nós brasileiros. Então ela é para mim extremamente significativa. A educação..., ela consegue, quando é bem desenvolvida, bem estruturada, a pessoa consegue criar coisas, sair de situações problema de forma mais fácil. Ontem mesmo eu estava conversando com... garotos que estão querendo entrar na instituição, indo do oitavo para o nono ano, e já estão pensando em entrar no instituto federal, e eles sempre me falavam: - Ah! Mas... o ensino fundamental é igual ao ensino médio? - Eu falei para eles: - Não..., não é bem assim que funciona! - A gente começa a entender o mundo e tudo

mais de uma maneira superficial, aí depois aprofunda, e até chegar até mesmo... na universidade. – Posso falar pelo meu curso mesmo..., da importância da disciplina matemática..., que a gente vive na prática, nós depois de um tempo conseguimos assimilar isso na prática. Por exemplo um cálculo: - Mas como que eu construo isso? – Aí quando vamos estudando conseguimos chegar a coisas que a gente viu lá no fundamental..., o básico, aí se torna fácil. E também a educação é uma coisa que... é algo fantástico mesmo quando é bem ensinada, porque... transforma vidas e consegue pensar nas próximas gerações que veem por traz, até mesmo para melhorar ela, como a gente pode melhorar um pouco mais a educação. É... falar para o jovem...: - Olha a educação é uma coisa importante! – Não para pensar só em profissão, mercado de trabalho, mas para nós mesmos como seres humanos.

PERGUNTA DOIS: *O QUE VOCÊ ACHA QUE É MAIS IMPORTANTE DE ESTAR NESTE PROCESSO DE EDUCAÇÃO? O QUE ELA MAIS ACRESCENTA NO INDIVÍDUO?*

- Ah! Ela me trouxe conhecimento..., um pouco de conhecimento do mundo, um pouco de conhecimento do que a gente vive a cada dia. Porque as situações..., até mesmo do próprio cotidiano da sociedade, e a gente estuda isso e acaba sabendo lidar com esses problemas. Posso falar um pouco da minha questão pessoal... eu tive um irmão que ele teve... envolvimento com drogas..., veio a falecer..., e nisso, o povo assim, as pessoas que ficaram sabendo, devem pensar assim: - Nossa, mas, a família não era estruturada não recebia boa educação. – O que eu mais escutei foi isso! Não recebia boa educação. Eu: - Não! Calma, a história não foi bem assim! A educação que nós tivemos foi uma das melhores possíveis. – Mas aí cada um tem a sua escolha, por mais que depois ela seja trágica. Mas até mesmo ele, meu irmão sempre me dizia: - Olha! O que o meu pai está fazendo aqui pela gente é muito importante! – E ele estava falando questão... do ensino..., que ele não pôde concluir! Mas assim, ele sempre falava, por mais que estivesse naquela situação difícil, ele falava: - Olha! Estuda, esforça..., porque você tem..., condições de mudar isso aqui! – Aí eu ficava assim..., poxa, mas eu queria ajudar ele a sair daquele meio! Mas... com a educação é possível sair daquele meio, é possível explicar para outros jovens... que tem outras soluções, há outros caminhos! Acho que nas escolas..., e tudo mais, tinham que ensinar para os jovens, porque..., é uma situação muito difícil, igual a maioria das pessoas... brasileiras..., jovens como eu..., brasileiros... que trabalham e estudam, aí eu já vi casos aqui no Instituto que... trabalham fazem o estágio, que é um estágio que não é remunerado, e ainda tem que trabalhar à noite! Para complementar a renda. E aí..., quando o aluno passa apertado..., e aí de repente você chega na sala de aula as vezes..., muitas vezes o professor pergunta: - Por que você chegou atrasado? – Eu trabalho... assim, assim, assim! – Mas eles não conseguem entender o nosso lado, porque se nós estamos ali é porque queremos aprender, queremos o curso, queremos ir para o mercado de trabalho. Quer até mesmo como um professor mesmo disse: - A gente realiza sonhos em cada área da educação! A gente consegue tocar as pessoas..., assim como um médico consegue fazer uma operação bem sucedida, um engenheiro consegue fazer obras magníficas. – Então a

educaçãõ ela... é algo fantástico que começa desde o fundamental, porque é lá que a gente consegue realmente..., nãõ vou falar..., nãõ quero usar a palavra “moldar” uma criança, mas de uma maneira mais pedagógica ensinar a ela (O entrevistador sugere uma frase e o entrevistado prossegue), isso... dar os primeiros passos, e mostrar que há outros caminhos, há outras soluçõe s e com isso dá para construir algo melhor.

PERGUNTA TRÊS: *VOCÊ SE ACHA UM ESTUDANTE MOTIVADO? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA, OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?*

- Ah! Eu vou falar (risos)... eu me acho sim um estudante muito motivado! Porquê..., mas isso veio com o meu pai, na verdade..., o meu padrasto..., quando ele conheceu minha mãe..., eu tinha em torno de uns três anos de idade..., ele ficava contando que trabalhava em obras..., falava que construía casas, nossa isso para mim, com três anos de idade era... fantástico. Eu já falava eu quero construir..., quero ser... pedreiro e tudo o mais! Aí ele pegava e sempre me motivava, comprava..., tinha um brinquedo chamado... monta castelo, aí ele comprava e eu ficava lá o dia inteiro brincando com aquilo, comprava caminhõ e tudo. Aí eu fui crescendo e pude conhecer um pouco melhor da profissãõ dele, e com isso fez com que eu obtivesse mais interesse ainda..., até mesmo no curso que eu faço de edificaçõe s. E assim..., é como ele falava: - Olha! Realmente..., tenta conhecer a área... – Entãõ quando eu fui fazer o ensino médio aí ele falou: - Olha, tem o Instituto Federal. Tem o curso de técnico em edificaçõe s. Mas assim..., a profissãõ é chata! (risos) – Tem os seus problemas... – Aí ele falou: - Mas antes de você ir lá, pesquisa..., conheça... – Foi o que eu fiz! Aí eu: - É isso aqui mesmo que eu quero fazer. – Entrei aqui..., pensando assim: - Ah! Curso de ensino médio..., vai ser... fácil! (risos) – Aí de repente, chega já no primeiro ano... dei com a cara na porta, matéria técnica... E aí eu cheguei já numa matéria de desenho técnico..., e aí de repente o meu professor falou: - Você quer seguir na área? – Eu falei para ele: Eu quero seguir, eu quero conhecer e tudo mais! – E ele: - Entãõ beleza, vou te ajudar! – No primeiro desenho técnico que ele passa, aí eu entrego para ele e ele me devolve, estava um seis..., valendo dez ele me deu um seis (risos). O desenho em relaçaõ a alguns outros colegas estava bom! Aí eu fui falar com ele: - Professor em relaçaõ à nota..., ficou faltando no desenho! – Ele: - Nãõ! Mas é porque você falou que quer seguir na área. Entãõ eu vou te ajudar a chegar lá. – Aí ele falou: - Olha! O desenho está faltando isso, está faltando aquilo! E tem que completar isso, tem que completar aquilo! – Assim a gente começou realmente estudar aquilo. De alguma forma ele realmente me ajudou..., a seguir na área. E ele passava algumas atividades extras para mim..., e eu ia atrás fazia, mostrava para ele... Até mesmo hoje na parte do estágio, ele virou meu orientador, porque quando surge uma dúvida aí eu vou lá e pergunto para ele, e ele fala onde procurar, onde encontrar uma resposta..., até mesmo sair de um problema! Mas..., realmente tem de ter muita... muita vontade do aluno, tem que sempre correr atrás (risos), ele me ensinou a fazer isso. (O entrevistador reforça a pergunta se há alguma coisa que o motiva mais ou o desmotiva mais. E o entrevistado prossegue) ah! Vou falar um pouco da parte que me desmotiva. Porque até mesmo aqui... no último ano das disciplinas técnicas, tem alguns empecilhos... com professores e tudo mais. Eu nãõ sei, mas eu acho que é falta de uma... pedagogia...,

deles. Porque a maioria deles dá aula para o superior, entyó alguns professores que nós tivemos..., falam: - Olha! Eu nunca trabalhei com o ensino médio, eu só trabalhei com o ensino superior. – E aí ele vai passar algumas coisas... e aí ele pula etapas (risos), e assim falamos: - Professor! Volta! (risos)... como é que a gente chegou até aqui? Como calculamos isso? – E assim..., fica meio..., me parece, com falta de paciência, acaba ficando irritado, aí..., atropela o conteúdo. Aí ele passa trabalho e assim a gente fica meio perdido, desnortado em como resolver. E eu acho que isso desmotiva muito o aluno na questyó de querer aprender, querer continuar na área. O aluno fica muito no escuro, por mais que a gente às vezes tem ali uma..., uma biblioteca muito grande, com várias referências, mas às vezes ntyó tem... o que precisamos pesquisar, e o que ele está querendo ensinar para gente. E aí acaba desmotivando. Uma situaçyó que aconteceu (risos) foi ele chegar..., aconteceu hoje..., e ele tinha passado um trabalho e a gente pegou e ficou em grupo. Ficamos fazendo esse trabalho até tarde, era um trabalho muito grande. As pessoas com quem eu estava fazendo também estyó querendo seguir na área, entyó assim, a gente quer entregar o melhor... entendeu? E aí foi... e a gente entregou o trabalho, aí chegou hoje já tinha que entregar um outro trabalho que ele tinha passado, mas aí ele iria devolver o primeiro trabalho corrigido, já estava todo mundo bem cansado, aí ele falou assim: Ntyó, mas o... tal grupo ntyó entregou o trabalho! – Aí os membros do grupo começam a se olhar: - Como assim a gente ntyó entregou? Viramos noite para fazer isso e ele fala que ntyó entregamos! – Mas isso foi uma falha de anotaçyó dele. Aí depois ficamos discutindo (risos) e quando ele entregou os outros trabalhos ele achou o nosso. Mas nós já estávamos falando: - Ntyó! Eu quero desistir dessa matéria. Essa matéria..., com esse professor está difícil! – Parece que ele ntyó explica direito, parece que está vindo aqui forçadamente para dar aula. As vezes um pouco de vontade do próprio professor, influencia na turma. Posso dizer que a gente teve algumas desavenças com esse professor, tivemos até mesmo que entrar com processo contra ele, para ver se ele dava alguma resposta para turma, porque se a gente chegou no quarto ano, até aqui, poderíamos fazer o ENCCEJA (Exame nacional para a certificaçyó de competências de jovens e adultos) encerrar o ensino médio ali, e se a gente preferiu continuar é porque realmente a gente quer. E ntyó dá para aprender de qualquer maneira, porque... vamos trabalhar com outras pessoas..., com outras pessoas que ntyó entendem desse assunto, porque nos contratam exatamente porque entendemos do assunto. E assim, às vezes, parece que ele vinha meio forçadamente..., a gente teve que entrar com processo, ele ntyó gostou muito! (risos) A coordenaçyó deu uma puxada de orelha. Mas assim ele conseguiu melhorar o nível da aula dele, a turma conseguiu se empenhar mais. Entyó acabou todo mundo gostando. (Algumas divagaçes do entrevistador e do entrevistado foram suprimidas deste trecho por ntyó serem objeto da investigaçyó).

PERGUNTA QUATRO: *VOCÊ ACHA QUE ESTE PROCESSO DE APRENDIZADO QUE VOCÊ VIVEU DE ALGUMA FORMA TE AJUDA NA SUA PREPARAÇÃO PROFISSIONAL, PARA O MERCADO DE TRABALHO?*

- Ah! Realmente de fato influencia..., mas assim... ntyó entendi muito bem! (O entrevistador esclarece e o entrevistado prossegue) Ah! Sim. Eu posso dizer do meu curso,

porque assim, o mercado da construção civil é totalmente dinâmico, eu estava conversando com uns colegas ali agora a pouco, técnico em edificações é igual pombo, consegue entrar ali numa área de controle ambiental, pegar um pouquinho em mineração etc. A gente consegue entrar em qualquer canto, e eu acho isso bom! Porque hoje em dia..., quando você sabe um pouquinho mais... ajuda para você mesmo. Vai ter questões na vida por mais que a gente seja profissional e da própria área, vamos ter de pedir conselhos para outros profissionais, a gente tem que escutar outros profissionais. E nisso pode surgir algumas questões que você pode pensar... por exemplo, você não aceitar tudo que as outras pessoas te falam. Então a educação aqui..., pelo menos no curso de edificações, ela dá uma boa estrutura e também, pelo que eu vivi aqui..., não só com matérias técnicas, mas outras matérias, os professores ensinando a gente a defender o nosso ponto de vista, a argumentar, conversar, e com isso a gente consegue... ir para o mercado de trabalho bem preparado. Tanto é que aqui é referência! Como técnico, como superior: – A pessoa pergunta: - Onde foi sua formação técnica? – Foi lá no instituto federal! – Aí as pessoas já têm um pouco mais de respeito! Porque sabe que aqui é uma escola séria, sabe que aqui tem profissionais sérios, professores conhecidos em... todo estado de Goiás, até mesmo fora dele. (Algumas observações feitas pelo entrevistador foram suprimidas deste trecho) Mas a gente tem nível, como técnico, até para debater com uma pessoa que tem formação de ensino superior. Tanto é que fiquei um pouco chateado esse semestre no instituto, porque tem a matéria de desenho técnico, e essa matéria ela é aberta..., entre o curso de edificações e o curso de engenharia civil, para quem pode dar a monitoria nessa área, e aí o técnico sempre ganhava! (risos) Do povo do superior, e conseguia realmente fazer..., dar uma aula para eles, conseguir conversar no mesmo nível, orientar no mesmo nível, tudo que precisava. Mas esse ano infelizmente eles falaram... eu fui fazer a minha inscrição mas o professor explicou: - Justamente neste ano que você ia tentar, a coordenação falou que... o técnico não pode ensinar o superior. (risos) Ainda mais nessa matéria. – Agora está aberta essa discussão no departamento porque muita gente do técnico e do superior reclama do monitor: - Olha, ele não sabe explicar. As vezes falta isso, falta aquilo. – E isso é legal para você ver como o nosso curso não ficou só preso no que o técnico tem que fazer, mas ele te solta a ponto de você conhecer um pouco mais... por exemplo, de um curso da engenharia civil. (Algumas divagações do entrevistado e do entrevistador foram suprimidas deste trecho).

PERGUNTA CINCO: *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

- Ah! Teve, teve sim! Professores... ainda mais quando eu estava no fundamental. Foi assim... eu estudei em três escolas diferentes no fundamental e neste período eu tinha entrado para uma escola mais elitizada do que as outras duas escolas anteriores..., nas anteriores o aluno tinha que se virar mais por conta própria. O professor ia lá e ensinava, só que o professor desde ali já estávamos aprendendo que é você que tem que correr atrás do professor e tudo mais. E quando eu cheguei nessa escola... eu tive um pouco de dificuldade

de me adaptar ao sistema deles (risos). E aí... era o que eu mais escutava, da própria coordenação, eles falavam: - É normal os alunos que vêm de fora..., para nossa escola aqui..., reprovar! – E nisso a professora de matemática escutou isso: - Poxa! Uma pessoa falando isso para você... para um menino, e ainda falar que é normal! – E ela sempre viu que eu tinha interesse e tudo mais, e ela sempre falava: - Não. Não é normal... Eu vou te ajudar! – Nossa e realmente ela me ajudou, a organizar o horário de estudo, a dividir bem as disciplinas que eu tinha que estudar, conciliar com outras atividades fora da escola. Ela foi uma pessoa fantástica. E teve uma outra professora também de biologia..., ela realmente me colocava lá em cima, eu vivia no pé delas, eles viviam no meu pé, e eles sempre me motivaram. Ela: - Oh! Você vai conseguir..., não vai ser normal reprovar não! Isso aqui não é normal não, você vai conseguir! Você tem potencial. – E elas sempre pegavam no meu pé e a gente ficava à tarde na própria escola estudando, elas mesmo marcavam esse horário comigo, para recuperar ali uma base da matemática, e ela foi bem sucedida (risos), cheguei aqui sabendo coisas de geometria..., uma boa parte da geometria. Eu falei que queria fazer edificações aqui, e ela já tinha essa noção, aí ela: - Então eu vou te ensinar um pouco de desenho. – Quando eu cheguei ali no desenho também e os professores começaram a motivar cada vez mais, mas eu não sei se é porque eu tinha interesse e aí conciliou tudo. Mas assim, tem professores que são fantásticos na vida do aluno, eles conseguem mudar realmente.

PERGUNTA SEIS: *QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Ah! Elas ajudam e às vezes atrapalham. Hoje em dia tem vídeo aulas no Youtube, quando você vai ver uma videoaula e aparece um anúncio em baixo e aparece um vídeo na tela que tira um pouco a sua atenção, tira o foco. Aí você... vou ver só um... e de repente já ficou duas três horas ali, e o que você tinha que fazer realmente passou. Mas a questão da internet já vem muito à tona no jovem. Hoje em dia quando eu quero pesquisar um assunto, eu vou ali na biblioteca pego um livro para saber onde o outro livro está, hoje eu chego ali na biblioteca, olho no computador onde o livro está, ele já me dá a localização. Isso ajuda, mas hoje em dia a gente não precisa mais se deslocar pela biblioteca e pegar o livro para saber... ir lá no índice saber onde que está o assunto... (risos) fuçar mesmo no livro! A internet já te dá isso pronto. Isso é bom, mas também deixa a pessoa um pouco preguiçosa, porque até mesmo ali..., você só vai direto naquele assunto, que você sabe que está falando daquele assunto..., você leu umas três linhas e opa é isso aqui, o aluno já faz um control C, control V, ou copia da internet, mas não está sabendo o que está realmente copiando, não está sabendo o que realmente está aprendendo com aquilo. Então tem esses dois lados, ela ajuda e também atrapalha! A pessoa, ela tem que ter um foco realmente para saber: - Olha eu estou pesquisando isso... eu quero entender o que eu estou pesquisando! – Não é só chegar lá e ler as três primeiras linhas e já joga no papel, não pode ser assim! Você está ali, você está pesquisando aquilo é para você aprender, é porque uma hora você

precisa desse conhecimento. É importante, depois dessa parte, você conversar com outras pessoas. Então pode te dar... um bom parâmetro, mas se você realmente souber o que você está fazendo ali, o que veio pesquisar. Tem uma parte do Google que eu acho que muita gente (risos) não sabe, que é o Google Acadêmico, (risos) lá tem vários artigos, vários materiais que eu vou falar para você, eu fui saber dessa parte do Google quando eu entrei aqui, que eu tive uma professora de sociologia, que tinha passado um trabalho, mas aí na hora que eu joguei..., joguei no Google, não tinha... parece que não tinha muita coisa ali, e ela falou: - Você olhou no Google Acadêmico? – Eu: - O que? (risos) Google o que? – Não! No Google acadêmico! É só você ver..., tem uma parte lá com o que você quer: imagem, todos..., aí tem uma parte lá no finalzinho que é acadêmico, clica lá que vai aparecer várias coisas. – Eu fui lá, na hora que eu cliquei, apareceu assim..., uma tese de doutorado. Aí quando você clica lá..., para ser igual a uma biblioteca, você tem de procurar o que você está querendo e você tem de ler, por que aquilo ali te força um pouco a você entender o conteúdo para saber o que realmente você vai pesquisar e falar sobre. (Algumas divagações do entrevistado e do entrevistador foram suprimidas desse trecho por não ser objeto da investigação).

PERGUNTA SETE *QUAL O PAPEL VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Ali naquele momento é autoridade máxima. Porque é uma pessoa que tem um conhecimento, que está ali porque, acredito, é capacitado para aquilo, assim... ele tem de ser uma figura... realmente muito exemplar dentro da sala de aula. Em questão de falas, seriedade..., vamos falar, não é levar tudo demasiadamente a sério, mas às vezes compreender... o aluno, porque sei que também tem as suas dificuldades, principalmente para professor. Por mais que a gente vive infelizmente muita gente não dá valor. Muitas pessoas, muitos pais acabam empurrando a parte de educar para o professor (risos), e essa não é a parte dele, a parte dele é ensinar, vamos supor, ensinar a ler, ensinar a escrever, de uma maneira pedagógica pelo qual ele estudou para transmitir o conhecimento. E é muito importante isso..., essa figura, o professor ele tem que ser valorizado é ele que forma o médico, é ele que forma o engenheiro é ele que forma outros cargos grandes, é o professor! E essa pessoa, assim a gente como se diz, você está no ônibus você tem que levantar para ele sentar, porque ele está ensinando..., tá ensinando outras gerações, tá ensinando outras pessoas, até mesmo outras pessoas a serem professor, para substituir ele depois.

PERGUNTA OITO: *O QUE MAIS TE AGRADA E O QUE MAIS TE DESAGRADA NA FORMA DO PROFESSOR TRATAR O ALUNO?*

- Quando ele vem com..., até mesmo outra didática, porque às vezes é uma didática que era usada a vinte anos atrás, ela acaba sendo ultrapassada hoje em dia, até mesmo com os avanços tecnológicos e tudo mais, a criação de cada pessoa... dos pais com os filhos mudou. Então essa parte também muda um pouco para o professor. Estou lembrando de professores, mas é porque eles marcaram a minha vida, fizeram a diferença na minha vida! E o professor quando ele traz uma didática diferente, um método de ensinar

diferente, isso anima a turma, isso anima o aluno. N'yo é professor chegar hoje em dia, até mesmo aqui, já n'yo é mais o que eu via no meu fundamental, o professor chegava... e começava a copiar no quadro, você copiava também. Aí ent'yo você faz...: - Oh, você lê esse capítulo que tal e tal e me faz um resumo! – Igual essas maneiras já est'yo sendo mudadas pelos professores, é igual eu te falei: - Leia, pesquise tal assunto, vamos trazer ele na próxima aula, vamos debater o assunto! – Às vezes muitos fazem o seguinte..., pesquisam o assunto e a gente debate, aí explica a matéria. As vezes isso provoca até mesmo o avanço da turma, porque a turma acaba compreendendo melhor o assunto, e às vezes ele só dá um feedback ali, porque todo mundo entendeu, todo mundo compreendeu. As vezes tem também..., porque têm as pessoas que aprendem mais rápido, têm outras pessoas que aprendem mais devagar, o professor que sabe trabalhar com isso hoje em dia, vamos chegar a turma todo mundo no mesmo nível, por mais que tenham alguns que aprendam rápido outros devagar, ent'yo vamos chegar todo mundo no mesmo nível, para todo mundo ficar bem, todo mundo compreender o exercício, compreender o que a matéria está dizendo, compreender tudinho..., e aí o aluno vai ter interesse em estudar, o aluno vai ter interesse mais ainda em buscar o conhecimento, até mesmo em ficar tirando dúvida com o professor. Mas aí chega o professor que... - Copia aí...! Ah! Está na apostila! Ah! Faz isso! Tem que pesquisar no Google! – Tudo bem..., as vezes o aluno tem uma dúvida, tudo bem as vezes ele n'yo vai saber, as vezes ele n'yo vai tirar uma dúvida, isso é normal, isso acontece..., mas quando há uma dúvida e o professor n'yo tem interesse em saná-la isso desmotiva o aluno, o aluno acaba até mesmo falando: - Ah! Eu pergunto para ele e ele n'yo sabe eu vou saber? (risos) – Ele acaba falando isso..., e aí vai desmotivando o aluno. As vezes tem uma coisa ali numa matéria que pode despertar o interesse do aluno, que nunca foi despertado!

PERGUNTA NOVE: *COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Ah! A turma influencia sim no aprendizado! Até mesmo porque nós somos ali uma pequena sociedade, ent'yo se a turma está motivada, você fica motivado, agora se a turma fica dispersa você (risos) acaba também ficando um pouco disperso, acaba levando às vezes para o lado da brincadeira. Acaba até mesmo prejudicando o próprio professor. Às vezes o professor fica falando e a turma fica toda dispersa, as vezes o professor está falando e está todo mundo voando (risos) n'yo está nem aí. E isso influencia, isso atrapalha. Mas assim as turmas que eu participei, que eu estive, a maioria..., sempre tivemos aquela vontade de aprender realmente, pesquisar e ir atrás. E o que eu acho que parte dos professores, porque eles sempre falavam: - Eu passo exercício para uma turma, mas a turma n'yo corresponde, a turma fica... dispersa, mas aí eu passo para tal turma eles animam mais! – Aí o professor comenta na outra turma e aquela fala, - Ele é puxa-saco da outra turma. – Mas n'yo é isso, às vezes é porque a própria turma está motivada para fazer aquilo.

PERGUNTA DEZ: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE SÃO IMPORTANTES PARA UM BOM PROFESSOR?*

- É o que eu estava falando aqui, para um professor, como uma característica fundamental acho, que deveria passar, ou fazer um curso básico..., de pedagogia, porque com isso você vai..., você vai saber lidar com os jovens, ele vai saber transmitir o conhecimento. Lógico que tem professor que nunca fez esse curso e consegue dar uma excelente aula, tudo vai da vontade do professor..., o professor tem que ter uma vontade..., a cada dia..., tem que ter uma vontade de ensinar para sua turma, as vezes pode ter só um aluno ali prestando atenção na sua aula, mas eu acho que se for só esse aluno ele tem que ter um olhar especial para ele, porque ele está prestando atenção, ele está interessado em aprender. E assim: - Professor tive tal dúvida o senhor sabe me explicar? – Não! Não sei! – Mas as vezes até mesmo o próprio professor precisa parar e analisar, poxa essa dúvida eu não soube responder para o aluno..., eu vou atrás tentar responder para ele, as vezes até mesmo porque o aluno se ele tiver realmente o interesse ele vai atrás dessa dúvida para tentar responder. Se o professor chegar e realmente: - A aula passada, você tinha me perguntado isso eu não soube responder, eu pesquisei, conversei com uns colegas e tudo mais. – E aí explica: - Olha a gente chegou nisso, nisso...! – Acaba sendo interessante. Tem algumas partes também o professor que, eu já até falei antes, mudar um pouco a metodologia, chega assim: - Olha, estou tentando, estou passando tal conteúdo ali, mas parece que a turma não está absorvendo bem! Eles estão tentando, mas não estão absorvendo bem. Eu vou tentar mudar um pouco aqui quem sabe a turma consegue absorver bem o conteúdo, consegue compreender. Já vi casos aqui mesmo, igual um professor num bimestre passado, nós falamos com ele: - Olha professor, desse jeito que você está fazendo nós não estamos entendendo direito... Será que tem como a gente mudar, mudar desse jeito, mudar a metodologia...? – Aí o professor: - Tem sim! – Então vamos nos sentar aqui agora vamos tentar chegar a um consenso. - Chegamos a um acordo e na aula seguinte tudo fluiu de uma maneira sensacional! E a turma acabou se empenhando mais pelo professor; e ele era o que a gente colocava: - Nossa ele é um péssimo professor. - (risos). Até mesmo naquela avaliação do Q-acadêmico (Refere-se ao software de controle da vida acadêmica na instituição), a gente: - Eu dei tal nota..., dei uma nota baixa para ele, teve algumas questões. – Mas aí de repente ele melhora, e com isso ele também continua sempre mantendo o nível dele. As vezes pode despertar o interesse maior ainda do professor em querer ensinar.

PERGUNTA ONZE: QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?

- Ah! Questão de respeito, até mesmo em saber conversar com o professor. Igual muitos falam: - Olha! Não sou seu pai, não sou sua mãe! – Mas tem de saber conversar, não é chegar e falar de qualquer jeito. Isso é o que eu mais vejo por aqui. Por mais que o professor as vezes possa estar errado, mas o aluno sempre quer levantar a voz, quer impor, ao invés de tentar explicar: - Olha professor! É porque aconteceu isso, aquilo. – Até mesmo o aluno tem que ter uma paciência com o professor..., o respeito, a paciência, entender o lado do professor, porque o lado dele não é fácil. Eu diria interesse, o aluno tem que ter interesse, uma determinação para ir atrás, por mais que apareçam algumas dificuldades,

você tem que ter uma determinação. Tudo bem, todo mundo tem a sua situação particular, mas como eu já falei, se isso aqui for o seu sonho de aprender, agarre ele e não solte. Igual..., às vezes, ah eu quero aprender isso! A sempre as escolhas, então você larga um e se apega a outro. Essa determinação é essencial para o aluno. Vamos falar da questão do respeito novamente, como trata ele realmente... chama: - Professor! – É um título dele, é a conquista dele, então ele já vai sentir mais realizado: - Eu sou o professor e você é o aluno. Um dia você pode ser o professor. Um dia o aluno se torna o mestre. Têm alunos que chegarão e vão querer falar mais alto, não vão querer compreender o seu lado. Então se a pessoa souber compreender o lado do professor souber conversar, tem tudo para ser um bom..., excelente aluno. Saber conversar e interesse e determinação!

PERGUNTA DOZE *QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE VOCÊ É HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?*

- Nossa..., ela só trouxe coisas boas. A parte boa mesmo eu já disse antes, o povo fala: - Onde você estuda? – Eu estudo no Instituto Federal! – eu falo desse jeito: - Instituto Federal de Goiás. – Às vezes a pessoa fica assim: - A mas o que é isso? – E eu explico o que é a instituição. Quando a pessoa termina: - Nossa que bom cara! Parabéns! Tomara que dê tudo certo..., e tudo mais. – E a gente conversa com outras pessoas jovens, então o próprio nome da instituição traz o respeito de outras pessoas com o aluno. Até mesmo com pessoas mais velhas, eles falam: - Olha, eu estudei lá, meu filho estudou lá. Lá é uma excelente escola..., e tudo mais. – Tem história aqui, meu pai estudou aqui, minha mãe estudou aqui, meu avô fez curso aqui, então basicamente eu sou da família daqui do campus. Então assim, só coisas positivas, chega na parte do mercado de trabalho, a pessoa pergunta: - Qual é sua profissão? – Eu falo com orgulho: - Eu sou técnico em edificações. – Aí ele pensa assim: - Mas você fez o curso onde? – A pessoa pensa assim que foi um SENAI (Serviço nacional da indústria), ou em alguma outra empresa, já chega também desmerecendo a pessoa. Aí eu falo: - Não. Eu tenho a minha formação lá no Instituto Federal; - Aí a pessoa já.. opa..., então já vê assim, você sabe conversar, você sabe resolver diversas situações, você não é preso só num assunto: - Eu só mexo com tal serviço. – Não, a pessoa sabe que você..., por mais que você não faça aquele serviço, mas sabe que você tem outros meios de solucionar aquilo, sabe que você vai querer ir atrás. Porque terminar isso aqui não é fácil não (risos). Igual meu avô falou para mim..., quando eu fui aprovado aqui: - O fácil foi você passar! Agora quero ver você sair de lá. – E realmente eu já estou saindo formado, e assim..., experiência extraordinária, melhor impossível. Eu sinceramente fico com medo de isso aqui mudar..., para pior! Porque isso aqui mudou..., não só minha vida, mudou a vida de todo mundo. Igual a gente vê que é uma instituição que tem laboratórios é uma instituição que tem uma biblioteca ampla, ela oferece muitos recursos para ajudar o aluno. A gente tem esportes, a gente se organiza e um professor... e outros alunos que saíram das aulas de vôlei para gente. – Aqui não, aqui a gente tem profissionais, eu mesmo sai do (cita o nome de um clube da cidade) para vir para o vôlei daqui, que era

melhor; o técnico é melhor, as pessoas são melhores. E com isso dá vontade de você ficar só aqui. - Aqui só falta um dormitório e um refeitório. - Aqui consome um pouco do tempo, mas aqui é uma instituição fantástica, um ensino fantástico, tem profissionais excelentes que você leva para o resto da vida. Têm muitos alunos que saem..., e durante a sua formação universitária ainda mantêm contato com os professores, ainda aprendem com os professores. Eles estão sempre ali ensinando a gente. Qualquer um pode chegar... utilizar a biblioteca, a biblioteca é pública, o que muita gente não sabe. É... então assim, fantástico, uma instituição que tem uma estrutura que muitas particulares não chegam nem perto. Tem aula realmente de informática: - Eu vou ensinar entrar no Google. – Não, aqui é uma aula, eu vou te ensinar desde digitar, até montar planilhas no Excel, fazer um excelente trabalho no Word, te ensinar a fazer uma apresentação no Power Point. Aqui eu fiz pesquisa, eu faço PIBIC (Programa de bolsa de iniciação científica) e essas aulas foram fantásticas, aulas que eu tive para montar o Word, um Power Point. Eu montei um slide, um slide simples, não ficou carregado na informação, você mesmo consegue trabalhar a imagem, e todo mundo gostava da apresentação. Então isso aqui te dá uma excelente base para a vida pessoal e para o mercado de trabalho.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 8

PERGUNTA UM: O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?

- Educação de um modo geral? (O entrevistador esclarece e o entrevistado prossegue) Educar o sujeito... seria... aprendizagem primeiramente..., modo de vida, porque acho que quem não tem educação... não tem um modo de vida organizado e bom, porque a gente pode ver por exemplo, a criminalidade, a maioria... das pessoas que cometem crime não têm uma base na educação.

PERGUNTA DOIS: O QUE VOCÊ ACHA QUE É MAIS IMPORTANTE DE ESTAR NESTE PROCESSO DE EDUCAÇÃO? O QUE ELA MAIS ACRESCENTA NO INDIVÍDUO?

- Por exemplo o que professor? (O entrevistador esclarece e o entrevistado prossegue) de modo geral eu deixei de ser ignorante..., olhando pelo contexto social, deixei de ter alguns preconceitos, passei a entender melhor as vivências das outras pessoas. E de modo geral por exemplo, o que a educação me fez foi me diferenciar da rua, porque a maioria dos meus colegas, hoje estão todos perdidos no crime, essas coisas e eu consegui ter reconhecimento.

PERGUNTA TRÊS: COMO VOCÊ ANALISA, COMO VOCÊ AVALIA A QUALIDADE DO ENSINO ESCOLAR EM NOSSO PAÍS?

- Eu acho num geral..., meio precário. Levando em consideração a estrutura que o governo deveria dar para os alunos. Eu acho que falta muito mais pensar no outro do que

pensar em si mesmo, para poder ajudar, quem realmente precisa; que s̃o o futuro do país, no caso os alunos.

PERGUNTA QUATRO: *VOCÊ SE ACHA UM ESTUDANTE MOTIVADO? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?*

- Particularmente falando, ño! (o entrevistador pergunta o que lhe faz ficar desmotivado. E o entrevistado prossegue) Todo o processo de ensino, de aprendizagem e de avaliaç̃o (um riso contido), todo esse processo é que me desmotiva. (O entrevistador pergunta se tem alguma coisa que mais o desmotiva, ou quem sabe alguma coisa que acaba lhe motivando. E o entrevistado prossegue) por exemplo, os professores s̃o as coisas que mais me motivam e que acabam me desmotivando. Têm professores que s̃o super gente boa e te incentivam a aprender a matéria, te ajudam..., buscam sempre te ajudar; aí já têm professores que..., te deixam largados, entendeu? Eles só passam a matéria e se você tiver alguma dúvida mandam você pesquisar, e ño fazem o papel deles de mestre de professor, entendeu? A maioria com os quais eu tenho convivido no curso, nas matérias técnicas, s̃o assim!

PERGUNTA CINCO: *VOCÊ ACHA QUE AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA AO INGRESSAR NA ESCOLA FORAM ATENDIDAS?*

- Foi uma quebra de expectativa completa! Eu esperava algo totalmente diferente..., esperava algo vamos dizer assim entre aspas, “mágico”! Só que ño aconteceu nada disso. (O entrevistador perguntava o que de mágico ele esperava, e o entrevistado prossegue) Justamente o curso mesmo a quest̃o de aprendizagem essas coisas assim em geral.

PERGUNTA SEIS: *VOCÊ ACHA QUE ESTE PROCESSO DE APRENDIZADO QUE VOCÊ VIVEU DE ALGUMA FORMA TE AJUDA NA SUA PREPARAÇÃO PROFISSIONAL, PARA O MERCADO DE TRABALHO?*

- Ño! Pelo contrário, totalmente precária e muito simplória para te formar como trabalhador. (O entrevistador faz uma observaç̃o e o entrevistado prossegue) Você só vai aprender quando estiver trabalhando mesmo, até para você conseguir um estágio com a base do IFG (Instituto Federal de Goiás) está difícil! Pelo menos na minha área, sabe? De Elétrica.

PERGUNTA SETE: *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

- Para me apoiar? Como assim eu ño entendi. (O entrevistador esclarece e o entrevistado prossegue) nesse caso aí, em casa minha m̃e sempre falou para estudar, ño sei se é isso que você está querendo falar? Ela sempre falou para gente estudar porque sem estudo ño tem como ser alguém na vida, alguém na vida entre aspas, ela sempre focou nesse ponto, ño sei se é essa motivaç̃o que você está querendo dizer? (O entrevistador

pergunta se isso para ele foi uma boa influência e uma motivação. E o entrevistado prossegue) foi, foi uma boa influência. Professores também contribuíram muito, tanto dentro do IF quanto fora. Um professor que eu tenho muito apreço por ele é o (cita o nome do professor) colega do senhor. Ele sempre me ajudou nestas coisas assim..., porque ele acompanha a gente no primeiro e no segundo ano; aí é o ponto x sabe, quando eu entrei... coisas no geral, sempre pegava no pé se eu chegava atrasado etc. Quando eu entrei aqui, tinha a questão da liberdade..., você podia sair da aula na hora que você quisesse, chegar a hora que você quiser, que não é igual a uma escola normal vamos dizer assim. Foi nesse ponto aí que ele me ajudou bastante, puxando a rédea, falando que eu tinha que ir para aula, essas coisas. Pegava no meu pé, mas um pegar no pé bom!

PERGUNTA OITO: *QUAL O PAPEL QUE VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- A figura do professor em geral é a mais importante..., no processo; agora têm certos professores para os quais não podemos dar crédito, eles fazem é desmotivar a gente a estudar. (O entrevistador faz algumas observações e o entrevistado prossegue) são vários professores que são bons, tanto é que não é só um que é ruim, no decorrer são vários. Pesou... é a reclamação geral da turma..., se o senhor chegar lá e fizer uma pesquisa... por exemplo...

PERGUNTA NOVE: *O QUE MAIS TE AGRADA E O QUE MAIS TE DESAGRADA NA FORMA DO PROFESSOR TRATAR O ALUNO?*

- É... a forma de interagir. É como ele busca formas novas de interagir..., dinâmicas. Com dinâmica..., onde todo mundo participa. A aula fica bem melhor, agora se for uma coisa taxativa, chata faz é desmotivar o aluno a ir para aula.

PERGUNTA DEZ: *VOCÊ ACHA QUE OS PROFESSORES CONSEGUEM ENTENDER AS PARTICULARIDADES DOS SEUS ALUNOS E A PARTIR DISSO AJUDÁ-LOS A EVOLUIR?*

- Alguns sim! Alguns vão lá no específico e ajudam. Mas a grande maioria não, a grande maioria só dá aula no geral, que provavelmente aprende na faculdade e não estão nem interessados se o aluno tem dificuldade ou não, se o aluno tem problema..., vão deixando para lá o aluno.

PERGUNTA ONZE: *: QUE TIPO DE MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO, OU DIGAMOS DE METODOLOGIA VOCÊ ACHA QUE TE AJUDA A APRENDER MELHOR?*

- Eu acho que tem que haver um equilíbrio entre os dois! O professor tem que chegar lá e passar matéria no quadro e explicar normal, mas também não tem que ficar só nisso! É bom ele tirar uma aula do mês ou da semana para fazer uma dinâmica para poder interagir melhor com os alunos. Porque acaba que o professor não interage nada com os alunos, ele só fala, fala, fala! A maioria dos alunos acaba tendo dúvida e não perguntando

nada sobre essa matéria. (O entrevistador pergunta se a interação faz com que ele se envolva mais no processo de aprendizagem e o entrevistado prossegue) ajuda, quebra uma barreira que tem entre professor e aluno.

PERGUNTA DOZE: *QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Até um certo ponto ajuda bastante, mas a partir do momento que você começa a usar para o lado particular atrapalha um pouco o lado do ensino. Mas se for de maneira moderada a ajuda bastante. Porque muitas vezes fica usando só para o particular, só desviando do assunto, desviando, desviando e acaba que faz é atrapalhar!

PERGUNTA TREZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE SÃO IMPORTANTES PARA UM BOM PROFESSOR?*

- Característica como qualidade ou...? (O entrevistador esclarece e o entrevistado prossegue) Ah! Esse professor deveria buscar ver mais o ponto de vista dos alunos ao invés de querer empregar o ponto de vista dele..., de aula, do que que é uma aula boa. Muitas vezes o professor acha que a aula dele é boa, mas na verdade é pelo contrário é uma péssima aula, do ponto de vista dos alunos. Que acabam não aprendendo nada e a aula pelo contrário fica só estressante. Provoca o desinteresse dos alunos. Não vou crucificar o professor, há o interesse dele de querer dar aula, só que por essa falta de conhecimento dos dois pontos de vista, acaba ficando muito pesada a aula e desgastante.

PERGUNTA CATORZE: *: COMO VOCÊ VÊ A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO? COMO ELA FOI NA SUA EXPERIÊNCIA E COMO VOCÊ ACHA QUE ELA DEVERIA SER?*

- Como assim professor? Não entendi direito. (O professor esclarece e o aluno prossegue) A entendi. Tem que haver um conhecimento pessoal, de cada um, só que no limite! Não invadindo o pessoal demais do professor e nem invadindo o pessoal demais do aluno. Como você passa a conhecer melhor a pessoa, acaba criando um laço a mais de afinidade que pode um ajudar o outro.

PERGUNTA QUINZE: *COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Só influência positiva. No sentido de ajudar um ao outro, de incentivar, de tirar dúvida, essas coisas. Eu acho que..., uma influência negativa ali, aqui, mas é positiva de um modo geral.

PERGUNTA DEZESSEIS: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?*

- É... o aluno precisa ter bastante interesse, porque se ele for só para ficar perdendo tempo e... matando aula, e fazendo baderna dentro da sala de aula, aí não funciona não. Não adianta você reclamar do professor se você não ajudar a manter uma aula boa. (O entrevistador aproveita o momento da entrevista para perguntar novamente para o entrevistado o que lhe causa interesse na educação, o que o motiva a vir e a permanecer dentro de uma sala de aula. E o entrevistado prossegue) de modo geral o que me atrai bastante é a matéria, o assunto, porque tem certos assuntos que a gente não se dá bem, acaba não motivando, não atraindo a gente. De modo geral seria a atração mesmo pelo assunto que a matéria oferece.

PERGUNTA DEZESSETE: *QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE VOCÊ É HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?*

- É como eu falei anteriormente, trouxe bastante coisas..., me fez abrir os olhos, abrir os olhos a respeito de várias questões, políticas, econômicas, sociais. Não sei se eu posso abordar algo específico, por exemplo, a questão do preconceito LGBT, que é bastante..., como é que chama...? Me fugiu a palavra agora. Preconceituoso, mas eu estou querendo dizer... bastante polêmico, eu antes de entrar no IFG, tinha um certo ponto de vista que mudou totalmente, positivamente, porque eu passei a conhecer melhor... tanto é que um dos professores que eu tenho maior afinidade aqui é homossexual, e eu sou hétero, só que eu passei a conhecê-lo, e ele é uma pessoa super gente boa, um ótimo professor tem um caráter ótimo, e foi isso que me ajudou nesse processo. Além do fato de que a educação social, política, foi bastante..., desenvolvida aqui dentro do IFG. (O entrevistador reforça a questão de como o entrevistado vê a importância da educação para o seu futuro. E o entrevistado prossegue) posso falar como pessoa! Você vai ver a educação como pessoa, pessoal..., se vê como um ser social, vamos dizer assim. Eu vejo que foi ótimo, me mudou vários pontos de vista, me trouxe só conhecimentos bons, agora se for olhar do ponto de vista do trabalho, não me formou em nada. Tem até uma brincadeira, a gente fala..., que o pessoal forma em engenharia e vai virar UBER, e como que vai ser o futuro se você estudou fez uma faculdade de engenharia sendo que você vai virar UBER.

PERGUNTA DEZOITO: *ESPAÇO ABERTO PARA O ENTREVISTADO FAZER COLOCAÇÕES QUE ELE ACHE PERTINENTES E QUE PODEM NÃO TER SIDO CONTEMPLADAS DURANTE AS PERGUNTAS.*

- É a parte do esporte que eu acho bastante importante, que é super precária e super desvalorizada no Brasil. Eu sou atleta, eu sou lutador, não tem nada a ver com o IFG, tem a ver com a educação, mas não com a educação didática, vamos dizer assim, que me trouxe um apoio, uma educação para a vida que a escola mesmo não pode passar, entendeu? Que eu achei bastante importante e que o governo não valoriza, que é a questão do esporte. Para formar pessoas.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 9

PERGUNTA UM: *O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?*

- Acredito que a educação seja uma transmissão de conhecimentos. Educação não é algo que é unilateral, que alguém me transmita algo, mas que os dois estejam em comunicação e ambos... trazendo informações e estejam ensinando o outro.

PERGUNTA DOIS: *O QUE VOCÊ ACHA QUE É MAIS IMPORTANTE DE ESTAR NESTE PROCESSO DE EDUCAÇÃO? O QUE ELA MAIS ACRESCENTA NO INDIVÍDUO?*

- Começando pelo que eu vivi, por ter essa experiência dentro do Instituto Federal, eu vejo, que aqui tem a questão do academicismo, que vai acabar sendo..., as aulas vão ser mais abrangentes então vai acabar tendo essa comunicação que eu disse, aluno professor..., essa via de mão dupla; que o professor transmite, mas que a gente também tem opiniões próprias, a gente também tem um conhecimento. Acaba que aqui dentro do Instituto eu vejo algo mais amplo, porque aqui dentro também tem... meios de eu poder ramificar essa educação, porque vão ter: palestras, vão ter momentos de encontro, vão ter coisas extras que eu possa me sentir mais... próximo do professor ou de um ramo da educação. Mas... eu ainda vejo uma educação de certa forma, no sentido formal, tem o professor, tem os alunos, tem as cadeiras..., as cadeiras em fileiras, tem uma imposição de autoridade, mas não vejo isso como algo ruim, algo negativo. Vejo que tem que existir uma autoridade sim porque senão acaba virando bagunça. Mas aqui dentro eu tenho..., eu sinto que aqui é um pouco mais aberto, em relação ao que seria um conceito de educação que eu vejo. Agora em relação ao país, não sei se tem essa educação mais aberta..., mas pelo o que eu conheço de amigos etc., eu vejo que é algo mais preso, bem mais preso. O professor como posição de autoridade na frente e os alunos enfileirados em cadeiras; o professor fala X a gente não pode questionar que X não é X, e que ele seria uma autoridade máxima inquestionável, que não se pode discutir nada. Eu posso apresentar uma experiência que tive no ensino fundamental..., no nono ano, que é onde eu lembro mais; às vezes a gente não concordava, por exemplo, com algumas regras da escola, mas a gente sempre era o errado, porque nós somos alunos..., e não sabemos nada, e o professor sempre é o certo, mesmo que o professor não seja o mais correto na situação. E em relação ao Brasil..., eu acho que a educação é de certa forma bem precária, e ela acaba tendo esse conceito que eu já citei anteriormente, mas de forma as vezes muito precária, onde o professor não consiga nem mesmo controlar..., por exemplo, escolas públicas o professor não consiga controlar essa situação, e em escolas particulares vai ser essa situação bem regrada, e acaba que eu vejo uma..., desigualdade social muito ampla, nisso tudo, porque o ensino público vai ter..., o ensino estadual, municipal, vai ter uma educação muito precária, muito baixa, enquanto tem uma desigualdade muito grande nas escolas particulares, então isso desencadeia uma série de outros problemas sociais que existem no país.

PERGUNTA TRÊS: *VOCÊ SE ACHA UM ESTUDANTE MOTIVADO? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?*

- Sinceramente eu não me sinto um aluno motivado..., tem uma grade no ensino médio que não vai me preparar para uma vida real, é mais algo que vai ser sempre... um bloquinho de notas que eu tenho que saber o que vai cair na questão do vestibular, não tanto aqui dentro da instituição, mas eu ainda sinto isso aqui dentro, e eu sinto que..., por exemplo, eu tenho uma crítica muito grande à matemática, a matemática do ensino médio ela não tem..., eu vejo que ela não me dá um preparo teórico para viver. Por exemplo, eu vou aprender milhares de regras, vou usar no período de provas e vou esquecer após encerrado aquele período... Se eu não seguir numa área da engenharias, por exemplo, eu não vou ter aplicação real! Eu acharia que seria muito mais útil me ensinarem..., por exemplo, uma culinária, ensinarem educação financeira, ensinarem marcenaria, do que me ensinarem um milhão de aplicações de teorias da matemática que eu não vejo fundamento real! Então esse é um problema muito grande que eu vejo dentro da educação. O que me motiva realmente é quando eu tenho um contato muito próximo com o professor, quando eu me vejo mais próximo do professor; não como autoridade, eu sei que existe, mas quando tem uma proximidade muito maior, eu me sinto mais motivado a ir a aula de um professor que eu tenho..., um carinho, posso dizer um carinho. Quando aí, por exemplo, quando tem uma aula mais interativa, quando eu tenho um debate, quando eu tenho uma construção de..., vou até usar..., quando eu tenho uma visita técnica eu sinto um pouco mais motivado, a buscar, a entender, aquele tipo de situação. Mas quando eu tenho um professor rígido, que não tem contato com a turma, que fica sempre na mesmice da aplicação teórica, sempre ali na frente, escrevendo algo no quadro e a gente atrás..., não me estimula a estudar.

PERGUNTA QUATRO: *VOCÊ ACHA QUE AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA AO INGRESSAR NA ESCOLA FORAM ATENDIDAS?*

- Bem, eu fiz um cursinho para entrar aqui, então eles acabam floreando muito a situação para estimular a gente a entrar. Eu tive uma... eu não me vi com muita expectativa..., por questões minhas mesmo, eu não gosto de colocar muita expectativa para não me sentir frustrado, mas as expectativas que eu coloquei de certa forma..., sim foram atendidas! Aqui dentro da instituição foram atendidas, eu tive uma educação boa, digo uma educação pública boa, e eu pude ter uma experiência real..., uma vivência real dentro da universidade, uma vivência real no mercado de trabalho. Então eu acho que as expectativas que eu coloquei aqui grande parte delas foram atingidas. Eu me sinto de certa forma um pouco preparado para entrar no mercado de trabalho que era esse o intuito do curso técnico. Então eu vim com a expectativa de fazer um técnico, a gente tem aquela ideia de..., você vai sair preparado para o mercado de trabalho, de certa forma eu me sinto sim preparado para o mercado de trabalho. É... acho que as minhas expectativas no geral..., foram atingidas, mas me sinto um pouco lesado nessa questão das matérias de... exatas aqui dentro da instituição, é um ponto que eu critico bastante, as matérias de exatas são bem... mecânicas..., e quando não são mecânicas têm uma série de outras dificuldades com

professores, com transições de professores, mudam..., ficam doentes..., aí a instituição não coloca alguém para substituir, passa seis meses sem aula, aí acaba que na questão das exatas eu me sinto um pouco frustrado. Porque eu achei que seria para uma faculdade de engenharia..., que tem engenharia, física, química, matemática..., a área de exatas ser fraca para o ensino médio é bem incoerente.

PERGUNTA CINCO: : *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

- Eu estudei uma vida inteira numa mesma instituição..., uma escola, eu fiz todo o meu fundamental todo numa escola, e estou fazendo o meu ensino médio todo em outra, então eu tive duas escolas, eu acredito que os professores pelos quais eu passei, por exemplo, no fundamental, que eu ainda tenho até um carinho por eles, eu vejo que eles tiveram uma carga positiva no meu aprendizado..., eu estudei em escola particular, então eu acredito que o estímulo, o contato ali é maior é mais presente. Os meus pais eu não vi, eu sempre fui..., acho que questão minha também, eu sempre fui muito independente, então eu nunca precisei que os meus pais falassem para eu fazer as coisas, eu sempre fiz antes..., Minha mãe sempre falava: - Olha, eu quero tal nota! – Eu falava: - Ok! – Eu ia lá eu tirava tal nota, então eu nunca tive um grande: - Oh, filho você tem que fazer isso...! – Um acompanhamento dos meus pais, porque na verdade eu nunca precisei, de certa forma desse acompanhamento. Meus pais foram um pouco distantes em relação a isso. Dentro da instituição... a instituição em si ela influencia, de certa forma eu tive um molde de um tipo de pensamento, eu saí do fundamental entrei no ensino médio, existiam conceitos que eu não sabia, questões políticas, questões sociais, questões ideológicas, que eu não sabia; eu acredito que a instituição me formou em relação a isso, em questão..., posso dizer, questões políticas, questões ideológicas, questões até mesmo religiosas..., a instituição acaba influenciando. Os professores que eu tive, o meio que eu convivi, as pessoas, então... as palestras, tudo foi uma forma de... moldagem da minha forma de pensamento.

PERGUNTA SEIS: *QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Eu vejo que colabora, mas com..., com uma certa restrição. A internet é muito ampla, então ela pode acabar sendo um ponto de distração. Então acaba que o professor vai passar tal matéria... no computador, acaba que ali se eu não tiver um foco, se eu realmente não quiser fazer, eu tenho a opção de não fazer, então eu vejo que a., as mídias estão crescendo muito rápido, avançando muito rápido, então na escola a gente tem que aprender a mediar esse tipo de situação, a gente não pode introduzir uma educação muito maquinicista rápido assim; porque ou a gente vai surtar, ou vai se perder no conceito, mas eu vejo que esse processo gradual..., um processo gradual de introdução das tecnologias seja necessário sim, mas com... uma certa cautela. (O entrevistador pergunta para o

entrevistado como ele consegue administrar esse controle) dentro da sala de aula eu lido muito mal (risos), realmente igual eu te falei, basicamente a gente tem uma matéria que a gente acaba mexendo muito no computador, e acaba que é realmente mais fácil de eu me distrair, é bem mais fácil, eu vejo como acaba tendo uma distração, se eu não tiver realmente um foco eu não consigo. A porque eu tenho um joguinho ali na internet, eu tenho que fazer uma pesquisa ali, eu abro uma aba, abro outra, quando eu vejo eu estou vendo algo nada a ver! Então é o que eu disse, eu acho que tem que ser algo mais gradual, não vai poder ser introduzido assim as crianças porque elas vão ficar loucas vendo essas coisas de internet. Eu acho...

PERGUNTA SETE: QUAL O PAPEL QUE VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?

- Eu vi a figura do professor como alguém que me ajudou a ter um molde..., um rumo, alguém que pode me instruir, em certas regiões e que eu..., eu absorvi o que me passou, e eu pude criar a minha própria ideia. Mas eu vi como uma figura extremamente importante, alguém realmente importante para a minha figura de aprendiz, aqui dentro da própria instituição. É isso.

PERGUNTA OITO: QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE SÃO IMPORTANTES PARA UM BOM PROFESSOR?

- Eu vejo algo como um carisma, não sei se isso pode ser uma característica, uma pessoa carismática, porque não tem jeito de você trabalhar com comunicação..., então você tem que transmitir uma certa confiança, um certo carisma. Eu acho que a questão da confiança que você tem no professor é muito grande, a gente vê o professor como uma questão de autoridade então eu **confio** (fala esta palavra com ênfase) no professor, eu tenho que confiar que ele vai fazer aquilo correto, eu tenho que confiar que o que ele está me passando é correto, é o certo. Então como uma figura de confiança, uma figura de respeito. Eu vejo como uma autoridade, mas eu queria que ele fosse, eu gostaria que um professor que fosse considerado bom ele tem que saber impor os limites dentro de uma sala de aula, porque está lidando com várias pessoas, e ele saber expressar a opinião dele, mas mostrar que existe outras ramificações, porque as vezes o professor só expressa um tipo de opinião e não mostra que a gente tem outras opiniões e acaba que a nossa mente é muito moldável, então a gente fica: - Nossa! Será que existe só isso? – Então, ser abrangente em todas as situações, mas é inevitável ele vai transmitir a opinião dele, não é algo que interfira. E... conseguir cativar..., conseguir... ter meu foco, de certa forma, conseguir interagir, conseguir transmitir de um modo que a turma inteira consiga ficar focada, consiga ficar por exemplo em silêncio, consiga ver que aquilo lá possa ter uma aplicação real no meu cotidiano. As vezes..., se eu estou aprendendo algo que eu sei que eu nunca vou utilizar, não tenho uma inspiração para prestar atenção, porque eu nunca vou utilizar, então eu vou simplesmente decorar para aquele momento, depois eu vou esquecer, então ele tem que me mostrar que aquilo tem sentido real com a vida, porque senão não tem sentido eu aprender aquilo, porque eu estou passando pelo ensino médio, sendo que eu não vou usar. Por que que eu

estou ainda aprendendo isso se eu nunca vou usar? (pausa) Mas eu acho que é mais o menos isso! Esse tipo de transmissão.

PERGUNTA NOVE: O QUE MAIS TE AGRADA E O QUE MAIS TE DESAGRADA NA FORMA DO PROFESSOR TRATAR O ALUNO?

- No professor ou no método? As vezes quando o professor demonstra soberba, por exemplo, de que ele é a autoridade máxima e de que ele é incontestável..., de que só a opinião dele importa, tudo que ele faça é o certo e a gente não sabe de nada. Já tive professores assim que demonstraram que por ter pós-doutorado em X ... ele era autoridade máxima na situação, ele era um ser intocável, que nem as autoridades da coordenação podiam... nem a coordenação estava acima dele, entendeu? Ele era... ali, mesmo se a gente entrasse com recurso, ele não ia fazer, porque ele queria naquele horário era só aquilo que ele tinha. Então quando um professor demonstra uma situação de soberba, quando ele demonstra..., quando ele não demonstra interesse na turma..., porque a gente consegue ver quando o professor não tem interesse, ou quando ele está..., sei lá, frustrado ou algo assim, a gente consegue..., isso transmite, então a gente vê isso, e isso é algo que desmotiva..., e é bem ruim eu acho... essa situação. Complicado.

PERGUNTA DEZ: QUE TIPO DE MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO, OU DIGAMOS DE METODOLOGIA VOCÊ ACHA QUE TE AJUDA A APRENDER MELHOR?

- O que mais me prende..., é uma aplicação real no cotidiano. Quando eu vejo que tem aplicação real para mim, para a minha vida, para o meu futuro, eu tenho aquilo como algo que eu..., queira aprender! Quando eu vejo: - Ah, então... porque eu vou precisar disso, para eu fazer X coisa no meu dia. - Então eu vejo aquilo como algo importante. E quando... por exemplo você diz da visita..., eu tinha falado da visita técnica, quando a gente tem essa interação com um órgão mais fora, como a gente fica muito preso dentro da sala de aula, a gente passa ali dentro em torno de cinco horas, então quando a gente tem uma visita técnica chega a ser uma euforia, a gente do lado de fora, a gente querendo ter um contato real, com por exemplo, uma barragem, a gente foi numa barragem, uma hidrelétrica, uma... usina de tratamento de água, de esgoto, quando a gente tira da teoria e transmite para prática. Por exemplo na física quando os professores levavam..., sei lá, um brinquedinho, pode ser um pêndulo, ou uma atitude assim, aquilo dali já..., já prendia mais a minha atenção, eu interagia, passava da mesmice, da aplicação do quadro, daquele slide maçante, daquela voz baixa lá na frente, quando sai disso, eu acho que o aluno tem o interesse de aprender, de querer saber o que é, qual que é a aplicação que eu vou ter, como aquilo vai me favorecer, mas quando fica só na mesmice a gente tende a ficar tedioso, tende a ficar frustrado, eu fico frustrado... com esse tipo de situação. Quando fica só aí nessa situação... eu vejo que não está sendo proveitoso, que eu estou desperdiçando o meu tempo naquele tipo situação que eu não vou ter aplicação, eu vejo que eu estou sendo desperdiçado.

PERGUNTA ONZE: COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?

- É... voltando para o fundamental, eu caminhei com a mesma turma, dez onze anos. Então ali eu formei um vínculo muito forte, então eu vejo..., eu vi e vejo ainda as pessoas como influência. Como seres sociais as pessoas que estão junto da gente nos moldam, caráter etc., e opiniões, então eu vejo essa interação com a turma, algo importante na minha formação como pessoa. Agora mais no ensino médio a gente acaba ficando um pouco mais restrito, no fundamental é tudo bonito, mas no médio a gente acaba ficando um pouco mais seletivo em relação a isso, e as pessoas acabam divergindo bastante, com opiniões diversas. Então no ensino médio eu fui um pouco mais seletivo em relação ao grupo com quem eu andava. Meu primeiro e segundo anos, eu era..., bem mais fechado, minha sala em si era bem mais fechada no grupo, eram vários grupinhos que não se bicavam muito bem, a gente foi mudar essa interação dois anos depois, mais ou menos no terceiro ano que a gente começou a meio que... sair dos grupos e dar uma movimentada, e eu vi..., eu vejo que a turma, a turma em si, ela influencia. Quando a gente tem uma turma que grande parte dela está desmotivada, a gente fica desmotivado; quando a gente vê que uma turma grande parte dela está motivado, a gente fica motivado... Quando as vezes nosso amigo quer aprender a gente acaba focando, por simplesmente não querer atrapalhar o amigo, então a gente acaba aprendendo, querendo ou não, esse tipo de situação. Nós levamos em consideração a opinião do próximo, e a opinião de quem está mais próximo ainda, próximo a gente, com aqueles que temos uma relação mais próxima, então acabamos querendo aprender porque meu amigo gosta da matéria, então eu vou prestar atenção em respeito a ele gostar, eu vou aprender de certa forma, e eu quero conversar depois com ele sobre aquele assunto, então eu acabo querendo saber também sobre isso.

PERGUNTA DOZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?*

- Eu acho que interagir bem com a turma. Eu acho que a gente tem que interagir bem com quem a gente convive cinco horas por dia. Uma pessoa que tenta..., se esforça para fazer..., porque eu já vivi... levo muito as coisas com a barriga, então a gente tem que se esforçar para conseguir realmente aprender. Alguém que minimamente tenta focar, porque... olhando para mim, eu tento as vezes focar na situação, então alguém que tem foco, alguém que consiga... fazer ligações entre uma situação ou outra..., fazer uma aplicação daquela situação no sentido real do curso. Eu acho que um aluno que consegue fazer essa transição da aplicação..., da teoria para aplicação real, porque ele focou, porque ele estudou, porque ele levou a sério a situação, e levar a sério o ensino, o aprendizado. Então eu acho que quando você tem essa combinação de atitudes se torna um aluno bom nos estudos.

PERGUNTA TREZE: *: QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE VOCÊ É HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?*

- Engraçado porque o IF de certa forma ele é bem desgastante, mas às vezes eu converso e eu falo que... eu não teria feito nada diferente do que eu já fiz aqui dentro, eu só teria estudado mais, teria feito... mais coisas aqui dentro da instituição. Então eu me vejo numa situação de privilégio realmente de poder desfrutar desse meio. De certa forma eu vejo que aqui dentro eu pude desfrutar de situações que eu não teria em nenhuma outra instituição, nenhuma outra instituição de qualidade técnica, nenhuma outra instituição de qualidade de ensino médio, eu não teria o que eu tive aqui, o tipo de ensino que eu tive aqui, o auxílio que eu tive aqui, a instrução e o conhecimento que foi me passado. É engraçado que aqui falamos que não fomos preparados para um vestibular, nós tivemos um preparo mais para a vida, mais para o mercado, mais para saber como conviver com pessoas, mais para saber como que funciona as situações corriqueiras de uma vida adulta, então eu me vejo uma pessoa que nessa caminhada, de quando entrei no meu primeiro ano, aluno vindo de escola particular, nunca tinha andado de ônibus, nunca tinha tido uma vivência real da situação, e aqui eu tive a independência que eu tive, eu tive que me encontrar no meio dessa situação, eu tive que aprender a lidar com essa independência porque foi algo muito repentino, mas eu me vejo muito mais maduro, muito mais capaz do que alguém de uma instituição particular..., que passou ensino médio inteiro numa instituição particular. Não é sendo egocêntrico nem nada, mas eu me vejo muito mais capaz do que alguém que não teve essa experiência de viver nesse ensino. (O entrevistador reforça a pergunta de como o entrevistado vê a importância dessa formação obtida para o seu futuro) Usando a base técnica em quesitos ambientais, eu não me vejo fazendo algo que eu não consiga envolver o ambientalismo, a questão ambiental, porque foi o que a que eu estudei durante os quatro anos. Então qualquer situação que eu acabo me projetando no futuro, eu me vejo atuando em áreas que eu tenha..., que eu promova um bem estar social, que foi o que eu aprendi aqui, eu aprendi a ver as diferenças, a ver que existem pessoas de N formas. Então eu tive..., eu sei que daqui para frente eu vou ser de certa forma uma pessoa melhor, entre aspas que não julgue, ou que julgue menos, ou que tenta compreender, que tenta ver... não sendo ou A ou B, mas que veja que tem muitas outras formas de ver aquela situação. Então acabamos tendo uma mente mais abrangente a qualquer tipo de assunto. E na questão ambiental..., eu tenho essa carga ambiental muito grande, então eu... me vejo como um “influencer” ambiental para o meio em que eu vou estar inserido, para o meio acadêmico em que eu vou estar inserido, não importa a área que eu seguir, e para o meio social, por exemplo, família e amigos... Eu vejo como uma influência real no ambientalismo, de certa forma.

PERGUNTA CATORZE: *ESPAÇO ABERTO PARA O ENTREVISTADO FAZER COLOCAÇÕES QUE ELE ACHE PERTINENTES E QUE PODEM NÃO TER SIDO CONTEMPLADAS DURANTE AS PERGUNTAS.*

- Eu acho que as críticas que eu fiz a área de exatas e o que a gente estuda, e a aplicação real dos conhecimentos são as questões que mais me incomodaram nos quatro anos do ensino médio. Eu não vejo uma aplicação real para as exatas que eu estudo. Podiam me colocar uma física muito mais..., muito mais prática, sei lá, para eu poder saber trocar

um chuveiro, do que eu saber calcular que a sentidos elétricos é X e que na verdade o grau é outro, isso não tem aplicação real. A aplicação da matemática eu estou decorando fórmula, a aplicação da química eu estou decorando fórmula para aplicação química que eu nunca vi, eu só vejo na teoria eu só escuto falar, eu nunca vi uma reação química exotérmica, mas eu só ouço falar que isso provoca reação química exotérmica que vai ter um molde etc., etc. Uma tecla que eu bato a muito tempo dentro do ensino médio é essa aplicação de ser muito... muito..., muita fórmula, muito cálculo, muita decoração e muito pouco aplicação real dentro da própria carga horária do ensino médio. Eu vejo que no ensino médio não estamos tendo um preparo real. Somente aquele “geralção” para a gente viver, eu não tenho esse geralção, eu tive aqui mais..., pela questão técnica do aprendizado, mas se eu estivesse numa particular eu não teria essa vivência, então eu não me sentiria preparado, o ensino médio seria para preparar a gente para as várias áreas e eu não me sinto preparado para as várias áreas, porque eu simplesmente decorei muitas fórmulas, e decorei uma forma de fazer uma redação e decorei uma forma de fazer um texto, mas eu não aprendi de certa forma só decorei, foi muito maquinicista. Minha crítica é essa.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 10

PERGUNTA UM: O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?

- Eu acredito que educação é uma maneira de formar o cidadão para que ele consiga conviver em sociedade. É... domesticando-o de certa forma, e também trazendo ele a novas áreas que ele não teria se não fosse a escola, a educação. E de repente despertar interesses..., artísticos ou de esporte, essas coisas. Esse é o meu conceito de educação.

PERGUNTA DOIS: O QUE VOCÊ ACHA QUE É MAIS IMPORTANTE DE ESTAR NESTE PROCESSO DE EDUCAÇÃO? O QUE ELA MAIS ACRESCENTA NO INDIVÍDUO?

- Bem... eu tenho uma experiência diferente com a educação, porque a minha mãe é professora, desde pequeno eu convivi com professores, escola..., e para mim a educação... Pode repetir a pergunta? (O entrevistador explica a questão e o entrevistado prossegue) a educação é... domesticar o aluno, de certa forma para conviver em sociedade, e para trazer conhecimento ao estudante. Para trazer algo de fora que ele não teria sem ser da educação.... E incentivar o crescimento da ciência, incentivar a inovação.

PERGUNTA TRÊS: COMO VOCÊ ANALISA, COMO VOCÊ AVALIA A QUALIDADE DO ENSINO ESCOLAR EM NOSSO PAÍS?

- Bem! Eu vejo a educação no Brasil hoje bem precária. De certa forma por causa dos professores..., muitos não têm muito empenho nas aulas..., ou na profissão; por ter um salário baixo..., por terem pouco incentivo. Nós vemos muito isso, vemos muitos professores que não têm interesse em dar a aula, ou apenas não por obrigação, que é o meu caso, que eu vejo muitos professores da minha grade, apenas estar ali na sala falando! Ele

não está passando matéria de verdade. E no Brasil..., eu vejo que a educação falta muito a parte prática principalmente. Eu já participei de uma palestra onde foi falado, foi discutido à respeito disso, que as crianças não sabem que o que está no livro é de verdade, tem gente que acha que o que está no livro é ficção, que não tem aquela parte prática, não tem experiência prática. E é isto.

PERGUNTA QUATRO: *VOCÊ SE ACHA UM ESTUDANTE MOTIVADO? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?*

- Já fui um estudante motivado. Eu fui um aluno muito promissor..., com muito talento e também que poderia ter muito crescimento relativamente, porém com o tempo, enquanto o sistema ia rodando, eu ia me desmotivando, e também criando um pouco de raiva do sistema da educação; de notas..., de avaliação do estudante, isso acabou me deprimindo muito, e eu acabei perdendo um pouco do potencial que eu tinha. Eu era pequeno... eu achei engraçado, porque..., eu tirava dez em tudo, eu parei de fazer as tarefas, porque eu tirava dez nas provas e passava..., eu sempre ganhei prêmios..., lá onde eu estudava eu ganhei um monte de prêmios..., toda prova que eu fazia eu ganhava prêmios..., só que teve uma hora que eu cansei! Talvez você goste do que eu vou falar agora, que pje o ensino médio..., muito grande, e algumas matérias você é obrigado a estudar, não só por nota, mas para você ter um futuro! Eles botam na sua cabeça que você tem que saber aquela teoria, tem que saber aquele conteúdo senão você não vai ter futuro. E que você vai ter que estudar horas e horas para responder uma questão no vestibular, uma questão..., e se você não responder essa questão, não estudar essa matéria... você vai se ferrar o resto da vida.

PERGUNTA CINCO: *VOCÊ ACHA QUE AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA AO INGRESSAR NA ESCOLA FORAM ATENDIDAS?*

- Eu acho que eu me frustrei bastante, antigamente no começo, porque a escola para mim sempre foi algo mais social... onde eu tenho amizades e posso desenvolver as habilidades sociais. No começo eu não tinha amigos..., os professores e coordenadores também eram um pé no saco, eu não conseguia ter um desenvolvimento bom socialmente; mesmo tendo notas boas eu não conseguia mentalizar eu não conseguia me sentir confortável, porém com o tempo eu fui mudando de colégio, fui mudando as experiências e acabei encontrando esse meio social que eu queria. E eu também me sinto um pouco frustrado com a instituição, essa que eu estou, porque eu esperava bem mais dela, e de alguns professores dela, e do que ela oferece.

PERGUNTA SEIS: *VOCÊ ACHA QUE ESTE PROCESSO DE APRENDIZADO QUE VOCÊ VIVEU DE ALGUMA FORMA TE AJUDA NA SUA PREPARAÇÃO PROFISSIONAL, PARA O MERCADO DE TRABALHO?*

- Eu acredito que sim..., logicamente..., porque é profissionalizante, é o objetivo da instituição em si! Porém eu acredito que seja menos que muitas instituições, inclusive menos que muitos colégios particulares, muitos colégios com foco no vestibular apenas, porque aqui existe também muita formação do cidadão em si, visa o crescimento como

pessoa, mas esse crescimento como pessoa também conta como crescimento profissional, por conferir mais maturidade para alcançar suas metas , para passar por seus desafios, você vai ser um profissional bem melhor... qualificado. Mas sim...., principalmente nos últimos anos onde o foco é totalmente para a sua profissão, para você ser um profissional.

PERGUNTA SETE: *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

- Sim! Eu tive professores muito marcantes na minha vida, eu tive um pouco de ausência dos meus pais, por questão de trabalho, mas os professores tiveram um impacto muito grande na minha vida. Os alunos também..., os colegas de classe também tiveram um impacto muito grande... em mim, no meu crescimento como pessoa. Vejo muitos professores como exemplo de vida, têm muitos professores que eu... quero encontrar de novo que eu consideraria como amigo..., tem muitos que eu vou levar para a vida porque eu considero como uma pessoa que fez muita diferença na minha vida. Tiveram muitos profissionais da educação que também encontrei fora da instituição, fora da relação professor aluno, que também tiveram muito impacto na minha vida.

PERGUNTA OITO: *QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Bem! Eu vejo a tecnologia de certa forma ela ajuda, logicamente, com a facilidade que ela traz, porém atrapalha muito também, pela forma que ela é desenvolvida pela mente, porque a tecnologia atual é desenvolvida para viciar as pessoas. Eu tenho muito problema para viciar em coisas tecnológicas, jogos, redes sociais, etc., é bem difícil sair desse vício às vezes, o que atrapalha muito o meu rendimento acadêmico, porém muitos jogos e redes sociais também podem te ajudar no crescimento acadêmico e pessoal. Porém eu acho que a educação e a tecnologia têm que andar juntas, porém não tanto.

PERGUNTA NOVE: *VOCÊ ACHA QUE SUA FAMÍLIA FOI IMPORTANTE NA SUA FORMAÇÃO?*

- Bem! Meus pais são professores, foram professores, e... por muito tempo eu tive experiência com alunos deles, já fiz amizade com alunos deles, professores deles também. Meus pais foram professores de ensino médio, então eu sempre tive muita amizade com os alunos deles, e com os amigos deles..., colegas de trabalho. Então a escola sempre teve muito forte na minha vida.

PERGUNTA DEZ: *QUAL O PAPEL QUE VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Eu vejo o professor como um guia, ele vai te guiar vai te trazer um conhecimento..., ele vai te orientar. Eu vejo o professor..., de um ponto de vista..., tento ver

o professor como o mais próximo de mim, muitas vezes como um colega, mas sempre respeitando a hierarquia, e assim acho que deve ser, o professor perto dos alunos, com um bom relacionamento, muito amigável; porém os alunos têm que ter o respeito pelo professor, e tem que saber que o professor, de certa forma, está acima dele.

PERGUNTA ONZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE SÃO IMPORTANTES PARA UM BOM PROFESSOR?*

- Bem! Esse ano eu estou tendo um professor que eu considero simplesmente..., já tive no primeiro e segundo ano, um professor que eu considere de certa forma perfeito entre aspas; que seria aquele professor amigável, um professor que tem compreensão com os alunos, que tem paciência, que não se exalta em sala, que não tenta mostrar sempre que está acima do aluno, aquele professor que mostra que o aluno pode seguir a área que ele quiser, ele tem um futuro bom, aquele que dá suporte para o aluno, que apoia o aluno. (O entrevistador pergunta se tem alguma característica que mais o desagrada. E o entrevistado prossegue) seria professores que olham... para baixo, que olham o aluno como se não fosse nada, como se não fosse uma pessoa, como se ele não estivesse ali também com uma razão, como se ele não fosse ser nada. Têm muitos professores que já fizeram isso, e eu me senti totalmente desmotivado, eu me senti para baixo, eu fiquei muito triste, e tive problemas também... acadêmicos, por causa disso. (Algumas divagações do entrevistado que não eram diretamente objeto da pesquisa foram suprimidas neste trecho).

PERGUNTA DOZE: *VOCÊ ACHA QUE OS PROFESSORES CONSEGUEM ENTENDER AS PARTICULARIDADES DOS SEUS ALUNOS E A PARTIR DISSO AJUDÁ-LOS A EVOLUIR?*

- Olha, eu já passei por colégios particulares, públicos, conveniados..., eu posso dizer que muitos professores não têm essa capacidade, não têm... essa habilidade, porém muitos outros têm, mas não é cem por cento. Não é sempre que ele vai ajudar o aluno, não é sempre que vai dar certo. Têm muitos alunos também que mesmo o colégio tentando o máximo, não conseguem crescer na vida, crescer como indivíduos. Eu vejo muitos alunos dos meus pais, que meus pais simplesmente tentaram ajudar eles, todo mundo tentou, mas não foi possível. Eu tive colegas, principalmente na área pública, e um pouco na conveniada que... eles simplesmente desistiram da escola, eles não conseguiram..., os professores tentaram ajudá-los, a instituição tentava ao máximo... só que simplesmente não conseguiram; isso se deu mais por problemas familiares, por falta de estrutura de tentar ajudar a pessoa, não é falta de querer é apenas uma falta de possibilidade para isso. É como eu falei, meus pais são professores, eu tive uma vida com a escola, às vezes ficava à noite na escola com a minha mãe, as amigas dela que eu conheço também eram professoras eu era amigo delas..., aí todo mundo era diferente. Eu já estive em escola particular, conveniada, pública e também já estive no Rio de Janeiro em comunidades pobres para ver como é que era..., então eu tenho uma experiência muito grande com educação, em todos os quesitos, e eu sempre percebi isso, essa indiferença, eu acho engraçado. (O entrevistador faz algumas observações sobre o tema e em seguida o entrevistado prossegue) sim! É

ridículo. Tem lugar que você olha a educação, no interior mesmo, eu tenho uma tia que é professora no interior, eu já fui lá ver como é que era, agora eu estive numa escola militar lá, mudou um pouco a educação... por que militar pega realmente um pouco mais no pé, mas... eu não gosto da educação militar, eu não gosto, mas eu aceito que foi bom para a região. Mas você olha como é que era a educação antes e... é triste ver isso, e saber que você está tendo uma experiência boa, você está tendo uma oportunidade e lá não está tendo. Uma coisa que eu estava discutindo com a minha família..., que meu pai falou para mim: - Porque não bota uma instituição federal aqui, para o interior, onde tem um monte de gente querendo ter o ensino médio... um trabalho. O pessoal é perfeito para esse tipo de ensino. Por que não coloca aqui? – É uma cidade pequena, mas todo mundo vai querer, eles querem uma instituição de qualidade, e uma formação profissionalizante. (Algumas divagações do entrevistado e do entrevistador que não eram diretamente objetos da pesquisa foram suprimidas neste trecho).

PERGUNTA TREZE: *QUE TIPO DE MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO, OU DIGAMOS DE METODOLOGIA VOCÊ ACHA QUE TE AJUDA A APRENDER MELHOR?*

- Bem! Eu diria que seria a parte da prática, porque é como eu vejo realmente..., existe aquele conhecimento, é realmente testar aquele conhecimento. Em aulas de física quando eu vejo as experiências é muito gratificante, porque você vê que você não está aprendendo aquilo atoa, que realmente é algo de verdade, não é só uma coisa que está no livro. Também quando eu saio..., eu fui a uma trilha, eu vi as plantas do cerrado, eu realmente vi as plantas do cerrado, peguei nelas, cheguei quase a ver os animais do cerrado, só que eles fugiram, ainda bem! Para eles. E é bom ver essa experiência, ver tudo, ver que você não está aprendendo aquilo lá para nada, ver que realmente é o mundo que você está aprendendo. Uma vez quando eu era criança, eu fui a uma trilha, com a minha mãe, com a sala dela, elas estavam contando, tinha umas crianças que não acreditavam que era de verdade as árvores, porque não iam lá..., não acreditavam.

PERGUNTA CATORZE: *COMO FOI DURANTE A SUA TRAJETÓRIA ESCOLAR, E COMO VOCÊ ACHA QUE DEVERIA SER A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO?*

- Quero botar ênfase na parte amigável, acho que é muito importante ter uma relação amigável entre professor e aluno, porque senão o aluno vai se sentir muito desmotivado, em comparecer as aulas, em botar seu tempo naquela matéria. Eu tenho problema com isso, muita gente tem problemas com isso, é simplesmente muito desmotivador acordar sete horas da manhã para ver um professor marrento... que não tem respeito por você.

PERGUNTA QUINZE: *COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Bem, eu não sei definir se foi positivo ou negativo, porque para mim é positivo, mas dependendo do conceito, pode ser considerado negativo também, não sei! É relativo.

Bem, no ensino fundamental até o oitavo ano eu sofri muito, numa escola particular, pois eu não tinha amigos, era difícil..., uma realidade muito diferente da minha, no sentido de amigos mesquinhos, acostumados a cumprir as coisas, o que eu não era, eu sempre fui um garoto de rua..., gostava de brincar, das coisas, ser animado, isso não era bem eles, eles também se sentiam superiores, e eu me sentia muito mal. Depois eu troquei de colégio, para um colégio conveniado, e nesse colégio eu me senti bem mais confortável, as pessoas realmente eram animadas comigo, não tinha nada de superior, de se achar superior, elas eram receptivas e queriam trazer você para o meio deles, eles não esperavam você provar para eles que você merecia estar com eles, não, eles te chamavam para estar com eles. E no ensino médio eu tive uma experiência excelente, minha turma é simplesmente..., a minha turma já teve os seus problemas, mas é perfeita de certa forma, pois eu me sinto muito confortável com eles... geral, a gente sai..., a gente é amigo fora da instituição também, o que me agrada muito. Não é só vir aqui se cumprimentar e depois ir embora, não... a gente conversa, ajudamos um ao outro. E é muito importante essa relação entre os colegas de sala, pois cada um se ajuda, a crescer, crescer no meio acadêmico, crescer como pessoa, crescer como profissional, isso é muito importante.

PERGUNTA DEZESSEIS: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?*

- Bem! Eu diria que dedicação e tempo, o que muitos não podem ter por causa de coisas que eu não sei... coisas familiares ou algum problema. Por exemplo meu irmão tem crise de TDH se não me falha a memória, só que é um caso bem grave, onde ele é maior que eu com quinze anos, porém a cabeça dele é de nove anos. Ele tem..., ele consegue manter um certo aprendizado em algumas matérias, porque em outras matérias ele falha muito. E... um bom aluno, conceito de nota, seria isso um aluno que não teria uma certa dificuldade, alguém que desde pequeno já tem uma bagagem cultural e acadêmica, e que tem tempo e vontade de se dedicar aquilo.

PERGUNTA DEZESSETE: *VOCÊ SE CONSIDERA UM BOM ALUNO DENTRO DESTES CONTEÚTOS?*

- Bem. Já fui um ótimo aluno, um excelente aluno, em todas as áreas, nunca falhei em nada antigamente, porém com a desmotivação que eu tive, eu saí um pouco disso. Atualmente eu diria que eu sou considerado um péssimo... péssimo não... ruim, porque eu fui chamado pelas pedagogas para conversar com elas, a respeito de faltas e tudo isso, porque eu me sinto desmotivado a vir a escola, não é porque eu não quero aprender, não é porque eu não quero ter futuro, é porque eu me sinto desmotivado, eu não vejo objetivo, eu não vejo razão de vir para a escola, pois o que eu estou aprendendo não... faz sentido para mim, não vai ser útil para mim de verdade, e eu não me sinto à vontade. Não me sinto mais confortável, com as matérias, eu sinto apenas que o curso te joga de lado e está só enchendo linguiça, e eu não sinto vontade de vir a escola mais. (Algumas divagações do entrevistado e do entrevistador que não eram diretamente objetos da pesquisa foram suprimidas neste trecho).

PERGUNTA DEZOITO: : QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE VOCÊ É HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?

- Bem. É lógico que a educação influenciou na minha vida, no meu jeito de ser, nos meus pensamentos, porém este desenvolvimento se deu não apenas com a educação. A influência dela logicamente é enorme, porque é através dela que você tem um conhecimento em si, e dependendo da forma como é entregue esse conhecimento, define-se uma forma de pensar. Eu acho que a educação teve um papel... bom na minha vida, ótimo na verdade, eu por mais que eu tenha tido muitas desmotivações e decepções com ela, eu ainda sinto felicidade nela; quando as vezes eu estudo para mim mesmo, **para mim mesmo** (fala estas palavras com ênfase), eu me sinto muito feliz em adquirir esse conhecimento, quando eu estudo obrigado eu me sinto mal, porque é um conhecimento que não fica comigo, eu não consigo guardar, e eu me sinto apenas na obrigação, como se fosse um castigo, um castigo que me obriga a aprender algo que no momento eu não me sinto confortável aprendendo. (Como você vê a importância da educação para o seu futuro) posso ser sincero? (risos) Eu acho muito importante a educação provavelmente porque vai formar a sua forma de pensar e vai te trazer um raciocínio lógico, racional, vai evitar também que você faça más decisões, como às vezes votar em certos candidatos. Que as pessoas acabam muitas vezes seguindo algumas linhas de pensamento por causa de uma falsa divulgação, isso é algo verídico. É... é isso... me formar como um profissional, como eu vou ser no trabalho, o trabalho que eu vou ter, as relações que eu vou ter, as relações sociais, as relações de trabalho em geral.

PERGUNTA DEZENOVE: ESPAÇO ABERTO PARA O ENTREVISTADO FAZER COLOCAÇÕES QUE ELE ACHE PERTINENTES E QUE PODEM NÃO TER SIDO CONTEMPLADAS DURANTE AS PERGUNTAS.

- Bem. Eu acredito que alguns professores devem saber o papel..., o peso que eles têm na vida de alguns estudantes, porque tem pessoas que marcam de forma tanto positiva, quanto negativa, eles podem acabar desmotivando totalmente o aluno ou influenciando o aluno de uma forma negativa. Eu tive um professor que me fez muito mal, que me desmotivou muito. Eu já vi meus professores, uma vez, brigando... brigando no soco... eu acabei ficando muito assustado. Eu fiquei muito sem saber. Eu vi aquela ação, e como você sabe é normal, você está vendo um profissional, um professor que está ensinando, orientando você. E também essa coisa de você olhar para baixo, como se você não fosse ninguém, como se a formação dele significasse que ele é totalmente superior a você. E tudo que você fizer na vida, mesmo que te faça feliz, você nunca vai ser tão feliz quanto ele, e nunca vai ser tão bem-sucedido como ele, pois o salário dele e a formação dele... é algo que, parece, você nunca vai ter. E muitos olham assim para você e... é muito triste.

PERGUNTA UM: O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?

- Educação? Educação como estudante? É uma parte muito..., importante. Eu fui criado na roça, e a educação lá na roça..., acho que é mais puxado do que na cidade, porque lá na roça a gente tem que trabalhar, mexer com plantas, mexer com todas essas coisas, e já na cidade..., para onde eu mudei com cinco anos, foi diferente conviver aqui; é muito diferente da roça, a educação das pessoas é diferente. Você passa na rua lá na roça você fala: - Oi. Tudo bem boa tarde – aqui na cidade já é diferente, você passa ninguém fala nada, nem te vê.

PERGUNTA DOIS: O QUE VOCÊ ACHA QUE É MAIS IMPORTANTE DE ESTAR NESTE PROCESSO DE EDUCAÇÃO? O QUE ELA MAIS ACRESCENTA NO INDIVÍDUO?

- Nossa! Ajudou muitas partes da minha vida. E... também me ajudou a conviver mais com as pessoas, me ajudou muito a chegar mais perto das pessoas... a educação me ajuda muito. E ajuda muito a entender como é que é a vida. É... só isso mesmo.

PERGUNTA TRÊS: COMO VOCÊ ANALISA, COMO VOCÊ AVALIA A QUALIDADE DO ENSINO ESCOLAR EM NOSSO PAÍS?

- Começando na roça, a escola lá..., a educação é tudo... simples. Então não tem muita escolha. Agora na cidade quando eu mudei, meu sotaque era diferente, aí as pessoas já começavam a rir... , eu não entendi por que eles começavam a rir. Até hoje de vez em quando eu falo umas palavras erradas, isso na roça era muito normal, você falar muitas gírias, aí na cidade eu cheguei falando essas gírias e as pessoas não entendiam, eu tinha que explicar. Mas foram bem-educados, foram me ensinando o português, porque eu não sabia algumas coisas, trocava algumas outras, foi bom. (O entrevistado pergunta sobre o que mais deveria falar, o entrevistador esclarece e então ele prossegue) a educação no Brasil não é muito assim... no meu ponto de vista..., ela não é muito boa, e os alunos não são educados; no jornal passa muitas notícias falando que alunos batem em professores..., pessoas que trabalham no serviço público na escola. Eu vejo isso no jornal.

PERGUNTA QUATRO VOCÊ SE ACHA UM ESTUDANTE MOTIVADO? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?

- Nossa! Eu já fui muito mais motivado para estudar. Agora é muita coisa, você vai crescendo, você vai aumentando suas responsabilidades. Lá em casa são... três irmãos e minha mãe..., ela é solteira, aí eu sou o mais velho, já tenho que ajudar mais em casa, aí os estudos ficam um pouco mais atrasados; mas eu faço o máximo para tentar estudar, para aprender muito. E eu presto muita atenção também! (O entrevistador pergunta ao entrevistado se tem uma coisa que mais o motiva e que mais o desmotiva) A matéria que eu mais gosto é educação física..., eu sempre estive entre os bons alunos da sala, sempre eu gosto de participar de esportes. Corrida..., na escola pública eles gostam muito de levar a gente para fora, para participar de corridas e essas coisas. O que me desmotiva... é que na

infância eu sofri muito bullying, porque eu sempre usava óculos, tinha grau assim muito forte, e as pessoas me chamavam de quatro olhos, isso sempre foi muito triste para mim na minha infância. Agora que já estou crescendo as pessoas já não fazem mais isso não.

PERGUNTA CINCO: *VOCÊ ACHA QUE AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA AO INGRESSAR NA ESCOLA FORAM ATENDIDAS?*

- Nossa! Na escola eu sempre esperei conhecer mais pessoas, mais amigos, eu sempre falei: - Nossa, agora eu vou conhecer mais amigos. (O entrevistado pergunta o que mais tinha na questão, o entrevistador esclarece e ele prossegue) foi bom! Positivo, conheci vários amigos aí, até hoje. (O entrevistador reforça a pergunta se alguma expectativa que o entrevistado tinha não foi alcançada. Então ele prossegue) ah... eu pensava que aqui era..., todo mundo fala que aqui é mais aberto (aqui refere-se ao IFG)..., aí eu falei nossa eu vou... eu venho do colégio militar, porque lá é mais seguro, lá é muito seguro, aí eu mudei para cá e falei: - Já estou acostumado com lugares mais seguros, mais fechados. – Quando fui para o IF, que já tem outro modelo de escola, comecei a me abrir, comecei a perder o controle dos estudos e atrapalhou muito.

PERGUNTA SEIS: *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

- Sim teve! Duas pessoas, que são as minhas duas tias, por parte de mãe, elas me influenciaram muito. Elas que me emprestam computador, para os trabalhos, foi a minha tia que pagou a prova para eu ingressar aqui no IF, ela que arrumou o IF para mim, ela me ajuda muito.

PERGUNTA SETE: *QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Jogos atrapalham muito, você perde tempo, de concentração. Agora têm..., redes sociais como WhatsApp e Facebook, já ajudam um pouco, para você tirar uma dúvida, você vai lá e pergunta para o seu amigo, você está longe, você manda mensagem para ele: - Oh, me ajuda aqui tal, num ponto da tarefa aqui. Eu não entendi. – E... se ele mandou gravação..., e você não entendeu, ele manda vídeo explicando e tal. E também tem o Youtube, Youtube ajuda muito, vendo vídeo aulas... Se o professor explicou de um jeito lá no Youtube tem outra maneira mais fácil, ou senão mais complicada que a do professor. É só ir pesquisando que você vai melhorando o seu raciocínio.

PERGUNTA OITO: *VOCÊ ACHA QUE SUA FAMÍLIA FOI IMPORTANTE NA SUA FORMAÇÃO?*

- É minha família..., veio de classe baixa, minhas tias..., também vieram da roça, todo mundo da família veio da roça. Tinha alguns tios aqui, eles mudaram para cidade, para

ter um estudo melhor e arrumar um serviço; eles sempre moravam de aluguel..., aí meus tios sempre falavam para mim: - (Fala o nome dele) você sempre estuda, estuda... – Minha tia até fala: - Que pobre só tem uma solução que é o estudo! Sempre estuda! Que sempre dará certo... futuramente.

PERGUNTA NOVE: *QUAL O PAPEL QUE VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- O professor é positivo sempre. Eu... principalmente em matemática, eu sou muito ruim em matemática, em cálculos, contas. Meu antigo professor na escola municipal, ele sempre me dava reforço em matemática. Até me ajudou fazer a prova do IF, ele falou assim: - Eu vou pegar uma prova para você, vou digitar lá, tem uma prova passada, e eu te ajudo aqui a resolver os problemas de matemática... – Que sempre eu tive muita dificuldade... Os professores ... me ajudam muito!

PERGUNTA DEZ: *O QUE MAIS TE AGRADA E O QUE MAIS TE DESAGRADA NA FORMA DO PROFESSOR TRATAR O ALUNO?*

- No professor lidar com o aluno o que eu acho mais importante é a parceria! Você... está lanchando, e aí você encontra o professor, o professor vai conversar com você... Isso é um ponto muito positivo do professor. Tem outro ponto, que é negativo, têm outros professores que..., eu não sei, parece que não gostam dos alunos, não sei? Passa pela gente parece que nem vê! Eu não sei se é porque se acha superior, se tem doutorado..., mestrado, eu não entendo, não sei se o aluno é que é um péssimo aluno... Mesmo assim, mas tem que chegar e falar, isso é o que me incomoda muito.

PERGUNTA ONZE: *VOCÊ ACHA QUE OS PROFESSORES CONSEGUEM ENTENDER AS PARTICULARIDADES DOS SEUS ALUNOS E A PARTIR DISSO AJUDÁ-LOS A EVOLUIR?*

- Os professores ajudam. Principalmente..., também... outra matéria foi português. Eu já tinha falado que morava na roça e quando eu vim para cá o professor de português me ajudou muito, me influenciou muito; me ajudou muito em redação..., em ortografia também..., na minha caligrafia. Eu também tinha..., tipo uma língua presa, palavras com R, eu sempre falava errado, e aqui em Goiânia é muito R, o R é muito usado..., é muito difícil.

PERGUNTA DOZE *QUE TIPO DE MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO, OU DIGAMOS DE METODOLOGIA VOCÊ ACHA QUE TE AJUDA A APRENDER MELHOR?*

- É a animação do professor. O professor já chega de manhã cedo, eu sei que eles têm família e que é puxado também; mas chegam na sala e falam: - Bom dia! – Já anima muito o aluno. – Agora tem professor que é mais elétrico, fala bom dia e observa se a turma está dormindo, os alunos assim meio dorminhocos, chama para levantar, fazer um exercício, se alongar antes do estudo, isso é muito interessante..., ajuda muito o aluno a prestar atenção na aula... De vez em quando... dispersar... dar uns dois minutinhos para

conversar assim sobre o dia, como foi o dia, e depois voltar a falar sobre a matéria, ajuda muito o aluno.

PERGUNTA TREZE: *COMO FOI DURANTE A SUA TRAJETÓRIA ESCOLAR, E COMO VOCÊ ACHA QUE DEVERIA SER A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO?*

- Sempre foi boa a minha convivência com os professores. Sempre fui um aluno assim alegre, conversador, tem até umas matérias que eu não era muito bom, mas os professores me davam muita força, conversavam muito comigo como as coisas deveriam ser. Os alunos tinham que respeitar mais os professores. Só porque o professor não explicou direito falam que o professor é um professor ruim, não! É só chegar no professor e conversar com ele, perguntar assim: - Professor, tem jeito de você me ajudar de outra maneira? Daquele jeito lá eu não entendi. – É isso que precisa mais.

PERGUNTA CATORZE: *COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Lá no (cita o nome do estado de onde ele veio) eu fiquei foi até o... segundo ano fundamental. Lá os alunos assim são mais... animados, não são muito interessados nos estudos, mas começam a falar sobre... animais, a gente da roça só fala sobre cavalgadas, rodeio... nós somos apaixonados por isso. E aqui na cidade, quando eu mudei, as pessoas..., os alunos são mais interessados assim..., em serem advogados, pensam em uma coisa melhor para o futuro. Muitos amigos meus me ajudaram muito, eu sempre tive problemas, de ordem familiar também. (O entrevistado faz uma pausa para refletir sobre alguns pontos. Pergunta para o entrevistador se era somente isso mesmo, o entrevistador esclarece e ele prossegue) ajudaram sim, muitos amigos me ajudaram e até hoje tenho amigos que me ajudam.

PERGUNTA QUINZE *QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE VOCÊ É HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?*

- Me ajudou muito na educação, por que... essas pessoas assim..., mal-educadas, na maioria das vezes ficam isoladas na sala, isso me ajudou muito, dentro de casa também, minha mãe..., sempre foi a minha mãe e pai ao mesmo tempo, ela me ajudou muito na educação... Quando ver pessoas mais velhas pedir benção, ser bem educado, se estiver sentado e tiver pessoas de mais idade, levantar... Me ajudou muito a educação diretamente... no dia a dia. (O entrevistador pergunta como ele vê a importância deste aprendizado para o seu futuro) vai ser positivo, porque eu estou tendo um ensino muito bom na escola, eu acho que futuramente eu vou ser esse bom profissional que a escola me propôs. E eu estou aprendendo para... futuramente ser um técnico em controle ambiental.

PERGUNTA UM: O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?

- Assim! Acredito que cada fase que vivemos nesse processo de ensino e aprendizagem temos uma concepção diferente de educação. Por exemplo eu acredito que quando eu entrei no primário, eu não tinha uma ideia estruturada de educação no sentido de... eu estou aqui para aprender isso, no sentido de que eu vou estabelecer o meu futuro a partir disso, solidificar, e tudo mais. E hoje eu já tenho uma concepção totalmente diferente..., da importância que isso representou, e que continua representando para o futuro que eu vou constituir na minha vida; no sentido também de interpretar o cotidiano entre outras coisas. Eu acho... que é um processo..., a própria educação é um processo sobre o significado dela... e... bastante aprendizado sobre o significado das outras coisas da vida da gente.

PERGUNTA DOIS: O QUE VOCÊ ACHA QUE É MAIS IMPORTANTE DE ESTAR NESTE PROCESSO DE EDUCAÇÃO? O QUE ELA MAIS ACRESCENTA NO INDIVÍDUO?

- Bom, no meu caso infelizmente eu não tive uma oportunidade muito grande de ter esse acesso completo à educação, como eu tenho aqui no IFG, que eu acredito que tenha sido o principal fator que tenha contribuído para o meu desenvolvimento. Durante todo o período..., antes de entrar no IFG... as minhas escolas não incentivavam os professores, e consequentemente os professores não incentivavam os alunos. Então todo esse contato com a educação que eu tive, de valorização principalmente, foi dentro de casa. E... então eu acredito assim, que a educação que eu tive nas escolas as quais eu frequentei toda a minha vida, exceto o IF, transmitem exatamente... o que eu penso... de todo o sistema de educação no Brasil, que é um sistema precário e que ele não incentiva, os docentes e os discentes para a prática da educação. Então não tem como, por exemplo, o aluno desejar estudar, principalmente um aluno que já..., tem uma vulnerabilidade social, não tem como ele desejar estudar se ele não tem o incentivo dentro da sala de aula, uma vez que ele não tem em casa. Não tem como os professores quererem dar aulas se eles não têm o apoio do estado para isso. Então eu acho que a educação do Brasil ela é precária, e precisa muito ser melhorada, para ajudar os alunos e os professores nas escolas. Então eu acho que a minha experiência ela trouxe exatamente isso.

PERGUNTA TRÊS: VOCÊ SE ACHA UMA ESTUDANTE MOTIVADA? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?

- Bom... acredito que o principal é o fator social... o Brasil mesmo, que é você querer um futuro diferente daquilo, por exemplo, que seus pais vivenciam. Que meus pais eles não tiveram acesso à educação completa. A minha mãe, apesar do anseio constante que ela tem pela educação, ela não conseguiu frequentar um curso superior, e era o sonho dela, por isso ela passou isso para gente. E isso é um dos motivos que me leva a querer estudar..., que é tentar oferecer para minha mãe aquilo que ela não pôde ter, transformando em mim, que sou filha dela, e ter um futuro bom, como a maioria das pessoas deseja, principalmente

para quem está numa situação vulnerável, acredito que a educação seja um dos principais meios, não o mais fácil, mas um dos principais para se alcançar o desenvolvimento do sujeito. O que me desmotiva seria a falta de incentivo... da aprendizagem mesmo..., acredito que é isso... De você, por exemplo, eu não gosto de todas as matérias, acredito que a maioria das pessoas não goste, principalmente quando a gente não gosta de uma matéria é por conta da experiência que a gente teve com ela, e essa experiência, muitas vezes é dada pelo professor, e se o professor não proporciona experiências boas, independentemente da razão, não tem como o aluno se sentir motivado, então eu não me sinto motivada exatamente por isso, porque, muitas das vezes as matérias das quais eu não gosto não foram incentivadas pelos meus professores, então o desmotivo é a falta de incentivo à educação mesmo.

PERGUNTA QUATRO: *VOCÊ ACHA QUE AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA AO INGRESSAR NA ESCOLA FORAM ATENDIDAS?*

- Em relação às minhas expectativas, no que tange ao ensino foram atendidas na maioria. Algumas matérias, elas deixam muito a desejar, por exemplo, em física onde eles colocam professores que não atendem à carga horária, e em nosso conteúdo a carga é muito grande, e para repor todo esse ensino que deveria ter sido colocado de forma regular como os outros, é muito cansativo. Então isso atrapalha bastante. Mas em relação ao ensino eu tive um impacto muito grande e eu fiquei muito feliz de ter contato com tudo isso, com todo esse aprendizado que eu tive. Agora eu acredito que em relação ao âmbito social do próprio IFG, principalmente em relação à aceitação das pessoas que convivem aqui dentro..., eu acho que eu me decepcionei um pouco, porque não foi o que eu esperava, assim é um lugar livre, só que eu acredito que é uma liberdade em determinadas condições. E quando eu entrei aqui eu esperava essa aceitação que a gente não vê muito no ensino fundamental, essa aceitação social de você se vestir como você quer, de se portar como você quer, ser quem você realmente é. Aqui dentro apesar de as pessoas transmitirem essa ideia de: seja quem você deseja ser..., não é o que realmente acontece quando você entra e vive dentro de um grupo social. Então em relação a isso eu me decepcionei um pouco, a própria convivência com as pessoas aqui dentro. Porém algumas expectativas foram superadas, por exemplo em relação ao vôlei, ao esporte, foi muito mais do que eu esperava as oportunidades que têm aparecido e tudo o mais... Então é isso.

PERGUNTA CINCO: *VOCÊ ACHA QUE ESTE PROCESSO DE APRENDIZADO QUE VOCÊ VIVEU DE ALGUMA FORMA TE AJUDA NA SUA PREPARAÇÃO PROFISSIONAL, PARA O MERCADO DE TRABALHO?*

- Com certeza, eu acredito que o IF, o próprio ensino técnico mesmo, principalmente nas matérias técnicas a gente vê muito claro essa..., preparação profissionalizante, que valoriza o trabalho, as oportunidades de eventos e tudo o mais que ele oferece, como iniciação científica, que vai para o currículo e é muito bom, ah..., o próprio projeto da mini empresa! Que ajuda muito na questão do mercado de trabalho. Eu acredito que tem sim esse preparo então..., eu acho que ele é muito forte, porém ele poderia

ser melhor no que tange a estas matérias, que... deixam muito a desejar, que poderiam ser aplicadas, num processo..., por exemplo, futuro de uma conquista de uma vaga de emprego. Que a física, por exemplo, como eu faço edificações, eu posso precisar da física na questão de força mesmo, e se eu não tenho esse ensino totalmente dado, porque a matéria de física foi a que mais deixou a desejar nesse curso, eu vou ter uma carência muito grande quando eu for aplicar isso no mercado de trabalho. Então eu acho que é forte, deixado claro essa ideia de preparação, porém ela deveria ser muito melhor.

PERGUNTA SEIS: *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

- A minha questão... acredito que no IF tenha tido uma professora que fez muita diferença, principalmente na forma como eu verbalizo, que é a (cita o nome da professora) de sociologia ela foi incrível. Uma professora assim que transformou totalmente o pensamento da turma toda, e para mim isso foi muito significativo, porque eu quebrei muitos preconceitos que eu tinha, eu comecei a verbalizar de uma forma diferente, uma forma melhor. E... não somente ela, eu acredito que uma outra professora que tenha tido destaque na minha formação..., foi uma professora que eu tive no fundamental, de matemática, ela não era nada valorizada pela turma, ninguém da escola prestava atenção na aula dela, e todo mundo tirava zero, literalmente todo mundo. E quando eu entrei e a vi, eu me perguntava por quê? Porque ela era uma professora incrível, ela se doava totalmente na escola, ela investia do próprio bolso para que os alunos pudessem ter contato. E todo mundo negligenciava a pessoa dela e a tratavam de uma maneira que ela não merecia ser tratada. E ela fez uma diferença imensa na minha vida, foi ela quem me fez querer fazer edificações, foi ela que me proporcionou o ensino para que eu pudesse estar aqui também, e principalmente foi ela que me fez decidir pelo curso que eu pretendo seguir, que é matemática..., ela foi extremamente incrível. Então essas duas professoras para mim foram exemplos...; e acredito que principalmente por serem mulheres, elas me incentivaram bastante, porque eu tinha muito medo de chegar no mercado de trabalho e não ser reconhecida pelo meu valor. Então... elas foram exemplo de mulheres fortes e para mim foram essenciais.

PERGUNTA SETE: *QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

- O meu verdadeiro contato com as tecnologias, assim de redes sociais e tudo mais, ter o meu próprio celular foi no primeiro ano que eu entrei no IF, eu não tinha. Eu criei..., eu adquiri justamente para poder ter contato com o grupo da sala e tudo mais, que o IF ele funciona muito através do meio eletrônico, e acredito que tenha sido uma boa experiência, porque de certa forma a tecnologia ela proporciona uma quebra de uma inocência que a gente ainda nutre, no que diz respeito à falta de conhecimento de algumas coisas que

acontecem, que a internet ela tem também esse benefício de trazer informação. Mas eu acredito que seja um pouco perigoso, principalmente para gente aqui no IF que temos uma carga horária muito pesada e que em semana de prova puxa bastante, quando nós temos um tempo para poder relaxar a gente recorre prontamente para as redes sociais, e quando chega o momento de voltar as aulas fica muito difícil de deixar isso de lado, porque é muito bom você interagir com os colegas. E a internet proporciona um mundo muito grande de informações e produtos que a gente está constantemente olhando. Então eu acredito que seja bom, mas eu acho que é perigoso, eu acho que deveria ter um limite, principalmente para os jovens estudantes que recorrem muito a essa fonte como forma de fugir de todos os problemas e tudo mais do cotidiano mesmo. É isso.

PERGUNTA OITO: *VOCÊ ACHA QUE SUA FAMÍLIA FOI IMPORTANTE NA SUA FORMAÇÃO?*

- No meu caso a minha família, principalmente nessa questão do incentivo, foi a minha mãe mesmo porque meu pai é falecido. A minha mãe e os meus irmãos, meus irmãos que estudaram bastante para tirar a gente de uma situação de vulnerabilidade que a gente já se encontrou, muita vulnerabilidade. E no caso a minha mãe, que a principal protagonista disso tudo..., ela sempre teve um apreço muito grande pelo ensino. Ela sempre quis muito aprender, e a mãe dela igualmente, e não conseguiu chegar nem no ensino fundamental, que na época dela ela tinha uma repressão muito grande no ensino, então ela não conseguiu adquirir educação, ensino e tudo mais. A minha mãe ela conseguiu, mas ela chegou só até no ensino médio, no momento em que ela poderia conseguir o ensino superior ela estava muito condicionada pelo social, então ela casou cedo, teve filhos, então ela nunca conseguiu atingir os objetivos que ela sempre desejou. Ela não se arrepende de ter tido a gente, mas ela se arrepende de não ter tido..., alcançado o estudo, porque ela sabe do valor que ele tem, ela quis passar para gente isso, e ela conseguiu muito bem, nós todos entendemos o que o ensino provoca e como ele vai beneficiar a gente. Então é exatamente isso..., do incentivo, e a minha família, em geral, aceita aquilo que eu escolhi fazer, conforme aquilo me faça feliz e me beneficie, principalmente reconhecimento. Então a minha família ela tem esse papel fundamental, está sempre comigo me apoiando quando eu tenho alguma dificuldade financeira para subsidiar alguma atividade aqui do IF, ou algum evento que eu precise participar; na questão do estudo, porque às vezes eu fico estudando até tarde, então a minha irmã el..., as vezes se mobiliza para que eu possa chegar de uma forma mais fácil, por exemplo, como eu venho de ônibus, ela me traria. Então assim a minha família está sempre me apoiando no que ela pode, para que eu também consiga alcançar os objetivos que eles conseguiram, principalmente de uma forma mais fácil, porque para eles foi mais difícil. Então é isso.

PERGUNTA NOVE: *QUAL O PAPEL QUE VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Nossa! A importância..., acho que ela é..., quase que oitenta por cento no quesito de aprendizagem, porque tem a parte do estudante. Mas o professor eu acho que o principal

papel dele seria guiar o estudante naquilo que ele precisa, em direção ao futuro. Então ele ensina, ele dá todos os aparatos necessários para que o estudante possa aprender, para que ele possa aplicar o que ele aprendeu. E o professor é... como um amigo do ensino, porque ele está ali para o que você precisar aprender, para ajudar nas dúvidas que você tem, ele sempre clareia suas ideias. Eu acho muito bonito esse papel do professor de estar sempre auxiliando o estudante..., no saber.

PERGUNTA DEZ: *COMO FOI DURANTE A SUA TRAJETÓRIA ESCOLAR, E COMO VOCÊ ACHA QUE DEVERIA SER A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO?*

- Bom em relação às minhas experiências, as melhores experiências que eu tive foram poucas, com poucos professores eu digo, ao longo desse processo de aprendizado. Foram alguns professores em alguns anos, que eu tive acesso, que foram muito bons e que me proporcionaram bons resultados e tudo mais. E eu acredito que o ideal seria justamente isso que já foi dito, essa reciprocidade entre professor e aluno. E como eu já disse antes..., a aprendizagem ela é constante, ela está sempre acontecendo, então se um professor se fecha, por exemplo à opinião do aluno, ele também está se fechando ao aprendizado que ele poderia ter com a fala daquele aluno por uma vertente que ele não pensou, ou que ninguém pensou. E o aluno também escutar é muito importante, dar atenção a tudo que o professor tem a dizer, porque é a partir do conhecimento do professor que ele elabora o seu próprio conhecimento e estrutura sua própria forma de pensamento. Então eu acho que é exatamente isso, essa reciprocidade, de aprendizado.

PERGUNTA ONZE: *QUE TIPO DE MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO, OU DIGAMOS DE METODOLOGIA VOCÊ ACHA QUE TE AJUDA A APRENDER MELHOR?*

- Eu acredito que... aulas interativas que despertem o interesse em todo o mundo seja o principal fator, que fazem as aulas e o processo de aprendizagem serem melhores. E essas aulas eu acredito que não consistem naquele sistema único de ficar em sala de aula e olhar para o quadro, a interação com outros tipos de fonte de conhecimento, por exemplo..., filmes, documentários ou até mesmo a conversa com alguém que vivenciou aquele objeto de estudo. Por exemplo, nós tínhamos um professor de sociologia que ele tem muito essa coisa de trazer pessoas, que vivenciaram..., por exemplo, períodos como a ditadura e tudo mais, para que a gente tenha um contato com aquela realidade. Isso desperta muito o interesse..., se você só aprende lendo o livro de história e fazendo resumo..., não faz sentido é muito ruim para você focar naquilo. Mas quando você tem alguém, você ouve dizer que alguém vai estar ali para te contar como aconteceu, uma pessoa que estava presente àquele momento e que coloca ali sua vivência, assim este conhecimento atinge mais os estudantes. Então é muito interessante essas formas de trazer o conhecimento ao aluno de maneira que desperte o interesse, porque o interesse é o principal instrumento para a aprendizagem.

PERGUNTA DOZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE SÃO IMPORTANTES PARA UM BOM PROFESSOR?*

- Eu acredito que um bom professor seja esse que tenha vontade de interagir com os alunos de ensinar os alunos. E o professor que tenha claro os objetivos do ensino, porque a questão de dar aulas ela tem sempre uma inspiração para o próprio professor, senão ele não estaria aqui. Eu acho que para ele quando ele adquiriu essa profissão esse ofício tá bonito que é o dar aula, ele deveria estar claro daquilo que ele está fazendo, da vontade que ele tem de transmitir conhecimento. Então o bom professor para mim é isso... aquele que tem clareza daquilo que ele está fazendo, de forma que seja produtivo para o aluno, e que ele possa aproveitar, possa dar a opinião dele e que haja interação entre os dois; para mim é isso!

PERGUNTA TREZE: COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?

- Eu acredito que..., a turma seja essencial para o processo de aprendizagem; principalmente dependendo da personalidade de cada professor, a nossa turma, particularmente é uma boa turma, porém com alguns problemas de conversa e acredito que intolerância de algumas opiniões. Muitas vezes opiniões que vêm dos professores, as vezes nem vêm dos professores. Por exemplo, durante as aulas de filosofia, nós temos um professor muito bom que ele sabe incorporar o pensamento daquele filósofo que ele está falando, de forma que a gente possa pensar, e ter o contato mais íntimo com a filosofia, daquele determinado filósofo..., e a nossa turma ela tem um intolerância, por exemplo, se ela não concorda com um pensamento, então ela coloca no professor a ideia de que ele pensa daquela maneira, e bombardeia a aula, a aula não tem produtividade nenhuma, é ele tentando..., não argumentar para justificar a filosofia, mas argumentando para deixar claro que não é ele que pensa aquilo, e que nós devemos pensar daquela maneira pelo menos para entender o filósofo, pois é aquilo que a gente está estudando. Independente se ele estava errado ou não. Então assim..., é uma intolerância, eu acho que em todas as turmas têm isso, quando você manifesta uma opinião que é contrária à da maioria, eles não têm essa abertura, acho que falta um pouco disso. E a questão também de conversa. Nós já tivemos no primeiro ano um professor de matemática que ele não aguentava em circunstância nenhuma, ele esperava a turma se calar, e graças pelo menos ao pequeno bom senso que a gente tinha, a gente percebia que ele estava calado esperando silêncio. Mas se você tem, por exemplo, a turma do fundamental de uma escola pública, que geralmente não está nem aí, nem se o professor perde os cabelos no meio da sala, aí você não tem nada. Sabe, então assim..., é muito constante essa interação da turma com o professor, porque ela transmite também a própria interação aluno professor e que cada indivíduo faz parte de um todo. É isso.

PERGUNTA CATORZE: : QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?

- Eu acredito que o aluno tem um processo constante de estar aprendendo e desenvolvendo características que fazem dele um bom aluno. Por exemplo, nós temos treze matérias para aprender, é uma quantidade muito grande, e para que nós possamos nos...

tornarmos bons alunos, pelo menos de acordo com o que eu acredito que seja um bom aluno, é necessário uma persistência naquilo que você deseja e naquilo que está na sua profissão; essa questão mesmo de ter uma flexibilidade humana de aceitar o conteúdo, e também pensar sobre ele. Esse interesse, o interesse é essencial porque são muitas coisas, e o aluno ele tem um papel..., as vezes acredito que na questão do processo de ensino, um pouco mais..., não diria mais difícil, mas um pouco mais complexo do que o do professor que já é formado naquela determinada matéria. E como nós temos treze matérias para aprender, treze... e ainda muitas outras decisões a serem tomadas sobre o que a gente deseja no futuro, é necessária uma aplicação constante a todas elas. Então o bom aluno é esse, que se doe, e principalmente tenha a intenção de aprender, não necessariamente ser inteligente, mas ter aquele esforço pessoal..., se interessar, ou provocar um interesse em si mesmo, para poder captar, valorizando o que o professor está ali para passar. É isso.

PERGUNTA QUINZE *QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE VOCÊ É HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?*

- Nossa! Eu acho que a educação trouxe para mim experiências que... eu vou ser grata a minha vida toda! Gratidão seria a palavra que eu tenho em resposta ao que a educação me proporcionou! Principalmente aqui no IFG que foi o momento das minhas melhores experiências com a educação. Eu..., gosto muito de saber sobre as coisas..., saber que eu sei pensar sobre aquilo, que eu posso pensar sobre aquilo. A educação ela também traz uma certa autoestima para o aluno de pensar..., de demonstrar para ele que ele tem a capacidade. Então é... influenciar, me influenciou bastante nisso de trazer autoestima para mim, sobre o que eu sei, o que eu posso saber. De me..., por exemplo, proporcionar uma base para o que eu vou decidir para o meu futuro, sabe? E eu acho essencial, e foi um processo muito bom de influência para a minha pessoa e que me satisfez bastante. (O entrevistador reforça a pergunta sobre como a entrevistada vê a importância da educação para o seu futuro. E a entrevistada prossegue) na minha questão eu acho que a educação ela vai proporcionar algo que eu já citei na resposta anterior, que agora eu sei que eu posso pensar sobre as coisas que virão. Sobre, por exemplo, essa questão da mulher, agora eu tenho noção..., que eu adquiri através da educação de como eu vou poder me portar, de como eu vou poder me posicionar no futuro. Essa questão de eu ter apreendido através da educação o que eu desejo fazer. Eu vou poder aplicar essa base que eu tenho, de desejo mesmo, sobre o ensino que eu desejo adquirir. E os conhecimentos que eu os tenho serão necessários, em qualquer matéria, em qualquer momento poderão ser úteis. Por exemplo..., acho que é uma coisa meio subjetiva, mas esses dias eu estava no cabeleireiro, e uma moça que tem especialidade com cabelo liso veio me oferecer um produto supostamente para cabelos cacheados, e ela começou a me descrever o nome dos elementos químicos, e deu nomes assim..., meu Deus, e teve um dos elementos que ela citou, me esqueci o nome, e era um elemento químico que eu estava aprendendo, na época na matéria de química, e que eu sabia que ele era totalmente prejudicial, principalmente para cabelos naturais, seja qualquer

cabelo natural, ele quebra a estrutura do cabelo. E ela citou assim, e eu lembrei da matéria na hora eu falei..., olha só, s̃yo coisas assim..., se a gente souber guardar, certamente nós vamos poder utilizar. É como guardar energia para poder dissipar depois. Eu achei muito interessante, fiquei muito feliz, quando ela falou eu disse: - Ñyo! Está bom, muito obrigado. Depois eu volto aqui. – E eu gostei de falar, depois eu volto aqui, para nunca mais voltar, porque realmente sabia que ela propôs um elemento que ñyo seria bom. Ent̃yo acho que é isso! Acho que é essa formaç̃yo, essa noç̃yo, ponderar sobre as coisas. Ter noç̃yo do que você for fazer, do que você está escolhendo e fazer boas escolhas com base naquilo que você acredita que sabe, e sabe mesmo. Eu acho que é isso!

PERGUNTA DEZESSEIS: *ESPAÇO ABERTO PARA A ENTREVISTADA FAZER COLOCAÇÕES QUE ELA ACHE PERTINENTES E QUE PODEM NÃO TER SIDO CONTEMPLADAS DURANTE AS PERGUNTAS.*

- Eu acho que eu diria assim..., o IFG para mim eu vou citar como exemplo de melhor educaç̃yo que eu tive, no ensino principalmente. É... eu aprendi muitas coisas desde o primeiro dia que eu entrei aqui. E eu acho que se nós tivéssemos escolas, ñyo necessariamente todas, a gente pode sempre melhorar, podemos sempre estar melhorando, mas eu acredito que se o Brasil todo tivesse, os jovens do Brasil tivessem contato com as oportunidades e todo o aparato de ensino que nós temos aqui no IF, nós teríamos um Brasil totalmente transformado. Eu acredito, por exemplo, no empenho da maioria dos professores..., no ensino, em todo o conteúdo que eles sabem para esclarecer as dúvidas, monitorias, nós temos monitorias para ajudar os alunos que têm alguma dificuldade. Alunos que ajudam alunos, isso é muito interessante porque um entende o outro e tem uma linguagem mais comum. E quest̃yo do esporte, o esporte aqui ele eu acho que ele é muito incentivado, a quest̃yo, dos JIF's (Jogos internos dos institutos federais), da bolsa que eles oferecem a estudantes para que eles possam ir para a prática de esportes, e o esporte é importante por exemplo para tirar jovens das drogas, eu vejo isso constantemente em alguns parques perto da minha casa. Que é no momento do esporte que todo mundo ali, aqueles meninos que você sabe que s̃yo traficantes, que você conhece e vê, eles se transformam e eles viram um só, compartilhando um sentimento único de jogar um futebol. Ent̃yo assim..., aqui tem muito esse incentivo ao esporte, essa quest̃yo. E o auxílio para aqueles estudantes que têm uma vulnerabilidade. Eu acho que o IF é uma representaç̃yo de tudo aquilo... a estrutura política que o IF tem principalmente, e educacional, é essencial eu acho que seria ótimo, e a minha experiência que eu tive aqui, eu acredito que seria uma experiência..., necessária para todos os jovens. Ent̃yo é isso. Eu gostaria que todos pudessem ter a oportunidade de compartilhar.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 13

PERGUNTA UM: *O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?*

- Eu acho que educação é algo que vai passando..., que nos é passado, desde criança. E acho que varia de pessoa para pessoa; é o que é ensinado para gente, e o que nós internalizamos. Porque muitas coisas são ensinadas para gente, mas.... nós não as utilizamos no nosso cotidiano. Eu acho que é isso! O que as pessoas nos passam e o que nós internalizamos.

PERGUNTA DOIS: *COMO VOCÊ ANALISA, COMO VOCÊ AVALIA A QUALIDADE DO ENSINO ESCOLAR EM NOSSO PAÍS?*

- No meu caso ela foi boa, porque eu tive a sorte de ainda ter um ensino público de qualidade. Eu estudei no integral, a minha vivência em sala de aula foi boa, pois eu tive uma boa relação com os meus professores. Eles tinham aquela reciprocidade de... eu falava o que eu acho da aula deles, essas coisas. E também eu não tive nenhum problema..., eu só tive um problema com um professor de educação física, porque a gente, no caso as meninas, nos juntávamos, porque lá no meu antigo colégio no fundamental dois, nós não tínhamos a possibilidade de entrar na quadra; o professor nos dava uma bola e nós ficávamos no sol jogando controle, entendeu? Então foi só com isso que eu tive problema. E no geral, eu acho que a educação no Brasil é boa o bastante. Em relação ao professor, tem muitos deles que não se fecham, o aluno tem direito de conversar, de dizer o que pensa da aula, de tornar a aula mais dinâmica. Ainda mais para nós, porque nós às vezes pensamos que o professor passa o conteúdo no quadradinho; quadradinho, é isso e isso! Não tem como a gente desviar, chegar em outra forma..., outros caminhos para chegar à mesma conclusão. E falta muita, no caso..., fala grade? (o entrevistador esclarece) O currículo da gente... tem muita coisa para pouco tempo, no caso aqui do IF, porque, “nós somos integrados”, então mistura (a aluna referia-se ao fato de que a formação técnico profissional é integrada ao ensino médio). E eu acho que é isso.

PERGUNTA TRÊS: *VOCÊ SE ACHA UMA ESTUDANTE MOTIVADA? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?*

- Essa minha motivação também vem pelo lado da família, porque minha mãe e meu pai, os dois, também não tiveram a oportunidade de fazer o ensino superior, e... desde criança eles sempre me passaram essa ideia..., de que eles queriam algo diferente para mim, e para os meus irmãos, então..., o meu incentivo sempre veio de dentro de casa e do colégio também, eu consegui ter essa oportunidade. E o meu motivo é isso, mostrar que minha mãe investiu em mim, deu todo o dinheiro..., o tempo..., ela dedicou muito, e... eu quero dar orgulho para ela, essa é minha maior motivação. E o que me desmotiva, dentro de sala de aula, é como eu falei, aquele pensamento fechado que a gente tem que ter, não tem a possibilidade de um pensamento crítico. E em relação à situação do professor..., eu tive matéria de história, e eu nunca gostei de história por causa do professor, porque ele..., como é que fala? Ele subestimava a gente, não deixava a gente aprender, era só ler livro, fazer resumo, ele nunca ensinou a gente, porque ele era coordenador, a gente não tinha a oportunidade de conversar, falar com ele sobre o método dele, porque ele mesmo era o coordenador e nós nos sentíamos oprimidos, entendeu? Em falar. E eu tive muita

difficuldade, e minha desmotivação é essa. Também exigir demais, tudo bem que a gente precisa estudar, mas forçar a entrar algo na nossa cabeça, isso me desmotiva muito também.

PERGUNTA QUATRO: *VOCÊ ACHA QUE AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA AO INGRESSAR NA ESCOLA FORAM ATENDIDAS?*

- Em relação tipo as disciplinas, ou o que? (O entrevistador esclarece e a entrevistada prossegue) no geral, as minhas expectativas dentro do IF, foram atendidas, inclusive o ensino aqui é de qualidade. Mas em relação à algumas disciplinas eu acho que falta. Um exemplo é inglês, que eu cheguei pensando, vou aprender, porque no ensino fundamental eu nunca tive inglês, só no primário, aí eu sempre quis aprender inglês em sala de aula, porque antes eu aprendia sozinha em casa. Aí eu pensei: - Vou aprender inglês. – Aí chega aqui, a professora não nos dá incentivo para aprender a língua, passa tarefa de casa, aí faz quem fez..., não tem... essa..., motivação para a gente aprender. Quem não sabe, igual a mim, pois no fundamental aprendi só o básico, é deixado para trás. Expectativa mesmo foi com essa matéria, porque no geral, em relação a ensino de qualidade, essa coisa de relação com o professor, foi muito atendido aqui no IF, porque o IF é bem livre em relação a isso. Nós temos o direito de conversar com o professor, com o próprio departamento, o meu ele possibilita isso, estar junto com o professor conversando, não precisa levar tudo..., a gente não leva todos os assuntos para a coordenação a gente consegue resolver com o professor... , direto com o professor.

PERGUNTA CINCO: *VOCÊ ACHA QUE ESTE PROCESSO DE APRENDIZADO QUE VOCÊ VIVEU DE ALGUMA FORMA TE AJUDA NA SUA PREPARAÇÃO PROFISSIONAL, PARA O MERCADO DE TRABALHO?*

- O ensino que eu tive foi bom, mas eu... no geral, eu tenho medo de chegar lá e não saber aplicar o que eu sei, entendeu? E eu acho que o que falta é mais..., saber... na prática, entendeu? É como se..., eu soubesse, mas eu não conseguisse aplicar por medo, por não saber como vai ser lá, entendeu? Então eu queria que promovesse mais..., posso dar um exemplo? O colégio do meu primo levou os alunos à universidade, para terem a chance de presenciar uma aula do curso que eles queriam, entendeu? Eu queria que o IF conseguisse fazer isso, porque o IF ele possibilita muitas palestras..., o estágio também..., é muito bom o estágio obrigatório, porque é uma experiência que a gente vai ter, antes do mercado propriamente dito. Acho que é isso! O que falta mais é prática e incentivo para gente conseguir vencer esse medo. Porque eu particularmente tenho esse medo..., de não saber aplicar. Nas áreas que eu sei, tipo nas edificações, nós aprendemos AUTOCad, e no estágio..., quando chega o estágio e..., como é que fala? Um... ponto que a gente tem que saber, obrigatório, é o AUTOCad, aí chegando lá você tem medo de aplicar o que você sabe. Ainda mais nessa área de edificações qualquer erro pode estragar tudo, então nós temos bastante medo disso, eu acho que falta isso.

PERGUNTA SEIS: *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

- No meu caso, eu vou citar o vôlei, porque o vôlei fez muita diferença na minha vida. O professor fez; eu estava no fundamental, no nono ano, no último ano, e eu não gostava de vôlei, eu odiava vôlei, principalmente porque eu sempre ficava fazendo controle no sol, eu odiava vôlei. Também odiava futsal, porque os meninos ficavam com a bola de futsal na quadra. Então esse professor entrou e quebrou esse pensamento que os meninos tinham de jogar futsal; ele ensinou tudo para gente, ele ensinou todos os esportes. E eu aprendi futsal também, aprendi vôlei; e comecei a amar vôlei. Então eu entrei..., eu entrei aqui fez muita diferença o vôlei para mim; eu aprendi..., já estou até decidida o que eu vou querer no futuro, como minha profissão, que é nessa área, eu quero educação física, e eu acho que esse professor fez a diferença na minha vida.

PERGUNTA SETE: *: QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

- A tecnologia ela facilita..., ajuda a gente a ter mais conhecimento, facilita a gente adquirir conhecimento. Porque antigamente tinha que ir à biblioteca, minha mãe sempre fala isso para mim, que ela tinha que ir à biblioteca, não era fácil arranjar conteúdo para a pesquisa do trabalho. E acho que... como é que se fala, limita as nossas informações, nossa roda de conversa gira em torno disso, das redes sociais e quando você fica fora desse mundo, das redes sociais, você se sente excluída também. Então isso força também a ficar toda hora, mas também quando a gente fica dependente é difícil largar, aí você fica: - Eu tenho que estudar, eu tenho que estudar! – Então para quem não tem a cabeça focada no objetivo que ela quer alcançar, ela vai ficar dependente das redes sociais. Acho que é aí que gera o problema.

PERGUNTA OITO: *VOCÊ ACHA QUE SUA FAMÍLIA FOI IMPORTANTE NA SUA FORMAÇÃO?*

- É como eu falei, minha família sempre me incentivou a estudar e isso foi o que me proporcionou uma cultura diferente do que minha mãe e meu pai tiveram, eles não tiveram uma oportunidade de um ensino superior. Eles nunca fizeram essa cobrança de: - Você tem que fazer isso! - Entendeu? É o que eu quero..., eles sempre me deram oportunidade de pensar o que eu quero do futuro, então acho que é isso. Eles nunca forçaram, sempre me deram a oportunidade de falar o que eu penso. Em relação a tudo o que me influenciou.

PERGUNTA NOVE: *QUAL O PAPEL QUE VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Eu acho que a figura do professor está com a gente desde o primário, ele ajuda..., essa figura do professor faz parte..., ajuda a formar a nossa identidade. Sempre tem uma figura que está lá para ajudar a gente. Eu acho que ele também representa muito para o ensino, ele está lá para nos guiar. E no geral ele..., com base nas minhas experiências foi ótimo, porque igual eu citei, inglês, eu não tinha! Então eu tinha essa deficiência, e com a figura do professor eu me sinto mais segura, mais incentivada, no caso todos os professores me incentivaram a estudar, a seguir atrás dos meus sonhos, então eu acho que a figura do professor é uma inspiração para mim; ainda mais no Brasil onde a profissão de professor não é valorizada, mesmo assim eles estão lá para ajudar os alunos, para lutar, para ir para rua, para brigar pela educação. Eu acho muito bonito.

PERGUNTA DEZ: *COMO FOI DURANTE A SUA TRAJETÓRIA ESCOLAR, E COMO VOCÊ ACHA QUE DEVERIA SER A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO?*

- A minha relação foi muito boa! Eu tive a chance de ter não uma relação vertical, mas ele estar lá para me ajudar, eu posso conversar com ele assim na boa; eu não tinha medo de falar as minhas dúvidas, de falar tipo: - Isso eu não sei! – Entendeu? Eu acho que isso é importante na relação, porque o professor está lá para ajudar a gente. E a minha relação foi muito boa com os professores. Também tem um professor que me ajudou muito, que.. quando eu fui estudar para o IF, fazer a prova, eu não tinha dinheiro para fazer curso nem nada, e eu não sabia nem onde começar a estudar, ele se mobilizou, porque no colégio tinha um grupo de pessoas que queriam entrar no IF, ele se mobilizou, juntou os professores do colégio fez um aula para nos ajudar a entrar no IF. Eu acho que isso é o que deveria ser... uma relação de troca, porque o professor ele sabe, mas também ele aprende com os alunos, é isso que eu acho. Essa relação de troca, de amizade também, não precisa ser: “eu estou aqui vocês estão aí”, ou: “eu estou aqui eu sei tudo, vocês estão aí para aprender”, eu acho que tem que ser essa troca. Tem que..., conversar não ter essa coisa sabe..., eu acho que desmotiva o aluno a estudar também, porque a gente fica reprimido. Eu acho que é isso.

PERGUNTA ONZE: *QUE TIPO DE MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO, OU DIGAMOS DE METODOLOGIA VOCÊ ACHA QUE TE AJUDA A APRENDER MELHOR?*

- Eu acho que aulas mais dinâmicas, que fazem a gente gostar..., não tipo gostar, ter interesse, entendeu? Porque as pessoas chegam passam conteúdo, ficam passando, passando... um monte de coisas no quadro e a gente nem sabe o que que copiou, aí isso para mim é muito maçante, eu não gosto disso! Eu gosto quando nós somos incentivados a aprender..., a ter aquela vontade de aprender o conteúdo, acho que é... (pequena pausa) ah..., essa coisa de..., igual eu falei, essa troca, eu gosto que o professor fale com a gente, essa aula mais interativa eu tenho oportunidade de pensar, de formular o assunto na minha cabeça de forma diferente e perguntar se está certo, perguntar para o professor... ter essa liberdade de perguntar para o professor! Acho que é isso. E eu particularmente gosto de

aulas mais dinâmicas, porque eu não me sinto... como é que fala? Fechada..., eu não gosto de ficar..., sabe... de castigo o dia inteiro. Acho que é isso.

PERGUNTA DOZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE SÃO IMPORTANTES PARA UM BOM PROFESSOR?*

- Como eu falei..., o bom professor para mim é aquele que nos possibilita conversar com ele, que está aberto a sugestões. Aquele... que passa uma visão para gente de que ele está lá para ajudar, acho que isso é um bom professor. Não estou aqui como uma pessoa que vai reprimir vocês, vai enfiar o mundo todo na cabeça de vocês e vocês vão ter que aprender, eu estou aqui como uma pessoa para guiar vocês, para ajudar vocês nessa etapa da sua vida. Eu acho que é isso.

PERGUNTA TREZE: *COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Dependendo da turma, uma pessoa que tem uma personalidade que ela não gosta de falar, não gosta de manifestar sua opinião pública, dependendo da forma como a turma age, ela não tem aquela... sensibilidade de perceber quando a pessoa tem um opinião diferente. Às vezes a atitude da turma pode..., limitar a possibilidade de a pessoa dar a sua opinião, de dizer o que pensa..., ou o que ela não sabe! Eu acho que a turma influencia muito nisso, e também na nossa própria formação, porque querendo ou não as pessoas que estão ao nosso redor influenciam a nossa personalidade. Acho que é isso, se a turma for..., muito para baixo, não tiver esse pensamento de... eu vou estudar..., independente do professor; quando o professor não souber... incentivar a gente, conversar com a turma acho que pode acabar trazendo a gente para baixo, porque influencia na nossa personalidade. Na própria formação para o mercado de trabalho, se a gente... faz muito seminário..., quando é para falar lá na frente é diferente, se a turma não passa por... aquela..., como é que fala? Não tem uma boa convivência, o aluno fica estressado, e isso... gera experiências ruins para gente. No meu caso foi bom, porque eu não sabia falar direito em público, agora eu estou melhorando, e a turma possibilitou isso para mim. Mas para algumas pessoas pode ter acontecido completamente ao contrário do que aconteceu comigo, pode ter acabado com essa experiência dela, ou ela pode ter..., deixado de escolher uma profissão, por exemplo, que exige isso, entendeu? Acho que é isso.

PERGUNTA CATORZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?*

- Acho que o bom aluno é aquele que está aberto ao conhecimento, que está disposto a aprender coisas novas, de pensar de forma diferente, não..., ter aquele pensamento: - Eu não vou aprender outra coisa, é aquilo que eu quero e é isso que eu sei! - Eu acho que é isso, o aluno tem que estar disposto a aprender, porque senão o professor não vai conseguir fazer o trabalho dele, eu acho que o aluno disposto, que se doe... aquela “profissão”..., entre aspas, de que nós estamos aqui estudando. Acho que é isso..., um aluno..., não aquele que seja necessariamente inteligente, o aluno não tem que se

inteligente, ele tem que saber se doar ao conteúdo, eu acho que é isso. Saber é..., como é que fala? Assim saber valorizar o tempo, o horário..., Estar aberto aquela relação com o professor também, não esgrachar o professor eu acho que é isso!

PERGUNTA QUINZE: *QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE VOCÊ É HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?*

- A educação influenciou muito no que eu sou hoje, a família juntamente com a educação, formaram o que eu sou. Minha personalidade..., o que eu sou hoje, como eu penso, formou meu senso crítico, formou a maturidade que eu tenho hoje para organizar meu tempo, organizar meus pensamentos, acho que foi muita coisa. Eu não consigo pensar como eu seria hoje sem ela. Eu consigo aplicar ela no dia a dia. Acho que é isso..., muita coisa! Não consigo nem pensar o que eu seria sem ela! (O entrevistador reforça a pergunta sobre como a entrevistada vê a importância da educação para o seu futuro. E entrevistada prossegue) muita! Porque ajudou a saber o que eu quero para o meu futuro. Eu nem sei dizer direito não! Eu não entendi direito, você pode explicar mais? (O entrevistado explica e ela prossegue) Minha maturidade foi formada por ela. Eu posso decidir... dentro da escola eu aprendi que a mulher não deve ser..., eu por ser mulher não devo ser menos que o homem, acho que isso também, e que eu não devo julgar muitas coisas... Eu nem sei dizer bem... eu acho que eu posso formular um pouquinho melhor, deixa eu só pensar um pouco!! (risos) Eu acho que a educação é isso mesmo, ela ajuda na formação do nosso senso crítico. Ela vem possibilitar oportunidades para gente. Igual no IF eu vou sair daqui com um curso técnico, mesmo eu não querendo seguir essa área, vai ser um a mais para mim. Porque eu..., posso trabalhar enquanto estudo. Acho que são muitas coisas mesmo! É isso.

PERGUNTA DEZESSEIS: *ESPAÇO ABERTO PARA A ENTREVISTADA FAZER COLOCAÇÕES QUE ELA ACHE PERTINENTES E QUE PODEM NÃO TER SIDO CONTEMPLADAS DURANTE AS PERGUNTAS.*

- Quando eu entrei aqui no IF eu me deparei com uns professores que... eles acreditam na gente, então eu acho que isso me motivou muito! Mudou muito a minha forma de aprender, de estudar, de me esforçar mais para o estudo, porque eu tenho pessoas que acreditam em mim... que eu vou ter um futuro... acho que foi isso que eu podia citar. Eles investem muito na gente aqui, eles acreditam na gente, eles fazem a gente dar o nosso máximo. Acho que é isso!

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 14

PERGUNTA UM: *O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?*

- Para mim educação é uma construção. No IF é uma experiência muito interessante porque ela possibilita uma construção..., a gente está muito ligado à construção da teoria; nós absorvemos a teoria que os professores passam, mas educação é o que é o importante da escola é que a gente constrói outras coisas também, por exemplo, constrói as relações sociais entre as pessoas, e aqui no IFG pelo menos a gente tem a construção técnica também, e como se relacionar no ambiente de trabalho. Então é construir instrumentos para gente seguir em frente na vida; instrumentos para a gente conseguir se virar nesse mercado de trabalho.

PERGUNTA DOIS: COMO VOCÊ ANALISA, COMO VOCÊ AVALIA A QUALIDADE DO ENSINO ESCOLAR EM NOSSO PAÍS?

- Sucateada, principalmente nas escolas públicas. Eu tive o privilégio de ter escolas públicas..., eu sempre estudei em escola pública, desde o fundamental até aqui...; e aí eu sempre tive o privilégio de ter boas escolas públicas, em que os professores, muitas vezes pelo engajamento deles conseguiam dar uma boa oportunidade para os alunos, só que aí no último ano do ensino fundamental eu já pude experimentar outra realidade, porque nós mudamos do setor onde a gente estava, que era um setor nobre, e fomos para um mais periférico, e a escola lá... completamente diferente. Os professores que davam a aula, não eram exatamente formados naquilo, a estrutura da escola era muito antiga também e não dava suporte nenhum para aulas eficientes. Inclusive a gente tinha um colega deficiente visual e não tinha professor para ele, nada que auxiliava, e eram os próprios alunos que tinham que ajuda-lo, foi uma peleja para ele... conseguir acompanhar os outros. Você pode repetir a pergunta por favor? (O entrevistador esclarece e o entrevistado prossegue) mas se a gente for olhar no âmbito geral continua sendo muito importante a educação, a gente tem um problema de verba, só que agora estamos passando por um processo de desconstrução, queremos mudar o currículo e permitir elementos que sejam escolhas dos alunos, mas na verdade isso é basicamente um encaminhamento para o mercado de trabalho de forma a criar pessoas braçais, que não conseguem raciocinar, enquanto eu tenho certeza que as escolas particulares vão continuar nesse foco do vestibular para conseguir as profissões de grande escala: a medicina, o direito etc., enquanto as escolhas dos alunos da rede pública, não são tão conscientes, não sabem exatamente o que eles querem para o futuro, então eles acabam as vezes se sentindo menos, por exemplo, um aluno não tem tanta prática escolar, não é habituado à cultura da escola, e aí ele passou a vida inteira estudando achando que aquilo lá era para ele, aí ele vai para um trabalho braçal, e aí ele escolhe as matérias que não desenvolvem o raciocínio lógico e crítico dele.

PERGUNTA TRÊS: : VOCÊ SE ACHA UM ESTUDANTE MOTIVADO? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?

- Sim! Mas também o motivo é... anterior à minha experiência da escola, porque a minha mãe é professora e meu pai ele... foi gerente de empresas grandes, ele já... trabalhou em banco, então eu sempre tive acesso mesmo não sendo de classe alta. Para as outras pessoas eu penso que deve ser mais complicado, então eu me sinto motivado, mas também

privilegiado, porque eu tive a cultura de estudar e , por exemplo, eu consigo um desempenho bom, eu me sinto estimulado a continuar mantendo esse alto padrão, mas eu sei que não é algo genial e que as outras pessoas têm condições também. É importante a gente ressaltar que ninguém é mais especial que o outro, a gente começa, em teoria, no mesmo patamar, só que aí devido aos privilégios temos mais facilidades. (O entrevistador reforça a pergunta questionando se há alguma coisa que mais o motiva e que mais o desmotiva. E o entrevistado prossegue) o que mais me motiva é o desafio pessoal mesmo, porque como eu já tinha facilidade e eu aprendi a gostar, eu sempre quero obter o melhor de mim mesmo, que é algo pessoal, eu encaro a escola também como um desafio para eu conseguir altos padrões, porque é algo que vai me diferenciar. Não é exatamente o mais justo dos sistemas, mas é o que estamos agora, eu vou ter que me virar de qualquer forma no futuro, então eu sempre tento alcançar um nível de excelência maior. O que me desmotiva muito são, as vezes, os professores..., ignorar o aluno, são professores negligentes com os alunos. As vezes ele não é claro nas explicações, não motiva os alunos e muitas vezes o humilha, pensando que por ele já ser graduado..., ter uma carreira como professor, o aluno é meramente um instrumento..., uma pessoa que ele está trabalhando e que é só mais um elemento do seu trabalho; isso me desmotiva um pouco porque, eu gosto de construir a relação com o professor; com professores que eu gosto mais eu sinto muito mais estimulado a provar que eu aprendi o que ele me ensinou, e surpreendê-lo e conseguir uma boa nota ou conseguir uma boa participação na aula, porque não é só nota, é tudo o que você constrói. O diálogo com o professor, às vezes até mesmo informal, de você mostrar o que você está aprendendo, é muito bom! (O entrevistador reforça o raciocínio do entrevistado perguntando se o professor é um elemento motivador para ele. E ele prossegue) sim! E a família também. Na família... a relação é diferente, na família..., eu sinto muito mais como uma obrigação em apresentar para eles o que eu estou aprendendo..., com os professores é uma vontade mesmo de mostrar que eu estou alcançando bons níveis e que eu estou aprendendo, porque ele é uma pessoa boa com os alunos e que ensina bem, e que além da matéria se preocupa com o ser humano, não é só um instrumento do trabalho dele que está ali e que no final ele vai receber o salário e tanto faz.

PERGUNTA QUATRO: *VOCÊ ACHA QUE AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA AO INGRESSAR NA ESCOLA FORAM ATENDIDAS?*

- Como a minha mãe era professora eu sempre tive habituado mesmo, então eu nunca passei por: - Nossa! – um grande choque. Na verdade o choque que eu tive foi o contrário, foi quando eu fui para uma escola mais periférica, de uma região periférica, e que a situação era outra completamente diferente, esse foi o choque para mim; foram alunos que eu não esperava encontrar no ambiente escolar, estrutura que eu não estava acostumado, então é uma questão..., da cultura em que você está inserido. Eu sou privilegiado porque eu estava numa cultura da educação.

PERGUNTA CINCO *VOCÊ ACHA QUE ESTE PROCESSO DE APRENDIZADO QUE VOCÊ VIVEU DE ALGUMA FORMA TE AJUDA NA SUA PREPARAÇÃO PROFISSIONAL, PARA O MERCADO DE TRABALHO?*

- Eu acho que sim, principalmente aqui. Aqui temos um foco muito mais direto, tanto que o ENEM não é o grande foco daqui, temos mais matérias técnicas e anteriormente os instrumentos para preparar para esse mercado de trabalho. Coisas que são necessárias, a gente aprende a ler, a contar, a falar e desenvolver socialmente com as pessoas, esses são elementos que em menor ou maior grau de escolaridade você vai ter e isso vai te possibilitar integração para o mercado de trabalho. Quanto mais longe você vai, mais instrumentos você tem e aí mais fácil é o seu caminho. Não é das coisas mais justas, de novo, porque acredito que quem tem já essa facilidade, esse hábito, já nasceu inserido na educação é mais fácil. E é algo que ficou mais claro, eu já tinha um pouco desta noção, mas é como eu estava falando para o senhor, a gente estava estudando sociologia é o que fala o sociólogo Bourdieu, que é do arbitrário cultural, quem está habituado vai conseguir seguir os caminhos mais facilmente na sociedade, enquanto que aqueles que não estão habituados são reprimidos, acham que aquilo não é para ele... É o caso da minha irmã, embora a minha irmã seja filha da mesma mãe professora, ela já teve uma criação, com outra parte dos parentes que não eram tão ligados a educação como eu fui, e ela não gosta, e ela acha que isso não é para ela e ela sofre muito com a faculdade, porque ela acha que não é algo que agrada ela plenamente, ela acha que é algo necessário, e no futuro pode agradar porque ela vai ter dinheiro para pagar as contas dela etc.

PERGUNTA SEIS: *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

- Sim! A começar nessa escola da região periférica, tinha uma professora, que inclusive foi ela que me indicou o IF, e ela me ajudou muito a entender melhor quais os caminhos que eu deveria seguir. Porque nesse momento, também, de transição do fundamental para o médio a gente fica meio perdido e cheio de indecisões sobre o futuro, ficamos com medo do futuro, tanto no médio como depois do médio. Porque o médio é basicamente uma preparação para o vestibular... Queremos mesmo que tenha, porque já vimos no fundamental que para a gente conseguir passar no vestibular é preciso uma boa escola e aí ela me indicou o IF. Ela me serviu de exemplo... para batalhar para aprender as coisas e me motivar pelos bons desempenhos que eu poderia tirar. E isso volta na questão sobre motivação, como é uma professora que criou um laço mais forte comigo..., que me instruía, às vezes me dava conselhos fora da sala de aula, me fez motivar..., ela praticamente me colocou aqui dentro do IF. Aí aqui dentro do IF as coisas que transformaram e moldaram a visão que eu tenho de escola, são principalmente os professores da área mais crítica: filosofia, sociologia, muito do português também..., que me fez entender melhor as coisas da sociedade, ver os caminhos que estão certos os caminhos que estão errados. Enquanto os do técnico já mais aquele encaminhamento de ser

pronto para o mercado de trabalho e etc. E ainda continua mais ou menos dividido assim. Eu sei que tem que mudar, mas enquanto n'yo muda é o mundo que eu tenho que seguir, ent'yo eu preciso disso.

PERGUNTA SETE: *QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

- É complicado, porque embora seja um instrumento muito bom de pesquisa, você tem que ter um filtro muito bom, porque sen'yo você acaba absorvendo muita besteira: a matéria que você pode pegar num site errado, e uma informaç'ozinha errada.... Eu acho que o papel da internet é te auxiliar, você consegue muita informaç'yo e aí você tira alguma dúvida com o professor, pesquisa lá de novo... As vezes para alguma pergunta técnica... você vê os exercícios na internet. Facilita, mas tem que ter um filtro, porque sen'yo você acaba absorvendo coisa errada. Professores que est'yo falando besteira..., professores que n'yo s'yo daquela graduaç'yo, s'yo pseudo intelectuais... Tem que tomar muito cuidado na internet com os pseudo intelectuais, porque como a gente n'yo tem uma defesa... acham que lá é uma terra sem lei e qualquer coisa que falarem n'yo tem consequência. Ent'yo qualquer informaç'yo errada tanto faz, já foi! E no tempo da internet que é muito rápido... há menos ainda essa preocupaç'yo. Ent'yo você tem que pinçar mesmo o que você usa para estudar, os sites que você usa para alguns exercícios..., para tirar as dúvidas..., levar as dúvidas depois para o professor...

PERGUNTA OITO: *VOCÊ ACHA QUE SUA FAMÍLIA FOI IMPORTANTE NA SUA FORMAÇÃO?*

- Acho que... de forma subjetiva..., embora tenhamos nos desenvolvido na mesma família e com os mesmo privilégios, a forma como entendemos o outro também é importante analisarmos. Eu vejo como um desafio e algo bom para o meu crescimento, a minha irm'ya vê mais o lado do crescimento financeiro..., e obstáculos para quebrar de forma que n'yo é **agradável** (fala esta palavra com ênfase). Por mais que continuem sendo desafios a serem superados, para mim é algo prazeroso e para ela é algo desagradável. Veja como isso varia de uma pessoa para outra.

PERGUNTA NOVE: *QUAL O PAPEL QUE VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- S'yo eles que junto com a família, e muitas vezes passamos mais tempo na escola do que em casa, que v'yo nos ajudando a construir nosso conhecimento. E quando tem professores que se conectam, se importam com os alunos, s'yo eles que ficam na nossa cabeça, s'yo eles que constroem a nossa referência, tanto para parte acadêmica quanto como referência de responsabilidade. E aí quando temos, por exemplo, projetos de escola a distância, de aprendizagem a distância, eu acho perigoso porque você n'yo vai ter..., essa figura que vai te guiar..., e vai te dar as instruç'es necessárias, você as vezes pode ficar

muito disperso. Você vai absorver a matéria, mas o que mais você vai construir além da matéria, você vai construir, por exemplo, um senso de relacionamento com um superior, você vai entender melhor como funciona a vida depois dessa escola, a parte que você está efetivando de fato o que você aprendeu. Acho que o papel do professor é essencial.

PERGUNTA DEZ: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE SÃO IMPORTANTES PARA UM BOM PROFESSOR?*

- Conhecimento da matéria! O básico. Disposição ao atendimento das dúvidas do aluno, também disposição para entender as questões do aluno além da matéria. As dificuldades do aluno não são sempre relativas à absorção do conteúdo, pode ser um problema estrutural anterior, um problema de convivência entre os alunos, e muitos professores por estarem negligenciando, por não estarem construindo as relações corretas com os alunos, acabam deixando isso passar. Então dá uma nota, faz a recuperação..., mas e aí...? Muitas vezes no estado eu já presenciei professor ser obrigado a passar o aluno..., e aí ele passou, foi só mais um número para ele e acabou, ele passou mas não ajudou ele..., o aluno também não fez nada..., porque ele não teve as condições... Quem pode mudar essa realidade, resgatar esse aluno que está prejudicado é o professor. Então ele tem que construir boas relações... com os alunos e... passar a matéria. E ele também..., acho que não pode ser completamente controlado pelas coordenações... Muitas vezes o professor é limitado pelas coordenações, e às vezes ele até quer fazer essa relação com o aluno, mas ele não pode, não consegue. Projetos de extensão, de pesquisa nas escolas públicas..., as vezes por uma falta de verba ou porque acham que são gastos desnecessários..., acabam não sendo realizados. Para essa professora que me indicou o IF, ela começou a fazer um projeto de extensão para alunos que queriam fazer a OBMEP (Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas), e aí foi uma peleja muito grande para ela conseguir esse projeto e manter esse projeto. (O entrevistador faz algumas observações e o entrevistado prossegue) é... duas coisas. O senhor falou sem exageros, é... realmente, não é como se fossem..., melhores amigos, porque quando eu falo sobre relação falo sobre o professor perceber as influências daquele aluno, que levam ele a se desenvolver bem ou mal, e aí conseguir dar o suporte para ele... melhorar, progredir. A gente está vivendo um momento muito conturbado aqui no IF também, com a coordenação..., sobre a implantação... das catracas..., tudo vem lá de cima também, falam: - Ah, a coordenação não é completamente culpada, mas por trás da coordenação há o mesmo tipo de sistema, essa mesma hierarquia, que está passando por isso sem debate, está acabando com os espaços de convivência do aluno. Porque o que eu percebo hoje é que estão querendo promover uma higienização aqui no IF, eu percebo por que eu estou aqui. E aí limpando esses registros de negatividade, que tem no senso comum, de que aqui só tem militante, que aqui só tem arruaceiro, aí eles querem meio que limpar essa ideia, para promover mais as pessoas a procurar o IF. E os alunos que entraram não tiveram todo esse espaço de convivência, acham que o normal é essa coisa... enrijecida, sem os espaços adequados para os alunos, tudo controlado com catraca, fotografia, sistema, câmeras. (Neste trecho várias divagações do entrevistado e do entrevistador foram suprimidas por não serem objeto de nossa investigação).

PERGUNTA ONZE: O QUE MAIS TE AGRADA E O QUE MAIS TE DESAGRADA NA FORMA DO PROFESSOR TRATAR O ALUNO?

- Respeito, entre as duas partes. É importante ressaltar aqui, é entre as duas partes, porque nas escolas públicas a gente vê, minha mãe como professora de escola pública já sofreu muita agressão verbal, física ainda bem que nunca, mas têm professores que sofrem agressões físicas, então respeito entre as duas partes. Maior empenho em resolver as dúvidas do aluno, e ajudar, perceber as condições daquele aluno e dar o suporte necessário para ele progredir. O que incomoda é o oposto, e é um caso que a gente está passando aqui na minha sala, a gente está com um caso de um professor totalmente negligente, e aí ele não passa a matéria..., tudo bem, pode ser o jeito que ele dá aula, parte da didática, mas quando contestamos isso ele recebe de uma forma totalmente negativa. Eu mandei uma mensagem para ele porque ele não passou prova e tal, aí eu mandei uma mensagem para ele: - Bom dia professor! O senhor poderia marcar a data da prova, marcar, elucidar, porque a gente está ainda muito confuso com a questão. – Ele visualiza e não responde. Às vezes ele tem posturas vingativas, muitas vezes negligente, tanto em relação a matéria quanto em relação aos alunos, ou às vezes ele dedica uma atenção para um certo grupo. Porque eu acho que deve ser muito ruim para as outras pessoas, eu nunca sofri tanto com isso, só agora, em relação ao professor concentrar a atenção dele totalmente para uma única pessoa, aí você fica com raiva tanto do professor quanto da pessoa que está recebendo toda essa atenção, aí você acaba se isolando, você acha que não é capaz de estar no mesmo ambiente daquela pessoa, e isso é totalmente negativo.

PERGUNTA DOZE: QUE TIPO DE MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO, OU DIGAMOS DE METODOLOGIA VOCÊ ACHA QUE TE AJUDA A APRENDER MELHOR?

- Uso de muitos materiais, por exemplo, documentários, clássicos, mas também pesquisa..., quanto mais amplo o arsenal didático do professor melhor. O que me incomoda é quando o professor... ele fica só sentado na cadeira, e aí enquanto ele passa a matéria ele vai lembrando casos da vida acadêmica dele, e ele vai misturando as duas coisas, aí você não consegue distinguir o conteúdo que ele está ensinando e o que é experiência dele. Assim fica muito difícil porque a gente tem que decifrar..., a gente tem que pegar aquele novelo de lã que ele está só falando, falando sem parar e tirar utilidade daquilo tudo, acho que isso é a parte negativa. Porque varia muito, porque algum professor pode ser mais clássico lá no quadro e você aprender a mesma quantidade de um professor que tem muita visita técnica, e que passa vídeos e documentários. Agora esse caso do professor que só vai falando, falando, falando... nunca vi dar certo... comigo.

PERGUNTA TREZE: COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?

- Ela é positiva na minha opinião. Quando ela é bem trabalhada. É normal você não gostar de uma pessoa, as pessoas têm gostos diferentes, simpatias diferentes, acabam

não dando tpo bem uma com a outra, mas tudo bem se você conviver respeitosamente com essa pessoa. E é muito bacana quando os alunos começam a se ajudar, um tem uma dúvida aí o outro responde, e as vezes a dúvida do aluno que respondeu pode ser respondida por outro colega. Aí fica essa integração os trinta alunos se ajudando. E é normal, mas eu acho também tem que ser respeitoso... como tudo. Todo tipo de relação tem que ser respeitosa porque senão você vai criar um inimigo, e quando você passa tanto tempo num lugar você não quer ter um inimigo, e isso acontece tanto com professores quanto com alunos. E aí..., acho que os amigos mais próximos também, além dos trinta, mas você sempre tem aquelas panelinhas, essas pessoas acabam te incentivando também, você vê que ela está indo você vai atrás, você quer conseguir desempenho... você não quer ficar atrás daquela pessoa... você se sente meio mal..., se sente ignorante perto daquela pessoa que está tendo um bom desempenho, se sente preguiçoso. E aí o papel desse aluno que tem um progresso maior... ajudar a perceber o que que está incomodando e atrapalhando esse aluno que está ficando para trás, esse colega que está para trás, e assim construir juntos... coletividade.

PERGUNTA CATORZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?*

- Participação! Você perceber que ele tem mais confiança nos assuntos, por exemplo, vai ter alguma apresentação, tudo bem que tem as questões de nervosismo, mas é perceptível também quando ele não absorveu aquilo bem, ele não constrói a confiança necessária, até por causa das relações aluno/professor e aluno/aluno ele fica inseguro de errar. Então... ele ser dedicado também é algo importante, ele ser focado (são parecidos), ser respeitosos com os professores também. Serem... estou pensando ainda... (risos), acho que é isso, focados, dedicados, concentrados..., confiantes também...

PERGUNTA QUINZE: *VOCÊ SE CONSIDERA UM BOM ALUNO DENTRO DESTES CONTEXTO?*

- Eu me considero muito esforçado. Aí entra numa das características, mas de novo, como eu já tinha o costume, foi muito mais fácil para mim obter essa dedicação e esse foco... essa concentração. O que foi mais difícil que também é uma característica do aluno, é a relação com os outros..., aí eu fui construindo e fui melhorando ao longo do tempo... e aí hoje está muito melhor. Porque às vezes você pode acabar se tornando individualista demais, ou egocêntrico... isso é negativo, não é algo bom, tanto para o seu desenvolvimento quanto para as relações sociais. E aí voltando a outra parte da pergunta que eu tinha esquecido, eu sou consistente, até por aquela visão que eu tenho de que: “é sempre bom dar o melhor de mim”, se eu regredir eu vou ficar chateado e eu não quero, então eu vou sempre mantendo e tentando melhorar. Então eu me considero um aluno consistente... nessa parte de dedicação, foco.

PERGUNTA DEZESSEIS: *QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE*

VOCÊ É HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?

- Na escola eu acho que... além dos conceitos teóricos, porque... em maior ou menor grau, eu acho que a parte teórica nós vamos aprender esse básico..., ajuda a gente aprender também na vida. Então a escola é essencial e tem esse caráter de emancipação, e além de tudo tem as relações que construímos com os outros. Por isso acho que sou quem sou hoje, por causa da escola, porque muito se fala da desestruturação familiar, e como isso é negativo para as crianças, quando você vai para um ambiente que é mais técnico, você também precisa das mesmas figuras de responsabilidade e de exemplo que você tem na família, só que nesta figura tem o professor, e muitas vezes a coordenação também. Então, isso é o que a escola proporciona que permite esse crescimento, essa construção pessoal. Porque tem essa escola a distância, esse estudo a distância, eu vou aprender a matéria, mas eu não vou ter a figura referencial que vai me possibilitar... um vislumbre do futuro, eu não vou saber onde chegar, provavelmente eu vou ficar muito mais perdido do que se eu tiver alguém me dando as mãos... e aí são os trinta alunos da mesma sala e o professor também, para me ajudar a mostrar um orientação. (O entrevistador pergunta como o entrevistado vê a importância da educação recebida para o seu futuro) com certeza. Olhando para parte da matéria... a parte técnica que é direcionada para o mercado de trabalho... com certeza é útil, e por exemplo, as minhas escolhas de formação foram sendo moldadas de acordo com o que eu via nas escolas, eu quero medicina, e a especialidade que eu quero só fui decidi-la com mais clareza depois que eu entrei no IF. E ela, além dessa parte..., como eu já falei o que os instrumentos teóricos oferecidos pela escola nos possibilitam, também tem a parte pessoal, que aí vai me possibilitar modelos do que é um bom profissional, porque se eu tenho valores que como aluno eu considero importantes para um professor, e ele é um profissional que está no mercado vendendo sua força de trabalho, que no caso é intelectual e não braçal, eu vou entender que esses valores são importantes para mim também, se eu quero ser um bom profissional, aí vai a ética, o respeito, o amor, as boas relações.

PERGUNTA DEZESSETE: *ESPAÇO ABERTO PARA O ENTREVISTADO FAZER COLOCAÇÕES QUE ELE ACHE PERTINENTES E QUE PODEM NÃO TER SIDO CONTEMPLADAS DURANTE AS PERGUNTAS.*

- Não... acho que eu falei bem. Que a escola tem as suas restrições seus fatores de reprodução que são... os alunos com maior facilidade continuam tendo maior facilidade e podem ocupar os cargos de maior relevância social. A parte técnica dela que vai formar os trabalhadores as vezes sem pensar, mas eu também falei como ela pode ser emancipadora e importante principalmente na figura dos profissionais e dos colegas. Que a escola ela tem que ser muito mais do que os livros e canetas, ela tem que ser pessoas agindo juntas para construir o processo de saber, de conhecer. É isso que eu defino.

PERGUNTA UM: O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?

– Boa pergunta! Eu acho que é..., além de vários conceitos, uma forma histórica de se trabalhar tudo aquilo que é considerado conhecimento, daquilo que a gente acha relevante passar para frente. É isso, e acho que também está bem ligado à tradição.

PERGUNTA DOIS: O QUE VOCÊ ACHA QUE É MAIS IMPORTANTE DE ESTAR NESTE PROCESSO DE EDUCAÇÃO? O QUE ELA MAIS ACRESCENTA NO INDIVÍDUO?

– Ah, eu acho que a educação me proporciona muitas oportunidades..., conhecimento em si; porém eu acho que a forma como esse conhecimento é trazido até nós, ela não é muito... como eu posso dizer? Ela é muito de classificar as pessoas, seleciona pessoas muito específicas, é focado em áreas da ciência muito específicas, falando aqui do IFG, por exemplo, aqui neste campus o foco é cem por cento exatas, tem um ou outro ali que destoa, música e essas coisa assim. E às vezes eu acho que... você quando se entende como pessoa, acaba se frustrando em relação à educação, você vê que não se encaixa... coisas do tipo, e acaba tendo a sensação de que você não é bom o bastante. Mas eu não acho que isso é cem por cento ruim, que a educação é cem por cento ruim, só acho que essa tradição, a forma como ela vem sendo ensinada no decorrer dos anos, ela... vai ficando obsoleta, e começa a separar pessoas em grupinhos.

PERGUNTA TRÊS: VOCÊ SE ACHA UMA ESTUDANTE MOTIVADA? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?

– Olha, falando pelo Instituto, eu acho que não motiva justamente por essa questão dos moldes. Eu não me encaixo nesses moldes... inclusive eu estou trancando o curso agora, porque eu percebi que eu estava me mantendo aqui pelos motivos errados, e agora eu quero sair pelo motivo certo..., que é por mim mesmo, fazer o que eu realmente quero. Mas é assim..., pelo fato de eu não me encaixar nesse molde eu sinto que o Instituto não me joga para frente: - Já que você não se encaixa ... então procura algo que você se encaixa, sabe? – Um professor de uma matéria técnica uma vez me disse assim, chegou para mim e falou assim: - O que que você ainda está fazendo aqui? Você não vai formar! – E eu fiquei completamente abalada, sabe? Parece que tinha puxado o meu tapete mesmo. E... graças a Deus eu sou bem próxima dos meus pais, eu cheguei a conversar com eles, e tal. E depois desse tempo..., continuando tendo aulas com esse professor o restante do ano eu percebi que é muito o jeito dele falar, que ele queria me dar um sacode, sabe? Assim: - Olha, ou você pega para se dedicar.. a esse curso que você tem, ou você sai! Porque você não quer fazer isso. – Então eu acho que o que me desmotiva é isso, toda essa tradição envolvida com o ensino, e o que me motiva... sou eu mesma, o fato de eu me conhecer o suficiente saber do que eu gosto..., a minha família. E saber ter essa noção de que o mundo é bem maior do que só o Instituto, por exemplo.

PERGUNTA CINCO: : VOCÊ ACHA QUE AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA AO INGRESSAR NA ESCOLA FORAM ATENDIDAS?

– Bom..., eu entrei..., falando de caminhada, como um todo, eu entrei na escola já alfabetizada, minha mãe tinha o curso técnico de formação de professores, e eu cheguei a fazer esse curso posteriormente, mas enfim..., aí eu entrei alfabetizada, não tinha tanta expectativa assim, porque... sei lá! Eu acho que eu estava..., na minha cabeça eu estava indo para o colégio porque meus pais precisavam de tempo para trabalhar, e era obrigatório que eu estivesse no colégio. Era um colégio integral, era muito divertido, mas eu ficava me sentindo meio assim: - Nossa será que vai ser sempre assim? – Porque a professora passava as letrinhas e as sílabas, e eu ficava: - Tá bom gente, é muito simples... Vocês não conseguiram ainda, precisa de um ano inteiro para isso? – E aí..., eu comecei na rede pública e no quarto ano eu fui para a rede particular, não foi para qualquer colégio eu fui para o (cita o nome do colégio) e eu fiquei assim: - Caraca! Agora vai... e aí minha vida vai decolar! – Que é aquela escola enorme, tinha aquele monte de cursos profissionalizantes, de oficinas, um monte de coisas que realmente me incentivavam, sabe? Eu lembro que... tinha na minha grade curricular... umas aulas de lego, sabe aquelas pecinhas de montar, que era daquelas originais mesmo, super caras e pequenininhas, para incentivar que a gente criasse, e tinha pecinhas com motor..., era bem divertido. Só que... graças a Deus, na rede pública eu tive uma base muito boa, e quando eu cheguei no (cita o nome do colégio) eu achei que ia ser melhor! E não foi...! Eu tive uma quebra de expectativa muito grande. Tudo aquilo que... era passado eu já tinha visto alguma coisa. A minha professora anterior (cita o nome dela), ela era amiga da família e tudo mais, e ela sempre foi uma professora muito dedicada, ela nunca dava só a matéria que estava no livro, ela sempre me ensinava um pouquinho mais à frente, um pouquinho a mais. E aí eu lembro de chegar para os meus pais frustrada, falando: - Olha, (risos) eu estou no quarto ano e eu estou sentindo que eu não estou aprendendo nada! Eu estou com medo de chegar no ano que vem... e aí eu ficar prejudicada! – E aí eu passei para um outro colégio que era também particular, e aí fui acompanhando, tive professores maravilhosos. A dificuldade que eu tinha nas matérias de exatas foram bem supridas, porque era um professor que gostava muito do que ele fazia! E... chegando no ensino médio, a primeira vez que eu fiz o ensino médio eu fiz um curso profissionalizante de formação de professores. Que era um curso que eu não queria, que era também, num colégio Estadual muito grande, ainda no (cita o estado de origem dela). E depois..., teve greve e tudo o mais... sei lá! Eu fiquei meio perdida nisso tudo. Fiquei: - Ah, o que que eu vou fazer? – Aí eu vim para Goiânia, fiz a prova para o IFG, acabei entrando aí eu fiquei assim: - Nossa! – Eu entrei mais pelo Instituto do que pelo curso em si. Estava com muita expectativa também, falei: - Nossa isso vai para o peso do meu currículo. Qualquer coisa assim. – E aí estou aqui a três anos né..., e essa luta aí (risos). E aí vou falar: - É fácil entrar o difícil é sair! Sair formada! – E um professor falou uma vez para gente: - Vocês já pararam para pensar que quando você vai no médico..., tem um monte de diploma lá atrás. Você não fica olhando se ele se formou na UFG, se ele se formou na PUC, se ele se formou na USP, você só quer que ele seja um bom médico e te atenda e possa resolver o seu problema. Então se tem alguém que está aqui por causa do Instituto, saí fora gente, é roubada isso! – E isso abriu muito a minha mente... porque realmente assim... e... é claro que para você se formar em um outro lugar você precisa ter recursos para isso. Mas a minha

trajetória no ensino foi bem assim, quebra de expectativa, e cair na realidade várias vezes, com várias coisas diferentes, porque a gente percebe que a vida n'yo é t'yo conto de fadas assim, mas que também ela n'yo é t'yo complicada, as vezes é só a gente que fica preso nesses preceitos e se prejudica sem necessidade.

PERGUNTA SEIS: *VOCÊ ACHA QUE ESTE PROCESSO DE APRENDIZADO QUE VOCÊ VIVEU DE ALGUMA FORMA TE AJUDA NA SUA PREPARAÇÃO PROFISSIONAL, PARA O MERCADO DE TRABALHO?*

– Olha, eu n'yo sei muito bem pensar sobre isso. Eu consigo enxergar bem os dois lados. Eu enxergo que todo mundo quer ter condições de ter um bom emprego lá na frente, ter uma vida estabilizada, estruturada, e... viver com uma boa qualidade de vida, mas por outro lado eu acho que é meio cruel você pregar dessa forma, sabe? – Você tem que estudar para ser alguém na vida! – Eu acho que é meio cruel você colocar isso dentro da cabeça de crianças, que a gente é ensinado assim desde muito cedo: - Olha, você tem que ir para a escola porque um dia lá na frente você vai precisar de emprego, e ninguém contrata gente que n'yo tem diploma. – Eu acho que isso é muito cruel, até porque esse alguém que eles querem que a gente seja, está presa dentro desses moldes, e acho que é disso que vem todo o conflito, sabe? – Caramba! Eu n'yo me encaixo, eu n'yo vou conseguir me formar eu n'yo vou conseguir trabalhar com alguma coisa que eu quero, eu vou estar presa dentro de um escritório, ouvindo desaforos de um chefe que eu n'yo gosto, trabalhando numa empresa que eu n'yo gosto. Então qual é o sentido de você estudar..., para um dia ter um trabalho, para ter uma vida estável e aí ser feliz, sendo que você vai ser infeliz no seu trabalho. Então eu acho que sei lá! É um discurso que por um lado ele é coerente ele faz sentido, todo mundo quer pensar que lá na frente pode ser alguém..., ter uma vida melhor do que os pais puderam proporcionar, acho que todo mundo pensa em crescer, n'yo só financeiramente, mas pessoalmente. Só que em contraponto n'yo é justo, essa forma de dizer: - Ah, que é para você ser alguém! Você já nasce sendo alguém! (risos)

PERGUNTA SETE: *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

– É acho que começa dentro de casa, a forma como você enxerga tudo, e os meus pais, ambos tiveram uma vida bem complicada, mas eles nunca foram de ficar reforçando isso sabe, o meu pai nunca ficou falando para mim assim: - Olha, eu já tive dias em que eu tive que comer só a casca da banana porque eu n'yo tinha nada em casa! Então você tem que dar valor. – Por incrível que pareça eles conversavam muito comigo, mas n'yo tentavam trazer essa pressão. E... eu sempre entrei um pouco em conflito com o que ela falou de você fazer valer a pena todo esse esforço, porque acho que de certa forma acaba sendo uma pressão a mais, é uma coisa que você... meio que n'yo tem escolha, seus pais acreditam que uma escola particular, por exemplo, vai ser melhor do que o ensino público, e eles se dedicam e eles se matam para dar isso para você, e... é meio assim: -Caramba! Será que eu consigo? Sabe? Atingir essas expectativas dos meus pais? – Porque n'yo é só alguém que

you quer agradar tem todo: - Caramba! Família. – E durante o ensino fundamental eu conheci também muitos professores que me influenciaram nisso tudo de uma forma muito boa. Mas também conheci muitos que influenciaram de uma forma muito negativa e que eu consegui tirar um proveito bom disso. Aconteceu muita coisa, como o caso de uma diretora chegar para mim e dizer que ia chamar meus pais e não sei o que, e eu fiquei tipo, sem entender, era uma escola particular muito pequena, e ela falou assim: - Eu não gosto... – Eu tinha uma amiga muito próxima, e ela falou assim: - Eu não gosto que você fique se agarrando com ela. – Aí eu falei assim: - Como assim? Me agarrar com ela. – Toda hora vocês se abraçando, não sei o que. – E foi um impacto bem negativo assim porque eu tinha, sei lá? Catorze anos, eu estava num momento de conflito, quem eu era, o que eu queria, e o que eu gostava. E... foi bem: - Uau! – Eu acho que o que mais me influenciou mesmo, acho que de certa forma a ter esse ponto de vista mais crítico foi... os meus pais, que são a minha base e professores que tentaram influenciar negativamente na minha vida. Professores que falaram dentro de sala de aula, isso aqui no instituto: - Se um dia... – É um professor de matéria técnica, eu nunca vou me esquecer disso! – Se um dia... a minha filha virar para mim e falar que quer fazer biológicas! Eu não aceito. – E eu fiquei assim...: - Meu Deus do céu, o que é que essa mulher está falando? – E eu lembro que sempre dizia que não gostava dessa professora, e todos alunos ficavam assim: - Nossa! Mas porque é que você não gosta dessa professora? – E não é só pela forma como ela ensinava, até que ela ensinava bem, só que as provas eram muito difíceis, mas não era só por causa disso, era por causa da pessoa que ela era dentro de sala. Ela fazia questão de colocar para fora todos os pré-conceitos dela, todas as limitações pessoais da cabeça dela. E eu ficava indignada com isso, e eu falava assim: - Cara como é que deixa alguém estar dentro de aula falando isso para trinta pessoas em formação, sabe? Que estão se descobrindo como pessoas agora! – Eu sempre fui mais velha do que as outras pessoas da minha turma, então eu ficava assim: - Gente! Vocês não estão enxergando isso? Será que eu estou ficando louca? Eu estou implicando com a professora? Ou alguma coisa do tipo. – Mas não, realmente tem muito isso. Um professor a semana passada, ele estava falando de matéria técnica para a gente, sobre equipamentos eletrônicos, que é importante a gente economizar energia e não sei o que? Isso tudo com base teórica, falando que era possível que a gente calculasse... o nosso consumo e assim saberíamos como reduzir os gastos. E aí ele começou a entrar numas falácias: Ah, que no laboratório feminino existe a máquina de lavar, a máquina de secar roupa, o secador de cabelo, não sei o que; e no laboratório masculino tem a furadeira, tem o barbeador e não sei o que... Eu fiquei assim...: - Isso é realmente relevante para o estudo? E aí entra numas questões ... acaba que sendo ideológicas mesmo, de todo um conjunto de conceitos que várias pessoas dentro do mesmo ambiente têm, não só professores alunos também. Eu tive a oportunidade de aprender muito com outros alunos... pessoas mais novas... e... é isso toda a trajetória, não só as coisas que você ouve, mas também as coisas que você vive e tudo isso influencia no seu pensamento crítico, na forma como você vê a educação... e o mundo! (Neste trecho algumas divagações do entrevistado e do entrevistador foram suprimidas por não serem objeto direto da investigação).

PERGUNTA OITO *QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

– Eu acho que tudo depende do poder que você dá para tecnologia de modo geral. O poder que você dá para o seu celular..., sei lá! Para o que está acontecendo nas redes sociais, porque você controla isso, você controla a sua vida. Mas eu tenho ciência de que tem gente que realmente não consegue e acaba se tornando um vício, acaba ficando dependente. Eu acho que... eu por exemplo, eu tenho que ficar pegando no meu pé..., e botar prioridades, e falar assim: - Olha, hoje eu posso me dar essa folga de... sei lá! Ficar... vendo meme na internet para descontraír. – Hoje eu vou usar meu celular para poder estudar para o vestibular, porque, quando eu entrei no IFG, eu não sabia ainda que eu ia fazer prova para cá porque e ainda estava morando no (cita a cidade onde ela morava) e aí teve todo esse processo, e aí eu cheguei aqui faltavam quarenta e dois dias para o dia da prova, e eu falei assim: - É isso aí né, eu vou estudar sozinha. – Dava para fazer. E aí todo dia eu pegava assim, de tarde depois do almoço, e estudava, estudava, estudava e eu não achava que eu ia conseguir passar; tanto que quando eu vi minha nota eu falei assim: - Não, essa nota não foi suficiente! – Eu não tinha muita noção desse negócio de ponto de corte e tal. Eu não tinha pesquisado muito a respeito mesmo, eu só vim com a cara e a coragem, tanto que quem fez a minha inscrição foram os meus pais, eles só foram falando os nomes dos cursos assim aí eu: Telecomunicações é um nome bonito! Vai esse mesmo. – E eu achava que era uma coisa mais voltada para a comunicação do que para tele! Sabe? Para a parte técnica da coisa! Não me atentei. E aí quando eu vi que eu consegui, eu passei numa posição boa até, foi livre concorrência e eu fiquei assim: - Caramba! É, eu sou capaz, eu só preciso... ser a pessoa que vai puxar a minha própria orelha. – Porque não dá para gente ficar dependendo de outros fatores para se dedicar, porque no fim das contas, o futuro é só nosso, a gente é responsável por ele, as consequências são só nossas. E... toda tecnologia pode servir para ajudar muito, mas pode servir para atrapalhar muito também, acho que tudo depende do poder que você dá para isso. Eu acho que entra em pauta também, você conhecer, a forma como você se dá bem estudando. Porque às vezes a internet pode te prejudicar um pouco mais porque você não consegue focar em estudar pelo celular, pelo computador, mas se você é uma pessoa que se dá bem estudando sozinho, talvez seja melhor para você do que ficar dentro de sala de aula ouvindo um professor que você não suporta ver a cara dele. Que tem uma voz enjoada, que não gosta de você, ele já deixou isso claro, sabe? Então acho que... o fato de você saber..., a forma como você se dá bem estudando, a forma como você se sente confortável, que você consegue absorver conteúdo também te ajuda a ter essa noção de critério. exemplo: - Olha, hoje eu vou para o cursinho. – Ou então: - Hoje eu vou separar esse tempo aqui, enquanto eu almoço eu vou ver uma videoaula.

PERGUNTA NOVE: *QUAL O PAPEL QUE VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

– Eu acho que o professor tem uma grande influência na forma como você absorve o conteúdo, na forma como você aprende a absorver conteúdo, porque às vezes a sua linguagem não bate com a linguagem dele, mas vão se adaptando um ao outro. Eu acho que tem muito professor que percebe que não cabe mais, nem a ele nem aos alunos manter essa relação hierárquica. Assim: - Eu vou ficar aqui falando, vocês vão só ficar aí escutando e absorvendo. Se tiver alguma dúvida levanta a mão e eu repito. – Tem professor que ainda age assim, tem professor que tem noção que isso nem funciona nos tempos de hoje. E... eu já tive professores, o meu professor de matemática mesmo... do fundamental, ele começou a abordar assuntos do ensino médio com a gente, porque era meio que um plano da grade da escola, que era particular, de preparar a gente melhor. E eles incentivavam muito a gente a entrar para o IFF que é o Instituto Federal Fluminense e para o CAP que é o colégio de aplicação lá do Rio de Janeiro, eles falavam muito bem deles e incentivavam a gente. E esse professor de matemática eu lembro que uma vez ele falou assim, eu acho que foi Bhaskara (Refere-se à fórmula matemática), ele falou assim: - Vocês estão vendo isso aqui? Vocês nunca vão usar isso aqui no nível de vocês. Mas vocês precisam, sabe? Para entrar numa escola legal e tal! Então não se prende a: - Meu Deus do céu não consigo entender! – Só se esforça para tentar entender e depois você deixa para lá, se você ainda lembrar você vai estar no lucro. – E eu sei a fórmula de Bhaskara até hoje, não tem necessidade nenhuma de eu saber isso, mas eu acabei guardando assim, até como uma lembrança carinhosa dele. De vez em quando ainda recebo uns vídeos de uns colegas meus que ainda estão lá, dele cantando na sala de aula, sabe para ajudar a gente a absorver o conteúdo melhor. E já tive muito professor rígido que tinha essa noção de que eu falo, você escuta, e nossa relação se limita somente a isso. E é isso, a gente acaba aprendendo a ter flexibilidade, mas quando a gente se mostra disposto, também transmitimos uma coisa boa para o professor: - Não que bom eu acho que eu posso tentar ensinar de outra forma. – Aconteceu desse professor de matéria técnica que a gente está citando toda hora, que falou para eu desistir do curso e tudo mais, eu pego a aula dele esse ano de novo, e aí... sim ele é muito, muito rígido e tal, tipo ele tem um jeito de falar meio bruto, parece que ele está sempre implicando com alguém. E aí, depois que eu tirei a minha primeira nota boa assim, boa que eu falo é acima da média, ou na média (risos), ele simplesmente parou de implicar sabe. Ele fica assim: - É isso aí eu quero ver você dando resultado! – E quando eu me vi na situação de pegar aula com ele de novo, eu já conhecia ele e ele não conhecia o resto da turma, ele me usou como um bom exemplo, falou assim: - Olha, ela está aqui de novo e tal, fez até uma brincadeira, falou que se apaixonou por mim (risos), mas eu tenho certeza que essa experiência vai contribuir para a vida dela. – E foi realmente assim bem impactante, porque eu fiquei retida só em três matérias técnicas e matemática, que é toda a base do curso! Exatas. E eu percebi que eu tenho toda e completa capacidade de passar, mas que está sendo mais tranquilo agora porque eu tenho mais tempo para me dedicar a essas matérias, e eu tenho também essa responsabilidade de me dedicar a elas, porque antes eu ficava assim: - Poxa! Eu vou ter uma prova de matemática e uma de filosofia no mesmo dia, eu vou estudar para a matéria que eu gosto que é filosofia, porque aí eu garanto um dez. Uma professora me ensinou isso também, quando você vai fazer o vestibular que são várias matérias, você não foca na

matéria que você tem mais dificuldade, você foca na matéria que você tem mais facilidade, porque aí você garante um dez nela e aí você tira os pontos pingados que você conseguir nas outras. E é esse o método que eu venho usando e seguindo. Guardo muito conselho de professor, desde muito tempo, eu acho que é muito bom ter essa relação professor aluno que tem todas as suas divergências e problemas, mas quando você aprende a ser flexível e mostrar para o professor, lembrar ele, que você é outro ser humano ali sabe, que está também fazendo a sua parte, há essa troca onde ele tenta te ajudar, de uma forma mais pessoal, e você tenta não levar para o pessoal as coisas que ele fala dentro de sala. Sempre que tem prova de matemática e filosofia no mesmo dia a questão é que além de estudar para uma matéria que a gente gostava a gente tinha um professor que a gente gostava. Até hoje a gente sofre de paixão por ele, porque ele ensinava com carinho, com calma, e ele passava as coisas para que a gente entendesse, com mais calma e tudo o mais. E todos os professores das matérias que a gente já não era muito assim... eram sempre os professores que a gente mais batia de frente. Eu também não os culpo porque nós tivemos um segundo professor de matemática, que foi o que falou sobre o não importar qual o colégio que vai estar no seu diploma, aquilo que importa é você ter o seu certificado. O que você gosta. O professor de filosofia tinha muito mais abertura para falar sobre qualquer assunto que ele achasse relevante. Então essa própria grade assim, limita os professores as vezes. Eu já tive muitos professores de matérias exatas muito bons, eram pessoas que transmitiam para mim muitas coisas além do conteúdo, mas acabavam ficando presos, pois como é que você vai pegar um gancho da fórmula de Bhaskara, para poder falar como você precisa valorizar o seu colega ou qualquer coisa do tipo. (Algumas divagações dos entrevistados e do entrevistador foram suprimidas desse trecho por não dizerem respeito ao objeto de investigação).

PERGUNTA DEZ: O QUE MAIS TE AGRADA E O QUE MAIS TE DESAGRADA NA FORMA DO PROFESSOR TRATAR O ALUNO?

– Bom, característica positiva eu acho que é o professor ter essa noção de que ele está trabalhando com outros seres humanos, que são seres em fase de desenvolvimento que estão se descobrindo agora... no mundo. E ter toda essa noção..., ter também a flexibilidade de saber trabalhar com isso, porque eu tenho duas irmãs pequenas, e eu sei que as vezes você simplesmente quer falar alguma coisa, tipo: - Olha! Não sobe aí! Você não tem que perguntar por que, só faz o que eu estou falando, não sobe aí! (risos) – Sabe... quando um professor tem toda essa... essa flexibilidade, esse jeito de conseguir lidar, de ter essa ciência de que nem todo mundo vai aprender do mesmo jeito, nem todo mundo vai ter as mesmas facilidades nas mesmas coisas, nem todo mundo gosta... Eu acho que essa noção de saber que ele trabalha com outros seres humanos... é muito positiva. E a coisa negativa, que eu acho que não parte só do professor, eu acho que aí também depende um pouco do aluno, que as vezes o aluno age assim: - Eu tenho personalidade forte. – Mas aí fica desrespeitoso! Usa isso como desculpa para ficar tentando se mostrar para os coleguinhas dentro da sala, para poder tirar uma onda com o professor, porque acha que isso é legal, que isso é divertido. E o professor assim como ninguém tem que ficar aturando passar por

situações degradantes ainda mais no seu ambiente de trabalho. E eu vejo que tem muito professor, nós debatemos sobre o professor em assembleia, fizemos uma reunião na minha turma, onde a turma no geral falou assim: Olha! Sabemos que não somos uma turma fácil de trabalhar, a gente tem uma fama muito ruim... aí sentamos... e conversamos o que a gente precisa melhorar nisso, nisso e nisso. E aí tinha um professor de uma sala, e aí eu cheguei e falei assim: - Olha, eu não pego tantas aulas assim com todos eles, com a turma, mas eu pego aula com você professor, e aí eu vejo que você tem uma certa dificuldade de se comunicar com a turma, que as vezes você parece que está dando aula para três alunos que estão ali sentados perto de você tentando te ouvir, que as vezes você não tem toda essa dinâmica. Talvez você só pudesse dar... sei lá tentar puxar mais atenção para si. - Eu sei que também é um pouco complicado porque é uma turma nova, é uma turma que conversa bastante, tem bastante gente mais nova, e aí essa professora levou muito para o lado pessoal o que eu falei para ela, e ficou assim; deixou de ser uma reunião entre trinta pessoas incluindo o coordenador do curso e vários outros professores, a (cita o nome de uma pessoa) psicóloga do departamento, deixou de ser uma conversa entre esse monte de pessoas tentando chegar numa solução e passou a ser um ataque pessoal da minha parte e da parte dela, e aí ela tinha que se defender (risos). E aí sabe? Quando a gente perde um pouco essa noção de que o professor ele está ali também trabalhando ele está fazendo a parte dele, e o aluno está ali... se dedicando, mesmo que as vezes o professor não consiga enxergar isso..., porque o professor não sabe o que o aluno passa no dia a dia, dentro de casa e nos outros ambientes, e o aluno também não sabe o que o professor passa. Acho que quando a gente tem essa noção de ambos os lados e que o professor é um ser humano e que os alunos também são seres humanos... eu acho que isso é positivo, e isso acaba não sendo tão visto no meio das exatas. Por causa de todo esse molde, todo esse processo, eles são ensinados assim, eles se identificam assim, e acaba tendo essa coisa toda. Essa professora em específico é de matemática. (Depois de uma pausa a aluna conclui) o jogo de cintura sabe... porque é complicado, ainda mais aqui no instituto que pegamos aulas com professores que estão aqui a décadas... ensinando... e sempre da mesma forma, da mesma maneira..., e eles veem resultado, então está dando certo não tem porque mudar..., a forma né, de ensinar. E aí esses professores se veem... de frente a uma geração muito diferente da deles e que tem todas as suas crenças e moral, e aí acaba havendo todo um conflito assim por causa dessa diferença. E... é isso aí... os dois lados têm que saber ter essa flexibilidade. E o aluno também tem que ter em mente que estará lá na presença de uma figura de autoridade, que é uma figura importante que você precisa respeitar e que o respeito é mútuo, mas ele também às vezes precisa ser conquistado. Um convívio básico em sociedade (risos). Uma coisa deste tamanho, que toma umas proporções negativas enormes, sabe? E o engraçado é quando toma proporções positivas não é tão fácil assim de fazer crescer de fazer atingir mais gente... são sempre as coisas negativas que ficam mais evidentes e que são mais fáceis de propagar... ideias ruins.

PERGUNTA ONZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE SÃO IMPORTANTES PARA UM BOM PROFESSOR?*

– Foi essas coisas que eu já citei antes, a flexibilidade, essa noção de mundo, de saber que a matéria dele não é a mais importante, que não existe matéria mais importante, todas elas contribuem para..., não só a formação acadêmica, mas também a pessoal, a formação de caráter... e acho que..., era para ser esse o objetivo..., de você estar num colégio, de você estar sendo ensinado a ter senso crítico e a pensar pela sua própria cabeça, eu acho que o bom professor tem essa noção de que ele está ali para fazer o trabalho dele... que tem um moldezinho para como ele fazer isso, mas que ele precisa não somente respeitar esse pensamento individual de cada um, mas como também incentivar que cada aluno tente fazer à sua maneira . E é... acho que é isso..., ele ter a noção de que o mundo não é só aquilo... e estou me sentindo muito mal porque parece que eu estou falando que os professores são ruins, mas são... Eu acho que um bom professor tem que ter essa noção do que que é... sei lá... o que que é um roteiro bom para ser seguido, uma fórmula boa e o que que é só reprodução... o que é que é ser só um papagaio ali repetindo só o que já foi dito para várias pessoas antes dele, e para ele, e para os avós dele. Acho que é só isso mesmo, porque quando você tem toda essa noção... você automaticamente vai ter a noção de que você precisa ter uma boa relação pessoal com os alunos. Você vai ter essa noção de que às vezes se você estiver num dia ruim, você vai poder chegar para os alunos e falar assim: - Olha, eu não estou bem para dar aula para vocês hoje! A gente pode tentar marcar um outro dia. – A gente já passou por isso com um professor aqui dentro de sala. É... acho que é essa a base..., você ter essa noção é o suficiente para que todo o resto da relação entre professor e aluno seja sustentável, seja legal, seja boa, com uma boa compreensão. Eu acho que o professor precisa ter noção da importância que ele tem sem deixar isso subir à cabeça! É ele ter noção de que tudo o que ele fala é muito relevante, que vai fazer diferença sim! E ter noção dessa responsabilidade. Com grandes poderes vem grandes responsabilidades. E aí eu acho que quando o professor tem toda essa noção, ele não é só um professor melhor..., ele é um profissional melhor. É uma pessoa melhor. E acaba ajudando a criar pessoas melhores também, porque aqueles alunos vão absorver todos aqueles bons exemplos e... o mundo vai se tornar melhor! (risos).

PERGUNTA DOZE: *QUE TIPO DE MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO, OU DIGAMOS DE METODOLOGIA VOCÊ ACHA QUE TE AJUDA A APRENDER MELHOR?*

- A metodologia das matérias humanas de forma geral (risos). Mas eu acho que essa divisão entre as áreas acadêmicas acaba sendo limitante, o professor tem a sua metodologia própria e aí por causa do tipo de conteúdo ou a matéria específica ele acaba ficando de mãos atadas e não consegue trabalhar de uma forma diferente..., não é justo com o professor, as vezes ele tem uma metodologia prejudicada por causa disso. A metodologia das humanas eu acho bem mais atraente, porque ela geralmente tenta abordar vários pontos de vista, várias perspectivas... e fica... a seu critério... não tem uma resposta exata, você tem que trabalhar todo aquele conjunto de ideias... e eu acho que isso serve para tudo, claro que a gente tem a noção de que um mais um é dois, mas nem sempre é assim, porque tem uma infinidade de números entre zero e um... Eu acho que é isso... as humanas têm que dominar

as exatas o mais rápido possível. Eu acho que a metodologia das biológicas também é excelente, eu tive aula com um professor de biologia o ano passado, e ele deu aula para gente de laboratório, tirava saliva da nossa própria boca para gente analisar no microscópio, e é incrível, eu acho que mostra uma perspectiva diferente, e... atíça a sua curiosidade, no laboratório de química também a gente já fez um objeto pegar fogo, com cores diferente, misturando um líquido, e a gente fica assim: - Nossa como é que... isso acontece? – E isso motiva e isso atíça toda a curiosidade e essa sede por conhecimento... E a gente acaba criando uma admiração quando o professor sabe transmitir o conteúdo de uma forma que você fica assim: - Caraca! O mundo é muito mais do que só eu na minha casa com meu pai e minha mãe. – Sabe, eu acho que uma metodologia boa é isso, você conseguir mostrar para os alunos: - Gente, olha como o mundo é incrível é enorme e que tem um monte de coisas para vocês descobrirem.

PERGUNTA TREZE: *COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

– Eu acho que depende do poder que você dá para tudo isso! Eu não acredito nesse negócio de má influência, eu acho que... todo mundo é capaz..., perfeitamente capaz de... pensar por si só e ter a noção de que: - Olha, meu coleguinha está tirando onda com a cara do professor ele vai se ferrar e eu não quero reproduzir esse tipo de comportamento. Mas eu acho que também o fato da gente conviver em sala de aula com outras vinte e nove pessoas, que você não sabe quem são e de onde vieram, mas têm histórias diferentes, e isso tem muito a agregar, sabe para a sua vida em vários sentidos, conhecer pessoas de religiões diferentes, conhecer pessoas que nasceram em locais diferentes, isso tudo eu acho que agrega de uma forma muito positiva, e quando tem alguma coisa negativa você aprende com isso também..., com os erros, com os conflitos... E eu acho que faz bem a gente ser obrigado a conviver em sociedade dentro da sala de aula, mas às vezes enche o saco... as vezes você não quer mais, se desmotiva e fica cansativo..., porque às vezes tem essa barreira entre professor e aluno e aí fica um monte de alunos insatisfeitos dentro da sala e o professor insatisfeito também e aquilo vai criando um ambiente pesado, sabe? É... tem seus pontos negativos e tem os seus pontos positivos.

PERGUNTA CATORZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?*

– É assim que eu ia começar a minha fala: - Senso! – Ter a noção de que você está num ambiente que você faz parte de um coletivo, e... você saber respeitar isso, e saber quando você precisa cobrar do professor uma postura, sei lá, no sentido de que ele está deixando a desejar no conteúdo, ou qualquer coisa assim, que é um direito seu. Eu estava me lembrando ontem (risos), enquanto eu lia um livro, de um dia que eu fui coagida dentro da escola, a professora jogou um monte de blefes, falou que ia chamar o diretor, e eu tinha todo o direito de não assumir a culpa por aquilo que eu não tinha feito. Mas aí ela começou a falar que... todo mundo ia ser prejudicado, e que todo mundo ia levar uma advertência... tal, tal, parou a aula completamente, eu tinha o que? Dez, onze anos... foi um terrorção

psicológico, mas aí ela garantiu que se alguém assumisse a culpa n'yo ia acontecer nada demais, aí eu fui lá disse que tinha sido eu e tal, uma coisa boba..., e ela chamou a minha mãe (risos), eu fiquei assim: - Caramba! Eu confiava em você. – Sabe? E tipo assim..., é... eu acho que o aluno tem que ter toda essa noção do que é dever dele e também saber os seus direitos, e saber como exigir os seus direitos de forma que n'yo seja..., sei lá! Soberba. É preciso que o aluno tenha sempre em mente que o professor é a figura de autoridade dentro da sala de aula e que você n'yo pode tentar resolver os problemas, chegando e apontando na cara e falando assim..., vamos desfazer toda essa estrutura que está aí a milênios, n'yo dá para fazer assim você tem que ter toda essa flexibilidade de saber entender e se fazer ser entendido. Então acho que é isso aí! (Algumas divagações do entrevistado e do entrevistador foram suprimidas desse trecho por n'yo dizerem respeito ao objeto de investigação).

PERGUNTA QUINZE: : *QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE VOCÊ É HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?*

– Eu acho que agregou bastante na minha vida a noção de pensamento crítico, que eu já tinha bastante dentro de casa, meu pai costumava ser meio anarquista... (risos) antes..., hoje em dia ele é só de extrema direita (risos), e ter essa noção de sempre questionar o porquê, n'yo como no exemplo da criança que eu dei que pergunta: - Porque que ela n'yo vai subir lá? – Mas é você tentar procurar um incentivo nas coisas, de forma que faça sentido para você. Você n'yo vai simplesmente aceitar uma ideia um conteúdo..., sem entender..., sem poder destrinchar tudo aqui e falar assim: - Olha! Eu consigo compreender que se eu enfiar o dedo na tomada a resistência do meu corpo n'yo vai ser suficiente por isso eu posso morrer queimado! – Toda essa noção de mundo que vem junto com a educação. É foi isso que me agregou. E o convívio em sala de aula, acho que ajudou a reduzir os meus preconceitos e ideias fechadas que eu sempre tive por conviver com pessoas que pensavam igual a mim, e acho que quando você está inserido num ambiente que tem pessoas que pensam diferente de você, e você está disposto a ouvir o que essas pessoas pensam..., sem conflito nenhum, e aí você pode absorver coisas boas com essas pessoas e transmitir coisas boas. Como as experiências ruins que eu tive também... me influenciaram de uma boa forma, dentro do limite do possível! Sempre tentando ver o que é que eu posso tirar de bom nisso! Porque eu creio muito que nada acontece por acaso, e que tudo na vida é uma lição. É acho que é isso!

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 16

PERGUNTA UM: *O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?*

– A educação ela chega para mim de uma forma... positiva, eu sempre, desde menor admirei muito essa coisa da educação, apesar de n'yo me sentir... uma aluna

exemplar, mas ela chega para mim como divisor de águas, ela muda a sua vida, de várias formas ela te dá uma vivência maior, não que uma pessoa que tenha uma vivência da rua não conheça nada, mas a educação ela chega como uma coisa que transforma de verdade a sua vida e te apresenta um mundo maior.

PERGUNTA DOIS: *O QUE VOCÊ ACHA QUE É MAIS IMPORTANTE DE ESTAR NESTE PROCESSO DE EDUCAÇÃO? O QUE ELA MAIS ACRESCENTA NO INDIVÍDUO?*

- A educação... ela abre seus olhos... (risos) de maneiras maravilhosas, mas ela também... divide, seleciona, faz você pensar que é apto e que não é, quem entre aspas é o burro e quem é o esperto. E é isso... ela vem em moldes muito fechados, um sistema muito fechado que não abrange todo o tipo de conhecimento, nem todo mundo aprende da mesma forma. Mas a educação está aí, ela vem... por imagem por fala, de todas as formas, até a vivência do dia a dia.

PERGUNTA TRÊS: *VOCÊ SE ACHA UMA ESTUDANTE MOTIVADA? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?*

- Bem, no meu caso eu não me sinto assim..., colocando especificamente aqui pelo Instituto, nunca me senti motivada o suficiente para estudar e para falar assim: Não..., eu vou fazer esse curso, por mais que eu não goste dele eu vou me dedicar a esse curso. Porque é um molde de ensino..., eu não me encaixo nele, eu estou fazendo isso meramente... como... obrigação, sabe? Eu entrei... e tenho que terminar, tenho que sair, mas desta forma eu não me enxergo tendo um futuro com isso. E ainda assim eu me sinto muito frustrada, logo no primeiro ano você bate de frente com coisas que você nunca viu..., ao invés de você..., ter um acolhimento..., buscarem em você o melhor naquilo..., na matéria técnica por exemplo; mas para mim não aconteceu dessa forma, me chegou só como uma puxação de tapete, e... foi desenvolvendo mais frustrações na minha cabeça..., pensando: - O que que você quer da sua vida? – Você não consegue se sair bem numa coisa que você... se obrigou a fazer. De um tempo para cá eu pensei: - Ok, já que eu não estou fazendo o que eu quero..., o que que eu quero fazer? – Na educação..., eu vi na educação uma saída... ser professora, o gostar da matéria que eu quero cursar vem de bônus, mas o amor é pela educação, isso é o que me motiva. Porque eu conheci movimentos sociais e tudo mais ... tudo muito cedo... Mas todo mundo..., temos uma coisa no movimento social que a gente fala sobre o trabalho de base, que é você levar o conhecimento do porquê aquilo tudo no mundo está acontecendo, e eu vejo muita falta disso! Eu falei assim: - Eu quero fazer alguma coisa pelas pessoas que eu gosto. Eu quero fazer alguma coisa pelas pessoas da minha região: – Eu não posso mudar o mundo a base de gritaria (risos), e levantando bandeira partidária, isso, aquilo e aquilo outro! Vou mudar do meu jeito, o pouquinho que eu posso, o quadrado que eu posso, com a educação.

PERGUNTA CINCO: *VOCÊ ACHA QUE AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA AO INGRESSAR NA ESCOLA FORAM ATENDIDAS?*

– Tudo vem por um motivo! A gente entra muito novo, vai conhecendo como é a escola e como as coisas funcionam. Você chega no fundamental e pensa: - É caramba, daqui a pouco eu estou no médio e as coisas vão só piorar... talvez! – Ou melhorar também! (risos) Mas na maioria das vezes piora. Eu cheguei com umas expectativas especiais para o ensino médio, altas! Com a cabeça nas nuvens. – Poxa é um instituto federal! Cara eu consegui! Meu Deus eu passei numa prova que poucos passam! – Mas não é bem assim, pode até ser fácil entrar, o difícil é sair. E ao longo da caminhada você vai se descobrindo..., tudo vem por um motivo. Você estar num curso que você gosta ou não, vai moldar quem você é lá na frente, vai formar o profissional que você é lá na frente, pensar sobre as coisas que você quer fazer, as coisas que você precisa sacrificar, e o que você precisa ter calma para entender que não é o momento. Ao final dessa caminhada aqui pelo instituto, assim em específico, eu criei as responsabilidades que eu precisei criar, a maturidade que eu precisei tomar para mim... ao longo dessa trajetória.

PERGUNTA SEIS: *VOCÊ ACHA QUE ESTE PROCESSO DE APRENDIZADO QUE VOCÊ VIVEU DE ALGUMA FORMA TE AJUDA NA SUA PREPARAÇÃO PROFISSIONAL, PARA O MERCADO DE TRABALHO?*

– Eles partem de um preceito que... ok, você precisa dessa formação porque ninguém contrata gente que não tem diploma, você não vai ser alguém se você não tiver um diploma, você precisa daquele papel para você afirmar que..., cumpriu com todas as regras, seguiu todos os moldes entrou dentro da caixinha e falou assim: - Aí, agora eu vou receber um salário mínimo, eu vou receber desaforos do meu chefe, eu vou para casa cansado, pegar um ônibus duas horas para chegar em casa. E vou repetir isso tudo de novo. E só assim eu vou me sentir um cidadão correto e vou... ter a vida que todo mundo sempre quis (risos). – Que é essa de trabalho, você se sente mal por não estar sob pressão, que nem as outras pessoas, por não estar trabalhando, você se sente mal por você não estar estudando, porque ou você trabalha ou você estuda, e ou você faz os dois senão você não é ninguém na vida, você é só um qualquerzinho... você está correndo do sistema: - Não isso está errado! – Eles falam isso porque eles sabem que a gente precisa dessa formação, mas é um pouco desumano você jogar tudo que jogam para cima de você. Eu estou falando muito especificamente do instituto, sabe? Deles chegarem aqui... te botarem a prova contra umas coisas que você nunca viu, você trabalhar com professores que muitas das vezes assim, só percebe as matérias técnicas, eles não querem saber de você como aluno, eles querem saber de você como futuro profissional, e se você vai dar lucro, e se você vai render boa nota, e se no final do ano eles vão apresentar isso lá para o ministério da educação e falar assim: - Olha! Os alunos têm boas notas, a gente está rendendo coisa boa aqui no instituto! Vocês vão ter que passar verba para cá. – Mas não é assim. Eu acho que para o professor essa responsabilidade é ainda maior, porque se o professor não desempenha o papel dele bem, se o desempenho da turma não vai bem, culpam o professor, aí eles retiram a estrelinha e falam: - Ah, você não está fazendo o seu trabalho bem! Você formou como profissional para que?

PERGUNTA SETE: *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

– E como teve! Começa sempre pelos nossos pais. A gente olhando pela situação que eles passam para ver o filho formado, o filho com diploma, você vê ele se submetendo aquele trabalho, ouvir coisa do chefe, receber um salário mínimo, mas só para ter um orgulho de te ver indo para a aula, de falar: - Eu formei meu filho sim! – E começa eu dando valor a isso pelo esforço que eles tinham comigo, a retribuir de volta tudo que eles fizeram por mim. E aí entra... quando eu estava no ensino fundamental no primeiro ano, foi o professor de educação física, ele era muito legal, o método de ensino dele, era uma escola particular, porque os meus pais queriam que eu tivesse uma formação melhor, eles não queriam me colocar na estadual, por achar que não era bom e tal, mas foi numa escola assim, e o professor de educação física era muito legal, e ele falava sobre educação, isso a gente era pequenininho, ele já falava sobre educação para a gente e tudo o mais, e que ele estava interessado em como a gente era como pessoa, e não só como alunos. Ao longo disso eu fui só pensando o que eu queria para a minha vida, desde muito cedo. E... eu sempre conhecia a profissão de professor..., a profissão que eu mais vivi, que mais esteve perto de mim foi a de professor. Foi de ouvir conselho dos meus professores, foi de puxar de orelha, e eles me ensinando, não só as matérias que eles precisavam ensinar, mas ensinando como ser uma boa pessoa, como tratar as outras pessoas também. Até no momento em que eu cheguei no nono ano..., eu tinha acabado de descobrir sobre o IF, e eu falei: - Cara, eu quero isso para a minha vida. Essa é uma formação boa, vou aproveitar no currículo. Vai ser ótimo quando eu for me empregar! – Beleza, vamos lá! Me inscrevi, falei: - Eu não me sinto capacitada de nenhuma forma para entrar nisso sem estudar! – Porque muita gente vem para o IF, estuda pouquinho e tal, falei: - Eu preciso de uma preparação. – Entrei para o cursinho, fiz o cursinho..., e lá eu conheci o professor de história, ele contava de uma maneira tão engraçada, e ele incentivava a gente, porque em muitos cursinhos, eles precisam ter esse carisma e tudo o mais, mas eu senti que ele não estava ali para passar a mão na nossa cabeça nem nada, falar assim: - Ah, você vai passar... – Ele estava ali para ensinar, para dar a aula dele..., e para demonstrar porque que ele tinha formado, assim... eu sou um profissional bom eu vou ensinar para vocês isso e vou passar além, porque eu quero que vocês fechem isso aqui, meu objetivo é ver vocês fecharem. Eu fui acompanhando isso, e um amor pela disciplina de história foi só crescendo, mas eu acho que veio de bônus, o amor mesmo nasceu na profissão de professor. (Neste trecho algumas divagações do entrevistado e do entrevistador foram suprimidas por não serem objeto direto da investigação).

PERGUNTA OITO: *: QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

– Eu acabo entrando em conflito. Porque eu admito sim que eu sou uma pessoa dependente da tecnologia e tudo o mais. Eu não consigo almoçar sem escutar uma música, ou sem assistir alguma coisa, mas ao mesmo tempo que eu sou uma pessoa dependente da tecnologia, eu me ponho uma pressão gigante: - Em que você está gastando o seu tempo ao invés de estar estudando? Você mesmo não falou que queria passar numa faculdade? Não quer se profissionalizar nisso, usa isso então ao seu favor! - Segunda-feira..., tem uma prova hoje, segunda-feira eu me sentei, estava de tarde de bobeira... falei: - Eu tenho uma prova sexta-feira, o que que eu estou fazendo? – Fui sentar-me, fiquei até meia noite estudando e... vai assim, o negócio é criar força de vontade para sentar e cumprir a obrigação. Depois que você senta e você começa, aí você está lá: - Nossa, que saco! Não acredito que eu estou aqui. Tendo que gastar o tempo estudando... – Mas depois você vai pegando o embalo e no final quando você acaba o estudo dá aquela sensação de...:- Missão cumprida! Parabéns. Você está fazendo, o que você devia estar fazendo! É essa a sensação boa. Por outro lado a dependência da internet..., das coisas que vêm fácil demais atrapalha. É saber dividir esse tempo, colocar seus objetivos, da realidade sabe, porque seus amigos de internet não vão passar por você... na faculdade, seus pais não vão te fazer passar na faculdade, a não ser que eles paguem, não é o caso aqui. É você por você mesmo! Porque... sinceramente! Assim que a gente nasce a gente já não tem onde cair morto. A gente tem pelos nossos pais, mas quando os nossos pais forem... (risos) nem um buraco para cair a gente tem, a gente tem que cavar isso.

PERGUNTA NOVE: QUAL O PAPEL QUE VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?

– Eu sou suspeita para falar porque... o conhecimento, como se diz, está aí para todo mundo... mas a forma como ele chega para você, ou a forma como você encara uma disciplina..., é naquela linguagem oral, na qual ele transmite para você, isso faz muita diferença, o jeito como... o professor acordou bem, ele acordou disposto a te dar uma aula, ele vai te dar aquela aula, motivado, e isso vai te motivar a querer continuar indo para a aula, a querer estudar aquilo: e falar assim: - Não! Eu estou aprendendo por livre e espontânea vontade e porque esse professor é bom..., eu quero mostrar para ele, e falar assim: - Olha eu entendi muito bem o que você falou, e eu vou dar continuidade ao conhecimento que você está me passando. – Isso te forma. É... como aluno, como você lida com os seus estudos, a forma como vai ser um profissional... Você vendo que o professor está motivado a trabalhar, você sabe que ele tem paixão por aquilo que ele faz! Logo em seguida você vai pensar no que que você teria paixão de trabalhar. Isso vai... como se fosse um looping. Do que passa, do que chega para você e do que você passa para os outros. Sempre que tem prova de matemática e filosofia no mesmo dia a questão é que além de estudar para uma matéria que a gente gostava a gente tinha um professor que a gente gostava. Até hoje a gente sofre de paixão por ele, porque ele ensinava com carinho, com calma, e ele passava as coisas para que a gente entendesse, com mais calma e tudo o mais. E todos os professores das matérias que a gente já não era muito assim... era sempre os professores que a gente mais batia de frente. (Algumas divagações do entrevistado e do

entrevistador foram suprimidas desse trecho por não dizerem respeito ao objeto de investigação).

PERGUNTA DEZ: *O QUE MAIS TE AGRADA E O QUE MAIS TE DESAGRADA NA FORMA DO PROFESSOR TRATAR O ALUNO?*

– É... acho que parte muito da... não vou falar tanto do positivo e do negativo, vou falar assim da coerência, sabe? São trinta pessoas... mais um profissional que estão se relacionando, e que eles precisam, eles sabem que eles precisam dessa harmonia, dessa coerência, do senso, do respeito dentro da sala de aula, do respeito do aluno para o professor, entender que ele está ali cumprindo o trabalho dele, que independente das formas de trabalho que esse professor realizou ali dentro, ele está tentando, na maioria das vezes, dar o melhor dele, fazendo a parte dele. E o professor entender que está lidando..., e já estou falando mais do ensino médio, lidando com jovens, com crianças.. Que... precisam de um amparo e às vezes de um pouco mais de compreensão, por que você não sabe o que acontece na vida do aluno, você não sabe o que aconteceu até ele chegar ali dentro da sala de aula e entrar para assistir a aula..., para poder receber tudo que o professor passa. O aluno também não sabe o que o professor ouviu a semana inteira dos chefes de cima, do que está acontecendo na família dele, então acho que coerência. Coerência das duas partes e entender o papel de cada um, não esse papel dos moldes...: - Ah, eu sou aluno eu tenho que ficar sentadinho e aprender! – Ah, eu sou professor eu só tenho que chegar na aula e ficar... você, você, isso aqui... - Dar aula só para um aluno que parece que está interessado. O molejo que o professor tem que ter (risos), jogo de cintura, isso é o que todo mundo tem que ter para manter a harmonia. É uma relação de interesses que tem que se basear na harmonia. Uma coisa deste tamanho, que toma umas proporções negativas enormes, sabe?

PERGUNTA ONZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE SÃO IMPORTANTES PARA UM BOM PROFESSOR?*

– Eu acho que vai da compreensão do professor, a partir do momento em que..., ele não precisa... saber de cor cada aluno que está ali e tudo o mais... mas precisa ter a compreensão, entender o impacto que pode causar o que ele está ensinando para a vida daqueles jovens, do jeito que ele está falando, como ele está se expressando, para a vida toda, para muito além dos estudos, para quando eles estiverem sendo profissionais eles lembrarem de que... naquele momento o professor se expressou assim, as vezes de uma forma equivocada, ou as vezes não estava bem para dar aquela aula..., e isso causa impacto... causa uma diferença porque a gente está formando a nossa cabeça, vamos formar nossa cabeça muito tempo, mas agora é o principal. Você vai ter muita aquela coisa da psicóloga falar assim: - Ah, não briguem na frente das crianças! Isso vai causar um impacto nelas. Transmita o que você aprendeu, de uma forma ampla. Com... coerência. Temperança, é isso! É o equilíbrio! É o equilíbrio das coisas.

PERGUNTA DOZE: : *QUE TIPO DE MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO, OU DIGAMOS DE METODOLOGIA VOCÊ ACHA QUE TE AJUDA A APRENDER MELHOR?*

– A linguagem das humanas para mim sempre foi mais atrativa, todos os professores que eu tive que... me davam aquele calorzinho no coração... de assistir aula, eram pessoas que falavam... de forma equilibrada, de forma calma explicando aquilo. De uma forma séria, eu nunca precisei de um professor que ficasse... o professor de exatas que chega na sala gritando assim: - Entýo gente a fórmula de Bhaskara e eeeh! – Sempre foram os professores: - Entýo, hoje a gente vai discutir sobre isso, eu vou falar sobre isso e tal. – E ele ia explicando, mas nýo era de uma forma chata que dava “desimpaciência” de assistir a aula, mas era como ele se expressava, como ele ia... tendo jogo de cintura para ir lidando com essa aula (fala de forma sorridente, lembrando da boa característica que um bom professor deve ter segunda a opinião que ela mesmo deu na questão anterior): - Gente, nýo... eu preciso que vocês prestem atenção porque é uma coisa muito séria isso aqui! – E ele vai ensinando, e vai passando, e ele vai te incentivando... acho que nýo deve encher o aluno de atividades, mas ele fala olha, para vocês se saírem bem nisso aqui... nas matérias de exatas, vocês precisam de prática, sem a prática disso aqui, vocês nýo výo obter conhecimento nenhum ou vocês výo acabar se dando mal na minha matéria, entýo se esforcem na prática, nýo se esforcem só em me ouvir, só absorver o que eu estou falando. E eu acho o quanto mais ele fala assim: - Vamos aqui todo mundo junto! Vamos fazer esse exercício aqui. Eu acho que os professores que fazem os exercícios na sala, isso é perfeito, porque ele está demonstrando como fazer aquilo, ele nýo está te dizendo só assim: - Olha, esse com esse dá esse. E parabéns vai lá se vira! – A gente nýo precisa de um professor que pegue na mýozinha.

PERGUNTA TREZE: *COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

– Eu compartilho do pensamento de que nýo há isso de má influência, você vai com as suas próprias pernas. Você sabe que se você for na onda do seu colega..., que... sei lá, nýo estuda e nýo está nem aí para nada, que para ele é só mais um dia comum que ele está lá atoa na aula, você sabe que uma hora a balança vai pesar para o seu lado. Mas o contraponto disso, quando você está convivendo ali naquela mini sociedade, naquele mini mundo, ali de dentro da sala..., influencia... O colega insatisfeito com o professor acaba criando uma divergência, parando uma aula, e o tempo que você poderia estar aproveitando..., que invés dele estar batendo de frente com o professor, vocês poderiam estar aprendendo..., recai sobre todo mundo. A ação de um pode prejudicar vinte e nove outras pessoas. E... a ação de todos pode colaborar!

PERGUNTA CATORZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?*

– Mas uma vez..., a coerência de entender que você está dentro de uma sala de aula, que você deve..., ter respeito, não só pela pessoa de autoridade que está tentando te transpassar um conhecimento, assim como o respeito com os seus colegas, você entender que..., você ficar atrapalhando o colega que está do lado, atrapalha não só você, atrapalha todo mundo que está ali dentro, atrapalha professor que está tentando exercer a profissão dele. Os conflitos... deixar os conflitos fora da sala. Os conflitos que você tem com o seu colega... deixa do lado de fora, naquele momento não é necessário você implicar com o outro dentro de sala, você está atrapalhando todo mundo... é o pensar coletivo, não só o seu individual, o seu individual você pensa que você tem que estudar, mas o coletivo você também pensa que atrapalhar a aula... deixa o professor desgostoso de dar aula, deixa as pessoas impacientes de estar na aula junto de você, você se torna uma pessoa inconveniente quando você não respeita..., as coisas básicas de convivência em sociedade, coisas de educação que vem de fora, estou falando da sua própria casa, da visão do mundo que você tem. Porque quando você já não respeita mais as coisas básicas assim, vão olhar para você numa entrevista de emprego e falar assim: - Você não está apto a conviver em sociedade. Você não está apto a estar dentro desse trabalho. – Isso daí vai implicar em várias outras questões da sua vida. O molde do aluno exemplar é aquele que cultiva o respeito, o bom senso. (Algumas divagações do entrevistado e do entrevistador foram suprimidas desse trecho por não dizerem respeito ao objeto de investigação).

PERGUNTA QUINZE *QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE VOCÊ É HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?*

– É sério, eu não consigo falar de educação..., sem falar que é uma coisa que mudou a minha vida. Porque parte muito da vivência que eu tive... que enquanto eu... pouco via meus pais dentro de casa, e o tempo que estavam dentro de casa eles me ensinavam umas coisas básicas: - Olha, você tem que cuidar da casa assim! – Sempre vivia meio em obra lá..., porque lá em casa sempre teve essa coisa de reformar a casa. – E olha, a argamassa e as coisas funcionam assim e tal. – E eu os via explicando da forma mais prática possível, mas quando eu cheguei para ir para a educação, para a escola, eu digo que são os meus segundos pais, que todo professor que passou na minha vida, seja dando puxão de orelha. Seja falando coisas boas para mim ou eu tendo que ouvir coisas absurdas de professores; tiveram aqueles bons, que foram os que mostraram o caminho, que me incentivaram também, que me ensinaram... nem chegaram a falar: - Eu ajo assim porque é a forma correta e tal! – Mas eu sentia que essa era a forma, a forma boa de tratar os outros..., era uma forma legal..., através das atitudes..., a expressão do corpo, a forma como falavam..., hoje em dia eu consigo fácil me apegar a professores que me ensinaram com carinho, sabe? Com seriedade. E eu consigo, de forma fácil, assimilar uma explicação deles.... Outro dia eu estava explicando para a minha mãe do porquê que eu tinha que comprar uma jujuba para estudar, porque o meu professor de biologia me ensinou que na quebra de enzimas você gasta menos energia..., e eu explicando para ela e ela olhando assim

para a minha cara e falou assim: - (Cita o próprio nome), garota! Qual a relevância. – Eu falei: - É porque o professor me explicou no sábado e era tudo t́yo claro e t́yo assim para mim. - É a impresśo que ficou para mim e é a impresśo que eu quero deixar para as outras pessoas. E essa forma boa de dar os puxje s de orelha, mas também ser uma pessoa complacente, a pessoa que dá conselhos bons, a que te sacode, mas que também te dá a ḿyo e te fala: - O que que voć está precisando?

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 17

PERGUNTA UM: *O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?*

- Educação voć fala num todo ou só na parte da escola? (O entrevistador esclarece e o entrevistado prossegue) educação para mim é conhecimento, um conhecimento que quem já teve essa experiência consegue passar para quem ainda ńo sabe. Vou falar de matéria, matemática, o professor já tem experiência com aquilo..., e pode repassar alguma coisa, passar educação para quem ńo sabe sobre o tema.

PERGUNTA DOIS: *O QUE VOCÊ ACHA QUE É MAIS IMPORTANTE DE ESTAR NESTE PROCESSO DE EDUCAÇÃO? O QUE ELA MAIS ACRESCENTA NO INDIVÍDUO?*

- Do que eu vivenciei desde que eu comecei a estudar, eu comecei com dois anos e pouco, eu sempre estudei em colégios muito bons, sempre em colégios privados, ent́o... eu sempre tive uma escolaridade muito boa. Eu passei por uns cinco colégios, todos particulares, ent́o sempre tive educação boa. Mas eu sei que eu tenho muitos amigos, muita gente que... falam como as escolas de verdade śo, como é que é a educação no Brasil. Porque a educação pública é totalmente diferente da educação privada, ent́o eu tenho colegas que estudam num colégio estadual que ńo tem infraestrutura nenhuma, os professores ao invés de ensinar... eles ńo d́o aula direito; muito por medo de dar aula nessas escolas..., pelos perigos, porque no setor onde está essa escola é um setor mal localizado, onde tem muito uso de drogas. Ent́o é uma coisa que eu vejo de perto, mas eu sei que ńo é só aqui, é em todo o Brasil em todo lugar. E principalmente agora com o novo governo, eu vejo que que eles tentaram barrar um pouco..., especialmente quando houve esses trinta por cento de corte das verbas, o que provocou esta grande quantidade de manifestaçes. Isso é uma coisa que vai influenciar na educação, que já começou a influenciar. Ent́o eu vejo um contexto ruim..., o Brasil possui uma educação de baixíssima qualidade..., os alunos em geral ńo śo muito bons.

PERGUNTA TRÊS: *VOCÊ SE ACHA UM ESTUDANTE MOTIVADO? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?*

- (Risos) eu ńo me sinto muito motivado..., o motivo..., eu já reprovei duas vezes aqui no IF, desde quando eu entrei. Como eu falei, eu tinha vindo de um colégio privado, ent́o o jeito que śo conduzidas as aulas, o jeito que é conduzido o colégio... é muito diferente do IF. No primeiro ano eu entrei, saí de um colégio privado cheio de regras,

caderninho, agendazinha, anotar na agenda, vim para o IF que é um lugar libertador, onde você pode fazer tudo e ninguém tem direito de falar nada, entýo foi um choque muito grande e no primeiro ano eu acabei reprovando. Mas quando eu reprovei a primeira vez eu nýo senti que eu estava mal, entýo falei: - A minha cabeça está certa agora. – Aí eu comecei a estudar, e fui aprovado no primeiro ano. Entýo no ano passado eu tive uma queda no segundo bimestre, problemas internos, problemas familiares, um pouco de falta de responsabilidade, acabei reprovando de novo, aí estou aqui. Mas eu nýo me sinto motivado porque eu acho que as matérias no ensino médio nýo sýo agradáveis, nýo sýo é..., se fosse para botar num geral nýo sýo legais para todo mundo, porque cada um tem uma área que gosta, uma certa aptidýo. E falando no curso..., eu nýo escolhi o curso, eu fui meio que obrigado a escolher porque era o que tinha, aí eu fui obrigado a fazer esse curso, mas nýo que eu nýo goste, mas tinha cursos bem melhores que eu podia fazer. Entýo eu nýo me sinto motivado tanto pelo curso quanto pelo jeito que eu acho que o ensino médio é feito, o jeito que ele é realizado, e eu nýo fico muito confortável. Mas assim quando vejo que eu tenho matérias legais, por exemplo, informática, que é uma matéria que eu domino que eu também já fui programador, eu tenho um certificado de programação, quando chega nessa área é legal. Entýo o que me faz ser motivado em algumas matérias específicas, é o contexto de estar com os meus amigos..., que é um lugar libertador, onde eu posso treinar vôlei. O que me motiva seria algumas matérias bem específicas e o ambiente.

PERGUNTA QUATRO: *VOCÊ ACHA QUE AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA AO INGRESSAR NA ESCOLA FORAM ATENDIDAS?*

- Quando eu comecei..., quando você vai entrar em um novo colégio..., você fica pensando: o que vai acontecer, quem está lá, como é que funciona. Quando eu entrei no IF eu tinha uma expectativa baixa, eu falei: - Nossa! Deve ser bagunçado. – Porque muitos colegas meus falaram, que já viram em outras faculdades que era um pouco mais bagunçado, entýo a minha expectativa foi lá em baixo, mas quando eu entrei aqui eu vi o tamanho da estrutura do IF, o nível de conhecimento dos professores, professores bem qualificados e tal, entýo excedeu as minhas expectativas, eu fiquei muito feliz de estar aqui.

PERGUNTA CINCO: *VOCÊ ACHA QUE ESTE PROCESSO DE APRENDIZADO QUE VOCÊ VIVEU DE ALGUMA FORMA TE AJUDA NA SUA PREPARAÇÃO PROFISSIONAL, PARA O MERCADO DE TRABALHO?*

- Sim! Como os meus pais trabalham na área de telecomunicações, que é o curso que eu faço, eu vejo que muitas coisas que eles falam nýo entram nesse curso, entýo eu acho por exemplo, que esse curso de telecomunicações ele vai me preparar... muito mais para frente, porque no mercado de trabalho a gente nunca vai usar só o que a gente está aprendendo agora. Entýo eu acho que ele pega tudo o que a gente pode fazer na área de telecomunicações e tenta encurtar num pequeno espaço de tempo, porque se eu for entrar numa Brasil Telecom, que é uma empresa de telecomunicações, tudo o que eu aprendi..., vou ter que aprender novo lá, porque ele têm um jeito certo de conduzir, porque cada

empresa tem o seu jeito certo, entýo eu acho que esses cursos, que o IF proporciona, eles sýo uma base, nunca výo ser exatamente para vocé trabalhar naquele esquema.

PERGUNTA SEIS: *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

- Meus pais..., minha mãe é professora..., ela é professora de inglês, português e francês, entýo ela..., age e sabe como um professor age, entýo desde que eu entrei no ensino fundamental ela sempre me ensinava, me educava do jeito certo que eu tinha de estudar, nýo para vocé aprender, mas sim para o professor gostar, entýo desde o meu primeiro até o nono ano eu tinha as melhores notas, eu sabia o jeito certo de me comportar com os professores, entýo eu fui educado nisso. As matérias que eu mais gosto sýo por conta dos professores que eu tive no passado; história é uma matéria que eu gosto muito, pois tive um professor no colégio que era excepcional, brincava muito com o assunto, ele nýo tinha aquela maneira séria de sentar e escrever..., ele interagia, fazia teatro para ensinar a gente um pouco da história. Na programação eu tive um professor muito bom também, a gente viajava para poder ir em palestra, para poder aprender... Entýo questýo de.... eu ser ensinado a gostar de estudar, foi muito por conta da minha mãe, por ser professora, e de alguns professores que me falaram que estudar era legal, vocé só precisa aprender o jeito certo. Por isso que eu falei que eu nýo me encaixo neste jeito que o ensino médio é aplicado, nýo é o jeito que eu considero certo.

PERGUNTA SETE: *QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

- A sempre tem os dois jeitos de ver, muita gente vê a tecnologia como uma coisa que pode atrapalhar, principalmente nesse período de formação, mas eu vejo o contrário, a tecnologia ao invés de estar avançando..., a facilidade com que vocé tem acesso as coisas e a internet, a vocé conseguir fazer uma prova pelo celular, pelo computador..., eu nýo consigo ver isso como maléfico... só como coisas boas. Os cursos que eu fiz de programação foram todos pela internet..., por computador enviavam a prova e tal. Entýo eu acho que a tecnologia pode influenciar quando vocé nýo sabe... usar. O jeito certo, que é..., vou estudar aí fica mexendo no celular e esquece de estudar, na sala de aula fica mexendo no celular ao invés de prestar atenção, entýo assim..., vai ser maléfico se a pessoa quiser deixar que seja. O celular eu acho que... nýo seria um vício, é uma coisa que dá para vocé controlar..., é uma coisa que é fácil.

PERGUNTA NOVE: *VOCÊ ACHA QUE SUA FAMÍLIA FOI IMPORTANTE NA SUA FORMAÇÃO?*

- Foi boa! Como eu já havia comentado sobre a minha mãe. Porque ela é uma pessoa muito inteligente, vocé pergunta sobre qualquer assunto...: - Estou com uma dúvida

em matemática. - Ela estudou isso tem trinta anos, eu chego: - Mãe como é que faz isso aqui? – Ela tum! Faz. Então eu tento tomar ela como exemplo, que é uma pessoa estudiosa, que é focada, para ser a minha base de referência como estudante. O meu pai... ele não era igual a minha mãe, não tinha as melhores notas e tal, mas é um cara que me faz querer estudar... por conta de não me obrigar falando assim: - Você tem que estudar isso, e isso! – Ele fala e explica: - Ah, você precisa estudar para você ter um emprego legal. – Explicando todo um processo ao invés de só obrigar a estudar. Então os dois são influenciadores!

PERGUNTA DEZ: QUAL O PAPEL QUE VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?

- Tem um que eu..., vou pegar como exemplo. Aqui alguns professores do IF, eu estava até comentando com uns amigos, são assim... muito inteligentes. Muito inteligentes, mas parece que eles cansaram de dar aula..., não sei se é por dinheiro..., só que eles são muito inteligentes, você sabe que eles são inteligentes, mas eles não querem dar aula. E têm professores que estão começando agora, que era o meu caso no fundamental, que davam total energia..., tentavam fazer de tudo para o aluno pegar. Se ele fala uma matéria geral, a maioria entende, tem um ou outro que não entende, ele explicava para todo mundo, depois se sentava na mesa e perguntava: - Qual é a dúvida? Vou sentar-me com você de boa para tirar a dúvida. – Então eu acho que alguns professores eles... cansam de dar aula, e fazem..., mesmo eles sendo inteligentes, eles cansam, e não são mais efetivos.

PERGUNTA ONZE: O QUE MAIS TE AGRADA E O QUE MAIS TE DESAGRADA NA FORMA DO PROFESSOR TRATAR O ALUNO?

- O que mais me agrada nos casos em que eu gostava muito do professor era o senso de humor, a aula..., ao invés de ser aquela coisa chata que você quer sair o tempo todo, você fica olhando para o relógio o tempo todo..., ser uma coisa que você quer que não acabe! Então o professor usar, não exatamente o senso de humor, mas usar coisas que fazem você ficar querendo continuar na aula, ficar atento na aula o tempo todo. É o que eu mais prefiro...usar o humor, fazer muita piada... tentar sempre brincar com a situação para a aula não ficar chata. (O entrevistador pergunta se tem alguma coisa que mais o desmotiva) basicamente o cara muito chato, aquele que fala..., que parece que ele está falando com gente que já sabe a matéria. Muitos professores falam sobre a matéria com se fosse muito fácil, pensa que todo mundo consegue fazer, o cara já tem vinte e cinco anos estudando aquilo ele fala de um jeito...: - Ah! Como é que vocês não entendem isso?

PERGUNTA DOZE: QUE TIPO DE MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO, OU DIGAMOS DE METODOLOGIA VOCÊ ACHA QUE TE AJUDA A APRENDER MELHOR?

- Eu acho que todos os alunos do IF, pelo menos os que eu conheço, gostam muito de aula prática, uma aula que você não fica sentado na cadeira, mas sim você interage você mexe..., por exemplo nas disciplinas técnicas você mexe com equipamentos..., dessa parte todo mundo gosta. Tem alguns professores aqui no IF, por exemplo, ele vai falar sobre um

tema, ele falou sobre terceirização do trabalho, ele veio pegou a gente na sala e começou a andar pelo IF e a procurar os terceirizados que trabalham aqui no IF, o povo que cuida da portaria, o povo que cuida da limpeza; então ao invés de ficar só numa sala..., abranger alguns espaços novos... Por isso que muitos alunos..., quando entram no IF, veem o tanto de laboratório, a sala com milhares de computadores, eles ficam chocados, porque é uma realidade muito diferente..., mas a que eles gostam! Talvez o professor ter consciência que..., por exemplo, na época que ele estudou... é uma época diferente em todos os aspectos ..., sei lá..., de governo, de tecnologia, de tudo..., de infraestrutura, então eu acho que os professores tinham que tentar se adaptar um pouco mais ao mundo onde os alunos deles estudam. Um mundo um pouco mais moderno, porque tem muito professor que pensa que... onde ele está agora é igual à quando ele estudou..., que seja exatamente a mesma coisa; mas não é! Mudou tudo. Então eu acho que os professores tinham que se encaixar um pouco mais nesse contexto para poder dar uma aula melhor, dar uma gestão melhor.

PERGUNTA TREZE: *COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Falar de turma eu acho que é uma coisa que... depende muito, quando você vai entrar num colégio novo você nunca vais saber como é que é a turma, e a turma pode te influenciar sim, se você vê que tem muita gente inteligente, gente muito esforçada você não quer ficar para trás e ser o cara que... o cara que não tira as notas boas. E também tem a parte da... a má influência, que até os pais normalmente comentam: - Não anda com tal pessoa que ele pode ser uma má influência! – Eu acho que isso vai de pessoa para pessoa, tem gente que é muito influenciável, mas tem outras que já não sentem a interferência, que não faz diferença. Então alguns casos... a pessoa sabe o que tem que fazer, sabe o que é que não pode fazer, e vai por aí e escolhe, consegue escolher, mas tem gente que é muito influenciável se ele anda com muita gente inteligente ele acaba ficando mais esforçado, se ele anda com pessoas que não estão nem aí... eles vão acabar influenciando ele... Então eu acho que depende muito do jeito que você consegue ser influenciado.

PERGUNTA CATORZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?*

- Se for pegar o estereótipo do bom aluno..., é aquele que... não conversa muito com os outros, quando está na aula fica sentado... olhando e prestando atenção no professor. É aquele aluno que não sai, é aquele aluno que não namora, mas isso aí eu acho que não tem nada a ver, a nota não pode definir ninguém, uma pessoa pode ser muito boa para fazer uma coisa e outra pessoa pode ser muito boa para fazer outra coisa. Então a questão do bom aluno é... vai ser o estereótipo então que não tem muitos amigos, que não sai muito de casa, que não namora, que só está focado em estudar e passa o dia inteiro estudando. (O entrevistador pergunta o que é o bom aluno no ponto de vista dele, do entrevistado. E então ele prossegue) é o aluno que sabe o momento certo de fazer as coisas, sabe o momento que tem de estudar, sabe o que ele quer. Se você sabe o que você quer já facilita muito a questão, a questão de você conseguir estudar, eu quero fazer medicina eu

vou estudar coisas..., coisas para medicina. Então o bom aluno vai ser aquele que sabe o que quer, consegue conciliar as duas coisas, tanto vida social quanto estudos. Consegue balancear as duas coisas, porque você não pode passar o tempo só pensando na vida social, mas não pode passar o tempo só estudando.

PERGUNTA QUINZE: *QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE VOCÊ É HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?*

- É como você falou..., no mínimo doze anos estudando, você já conviveu com vários tipos de pessoas, vários jeitos, várias características, então é uma coisa que..., dá para você moldar... Tem a diversidade de pessoas que você conhece, então você consegue ter essa diversidade na sua cabeça e não ficar preso só numa ideia. Igual uma coisa que eu acho que é muito bom na escolaridade é que você é moldado para ser uma pessoa..., essa pessoa certinha, que estuda bem, faz os negócios tudo bem; mas quando você consegue fazer igual eu tinha falado..., balancear as coisas, consegue ver tanto o lado positivo quanto o negativo da escola. E os pontos..., se eu for caracterizar os pontos que o colégio te dá..., ele te dá uma noção do certo e errado, o jeito de você moldar o que você quer. Mesmo tendo esse tanto de matéria e você não gostando de metade delas, a escola consegue te mostrar no que você é bom e no que você é ruim. Eu tenho muita facilidade com exatas, então essa é área que eu vou seguir. Então essa é uma característica legal que o colégio mostra, outra que eu falei é a diversidade e a outra, mais uma, seria... a noção que você tem..., a experiência que você tem para lidar com vários tipos de pessoas. (O entrevistador pergunta como o entrevistado vê a importância do seu aprendizado para o seu futuro) Eu acho que a coisa que eu mais ficarei feliz..., quando eu puder sair do colégio..., é ter vivenciado... esta diversidade, é você saber lidar com as pessoas de vários jeitos, de características diferentes..., e isso para mim é a coisa mais benéfica, óbvio que os estudos contam, a especialização que você vai fazer conta, mas uma coisa que você vai levar para a vida toda, principalmente no IF, que tem muitos tipos diferentes de pessoas, tem uma diversidade muito grande, eu acho que a principal coisa que eu fico feliz de ter aprendido é saber respeitar a diferença, respeitar... as diversidades.

PERGUNTA DEZESSEIS: *ESPAÇO ABERTO PARA O ENTREVISTADO FAZER COLOCAÇÕES QUE ELE ACHE PERTINENTES E QUE PODEM NÃO TER SIDO CONTEMPLADAS DURANTE AS PERGUNTAS.*

- Você fala experiências próprias? Coisas que eu gostei muito..., principalmente no IF, porque para mim a vida acadêmica começou de verdade quando eu entrei aqui; a gente começa a entender as coisas do jeito certo, uma das coisas que eu acho que faz a gente se unir..., como alunos... ficar um ambiente mais divertido, descontraído, são por exemplo os jogos internos, os jogos internos você está uma semana jogando..., todo dia você chega..., vou para aula, vou para aula..., quero ir para aula para poder..., fazer essa... resenha..., fazer essa brincadeira que a gente faz junto. Então botar num ambiente escolar uma atividade que

te faz tirar... a cabeça em alguns momentos só do estudar, estudar! Faz agregar muito.. como férias..., quando você está de férias, está chegando as férias, você está muito cansado de estudar, ficar até tarde fazendo trabalho, pegar ônibus para vir, quando você pega umas férias é a coisa que você mais quer, que te liberta, mas quando você volta, você volta muito mais focado! Por quê? Você... conseguiu ficar com a cabeça legal, parar de pensar nisso o tempo todo. E com essas atividades que você pode se divertir no colégio é uma coisa que pode no meio do ano, você faz o JIF's (Jogos internos do Instituto Federal) por exemplo, é um momento onde você consegue descontrair e quando acaba você já está mais focado, porque você parou de pensar um pouco naquilo.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 18

PERGUNTA UM: *O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?*

- Ah, quando eu penso em educação eu já ligo isso a uma instituição, mas eu tento não ligar porque eu acho errado, porque eu acho que a educação é o aprendizado.... pessoal também... o que você busca. Não sei não... essa conceituação é difícil. Mas é... se pensar educação é tudo, porque em tudo você está aprendendo..., e para você colocar em prática na sua vida e na vida social também.

PERGUNTA DOIS: *O QUE VOCÊ ACHA QUE É MAIS IMPORTANTE DE ESTAR NESTE PROCESSO DE EDUCAÇÃO? O QUE ELA MAIS ACRESCENTA NO INDIVÍDUO?*

- No início assim eu tive um pouco de dificuldade em estudar..., em gostar, de estar lá na instituição de ensino. Ter..., essa vontade assim! Porque eu acho que as matérias são dadas de uma forma..., que não faz você querer aprender..., porque você só aprende porque tem que passar... Eu acho que esse método de fazer uma prova de ter que provar que você aprendeu....! Porque as provas elas não mostram o que você aprendeu..., elas mostram o que você decorou, ou alguma coisa do tipo. Ou que você é muito bom em fazer prova, de vários jeitos. Mas..., eu não sei..., na verdade eu ficava muito triste! E eu acho..., que a escola é na verdade um desperdício de tempo! E aí quando eu olho assim, exatamente o que você falou doze anos, treze no meu caso, treze anos que eu estou estudando e parece que até hoje eu não aprendi a estudar de verdade, assim, de pegar uma coisa e ir lá estudar, e saber as coisas, parece que eu não sei fazer isso, sabe? E para mim..., parece que tudo o que eu aprendi foi enrolar e fazer provas; porque eu sei fazer prova, eu sei tirar nota boa, mas eu acho que eu não aprendi a aprender. Acho que é isso! Acho que... essa opinião ela é geral, se fosse só eu, ficaria um problema específico, mas eu acho que todo mundo tem essa dificuldade, que é um problema grande. Eu acho que essa visão de educação é no Brasil inteiro, uma visão... nacional, não é específico em uma instituição, ou de uma pessoa..., é um problema grande.

PERGUNTA TRÊS: *VOCÊ SE ACHA UMA ESTUDANTE MOTIVADA? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?*

- Ah..., eu acho que nŷo, eu nŷo sou uma aluna motivada nŷo. Porque... (pequena pausa) eu nŷo tenho vontade de aprender as coisas da forma que é dado. Eu tento aproveitar meu tempo, porque agora eu percebi que eu estou gastando tempo, desperdiçando mesmo. E aí já que eu sou obrigada a ficar aqui..., e a fazer o que é necessário, entŷo eu tenho que aproveitar as aulas, e aproveitar o que os professores estŷo me dando, embora às vezes eu nŷo tenha o mínimo de interesse nisso. Mas eu nŷo me sinto motivada a fazer isso nŷo, é só porque se eu nŷo fizer... será pior ainda para mim, porque eu me sinto mal, por nŷo estar fazendo algo por mim mesma, e ainda estou deixando de fazer uma coisa que as pessoas me exigem! Entŷo, eu me sinto mal.

PERGUNTA QUATRO: *VOCÊ ACHA QUE AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA AO INGRESSAR NA ESCOLA FORAM ATENDIDAS?*

- Ah! Com certeza eu tinha expectativas imensas. Em relaçoŷo ao IF principalmente, mas... é que eu saí de uma escola particular! E aí eu nossa... sofria.... sofria muito..., eu nŷo vou falar de nada assim, fora os professores! Aí eu tinha esse negócio com os professores, eu gostava mais dos professores do que dos alunos, aí eu nŷo conversava com os alunos. Mas aí é um problema, você ser um amigŷo do seu professor toda hora, porque ele tem o que fazer e você também. Mas aí quando eu fui entrar no IF eu pensei: - Nossa! Vai ser muito diferente, a galera é diferente..., o pensamento... inovador. E é uma escola mais liberal assim. E aí a gente pode fazer o que quiser... e nŷo sei o quê! – Pode fazer o que quiser, eu pensei que a gente podia fazer o que quiser, mas... com certeza isso foi quebrado, por mais que aqui tenha, com certeza, uma liberdade maior. Que é extremamente necessária, porque uma das coisas que eu..., nessa escola particular em que eu estudava, eu nŷo conseguia lidar muito bem (risos) eram essas regras de nŷo poder sair da sala, você nŷo pode sair da sala, tem que pedir, você quer ir ao banheiro você tem que pedir, e eu nŷo gosto de dar satisfaçoŷo da minha vida para os outros. E acho que essa é uma coisa básica, sabe? Você nŷo pode confiar no seu aluno..., ele falou que vai ao banheiro, se ele nŷo for problema dele, você nŷo tem nada a ver com isso também. Mas se você nŷo consegue nem dar essa confiança para o seu aluno... acho que nŷo dá para dar mais nada para ele, nŷo dá para dar motivaçoŷo, nem nada. Mas aí quando eu entrei no IF foi... foi meio uma decepçoŷo na verdade, porque eu vi que na verdade é normal, como em qualquer outra instituiçoŷo. E essa questŷo da liberdade que a gente tem é uma coisa totalmente básica, que nŷo era aquela coisa grandiosa que eu esperava, é uma coisa básica que devia ser fundamental em qualquer lugar, que é um direito que você tem. E meu curso, meu curso me decepcionou, porque eu pensava que ele era mais livre... e mais amplo, porque ele é bem erudito, muito erudito mesmo.

PERGUNTA CINCO: *VOCÊ ACHA QUE ESTE PROCESSO DE APRENDIZADO QUE VOCÊ VIVEU DE ALGUMA FORMA TE AJUDA NA SUA PREPARAÇÃO PROFISSIONAL, PARA O MERCADO DE TRABALHO?*

- Acho! Acho que ajuda sim, porque..., talvez nŷo tanto tecnicamente, tecnicamente nŷo, mas... a vivência social que você tem aqui. Eu acho que você cresce

muito, você aprende muitas coisas, você está lidando com muita gente e muitos lugares diferentes, e... você tem um pouco mais de liberdade..., você fica mais solto, sai um pouco da família, também, dá uma esquecida da família. Mas tecnicamente não tanto, embora o meu curso eu considere que ele é um dos melhores... em relação ao ensino técnico, de você sair e ser reconhecido como um profissional.

PERGUNTA SEIS: *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

- Não! Com certeza muitas coisas influenciaram, mas pensando nessa influencia assim marcante, eu acho que meus pais eles têm uma influência bem grande na minha visão, porque meu pai é muito estudioso, mas ele deixou..., uma das graduações dele, e ele se arrepende muito hoje (risos). E aí ele se liga muito assim nessa questão... de estudar, ele faz questão que a gente termine o nosso curso, embora os meus irmãos não queiram..., não quiseram já muito novos. E... mas eu estou resistindo aqui, eu acho que é muito pelos meus pais mesmo, porque se não fosse por eles eu já tinha desistido desse curso, sabe? Aí fica também essa questão..., que é muito importante para mim ter uma segurança..., uma segurança financeira, e eu..., se eu não tiver isso, eu acho que não dá certo para mim. Quando eu penso nisso, para mim é muito importante, e eu acho que me profissionalizar e... estar na escola, técnica, vai me ajudar nisso. Mas eu não sei! (O entrevistador reforça a pergunta se alguma instituição ou professor foram marcantes na trajetória da aluna, então ela prossegue) Uai! Aqui o IF, me marcou assim..., têm alguns professores..., que eles utilizam dessa liberdade, eles reforçam e apoiam essa liberdade. Porque eu acho que têm muitos professores aqui dentro que..., não respeitam a liberdade que nos é dada aqui dentro, e parece que eles esquecem. Mas... eu acho que muitos professores aqui me influenciaram muito, eu tive bastante professores, embora quando eu era pequena..., se você me perguntasse o que você quer ser quando crescer, eu não sabia o que eu queria, mas eu sabia o que eu não queria; que era ser professor! Mas agora... eu vejo que é totalmente o inverso, porque eu afirmava tanto, tanto, tanto! Mas é porque eu admiro muito os professores.

PERGUNTA SETE: *QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Ah! Eu acho que para mim ela agrega positivamente, porque..., eu tento sempre que eu estou fazendo qualquer coisa aprender, porque eu tenho muito essa questão do desperdício de tempo, não gosto de desperdiçar tempo, não sei para que? Não sei para onde eu estou indo nem porque que eu estou correndo (risos), mas parece que..., o tempo passa..., o tempo passa e aí eu quero aproveitar tudo, sabe? E aí..., por exemplo, eu estou vendo um filme, aí eu gosto de colocar em inglês e ficar lá... boba assim tentando entender algumas coisas, ficar parando, que é uma coisa tecnológica você poder parar um filme! Pelo menos ter um filme para ver... e tal! E também computador, às vezes eu uso numa aula que eu

acho para mim indispensável mesmo..., mas eu pesquiso bastante no computador, porque, às vezes, eu tenho preguiça de pesquisar em livro, e aí o computador é mais rápido e mais focado no tema assim, porque se você vai pesquisar no livro você tem que ver um monte de temas que são muito amplos para chegar numa coisa que era específica.

PERGUNTA OITO: *QUAL O PAPEL QUE VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Então! Eu acho que os professores eles..., meio assim..., a esperança da coisa. Porque a gente é obrigado a ir lá..., assistir a aula, e às vezes não queremos, mas a gente está lá, e aí pode ser que qualquer coisinha que ele falar pode ser muito interessante, aí você fica: - Hum..., interessante! Que legal. – E ele..., também está lá, você está lá, talvez você não preste atenção, mas eu acho que ele tem o poder de fazer você prestar atenção; se você quiser também, mas... tem o poder de falar para muitas pessoas que são obrigadas a escutá-lo, não necessariamente com muito foco, mas elas estão lá.

PERGUNTA NOVE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE SÃO IMPORTANTES PARA UM BOM PROFESSOR?*

- Eu acho que..., um professor que relaciona a vida cotidiana de todo mundo que está ali dentro da sala. Todo mundo já viveu alguma situação e ele consegue relacionar a matéria dele à essa situação, ou a várias situações. Acho que consegue me despertar mais, e me fazer refletir sobre as coisas... que eu passo, porque as vezes você escutar uma coisa que você não passa, fica meio assim como se estivesse lendo um livro... de história, sei lá! É uma coisa que não tem relação com você, e eu sou uma pessoa meio auto focada assim..., então se não tiver a ver comigo eu não quero saber. E... eu acho que é isso! E buscar assim saber... na aula mesmo, o que que faz..., os alunos despertarem, falarem muito, e começarem a comentar um com o outro, que é uma coisa até chata as vezes, você fala qualquer coisinha e eles já ficam eufóricos..., e é isso que você quer deles, todo mundo começou a falar de uma coisa que você estava falando, que as vezes eles nem estavam escutando antes. Para mim é buscar o meu olhar, porque quando eu estou a fim de assistir uma aula, todo professor falava isso para mim, porque eu arregalo os olhos assim... de felicidade. E aí..., isso me chama atenção... do professor conseguir ver que os alunos estão prestando atenção. Tem alguns temas que fazem mais os alunos estarem ali com você. Também envolver mais a turma, conversar mais..., eu acho que algumas aulas são meio que... palestras..., e aí não tem conversa..., é importante ter conversa.

PERGUNTA DEZ: *O QUE MAIS TE AGRADA E O QUE MAIS TE DESAGRADA NA FORMA DO PROFESSOR TRATAR O ALUNO?*

- Eu acho que é uma relação... real assim, porque... eu acho que falta esse olhar, exatamente a questão do olhar. De poder olhar um para o outro como pessoas, e eu acho que até falta esse olhar dos alunos... olhar os professores como pessoas também, que as vezes eles estão mal, passando muitas coisas ruins, mas eles estão lá! Mas eu gosto quando um professor ele conversa! E não só sobre o assunto dele porque as vezes a sala está muito

agitada por alguma questão de outra aula e alguma coisa, e aí ele pode conversar e falar: - Ah, por que vocês estão agitados aí? – E ter uma conversa normal como você teria com qualquer outra pessoa. E não ter essa relação tipo... hierárquica sabe, de estar acima e... você é o meu aprendiz e eu sou o professor, senta aí e ouve porque eu estudei muito para falar aqui. E... acho que falta essa conversa, e de poder escutar o aluno e falar..., perguntar qual a dificuldade..., é uma coisa que eu gosto muito no professor. Vir ficar perto, olhar se você está fazendo. Estar observando mesmo, ter interesse na sala, e não só estar lá para dar aula e pronto.

PERGUNTA ONZE: *VOCÊ ACHA QUE OS PROFESSORES CONSEGUEM ENTENDER AS PARTICULARIDADES DOS SEUS ALUNOS E A PARTIR DISSO AJUDÁ-LOS A EVOLUIR?*

- Ah! Eu acho que no geral sim. Principalmente... até o fundamental, acho que aqui no IF, no médio, não sei se em todos os médios, mas no nosso ensino médio os professores têm um nível mais alto de conhecimento..., não sei! Não sei se é conhecimento, mais formação, mas eu acho que alguns, não sei se eles têm licenciatura, porque alguns parece que eles não sabem ensinar eles não sabem passar conhecimento, embora você consiga ver claramente que ele tem muita coisa na cabeça..., doido da cabeça, mas não consegue passar, o que é uma arte, eu acho! Quase uma arte. Uma habilidade de conseguir passar seu conhecimento para o outro... Até o fundamental eu acho que os professores ficam mais envolvidos, tanto por eles te tratarem mais como criança, como uma pessoa que precisa de acompanhamento..., uma pessoa que está se formando e precisa... ter alguém observando o crescimento dela ali..., e auxiliando, aí parece que chega uma fase que ninguém mais está nem aí! E assim, cuidamos até os seus quinze anos, tudo o que você precisar, tudo seu! - O que você quer? Faço tudo que você quiser! – Aí passou! Se vira aí. Aprende aí, eu aprendi, porque você não aprende também! Eu sinto muito isso..., essa troca assim de fases, sabe? Tipo: - Tudo que você quiser é seu, eu faço para você, e tal! (risos) E depois..., está crescendo! Aprende a se virar aí! Já fiz muita coisa por você! – Ao invés de ter uma transição lenta assim de falar: - Faz isso aqui, e eu cuido dessa parte. – E depois ir deixando mais umas partes... É uma transição assim.... uma linha só!

PERGUNTA DOZE *QUE TIPO DE MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO, OU DIGAMOS DE METODOLOGIA VOCÊ ACHA QUE TE AJUDA A APRENDER MELHOR?*

- É..., eu acho que... (Pausa) não sei (risos)! Espera aí... mas eu acho que é..., na metodologia poderia se dizer? Por exemplo, passar tarefa para casa ou fazer a tarefa em sala? (O entrevistador esclarece e entrevistada prossegue) eu acho que a prática para mim é a melhor forma de aprender as coisas. Se fica muito teórico assim..., é importante, mas de conseguir colocar isso externamente para mim é muito importante; poderia fazer um exercício... até a prática corporal eu diria..., de poder fazer as coisas de outras formas, não só escritas, não só voltadas assim para..., tanto para ciência... do método científico, sabe? De poder expandir isso! Para mim o corpo é uma das coisas com as quais eu mais aprendo, se eu fizer uma coisa na prática mesmo, e... ou se não desenhar alguma coisa... Sempre que

eu uso alguma coisa que é... mais artística eu diria, mais artística ou mais criativa assim..., algo novo... me facilita em tudo, na hora de escrever sobre, na hora de refletir sobre, de lembrar..., de registrar... Eu acho que esse negócio também de passar tarefa para casa, porque eu acho que a gente já tem (risos) uma carga horária muito grande, e aí o pessoal acha que a gente tem tempo para ficar fazendo tarefa de todas as matérias. Mesmo se eu tivesse tempo para fazer todas as tarefas eu não faço e nem vou fazer..., talvez eu faça (risos) algum dia...! Mas por enquanto eu não vou fazer porque eu tenho que protestar contra isso, porque... a gente tem uma vida! Eu estudo? Claro que eu estudo, mas a minha vida não é estudar! Estudar é importante, mas é uma parte da vida! E aí eu quero ficar com a minha família, as vezes eu não quero fazer nada...! E aí ao invés deles usarem o tempo de aula deles para passar as coisas, eles usam o tempo de aula..., mais um tempo extra que você tem que arranjar; e aí isso não é contado na nossa carga horária! Que eu acho importante assim... Eu acho que as tarefas têm que ser passadas em sala, não precisa de ser uma lista de três mil exercícios. Se eu fizer um exercício, matemática por exemplo, você faria exercício com cada ponto mais ou menos, ou dois meios diferentes..., interpretação... Você faz um exercício sobre cada coisa, cada tema que você está aprendendo ali, faz em sala com o professor, tira dúvida... eu acho que isso faz parte da aula, a aula não é só teórica. Eu acho que é isso!

PERGUNTA TREZE: COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?

- Ah..., entýo, eu não tenho uma boa relação com os meus colegas de classe..., mas agora está um pouco melhor, antes eu realmente não conversava com os meus colegas de classe, e eu não gosto muito de conversar, na aula, eu gosto de ter a aula, aí se não for uma conversa relacionada à aula... não é tão interessante para mim, e eu acho que atrapalha também, porque eu tenho, um negócio com som..., eu acho que por isso talvez eu faça música, mas som me distrai, não só me distrai, me atrai..., e qualquer sonzinho... me distrai de um outro foco. Entýo se você está conversando, se têm duas pessoas falando, aí eu vou ficar meio doida assim, eu não consigo entender nenhum dos dois direitos, e aí eu fico muito irritada. E aí esse é um problema para mim..., desde pequena, mas aí agora eu estou melhor. A gente tem uma relação mais social assim mesmo, tipo são meus colegas de classe, mas também não são pessoas que eu considero meus amigos, e também não são pessoas que eu acho que eu possa contar para estudar..., mas eu também não gosto de estudar junto; não porque estudar junto é ruim, porque eu acho que não tem essa disposição, essa abertura para a fala, para a gente discutir as coisas.

PERGUNTA CATORZE: QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?

- Eu acho que... (pequena pausa) é acompanhar o que o professor está falando, escutar, e seguir a proposta do professor, que ele estudou para isso, talvez ele saiba o que está fazendo! E talvez você não. Eu acho (risos)! É... eu tento seguir a proposta do professor sempre, porque eu acho que ele sabe o que ele está fazendo, mas às vezes eu vejo

que n'yo, eu n'yo sei, mas eu acho que é essa a quest'yo, de estudar, de saber que voc'ê está ali num espaço que é público, n'yo só por aqui ser uma instituição pública, mas em qualquer escola voc'ê estaria com várias pessoas... onde a proposta é estudar, ent'yo se voc'ê quer conversar, que é uma coisa que me atrapalha, aí eu acho que voc'ê tem que repensar, que eu n'yo acho importante voc'ê conversar sobre coisas que n'yo tem a ver com a aula, dentro da aula. E... eu acho que talvez estudar por fora... que é esse lance de pegar a matéria fora se voc'ê tem dificuldade, de rever a matéria..., pesquisar, mas n'yo só para a aula, mas para voc'ê mesmo, para voc'ê aprofundar o seu conhecimento mesmo, porque eu acho que a aula ela..., principalmente no ensino médio, eu acho que ela fica mais aberta, mais ampla..., os temas eles s'yo mais amplos e aí n'yo..., n'yo aprofundam muito nas coisas, ent'yo se voc'ê quer aprofundar voc'ê tem que fazer por voc'ê mesmo, o professor está ali mais para ser um guia . Acho que um bom aluno é..., qualquer aluno..., que estuda.... e se esforça..., se esforça! Ao seu máximo. Cada um tem um limite... acho que é a pessoa que se esforça assim mesmo.

PERGUNTA QUINZE: *QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE VOCÊ É HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?*

- Ah! Eu acho que é um dos meus principais pilares..., de pensamento, porque até das coisas que eu n'yo gosto, e as coisas que eu gosto, hoje s'yo em maioria por causa da escola, de educaç'yo, porque..., é o lugar que eu mais estive na minha vida inteira, que eu sempre estudei..., acho que a coisa mais longa..., o curso mais longo da minha vida é estudar. Treze anos estudando é muita coisa! É o lugar que eu mais estou o tempo inteiro, eu acho que mais que com a minha família, ent'yo é um lugar que influencia muito. E eu acho que esse..., eu acho que eu cresci muito pessoalmente, por ter conhecimento e porque eu acho que o conhecimento me deixa segura, um pouco mais segura, e me dá vontade de fazer as coisas, de aprender, mas eu também acho assim... socialmente eu estou melhor..., eu cresci muito, porque... temos as nossas quest'jes pessoais, mas a gente tem que aprender a viver socialmente. E aí nossa, todo dia é um exercício, para viver socialmente, eu chego na escola..., viver socialmente é foda! Aí voc'ê fica bonzinho! Acho que essas s'yo as coisas que mais me impactaram: essa quest'yo social de saber lidar com as pessoas... nos mesmos lugares, com muitas pessoas, que é muita gente numa sala...; n'yo tem nem um outro lugar que voc'ê fica com trinta pessoas..., só na sala de aula. É difícil n'yo é? E nessa quest'yo pessoal mesmo de saber lidar com os meus problemas também, que aí voc'ê acaba aprendendo muitas coisas, tendo contato com muitas pessoas, que v'yo te ensinar várias coisas sobre a vida delas..., sobre a sua vida também. (O entrevistador reforça a quest'yo de como a entrevistada vê a importância de toda essa aprendizagem recebida para o futuro. A entrevistada prossegue) n'yo sei se eu entendi t'yo bem a pergunta? (O entrevistador esclarece e a entrevistada prossegue) Ah! Eu acho que é extremamente importante para mim... arrumar um emprego! Primeiramente, porque é a primeira fase depois..., do ensino médio para mim. E... eu espero que eu tenha... (risos) base suficiente para saber política,

para saber ser um cidadão, saber ser um bom cidadão, não sei se   um bom, mas... que o termo logo diz! Mas saber me colocar, politicamente, e... que é importante também, e saber... socialmente também, eu acho que   essa questão de saber lidar com as pessoas, com a sociedade, com essas diferenças, crescer, poder fazer as minhas coisas..., ganhar dinheiro. Que é assim? Que ganha dinheiro. Tem que estudar, tem que se formar, tem que ser reconhecida. Espero que eu saiba..., que essa minha forma o ela me d  base para saber os joguinhos de poder..., para eu saber crescer, crescer no mundo do trabalho, acho que envolve muito o jogo de poder.

PERGUNTA DEZESSEIS *ESPAÇO ABERTO PARA A ENTREVISTADA FAZER COLOCAÇÕES QUE ELA ACHE PERTINENTES E QUE PODEM NÃO TER SIDO CONTEMPLADAS DURANTE AS PERGUNTAS.*

- Icha! Vários (risos)... Eu acho que falta arte..., muita arte no nosso currículo. Aqui no IF a gente de música teve dois anos de artes, sendo que deveria ter quatro. A gente é um curso de artes então a gente na verdade deveria ter menos..., não deveria, mas nesse raciocínio, já que eles não têm nada de artes..., curso de exatas..., e aí tem que ter artes porque é bom..., necessário. Acho que a questão do esporte também...: - Ah, o esporte! Bom demais (risos)! – Mas é porque o esporte ele... esses professores que foram me chamar no meu setor para jogar, porque no meu setor tem..., um campo de futebol assim, na frente da minha casa, e aí é claro que eu fui para lá! Muito pequenininha! E aprendi todos os esportes possíveis que tinham l . Então eu acho que essa foi a minha primeira rela o de admira o com os professores, eram professores de esporte.   genial não  ? Esporte   genial! Falta. Quando eu vejo alguém assim que não faz esporte eu fico assim..., eu não consigo acreditar, parece que está errado..., fez o esporte errado, está faltando alguma coisa! (O entrevistador faz algumas observa es e em seguida a entrevista prossegue) o esporte eu acho que ele é importantíssimo..., para a educa o também, eu acho que tem mais essa vivência de saber..., saber jogar em grupo, que a gente vive em grupo..., e aí saber jogar em grupo é a chave de ouro, e me ajuda muito a estudar, muito mesmo..., eu faço esporte e se eu vou estudar depois eu viro um gênio..., em todas as m terias que tiver. Eu fico com muita facilidade assim depois, parece que desocupa a mente, você se solta fica tranquilo... e vai estudar..., eu acho que é importante. E aí tem essas coisas..., eu acho que a música, a arte e o esporte eles têm... essa...mágica assim..., não sei o que acontece, mas eles conseguem te tirar de qualquer outro foco! Tipo, que não tem jeito de você fazer esporte mais ou menos, você tem que estar concentrado l ! Não pode estar pensando..., ah... sei lá! Na sua tarefa de matemática que você não fez ainda..., que é para daqui a cinco minutos; não é..., se você está você está, se você não está você não está! Se você está mais ou menos, todo mundo está vendo que você está mais ou menos e você não está! Tem aquela coisa de estar lá presente..., de verdade, sem aquela correria...,   uma correria, mas   uma correria planejada, não é uma correria de: - Ah! Preciso fazer um monte de coisas! –   uma correria no modo certo. Eu acho que eu falo do esporte porque é muito importante para mim..., porque..., eu cresci no meu bairro..., e aí (risos)   aquelas histórias de menino na rua..., o tempo inteiro na rua, e meu bairro ele é até de boa agora, mas antes era considerado um

lugar perigoso e tal, mas o encontro das crianças era esse... era essa praça de esportes. Porque eu só percebi a importância daquilo lá para a minha formação (refere-se à praça de esportes onde ela frequentava quando criança) depois que ela parou, porque eu vejo agora todas as crianças ficam em casa, mexendo no celular. E eu acho que agora é mais importante ainda ter esse ambiente, para as crianças saírem..., as crianças que não têm celular, muitas não têm celular, não têm essa renda suficiente para isso, ficam na rua, ficam fazendo merda..., e aí eu sei que eu fui salva de muita merda aí, fiz muita merda também, mas um monte de coisa eu deixei de fazer porque eu estava lá, eu fazia esporte, entrava uma hora e saía seis, fazia todos que tinha! Todos. Fazia natação, basquete, vôlei, futebol... fazia todos, para depois sair. (Algumas divagações da entrevistada e do entrevistador foram suprimidas desse trecho). Eu acho que era só isso mesmo..., essa questão do esporte, da música, da arte..., mas acho que falta assim sabe... essa consciência corporal mesmo, é seu corpo, seu principal instrumento para qualquer coisa..., de trabalho inclusive. Você quer ser..., mesmo se você quiser ser um teórico assim..., um filósofo, mas é seu corpo. Você vai ter que colocar..., depois registrar..., aí por exemplo, até aqueles..., tem uma lembrança corporal, uma memória corporal para escrever, para tocar um instrumento, para tudo que você for fazer você tem que ter essa consciência corporal, eu acho que a gente não percebe o tanto que desenvolver isso é importante, porque depois que eu comecei a fazer esporte (risos), comecei a fazer dança, comecei a fazer música, fazer arte..., aí a gente começa a ver que é diferente..., você consegue ter uma visão de mundo diferente só por causa da sua experiência corporal. (Algumas divagações da entrevistada e do entrevistador foram suprimidas desse trecho).

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 19.

PERGUNTA UM: O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?

- Eu acho que educação é mais uma coisa que a gente aprende! A gente aprende de uma forma... coisas boas, e passa às vezes a usar!

PERGUNTA DOIS: O QUE VOCÊ ACHA QUE É MAIS IMPORTANTE DE ESTAR NESTE PROCESSO DE EDUCAÇÃO? O QUE ELA MAIS ACRESCENTA NO INDIVÍDUO?

- Acho que... conviver com os colegas... faz você aprender a conviver com as pessoas lá fora, entendo a maneira que você é tratado e que você trata as pessoas, aqui dentro, vai levar você a tratar os outros lá fora.

PERGUNTA TRÊS: COMO VOCÊ ANALISA, COMO VOCÊ AVALIA A QUALIDADE DO ENSINO ESCOLAR EM NOSSO PAÍS?

- Olha, eu vejo que a educação, primeiro no país, ela é mediana, mas poderia ser melhorada. Mas no contexto em que eu vivi, eu acho que muita coisa não é só questão..., da educação na escola, porque geralmente a maneira que as pessoas são é herdada da família,

então eu penso, na minha experiência, que a escola ela poderia sim melhorar algumas técnicas de ensinamento, mas as pessoas também deveriam aprender com a família.

PERGUNTA QUATRO: *VOCÊ SE ACHA UMA ESTUDANTE MOTIVADA? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?*

- Eu... sou uma aluna mediana, o que me motiva muito a estudar é quando eu realmente me apaixono por aquele conteúdo, por aquela matéria, e aí realmente eu estudo com uma paixão muito grande. Agora o que me desmotiva é quando eu estou tendo alguma aula que o professor não tem aquela vontade de dar aula, isso causa uma coisa ruim, e você acaba ficando sem vontade de querer estudar. Quando você estuda é com aquela vontade: - Ah..., tem prova? (voz de desânimo) – E o ensino aqui ele valoriza muito mais a nota do que o conhecimento, porque se você parar para pensar tem muita gente que tira nota baixa e que é super inteligente em outras situações. E também a pressão... ela é grande..., porque às vezes você quer fazer alguma coisa que não ganha muito dinheiro e o povo olha para você assim desmerecendo: - Ah..., isso não! Isso é ruim. (voz de desdém) Faz uma coisa que oh...! Você vai ganhar mais dinheiro. – Mesmo que você seja infeliz. Então aqui a pressão é assim: - Trabalhe numa coisa que você seja infeliz, mas ganhe dinheiro! – Sendo que dinheiro não é felicidade, você pode ganhar mal, mas você pode trabalhar no que te deixa feliz!

PERGUNTA CINCO: *VOCÊ ACHA QUE AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA AO INGRESSAR NA ESCOLA FORAM ATENDIDAS?*

- Aqui, no IF em particular, eu tinha muitas expectativas, mas eu..., digamos assim, levei uma rasteira, porque é muito diferente do que você imagina, você se acha sendo muito bom por ter entrado numa escola assim, técnico, por ter passado, mas aí você vê que é diferente, que o ensino é mais pesado, e como eles valorizam mais a nota, se você não conseguir ficar na média..., você reprova, então a expectativa que a gente tem de um lugar onde você vai ser livre, onde você vai arrasar é meio que uma ilusão... querendo ou não! Por exemplo, aqui falavam que você poderia não ir para a aula, que é direito seu, mas se você não for alguém vai te barrar porque você não está na aula! Perde o auxílio, por exemplo, mesmo que você esteja matando aula, sei lá, para estudar..., ou porque tem alguma prova importante, ou alguma coisa assim, então querendo ou não é ilusório.

PERGUNTA SEIS: *VOCÊ ACHA QUE ESTE PROCESSO DE APRENDIZADO QUE VOCÊ VIVEU DE ALGUMA FORMA TE AJUDA NA SUA PREPARAÇÃO PROFISSIONAL, PARA O MERCADO DE TRABALHO?*

- Eu penso assim, que a escola prepara, mas..., ela não prepara cem por cento! Porque, por exemplo, aqui nosso curso ele está muito voltado para uma área biológica, uma área humana, e aí como boa parte dos alunos entram aqui no ensino médio, aí eles não levam muito assim a sério! E às vezes quando forem se formar em uma faculdade seja totalmente ao contrário; então o que eles deram suporte, deram apoio para você estudar

uma área, matérias mais específicas, por exemplo, matemática, física, e aí você vai e se torna um professor de filosofia.

PERGUNTA SETE: *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

- Eu tive! Eu tinha muito mais do meu pai do que da minha mãe. E..., mas o que me marcou mesmo foi um professor de ciências do nono ano, esse professor, realmente, ele queria muito mesmo... que eu me tornasse uma... pessoa legal, então..., eu não tinha intenções de entrar no IF, por mim eu ia para qualquer escola..., só que ele falava: - Não, tenta! Tenta pelo menos... tenta alguma coisa que às vezes você gosta e as vezes te prepara... – E... ele que me fez entrar aqui no IF, então eu sou muito grata a ele, porque apesar de eu sofrer muito com as matérias, realmente ele ensinou que estudar não é só uma escola..., não é só você chegar lá e tirar boas notas, sabe? Claro que eles exigem isso, mas você mesmo quer buscar conhecimento; quanto mais você busca, mais aprende e mais gosta..., você descobre coisas. Então foi muito marcante para mim porque ele foi o que mais me influenciou, ele falou: - Entra... vai ser uma coisa boa... você vai ser alguém melhor. - Então ele foi muito marcante para mim!

PERGUNTA OITO: *QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Na minha opinião, de certa forma, a tecnologia ela ajuda muito..., os estudantes a aprenderem... Quando eles estão com dificuldade numa coisa super difícil eles vão lá e pesquisam no Google, mas ao mesmo tempo é meio triste, porque como é fácil demais, eles não aprendem, eles só decoram naquele exato momento para aquela certa prova e fim! Antigamente..., o meu pai falava, antigamente quando você procurava em livros, você conseguia fixar mais conteúdo, você pensava: - Não vou ter essa oportunidade de novo. Eu não posso levar esse livro para casa. Eu tenho que ler aqui e agora, então eu tenho que aprender! Então ficava fixado. E quando você vai estudar você geralmente tem que ver uma videoaula, porque você tem que aprender para aquele momento, aí chega aquela notificação e tudo (refere-se a notificações de redes sociais), você silencia, mas aí tem aqueles indivíduos que não aguentam não ser respondidos, eles têm que te ligar (risos)... e aí isso atrapalha muito! De certa forma ele ajuda, mas ele atrapalha.

PERGUNTA NOVE: *VOCÊ ACHA QUE SUA FAMÍLIA FOI IMPORTANTE NA SUA FORMAÇÃO?*

- Olha, no geral, sobre educação, meu pai... ele me incentivava a estudar, porque ele fala que..., não tem jeito..., você não foge, você tem que... conhecer e aprender porque isso vai te acompanhar o resto da vida. A minha mãe ela já não era... muito interessada nisso, ela nunca ligou muito para as minhas notas, ou para o que eu estava fazendo. De certa

forma a minha família, de forma geral... pesa um pouco, porque, por exemplo, como eu já tinha falado antes, você quer estudar, mas você quer trabalhar em algo que é desconhecido, mas que você conheceu e é apaixonado, eu quando era mais nova eu sonhava em ser uma desenhista e mexer com quadrinhos... eu amava muito, a minha mãe pisou em cima de mim, ela literalmente pisou, e falou: - Você não vai viver. Você não vai ganhar dinheiro. Você tem que estudar para você se tornar alguma coisa de verdade! – Como se aquilo não fosse algo de verdade, e isso, e isso pisou tanto mais tanto, que acabou trazendo indecisão: - Ah, será que eu curso isso porque dá mais dinheiro, ou será que eu curso isso porque eu acho mais legal? O que os meus pais iam achar melhor que eu cursasse? – Meu pai perguntou para mim por que que eu não poderia fazer engenharia! E eu fiquei pensando: - Poxa, mas engenharia? – Não acho que eu seria preparada para isso! Eu estou estudando..., estudando para uma coisa que realmente eu quero descobrir... o que eu gosto! Então é isso.

PERGUNTA DEZ: *QUAL O PAPEL QUE VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Eu já tive... vários tipos de professores! Eu já tive aqueles desde os mais duros aos mais... dane-se.. (risos), digamos assim. Eu já tive professor que foi muito amigo, que ele ensinava, e ao mesmo tempo que ele ensinava ele contava histórias e tudo..., e puxava assunto, e já tive professor também que chegava lá na sala e... copia isso aqui e vamos jogar truço! Já tive. E no meu ponto de vista eu acho o professor sim, muito importante! Por eles dão tudo, as vezes..., alguns..., para ensinar para gente o que eles aprenderam, a ter um conhecimento e se sair bem, mas eu vejo que a função do professor ela é ensinar, e não como alguns dizem, educar! Porque algumas vezes eu já vi alunos respondendo os professores; e aí as pessoas falam: - Ah porque que você não brigou com ele, não se defendeu! – E o professor vai falar: - Porque a minha função é ensinar! Eu não vou educar ele a se corrigir no modo de falar! – Então eu acho que as vezes as pessoas elas enxergam errado a função do professor, no meu ponto de vista é mais ensinar e transmitir um conhecimento..., e eu até acho legal quando eles se enturmam com o aluno, se tornam amigos, é muito bom!

PERGUNTA ONZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE SÃO IMPORTANTES PARA UM BOM PROFESSOR?*

- Um bom professor para mim..., eu me baseio muito em uma professora antiga de matemática que eu tive no nono ano, que para mim ela foi a melhor professora que eu já tive até hoje. Porque quando ela dava aula ela procurava um jeito de chamar sua atenção, e quando ela chamava a sua atenção ela começava a explicar de uma maneira simples, e quando ela explicava daquela maneira simples ela passava as atividades. Enquanto a gente fazia as atividades ela brincava com a gente, contava alguma história divertida. Ela almoçava com a gente, porque era uma escola integral, então ela ia na sala ficava lá e almoçava com a gente. Então para mim eu me baseei muito de que o bom professor é aquele que... ele não vê só o papel dele de ensinar, ele vê o papel de se tornar um amigo do aluno, claro sem extrapolar: - Ah, você é meu amigo vou te dar nota! – Não, se tornar um

amigo que ajuda, que se preocupa se o aluno está bem, se aconteceu alguma coisa..., que ele percebe que o aluno não está bem naquele dia por exemplo. E que mesmo quando está todo mundo: - Ah, essa dúvida é óbvia! – O professor não liga, ele para e fala: - Não, esta pessoa está com dúvida, por mais óbvia que seja, eu quero ensinar. – Então eu me baseio muito neste tipo de professor.

PERGUNTA DOZE: O QUE MAIS TE AGRADA E O QUE MAIS TE DESAGRADA NA FORMA DO PROFESSOR TRATAR O ALUNO?

- É... eu acho que respeito! Me agrada muito o professor que ele respeita o aluno, ele respeita quando tem alguma coisa errada, ou alguma coisa assim, e o aluno fala: - Não professor eu não vou assistir à sua aula! – Respeita a decisão e as vezes preocupa também: - Poxa aquele aluno tirou uma nota baixa, mas ele é tão esforçado, ele responde às perguntas na aula e tudo... – Preocupa, busca! O que me desagrada é esse negócio de..., alguns professores se sentirem..., só porque eles estão lá... na frente de um quadro, ele se achar superior ao aluno; explicar a teoria dele e o aluno questionar: - Ah, mas eu acho que isso não é assim! Porque isso, isso e isso! - E aí o professor fala: - Não! Isso é assim (coloca um tom de repressão na voz) porque eu falei que é assim! – E isso é muito... ruim porque você se sente de uma forma que: - Poxa então eu não posso criticar, eu não posso fazer isso..., ele que está certo eu tenho apenas que aceitar! – Então eu acho que é mais respeito dos dois lados.

PERGUNTA TREZE QUE TIPO DE MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO, OU DIGAMOS DE METODOLOGIA VOCÊ ACHA QUE TE AJUDA A APRENDER MELHOR?

- Eu amo quando o professor faz uma atividade..., uma atividade diferente, por exemplo, esses dias nossa professora de inglês nos levou para o laboratório de linguagens; ela formou uns pequenos grupos e fez uma brincadeira, uma disputa em inglês. Então eu amo muito quando o professor faz uma coisa diferente, sei que tem os dias que ele está lá explicando no quadro tudo bonitinho, mas reservar um dia ou outro para fazer um ensino diferente, uma maneira diferente de ensinar aquilo, através de uma brincadeira ou vendo um filme diferente, alguma coisa assim, eu amo muito quando eles mudam... saem da rotina, digamos assim.

PERGUNTA CATORZE: COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?

- No meu fundamental eu era mais independente, mas a partir do nono ano quando as coisas começaram a apertar um pouquinho, as pessoas começaram a interagir, a sala começou a interagir: - Eu aprendi isso aqui, mas eu não sei isso aqui! Você sabe isso aqui, mas não isso aqui. Então a gente pode fazer uma troca! Eu te ensino isso, você me ensina aquilo. – E aqui no IF foi onde eu mais aprendi que não seria igual nos outros anos, eu não conseguiria passar só por mim mesma, as vezes eu estava com dificuldade numa coisa que eu não achava na internet, livro e nada; eu precisava de ajuda, então como as vezes o

professor n'yo está disponível eu interagia. A turma em si, quando está por exemplo em época de provas ou algum trabalho, geralmente eles fazem um grupinho e aí conversam: - A... o que que é isso aqui? – Ou até mandam no grupo da sala: - Gente o que é? Como é que faz tal coisa? – Entyo todo mundo de uma certa forma já foi independente, mas a partir do momento que viu que as coisas estavam apertando resolveu ajudar e pedir ajuda.

PERGUNTA QUINZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?*

- Eu acho que um bom aluno n'yo é aquele que tira nota alta, mas é aquele que aprende, e para você aprender você tem que parar de julgar! Por exemplo: - Ah... n'yo aquele professor chegou! – E começa aquele bate boca. Já tive colegas que antes de o professor terminar de explicar o que ele achava, bateu boca feio com o professor, e aí no fim das contas saiu mal, porque... bateu boca, pegou um ranço do professor, aí pegou o resto da mteria e n'yo quis estudar. Entyo um bom aluno para mim é aquele que respeita a hora que ele tem que falar, que o professor abre espaço para as dúvidas e que aprende a ouvir mais e falar menos. E que quer estudar, que quer aprender, independente da nota.

PERGUNTA DEZESSEIS: *QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE VOCÊ  HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?*

- Eu acho que a escola me transformou de várias maneiras. Eu entendo que a principal função dela é ensinar coisas que você vai de alguma forma levar para a vida, mas n'yo  só questão de ensino que a escola vai trazer para você, ela te muda, de uma certa forma. Eu já vi várias versões de mim, desde a versão relaxada que n'yo ligava muito para notas, desde a versão: - Meu Deus eu preciso de nota, eu preciso dela para passar..., eu realmente necessito. – E n'yo foi a escola em si, mas as pessoas naquele ambiente, elas mudam, as vezes a maneira como elas te tratam te faz sentir insuficiente, e aí você se mata de estudar porque você quer se sentir suficiente para tirar uma boa nota, para ser alguém diferente, alguém que as pessoas n'yo julguem: - Ah, você tirou uma nota baixa, você... eu n'yo vou prestar muita atenção no que você falar. – Entyo como pessoa eu acho que a escola muda muito a nossa maneira de agir. (O entrevistador pergunta para a entrevistada qual a importância que ela v na educação que ela recebeu para o seu futuro. E a entrevistada prossegue) para o futuro? Olha, de certa forma eu vou... levar o que eu aprendi para o futuro, porque eu vou depender disso para eu conhecer outras coisas, o que eu vou aprender futuramente está baseado no que eu aprendi até agora, entyo se eu n'yo aprendi alguma coisa, por exemplo seu eu n'yo aprendi que um mais um são dois, como é que eu vou fazer cáculo caso eu entre em alguma engenharia.

PERGUNTA DEZESSETE: *ESPAÇO ABERTO PARA A ENTREVISTADA FAZER COLOCAÇÕES QUE ELA ACHE PERTINENTES E QUE PODEM NÃO TER SIDO CONTEMPLADAS DURANTE AS PERGUNTAS.*

- Eu sempre amei muito ir para escola, porque era um momento que eu não me sentia sozinha. É uma coisa pessoal, mas as vezes era muito ruim, seu pai trabalhando, sua mãe trabalhando e você lá trancada dentro de casa, sozinha com seu irmão, só os dois. E eu sempre amei o primeiro dia de aula, porque: - Ah! Vou conhecer gente nova. Oh! novos meios de estudar! – Era uma coisa divertida, era uma maneira que eu não me sentia sozinha e que eu aprendia não só a matéria, mas eu aprendia como era estar com outra pessoa. Eu me pergunto se aquelas pessoas que fazem faculdade, aquelas faculdades que você estuda sozinho em casa, como elas vão conviver num ambiente de trabalho, se elas não aprenderam a conviver com as pessoas na escola, pois elas estudaram sozinhas.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SUJEITO 20

PERGUNTA UM: O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCAÇÃO?

- Eu penso que educação é basicamente ensinamentos práticos para você aprender a conviver em sociedade! É basicamente isso, e o que você vai fazer com esses ensinamentos aí é particular de cada um.

PERGUNTA DOIS: O QUE VOCÊ ACHA QUE É MAIS IMPORTANTE DE ESTAR NESTE PROCESSO DE EDUCAÇÃO? O QUE ELA MAIS ACRESCENTA NO INDIVÍDUO?

- Como eu disse antes é de preparar para viver em sociedade! E qual foi a outra pergunta depois dessa? (O entrevistador esclarece e a entrevistada prossegue) ensinar a gente para o mundo lá fora!

PERGUNTA TRÊS: COMO VOCÊ ANALISA, COMO VOCÊ AVALIA A QUALIDADE DO ENSINO ESCOLAR EM NOSSO PAÍS?

- Na..., minha convivência com a escola desde pequeno, eu comecei a ir para a escola com uns quatro anos, bem novinha! E assim..., a escola particular..., a iniciativa privada ela é boa, porque você está pagando por aquilo, então se o cliente não estiver satisfeito com o produto ele vai procurar outro, então as escolas particulares elas procuram dar um bom ensino. Agora a partir do ponto de vista da escola pública às vezes parece que não é o que está em prioridade para o governo, porque assim..., se investissem mais em educação, consequentemente mais..., pessoas qualificadas para..., digamos assim, fica pesado dizer mão-de-obra, mas melhores mãos-de-obra sairiam daqui, melhores professores, advogados, administradores, várias pessoas que iriam trabalhar na sociedade lá fora de uma forma melhor. Então eu penso que a escola..., a educação pública no Brasil ela é ruim e que ela deveria ser prioridade, basicamente isso!

PERGUNTA QUATRO VOCÊ SE ACHA UMA ESTUDANTE MOTIVADA? E SE SIM O QUE MAIS TE MOTIVA OU SE NÃO O QUE MAIS TE DESMOTIVA?

- Eu me considero uma aluna motivada, e a minha motivação é... ter uma boa qualidade de vida no futuro, ter condição de dar para os meus filhos o que os meus pais não puderam dar para mim; e também poder cuidar dos meus pais, porque eles fizeram muita coisa por mim até aqui. E o que me desmotiva é a pressão que a sociedade põe em você, por exemplo: - Você tem que tirar nota boa nisso, nisso e aquilo outro! Você tem que fazer a faculdade tal, tal e tal. Ah, mas você quer fazer dança, você não pode fazer dança, porque você não vai ser bem-sucedida assim! Entende - Então o que me desmotiva é a pressão..., esse pré-julgamento da sociedade.

PERGUNTA CINCO: *VOCÊ ACHA QUE AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA AO INGRESSAR NA ESCOLA FORAM ATENDIDAS?*

- É a minha expectativa aqui quando eu entrei foi completamente frustrada, porque quando eu estava no nono ano, e as escolas da região começaram a ir lá fazer propaganda: - Ah, estuda aqui! Você vai ganhar bolsa de cinquenta por cento, setenta por cento. Faz uma prova para ver se você consegue bolsa integral. - Aí uma coordenadora do (Fala o nome de uma escola) foi lá e me falou do IF, aí eu: - Nossa, legal! Gratuito. Vou lá. - Estudei o ano inteiro para fazer a prova, passei, cheguei aqui... e..., foi horrível, porque eu pensava que o foco aqui era muito o ensino médio, sabe? As matérias comuns, e o foco aqui é o técnico. Eu acho que é difícil, porque um professor que é doutor em filosofia ele não vai te passar uma coisa básica que qualquer um consegue responder, ele vai te exigir um pouquinho mais, mas o foco realmente são as matérias técnicas, e eu entrei aqui por causa do ensino médio e não por causa do curso técnico. Então eu fiquei no chão e falei: - Gente eu não quero seguir na área eu quero fazer outras coisas.

PERGUNTA SEIS: *VOCÊ ACHA QUE ESTE PROCESSO DE APRENDIZADO QUE VOCÊ VIVEU DE ALGUMA FORMA TE AJUDA NA SUA PREPARAÇÃO PROFISSIONAL, PARA O MERCADO DE TRABALHO?*

- Sim, a gente tem conhecimento... prático! Os professores ensinam a teoria, eles também ensinam a prática, então de certa forma a gente sai daqui..., meio que sabendo como agir em determinadas situações lá fora, mas é a mesma coisa, não adianta nada você ter o conhecimento, mas não ter experiência com aquilo, então é... cinquenta por cento preparado, cinquenta por cento não preparado por falta de maturidade no mercado de trabalho.

PERGUNTA SETE: *VOCÊ ACHA QUE TIVERAM PESSOAS, INSTITUIÇÕES OU FATOS MARCANTES NA SUA TRAJETÓRIA COMO ESTUDANTE QUE TE FIZERAM SER O APRENDIZ QUE É HOJE?*

- Eu tive, e ainda tenho, muita influência especificamente da minha família, porque o meu pai, especificamente o meu pai, ele teve muita dificuldade para hoje em dia conseguir ter uma boa condição financeira, porque ele não estudou, teve que parar de estudar muito cedo para ajudar a minha avó, porque ela não conseguia sustentar quatro

filhos sozinha. Então meu pai ele me incentiva muito a estudar para eu conseguir ser “bem” (fala essa palavra com ênfase) de vida financeira no futuro. E... é isso!

PERGUNTA OITO: *QUAL O TEMPO QUE VOCÊ DISPONIBILIZA PARA O SEU ESTUDO? E VOCÊ ACHA QUE O TEMPO QUE VOCÊ DESPENDE NAS REDES SOCIAIS OU OUTRAS MÍDIAS PODE INFLUENCIAR NO SEU PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Atrapalha! Bastante, tanto que quando eu preciso estudar... eu... desligo o celular, ou deixo na cozinha e vou para o quarto, porque é uma distração, querendo ou não é uma distração. Você está lá usando o celular está assistindo uma videoaula de química, mas aí o Wi-fi está ligado, aí chega uma notificação do Facebook, uma notificação do Instagram, aí você perde completamente o foco, então... na minha concepção as redes sociais atrapalham, mas isso não significa necessariamente que a tecnologia em si seja ruim como auxílio para o ensino. Existem aplicativos, para estudo para o ENEM, por exemplo, que colocam um monte de questões, você responde então ele te mostra o desempenho no final, é tudo uma questão de você saber utilizar essa tecnologia que está a sua disposição.

PERGUNTA NOVE: *VOCÊ ACHA QUE SUA FAMÍLIA FOI IMPORTANTE NA SUA FORMAÇÃO?*

- Assim..., ao mesmo tempo que eles querem influenciar, te dar apoio, falar: - Vai! Você consegue. – Eles acabam meio que... pressionando demais, a gente fica mal, por exemplo, eu não sou uma pessoa de humanas, minha área é biológicas. Uma vez, eu custando, tipo suando para caramba, quase chorando lágrimas de sangue, fui com seis vírgula três em filosofia, na média, quando o meu pai veio buscar a minha nota... ele falou: - Mas o que que está acontecendo? Você não era assim! Você tem que ser boa em tudo. – Aí eu paro para pensar e falo: - Então quer dizer que eu tenho que... não viver basicamente; porque filosofia é um negócio muito complicado para mim, muito complexo, então quer dizer que devido à eu ter que suprir essa sua expectativa eu tenho que parar de fazer todas as coisas que eu gosto, tenho que parar de estudar biologia, química, eu também gosto muito de matemática, tem que deixar essas de lado para focar só numa coisa que eu não gosto, que particularmente para o meu futuro eu não vou usar para a minha profissão. Eu entendo que a intenção dele é me incentivar, claro, falar: - Vai você consegue, você é inteligente! – Mas às vezes esse incentivo acaba se convertendo em pressão e deixa a gente para baixo. Porque... eu já tinha ficado mal quando eu fui com seis vírgula três, na média, em filosofia, aí o meu pai veio e me falou: - Nossa essa nota! – Aí eu fiquei mais para baixo ainda, eu falei: - Nossa! Que péssima eu sou...

PERGUNTA DEZ: *QUAL O PAPEL QUE VOCÊ ATRIBUI AO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- Assim! Pode ser meio estranho da minha parte, mas eu considero isso meio que indiferente. Desde o fundamental eu só via o professor como uma pessoa que estava sendo paga para estar ali, para passar conteúdo e avaliar a gente. Como eu sempre fui meio que

por mim mesma, nesse negócio de estudo, com o incentivo da família, eu nunca consegui enxergar o professor além de um trabalhador tentando ganhar dinheiro para sustentar a família e comprar o pão de cada dia. Então para mim o professor é só mais uma pessoa que está ali fazendo nada mais nada menos que sua obrigação, porque ele está sendo pago para isso!

PERGUNTA ONZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE SÃO IMPORTANTES PARA UM BOM PROFESSOR?*

- Para mim um bom professor é um professor que além dele ter um conhecimento e ter uma boa didática para aplicar aquele conhecimento em sala de aula, é um professor que tem empatia, que entenda que um aluno não é só uma máquina e vamos... conteúdo, atividade, provas, lista... é um professor que entende que o aluno é humano... , e as vezes ele pode estar passando por problemas familiares, as vezes o cachorro dele morreu e ele não está bem naquele dia, e que quando a pessoa não está bem ela não funciona do mesmo jeito num dia que ela está supostamente bem. Então para mim o bom professor é isso que além da formação profissional, didática..., nível de conhecimento... se pessoa tem pós-graduação, ou se é só a licenciatura independente disso, o bom professor é um professor que respeita o aluno e tem empatia, e sabe se colocar no lugar do aluno.

PERGUNTA DOZE: *O QUE MAIS TE AGRADA E O QUE MAIS TE DESAGRADA NA FORMA DO PROFESSOR TRATAR O ALUNO?*

- O que particularmente me desagrada é... quando o professor quer se achar superior à turma, que só ele é o dono da verdade, e que o que a gente está falando não importa, o que importa é só o ponto de vista dele. E o que me agrada bastante é o professor..., como eu disse antes, que ele não está preocupado só em passar aquele conhecimento teórico, ele está preocupado em saber se você está absorvendo, saber se você está bem com aquilo, se você está entendendo.

PERGUNTA TREZE: *QUE TIPO DE MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO, OU DIGAMOS DE METODOLOGIA VOCÊ ACHA QUE TE AJUDA A APRENDER MELHOR?*

- Isso depende de matéria para matéria, têm matérias que não tem como você fixar... digamos assim, você fazer uma brincadeira, por exemplo... análises microbiológicas, não tem como você analisar os espectros físico-químicos de uma água fazendo uma brincadeira, no caso você precisa fazer uma aula prática para aquilo. E eu penso que um bom método de ensino é o professor explicar o conteúdo tirar todas as dúvidas, depois ele passar exercícios e ver qual foi a maior margem de erro das pessoas naqueles exercícios, se a pessoa está com muita dúvida em exercício tal, a gente pega senta com o aluno, se é só um aluno que tem dúvida naquele exercício, ou se várias pessoas têm dúvida naquele exercício você faz no quadro. E também sair da rotina em certas matérias... é bom também, é um bom método de ensino, porque as vezes a gente costuma pensar que quando a gente

está se divertindo a gente não está aprendendo, mas não é assim, a gente aprende também através do lazer.

PERGUNTA CATORZE: *COMO VOCÊ VÊ A INFLUÊNCIA DOS SEUS COLEGAS DE TURMA NO SEU PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?*

- No meu fundamental foi muito indiferente, porque era só eu e eu, quando algum aluno tinha dificuldade em alguma coisa que eu não tinha, eu pegava e ajudava, mas especificamente em relação a mim eu sempre fui muito independente no quesito estudo. Agora no ensino médio aqui no IF, que é mais pesado, algumas pessoas especificamente eu vejo como uma ajuda, que falam: - Não desista! Vamos tentar. Você está com dúvida nisso? eu não tenho essa dúvida. Então eu vou te ajudar. Eu tenho dúvida aqui! Você sabe? Então me ajuda. – Então esse aspecto mais coletivo do estudo, veio para mim só com o ensino médio, especificamente aqui no IF, porque eu penso que se eu estivesse em outra escola onde tivesse o livro didático, o professor falasse eu quero um trabalho e eu tenho certeza que a resposta do trabalho está naquele livro, provavelmente eu iria ter esse mesmo aspecto de independência que eu tive no fundamental.

PERGUNTA QUINZE: *QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UM “BOM” ALUNO?*

- Para mim um bom aluno é aquele que tem disposição para aprender. Está com dificuldade em tal coisa..., procura ajuda do professor, ou procura ajuda de um aluno que tenha e provavelmente vai saber te explicar de uma maneira melhor do que o próprio professor. E é isso, uma pessoa... um aluno que tenha disposição para aprender... ah, e que também tenha humildade para reconhecer quando está errado, ou quando está fazendo alguma coisa errada e disposição para melhorar aquilo.

PERGUNTA DEZESSEIS: *QUAL A INFLUÊNCIA VOCÊ ACHA QUE TEVE SUAS APRENDIZAGENS ENQUANTO ESTUDANTE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA QUE VOCÊ É HOJE, NA SUA IDENTIDADE PESSOAL? E QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE ELA TEM PARA O SEU FUTURO?*

- Assim, como pessoa, como humano, dificilmente a escola não vai te acrescentar alguma coisa, porque ela te dá a teoria, e quem vai decidir o que fazer com aquilo na prática é você. Por exemplo, as vezes a pessoa vai e faz um curso de engenharia nuclear ela poderia usar aquele conhecimento dela para uma coisa boa, mas ela resolve dar uma de terrorista e jogar uma bomba nuclear em alguma região do país. Então assim, a função da escola, o que ficou dela para mim, foi simplesmente eu saber responder quanto que é dois mais dois, seis elevado ao quadrado. Conhecimentos digamos assim, objetivos, o que caracteriza o que eu vou fazer com isso, se vai ser bom ou se é ruim, sou eu mesma, como os meus pais me ensinaram a lidar com as coisas, como os meus pais me ensinaram a lidar com as pessoas, e lidar com as coisas cotidianas que me aparecem, tais como se eu vou agir de um jeito ou se eu vou agir de outro. (O entrevistador pergunta para a entrevistada qual a importância que ela vê na educação que ela recebeu para o seu futuro. E a entrevistada

prossegue) como eu vou levar isso para a minha vida? É muito subjetivo isso porque, por exemplo, eu... não tenho nenhuma afinidade com a área de humanas, então se eu estou aqui aprendendo a teoria da caverna de Platão, no ensino superior ou mais para frente eu não vou aplicar isso na minha vida, então meio que tudo que eu estou aprendendo aqui vai passar por uma peneira e o que... for considerado útil, para minha vida profissional ou para a minha vida pessoal é o que eu vou levar para o resto da minha vida.

PERGUNTA DEZESSETE: *ESPAÇO ABERTO PARA A ENTREVISTADA FAZER COLOCAÇÕES QUE ELA ACHE PERTINENTES E QUE PODEM NÃO TER SIDO CONTEMPLADAS DURANTE AS PERGUNTAS.*

- Olhando pelo ponto de vista de gostar de ir para a escola porque lá eu não me sentia sozinha, para mim basicamente era muito indiferente, basicamente tudo que eu estou falando é que eu sou indiferente..., desculpa, mas é porque assim, eu tenho um irmão, só que ele nasceu quando eu tinha oito anos, então eu fui acostumada a crescer sozinha, eu não tinha costume de brincar com outras crianças de conversar com outras crianças. Quando... eu ficava muito tempo na casa da minha avó, e quando mudou uma vizinha que tinha uma menina para o lado, a minha avó tinha que falar para eu brincar com a menina porque eu não queria brincar, porque... poxa, desde pequena acostumada a ficar sozinha, não era uma coisa que fazia diferença ter uma companhia ou não, as companhias que eu tinha eram adultos..., e os adultos com quem eu convivia, meu avô e minha avó, eles também ficavam muito sozinhos, então eu penso também que isso influenciou no fato de eu ser muito independente no meu fundamental e até hoje ter resquícios dessas coisas. É uma coisa que varia de pessoa para pessoa... para mim era uma coisa que eu fazia por obrigação, não cheira e nem fede para mim..., eu estou indo porque eu preciso disso e... apenas isso.